QUARTA PARTE
DA
HISTORIA
DE
S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO,
e Conquiſtas de Portugal.

ORBIS OCULUS
LUCERNA CHRISTI
Secundus Præcursor.

S. Fr. Payo.

S. Fr. Lourenço Mendes.

QUARTA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

OFFERECIDA
A' AUGUSTA MAGESTADE DELREY
nosso Senhor

DOM JOAÕ V.

POR

Fr. LUCAS DE S.TA CATHARINA,
Chronista da Ordem dos Prégadores, e Academico da Academia Real.

LISBOA,
Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1767.

SENHOR.

EM tempo, em que a incomparavel grandeza de V. Mageſtade erigio aquella preclara Officina da Verdade, em que ſe

ſe vaõ lavrando, ou polindo as Eſtatuas da gloria Portugueza, dívida he que ſe lhe tributem aquellas, que tambem entraõ a fazer numero com as obrigadas; porque ſe a eſtas (para exemplares da poſteridade) já a virtude lhes lavrou os Templos, agora lhes manda a generoſa, e Regia direcçaõ de V. Mageſtade renovar os Cultos.

Saõ eſtas (já immortaes, como glorioſas Eſtatuas) os filhos daquelle eximio Patriarca S. Domingos de Guſmaõ (eſclarecido conſanguineo de V. Mageſtade) que de Antagoniſtas da obſervancia, e Oraculos da ſciencia, paſſaraõ a brilhar Eſtrellas no Firmamento da immortalidade, depois que luziraõ tochas nas atalaias da Virtude. E ſe eſtes, que ou o Mundo eſcutou Sabios, ou a veneraçaõ teſtimunhou Juſtos, ſaõ os que tambem a Coroa de Portugal reconheceo vaſſallos, naõ deſconhe-

cerá

cerá V. Mageſtade as razoens de lhes permittir o ſeu Pio, Catholico, e Real patrocinio; nem elles ſe eſquecerãõ de agradecer o buſcar-lhes eu o mais ſoberano, negoceando com Deos que o perpetúe ditoſo. O Ceo dilate a V. Mageſtade a vida, e proſpére ſeu Real Eſtado para gloria de ſeus Reynos; e premio de ſeus vaſſallos.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

PRO-

PROTESTO
DO AUTHOR.

CONFORMANDO-me com os Decretos Pontificios, sobre esta materia, que aqui escrevo, protesto, que tudo o que digo de milagres, revelaçoens, titulos de santidade, mercês, e favores de Deos, naõ intento que tenhaõ mais credito, e verdade, que a das pessoas, e papéis, de que o tomey; excepto o que já está recebido, e approvado pela Santa Fé Catholica.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

PRO-

PROLOGO
A' OBRA, E AO LEITOR.

O Mayor emprego, a que a vaidade dos homens consagrou todos os desvelos da sua ambiçaõ, foy sempre aquella industria de se restituirem á posteridade na segunda vida da memoria; para isso cortaraõ os jaspes, poliraõ os bronzes, escolheraõ os cedros, em que tornassem a avultar em o grande theatro do Mundo, emendando o caduco das cinzas na artificiosa transmigraçaõ das estatuas.

Espalhada vive esta verdade na Divina, como na humana Historia, sendo os primeiros, que infaustamente cobiçaraõ esta industriosa vida (ó vaidade posthuma!) aquelles, que com espirito soberbo, desconhecendo a distancia da terra ao Ceo, queriaõ, que huma desmedida torre os commerceasse com a Divindade. Parou no ar a fabrica, porque dahi naõ passara a idéa. Começou a confusaõ das linguas a ser mordaça da blasfemia, sem que se lograsse daquella fadiga mais, que o desengano de que fora aerea.

Venite faciamus nobis turrim, cujus culmen pertingat ad Cælum, & celebremus nomen nostrum. Genes. 11.

Desvelou-se Absalam vaidoso, fabricando o illustre, e triunfal Cenotafio, em que se perpetuasse o seu nome aos assombros da posteridade; sem advertir, que nem o magnifico o livrava de sepulchro, arquivo do esquecimento. Hercules, que (sogeita a mayor parte do Mundo) fazendo Templo de toda a Africa, lhe levantou aquellas duas columnas, a que consagrou a fama as suas duas azas. Semiramis, que levantando os muros ao prodigio da Assiria, parece, que quiz mostrar, que para o magestoso do seu espirito, só huma Babylonia podia ser Palacio. Artemisa, que lavrando o milagre da Grecia, para Regia urna das cinzas de seu esposo, assim estendeo a fabrica a conselhos da grandeza, que se naõ distinguio, se quiz eternizar a sua magoa, ou a sua soberba.

Samuelis 1. Qui vivens sibi monumentum perpetuitatis constituerit. Maluen. hic. Volate in Philolog. l. 33. Diodorus Sicul.

Os Reys da Africa, que em superstícioso culto authorizaraõ aquelle grande Templo de Diana, gloria

Plinius l. 36. c. 14.

§ de

de Efeſo, e extraordinaria maravilha do Mundo, multiplicando com generoſo, e nunca aſſaz pezado diſpendio, nunca bem encarecido artificio, o *non plus ultra* em cento e vinte columnas, levantadas atalayas, em que deſcançaſſe a ſoberba de ſua Coroa, e de que ſe deſcobriſſe o eſpaçoſo deſtricto de ſua fama.

Cyro, Rey dos Medos, lavrando hum Palacio, em que o jaſpe, e o ouro eſcureceriaõ a arquitectura á meſma obra, a naõ ſer igual prodigio a arquitectura. Os Egypcios, erigindo ſuas celebradas Pyramides, talvez Altares conſagrados ao fogo, a quem levantadas, e agudas ſerviaõ de retrato, e de ſacrificio. Trabalho, que illuſtrando a Memfis, e aſſombrando o Nilo, foy occupaçaõ deſempenhada por ſeſſenta mil homens em eſpaço de vinte annos; mas empenho taõ filho da deſvanecida ſoberba de ſeus Authores, que caſtigado do Ceo em perpetuo eſquecimento, até a ſeus nomes ficou tanta maquina ſervindo de ſepulchro, ſem lograrem nelle os intereſſes de epitapho.

Obliteratis tantæ vanitatis authoribus. Plinius l. 36. c. 32.

Finalmente a vaidade ambicioſa dos que inventaraõ, e erigiraõ os Obeliſcos, que ennobreceraõ a Heliopolis, multiplicando as grandezas a Alexandria, e paſſando a coroar os prodigios de Roma no Circo Vaticano, onde Nero, e Cayo lograraõ memorias a pezar do tempo, porque contra ſuas injurias ſe apoſtaraõ as Hiſtorias.

Aſſim ſe deſvelou na humana natureza a cobiça da fama, mas taõ pouco afortunada, que, naõ lhe valendo as cautelas dos bronzes, e dos marmores, triunfou finalmente o tempo das mais duraveis, e agigantadas torres, em que a induſtria dos ſoberbos ſe quiz guarnecer contra a continua bataria dos annos. Só o artificio da penna eternizou incontraſtavel os aſſumptos, a que quiz dar vida. Se naõ, veja-ſe qual he a deſſas cahidas eſtatuas, e eſpalhadas cinzas, mais que o eſpirito, que em hum papel foy eternizando o Prélo, a cujas vozes mudas vaõ eſcutando os ſeculos as mais affaſtadas memorias.

Eſta a valentia, com que os Eſcritores triunfaõ da injuria das idades, naõ ſe devendo menos á fadiga de

ſuas

ſuas pennas, que pouparem aos homens aquella diſcreta magoa de naõ terem naſcido a lograr as paſſadas experiencias do tempo, em que nem toda a imperceptivel velocidade de ſua carreira baſta a eſconder os ſucceſſos, fiados á penna, que os eſcolhe aſſumptos.

Que baldados os deſvelos, os diſpendios, os artificios, os ſimulacros, a que a vaidade fiou o pregáõ de ſuas cinzas, a naõ ſer o eſpirito da Hiſtoria, alma, com que tornaõ a viver as idades! Eſſa a utilidade da Hiſtoria, a que os homens deviaõ deſtinar todas as poſſes de ſeu engenho para eſcrevellas, como todos os entendidos as de ſua aplicaçaõ para repaſſallas. Mas he laſtima, que o ſuor, que a penna offerece ao eſtudo, o tenha tomado por ſua conta a cenſura; eſtando hoje taõ praticado eſte vicio, que ha necedade, que ſe reſolve a cenſurar, ſem mais cabedal, que o ſaber ler. Daqui naſce o encolher-ſe a prudencia entre os limites da deſconfiança, e perderem as idades o theſouro das noticias, deſpendido por aquellas pennas, em que ſe podera pezar o que a noſſa lingua tem de grave, de eloquente, de expreſſiva, e de propria. Mas eſtá taõ tratavel o querer ſaber emendar quem nem ſabe aprender, que mais facil ſerá darem os Authores em affoutos, que eſperar os neſcios emendados.

Se he digna de eſtimaçaõ a empreza de eſcrever com os ameaços de naõ agradar o animo de perpetuar noticias, ſem a ambiçaõ de querer competir elegancias, naõ proponho aos politicos Leitores outra valia, para que olhando para os motivos do meu trabalho, deixem paſſar as quebras do eſtylo, em que ainda naõ aſſentou a eſcolha, por ſer o Tribunal da cenſura taõ publico, que ſe contaõ os Juizes pelos Leitores, ſobre entrar a votar o goſto de miſtura com o juizo.

Quer a Hiſtoria eſtylo corrente, como filha da verdade; mas naõ humilde, como Meſtra da vida; e he difficil de conciliar a circumſpecçaõ de quem enſina, com a ligeireza de quem conta. Deve ſer a Hiſtoria, verdadeira, clara, breve, e elegante. Eſtas ſaõ as quatro qualidades, que animaõ o racional corpo da ſua eſcritura. Mas ſendo, no entender de todos, o conci-

ciſo; e o verdadeiro, vencivel difficuldade ao trabalho; e ao artificio, a clareza, e a elegancia me parecem as eſtrellas Pleidas; na esféra da Hiſtoria difficilmente juntas; ſendo muitas vezes o compoſto, e o eſcolhido das palavras, o dobrado; e o medido das oraçoens, o que vay dilatando os periodos, a perigar entre o Scylla, e Charibdis de enfadonhos, ou de confuſos.

Nem a nimia clareza ha de deſnaturalizar a ſuave adulaçaõ da Rhetorica, ſendo eſta diſcreta negaça o melhor desfaſtio da leitura. Os livros naõ ſe eſcrevem para os neſcios; os entendidos naõ ſe cançaõ nos reparos. Nenhum homem he feito para todos. Para contentar goſtos, naõ baſta deſempenhar acertos. Eſcuras ſaõ talvez as parabolas; naõ deſmereceraõ por iſſo tomallas o meſmo Chriſto por argumento de verdades, que propunha aos rudes; reſolvendo, que as comprehendeſſe quem podeſſe. O Eſcritor naõ ha de perder as licenças da Hiſtoria com o receyo de peregrinar a ignorancia. Quem naõ chegar a entender, reconheça o achaque em ſua caſa; que a Hiſtoria póde dar luz, mas naõ viſta.

Sine parabolis non loquebatur eis. Matth. 24.

Quis poteſt capere capiat. Idem 19. v. 12.

Sem perder della eſtas advertencias, me animo a pegar na penna, fiando á fortuna os logros, a que naõ alcançar a diligencia; que naõ cabem todos os acertos na juriſdicçaõ da eſcolha. Os Varoens notaveis da minha Religiaõ Sagrada, e illuſtres filhos deſta Provincia de Portugal, ſaõ o aſſumpto do meu emprego; e havendo nelles muito, que ponderar, he preciſa grande advertencia para que a narraçaõ naõ ſe alargue a panegyrico, ou rompendo as leys da Hiſtoria, ou propondo a verdade encarecida.

Aſſumpto grande! Empreza difficil! Pezo incomportavel! Ainda aos hombros dos Tacitos, dos Lucios, e dos Livios, Atlantes, em que deſcançou a elegante maquina da Hiſtoria, com aquella ventura, que ainda hoje juſtifica a ſingularidade, e deſengana a imitaçaõ. Grande, difficil, e incomportavel ao debil, ao curto voo de huma penna, a primeira vez aparada para correr a grande esféra das Eſtrellas de Domingos, Varoens illuſtres, em que a ſua eſtampou reflexos, e logrou influxos taõ ſagradamente deſempenhados, que, paſſando ao eter-

eterno Firmamento da Igreja, fervem hoje de feguros nortes á mais confiderada obfervaçaõ da vida.

Ficçaõ foy Gentilica, elegancia Poetica, que, gemendo com a nobre carga da esféra Celefte, de hum hombro a outro aliviava Atlante o grande pezo. Ornavafe de eftrellas o defmedido globo. Tudo cantou Virgilio. *Ænei. l. VI.*

. . . . ubi Cælifer Atlas
Axem humero torquet ftellis ardentibus aptum.

Huma esféra gloriofamente ornada de eftrellas cança os hombros ao mayor Atlante; e como fe naõ recearáõ opprimidos os que reconhecem em minha Religiaõ Sagrada melhor esféra, em que feus filhos faõ luzidas eftrellas, doutrinadas daquella, que em meu illuftre Patriarca madrugou a fer Aurora de fua vida, como fe os luftrofos jeroglificos de feu illuftre fangue lha empreftaraõ para portentofo phenómeno de fua virtude, ou prefagio feliz da Familia, que promettia á pofteridade.

E fe he preceito Evangelico, que fe naõ efcondaõ as luzes doutrinadas delle, venturofa obediencia a de defcobrir aos olhos de todos as que de Domingos herdaraõ feus filhos, offerecidas ás imitaçoens, ou aos affombros. Efte he o meu defvelo, e o meu affumpto. Quando eftes faõ taõ fobidos, a mayor parte do emprego fe fia aos defejos; fempre os fará ditofos a refoluçaõ, quando naõ os acertos. O defengano, e defintereffe, confultados ambos com o meu curto talento, naõ haõ de cançar os Leitores com a antiga hypocrifia de lhe pedir, ou lifongear a cenfura; que quem protefta efcrever verdades defpidas de novo artificio, defconhece os caminhos de grangear applaufo.

A ninguem deixou efperanças de os merecer (como juftificado acrédor de todos) o grande Chronifta o Padre Fr. Luiz de Soufa, a cujo defvelo, e inconfideravel trabalho fe deveraõ defcubertos, com tanta fidelidade de perdidas noticias, e felicidade de hiftoricas elegancias, os grandes fucceffos defta Provincia até o anno de 1614., em que gloriofamente triunfadora de embaraços,

ços, e coroada de acertos, podera accreſcentar ás azas da fama aquella penna, em que eternamente voara o ſeu nome, a naõ ſer divida o penduralla no ſeu Templo, como reconhecido milagre.

O que nos reſta (deſde o anno em que findou a terceira Parte da Chronica deſta Provincia, em que comprehendeo até a ultima notabilidade della) he recolher as noticias de alguns filhos ſeus, eſpalhadas pelos Conventos, ou, para melhor dizer, ſepultadas nelles, naõ tanto á penſaõ de largos annos, ou culpaveis deſcuidos, como a cuidados, e cautelas da modeſtia religioſa, ou magnanimidade Portugueza; taõ natural ſempre em huma, e outra, o obrar acçoens dignas de ſer eſcritas, como o buſcar caminhos para as eſconder obradas. Eſte he (Leitor) o aſſumpto, que te proponho. Lê a teu goſto; mas lembro-te que eſte genero de eſcritura encaminha-ſe antes ao exemplo, que á delicia; e ſerá culpavel, que a attençaõ, que te havia de dever a doutrina, te leve a cenſura.

Naõ ignoro que neſte ultimo periodo era proprio o lembrar, e propor aos claros, e benemeritos filhos deſta Provincia, as glorias, que, á imitaçaõ de ſeus primeiros Pays, deviaõ lavrar para ſeu credito na religioſa officina de ſeu Sagrado Inſtituto: mas devendo eu entender, que me era preciſa huma penna, em que os raſgos paſſaſſem a ſer voos, forçoſamente me accommodava com o pezar de naõ poder expender como elogios os que de algum modo ſoube predicamentar como ſucceſſos. Porém foy alta Providencia de mayor fortuna o deſcobrir o elegante epitome, em que o Reverendiſſimo Padre Meſtre Carlos Antonio Caſnedi da Companhia de Jeſus, Oraculo da ſciencia Sagrada, (como o teſtemunha a ſua *Criſis Theologica*) Cicero Religioſo, (como o moſtra eſte Epitome Panegyrico) dá a conhecer ao Mundo, e perpetúa nos Faſtos da Chriſtandade, o triunfante, e glorioſo Triduo, com que a ſua Caſa Profeſſa de S. Roque celebrou a Beatificaçaõ do Beato Franciſco Regis: porque expondo o dia, em que officiou a Communidade dos Religioſos de S. Domingos de Lisboa, e eſpalhando em toda a Religiaõ o melhorado cofre de

Amal-

Amalthéa de sua erudiçaõ profunda, e florida elegancia; sendo o seu bem meditado emprego o ponderar aquella devida attençaõ, com que a Ordem dos Prégadores teve sempre por singular, e generosa empreza o reconhecer, venerar, e promover as glorias dos esclarecidos filhos do grande Ignacio, que podia eu escolher para elogio da mesma Religiaõ Dominicana, (especial esta Provincia Portugueza) senaõ o saber a mesma Provincia reconhecer, na esclarecida Religiaõ da Companhia, taõ alto Instituto, e conservar com ella taõ estimavel commercio; empenhando-se (para seu mayor credito) em a venerar benemerita, e a merecer affectuosa. As clausulas do Epitome (que haõ de acreditar a minha escolha, e servir de immortal gloria a esta Provincia Dominicana) saõ as seguintes:

Coronidem solemnissimo Triduo statuit florentissima, omnis sapientiæ, & heroicarum odore virtutum, suorumque mysteriorum rosis, annuente Empyreo, coronata Patrum Prædicatorum Religio, non tantùm ubi Deus scitur, sed & ubi nescitur Orbi toti notissima; cujus Filii Protoparentis sui Dominici lucem æmulantes, facem pro lingua, ignem pro voce spirant. Convenit sub secundæ diei Vesperam, præeunte Crucis trophæo, populosum Patrum Prædicatorum agmen. Celebratæ à Reverendissimo Patre Provinciali Fratre Dominico à Sancto Thoma, viro omnibus numeris absoluto, qui mitissima animi sui indole, & aurea morum suavitate, de suis, & de exteris omnibus, præcipuè de nostra Societate religiosè triumphat; celebratæ, inquam, maximo cum apparatu, assistentibus sex gravioribus sui cœtus Patribus, ornatissimo Pluviali superamictis, primæ Vesperæ, quibus absolutis, fervidissimæ Caniculæ ignes pro nihilo habentes, & ab asperrimo excelsi collis ascensu, & descensu minimè territi, sexies intra viginti horarum spatium idem iter, latrante Canicula, suscepere.

Præter festivos æris campani, tum in Patrum Dominicanorum, tum, quòd magis mirandum est, in inclytarum excelsi hujus Instituti Sancti Monialium Conventibus iteratos fragores, expositi ante utrorumque Cœnobia

bia naturales, & jactati ante Templorum fores, per noctis tenebras artificiales ab amicis ignes.

Cantata postremo die ab eodem laudatissimo Patre Provinciali, piissima ostentatione, Missa, & repetitæ secundæ Vesperæ, post quas instituta solemnis per Urbis plateas processio, in qua inter PP. Prædicatores, & nostros urbana humilitate certatum, renuentibus illis digniorem, ut par erat, conantibus nostris, ut ratio exigebat, inferiorem locum occupare; certamen à charitate, quæ omnia unit, definitum; ita enim utrique comiscebantur, ut, nisi candor habitus nos proderet, ignorari planè posset, uter Dominicanus, uter Jesuita foret.

Delata per longos viarum tractus Beati Joannis Francisci Statua, succolantibus piæ sarcinæ duobus ex Sanctissimæ Trinitatis Patribus, & duobus nostris. Tamdem Christus Dominus, qui omnium Alpha, & Omega est, numerosæ, ob multiplicem aliorum Religiosorum, præcipuè Trinitariorum, concursum Processionis agmen clausit, sustentantibus Baldachinum octo Patribus Dominicanis, Pluviali ornatis, & deferente Sacrum Divinæ Eucharistiæ pignus Reverendissimo eorumdem Patre Provinciali.

Oravit sub Sacrum (nequid splendoris deesset Ulyssiponensis Conventus) Reverendissimus Prior, Doctor Frater Antonius à Sacramento. Ut pro re loqueretur, totus Pontificis Beatificationis Brevi institit; & quidem tam inenarrabili plausu, ut, sicut nefas est dubitare, quin Breve fuerit à Clemente XI. Spiritu Sancto concessum, ita dementatæ temeritatis reus habendus foret, qui Concionatorem speciali Spiritûs Sancti assistentia munitum negaret. Etenim Ulyssiponenses continere se non potuerunt, quin quater saltem concionantem Concionatorem interrumperent, eumque inusitatis laudibus in Cælum ferrent.

Hæc simplici, & pedestri veritatis stylo superesset modo, vel gloriosi hujus Ordinis exundantem obsequiorum in nos excessum; vel nostrorum erga eumdem indelebilem grati animi observantiam expendere. Primum breviuscula apostrophe, alterum taciturna admiratione expediam.

Favistis, Religiosissimi Patres, tuque præcipuè Reverendissime Provincialis; favistis, inquam, & sine meta Societati favistis; nobisque favendo, vobis ipsis favistis.

Nam

Nam vagientem, primis sub annis, Societatem vestræ sapientiæ uberibus, multiplici in Universitate lactastis. Vos eam in Tridentino Concilio totis viribus promovistis. Vos mirabilem exercitiorum librum à mordacibus linguis voto vestro illæsum servastis. Vos Divum Ignatium contumeliosè, & durissimè vexatum vestris in Claustris perhumaniter tractastis. Vos Collegia in Lusitania, & Indis, prodiga manu sumptibus vestris erexistis. In vobis magna illa vestrorum Herorum nomina, Venerabilis Archiepiscopus Bracharensis, Frater Bartholomæus à Martyribus, & celeberrimus sanctitate, & sapientia Ludovicus Granatensis (ne à Lusitania recedam) quo conatu dilatationem Societatis promoverint, in omnium mente, & ore versatum; & ita quidem, ut eosdem in hodierna festivitate revixisse credendum sit. Favistis igitur supra modum Societati, at Societati vestræ; ita enim vestra est, ut, si vestra, vos colendo, & honorando non sit, Societas non sit. Nihil igitur mirum, si favendo excessistis. Nemo enim secum ipso avarus.

Esta memoria panegyrica deixou escrita o Reverendissimo Mestre Casnedi na sua *Crisis Theologica*. Tomo 5. disp. 10. sect. 5. §. 2. p. 228.

Esta a narraçaõ elegante, e authorizado apostrophe, com que aquella aurea penna da doutissima, preclara, e florentissima Companhia de Jesus, quiz condecorar a Religiaõ Dominicana, especialmente esta sua Provincia Portugueza; e he este reconhecimento taõ estimavel, e decoroso para ella, que o escrevo no *Prefacio* dos heroicos progressos de seus illustres filhos, querendo perpetuar-lhes nesta lembrança a mais gloriosa coroa.

LICENÇAS.

DA ORDEM.

Censura do M. R. P. M. em Theologia, Fr. Pedro Monteiro, Prégador do Sereniſſimo Senhor Infante D. Francisco, Conſultor do Santo Officio, Examinador Synodal do Arcebiſpado de Lisboa Oriental, das Igrejas do Infantado, e das do grande Priorado do Crato, e Academicò da Academia Real.

MAnda-me V. P. M. R. que veja a Chronica, que compoz o Reverendiſſimo Padre Fr. Lucas de Santa Catharina, Chroniſta deſta Provincia, Academico da Academia Real; favor, de que fiz ſingular eſtimaçaõ, para ter nella que admirar de novo os muitos ſogeitos, que neſte ultimo ſeculo da Religiaõ floreceraõ nella em virtudes, e letras, porque muitos delles foraõ promovidos a diverſas dignidades.

A Obra he muitas vezes digna do grande nome do ſeu Author, grangeado em muitas, de que tive noticia, por mais que a algumas naõ permittio o nome a ſua modeſtia. Com eſte conhecimento já eſperava o acerto, com que aqui eſcreve a ſua grande capacidade, bem conhecida, e experimentada nas Aulas, e Collegio Conimbricenſe, de que foy digno Collegial, ſatisfazendo as obrigaçoens literarias com aquella exacçaõ, que ſe pede nellas.

Depois ſe entregou a eſtudos Sagrados, em que ſempre o acharaõ com a penna na maõ. Nelles deu há annos ao Prélo a Hiſtoria Panegyrica da Princeza Santa, (com o titulo de Eſtrella Dominicana) ornada com todo o genero de erudiçaõ Divina, e humana; obra, e parto de hum vaſto eſtudo; e naquelle genero, e no ſeu eſtylo incomparavel no voto dos eruditos deſapaixonados, naõ ſó neſte Reyno, mas em algum eſtranho.

Naõ se esperava menos de hum engenho, em que se faz facil o escrever em varias materias, accommodando-se ao estylo de cada huma, assim no Sagrado, como no Politico, e ainda no Poetico, com igual (por mais que difficil) pratica no ponderoso, e no jocoserio, em que conhecendo a impiedade da Critica Nacional, escondeo a sua modestia, e a sua advertencia aos curiosos muitos empregos, em que os bons discursos achariaõ naõ só divertimento, mas documentos.

Das suas occupaçoens estudiosas, e continuas daõ agora á estampa alguns affectos á Religiaõ, que as conhecem, e as estimaõ, a *Vida do nosso Grande Patriarca S. Domingos*, (que faltava no idioma Portuguez) e glorias da Ordem, com o titulo de *Taumaturgo do Rosario*; obra, que envolve erudiçaõ Historica, e Predicativa.

Imprime mais o *Pantheon Euangelico*, com cincoenta, e mais Panegyricos Sacros; e podiaõ continuar quatro Imprensas dos papeis, que deste genero andaõ espalhados por varias mãos, de que saõ taõ mal conhecidos, como andaõ já confusos, e desfigurados. Sepulta ainda na sua cella a impossibilidade do dispendio (que lhe nega indevidamente o Prélo) cinco tomos de varias materias Predicaveis, Asceticas, e Panegyricas, que o nome do Author segura dignas da sua luz publica, que talvez lhe nega a fortuna em obsequio da enveja.

Nos empregos Academicos vay dando repetidas provas de que naõ degenera, antes confirma a grande proporçaõ com os heroicos espiritos, de que ella se compoem; sendo o seu emprego (em que tem escrito dous livros) materia a primeira vez exposta no nosso idioma, e naõ achada na nossa Historia; mas tudo vencerá a applicaçaõ laboriosa de quem se sabe adiantar nella.

Quem em semelhantes empregos naõ só professa noticias, mas pratîca experiencias, e a quem nem os muitos annos desta pratica enfraquecem a penna, naõ podia deixar de satisfazer com toda a exacçaõ (assim na verdade fielmente historiada, como no estylo verdadeiramente historico) as *Memorias desta Provincia*, para glo-

gloria do ſeu, e noſſo Grande Patriarca, e dos heroicos filhos, que illuſtrou nella. Aſſim me parece a Obra taõ digna da eſtampa, como o Author da gloria, que ſe lhe ſeguirá deſta Imprenſa. Eſte he o meu parecer. Voſſa P. M. R. ordenará o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa Occidental, em 2 de Mayo de 1732.

Fr. Pedro Monteiro. Meſtre.

FR. Chriſtovaõ de Santo Thomaz, Meſtre em Santa Theologia, Conſultor do Santo Officio, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores neſtes Reynos de Portugal, pela preſente damos licença ao Padre Fr. Lucas de Santa Catharina, Chroniſta deſta Provincia, para que poſſa imprimir a Quarta Parte da Hiſtoria della, viſto eſtar reviſta, e approvada pelos Padres Meſtres da Ordem. S. Domingos de Lisboa Occidental, 10 de Mayo de 1732.

Fr. Chriſtovaõ de Santo Thomaz. Vigario Geral.

Do Santo Officio.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Alvaro Pimentel, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILL.mo, E REV.mo SENHOR.

REvi a *Quarta Parte da Hiſtoria de S. Domingos, particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal*, compoſta pelo Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Lucas de Santa Catharina, da Ordem dos Prégadores, ſeu Chroniſta; e acho nella muito que admirar, aſſim no eſtylo proprio da Hiſtoria, como na materia de que trata, pois em qualquer vida dos Religioſos, que conta, ſe deſcobre hum exemplar da perfeiçaõ, do zelo de Deos, e Santa Fé, ſem que o Author tropeſſe contra

ella, ou offenda aos bons coſtumes: pelo que a julgo por muito digna de ſe dar ao Prélo. Voſſa Illuſtriſſima fará o que for mais acertado. Lisboa no Convento de Noſſa Senhora da Graça, 20 de Setembro de 1708.

O Meſtre Fr. Alvaro Pimentel.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Miguel da Reſurreiçaõ, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILL.^mo^, E REV.^mo^ SENHOR.

MAnda-me Voſſa Illuſtriſſima, que dê o meu parecer ſobre ſe haver de imprimir, e ſahir á luz a *Quarta Parte da Hiſtoria de meu Patriarca S. Domingos, particular do Reyno de Portugal*, compoſta pelo Muito Reverendo Padre Meſtre Fr. Lucas de Santa Catharina, da Ordem dos Prégadores, e ſeu Chroniſta: e obedecendo, digo o que entendo, e me parece que naõ tem couſa alguma contra a pureza de noſſa Santa Fé, nem contra os bons coſtumes; antes muitos, e varios exemplos de Veneraveis Padres, e Religioſas, que aſſim como podem preſtar augmento á imitaçaõ da vida mais reformada, aſſim tambem podem ſervir de credito á veneraçaõ da Religiaõ Catholica, e de taõ illuſtre Familia, em que o Author entra com huma grande parte pela elegancia, com que os eſcreve, e exprime: e aqui naõ digo tudo o que ſinto, porque as leys da Cenſura naõ permittem os Panegyricos, que merece a ſua erudiçaõ. Voſſa Illuſtriſſima mandará o que for ſervido. Santa Clara de Lisboa, 29 de Janeiro de 1709.

Fr. Miguel da Reſurreiçaõ.

VIstas as informaçoens, póde-se imprimir a *Quarta Parte da Historia Dominicana*, de que trata esta petiçaõ; e impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, e sem ella naõ correrá. Lisboa, 29 de Janeiro de 1709.

Carneiro. Moniz. Hasse. Monteiro. Ribeiro.

Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

Do Ordinario.

PO'de-se imprimir a *Quarta Parte da Historia Dominicana*, vista a licença do Santo Officio; e depois de impressa torne para se conferir, e dar licença para correr, e sem isso naõ correrá. Lisboa, 10 de Abril, de 1709.

Bispo de Tagaste.

Do Paço.

Censura do M. R. P. M. Fr. Miguel de Santa Maria, Academico da Academia Real, &c.

SENHOR.

LI a *Quarta Parte da Historia de S. Domingos, particular dos Reynos de Vossa Magestade*, Author o Muito Reverendo Padre Mestre Fr. Lucas de Santa Catharina, Chronista da Ordem daquelle Santissimo Patriarca: e tendo lido as trez primeiras, que compoz o insigne Chronista Fr. Luiz de Sousa, me pa-

rece

rece que o Padre Meſtre Fr. Lucas em nada lhe he inferior, mais que em florecer depois, como de Cicero, comparado com Demoſthenes, diſſe a ſabia antiguidade; certeza de que he vivo exemplo eſta quarta Parte, compoſta com eſtylo taõ caſto, taõ elegante, taõ proporcionado ás materias de que trata, e taõ verdadeiro, que vimos nós com os noſſos olhos muito do que eſcreve aqui, e illuſtra a ſua penna; podendo qualquer Leitor de ambos, dizer ſem liſonja de hum, e ſem offenſa de outro, que naõ he mais para admirar o principio, e progreſſo da Hiſtoria Dominicana Portugueza, na primeira, ſegunda, e terceira Parte, que o ſeu fim, e coroa na quarta, como a outro intento diſſe Plinio o o Segundo: *Initium, & progreſſum laboris mirer, an finem?* O Padre Fr. Luiz começou, e proſeguio com tanto acerto, que meritiſſimamente logra o applauſo, de que até agora nenhum Hiſtoriador lhe tirou da maõ a palma; mas ſe huma ſó o pode ſer de duas mãos, naõ recuſaria o Padre Fr. Luiz a do Padre Meſtre Fr. Lucas, que, por lhe ſer igual no trabalho, na verdade, no engenho, na erudiçaõ, e no eſtylo, he razaõ que lhe ſeja companheiro no triunfo: e naõ ſerá injuria ainda o preferir eſta Quarta Parte ás trez primeiras; porque a Hiſtoria he como a vida, cuja perfeiçaõ naõ eſtá tanto em começar, e proſeguir bem, como em acabar bem; que por iſſo Cicero coroou a eloquencia dos Athenienſes, dizendo, que a aperfeiçoaraõ depois de a inventarem: *In quibus ſumma dicendi vis & inventa eſt, & perfecta.*

Pelo que toca ao argumento da Obra, contém eſta Quarta Parte muitos Religioſos, e Religioſas, illuſtriſſimos Heroes em ſantidade, em letras, em dignidades, e em nobreza de ſangue, os quaes adequadamente correſponderaõ, e deſempenharaõ os merecidos encomios, com que graviſſimos Eſcritores, e, o que mais he, os Summos Pontifices honraraõ a preclariſſima Ordem dos Prégadores, intitulando-os Defenſores invictos da Fé Catholica, verdadeiras luzes do Mundo, fideliſſimos Miniſtros de Chriſto, fortalezas incontraſtaveis da Igreja, e radiantes illuſtraçoens de todas as gentes:

con-

conservando os filhos desta Provincia, de quem com tanta modestia faz a Chronica presente, a piedade, erudiçaõ, e zelo de seus predecessores, e crescendo cada vez mais nas honras, e acclamaçoens dos que sabem distinguir o solido, e verdadeiro do fantastico, e fabuloso, a pezar da inveja inimiga de tudo o que he excelso, e illustre. Este he o meu parecer, em que, supposto o acerto do Author, e nobreza da materia, naõ póde deixar de ser elogio a Censura: pelo que julgo esta Obra dignissima da luz publica, e o Author della merecedor de toda a honra, e mercê, que V. Magestade for servido fazer-lhe, como taõ benemerito, naõ só da sua Religiaõ, mas da naçaõ Portugueza. No Convento de nossa Senhora da Graça, 16 de Mayo de 1709.

Fr. Miguel de Santa Maria.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza para se taxar, e conferir, e sem isso naõ correrá. Lisboa, 22 de Mayo de 1709.

D. Presidente. Oliveira. Lacerda. Botelho.

Da Academia Real.

Censura do M. R. P. M. Fr. Miguel de Santa Maria, Academico da Academia Real, &c.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

VI o livro, que Vossas Excellencias me mandaraõ censurar: e sendo o mesmo, que revi por ordem do Desembargo do Paço no anno de 1709, agora torney a achar a grande razaõ, com que lhe troquey a Censura em elogio, devendo ser, no voto dos que melhor entendem da Historia, digna de todos esta, que

QUARTA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO PRIMEIRO.

Dos Religiosos filhos desta Provincia, que floreceraõ, e acabaraõ com reputaçaõ de virtude, e letras.

SUSPENDEO a penna o Padre Frey Luiz de Sousa, grande Chronista desta Provincia, deixando-a rica com seus escritos, e singularmente authorizada com a larga, e elegante historia, em que depositou nos Archivos da posteridade os nomes dos Varoens, que a ennobreceraõ insigne, com a voz, com a penna, com a vida; e naõ menos os das Religiosas, que nos Claustros Dominicanos souberaõ meditar os desenganos della, e correr por entre espinhos de mortificaçoens a abraçar a verdadeira.

A hum, e outro numero tem espiritos, que accrescentar este nosso seculo, ainda que nos faltasse com a materia, e assumpto de novas fundaçoens, sobre cincoenta e seis, que aponta a nossa historia: restanos a do Mosteiro do Sacramento em Lisboa, e a do Convento de Santa Joanna na mesma Cidade; a das Religiosas Hibernias do Bom Successo; assim me pareceo repartir esta quarta Parte em quatro classes, ou quatro livros. O primeiro tocará aos Religiosos. A's Religiosas o segundo. O terceiro com especialidade ao Mosteiro do Sacramento, como aquelle, que ainda nas nossas Chronicas naõ entrou a fazer vulto,

vulto, Benjamim da Provincia, filho da sua ancianidade neste Reyno. O quarto, ao Mosteiro do Bom Successo, de Religiosas Hibernias, que ainda que peregrino para a Provincia, hospedado em Portugal, será razaõ, que lhe succeda o mesmo em a Chronica; e naõ se queixará o seu merecimento, de que a que escolheo para Patria, lhe veyo a servir só de sepultura.

Encostar-seha a esta escritura a de alguma noticia da Congregaçaõ da India. Hiraõ os Religiosos, e Religiosas pela antiguidade de suas Casas, naõ faltando a noticia do que houver de novidade nellas, desde o tempo, que as deixou o Padre Frey Luiz de Sousa, pelos annos de 1613. sendo Ministro Geral da Ordem Frey Serafino Silo Papiense, e Prior Provincial nestes Reynos Frey Agostinho de Sousa; naõ havia mais novidade no estado da Provincia.

CAPITULO I.

De alguns filhos do Convento de Santarem, que deixaraõ nome, e opiniaõ de virtude.

NAõ podem deixar de correr parelhas a justa queixa do nosso descuido, e a materia, que os grandes espiritos desta Provincia nos deraõ para destruillo, porque o mesmo será irmos descobrindo Varoens insignes, que irmos tropeçando na culpavel omissaõ das memorias delles. Assim será a queixa prologo da noticia.

He a Casa de Santarem o primeiro domicilio, que a Familia Dominicana teve naõ só neste Reyno, mas em toda Hespanha, berço de sua observancia, antes fecunda seára de Santos, que vivenda de recoletos, de que foraõ boas testemunhas ElRey D. Affonso IV. o Bravo, e o piedoso Rey D. Joaõ o II. Naõ promettia menos fruto aquelle cantinho de terra, cultivado pelos Santos Fundadores Frey Soeiro Gomes, e Frey Domingos do Cabo. Entaõ se fez Casa pequena, como para homens, que amortalhados a queriaõ ter por sepultura. Augmentouse depois, e com mais largueza, a Igreja; tudo arruinaraõ os tempos, e tudo reedificou o zelo de bons Prelados; hoje se vê perfeito, e acabado, assim de officinas, como de ornato, e aceyo de Templo, verdadeiramente toda a Casa como Palacio de Deos, donde se hospeda a sua Familia, que o louva. Mais antigas, e miudas noticias tem os curiosos na primeira Parte das Chronicas. Passemos aos edificios espirituaes, que saõ nossa unica importancia.

Fr. Antonio de Sande.

Foy hum delles o Padre Fr. Antonio de Sande (Fr. Domingos diz outra noticia, nenhuma certa, a do sobrenome sim, que passará a servir de nome a quem tanto nestes escritos o merece.) Filho he sem duvida o Padre Sande desta Casa, porque sendo conhecida sua virtude, em nenhuma outra se descobrio memoria delle, sendo experiencia nesta Provincia, que Religiosos de semelhante vida sempre vaõ servir, e acaballa nas Casas onde saõ filhos. Nem faça equivocaçaõ o acharse na mesma Casa outro Religioso com o mesmo nome, e a mesma, ou quasi circunstancia de morte;

morte; porque o primeiro Fr. Antonio de Sande, que traz a primeira Parte desta Chronica, foy filho da Batalha, foy aqui Porteiro, e faleceo no anno de 1612. e o nosso foy aqui Organista, naõ se lhe sabe de filiaçaõ, e faleceo em 1680. pouco mais, como nos affirmavaõ Religiosos graves em que estava fresca a tradiçaõ, unico documento, a que logo começamos a recorrer do nosso descuido. De grande Frade, e exacto observante, deixou nome este Padre, naõ só na estreiteza desta Clausura, mas no respeito, e memoria dos seculares da Villa. Assim se escutaraõ estas noticias a hum Sacerdote della, pessoa de boa opiniaõ, com que tinha acabado pouco tempo antes que isto escrevessemos.

Em exercicios de verdadeiro Religioso, notavel recolhimento, e amor da Clausura, gastou este Padre grande parte da vida nesta Casa. Era nella organista, occupaçaõ em que servia a Deos desvelado, e gostoso: correspondia a vida á occupaçaõ; se nesta era Anjo, naõ menos naquella; assim naõ tinha hora mais gostosa, que a em que hia ajudar os Religiosos nos louvores Divinos. Pagoulhe o Ceo este gosto com outro mais sobido.

Ve-se no Templo desta Casa de Santarem, no Cruzeiro, da parte do Evangelho, contigua á Capella do Menino Milagroso, a do Santo Christo dos Affligidos, huma das perfeitas, que tem o Templo; bom retabolo, em que se abre hum nicho, capaz de recolher o Senhor em o madeiro da Cruz: a estatura de homem, aspecto assim devoto, que juntamente atemoriza, e obriga a respeito. Mostra antiguidade, antes parece ter a da fundaçaõ da Casa. Esteve como esquecido na da Sacristia velha, de donde a devoçaõ de hum Religioso o tirou para o lugar, que tem agora: no primeiro succedeo o que vamos a referir; casos, que sem duvida o fizeraõ buscado, com o titulo dos Affligidos, confirmado cada dia com copiosos milagres, que honraõ aquellas Sagradas paredes, e convidaõ a Fé para os pedir, e os esperar.

Santo Christo dos Affligidos.

Com esta Sagrada Imagem era continuada, e viva a devoçaõ do bom Padre Sande. Passava a todas as horas do Coro a tocar o Orgaõ, e pondo os joelhos em terra, repetia com espirito humilde, e penitente o Psalmo *Miserere.* Detinha-se nesta devoçaõ hum dia, que passava á occupaçaõ costumada, quando lhe fere os ouvidos, e o coraçaõ huma voz, que sahida da Sagrada Imagem, lhe dizia: *Preparate, porque hoje serás comigo no Paraiso.* Assustado, e alegre o bom velho, de ver taõ anticipado, e seguro o premio de seu pouco trabalho, deixase cahir por terra, pondo nella a boca, como recolhido ao centro da sua humildade. Já se levanta com alvoroço, chega á cella do Prior, começa a pedirlhe o Viatico, e a Unçaõ, affirmando, que estava no ultimo dia de sua vida.

Suspendia-se o Prelado, que o via com forças, e inteira saude; culpavalhe a diligencia como delirio. Insta com palavras concertadas, e encarecidas o bom velho; entra em si o Prelado com a experiencia do estylo de vida do subdito, representaselhe,

selhe, que haverá mysterio, poemlhe preceito, que diga a causa de taõ repentina supplica, e diligencia. Refere o Padre o que lhe succedera; e despedindo-se pelas cellas dos Religiosos, que o acompanhavaõ, tanto com lagrimas, como com inveja, recolhido, e tomando os Sacramentos, com hum admiravel socego, passou deste valle de miserias ao Paraiso, dando a alma nas mãos daquelle Senhor, que para elle o chamara desde a arvore da vida. No Cemiterio (venerada hospedaria das reliquias dos primeiros cultivadores desta Santa terra) tem sepultura, escondendo-se nella, assim a certeza de qual seja, como mayores noticias de huma vida, que mereceo esta morte.

Segundo prodigio do Santo Christo dos Affligidos.

Naõ devia ter menos circunstancias a de outro Religioso, com quem o mesmo Senhor usou a mesma piedade, mas com particularidade grande. Naõ achamos a do nome do Religioso, procurado com incançavel, e perdida diligencia. Relatemos a tradiçaõ. Sendo este Padre ainda Noviço, e de pouco tempo passado das liberdades, e delicias do Mundo áquelle estreito modo de vida, em que a Religiaõ costuma provar a constancia de quem a abraça, pareceolhe duro o caminho, facil a execuçaõ de deixallo, como quem naõ tinha até entaõ mais carcereiro, que o seu gosto. Resolvia-se huma noite a romper este pequeno embaraço, e chegando a fazer oraçaõ á Imagem Sagrada, de que era devoto, quando ouve clara, e distintamente, que lhe reprehendia a temeridade, e o exhortava á abraçar sofrido os rigores da vida, que escolhera; mas era tal o metal da voz, tal o affecto com que se exprimia, que naõ duvidou o Noviço, que o Senhor o reprehendia, naõ só com vozes, tambem com lagrimas, naquelle madeiro, em que já lhe devera o mesmo extremo todo o genero humano.

Cum clamore valido, & lacrymis exauditus est. Ad Hebræos 5. 7.

Naõ quiz o Senhor, que ficasse este excesso sem testemunha; na face direita se lhe ficou divisando, e hoje se lhe divisa, a nodoa, e a propria estampa de huma lagrima. Louvada seja infinitamente sua clemencia, taõ paga de ser liberal comnosco, que nos deixa testemunhadas as finezas, como se fizera brazaõ dellas! Mas grande confusaõ para as nossas rebeldias, naõ nos melhorarem agradecidos taõ nobres testemunhas. Assim abalaraõ o coraçaõ do Noviço já venturoso a reprehençaõ, e conselho, que abraçou desde alli, e continuou huma vida, como o promettia o Conselheiro della, professando, vivendo, e morrendo no habito, ainda que se ignora a Casa, como he tradiçaõ commua dos Religiosos mais antigos, que ha pouco faleceraõ nesta, e o naõ haver mayor noticia; culpavel omissaõ de naõ haver naquelles tempos quem por officio as guardasse para os futuros.

Fr. Paulo do Rosario.

Com mais alguma clareza nos veyo á maõ a noticia do Padre Frey Paulo do Rosario, porque foy tal sua vida, que mereceo conservarse por tradiçaõ de memoria em memoria, permittindo-o o Ceo, para ennobrecer as desta Casa, e desta escritura. Tomou este Padre o habito em o nosso Convento de de Coimbra, mas naõ como filho

lho delle, como querem alguns, mas deste de Santarem, para donde veyo no seguinte dia, sendo a tomada do habito naquella terra, ou por acharse alli o Prelado, que o recebeo á Ordem, ou ter essa comissaõ o daquella Casa, ou finalmente por se fazer aos parentes do Noviço essa lisonja, porque se entende, que Coimbra era sua Patria.

Correo o anno de approvaçaõ com mostras de quem naõ hia a passallo, antes a aprender nelle a ser toda sua vida Noviço. Professou no anno de 1641. sendo Geral da Ordem o Padre Mestre Frey Niculao Rodulfo; e recolhendo-se outra vez nesta Casa, (depois que em outras acabou os estudos) foy nella Mestre de Noviços, occupaçaõ, que naquelles tempos, e em tal Casa podia ser boa fiadora de sua vida. Este cargo exercitou pelos annos de 1666. sendo Prior o Padre Frey Francisco de Lemos. Primeiro ensinava os discipulos com a vida, que com o castigo, ou a palavra. Para os defeituosos era asperissimo, e taõ zelador da obediencia, que lhe succederaõ casos, que eternizaraõ esta noticia; hum só bastará para a termos do muito que o era. Entendia, e bem, que he a obediencia a baze, e total fundamento da observancia, ou o coraçaõ, de que se reparte a vitalidade a todo o mystico corpo da Religiaõ. Conheceo em hum Noviço alguma rebeldia, naõ valeo a primeira reprehençaõ para a emenda; chamou-o hum dia, e levando-o ao quintal da casa de Noviços, diz-lhe que cave na terra, e mandalhe que ás vessas ponha nella huma planta. Sahio logo, como estranhando o desacerto, o genio do Noviço; e por mais que o Mestre instava que obedecesse, mais se escusava com replicas, e desculpas. Chama o Mestre os outros Noviços, manda que abraõ mayor cova, e que nella metaõ, e sepultem o Noviço até ao pescoço, martyrio em que o deixou estar por algum tempo, tirando-o delle sogeito, e doutrinado.

Naõ eraõ menos as asperezas, que usava comsigo, exacto no jejum de sete mezes, nas Matinas á meya noite, na estamenha junto á carne; e parecendo-lhe a laã aliviada, recorria aos cilicios, e delles passava a rigorosas disciplinas de sangue, naõ havendo arma com que naõ pertendesse domar aquelle inimigo, mais para temer, quanto mais caseiro. Mas assim se agradou o Ceo desta sua ultima penitencia, que nas mesmas pedras quiz, que se lhe conservasse a noticia della. Era grande a devoçaõ, que tinha com o bom Jesus, Imagem de hum Crucifixo milagroso, que fica na primeira Capella da nave, que corre da banda do Evangelho. Diante desta Imagem costumava Frey Paulo tomar a miudo asperas, e copiosas disciplinas de sangue. He ainda hoje conhecido, e venerado o lugar adonde o fazia, que he hum grande marmore, que correndo igual com o lageado da coxia, que continúa ao pé dos Altares, se mostra singular, por alvo, e limpo; assim naõ admitte em nenhum tempo ou pó, ou outro desaceyo, que faz preciso este reparo, mostrando-se limpo, e branco em todo aquelle circuito,

to, em que podia estar o corpo, e espalharse o sangue dos golpes.

Inviolavel na guarda do silencio, só o faziaõ dispensar nelle as obrigaçoens do officio. Nelle durou muitos annos, até que o aposentou antes a falta de alento, que de espirito. Mais individuaes noticias nos podiaõ ficar delle, mas foy taõ escaço o tempo, que conservandolhe com estas qualidades o nome, lhe sepultou as acçoens, que lho podiaõ eternizar com mais circunstancias de grande. Mas desta curta narraçaõ se podem inferir mayores progressos de virtude, por mais que culpaveis os descuidos deixassem esquecer as particularidades de sua morte, como tambem o lugar da sua sepultura, roubando-nos essa consolaçaõ aos olhos, como em mayores noticias, mayor exemplo para os reformados, e mayor edificaçaõ para todos. Mas ainda que seu corpo ficou duas vezes escondido, naõ o ficou assim a tradiçaõ de que está inteiro.

Mayor numero de filhos memoraveis (como sempre taõ fecunda delles) nos promettia esta Casa, e o espaço de 80. e mais annos, que se naõ tem fallado nella, sendo experiencia, que nunca lhe faltaraõ em todos os tempos espiritos da primeira observancia, como morgada desta Provincia. Desta verdade podiamos ainda hoje mostrar evidente prova; mas contentarnos-hemos com estas, que temos dado, visto poder mais o envelhecido descuido de quem podia evitar este defeito, que a diligencia, e moderno cuidado de quem pegou na penna, achando já esta Provincia sem aquellas venerandas idades, que eraõ, e podiaõ ser promptuarios vivos das memorias della. Naõ esqueceremos com tudo neste lugar huma, por muitos titulos precisa, que sirva de recompensaçaõ ás muitas, que perdemos nesta Casa.

Nella tem seu jazigo, em que está sepultado (na Capella môr, que he de sua Casa) Manoel de Saldanha, fidalgo de singulares prendas, da illustre Casa deste appellido, bem conhecido, e estimado neste Reyno. Foy filho de Diogo de Saldanha, neto de Frey Diogo de Saldanha, filho de Antonio de Saldanha, que nos tempos de elRey Dom Manoel passou á empreza memoravel de Tunes, em companhia do Emperador Carlos V. e voltando a esta Coroa, cheyo de bizarrias militares, mereceo o premio, e o agrado do grande Monarca Dom Joaõ o III. Veyo a casa a seu filho Diogo de Saldanha, que fez deixaçaõ della a seu filho morgado Antonio de Saldanha, vendo-se já entrado em dias, e naõ podendo resistir ao amor da Religiaõ Dominicana, que feito natureza em tantos annos, o chamava para os seus Claustros, donde vestio o habito, professou, e faleceo, como se lê na primeira Parte da Chronica desta Provincia.

1. Part. liv. 2. cap. 42.

Herdou Manoel de Saldanha de seu visavou Frey Diogo este affecto singular ao habito de S. Domingos, e com especialidade a este Convento de Santarem, conservando-se mais vivo o commercio pela assistencia da Casa, que esta Familia tem na Villa. Mas assim passou em

em Manoel de Saldanha esta devoçaõ a extremo, que fazendo de sua casa antes hospedaria, que vivenda, parece que naõ tinha outra mais, que o Convento, nem mais commercio, que com os Religiosos delle, com grande edificaçaõ, e ainda lucro temporal de todos, a que a sua liberalidade espreitava a penuria, soccorrendo-a com maõ larga. Eraõ nesta parte especiaes beneficiados seus os que, cursando as escolas, tinhaõ nome, e reputaçaõ nellas, fomentando, como taõ grande amante da Provincia, aquellas plantas, que cresciaõ para coroalla.

Naõ o experimentava menos cuidadoso bemfeitor o material do Convento, naõ havendo nelle obra, que ou em parte, ou em todo lhe naõ devesse dispendio. Effeitos eraõ estes da devoçaõ, que tinha com S. Domingos, taõ excessiva, que no seu tempo chegou a ser apodo dos amantes das Familias Sagradas. Em dia do Santo accrescentava com grandeza o prato aos Religiosos, como se estivera ainda escutando o preceito, que o grande Varaõ Frey Diogo de Saldanha pozera a seu filho em semelhante dia. Em huma Vespera delle 3. de Agosto, de 1686. faleceo, dispondo-o (no que ajuizou a piedade Christãa) o mesmo Santo, agradecido áquelles extremos, a que negociaria immortaes premios.

1. Part. ubi supra.

Assim acabou, cumprindolhe Deos o desejo de chegar com vida até aquelle dia, que foy em hum Sabbado, quando a voto, e resoluçaõ de medicos, naõ podia passar do da quinta feira; e dando graças ao Santo Patriarcha, e á Virgem piedosa do Rosario, (retratos, que tinha á cabeceira, e a que chamava o seu thesouro,) mostrando o quanto tinhaõ de mais valor na estimaçaõ, e no affecto. Mas naõ deixemos huma circunstancia sem reparo, (que á boa consideraçaõ naõ parecerá indigno delle) que foy acharse assim disposto o caixaõ, em que recolhiaõ o corpo no jazigo, que sem poder ser de outra fórma, feita muita diligencia, veyo a ficar o cadaver com o rosto voltado á imagem do Santo, que está no Altar môr, ao lado do Evangelho, como se o grande Patriarcha quizesse dar a entender, que por aquelle estylo, que viaõ ao seu devoto na terra, estava gozando na gloria de sua vista.

A este reconhecimento do pay se seguio o dos filhos, mandando o Provincial desta Provincia, o Padre Mestre Frey Manoel Leitaõ por toda ella igualmente á Casa de Religiosos, como de Religiosas, que se lhe fizessem publicas exequias, com o mesmo estylo de piedade, e fausto, que se costuma nas dos Geraes da Ordem. Naõ se contentou, nem contenta com menos demonstraçaõ o agradecimento dos seus filhos nesta Provincia, sendo ainda mais extremoso, e mais duravel em toda ella o funeral das saudades, em que sempre durará sua memoria.

CA-

CAPITULO II.

Addiçaõ á fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Lisboa: de algumas particularidades, que se vem nelle ao presente.

FOy esta Casa levantada dos primeiros fundamentos a dispendios da pia, e Real magnificencia delRey Dom Sancho II. do nome, e IV. de Portugal, augmentada de Templo (obra verdadeiramente meditada em hum grande, e espaçoso espirito) por elRey Dom Affonso III Conde de Bolonha. Naõ se estenderaõ menos, que estes dous grandes braços, a sustentar tanta fabrica! A fortuna, que ella correo, já de inundaçoens, já de terremotos, póde ver o curioso no Padre Frey Luiz de Sousa. Melhorou-a finalmente elRey Dom Manoel de Dormitorios, (obra taõ sua, como o está gritando na grandeza) hoje acabados com igualdade ás mais officinas, formando huma das magestosas Casas, em que na Corte avulta o culto de Deos, e a grandeza della.

Fr. Luiz de Sousa. 1. p. l. 3. cap. 17.

Mas naõ deixarey de avaliar bem a modestia daquelles seus primeiros habitadores, que tendo bastante largueza, e pedindo a da Casa exteriores de mais vulto, cahindo-lhe dous lanços de Dormitorio sobre a celebre praça do Rocio (donde se podia desculpar a demasia, com as licenças de ornato, e correspondencia da praça) assim he tosca, e humilde a frontaria (para o que hoje vemos em outras fabricas Sagradas) que quem por dentro examina a largueza desta, confessa, que a desconheceo por fóra; em fim Casa dilatada ao commodo de numerosa familia, e naõ á culpavel ostentaçaõ de grandeza.

Algumas accresceraõ depois que o Padre Frey Luiz de Sousa a descreveo, especialmente na Igreja, e Coro della. Na Capella mór se vê dourado hum grande retabolo, que lhe mede a altura: (he elle primoroso, e ella excessiva) oito de boa pintura, e douradas molduras de entalhado moderno, vestem de huma, e outra parte o espaçoso campo das paredes, que dando lugar sobre elles a seis grandes janellas, sobem a fechar em huma alterosa bodeda, mais vistosa com hum gracioso brutesco, que a afermosea.

No Coro correm por huma, e outra parte ayrosas, e bem lavradas cadeiras de bordo, acompanhadas de dous retabolos de entalhado, repartido em bem lavradas columnas, e ayrosas quartellas, dando em os vãos lugar a 22. quadros dos Santos da Ordem. Deveraõ-se ao Mestre Frey Domingos de Santo Thomaz, assim as copias dos Santos, como o dourado dos retabolos; a mais obra da Capella, e Coro ao Mestre Frey Alvaro de Mesquita, e a Frey Jeronymo da Assumpçaõ, aquelle Prior, este Sacristaõ mór do Convento, ficando os degraos do Altar de fino jaspe vermelho (mais duravel, e naõ menos vistosa alcatifa) e o pavimento do Coro do mesmo jaspe, tecido com preto, e branco, em extravagante xadres, sendo obra de Religiosos particulares, e entre elles do Mestre Frey Manoel Veloso, Deputado do Tribunal de Lisboa.

O corpo da Igreja, como ſe ſe quizera guardar no theor, e fabrica (reduzidas já hoje todas á moderna) para venerado padraõ da antiguidade, que obriga a hum certo reſpeito, e devoçaõ, ficou incapaz de emenda, ou melhora, pelo muito que ſe apurou na nave, que corre da parte da Epiſtola, em que ſe lavraraõ as Capellas de Santo Thomaz, do Senhor Jeſus, e do Roſario, taõ alteroſas, e bem acabadas, como ſe deſenganaraõ a correſpondencia nas frontarias. Melhorouſe com tudo eſta grande machina, aſſim no torneado das grades, que fechaõ eſta nave, como em huma tea, que divide toda a outra, ficando ambas com a melhora de duas raſgadas janellas, que no cabo de cada huma ſervem de Collateraes ao grande eſpelho, que fica ſobre a porta. Ve-ſe hoje todo o Templo livre, e deſembaraçado, ſuſtentada toda a ſua machina, que he mageſtoſa, em oito columnas; eſtado a que a reduzio a improporçaõ, que tinha em todo o corpo, e Capella, que para os primeiros tempos eraõ grandezas. Deveo eſte bem meditado deſembaraço ao Meſtre Frey Antonio do Sacramento, ſendo actualmente Provincial deſta Provincia. Agora eſpera pela proporçaõ, que lhe dará a induſtria, e architectura moderna, de que já ſe vem principios, (devidos á meſma maõ, que lhe quiz emendar os defeitos) promettendo avultar ſem elles entre as mais fabricas Sagradas, que hoje ſe veneraõ na Corte, como mageſtoſos Padroens da Chriſtandade.

O corpo do Convento ſe vê augmentado em obras de azulejo, eſpaçoſas, e bem lançadas eſcadas de pedra, deſafogada, e ayroſa Portaria; e iguaes ao Convento as mais officinas, melhor a Sagrada da Sacriſtia; Livraria eſpaçoſa, e bem acabada, obra, que ſe deveo ao Meſtre Frey Gonçalo do Crato, do Conſelho Geral de Lisboa.

Ao preſente ſe acha com notavel augmento pela induſtria, deſvelo, e profuſo diſpendio do Preſentado Frey Manoel Guilherme, cobrindo-ſe todas as paredes com ſegundas eſtantes (que tocaõ no tecto com artificioſos remates) em que ſe diſtribue huma numeroſa Livraria de nobre enquadernaçaõ, e taõ igual, como eſcolhidos os livros; e eſtes taõ copioſos, que foy preciſo recorrer a nova Caſa, que lhe fica contigua, e igualmente ornada, hoſpedando-ſe em huma, e outra os Varoens illuſtres de huma, e outra claſſe, ou na laborioſa applicaçaõ da penna, ou na rigoroſa obſervancia da vida, e entre elles infinitos Eſcritores da Ordem, como Antagoniſtas dos ſeus Inſtitutos, parece ſe devia eſculpir nos jaſpes daquellas artificioſas portadas por glorioſo timbre eſta letra: *Felices, quibus contigit aut ſcribere legenda, aut facere ſcribenda!*

O Clauſtro com eſpaçoſo ambito, cuberto com deſafogadas, e alegres varandas, que deſcançaõ ſobre ayroſos arcos de bem lavrada pedraria, com remates, e embutidos de jaſpes pretos, e vermelhos. Cercaõ eſtes com grades hum deſembaraçado terreiro, que com vario lavor de murtas ſe reparte em ruas, dando no meyo lugar a hum tanque, que em fórma

engenhosa oitavada sustenta no centro della em hum pilar huma grande taça, em que de outro se recebe a agua destilada em artificios varios. Assim o saõ os jaspes finos, que matizaõ toda a obra. Deveo-se esta ao desvelo do Mestre Frey Pedro Calvo.

Mas naõ deixarey em silencio o ornato, que lhe veste as paredes, naõ pela vida de Nosso Padre estampada em azulejo, (obra grosseira, e indigna de ser estampa daquella vida) mas pela que se lê animada em huns dysticos do Padre Fr. Luiz de Sousa, que parece destinou muitos annos antes o fino desta Poesia a dissimular o tosco daquella pintura, bem afortunada (e quando o naõ foy o enorme?) em achar alli huma penna, que lhe trocasse os borroens em figuras, ou hum espirito, que animasse com a vida da Poesia o tosco daquelle barro.

Vese no primeiro quadro a Senhora Dona Joanna de Aça, mãy de Nosso Padre, descançando em hum leito, e representando-selhe hum rafeiro com huma tocha acceza na boca; e diz inferior ao quadro o dystico:

Vera vides genitrix: Cœlestem condis in alvo,
Qui mundum accenso personet ore, canem.

Vese no segundo quadro Domingos menino, quando sahindo do Sagrado banho do Bautismo, se lhe divisou na testa huma Estrella, aurora, com que lhe madrugou o dia da graça; e diz inferior ao quadro o dystico:

Fax in ventre latens, jam sacro fonte lavatus
Aurora est, ardens postmodo Phœbus erit.

Vese no terceiro quadro Nosso Padre acompanhado do Bispo de Osma, quando (para confusaõ da pertinacia heretica) lhe inrespeitou tres vezes o fogo o livro, em que escrevera as verdades da doutrina Sagrada, ardendo em hum instante o que continha os dogmas hereticos; e inferior ao quadro diz o dystico:

Absumens pravum pia litem flamma diremit,
Et sanctum innocuæ ter repulere faces.

Vese no quarto quadro a Rainha dos Anjos, dando a Nosso Padre hum Rosario, para que saya a espalhallo pelo Mundo, como seu primeiro Missionario; e inferior ao quadro diz o dystico:

Accipe ab æthereo missum tibi munus Olympo,
Orbis tutamen, deliciasque meas.

Vese

Vese no quinto quadro Nosso Padre na guerra dos Albigenses occupando a vanguarda do campo Catholico, Alferes daquella Sagrada bandeira, que já arvorada sobre o Calvario, deu a conhecer vencido o mesmo adversario, que agora em seus sequazes lhe fazia rosto. E se lá mais victoriosa, quando rota de huma lança, aqui naõ menos feita alvo das settas inimigas, como se de estandarte se passara a escudo para recebellas; e inferior ao quadro diz o dystico:

Pro Christo certans, scutum Crucis objicit hosti,
Hanc solam, illæso milite, tela petunt.

Vese no sexto quadro Nosso Padre, glorioso Athlante da Igreja, que (figurada na de S. Joaõ de Latraõ em Roma) ameaçando ruina, encontrava aquelles grandes hombros para evitalla;) mysteriosa visaõ, representada em sonhos a Innocencio III.) e inferior ao quadro diz o dystico:

Quam potuit quondam templi cohibere ruinam,
Per sobolem verus nunc quoque fulsit Athlas.

Vese no setimo quadro Nosso Padre com os joelhos em terra, mãos, e olhos no Ceo, pedindo clemencia a Christo Senhor Nosso, que indignado brandia tres settas para castigo do Mundo, quando sua piedosa Mãy lhe mostrava a Domingos, como suspensaõ do castigo dos homens, e fiador da emenda delles, como dizendo no dystico:

Nate, quis in miseros tantus furor? Aurea terris,
Hoc duce, restituet sæcula prisca fides.

Vese no oitavo quadro Nosso Padre recebendo com os joelhos em terra a confirmaçaõ da sua Ordem de Honorio III. e inferior ao quadro diz o dystico:

Quas sæpe Cœlis prænuntia signa probarunt,
Æterna leges consecro lege tuas.

Vese no nono quadro Nosso Padre, quando pernoitando na Igreja de S. Pedro em Vaticano em oraçaõ diante das reliquias dos grandes Apostolos Pedro, e Paulo, este lhe deu hum livro, aquelle hum bordaõ, como se hum lhe encaminhara os passos para correr a terra, outro lhe illustrara o entendimento para propor a doutrina; e inferior ao quadro diz o dystico:

Lustret & illustret mens æmula Solis ut Orbem,
Legis Evangelicæ est rector hic, ille viæ.

Vese no decimo quadro o Santo Reginaldo enfermo; Nosso Padre em sua cella orando por sua melhora; a Rainha dos Anjos (acompanhada das Protectoras da Ordem as Santas Catharina, e Cecilia) restituindo-lhe com mysterioso oleo a saude, e mostrando-lhe, e offerecendo-lhe o Escapulario branco, que queria lhe servisse a elle, e aos mais filhos de Domingos de habito; e inferior ao quadro diz o dystico:

Arte laboratam nostra tibi suscice vestem,
Reginalde, mei stemmata Dominici.

Vese no decimo primeiro quadro Nosso Padre recusando a offerta de tres Mitras; escravidaõ, que temia por authorizada, naõ por trabalhosa: e inferior ao quadro diz o dystico.

Prodigus ad pœnas renuit, horretque Tiaras:
Omnis anhelanti sidera sordet honos.

Vese no decimo segundo quadro Nosso Padre diante de hum Crucifixo com os joelhos em terra, descubertos os hombros, descarregando sobre elles com rigorosa maõ huma cadea de ferro, (que tres vezes os banhava em sangue entre dia, e noite) e inferior ao quadro diz o dystico:

Ferrea vincla diu, terque horrida verbera noctu
Alterna repetunt conditione vices.

Vese no decimo terceiro quadro Nosso Padre no meyo daquelles funestos espectaculos, em que triunfou da morte a sua piedade; o sobrinho do Cardeal despedaçado da queda de hum cavallo; o official opprimido da parede do Convento em que trabalhava; a viuva chorosa, e mostrando-lhe o filho sem vida; os quarenta romeiros, que sorveo tormentoso o rio de Tholosa; e inferior ao quadro diz o dystico:

Quæ non monstra tibi, quæ non miracula cedent,
Cui toties spoliis mortis onusta manus?

Vese no decimo quarto quadro N. Padre com os Religiosos em Communidade no Refeitorio do Convento de S. Xisto em Roma, levantadas as mãos, e olhos ao Ceo, quando sem haver para aquella Santa Familia hum paõ, (por se ter dado de esmola hum unico, que havia em Casa) entraraõ dous Anjos pelo Refeitorio, repartindo a cada Religioso o seu; e inferior ao quadro diz o dystico:

Felix paupertas! Quid non speremus egeni?
Cœlicolûm o socii pascimur ecce penu.

Vese

Vefe no decimo quinto quadro Noffo Padre arrebatado em hum extaſi diante de hum Crucifixo; e o demonio em fórma de horrivel dragaõ voando-lhe fobre a cabeça, e ameaçando-lha com hum pezado, e defmedido penedo; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Corpoream excidit molem ſuper aera raptus:
Nec pavet inſidias, hoſtis inique, tuas.

Vefe no decimo fexto quadro Noffo Padre, e feu companheiro pizando hum deferto; o Ceo defatando-fe em formidavel inundaçaõ; mais ao largo (já fereno o Ceo) bufcando-o o Povo com reverencia, e applaufo; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Qui potuit pluvias cohibere, & claudere cœlum,
Hunc mira populi religione colunt.

Vefe no decimo fetimo quadro Noffo Padre entre as faudofas lagrimas dos filhos efpirando; hum Anjo no ar com huma coroa, e huma palma; e inferior ao quadro diz o dyſtico:

Ergo triumphales fert victor ad æthera paſſus,
Sacra manus ornat palma, corona caput.

He iſto o mais notavel, que accrefceo á fabrica defte Convento. Naõ ferá defagradavel leitura aos que o naõ viraõ, nem defmerecido premio ao zelo dos Religiofos, que o ornaraõ.

CAPITULO III.

Dos Meſtres Frey Pedro de Magalhaens, Frey Agoſtinho de Cordes, Frey Guilherme do Vadre.

Athenas Dominicana podiamos chamar á Cafa de S. Domingos de Lisboa, porque fendo ella pella mayor parte a em que refidem os Meſtres em Theologia, com a circunſtancia de fer huma das cinco Univerſidades, que tem eſta Provincia, aqui fe achaõ as fciencias nos feus dous eſtados, já na cuſtofa fadida de aprendidas, já na focegada felicidade de laureadas. Mas naõ roubara eſta ás Caſas a gloria de berços de feus benemeritos filhos, contantando fó aquelles, que a refpeitaraõ mãy, e naõ os que a efcolheraõ vivenda.

O M. Fr. Pedro de Magalhaens.

Foy hum delles o Meſtre Frey Pedro de Magalhaens (entende-fe dos que mereceraõ eſta lembrança, e nos chegaraõ á noticia desde a ultima, que o Padre Frey Luiz de Soufa nos deixou deſta Cafa) que dado todo áquelles dous extremos taõ difficultofos de ajuntar, como Aula, e Coro, letras, e virtude, fervia de exemplo aos que o viaõ, e de Oraculo aos que o

o eſcutavaõ. A lãa junto à carne, o jejum rigoroſo, as Matinas continuas, as diſciplinas continuadas, e, o que mais era, hum Argos da obſervancia, ſem haver couſa, que mais o laſtimaſſe, que as quebras della.

Correo as Cadeiras, graduouſe Meſtre, e deu á eſtampa (ſazonado fruto de ſeus eſtudos) dous Tratados, hum de *Scientia Dei*, outro de *Prædeſtinatione*, como ſe quizera teſtemunhar a quem (ſem experiencia do que era) o viſſe naquelle honrado zenith das letras, que o que o tinha levado a elle foraõ applicaçoens, e naõ induſtrias. Paſſou a Evora Deputado daquelle Tribunal da Inquiſiçaõ, occupaçaõ em que deſcobrio tantas capacidades, que ellas o trouxeraõ para o lugar da Meſa Grande do de Lisboa, Cabeça de que dependem as direcçoens de todos os do Reyno. Alli preſidio por muitos annos, ſendo naquelle lugar o Oraculo daquelles; e taõ lembrado do que devia á Religiaõ, como Mãy, e a ſi como bom filho, que a deſvelos, e diligencias conſeguio, que ſe lhe deſſem os tres lugares de Deputados em Lisboa, Evora, e Coimbra. Se foy reconhecimento com a Mãy, naõ deixou de ſer zelo com o Tribunal, convencendo-ſe (com experiencias de portas a dentro) como nelle ſabem os filhos de S. Domingos ſeguir as pizadas daquelle Pay, que foy o primeiro, que aſſim as deixou trilhadas em ſerviço da Fé. Era eſta huma graça com circunſtancias de reſtituiçaõ; e moſtrou o Meſtre Frey Pedro, que no Tribunal da melhor juſtiça naõ ſoube ſer filho ſem os dictames della. Piedade, e inteireza benemerita de toda a noſſa memoria!

Compaſſivo com os enfermos, e liberal com os pobres, com o que neceſſitavaõ acudia a cada hum, entrando a ſua comiſeraçaõ pelas cellas dos Religioſos, que via mais deſamparados, ſem eſperar mais diligencia, que ter eſſa noticia. Neſtas, e ſemelhantes obras gaſtava o que lhe rendia o lugar da Inquiſiçaõ, lucro ignorado aſſim da ſua cella, como da ſua peſſoa. Taõ poucas eraõ as alfayas daquella! Tanto o deſprezo com que tratava eſta! Faleceo carregado de annos, (inda que naõ pezaõ naquella hora os bem gaſtados) recebidos com piedade Chriſtãa, e devoçaõ Religioſa todos os Sacramentos, com grande paz de eſpirito, e confiança em Deos, em 11. de Fevereiro de 1675. Tem ſepultura no Capitulo.

O M. Fr. Agoſtinho de Cordes.

Naõ pizou o eſtreito caminho da obſervancia o Meſtre Frey Agoſtinho de Cordes com menos circunſtancias, e experiencias de grande eſpirito. Toda ſua vida fora huma continua advertencia de ſogeitarlhe o corpo. Graduado pelas Eſcolas, leo algum tempo no Collegio da Rainha Dona Catharina Moral, com o acerto de quem meditava os mayores de ſua conſciencia. Já entrado em dias, voltou todos os cuidados a eſperar o ultimo. Dos livros para o Coro era o ſeu continuo commercio. De noite o deixavaõ na Igreja viſitando os Altares os ultimos que ſahiaõ della, e nella o achavaõ já os que a buſcavaõ de madrugada.

Aſſim

Assim parecia inculpavel a sua vida. Nunca no voto dos justos lho parece á sua. Seria essa a razaõ, porque o Mestre Frey Agostinho a perseguia com penitencias. Sobre o jejum continuado, era o que comia taõ pouco, que o parecia inda para sustentos; mas nem por isso lhe enfraquecia o braço para os golpes da disciplina, sendo estas naõ só amiudadas, mas taõ rigorosas, como o mostravaõ as pedras da Igreja, donde muitas vezes era o sangue viva testemunha.

Com este estylo de vida a passou muitos annos neste Convento, vindo a acabar nelle ditosamente com todos os Sacramentos, e edificaçaõ grande dos Religiosos, aos 4. de Fevereiro de 1662. Está enterrado á entrada do Capitulo; e abrindo-se a sua cova alguns annos depois (sendo Prior o Mestre Fr. Valerio de S. Raymundo, Bispo que foy de Elvas) se achou inteiro o corpo. Naõ duvido, que póde ser talvez privilegio de melhor compleiçaõ, mas talvez tambem de melhor vida. Quando o he esta, he aquella notavel circunstancia. Aos Justos prometteo Deos esse privilegio. Assim está escrito. Nós narramos, naõ diffinimos. Tambem affirmaõ, que á hora da morte lhe assistiraõ Nossos gloriosos Patriarchas Francisco, e Domingos. Venturoso filho, que na vida lhes seguio as pizadas, na morte lhe vieraõ mostrar o termo dellas!

Nec dabis Sanctum tuum videre corruptioné. Psalm.15. 10.

Mas que venturoso seculo o em que a sciencia humana se deu as mãos com a Divina! Esta nos diz o Sabio, que tem seu principio no temor de Deos. Assim achamos os filhos desta Casa, sabios ao Divino, como ao humano, porque taõ tementes a Deos, como Letrados. Em huma, e outra sciencia exercitavaõ a vida. Vida venturosa na veneraçaõ da terra, e no premio do Ceo! Destinado a este, como merecedor daquella, professou, e viveo neste Convento o Mestre Frey Guilherme do Vadre, grande Theologo em huma, e outra Theologia. Com igual applauso passava da Cadeira ao Pulpito. Assim sabia ensinar discipulos, como reduzir peccadores. Naõ prégava só com a palavra, mas com a vida; naõ só com a vida, mas com as exterioridades della; assim para edificar a quem o via, ou escutava, naõ desdiziaõ as cores do rosto do feitio do habito. Huma imagem da penitencia respirava naquella mortalha: quem vivia morrendo, como morreria acabando? Recebeo todos os Sacramentos, e com grande socego de espirito passou aquelle ultimo golpe, como quem sempre se andara ensayando para elle, em 9. de Novembro de 675. Tem a sua sepultura no Capitulo.

Psalm.15. 10.

O M. Fr. Guilherme do Vadre.

CAPITULO IV.

Dos Padres Frey Manoel do Espirito Santo, Frey Antonio de Jesus, Frey Thomé de .... Mendonça, e Frey Belchior da Franca.

CORRIA o anno de 1638. Era Provincial desta Provincia o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, Ministro Geral da Ordem Frey Niculao Rodulfo, quando veyo a ella, pedin-

pedindo a humilde mortalha Dominicana, o Padre Frey Manoel do Espirito Santo, taõ doutrinado por elle, como se lhe pedira o titulo menos para nome, que para morte. Assim o mostrou logo nos primeiros passos de vida observante. Estes o levaraõ nos primeiros annos a buscar o centro della na Recoleta Bemficana, que entaõ se levantava entre todas as da Provincia com mayor reputaçaõ de reformada. Alli accrescentou o numero daquelles verdadeiros professores da Religiaõ, e da austeridade, servindo de espelho aos mesmos, de que a sua humildade tomava exemplo.

O P. Fr. Manoel do Espirito Santo.

Já o seu dava tanto que entender ao inimigo das almas, que o começou a buscar astuto, com a esperança de que quando lhe naõ arruinasse a consciencia, sempre lhe assustaria o socego. Assim lho queria turbar no Coro, que sendo o Padre Fr. Manoel huma imagem da modestia, antes da mortificaçaõ religiosa, se lhe percebiaõ bem sinaes como de que o perseguiaõ, e apertavaõ Com o capello na cabeça, os olhos no chaõ, as mãos cruzadas sobre o peito, acompanhava o Coro; mas no modo, com que se encolhia, e se apertava a si mesmo, se advertia a violencia, que o mortificava. Junto isto com a observaçaõ, que se fazia de sua vida, facilmente se dava no que era. Passou a mais a astucia diabolica.

Como o Padre Frey Manoel por muito retirado parecia esquivo, e era pouco o seu commercio, ainda com os Religiosos da Casa, naõ deixavaõ alguns de lhe censurar a estranheza. Doia-se elle, lastimava-se interiormente; naõ fiou da sua constancia naõ romper em alguma impaciencia; resolveo-se a mudar de Casa. Passou á de Aveiro, naõ achou nella menos reforma, entendeo, que mais socego; mas o inimigo, que, vendo-o retirar, concebia novas esperanças de o vencer, lá o acompanhou com aquella mesma astucia, que já calificava por poderosa. Começou de introduzirlhe desconfianças de que era aborrecido, e murmurado na Casa. Este pensamento o trazia em huma continua batalha; finalmente triunfou delle hum dia.

Divertiaõ-se alguns Religiosos (e de boa nota) praticando naquella hora, em que a Religiaõ dispensa o silencio: eis-que accendido em colera, com passos arrebatados, e vozes impacientes, chega Frey Manoel rompendo nestas palavras: *Bem sey, Padres, bem sey, que estaõ murmurando de mim.* Voltaraõ comedidos, e assombrados os innocentes Padres, testemunhando como se enganava, e pertendendo socegallo. *Sey* (continuava elle) *que murmuraõ; agora o faziaõ.* Gloriava-se o demonio que o tinha vencido; naõ lhe durou muito esse engano. Mal tinha voltado as costas recolhido á cella, quando abrindo outra vez a porta, corre aos Religiosos, e deixando cahir ao mesmo tempo as lagrimas dos olhos, e o corpo sobre a terra, repetia: *Padres, perdoemme pelas Chagas de Christo. Perdoemme: fuy tentado.*

Algumas vezes (inda que naõ chegando a tanto excesso) se lhe ouvio alguma palavra, filha de semelhante desconfiança; mas

mas assim a castigava logo em si, que se desenganava o inimigo, que mais perdia nas emendas, que ganhava nas quedas. Assim continuou o Padre Frey Manoel com mais socego, se he que havia instante em que o conhecesse quem fazia continua guerra a tudo o que o parecia. Cingido andava junto á carne, naõ fiando só da lãa a mortificaçaõ della, naõ se soube se eraõ cordas, ou cilicios; do modo, com que se meneava, se entendia huma cousa, ou outra. Jejum inviolavel, acompanhado de aspera disciplina; Matinas continuas. Quando a Religiaõ dispensava nellas, ou nas de privilegio, ou nas duas recreaçoens do anno, no Coro, diante do Santissimo, passava até á meya noite. Se havia Matinas, dellas até pela manhãa. Perseguido do sono, o agasalhava huma taboa, que era a cama, que escondia na cella, mas communmente o pavimento da Igreja.

Do Rosario era devotissimo, assim lhe chamavaõ o Frade do Terço. Para elle applicava o pobre estipendio de alguma Missa, comprando Rosarios para repartir pelo Povo. Com aquella Santa negaça o seguia a innocencia dos pequenos: inclinava-os á devoçaõ com ella, e entre elles a dispendia. Naõ gostava o inimigo daquelle contrato, embaraçava-lhe as contas. Por mais que as separasse, e as dividisse, amanheciaõ juntas, e embrulhadas. Resolveo-se em separallas pela parede da cella. Deulhe o demonio em huma occasiaõ huma bofetada; sospeitou-se, que sobre esta demanda.

Perseguiaõ-no achaques, receitavaõ-lhe os Medicos, que comesse carne, (parecia-lhe, que era comprar cara a saude) nunca o obrigaraõ a comella. Este rigor de vida naõ lha promettia muito larga; mas assim parece, que a reforçava na penitencia, que chegando a contar nella 65. annos, inda o que lha tirou naõ foy achaque, seria o amor de Deos, poderoso como a morte. Pareceo, que teve revelaçaõ della. As circunstancias parece que podiaõ ser provas.

Era Vespera de Natal de 1671. estava sem nova molestia; foy-se ao Prelado (entaõ o Padre Prégador Geral, e Presentado Frey Gaspar de Araujo) pedio-lhe com humildes, e encarecidos rogos, que lhe désse a Communhaõ Sagrada por Viatico, que estava em hora de pedillo. O Prior, que o via sem accidente, que lhe favorecesse a supplica, mandou-o recolher na cella, passando aquella, entre os Religiosos, por desatino ou de annos, ou de escrupulo. Callou, e obedeceo o bom subdito; assistio a Vesperas, e Completas daquella devotissima solemnidade; chegou-se a de Matinas, tocaraõ o primeiro, juntou-se a Communidade no Coro, só faltava Frey Manoel, que sempre madrugava para elle. Faziaõ reparo os Religiosos; (tinhaõ-no visto, naõ muito antes, chegar ao lampiaõ, a buscar luz com socego, e desassombrado) suspendia ao Prelado o mesmo pensamento, convenceo-se que seria sono.

Mandou, que o chamassem; resultou da diligencia saberse, que naõ deferia a nenhuma; sobe o Prelado, abrelhe a cella, acha o bom subdito sem

vida sobre huma taboa. Cresce o assombro, examinando o modo, com que jazia. As mãos em Cruz sobre o peito, nellas hum Crucifixo, compostos os olhos, e mais membros do corpo, em fórma, como se alheya diligencia o accommodara. Repararaõ mais, era lavado o habito, os interiores o mesmo, novidade tudo para o que usava comsigo. Este era o talamo, em que esperava naquella noite o Esposo, que com passos de Gigante vinha buscallo, e este o adorno candido, com que se preparou sua alma com alvoroços de esposa.

Tratavel, e flexivel estava o corpo; e mais examinado, o acháraõ cingido com huma cadea de ferro, taõ entranhada na carne, que se lhe tirou com violencia. (testemunhava-o quem o vira). Semelhantes atavios de penitencia sem outra cousa se lhe acharaõ na cella. Trouxeraõ-no para o Coro. Divulgarase já pela Villa o successo; corriaõ todos, convidando-se anciosos huns aos outros, para verem o Frade Santo. (este o epitheto, que sua vida lhe grangeara naquelle Povo). Era mais ditoso o que chegava a vello; contentava-se com tocar contas no esquife o que naõ podia estender a maõ ao habito, defendido naõ com pouca difficuldade da diligencia dos Religiosos.

Deraõ-lhe sepultura no Capitulo, e sem duvida a deu elle em sua vida aos favores, que do Ceo grangeara com ella, que parece naõ podia ser menos, que revelaçaõ aquelle repentino aparelho, e precederem cousas mayores áquelle novo transito. Mas o que a sua modestia escondeo na vida, quiz dar a conhecer o Ceo na sua sepultura. Abria-se esta, (passados annos, havendo de enterrar-se hum Religioso, e sendo a mais antiga das que tinhaõ servido) eis-que se enche o Capitulo de hum suavissimo, e novo cheiro; acodem os Padres, dase conta ao Prelado, (era o Presentado Fr. Silvestre Pacheco) mandou cobrir a cova. Era Sacristaõ o Padre Frey Domingos da Cruz, Prior de Azeitaõ, quando isto escreviamos, e da sua mesma boca o escrevemos.

Testemunhava o mesmo Padre da grande reputaçaõ, com que o Servo de Deos vivera na Villa, havendo tradiçaõ da fé, com que recorriaõ a elle nos apertos. Os enfermos, suspirando-o á sua cabeceira, como mais segura mesinha. Reconheceo-o assim huma viuva, natural da mesma Villa, por nome Dalida Francisca, que desconfiada dos Medicos em huma longa doença, e visitada do Servo de Deos, lhe disse: *Padre, encomendeme a Deos; que certamente morro. Naõ se desconsole* (lhe tornou o Padre) *que, passados tres dias, convalecerá de todo.* E assim succedeo. Semelhantes casos ficaraõ antes em memoria de seculares, que dos Religiosos. Devido reconhecimento daquelles, como custumada, mas culpavel omissaõ de estoutros.

Com a mesma Patria, e Casa parece que herdou o espirito deste irmaõ, e patricio o Padre Prégador Geral Frey Thomé de Mendonça (dos Anjos se chamou primeiro) filho de pays nobres. Muitos annos viveo na Recoleta Bemficana verdadeiro cul-

O P. Fr. Thomé de Mendonça.

cultivador della. Assim o foy da humildade Religiosa, que nunca o poderaõ inclinar a aceitar prelasia. Desejava-o aquelle cargo, descobrindo nelle hum claro entendimento, de que se podiaõ esperar acertos, e huma incançavel vigilancia, a que se naõ poderiaõ atrever relaxaçoens. Se os que elegem buscaraõ estas qualidades no Prelado, nem nos subditos se escutaraõ queixas, nem na Religiaõ se lamentaraõ quebras; mas naõ temia o Padre Frey Thomé a pensaõ, escusava-se á singularidade.

Era o seu centro a cella, e o Coro; sempre lhe seria violenta occupaçaõ, que o escusasse daquelle centro. Tinha na cella quem lhe prendesse os desejos, a communicaçaõ dos livros Sagrados. Finalmente mal teria genio para se facilitar a publicidades, e negocios, quem só o tinha para viver sepultado. Mas venturosos seculos, em que se desenterravaõ os sogeitos para os cargos! Lá no seu retiro o foy buscar o voto do Prelado da Provincia (era entaõ o Mestre Frey Manoel Pereira, que depois foy Bispo do Rio de Janeiro, e Secretario de Estado) que como filho da mesma Recoleta Bemficana, nada o desvelava tanto, como a conservaçaõ da reforma della, e só no zelo de Frey Thomé descançaria a sua diligencia. Propollo para Prior aos Religiosos da Casa, sahio eleito, mas foy tanta sua pena, como sua repugnancia. Entrou a emmudecello a obediencia; encolheo os hombros, disse que aceitava.

Recolhe-se á cella, toma a capa, e o caminho de Lisboa, entra por casa do Conde de Castello Melhor, (neste tempo valîdo, e em que se ajuntaraõ todas as prendas benemeritas do valimento, sendo nelle synonymos o valer, e o prestar) pede aos criados que digaõ, que hum Religioso de Saõ Domingos o busca com huma grande importancia. Sahio o Conde, achase com hum Frade amortalhado em hum pouco de burel branco, cores no rosto, que naõ desdiziaõ da mortalha, cuberto de suor, e sinaes de affliçaõ grande, que lançando-selhe aos pés, o deixa assustado, e compadecido. Levanta-o nos braços, e perguntando-lhe a causa de semelhantes excessos, responde Frey Thomé: *Senhor, para o aperto, em que me vejo, naõ busco menos pessoa, que a de V. Excellencia, donde só conheço juntos o poder, e a benignidade, para se me naõ castigar a confiança, e se me deferir á supplica. O meu Provincial me fez Prior de Bemfica, tirando-me do canto da minha cella. Aquelle lugar, Senhor, pede pela honra outros merecimentos, e pela carga outros hombros; huma cousa, e outra me falta, sobejando-me só o conhecimento para entender, que me naõ posso salvar naquelle cargo. Como poderá servir de exemplo aos outros, quem só serve de confusaõ para si? Vossa Excellencia, que tudo póde, sesa valia, para que o meu Prelado me absolva.*

Assim fallou Frey Thomé, continuando com instancias fervorosas, e repetidas, de que convencido o Conde, naõ acabava de admirarse, vendo hum espirito, a que as honras metiaõ medo; maxima nunca imaginada nos votos politicos, e já esquecida nos monasticos. Alcançoulhe

çoulhe a abſolviçaõ; e o bom velho vendo já aquelle grilhaõ limado, rompeo em taes demonſtraçoens de goſto, que antes parecia louco, que ſatisfeito. Quem aſſim queria deſembaraçar ſua conſciencia, ſem duvida a trazia muy apontada. Parece, que ſe lhe diviſava a pureza della na limpeza da cella pobre, e deſarmada, e naquelle burel, que veſtia. Corria entaõ de ſorte a ſeveridade daquella Recoleta, que para fazer exceſſos baſtava obſervalla, e era o Padre Frey Thomé hum dos que o faziaõ á riſca.

O jejum das Conſtituiçoens obſervava inviolavelmente; e como eraõ raras as ſahidas do Convento, raras vezes comia carne; continuava os exercicios penitentes, ſendo as paredes das Capellas mais retiradas boas teſtemunhas do que carregava a maõ nas diſciplinas. Era aſſim continuo nas Matinas á meya noite, que de já feito a ellas, naõ votava, que inclemencia dos tempos (a que o ſitio fazia mais rigoroſos) baſtava a diſpenſallas. Acabadas, ſe deixava ficar na Igreja viſitando os Altares, e nem eſte deſvelo o tirava de ſer o primeiro, que á Prima apparecia no Coro. Lãa ſempre junto á carne, nas tunicas, e nas mantas, de que ſó o diſpenſava o ameaço do Medico com o preceito do Prelado; ſilencio continuo, aproveitando-ſe para recreyo de poucas horas das que coſtumaõ diſpenſarſe para elle.

Oraçaõ, a menos no Coro, a mais na cella, para o que era perpetuo o ſeu recolhimento. Aſſim vivia taõ eſquecido de tudo o que era Mundo, como ſe nunca lhe eſquecera, que vivia amortalhado; ou aſſim o eſquecia, porque o conhecia tanto. Succedendolhe praticar em couſas delle entre peſſoas, que ſe canſavaõ em averiguar a verdade, coſtumava dizer: *Que naõ importava, que ſe examinaſſem eſſes pontos; que baſtava dar aquelle alivio aos ouvidos.* Era a pratica de politicas do Reyno, ou noticias dos eſtranhos, porque as em que podia haver couſa, que encontraſſe a modeſtia, ou caridade, naõ o mereciaõ ouvinte. Filoſofava bem o que era o Mundo, e ſem mais ſer, que apparencias, tinha que ver e ouvir, naõ que examinar; porque ſendo tudo nada, e tudo fallivel, em que podia haver verdade, mais que no conhecimento de naõ haver couſa que o foſſe?

Finalmente a oraçaõ, a penitencia, o ſilencio, o retiro, era o commum daquella Caſa, e o Padre Frey Thomé taõ pontual nelle, como ſe o quizeſſe ſingularizar em ſi. Com eſte eſtylo de vida, em boa velhice o alcançou a morte. Cahio de huma doença, que deſcobrio em breves dias, que ſeria a ultima; e achou-o taõ deſenganado, como ſe ſe lhe anticipara a noticia. Pedio os Sacramentos, que recebeo com ſocego, e paz de eſpirito, e entre actos de verdadeira penitencia, e conformidade começou a eſperar pela morte. Neſte eſtado paſſou alguns dias, em que, depois de repetir demonſtraçoens penitentes, e religioſas, dizia com inteireza, que ſó podia ſer filha de ſobrenatural eſperança: *Eu já eſtou Sacramentado; pois que faço aqui?* Eraõ amantes, e ditoſas

tosas impaciencias de se lhe alongar o caminho para o eterno descanço. Assim passou placidamente a elle em hum Sabbado, alguns dias antes da Exaltaçaõ da Cruz, pelos annos de 1681.

O P. Fr. Antonio de Jesus.

Do Padre Frey Antonio de Jesus (seria pela vulgaridade do nome) naõ ha mais noticias, que as que se pódem inferir de espirito, que já de crescidos annos vem buscar o retiro dos Claustros Sagrados. Achava-se já este Padre, quando pedio o habito, e se recebeo á Ordem, graduado na Universidade de Coimbra em a Faculdade de Medicina, e com bom nome nella. Professou neste Convento de S. Domingos de Lisboa com o Padre Frey Thomé de Mendonça aos 4. de Junho de 636. sendo Prior o Presentado Frey Mauricio da Cruz, Mestre da Ordem Frey Niculao Rodulfo. As mais, ou para melhor dizer, todas as particularidades de sua vida se perderaõ no tarde, com que chegamos a inquirir della, por chegar á nossa maõ a obrigaçaõ deste trabalho, depois de muitos annos de descuido. O que póde conjecturar-se para mayor dor, he, que naõ deixariaõ de ser notaveis as que mereceraõ, ainda nas froxidoens daquelle tempo, o reparo, que nos ficou em hum assento antigo, de que fora sua morte com grandes sinaes de predestinado.

O P. Fr. Belchior da Franca.

Pertence tambem sem duvida a esta Casa o Padre Fr. Belchior da Franca, nobre por nascimento; filho de Tangere, e da Vigairaria, que tivemos naquella Praça, que com esta filiaçaõ professou neste Convento de S. Domingos de Lisboa aos 10. de Outubro de 618. nas mãos do Mestre Frey Diogo Ferreira, entaõ Prior, sendo Geral da Ordem o Mestre Frey Serafino Papiense. Mas extincta a Casa de Tangere, (memoria sempre lamentavel) só a Lisboa pertence a sua, como a berço, em que começou a viver a vida religiosa. Assim o foy a sua, que se grangeou á reputaçaõ de justificada, falecendo com a de Santo, como consta de hum assento, que se lê na margem do da sua profissaõ, no livro dellas, que se guarda nesta Casa, e diz: *Obiit cum opinione Sanctitatis.* E sem duvida he lembrança, que se naõ mereceo menos, que com acçoens de virtude conhecida, e examinada. Mas he entre nós taõ poderoso o descuido, que conto por milagre o terlhe escapado este assento, roubando no mais a gloria a Tangere, de que este Padre era filho, e a todos a edificaçaõ, e o exemplo.

CAPITULO V.

De alguns Religiosos filhos deste Convento, de reputaçaõ em letras, Pulpito, e tirados da Ordem para Bispos.

O M. Fr. Domingos de Santo Thomaz.

PArece, que se destinou a este Convento, como Cabeça da Provincia, hum filho, que naõ só a ella, mas ao seu seculo servio de coroa. Este foy o Mestre Frey Domingos de Santo Thomaz, (a quem por muitos seculos bastará para Chronica só o seu nome) talento digno da Corte, que lhe deu Patria, do Convento, que lhe deu berço, e da Provincia, que o escolheo filho. Nada para tanto Varaõ devia ser menos que

grande.

grande. Cursou as Aulas com aquellas esperanças, que deviaõ começar a fazer lugar ás suas prendas, sendo taõ grande o brado dellas, quando acabava a trabalhosa tarefa dos estudos, que já na Cadeira, e no Pulpito o começavaõ a conhecer Oraculo; encarecimento, que reduzio a verdade em todas as occasioens, em que os melhores juizos ou o consultaraõ discipulos, ou o quizeraõ examinar sabios.

Achava-se no Mestre Frey Domingos huma comprehensaõ universal com que fallava em todas as sciencias, e artes, com frase taõ propria, e taõ individual estylo, como se aquellas noticias foraõ profissaõ, e naõ engenho. A isto se ajuntava huma graça, e fermosura no dizer, huma clareza no propor, huma viveza, e facilidade no soltar, que poderaõ bem os applausos intitulallo Mercurio Dominicano, como os de Licaonia ao mayor Theologo do Apostolado.

Vocabant Paulum Mercurium, quia ipse erat dux Verbi. Actor. 14. 11.

Seguio a estas luzes de benemerito a costumada sombra de pouco afortunado, sem terem mais ar as grandes azas de sua capacidade, que para chegar á esféra de Prior de Saõ Domingos de Lisboa, e ao Pulpito da Capella da Magestade delRey Dom Joaõ IV. Seria, que se envergonhavaõ os cargos, temendo ficar em restituiçaõ aos seus merecimentos taõ crescidos, e agigantados, que escaçamente haveria premio, que os livrasse de queixosos. Era Frey Domingos por si só tanto, que tudo fóra delle parecia pouco; mas era seu animo taõ comedido, que sem sombras de ambicioso (vendo-se nem escolhido do Reyno, nem da Religiaõ) costumava dizer com graça, e agudeza: *Que lhe davaõ todos o que lhe naõ podia dar nenhum*; *porque elRey lhe perguntava, porque o naõ faziaõ os Frades Provincial*; *e os Frades lhe perguntavaõ, porque o naõ fazia elRey Bispo. E que nem os Frades o podiaõ eleger Bispo, nem elRey Prelado.*

Naõ era isto appetecer lugares, que nem o mais levantado o faria mais conhecido, nem o de mayor reputaçaõ mais venerado. Assim se tinha adiantado a todos, que, convencidos os naturaes, entrava pelas portas dos estranhos. Cunduzidos desta noticia, o vinhaõ praticar á sua cella, talvez com escrupulos de que aquella lhe parecia demasiada, mas rara vez sem sahirem com o desengano do pouco que dizia. Residia na Corte com importancias de Castella o Batavira; descia acompanhado de Religiosos graves, e do Mestre Frey Domingos, a quem viera buscar, (fora na sua cella larga, e varia a pratica) adiantouse ao Mestre Frey Domingos na Portaria, e disse, voltando aos Religiosos: (*Padres Maestros este hombre era menester fundido*) como se dissera: Este homem era necessario eternizallo. Era Batavira Hespanhol de supposiçaõ, pezador de talentos, de capacissimo entendimento, versado nas Cortes dos Principes, e maduro com experiencias, e entendeo, que para hum taõ grande Capello, como o Mestre Frey Domingos, eraõ precisas as apocrifas urnas do Fenix, porque huma só vida era curto espaço, para se lograrem tantas virtudes.

Acompanharaõ a sua pessoa huma isençaõ casta, e modestia religio-

religiosa, que sempre foraõ acrédoras de seu bom nome. Teve tanto entre todo o genero de gente, que até entre a plebea chegou a ser na lingua do Povo adagio o seu conhecimento, como entre os politicos apoyo, para encarecerem hum sogeito. Era precisa a grande noticia, que todos tinhaõ delle, vendo-o, e escutando-o todos os dias ou na Cadeira, ou no Pulpito; taõ quotidiano (especialmente nelles) que, sem lhe ficar talvez tempo para se deter na cella, parece, que estudava em hum o que havia de dizer nos outros, e naõ faltavaõ incrédulos, que seguindo-o em todos com a esperança de o apanharem repetido, sahiaõ com a confusaõ de o escutarem adiantado.

Assim se espalhava a sua capacidade por todos os Pulpitos da Corte, (e pelos de mais reputaçaõ mais frequente) com taõ geral, e continuo applauso, que, encarecida qualquer grande celebridade, se accrescentava: *E préga Frey Domingos de Santo Thomaz.* Era na occasiaõ, em que as invenciveis armas Portuguezas, (favorecidas da razaõ, e do Ceo) davaõ a este Reyno, e especialmente á sua Corte, continuo assumpto de dar á Deos repetidas graças por repetidas vitorias das armas Castelhanas. Chegava a noticia a Palacio, delle com recado a S. Domingos, e sahia o Mestre Frey Domingos, talvez sem mais tempo, que o de pôr a capa nos hombros; da narraçaõ do successo, que hia muitas vezes sabendo pelo caminho, hia tecendo o Sermaõ. Chegava á Capella, sobia ao Pulpito, naõ era nada o fallar com acerto, mas com individuar os casos, e discursar sobre elles com tanto, que (a faltar a experiencia de repentina a noticia) passara por parto de bem meditado estudo, assim estava o seu no grao de consummado.

Sendo Regente dos estudos na Universidade de S. Domingos de Lisboa, já entrado em annos, assistia nas Aulas, e funçoens Escolasticas, arguindo, e instando, como se tivera entre mãos o ponto, que se disputava, naõ menos que o Lente, que o defendia. Era o seu argumento vivo, nervoso, claro, e convincente. Saber responderlhe, o melhor exame, naõ de Estudantes, inda de Lentes. Finalmente hum consummado, e grande Theologo, e facilmente Fenix do seu tempo.

Foy incançavel o seu estudo; culpavaõ-lhe a applicaçaõ naquelles annos, (eraõ já os ultimos) respondia: *Que entaõ começara a saber se lhe naõ acabara a vida.* Tanto he o que se ignora nella! E avaliava-o assim quem tinha feito tanto por ignorar menos. Grande confusaõ para quem, fazendo menos que pouco, já quer descançar no principio; ou para quem, satisfeito comsigo mesmo, entende, que ao pouco se deve seguir o descanço. Dos livros o levaraõ para o leito, soltando da maõ a penna para os actos de contrito.

Acabou finalmente o Mestre Frey Domingos, carregado de achaques, e de annos, mas mais de merecimentos, aos 30. de Junho de 675. fazendo-nos a morte a injuria de callar aquella boca, e secar aquella penna, em que nos roubou a melhor dou-

doutrina, e a mayor doçura, mas respeitando a sua memoria, continuada nos melhores votos deste seculo saudoso, como o em que elle viveo ennobrecido. Assim foy sentida sua morte, como desejada sua vida, naõ só dos domesticos, que o praticaraõ, mas ainda dos estranhos, e dos que só por tradiçaõ o conheceraõ; conseguindo o Mestre Frey Domingos aquella rara fortuna (e ninguem mais benemerito della) que o Seneca admirava: que naõ havia cousa mais fermosa, que viver no desejo de todos: *Quid pulchrius est quàm vivere optantibus cunctis*!

Senec. de clemen. ad Ner.

Escreveo o Mestre Frey Domingos toda a Theologia Especulativa em sete Tomos, obra, que examinada por grandes Theologos da Ordem, sahio com o credito de consummada, e legitimo parto de tanto talento. Está, ao tempo que isto escrevemos, em Roma, na maõ do Reverendissimo o Mestre Frey Antonino Choche, esperando da Imprenta, que será mayor credito para toda a Ordem, e para esta Provincia singular. Sermoens sem numero, que a pouca vigilancia, ou a muita industria dos que os guardavaõ, ou os pertendiaõ, espalhou por diversas mãos, mal empregados em algumas, e sepultados em todas, em detrimento do Author, a quem roubou a gloria, dos Prégadores, a que escondeo a doutrina, e dos piedosos, e doutos, a que tirou a liçaõ.

O que se imprimio. Hum Compendio Theologico (repartido em tres Tomos) que intitulou *Tyrocinios*, *ou rudimentos da Theologia*, dissimulando na modestia deste nome a felicidade, com que nelles a tratou toda, sendo facil a grande comprehensaõ, que teve della, o naõ faltar (na velocidade com que lhe corria a penna) a difficuldade alguma, proposta, difficultada, e resolvida, sem que a profundidade lhe embaracasse a clareza, ou a difficuldade lhe prolongasse o estylo; liçaõ, que bebera nas luzes do Sol de Thomaz, que teve por Mestre, e que fortunadamente lhe deu o sobrenome, repartindo tambem com elle o milagre de ajuntar na sua doutrina o breve, e o elegante, o profundo, e o claro, o seguro, e o subido: *Stylus brevis, grata facundia, celsa, clara, firma sententia*; panegyrico, que a Igreja canta á sua sciencia.

In festo Divi Thomæ.

Dous Tomos predicativos, a que intitulou: *Predica Sacramental* sobre o Hymno *Lauda Sion Salvatorem*, agudo, elegante, suave. O Triduo de Saõ Pio V. com aquella facilidade, e felicidade, com que costumava escrever o seu engenho, só em huma cousa pouco afortunado, que sendo tantos, e taõ grandes os partos de sua fecundidade grande, como cada dia o testemunhava a admiraçaõ, ou lendo-o nos pareceres, ou escutando-o nos Sermoens, pareceo inveja de sua fortuna, que se lhe eternizassem os mais rasteiros na Imprenta. Mas naõ bastará a omissaõ culpavel na perda de seus doutos papeis, para que se neguem a seu grande nome os em que a fama escreve, os que o mereceraõ á immortalidade.

Naõ se me dê em culpa, que alarguey a penna fóra das leys da Historia; que vida de tanto

Varaõ naõ póde ser narraçaõ, sem ser penegyrico. A quem quer que escrevesse o que este foy, estou certo, que lhe succederia o mesmo. Grande ventura do Historiador, encontrar verdades, que podem ser elogios!

O M. Fr. Alvaro Leitaõ.

Naõ foy menos estimavel filho deste Convento o Mestre Frey Alvaro Leitaõ, talento bem conhecido, e venerado na Cadeira, e Pulpito. Naquella mereceo na Religiaõ o nome de Mestre, com taõ grande reputaçaõ de letras, que só ellas igualaraõ á que teve de Pulpito. Este brado o levou a Prégador delRey Dom Joaõ o IV., lugar, que naquelle tempo pareceo herança da Familia Dominicana, contando-se nelle juntos cinco talentos, com que ditosamente negoceava esta Provincia com as grangearias do espirito, e do credito. Eraõ elles o Mestre Frey Domingos de Santo Thomaz, o Mestre Frey Alvaro Leitaõ, o Mestre Frey Fernando Soeiro, o Mestre Fr. Martinho da Fonseca, o Padre Frey Antonio de Lima, todos do partido.

Naõ faltaraõ depois talentos, mas naõ he igual a fortuna em todos os seculos; os filhos de S. Domingos para esse ministerio se espalharaõ pelo Mundo, para esse foraõ trazidos a este Reyno, e nunca desmereceraõ naquelle lugar o nome de seu. Cançaraõ as mãos, que se davaõ á sua humildade para que sobisse; a capacidade he a mesma, só com a diversidade de que entaõ mimosa, hoje esquecida. Naõ assim entre os doutos a noticia do Mestre Frey Alvaro, sendo hoje o que menos a favorece alguns escritos seus (de que lançou maõ a Imprenta) naquelle tempo norma, e esmero da prédica; mais celebre o das Tardes, que prégou em Saõ Domingos de Lisboa, impresso no anno de 1670. e alguns Sermoens avulsos, ou sepultados já com o achaque dos tempos, ou esquecidos com o methodo dos modernos, menos solidos, quanto (na opiniaõ de seus Authores) mais sobidos, depois que o desatino de indignos Ministros do Evangelho, sentenceou a verdade aos trages do tempo.

O M. Fr. Gabriel da Sylva.

Concorreo com o Mestre Frey Alvaro o Mestre Frey Gabriel da Sylva, talento verdadeiramente aureo Theologo, e Prégador consummado em huma, e outra Faculdade, assaz conhecido por agudezas, e elegancias, e taõ poderoso a attrahir com ellas, que faltando-lhe o tempo para o incançavel genio do estudo, por muito buscado, e assistido, se valia da industria de negarse, fechando-se de portas adentro com os livros, commercio, em que cada dia se achava mais bem lucrado. Assim era a sua pratica negaça dos mais bem ajuizados da Corte, dando-lhe Deos sobre o grande talento para as Theologias, hum suave genio para as Musas, taõ agudas, como modestas, de que colhemos alguns frutos, ou admiramos alguns partos, a furto de sua modestia, nestes antes perseguida, que lisongeada.

O M. Fr. Pedro de Magalhaens.

Mas passemos a filho igual, muito benemerito desta Casa, assim por sua pessoa, como por bemfeitor della. Foy este o Mestre Frey Pedro de Magalhaens, Inquisidor da Mesa Grande, que duas

duas vezes o escutou Presidente. Eminente Theologo o reconheceraõ as Aulas, como lhe perpetuaraõ o nome os escritos, em que estampou seus estudos. Reformado, e observante, viase-lhe até no habito a estreiteza, a que reduzia seu espirito; pobre por instituto, no meyo das grangearias do seu cargo, o conservou tambem pobre a sua caridade; só a necessidade propria o achou com a maõ fechada, estendida sempre para o dispendio do culto Divino, de que he boa lembrança o que fez no Sepulchro, que lavrou para deposito do Senhor em Sesta Feira Santa (obra com igual artificio, que decencia) a que vinculou hum juro perpetuo, assim para poder renovar-se pelo tempo adiante, como para copiosa cera, que nestes dias arde nelle. Nem as letras, nem os cargos souberaõ nunca alterar sua modestia; viveo, e acabou estampa da humildade religiosa.

O M. Fr. Bento de Santo Thomaz.

Filho foy tambem deste Convento o Mestre Frey Bento de Santo Thomaz, Theologo grande, para o que o capacitou hum entendimento claro, e comprehensivo, mas taõ escaço nas praticas, ainda familiares, como se aquelle silencio fora meditaçaõ dos acertos, com que se fazia escutar nos publicos. No do Pulpito tinha delgadeza, e persuasiva; no da Cadeira formalidade, e clareza; assim foy nesta verdadeiramente Mestre, naquelle Orador; occupou algumas prelasias; o genio brando o fez parecer nellas froxo. Voltou-se ás Aulas, presidindo nas da Universidade de S. Domingos de Lisboa por Regente. Acabou finalmente a vida continuando os estudos. Assim foy amante destes! Assim soube naõ esperdiçar aquella!

O M. Fr. Manoel Telles Arcebispo de Goa.

Do Mestre Frey Manoel Telles naõ ficaraõ mais, que as noticias dos lugares, que occupou. Grande argumento de suas grandes capacidades em tempo, em que fazia os lugares poucos a concurrencia de pertendentes benemeritos. Cóm o grao de Mestre chegou a Prior desta Casa; (de que era filho) logo a Prior Provincial desta Provincia; depois Arcebispo Primaz na Cadeira de Goa. Naõ chegou a assentar-se nella, falecendo na jornada. Sem duvida lhe embaraçou o exercicio a mesma justiça, que o destinou ao cargo, porque se naõ gabasse o acerto humano, que tinha enthronizado o merecimento. Occupou este cargo pelos annos de 631.

Foy tambem filho deste Convento por filiaçaõ, que lhe deraõ nella os Prelados desta Provincia, Dom Frey Fernando de Oliove, Flamengo de naçaõ. Foy nomeado Bispo do Funchal por elRey Dom Joaõ o IV. que conhecendo nelle talento para emprezas grandes, o mandou a Milaõ sobre o livramento do Infante Dom Duarte, que no seu Castello estava prezo por ordem de Filippe IV. Frustrou a morte do Infante a grande industria, com que Frey Fernando tinha disposto a sua liberdade á custa do grande risco de sua vida, de que escapou, trazendo a esta Corte toda a familia do Infante; lealdade, e zelo, que elRey lhe premiou com aquelle Bispado, a que naõ passou, por lho atalhar tambem a morte, que sempre oposta aos

seus

ſeus merecimentos, lhe embaraçou primeiro o glorioſo effeito do com que conſeguio a Mitra, como depois o premio do com que devia lográlla. Faleceo em Mayo de 1664. deixando hum precioſo penhor á noſſa lembrança em huma eſpecial, e perfeita Capella de Santa Maria Magdalena, que mandou abrir no Clauſtro, na parede fronteira ao Capitulo. He toda de finos, e bem lavrados, e polidos jaſpes de varias cores, que ſervem de molduras a cinco laminas, em que ſe vê a vida da Santa, como a ſua Imagem, de boa eſcultura, (em hum artificioſo nicho, que ſe abre no meyo) rodeada de Anjos, em fórma que repreſentaõ os quotidianos raptos, em que por elles era elevada a ouvir a Celeſte melodia. Do pavimento da Capella ſahe hum grande marmore branco, que acompanhado de humas cintas do meſmo vermelho, ſerve de campa a hum capaz jazigo. Entende-ſe, que o mandaria lavrar para algum parente aquelle Prelado; agora, aſſim jazigo, como Capella (por contrato celebrado com a Communidade) he de Joaõ Couceiro de Avreu e Caſtro, Guarda mór da Torre do Tombo.

CAPITULO VI.

De Frey Manoel do Roſario, Irmaõ Converſo, filho do Convento de N. Senhora dos Martyres de Elvas.

O Irmaõ Fr. Manoel do Roſario.

CReſcido aſſim na idade, como na devoçaõ, e boa indole, entrou pelos Sagrados Clauſtros deſta Caſa de Noſſa Senhora dos Martyres o Irmaõ Frey Manoel, trazendo-o ſua caridade deſtinado a ſervir aos Religioſos em officina de tanto trabalho, como o he a coſinha de qualquer Convento. Foraõ ſeus pays Franciſco Dias, e Catharina Gonçalves, naturaes de Cabanas, termo de Montemor o Velho. Recebeo o habito, e ſatisfez ás obrigaçoens de Noviço, como quem viera abraçallas por goſto, depois de as pertender com trabalho; começou-ſe logo a conhecer, que naõ era menos prompto no deſvelo, com que acudia ás funçoens de Religioſo, que ás de ſervente. Achava-o a madrugada na Igreja, paſſava dalli para a ſua officina, e o que no fim do dia lhe ſobejava das occupaçoens deſta, gaſtava de joelhos no Altar da Senhora do Roſario, devoçaõ, que lhe deu o ſobrenome, e exercitou até ſua morte. Obediente, e obſervante exercitava o ſofrimento, vencendo, e domando continuamente hum genio aſpero, e deſabrido, dando-lhe talvez mayores motivos de merecimento as imprudencias de algum Prelado.

Adiantava á obrigaçaõ a caridade, ſervindo os Religioſos. Eraõ neſta parte ſeus morgados os Noviços, que ſempre o achavaõ alegre, e liberal do que podia haver á maõ, compadecido do pouco, que aquella idade anda ſempre ſatisfeita, ainda naõ lhe faltando huma porçaõ arrezoada. Deſtes Irmãos paſſava ao extremoſo cuidado de outros, que eraõ os pobres; deviaõ-lhe eſtes mayores deſvelos, como mais deſamparados; aſſim fazia particular comer para elles, dando expediçaõ ao dos Religioſos; levava-o para aquella occu-

occupaçaõ hum continuo gosto, mas pagavalho o Ceo, que em todas lhe diminuia o trabalho, porque succedeo muitas vezes, faltando-lhe o tempo, satisfazer (tanto a elle) á obrigaçaõ da Communidade, que bem se alcançou, que naõ era só a sua industria a que applicava as mãos, mas que mais superior providencia lhas movia, ou lhas acompanhava. Assim se viaõ a hum tempo soccorrida a pobreza, bem servida a Casa, e Frey Manoel com duas grangearias em huma diligencia.

Naõ contente com as muitas que fazia, porque a necessidade (que a instantes chegava a elle faminta) se fosse satisfeita, era a sua raçaõ o primeiro prato que lhe punha, porque o seu sustento quotidiano naõ passava de hum pouco de paõ grosso, e seco, levado com algum pouco de caldo, hervas, ou legumes o seu prato mais mimoso. Assim naõ só observava, mas excedia o jejum da Constituiçaõ, sobejando-lhe com que augmentar a mesa aos seus convidados; multiplicavaõ-se elles a buscar o seu remedio, e pagava-se Frey Manoel de perseguido. Mas porque fosse a sua occupaçaõ mais meritoria, o era naõ só dos pobres, mas dos que condemnavaõ aquelle desvelo com elles, sendo talvez quem primeiro o estranhava a condiçaõ fogosa de algum Prelado, que zelava a Casa mal servida, e pouco para dispendios, sem advertir nas grangearias, e avanços, com que sahiria o bom Leigo para ella do pouco que lhe tirava. O caso, que lhe succedeo, servirá de boa, e engraçada prova.

Culpavaõ diante do Prior a Frey Manoel, de que Senhor daquella officina, naõ podia dar conta della, alargando a maõ no dispendio com os pobres, fazendo-lhes sua panella á parte, e talvez mais aventajada, que a da Communidade, se quer no cuidado, porque lhe levava o primeiro. Pareceo a queixa zelo, vio-se o Prelado comprehendido no descuido, quiz emendallo na promptidaõ do remedio, entra pela cosinha com apparatos de apaixonado, vê no fogaõ o comer dos pobres, (que até nisso pareceo que o era, sendo o primeiro que encontrou a ira) vê o da Communidade, (parecendo-lhe que em peor lugar) rompe em palavras secas, e desabridas contra o bom Cosinheiro, culpalhe as demasias, advertindo-lhe, que podia poupallas, quando (como he costume na Religiaõ) tudo, o que ficava aos Religiosos da mesa, passava ás mãos dos pobres na Portaria, concluindo finalmente, que estivesse certo, que se o naõ emendasse a advertencia, o faria o castigo. Eis-que de improviso se vê estallar entre o fogo as panellas da Communidade, e de algum doente, ficando só inteira a dos pobres. Fica o Prelado confuso, naõ menos alguns Religiosos, que o seguiaõ, e condemnando-se a aspereza com que tratara o Esmoler, (que com os olhos no chaõ, e as mãos cruzadas debaixo do Escapulario, era huma estatua do sofrimento) lhe disse: que pois o Ceo o fazia seu dispenseiro, naõ só lhe permittia, mas lhe mandava, que assistisse aos seus pobres; e o ajudasse, ou désse por elle a Deos as gra-

ças de querer fazer aquella pobre Casa de Domingos, hospedaria dos seus mimosos.

Seguia-se em Frey Manoel á caridade com o proximo a aspereza comsigo; usou sempre lãa junto á carne, e como se fizesse com ella mimo ao corpo, se vingava no lugar em que lhe costumava permittir alguma hora de descanço, que eraõ humas nuas taboas, que lhe serviaõ de leito, de cuberta huma manta. Aqui chegou a hospedar 80. annos de idade, cortados de trabalho, e penitencias. Era taõ aspera a das disciplinas, que tomava amiudadas, que o podia testemunhar o sangue, que em pastas lhe ficava nas tunicas, se naõ as fiara de hum moço de Casa, que lhas lavava com segredo: divulgou-se depois delle falecido. Já entrado em annos, e continuando os dias de obrigaçaõ em Matinas, o mandavaõ recolher os Prelados; mas até que tocavaõ a ellas, passava as noites na Igreja; e acautelando-se porque o naõ vissem nella, se recolhia antes que os Religiosos viessem para o Coro. Assim o viaõ retirar muitas vezes, tropego, e já cançado o alento, que antes parecia que se arrastava, do que se movia.

Cultivador observante da Clausura, como se antes se sepultasse, que vivesse nella; só as Procissoens do Rosario o obrigavaõ a pôr o pé da porta para fóra, e com tanta consolaçaõ do Povo, que o via, e o desejava, que muitas vezes parecia tumulto o alvoroço. Tal a opiniaõ, que se tinha grangeado. A nobreza da Cidade o vinha buscar, e ver ao seu pobre retiro. Com mais frequencia, e estimaçaõ os Bispos Dom Joaõ de Mello, e Dom Alexandre de Sousa, depositando em suas mãos o que queriaõ, que com segurança passasse ás dos pobres, e descançando no acerto do que se dispendesse, como os que os escolhiaõ por Esmoler, á mesma caridade.

Entre os exercicios della o apanhou a morte, recebeo os Sacramentos devoto, e penitente, e passou placidamente a recolher a eterna grangearia do que negoceara pelas mãos da pobreza. Naõ faltaraõ indicios desta felicidade, a nosso entender, permittindo o Ceo hum caso, que pareceo prodigio. Na noite, que o Irmaõ Frey Manoel faleceo nesta Casa, sonhava na de Santa Clara da mesma Cidade o Confessor della o Padre Frey Antonio de Santa Catharina, que neste Convento de S. Domingos tinha falecido daquella hora hum Religioso, que estava vendo no esquife amortalhado, com hum Rosario de contas brancas em fio azul ao pescoço, que elle por devoçaõ lhe tirava. Acordou pela manhãa este Padre, e ouvindo dobrar neste Convento, lembrado do sonho, e circunstancias delle, resolveose a vir examinallo; chega ao Coro, vê, que era aquelle o defunto, aquelle o Rosario, como mostrava o fio, e tudo como lho representara o sonho; suspende-se com o successo, muito mais com mayores noticias do que fora o defunto; depoem aos Religiosos o sonho, e lembrado, que no Mosteiro das suas Religiosas estava huma apertada de crueis dores de garganta, pede, e tira com devo-

çaõ

çaõ o Roſario, com que ſonhara, e mandando-o á Religioſa, lançando-ſelhe ao peſcoço, no meſmo inſtante ſe lhe tirou a dor do pejo, que ſentia naquella parte. Vive hoje a Religioſa, participando-nos ella meſma eſta noticia, publica naquella Caſa, como continuada a veneraçaõ, que o Servo de Deos tem nella, e como ſe moſtra em alguma pobre alfaya de ſeu uſo, guardada das Religioſas com o meſmo reſpeito.

Faleceo em 3. de Outubro de 1680. Deraõ-lhe ſepultura na Caſa, que entaõ era Capitulo, hoje Sacriſtia, para a parte eſquerda, adonde pelos annos de 1700. ſendo Provincial deſta Provincia o Meſtre Fr. Joaõ Bautiſta de Marinis; e viſitando eſte Convento, lhe mandou lavrar huma Campa, em que ſe lê o ſeguinte:

Anno 1680. obiit Frater Emmanuel á Roſario Converſus, qui toto ſuæ vitæ diſcurſu in hoc Cœnobio vixit religiosè, & humiliter ſerviens. Hîc ſitus eſt IV. Octobris ejuſdem anni.

O M. Fr. Ignacio da Coſta.

Filho he tambem deſta Caſa (ainda que os deſcuidos della nos naõ daõ ſegurança, mais que huma boa conjectura) o Meſtre Frey Ignacio da Coſta; mas naõ merecem o meſmo deſcuido neſta eſcritura, aſſim o conhecido de ſuas letras, como a boa opiniaõ de ſua vida, ainda nos exteriores muy reformada. Foy o Meſtre Frey Ignacio de natural ſeco, e retirado, de que lhe naſceo viver quaſi em hum continuo ſilencio. Acabou de occupar as Cadeiras Eſcolaſticas, e ficando no Convento de S. Domingos de Lisboa, alcançou o grao de Meſtre, digno premio de ſua grande capacidade. A ſua modeſtia, ajudada de hum aſpecto ſevero, e carregado, lhe conciliavaõ reſpeito. O apontado, e religioſo de ſua vida, o raro, e ponderoſo de ſua pratica, grande reputaçaõ com quem o conhecia, e tratava.

Feito Vigario Geral, e Viſitador deſta Provincia pelo Meſtre Geral Frey Antonio Cloche, começando a viſita, faleceo em Santarem, com poucos mezes de cargo, muito conhecimento de ſua morte, naõ faltando nella circunſtancias, que a fizeraõ notavel. Eſperava já o ultimo termo, recebidos com devoçaõ os Sacramentos, quando repararaõ os Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ, que lançando os olhos para parte determinada da cella, formava muitas vezes com a maõ huma figa, ſinal da conſtancia com que deſprezava, e deſperſuadia o inimigo, que o inquietava naquella hora, que he a mais propria da ſua bataria. Nas exequias, e Officio da ſepultura he tradiçaõ de peſſoas fidedignas, (o Meſtre Frey Manoel da Encarnaçaõ, por outro nome Pontevel, foy huma dellas) que ſe achou ſem diminuiçaõ a cera, que ardeo em todo aquelle tempo, que foy a mayor

parte

parte de huma manhãa. Testemunhou-o assim o official della; e fez tudo crivel huma morte taõ desassombrada.

CAPITULO VII.

Dos Padres Frey Raymundo da Purificaçaõ, e Frey Manoel do Rosario, filhos do Convento de S. Domingos de Guimaraens.

GRande trabalho o que depois de repetido fica infrutuoso; e magoa só conhecida de quem a experimenta, e de quem sabe avaliar a preciosidade do tempo, que naõ vingado ainda de quem trabalhou por isso, entra tambem no numero de ocioso, se naõ no exercicio, ao menos no effeito. Naõ he menor martyrio de quem escreve antes desenterrando, que descobrindo noticias, ver, que naõ valem nem desveladas diligencias, sem mais remedio a que recorrer, que a conjecturas, que sempre deixaõ a porta aberta ao arbitrio da duvida. Mas naõ bastará este receyo a suspendernos a penna, seguindo o estylo dos nossos Chronistas, que faltando a noticia da filiaçaõ do Religioso, de que se escreve, lhe costumaõ dar lugar na Casa em que morre, reflexaõ bem considerada para se entender, que val tanto o berço, como a sepultura; tanto a Casa, em que começamos a vida, como a em que vimos a acaballa.

O P. Fr. Raymundo da Purificaçaõ.

Faleceo o Padre Frey Raymundo neste Convento de Guimaraens; e naõ se achando noticia da Casa, de que fosse filho, vem a ficar esta com duas glorias, seguida huma da outra, porque por deposito do seu corpo faz justiça para o merecer por filho. Foy esta Casa daquelles primeiros Seminarios de virtude, que o espirito do nosso Santo Patriarcha, communicado ao Veneravel Frey Soeiro Gomes, plantou nesta Provincia, e mereceo hospedar alguns dos primeiros pays, e propagadores della, como hum S. Frey Pedro Gonçalves, na voz commua San-Telmo, hum S. Gonçalo de Amarante, Thaumaturgo de Portugal, hum S. Frey Lourenço Mendes, de quem; e de outros muitos, parece, que estaõ ainda hoje dando documentos aquellas veneradas, e antigas paredes, fallando talvez com as vozes do sangue, de que já se viraõ salpicadas, e enriquecidas. Escutava-as sem duvida obediente o Padre Frey Raymundo, que naõ satisfeito com as asperezas da vida, que professara, entendeo, que com o conhecimento, e com os annos, devia tambem adiantar os exercicios.

Pontual nos de acompanhar a Communidade nos jejuns, oraçaõ, lãa junto á carne, naõ lhe esquecia, que o seu Instituto lhe naõ permittia occuparse só comsigo; que para os outros, para ensinallos, e advertillos, o levantara o Ceo á atalaya do Pulpito, como farol acezo, que lhe mostrasse o caminho. Entregouse ao exercicio da prégaçaõ, com o conhecido lucro de quem o ouvia. Talvez aceitava esmola, porque só para que o fosse, a queria; e quando voltava de prégar para o Convento, já deixava nas mãos dos pobres o que grangeara só para elles. Assim era o seu Sermaõ duas vezes effeito de sua caridade, experimen-

perimentando-a primeiro as consciencias, depois as miserias. Quem assim dava, naõ reconhecia mais thesouro, que a pobreza. Via-se esta com edificaçaõ de todos em sua pessoa; via-se em sua cella; naõ havia nella mais que hum Christo de grande devoçaõ sua; duas tunicas, huma capa, hum enxergaõ com mantas, e cuberta. Entre estas alfayas avultava a Livraria. As Partes de Santo Thomaz, a Biblia, e o Breviario: neste aprendia como havia de viver, naquella o que havia de prégar; por isso os seus Sermoens eraõ frutuosos, porque a sua vida era a mais efficaz, e persuasiva rhetorica, que apparecia no Pulpito, e os assumptos só as verdades, que dictou o Espirito Santo.

Grande confusaõ para os Prégadores do nosso calamitoso seculo, que por mais que gemem com o pezo das Livrarias, sobem taõ leves ao Pulpito, que naõ chegaõ lá do livro mais que as folhas, que só fazem papel de verduras. Lastima he, que lhe esqueça, que se a estas seca o tempo, e aquellas leva o vento, fica tronco o Sermaõ, e só materia do fogo, naõ sendo outro o seu trabalho, mais que sobirem áquelle monte, a que Deos attende, carregados com a lenha, em que haõ de arder desgraçada victima. Era o Santo Frey Raymundo grande Letrado: este nome lhe deu a lembrança de quem delle teve experiencia. Naõ o contaraõ as Aulas no seu numero, mas avaliaraõ-no sogeitos grandes no seu merecimento; naõ sendo novo na Familia Dominicana faltarem graos, e sobejarem sogeitos; sendo igual a capacidade, adianta-se em huns a ventura, em outros a diligencia, com que nem a gloria dos que se adiantaõ fica arguindo dezar nos que ficaõ. Era Letrado grande Fr. Raymundo, naõ attendeo ao lucro das letras, mas á obrigaçaõ dellas; era todo o seu emprego reformarse a si, e ensinar ao proximo.

Achava-se com 80. annos de idade, nem dizia já Missa, reduzido áquella fraqueza, em que o poz mais de pressa o estylo austero de sua vida. Temia o Prelado da Casa o arrebatado fim della, e entendia, que já Frey Raymundo se naõ aconselhava com seu entendimento, e o seu espirito, pois, ao que parece, se descuidava do que o estava ameaçando. Advertio-lhe por vezes, que se confessasse; a que em huma respondeo o bom velho com igual humildade, que segurança, e desembaraço: *Padre Prior, naõ, naõ recee; que eu naõ heide morrer sem Sacramentos. Mas para dar volta a huma vida taõ larga, he necessario mais tempo, que o que até aqui tenho tomado: descance; que naõ me esqueço.* Passados alguns dias, chamou á sua cella ao Padre Frey Sebastiaõ da Madre de Deos, Religioso de bom nome; (que ao presente he Prior de Aveiro, e a quem devemos a verdade desta noticia) tinha com elle familiaridade, pediolhe, que o ouvisse, e posto a seus pés, se confessou com a miudeza, e particularidade de quem se tinha examinado desde o uso da razaõ até á hora presente, acompanhando as cançadas, e penitentes vozes com taõ copiosas lagrimas, taõ intimos suspiros,

e

e soluços, que naõ podendo suspender as suas o Confessor, era preciso a ambos o descançarem, para se ouvirem, e entenderem. Fermoso espectalulo para a misericordia Divina, e para a confusaõ, e compunçaõ humana!

Pedio pouco depois o Viatico, que recebeo de joelhos, e com tantas lagrimas, que a toda a Communidade convidou a ellas; e chegado o dia de sua morte, (foy o da Senhora em sua Assumpçaõ) pedio, e recebeo a Unçaõ com iguaes demonstraçoens; deulhe hum accidente, de que tornou, tendo á cabeceira o Padre Frey Sebastiaõ, seu Confessor, que exhortando-o para o ultimo termo, lhe perguntou, que hia no outro Mundo? *Naõ sey nada* (respondeo elle com socego, e desassombro) *mas naõ tardarey em sabello*; e continuou como queixoso de que alli perto estava hum preto, que o perseguia, mas que debalde, porque estava firmissimo na Fé, em que Deos por sua misericordia o creara; que lançassem para alli agua benta; para donde levantando o obraço, fez a fórma de huma figa, e disse em voz, que todos perceberaõ: *Porque naõ te atreves? Porque naõ chegas?* E voltando os olhos ao Confessor, e correndo com elles a Communidade, continuou com semblante alegre: *Padres, tenho aqui muy perto huma Dama taõ fermosa, que naõ ha quem a iguale.* A que acodindo o Confessor, e dizendo-lhe que naõ cresse em nada, mas só em Jesu Christo Deos verdadeiro; que aquillo era falta de juizo: tornou elle com socego: *Que estava com o seu juizo, e potencias taõ inteiras, como quando estivera no mayor vigor de sua vida.* E indolhe faltando o alento, pedio lhe começassem o Officio daquella hora, e respondendo a elle, e repetindo com o Confessor aquella devota supplica do Hymno da Senhora: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege, & hora mortis suscipe*, espirou taõ placidamente, como quem antes esperara, que temera a morte. Levou-o á sepultura o mais escolhido da nobreza da Villa, depois de grandes demonstraçoens de sentimento, e veneraçaõ do Povo, que chegava a beijarlhe os pés, e cortalhe o habito, contentando-se muitos com se lhe dixarem tocar Rosarios, outros com vello, e todos com ficar entre elles aquelle deposito. Tem sepultura no Cemiterio do Convento.

O P. Fr. Manoel do Rosario.

Naõ foy menos consolaçaõ para a mesma Villa, como gloria desta Casa, hum filho de ambas, que bastou a ennobrecellas, o Padre Frey Manoel do Rosario, taõ observante, e de taõ experimentada, e conhecida virtude, que gastou grande parte de sua vida na escola, e companhia do Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, como discipulo, e companheiro daquelle grande espirito, que os sabia conhecer, e medir. Falecido o Veneravel Padre, se recolheo o Padre Frey Manoel a esta Casa, (como a Mãy sua) em que viveo muitos annos com hum tal recolhimento, esquivança, e desvio a todo o commercio, que senaõ achava senaõ na cella, ou no Coro.

Oraçaõ continua, e mortificaçaõ taõ continuada, que, contando já noventa e tres annos, até

até o prato da Communidade (onde nunca ha regalo) trocava por outro mais groſſeiro, comendo taõ pouco ainda deſte, que ſe pela calidade repugnava ao goſto, pela quantidade naõ promettia ſuſtento. Foy pontual, e auſtero nos jejuns das Conſtituiçoens, nos da Igreja, e em muitos de ſua devoçaõ; e nem os annos, que lhe enfraqueceraõ as forças, o afroxaraõ nos rigores; ſem mais achaque que eſtes, cahio na cama ſem alento. Deraõ-lhe os Sacramentos, que recebeo com grande conſolaçaõ de eſpirito; e cerrando os olhos, e entendendo a Communidade que tinha adormecido, ſe deſenganou logo, que ſe paſſara ao eterno deſcanço.

Outras noticias nos podera dar eſta Caſa, em que goſtoſamente alargaramos a penna em veneraçaõ ſua, como antigo domicilio dos grandes cultivadores da obſervancia Dominicana; mas praticaſe nella o que em todas deſta Provincia, deſconhecer, ou naõ prezar memorias, que lhe podiaõ ſervir de honra, com o inconſiderado eſcrupulo, ou leve deſculpa, de que ſeria jactancia, ſem advertir no roubo de bons exemplos, que ſe faz aos ſeculos vindouros, e de louvores, e graças, que ſe repetem a Deos, como prodigioſo nos ſeus Juſtos. Mas paſſemos adiante, que o poder ſer eſta eſcritura mayor, naõ lhe tirará o ſer grande, como o foy; e he a fecunda ſeara de virtudes, que o Ceo ſempre conſervou, e conſerva na cultura Dominicana deſta Provincia.

CAPITULO VIII.

Do Irmaõ Converſo Frey Jorge dos Santos, filho do Convento de Evora, chamado o Porteiro Santo na voz do Povo. Entra na Religiaõ, ſua vida, e exercicios nella.

FOrtunada Caſa a de Evora com os ſeus filhos Converſos! continuando-ſe agora o que della eſcrevia o Padre Frey Luiz na primeira Parte da ſua Chronica: Que era pratica deſta Provincia, que ſe davaõ bem Frades Leigos neſta Caſa. E eu accreſcento, que ſe póde individuar: E eſpecialmente na ſua Portaria; porque do Irmaõ Porteiro Frey Pedro, de que elle alli eſcreve, temos entre mãos huma copia para authorizar aquella maxima, que agora parece profecia, com a ventura de que de algum modo ficará com recompenſa a omiſſaõ de memorias, que continuamente lamentamos neſtes eſcritos, reſgatada eſta, com que entramos, de tanta importancia, para o credito deſta Provincia, que faz venturoſa a providencia, com que os Prelados della nos puzeraõ na maõ a penna, que ſem mais que eſte aſſumpto, ficaria igualmente ditoſa, como com elle nunca melhor empregada. Naſceo o Irmaõ Frey Jorze (no ſeculo Jorze Affonſo Rodeo) na Aldea de Val'de Santiago, no Campo de Ourique, Arcebiſpado de Evora. Foraõ ſeus pays Joaõ Affonſo Rodeo, e Margarida Pires, Lavradores honrados, e virtuoſos. Aſſim criaraõ o filho com ſãa, e boa doutrina, facil de aprender, e exercitar,

O Irmaõ Converſo Fr. Jorze dos Santos.

tar, a quem occupado só na cultura do campo, antes desconhece, que foge os desmanchos da primeira idade.

Contava Jorze Affonso a de vinte annos, quando achando-se na Cidade de Evora, e entrando hum dia á Missa da Alva na Igreja desta Casa de S. Domingos, vio, que chegando-se a elle huma mulher de respeito, e rara fermosura, lhe dizia: *Porque naõ buscava o Prior daquella Casa, e lhe pedia o habito de Leigo, para servir nella.* Era Jorze moço singelo, e bem inclinado; (nem merecera de outra sorte tal conselho) nada lhe pareceo, que lhe convinha mais, que executallo. Chega ao Prior, e com pouco, e despido arrezoado pede o habito, offerecendo-se a servir o Convento. Ouvi-o o Prelado, festejando mais a singeleza, que a proposta, e despedio-o desenganado, de que estava a Casa cheya de gente do seu prestimo. Desconsolou-se com a repulsa, mas servio esta (por superior disposiçaõ) de lhe affervorar a ancia, trazendo-o repetidas vezes a esta Igreja, especialmente ao Altar do Rosario, adonde propunha á Senhora a sua desconsolaçaõ. Naõ paravaõ os desejos de segundo encontro com a sua boa conselheira, figurando-selhe, (naõ discursava mais sua singeleza) que lhe serviria de valia. Naõ tem esta Senhora (que naõ podia ser outra, mais que a Virgem piissima) occupaçaõ mais gostosa, que a de Advogada. Eisque se lhe offerece outra vez na mesma fórma; e consolando-o, lhe adverte, que porfie, e torne ao Prelado da Casa, até ter effeito a sua diligencia. Cobra o pertendente novo espirito, (já parece, que o illustrava soberana assistencia) naõ larga o Altar da Senhora, passa delle á cella do Prior, acha já valedores nos Religiosos, e no Prelado edificaçaõ de sua constancia, que (proposta por elle ao Provincial) em breves dias veste o habito ao pertendente, com votos, e alvoroço de toda a Communidade.

Noviço já Frey Jorze dos Santos, (que este foy o nome que tomou) foy correndo, e descobrindo no anno do Noviciado os grandes quilates da virtude, que promettera sua resoluçaõ. Já professo, e observante á risca das leys, a que se sugeitara, adiantava-se penitente nas do comer, e vestir; á lãa junto á carne accrescentava cilicios; ao jejum diminuia o prato, que todo era para o pobre, ficando-lhe só algum pouco de paõ, que com huma tigella de caldo era seu sustento quotidiano; mas ainda comprado taõ caro, que antes que o tomasse, se lhe ouviaõ profundos gemidos, acompanhados de grossas lagrimas, que cahiaõ de seus olhos compostos, e mortificados. Grande imitaçaõ daquelle penitente, a que só o pranto servia de prato! Melhor daquelle, a que os suspiros preparavaõ a mesa, as lagrimas a iguaria.

Fuerunt mihi lachrymæ panes. Ps. 41. 4. Antequã comedam suspiro, & tanquæ inundantes aqua sic rugitus meus. Job. 3. 24.

Occupavalhe o dia o serviço da Casa, e guardava o exercicio da oraçaõ para a noite. Inteiras as passava na Igreja; que nunca se lhe soube de cama. Nas lages nuas, ou pé de algum Altar a acharia vencido do sono, mais que convidado do descanço; doutrina, que lhe dera

ra N. Patriarcha. Ordenaraõ-lhe os Prelados, que tomaſſe a occupaçaõ da Portaria; feſtejou-o a ſua caridade, que em breves dias lhe deu o nome de Pay dos pobres; com elles gaſtava o dia; e como a noite lhe levava a aſſiſtencia da Igreja, naõ teve nunca cella, nem lugar em que ſe recolheſſe, ou deſcançaſſe em quarenta e ſeis annos que teve de vida, e aſſiſtencia neſta Caſa. A toda a hora o achava a neceſſidade com a porta aberta, as mãos diligentes, a boca cheya de rizo. Buſcavaõ-no peſſoas illuſtres, e poderoſas, eſpecialmente Dom Theotonio de Bragança, Arcebiſpo de Evora, commercio, que eſtimava para remedio dos ſeus pobres, alcançando continuas, e groſſas eſmolas, que naõ ſó repartia com os mendigos, mas, lince das neceſſidades occultas, entrava ſua piedade pelas portas á viuva deſamparada, e á donzella recolhida, ſabendolhe antes os deſamparos, que a caſa.

Com os pobres da ſua Portaria deſvelado, e induſtrioſo em ajuntar os ſobejos da meſa, diviſando-ſelhe no roſto a abundancia, ou penuria do que ficava. Aſſim era já adagio nos Religioſos, confórme tinha ſido a meſa, chamarem ao dia triſte, ou alegre para Frey Jorze. Mas pagavaſe tanto o Ceo da deſconſolaçaõ, com que ſe achava ao faltarlhe que repartir, que abrindo muitas noites a porta, via, que chegavaõ alguns mancebos repartindo paõ, e vinho aos pobres, que chegavaõ a ella. Vinhaõ eſtes todas as noites buſcar o abrigo, que Frey Jorze lhes preparava debaixo do alpendre com eſteiras, e a roupa, que podia. Aſſim ſe repartia o trabalho entre elle, e o Ceo, que elle lhes fazia a cama, e o Ceo lhes mandava a cea. Deſte caſo foy muitas vezes teſtemunha de viſta hum homem criado da Caſa, e de boa vida, a quem Fr. Jorze fazia crer, que os mancebos, que faziaõ o diſpendio, eraõ vinhateiros, que vinhaõ do trabalho, ſendo facil de entender, (porque nenhum foy conhecido) que ſeriaõ Anjos, que vinhaõ a aliviar a affliçaõ do bom Porteiro. Mas ſendo eſte o unico cuidado, que o naõ deixava deſcançar huma hora, aſſim lhe parecia que fazia pouco, que, perguntandolhe em huma occaſiaõ Manoel Severim de Faria, Chantre de Evora, como ſe achava com os ſeus pobres, lhe reſpondeo: *Ah Senhor, naõ ſey ſe me levarão os pobres ao Inferno!* Grande confuſaõ para as entranhas duras, e bolças cerradas dos ricos, e poderoſos, quando a meſma pobreza diſpendendo, e ſervindo, vive atemorizada!

De lidar com os pobres o paſſava muitas vezes a ſua caridade a occuparſe com os doentes, em os havendo na Caſa, ſendo tal ſua diligencia, que eſtando todo na Enfermaria, o naõ achavaõ menos na porta. Aſſiſtia ao enfermo ſem perdoar a paſſos, ou a deſvelos; em tudo ſe achava taõ adiantado, que commummente era ſó na promptidaõ dos remedios, e ainda dos regalos, ou deſfaſtios, na limpeza, e aceyo da cama, e da cella, e até o naõ reſtituir á inteira melhora, naõ deſcançava. Eraõ ſuas mãos, e ſuas oraçoens a mais efficaz medicina, naõ ſó para o corpo; parece,

ce, que moſtrou o Ceo que tambem para a alma.

Eſtava de muitos annos entrevado o Padre Frey Duarte de Oliveira, reduzido ao eſtado de huma criança, porque até, como deſamparado do uſo da razaõ, naõ obrava couſa, em que naõ moſtraſſe eſſa falta. Aſſiſtialhe Frey Jorze com as entranhas de huma mãy deſvelada, porque como a tolhido até lhe era preciſo meterlhe o ſuſtento na boca. Deſenganados já os remedios, affligiaõ-ſe os Religioſos de que acabaſſe Frey Duarte ſem Sacramentos. Foy couſa notavel, que nas ultimas horas de ſua vida correo Frey Jorze ao Prelado, dizendo-lhe, que o enfermo eſtava reſtituhido a inteiro juizo, e voz deſembaraçada, com que pedia os Sacramentos. Confeſſouſe logo, e recebeoos, e com grande conſolaçaõ de ſua alma acabou a vida com ſinaes da unica felicidade, que ſe póde ſeguir a ella, reſolvendo os Religioſos, que ſem duvida premiara o Ceo ao bom Enfermeiro o ſeu trabalho naquella unica, e verdadeira melhora do ſeu enfermo.

Incançavel no cuidado com o proximo, tudo comſigo eraõ deſcuidos no que tocava a commodos da vida. Era o ſeu habito na materia vil, e groſſeiro, no feitio antes mortalha, que habito, ajudado de remendos, que devia á ſua induſtria, porque o que lhe davaõ para ſe melhorar delle, era do primeiro mendigo, que lhe apparecia menos enroupado. Naõ he ſó digno (naõ digo de reparos, mas de aſſombros) que naõ veſtio outro em 46. annos; e muito mais, que naquelle burel gaſtado, mas nunca conſummido com o uſo de tanto tempo, pizado de noite pelas lages da Igreja, e de dia ſervindo á meſa aos pobres na Portaria, nem ſe vio nunca o deſaceyo de nodoas, ou ſe percebeo mao cheiro de quem o examinava de perto, antes agradavel, e attractivo, com o exterior concerto, e limpeza, como ſe até aos veſtidos ſe communicaſſe a de ſua alma.

Naõ faltavaõ cobiçoſos daquelles velhos, mas aceados remendos, que já os Religioſos da Caſa, e os que tinhaõ mais commercio com elle, tinhaõ em grande eſtima, como os que faziaõ reparo no que ſe conſervavaõ, e no corpo, que cobriaõ. Houve hum Religioſo de auſentarſe para outro Convento, e levando deſte a magoa de perder a companhia de Frey Jorze, naõ ſe reſolveo á partida ſem levar huma prenda daquella ſua gala. Obſervou hum fio, que lhe pendia della, diſſimulou, entrou com elle em pratica, e parecendo-lhe, que o tinha divertido, e ſeguro, lançou acautelado maõ do fio, e recolhendo-o com ſegredo, indo a deſpedirſe, poz nelle os olhos Frey Jorze, e diſſelhe com roſto grave: *Padre, que he iſto, que faz? Naõ ſou contente, que uſe iſto comigo nos veſtidos.* Sem ſuperior conhecimento (aſſentava o Religioſo) que o naõ podia ter do furto. Mas grande preço de tunica, donde obriga a reparo o tocarſelhe em hum fio! Fello o meſmo Chriſto, fazendoſe-lhe o meſmo á ſua. Singular gloria ſem duvida de huma remendada mortalha Dominicana!

Tetigit fimbriam veſtimenti ejus. Matthæi 9. 20. Ait, quis tetigit veſtimenta mea. Marci 5. v. 30.

Debaixo daquelle pano groſſeiro,

seiro, e roto cobria Frey Jorze hum coraçaõ inteiro, inflexivel, zelador da honra de Deos na observancia do que lhe era mais aceito, advertindo com liberdade modesta, e reportada aos mesmos Prelados da Casa, o que deviaõ obrar para refórma, e bom governo della. Se era mais ardua a materia, e que o escutalla mal o Prelado, o podia pôr em alguma desattençaõ de subdito, deixavalha escrita na cella, quando de madrugada hia buscar as chaves da porta. Conheciaõ os Prelados, que fallava em Frey Jorze o zelo, e que a materia viria já conferida em mais soberano conselho, e determinada por mais acertado voto. Escutavaõ, e obedeciaõ. Mas nem ainda assim faltavaõ ouvidos rebeldes de algum, que sentindo humanamente do que se lhe aconselhava, escutava o acerto com desagrado, expondo-se antes a errar absoluto, que a acertar aconselhado; capricho muy casado com o genio de quem tem mando. Por duas vezes acharaõ semelhaute repulsa, e inobediencia as proveitosas advertencias de Frey Jorze em dous Prelados inflexiveis, e cabeçudos; mas a hum segurou, que se naõ fizesse o que lhe advertia, o castigaria Deos brevemente com huma doença. A outro, (seria de mais importancia, e consequencia o aviso) que a vontade Deos era a execuçaõ delle; que naõ esperasse, que lha viesse pedir a morte, porque o desenganava, que naõ o executando, acabaria primeiro a vida, que o Priorado. Succedeo assim. Nem os Prelados obedeceraõ, nem os castigos tardaraõ, perdendo hum a vida, o outro tendo-a arriscada em huma grave doença.

Naõ era menos importante o que Frey Jorze propunha, e advertia aos Provinciaes, experimentando-se no infallivel do effeito as anticipadas noticias, com que o Ceo o tinha illustrado. Dous casos bastaráõ para argumento. Dera o Provincial o habito de Frade Leigo a hum moço, irmaõ inteiro de Frey Jorze, (que o pedira com instancias) e o alcançara por se saber, que o era; estava ao presente o Provincial neste Convento de Evora, e por mais que a supplica, e despacho foy em segredo, porque assim o pedira o pertendente, na mesma noite o alcançou Frey Jorze, sabendo-se tambem, que em toda ella naõ tivera elle, como costumava, mais que o Santo commercio da sua oraçaõ na Igreja. Amanheceo, entra pela cella ao Prelado, e pondo os olhos no chaõ, as mãos levantadas, e as lagrimas nos olhos, lhe disse: *Padre Provincial, peço a Vossa Paternidade pelo amor de Deos, naõ dê licença a meu irmaõ para tomar o habito de Nosso Padre S. Domingos.* Estava já passada a Patente, tomou o irmaõ o habito em Elvas; mas professando, e tendo logo huma leve causa, deixou o habito, e o Convento, e desappareceo, sem haver outra noticia delle.

Conseguio outro mancebo o mesmo despacho para Frade do Coro; sua capacidade dava esperanças de melhor acerto, naõ no voto de Frey Jorze, que buscando ao Provincial, lhe advertio, que naõ convinha; e naõ lhe differindo, se sahio desconsolado, dizendo á porta da cella:

la: *O Padre Provincial está firme em aceitar o Noviço, os Religiosos darlhehaõ o voto, mas elle assistirá muy pouco no Convento, e Cidade, em que tomar o habito.* Vio-se assim, porque alguns desmanchos trouxeraõ o Religoso sempre mal visto dos Prelados, e alguma falta depois descuberta, retirado dos Conventos mais populosos. Assim era proveitoso, e bem encaminhado o zelo de Frey Jorze, escolhendo Deos aquelle instrumento rude, e fraco no voto do Mundo, para confundir o sabio, e domar o poderoso.

Stulta mundi elegit Deus, ut confundat sapientes. 1. ad Corinth. 1. v. 27.

Com igual inteireza, e espirito affouto admoestava aos Religiosos, em que via alguma falta, para a emenda della; o mesmo com os seculares, com que tinha algum trato, mas com hum tal estylo, que primeiro os deixava agradecidos, e depois emendados. Veyo visitar esta Provincia o Mestre Frey Pedro Manrique de Steneстroza; (que depois foy Provincial de Andaluzia) achava-se nesta Casa, descia á Portaria para passar a visitar as Freyras, e reparando em Frey Jorze, elle lhe disse, beijando-lhe o Escapulario: *Reges eos in virga ferrea, & tanquam vas figuli confringes eos*: saõ palavras do Psalmo 2. querem dizer: governay os subditos com vigor, e inteireza, e aos maos reduzios a pó, e nada. Ficou admirado, (e depois de saber quem era o conselheiro, confundido) o Visitador, naõ só da pronuncia, mas da energia da advertencia.

Psalm. 2. v. 9.

Unia, e ajuntava Frey Jorze a esta liberdade, e inteireza no advertir, e reprehender huma obediencia fabricada na officina de sua profunda humildade admirando o como se escondiaõ aquelles imperios de ministro nas sogeiçoens de Religioso. Naõ só respeitava com ellas abatido, e sem acçaõ propria, aos seus Prelados, mas aos seus Mestres, e Pays do espirito, sacrificando até as mayores evidencias do conhecimento proprio (ainda illustrado) ao que se lhe ordenava por preceito. Foy caso novo; nelle temos prova, e clareza.

Adoeceo Frey Jorze, e mostrou logo carranca a doença. Assistialhe Manoel Peres, Medico da Casa, e naquelles tempos Oraculo da Medicina. Resolveo, que todos os sinaes eraõ de morte; que o enfermo se sacramentasse. Acodio Frey Jorze, assegurando com socego, e brandura, que naõ era necessario Viatico, porque elle naõ morria. Instou o Medico novamente informado, replicou Fr. Jorze muito mais seguro. Era seu Confessor o Mestre Frey André de Santo Thomaz; alcançou licença do Prior para ministrar o Viatico ao enfermo, entendendo, que venceria nelle toda a repugnancia, por suppor, que o demonio a fomentava. Confessou-se Frey Jorze, e advertindo-lhe outra vez o Confessor, que havia de tomar o Sacramento por Viatico, e a Unçaõ como moribundo, pois assim o dispunha o Medico, respondeo: *Padre Mestre, eu bem sey, que o como devo tomar o Senhor he por devoçaõ, e naõ por Viatico, porque eu naõ morro; mas pois Vossa Paternidade como meu Confessor mo ordena, eu estou prompto para tudo.* Assim tomou o Viatico, e a Unçaõ com muita

ta devoçaõ, e lagrimas; mas viose ao outro dia a segurança com que fallava, levantando-se, e indo para a sua Portaria, confusos todos assim da repentina melhora, como do sacrificio de sua obediencia.

Naõ só o illustrava o Ceo, ao que parece, no que lhe pertencia, mas de muitas cousas teve anticipadas noticias, e taõ verdadeiras as que dava, que naõ havia caso de importancia, em que se naõ visse importunado para o patrocinio, como para o conhecimento do successo; occasioens a que fugia, e se esquivava, facilitando-se mais com os Religiosos, porque os naõ podia ver afflictos. Foraõ os successos muitos, sem mais, que a circunstancia de ser infallivel o que resolvia. Naõ nos detemos, porque naõ pareça desejo de alargar a escritura, e enfadar com ella. Apontaremos só, que por meyo de sua oraçaõ conseguio Frey Jorze (ao que parece) o communicarlhe o Ceo os seus segredos, franqueados sempre aos pequenos, e abatidos.

Absconditi hæc à sapientibus, & revelasti ea parvulis. Matth. 11.

Faleceo a mãy de hum Religioso da Ordem, conhecida sua, e que o ajudava para o dispendio da sua Portaria; deraõ-lhe na Igreja do Convento sepultura, e viraõ-no a elle já alta noite com os braços abertos, lançado sobre a campa della (era este o estylo com que as mais vezes orava.) Amanheceo, e pedio esmola para duas Missas, que mandou logo dizer pela defunta, entendendo-se, que na oraçaõ alcançaria, que eraõ os suffragios, que pedia sua alma. Faleceo Dom Joaõ de Castro, que foy Governador do Algarve, e occupou outros postos neste Reyno; tinha sua casa junto ao Convento, grande commercio com elle, e sua mulher igual opiniaõ de Frey Jorze. Pedio-lhe, instou com elle, e importunou-o a viuva, que pedisse a Deos pela alma de seu marido, e que lhe alcançasse se estava em boa parte. Escusouse o pobre Frade da noticia, mas prometteo os suffragios. Passados alguns dias, e tornando a instar a viuva, lhe disse: *Que descançasse; que a alma de seu marido estava vendo a Deos.*

Assim era familiar o commercio, que tinha com o Senhor na oraçaõ, e assim sobia daquelle abatimento com que orava, ás visinhanças do Ceo, que mais que a terra parece tinha por vivenda. Conhecia-se nas vezes, que o viaõ extatico. Em humas Matinas solemnes, a que assistia, repararaõ alguns Religiosos, que acompanhava o Coro no Cantico *Te Deum laudamus*, com huma voz sobida, e harmoniosa, naõ sendo daquelle metal a que tinha. Passaraõ os Religiosos palavra huns aos outros, e chegando alguns a carearse com elle, o viraõ immovel, sem dar attençaõ a nada, tendo abertos os olhos, de que lhe cahiaõ grossas lagrimas, vozes mudas com que sua alma acompanhava sua harmonia.

Mas naõ sofria o inimigo commum ver taõ valido do Ceo hum Leiguinho rude, pobre, roto, e abatido; (como se naõ fossem sempre estes os seus unicos mimosos) e desenganado, ou receoso de entrar com elle em contenda, de que sahisse com vitoria, se resolveo em assustallo,

sustallo, e desafiarlhe o sofrimento. Soubese, (seria depois de sua morte.) que o demonio ameaçara a Frey Jorze, que naõ passasse a noite na Igreja, porque a cada instante o inquietaria; e sem duvida foy desafogo do ameaço o successo, que diremos agora. Tocaraõ huma noite á Portaria com repetiçaõ, e com pressa. Acordou o Prior, e esperou tempo, dando lugar a que o Porteiro descesse abaixo. Vio que tardava: amiudando-se os golpes na campainha, sahe com ira da cella, busca a Frey Jorze na Igreja, que era a sua; e reprehendendo-o com aspereza, e mandando-o acudir á porta, lhe respondeo: *Padre Prior, póde V. Paternidade recolherse, que ninguem está na porta.* Instou o Prior que sim; e indignando-se com os moços do Convento, que o seguiaõ, e lhe seguravaõ que tal naõ ouviraõ, mandou a Frey Jorze, que sem replica fosse á Portaria. Obedeceo elle, e abrindo a primeira porta, que hia para ella, disse: *Muito bem vos conheço*; e chegando á porta, e vendo-a desamparada, voltou para o Prior, dizendo-lhe: *Isto está acabado: eu terey o cuidado que devo.* Recolheose o Prior, e passando pela cella de hum Religioso entrevado, que achou com o Enfermeiro, ouvio o ultimo desengano, porque lhe seguraraõ, que a tal porta se naõ tocara, pois elles alli estavaõ, e ella visinha.

Soube-se pela manhãa o caso, e resolveraõ os que tinhaõ mais conhecimento do Porteiro, que eraõ traças, com que o inquietava o demonio, fazendo, que só o Prior, e elle ouvissem aquelle estrondo, para que se seguisse o que tinha succedido, porque o Prelado havia de indignarse de tardar o Porteiro, o Porteiro naõ havia de acodir, sabendo que era o demonio. Na Igreja, e na Portaria se lhe andava offerecendo em varias figuras, com visagens estranhas, que humas vezes o moviaõ a assombro, outras a rizo, como lhe succedeo em occasiaõ, que ajudando á Missa, vio, que sobre os hombros de huma velha, que estava na Igreja, se volteava, e saltava ligeiro, com meneyos, e figura de hum grande, e carrancudo mono.

Cresceo hum anno a fome na Cidade; a pobreza, como a primeira executada, corria á Portaria de S. Domingos, aonde a chamava a fama caritativa do seu Porteiro, que, sem perdoar a diligencias, recorria quotidianamente á mais importante, que era propor aquelle desamparo aos clementes olhos da Virgem Maria em huma Imagem sua, (que se via sobre o segundo taboleiro da escada, que sobe do Claustro para o Dormitorio) que saudava de joelhos todas as vezes, que por alli fazia caminho. Agora a buscava com mais ancia, obrigado do aperto em que via a pobreza. Succedeo, que ajoelhando huma vez para fazer a mesma supplica, eis-que dá com os olhos em huma grande alcofa de paõ alvo, e mimoso; alvoroçouse, e estendendo com presteza, e alegria os braços a pegar na alcofa, vê, que lhe foge das mãos; vaya seguindo por largo espaço, sem dar mais tino (como depois confessara) que o de conseguir aquella grande preza;

vê finalmente a alcofa parada, e lançando-lhe as mãos, quando lhe desapparece de entre ellas.

Levava em outra occasiaõ Frey Jorze humas poucas de rosas no Escapulario para a Imagem de huma Senhora, de que era devoto; e pondolhe os olhos, as vê convertidas em paõ, que (dando a Deos graças) repartio logo em esmolas, por se achar entaõ afflicto de o naõ ter para o dispender nellas. Raivou o invejoso inimigo com o successo do bom Porteiro, vendo, que o Ceo o favorecia, e o remedeava: esperou-o outra vez, que lhe vio rosas no Escapulario; e temendo, que lhe succedesse o mesmo prodigio, arrebata-as, e desapparece com ellas. Naõ foy só huma vez o tirar as rosas do Altar da Senhora para as levar, e trocar em paõ na Portaria, porque muitas vezes se devia Frey Jorze de valer daquellas soberanas flores para sustento da pobreza; porque em chegando Abril, se lhe ouvia como proverbio, que repetia com alegria, e segurança: *Em tempo de rosas nem ellas faltaõ no Altar da Senhora, nem aos pobres paõ na Portaria.*

Estimulavaõ continuamente estes successos ao pay da inveja tanto, que muitas vezes se resolveo a vingalla, apanhando ás mãos o innocente caritativo, que com mayores coroas de paciencia sahia dellas molestado. Mas naõ eraõ as coroas, que Frey Jorze grangeava no conflicto, só aquellas, em promessa da gloria futura, mas parece, que podia dizer com S. Paulo, que ainda na terra o tinha o Ceo já taõ mimoso, que permittia, que o anjo de Satanás fosse seu flagello, porque se naõ esvaecesse de favorecido. Já vimos, e tocamos algumas occasioens, em que pareceo illustrado; passemos a semelhante argumento, e sejaõ de segundo Capitulo.

Datus est mihi stimulus carnis meæ angelus Satanæ, qui me colaphizet. 2. ad Corint 12. v. 7.

CAPITULO IX.

Continuaõ-se as noticias do Irmaõ Frey Jorze.

Leigo era o Irmaõ Frey Jorze por profissaõ; e porque naõ tivera alguma de letras, era tambem leigo, mas doutrinado na Aula do temor de Deos, nenhum como elle sabio. O Latim entendia, e pronunciava, como os que com mais applicaçaõ o aprenderaõ. Na Escritura Sagrada estava taõ visto, e mais que os que continuamente a revolviaõ. Muitos casos pozeraõ esta verdade em publico, de que foy boa testemunha o Mestre Frey Martinho da Fonseca, Prégador delRey Dom Joaõ o IV., e os Lentes, que por todos aquelles annos occuparaõ as Cadeiras de Evora. A liçaõ de Escritura, que se costuma ler á mesa, lhe penetrava de sorte o coraçaõ, que andando recolhendo os sobejos para os pobres, parava, e se esquecia muitas vezes no meyo do Refeitorio, como alheyo, e extatico.

Mas passemos da intelligencia do Latim á que o Ceo lhe dispensava nos casos, que previa, e de que avisava. A hum Religioso amigo seu, que se despedia delle, por ir assinado para Abrantes, nos fins de Outubro, segurando-lhe, que dalli a oito dias (nem pedia mais o caminho) estaria no Convento,

to, disse Frey Jorze: *Irá Vossa Paternidade, e mandarmoha dizer a primeira Dominga do Advento, porque nesse dia chegará a essa Casa.* Celebroulhe o Religioso a nova como galantaria, e tornou Frey Jorze a repetir o mesmo, e com a mesma segurança. Partio naquelle dia o Religioso, festejando com algumas pessoas o vaticinio: mas foy tal o temporal, que por terra até Setubal o prendeo nas estalagens, e no mar o deteve na embarcaçaõ, arribando muitas vezes, que sem advertir no dito Frey Jorze, entrou na primeira Dominga do Advento em Abrantes; mas recolhido á cella, que lhe deraõ, se lhe representou tudo o que tinha passado, e o fez logo publico.

Visitava a Frey Jorze com algum mimo para os seus doentes, ou esmola para os seus pobres, a Madre Dona Maria de Mello, (Religiosa de Santa Clara da mesma Cidade) pessoa de bom nome, e que tinha grande devoçaõ com elle. Mandoulhe em huma occasiaõ cousa de pouca substancia, aque elle agradecido escreveo huma regra, cousa, que naõ fizera nunca. Era o que continha: *Que elle estimava o presente, e a vontade: e que o dia de antes mandara dizer huma Missa por sua tençaõ, para que Deos Nosso Senhor a livrasse de perigos de alma, e corpo, como esperava em sua misericordia.* No dia seguinte descia esta Madre para o Coro, e embaraçandoselhe hum pé no primeiro degrao de huma escada de pedra longa, e empinada, rodou sem se poder valer por toda ella, com tanta violencia, que as que correraõ a acudirlhe, a tiveraõ por morta; mas ella desembaraçando-se do manto, em que se embrulhara, e sentada com descanço, segurou a todas, que naõ tinha molestia; attribuindo com tanta segurança o successo ás oraçoens de Frey Jorze, que assim o jurou a quem lhe pedio alguma noticia delle. De outros casos de naõ menos risco sahio sem elle esta Religiosa, applicando sempre o effeito ao seu advogado; e entendeose delles, e do que tinha escrito, que de todos lhe adiantara o Ceo o conhecimento.

Assim parece, que o teve da milagrosa saude de Francisco de Abreu, que muitos annos tinha servido no Convento. Achavase este ás portas da morte. Naõ tivera na sua doença, que foy larga, mais soccorro, que o com que lhe acodia o pobre Porteiro; mandoulhe render as graças pelo cuidado, e despedirse delle com a supplica de que se lembrasse de sua alma, e de o ajudar com suas oraçoens naquella ultima hora. Enterneceose o pay dos pobres, sabendo o desamparo, em que ficava a casa daquelle; e naõ tardou muito em lhe mandar segurar, que se naõ desconsolasse, que naõ morreria daquella doença. Foy assim, que, como se resuscitara, lhe veyo em breves dias dar as graças á Portaria.

Mas o mayor favor, com que o Senhor quiz illustrar o seu servo, foy a anticipada noticia de sua morte, como a que o era do principio de sua felicidade. Contava já Frey Jorze 66. annos de idade, os quarenta e seis de exercicios santos naquelles Sagrados Claustros;

achava-se cortado de penitencias, desamparado de forças, sem que o estado, em que se via, o fizesse afroxar nas primeiras, se quer por naõ acabar de consumir as segundas, quando o chamou Deos para lhe trocar estas em eternidades, e aquellas em coroas. Poucos dias antes desta felicidade gastara o bom velho em oraçaõ toda a noite; chegou a madrugada, entra na cella do Prelado (como he estylo da Ordem) a buscar as chaves da Portaria, e diz-lhe com voz, e semblante alegre: *Padre Prior, tenha vossa Paternidade muito bons dias com as novas, que lhe dou de serem os meus acabados.* Assustouse o Prelado, e advertindo-lhe, que se declarasse, porque naõ entendia o que lhe vinha a dizer, respondeo: *Padre Prior, eu morro.* Cresceo no Prior o sobresalto, e levantando-se apressado, lhe disse: *Naõ saõ por certo Frey Jorze para mim bons dias os em que me dá essa nova, porque a sinto no coraçaõ, onde o tenho, e estimo*; e lançando-lhe os braços, se lhe prenderaõ as vozes com as lagrimas. Era o Prior o Presentado Frey Francisco Travaços, Prégador de nome naquelles tempos, pessoa grave, e de maduro entendimento, que sabia pezar a perda de hum tal subdito.

Chamou logo a conselho, e propondo o referido aos Religiosos mais graves, e Letrados do Convento, resolveraõ, que o Prelado tornasse a chamar Fr. Jorze, e que delle soubesse com mais individuaçaõ a certeza, que tinha de sua morte, pondo-lhe huma obediencia, caso que se escusasse. Fello assim o Prior: e chamado Frey Jorze, e dizendolhe: *Frey Jorze, o que me disse hoje, foy illusaõ do demonio, ou effeito de melancolia?* Respondeo elle: *Nem huma cousa, nem outra, mas verdade pura, porque eu morro dentro de breves dias, como Vossa Paternidade bem verá. Pois eu* (lhe tornou o Prior) *lhe mando por obediencia, que me diga logo a circunstancia, com que alcançou essa noticia. Obedeço,* (respondeo o bom velho) e continuou: *A noite passada, rezando na Igreja, soube, que Vespera de S. Joseph, que he daqui a poucos dias, havia de morrer.* E pondose logo de joelhos, levantadas as mãos, disse: *Rogo eu muito a Vossa Paternidade, sendo servido, que do que aqui passamos naõ seja alguem sabedor. Pois se isso he assim,* (concluîo o Prior) *eu lhe ponho a mesma obebiencia para que aceite cella, e cama para morrer.*

Aceitou Frey Jorze, sacrificandose ao lugar do descanço, como se fora o do martyrio; mas consolado de que o lograria breve tempo. Foy-se á Portaria, deu a ultima esmola aos seus pobres, despedindo-se delles com as lagrimas nos olhos, antes arrancando-se de seus braços, como faltando-lhe o sofrimento, para escutar os lamentos de seus desamparos. Recolheo-se logo para a cella, que lhe determinou o Prelado, confessouse, e como lhe pareceo tempo, recebeo o Viatico, banhado em lagrimas de alegria, como se naõ soubera já fallar ao Senhor senaõ com as linguas da alma, dispondo-se para o commercio, e vida della.

Assim se experimentava; porque cerrados os olhos, e sem

dar

dar attençaõ a nada, se recolhia em huma contemplaçaõ profunda, ouvindo-selhe ás vezes algumas palavras, e oraçoens imperfeitas, de que se colhia a consolaçaõ, que estava recebendo sua alma. Entrado já na ultima hora, e despedido dos Religiosos com semblante alegre, e alvoroçado, entenderaõ os que lhe assistiaõ, na alegria, e contentamento, que nos olhos se lhe reparava, e no que dizia, ainda que já com fraca, e interpolada expressiva, que lhe assistia, e visitavaõ-no a Soberana Trindade da terra, Jesus, Maria, e Joseph. Assim passou seu espirito, com taõ ditosa companhia, a logralla na felicidade eterna, em Vespera de S. Joseph, como tinha dito (Advogado, que toda sua vida tinha grangeado.) Contavaõ-se 18. de Março de 1632. Tem sua sepultura no Capitulo, nella se lê este epithafio:

Frater Georgius de Sanctis, Conversus, hujus Cœnobii filius, & ostiarius, in Deum pius, zelo Religionis accensus, in egenos, & infirmos magnoperè affectus, Ecclesiam semper habens pro cella, humum pro lecto, abstinentiis, bonisque aliis operibus plenus 15. *Kalendis Aprilis senex moritur, & magno fratrum desiderio, hic in arca lignea sepelitur* 1632.

Bem poderaõ dilatar mais esta escritura muitos casos individuaes de sua vida, a naõ se entenderem, e supporem do inculpavel, e penitente della. Testemunharaõ-na como a temos escrito, os grandes talentos, que naquelle tempo se faziaõ lugar naõ só nesta Prouincia, mas em todo o Reyno, e fóra delle, com igual reputaçaõ em letras, e virtude, e que tambem neste livro daõ venturoso assumpto ao nosso trabalho, antes premio ao seu emprego. Tanta he a gloria de os termos por assumpto! Aqui se acharáõ espalhados, confórme a antiguidade dos seus Conventos. Agora me pareceo unillos, porque depois de Frey Jorze, authorizem a verdade do que dizemos delle. Foraõ elles o Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, Bispo de Viseu; o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, Inquisidor da Mesa Grande, Prégador delRey Dom Joaõ o IV. que foy Provincial desta Provincia; o Padre Mestre Frey André de Santo Thomaz, Lente de Prima na Universidade de Coimbra; o Padre Mestre Frey Pedro de Magalhaens, Inquisidor da Mesa Grande; o Padre Mestre Frey Fernando Soeiro. De taõ authorizadas testemunhas colheo, e recolheo as noticias, de que fabricamos esta memoria, o Padre Presentado, e Prégador Geral Frey Francisco de Sousa, da mesma Familia Dominicana, em hum Tratado Panegyrico, que escreveo

veo sobre a vida deste servo de Deos; mas porque este Senhor depois das conjecturas, que de sua penitente vida podiaõ formar argumento para a gloria, que se seguio á sua alma, ainda permittio, que o seu nome ficasse vivendo nas memorias de muitos devotos, que com elle triunfaraõ de grandes apertos, apontaremos alguns casos, que por confissaõ dos mesmos favorecidos pareceraõ prodigiosos.

Cahio enfermo de huma maligna Ruy da Sylva, filho de Jorze da Sylva, Cavalleiro Fidalgo, e de Dona Brazia de Abreu, moradores na Cidade de Evora, e em breves dias chegou ás portas da morte com taõ grande desengano de seus pays, e familia, que, fechadas as janellas, e sepultados todos em hum lastimoso pranto, antes trataváõ dos suffragios, que dos remedios. Mas os parentes, e pessoas graves, que lhe assistiaõ, aconselhados do que continuamente escutavaõ de Frey Jorze, Porteiro de S. Domingos, dando-lhe esperanças de remedio, passaraõ ao Convento, e representando ao bom Porteiro o estado do enfermo, sentimento de pays, e familia, o obrigaraõ a que chegasse áquella casa, em que se suspirava tanto sua assistencia. Escusouse Frey Jorze modesto, e humilde, naõ sentindo de si tanto, ou temendo os assaltos de vangloria, que hia dispondo o inimigo. Naõ houve mais remedio; recorrem ao Prelado, que lastimado, como persuadido, lhe manda, que logo vá visitar o enfermo. Toma Frey Jorze a capa, entra pelo meyo da familia chorosa, e dizendo com voz desembaraçada: *De que se agastaõ, de que se agastaõ? Morre Ruy da Sylva? Morra.* Cresceo em todos o pranto, e a magoa, entendendo pouco a frase, com que se costuma explicar a virtude. Chegou entaõ á cama, em que o enfermo por instantes espirava, e applicando-lhe a maõ (depuzeraõ as testemunhas, que assim lhe pareceo) á cabeça, voltou aos pays, e mais familia, e disselhes. *Naõ se agastem, naõ se agastem; que Deos dará saude a Ruy da Sylva. Demme esmola para que se diga huma Missa a S. Gonçalo, que eu heide ajudar a ella, e rogar pelo enfermo.* Deuse-lhe a esmola, voltou para o Convento, e ao mesmo instante abre os olhos o moribundo, e segura a todos, que se acha sem febre, e restituhido, como logo se vio, á inteira saude.

A mesma, e igualmente repentina conseguio Gaspar de Faria Severim, (affirmava-o Manoel de Faria seu tio, Chantre de Evora) por intercessaõ de Frey Jorze, porque fallando com elle para lhe pedir o soccorro de suas oraçoens, e dando-lhe noticia, que o enfermo (que assistia em Lisboa) estava perigoso, Frey Jorze lhe segurou, que estivesse sem cuidado, porque naõ havia já perigo, e outras circunstancias, que fizeraõ o caso mais prodigioso, depois que se soube o tempo, e melhora do enfermo.

Já desenganada de remedios para huma cruel maligna, esperava a ultima hora Antonia Jorze, mulher de Pedro Joaõ, moradores na mesma Cidade de Evora; e tanto sem esperança alguma de vida, que já em Casa tinha o habito de S. Domingos,

gos, que escolhera por mortalha. Era devota da Religiaõ, bemfeitora do Convento no que alcançava, como cuidadosa de acudir a Frey Jorze com o que necessitava para a sua Portaria. Sentio elle a noticia da enferma, visitou-a, consolando-a com o que Deos dispunha; e detendo-se hum pouco a rezar pelas suas contas, se levantou, dizendo-lhe, que queria Deos livralla daquella doença, e que contasse tantos annos, que visse a morte de seus filhos; e lançando-lhe huma bençaõ, se despedio, e no mesmo tempo a febre á doente. Pedio de comer, que já naõ fallava, nem lhe passava nada da garganta, e em breve teve saude perfeita, e depois vida taõ dilatada, que se verificou a circunstancia, que seu bemfeitor lhe promettera.

Domingas Coelha, moradora na mesma Cidade, padecia, havia annos, grande achaque, e dores nos olhos, a que naõ valeo em tanto tempo toda a industria dos Medicos. Levou-a a fama do Porteiro de S. Domingos a buscallo, e pedirlhe, e importunallo por algum remedio, com tal fé, e efficacia, que admirando-a o bom Frade, naõ pode mais defenderse, e lhe disse, que fosse para casa, e lavasse os olhos com agua limpa, que naõ teria nada. Naõ reparou a fé no facil da cura; lavou a mulher os olhos, e ficou logo, naõ só sem achaque nelles, mas nem mais o sentio em sua vida, que foy larga.

Mas caso novo, que succedeo a Frey Jorze, que vendose o prodigio, se desconhece o motivo delle. Estava na sua Portaria, quando chega a ella huma moça, com huma quarta á cabeça, pedindo-lhe, que lha mande encher na fonte, que corre no Claustro: suspendeose elle á primeira supplica; e á segunda, rompendo em hum impeto, nelle estranho, pega na quarta, e faz tiro com ella a grande distancia, em que se fez em pedaços. Seguiraõ-se os lamentos, e agonias da moça, e voltando a ella Frey Jorze, lhe disse: *Ide, ide buscar a vossa quarta; e naõ torneis mais aqui.* Volta ella, e vê inteira a quarta, e vem mostrando-a pela Cidade, contando o que com o Porteiro de S. Domingos lhe succedera, seguida de muitas testemunhas de vista. Mysteriosa foy em Frey Jorze a ira, que de outra sorte naõ merecera o que se seguio na quarta. Mas a que effeito huma cousa, e outra, se a primeira pareceo impropria, e a segunda desnecessaria? Porém ao que escrevemos compete o reparo, e naõ a decisaõ. Assim passaõ pelos juizos dos homens as acçoens dos Justos!

A hum Religioso, grande seu amigo, que de outro Convento vinha para o de Evora, disse Frey Jorze (abraçando-o na Portaria, e tendo estado nella como se o esperara) hum particular, que o Religioso trazia no pensamento, e a ninguem tinha communicado. Testificava-o depois o mesmo Religioso, que de entaõ começou a ter em mayor estima ao bom Porteiro. Tinha graça particular para pacificar animos discordes, e fazer amizades. Assim reduzia a commercio, e trato Christaõ a muitos entre si inimigos, e de envelhecidos odios; e á concordia conjugal a muitos casados. Estas,

e as mais acçoens authenticadas em hum processo, que se hia fazendo sobre a vida deste Servo de Deos, lhe poderaõ já ter adquirido o culto de Canonizaçaõ geral, ou particular, que, supposto rigoroso exame, costuma dar a Igreja; mas cortou a morte os passos, que o Presentado, e Prégador Geral Frey Francisco de Sousa começava a dar nesta diligencia, ficando todas sepultadas no descuido desta Provincia; culpa só nestes particulares tolerada, pelas poucas posses della, desengano, que a acobarda para naõ expor mais filhos seus á veneraçaõ Catholica, como a magoa de naõ dar a Deos essa gloria, esse credito a si, e á Igreja.

CAPITULO X.

Do Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, Bispo de Viseu, filho do Convento de Evora.

GRandes qualidades concorreraõ no Mestre Frey Joaõ, para que a sua noticia (neste, e mais seculos) naõ dependesse da nossa diligencia, bastandolhe seu nome para Chronica; porque o seu sangue o eternizou na duraçaõ de sua illustre Familia, a sua virtude na successaõ dos que com seu exemplo foraõ tomando o pezo á sua Mitra; e a sua sciencia nos partos de sua penna, que nos conserva a estampa. Mas naõ basta a taõ singular Varaõ noticia taõ commua; devaõ os Leitores mais miudas, e estimaveis circunstancias á nossa noticia, e authorizese a Casa de Evora com hum filho, que bastava a fazella venturosa.

Nella, sendo seu Prior Fr. Antonio Bernardes, Provincial desta Provincia o Mestre Frey Francisco Foreiro, e Mestre Geral de toda a Ordem Frey Vicente Justiniano, tomou o habito o Mestre Frey Joaõ de Portugal, filho dos Condes de Vimioso Dom Affonso de Portugal, e Dona Luiza de Gusmaõ, e irmaõ de Dom Luiz de Portugal, que depois de succeder na Casa, como legitimo herdeiro della, reduzio a escolha o que primeiro foy natureza, passando a acompanhar nos Claustros Dominicanos ao Mestre Fr. Joaõ, como se quizera no habito fazer segundo parentesco. (Em seu lugar nos servirá esta resoluçaõ de assumpto.) Nos primeiros annos veyo Frey Joaõ de Portugal a abraçar os rigores da Religiaõ nesta Casa, correndo com tanta felicidade, e constancia o de approvaçaõ no Noviciado, e os de exame no estudo, que (medida sua capacidade, em tudo grande) se fez hum tal lugar nelle, que naõ só o escutaraõ na Cadeira como Mestre, mas, alargando a penna a mayores empregos, fez, que o lessem como hum dos Escolasticos luminares da Theologia, nos dous grandes Tomos, que escreveo *de Gratia*, obra digna de desempenhar hum profundo Theologo no voto dos melhores do seu tempo.

O M. Fr. Joaõ de Portugal.

Sobre os nobres alicesses da sciencia, e do sangue, avulta com mais estimaçoens o edificio da virtude. Era conhecida, e venerada a do Mestre Frey Joaõ, e taõ adiantada em experiencias, que os Religiosos Bemficanos, onde entaõ resplandecia mais notoria a reforma da

Provincia, entenderaõ, que só com hum tal Prelado seguravaõ naõ só a conservaçaõ, mas o augmento della. Era aquella Casa de Bemfica para o genio, e espirito do Mestre Frey Joaõ o mais appetecido centro, a naõ lho desnaturalizar o haver de entrar nelle com o nome de Prelado; quizera o trato daquelles Religiosos, como de companheiros, e naõ de subditos; mas o que naõ explicava o cargo, soube praticar a industria. Eleito em Prior, assim foy suave o seu governo, assim achou superfluas as leys, donde a observancia era já natureza, que naõ veyo a ter naquella Casa o bom Prelado mais que o exercicio de companheiro. Assim o experimentavaõ pontual naquelles Santos Claustros as obrigaçoens de hum particular Religioso; só o sinalava Prelado a precisa ley de assistir a tudo.

Esta grande capacidade; o reformado de sua vida em toda a estreiteza das Constituiçoens, assim o adiantavaõ a mayores emprezas, que lhe meteo o Ceo nas mãos huma das que se contaõ entre as raras; naõ faltando quem diga, (e he verosimil) que seu exemplo foy o primeiro brado, que o mesmo Ceo deu nos coraçoens dos Condes de Vimioso, (seu irmaõ, e cunhado) para que deixando seus Estados, se recolhessem aos pobres Claustros Dominicanos, e levantassem (sogeita á mesma Ordem) huma Casa recoleta, que até o presente he os olhos desta Provincia, como (ajudando-nos Deos) o mostraremos em larga, e merecida escritura. Assim veyo do Mestre Geral da Ordem, (era entaõ Frey Jeronymo Xavier) commettida ao Mestre Frey Joaõ toda a direcçaõ na nova fundaçaõ do Mosteiro do Sacramento, sendo elle seu primeiro Vigario, a quem deveo aquella Casa, naõ só o augmento material, que em breve tempo se conseguio a desvelos de sua industria, mas tambem a alma de sua observancia nos documentos, e leys, (que arrimadas ás Constituiçoens da Ordem, apertaõ as obrigaçoens da Casa) taõ ajustadas, e taõ previstas, que sem duvida ficaraõ sendo a mais viva demonstraçaõ, naõ menos da capacidade grande de seu entendimento, que da piedade religiosa de seu espirito.

Assim voava huma, e outra qualidade nas azas de sua nobreza, que naõ contentes na estreita esféra da Corte Portugueza, ainda estreitadas na espaçosa de todo o Reyno, passavaõ aos estranhos, entrando pelas portas do Palacio Castelhano a occupar os ouvidos de Filippe II. a tempo que, vagando o Bispapo de Lamego, teve este Rey a fortuna de premiar merecimentos, sem o trabalho de consultar escolhas. Passou o Mestre Frey Joaõ a occupar aquella Mitra, deixando já em sua perfeiçaõ o Mosteiro do Sacramento, e a observancia delle, sendo veneraçaõ, e milagre das estimaçoens da Corte, estado, em que ainda hoje florece, com tantos esmeros de virtude, e constancias de austeridade, que a seu tempo nos daraõ glorioso assumpto, como em todo nos tem servido de credito. O muito, que o Mestre Frey Joaõ tinha grangeado neste Reyno, podia ser a mais certa noticia do

do que obraria no cargo, sendo taõ ingrata a memoria daquelles tempos, que consentio, que com elle se enterrassem as mais individuaes informaçoens de sua vida, e naõ nos roubou menos o esquecimento nos successos, que a sepultura nos seus ossos, ficando sem estes queixosa a Patria, sem aquelles a Provincia. Queixosa a Patria, porque na posse da sua sepultura prevaleceo Viseu como seu Bispado, contra Lisboa, ou Evora, que lhe servio de berço; a Provincia, porque podendo enriquecerse, e authorizarse com mais individuaes, e multiplicadas noticias de sua vida, alcançou só algumas, que vieraõ á nossa maõ com mais fortuna, que diligencia, polo pouco fruto, que se tira destas contra os poderes do tempo. Mas na calidade do pouco, que este nos perdoou, se poderá colligir o muito, em que poderamos alargar a escritura, reduzindo agora á de hum Capitulo a que sem duvida seria capaz de avultar em hum Tomo.

CAPITULO XI.

Continuaõ-se as noticias do Mestre Fr. Joaõ de Portugal.

SEm recorrer ao illustre de seu sangue, eraõ os cargos, que occupou o Mestre Fr. Joaõ, divida ás suas letras, e virtude; assim se crê, que a informaçaõ destas o pozeraõ no Pulpito de Filippe II. como seu Prégador, no lugar de Inquisidor da Mesa Grande, e no de Vigario do Mosteiro do Sacramento, occupaçaõ, que ao presente he bastante a calificar benemeritos, muito mais sendo o primeiro, que se escolheo para ella, a voto de hum Geral da Ordem, (e talento como foy Justiniano) que queria plantar naquella Casa o mayor rigor da observancia. Estes lugares occupou o Mestre Frey Joaõ: mas como nenhum era mayor que elle, nenhum alterava nelle a vida de verdadeiro Frade. A sua unica grangearia era ter naquelles postos mais que dispender entre necessitados; essa era toda sua ancia, que eleito Bispo, cresceo com as obrigaçoens da Mitra. Tudo o que lhe vinha á maõ, passava ás do Padre Frey Manoel do Rosario, (Religioso digno da sua estimaçaõ por exemplar, e reformado, que assistira com elle no Sacramento) este era seu particular Esmoler, este o de que alcançamos (de sua mesma letra) esta memoria.

Era o Mosteiro do Sacramento o primeiro soccorrido; o que restava, se repartia entre viuvas nobres, donzellas recolhidas, e Estudantes pobres, especialmente Irlandezes, a quem ajudava com zeloso intuito, e piedosa esperança de Missionarios de sua Patria. Naõ tinha outros empregos qualquer grangearia sua; o Padre Frey Manoel arrecadava, e dispendia tudo. Affirmou-o elle mesmo, accrescentando, que nunca o Mestre Frey Joaõ pedira contas, nem em sua maõ tomara dinheiro em toda sua vida, quanto aos muitos annos em que o conhecera, e acompanhara. Bem alcançava aquelle grande, e bem doutrinado entendimento, que naõ tinha o dinheiro mais prestimo, que para bem dispendido, nem mais con-

ta, que ser tambem empregado.

Este foy na caridade; (todo do proximo) naõ foy menos na obediencia (nada de si). Mostre-o entre muitas huma occasiaõ. Tratado de hum Prelado com excesso, (culpavel desacordo esquecerse de que he pay hum Prelado) assim no largo tempo, que o teve prostrado em venia, como no aspero, e solto das palavras, a que o precipitou inconsideradamente a colera, se levantou o Mestre Frey Joaõ, sem se lhe ver, nem ouvir outra acçaõ mais, que as que se praticaõ nas Constituiçoens, que he beijar ao Prelado o Escapulario, e repetir *Benedictus Deus*, como se dissera: Por tudo seja Deos bemdito. Era a innocencia a que escutava aquella semrazaõ, e nem esta, nem aquella bastaraõ a abalar aquella estatua do silencio mais, que para prostrarse sobre a terra victima da obediencia.

Nesta se ensayou sua humildade, e nem os privilegios da prelazia o escusavaõ dos empregos de mayor servidaõ. Era Prior de Bemfica, e sem faltar a nenhuma obrigaçaõ da Casa, lia actualmente Theologia. Pelos lugares visinhos o escutavaõ doutrinando Apostolicamente assim no estylo do Pulpito, como no do caminho. Era a primeira ancia, que o levava, estender por aquelles ouvintes rusticos, e atear naquelles coraçoens secos a devoçaõ do Rosario, (a que a tinha ardentissima) occupaçaõ, que hum culpavel descuido, e huma omissaõ indesculpavel nos tirou das mãos, sendo os filhos de S. Domingos os primeiros, e unicos, que por Instituto se escutaraõ nestes Reynos, naõ só pelos Templos, e Pulpitos, mas pelas praças, e ruas publicas: empregos, de que se jactaõ obreiros mais modernos, usurpando para si o nome, que nesta cultura grangearaõ, e souberaõ merecer os nossos, e hoje conservaõ com credito, e reputaçaõ, se bem com menos applicaçaõ, (a auditorios rudes, innocentes, ou incapazes) naõ digamos só de esquecidos, digamos tambem de cançados.

Eleito Bispo o Mestre Frey Joaõ, antes foy dispenseiro, que Prelado de sua Igreja, com taõ seguro conhecimento de que naõ podia ter outro nome hum Bispo, como se vê em huma reposta, que deu ao seu Secretario. Falecendo seu irmaõ Dom Nuno Alvares de Portugal, que actualmente era hum dos Governadores deste Reyno, e deixando cinco filhos orfãos, e desamparados, (cousa incrivel de quem tinha na maõ hum governo, mas esperada do austero proceder de Dom Nuno, como de hum pay, que deixava a seus herdeiros a melhor nobreza destes Reynos, com a reputaçaõ de ter occupado nelles os mayores postos, sem que se sentisse que tinha filhos) escreveo ao bom Prelado seu sobrinho Dom Miguel de Portugal, (que faleceo depois sendo Bispo de Lamego) dando-lhe noticia do desamparo dos orfãos, e de que o cunhado delles o Conde de Monsanto, e Marquez de Cascaes, levara para casa dous, bastante fineza para o parentesco, e naõ menos carga para quem se achava assaz attenuado. Concluia finalmente Dom Miguel, que aquelles orfãos naõ tinhaõ já os olhos mais que na-

 quelle

quelle tio, a que como pobres executavaõ como pay. A esta supplica, ao parecer taõ justificada, respondeo elle: *Que fóra de sua Igreja naõ podia em consciencia alargar a maõ, nem ainda á mais arrezoada esmola; que elle como tio sentia o desamparo, mas como Bispo naõ se lhe podia offerecer para o soccorro; que se seus sobrinhos quizessem vir para sua casa, achariaõ nella, como orfãos do Bispado, sustento, e ensino.* E advertindo-lhe o Secretario, que huma tal esmola naõ admittia escrupulo, respondeo (palavras dignas de tanto Prelado, e de se gravarem entre as Armas de todos os da Igreja.) *Ainda naõ sabeis, que as rendas dos Bispados saõ o dote dos Bispos; as Igrejas as esposas; os filhos os pobres? Pois para que se me deu este dote, senaõ para os criar só a elles?*

Assim tinha repartido as rendas do Bispado, que ficando-lhe para sua casa, e familia tres mil cruzados, o que restava para dezaseis (que era a renda toda) passava ás mãos da pobreza, mas repartido com tanta prudencia, que naõ chegava só aos mendigos, a que de paõ, e dinheiro se soccorria á porta, mas entrava pelas da viuva authorizada, da donzella recolhida, e do honrado, a que o pejo prendia os passos, e tapava a boca, sentenceado entre duas paredes ao martyrio de sua miseria Para o acerto deste dispendio tinha pessoas de confiança em todo o Bispado, que o avisavaõ assim do desamparo, como do procedimento dos benemeritos daquelle cuidado, e daquelle soccorro. Entrado no Bispado, eraõ muitos os doentes. Retardavaõ-se os medicamentos, porque naõ era prompta a expediçaõ ás petiçoens dos necessitados. Naõ sofreo esta froxidaõ o bom Prelado, que, como outro Paulo, enfermava com todos. Passou huma Provisaõ ao seu Medico Manoel Monteiro, e ao seu Boticario, para que, conhecida a pobreza do enfermo, se lhe acodisse com tudo, sem que se attendesse nas receitas ao custo, mas ao remedio; antes porque naõ houvesse falta em nenhum, em a havendo em casa do enfermo, se lhe fizesse aviso.

Quis infirmatur, & ego nõ infirmor? 2. ad Corint. 11.

Aos Religiosos Arrabidos, que tinhaõ Convento em Orgens, (lugar tres legoas da Cidade) dispoz com suavidade a custosa jornada, que faziaõ ao meyo dia, vindo á esmola. Assentou com o Guardiaõ, (que dava por causa de virem ao peditorio áquella hora, o ser a em que todos estavaõ em casa) que viessem os Religiosos de manhãa fóra da calma, que recebessem o que achassem, e que o que lhes faltasse, se lhes daria da sua. Assim com huma piedosa industria lhes remediou as faltas, e os livrou de doenças.

Chegouse certo homem honrado, (de que tinha informaçaõ da muita miseria, e multiplicada familia) a pedirlhe huma esmola; e mandando, que se lhe dessem quatro mil reis, e recebendo só dous de quem os dispendia, ficou o homem passeando no patio, a tempo que o bom Prelado chegava a huma janella. Chamou-o, e sabida a causa da suspensaõ, e da detença, perguntou ao Esmoler porque lhe naõ dera os quatro mil reis, que lhe mandara. *Senhor*

nhor (refpondeo o criado) *porque entende que fó dous. Pois agora* (tornou o Bifpo) *dai-lhe oito. E agradeçovos a pouca advertencia, que defpertou a minha; porque na verdade para quem tem tanta familia, e tanta falta, harto pouco faõ oito, quanto mais quatro.*

Pedialhe certo Conego huma efmola em nome de huma viuva honrada, que dava eftado a huma filha, e propunhalhe a fupplica com rodeyos, e frieza. Refpondeolhe, (atalhando-lhe a pratica) *Senhor Conego, quando voffa merce me fallar em femelhantes materias, falle com mais confiança; que para os filhos naõ fe pede aos pays com rodeyos.* E mandoulhe dar doze mil reis, que para aquellas partes, e para aquelles tempos era huma aventajada efmola. Mas outro cafo nos eftá chamando, trilhado fó dos mais agigantados paffos da caridade.

Efperavaõ-no os criados em huma Dominga, que hia prégar á Sé. Dilatava-fe confideravelmente, e era a caufa da detença chegarfe hum pobre á janella da cafa em que affiftia, (cahia para o patio a janella, e era terreira a cafa) e como fe lhe moftraffe defpido, e naõ fe achaffe o bom Prelado com que remediallo, foy dentro, e defpindo hum jibaõ, que trazia de poucos dias, o entregou ao pobre, pondo em feu lugar hum taõ velho, que elle mefmo o tinha deixado. Soubefe o roubo, que fe tinha feito a fi mefmo: reparando hum domeftico, e perguntando-lhe, porque naõ ufava do jibaõ novo? *Eu* (refpondeo) *naõ tenho mais que efte. O outro levou-o quem o havia mifter mais que eu.* Affim entendia efte Prelado, que eraõ os Bifpos fervos, e Miniftros dos pobres, e que naõ devia o Senhor andar defpido, e o Miniftro enroupado. Ou entendia melhor a fua caridade, que naõ era defpirfe a fi, o veftir ao pobre, fendo advertencia do mefmo Chrifto, o naõ defprezar nella a fua mefma carne.

Cum videris nudum, operi eum; & carnem tuam ne defpexeris. Ifaiæ 58. 7.

Cafos de igual, e mayor circunftancia lhe fuccederaõ nefta materia: fepultou-os o defcuido. Em nada o teve depois de Bifpo, daquella regra, e eftylo de vida, que exercitara nos Clauftros Sagrados da Religiaõ. De manhãa, (antes que o fentiffe fua familia) paffava huma hora de oraçaõ diante do Santiffimo Sacramento. A' noite (depois de recolhida ella) outra. Para efta occupaçaõ, mais vezes continuada no dia, efcolheo hum quarto baixo para fua affiftencia; affim lhe vinha a ficar a cafa, em que a fazia, com porta para a Capella. Alta noite o fentiaõ talvez abrilla, por mais que fiava o fegredo daquella hora. Alli hia bufcar o defcanço, defconhecendo-o no leito. Naõ fabia ter focego nas vifinhanças daquelle Divino fogo; fahia a refrigerarfe, e tornava a accenderfe.

Tinha a fua abftinencia duas circunftancias de martyrio. O jejum, e o naõ poder diffimulallo. Fazia-o ás vezes com a induftria de indifpofto. Muitos jejuns de paõ, e agua, inventando diffimulos para o naõ perceber a familia. Acompanhava-os com rigorofas difciplinas; fe eftas defcançavaõ, naõ o faziaõ hum cilicio de agudos bicos, ou huma afpera corda de efpar-

esparto, que o cingia com tanta estreiteza, que testemunhava o seu Cirurgiaõ, que algumas vezes (lançando-lhe algumas ventosas por causa de queixa repentina) lhe vira as chagas, e sinaes della. Antes de sua morte chamou a hum Pagem, de quem só fiava os rigores de sua penitencia; (estava já havia dias de cama, e restavaõ-lhe poucos de vida) e sahindo este com as lagrimas nos olhos, de detraz de huma cortina, que lhe cobria a cama, se soube delle, (depois de importunado, e perseguido) que o segredo fora entregarlhe com muito aquelles instrumentos, com que se cingia. Agora pareçe, que o martyrizavaõ mais quando os tirava, na contingencia de se saber que os trouxera.

Estes eraõ os thesouros, que o justo Prelado escondera, em quanto pizou o caminho da vida. Quem assim o trazia cuberto, naõ queria, que lhe roubassem o thesouro; naõ escondello he indicio de o permittir roubado, dizia o grande Gregorio. Temia o penitente Prelado, que o salteasse a vangloria, e prevenia-se com as armas da cautela. Conheceo-se bem (depois de sua morte) a muita que tivera, achando-selhe nas gavetas de hum contador alguns cilicios, e disciplinas, onde o sangue era a melhor rubrica, para se entender, que naõ estiveraõ ociosas. Estas as pessas de valor, com que occupava gavetas, como quem só nellas suppunha as preciosidades de thesouro, com que se podia comprar hum Reyno; ou como quem sabia, que aquelle era o thesouro unico, que vinha a ter prestimo guardado. Mas hiaõ as penitencias, e a idade consummindo aquella vida, sustentada só a desejos de mais mortificada, sobre serem os achaques continuos acrédores desse pouco que vivia. Romperaõ finalmente em humas dores insoportaveis, acompanhadas de continuos, e violentos vomitos; durando assim tres dias, em que o bom Prelado (que ao primeiro conheceo, que eraõ os ultimos) se dispoz para aquella hora (que o he da vida) com tanto socego, como senaõ fora para perdella.

Depraedari ergo desiderat qui thesaurũ publicè portat in via. D. Gregor. homil. 12. in Evang.

Pararaõ impensadamente os vomitos, recebeo com suavidade os Sacramentos, respondendo, e ajudando ao da Unçaõ, como se antes o dera, que o recebera, ficando com huma nova alegria, que bem se lhe divisava no semblante, e como se já o reconhecera immortal o achaque, sem demonstraçoens delle. Tal era sua paciencia, ou tal a representaçaõ do premio, que esperava! Rodeava-o magoada, e saudosa sua familia, e outras pessoas graves, que lhe faziaõ assistencia: voltou a todos os olhos com socego; e com voz desembaraçada pedio a todos perdaõ do mao exemplo, que lhes dera, continuando em huma exhortaçaõ sobre o que os Catholicos (e especialmente Prelados) deviaõ dar na vida, e na morte, authorizando o que dizia com lugares Sagrados, e acçoens de Santos, com tanta propriedade, e taõ genuina accommodaçaõ trazidos, como se aquella hora o permittira, ou elle desconhecesse que estava nella. Tal era seu socego! Tal sua advertencia!

Mas

Mas aquelle era o estylo, com que os grandes Prelados da primitiva Igreja passavaõ desta á melhor vida.

Acabou: e pondo os olhos em hum Christo crucificado, suspendia a voz, para que fallasse o espirito, quando dos Religiosos, que lhe assistiaõ, lhe disse hum: *Senhor, grande consolaçaõ terá Vossa Senhoria, de que se lhe acabem os trabalhos com huma vida, que, servindo sempre a Deos, mereceo o ultimo premio, como o prometteo S. Paulo: Ipse autem salvus erit.* Ao que com promptidaõ, e voz clara, e percebida de todos, respondeo: (continuando o lugar do Apostolo) *Sic tamen quasi per ignem.* Como se dissera: Sim se salvará, mas como passando por fogo. Quiz parecer, (porque em hum tal Varaõ, em tal hora, e com tal advertencia naõ deixava de ser mysteriosa a continuaçaõ do Texto, que se lhe tinha trazido) que fallava de illustrado, ou como taõ grande Theologo, deixando pendulo, e dubio o conceito, que se podia formar daquellas palavras: *Sic tamen quasi per ignem*, naõ se entendendo de proprio, ou determinado fogo. Porque na intelligencia do Anjo das Escolas, nosso Mestre Santo Thomaz, valem tanto como dizer: *Esse, que foy Mestre, e ensinou, conseguirá a vida eterna, mas passando por martyrio, por fogo, por penalidade, ou nesta vida, ou no fim della, ou no fim do Mundo.* E quem como este penitente Prelado viveo em hum continuado martyrio, parece, que fallava de si, como já visinho áquelle ultimo premio.

1. ad Corinth. cap. 3. n. 105.

Salvus erit salute æterna, sic tamen quasi per ignem, quem se prius sustinuit, vel in hac vita, vel in fine hujus vitæ, vel in fine mundi. D. Thomas hic.

Tornou a levantar os olhos, já nevoados com as sombras da morte, e pondo-os no Crucifixo, lhe entregou por elles a alma, trocando-se-lhe a cor pallida em huma taõ viva, e gesto taõ composto, e bem assombrado, que lho naõ conheceraõ semelhante, nem o viraõ com taõ boa presença no mayor vigor de sua vida. Mas essas eraõ as ventagens da que agora lograva. Testemunhou-o assim o Padre Frey Manoel do Rosario, Religioso da Ordem, reformado, e digno de credito, de que atraz temos já fallado. Naõ mereça menos credito o Padre Fr. Ignacio de S. Payo, Religioso tambem da Ordem, que assistia ao bom Prelado. (e este o seu mayor abono, ser seu escolhido.) Advertio este Religioso, que sobre o aposento do moribundo se deixara ver hum cometa, mais vivo naquella hora, porque consta, que muitos dias antes se divisara. O em que faleceo o Santo Prelado foy o de 26. de Fevereiro de 629. ás cinco para as seis horas da tarde.

Divulgou-se a morte pela Cidade, com huns effeitos taõ funebres, como se fora enlutando os coraçoens de seus habitadores. Todos perdiaõ; os pobres pay; as ovelhas pastor; a Igreja Prelado. Diziaõ-no os clamores dos necessitados, confirmava-o a tristeza, e lagrimas de todos. As mãys apertavaõ nos braços os pequenos filhinhos, e diziaõ: *Filhos, donde hemos de ir? A quem haõde recorrer nossas necessidades, que morreo o Pay dos pobres?* Estes lamentavaõ: *Quem nos defenderá dos poderosos, da soberba, da arrogancia, e da violencia, se se quebrou o escudo da nossa honra, e da nossa vida*: Diziaõ outros: *Quem*

Quem se doerá de nós? Da nossa afflicçaõ, da nossa miseria, da nossa desgraça, Se já se acabou a piedade, a comiseraçaõ, a lastima, e a clemencia? E todos em hum lamento confuso diziaõ, e bradavaõ: *Donde está o nosso Bispo santo?* Com esta demonstraçaõ (repartida, e repetida pelas janellas, e pelas ruas) acompanharaõ o corpo até a sepultura. Abriose-lhe esta no pavimento da Capella môr da Sé, para a parte do Evangelho; cobre-a hum grande marmore, em que se lêm esculpidas estas letras:

Sepultura do Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, Bispo que foy de Viseu. Faleceo a 26. de Fevereiro de 1629.

Pequena urna para tanto Fenix, a naõ tomar a fama á sua conta outra mais elevada; ou a naõ ser empreza dos que o saõ na virtude, quererem, que só lha lavre a humildade. Era o Mestre Frey Joaõ de proporcionada estatura, rosto bem afigurado, mas desmayado, e seco, de exercicios penitentes. Estes, como todos os de sua vida, lhe grangearaõ a antonomasia de Bispo Santo, com que ainda em vida o appellidava todo aquelle Bispado.

CAPITULO XII.

Do Padre Frey Francisco da Purificaçaõ, e o Padre Mestre Frey Antonio da Encarnaçaõ, que foy Provincial de Armenia, ambos filhos do mesmo Convento de Evora.

O P. Fr. Francisco da Purificaçaõ.

TOmou o habito, e professou neste Convento tambem por filho delle o Padre Fr. Francisco da Purificaçaõ, mostrando na latinidade, recolhimento, e amor do estudo hum talento de tantas esperanças, que logo começaraõ a ter experiencia no exercicio das Aulas, passando ao Collegio de Coimbra, dalli ao Porto, a ler a Cadeira de Moral, que temos publica naquella Cidade, com grande, e experimentado fruto dos Ecclesiasticos, que alli bebiaõ, e bebem as primeiras doutrinas, adestrando-se a apacentar o rebanho das ovelhas de Christo naquella Provincia, e mais Igrejas deste Reyno. Naõ era menor o interesse, com que o escutavaõ no Pulpito, sendo tanta sua capacidade para elle, que ouvindo-o cada dia, nem lhe afroxava o auditorio, nem lhe enfraquecia o talento. Do Porto passou a Lisboa a continuar a leitoria de Moral no Collegio da Rainha Dona Catharina. Neste tempo foy eleito Prior de Elvas, Patria sua; e restituido depois á sua Casa de Evora, ordenou novo modo de vida.

Era a sua até alli ordinaria, mas descobrindo-se já nella almas luzes de que se encaminhava á perfeita, em hum genio humilde, e modesto, huma sinceridade de animo, que talvez parecia incomparavel com a agudeza de seu entendimento, huma pontualidade na assistencia do Coro, especialmente nocturno,

no, por mais que a occupaçaõ do estudo o tinha dispensado; e finalmente hum coraçaõ brando, inclinado ao bem do proximo. Com este estylo de vida foy passando, até que alguns annos antes de sua morte o illustrou o Ceo para aperfeiçoalla, merecendo na passada o conselho de adiantar o que lhe restava della. Retirouse de todo o commercio, (sem ser visto mais que nas Communidades) empregando o tempo, que lhe grangeara o retiro, no exercicio da oraçaõ, em que se inflammava para os empregos da penitencia, cercando-se de cilicios, tomando todos os dias huma disciplina, e apertando os jejuns da Regra, a que accrescentava outros de mayor estreiteza. Fora sempre devoto da Senhora do Rosario: agora, como se para ella só vivera, naõ lhe deixava o Altar. Nelle officiava o Terço todos os dias; nelle cantava a Missa todos os Sabbados; nelle fazia as Praticas todos Domingos, tratando-se em tudo como hum humilde Capellaõ seu.

De noite se detinha orando diante de sua Imagem; em huma o assaltou, ao que parece, hum pensamento desesperado, (representaçaõ do inimigo, a que seu concerto de vida traria já cuidadoso) porque rompendo o silencio em voz alta, e chorosa, como desafogando-se de huma grande agonia, disse fallando com a Senhora: *Eu heime de perder Senhora? Naõ fio eu taõ pouco de vossa grande piedade, e misericordia: antes seraõ os meus peccados occasiaõ de mostrar que sois Mãy de Deos.* E callou continuando os soluços. Testemunharaõ-no alguns Religiosos, (que se achavaõ fazendo oraçaõ em diversas, e distantes Capellas) de que Frey Francisco se julgava seguro, por ser fóra de horas.

Enfermou pouco tempo depois, e aggravando-selhe a doença, escutou sem susto o ultimo desengano da vida. Recebeo os Sacramentos devoto, e alvoroçado. Assim lhe cahiaõ dos olhos as lagrimas com desassombro, sahindo-lhe com o mesmo as jaculatorias do peito. Julgava-se aquella inteireza por favor de sua soberana Advogada, entendendo-se lhe anticipara a noticia de sua morte, e de que se lhe seguiria a eterna felicidade; porque, acabada a Unçaõ, chamou hum Religioso de sua confiança, e com hum estranho socego lhe pedio, que mandasse dizer a humas sobrinhas suas, que elle estava para se partir para o Ceo; que se naõ desconsolassem, e encomendassem tudo a Deos. E voltando-se para os Religiosos, que o Prelado, como he costume, tinha posto, para lhe assistirem, lhes disse: *Bem podem ir descançar, que isto naõ he para agora, porque naõ acabarey senaõ daqui a oito dias, na primeira Oitava do Natal.* Admiraraõ-se todos naõ só do que dizia, mas da grande segurança, e assento com que o propunha; mas mostrou-o assim a experiencia.

Passou os oito dias com huma paz, e vida Angelica, sem mais que fallar em Deos, pedir, que lhe rezassem, ou ajudassem a rezar o Officio, e Rosario da Senhora, e outras devoçoens; que escutava com muita doçura; e chegada a primeira Oitava, depois de advertir, que lhe puzessem á cabeceira a Imagem da

Senhora do Rosario, e de Christo Crucificado, disse a hum dos Religiosos, que lhe assistiaõ, que fosse tocar as taboas, para que se ajuntasse a Communidade. Tocou-as, ainda que com repugnancia, porque naõ havia no enfermo sinal de ser aquella a ultima hora. Com o mesmo conceito resistiaõ os Religiosos a lhe rezar o Officio da agonia, mas pedia-o, e huma véla acceza com tal instancia, que pareceo naõ se lhe dilatar o que pedia. Tomou a véla, e acabado o Officio, espirou placidamente, deixando a todos igualmente sentidos, e consolados, em a primeira Oitava do Natal, como dissera, anno de 1643. Está sepultado no Capitulo.

O M. Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

Nunca o estará o nome de outro filho, em que esta Casa podia livrar todo o seu credito, o Mestre Frey Antonio da Encarnaçaõ. Nella tomou o habito, e este foy o berço, em que começou a criar os espiritos, com que depois triunfou, se naõ de serpentes, de trabalhos. Abraçou todos os da Religiaõ com tanta ancia de fazer com elles ditosa grangearia, que nem o mais arduo estudo lhe enfraquecia a constancia. Parco, recolhido, penitente, e adiantado em huma exemplar refórma, como em annos, quiz sacrificar a Deos os mais robustos em mais preciosos empregos. Embarcouse para a India, donde exercitada, e conhecida sua grande capacidade, (com que authorizou as Escolas daquella Congregaçaõ) alcançou o grao de Mestre, sem que nos annos, em que o andou merecendo, afroxasse em Pulpito, e Confessionario na applicaçaõ da cultura Evangelica, para que o Pay de Familias o chamara.

Ou fosse outra a causa, ou desejos de dar os ultimos abraços á Patria, voltou para ella; fez o caminho por terra, com a industria de caminhar, e aprender, e com tanta ventura, que passando por Armenia, escutou muito acaso naquelle remoto clima os já enfraquecidos eccos da voz Evangelica do espirito Dominicano, que obediente ao Instituto Apostolico, naõ se estreitou a hum só hemisferio: *In omnem terram exivit sonus eorum.* Naõ lhe valeraõ a Armenia as distancias com que olha para a Europa; lá penetraraõ os descobridores de melhores Indias, avaliando por thesouros as almas, que enriqueciaõ Catholicas. Achou aqui o Mestre Frey Antonio hum pequeno, e pobre Convento de Armenios Dominicanos, e observantes a seu estylo, mas guardando nelle taõ pouca politica Christãa, que os mesmos Sacerdotes cultivavaõ a terra, passando do Altar a pegar na enxada.

Psalm. 18.

De outra fórma temos tambem esta noticia, que o que achou o Mestre Frey Antonio, naõ era Convento, mas alguns Religiosos dispersos por differentes partes, vivendo com liberdade secular, mas pobremente, sem terem de Dominicos, e Religiosos mais, que o nome. Começou a congregallos, ou advertillos o nóvo hospede, a darlhe larga, e miuda relaçaõ de nossas ceremonias, de nosso exercicio, e observancias; pendiaõ da boca do prudente Legislador, como de Oraculo, que o Ceo lhe destinara para sua refórma, e era a vida, que nelle

obser-

observavaõ, huma animada estampa, a que cada hum começou a compor a sua. Desejavaõ Prelado o que escutavaõ Mestre, recorreraõ a Roma, veyo o Mestre Frey Antonio feito, e confirmado em Provincial de Armenia. Entaõ entrou em mais maduros cuidados de Legislador; fezlhe a nosso estylo Actas, e Ordenaçoens, que vio obedecidas no tempo de sua prelazia, com tanta gloria de as ver observadas, como os subditos com gosto de se verem observantes. Assim os deixou taõ industriados, como saudosos; e passou a Roma.

Era pelos annos de 1684. celebrava-se o Capitulo geral, em que sahio eleito em Mestre da Ordem o Mestre Frey Joaõ Bautista de Marinis. Achava-se na Curia o Presentado Frey Manoel de Vasconcellos, assistindo a algumas importancias do Mestre Frey Diniz de Lancastro, Provincial desta Provincia, que tendo noticia da assistencia do Mestre Frey Antonio, mandou ordem, para que no Capitulo entrasse como Diffinidor, e o Presentado Fr. Manoel como Socio. Assim conheceo Roma o seu talento, que ainda entre as primeiras personagens fazia vulto, e taõ grande lugar a sua pessoa, que a teve aquelle grave Congresso por hum espelho da observancia, a que toda a Ordem se podia compor, e de que se devia authorizar.

Chegado a este Reyno, naõ tardou Bemfica em o querer ver seu Prelado, como Casa reformada, e costumada a semelhante escolha. Elegeraõ-no aquelles Religiosos em Prior, honra, que recebeo com agrado, por ter experiencia da verdade, com que naquella Casa costuma ser escravidaõ a prelazia. Alli viveo contente, alli esmerou as pontualidades de observante, vendo-se obedecido de huns subditos, donde a refórma, antes que ley, parecia escolha, antes que mortificaçaõ, competencia. Descançava do cargo, quando o Tribunal do Santo Officio de Evora o chamou para seu Deputado. Ainda que honroso, era trabalho, havia de áchallo prompto; deixou Bemfica, partio para Evora. Falleceo por este tempo, em que se contavaõ os annos 1654., o Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro. Promoveo a Sede Vacante ao Mestre Frey Pedro de Magalhaens de Deputado ao lugar do Conselho Geral da Inquisiçaõ de Lisboa; suspiravaõ nella, e nelle pelo Mestre Frey Antonio, veyo a occupar o lugar de Deputado, que deixava o Mestre Frey Pedro.

Eraõ já publicas as noticias de religiaõ, e letras, com que o Mestre Frey Antonio se fazia buscado, para plantar, ou cultivar refórmas; naõ quizeraõ as muito Religiosas Madres do Sacramento, que se queixassem do seu voto humas qualidades destinadas a ser exemplo. Pediraõ-no, e tiveraõ-no Vigario; mas hiase abbreviando a carreira de sua vida, tantos annos antes sepultada, porque naõ era seu habito mais que huma estreita mortalha, que o cingia. O jejum continuo, as penitencias repetidas, e descarregadas em hum corpo seco, e descarnado, o tinhaõ reduzido a hum vivo esqueleto. Cahio enfermo: e conhecendo logo, que naõ seria a a cama mais, que hum breve des-

deſcanço para tornar a caminhar para a ſepultura, chamou o Enfermeiro, e fiando delle parte do theſouro, com que tinha comprado o Ceo, lhe entregou huns cilicios, e diſciplinas, para que os ſepultaſſe donde ninguem os viſſe, porque naõ fiava do eſtado, em que eſtavaõ, o ſegredo do eſtylo com que ſerviraõ. Pedio, e recebeo os Sacramentos com animo inteiro: e entre demonſtraçoens penitentes, e compungidas, acabou taõ ſuavemente a vida, como ſe ſe lhe anticipara a certeza de melhoralla, em 15. de Outubro de 1665.

Foy o Meſtre Frey Antonio da Encarnaçaõ hum dos ſinalados Theologos do ſeu tempo, de clariſſimo entendimento; de ſua diſcriçaõ, e natural elegancia nos ficou ſegura memoria no additamento, em que deſcreveo o Convento de Bemfica no eſtado em que o poz o deſvelo, e induſtria do Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Vaſconcellos. Le-ſe na ſegunda Parte da Chronica do Padre Frey Luiz de Souſa, cuja vida eſcreveo tambem no Prologo della, taõ obſervante nas regras da legitima hiſtoria, que parece, que com aſſumpto lhe deu tambem a penna o Chroniſta. Sem duvida da maõ lha tirou a morte, embaraçando-lhe ſemelhante emprego, a que tinha feito Prologo nas relaçoens das Chriſtandades de Solor, que imprimio, naõ deixando de ſer culpavel em ſua meſma modeſtia, o naõ querer deixarnos em mais largo papel mayor doutrina. Mas praticada maxima entre os grandes talentos, que ſempre teve, e tem eſta Provincia, ſepultar prendas, como ſe as legitimas temeraõ, e ſe acautelaraõ contra as jactancias, ou naõ as deſtinara o Ceo para publicas, caſtigando as omiſſoens dos que, ſepultando o talento, eſperdiçaõ o lucro. Tem ſepultura no Capitulo de S. Domingos de Lisboa. Nem ſe deſcuidou o Ceo de ſingularizalla na opiniaõ, que ainda corre de que ſe vio ſeu corpo inteiro alguns annos depois de ſepultado. Foraõ os que viveo 67. para 68.

CAPITULO XIII.

Do Meſtre Frey Valerio de Saõ Raymundo, Biſpo que foy de Elvas, filho deſta Caſa de Evora.

O Mais moderno filho deſta Caſa, e digno de que ella ſe jacte de o merecer filho, como eſta Provincia de o obedecer Prelado, e a Cadeira de Elvas Biſpo, foy o Meſtre Frey Valerio, filho da nobre Villa de Eſtremoz, de pays honeſtos, de que ſahio com huma Chriſtãa educaçaõ. Paſſou nos primeiros annos á da Religiaõ Dominicana, vivendo nella com obſervancia, e inteireza de vida; nos eſtudos correo as Cadeiras com tal reputaçaõ de Letrado, que foy Oraculo da Theologia no ſeu tempo. Nas prelazias foy taõ conhecido, e buſcado o ſeu zelo, que, depois de occupar muitas, chegou á de toda a Provincia, em que ſua ſeveridade deſempenhou a refórma, como a ſua capacidade encheo o lugar. Aſſim o pertendiaõ os da mayor obſervancia, que o Moſteiro do Sacramento (centro della) o pedio, e conſervou

O M. Fr. Valerio de S. Raymundo.

vou muito tempo seu Vigario. Chamou-o o Tribunal supremo da Inquisiçaõ para seu Deputado, primeiro de Evora, depois de Lisboa, adonde passou para o lugar do Conselho Geral, que exercitou, e encheo com suas letras, prudencia, e modestia, acompanhadas de huma agigantada estatura, de hum aspecto isento, e carregado; naõ porque o fosse o seu genio, mas porque nasceo (como sua capacidade) seu grande talento com aquella recomendaçaõ de respeitado.

Finalmente acclamaçaõ commua, que seguia, e espalhava seu merecimento, com as notorias, e excellentes calidades de grande Religioso, e grande Letrado, o offerecia nas consultas aos melhores votos deste Reyno, para os cargos, que nunca o acharaõ pertendente, e sempre benemerito; desengano com que elRey Dom Pedro II. o poz na Cadeira Episcopal de Elvas, que venturosamente o recebeo Prelado, e o experimentou Pay. Foy sagrado em 10. de Mayo de 1683. no Religiosissimo Mosteiro do Sacramento, em que actualmente era Vigario, pelo Illustrissimo Arcebispo Inquisidor Geral Dom Verissimo de Lancastro, Assistentes o Bispo do Rio de Janeiro, e Secretario de Estado Dom Fr. Manoel Pereira, e o Bispo de Angra Dom Lourenço de Castro, ambos da Ordem dos Prégadores, como se verá nestes escritos. Tomou posse do Bispado em 22. de Março de 1683. Naõ mudou Frey Valerio mais que de Cidade, porque naquella começou o seu Palacio a ser mais hum Convento Dominicano. O nù, e despido de suas paredes, o pobre de suas alfayas, o modesto, e moderado de sua Familia, naõ era outra cousa. Com o pobre ornato da sua cella, que levou do Convento de S. Domingos de Lisboa, poucas cadeiras, barra de pao tosco, mantas, e cubertas de seu uso, passou a occupar, e vestir as casas em que fallava, e se recolhia. Na sua mesa (que era tinelo, a que entrava com os Religiosos, que lhe assistiaõ, e alguns Ecclesiasticos de seu serviço, que naõ passavaõ de quatro) desconhecido sempre o regalo, naõ entrava mais que hum prato, (e esse moderado) para sustento. O serviço da mesa, com ordem, e composiçaõ de hum religioso, e concertado refeitorio, aceyo sem ostentaçaõ, ou ornato, porque a sua prata era só a que servia nos Pontificaes.

Da assistencia da sua Sé só se dispensava enfermo. A estes por suas mãos administrava o Viatico, em quanto os achaques lhe naõ impediraõ este exercicio; mas nem poderaõ elles mais que sua caridade; que aos Prelados legitimos da Igreja cahemlhes os grilhoens do pés, e mãos, quando he para o serviço della. Já o bom Prelado se movia com difficuldade, cheyo de chagas, e miserias, effeitos, e resultancias de huma vida, passada entre o desvelo dos livros, e exercicios religiosos, quando eis-que hum dia (a tempo, que todo o Povo tinha concorrido á praça da Cidade a hum divertimento de Touros) vem recado á Sé, pedindo a Unçaõ para hum moribundo. Fezse sinal ao Paroco, para que acodisse; repetiose sem effeito; fez repa-

Et ceciderunt catenæ de manibus ejus. Act. Apost. cap. 12.

reparo o Bispo, manda saber a causa, e parecendo-lhe, como vigilante Pastor, arriscada a detença, sahe de casa ligeiro, já antes desconhece, que atropella o embaraço dos pés; entra na Sé, acompanhado dos seus Religiosos, e Mestre-Escola, sahe como Oleo sagrado, e naõ podendo ser senaõ pela praça, em que se divertia o Povo, o caminho para casa do enfermo, se suspendeo todo aquelle concurso á vista daquelle Prelado, daquelles annos, e daquelle zelo.

Este era o que tinha o Bispo Frey Valerio para acodir ás suas ovelhas. Igual, e inflexivel o da honra de Deos, sendo sua vigilancia digna de mais dilatada vida, que ainda que se prolongou a sua, sempre parece ser breve a que he taõ necessaria. Roubou a morte na sua capacidade hum dos mayores espiritos, que sustentaraõ aquella Mitra. Choraraõ-no os necessitados, e ainda hoje o suspiraõ os zelosos, porque no espaço de seis annos deixou exemplo para muitos Prelados, e saudades para muitos seculos. Morreo pobre, como viveo esmoler; e acabou com socego de espirito, como quem sempre consultara com elle as obrigaçoens do cargo. Enterrou-se entre os seus Frades no Convento de Elvas, na Casa do Capitulo, que fez para jazigo delles, e seu. Faleceo em 29. de Julho de 1689. Le-se na pedra de sua sepultura este Epithafio:

D. Frater Valerius à Sancto Raymundo, in Sacra Theologia Magister, ex Ordine Prædicatorum, olim in hoc regno Prior Provincialis, Regis, supremique Sancti Officii Tribunalis Consiliarius, ac nonus Episcopus Elbensis, hoc jussit ædificare sacellum, pro sua, suorumque fratrum sepultura, in quo nullus alius poterit sepeliri.

Obiit die vigesima nona Julii, anno 1689.

Mors omnibus utilis: quiescunt boni mortui.

Cessant peccare improbi.

CAPI-

CAPITULO XIV.

De alguns Religiosos filhos desta Casa, notaveis em virtude, e letras.

COm advertencia deixey para este ultimo Capitulo, (quanto á noticia desta Casa) estes filhos della, naõ lhe desconhecendo, ou negando a antiguidade, que tinhaõ quasi todos a respeito dos que ficaõ escritos; mas conhecendo, com a continua queixa do nosso descuido, que de nenhum podia haver noticia capaz de encher Capitulo, a que só todos juntos podiaõ dar corpo. Mas nem quero, que percaõ o foro de mais antigos, por entrarem ultimos nesta escritura, como nem seraõ dignos de menos gloria, por naõ tella mais dilatada, entendendo-se, que foy antes roubo do tempo, que falta de assumpto. Assim ficará bastando o seu nome para fiador de sua vida, como este Capitulo para Catalogo de sua gloria.

O P. Fr. Jeronymo Ramos.

Mereceo-a de grande, e verdadeiro filho de S. Domingos o Padre Frey Jeronymo Ramos, (que o foy tambem desta Casa) que com voto, e applauso commum se deixou ouvir nos Pulpitos deste Reyno com tanta agudeza de engenho, como fervor de espirito. Duraõ ainda em alguns papeis os eccos daquellle brado, que emprestou á sua fama, e em que se deixou perceber o exemplar de sua vida. Perpetuou o Prélo a que escreveo do Infante Santo Dom Fernando.

O P. Fr. Thomaz do Espirito Santo.

Floreceo no mesmo tempo o Padre Mestre Frey Thomaz do Espirito Santo, a que tradiçoens, e memorias mais antigas daõ o nome de Veneravel, escutado naquelle seculo, taõ costumado a achar sogeitos dignos delle, como a naõ o empregar em quem o naõ fosse. Viveo este Padre muitos annos na India, em que conservou com incançavel zelo a refórma, exercitando os Priorados de mais importancia com taõ conhecido interesse de todos, que houve de occupar lugar, em que se estendesse a todos elles. Assim foy primeiro Vigario, Geral, depois Visitador Geral, daquella Congregaçaõ, a voto, e diligencia do Veneravel Padre Mestre Fr. Francisco de Bobadilha, que entaõ governava esta Provincia.

O M. Fr. Thomaz Galvaõ.

Naõ foy digno de menos memoria o Mestre Frey Thomaz Galvaõ, pois entre os grandes descuidos, (braços, em que nesta Provincia espiraõ as memorias de semelhantes talentos) que continuamente vamos sentindo, e culpando, conseguio o conservarse seu nome com alguma individuaçaõ em hum assento, que se achou nesta Casa, e diz o seguinte:

Erat

Erat vir acerrimi ingenii, egregius Prædicator, & Orator, qui etiam studiosissimus fuit non solùm linguæ Latinæ, sed Græcæ etiam, & Hebraicæ; naufragio periit in Indiam navigans cum aliis gravissimis, doctissimisque Patribus. Anno salutis 1590. die 18. Decembris ex portu Ulysipponensi profectus est.

Vem a dizer no nosso idioma: Foy Varaõ de perspicaz, e vivo engenho, Prégador, e Orador celebrado, estudiosissimo, e versado nas linguas Latina, Grega, e Hebraica. Pereceo em naufragio, passando do porto de Lisboa aos remotos da India. Partio delle em 18. de Dezembro de 1590.

O M. Fr. Ignacio Galvaõ.

Naõ se reconheceo menos talento em seu irmaõ o Mestre Frey Ignacio Galvaõ, que desta Casa foy tambem filho, e ella o reconheceo Prelado. Foy grande sua capacidade para tudo, dotado de hum fecundissimo engenho, ajudado de grande estudo, como se collige de dous Tomos, que escreveo sobre a reza de Santo Thomaz, doutos igualmente, e discretos, sendo mimo da Providencia a destreza artificiosa de sua penna (de que era dotado) para que o bem discursado tivesse tambem a ventura de bem escrito. Tiroulha da maõ a morte, quando a hia alargando em hum discurso sobre o Psalmo *Miserere.*

O M. Fr. Pedro Calvo.

Foy tambem filho desta Casa o Mestre Frey Pedro Calvo, com quem gastamos só a noticia de ser filho della, porque de sua capacidade grande no Pulpito he voz ainda viva a sua prédica, que em trez Tomos anda pelas mãos dos melhores professores della, que sabem estimar o solido, o sincero, e o Christaõ de sua doutrina, bem escutada naquelle seculo, em que ainda naõ tinhaõ sobido ao Pulpito os escandalos de tablado. Naõ he menor argumento de sua erudiçaõ outro Tomo, que intitulou *Lagrimas dos Justos.* Foy benemerito Prégador de Filippe II. em Portugal III. em Castella.

O M. Fr. André de Santo Thomaz.

Mas demnos licença os filhos desta Casa, a reconhecer singular a hum, que naõ só o foy para sua gloria, mas de toda esta Provincia, por suas grandes calidades, e as que só costumaõ fazer vulto nos votos della, como saõ virtude, e sciencia. Com estas se fez conhecido o Mestre Frey André de Santo Thomaz, taõ reformado, e observante Religioso, que muitos annos o conservou Vigario o Mosteiro do Sacramento. (Dissemos já, e ainda o repetiremos em seu lugar, que he aquella Vigairaria o melhor argumento de virtude, e authoridade nos escolhidos para ella). Alli assistio o Mestre Frey André como em centro de seu espirito, descançando dos largos exercicios do estudo, a que o tornaraõ a restituir, mandando-o ler a Cadeira de Prima na Universidade de Coimbra, como se roubas-

roubassem hum centro á sua virtude, para restituirem outro ás suas letras. Eraõ estas assim grandes, e conhecidas, que se naõ poderaõ negar áquella esféra, a que chegaõ as mais abalizadas. Faleceo, e sepultouse no Collegio de Santo Thomaz de Coimbra, na Capella mór, donde hum grande marmore o cobre, e ao Mestre Frey Antonio da Resurreiçaõ, seu antecessor na Cadeira, de que passou á do Bispado de Angra. Em taõ breve espaço escondeo a morte dous talentos, que parece estreitavaõ o Mundo nomeados. A inscripçaõ, que se lê na pedra, continúa a noticia de ambos, mas partillahemos, para que tenha cada hum em seu lugar a noticia, que lhe toca. Diz assim:

Prædicatores Theologi Academiæ Primarii....

E continúa na parte inferior.

Frater Andreas á Sancto Thoma Transtaganus, Consultor Sancti Officii, præclarum regularis observantiæ exemplar.

Vem a dizer: Prégador Theologo, Lente de Prima desta Academia, Frey André de Santo Thomaz, Trastagano, Consultor do Santo Officio, exemplar reconhecido da observancia Regular. Fique a outra parte do Epithafio para acompanhar as noticias do Mestre Frey Antonio.

Naõ he menor argumento para authorizar as do Mestre Frey André o assento, que se lê, e guarda em hum livro antigo, que está no Cartorio do mesmo Collegio, e diz o seguinte: *Seguiose por Lente de Prima da mesma Cadeira o Padre Mestre Frey André de Santo Thomaz, de muita virtude, e letras; foy verdadeiro filho de S. Domingos, e verdadeiro discipulo de Santo Thomaz, morreo neste Collegio, em o qual fez o retabolo da Igreja, e a morte o impedio naõ acabar o Dormitorio, e enriquecer este Collegio, ao qual deu tudo.*

Nem se póde dizer mais de suas letras, e virtude, senaõ que foy verdadeiro filho daquelle Pay, e verdadeiro discipulo daquelle Mestre.

Porém naõ se jactem as letras de que vestem mais azas á virtude, quando se naõ levanta menos nos braços singeleza, e sãa simplicidade, como o meditava bem a Aguia de Agostinho, encolhendo as azas á vista dos vigorosos voos, com que arrebataõ o Ceo os menos doutrinados. Assim o entendia, assim o suspirava. Temos para exemplo, entre tantos talentos, tantos Letrados, o Irmaõ Converso Fr. Paulo do Ermo, que ainda sepultando comsigo as acçoens de sua vida (notavel sem duvida, como testemunhaõ em commum as memorias della) se faz taõ grande lugar entre os que o tiveraõ grande, que basta a pedra de sua sepultura para mudo Chronista. Ve-se na mesma Casa de Evora, e lese nella o seguinte:

Genibundus protulit: surgunt indocti, & violenter rapiunt cœlum. D. Augusti. in ejus vita.

O Irmaõ Fr. Paulo.

Frater Paulus de Eremo, Conversus, Communitatis zelo, & devotione accensus hic situs. est 1623.

Vem a dizer: Jaz aqui Fr. Paulo do Ermo, Irmaõ Converso, abrazado em fogo de devoçaõ, e zelo caritativo com sua Communidade.

Ainda que naõ com letras, com divisas, se distingue tambem a sepultura do Padre Frey Gaspar do Rosario, a que ella dá o nome de filho desta Casa, naõ se descobrindo noticia segura de que fosse outra. Foy este Padre observantissimo, capacidade, que muitos annos o deteve na occupaçaõ de Mestre de Noviços. Todo o tempo, que lhe restava da assistencia destes, gastava em oraçaõ no Coro. Depois de recolhidos de Matinas, assim os discipulos, como os mais Religiosos, tornava a elle com cautela; a conservaçaõ desta, na assistencia da Igreja, o sogeitou ao trabalho de Sacristaõ o tempo, que esteve escuso do noviciado. Entaõ com mais liberdade amiudava as disciplinas, infalliveis á sesta feira, naõ podendo esconder a crueldade com que se feria, ou nos golpes, que se ouviaõ a boa distancia, ou no sangue, que cobria mal a sua industria, e diligencia.

O P. Fr. Gaspar do Rosario.

O seu sustento, paõ grosso, e o mais duro, que dissimuladamente lançava em hum pouco de caldo. Caritativo ajuntava á sua reçaõ os sobejos, que procurava da mesa, e passava á Portaria a polla aos pobres; com elles era todo o extremo de piedade, como toda a diligencia em aproveitar tudo á Casa. O descuido só comsigo, hospedando-se mal, assim de interiores, como de cama de lãa. Era de coraçaõ singelo, assim taõ facil em se deixar enganar da malicia, e da travessura, como em se mover a lagrimas, mas empregadas sempre em objectos pios, outras vezes cahindo-lhe voluntarias; seriaõ fruto de sua contemplaçaõ. Este dom piedoso lhe ganhou com a semelhança o nome daquelle Profeta, (porque lhe chamavaõ o Jeremias) que as trazia sempre nos olhos. Assim parece, que reproduzira o Ceo em Frey Gaspar a sua piedade, e o seu zelo, para lamentar em o seculo naõ menos calamitoso. Faleceo nesta Casa com as demonstraçoens, que se esperavaõ de sua vida, e grande opiniaõ, que ainda hoje dura.

Naõ foy menos a que deixou o Mestre Frey Manoel Ferreira, Deputado do Santo Officio no Tribunal de Evora, ainda que sem noticia individuada do que nos podera dar materia a mayor escritura. A modestia nos olhos, e rosto, a refórma nas acçoens, e habito, davaõ bons indicios da estreiteza, em que vivia seu espirito. Na Cadeira se fazia escutar com respeito, com gosto, e admiraçaõ no pulpito, ainda que pouco confiado nas promptidoens da memoria. Prudente, e sofrido, naõ só o achavaõ as injurias mudo, mas ainda benevolo.

O M. Fr. Manoel Ferreira.

volo. Assim viveo, e morreo, com opiniaõ commua de grande Letrado, e grande Religioso.

Com estas duas calidades se grangeou singular reputaçaõ o Padre Presentado Frey Antonio Vel. Crescia esta cada dia mais nos olhos do Povo, que o reparava huma viva imagem da observancia. Tal era sua compostura em os olhos, e acçoens, naõ só no publico da Cidade, mas no retiro do seu Convento. Acabou as Cadeiras, que occupou, e encheo com bom nome, e dispensando-o a Religiaõ, como faz aos Presentados, em premio de tantos annos de trabalho, elle recusando modestamente esse premio, começou a seguir as Communidades com as pontualidades de particular Religioso, assistindo a tudo, como o mais obrigado. Grande ministro da occupaçaõ Dominicana, sobia ao Pulpito com applauso dos ouvintes, e lucro das almas; o que por seu trabalho lhe offereciaõ, passava logo ás mãos da pobreza, talvez ao pé do Pulpito, em que o merecia, e grangeara. Assim era caritativo. Experimentava-o o desamparo de gente honrada, de que na Cidade tinha noticia, acodindo-lhe todos os mezes, ou com o suor do seu trabalho, ou com a limitaçaõ do seu deposito. Faleceo com o socego de quem no Ceo o tinha guardado, como se aprendera do Apostolo assim a diligencia, como a esperança. Está sepultado nesta Casa. Na sua sepultura se vem huns azulejos com o seu sobrenome por divisa. Costuma inculcar veneraçaõ semelhante advertencia.

O P. Presentado Fr. Antonio Vel.

1. ad Thimot. 1. 12. Potens est depositũ meum servare. Depositũ æternam salutem quam eminet pauperibus erogando. Hugo, hic.

Do Mestre Frey Gaspar de S. Jeronymo, que foy Vigario Geral da Congregaçaõ da India, e Deputado do Santo Officio, e Frey Antonio Tarrique tambem Deputado em Evora, ha memorias de religiaõ, e letras, mas confusas, e fiadas só da tradiçaõ, que escureceraõ os tempos, talvez com a injuria de nos roubarem memoraveis assumptos. Do Mestre Frey Gaspar ficou a noticia de que faleceo navegando da India para a China com o Bispo Frey Joaõ da Piedade, tambem da Ordem.

O M. Fr. Gaspar de S. Jeronymo.

O P. Fr. Antonio Tarrique.

Outro ultimo filho, que merece fazer numero entre os benemeritos desta Casa, he o Padre Frey Gaspar Soares, porque alguma memoria sua, a que perdoou o tempo, e escapou das injurias do descuido, nos diz, que faleceo neste Convento de Evora pelos annos de 1625. e naõ se descobrindo noticia de Casa, a que pertença, lha fica dando a sepultura, conjecturando-se, e bem, que costumaõ os Religiosos entrados em dias, ir a acaballos á Casa, que lhes servio de berço. Assistio este Padre por Prelado na Vigairaria, que tivemos em Tangere. Sua grande religiaõ, e zelo o levaraõ áquellas partes, adonde entendeo, que se offereceriaõ mais occasioens de servir á Patria, e a Deos. Assim o achavaõ os enfermos á cabeceira; assim o escutavaõ os desencaminhados no Pulpito; assim o encontravaõ os arrependidos no Confessionario: era taõ grande seu fervor, que prégando em huma occasiaõ contra as abominaçoens de Mafoma, se accendeo de sorte seu zelo em reprehendellas, e confutallas, que hum Mouro (sem duvida

O P. Fr. Gaspar Soares.

vida dos cativos, que havia na Praça) atrevido, e deſatinado, o ſinalou com hum golpe no roſto. Hoje ſe vê no ſeu retrato como brazaõ daquelles, de que ſe gloriava o Apoſtolo.

Uſque in hanc horam, & eſurimus, & ſitimus, & nudi ſumus, & colaphis cædimur. 1. ad Corinth. 4. 11.

O muito, que eſte Padre trabalhou naquella Praça, o grande exemplo, que ſe admirava em ſua vida, as letras, que authorizavaõ ſua peſſoa, (de que ficaraõ boas teſtemunhas em varios eſcritos, que deixou eſpalhar, e perder a noſſa culpavel inadvertencia) arrezoaraõ a eleiçaõ, que delle ſe fez para Biſpo de Targa. Até aqui chega a eſcaſſa noticia, que nos deu materia a eſta limitada lembrança, com a repetida magoa de perdermos grande materia. Sem duvida grande, e inferida deſte pouco, que temos dito, eſtreitando a penna ás eſcrupuloſas leys de eſcrever o preciſo da tradiçaõ, na eſcritura, que deſcobrio, antes deſenterrou a noſſa diligencia, ſem lançarmos maõ das liberdades falliveis da conjectura, porque naõ he, nem póde ſer noſſo animo alargar eſcrituras, mas perpetuar verdades. Entendemos ſim o muito a que ſe podiaõ eſtender as memorias deſte Padre por duas razoens. Primeira, porque ſe naõ fiava o governo daquella Vigairaria de Tangere, menos que de eſpiritos muito examinados; ſegunda, porque naõ coſtumaõ deſcançar as Mitras ſenaõ em mayores talentos. Aſſim podiamos augmentar as capacidades de Frey Gaſpar, das que ſe buſcavaõ para o emprego, em que as memorias nolo propoem occupado. Faleceo neſte Convento de Evora. Tem nelle ſepultura, ainda que deſconhecida.

Naõ ſerá bem que o fique a lembrança de outros dous filhos deſte Moſteiro, benemeritos delle, e della, e ſaõ os ultimos de que tivemos noticia. Foraõ elles o Padre Frey Franciſco Veloſo, e o Meſtre Frey Bartholomeu Ferreira. Teve a morte de hum, e outro circunſtancias dignas de reparo; eſtas nos daraõ breve aſſumpto. Foy Fr. Franciſco Veloſo Religioſo de muita capacidade, que o poz nos lugares de Prior das Alcacevas, Elvas, e finalmente de Evora. Fora eſte para Confeſſor da Madre Sor Maria de S. Joſeph, (Religioſa Carmelita Deſcalça) antes de ſe recolher no Moſteiro de S. Joſeph, Caſa de Santa Thereſa na meſma Cidade de Evora. Era a Madre Sor Maria peſſoa de grande eſpirito, e praticava alguma vez com o Padre Frey Franciſco as importancias, e deſafogos delle; e ſuccedeo, que em huma das praticas, depois de varias conferencias, em materias, que ſempre deviaõ ſer meditadas, ſe propoz qual ſeria na Paixaõ de Chriſto o Paſſo de mais comiſeraçaõ para o coraçaõ humano. Reſolveo o Padre, que o conſiderar ao Senhor com as mãos atadas. *Eſte Paſſo* (continuava inflammado em ardor compaſſivo) *me eſtreita, e me fere o coraçaõ. Atadas aquellas mãos, que criaraõ o Ceo, e a terra! Atadas aquellas mãos, que ſe eſtenderaõ a dar vida, e vida eterna, ao meſmo homem ingrato, que as ata! Atadas aquellas mãos, em que o Eterno Pay poz todos os theſouros de ſua ſabedoria! Atadas eſtas mãos! Eſtas mãos!* E como ſe a dor lhe penetrara vivamente o coraçaõ, cahio ſem alento da

O P. Fr. Franciſco Veloſo. O M. Fr. Bartholomeu Ferreira.

cadei-

cadeira. Bradou assustada a Religiosa, chegou o Leigo, que tinha ido por seu companheiro, e vio, que tinha passado desta vida, a receber daquellas mãos, que chorara prezas, a coroa, que prometterão aos seus fieis, gloriosas, em Março de 1687.

Não coroou menos gloriosamente a idade de 90. annos o Mestre Frey Bartholomeu Ferreira, que foy Provincial desta Provincia, e Deputado no Santo Tribunal de Evora. Tinha-o já a irremediavel enfermidade de velhice entrevado em huma cama; levantouse della para adorar, e receber o Senhor, que lhe trouxerão por Viatico, resolvendo os Medicos, que duraria pouco. Pedio logo a Unção, e depois della, entrou a rezar o Officio Divino; acabada Noa, entrou na ultima agonia, respondendo a todo o Officio della até a Ladainha, e ao pronunciarse S. Bartholomeu, já se lhe não percebeo a reposta, mas com ella na boca passou desta vida, entendendo-se, que o Santo, que lhe dera o nome, o viera encaminhar á mayor felicidade.

Não neguemos nesta Casa a memoria a hum filho, que a fez precisa com o exemplar de sua vida, e o laborioso de sua penna, que foy o Padre Frey João dos Santos, a que devemos as mais fieis noticias da Ethiopia Oriental, que foy só o que conseguio o beneficio da Imprensa.

Para fim, e remate deste Capitulo, satisfarey a hum escrupulo, em que poderão tropeçar os reparos de quem ler. Faço aqui memoria do Mestre Frey Thomaz do Espirito Santo, convencido de que não he este o de que o Padre Frey Luiz de Sousa faz memoria no quarto livro da sua terceira parte da Historia desta Provincia; porque sendo este, de que fallo, Vigario Geral da Congregação, o não acho na serie delles; como nem entre os Religiosos, que por Março de 1548. mandou o Mestre Frey Francisco de Bobadilha para se fundar a primeira Casa da Ordem em Goa. Teve mais o outro Religioso o cargo de Deputado do Santo Officio, que não leyo deste segundo, sendo verosimil, que não era circunstancia, que admittisse esquecimento. Finalmente, se são distinctos, deva-se á minha resolução o não temer a duvida, por lhe não faltar com tão merecida lembrança. Se he o mesmo, perdoeseme o repetilla, que em tanto Varão seria providencia acharse este caminho de dilatalla.

CAPITULO XV.

Do Veneravel Padre Mestre Frey João de Vasconcellos. Entra na Religião; cargos, que teve nella; como se houve nelles.

HE Bemfica aquella antiga classe de virtudes, donde desde sua primeira fundação, no anno de 1399. até o presente de 1706. se exercitarão tantos, e tão eminentes Mestres, que os poderão envejar as austeras Escolas da Thebaida, admirandose, que tão longe della soubesse descobrir igual deserto o recolhimento do espirito. He o sitio accommodado para os empregos delle; porque retirado da estada, se recolhe á sombra de hum monte, que sem a pensão

saõ de o deixar triste, lhe offerece o campo de huma graciosa, e fresca varge, em que se estende fertil domicilio, em que as plantas, as flores, e as aves bemquistaraõ a terra, hospedadas da natureza. No meyo se levanta o Convento, que melhorado a desvelos, e industrias do Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, teve já na segunda parte da Chronica a primeira, que lhe podia dar a ventura, depois das singularidades da sua fabrica, lograndoas na penna, que soube descrevella. Assim se mostra taõ igual, taõ perfeito, e acabado, como bem trabalhada emenda de todos os modernos, dignamente merecida de seus habitadores, que sempre a foraõ conservando no antigo foro de domicilio das virtudes. O aceyo da Igreja, e officinas, o silencio observado em todas, o recolhimento dos Religiosos, he hum mudo brado, que a todos está dizendo os seus exercicios, como se aquellas santas paredes tiveraõ bocas para estar prégando refórmas: que a pessoas notaveis ouvi dizer, entrando pelo Dormitorio (que sempre se acha desembaraçado) que naõ podiaõ senaõ fallar de manso, accusados de taõ piedoso silencio. Esta foy a officina daquelles grandes espiritos, que sentenceando-se ao carcere de huma cella, donde o Mundo os ignorasse vivos, ou os esquecesse sepultados, assim começaraõ a cultivar o aspero deserto da recoleta, que a pezar de sua modestia, romperaõ os brados de sua penitente vida as paredes da Clausura, a serem assombros de toda a terra. Assim foraõ ficando aquelles santos exemplos em huma ditosa herança aos filhos desta Casa, de que até o dia de hoje enriquecidos trabalhaõ para novos herdeiros. Seja o primeiro o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, a quem este Convento ditosamente mereceo, sobre a conservaçaõ de virtuosos progressos, o melhoramento de novos edificios, devidos estes á sua industria, como aquelles á sua assistencia. Naõ foy o Veneravel Padre filho deste Convento; mas quando o naõ perfilhassem as virtudes, bem podiaõ os annos, que nelle assistio, (reformando-o) e foy delle Prior, darlhe hum lugar entre os filhos, como o desvelo de Reedificador adiantallo nelle a todos. Com esta forçoza razaõ seja o exemplar grande de sua vida authorizado prologo ao continuado de sua refórma. Dispense esta preheminencia o Convento de S. Paulo de Almada, de quem foy filho, para que logre este desempenho o de Bemfica, de quem foy Pay, e ficarlhehá ainda devendo esta Casa, sobre o melhorarlhe a architectura, o confirmarlhe a fama. Assim havendo de escrever dos filhos de Bemfica, pomos primeiro quem lhes reedificou a Casa.

Mas entremos no espaçoso mar de noticias, que só á sua capacidade grande ficará rio pobre, e apoucado. Tanto foy o que achou a nossa diligencia! Tanto o que escondeo a sua modestia! Ninguem duvida (que he commua experiencia) o quanto debil a natureza vay perdendo os vigores com o longo curso das idades. Assim nesta, em que já parece, que caduca,

saõ

saõ froxos os partos, com que povoa a terra, como se começara a mostrar o que se vay avisinhando aos ultimos periodos de sua vida. Só a graça na propagaçaõ da virtude, sem respeitar seculos, enriqueceo sempre a terra com robustos, e vigorosos partos, repartindo por todas as idades a feliz producçaõ de seus Heroes. Resplandeceo entre elles o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos com espiritos taõ aventajados de virtudes, letras, e nobreza, que, se por esta nasceo Principe, naquellas foy Oraculo.

Foraõ seus pays Dom Manoel de Vasconcellos, e Dona Luiza de Vilhena, das grandes, qualificadas, e esclarecidas Casas (em huma, e outra linha) de Marialva, e Santa Cruz, taõ conhecidas, e veneradas, naõ só neste Reyno, mas em todo o Mundo, que o nomeallas he mais seguro Panegyrico. Grande parentesco, naturalmente travado entre a virtude, e a nobreza! E com huma muy clara simpatia, porque se a nobreza faz grandes para a terra, a virtude os faz para o Ceo, como se a graça se permittira a emulaçoens com a natureza; e naõ deixarey de reparar em a piedosa reflexaõ de hum entendimento politico, e bem considerado, a quem muitas vezes escutey, que dispensara Deos a nosso grande Patriarcha, que os mais dos Santos filhos seus juntassem em si aquellas tres qualidades de Santos, scientes, e nobres, como se naõ houvesse circunstancia no Pay, que os naõ legitimasse filhos. Em nada desmereceo este nome este grande Varaõ, e já desde os primeiros annos começaraõ a ser dignos do reparo de todos aquella sogeiçaõ, modestia, e madureza, a que sobresahia hum feliz engenho, taõ conhecidamente dado do Ceo, que para grangear com hum muitos talentos, lhe destinou por Mestre o que o era consummado em virtudes, e letras, o Veneravel Padre Antonio da Conceiçaõ (chamado hoje vulgarmente o Beato Antonio) da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, que no Convento de S. Bento dos Loyos residia neste tempo, e foy escolhido para este ministerio, porque entendia, que buscar hum Mestre Santo era lograr no exemplo segundo ensino.

Assim succedeo a Dom Alvaro Mendes, (que assim se chamou primeiro o Veneravel Padre) porque a virtude do Mestre o dispoz para Santo, e assim o capacitou o ensino para Letrado, que com grandes esperanças de seu talento passou a augmentar o numero da nobreza no celebre Collegio de S. Pedro, sendo seu Porcionista, e a admirar toda a Universidade de Coimbra com seu estudo, seu recolhimento, e sua modestia. Assim trazia repartidas as horas, que sem faltar á minima circunstancia de sua obrigaçaõ, lhe sobejava tempo para consultar as melhoras de seu espirito, que bem meditadas da capacidade de seu entendimento, o aconselharaõ a pizar aquelle caminho, por donde a virtude, e as letras lhe levavaõ suavemente o genio. Esta he a raiz dos acertos, ou dos erros, que cada dia, ou se admiraõ, ou se choraõ, quererem talvez, que

a

a eſcolha da vida reſpeite commodos, e naõ genios. Povoaõ-ſe as Aulas dos que talvez entrariaõ melhor nas campanhas; eſtreitaõ-ſe nos Clauſtros, os que parece que ainda abafaõ no Mundo, ſendo taõ natural, e praticada a maxima de examinar primeiro o genio, que reduzillo a exercicio, que até a maõ de Deos (a quem tudo he facil) buſca nos ſogeitos diſpoſiçoens previas, para lograr acçoens proporcionadas. Para lavar culpas buſca no Bautiſmo o natural das aguas.

Conhecia Dom Alvaro o ſeu genio, illuſtrava-o a vocaçaõ, que continuamente lhe fallava ao eſpirito; tinha ponderado, entre as outras Religioens, na Dominicana aquella continua, e incançavel alternaçaõ do Coro, e a Aula, em que taõ felizmente trabalhaõ os eſpiritos, o melhor (*non plus ultra*) de Santos, e Letrados. Eſte era o centro do ſeu genio; diſpoz, que o foſſe de ſua vida. Achava-ſe neſte tempo em Portugal o Meſtre Frey Martinho Eſcay, deſta Sagrada Familia, vindo a viſitalla por ordem do Reverendiſſimo Meſtre Geral Frey Jeronymo Xaxierre. Chegou á Coimbra, quando Dom Alvaro com huma Sagrada ambiçaõ de eſpirito dava calor á venturoſa reſoluçaõ de veſtir o habito. Conheceo o Viſitador as grandes qualidades, que apadrinhavaõ o pertendente, mas dilatou-lhe o deſpacho, por examinar-lhe o propoſito, reconhecendo com madureza, que naquella idade, poſta nos liſongeiros braços da eſperança como mayor negaça da vida, ſaõ talvez ſemelhantes acertos aconſelhados muito á ligeira dos acaſos, e ſó tardaõ de arrependidos o que ſe lhes dilata de conſiderados. Naõ tinhaõ eſte riſco as reſoluçoens taõ meditadas de Dom Alvaro, porque quem lhe abrio os olhos para a eſcolha, tambem lhe aconſelhava a razaõ para a conſtancia. Taõ fina a deſempenhava o diſcreto pertendente, que ſem perdoar a diligencias, a continuas viſitas, inceſſaveis ſupplicas, e piedoſas profias, bem deixava examinar, que ſem duvida era Celeſte o norte, que aſſim o trazia a pizar o caminho da humildade. Acabou de convencerſe o Viſitador, eſcreveo ao Prior da Batalha, que lhe lançaſſe o habito; partio Dom Alvaro taõ ligeiro, como andava deſejoſo; lançouſe aos pés do Prelado com tantas demonſtraçoens de ſatisfeito, como quem na vida naõ aſpirava a outro premio; voltando aſſim as coſtas ao que o Mundo podia dar ás ſuas prendas, que até lhe engeitou o nome, ou como quem queria, que dalli em diante lho naõ ſoubeſſe, ou porque nem eſſe divida lhe confeſſaſſe, moſtrando-lhe no que tomava de Joaõ, a Sagrada induſtria, com que a graça o reproduzia á melhor vida.

Naõ levaraõ bem ſeus parentes a eſcolha deſta; que talvez inconſiderada a nobreza teme apoucados os brazoens eſclarecidos na humilde eſtreiteza dos Clauſtros, ſem eſcutar as vozes de hum Rey Santo, diſcreto, e deſenganado, em cuja eſcolha valiaõ mais os abatimentos da Caſa de Deos, que a ſumptuoſidade de ſoberba dos Palacios da terra: *Elegit abjectus eſſe in domo Dei mei, magis quam habi-*

Pſalm. 18.

habitare in tabernaculis peccatorum. Chegaraõ as queixas aos Reaes ouvidos de Filippe III. aos mal informados do Nuncio Apostolico, que entaõ residia na Corte, com quem culpavaõ o Visitador, e o Prior da Batalha, como cumplices na resoluçaõ do Noviço, alcançando huma ordem, para que fosse trazido a Lisboa, e restituido a sua casa. Obedeceraõ os Prelados; veyo a Lisboa o Noviço, foy depositado em Santo Eloy, campo, em que o nosso Soldado da milicia Dominicana resistio á porfiada bataria, com que seu pay, e parentes determinaraõ conquistar sua constancia, taõ inteira sempre nas repetiçoens do combate, como se com o nome tivera despido as simpatias do sangue. Prevaleceo contra elle a resoluta valentia de seu animo, que doutrinado do Evangelho, sabia que, para seguir a Christo, se podia resistir a hum pay com odio santo. Naõ ignorava, que com o dissimulo do parentesco repetia aquelles assaltos o demonio; mas quem se destinava a melhor Hercules do espirito, havia de começar despedaçando serpentes no berço.

Siquis venit ad me, & non odit patrẽ suum . . . non potest meus esse discipulus. Lucæ.14.

Ficou Frey Joaõ continuando o Noviciado em o Convento de Almada, donde servindo de exemplo, e de assombro aos Religiosos, professou solemnemente aos 11. de Mayo de 1608. Teve por Mestre de Noviços o Padre Mestre Frey Manoel Pereira, pessoa sinalada em virtude, e sciencia, sendo Provincial, e Visitador o Mestre Frey Martinho Escay, e Geral da Ordem o Mestre Frey Jeronymo Xavierre, já Cardeal. Passou logo ao Convento de Lisboa, e voando nos estudos, os coroou taõ felizmente no Real Collegio de Santo Thomaz de Coimbra, que obrigando-o os Prelados a restituirse a Lisboa, começou a ouvirse nas Cadeiras de Filosofia, e Theologia como Oraculo de huma, e outra. Escutou-o com a mesma fortuna, e na mesma occupaçaõ a Universidade de Evora, sem que os insuperaveis trabalhos do estudo o obrigassem a dispensar com as piedosas occupaçoens do espirito, passando talvez a disciplina áquella maõ, que inda naõ descançava da penna.

Contava 35. annos de idade quando foy eleito em Prior do Convento de Bemfica, que como morgada da refórma de toda Hespanha, ou como primeira convalescença da segunda peste da Claustra, estava costumado a Prelados taõ unicos, que contava hum Frey Vicente de Lisboa, e hum Frey Bartholomeu dos Martyres, hum, e outro taõ conhecidamente Heroes, que já o querer repetir suas letras, e virtudes, fora aggravar a espalhada noticia de seus nomes. Este foy o lugar, que o Veneravel Padre occupou; e o pouco, que contava de annos, foy o muito que provou de singularidades. Escusara-se primeiro ás de Prelado, por aborrecer até os eccos do dominio; que nem as prelazias tem mais que as vozes da superioridade, sendo verdadeiramente humas escravidoens, que authorizou o nome. Era este taõ malquisto na humildade de Frey Joaõ, que intentou rebatello com a arrezoada desculpa de estar actualmente lendo Theologia; e era razaõ de

de grande consequencia, porque se privavaõ as Escolas do grande interesse de sua doutrina, porque o tivesse hum lugar, em que as letras, inda que sempre authorizaõ, poucas vezes ajudaõ; e parecia genero de injustiça entre a Provincia, e o Convento, perderse hum bom Letrado, por se conseguir hum bom Prior. Acodio a providencia do Provincial, (que huma, e outra qualidade reconhecia nelle;) e mandoulhe, que lesse Theologia no Convento; e conseguio o Prior, e naõ perdeo o Letrado. Obedeceo Frey Joaõ como homem; mas parece que se atreveo como Anjo, porque repartido por tantas occupaçoens, queria ser todo para cada huma, que só isso lhe saber ser para todas.

Aqui se admirava este grande talento homem de todas as horas, dispondo-as assim entre devoto, e estudioso, que inda lhe sobejavaõ as precisas para o governo. Nada parece que lhe tomava o tempo, porque só hum naõ foge, que he o bem empregado. Este o milagre quotidiano, com que Nosso grande Patriarcha premea o desvelo de seus filhos, que, sendo na sua familia taõ continuas as horas do Coro, assim saibaõ dar lugar ás do estudo, que cada dia sayaõ delles sogeitos taõ doutrinados, como se só huma applicaçaõ os trabalhara unicos. Naõ faltava o grande Prelado no Coro; naõ faltava na Cadeira; naõ faltava no temporal da Casa; como se a Providencia reproduzira outro Paulo, feito para todos, feito para tudo; e com hum taõ singular socego (de que sua modestia, e compostura era testemunha justificada) como se a contemplaçaõ lhe andara aproveitando aquellas reliquias de tempo, que mediavaõ entre o buscar huma occupaçaõ, e o deixar outra; assim sahiaõ sempre todas as suas acçoens a ser acertos, com que trazia os subditos doutrinados, e suspendidos.

Omnibus omnia factus sum. 1. ad Corinth. 9. 12.

Era grande aquelle coraçaõ por nascimento, por genio; nenhuma difficuldade o assombrava, nenhum trabalho o vencia. Passou afouto a meditar hum grande emprego, sem mais apoyos para a resoluçaõ, que aquelle espirito, que doutrinado nas escolas do Ceo, aprendera a mudar os montes nos valentes braços da Fé. Cedia já neste tempo ás continuas batarias delle a antiga fabrica do Convento de Bemfica, ou porque os muitos annos saõ o mortal achaque dos mais robustos edificios, ou porque o desamparado, e desabrido do sitio naõ necessitava do repetido, ou continuado assalto de muitos annos. Ameaçava ruina a Igreja, examinava-o o Prior, naõ podia dissimular a magoa de ver aquellas santas paredes (em que o mesmo Deos se hospedava) naõ só pouco polidas, mas ainda velhas, naõ só velhas, mas já arruinadas; e lamentava com piedoso zelo a desgraça de que, parecendo indecencia, fosse precisa.

Siquis dixerit huic monti tollere, & mittere in mare, & non hæsitaverit... fie tei. Marci. 11. v. 23.

Metitava huma fermosa fabrica, que, nas poucas posses daquella Casa, assim a deixasse melhorada, que se dignasse o mesmo Deos de a ter por sua; e podia dizer com o Rey Sabio: *Domine dilexi decorem domus tuæ*: Senhor, eu amey a fermosura de vossa Casa. Chamou a Capitulo

Psalm. 25. v. 8.

lo os mais antigos della, propoz a empreza, reprovou-a a ponderaçaõ mais madura, resolvendo que, medidas as posses, e os dispendios, só podia emprenderse, recorrendo a hum milagre. Naõ desmayou o Santo Prelado, porque nas difficuldades crescia a sua fé; tornou a convocar a Capitulo, achou mais favoraveis os votos. (effeito sem duvida das ancias, e suspiros, com que pedia a Deos, que lhe facilitasse os embaraços). Derribou finalmente a Igreja, innovou, e polio todo o Convento, e sahio huma das mais perfeitas obras, que naquelle genero reconhece este Reyno, na igualdade, e proporçaõ da obra, na novidade, e primor da architectura, que sem duvida deveo ao Ceo até a idea, como a ultima felicidade de ser escrita pelo grande talento do Mestre Frey Antonio da Encarnaçaõ; porque sobre a fortuna de consummada, só aquella penna a podia capacitar ás noticias de todos, contrapezando a alguns o pezar de a naõ examinarem com a vista, na ventura de a lograrem na sua elegancia.

Quem quizer aproveitar o tempo em examinalla, lea o Additamento á fundaçaõ do Convento de S. Domingos de Bemfica, na segunda Parte da Chronica, livro segundo, e verá na capacidade da obra, e na brevidade com que se admirou perfeita, que se a resoluçaõ de a emprender foy conselho do Ceo; por conta delle se facilitaraõ os meyos, que naõ podiaõ ser menos que milagrosos. Achava-se o Santo Prelado commummente falto de dinheiro para fazer a feria aos officiaes, e em chegando aquella hora, se via remediada a falta (com as esmolas, que lhe chegavaõ das partes em que continuamente prégava) o que talvez lhe succedia duas vezes no dia, passando desde Bemfica a Lisboa sem mais descanço em taõ largo caminho, que hum bordaõ, nem mais alivio, que o de voltar a trocar a Cadeira pelo Pulpito, a fadiga, e o cansaço do caminho pela assistencia do Coro, e governo do Convento. Sem duvida, que nos lugares o substituîaõ os Anjos, que nas forças de hum homem naõ cabia a satisfaçaõ a tantos, e taõ diversos empregos. Assim consummou aquella grande obra, sendo os mayores soccorros os interesses da sua prédica; e se esta era milagre escutada, porque o naõ seria aquella concluida? Assim com hum trabalhava outro milagre. A'quellas vozes se deveo posta em pé aquella fabrica, por tantos titulos milagrosa. Milagrosa foy na sua criaçaõ a machina do Universo; e repetidas vozes custou a Deos perfeita aquella machina.

Dixit Deus fiat lux, & facta est... Dixit quoque Deus fiat firmamentum. Genesis 1.

Nomearaõ neste tempo Bispo de Viseu o Mestre Frey Joaõ de Portugal, sogeito dignissimo daquelle cargo, (vinculado a hum Varaõ perfeito) como de enriquecer as memorias desta Chronica com o escondido thesouro de sua vida. Vagara por esta eleiçaõ o lugar de Prégador delRey, e entenderaõ, que para o encher, só eraõ capazes as grandes virtudes de Fr. Joaõ de Vasconcellos. Aceitou o cargo, porque destinara os interesses delle a soccorros do seu Convento, naõ por desconhecer a obrigaçaõ perigosa de fallar verdade

dade em auditorio, em que talvez acharia ouvintes, que vivendo com o tributo de lisongeados, se haveriaõ de exasperar reprehendidos; mas nada intimidava as resoluçoens de seu espirito Apostolico, naõ lhe faltando para exercitallo a perseguiçaõ de hum desterro, a que corria alegre, a naõ lhe suspender a execuçaõ quem talvez sabia, que naõ era aquelle o premio de quem tam bem exercitava o seu officio. Foylhe imposto, que no Pulpito naõ fallasse em governos. Respondeo com inflexivel, e Apostolica constancia semelhantes razoens:

Que elle naõ reprehendia governos, senaõ vicios; que tanta obrigaçaõ tinha elle de os arguir, como os Ministros de os evitar; que a palavra de Deos era espada, que se naõ embainhava, senaõ á vista da emenda; que escusasse os crimes quem temesse os golpes. Que Deos fizera aos seus Prégadores sal; que este naõ ardia senaõ cahindo sobre a chaga; que na parte sãa naõ fazia molestia. Que elle fazia a obrigaçaõ de Pregador; que a fizessem os seus ouvintes de Catholicos. Que como queriaõ os mal encaminhados, que elle receasse ameaços; se elles naõ temiaõ avisos? Que o que lhe podiaõ impedir, eraõ as vozes, e naõ a razaõ; e que quando o castigasse a injustiça, dariaõ nova razaõ á sua innocencia. Que esperar nos seus Sermoens lisonjas, era querer que lhe esquecesse, que era filho, e discipulo de hum Pay, e de hum Mestre, que vaticinado a espalhar o Evangelho, se dera a conhecer (como hyeroglifico Apostolico) em a mysteriosa figura de hum animal, cujos brados antes ameaçaõ, que cathequizaõ; atemorizaõ, e naõ lisongeaõ. Que elle trabalhava para destruir culpas, reformar consciencias, desnaturalizar abusos, aconselhar acertos, bemquistar a justiça, e desterrar a lisonja; e que estas eraõ as razoens de estado, que praticavaõ os Ministros do Ceo, para que se naõ arruinasse huma alma, que era a mais importante Monarchia. Se assim o naõ entendiaõ os queixosos, que elle appellava para os desenganados. Que elle tinha tanto conhecimento das obrigaçoens daquelle officio, como parece que faltava a quem o estranhava inteiro. Que os Prégadores dos Reys, como sobiaõ á mayor atalaya, obrigavaõse a esforçar os brados para os avisos; que se a aspereza da voz offendia os ouvidos, o enfraquecella tinha o risco de naõ chegar a todos. Que para prégar, era verdade que elRey o escolhera, mas que Deos era o que o mandava; e se elle obedecera a elRey em aceitar o cargo, como naõ o faria a Deos em o exercitar resoluto? Que o depozessem delle, se o havia de occupar sem esta liberdade, porque tinha proposto em sua alma, ficar antes malquisto com os homens, que ser inobediente a Deos.

Assim confundia, e edificava os emulos de seu zelo Santo, espalhando-se sua constancia Apostolica com taõ commum applauso, que vagando o lugar de Inquisidor do Tribunal supremo, por morte do Mestre Frey Antonio de Sousa, elle só a entender de todos foy proposto, e escolhido pelo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, que (pezando bem aquelle grande talento) era taõ amante das suas virtudes, como ellas dignas de naõ as deixarem queixosas. Era grande o lugar; e como ha-

via de ſobir, retardava-o o pezo grande de ſua humildade. Foy neceſſario, que o preceito dos Prelados lhe déſſe a maõ; tomou-a a obediencia; ſó eſta o faria ſobir ſem repugnancia. Vinte e dous annos occupou o cargo em conhecido beneficio daquelle Tribunal Santo, confirmando a muita juſtiça, com que ao zelo Dominicano ſe daõ os ſeus lugares, como premio do incançavel deſvelo, com que coſtumaõ trabalhar nelles. Naõ o deſconheceraõ neſtes noſſos dias os mais maduros votos, examinados pela prudencia, e pio zelo da Mageſtade delRey Dom Pedro II. na occaſiaõ, em que (talvez a invejoſos arbitrios de noſſos emulos) ſe reduzio a queſtaõ o darſenos o lugar, que vagou por morte do Meſtre Frey Vicente de Santo Thomaz. Conheceoſe, e aſſentouſe, que devia reſtituirſe á Ordem como data de Filippe II. I. neſte Reyno, que governando-o, fez a mercê, e attendendo a urgentes razoens, que naõ deſconhecem eſtes Santos Tribunaes em toda a Chriſtandade nos filhos do Noſſo grande Patriarcha, como primeiro Inquiſidor em toda a Igreja por Innocencio III. com authoridade abſoluta, paſſada a ſeus filhos pelas Cabeças, e Tiaras do governo de Chriſto, e naõ por commiſſoens, ou poderes delegados, como lograraõ ſogeitos grandes de outras Religioens, a quem inconſideradamente querem ſeus Eſcritores attribuir eſta honra, fazendo-ſe a ſi a injuria de a quererem roubada.

Naõ reduzo a diſputas verdades conhecidas; que trabalhar em defeza, parecem eſcrupulos de pouca ſegurança. Contentarmehey, que para deſengano de alguma duvida, que ſem fundamento ſe quizer mover neſta materia, ſirva de convincente reſpoſta a reſoluçaõ, que elRey Dom Pedro II. do nome, (que ao preſente governa pacifico eſtes Reynos, como ſingularmente affecto á Familia de Noſſo Santo Patriarcha, como quem por ſeu Real ſangue paſſou a devoçaõ a natureza) tomou ſobre eſte particular, movido das zeloſas ſupplicas, e incançaveis diligencias dos Meſtres deſta Provincia, cujo zelo nos eſtá executando ao pequeno premio da noticia de ſeus nomes, como de reconhecidos filhos a eſta Mãy, a quem authorizaõ com ſuas letras, e quizeraõ perpetuar em ſuas antigas honras; o Meſtre Frey Joſeph Galraõ, que quando iſto eſcrevemos, he Provincial deſta Provincia; o Meſtre Frey Manoel Leitaõ, que naquelle tempo era Vigario Geral; o Meſtre Deputado Frey Antonio Pacheco; o Meſtre Frey Agoſtinho de Santo Thomaz, Provincial que foy deſta Provincia; o Preſentado Frey Antonio Galraõ, que tambem teve o meſmo cargo; o Preſentado, e Prégador Geral Frey Silveſtre Pacheco, que neſte tempo era Prior de Saõ Domingos de Lisboa, com o meſmo deſvelo propuzeraõ ſua juſtiça ao Inquiſidor Geral, o Biſpo Dom Joſeph de Lancaſtre, acompanhando-os o Meſtre Frey Manoel de Santo Agoſtinho, e o Meſtre Frey Manoel da Encarnaçaõ, aſſaz, e dignamente conhecido pelo nome de ſua Patria *Pontevel*, e benemerito de mais larga eſcritura, que ſó ſe fiaria bem áquella penna, que

que ao presente tem na maõ sobre as explanaçoens do Evangelho de S. Mattheus, que inda depois de tantos Expositores, reservou ao agudo de seu engenho novidades. Lograraõ-se felizmente as diligencias; ordenou elRey ao Inquisidor Geral, que lhe nomeasse sogeito benemerito, que occupasse o lugar. Foy este o Mestre Frey Gonçalo do Crato, Deputado no mesmo Tribunal de Lisboa. Aceitou elRey a nomeaçaõ, e proveo-se o lugar no Mestre Deputado, em 13. de Junho de 697. Está esta resoluçaõ, e assento na Secretaria de Estado, no livro do Resisto dos despachos, que por ella se expedem para o Conselho Geral do Santo Officio, e Inquisidor Geral, folhas 10. v. 5. de donde se tirou, e he o seguinte:

Restituiçaõ do lugar do Conselho Geral da Inquisiçaõ, feita á Ordem por elRey D. Pedro II. em 24. de Mayo de 1697.

,, Em huma proposta do Bis-,, po Inquisidor Geral, em que ,, propoz a Sua Magestade que ,, Deos guarde, para dous lu-,, gares de Deputados do Con-,, selho Geral aos DD. Joaõ ,, Carneiro de Moraes, e Joaõ ,, Moniz da Sylva, foy Sua Ma-,, gestade, que Deos guarde ,, servido tomar a resoluçaõ se-,, guinte: *Approvo estas nomeaçoens, e mando passar o despacho, para se tirarem as cartas. E como a Religiaõ de S. Domingos he taõ benemerita ao Santo Officio, e lhe tem feito tantos serviços, o Bispo Inquisidor Geral me consultará logo o sogeito, que nella lhe parecer mais digno de ser provido no lugar do Conselho Geral, e quando vagar algum dos lugares de Clerigos, se extinguirá o que agora se prove de mais. Lisboa 24. de Mayo de 697.*

Em semelhante lugar provido o Veneravel Padre, se exercitava como Argos da Fé. A applicaçaõ a revolver os Concilios, a passar os Sagrados Canones, ajudada das grandes Theologias, de que se tinha feito capaz, o formaraõ hum taõ perfeito Ministro, que naõ havia difficuldade, que naõ alhanasse, duvida, a que naõ satisfizesse, negocio, por arduo, que naõ concluisse, trazendo taõ meditados, e antevistos os acertos, que como Oraculo o escutava aquelle Tribunal Santo. Delle foy mandado á Corte dos Reys Catholicos a negocios de grave, e sobida importancia, que tratou zeloso, e effeituou sabio. Mas naõ se deixava, em quanto assistio nella, hospedar dos cortejos, e ceremonias da Corte, lembrado da solidaõ em que vivera contente. Assim, em podendo, se furtava ás confusoens daquella grande Babylonia, retirando-se elle, e seu companheiro, a algum lugarejo, em que podesse passar desconhecido. Alli se havia algum Convento, se recolhia nelle (como hum Frade ordinario, ou fingido peregrino). Se algum Hermida, nella passavaõ, edificando aquelle peque no Povo, que ignorava o hospede, que tinha de portas a dentro.

Assim abominava, e tacitamente reprehendia aquellas cegas, e vaidosas idolatrias, taõ praticadas entre os Cortezãos, e envelhecidas nos antigos altares da Corte, donde adorados os grandes, se desconhecem da mesma massa dos humildes. O mesmo barro, em huns venerado, em outros abatido. Costumava dizer, (e foy alguma vez argumento de seus Sermoens:) Que

Que na Corte succedia o que estavamos culpando na Gentilidade; que o genio, que cortava o tronco, de huma parte formava o Idolo, a outra entregava ao fogo, para que o accendesse ao sacrificio; e que ao mesmo tempo se estava vendo o tronco em huma parte ouro, em outra carvaõ; e que quem diria, que este carvaõ abatido era irmaõ daquelle Idolo adorado? Este conhecimento o fazia voltar as costas á vaidade, e embrenharse no despovoado, donde o desconhecesse, ou esquecesse o Mundo; mas nem sempre lhe succedia como o dispunha.

Assistia em hum lugarejo visinho á Cidade Imperial de Todo, quiz passar a ella, e deterse alli alguns dias desembaraçados, com desejo de visitar a prodigiosa Imagem do Sagrario. Recolheo-se a huma Casa da Ordem, o Convento de S. Pedro Martyr, com aquella industria, e santo dissimulo, com que o grande Arcebispo Frey Bartholomeu dos Martyres costumava caminhar por seu Arcebispado, e recolherse aos Conventos da Ordem como pobre, e desvalido passageiro. Com o companheiro tinha assentado este piedoso engano, mas naõ lhe durou muito esse gosto, porque encontrando-o hum Inquisidor do Tribunal daquella Cidade, lhe começou a culpar o disfarce com a cortez queixa de lhe naõ ter honrado a Casa. Correspondeo urbano o Veneravel Padre ao cortejo politico, mas escondendo em seu coraçaõ a magoa de se ver descuberto; mal se despedio do Inquisidor, quando o fez da Cidade. Estranhavalhe o companheiro a resoluçaõ. Respondeo-lhe: *Que elle se naõ achava com paciencia para as importunas correspondencias de Cortezãos, donde por força havia de mentir a quem lhe mentisse, porque era o mesmo, que cortejar a quem o cortejasse. Que naõ havia tempo mais perdido, que o das politicas do Mundo, mais para se chorarem, que para se corresponderem; que era assaz louco capricho, saber cada hum, que mentiaõ todos, e terem todos por injuria o faltarse-lhe com a mentira; que logo saberia o melhor da Cidade, que elle estava no Convento, para virem desinquietallo; e que melhor era que o seu retiro lhe poupasse a elle esse desgosto, e a elles a occasiaõ de desperdiçar o tempo.*

Assim se tornaraõ a retirar ao lugarejo, de donde tinhaõ sahido, dahi á Corte a assistir ás importancias, que o levaraõ a ella; e porque chegava a Semana Santa, intentou aproveitar aquellas ferias em retiro tam bem meditado, que lhe vingasse a magoa do mal succedido. Desejava ver a Cartuxa de Segovia, Santa Maria de Paular, huma das mais famosas, e celebres Casas, que naquelles Reynos tem esta Santa Religiaõ. Communicou a resoluçaõ com o Mestre Frey Antonio de Magalhaens, que nesta occasiaõ foy seu companheiro, com o mesmo desejo; naõ teve com que intimidallos o largo, o escabroso do caminho.

CAPITULO XVI.

Retira-se ao Convento da Cartuxa de Santa Maria de Paular de Segovia.

VIgorosa he a caridade, que na valentia de suas azas levanta o pezo de nossa terra sobre as Estrellas! O seu vigor explicou S. Paulo na sua constancia. Nem a vence a morte, sempre está constante, e firme: *Nunquam excidit*, esta esforçava ao Veneravel Padre para abraçar as difficuldades do caminho, aliviando-lhe a carga do corpo em taõ pios, e continuados exercicios debilitado. Abrazava-se em fervorosos desejos de se ver com Deos naquella solidaõ sagrada, donde (para lhe fallar ao coraçaõ) costumava levar a alma mais mimosa. Assim se entregaraõ ao caminho, sem mais ajuda para vencello, que o fraco arrimo de hum cajado: começaraõ a sobir a grande montanha, difficultosa ainda aos mais desembaraçados passos; a poucos se lhe cerrou a noite; com a escuridade foy engrossando a neve; naõ havia embaraço, que lhe naõ escondesse o caminho. As pobres capas naõ resistiaõ ao frio, os flexiveis cajados naõ bastavaõ ao descanço; a pouca noticia da terra nem lhe permittia o norte do tino; todas as circunstancias faziaõ mais medonho o desamparo. Affligia-se o companheiro, só o Servo de Deos, que sabia o como era apertado o caminho mais seguro, naõ estranhava a aspereza, suppondo, que caminhava para o Ceo da terra. Vinhalhe á memoria seu penitente Patriarcha, quando ao entrar nos desertos a pizar os caminhos mais escabrosos, deixava como outro Moysés o calçado, (por lhe parecer, que só com o sangue, que lhe tiravaõ os espinhos, podia comprar a delicia de pizallos) rompendo em demonstraçoens taõ alegres, que entoando sagrados Hymnos ao compasso das dores, ou as aliviava, ou as desconhecia. Aproveitava-se da liçaõ o discipulo verdadeiro, convidou o companheiro á sagrada musica; assim se lhe acabou o caminho.

1. ad Corinth. 13. 8.

Ducam eam in solitudinem.

Oseas 1. 14.

Era alta noite quando chegaraõ ao Convento, que sepultado em silencio, desenganou aos cançados peregrinos a esperança de algum descanço; assim passaraõ o restante da noite com o que naquelles desamparos achava o seu espirito; que este era o que o Servo de Deos buscava naquella santa Thebaida, donde os incommodos se tem por vivenda. Ao romper da manhãa se abrio a Portaria, e sem darem áquelles Padres mais noticia, que a devoçaõ de visitarem aquella Casa, pedindo ao Prelado a bençaõ para nella passarem o devoto daquella semana, foraõ gastar as primeiras horas na Igreja, como alivio de huma noite mal passada. Deraõse-lhe suas cellas na hospedaria, e começaraõ a continuar o Coro, e frequentar a Igreja de noite, e dia, em toda aquella semana, com huma taõ desvelada assistencia, profunda modestia, e inteira observancia, que compungidos, e edificados os Monges, começaraõ a entender, que naõ devia de ser menos estreita a Cartuxa, que criava espiritos, para que já olhavaõ com santa

inveja.

inveja. O tempo, que lhe restava do Coro, se recolhia o Servo de Deos ás Capellas da Igreja, que por solitarias, recolhidas, e devotas convidavaõ ainda á mayor frieza de espirito a abrazar-se nas vivas lavaredas da contemplaçaõ. Alli se suspendia, alli se elevava, como esquecido das miserias do corpo, começando suavemente a gostar as liberdades do espirito. Alli se aliviava seu coraçaõ no doce desafogo das lagrimas, e dos suspiros, como se ferido aos golpes da meditaçaõ (a que o obrigava o que naquelles dous Altares via) se sangrasse pelos olhos, e se queixasse nos gemidos.

Mas chegava o tempo de se abrirem na Corte os Tribunaes; deixou o santo retiro saudoso, e magoado. Inda o ficou mais, quando, chegando á Corte, achou nas cartas, que tinhaõ chegado de Portugal, a noticia de que estava eleito, e confirmado Provincial desta Provincia. Atemorizavaõ-no as dignidades, a que sempre voltou as costas a cobardia santa de sua modestia, ou o religioso desagrado de sua inteireza. Sempre para fugillas deu o primeiro passo o merecimento. Mas perseguiaõ-no as deixadas, porque saõ as dignidades sombras. Achava rigorosa a ley do governo, donde até os successos se olhaõ como delictos, e ainda os acertos haõ de deixar queixosos. Mas houve de encolher os hombros a obediencia, e offerecellos á grande carga da Provincia, pedindo a Deos com coraçaõ affligido huma luz de seus documentos, como quem conhecia que só quem soubesse obedecer a Deos, acertaria a mandar os homens.

Outra noticia, naõ menos penosa, acompanhou a esta; que era falecido o Mestre Frey André de Santo Thomaz, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, consideravel perda para a Ordem, que já escutava pertendentes os sogeitos mayores das outras Religioens, que intentavaõ desapossar a Dominicana daquella antiga, e continuada honra, a que a capacitaraõ os grandes talentos, que nella se costumaõ criar para semelhantes postos; como as datas dos Reys, que (desde a primeira fundaçaõ da Universidade, que em Lisboa plantou o Real, e estudioso genio delRey Dom Diniz, pelos annos de 1291. trasladada primeiro a Coimbra pelo mesmo Rey, restituida depois a Lisboa por elRey Dom Fernando, e finalmente assentada em Coimbra por elRey Dom Joaõ o III.) experimentaraõ, e conheceraõ taõ povoadas as suas Cadeiras de Varoens insignes, que seria injustiça o naõ lhas permittirem em herança, fiando do continuo desvelo, com que esta Provincia dá calor aos estudos, a gloriosa propagaçaõ de sogeitos, que poupassem o trabalho de eleger outros, e confirmasse o acerto dos elegidos.

Nesta occasiaõ o foy o Mestre Frey Diogo Artur, Hespanhol de naçaõ, e hum dos abalizados sogeitos, que conhecia Hespanha, e confessou Coimbra. Deveo-se esta Provisaõ ao incansavel desvelo do Veneravel Padre, que com continua oraçaõ diante de Deos, e importuna diligencia nos Tribunaes da terra, alcançou a data da Cadeira por Filippe IV. aconselhado da experiencia de naõ haver Univerſi-

versidade em toda Hespanha, que pelos nossos Cathedraticos se naõ reconhecesse bem servida, e acreditada. Hoje o quer negar á de Coimbra, que fechando os olhos á mesma experiencia, e os ouvidos aos brados da nossa justiça, quer tirar á Cadeira de Prima o hereditario titulo da Cadeira de Santo Thomaz, em lhe embaraçar hum discipulo, que fielmente lhe desempenhe esse nome, sem haver na Religiaõ mais culpa, que quererem os superiores naõ destruir, mas suspender a data por incidentes particulares, que os emulos das glorias Dominicanas com pouco sesudas envejas, e pueris queixas querem passar a culpa á original, trabalhando, que esta desgraça vá ficando dos antigos aos modernos em herança. Mas se nos suspendem a honra, parece, que nos accrescentaõ a injustiça; e vay a nossa queixa criando novos brios, para ter mais que allegar esta Provincia, que (sobre a injuria de desapossada) nas razoens de benemerita accrescentará as semrazoens de mal escutada, e os damnos de suspendida.

CAPITULO XVII.

Passa o Veneravel Padre a Evora por mandado de Filippe IV. da-se conta de hum prodigioso caso, que alli lhe succedeo.

GRandes fogos naõ podem extinguirse repentinos. Passaõ das lavaredas ás brazas, das brazas ás cinzas, que favorecidas do grande calor, que lhes deu o ser, conservaõ ainda mortas actividade de accezas, quando naõ dissimulem brazas, em que se vaõ guardando atreiçoadas minas. Ardera Evora em bandos pela mudança dos governos; entrou a acodir o castigo, escondeose, naõ se extinguio o damno. Seguiraõ-se os tributos, como viraõ que a sogeiçaõ offerecia os hombros. Foy o pezo engrossando, exasperou-se o sofrimento; este foy o sopro, que, espalhando as cinzas a impaciencia, veyo a descobrir as brazas para as rebeldias. Saõ os tributos na razaõ de estado aquelles alimentos, que em beneficio commum servem a conservar o corpo da Monarchia; mas se haõ de sahir do mesmo corpo, devem ser moderados, que para serem remedios, he tyranno arbitrio que sejaõ primeiro desmayos. Tirar muito sangue com a promessa de fazer delle mesinha, he pôr na contingencia de que enfraqueça tirado donde depois naõ aproveite restituido. Cada hum he estadista da sua conveniencia. Alterou-se o Povo, e poz a elRey em cuidado. Entendeo, que aquelle desmancho tanto necessitava da pressa, como do remedio. Era arduo o negocio, pedia hum homem feito. Residia na Corte de Madrid o Veneravel Padre; eraõ taõ grandes suas qualidades, que levadas continuamente aos ouvidos delRey, foraõ as primeiras, que se lhe offereceraõ aos olhos. Zeloso, nobre, e sabio, e santo, circunstancias eraõ taõ poucas vezes juntas, que naõ esperou exames a escolha; accrescia o ser o servo de Deos natural de Evora, aparentado com o mais fino de sua nobreza, e favorecido della; seria mais bem escutado de todos. De sua prudencia

dencia naõ se discorria menos. Despachou-o elRey, obedeceo alvoroçado, em alviçaras de ir ajustar pazes, que ordenadas ao bem commum, eraõ, e foraõ sempre todo o emprego de seu desvelo. Só replicou, que seria conveniente levar perdaõ geral para os culpados, que essa era a melhor negaça com que podia nogociar a industria, escusando a força em semelhantes casos, ou baldada, ou perigosa. Concedeolhe elRey largamente o que lhe pedia, (sendo só aquella toda a sua importancia) segurando ao Veneravel Padre facil despacho em todas as que tivesse, nas ordens, que deu logo ao Conde Duque, para que Frey Joaõ de Vasconcellos fosse escutado, e preferido como pediaõ seus merecimentos em qualquer requerimento em que fossem padrinhos.

Assim partio para Evora, carregado de honras, e de esperanças, levando diante dos olhos, que aquellas fossem só para Deos, e estas para augmento da sua Provincia, de quem se via obrigado como filho, e agora empenhado como pay; e naõ contente com a authorizar com sua pessoa, lhe queria valer com a sua diligencia. Com toda chegou a Evora, e communicando o empenho com muita nobreza, que achou na Cicade, expoz a esta, e ao Povo os interesses grandes da paz, uniaõ, e conformidade, que deviaõ abraçar. Era o Veneravel Padre dotado de singular eloquencia, efficaz energia, e persuasiva industriosa; propoz, ampliou, resolveo, e concluio; e com tanta felicidade, que teve da sua parte até o mais rebelde, ajustando-se entre todos huma sogeiçaõ unica á primeira cabeça, em que viaõ a Coroa. Para este effeito se juntaraõ com o Veneravel Padre no Senado, porque tudo se ratificasse com termos judiciaes.

Andava o Servo de Deos molestado, tinha trabalhado muito no conclave, adiantou-se com seu companheiro a sahir do Senado, para passarem ao Convento. Esperava a resoluçaõ o tropel tumultuoso do Povo, vio sahir o Padre desacompanhado, e que as cabeças do motim naõ appareciaõ; convenceraõ-se levemente, que naõ tinha havido ajuste; e com impeto cego, e sacrilego, lançando maõ de pedras, com hum chuveiro dellas cobriraõ em hum instante o Servo de Deos, que vendo aquella barbaridade amotinada, sem que a innocencia lhe aconselhasse o defender a vida, pondo os joelhos em terra, e levantando as mãos, e os olhos ao Ceo, exclamou com as mesmas palavras, que em occasiaõ semelhante foraõ do Protomartyr Santo Estevaõ: *Senhor perdoailhes esta culpa, que naõ entendem o que fazem.* Mas nem esta indefensavel paciencia, nem os piedosos clamores daquella supplica, bastantes a abrandar as pedras, o faziaõ aos que as tiravaõ; antes com impiedade barbara engrossavaõ o diluvio dellas sobre a innocencia. Mas ó prodigio! O' milagre raro! O' nunca visto! Cahiaõ sem força as pedras, que tocavaõ o inculpavel corpo, como lavrando-lhe hum muro para defendello.

Deuse parte á nobreza, e ás cabeças do antigo motim (que estavaõ no Senado) de como desen-

desenfreado o Povo tinha posto o Servo de Deos naquelle aperto; sahiraõ admirando o milagre de o acharem vivo. Cresceo o assombro com a noticia do successo. Gritavaõ, que o Servo de Deos era o seu pacificador, a quem a Cidade devia o seu socego, e os tumultuosos o seu perdaõ. Monstro de variedades he o Povo; a incostancia he o seu verdadeiro centro; segue por natureza as acçoens de liberdade, e incerto entre muitas cabeças, faz resoluçaõ do que se lhe propoem por qualquer. Trocaraõ-se em hum instante as iras em rendimentos, os opprobrios em applausos, com que até ao Convento, antes que acompanharaõ, perseguiraõ a modestia do Veneravel Padre, que já duvidava de que se doeria mais, se de apedrejado, se de applaudido. Com a noite cresceo este tormento, porque entre as luminarias (em que ardeo a Cidade) naõ cessaraõ á porta do Convento as musicas, e os vivas, que tendo o Servo de Deos por assumpto, foy o mais rigoroso assalto, que deraõ ao seu sofrimento.

Mas quiz Deos provallo por outro caminho. Tinha dado noticia a elRey do pacifico ajuste da Cidade, quando o acometeo huma aguda febre, que com indicios mortaes começou a desenganar os Medicos, e a entristecer a todos. Foy cousa maravilhosa, que aquella Cidade, ha taõ pouco amotinada para lhe tirar a vida, assim começou a chorar os riscos della, que com publicas preces pedio ao Ceo a sua melhora. Tanta opiniaõ lhe conciliara o successo passado; tanta aquelle coraçaõ para todos aberto, aquelle genio para todos benigno. Escutou o Ceo o justificado das supplicas, teve saude, convaleceo em poucos dias. Deixou saudades em Evora, foy aliviar as de Lisboa, que o apertava obrigaçaõ de visitar a Provincia; mas as importancias do Santo Tribunal, que deixara em Madrid bem assombradas, necessitavaõ de sua assistencia naquella Corte. Passou a ella bem visto delRey, concluio tudo com felicidade. Voltou a Lisboa, recebido nella com universal estimaçaõ daquelle Tribunal Santo, que com tantas razoens se lhe confessava agradecido. Naõ bastavaõ nem todos estes desvelos, passados com trabalho, a aconselharlhe o menor descanço; resolveuse a visitar a Provincia. Abrazava-o a caridade da refórma dos subditos, da melhora dos Conventos. Aquella ancia o transformava em fogo. Já era todo fogo, naõ podia ter socego.

CAPITULO XVIII.

Visita a Provincia; casos, que lhe succederaõ.

Regra, e exemplar de Prelados era o Veneravel Padre, naturalmente affavel, facil, e brando; com hum rosto para todos igual, e desembaraçado; mas assim ardente, e prompto em zelo, e refórma de Religiaõ, que, sem respeitar pessoas, com ninguem dissimulava quebras. Assim praticava as maximas de seu verdadeiro Mestre Christo, que sendo suave, e brando de coraçaõ, só a falta de Religiaõ, e zelo de que se naõ observasse, lhe poz huma vez

na

na maõ o açoute. Efte nativo zelo, efte animo defvelado, com que o Veneravel Padre olhava para a fua Provincia, o poz no caminho para vifitalla, fendo feu companheiro o Padre Frey Jeronymo da Cunha, peffoa taõ juftificada, como digna daquella efcolha. Paffou aos Conventos de Entre Douro e Minho; e no caminho, que levava, tomou de Noffo grande Patriarcha o eftylo, como tinha o cargo. Apé caminhava com feu companheiro; aviftando povoado, levantava as mãos ao Ceo, que alli o trouxera. Recolhia-fe ao Convento, fe ahi o havia; quando naõ, á Igreja, onde fe detinha todo o tempo, que lhe reftava de comer, ou que naõ havia de caminhar. De tarde pofto a caminho, rezava o Itinerario com o companheiro, depois o Rofario, a que convidava quem a cafo no caminho lhe fazia companhia, propagando affim, como verdadeiro Dominicano, aquella devoçaõ proveitofa, como foberana. Chegando a Convento da Ordem, vifitada a Igreja, tomada a bençaõ dos fubditos, perguntava fe havia alguns enfermos? Vifitava-os compaffivo, lembrava aos Prelados o defvelo com que deviaõ fer affiftidos. Affim os deixava confolados, e compungidos. Tal era fua pratica! Tal fua prefença! Efte eftylo guardava em toda a vifita.

Detinha-fe nella em o Convento do Porto. Tinha advertido nelle (como fazia em todos) que no trato da mefa o naõ fingularizaffem, porque como qualquer Religiofo feguia as Communidades em toda a hora, que lhe defoccupava a vifita. Naõ baftou efta advertencia com o Prior, que querendo ufar de mais algum agafalho, difpoz que na taboa, em que coftumaõ ir as reçoens á mefa, melhoraffem a do Provincial. He eftylo nos Refeitorios Dominicanos começar a darfe a taboa pelos Leigos, e acabar nos Prelados (dictame praticado defde o fabido fucceffo do Convento de S. Xifto em Roma, donde fuftentando Deos aquelles Santos Religiofos, de todo o humano auxilio defamparados, ao repartiremlhe na mefa o paõ os mefmos Anjos, começaraõ por aquelles bons Leigos, e ultimamente chegaraõ a Noffo Santo Patriarcha, que como Prelado occupava a cabeceira da mefa. Por efte eftylo difpoz o Ceo, que comeffem os homens o paõ dos Anjos. Paffou o prodigio a documento, o documento a eftylo, como as mais ceremonias da Religiaõ, fendo rara a que naõ tem por principio algum favor do Ceo.) Advertio o Prelado ao que fervia com a taboa, que fó ao Provincial deixaffe tirar aquella reçaõ della. Achoufe o Santo Prelado com a pitança nas mãos, que fem reparo eftendera a tomalla. Reparou, que a que fe dava á Communidade naõ era a mefma, nem taõ aventajada; diffimulou, e naõ comeo. Foy a graças, tirou o Prior a Capitulo, deulhe huma reprehenfaõ afpera; mandou-o ao outro dia fentar em terra, e comer nella paõ, e agua (caftigo huma coufa, e outra com que na Religiaõ fe compenfa o grave de huma culpa.) Naõ baftaraõ com a inteireza do Santo Prelado a remir o Prior daquella fatisfaçaõ

çaõ rigoroſa as repetidas, e importunas ſupplicas de todo o Convento. Aſſim deſconhecia reſpeitos a ſua inteireza; aſſim abominava ſingularidades em ſua peſſoa, eſtranhando, que os cargos trocaſſem em privilegios os exemplos.

Caſo ſemelhante lhe ſuccedeo em outro Convento. Deraõ os Religioſos o peixe em eſtado, que ſó o cheiro baſtava a deſenganar o goſto. Advertio-o o Veneravel Padre; e ainda que o ſervidor da meſa lhe offerecia certa reçaõ na taboa, lançou maõ da outra, que lhe pareceo como todas. Examinou-a, naõ a achou comeſtivel. Chamou o ſervidor, mandou-o fazer a venia, culpoulhe a induſtria. A graças no Coro reprehendeo o Prelado. Saõ os Religioſos os Mercenarios na Caſa do Pay do Prodigo; e ainda que o pobre prato ſeja hum ſó, deve ſer capaz de lhe matar a fome, e naõ deixallos perecer a ella. Que o primeiro ſuſpirava o Prodigo; o ſegundo fora o ſeu caſtigo. Afeoulhe com graves razoens a falta da caridade; que naõ acertaria a ſer pay ſem eſta virtude.

Mercenarii in domo patris mei abundant panibus, ego autẽ hic fame pereo. Lucæ 15. 17.

A falta della experimentou o Veneravel Padre em outro Prelado, e foy hum notavel exame de ſua humildade, e ſofrimento. Via-ſe o Santo Prelado ás portas do Reyno de Galliza, pizando as terras, que o caudaloſo, e celebrado Minho banha, e fertiliza com ſuas aguas; accendeoſe em ſantos deſejos de viſitar o melhor theſouro de Heſpanha, o corpo de ſeu grande Patraõ Santiago, que buſcado reverentemente de toda a Chriſtandade, ſobre Metropoli, e Cabeça de toda Galliza, faz a Compoſtella celebrado Emporio dos Peregrinos. Tornou a recomendar a ſeu companheiro o Padre Frey Jeronymo da Cunha aquelle ſegredo, com que coſtumavaõ caminhar diſſimulados, e deſconhecidos: e ſem mais proviſaõ, que os ſeus Breviarios, tomaraõ o caminho, miſturando-ſe no numero dos Romeiros. Aſſim chegaraõ á Cidade, eſquecidos do largo, e trabalhoſo da jornada, donde ſó os mortificara o ſuſto de arriſcar o ſegredo, porque a modeſtia, e compoſtura do Veneravel Padre, acompanhadas de huma gravidade nativa, e agradavel preſença, eraõ huns brados mudos, que hiaõ pedindo a todos attençoens, e reparos, com que o fiel companheiro ſe via perſeguido, e o ſegredo quaſi deſcuberto pelos indicios de taõ diſſimulado. Recolheraõ-ſe ao Convento da Ordem; proſtraraõ-ſe diante do Prelado a tomar a bençaõ; diſſeraõ, que eraõ huns Portuguezes, que a devoçaõ trazia áquella Cidade; que nella naõ ſeria pezada a ſua aſſiſtencia.

Seria o Prelado da Caſa dos que querem ignorar que ſaõ huns diſpenſeiros do que ha nella, e com cor de zelo da Communidade, faltaõ aos particulares, como ſe delles naõ reſultaſſe aquelle todo, em que os hoſpedes ſaõ huma parte muy importante, no voto, e conhecimento da caridade, queixoſa de os ver tratados com deſabrimentos. Fuy hoſpede, e naõ me agaſalhaſtes, dirá Chriſto: *Hoſpes eram, & non collegiſtis me*, como hum dos cargos, que haõ de entrar na condemnaçaõ dos preſci-

prescitos. Voltou a elles o indigno Prelado, e com rosto indignado, e desmedidas, e arrebatadas vozes lhes disse, que sahissem logo do Convento; que na Cidade buscassem commodo; que a Casa naõ estava em estado de ser hospedaria. Com os olhos no chaõ, e animo socegado esperou, e ouvio o Servo de Deos este desengano; e tornando a prostrarse, e seu companheiro, só com o silencio respondeo áquelle desatino.

Naõ tardou muito que o indiscreto Prelado se naõ arrependesse delle, porque encontrandose o Veneravel Padre com hum Cathedratico daquella Universidade, (que de Madrid o conhecia) e havendo de escusarse de naõ assistir com os Religiosos seus Irmãos, veyo a entender o Doutor a imprudencia do Prelado; e passando ao Convento, lhe afeyou o estylo com que se havia com Estrangeiros, a que o mesmo habito abria a porta, e devia recolher; quando naõ a caridade, se quer a politica; seguindo-se do contrario, o faltar com o respeito a sogeitos de mayor supposiçaõ, como era o Religioso Portuguez, que despedira, naõ menos, que o Provincial de Portugal, Inquisidor do Tribunal supremo, o Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, nome, que ainda a mayores distancias enchia os ouvidos, e veneraçoens de todos, como as estimaçoens delRey, e de toda Hespanha, por suas letras, por sua virtude, e por seu sangue. Pezaroso, e envergonhado sahio o Prior da advertencia; querendo emendalla, acompanhado dos seus Religiosos, veyo a buscar o santo Prelado, lançando-selhe aos pés, e allegando em defensa de seu pouco reparo, e inconsiderado desabrimento, a ignorancia de taõ grande hospede, offerecido a iguaes desatençoens naquelle disfarce. Recebeo-o, ouvi-o, e desculpou-o, facil, e benigno o Servo de Deos, dizendo, que elle era hum Frade seu Irmaõ, mas taõ indigno filho de S. Domingos, taõ pouco benemerito deste titulo, que naõ fora injustiça o naõ permitillo no Convento; que só tivera de mao o encontro o saberse que tinha pouca caridade hum Prelado.

CAPITULO XIX.

Sahe de Compostella, recolhe-se em Aveiro. Offerecemlhe o Bispado de Miranda, naõ aceita. Escolhemno Visitador da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, escusase. Passa a Coimbra a visitar o Santo Tribunal, por ordem do supremo de Lisboa; a Universidade, pela delRey; e os Conventos da Ordem de Irlandezes, Frades, e Freiras, pela do Mestre Geral. Escusase ao Arcebispado de Braga, offerecido por elRey.

NAõ se deteve o Veneravel Padre muito na Cidade, ainda que a devoçaõ, com que visitava aquelle Sagrado Sepulchro, o hia esquecendo de qualquer outro cuidado; mas sacrificara-se a deixar os da suavidade de seu espirito, por acodir ás vozes com que o chamava seu zelo a concluir a visita, que tinha suspendido. Atravessou os grandes rios Minho, e Douro; chegava a Aveiro, quando encontrou

controu hum correyo com aviſo de que a Mageſtade de Filippe IV. o tinha feito Biſpo de Miranda. Tinha já chegado eſta noticia a Lisboa, a ſeus parentes, e amigos, ſendo o mais alvoroçado o Biſpo Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro, com quem os augmentos do Veneravel Padre eraõ o mais importante intereſſe; mas conhecendo bem, que nada da terra tinha naquelle grande coraçaõ eſte nome, e o ſanto deſagrado, com que as dignidades o encontravaõ eſquivo, houve de eſcreverlhe, que ſem reſponder á carta, ſe viſſem com brevidade, que aſſim convinha a algumas importancias do Santo Tribunal. Entendia eſte bom Prelado, que ſó a induſtria dobraria talvez aquella conſtancia; mas eſtava eſta tambem aconſelhada de hum maduro, e religioſo deſpego, com que o Veneravel Padre olhava para as eſtimaçoens da terra, que nunca ſe podia anticipar a ſua reſoluçaõ, nem á mais deſvelada diligencia, ſem fazer outra mais que a importante de conſultar a Deos em larga oraçaõ, e dar noticia a ſeu companheiro, (com quem fugia nos votos do que deixaria, a vangloria do que deixava) reſpondeo pelo meſmo correyo ao Conde Duque, de quem tivera o aviſo. Dizia a carta ſemelhantes razoens: *Taõ coſtumado eſtá Sua Mageſtade, que Deos guarde, a fazerme honra, como Voſſa Excellencia a negocearma; e avulta tanto eſta circunſtancia no meu rendimento, como o pezar de a naõ aproveitar por indigno. Hum Biſpado, Senhor, he grande carga para os hombros de hum Frade, que coſtumado a encolhellos á obediencia, naõ acertará a dilatallos á prelazia. Sobre huma mortalha naõ ficará muy ayroſo hum Roquete; e ſeria delirio de quem ſe vê com huma mortalha, authorizarſe para caminhar para a ſepultura. Na aceitaçaõ do poſto, em que me tem a minha Provincia, obedeci como filho, para trabalhar como ſervo; o de que me faz mercê Sua Mageſtade, he taõ authorizado, que me fará eſquecer de ſubdito; e quem tem examinado a felicidade de o ſaber ſer, por nenhum intereſſe o deve arriſcar. Repreſento a V. Excellencia a minha inſufficiencia, porque qu[illegible]to melhorar o ſeu favor na minha eſcuſa. Eſpe[illegible]o, que V. Excellencia me deſculpe com Sua Mageſtade, que, ſendo ſervido, póde melhorar a eſcolha, como V. Excellencia o favor, pondo-ſe da parte da minha conſciencia. Nas minhas pobres oraçoens me naõ eſquecerá eſte beneficio, a que melhor poderey correſponder no canto da minha cella, que a outro no Palacio de Miranda. O Ceo dilate a vida, e felicidades de Voſſa Excellencia. Aveiro, em 22. de Setembro de 1640.*

Eſta foy a carta com que deſpachou o correyo, ſignificando em outras ao Inquiſidor Geral, e a ſeus parentes, as muitas razoens com que ſe eſcuſava áquella honra, reſolvendo por mais forçoſa a de naõ ſahir do eſtado, que profeſſara, em quanto Deos lhe permittiſſe eſſa ventura, a quem pedia o favor de perdella ſó com a vida. Voltava o Servo de Deos os olhos á ſua Religiaõ, e via tremer as mayores columnas della, ameaçadas do pezo da Mitra. Olhava para ſeu Santo Patriarcha, Oraculo da pobreza; para hum

Tho-

Thomaz, gloria da Igreja; para hum Raymundo, assombro de Roma; para hum Vicente Ferreira, honra de Valença; media aquelles grandes talentos, encolhidos á vista de taõ formidavel carga, e recolhido á sua consciencia, pedia a Deos, que favorecesse as razoens da sua escusa. Mas naõ bastava a diligencia cautelosa com que se escondia, e se negava aos premios com que o conhecimento o perseguia; naõ bastava a embaraçar as vozes da admiraçaõ, que rompendo os limites de Portugal, e Hespanha, chegaraõ repetidas vezes a espalhar seu nome, e sua virtude na mesma Corte de Roma, com tanta veneraçaõ, e applauso, que Innocencio X. que entaõ governava a Igreja, começou a pôr nelle os olhos para cousas grandes, embaraçadas só de sua modestia, e repugnancia.

Propozse, e resolveose na Sagrada Congregaçaõ de Regulares a refórma da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, e entendeo o Pontifice, que só ao zelo, e prudencia do Veneravel Padre se podia fiar o arduo desta importancia. Sahio nomeado Visitador, e Reformador. Mas inculcando tanta authoridade o cargo, naõ podia deixar de o encontrar atemorizado, e desgostoso. Recebeo com veneraçaõ as letras Apostolicas, mas medindo com sua grande prudencia, e profundo conhecimento as consequencias de huma refórma, as contingencias de concluilla, resolveo, que era difficil lograrse o acerto em huma acçaõ, donde sendo precisos os emendados, já hiaõ de antemaõ os queixosos; e naõ escutando sempre a estes os arrezoados, vay ficando em duvida se o saõ os comprehendidos. Terrivel officio o de emendar; porque se o receber emendas diz confessar erros, grandes duas difficuldades no genio dos homens! Sacrificarse defeituoso, por inferir a outro justificado.

Escusouse finalmente, propondo, e significando á Rota: *Que elle se achava com tantas occupaçoens entre mãos, que, naõ podendo acudir a todas, mais conveniente lhe era deixar algumas, que receber outras; e pareceria demasiada ambiçaõ de governar, aceitar tantas, para naõ satisfazer bem a nenhuma. Que nenhumas, sendo novas, se podiaõ queixar de deixadas, porque só as antigas, de que se tinha entregue, o executavaõ bem assistidas. Que as refórmas queriaõ sogeitos espirituosos, ardentes, Gigantes, a quem todas as difficuldades fossem superaveis. Noticias, e intelligencias miudas para reconhecer o damno, resoluçoens, e inflexibilidades para applicar o remedio; e que o seu animo era mais maviosо, que austero, mais facil de reduzir á commiseraçaõ dos defeitos, que á inteireza dos cargos.* Naõ faltavaõ ao Veneravel Padre as circunstancias, que apontava, e em si desconhecia; mas assim sepultava tudo nos abysmos de sua humildade, como se castigara em suas prendas o teremno inculcado para as honras. Alguem disse, que se escusara a esta, por ter devido o ensino em sua infancia ao Veneravel Padre Antonio da Conceiçaõ, na Casa de S. Bento de Xabregas, que havia de ser a primeira, que experimentasse a refórma; e naõ quiz o Veneravel Padre, com reli-

religiosa modestia, chegar áquellas portas, a que se confessava agradecido, podendo encontrar motivos, que o executassem rigoroso.

Mas se pode escusarse a esta visita, outras duas lhe entraraõ pela porta, com taõ executivo preceito para admittillas, que houve de ceder toda sua repugnancia á razaõ, que lhe naõ admittia nenhuma. Achou o Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, com aquelle incançavel zelo, com que se fazia presente em todos os Santos Tribunaes deste Reyno, que era conveniente visitarse o de Coimbra; como Prelado, e como amigo, commetteo, e fiou do Veneravel Padre esta importancia, como quem conhecia a execuçaõ com que se desembaraçava de todas. Assim sahio desta com o credito que costumava, e com aquella expediçaõ, que désse a conhecer o pouco, que havia que emendar. Naõ lhe succedeo assim na visita, e refórma daquella Universidade, que lhe commetteo elRey, informado de alguns abusos, e desmanchos, a que tinhaõ aberto caminho o tempo, e o descuido. Resistia o Servo de Deos, porque entendia o desagrado com que o haviaõ de olhar huns, e outros, os delinquentes, e os justificados; estes, porque em qualquer reparo supporiaõ a sua innocencia injuriada; aquelles, por terem já a relaxaçaõ por natureza: mas nada aproveitou á repugnancia; entrou na visita. Porém naõ valeo nella aquelle animo despido de respeitos, applicado só ao interesse commum, e beneficio dos estudos, e Estudantes, para que naõ começasse a semrazaõ das queixas a embaraçar, e desconhecer as melhoras, achando contradiçoens, favorecidas de quem talvez devia desbaratallas. Suspendeo o Veneravel Padre a diligencia, voltou para Lisboa com o pezar de naõ poder dar ouvidos á magoa dos mais pios, e zelosos da Universidade, que já hiaõ descubrindo o felice caminho, que levavaõ os augmentos della. Mas o Santo Reformador, que media o quanto excedia o numero dos rebeldes aos obedientes, tinha já bem meditado, que só podia recorrer ao remedio da violencia; mas sobre ser contra o seu genio, tinha largas experiencias de que antes fomentava obstinados, que reduzia comprehendidos.

Chegado a Lisboa, achou Patentes do Reverendissimo, o Mestre Frey Nicolao Rodulfo (em cujo talento se pezava bem a reputaçaõ, em que estava na Curia o Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos) para que visitasse, e presidisse ao Collegio de Santo Thomaz dos Hibernios, e o Mosteiro de Freiras da mesma naçaõ, hum, e outro da Ordem, e immediatos ao Geral. Tinha sido o Veneravel Padre em Madrid o mais empenhado padrinho, que reconheceo o seu desamparo, quando fugindo ao levantado cutelo da heresia, se retirara a Hespanha, e dahi a Portugal, por concessaõ, e em tempo de Filippe IV. Assim aceitou esta obrigaçaõ com taõ gostoso desvelo, como quem já conhecia huns taõ bem afortunados filhos da Fé, e da Religiaõ de S. Domingos, que entre a braveza dos infieis de seus paizes, contaraõ dentro de hum anno

mais

mais de cento e sessenta Martyres, criados os mais delles neste Collegio, para verdadeiros promulgadores do Evangelho, a cujas aras, depois de incriveis perseguiçoens, como constancias, consagraraõ as vidas. A de suas patricias, sepultadas com Christo no sagrado Mosteiro do Bom Successo, assim he toda para o Ceo, que sem commercio humano, nem a mais leve noticia, as faz trataveis com a terra. Assim saõ estimado segredo para seu Esposo, como seu Esposo o seu unico segredo. Se estes se conquistarem ainda a diligencias do preceito, naõ faltará materia para mais larga escritura, arrimando a esta o lugar, em que as póde hospedar o nosso trabalho, obrigado da liberalidade com que lho premittio este Reyno.

Mas naõ quiz o Ceo, que o Servo de Deos participasse esta dilicia sem se lhe seguir o mayor susto, que lhe podia assaltar o descanço. Lograva já desembaraçadamente delle no canto da sua cella, por ter acabado de governar a Provincia; mas os seus merecimentos bemquistos, como bem experimentados, assim o levavaõ á memoria delRey, que havendo de prover o Arcebispado de Braga, lhe occorreo logo o Mestre Fr. Joaõ com o grande interesse de poupar consultas, e resolver escolhas. Chegoulhe a notiaia da que delle tinha feito elRey, que muy pago deste acerto, (porque o naõ suspendesse algum embaraço) lhe fazia saber, que o despacho das Bullas corria por seu Real cuidado, e diligencia, de que o Pontifice já tinha noticia. Este singular favor, e as cartas cheas de honras, e promessas, assim dobraraõ a pena, assim quebraraõ o coraçaõ ao Servo de Deos, que bem entendeo, que era permissaõ sua aprovar sua paciencia, e examinar sua constancia. Mas naõ foy esta menos, que a com que resistio á offerta de Miranda; e valendo-se do mesmo estylo na reposta, e na escusa, accrescentou: *Que já os annos o achavaõ mais desenganado; e que seria desgraça, que se lhe dobrasse o conhecimento, para se arrepender de hum bom proposito. Que o que tinha feito de viver, e morrer em humildade religiosa, tinha já tantas raizes, que só abrindolhe a cova, lhas poderiaõ arrancar. Que Sua Magestade em premio do bem que desejara servillo, lhe concedesse a merce de se esquecer delle para as de tanto pezo; que assim se conseguia muito, ficar Sua Magestade bem servido, a dignidade menos queixosa, e a sua consciencia quieta.*

E quem naõ peza esta resoluçaõ, taõ despida das paixoens da natureza! O que deixava o Veneravel Padre naõ era já o Bispado de Miranda, era a Cadeira de Braga, Morgada da Igreja na Ecclesiastica Monarchia das Hespanhas, e Primasia dellas, restaurada, ou defendida pelo seu grande Arcebispo Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, assistindo em Trento em tempo do Papa Pio IV. Esta era a offerta, a que voltava as costas, e o grave pezo a que fogia com os hombros o Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, por naõ despir huma mortalha, e por naõ deixar a estreita prizaõ de huma cella. Isto era o que só deixava, mas inda

inda avaliava por favor o aceitarem-lhe a eſcuſa. Venturoſo ſeculo, em que ſe acharaõ Varoens, que aborreciaõ honras; e votos, que ſó as davaõ aos que as aborreciaõ!

CAPITULO XX.

Recolhe-ſe ao Moſteiro do Sacramento como ſeu Vigario. Da-ſe conta das virtudes em que mais ſe eſmerou. Tocaõ-ſe alguns ſucceſſos prodigioſos em confirmaçaõ.

REnunciadas, ou deſpedidas duas Mitras, e recolhido ao canto da ſua cella, eſtava o Veneravel Padre gozando aquelle deſcanço, que a ſagrada ambiçaõ das virtudes cobiça para ſeu continuo deſaſocego, e exercicio, quando vagando a Vigairaria do Sacramento, de que ſahio para Lente de Prima da Univerſidade o Meſtre Frey André de Santo Thomaz, começou a convidar a ſeu eſpirito á companhia daquelles, que habitavaõ, e hoje habitaõ aquelle Sacrario Dominicano. He eſte lugar a todas as luzes da mayor reputaçaõ, pelos ſogeitos, que ſempre o occuparaõ, e pelas ſubditas, que nelle ſe dominaõ. Pelos Prelados, porque de Meſtres, Provinciaes, e Inquiſidores, paſſaõ a eſta occupaçaõ; pelas ſubditas, porque ſobre a eſtreita, e viva obſervancia em que eſtaõ naturalizadas, ſobreſahe o eſcolhido da nobreza, que tem trocado, e cada dia troca em Santo palacio aquellas ſagradas paredes, desde ſeus primeiros fundadores o Conde de Vimioſo Dom Luiz de Portugal, e Dona Joana de Caſtro, filha dos Condes de Baſto. Aquelle, que conſagrando ſeus bens áquelle Santo edificio, veſtio o habito de S. Domingos, buſcando em o ſeu Convento de Bemfica a viva, e venturoſa ſepultura de huma cella. A Condeſſa, que levantando os muros, em que gaſtara o que poſſuia, foy a primeira, que do diluvio da terra ſe recolheo áquella arca, que fabricara. Fique o eſclarecido eſquadraõ das que a ſeguiraõ, para o lugar que lhe permitte a diſtribuiçaõ deſta eſcritura, que ſempre fora o primeiro, ſe entraraõ a votos os merecimentos.

Eſta vivenda, e eſta companhia eſcolheo o Veneravel Padre, ſatisfazendo os ſantos deſejos de o verem na ſua aquellas ſubditas, a que a ſemelhança das virtudes reconhecia filhas; naõ experimentaraõ nelle menos, que amor de pay, applicando-lhes o Veneravel Padre as ſuas rendas para ajuda de ſeu ſuſtento; e as que achou na Caſa, com groſſos dotes, que accreſceraõ, melhorou no gaſto, por querer melhorar o Moſteiro da Igreja, fabricando em ſua idéa (fecunda pelas noticias, que tinha adquirido de architectura) o novo deſempenho, que hoje ſe vê bem avaliado da arte, e merecido do aceyo daquelles eſpiritos caſtos, que por ſer o Sacramento Paõ de Anjos, lhe adereçaõ, e ornaõ aquella Caſa, e Meſa com a mayor decencia, que ſe póde alcançar na terra. Aqui ſe empenhou, e deſempenhou o deſvelo do Santo Prelado, vendo em pouco tempo ſubir as ſagradas paredes, e concluirſe huma obra, que en-

tra a fazer numero com as mais regulares de Lisboa, podendo dizer a sua piedade, e sciencia, o que o Mestre das Gentes aos do Corintho: Eu dey a traça, e comecey a levantar os alicerces a esta fabrica, como sabio Architecto.

Ut sapiēs architectus fundamentū posui. 1. ad Corint. 3. 10.

Começou aqui o Veneravel Padre a ser todo de Deos, pelo desembaraço de negocios, como sempre o fora por fervor de desejos; estes o faziaõ arder em taõ vivas lavaredas de amor de Deos, que para desafogo dalma parece, que se valia da desnudez da pobreza. Taõ estreita era a que abraçava, que logo se lhe divisava, ou no despido da cella, ou no vestido singelo, e talvez remendado, de que usava. O chapeo estava já taõ desfigurado, e rendido com o tempo, que reparandolhe nelle em huma occasiaõ sua cunhada a Condessa de Figueiró, lhe deu dinheiro para outro. Aceitou o Servo de Deos a esmola, e entendendo, que ainda a sua necessidade naõ merecia este nome, ao sahir da porta, a repartio com huns pobres, que achou a ella. Succedeo repetir a visita, e perguntando-lhe a Condessa pela compra, lhe explicou o estylo, por que a melhorara. Tornou a Condessa a refazello para segunda; voltou para Casa, e encontrando huns pobres, tornou a esquecerse de si, por se lembrar delles. Deixou-lhes nas mãos o dinheiro. Soubeo-o a Condessa; naõ desconhecia o santo contrato, mas parecialhe indecente o tratarse por aquelle estylo huma pessoa de tanta authoridade. Assentou com seus criados, que lhe comprassem hum chapeo. Naõ reparou o servo de Deos na troca, quando ao despedirse, o tomou na maõ; mas naõ o passou á cabeça, porque ao sahir da porta, pegando no do companheiro (que pouco se melhorava ao seu antigo) lhe poz na maõ o novo.

Naõ lhe succedia menos com o calçado; e pode mostrallo hum successo, que se naõ estranhará por miudeza, pelo muito que inculca de sua pobreza Apostolica. Caminhava sempre o Veneravel Padre a pé; levantouse o dia, que por ordem delRey havia de partir para Coimbra como seu Visitador, e Reformador; e advertindo-lhe o companheiro, que quem havia de caminhar a pé naõ tinha sapatos, que gastos, e rotos o deixariaõ a poucas horas de caminho, instavaõ os que alli se acharaõ, que comprasse outros: resolveo, que se chamasse hum sapateiro; que com qualquer concerto naquelles velhos, se escusava o gasto de huns novos. Veyo o official, e em quanto lhos reparou, inda que á custa de muitos remendos, teve os pés sobre huma cortiça, esperando, que só lhos cobrisse a sua pobreza. Fermosos pés, que hiaõ a dar passos para pacificar animos, e desterrar abusos! Estes eraõ os atavios, com que a sua humildade se enfeitava aos olhos de todos, para dizer com as acçoens com que sempre a testemunhou, naõ havendo nenhuma em sua vida, que a naõ tivesse por alma.

Quàm pulchri pedes annunciantis, & prædicātis pacē, annunciantis bonum. Isai. 52. 7.

O mesmo testemunho se encontrava na cella, taõ nua, e despida, como a que naõ tinha mais serventia, que a de sepultura. Nella assim em Bemfica, como em Lisboa (sendo buscado do mais illustre della, que

com

com o motivo de parentesco, ou da devoçaõ, lhe entrava pela porta) costumava tomar em pé as visitas, por se naõ acharem alli mais que duas cadeiras de pao para agasalhallas. Enganaraõse alguns dos parentes mais chegados, que naõ seria voluntaria aquella pobreza; mandaraõ-lhe ornar decentemente a cella; despio-a logo para vestir nos pobres as paredes de Christo. A cama humas taboas nuas, duras, e mal polidas, cubertas de grossas mantas, conveniente agasalho para quem antes queria despedir, que convidar o descanço. Taõ inimigo delle, fugia as occasioens de o poder ter em nada da vida, que doendo-se o Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro de seus grandes, e continuos achaques, e do mal, que podia convalecer delles no longo caminho, que de Bemfica a Lisboa pizava todos os dias, (que como Inquisidor, vinha assistir ao seu Tribunal) lhe mandou dar huma mulla, que lhe facilitasse a jornada. Escusouse o servo de Deos, sem que sua indisposiçaõ, nem os rogos de quem lhe fazia a offerta, bastassem a reduzillo áquella conveniencia. Houve de darse por sentido, e aggravado o Inquisidor Geral, e interpondo todo seu valimento, vio-se o Veneravel Padre obrigado a ceder de sua austeridade; mas reparando em que a mulla trazia mais authorizados arreyos, que os que os que convinhaõ a huma carruagem, que se aceitava por força, e se havia de usar por necessidade, lhos mandou tirar, e pôr huma cella velha, applicando a os dias que se naõ servia della, ás cargas de lenha, e mais serviço da Casa, dizendo (por se ter em conta de mais inutil carga) *que naõ havia de servir só de acarretar terra de Bemfica a Lisboa.* Em chegando a ella, se apeava, entendendo, que o mais parecia fausto, e naõ remedio.

Assim naõ deixava passar acçaõ, em que a humildade, quando a naõ podesse ter toda, naõ ficasse com a melhor parte della. Era Prior de Bemfica, e como Salomaõ daquelle Santuario, zelava o seu aceyo. Ordenava ao Mestre, que com os seus Noviços viesse varrer, e alimpar a Igreja; e vendo talvez, que tardavaõ como occupados no continuo exercicio do noviciado, naõ lhe sofria o coraçaõ fiar aos Leigos, e aos moços aquella diligencia; pegava em huma vaçoura, e acompanhava-os nella. Neste estado o acharaõ muitas vezes sendo Prior, Provincial, Prégador delRey, e Inquisidor, os Fidalgos, os Senhores, e os Ministros do Santo Tribunal, vendo-o acompanhar a Communidade no varrer do Dormitorio (demonstraçaõ humilde de nossa Religiaõ sagrada, usada huma vez na semana, e taõ religiosamente abraçada de todos, que os Prelados saõ os primeiros) Pouco era isto: o que parecia mais era a sagrada ambiçaõ, com que o Veneravel Padre naõ deixava passar hum lançe de abatimento, pelos mayores respeitos do Mundo. Assim fazia esperar a visita até se desoccupar com a Communidade, deixando a todos, antes que queixosos, edificados. Em quanto assistio em Coimbra, visitando a Inquisiçaõ, ou a Universidade, naõ permittio a Ministro,

ou

ou á pessoa alguma de mais, ou menos supposiçaõ, que o acompanhasse; ou por aborrecer a lisonja, ou por fugir á singularidade; ou porque olhava para huma cousa, e outra, como verdadeiro humilde.

Como o naõ sabe ser senaõ o mais consummado na virtude, exacto, e unico era o Veneravel Padre na regular observancia, a que de taõ poucos annos consagrara sua vida, desempenhando nella o exemplar mais vivo, a que podia olhar o espirito mais reformado. O jejum das Constituiçoens, dilatado desde Santa Cruz de Setembro atè a Paschoa da Resurreiçaõ, observou assim indispensavel, que nem os achaques lhe aconselharaõ as quebras delle. Da pobre reçaõ, que se lhe punha na mesa, assim eraõ os pobres quotidianos acrédores, que sempre se contentava com a menor, e peyor parte della, fazendo-o com mais estreiteza na Quaresma, em que o seu prato naõ passava de humas hervas. Muitas vezes, que o melhorava de regalo, era hum pouco de paõ molhado em agua quente, com hum fio de azeite; mas esta pitança era a com que contentava o trabalho de hum dia inteiro, quando o gastava em Lisboa, recolhendo-se á noite a Bemfica, cançado da assistencia do Tribunal, e de outras importancias de igual pezo. Levando naquelle tempo o de Prior por muitos annos, assim trazia as horas medidas, que assistindo a cousas muy diversas, naõ lhe faltava tempo para todas. De manhãa antes de Prima oraçaõ, depois Coro, logo Missa celebrada com tanta suavidade, e doçura de espirito, que sem caberlhe o coraçaõ no peito, lhe rebentava pelos olhos em grossas lagrimas, a que fiava os jubilos como a mudas linguas. Acodia logo á sua Cadeira, ás obras do Convento, ou ás funçoens da Communidade; o mais oraçaõ: breve descanço antes de Matinas, depois dellas menos; em humas nuas taboas nunca podia ser muito, inda que lho dispensasse o tempo. Em todo continuou o Coro nocturno, sem que o embaraçassem as precisas occupaçoens, que o ser Inquisidor, Provincial, e Prégador delRey costuma trazer comsigo. A esta exacçaõ de vida se accrescentavaõ as disciplinas de sangue, os cilicios asperos, naõ fiando só o desabrimento com que se tratava ao grosseiro, e esquivo da tunica de estamenha, que (ainda gravemente enfermo) só o preceito do Prelado lhe fazia trocar por linho.

A sua inteira observancia acompanhava huma fé viva, huma esperança firme, huma caridade ardente. O seu grande, o seu continuo desvelo era a decencia no culto Divino. Tudo para este emprego lhe parecia pouco. Assim com animo largo, e liberal ornou, e polio seu Convento de Bemfica com o mais selecto, a que antes parece, que podiaõ chegar os milagres, que as posses. Quadros da melhor maõ, que entaõ reconhecia o pincel, lhe ornaraõ as Capellas, e taõ prodigiosas esculturas lhe occuparaõ os nichos das duas do Cruzeiro, (que saõ hum Christo espirando na Cruz, e huma Senhora do Rosario) que ainda se naõ deixaraõ imitar dos mais perítos, como se vem admira-

miradas de todos. Assim trabalhou, e conseguio o Veneravel Padre na proporçaõ, no ornato, e no aceyo daquella Igreja, hum breve Ceo na terra; e porque nelle se escutassem em todo o tempo possivel louvores a Deos, ordenou, que a Coros se rezasse pelos Religiosos no fim de Completas o Rosario, repartido em terços pelos dias da semana. O mesmo inventou no Mosteiro do Sacramento; continua-se com fervor em huma, e outra parte. Deste commercio continuo que tinha com Deos, e com o que lhe tocava, lhe nascia hum vivo, e seguro conhecimento, que ensinado da experiencia, só a Deos levava sua esperança, fiando tanto de sua Divina Providencia, que nunca emprendeo cousa, que naõ visse; com ella, naõ só concluida, mas ainda continuada, assim na fabrica de Bemfica, donde rara vez chegou sem falta de dinheiro o dia de pagar aos jornaleiros, e nunca se acabou sem os mandar pagos. Estes os effeitos de sua firme esperança; e daqui o atearse em seu coraçaõ a mais viva chamma da caridade.

Apertou a este Reyno o cruel cerco da fome, com que o braço da Divina justiça o quiz castigar por aquelles annos. Achavase Prior em Bemfica o Veneravel Padre, crescia na Portaria o numero dos pobres; (que nesta occasiaõ sempre as Religioens saõ os piedosos Pelicanos, que do que se tiraõ ao sustento, alimentaõ os pobres de Christo, quando os ricos, e poderosos fechaõ naõ só as portas, e as entranhas, mas ainda os ouvidos ao brado das miserias.) Mandou o Veneravel Padre, que se cozesse mais paõ, e que se acudisse ao desamparo; começou a correr todo aquelle contorno com as noticias do bom agasalho. Era de pobres o celleiro do Convento, que costumava proverse mais de esmolas, que de rendas; faltavalhe aquelle anno (por experimentarem o mesmo em suas casas) a com que o Correyo môr, e o Arcebispo de Lisboa acodiaõ áquella. Tinha medido o que se podia dar (e já ao Convento faltaria para comer) o Pade Frey Lourenço das Chagas, que tinha a seu cargo o celleiro. Recorreo ao Prior, propozlhe a falta, com que já o ameaçava o largo, e continuo da esmola, concluindo, que naõ acabariaõ já o anno sem ella. Escutou-o o servo de Deos com animo, e rosto socegado, e respondeolhe: *Padre Frey Lourenço naõ afrouxe nas esmolas, alargue a maõ, sem olhar para o trigo, que nem tendo-o nós, ha de faltar aos pobres, nem tendo a Deos, nos ha de faltar a nós.* Foy caso notavel, e que chegou a escutarse nos Pulpitos, que continuando na Portaria, e com pessoas particulares, a que apertou a mesma necessidade, o remedio dellas, até se desconhecer a fome, nunca faltou trigo no celleiro, e naõ só chegou, mas sobejou ao novo.

Mas naõ parou aquella inextinguivel sede de sua caridade em sustentar os pobres, passou a vestillos; e para os vestir a elles, se despio a si. Era Inquisidor, mas assistia em Bemfica, que foy sempre o appetecido centro de seu espirito. Passava todos os dias a Lisboa. Reparou

rou o Prior (que era entaõ Fr. Antonio dos Reys) pela noticia que tinha, naõ ſó das alfayas de ſua cella, mas da roupa que veſtia, que para as grandes giadas, com que aquelle Inverno fazia intrataveis as manhãas, e as eſtradas, era debil, ou nenhuma a reſiſtencia, que lhe podia fazer huma tunica velha, e huma capa gaſtada. Diſſelhe o bom Prior, que ſeria razaõ, reparando a ſua debilidade ao trabalho, e ao tempo, fazerlhe huns interiores, que o abrigaſſem contra elle; e reſpondendo o Veneravel Padre, que graças a Deos inda tinha com que ſe cobriſſe, que melhor fora applicallos a mayor neceſſidade, naõ ſe deu por deſpedido o Prior, antes mandando logo fazer huma caſaca de pano aſſaz groſſeiro, lha mandou levar á cella. Recuſou o ſervo de Deos a offerta, inculcando adonde ſeria mais bem empregada. Conhecia o Prior, que para vencer naquelles particulares a ſua inteireza, naõ havia mais que huma valia. Mandoulhe, que a veſtiſſe por obediencia. Beijou-a, e veſtio-a; mas naõ lhe durou muito a gala; paſſados poucos dias, chegava á Portaria huma manhãa a eſperar, que a chuva lhe déſſe lugar para ſe pôr a caminho para a ſua occupaçaõ do Tribunal, vinha a eſte meſmo tempo fugindo a elle hum pobre taõ roto, e deſpido, que o ſoccorro do tilheiro, que eſtava junto á Portaria, foy a ſua camiza, e a ſua capa. Eſtava a manhãa, ſobre chuvoſa, enregelada, e deſabrida. Fazia preciſa a laſtima no deſabrigo do miſeravel. Menos eſpectaculo fora baſtante a enternecer as entranhas daquelle ethna da caridade. Mandou ao companheiro, que com toda a preſſa foſſe pedir licença ao Prior, para agaſalhar aquelle pobre com a ſua caſaca, porque ſem acodir áquelle deſamparo, nem ſahiria da porta, nem ſocegaria a ſua conſciencia. Chegou o Prior admirado a examinar o motivo da ſupplica, e achou ao ſervo de Deos tanto mais treſpaſſado da laſtima, que o pobre da chuva, que entendeo, que mais neceſſitava o Padre de deſpir a caſaca, que o pobre de veſtilla. Aſſim as muitas aguas naõ poderaõ extinguir, mas atear a caridade, que naõ á de pequenas chuvas, mas nem á de caudeloſos rios pode cobrir ſeus incendios. Naõ temia os aſſaltos da agua, e do frio, quem por defender (a outrem, os queria eſperar a peito deſcuberto. Veyo o Prior na licença de que déſſe a caſaca. Recolheo-ſe a deſpilla, trouxe-a com preſſa, entregou-a com ancia; antes pareceo, que a reſtituîa, do que que a dava. Caminhou contente para Lisboa.

Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem. Nec flumina obruent illam.

Continuo era o Veneravel Padre neſte deſvelo com os pobres, veſtindo a muitos, e entre elles a eſte, que agora o deixou deſpido. Mas como tambem a pobreza ſe naõ livrou de genero de contrato, vendia eſte o veſtido, e tornava a apparecerlhe em fórma de grangear outro. Reparou nelle o companheiro do Veneravel Padre, e reprehendendo-o com a aſpereza que merecia, quem com capa de miſeria, queria cobrir, e diſſimular a eſtafa, o deſpedio da eſmola como merecia ſua malicia; mas naõ o conſentio o ſervo de Deos, e eſtranhando-o

muito ao companheiro, lhe disse: *Que quem recebia no pobre, era Deos, porque nunca se perdesse o que se désse ao pobre. Que elle naquelle favorecia a miseria, e naõ a callaçaria. Que a caridade naõ era tribunal de reprehender, mas de remediar. Que a esmola era aquelle rio impetuoso, que rega a Cidade de Deos, a congregaçaõ dos Fieis, e verdadeiros pobres; que sempre em si he limpo, e puro, inda que o aqueducto seja tosco, e pouco proporcionado.* Assim naõ sabia o servo de Deos, nem presumir mal, nem deixar de fazer bem.

Esta ancia caritativa o desentranhava assim com os necessitados, que sem se perdoar a si mesmo, nem o que lhe era preciso estava com elle seguro, mais que em quanto lho permittia a supplica da pobreza. Visitando a Provincia, mandou dar hum habito de dous que lavava, a hum pobre, que meyo despido o apanhou na estrada sem dinheiro, sentenciando-se em quanto andou naquella occupaçaõ a pedir hum habito de emprestimo, em quanto se havia de lavar o que trazia no corpo, desfigurado do mao trato do caminho. Foy isto pouco. Hia para a Inquisiçaõ huma manhãa desabrida, chegouse a elle hum miseravel pouco enroupado, escutou a supplica, que lhe fazia enternecido, voltou ao companheiro, que era Frey Gaspar da Sylva, acharaõ-se ambos incapazes de remediallo. Podera responderlhe o Veneravel Padre, o que em companhia de Joaõ dissera Pedro ao Paralitico, que lhes pedio a esmola á porta do Templo: *Naõ tenho prata, nem ouro, mas doute o que tenho*; porque retirando-se a huma logea, despio com presteza os calçoens, e entregou-os ao pobre, andando sem elles até que se lhe fizeraõ outros, que vestia antes como quem se aparelhava para outro encontro, que por guarnecerse contra a inclemencia do Inverno.

Argentũ, & aurum non est mihi; quod autem habeo, hoc tibi do. Actor. 3. 6.

Mas reparando, que o tratar dos pobres naõ havia de ser esquecendo-se de que o era, resolveo-se a impetrar do Pontifice Urbano VIII. hum Breve, com que sem escrupulo podesse alargar a maõ a repartir com fabricas Sagradas, e com os seus pobres o que lhe rendiaõ os lugares, que occupava, o que elle grangeava pela sua prédica, o que lhe davaõ sua irmãa, e outras senhoras como a thesoureiro dos pobres, emprego, que assim reconheceo, e estimou nelle a Magestade de Filippe IV. que estando em Madrid, lhe mandou dar certa somma de dinheiro, entendendo a lisonja, que fazia á sua caridade, em lhe dar para dispender; graça, que o Veneravel Padre avaliou por unico interesse, sendo taõ pouco déstro no de qualquer cabedal, que se affirma delle, que inda ignorava a valia de hum tostaõ. Tinha hum Religioso por seu particular depositario; este arrecadava, e dispendia; e se o Veneravel Padre queria alguma vez ser o dispenseiro de algumas esmolas, pedia, que lhe embrulhasse o dinheiro em diversos papeis, podo-lhe a somma do que continhaõ; assim fechados, os passava ás mãos da pobreza, como quem lhe naõ conhecia outra serventia. A certo homem, que lhe arrecadava a renda de Inquisidor, tinha dado

do permiſſaõ, para que acodiſſe a alguma neceſſidade, que ſe lhe offereceſſe. Trazia eſte em tempo determinado o reſto, e o rol da deſpeza, mas nunca pode obrigar ao Veneravel Padre a que lhe puzeſſe os olhos, perguntando-lhe ſó a diligencia, com que acodira aos apertos, como quem tinha já aſſentado, que aquella fazenda era dos pobres, e que o que alli podia haver de novo, era a promptidaõ no diſpendio.

CAPITULO XXI.

Caſos prodigioſos, que continuaõ o argumento de ſua virtude. Cahe em huma grave enfermidade; origina-ſe della ſua morte.

ASſim ſe hia remontando o Veneravel Padre ſobre a terra, aligeirando-ſe com o artificio de lhe ir deixando o que ella lhe hia offerecendo, depoſitando nas mãos dos pobres o pezo da prata, e do ouro, para que ſem eſſe embaraço ſe aviſinhaſſe ao Ceo, ſeu ſuſpirado centro. Aſſim pobre, e abatido a ſervo dos pobres, parece que ſe remontava ſeu eſpirito, conſumidas no fogo da caridade as penſoens do corpo. Mas naõ ſofre o pay da inveja o ver que outros ſobem, por donde elle cahio; que ſubaõ por abaterſe, como elle cahio por remontarſe. Aſſim começou a buſcar caminhos, que turbaſſem ao Veneravel Padre o ſocego de ſeu eſpirito, e em varias occaſioens ſuppoz o conſeguiria, aſſuſtando-o, ſe orava na cella, com golpes na porta; e com deſuſado eſtrondo em todo o Moſteiro, ſe ficava na Igreja; mas vendo a conſtancia com que continuando ſeus exercicios, lhe deſprezava os medos, e os terremotos, huma noite, que tinha provado toda ſua induſtria, ſem mais fruto, que conhecella ocioſa, ſe atreveo a maltratar o ſervo de Deos com taõ duros, e pezados golpes, que eſta foy ſem duvida a origem de ſuas grandes enfermidades, a juizo dos que tiveraõ eſta noticia, e obſervaraõ a ſua indiſpoſiçaõ depois della. Naõ quebrou aqui a infernal furia, que no ſofrimento do ſervo de Deos ſe vio novamente injuriada. Tratou de provar a maõ em traça, de que em ſi tinha experiencia; quiz que a vaidade foſſe todo o tropeço daquella ſegurança.

Carregadas as nuvens, como ameaçando diluvios, deſcompoſto, e profiado o vento, como promettendo tempeſtades, bruſco, e deſabrido amanheceo hum dia, em que o Veneravel Padre com mayor importancia havia de ſahir de Bemfica á obrigaçaõ do ſeu Tribunal. Era neſte tempo ſeu companheiro o Padre Frey Joaõ das Neves; elle, e Jeronymo Correa, (inſigne entalhador, que aſſiſtia neſta occaſiaõ ao aſſentar o retabolo na Capella môr do Convento) por lhe pedir o Veneravel Padre hum eſcravo, que lhe levaſſe a bolça dos papeis, começaraõ a pedirlhe, e logo a proteſtarlhe, que naõ eſtava dia para aquella jornada; menos para arriſcar huma ſaude taõ perigoſa como a ſua. Naõ valeo nada, puzeraõ-ſe a caminho para Lisboa; nem chegaraõ a ella ſem que as nuvens ſe deſataſſem em huma chuva ſobre groſſa,

taõ profiada, que durando todo o dia, nem ao declinar delle o fez a tempestade. Naõ havia de ficar o Veneravel Padre, nem ainda por mais urgente motivo, fóra do seu Convento. Resolveo-se com o companheiro, puzeraõ-se a caminho. Já noite cerrada chegaraõ á Portaria; tocaraõ a que lhe abrissem a porta. Passeava a este tempo no Claustro Jeronymo Correa, esperando que serenasse algum instante, para passar, como costumava, a agasalharse na quinta dos Loureiros, que sem meter em meyo mais que huma pequena lameda, a fica senhoreando a breve distancia do Convento; (hoje Casa de prazer dos Marquezes da Fronteira, e o mais vistoso, e celebrado retiro, que reconhece este Reyno, e ainda nos estranhos se lhe naõ nega o lugar entre os mais famosos) mas naõ se atrevia o Correa a passar ainda taõ breve distancia; tanta, e taõ continuada era a chuva! Ouvio tocar á Portaria; chegou com o Porteiro a examinar quem era, e vendo entrar ao Veneravel Padre (como mimoso, e favorecido seu) se chegou a elle, e com verdadeira, e compassiva queixa lhe disse: *Por certo meu Padre Mestre, que genero foy de temeridade sahir Vossa Paternidade de Lisboa com tal agua; porque ainda nos mais robustos parecera loucura.* Escutou-o com socego o servo de Deos, e como admirado do que lhe ouvia, respondeo formaes palavras com segura synceridade: *Pois que? chove?* Advertido o Correa, como o que já estava ensinado a naõ duvidar do que poderia ser, se chegou mais ao Veneravel Padre, e tocandolhe os vestidos, os examinou enxutos. O mesmo exame fizeraõ Frey Joaõ das Neves, (que se achava traspassado da agua de todo o caminho) e o mesmo Porteiro; este, que estava ouvindo a chuva, aquelle, que a estava examinando na sua Capa; e todos trez taõ mudos de assombrados, e taõ extaticos de convencidos, que deraõ lugar a que o servo de Deos atalhando nova experiencia, se recolhesse ao canto da sua cella.

Mas naõ lhe valeo a retirada, porque o inimigo, que o via fugir o encontro da vaidade, naõ desconfiava de que ainda na publicidade do successo o poderiaõ ir pondo de cerco. Naõ dilatou a experiencia. Recolhia-se o Veneravel Padre ao cerrar da noite em huma das seguintes para o Convento, e chegando com seu companheiro á ponte, que dá passo para elle, vio que nella se lhe atravessava hum homem, que detendo-o, lhe perguntou se era daquelle Convento? E naõ esperando reposta, continuou: *Dizem, que o Padre Frey Joaõ de Vasconcellos he taõ virtuoso, que veyo pela chuva sem se molhar?* Naõ estranhava o servo de Deos as astucias de seu inimigo, conheceo o assalto, e voltando as costas, disse a seu companheiro (que nesta occasiaõ era o Padre Frey Gaspar da Sylva): *Padre vamos de pressa, que a semelhante pergunta, só o naõ dalla he reposta.* Sem esperar alguma, desappareceo o homem; naõ o desconheceo o Veneravel Padre, nem o intento com que lhe lembrava aquella occasiaõ, em que a mais segura virtude o naõ está das

das traiçoens da vaidade; mas estava fortalecido contra ellas o servo de Deos, devendolhe illustraçoens mais sobidas, que em duas occasioens parece que se viraõ desempenhadas; naõ poderaõ estas esconderse a diligencias do Veneravel Padre, em cujo religioso silencio ficaraõ sepultados aquelles prodigios, que sua santa modestia, e humildade profunda pode roubar aos olhos, e aos assombros da piedade Christãa. Mas naõ bastou este recato a embaraçar o muito, que havia que saber; naõ cabiaõ apertados na nuvem da dissimulaçaõ os rayos da virtude, sahiaõ a ferir nos olhos da experiencia.

Trabalhara com todo o desvelo, e primor da arte o grande Entalhador Jeronymo Correa (de que dissemos acima) o retabolo para a Capella mayor de Bemfica. Mandara o Veneravel Padre obrar pelo melhor Esccultor, que entaõ conhecia Hespanha, duas Imagens de humana estatura, huma de Nosso Padre S. Domingos, outra de S. Pedro Martyr, para se accommodarem em dous nichos abertos no mesmo retabolo. Tinhaõ se tomado as medidas, naõ devia de ser com taõ miudo reparo, como era preciso, trabalhando-se em partes taõ distantes os nichos, e as Imagens; assim sahiraõ as Imagens mais compridas hum palmo, que os nichos. Assistia Jeronymo Correa nesta occasiaõ com os officiaes. Sobiraõ estes huma, e outra vez, levando a medida; huma, e outra vez desceraõ desenganados, que naõ havia mais remedio, que romper os nichos. Era primorosa, e bem medida toda a obra, ficavaõ os nichos na mais vistosa parte della, (porque acompanhando o remate do arco do meyo, ficaõ descançando sobre as quatro columnas em que elle se sustenta) e qualquer novidade, quanto mais hum desmancho, a descompunha, e desproporcionava. Naõ imaginavaõ remedio, que naõ fosse perda. Affligiase o Veneravel Padre, que a via no mais importante da obra; mas bem conhecia, que na Casa de Deos o mesmo Senhor devia ser o mais empenhado; sem duvida que illustrado, e sobindo ao Ceo com este pensamento, lhe propoz a sua magoa como petiçaõ do remedio; porque no meyo de tanta irresoluçaõ mandou, que levassem acima as Imagens. Pareceo aos officiaes loucura, naõ assim ao Correa; aquelles tinhaõ tocado a difficuldade com repetida experiencia; este tinha mayor experiencia de quem os mandava. Sobiraõ-se em fim as Imagens, applicaraõ-se aos nichos, recolheraõ-se nelles naõ só sem violencia, com desembaraço, ficando na proporçaõ, que lhes podia dar a arte, e hoje admira a experiencia.

Naõ foy menor demonstraçaõ das illustraçoens, com que Deos premiava o seu servo, o que lhe succedeo com o mesmo Jeronymo Correa. Eralhe affeiçoado o Veneravel Padre, (porque sobre o ser eminente no que pertencia á sua arte, era homem lizo, de vida concertada, e consciencia limpa). Succedeo enfermar gravemente; naõ valeraõ remedios, chegou aos ultimos desenganos. Naõ lhe esquecia o bom amigo, tinha

expe-

experiencias, que lho seguravaõ melhor Medico; pezava em mais a saude do espirito, para ella o tinha guardado. Com todo o encarecimento mandou pedirao Veneravel Padre, que lhe permittisse a consolaçaõ de o ver; que bem sabia que era larga, e penosa a jornada, mas que teria o alivio de ser a ultima. Sentio o servo de Deos a noticia, porque sabia pezar a perda. Pozse logo a caminho, esquecendolhe o que tinha de custoso; chegou a casa do enfermo, achou-o no extremo perigo, e taõ certo delle, que levantando as mãos ao Ceos, pedia ao Veneravel Padre, lhe permittisse, que gastasse com elle em reparos de sua consciencia o pouco, que lhe restava de vida. Levantouse o Padre de junto da cama donde estava, e pondo os joelhos em terra diante de hum Crucifixo, que acompanhava o enfermo, se suspendeo em huma breve oraçaõ; e levantandose della, se tornou a chegar á cama, pegou na maõ ao enfermo, e disselhe, que se ficasse com Deos: *Padre* (tornou o enfermo ancioso, e affligido) *com essa sequidaõ se vay, deixandome ás portas da morte? Este desamparo naõ esperava eu da sua piedadade. Esta he a hora, em que costumaõ valer os amigos como Vossa Paternidade, e entendia eu, que esta era a ultima fineza, que lhe havia de dever a minha vida. Naõ se desconsole, que desta vez naõ ha de perdella*, (lhe respondeo o Veneravel Padre) *e saiba, que dia da Encarnaçaõ, que he daqui a quinze, se achará com saude segura, e se levantará da cama. Por tudo dê a Deos infinitas graças.* Estas foraõ as palavras do Veneravel Padre, e depois o successo o desempenho dellas, sem falta da minima circunstancia, como depoz, e jurou o mesmo Jeronymo Correa.

Mas naõ só illustrava Deos ao seu servo, descobrindo-lhe os segredos de sua elevada Providencia, tambem parece lhe participava aquelle unico privilegio, que tem para si reservado, conhecendo, e examinando o inescrutavel coraçaõ dos homens. Era o Veneravel Padre Vigario do Sacramento, passou a Lisboa hum dos rigorosos dias do Estio a huma importancia indispensavel; naõ foy facil o concluilla; eraõ duas horas depois do meyo dia quando voltava para Casa. O caminho largo, o Sol intenso, a debilidade do servo de Deos, a lida de huma manhãa inteira, e o sustento dilatado até aquella hora assim o traziaõ desfigurado, e taõ rendido, como se a cada passo fosse espirando. Acompanhava-o nesta occasiaõ o Padre Frey Alvaro de S. Joseph, (a quem nestes escritos teremos tambem por merecido assumpto, com a consolaçaõ de o termos tido por Mestre no Noviciado). Reparou huma, e muitas vezes nelle, e considerando no estado em que hia, compadecido, e lastimado dizia entre si: *Pobre homem, em que fadigas poens a tua vida, como se os achaques a naõ trouxeraõ ameaçada! Que prodigalidade he esta de huma saude, que te falta? Naõ he a vida, e a saude o primeiro que ha no Mundo? Naõ Padre Frey Alvaro*, (respondeo o servo de Deos voltando a elle) *naõ he.* Pasmou o companheiro, porque caminhava callado, e tratava aquella

la pratica só em seu pensamento; e continuou o Padre: *Se eu entendera que este negocio, que nos traz a esta hora fóra de casa, naõ era do serviço de Deos, e honra da Religiaõ, he certo que me naõ custara passos, nem desvelos, quanto mais discommodos. Os que sinto saõ os que Vossa Paternidade tem passado hoje; mas naõ esperdice esta occasiaõ de sofrimento; que tem Deos muito que nos dar, e nós vida muy breve para o merecer.*

Naõ podia ser dilatada a do Veneravel Padre, porque a aspereza, com que se tratava, favorecida dos grandes achaques que padecia, assim lha traziaõ sempre arriscada, que parecia milagrosa a resistencia. Já parece que naõ tinha vigor para ella, porque assaltado de huma grave doença, que lhe sobreveyo no anno de 1651. fiou totalmente prostrado, começando a escutar o ultimo desengano. Tornou a recuperar alguma saude, mas como sobre posse, e com grande difficuldade; porém a mayor era resistir áquella ancia de se entregar á sua antiga aspereza; era companheira de sua vida, suppoz, que naõ convaleceria sem ella. Debil, e sem forças tornou a exercitalla, tratando-se com taõ pouca piedade, como se a doença tivera sido crime, e o trabalho della ociosidade; porém estavaõ taõ cortadas suas forças, e taõ prostrada a natureza, que sem poder tolerar o desmancho, desparou em huma febre, com simptomas mortaes. Descobriraõ-se melhor no termo critico do seteno; entristeceraõ-se os Religiosos, que lhe assistiaõ, desconsolaraõ-se as virtuosas subditas, que o escutaraõ, porque lhe lembrou o perigo o que naõ havia muito tinha escutado a huma filha daquella penitente Casa, (que nella falecera com opiniaõ, e demonstraçoens de verdadeira filha sua) que Deos naõ tardaria em fazer hum grande favor ao Mestre Frey Joaõ naquella mesma Casa, em premio da Igreja que lhe trabalhara nella. Naõ duvidavaõ aquelles espiritos castos, que o levallo a melhor vida era o favor de mais conta, como sabiaõ a pouca que o servo de Deos fazia da que lhe tirava a doença.

CAPITULO XXII.

De seu notavel transito, e circunstancias de seu enterro.

JA' com descuberto desengano viaõ todos, que eraõ aquelles os ultimos dias daquella vida, que os merecia eternos, e por isso hia perdendo os caducos. Conheceo-o assim o Veneravel Padre, e vendo, que o descompassado da febre lhe acomettia o cerebro, pedio os Sacramentos; recebeo com extraordinarias demonstraçoens de interior gosto o Viatico, preparando-se para elle com huma confissaõ taõ penitente, ainda no exterior, como se só remettera as vozes aos olhos, e naõ lhe coubesse o coraçaõ senaõ nos suspiros. Mas como sabia pezar as ultimas importancias da consciencia, pedio lhe mandassem chamar o Mestre Frey Fernando de Menezes, que assistia em Lisboa, seu estreito amigo, a quem havia annos escolhera para consultar as melhoras de sua alma.

Com

Com alivio della o recebeo; e naõ se esquecendo para que o conservara amigo, fez com elle huma confissaõ geral, naõ contente com a que havia pouco tinha feito; porque sabem olhar os Justos para si com diversa consideraçaõ, que os outros para elles. Os que vem de fóra, chamaõ ás imperfeiçoens escrupulos, elles delictos. Naõ he erro de contas em quem está de caminho para hum Tribunal, donde se tomaõ taõ estreitas. Augmentavase-lhe a instantes o achaque, e assim o hia chegando ás portas da morte. Bem sabia o servo de Deos o que ella podia tardar, e pedio a Unçaõ, porque a queria receber com inteiro conhecimento, e agradecer a Deos aquelle grande beneficio de partir desta vida como bem afortunado, e mimoso filho da Igreja.

Pareceo tempo de se lhe satisfazer á supplica, recebeo aquelle Sacramento com vivas mostras de compunçaõ, e doçura de espirito, reparando, e respondendo a todas as ceremonias daquelle piedoso acto, a que acompanhou, pedindo com palavras cheas de humildade profunda perdaõ a todos do mao exemplo de sua vida, negligencias nos cargos, que tivera nella, desejando alli a todos para lhes fazer a mesma supplica, encaminhando-a ao Provincial, para que em seu nome a fizesse a toda a Provincia; e accrescentou com voz mais esperta, e mais viva ancia: *Que a toda ella rogava, lhe perdoasse todo o escandalo, ou motivo de queixa, da falta de justiça, com que poderia ter olhado para os benemeritos, ou naõ examinando mais miudo o merecimento, ou abraçando as resoluçoens do seu voto. Mas que elle protestava diante de Deos, que nelle o naõ levara nunca paixaõ particular da abominavel peste das parcialidades, mas só o mayor serviço de Deos, e beneficio commum da Religiaõ; que os erros se imputassem antes á sua incapacidade, que á sua malevolencia; que isto praticara sempre em sua vida, e o repetia agora ás portas da morte.*

Rodeavaõ-no os Inquisidores, os Titulos, e senhores seus parentes; assistialhe o Provincial, e o seu Confessor o Mestre Frey Fernando, todos sentidos, e todos edificados. Entrou o Bispo de Coimbra; assim fazia bom rosto ás visitas, como se lhe vieraõ dar parabens de suas melhoras. Naõ as havia na doença, eraõ todas para sua alma. Pediaõ-lhe o Bispo, e o Confessor, persuadiaõ-no os mais, que lhes dissesse alguma cousa em ordem á exhortaçaõ da virtude, para que aquellas ultimas palavras ficassem como reliquias á sua saudade: *Hum taõ grande peccador*, (respondeo o servo de Deos) *e que se vê nesta hora com o pezo de huma consciencia, e taõ mal ajustada, que tempo póde ter, que para si naõ seja pouco? Offensas de toda huma vida, deviaõ ter huma eternidade por exame, pois a podem ter por castigo. O que posso dizer, (e he o que devo repetir) he a necessidade, que tenho de que me perdoem o mao exemplo, que a todos tenho dado; a frouxidaõ com que tratey ao proximo, a negligencia com que acodi ao necessitado, o amor proprio, que me naõ deixou despir de mim mesmo.* Estava já cançado o espirito, naõ

podia

podia o calor debil resistir ao frio da morte, ouviase-lhe a voz fraca, e balbuciente; mas tornando-o a importunar os que lhe rodeavaõ a cama, e lhe assistiaõ na cella, como cobrando novo alento, e como se de todo se vira desassombrado daquelle ultimo lethargo, começou a fazer huma exhortaçaõ á virtude, com palavras taõ ardentes, e efficazes, com razoens taõ vivas, e convincentes, como se o leito se lhe trocará em Pulpito, e se lhe couberaõ na lingua todos os desenganos daquella hora. Assim desafogou seu espirito, e seu coraçaõ, como quem levantando já os olhos aos montes da eternidade, via o pouco, ou o nada que deixava neste valle da miserias, tirando lagrimas piedosas, e compungidas dos olhos dos que com coraçaõ magoado pezavaõ, e sentiaõ a falta de taõ grande Mestre de espirito.

Lançaraõ-selhe a beijarlhe a maõ; o primeiro foy o Bispo de Coimbra; resistio o Veneravel Padre, mas houve de ceder o debil quanto recusava o humilde. Fezlhe em fim dar as mãos a fraqueza, e aproveitando-se della o Bispo, passou a devoçaõ aos olhos aquelles violentados thesouros, que lhe queria esconder a terra. Seguio-se o Provincial, e os senhores, que alli se acharaõ, por mais que o servo de Deos mostrava no semblante a mortificaçaõ, que naõ podia na resistencia. Pedio que lhe começassem o Officio; naõ lhes parecia aos Religiosos tempo; desenganou-os hum parocismo. Tornou em si logo; meteraõ-lhe na maõ a véla; beijou-a, e pedio que lhe dessem hum Crucifixo; e abraçando-se com elle, e beijando-lhe os pés, lhós banhou com grossas, e repetidas lagrimas, que lhe cahiaõ dos olhos, naõ menos ardentes, que as fervorosas, e continuas jaculatorias, que se lhe arrancavaõ do coraçaõ, naõ havendo nehum (dos que o viaõ, e escutavaõ) taõ seco, que o naõ attendesse compungido, ou o naõ acompanhasse no mesmo desafogo. Cobrou mais alento; pedio, que lhe dessem o habito, e com admiraçaõ de todos, que viaõ a sua debilidade, o vestio, e poz a capa, inclinando-se a socegar o pouco, que lhe tardou outro parocismo; de que mais aliviado, disse aos que lhe assistiaõ, (com a efficacia que lhe permittia a sua fraqueza) que o encomendassem muito á Deos, que era rigoroso aquelle instante; e voltando os olhos ao Crucifixo, que tinha defronte da cama, em mal formadas, e suspendidas palavras se lhe ouvio: *Vir aqui a mim desta maneira meu Jesus*! Como eraõ soltas, e intercadentes as palavras, entenderaõ os que assistiaõ, que o dizia pelos que entravaõ; e dizendo-lhe, que se naõ molestasse de os ver alli, que todos lhe queriaõ assistir com gosto, e consolaçaõ de espirito; respondeo, que o naõ dissera por isso: e suspendendose, outra vez lhe tornaraõ a escutar: *Vir aqui meu Jesus*! Mais dizia segundo o movimento dos beiços, mas tinha já a voz taõ quebrada, que entre elles se lhe perdia.

Estando hum pouco socegado, viraõ que pondo os dedos sobre a boca, disse: *Haja profundo silencio*; e continuou: *Hoje, hoje he o dia*: *Omnes Virgines*.

nes. Isto só se lhe percebeo, inda que continuou, porque em voz mais baixa, e tartamuda, naõ se lhe alcançava palavra perfeita. Só chamando o seu Confessor, se lhe ouviraõ estas: *Agora com taõ grande favor da Virgem se póde caminhar seguramente.* Entendeo-se logo dos que assistiaõ que a Rainha dos Anjos, cercada das Onze mil Virgens, vinha a buscar sua alma, para accrescentar o numero daquella triunfante companhia. Parece que o confirmou o Veneravel Padre, porque logo pedio que lhe dessem huma Imagem da Senhora do Rosario, que com o Crucifixo estava em hum Altar fronteiro. Naõ o perceberaõ; traziaõ-lhe o Crucifixo; fez sinal que a Senhora; e tomando-a nos braços, assim se lhe restituiraõ os alentos, que entre as sombras daquelle lethargo se lhe descobriraõ nos olhos, e semblante as demonstraçoens do interior gozo de seu espirito, como se já esquecido dos horrores da morte, lhe ferisse nos olhos a luz da ditosa eternidade. Assim se lhe percebiaõ melhor as piedosas ternuras, e petiçoens pias, que lhe fazia, ainda que com voz cançada, e interrompida. Despedida a Imagem, voltou a todos os olhos com huma suspensaõ alegre, hum santo agrado, e hum desusado socego, e a cada hum per si foy abraçando com o escaço alento, que lhe hia estreitando o ultimo parocismo. Entrou nelle, pedio a Imagem do Crucifixo, e beijandolhe com ternura os pés, e o lado, poz os braços em Cruz, e apertando-o entre elles, e o peito, em huma socegada respiraçaõ lhe entregou o espirito, em huma terça feira 29. de Janeiro de 1652. das trez para as quatro da tarde, ficando com hum semblante agradavel, trocada em huma cor acceza a palidez naõ só da morte, mas que tivera em vida, como se já na morte cor daquella copia se começaraõ a divisar os vivos matizes da Bemaventurança.

Naõ se ausentaraõ os que tinhaõ assistido, até naõ deixarem o corpo na Igreja sobre dous degraos cubertos de veludo, a que o conduziraõ os Inquisidores, Fidalgos, e Religiosos mais graves. Alli esteve aquella noite assistido das suas Religiosas, a quem a noticia de seu ditoso transito, e as largas experiencias de sua vida, se lhe podiaõ enxugar os olhos na contemplaçaõ das coroas de sua alma, naõ valeriaõ menos a humedecellos as saudades de sua santa companhia. Começou a cuidarse da sepultura. Era grande o thesouro, todos cobiçavaõ a mina. As Religiosas, como subditas favorecidas do Ceo, que lha trouxera a casa, julgavaõ por roubo o levar-selhe fóra della. O Bispo Inquisidor Geral, como parente, que a todos os seus tinha lavrado em Bemfica o mais sumptuoso enterro, queria ajuntar esta reliquia áquelle Santuario. O Prior, e Convento de Almada, com a razaõ de o merecerem filho. O Prior, e o Convento de Bemfica, com a ventura de o respeitarem Reedificador, e Prelado, fiavaõ toda sua diligencia ás evidencias de sua justiça. Escutaraõ-se todos do Provincial como Juiz; remetteo ao voto dos Padres mais graves a resoluçaõ; e porque esta naõ deixasse queixosos, hou-

ve de entrar o ſeu poder abſoluto a melhorallo de partido, diſpondo, que o Real Convento de S. Domingos de Lisboa lograſſe aquella honra como Cabeça da Provincia, conſeguindoſe felizmente o deſtinarem-ſe áquellas ditoſas cinzas a mayor Corte por templo, e o mais grandioſo Convento por tumulo.

Naõ cederaõ os litigantes. Era grande o intereſſe, nenhuma razaõ podia pezar mais que a poſſe. Appellaraõ para o Geral, requerendo que ſe depoſitaſſe o corpo, em quanto ſe liquidaſſe a cada hum o direito, e proteſtando a violencia, com que precedia o Convento de Lisboa. Se tanto valem as fezes, que em hum cadaver deixou a virtude, a que valia ſobirá o ouro aquilatado do eſpirito? A' quarta feira, que foy o dia ſeguinte, ſe celebrou a Miſſa de corpo preſente. Cantou-a o Biſpo Inquiſidor Geral, aſſiſtindo a ella os Biſpos de Coimbra, Leiria, e Elvas, os Inquiſidores, e Miniſtros do Santo Tribunal, as peſſoas graves de todas as Religioens, os Senhores, Titulos, e o mais qualificado da nobreza da Corte, a que chamou o parenteſco, ou ajuntou a devoçaõ. Celebrada a Miſſa, chegou em veſtes Pontificaes o Biſpo Inquiſidor a dar o oſculo de paz ao Veneravel Padre; ſeguiraõ-no os mais Biſpos, e peſſoas notaveis, que aſſiſtiaõ, beijando-lhe a maõ com devoto, e rendido reſpeito. A's duas da tarde vieraõ as Communidades de Lisboa, Bemfica, Almada, e Collegio de Santo Thomaz dos Hibernios; diſſe cada hum ſeu Reſponſo; precedeo Almada, Caſa de que fora filho o Veneravel Padre; diſſe a Oraçaõ o Prior o Meſtre Frey Diniz de Lancaſtro; ſeguiraõ-no os mais Priores neſta ceremonia, como na de venerar o corpo; fizeraõ as Communidades o meſmo, todos com os coraçoens taõ cheyos de eſpiritual conſolaçaõ, como os olhos de lagrimas.

Seriaõ as trez da tarde, deuſe ordem ao enterro. Era grande o concurſo, naõ foy pouco deſembaraçar o caminho. Repartioſe a cera; naõ pareça miudeza eſcuſada, merecendo tambem eſta memoria a liberalidade ſempre grande do Biſpo Inquiſidor Geral, que com larga maõ a mandou diſpender; nos muitos, que concorreraõ, naõ pareceo pouco; ſó teve eſſe nome no ſeu animo. Adiantouſe a nobreza a pegar no eſquife; oppuzeraõ-ſe as Religioens, que naõ conſentiaõ privarſe daquella honra. Era largo o caminho, concordou-ſe, que a todos contentaria a piedoſa carga. Foraõ os primeiros Dom Joaõ Maſcarenhas, Conde de Santa Cruz, Dom Pedro de Lancaſtro, Dom Veriſſimo de Lancaſtro, ſobrinhos do Veneravel Padre, eſte, que depois foy Biſpo Inquiſidor Geral, e Cardeal de Lancaſtro, o Provincial deſta Provincia, com os Priores de Lisboa, Bemfica, e Almada, o Meſtre Frey Fernando de Menezes, peſſoas graves de outras Religioens; grande parte da nobreza foy eſtendendo o acompanhamento, chegando na meſma Ordem ao Convento dos Eremitas de S. Paulo, que ficava mediando o caminho. Aqui eſperava o Santo Tribunal da Inquiſiçaõ, com todos

todos ſeus Miniſtros, e Familiares, e muita nobreza. Nas ruas aſſim carregou o concurſo, que foy neceſſario, que o reſpeito da juſtiça deſembaraçaſſe o caminho. As janellas, e paragens, por donde haviaõ de paſſar, aſſiſtidas de ſenhoras, e peſſoas graves, que convidadas da fama de tanta virtude, queriaõ ſe quer com os olhos contentar a devoçaõ, e proſtetar o reſpeito. Eſcutavaõ-ſe os lamentos dos pobres, que o ſentiaõ perdido amparo; ouvia-ſe a acclamaçaõ do Povo, que o invocava Santo; e ſó aquellas lagrimas faziaõ pezo a eſtes vivas, para que ſe entendeſſe, que era aquella pompa funebre de enterro, e naõ apparatoſa prociſſaõ de triunfo.

Revezavaõ-ſe os que levavaõ o eſquife, porque era o caminho largo; tinha vencido com a ditoſa carga grande parte delle o Conde de Santa Cruz. Chegou-ſelhe hum Religioſo grave; e deſejoſo de que o deixaſſe merecer, em troco de o aliviar, lhe diſſe, que ſe alargava o caminho, e pezaria o corpo: *Naõ peza nada já o corpo do Padre Meſtre*, reſpondeo o Conde. Entendeo pia, e theologicamente, que era aquelle corpo de hum bemaventurado, que no dote da agilidade deſconhecia as penſoens de terreno. Chegaraõ ao Rocio, e ſendo huma das mais deſembaraçadas praças, o concurſo a fez eſtreita, ſendo preciſo aſſim nella, como na entrada do Convento de S. Domingos, interporſe a authoridade do Biſpo Inquiſidor Geral, e mais Biſpos de Coimbra, Leiria, e Elvas, para que o tumulto atrevido de devoto, deixaſſe recolher á Igreja o veneravel corpo. Aſſim tocavaõ nelle (como podiaõ) as contas, e paſſando a querer alguma reliquia de ſuas roupas, por duas vezes o tiveraõ fóra do eſquife, eſtado já no Coro, e levantado ſobre alguns degraos; mas a ambiçaõ ainda devota parecia ſacrilega. Acodio o reſpeito dos Biſpos, e ſenhores, e aſſim reſgataraõ as veneraveis reliquias das mãos da piedade, como ſe fora das da irreverencia. Naõ promettia menos a fé com que o Povo tinha eſcutado o nome do Veneravel Padre, e as ſaudades, que deixava naõ ſó em toda a Corte, mas nas viſinhanças della, concorrendo a pobreza de Bemfica, e Alcantara, donde tinha ſido mais continua a ſua aſſiſtencia, a lamentar o deſamparo em que ficava, e correſponder o muito, que recebera naquella demonſtraçaõ da ſua magoa.

Creſciaõ as da devoçaõ com tanto detrimento dos Religioſos, que faziaõ o Officio da ſepultura, que a conſelho do Inquiſidor Geral, acabada aquella ceremonia pia, ſe recolheo o corpo em huma caixa de madeira, e ſem mais dilaçaõ ſe paſſou á ſepultura, eſtando o meſmo Biſpo em pé ſobre ella, em quanto ſe acabava de tapar, porque a devoçaõ já menos ſofrida de deſenganada, naõ appellaſſe aos deſmanchos da violencia. Eſcondeo-ſe em fim na terra o que já della levava taõ pouco, que bem o podia deſconhecer de filho.

CA-

CAPITULO XXIII.

Noticia das exequias; casos notaveis, que obrou o Ceo mediante suas reliquias; breve relaçaõ de sua fisonomia, e prendas.

SAõ as exequias aquelle sacrificio, que entre demonstraçoens funebres offerece aos olhos de Deos a Igreja como Mãy piedosa, ou para resgatar seus filhos daquelle rigoroso carcere de fogo, ou, quando já livres delle, para lhes augmentar as glorias de seu triunfo. Fallando das almas dos justos dizia Santo Agostinho: *Pro valde bonis gratiarum actiones sunt.* Vem a dizer: offerecidas pelos bons, passaõ as exequias a acçaõ de graças. Assim parece, que o quiz mostrar o Ceo nas exequias do Veneravel Padre, pois estando todos aquelles dias desabridos, e tempestuosos, amanheceo o da segunda feira seguinte (que se contavaõ 5 de Fevereiro) taõ socegado, e sereno, como se quizera franquear á devoçaõ o caminho para assistir ás honras daquelle funebre triunfo. A mesma observaçaõ se tinha feito em a tarde do enterro, e o dia seguinte, em que se cantou a Missa do corpo presente, parecendo, que privilegiara Deos aquelle tempo, para que a continua, e importuna teima das aguas naõ embaraçasse a mais populosa, e authorizada assistencia áquellas exequias.

August. in Enchirid. cap. 108.

A cargo de seu desvelo, e da sua liberalidade as tomou o Bispo Inquisidor Geral, com aquella ancia sempre de amigo, e agora já de devoto. No meyo da Igreja mandou levantar a Eça, que cuberta de hum pano de veludo preto, (atravessado de huma Cruz de téla branca, e franjada de ouro) se rodeava de grossas tocheiras, e accezos brandoens. Assistio o mesmo Inquisidor Geral com todos os Ministros, e Familiares em fórma de Tribunal, toda a Nobreza da Corte, Prelados das Religioens, e sogeitos mais graduados dellas. O Povo taõ sem numero, que sendo a Igreja das mayores da Corte, hospedou no Adro a mayor parte delle. Cantou a Missa o Provincial desta Provincia; prégou o Presentado Frey Alvaro Leitaõ, (depois Mestre em Theologia) que por entre muitos, e celebrados sogeitos, que entaõ respeitava o Pulpito Dominicano, sobio a elle escolhido do grande deste assumpto. Naõ podia deixar de dar muitos á sua eloquencia, quem em vida tinha dado tantos á admiraçaõ de todos, continuando-os depois de sua morte, ou porque o Ceo quiz calificar a virtude do Veneravel Padre, ou porque o executava a viva confiança, com que a piedade Christãa lho propunha em suas necessidades por valia. Assim se julgaraõ ditosos, depois de seu transito, os que lhe alcançaraõ alguma parte de vestido, recorrendo muitos ao Mosteiro do Sacramento, a procurar com incançavel diligencia, e supplica os retalhos de suas pobres roupas, feitas nelles para abranger, e contentar a devoçaõ.

Naõ se enganaraõ na diligencia, sendo de tanta importancia, como depois mostraraõ alguns casos. Naõ saõ poucos os de que podia haver noticia mais miuda, mas entregou-os

ao tempo o nosso descuido, sendo antigo o com que esta Provincia costuma olhar para o que lhe póde dar honra, que em vez de justificar as descubertas, parece, que se empenha em esconder as justificadas. Muitas, e varias relaçoens, e tradiçoens de maravilhas obradas por intercessaõ deste servo de Deos aponta a piedade de alguns Fieis, que o conheceraõ, e olharaõ para suas cousas com devoto reparo; mas por naõ parecer que antes queremos alargar a penna, que propôr a verdade, tocaremos o que já com o nome, e substancia della achamos impresso em o livro da vida do Veneravel Padre, que escreveo o Mestre Val de Cebro, da Ordem dos Prégadores da Provincia de Hespanha, e se imprimio em Madrid em 1668. Mas sirva de preludio aos casos, que a piedade Christãa lhe reconheceo milagrosos, a ancia escrupulosa, com que o Veneravel Padre costumava examinar todos; e naõ será de menos credito seu, ser em vida menos facil em crellos, que depois de sua morte em obrallos.

Collocara o Veneravel Padre a Imagem da Senhora do Rosario no Altar, que fica da parte da Epistola, no Cruzeiro da sua Igreja de Bemfica. He rara a escultura, e inimitavel aos desvelos da arte, que em officiaes notaveis deste Reyno a tomou pro prototypo. Começou a fermosura a affervorar a devoçaõ na semelhança, julgando-se, que o era aquella da verdadeira, dispensada á terra para consolaçaõ de quem tambem a servia. Concorria o Povo de longe, e perto, convidado dos milagres, que da Imagem nova se escutavaõ cada dia. Daqui nasceo convencerse a ignorancia, que era milagre tudo o que felizmente lhe succedia, supposta a invocaçaõ da Senhora; com esta voz se começou a encher a terra, chegando aos ouvidos do Veneravel Padre com tanta magoa, que se resolveo a desenganar o Povo daquelle abuso; e entrando hum dia na Igreja, chamado do concurso tumultuoso, que na Capella do Rosario apregoava por milagre hum successo muy leve, chegou a examinallo de perto, e colhendo das circunstancias, que naõ passara de hum acaso, lastimado em seu coraçaõ, e logo accezo em vivo zelo, levantando os olhos, e as mãos á sagrada Imagem, lhe disse: *Senhora adverti, que he preciso, que naõ façais mais milagres; e olhay que, se os os fazeis, que vos heide tirar da vossa Capella, e ainda desta Igreja.* Paradoxos parecem ás vezes as resoluçoens dos Justos! Quem naõ reparou na confiança de hum Jacob, com Deos a braços, ameaçando-o, que o naõ largaria da prizaõ em que o tinha nelles, se o naõ enriquecia primeiro com huma bençaõ, como se desconhecerá, que era hum Deos Omnipotente o com quem o havia? Aquelle estranho estylo, com que fallava vulgarmente o Apostolo de Valença, o Nosso S. Vicente Ferreira, que mandava a seu mesmo Prelado, que fosse fazer os milagres, para aliviallo do trabalho dos que tinha feito. Obedecia o Prelado, e fazia os milagres em nome do Santo. Despedia os doentes, dizendo, que aquelle dia naõ estava para fazer milagres.

Non dimittam te nisi benedixeris mihi Geni.32.26.

Na sua Lenda.

Man-

Mandava-os vir ao outro, e a todos despedia com remedio. Mas quem naõ mede, que estas, que nos soaõ a temeridades, saõ só privilegios, para singularizar agigantadas virtudes? Foy caso notavel, que daquelle dia até o presente senaõ escutaraõ, nem trouxeraõ áquelle Altar mais milagres, como se se conseguira aquelle grande de obedecer á voz de huma creatura o Sol de Maria Santissima.

Quasi o mesmo successo se reparou com a Imagem de Christo crucificado (como ouvi praticar a Religiosos antigos). Em correspondencia da Imagem do Rosario fica a do Crucifixo, em outra Capella do Cruzeiro para a parte do Evangelho. He a Imagem de Christo vivo, e assim desempenha a arte o que quiz a devoçaõ, que nem nos pertos se acabaõ de desenganar os olhos, se a falta de movimento he mais que desmayo de moribundo; assim abala o coraçaõ, e desperta a lastima, que entenderaõ todos, que nem haveria olhos, que o naõ attendessem com verdadeira piedade, nem esta perderia o interesse dos milagres, com que o Ceo a corresponde. Temeo o servo de Deos o mesmo successo, ou desatino, que no Rosario, e que lhe descomporiaõ a Capella os votos dos agradecidos, que talvez desfaceaõ no que parece que authorizaõ, e pedio á sagrada Imagem com verdadeiro zelo, (só dos ignorantes mal entendido) que naõ fizesse milagres. Conseguio o rogo, ao que mostrou o tempo, porque conhecia o Ceo a syncéridade de seu animo. Era grande Theologo o Veneravel Padre, e praticou nas Escolas Thomisticas aquella madureza, com que os seus Mestres trataõ esta materia, atalhando erros, que com o tempo redundaõ á Fé em conhecidos damnos de consciencias erroneas, e revelaçoens fingidas; e essa será a razaõ de se verem commummente as nossas Capellas mais ornadas de devoçaõ, que de muletas, e mortalhas, sendo as nossas Igrejas, como taõ antigas, as mais authorizadas das Imagens milagrosas, como confessará o versado nas Chronicas Dominicanas.

Mas se o Ceo permittio ao Veneravel Padre esta nova graça de desfazer milagres em sua vida, naõ quiz que lhe faltasse a de os fazer depois de sua morte. Assim os apontamos sem mais circunstancias, que as que lhes deu a piedade Christãa, com quem lhe grangeou mayor nome a grande opiniaõ do Padre Alvaro Correa, Advogado nesta Corte de Lisboa. Estando este Padre comendo, se lhe atravessou hum bocado na garganta, com tanto aperto, que o privava para o lançar, ou engolir; naõ podiaõ ser muitas, nem alguma era de proveito, que a idade decrepita de mais de noventa annos, que contava, naõ tinha vigor para o desembaraçar daquella agonia. Sentia hum sobrinho, e mais familia que tinha em casa, o veremlhe perder taõ arrebatadamente a vida, que naõ podesse levar della o que no cabo de tanta idade faria venturosa a sua morte. A pressa embaraçava os remedios; a afflicçaõ só os buscava no Ceo. Lembrouse o sobrinho, que tinha hum retalho do Escapulario do Veneravel Padre; applicoulho

lho com viva fé á garganta, ao toque se lhe desembaraçou, e engolio o bocado; e já desassombrado da morte, levantou as mãos, dando graças a Deos, e ao seu servo, a cuja intercessaõ reconhecia aquelle beneficio.

O mesmo experimentou em sua casa, e no que mais estimava nella em a vida, Diogo Nunes, morador na mesma Cidade de Lisboa. Amiudavaõ-se nella as esquinencias, achaque, em que perigaõ as crianças mais facilmente. Alcançou a hum seu filho de tanta idade, que amava unicamente. Desenganou-o brevemente a medecina, porque lhe tomou o mal a garganta, sem permittir, que algum genero de alimento passasse por ella. A este extremo traz o Ceo os apertos, quando quer que reconheçaõ os seus prodigios. Corriaõ neste tempo, e nesta Corte, com singular consolaçaõ, e respeito do Povo, os do servo de Deos, chamados daquella primeira fé, que ainda naõ tinha afrouxado o tempo. Havia em casa huma reliquia sua, applicou-a o pay á garganta do menino, pondo-o nas mãos do servo de Deos com verdadeiras lagrimas, e rendidas supplicas. Foy caso, de que testemunharaõ os olhos, que ao toque da reliquia se desfez hum grande tumor, que o menino tinha naquella parte, como se o abrisse o violento golpe da lanceta, seguindo-se a esta descarga a da boca, a que arrojou a natureza taõ pestilente humor, como se quizera augmentar o prodigio com esta circunstancia, pois com elle naõ se compadecia o escapar com a vida. A'quella descarga se seguio melhora breve, e perfeita.

Mas naõ haviaõ de ser todas estas experiencias fóra de casa, nem se devia esquecer o servo de Deos da necessidade, que tinhaõ do seu soccorro as do seu habito. Experimentou-o assim na do Mosteiro da Rosa (nesta Corte de Lisboa) soror Isabel da Palma, Religiosa sua. Era esta Mestra de Noviças. A occupaçaõ era boa fiadora de sua vida. Mereceo, que o Senhor a visitasse como sua serva com hum daquelles regalos, que o naõ parecem no estylo, e mostraõ o que o saõ no effeito. Deraõ-lhe humas sezoens, logo perigosas, e a poucos dias mortaes. Mandaraõ sacramentalla os Medicos, passaraõ logo á Unçaõ depois do Viatico, taõ ligeira corria a doença ao ultimo parocismo; assim se deraõ pressa o Confessor da Casa Frey Joaõ de Pina, (e Frey Jeronymo de S. Domingos, que o acompanhou) entrando no Mosteiro a applicarlhe este ultimo Sacramento, acharaõ-na taõ prostrada, que entenderaõ, que lhe faltaria para elle a vida, e assim a deixaraõ nas mãos da morte, assistida do ultimo cuidado das Religiosas. Tinha huma dellas huma reliquia do servo de Deos, chegou-se á moribunda, e pozlha nas mãos, levou-a ella aos olhos, e á boca, advertida do que tinha nellas; e aconselhada de quem lha trazia, fez ao servo de Deos huma promessa, invocando-o com viva fé, e cordial amor de devota, e irmãa. Assim começou a cobrar alento, com huma taõ repentina melhora, que, havendo passado muitas noites sem descanço, a que logo se seguio,

levou de hum ſuave ſono, e taõ venturoſo, que nelle vio, que entre ſonhos lhe apparecia o Veneravel Padre, que chegando-ſelhe á cama, lhe dizia: *Eſte veneno ſe acabará logo.* Acordou goſtoſa, e alvoroçada, livre de todo do mortal riſco; e reſtituida, ou reſuſcitada á ſua ſaude primeira, continuando o cargo de Meſtra de Noviças, ſatisfez a promeſſa, que ao ſervo de Deos fizera; e ficou dalli com huma devoçaõ taõ reconhecida, que a elle recorria, e ſe encomendava em todo o tempo, que lhe durou a vida.

Naõ foy menor o riſco em que eſteve a de hum viſinho do Convento de Bemfica, que ſendo eſta a antiga vivenda do Veneravel Padre, ſem duvida teve o enfermo alguma valia na viſinhança. Andava nella muy viva a devoçaõ do ſervo de Deos, quando cahio gravemente enfermo de huma febre aguda Franciſco Fernandes; era homem de poucos cabedaes, fazia-ſe difficultoſo á ſua pobre familia chamaremlhe Medico de Lisboa; aſſim foraõ entretendo com remedios caſeiros o doente, naõ a fabre, que creſcendo ſem reſiſtencia, ſobio acommettendolhe o cerebro, e offendendo-lhe aſſim o juizo, que o incapacitou aos ſoccorros da alma, quando já naõ havia que eſperar nos da vida. Lamentavaõ os de caſa, deſconſolavaõ-ſe os da viſinhança, mas lembrando a huns, e a outros o que ſe praticava nella, recorreraõ ás reliquias do ſervo de Deos; trouxe hum dos viſinhos hum retalho da Capa, applicou-o á cabeça do enfermo, em quanto a affligida familia com ſupplicas, e lagrimas chamava o ſeu Bemfeitor, em morte, como em vida, reconhecido em todo aquelle contorno. O meſmo foy tocarlhe a cabeça, que abrir o enfermo os olhos, com ella taõ aliviada, e deſempedida, que pedindo de comer, cobrou alento, e confeſſando-ſe logo com deſembaraço, aſſim teſtemunhou a ſua melhora, que dentro em dous dias deixou a cama. Chamava-ſe o viſinho Ambroſio de Figueiró Torres.

Naõ ſe eſtreitava a interceſſaõ do ſervo de Deos nos limites da Corte; donde quer que lhe ſabiaõ o nome, experimentavaõ a ſua piedade. Em o Moſteiro de Corpus Chriſti do Porto, de Religioſas Dominicas, vivia huma como paralytica, ſem poder menearſe, nem moverſe em meya parte corpo, que lhe deixara como eſquecido certo achaque. Voava por todo o Reyno a noticia do que valiaõ as reliquias do ſervo de Deos, eſcolhidas do Ceo para efficazes medecinas de todo o genero de doenças. Pedia a Religioſa com inſtancia, que lhe trouxeſſem huma; que eſtava ſegura, que nella lhe tinha Deos depoſitada a ſua melhora, e que lhe baſtaria a diligencia de tocalla. Naõ ſe enganou a ſua fé, porque trazendolhe huma parte da tunica, e tocando com ella aquella parte inutil, a moveo logo, ficando com igual movimento em todo o corpo, e augmentando o numero dos devotos, favorecidos por interceſſaõ do Veneravel Padre, de cuja gloria, e bemaventurança, (ſendo o primeiro a ſua vida) ſaõ naõ ſó eſtes, mas muitos mais os indicios, naõ para a infallibilidade da Fé, em quanto o naõ diſ-

poem a Igreja, mas para consolaçaõ dos Fieis, que reconhecem a Deos poderoso para animar as pedras em filhos de Abrahaõ, levantando do humilde, e tosco barro da humanidade os venturosos filhos da Igreja Triunfante.

Porém coroe estas suas memorias, e dê noticia de como ainda hoje estaõ vivas hum testemunho de suas illustres subditas, e mimosas, que o veneraraõ Prelado, e o experimentaraõ bemfeitor, as Madres da Recoleta do Sacramento. Estimaõ estas Religiosas assim qualquer cousa do uso do Veneravel Padre, que como precisa joya guardaraõ, e guardaõ hum habito seu, como doutrinadas, e advertidas, que se dos servos de Deos foy util huma sombra, como o naõ será huma tunica; ou conhecendo, que na Capa de Elias naõ só depositou o Ceo o seu espirito, mas ainda o permittio dobrado. Assim parece, que deixou ás suas subditas o Mestre Frey Joaõ naquella pobre rota estamenha, naõ só alivios para a saudade, mas dobrados alentos para a saude. Assaltou a da Madre Soror Antonia da Magdalena huma cruel dor, que tomando-lhe huma parte do corpo, assim a atormentava toda, que perdido o sofrimento, naõ havia já remedio, que naõ accrescentasse o desengano de esperar algum. Gemia impaciente a Religiosa, rodeavaõ-na as outras compadecidas, como attribuladas; já naõ havia que recorrer ás mesinhas; levantaraõ ao Ceo fervorosas supplicas. Entra a Prioreza, (era a Madre Sor Filippa, que hoje vive) vê sem remedio a subdita, abraza-se em fé, e devoçaõ, pede ás Religiosas, que lhe tragaõ com pressa parte do habito do Veneravel Padre, e poemno nas mãos da queixosa. Applica-o ella á parte principal da dor. Caso grande, que parou toda no mesmo instante, em que com elle se tocou aquella parte! Vive ainda hoje, quando isto escrevemos, a Madre Sor Antonia da Magdalena, a quem succedeo o prodigio; devese-lhe todo o credito pelas grandes calidades de virtude, e sangue; ao presente he nesta Casa Prioreza segunda vez: grande argumento de sua grande capacidade, de que naõ menos se segue o irrefragavel testemunho do que temos escrito.

Mas corria o tempo, e pediaõ aquelles venerados ossos mais authorizado deposito, porque ainda o era a primeira sepultura, aberta no meyo do antecoro, e fechada com hum grande marmore; mas (como lugar taõ publico) pizada communmente da desattençaõ, que sem reparar no epithafio, fazia caminho para o Coro. Porém as poucas posses do Convento naõ chegavaõ á veneraçaõ, e ao desejo de a melhorarem de sitio, trocando-a em hum mausoleo sumptuoso, como Altar já reconhecido dos votos dos agradecidos, e apaixonados. De hum, e outro titulo eraõ acrédores os esclarecidos parentes do Veneravel Padre, e quiz esmerarse no reconhecimento, como mais chegado, o Conde de Figueiró, seu sobrinho, naõ consentindo, que a impossibilidade do dispendio dilatasse taõ merecido culto. Assim alargou a maõ como parente, e o fizera

zera como poderoso, a naõ haver de accommodar sua grandeza á disposiçaõ da modestia religiosa, que lhe naõ deu mais lugar, que o de hum arco, que com bastante capacidade corresponde ao que nas costas do Coro, (na mesma casa, em que estava a primeira sepultura) abraça o tumulo do Veneravel Padre Mestre Frey Luiz de Granada. Assim ficou o do Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos fazendo-lhe correspondencia em jaspes, e feitio de obra, sendo a mais alterosa, que permittio o sitio, e a mais polida, a que se podia alargar a imitaçaõ do tumulo fronteiro. Assim dispoz a Providencia superior, que se estivessem communicando aquellas mudas cinzas, mostrando a proporçaõ entre huma, e outra vida huma, e outra morte, podendo dizerse do dia da vida, e da noite da morte de dous taõ grandes, e scientes Prégadores, (pois dos Prégadores sabios, e justos se entendem as palavras) que as semelhanças, que tiveraõ nas vidas, inda as estaõ clamando nas sepulturas: *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat scientiam.* Querem dizer: *Hum dia falla a outro dia. Huma noite explica a outra noite.*

Hugo in Psam. 18.

Assim avulta naquelles dous correspondentes marmores o *non plus ultra*, que unido por disposiçaõ do Ceo nesta Casa, souberaõ levantar a virtude, e as letras no Templo das glorias Dominicanas. Podem lerse as proporçoens nos epithafios, (sendo hum como frase de outro) que melhor, que as flores, com que a Gentilidade ornava seus sepulchros, cobrem de eternas coroas aquellas veneradas cinzas. Diz assim a do Veneravel Padre:

Magnus Theologus Frater Joannes de Vasconcellos, ex Prædicatorum familia, clarissimus sanguine, moribus nitidior, Regis, ac supremi Inquisitionis Senatus à Consiliis, Prioris Provincialis munere, Regii Concionatoris laurea, Pontificia recusata dignitate, virtutibus cumulatus, ac meritis, in Crucifixi amplexu, magna Christianæ pietatis opinione, pauperum dolore, omniumque desiderio, Ulyssipone moritur Kal. Feb. ann. sal. 1652. *ætatis suæ* 62.

Vem a dizer em o nosso vulgar: O grande Theologo Frey Joaõ de Vasconcellos, da familia dos Prégadores, clarissimo em sangue, muito mais em virtude, do Conselho delRey, e supremo Tribunal da Inquisiçaõ, Prior Provincial, e Prégador delRey, recusada a dignidade Episcopal, cheyo de virtudes, e merecimentos, abraçado com hum Crucifixo, (com grande opiniaõ de piedade Christãa, magoa dos necessitados, e saudade de todos) morre em Lisboa. Em as Calendas de Fevereiro, anno da salvaçaõ 1652. de idade de 62.

Neste nobre deposito suspira, e reconhece ao servo de Deos a veneraçaõ pia: e para naõ perder de vista hum dos motivos della, lhe tem dado o pincel em muitas copias segunda vida, levando-o nella a devoçaõ a contentar o desejo de Reynos estranhos, e mais remotos. E porque a penna na estimaçaõ dos Rhetoricos he o pincel mais vivo, mais ligeiro, e mais miudo, que doutrinado das suas figuras com a Hipotiposi delinia o corpo, e com a Ethopeia decifra o animo, por obrigaçaõ corre á nossa o lançar aqui hum breve rascunho, em que a imagem do Veneravel Padre chegue aos olhos da devoçaõ mais facilmente escrita, do que póde copiada, sendo os livros os mais ligeiros quadros, que a industria do commercio espalha pelas noticias de todo o Mundo.

He o semblante (confórme o que ensinaõ os Fisionomicos) espelho do espirito, copia do genio, imagem do coraçaõ, tresllado dalma, e sobrescrito da natureza. He a verdadeira sabedoria huma participaçaõ do lume da gloria: e assim como este dos espiritos redunda, e se espalha nos corpos, assim no verdadeiro sabio lhe sahem ao rosto as prendas do espirito. Assim era proporcionado o servo de Deos, assim de veneravel rosto, e presença, como se nelle, e nella se lhe estivesse lendo a alma. Rosto comprido, proporcionado ao corpo, que era de estatura crescida. Olhos grandes, e taõ modestos, que eraõ huma reprehençaõ muda dos que se erguiaõ a vellos com menos sesudeza. As sobrancelhas, como a cabeça, bem povoadas de cabello, na barba pouco. Nariz avultado na proporçaõ do rosto. Boca composta, na cor desmayada, nos beiços nem grossa, nem delgada. Assim mostrava hum aspecto magestoso, veneravel, e penitente, que a palidez, que se lhe via no semblante (de que a cor nativa era branca) parece, que se tinha passado á natureza; porque sobre a trazer debilitada de achaquado, sempre assim lha conservou o exercicio de austero. Apadrinhava este modo de vida o trato exterior de sua pessoa, sendo huma estatua viva, e huma refórma muda. O habito de panno grosso, taõ apoucado, e cingido ao corpo, que bem mostrava, que naõ podia ter na vida outra serventia, que a que se lhe acha na morte, sem mais differença, que amortalhar os mesmos ossos, ou cahidos, ou animados.

No fallar grave, modesto, e considerado. Tinha graça nativa, discorrendo no que se offerecia, divertindo com tanta os Religiosos na hora, que os ajuntava o recreyo, que ouvi dizer a pessoas, que o trataraõ, que naõ edificava menos composto, do que alegrava divertido, fóra daquellas carrancas com que a hipocresia se costuma mascarar de sesudeza. Os continuos estudos o trabalharaõ hum consummado Theologo; a agudeza do entendimento hum grande Politico; o fervor do espirito hum Prégador perfeito. Prégava com liberdade Apostolica, com mais animo, e ambiçaõ de refórmas, que de honras, buscando nos ouvintes antes o vicio, que o agrado, como quem entendia, que era o Pulpito aquel-

aquella atalaya, donde só se deviaõ applicar os olhos do discurso a descobrir no campo o inimigo, e naõ lisongeallo com as pacificas mostras do entertenimento. Todo o seu Sermaõ era doutrina, porque todo era Sermaõ. Conhecia, que aquella espada, que sahia da boca da sabedoria, era de huma, e outra parte aguda, naõ embainhada para ornar, mas nua para ferir. Despidas propunha as verdades, porque o enfeite das elegancias as naõ malquistasse mentiras. Grande confusaõ para o lamentavel abuso deste seculo, em que as fabulas, e as rhetoricas, e ás vezes esta adulterada, e aquella antes arrastada, que trazida, saõ as Missionarias, que do Pulpito costumaõ gritar as emendas! Aos Principes, e aos Grandes reprehendia com desafogo; aos Ministros com desabrimento; aos peccadores com auctoridade; e a todos com zelo. Foy casto, syncero, candido, tudo reflexos de seu espirito. Entre as honras humilde; entre as riquezas pobre; entre as adversidades inflexivel; entre as injurias constante. Os pobres o acharaõ sempre com o coraçaõ, e as mãos abertas. Os affligidos com as lagrimas nos olhos. Os desamparados com o remedio nas diligencias, ou nos desejos. Os peccadores com o fogo nas palavras; e os arrependidos com jubilos no coraçaõ. Assim servio a Deos, á Igreja, ao Reyno, ao Povo; honrou a Patria, e illustrou a Religiaõ, grangeando (como entende humilde a piedade Christãa) no Ceo as coroas, que se soube trabalhar na terra; na terra as acclamaçoens de sua virtude, a que só as cinzas do Mundo sepultaraõ o nome.

CAPITULO XXIV.

Do Padre Frey Luiz de Sousa, filho deste Convento, e Chronista da Ordem nestes Reynos de Portugal.

SE assim como o Padre Frey Luiz mereceo o lugar nestes escritos, podera emprestar a penna para continuallos, justamente lhe pagaria esta Provincia aquella duvida em que a poz com os seus; porque só naquelle methodo caberia este assumpto. Mas se a sua penna, nos que escreveo rascunhou a sua vida, já toda a sua Chronica he hum artificioso epitome della, ficando este Capitulo sendo só hum elencho em que se aponta.

Foy o Padre Frey Luiz filho deste Convento, a que se recolheo já entrado na idade, aconselhado de hum desengano, com que parece, que o Ceo o negociou para si todo. Foy estranho o successo. Escreve-o, como tambem sua vida, o Padre Mestre Frey Antonio da Encarnaçaõ com o seu estylo verdadeiramente aureo, e capaz de estender a penna a mais largo assumpto. Tomou este na segunda Parte da Chronica, encostando a vida do Auctor ao Prologo, resoluçaõ, que ainda que em tudo tomou para si o primeiro lugar, nem assim nos deve embaraçar o de escrever, senaõ com tanto acerto, com mayor obrigaçaõ.

Nasceo Manoel de Sousa Coutinho (que este foy no seculo o Padre Frey Luiz) filho quinto de Lopo de Sousa Coutinho,

tinho, (a quem chamaraõ por ſeu raro juizo, compoſiçaõ de coſtumes, circunſpecçaõ, e prudencia, o Cataõ Uticenſe daquelle tempo) e de Dona Maria de Noronha, ambos bem conhecidos no eſclarecido de ſeu ſangue, nas vozes de ſeus appelidos, como na experiencia de ſuas virtudes. Foy doutrinado em todas, como promettia o cuidado de ſemelhantes pays; e naõ deſmereceo o nome de ſeu filho, na docilidade com que correſpondeo a ſeu deſvelo, deſcobrindo-ſe nelle juizo claro para as letras, e genio mais prompto para as virtudes: eraõ já eſtas humas premiſſas das que havia de render ao Ceo no holocauſto da Religiaõ. Entrou em ſeus primeiros annos no Noviciado da de Saõ Joaõ do Hoſpital em Malta, berço do valor, e Fidalguia Portugueza. Cativo ſe vio dos Mouros em hum encontro; mas foy Providencia do Ceo deſconhecerem-no no cativeiro, para poder reſtituirſe por reſgate; eſperança, que naquelle infortunio naõ logtaõ os profeſſores daquella vida, a que o odio infiel naõ perdoa, ainda a inſtancias do mayor lucro, com a cautela de naõ conſervar hum flagello.

Reſtituido, naõ continuou por certos embaraços o noviciado. Paſſou á Patria, (com honrados penſamentos de ir pizar em ſeu obſequio o theatro da India) moſtrando-lhe, que a naõ ſabia buſcar filho ſem a reſoluçaõ de a ir honrar Soldado. Empregos de honra, e de valor o puzeraõ neſta viagem, moſtrando em todas, como nos acaſos deſta, que nunca lhe eſquecia a obrigaçaõ, com que naſcera, de correſponder aos brazoens de ſua familia, e aos dotes de ſua Patria. Voltando a ella, e dado a honeſtos, e ſeſudos exercicios, tomeu eſtado, caſando com Dona Magdalena de Vilhena, viuva de poucos annos de D. Joaõ de Portugal (que ficara com ſeu pay D. Manoel de Portugal, filho de D. Franciſco de Portugal, primeiro Conde de Vimioſo, na infelice lamentavel batalha de Africa). Com eſta Senhora eſteve caſado alguns annos, em que teve huma filha, que em breve tempo perdeo, como ſe o Ceo foſſe prevenindo, que naõ houveſſe embaraço, que o ſuſpendeſſe na vida, quando o chamaſſe para outra mais ſegura.

Viviaõ em huma Quinta ſua em Almada, quando chegou a ella hum Peregrino; ſobio hum criado, dizendo a Dona Magdalena, que elle a procurava. Achava-ſe neſta occaſiaõ Manoel de Souſa Coutinho fóra de caſa, e eſtava nella ſeu irmaõ o Padre Frey George Coutinho, viſitando a Dona Magdalena; reſolveraõ, que entraſſe o Peregrino. Chegado á ſua preſença, e propondo como era hum Peregrino Portuguez, a quem a devoçaõ levara a viſitar os Lugares Santos de Jeruſalem, accreſcentava, que ao deſpedirſe delles, o buſcara hum Portuguez, que ſabendo como elle tornava para a Patria, e examinando, que era eſta Lisboa, lhe pedira paſſaſſe pela Villa de Almada, e buſcaſſe a Dona Magdalena de Vilhena, para que lhe ſeguraſſe, que inda por aquellas partes vivia quem ſe lembrava della.

Suſpendeo-ſe Dona Magdalena,

lena, e perguntou ao Peregrino, que finaes dava do homem do recado; ao que elle tornou, propondo os mais ſingulares, e mais vivos, individuando todos com tanta ſegurança, que a deſenganou de que naõ poderia ſer outro, ſenaõ Dom Joaõ de Portugal. Meteo-a o novo accidente em outro, a que acodiraõ as criadas. Paſſou a outra ſala o Padre Frey Georze, levando o Peregrino; e perguntando-lhe com ſagaz advertencia, ſe conheceria o homem que lhe fallara, vendo algum retrato ſeu, lhe reſpondeo, que eſtava a ſua memoria taõ freſca, que o naõ duvidava. Entravaõ já em outra ſala, donde entre alguns retratos de ſua familia ſe via o de Dom Joaõ; naõ ſe deteve muito o Peregrino, e apontando para elle, ſegurava, que aquelle era. Com eſta ultima diligencia ſe deſpedio, deixando a todos confuſos, e deſenganados. Naõ podia produzir o ſucceſſo menos contrarios effeitos.

Chegou de fóra Manoel de Souſa Coutinho, e informado de Dona Magdalena, e de ſeu irmaõ do que ſuccedera, propondo-ſe entre os trez o que ſe reſolveria, elle com deſembaraçado diſcurſo, e prompta reſoluçaõ, voltando a Dona Magdalena, lhe diſſe ſemelhantes razoens: *Sey, Senhora, que hum, e outro eſtamos inculpaveis no engano, como já advertidos do ſucceſſo; naõ ſe offende o Ceo de ignorancias, que ſaõ innocencias. Entendo que, a teres noticia do voſſo primeiro eſpoſo, nem me aceitarieis ſegundo, nem eu o conſentiria Catholico. Neſte accidente, que nos deſengana, pouco diſcorrerá quem naõ entender, que he a fraze com que o Ceo aviſa, e menos quem naõ julgar, que ſó mudando de vida, correſpondemos á ſua Providencia. Em buſcar a Deos ſeguramos os acertos da mudança; ſó eſte propoſito moſtrará, que entendemos aquelle aviſo: ſe elle nos abrio os ouvidos, e os olhos, na noſſa reſoluçaõ eſtá o mover os paſſos. Já achamos trilhado o caminho, que nos poupa eſcolher outro exemplo. Os Condes de Vimioſo nolo deixaraõ aberto. Elle tomando o de Bemfica, eſtrada direita para o Ceo, a Condeſſa o do Sacramento, novo Paraizo na terra. Eſta me parece a cabal ſatisfaçaõ, que (ſuppoſto eſte ſucceſſo) devemos dar a Deos, e ao Mundo; ao Mundo deixando-o, como a quem nos tratou com eſte engano; a Deos ſeguindo-o como a quem nos abrio os meyos de conhecello. Naõ eſpera a minha reſoluçaõ mais fortuna, que encontrar com as meſmas circunſtancias a voſſa.*

Callou Manoel de Souſa, porque impaciente já o eſpirito de Dona Magdalena, temia, que o attender pareceſſe eſperar, e naõ ſe accommodava com que o violentarſe ſuſpendida a deixaſſe parecer duvidoſa, ou a attençaõ de novas razoens a fizeſſe julgar aconſelhada. Aſſim aſſentou no que Manoel de Souſa reſolvera, como ſe ao meſmo tempo o inſpirara o Ceo a hum, e outro. Seguioſe a execuçaõ ao propoſito, na brevidade confirmou os acertos o retiro.

Tinhaõ os Condes de Vimioſo Dom Luiz de Portugal, e Dona Joanna de Mendonça neſte tempo fundado o Moſteiro do Sacramento, abaixo de S. Vicente de Fóra, junto ao poſtigo do Arcebiſpo; aqui profeſſara a Con-

Confessa; o Conde em S. Domingos de Bemfica. Retirou-se Dona Magdalena ao Sacramento, donde com a vida mudou o nome em o de Soror Magdalena das Chagas. Em Bemfica tomou o habito Manoel de Sousa Coutinho, trocando o nome em o de Frey Luiz, em final da fina amizade, que professava com o Conde. Assim tomaraõ o caminho do Ceo estes dous espiritos, taõ bem doutrinados de suas illustraçoens, que sem voltar os olhos aos incendios do Mundo, assim os empregaraõ na perseverança de seu proposito, que nem mais se viraõ, nem ainda se escreveraõ, como quem andava escutando áquellas mortalhas, que naõ havia já alli nada das primeiras vidas.

Assim abraçou Frey Luiz a aspereza da nova, que escolhera com huma resoluçaõ tambem aconselhada, que na perseverança do noviciado se foy confirmando, que só era o Ceo o que o tinha disposto. Admirava, e confundia, ver aquelles annos no seculo taõ briosos, aquella idade madura, e taõ doutrinada em maximas da terra, reduzida ao commercio, e trato fraternal com os poucos, com os tenros annos dos que começavaõ a vida da observancia, sem que a dessemelhança nas idades, e genios, soubesse desasocegar a natureza, reproduzida já no desengano de viver sem arbitrio. Escutava o conselho Evangelico, e entendia quanto lhe importava o tornar a ser menino. Professou em dia da Natividade de 1614. nas mãos do Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, e começou a dispor de sorte sua vida, como se lhe ensinara a segunda, que já estava no fim da primeira. Pobre em sua pessoa, e pobre em sua cella, como quem naõ desconhecia, que naõ póde ser gala a mortalha, nem sala a sepultura. O habito, que lhe dava a Religiaõ, trazia, até que a necessidade lho despisse. Na cella havia o tosco assento de hum tanho, e huma cama com mantas de lãa, de que eraõ tambem as tunicas interiores. Inviolavel observava o jejum, e estendendo a todo o anno a obrigaçaõ dos sete mezes, todos os dias tinha em seu limitado prato a hum pobre por companheiro.

Math. 18.

Nas penitencias de disciplinas, e cilicios, desafogava a ancia de querer exceder as obrigaçoens da regra, e sempre o achava adiantado a observancia. Lançou maõ da caridade, como glorioso estendarte das virtudes. Desvelado ás suas cabeceiras o achavaõ os enfermos. Pedio este officio, excedeo-o no cuidado. Na providencia dos medicamentos, na vigilancia de applicallos, tinha o enfermo na cella hum Medico; nos mais ministerios inda menos decentes achava hum escravo. Assim lhes assistia, assim os aliviava, com seu desvelo, com sua conversaçaõ affavel, concertada modesta, e religiosa, sem se lhe ouvir palavra, que offendesse, ou que naõ edificasse.

No Coro, na oraçaõ continuo, na devoçaõ ardente da piissima Mãy do Rosario, e do Santissimo Sacramento excessivo, que nem os achaques, nem as occupaçoens lhe roubavaõ aquelle quotidiano pasto, que no sacrificio da Missa dava a seu espirito,

pirito, recebido com tanta ſuavidade nelle, que rompendo, e paſſando aos exteriores, compungia, e admirava a quem lhe aſſiſtia.

Obſervantiſſimo na obediencia, como primeiro emprego da humildade. Aquella lhe poz na maõ a penna com que honrou eſta Provincia, e talvez a Patria, confundindo na ſingularidade, com que o fez, a indiſcreta calumnia de quem o culpou occupado neſte heroico exercicio, ſem paſſar ás Eſcolas, ou cultivar os Pulpitos, como ſe naõ houveſſe profeſſores de huma, e outra faculdade, incapazes de tomar a ſeu cargo a de eſcrever, perdoando-lhe as pobrezas de Theologia, como elle lho podia fazer nas do idioma. Mas naõ baſtaraõ eſſas luzes, e pequenas nuvens, a eſconder o menor raſgo daquella luzida penna, que com tantas vivezas deſenterrou das ſombras da confuſaõ as eſcaſſas noticias, ſobre que começou a levantar a fermoſa fabrica de ſua Chronica, tam bem recebida, e avaliada dos grandes talentos deſta Provincia, e dos melhores juizos de noſſa Patria, (e inda das eſtranhas) que entre os Eſcritores Portuguezes ſe fez aquelle grande lugar, que nunca lhe negaráõ as idades.

Foy incançavel na grande applicaçaõ de revolver Cartorios; peſquizou, e finalmente deſcobrio as antiguidades da Religiaõ, e Conventos deſta Provincia, eſcrevendo ſempre com igual elegancia, que clareza. Tiroulhe a morte a penna da maõ, de donde ſó lha tirava a occupaçaõ de Religioſo, com que alternava as de Eſcritor, porque valia com elle mais a imitaçaõ do que hia eſcrevendo, que a obrigaçaõ com que eſcrevia. Ou ſeria ſanta inveja de ſaber ſondar, que naquelle genero de eſcritura mais valia dar o aſſumpto, que acertar o eſtylo. Os de ſua vida mereceraõ o ſocego de ſua morte, para que ſe aparelhou com animo deſaſſombrado, como quem havia tanto que ſe andava enſayando. Recebeo todos os Sacramentos; e pedindo perdaõ a todos do que com ſua vida os eſcandalizara, aſſim edificava, e compungia, que entre as lagrimas dos que com oraçoens o ajudavaõ, paſſou á melhor vida, deixando huma eterna ſaudade na ſua memoria, e muitas memorias nos milagres de ſua penna.

Bem póde contarſe por primeiro a vida do Arcebiſpo Primaz Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, em que parece quiz o Padre Frey Luiz adiantar as glorias deſta Provincia, naõ fazendo (na proporçaõ poſſivel) eſte menos com a penna, que aquelle com a vida. Obra foy ſem duvida, em que ſe eſmerou ſeu deſvelo, com os merecidos premios de a ver ainda em ſua vida dada á eſtampa, e depois de ſua morte nas mãos, e admiraçoens de todos, em eſpecial Prelados da Igreja, que com madureza pezaõ, que nem os Principes Eccleſiaſticos acharaõ mais vivo eſpelho, nem na traça, e diſpoſiçaõ o haverá mais pulido. Maxima he, que começou a praticarſe em Reynos eſtranhos, chegando elRey Chriſtianiſſimo a fazer tanto apreço deſte livro, (já traduzido em o ſeu idioma) que com elle oc-

cupa a maõ, que os Biſpos, e Arcebiſpos de ſeu Reyno eſtendem a tomar o bago, julgando a ſua leitura pela mais importante pençaõ de ſua Mitra.

Eſcreveo mais a Chronica de elRey Dom Joaõ o III. por mandado delRey Dom Filippe IV. de Caſtella; (no tempo em que governava eſtes Reynos) eſta ſe pedio á Ordem depois da morte do Padre Frey Luiz, para ſe dar á eſtampa, e trocouſelhe eſta em deſmerecida ſepultura, de que a naõ pode reſuſcitar a mayor diligencia. Era obra dividida em dous Tomos. Finalmente eſcreveo as Chronicas da Ordem de S. Domingos, no que toca á Provincia de Portugal, e Conquiſtas, repartidas em trez partes, obra, a que conſagrou todos ſeus ſuores, todos ſeus trabalhos, todos ſeus eſtudos, como ſingular baze, em que o tempo lhe levantou a merecida eſtatua de Chroniſta. Em verſo Latino (teſtemunhas da variedade fecundiſſima de ſeu engenho, e emprego piedoſo de ſuas Muſas) ficou a vida de Noſſo Patriarcha, animando em dyſticos elegantes as pinturas, que ſe viaõ no Clauſtro de S. Domingos de Lisboa, agora em azulejo, donde ſe admira o dom de claridade, e doçura, de que Deos o dotou em todo o idioma.

Eſtas taõ relevantes virtudes lhe negocearaõ naõ ſó o commum applauſo dos doutos, mas o agrado dos Principes, que conheciaõ aquella ſingularidade, com que da urna religioſa, em que ſepultou a ſua nobreza, renaſceo Feniz a ſua erudiçaõ. Entre todos, os que a ſouberaõ pezar, occupou todas as memorias o eſclarecido Monarcha o Senhor Rey Dom Joaõ o IV. que no tempo de Duque de Bragança teve com o Padre Frey Luiz hum ſingular commercio, conſultando com elle ſuas mayores importancias, como ſe póde ver em algumas cartas, que ficaraõ no Cartorio de Bemfica, em que aquelle grande Principe naõ ſó o honra com o trato de amigo, mas o qualifica com o apreço, que faz do ſeu voto. Era o do Padre Frey Luiz trabalhado nas largas experiencias, que lhe aconſelharaõ os acertos de ſua vida, tal, que pareceo diſcipula da ſua eſcritura. Com eſta opiniaõ faleceo em Mayo de 1632. Eſtá ſepultado no jazigo commum, que fica no Antecoro; e ainda que naõ em lugar conhecido, naõ lhe falta epithafio, porque tudo, o que eſcreveo ſua penna, he letreiro de ſua ſepultura.

Acompanhem a eſte grande Eſcritor dous filhos deſta Caſa, que com a ſua penna nos mereceraõ eſta memoria. Foraõ elles o Padre Frey Antonio de Senna, que eſcreveo hum Tomo das noticias de Ethiopia, e o Padre Frey Pedro de Santa Maria, que eſcreveo outro, intitulado *Politica Chriſtãa*; e entre tambem neſta recopilaçaõ de noticias o Padre Frey Simaõ das Chagas, que, depois de muitos annos de Meſtre dos Noviços neſta Caſa de Bemfica, paſſou a Obreiro Evangelico nas Chriſtandades de Solor, em que acabou a vida com tanta reputaçaõ, que ficou delle o monumento: *Miraculis clarus obiit.*

CA-

CAPITULO XXV.

Do Mestre Frey Fernando de Menezes, Bispo do Algarve, e do Padre Frey Francisco de S. Domingos da Cruz.

MAis antigo que o Mestre Frey Fernando reconhecemos ao Padre Frey Francisco; mas porque deste se alargará mais a escritura, e naquelle tem precedencias a Mitra, anteponhamos a noticia, ficará a vida do Mestre Frey Fernando servindo de Prologo á do Padre Frey Francisco, vindo desta sorte a ser paga a mesma precedencia, em que se fundou a divida. Foy esta Recoleta Bemficana sem duvida o Seminario dos grandes povoadores dos lugares mais authorizados da Igreja. Temos entre mãos hum delles no Mestre Frey Fernando de Menezes, por outro nome da Encarnaçaõ, filho de Dom Fradique de Menezes, da illustrissima Casa dos Marquezes de Marialva, sua mãy Dona Isabel Henriques igual em nobreza. Provou esta sempre bem na Familia Dominicana. Nos primeiros annos a buscou o Mestre Frey Fernando, com taõ boa indole para a virtude, e genio taõ estudioso, que com igual reputaçaõ o reconheceraõ Mestre, e observante.

Estava por Regente em S. Domingos de Lisboa, quando o chamou docemente a solidaõ de Bemfica, melhor Patria de seu espirito, e Aula mais proporcionada para meditar a conclusaõ da vida, achando-se já muy entrado nos dias della. Obedeceo ás saudades como filho amante, fugindo ás assistencias da nobreza como verdadeiro Frade, mostrando aos parentes quanto obrigavaõ mais os da virtude, que os do sangue. Entre os Religiosos desta Casa começou a gostar huns longes da Bemaventurança, no santo, no socegado, e no delicioso della, e accrescentando o numero dos reformados na modestia da vida, no continuo da oraçaõ, no continuado do jejum. Nada valeraõ, nem os graos, nem os annos, para que Bemfica o desconhecesse filho. Agora pizava aquelles santos Claustros com tanta observancia, como se lhe andara dando conta da que lhe ensinara.

Facil, e affavel no commercio; humilde, e exemplar no trato, como se quizera mostrar áquella sua antiga mãy, que a sua ausencia fora só a capacitarse para huma Mitra, por lhe trazer mais essa honra a casa. Nella a vio repetida, primeiro nomeado Bispo do Cochim (e o primeiro, que teve este titulo) pela Magestade delRey D. Joaõ o IV., depois Bispo do Algarve, como se fora cautela repetirlhe os titulos por lhe naõ aggravar os merecimentos. Anticipouse a morte a tirarlhe a Mitra, porque dispunha o Ceo trocarlha em coroa. Passou a recebella de idade de 73. annos. Está sepultado neste Convento, donde entre os nobres filhos delle se vê o seu retrato, industria de lhe honrar as paredes até depois de morto. Recopiloulhe o Mestre Fr. Domingos de Santo Thomaz a vida no epithafio, que se lê em sua sepultura. Que mais deve o Feniz ao Sol, que o que Fr. Fernando a Fr. Domingos? Diz assim o epithafio:

Magister Theologus Fr. Ferdinandus á Incarnatione, Episcopus Algarbiorum nominatus, hujus Cœnobii filius, sanguinis origine clarus, doctrina, literis, ac virtutibus illustris, Regularis observantiæ cupidissimus, Mundi lenociniis abjectis, adamata paupertate, humilitate aucupata, modestia selecta, moribus tranquillis, ætatis 63. annis vix expletis, postrema in ægritudine integro aspectu, atque auditu, Christi Servatoris Cruci affixi sacram imaginem complexatus, inter illius dulcia colloquia, & soliloquia, vitam exhalavit. Exanime corpus Bemficani Cœnobitæ ibi lamentis fleverunt, hic desideriis tumularunt. Obiit die 27. Augusti, anno Domini 1662.

Mas já nos chamaõ, e convidaõ a penna as noticias do Padre Frey Francisco. Naõ devia jactarse a natureza da fermosura varia, com que mostra á nossa admiraçaõ os seus effeitos, sem que a graça, mais poderosa que ella, senaõ acreditasse com mais desusados assombros; que he ver as aguas por natural antipatia superando o fogo, e verse muitas vezes fogo ateado nas mesmas aguas? Que he ver o fogo, natural consumidor das materias ligeiras, e voarem no meyo delle as avesinhas chamadas Charistias, como respirando das mesmas lavaredas? Que he ver a terra, naturalmente estavel, e constante, moverse como huma grande embarcaçaõ sobre as aguas, como o admira Lidia nas suas Ilhas? Finalmente, que he ver os peixes por natureza mudos, mugindo, e vozeando entre as aguas do rio Elitorio? Que he ver na natureza estas singularidades, que antes parecem extravagancias, que providencias? Mas se bem o consultamos, levantando o discurso, saõ sem duvida variedade fermosa, com que a Sabedoria de Deos quiz offerecer aos nossos olhos escassos rascunhos de seu poder illimitavel.

Plin. l. 2. cap. 16.

Maiolus colloqui 6. de Avibus.

Theophrastus.

Peerencis in sua circum navigati.

Voltemos agora o discurso, e ponderaçaõ aos novos effeitos da graça; naõ será sua variedade menos rara, menos fermosa. Que he ver a virtude, dando a primeira liçaõ de humildade, desempenhar em alguns justos acçoens ao parecer jactanciosas, se naõ soberbas? Parecia-o assim no nosso Apostolo Valenciano S. Vicente Ferrer, Thaumaturgo Dominico, obedecendo humilde ao preceito de Christo, (que o destinara Pregoeiro de seu juizo, e Paraninfo de sua segunda vinda ao Mundo para julgallo) e esperando ás portas das Cidades, mandado recado ao Conselho dellas a que o viessem buscar, e receber com Pallio, veneraçaõ, e respeito? Que era vello mandar ao mesmo Prelado do seu Convento, que fosse resuscitar a hum menino, e accres-

accrescentar: (á rezaõ do Prelado, que se escusava por indigno:) *Vá Padre Prior, e em meu nome o resuscite?*

Documento he da virtude o recolhimento, o retiro, o silencio, as palavras pezadas, e medidas, as acçoens advertidas, e reformadas, o fazerse espectaculo vivo, a que se componhaõ, e se concertem os costumes do Povo, e em fim a austeridade no trato, e commercio com elle. Pois que será ver a virtude, como vagamunda pelas praças, entrando as casas, cursando as ruas, frequentando os Palacios, tratando com os poderosos, escutando, e respondendo (ainda que sem faltar á modestia religiosa) a perguntas, e galantarias, e tratando, e communicando todo o genero de pessoas? Grandes segredos da Providencia, que parecem novidades repugnantes á virtude, e á graça! Naõ pareça reflexaõ superflua, antes reposta precisa á tacita pergunta, e admiraçaõ de ver hum Religioso celebre em observancia, e com estas liberdades, e estylos de vida. Temos entre mãos grande experiencia, porque tudo acharemos nas noticias do Padre Frey Francisco, filho desta Casa de Bemfica, e assaz conhecido no Povo, e Cidade de Lisboa.

O P. Frey Francisco de S. Domingos da Cruz.

Foy este Padre huma reproducçaõ dos primeiros espiritos da verdadeira, e antiga refórma desta Recoleta Bemficana. Lãa junto á carne; peixe, e jejum, este de sete mezes, aquelle de todo o anno; Coro nocturno, silencio perpetuo, em que só dispensa a vontade do Prelado. Esta era a vida de Frey Francisco; em em sua pessoa notavel desprezo, o habito mais roto, menos aceado, como quem entendia, que naõ pedia mais alinho huma mortalha. Bastavalhe para estimaçaõ a vida inculpavel, com que o trazia aos olhos de todos. Hum cabasinho embraçado no braço esquerdo, deposito de esmolas, com que sahia do Convento para os pobres, que encontrava no caminho, e das que á volta da Cidade lhe davaõ para trazer aos pobres do seu Convento. Era assim venerado como thesouro da caridade, que era singular mimo, que appresentava ao melhor da Corte, hum pomo, que servia talvez de peita para algum despacho caritativo. Aquelle tosco, e pobre cabasinho era a taça de valor, em que fazia offertas ás mesmas Magestades, festejando a Rainha Dona Luiza, e elRey Dom Affonso seu filho, o que nelle lhes offerecia como estimavel regalo, passado pelas mãos de hum esmoler de Christo.

Com mais continuaçaõ lhe succedia o mesmo em casa dos Duques de Aveiro, que veneravaõ sua singeleza, tratando-o familiarmente, e fiando della grossas esmolas, que por sua maõ passavaõ ás de muitas pessoas necessitadas. Estimava muito o Duque Dom Raymundo as suas visitas, queixando-se lhe, e culpando-o na falta dellas, e celebrando a alegria, e estylo de palavras, com que lhe offerecia alguma data das suas. *Sé sé*, dizia ao Duque (com esta dicçaõ acompanhava toda a reposta) *aqui tem V. Excellencia esta maçãa sãa.* Outras vezes: *Sé sé, aqui trago esta pera pera Vossa Excel-*

Excellencia. Porque o seu esty-lo mais festivo, e de mais aga-salho era fallar por eccos. Viaõ-no os Duques pouco enroupa-do, e entendendo, que naõ se-ria só voluntaria pobreza, lhe davaõ habito, e capa, que elle estimava, porque buscando no Convento o Religioso mais po-bre, trocava com elle. O ha-bito mais remendado, mais çafado, mais roto, o que lhe fazia mais appetecido o contra-to.

Desvelava-o a necessidade do proximo, sempre o traziaõ sem descanço as do seu Convento, entrando pelos Tribunaes a per-tender, pelas casas grandes a pedir; taõ igual no dispendio do que grangeava, que sendo a pri-meira porçaõ para os seus Re-coletos, applicava a outra aos Capuchinhos da Convalescença, Casa pequena, a que tinha amor pela sua reforma, e com que ti-nha commercio pela muita visi-nhança. Como eraõ bem succe-didas todas suas diligencias, encarregoulhe o Prior, que pas-sasse a Lisboa a cobrar huns quarteis na Alfandega. Foy pre-cisa a detença, e á volta para casa o apanhou a noite em Cam-po Lide, estrada menos seguida (e áquella hora deserta) da Ci-dade para o Convento. Trazia o bom velho o dinheiro com resguardo, mas naõ lhe valeo nenhum ao encontro de alguns vadios, que alli costumaõ bus-callos. Pediraõ (que he a fraze com que entra semelhante gen-te) primeiro em som de esmola seguio-se o ameaço á escusa, á re-sistencia a força, e despojando-o do dinheiro, com mãos atrevi-das, e palavras soltas, o dei-xaraõ mais magoado do que per-dia o Convento, do que do que tinha sofrido.

Com esta pena chegou a Ca-sa, conta ao Prior o successo, escutado com ira de quem ven-dose sem remedio, naõ tem ou-tro desafogo mais que condem-nar o comprehendido, e desco-nhecer sempre as razoens do in-fortunio. Mandoulhe fazer a venia, obedeceo o bom subdi-to, que mandado levantar del-la, lhe disse: *Sô sê Padre Prior, soceguese Vossa Paternidade, que os velhaquinhos viraõ pela manhãa.* Zombou o Prior da promessa, eisque de madrugada lhe entra pela cella o Porteiro, e entre-gando-lhe a quantia, que se ti-nha roubado a Frey Francisco, lhe diz, que acodindo ao rom-per da manhãa á campainha, e abrindo a porta, lhe entregara hum homem desconhecido aquel-le dinheiro, que o désse ao Pre-lado. *Pedilhe*, (continuava o Porteiro) *que esperasse, que fal-lando com V. Paternidade iria com mais segurança, e daria noticia de quem era. Respondeo, que ba-stava o que tinha dito; e desappa-receo.*

Repetia Frey Francisco as jornadas a Lisboa, era sempre emprego de caridade o que o levava, buscando Ministros co-mo protector de desamparados, e perseguindo poderosos para soccorro de famintos. Assim era sua vida pedir, e dar; e só pa-ra ter que dar, a grande ancia de pedir. Recolhia-se ao Con-vento, sem que o cansaço do caminho o dispensasse do gosto de Enfermeiro. Talvez levava no seu cabaz o desfastio, com que regalava o enfermo. Mas diga hum successo o que lhe de-viaõ estes de cuidado. Receita-

ra

ra o Medico hum medicamento para hum Religioso enfermo, que se achava apertado; havia de vir da botica de S. Domingos de Lisboa, distancia de quasi huma legoa. Tardava o moço, affligia-se o enfermo, a tempo que Frey Francisco partia para Lisboa. Chega á Portaria do mesmo Convento, acha nella a medicina, sem noticia do moço, que viera buscalla; lança maõ della, e pondo-se outra vez a caminho para Bemfica, chegou taõ ligeiro, que quasi senaõ sentio falta. Estes saõ os servos, que Deos occupa em sua Casa, abrazados, e ligeiros. Que importa caminho largo, para azas de fogo?

Facit ministros suos flámam ignis. ad Hebr. 1. v. 7.

Naõ eraõ só estes os empregos da sua comiseraçaõ, naõ eraõ só estes os enfermos, que desasocegavaõ sua caridade. Os que sentiaõ o achaque mortal da culpa, com esses era incançavel sua diligencia. Viaõ-no, e ouviaõ-no pelas ruas, pelas praças, bradando, espalhando verdades nuas, doutrinas importantes, conselhos saudaveis, antes ensinando ignorantes, encaminhando innocentes, e arguindo peccadores, que divertindo ouvintes. Que importante reflexaõ se nos metia agora nas mãos, se as apertadas leys da historia nos naõ prenderaõ a penna! Bem podia soltarse com liberdade, aconselhada do zelo Christaõ, a estranhar em este seculo calamitoso, o introduzirse a memoria ás funçoens da sciencia Evangelica, violentada de estudos, que só vaõ a lisongiar ouvidos.

Prégava Frey Francisco com animo, e zelo de aproveitar aquelles innocentes, que o seguiaõ, e ainda aos mal intencionados, que o motejavaõ. Para este exercicio o convidava qualquer concurso, hum poyal o seu Pulpito, o interesse o aproveitamento do auditorio, a devoçaõ da Cruz o seu principal assumpto; que foy rara a reverencia, e o affecto com que abraçava este sagrado Lenho. A donde quer que o via, ou encontrava, postos em terra os joelhos, o adorava, saudando-o com esta, (*Ave Crux Sancta*) composta sem duvida por elle (de sua letra se lhe achou na cella) com accommodaçaõ á oraçaõ Angelica, e com mais devoçaõ, que propriedade em alguma clausula. He a seguinte:

Ave Sancta Crux ave!
Bemdita es tu entre todos os madeiros:
Bento he o teu fructo Jesus.
O' Sancta Crux!
Ora por nós peccadores,
Agora, e na hora de nossa morte. Amen Jesus.

Esta

Eſta devoçaõ grande lhe deu o ſobrenome, eſta o trazia advertido pelas ruas, pelos cantos a reſgatar eſte ſoberano Madeiro de lugares immundos, e indecentes, donde o collocara o pouco reparo, e o conſervava o deſcuido. Vio-ſe em varios ſucceſſos; diremos o mais celebre, e digno de que o naõ eſqueça a noſſa piedade.

Coroouſe elRey Dom Affonſo IV. e ſuccedeo armarſe-lhe hum ſitial em huma janella do Paço, a que ficava inferior huma Cruz. Paſſou Frey Franciſco, e dando com os olhos nella, e medindo o lugar em que eſtava, pondo os joelhos em terra, a ſaudou com a ſua Ave Maria. Levantouſe, e á força de mãos, e de hum inſtrumento, que alli pedio, rompeo, e deſmanchou o alto de huma parede, em que o ſagrado Madeiro eſtava fixado. Conſiderou bem, que era genero de indecencia, e ainda que naõ advertida, que eſtiveſſe inferior ao da terra o Throno do Rey dos Reys, e taõ authorizado Throno, que foy a baze de hum immortal imperio, com tanta eſtimaçaõ do Principe da paz, que reynou nelle, que em ſeu meſmo hombro o levantou ſolio, e o inclinou Sceptro; exemplo, de que lembrado agora Frey Franciſco, abraçando aquelle ſinal, e imagem ſua, authorizando os hombros com ella, e acompanhado de meninos, e Povo, que ajuntou a novidade, entoando no meyo de todos a Ladainha, caminhou com o ſuave pezo até a rua larga de S. Roque, (diſtancia baſtante) e entrando no patio do Marquez de Niza, que tem o ſeu Palacio no alto da calçada, lhe pedio déſſe lugar a taõ authorizada hoſpeda. Levantou-ſelhe hum Altar, que inda hoje occupa.

A eſta devoçaõ, de que nada o divertia, ajuntava a grande, com que aſſiſtia ás Matinas da meya noite, por mais embaraços que tiveſſe. Nem o vir cançado, o vir perſeguido das inclemencias do Inverno, pelo Veraõ dos calores de hum dia inteiro ſem deſcanço, que juntos com a diſtancia do caminho, o pediaõ preciſo, nada o eſcuſava de ſer o primeiro no Coro; e porque entendia, que o podia vencer o ſono, deixando-ſe hoſpedar de humas pobres mantas, e hum enxergaõ duro, uſava de hum agudo eſporaõ de ferro, como quem alcançava o quanto ſe retarda o homem no caminho de Deos, movendo-ſe pezado, e vagaroſo naquella parte que tem de bruto, ſe a naõ trata como tal o deſabrimento.

Já velho, fazia as ſuas jornadas em hum jumentinho, e eſte já taõ cançado, e ronceiro, que huma manhãa o achou morto de hum enxame de abelhas, que o cobrio. Recorreo ao Duque de Aveiro, e diſſe-lhe: *Senhor, as abelhinhas me mataraõ o meu eſtudante; ſem elle perecemos todos os pobres, porque para pedir, nem elles tem boca, nem eu pés.* Mandou o Duque, que ſe lhe déſſe para comprar ſegundo, e terceiro. Voltou o bom velho contente com o deſpacho, e dizia aos pobres, e aos Religioſos do Convento, que naõ ſeriaõ aleijados de todo, que muy boas muletas lhe dera o Duque de Aveiro.

Carregado de annos, e trabalhos,

balhos, cahio em huma cama, donde se purificou sua paciencia. Tantos foraõ os achaques, que lha exercitaraõ. Recebeo os Sacramentos alegre; á morte fez o mesmo semblante, porque se pareceo com a sua vida a sua morte. Antes de espirar se lhe descobrio huma chaga, que lançava oleo. Pareceo demonstraçaõ da vigilancia, com que o achou aquella hora. Era a em que o Esposo chamava para as eternas vodas a sua alma, e naõ faltou o oleo, ainda que se hiaõ extinguindo as luzes da vida. Alguns Religiosos molharaõ panos, e os guardaraõ com veneraçaõ. Ensinoulhe a experiencia, a que deviaõ ao moribundo, e a que pedia a novidade daquelle caso, naõ visto nunca, menos que em argumento de Santidade calificada.

Admirouse na Nossa Santa Margarida de Castello, que ao embalsemarse seu cadaver, aberto por hum lado, foy tanto o licor suavissimo, que manou delle, que se encheraõ muitas redomas cristalinas, de que ainda hoje se guardaõ algumas. Oleo destilou de seu corpo virgineo a Doutora de Alexandria, Martyr victoriosa Santa Catharina. O Pontifice de Licia S. Niculao, ainda (como canta a Igreja em sua festa) destila do sepulchro mysterioso, e medicinal oleo. Outros muitos Santos desempenharaõ este prodigio; e naõ deixou de ser no Padre Frey Francisco glorioso testemunho de sua virtude, que isso daõ a entender semelhantes maravilhas; de sua caridade, que isso val oleo nas Divinas letras.

CAPITULO XXVI.

Dos Padres Frey Alvaro de S. Joseph, Frey Joaõ de Aragaõ, Frey Francisco de Santo Thomaz, e Frey Martinho da Fonseca, filhos do mesmo Convento.

SEguindo aquella Ordem, com que até aqui vamos escrevendo, dando antiguidade aos Religiosos pelo dia de sua morte, que he o nascimento dos justos, parece, que devia de abrir este Capitulo o Padre Fr. Joaõ de Aragaõ, que faleceo primeiro, a naõ ser razaõ mais urgente a de precederem os filhos aos perfilhados, e ser o Padre Frey Alvaro dos primeiros. Será pois este o seu lugar, e taõ merecido o seu nome, que com tanta gloria sua lhe deu o de seu filho esta Casa, como o de pay a mayor parte da Provincia, pois em crear, e doutrinar os filhos della, cançou, e consumio quasi toda sua vida.

O P. Fr. Alvaro de S. Joseph.

Foy ella taõ reformada, que no tempo em que mais vivos estavaõ os rigores da observancia Bemficana, (com se achar abundante de espiritos grandes a Provincia) só elle foy escolhido para Mestre de Noviços nesta Casa, como espelho, a que se deviaõ compor aquellas vidas, que começavaõ a respirar no berço da Religiaõ. Era taõ conhecida a sua, que contendiaõ os Conventos donde havia noviciados, para o terem por exemplar dos seus Noviços. Lograraõ tambem esta felicidade Lisboa, e Azeitaõ. Veyo buscalla Frey Alvaro na mortalha Dominicana em seus primeiros annos, e era tal a sua capaci-

dade ainda nelles, que descançavaõ os Mestres de Noviços, repartindo com elle o trabalho de presidir aos outros.

Acabados os estudos, se recolheo á sua Casa de Bemfica, adonde logo começou a exercitar o cargo, para que se ensayara; mas se foy Noviço com capacidades de Mestre, era agora Mestre como se fora Noviço. A oraçaõ repetia de dia, e noite, e taõ larga, como se esquecera ou as outras occupaçoens da vida, ou as precisas pensoens da natureza. Notavel vigilancia, e huma particular prudencia para accommodarse áquellas idades tenras, com quem ha de obrar antes a industria, que a força; e huma certa destreza no favor, e dispensaçaõ para as afeiçoar aos trabalhos do espirito, e desfigurarlhe as carrancas do trabalho. No castigo dos defeitos era inflexivel, e severo, e nos de quebras de religiaõ, e observancia taõ aspero, que achando hum Noviço com tunica interior de linho (sendo da Constituiçaõ a lãa junto á carne) assim vestida lhe poz o fogo na parte, que lhe cobria os hombros, e a golpes da disciplina lho apagou nelles.

Mas se o achavaõ com esta austeridade os comprehendidos, era facil, e credulo á menor queixa dos necessitados. Assim era syncero, assim candido seu animo, que chegou a ser nelle como anthonomasia, a incredulidade de qualquer ruim suspeita. Distaõ muita maldade, e innocencia, e nem com a vista póde esta vencer a distancia; esta a razaõ de desconhecer aquella, ou por affastada, ou por peregrina. Os bons saõ taõ faceis em crer, que ninguem he máo, como os maos em assentar, que ninguem he bom. Parecia, que se reproduzia em Frey Alvaro aquella idade santa de Nathanael, donde antes parece que se ignorava, que se aborrecia o engano, e o coraçaõ dobrado, como delle disse Christo. Conhecido, e tratado parecia o Padre Frey Alvaro homem daquelle ditoso seculo, em que se criava o ouro puro da natureza, sem as fezes da malicia. Achava-se naquelles primeiros Padres, e Patriarchas, que como primeiras columnas da Fé, lhe abriaõ synceramente nos ouvidos a porta, que com os olhos fechavaõ ás falacias da vida. Nathanael Dominico se podia chamar o Padre Frey Alvaro, como o que tinha hum coraçaõ, em que nunca se hospedou engano.

Ecce veri S. Iracliti in quo dolus non est Joan. 1. v. 47.

Era a sua vida a primeira voz, e advertencia, que ensinava os discipulos, e de taõ conhecida refórma, e observancia, que escusava outra doutrina. No que mais edificava era a assistencia de todo o Coro, seguindo o da meya noite com huma taõ santa tenacidade, que mandando os Medicos em tempo desabrido, (em que os pleurizes ameaçavaõ o Convento, e talvez os hia já experimentando) que se dissessem as Matinas á prima noite, foy sempre o seu voto, que se naõ devia afrouxar na observancia por acautelar a vida, como se inexoravel aos riscos della, desconhecesse em si os conselhos da natureza, ou suppozesse a sua privilegiada. Esta austeridade, e hum animo despido de tudo o que costuma estimar a terra, o fez escusar com

com huma modeſta repulſa os lugares de Prelado, que muitas vezes lhe offereceo a Provincia; porque eſtavaõ as ſuperioridades taõ malquiſtas com a humildade, que ſempre abraçara, que o atemorizavaõ ainda lugares donde tambem devem ſervir os que ſe fazem obedecer. Viveo largos annos, ſempre robuſtos, em paga de bem empregados, e acabou com huma morte, que pareceo premio delles, e principio de os trocar por eternas felicidades.

Sigaõ-ſe agora dous filhos, que deu a eſta Caſa a reſoluçaõ de virem a acabar nella a vida. Naõ parece, que deve ter mais privilegios para perfilhar o berço, que o ſepulchro; porque ſe no berço ſe criaõ alentos, creſcem, e avultaõ eſpiritos; no ſepulchro ſe recolhem os cadaveres, reſtituidos á terra como univerſal Máy de todos. Antes parece, que faz mais força o natural deſta hoſpedagem, naõ ſó porque o he tanto o naſcimento, como a morte, mas porque neſta funeſta Caſa habitaraõ os oſſos mirrhados, naõ ſó annos, mas ſeculos. Naõ ha logo melhor razaõ para perfilhar na Caſa, em que ſe naſce, que na em que ſe morre; nem fazemos injuſtiça a Provincia alguma, perfilhando hum filho ſeu neſta Caſa (em que vida, e morte achou cella, e ſepultura) quanto mais ſendo impoſſivel a averiguaçaõ daquella a quem pertence, e eſtando eſta por tantos titulos de poſſe.

O P. Fr. Joaõ de Aragaõ.

Foy eſte filho o Padre Frey Joaõ de Aragaõ, que tomando o habito nas Filippinas, e paſſando á India, e dahi voltando a eſtes Reynos, começou a dar indicios em ſeu ſofrimento, do berço da obſervancia, em que ſe tinha criado, ſofrendo com igual animo muitos incommodos, porque como neſſe tempo ardiaõ em guerras as duas Coroas de Portugal, e Caſtella, malquiſtou-o a falſa ſuſpeita de poder ſer eſpia. Aſſiſtio em alguns Conventos deſta Provincia, e veyo a parar como em centro neſte de Bemfica, por achar nelle mais vivos os eſpiritos da refórma. Veyo aſſim a achar em Bemfica o eſquecimento da ſua Patria, e Patria de ſeu eſpirito, enſinado a viver em aſpereza. A das Conſtituiçoens obſervava á riſca, Coro nocturno, peixe continuo, de que nem os achaques o eximiaõ ſem preceito de Prelado, e inſtancia dos Medicos, a que ſe ſogeitava violento, porque trocada a abſtinencia em natureza, já o ſuſtento de carne lhe ſervia antes de mortificaçaõ, que de medicina, porque lho naõ conſentia o eſtomago, já eſtranho a tudo o que parecia regalo.

O jejum continuado, e eſtreito, a que ajuntava a abſtinencia de vinho, ſendo eſte no uſo do peixe hum ſuſtento, que ſe naõ eſcuſa como remedio, eſpecialmente em eſtomagos, que cortaõ o primeiro vigor na applicaçaõ dos eſtudos, como ſuccede a todos os que abraçaõ o noſſo Inſtituto, que deſde os primeiros annos trazem de continuo em huma maõ a poſtila, em outra o Breviario. A oraçaõ naõ ſó repetida, mas taõ larga, que parecia eſquecerlhe tudo, em ſe entregando a ella. Julgava para eſta occupaçaõ mais a propoſito o tempo depois de Matinas, quando ſe viaõ aquel-

les santos Claustros sepultados em silencio, rompido dos suspiros dos que o acompanhavaõ na escolha do tempo, e lugar da Igreja. Mal via este despejado o bom velho, quando para desafogar a devoçaõ, recorria aos golpes da disciplina, taõ repetidos, e impiedados, como ao outro o dia o testemunhava o pavimento da Igreja, taõ costumado antes a inundaçoens, que a sinaes, (naõ era só o Padre Frey Joaõ o aggressor daquella penitente tyrannia, mas outros, que com o mesmo espirito povoavaõ entaõ a Casa) que advertido, e acautelado o Prior, naõ permittia, que abrissem pela manhãa a porta da Igreja, sem que primeiro o Sacristaõ a deixasse examinada, e limpa. Testemunhou-o muitas vezes (e eu lho ouvi) o Mestre Frey Manoel Veloso, Deputado do Santo Officio, que nesta Casa era entaõ Prelado.

Era já o Padre Frey Joaõ muy entrado em annos, temia o Prior, que lhe acabasse de consumir aquellas poucas forças o Coro da meya noite, e mandando-lhe por obediencia, que ficasse delle, dava na epiquea, que lhe aconselhava a sua devoçaõ, entendendo, que o preceito lhe embaraçava só o Coro, e o mesmo era tocarem a Matinas, que ir elle para a Igreja, e movido de huma santa inveja de ouvir rezar os Religiosos sem lhe fazer companhia, levantava as mãos, e os olhos ás Imagens do Senhor na Cruz, da Senhora do Rosario, e de nosso Patriarcha, e rompia nesta queixa (taõ acompanhada de lagrimas, como interrompida de soluços) em seu mesmo idioma: *Señor, gran sin razon! Premitis, que el Prelado sin culpa mia quiera desterrarme del lado de mis dichosos hermanos? Ellos merecen exercitar el officio de los Angeles; y yo miserable sin anadir la mia a sus vozes.*

Esta magoa o esquecia com os joelhos em terra, donde muitas vezes o achou a madrugada. Ameaçou-o finalmente a morte; dispozse como quem antes a esperava transito, que a temia ameaço; e já sacramentado, com grande socego, e consolaçaõ de espirito a esperava afouto, quando parece que o quiz desinquietar o commum inimigo. Entendeo-se assim, porque applicando os olhos para os pés da cama, fez algumas acçoens de quem desprezava a sua bataria. Chegou a ultima hora, e com os olhos em hum Crucifixo, passou ditosamente do fim da vida ao principio da eternidade. Deste Religioso affirmaõ muitos, que o conheceraõ, que no ceo da boca tinha escrito o Santissimo nome de Jesus em letras como empoladas na mesma carne, que o Ceo lhe permittio na boca, quiz a devoçaõ repetir no corpo, porque em hum braço abrio o mesmo nome com o ferro. Este sem duvida foy o nome, em que recopilado o Esposo, pedia á alma pura, que o estampasse no braço.

Pone me ut signaculum super brachium tuum Canticorum 8. 6.

Foy o outro filho deste Convento (dos que mereceraõ a filiaçaõ nelle, escolhendo-o para vivenda, e para sepultura) o Padre Frey Francisco de Santo Thomaz, porque ainda que este Padre pertença á Congregaçaõ da India, o gastar o melhor de sua vida neste Reyno, o vir acaballa nos braços da observancia desta Casa, saõ grandes razoens

O P. Fr. Francisco de Santo Thomaz.

para

para lhe facilitarem eſte lugar, e eſte nome nella. Tomou eſte Padre o habito em Goa, de donde paſſou á China, buſcando na Cidade de Macao a Caſa, que alli tem a Congregaçaõ, grande paleſtra de virtude naquelle tempo, e eſtreitiſſima obſervancia, que de taõ longe brindava a ſeu epirito. Aqui viveo alguns annos, e voltando a Goa, com grandes capacidades de religiaõ, e zelo, o elegeraõ Prior; reſiſtio conſtante ao cargo, houve de ceder perſeguido; eſperava licença do Reyno para paſſar a elle, naõ tardaria muito, ſacrificouſe a eſſe pouco tempo. Veyo em fim a eſtes Reynos, a que o chamava mais o deſamparo de huma irmãa, que as ſaudades da Patria; recolheoſe neſta Caſa de Bemfica, convidando-o o conhecimento da ſua obſervancia; naõ reconhecia outro centro o exemplar de ſua vida, nem ſe eſcondeo eſta por retirada á noticia dos Religioſos mais obſervantes deſta Provincia; inſtava a eleiçaõ da Caſa reformada de Viana, foy o Padre Frey Franciſco eleito em Prior della, mas com tanta deſconſolaçaõ de ſeu eſpirito, e genio, que naõ valendo com elle perſuaçoens, e inſtancias para aceitar o cargo, houve de acabar a obediencia, o que naõ pode a induſtria.

Foy em fim para o Priorado, mas moſtrando, que hia mandar ſó por obedecer; porém aſſim ſe violentava naquelle exercicio, que naõ eſperou, que lho tiraſſe das mãos o tempo; ao repetido, e importuno de ſuas ſupplicas, e diligencias ſe vio reſtituido ao primeiro ſocego, que lhe tinhaõ roubado. Tornou alegre a ver as ſupiradas paredes de Bemfica, Patria de ſeu eſpirito, em que o perfilhara o amor da refórma. Aqui foy ſua vida o exemplar della. Era quaſi continua ſua oraçaõ, porque entre a mental, e vocal repartia o tempo, e ninguem o encontraria ſenaõ rezando. Naõ ſe lhe advertia iſto ſó no Convento, tambem fóra delle no caminho, porque indo alguma vez á Cidade com o Noviço, que o acompanhava, (ſendo Meſtre delles) alternava o Terço da Senhora, taõ embebido na contemplaçaõ delle, que ſem dar fé de quem pizava a meſma eſtrada, aſſim levantava a voz com devoçaõ, e fervor de eſpirito, que paravaõ a eſcutallo. Láa junto á carne, e pobre cama; mas naõ queria nella mais agaſalho quem o coſtumava deixar no melhor do deſcanço, porque aſſim era continuo nas Matinas, que mandando-o o Prelado ficar alguma vez dellas, nunca o pode acabar com elle, ſem que valeſſem nem o privilegio dos annos, nem o deſabrimento dos frios.

O habito taõ apanhado, e taõ reduzido a fórma de mortalha, que ſendo o Padre Frey Franciſco deſagradavel, e carregado de aſpecto, aſſim o encontrava o ſuſto, que o tornava logo a contemplar o reparo edificado, e compungido. Aſſim ſe fazia eſtranho a quem o via, ſendo taõ outro a quem o tratava, que o naõ havia mais facil, mais alegre para a converſaçaõ, e repoſtas de boa graça, effeitos de hum coraçaõ ſingelo, e conſervado na candidez de ſeu eſpirito. Nos jejuns, naõ ſó os da Conſtituiçaõ eſtreitiſſimos,

mos, mas dous dias na semana sem outro sustento, mais que humas codeas de paõ em hum pouco de caldo, a reçaõ para os pobres, entaõ inteira, nos mais dias a melhor parte della. Rodeavaõ-no continuamente cilicios, e sobre o peito huma Cruz de metal, cheya de agudas pontas. Assim andava crucificado, como se se gloriara com Paulo na Cruz de Christo, ou como aquella venturosa alma, que mereceo trazer sobre o peito o sello do Esposo. Naõ lhe valeo a grande cautela com que dissimulava estes, e semelhantes empregos de sua vida, e penitencia, porque as mais miudas, e individuaes noticias de huma, e outra, o deraõ a conhecer a elRey Dom Pedro II. naõ se lhe escondendo o berço em que professara, e os annos que vivera no remoto Imperio da China, de que lhe resultara a grande singularidade com que era pratico nelle.

Pone me ut signaculum super cor tuum Canticorum 3.

Valeo tanto com elRey esta informaçaõ, achada em pessoa de boa nota, que o nomeou Bispo de Macao. Chegou a carta da merce ao bom velho, que taõ longe estava da honra, como da terra. Teve-o primeiro por travessura de algum Religioso; mas informado de que o caminho por donde lhe viera o que naõ esperava, fora o Secretario de Estado, (cargo, que entaõ tinha o Bispo Dom Frey Manoel Pereira seu amigo, e como logo veremos filho tambem desta Casa) assim se entrou de hum profundo sentimento, como se se conhecera injuriado. Pegou na capa, e tomando a bençaõ ao Prelado, caminhou para a Corte, pedindo aos Religiosos, que o acompanharaõ até a Portaria, que lhe naõ repetissem hum titulo, que lhe afrontava o merecimento; que elle hia desenganar a elRey do mal fundado conceito, que tinha de sua capacidade na experiencia, que lhe punha diante dos olhos em sua pratica, e sua pessoa.

Naõ lhe esqueciaõ ao novo Bispo aquelles altos documentos de hum Frey Bartholomeu dos Martyres, que escutando intimada huma obediencia, para que aceitasse a mitra, prostrando-se por terra, como se o perseguira hum rayo, disse atemorizado: *Deos seja comigo!* Naõ se enganava hum, e outro nos receyos, porque aceitar hum Bispado, naõ he menos que fazer voto de ser perfeito; e em huma vida taõ miseravel, que até os fortalecidos tropeçaõ no dia sete vezes, que entenderáõ os que se tem em conta de peccadores?

Oportet Episcopum irreprehensibilem esse 1. ad Timot. 3.2.

Assim medroso, triste, e pezado, chegou o Bispo aos pés delRey, que vendo diante de si aquelle espirito amortalhado, aquelle aspecto inteiro, e resoluto, aquelle breve espectaculo da pobreza, e da observancia, se suspendeo, tanto de assustado, como de compungido. Assim se detinha, quando rompeo Frey Francisco o silencio com semelhantes palavras: *Senhor, V. Magestade assim zomba de hum pobre Frade! Eu Bispo Senhor! Eu miseravel! Eu, que entre as paredes da minha cella naõ me entendo com o governo da minha consciencia, atreverme ao de tantas! Senhor, V. Magestade está zombando, ou me quer Deos castigar com o terem mal informado?* Frey

Fran-

Francisco, Senhor, he hum miseravel Fradinho, que dessa grande Babylonia, para que Vossa Magestade o quer degradar, veyo fugindo por singular mimo do Ceo, para o Sagrado da Recoleta Bemficana; e já no porto, como tornará á tormenta? Os meus annos antes me podem passar ao esquife, que ao navio. Os meus achaques antes se hospedaráõ em huma enfermaria, que em hum Bispado. Vossa Magestade busque a quem dar este, que eu, ainda que fiel vassallo, como inutil, mais sirvo a Vossa Magestade em Bemfica para Mercieiro, que na China para Bispo.

Já as lagrimas lhe embaraçavaõ a pronuncia; lançouse a beijar os pés delRey, que o levantou nos braços, admirado igualmente da santa liberdade, e do resoluto desinteresse. Assim o despedio consolado, segurandolhe, que olharia para o seu descanço, mas com a pena de se lhe frustrar a escolha em hum homem, em que agora descobria mayores razoens para ella. Mas as lagrimas, os annos, e os achaques com hum Monarcha pio saõ grandes valedores; vio-se Frey Francisco restituido ao seu antigo socego, dando graças ao Senhor, de se ver triunfante daquelle assalto, a que o Mundo chama triunfo.

Mas eraõ já crescidos os annos, achavaõ menos resistencia os achaques. Commetteo-o hum pleuriz, entrando com hum accidente, que o deixou prostrado. Acodiraõ os Religiosos, e vendo, que recorriaõ a remedios humanos, pedia com instancia, que lhe naõ chamassem Medicos, que os do espirito queria consultar primeiro. Crescia o achaque, que dispunha o Ceo, que fosse o ultimo; houve de sogeitarse ao que lhe ordenava o Prelado. Veyo o Medico, conheceo que era pleuriz, e mortal. Ouvio a noticia desassombrado, recebeo os Sacramentos compungido, e abraçando muitas vezes a Imagem de hum Crucifixo, que banhava com repetidas lagrimas, passou a colher o fruto dellas na eterna seara da Bemaventurança. Tem sua sepultura na Via sacra, que vay para a Sacristia. Por sua morte se lhe descobriraõ melhor as confirmaçoens de penitente, achando, que sua cama foraõ dous feixes de vides, dissimulados em huma manta, que tambem cobria o travesseiro, que era hum tronco nodoso. Acharaõ-selhe varios instrumentos de ferro, para cingir, e castigar todas as partes do corpo; e taõ livres de ferrugem, que naõ eraõ necessarios mais indicios, para se saber, que naõ estiveraõ ociosos.

Fechemos este Capitulo com huma memoria, que a outro filho seu deve esta Casa, pelo que a acreditou com sua pessoa. Foy este o Padre Frey Martinho da Fonseca, Pregador delRey Dom Joaõ o IV., que sabia conhecer, e estimar seu talento. Era Frey Martinho discreto, facundo, noticioso, e no Pulpito hum dos Oraculos do seu tempo, excedendo a todos no estylo, promptidaõ, graça, e viveza no dizer. Sua vida era concertada, e taõ ajustadas as contas della, que todas as noites se confessava. Mostrou o successo, que lhe aconselhara o Ceo a cautela, porque huma noite, chamando-o para humas Mati-

Matinas do Rosario, o acharaõ sem vida. Grandes segredos da Providencia!

CAPITULO XXVII.

Dos Mestres Frey Manoel Pereira, e Frey Lourenço de Castro, tirados da Religiaõ para Bispos filhos desta mesma Casa de Bemfica.

O M. Fr. Manoel Pereira Bispo do Rio de Janeiro.

DOus grandes filhos desta Casa vem a coroar os muitos, que temos descuberto nella, e os que ultimamente a confirmaõ de proporcionado berço, para criar os mais venturosos Hercules, que cresceraõ a levantar gloriosamente as duas columnas, em que se vê decifrado o *non plus ultra* da virtude, e da sciencia, ou da sciencia, e da doutrina. Em hum, e outro emprego, no da Cadeira, e no do Pulpito, no da Theologia, e no da prédica, se fez grande lugar o Mestre Frey Manoel, filho de Lisboa, e de pays honestos Rafael Palladi, e Margarida de Meira. Sahindo dos estudos, e depois das Cadeiras sabio, profundo, agudo, e destro. No Pulpito Escriturario sentencioso, elegante, e convincente, sendo nelle iguaes a fermosura no propor, e a energia no convencer, qualidades em huma, e outra faculdade, que o capacitaraõ para os lugares de muitos talentos, porque o seu talento bastava a encher muitos lugares. Assim o viraõ Provincial da Terra Santa em Roma, Prior Provincial nesta Provincia, Inquisidor da Mesa Grande, Bispo do Rio de Janeiro, Secretario de Estado, e Prégador delRey D. Pedro II.

Passou a Roma, de donde veyo feito Provincial desta Provincia, deixando suas virtudes immortaes memorias naquella Curia, que soube avaliar as capacidades de hum homem, em qualquer dellas grandes. Naõ lhe valeo pouco, voltando a este Reyno, o virem apadrinhadas de voto estrangeiro, que os de casa quasi sempre os desencaminha, ou interesse particular, ou enveja commua. Vio-se o que valeo a recomendaçaõ, porque escutada dos Ministros desta Coroa, e delRey Dom Pedro, que tinha mais anticipada, e individual noticia, sahio eleito Bispo do Rio de Janeiro, (á instancia do mesmo Rey por Innocencio XI. anno de 1676.) e Secretario de Estado, lugar, que encheo o seu merecimento, e cargo proporcionado a seu genio, destro, e disciplinado na Curia Romana, exercitado no expediente de muitas, e graves importancias, ficando em ausencia do Reverendissimo por Vigario Geral de toda a Ordem Dominicana, sendo esta, e outras occupaçoens as que o habilitaraõ para as assistencias desta Monarchia, pagando no serviço della á Patria em desvelos, o que o tinha adiantado em cargos. Applicou a este todas as forças de sua capacidade, servindo ao seu Rey com zelo de Portuguez, satisfazendo ao Povo com animo de Religioso, e accommodando-se com os Ministros com as qualidades, que pedia o cargo.

Comprehensivo, advertido, prompto, e dotado de huma desafogada, e segura memoria, foy visto muitas vezes nas propostas, que occorriaõ no conselho

lho de mais ardua, e ponderavel circunstancia, escutar a cada Ministro o seu voto, e antes de descobrir o proprio, referir o de todos, sem lhe faltar a minima circunstancia, ou palavra. Mas hiaõ carregando os annos, cresciaõ os achaques, favorecidos dos desvelos, e applicaçoens de pezo, abriraõ-lhe facilmente a sepultura. Já a tinha lavrado com religiosa advertencia em huma Capellinha, que levantara ao nosso Thaumaturgo Portuguez S. Gonçalo, a que o levava hum ternissimo, e piedoso affecto. Com este alcançou da Tiara, que entaõ regia a Igreja, o indulto, para que se estendesse a sua festa, e reza a toda a Ordem Dominicana. Imprimio estampas com a Imagem do Santo, que repartia com gosto, e zelo de accender no coraçaõ dos Portuguezes o amor, e devoçaõ de hum nacional taõ poderoso, e agradecido, como cada dia experimentaõ os necessitados, e devotos.

Em Bemfica celebrava o dia do Santo com igual pompa, que dispendio, acompanhando com lagrimas aquelles obsequios, que lhe costuma tributar devota a alegria, e a singeleza. Finalmente morreo com elle na boca, e nos braços, e veyo buscar ao pé do seu Altar (na Capella, que lhe lavrava nesta Casa) a protecçaõ, que lhe pedira em vida. Notouse, (e o affirmaõ hoje Religiosos, que estiveraõ presentes ao officio da sepultura) que assistira a ministrar nelle hum mancebo de gentil presença, gravidade, e modestia, com que a todos levou os olhos, perdendo-o estes repentinamente de vista ao recolherse o caixaõ no jazigo. Cresceo o reparo com o desengano de o naõ conhecer nem a familia do defunto. Mas para que fique mais conhecida, e espalhada a grande devoçaõ deste Prelado ao Santo, e o beneficio, que fez á Igreja deste Convento, dando-lhe mais hum Santuario, sem lhe alterar a proporçaõ, ou lhe tomar o campo, descreveremos aqui brevemente a fabrica da Capellinha, e será esta pequena digressaõ á conta do agradecimento desta Casa, que neste filho experimentou, e reconheceo hum dos seus mayores bemfeitores, naõ havendo nella lugar, em que naõ lembrem suas liberalidades.

Abre-se a porta da Capella em hum vaõ, que no Cruzeiro da Igreja, para a parte da Epistola, fica entre a porta da Sacristia do Rosario, e a que dá passagem ás Capellas daquella banda. Assim fica só a porta occupando a parede, em correspondencia da que se abre para o Claustro da outra parte, alargando-se a Capella para a do Adro em pequeno circuito. Levanta-se, e cresce a obra em fórma oitavada, continuada com varios, e finos jaspes, que abrem oito nichos a oito Imagens de alabastro, (de estatura proporcionada a toda a obra) avultadas com tanta propriedade, e viveza, como se esquecera ao artifice, que eraõ de pedra. Saõ todas daquelles Santos, que a sua devoçaõ conheceo mais propicios. De huma parte a Senhora do Rosario, superior a outro nicho, em que se vê Nosso Padre S. Domingos; da outra occupa o nicho superior o Patriarcha S. Joseph, o inferior o Dou-

tor Anjo Santo Thomaz de Aquino. Correspondem a estes da parte fronteira; em que fica a porta da Capella, (tendo-a no meyo) outros quatro nichos; nos superiores de huma parte Santa Theresa, de outra Santa Apollonia; embaixo com a mesma correspondencia os illustres Patriarchas S. Bento, e S. Joaõ de Deos.

Coroa esta obra, seguindo a mesma fórma della, huma alteada, e graciosa abobeda, varia em pedras, oitavada em feitio, descançando sobre hum frizo de jaspe branco, que perfila em redondo toda a obra, começando delle a de huma capaz tribuna, que no meyo da Capella se abre sobre o Altar, formando-lhe o arco de fóra hum jaspe trocido, e matizado, que descança sobre duas columnas da mesma materia, e feito. Ve-se no meyo da tribuna, em huma bem lavrada peanha de embutidos de jaspe (de que tambem he a banqueta, e o Altar) o Santo de fino alabastro, de estatura de huma pessoa, e taõ vivo em acçoens, e gosto, que parece, que está ensinando á piedade, que lhe naõ faltaõ ouvidos para receber os votos. Communicase a luz á Capella por huma desafogada janella, que cahe sobre o Adro da Igreja, cerrada com bem lavradas portas, e quando aberta, defendida de sua vidraça. Corresponde-lhe da outra parte com igual moldura, e tamanho hum painel de jaspe branco, em que se lê o rendimento, com que o Bispo consagra a Capella ao Santo, e grava o epithafio do seu sepulchro, e he o seguinte:

D. O. M.

D. Gundisalvo de Amarante Lusitaniæ Thaumaturgo, tutelari suo semper propitio devoti, gratique animi ergo imparem voto ædiculam, suumque ibi conditorium Episcopus Fr. Emmanuel Pereira hujus Bemficani Cœnobii Filius condit, & dicat.
Anno Domini M.D.C.LXXXV.

No pavimento fica o jazigo, descanço daquelle coraçaõ devoto, que beneficiado do Santo em vida, veyo entregar ao seu patrocinio o deposito daquellas cinzas, em lograr aquelle lugar venturosas, e em despertar nelle a nossa devoçaõ agradecidas. Deixou a Capella bem provida de alampada, castiçaes, e mais ornatos de Altar de prata, ornamentos, e cortinados ricos; e ainda intentava deixar hum juro (mas faltou-lhe a vida) para o dispendio da festa, como fizera em Roma, comprando fazenda, e deixando-a ao Vigario do Hospicio, (do nosso Convento da Minerva) que fosse pelo tempo,

po, para que todos os annos se repetisse a festividade do Santo com pompa, e luzimento. Foy finalmente esta Capella a memoria, que este Prelado deixou á sua Casa de Bemfica, naõ sendo necessarios mais despertadores para ella, que os beneficios de que sempre se vio obrigada, renovando-os sempre no retrato deste grande filho, que agora lhe honra as paredes, e lhe alivia as saudades.

Siga-se a este Prelado outro naõ menos amante nas razoens de filho, naõ menos desempenhado nas de bemfeitor. Foy este o Mestre Frey Lourenço de Castro, nobre por nascimento, e illustrissimo por qualidades de letras, e religiaõ; humas, e outras o puzeraõ em muitos, e honrados lugares, na Ordem, passando de huns a outros, por naõ parecer, que cabiaõ em hum só os seus merecimentos. Foy natural de Lisboa; seus pays Pedro de Castro, Senhor de Perada, e Sanguinhedo, Chefe da familia dos Castros de Melgaço, foy Provedor dos Armazens, e Dona Lourença da Costa, da illustre familia dos Homens. Tomou o habito em Bemfica no anno de 1637. cursou as Escolas, e occupou as Cadeiras até o grao de Mestre, sempre reconhecido seu grande talento. O Convento da Batalha o chamou para seu Prior. Bemfica para que o fosse da sua Recoleta, elRey Dom Pedro II. para o Pulpito da sua Capella. Accrescia ás letras, e authorizada presença, com que enchia aquelle lugar, a liberdade Apostolica, com que nelle fallava, sendo muitas vezes taõ aspero, e azedo em cortar pelo illicito, que aconselhando-lhe bem intencionados, que senaõ fosse atraz de todas as verdades, que o podiaõ fazer mal escutado, e em fim perseguido, respondeo: *Eu faço o que devo ao meu officio; nem sey lisongear, nem sey temer.*

O M. Fr. Lourenço de Castro.

Era o seu centro a Recoleta Bemficana. Nos seus exercicios elle o mais exemplar. Era Prior no nome, e no trabalho, na pontualidade subdito, na reforma Noviço, no trato affavel, brando, e attractivo, como se nelle escolhessem, e encontrassem os Religiosos antes pay, que Prelado. Estas partes de reformado, e bemquisto, a opiniaõ de Cadeira, e Pulpito o divulgaraõ benemerito. Estava vaga a Cadeira Episcopal de Angra; o nome de Frey Lourenço foy a melhor consulta. Promoveraõ-no a ella no anno de 1671. naõ pareceo, que lha davaõ, mas que lha restituhiaõ. Experimentou-se melhor o acerto, quando por informes, que vieraõ do Bispado, se entendeo, que tinhaõ mandado antes hum Esmoler, que hum Bispo; porque ainda que estes dous nomes devaõ ser synonymos, he muito antiga a queixa de se acharem diversos. A sua familia apoucada em numero, honesta em trato; o seu Palacio hum concertado Convento, e o Bispo hum taõ verdadeiro Religioso, que nem a Mitra lhe pode tirar o Capello. Foy resoluçaõ, e maxima sua, com que respondeo a quem lhe persuadia, que áquelle lugar era mais decente o Roquete: *Pois eu* (disse) *avalio de outro modo; a haver de despir, antes o Roquete, que o habito.*

Continuo na assistencia da Sé;

Sé; do Coro passava para o Confessionario, do Altar para o Pulpito; verdadeiro Pastor, em todo o lugar o achavaõ as ovelhas, e de todos sahiaõ melhoradas. As esmolas media pelas rendas, porque tirada pouca porçaõ para o percisõ de sua Casa, todas as rendas eraõ para esmolas. Chegavaõ estas da Ilha até a Corte de Lisboa. Experimentava-o a pobre Recoleta de Bemfica, e a observantissima Casa do Sacramento, a que todos os annos acodia com maõ larga, estendendo-se tambem esta a pessoas de que a sua compaixaõ tinha noticia, sem que a distancia lhe difficultasse a providencia; que a caridade, se he lince quando applica os olhos, tambem he Gigante quando estende os braços.

Chamado da Ilha para esta Corte, o passaraõ á Mitra de Miranda, no anno de 1681. Achava-se já pezado com achaques, e annos, houve de sacrificarse ao trabalho, porque o ter que dispender com os pobres, lho desfigurou em lucro. Este unico intuito o fez pôr a caminho. Naõ saõ conjecturas minhas; escrevo o que ouvi protestar ao mesmo Prelado, e o que depois mostrou o effeito. Em quanto se deteve na Corte, e naõ passava ao Bispado, viveo com sogeiçaõ de Frade. Buscava o Convento; e os Prelados delle, prostrando-se em sua presença, ceremonias dos que vem de fóra. A petiçaõ sua se lhe lançava como aos mais Religiosos Sermaõ na taboa; sobia ao Pulpito quando se seguia. Posto em Miranda, era o seu mayor desvelo o que lá o levara, o soccorro da pobreza. Naõ havia para ella porta fechada em sua casa. Achava-se huma vez na em que commummente assistia, (a tempo em que a mais familia sahido á Cidade) chegou até ella hum pobre pedindo mais com a desnudez, que com a voz. Compadeceose o bom Prelado, que áquella horâ se achava naõ menos pobre, ainda que naõ taõ despido. Chamou para que soccorressem o necessitado; naõ acodia ninguem, nem na pobre casa se achava peça, de que lançasse maõ a sua ancia. Naõ permittia esperas a em que estava, como o que escutara ao Apostolo, que a caridade para obrar bem, naõ he sofrida, insta, e naõ espera. Retira-se a outra casa impaciente, despe-os interiores, vem ao pobre, entregalhos, para que se vista, e agasalhe, e vem a ficar no interior como alli chegara o pobre. Até aqui o amor da pobreza! Partilhas no vestido fello aquelle Principe perfeito, que amava ao vassallo como a sua alma. Fello aquelle Prelado, que cobrio a seu Senhor com meya capa sua.

Charitas Christi urget nos 2, ad Corinth. 5.

Diligebat quasi animam suam, nam expoliavi se tunica. 1. Regum 18.

Mas parece, que naõ quiz o Ceo dilatar o premio a semelhantes lances de caridade, porque naõ fosse esta mais apressada em merecer, que elle em premiar. Era promptissima, e quasi quotidiana a assistencia do bom Prelado na sua Igreja. Chegou o dia do seu, e nosso Patriarcha, e naõ bastou o achallo indisposto, para lhe embaraçar o ser o mesmo que celebrou a Missa, e fez o Sermaõ, acompanhada huma cousa, e outra de tantas lagrimas, que sendo affecto a seu grande Pay, pareceo

Martinus hac me veste contexit.

ceo depois despedida de suas ovelhas. O calor grande de hum dia de Agosto, naquelle terreno ainda mais rigoroso, a applicaçaõ de hum Pontifical, e hum Sermaõ, tudo penoso, e dilatado, o ser o Bispo achaquado, e grosso, lhe fomentaraõ hum grande febraõ, com que o levaraõ para casa, e que logo lhe desenganou as esperanças da vida. Assim a acabou com conformidade Catholica, e demonstraçoens de contriçaõ verdadeira. Sepultou-se na sua Sé, seguido das lagrimas dos pobres, e das saudades dos subditos. Alguns annos depois de sepultado, dizem se achara inteiro o corpo; naõ foy facil de averiguar esta noticia, (naõ faltando dispendios de diligencia) mas favoreceo-a a grande veneraçaõ, e respeito, e naõ menos cautela, com que o guardaõ os seus Conegos; porque propondo-selhes, que se deviaõ trasladar seus ossos para Bemfica, donde em vida mandara lavrar Capella, e sepultura, responderaõ, que tal naõ consentiriaõ, por ser notoria injuria para elles permittirem, que ficasse despojada aquella terra, e aquella Igreja de hum tal thesouro, e de hum tal Prelado.

Mas já que ou a resistencia daquelle Cabido, ou a frouxidaõ de quem ficou com a obrigaçaõ de restituir aquellas cinzas á sua propria urna, nos deixa com as saudades envejosas da que as guarda com menos justiça, naõ nos pouparemos nós á diligencia de apontar qual seja sua sepultura, fazendo mais publica a divida, que naõ póde perdoar a Casa Bemficana. No Cruzeiro da sua Igreja, para a parte da Epistola, se abre a porta de huma Capellinha, fazendo lado ao arco da Capella môr, com que lhe fica á maõ direita em correspondencia proporcionada a porta, que sahe da Sacristia para a Igreja, e fazendo igual frontaria á porta, e Capellinha de S. Gonçalo, jazigo do Bispo Dom Frey Manoel Pereira, como temos escrito.

He a Capellinha mais alta, que espaçosa, cubertas as paredes de bom, e miudo azulejo até o frizo, em que descança o tecto, vestido de hum brutesco azul, naõ permittindo mais enfeite, ou variedade a representaçaõ dolorosa, que offerece á vista hum quadro de boa maõ, que tomando toda a parede da frontaria da Capella, exprime as dores da Virgem Mãy, vendo recolhêr na sepultura a seu Filho, e nosso Redemptor pela piedosa diligencia de Joseph, e Nicodemus, assistida nos seus desmayos das lagrimas da Magdalena, e soluços do Evangelista mimoso. Descança o quadro sobre o Altar, que se levanta em fórma de Mausoléo, abrindo na parte inferior hum grande vaõ em toda a frontaria, que ornada de grandes de pedra fingida, recolhe huma devota Imagem do Senhor morto, de estatura de hum homem. Aqui se costuma guardar o Senhor em sesta feira mayor, e he o lugar taõ proporcionado para aquella acçaõ piedosa, que ninguem o entra a visitar, (ainda fóra dos dias della) que se naõ sinta entrado de huma devoçaõ maviosa, e compassiva. No pavimento dispoz o bom Prelado ainda em vida a sua sepultura, adver-

advertindo, que naõ eſcolhia outra, (exprimindo, e repreſentando no lugar da ſua a de noſſo Redemptor) como ſe o aconſelhara o Ceo, e o levara venturoſamente o eſpirito a acompanhallo no ſepulchro, para ſeguillo na Reſurreiçaõ, eſcutando, e eſperando o comprimento da promeſſa, que aos Coloſſenſes fazia Paulo: *Mortui eſtis, & vita veſtra eſt abſcondita cum Chriſto. Cum Chriſtus apparuit vita veſtra, tunc & vos apparuerit vita veſtra, tunc & vos apparebitis cum ipſo in gloria.* Como ſe diſſera: Se ao morrer eſcondeis, e ſepultais a voſſa vida com Chriſto, ſabey, que o acompanhareis nos triunfos de glorioſo.

Ad Coloſſen. 3. 3.

CAPITULO XXVIII.

Dos Padres Frey Niculao do Roſario, Frey Joaõ Barreto, Frey Jacintho do Eſpirito Santo, filhos deſte Convento; e de dous Irmãos o Padre Frey Luiz da Cruz, e o Irmaõ Frey Joaõ de Portugal.

PAra coroar as noticias deſta Caſa, reſervamos eſtes Religioſos, e em particular Capitulo, porque achamos a ſua filiaçaõ duvidoſa, ainda que elles os mais antigos entre os filhos della. Foy reparo de quem naõ quer roubar aos Conventos á gloria, que ſe lhe ſegue de ſemelhantes filhos; e proteſto de que naõ encontramos neſta materia os ſeguros da verdade, ſe depois de tantos annos, e tantas diligencias houver quem a ache, ou a deſenterre. Por agora valemonos de hum apontamento antigo, e (por tradiçaõ) de ſogeito a que ſe deve credito, que conta eſtes Religioſos entre os filhos deſta venturoſa Recoleta. Seja hum delles o Padre Frey Niculao, Inglez de naçaõ, naſcido em Londres, criado aos peitos da hereſia. Perdeo ſeu pay, ficando de pouca idade, e com muita fazenda, dous caminhos largos para a perdiçaõ de quem por herança ſe acha com poſſes, e naõ eſcuta verdades.

O P. Fr. Niculao do Roſario.

Chamou-o logo o commercio, e trato, em que ſe criara ſeu pay, naõ ſendo entre os de ſua naçaõ emprego eſtranho da nobreza a commerciaria; reſolveoſe a paſſar a eſte Reyno, porque ſobre ſegurar nelle a mais groſſa, tinha eſcutado a experiencia de naõ haver peregrino, a que ſe naõ troque em Patria, ſahindo talvez ſeus filhos fogindo á ſua ingratidaõ para as eſtranhas, a que achaõ ſempre com eſſe nome. Facilitoulhe a jornada outra importancia, porque lhe chegara a noticia, que hum parente ſeu, que havia annos ſe detinha em Lisboa, ſe recolhera ao gremio da Igreja Catholica, e eſporeava-o a ancia de vir culparlhe a reſoluçaõ, ou a eſperança de o ver arrependido della. Embarcouſe, chegou á Cidade do Porto, adonde entre os homens de mais groſſo commercio ſe encontrou acaſo com hum Inglez, por nome Joaõ Coſtel, bom, e fiel Catholico, que na Cidade de Lisboa tinha caſa, e familia, detendo-o entaõ naquella certa importancia.

Vinha Frey Niculao como moço, e de groſſos cabedaes, bem tratado, e luzido, era dotado de galharda preſença, circunſtan-

cunſtancias, que obrigaraõ a Joaõ Coſtel a chegarſe a elle, (tocado de interior laſtima de preſumir quem ſeria) e travando pratica, como diſſimulaçaõ, e induſtria ſaber, como logo ſoube, o meſmo que receava. Deixou travada communicaçaõ com o galhardo Inglez, e repetindo viſitas, e praticas, tocava talvez algumas de religiaõ, em que achava ao moço taõ eſquivo, e inteiro, que bem entendia, que naõ guardava o Ceo o reduzir aquelle coraçaõ para bataria taõ frouxa, como a ſua. Carteava-ſe daquella Cidade do Porto, em que o detinhaõ negocios, com hum Religioſo Dominico, tambem Inglez (que aſſiſtia em Convento de Bemfica) chamado Frey Nicolao da Cruz, peſſoa de virtude, e letras, déſtro nas controverſias com rebeldes á Igreja, como o que nellas triunfava cada dia para gloria ſua. Eſcreveo a eſte Joaõ Coſtel, dando-lhe noticia da empreza, que o Ceo lhe metera nas mãos, confeſſando a debilidade dellas, para eſgrimir as armas de ſemelhantes campanhas. Pedio-lhe, eſcreveſſe ao mancebo Inglez, e o reduziſſe a paſſar a Lisboa, emporio do commercio, e viſtoſo theatro de todas as naçoens, adonde aviſtando-ſe ambos, eſperava huma reſulta de goſto para todos.

Naõ tardou Frey Niculao da Cruz em eſcrever, ſabendo aſſim veſtir o que propunha; e pertendia, que a voltas de comprimentos, e offertas, tocou alguns pontos em materia de Religiaõ, por eſtylo, que naõ ſó naõ deſaboriou ao mancebo, mas antes o fez entrar de hum reparo de ſe ſeria ſeguro o caminho, em que o ſeu naſcimento o tinha poſto. Seguioſe á conſideraçaõ o receyo, a eſtes huma ancia de apurar a duvida. Naõ lhe dava eſta deſcanço; eſcreve a Frey Niculao, que paſſava á Corte a buſcallo, e pozſe a caminho. Já parece, que o Ceo começava a illuſtrallo para buſcar o verdadeiro, diſſimulando-lhe os aviſos em hum ſonho, que deu grandes forças ao primeiro abalo. Sonhou, que via hum Religioſo Dominico, que chegando-ſe a elle com ſemblante alegre, e voz ſuave, lhe dizia: *Naõ tardes, vay, e reſolvete a ſer Frade de minha Ordem.* Eſtava já o moço advertido por cartas de Frey Niculao, do deſvelo, com que o Ceo diſpunha a conquiſta de huma alma, e inteirado daquella ſanta fadiga, com que noſſo Patriarcha procurara a deſtruiçaõ da hereſia, e reducçaõ dos eſcravos della, convenceo-ſe, que o Ceo o illuſtrava, e Domingos o reduzia.

Mal aportou em Lisboa, buſca a Frey Niculao, dalhe noticia da celeſte bataria, a que já hia fraqueando ſua cegueira; finalmente a poucas praticas entra nas de verdadeiro Catholico, com tanto conhecimento, que olhando para o paſſado ſonho, como importante aviſo, entendeo, que naõ ſó lhe convinha fugir os antigos erros, mas adiantar-ſe a empregos ſeguros, recolhendo-ſe aos Sagrados Clauſtros Dominicanos. Pede o habito com humildade; recebe-o com lagrimas, corre o anno de approvaçaõ com conſtancia, e profeſſa com demonſtraçoens de ſobrenatural alegria na Caſa de Bemfica, e tomando

o

o nome do que o trouxera a ella, e sobrenome da Senhora, que escolhera por Advogada, se chamou Frey Niculao do Rosario. Entra nos estudos; naõ havia para elle mais que ou Coro, ou Aula, ou cella. Humilde andava aos pés de todos. Pobre, naõ só tudo seu era dos necessitados, mas elle todo, porque ainda pedia para lhe dar, depois de lhe ter dado o que tinha. Penitente, era huma viva estampa das Constituiçoens observadas á risca.

Depois da Theologia, se adestrou nas controversias, com que buscou, e disputou com os Hereges, dando-lhe o Ceo tanta efficacia, que nunca se vio baldada bataria sua; assim igualmente o temiaõ os contumazes, e o seguiaõ os penitentes. Mas ferialhe o coraçaõ o ver, que conseguia em tantos, o que naõ podia nos seus, porque sua mãy, e parentes viviaõ ainda nos braços da cegueira. Tentou a primeira diligencia com cartas, escreveolhe muitas, taõ doutas, e doutrinaes, taõ pias, e taõ convincentes, que a naõ deixar perdellas culpavel omissaõ, seria aqui bom argumento de frutos do seu estudo, e das ancias do seu zelo. Houve de ceder á violencia delle, por mais que riscos, e embaraços lhe cobriaõ o caminho, em que muitas vezes o pozeraõ as piedades, e as leys de verdadeiro Religioso, vendo na mãy obstinada certa a ultima miseria, como desperdiçada a sua diligencia; resolveo finalmente á jornada para sua Patria.

Era actualmente Capellaõ, e pay espiritual dos Inglezes, filhos da Igreja, que frequentavaõ a Corte de Lisboa, (ventura, que estes pertenderaõ, e alcançaraõ dos Prelados da Provincia) e com grande credito della, e da Religiaõ Catholica, pelos muitos filhos, que continuamente trazia a ella, sendo a principal diligencia o exemplar de sua vida. Com elles communicou a importancia de passar a Londres, mas anticipouse huma febre aguda a embaraçarlhe a jornada, desenganando-o de que estava em vesperas de fazer a ultima. Pedio, e recebeo o Viatico, disposto para ella com o mesmo alvoroço, que para a primeira. Arrebataraõ-no logo delirios freneticos, e rompendo na força della em desentoadas vozes, dizia: *Vamos prégar a Inglaterra? Vamos morrer pella Fé de Christo?* Passados dous dias, e restituido a perfeito juizo, pedio aos que lhe assistiaõ perdaõ do que os escandalizara com a sua loucura; e deixando á todos edificados, e saudosos, passou ao premio de suas resoluçoens, e bons desejos, por Julho de 1622. Foy sentida sua morte dos Inglezes, e mais Povo de que era conhecido, e tratado como de hum homem Santo, em que perdiaõ o seu remedio. Assim pediraõ, e veneraraõ como reliquias cousas de seu uso.

O P. Fr. Joaõ Barreto.

Com a mesma duvida de filho desta Casa, entra o Padre Frey Joaõ Barreto nas memorias della; porque ainda que tomou o habito na de Vianna, passados os estudos, se retirou a Bemfica, adonde ha noticia, que se perfilhara. Naõ podia buscar menos centro a inclinaçaõ de seu espirito, já conhecido por sua grande observancia,

(que

(que nesta Casa o conviou) tambem conservada com todo o rigor, e inteireza. Nella buscou, e achou o Padre Frey Joaõ por Prelado ao Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, a quem amava, e de quem era estimado com aquella harmonia, que em seus espiritos affinava a semelhança. Pontual no Coro, continuo na oraçaõ, aspero nas penitencias, e caritativo com os proximos vivia o Padre Frey Joaõ, como quem só para Deos vivia, sem reconhecer mais na vida, (tal era sua mortificaçaõ) que o que bastava para merecer com ella.

Ainda temeo dar lugar ao descanço, e viver para si alguma hora, e pedio ao Prelado o officio de Enfermeiro, em que naõ descançava nenhuma, costumando dizerse pela incançavel applicaçaõ com que lhe assistia: *Que Frey Joaõ acompanhava os enfermos, ou até a cova com as lagrimas, ou até sarar com as mesinhas.* Offereceo-se importancia grande, para que o Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos passasse á Corte de Madrid; naõ se sabia separar delle o Padre Frey Joaõ, houve de acompanhallo, sendo taes as circunstancias, com que se despedio do Convento, e de sua Patria, como se estivera vendo, que na alhea o esperava a sepultura. Entre as pessoas, que communicavaõ com elle materias de seu espirito, era huma Maria da Assumpçaõ, Terceira de Nosso Patriarcha S. Francisco, pessoa (na opiniaõ de todos) de vida justificada. Estava entaõ o Padre Frey Joaõ em S. Domingos de Lisboa, adonde o buscava. Ao despedirse della, vio a boa Terceira, (foy confissaõ sua) que hum fermoso rayo de luz se punha sobre o peito do Padre, desapparecendo com hum relampago, de que entendeo a Terceira, (como depois tambem testemunhava) que o naõ tornaria a ver nesta mortal vida. Succedeo assim, porque assistindo o Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos em Castella, e em o Convento de Atocha, a que se retirara, acabou o Padre Frey Joaõ santamente, adiantando-selhe o conhecimento de sua morte, e demonstraçoens de viva confiança, de triunfar da eterna. Ignora-se o dia; sabe-se, que foy pelos annos de 1637.

O P. Fr. Jacintho do Espirito Santo.

Naõ saõ de menos estima as memorias do Padre Frey Jacintho do Espirito Santo, nem menor a duvida da Casa, que o mereceo filho; mas vamo-nos encostando ao que achamos apontado. Foy este Padre de vida exemplar, mas sem lhe valerem os seguros de observantissimo, padeceo em toda ella o martyrio de escrupuloso. Viveo muitos annos nesta Casa de Bemfica, viva columna de sua refórma. Naõ lhe dava outro nome quem o conhecia. Com o de Santo espirou em dia de Natal de 1656. Admirando todos, que com a boca chea de rizo o encontrassem os horrores da morte, como se fora em alviçaras de acabar o tromento da vida, ou alvoroços da que o esperava.

Mas coroemos este Capitulo com dous Irmãos, a que a messma duvida deu este lugar, sendo ambos benemeritos de o encher, como sobrinhos dos Condes Vimioso, depois Frey Domingos do Rosario, que imitaraõ

raõ em buscar o mesmo habito, como em abraçar os rigores delle com o mesmo espirito. Foraõ elle o Padre Frey Luiz da Cruz, e o Irmaõ Frey Joaõ de Portugal, ambos irmãos, ambos reformados, e observantes, ambos humildes, e penitentes. Assim o era Frey Joaõ, que levantando-se de noite para tomar disciplinas, exercicio de quasi todas, como era irmaõ de Casa de Noviços, e o podiaõ entender os outros, sahia da cella para o Oratorio descalço, com o receyo de quem hia fazer aquelle grande roubo á saude, e ao descanço. Para as letras tinha grande genio, anticipouse a morte a cortar as esperanças delle, achando-o com tanta conformidade, como quem sabia, que perdia pouco na vida, ainda quando a perdia principiada, quem passava a outra, que naõ acaba nunca.

O Irmaõ Fr. Joaõ de Portagal.

Naõ foy tambem de duraçaõ a de seu irmaõ o Padre Fr. Luiz, porque pouco depois de Sacerdote, faleceo etico. Ajudou muito a este achaque mortal a aspereza com que se tratava, o desfalecimento lhe tirou da maõ a disciplina, como o preceito dos Medicos o rigor da observancia. Já reduzido á cella como a Enfermaria; commungava amiudadamente, e com tanta suavidade de espirito, que dispoz embaraçalla a industria do demonio. Esperava hum dia por este alivio, e pelo Confessor, que tinha chamado, eisque á porta da cella lhe chega hum negrinho, dizendo-lhe: *Que dizia o Padre Confessor, que aquelle dia naõ commungasse, que o faria em outro.* (Era este solemne, e por isso escolhido da ancia do enfermo) com este desengano pedio de comer ao Enfermeiro. Mas chegando o Confessor, e testemunhando, que naõ mandara tal recado, (antes vinha ao que lhe tinha pedido) assentaraõ ambos, que fora estartagema do demonio. Faleceo deste achaque com grande conformidade, e paz de espirito. Ao abrirse hum alicerce junto de sua sepultura, se sentio suavissimo cheiro. Testemunhou-o Religioso digno de credito; naõ se devia este menos a deposito de tal corpo.

O P. Fr. Luiz da Cruz.

O ultimo filho desta Casa, (nestes ultimos dias, que escrevemos) benemerito da memoria della, e de nos occupar esta escritura, he Dom Frey Joseph de Jesus Maria, (que ao presente vive) Bispo de Patara, filho de pays honestos. Joseph da Fonseca, e Joanna de Oliveira, tomou o habito na Recoleta deste Convento, em que professou a 10. de Novembro de 1683. Entrou nas Escolas, em que mostrou talento, como sendo Collegial no Collegio de Santo Thomaz da Universidade de Coimbra, passando della á de S. Domingos de Lisboa, em que leu Artes, e Theologia; tomou o grao de Presentado, e foy Prior do Convento, cargo, que exercitava quando foy nomeado Bispo Titular de Patara, e Coadjutor do Arcebispo de Evora Dom Simaõ da Gama, pelo Pontifice Clemente XI. em 5. de Mayo de 1714. Sagrouse em S. Domingos de Lisboa, pelo mesmo Arcebispo Dom Simaõ, assistindo os Bispos Dom Frey Joseph de Oliveira, Bispo de Angola, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho,

nho, e Dom Manoel da Sylva Francez, Bispo de Tagaste. Em Evora he (quando isto escrevemos) o Bispo Dom Joseph Duputado do Santo Officio, e juntamente Provisor do mesmo Arcebispado, e Presidente da Relaçaõ Ecclesiastica della.

CAPITULO XXIX.

Addiçaõ ao Convento de Nossa Senhora da Misericordia da Villa de Aveiro.

CORriaõ os annos de 1323. quando teve principio a Casa dos Religiosos de S. Domingos de Aveiro, sendo a primeira pedra; sobre que começou a sobir aquelle Santo edificio, hum dos mayores prodigios, com que o Ceo honrou fabricas consagradas a seu culto, sendo a venturosa Villa de Aveiro a que depois de Roma mereceo semelhante favor, igual no successo, cuido, que nas circunstancias, aventajado. Averiguaçaõ he mais panegyrica, que historica; os curiosos podem buscar o successo na segunda parte da Chronica, adonde tem campo aberto para admirar a maravilha, como para ventilar a duvida.

Fr. Luiz de Souza Chronista de S. Domingos. 2. p. l. 3. c. 3.

A fabrica do Convento, e Igreja assim era tosca, e apoucada, como de homens pobres, que mais olhavaõ para o que edificavaõ o Povo no espiritual edificio, que no avultado das paredes, e ainda do Templo; assim se accommodaraõ muitos annos, mais contentes com a veneraçaõ do sitio destinado pelo Ceo, que com o cuidado nos artificios, com que os podia melhorar a terra, pensamento sem duvida, com que resolveo o Chronista, que lhe melhorava a descripçaõ da fabrica na narraçaõ da maravilha. Assim passou em silencio as mais circunstancias da Casa, que augmentando-se (especialmente a Igreja) a industrias, e despezas dos Religiosos della, naõ será justo, que a nossa omissaõ deixe queixoso o seu desvelo.

Grande, e desembaraçada casa (antes grande salaõ) era a Igreja, quando eleito Prior do Convento o Padre Frey Manoel de Magalhaens, (que chegara da India, tendo sido muitas vezes Prelado na Congregaçaõ) quiz dar a conhecer a esta Provincia, que as grangearias com que se recolhera daquellas partes, (sempre entre os nossos Frades mayores na fama, que na experiencia) naõ se souberaõ desencaminhar por suas mãos, passando do Oriente a ser tributo na Casa de Deos. A esta se applicaraõ as suas posses, e cuidados, de sorte, que seguindo-se outros Priores, como o Mestre Frey Jorge de Castro, o Presentado Frey Silvestre Pacheco, o Presentado Frey Pedro Monteiro, e o Padre Frey Joaõ da Appresentaçaõ, ficou perfeita a obra, sem se perdoar a trabalho, nem a dispendio.

Ve-se na Capella môr, que alterosa, e desafogada fica (como he vulgar nas nossas Igrejas) á face do Coro, hum retabolo, a que os da architectura chamaõ composito; começa a crescer em quatro columnas, que dando nos meyos lugar a dous grandes nichos, deixaõ o vaõ principal para o Sacrario, que da mesma obra sobe com ellas até o remate de hum frizo, so-

bre que descançaõ as bases de outras quatro columnas com igual correspondencia de nichos. No meyo se abre a tribuna desafogada, e magestosa, o vaõ espaçoso, o throno proporcionado, hum, e outro de entalhado moderno. Cobre-a os dias, que naõ saõ de festividade, hum quadro, em que se vê a Senhora da Misericordia como Orago da Casa, assim fecha com o retabolo em feitio arquiado, frizando com a abobada.

Nos nichos inferiores se recolhem em avultada estatura as Imagens de Nossos Patriarchas S. Francisco, e S. Domingos. Nos de cima as de Santo Thomaz, e S. Pedro Martyr. Corre a abobada da Capella vistosa com hum graciosa brutesco, que faz sahir toda a obra do Coro, que por cima das cadeiras delle continua em retabolo encostado, (obra de talha bem dourada) repartido em molduras de quadros, em que se vem os Santos da Ordem com aquella valentia, e propriedade com que o pincel Romano se costuma dar a conhecer por todo o Mundo.

Naõ se vê menos fermoso o corpo da Igreja, donde antigamente se naõ viaõ mais que quatro Capellas, (antes Altares) ficando dous á face, que no lugar dos presbiterios acompanhavaõ o arco da Capella môr. Aqui se levantaraõ os presbiterios de pao preto bronzeado, obra de que tambem he o Pulpito. No corpo da Igreja tomaõ todo o comprimento das paredes as seis Capellas, continuando de huma, e outra parte os arcos dellas com as das ultimas, que desembaraçando o vaõ em lugar de Cruzeiro, encostaõ os dous retabolos, acompanhando o arco da Capella môr. Assim ficaõ fazendo face a toda a Igreja, e descobrindo-se de qualquer parte della. Saõ ambas (huma do Rosario, outra do Santo Christo, buscado como milagroso, de notavel concurso) as mais perfeitas, e aventajadas. Tem huma das outras o nome, e a Imagem da que estava no Adro de Nossa Senhora da Esperança, que alli se recolheo para mayor decencia.

Assim fica toda a Igreja ayrosa, e bem assombrada, dandolhe alma a luz, que se lhe ganhou em porta, e vidraças, derribando a antiga alpendrada, que assombrava o Adro, para cobrir o Pulpito, de que algum tempo se praticava ao Povo, passando já neste a ser valhacouto de ociosos, o que entaõ era commodo para os doutrinados.

Naõ deixaremos em silencio outra obra, que sobre ser honroso desempenho da Casa, ficou tambem servindo de adorno á Igreja, na parte, que corresponde á porta das graças, (que fica na Capella do Rosario) e vem a ficar na do Santo Christo. No vaõ, que faz para correspondencia da outra porta, se levantou, e lavrou de boa pedra, sobre quatro Leoens (hum honrado Mausoleo) huma polida, e bem lavrada caixa, em que se recolheraõ os ossos de Joaõ de Albuquerque. Estiveraõ em pequeno tumulo no meyo da Capella, depois servindo-lhe de arrimo a parede, finalmente passados a este nobre deposito, como cinzas de hum grande bemfeitor do Convento.

CA-

CAPITULO XXX.

Do Padre Presentado Frey Mattheus Toscano, e dos Padres Frey Manoel da Encarnaçaõ, Frey Jacintho dos Anjos, Frey Luiz da Annunciaçaõ, e do Doutor Mestre Frey Domingos Freire, filhos do Convento de Aveiro.

GRande fortuna desta Casa o acharse com hum filho, que governando-a Prelado, a ennobreceo observante! Foy este o Padre Presentado Frey Mattheus Toscano, que depois de Prior de Amarante, o veyo ser a esta Casa, de que era filho, acabando nella antes a vida, que o governo. Tal era aquella, que o chamaraõ para elle em tempo, em que a observancia desta Casa escolhia pela Provincia talentos em que se lograsse o seu augmento, ou se naõ arriscasse a sua conservaçaõ. De hum, e outro desempenho dava grandes esperanças a noticia, que se espalhava da capacidade do Padre Frey Mattheus, como exacto professor das leys da Religiaõ. A lãa junto á carne, dissimulando os cilicios com que a cobria; os jejuns rigorosos, as disciplinas asperas, e continuas, como muitas vezes testemunharaõ as paredes da cella; o pavimento da Igreja, donde naõ sabiaõ callar as vozes do sangue, nem a cautela, nem a aspereza. Este modo de vida, já antigo nelle, agora mais pezado, com a occupaçaõ do governo de huma Casa, em que os exercicios da observancia naõ deixavaõ mais tempo, que o que se podia furtar ao sono, e ao descanço, lhe apressaraõ a morte, que esperou sem susto, pedindo, e recebendo os Sacramentos com socego, e consolaçaõ de espirito, e com tanta advertencia na obrigaçaõ de Prelado, que nem alli o pode dispensar o seu escrupulo, deixando para todos hum novo exemplo. E foy o caso.

O P. Presentado Fr. Mattheus Toscano.

Poucos dias antes de cahir na cama, tinha castigado a hum subdito, que o merecera. Recebidos os Sacramentos, e pedindo perdaõ a todos os Religiosos, reparou, que faltava o castigado, que depois da doença lhe naõ tinha entrado na cella, como nem naquella hora, em que toda a Communidade lhe assistia, e elle a chamara para pedir perdaõ a toda. Mandou, que lhe chamassem o Religioso, e mandando-o em sua presença prostrar por terra, lhe fez hum capitulo (chama-se assim a reprehençaõ, que daõ os Prelados) afeando-lhe a contumacia, e falta de caridade com os enfermos, mais aggravante com os Prelados, que castigando como pays, naõ devem ser odiosos como tyrannos, pois evitaõ no ligeiro castigo, que daõ ao subdito, o mais pezado a que ficariaõ sogeitos em tribunal mais rigoroso; e mandando-o chegar á cama, e dando-lhe huma disciplina, accrescentou: *Naõ quero, Padres, meter na conta, que vou dar a Deos, a falta de castigo neste filho inconsiderado, nem me dispensa a hora em que estou, porque em quanto me dura a vida, me dura a obrigaçaõ; e entendaõ Vossas Reverencias pela hora em que a satisfaço, ás estreitas contas, que devem dar a Deos os Prelados.*

Notavel inteireza de animo, e

e palavras benemeritas de hum Prelado verdadeiro, para confusaõ! Pedio a Imagem de hum Christo crucificado, e fazendo huma protestaçaõ da Fé, entre ancias de contriçaõ verdadeira lhe entregou a alma. Seguiraõ-se sinaes, que favoreceraõ esta piedosa conjectura; porque pezando-se a cera, que ardeo no Officio, e enterro, assim no Convento, como no Mosteiro das Religiosas, se achou naõ só que naõ diminuira, mas que ainda crescera. Foy experiencia de que testemunhou a Communidade toda.

Donde eraõ taõ justificados os Prelados naõ podiaõ faltar subditos, que sobessem ser discipulos, sendo conhecida a energia, com que convence o exemplo nos Prelados. Assim o tomou delles o Padre Frey Manoel da Encarnaçaõ, que em breve tempo os pode dar a muitos. Conheceo-o bem a Provincia, que o escolheo naquella Casa para Mestre de Noviços, officio, que occupou muitos annos com conhecido lucro dos que nelles, e nella vieraõ buscar a Religiaõ, com a ventura de escutarem sua doutrina. O recolhimento, a oraçaõ, e a disciplina eraõ a difficultosa estrada, que continuamente trilhava o seu zelo; e sendo taõ rigoroso comsigo, como no cargo, era igual nelle, como nos discipulos, o aproveitamento.

O P. Fr. Manoel da Encarnaçaõ.

Mas naõ o deixava descançar huma continua ancia de acodir a tudo; e enfraquecido da desvelada occupaçaõ de Mestre, asperezas de penitente, e largos annos de idade, perdeo a vista totalmente, trabalho, que o dispensou do de Casa de Noviços, e o recolheo na sua cella; mas pedindo a hum Religioso amigo seu, que na Casa servia de Organista, que lhe ensinasse aquelle instrumento, para que tinha, ou tivera algum genio, foy tal a sua applicaçaõ, que em breves dias pedio aos Prelados, que o occupassem em ajudar o Coro, porque naõ podia acabar comsigo viver, e naõ trabalhar, estar na cella ocioso comendo o paõ, que os outros mereciaõ com trabalho quotidiano. Sacrificouse gostoso ao de acompanhar a Communidade, assim de dia, como de noite, louvando a Deos no seu instrumento, a que a visinhança da morte affinava mais a suavidade, como animada deste com tantas semelhanças Dominicano Cisne. Para elle naõ havia hora mais penosa, (ainda que fosse nocturna) que a em que a obediencia o dispensava daquella occupaçaõ, que nos seus annos sem duvida era mais penosa. Contava perto de noventa quando o apanhou a morte, antes alvoroçado, que temeroso, vendo-se nella sinaes de que a Virgem Senhora, de que era extremoso devoto, e seu soberano filho, lhe assistira, e o premiára.

Siga-se ao Padre Frey Manoel outro, que o imitou no cargo, como no zelo, grande Religioso, e grande Mestre de Noviços, como foy o Padre Fr. Jacintho dos Anjos, que nesta occupaçaõ gastou a vida. Foy ella a mais penitente, a mais reformada, a mais zelosa. Debaixo da estamenha, que sempre usou junto á carne, trazia hum aspero cilicio, de que só o dispensou a morte. Nos jejuns era taõ mortificado, que ao jantar co-

O P. Fr. Jacintho dos Anjos.

comia pouco, e o menos gostoso, á noite nada; mas as mais vezes com dissimulaçaõ, e industria, mostrando que comia, dava tudo aos pobres, fiando-se do Noviço, que servia á mesa, ou do que lhe ficava á ilharga. Na oraçaõ taõ continuo, que as mais das noites passava orando, sem se lhe divisar de dia falta de descanço, e sono.

Desvelado com a creaçaõ dos Noviços, achavaõ nelle antes pay, que Mestre, porque ao ensino se seguia a caridade, com que soccorria os mais pobres. Era o tanto, que sem reservar nada do que tinha adquirido em alguns Sermoens, ou pitanças de Mestre, empregou tudo em fazenda, que rendesse para a Casa. Seguio tambem nella os passos do Padre Frey Manoel; porque a idade, e penitencia lhe tiraraõ a vista; mas tendo muito clara a de sua alma, com que esperava ver a Deos, a ensayava entre as cegueiras do corpo, gastando o mais do tempo em oraçaõ no Coro. Delle passou para o leito, porque de mais de 80. annos o chamou o Senhor para o contemplar claramente; dando-lhe huma morte taõ suave, que no que se lhe percebeo da alegria do semblante, ainda em vida parece que gostou da eterna felicidade. Testemunharaõ-no muitos Religiosos, e especialmente seus Confessores, que lhe assistiraõ, e o notaraõ, affirmando, que sua morte fora de santo. Pedio hum Crucifixo, e abraçando-se com elle estreitamente, e repetindo penitentes osculos em suas Chagas, passou desta vida a contemplallas gloriosas.

Chegamos ao ultimo filho desta Casa nas noticias, que podemos alcançar della, e digno, como os mais, de a deixar ennobrecida, como a esta memoria. Foy este o Padre Frey Luiz da Annunciaçaõ, natural do Porto. No Convento, que a Religiaõ tem nesta Cidade, gastou os primeiros annos, depois de acabar os seus estudos, lendo huma Cadeira de Moral, que alli tem a Ordem com liçaõ publica, a que satisfazia o Padre Frey Luiz com reputaçaõ do habito, e interesses do Clero, que com applauso commum o consultava, e ouvia Oraculo naquella faculdade. Com o mesmo nome leu em Vianna a mesma Cadeira; mas entrado em idade mais madura, e advertindo, que importava pouco o mestrar ás almas a verdadeira estrada, se tambem a naõ havia de pizar a sua, ou entendendo o quanto era lamentavel desgraça prégar aos outros, e ensordecer ás inspiraçoens com os reprobos, foy tal o extremo a que reduzio sua vida, como se no Pulpito, e no Confessionario trabalhara só para a sua emenda.

O P. Fr. Luiz da Annunciaçaõ.

Nec fortè cum aliis prædicaverim, ipse reprobus efficiar. 1. ad Corinth. 9. 27.

Já pobre, naõ tinha mais que huma tunica; penitente, humas taboas por cama. As alfayas da sua cella hum Christo, hum bordaõ, e hum Breviario. Desconhecendo as inclemencias do tempo, nem o Inverno o achava com mais abrigo, e igualmente o Sol o achava com a cabeça descuberta. Prégava todos os Domingos; o lucro das almas o seu estipendio. Se o importunavaõ, que o aceitasse, mandava, que se entregasse a esmola ao Convento adonde assistia. Duas, e trez legoas o levava a pé o zelo deste exercicio

cio Apostolico, com o Breviario por companheiro, o bordaõ por descanço, desconhecendo descommodos, e distancias, porque a sua caridade lhe desfigurava as molestias, e lhe vestia azas. Era o seu mayor empenho espalhar a devoçaõ do Rosario, a que o chamava hum extremoso affecto, seguindo as pizadas de seu Patriarcha, tanto seu filho em abraçar este importante trabalho, como em o achar sempre este, e semelhantes com alegre gosto.

Ao jejum da Constituiçaõ, observado á risca, accrescentava sempre peixe no restante do anno, em que só o dispensava a doença com preceito do Prelado. No seu sustento esta era a substancia, a quantidade pouca, e acompanhada de broa a mais dura, e mais grosseira. Já carregado de annos, se recolheo ao Convento do Porto. Tinha precedido a fama de sua vida a fazerlhe hum lugar grande na piedade, e veneraçaõ do Povo. Passou a experiencia a confirmar o credito, o modo de vida era o mesmo. Parece, que se valia a caridade de materia peregrina, ateando-se agora mais naquelles ossos secos, a que o reduziria a idade, e a penitencia. Escutavaõ-no no Pulpito Ministro da verdade, fallando com resoluçaõ Apostolica; viaõ-no no caminho imagem da pobreza; humilde, e alegre, velho, e affavel, penitente, e apoucado, naõ lhe sabiaõ mais nome, que o de S. Gonçalinho.

Succederaõ-lhe casos, que dissimulou a sua modestia, ou apoucou a sua singeleza. Fez delles mais memoria o Povo, culpando ou o nosso pouco reparo, ou o nosso muito descuido. Estando em Vianna, e entrando a visitar huma casa grave, quizeraõ fazerlhe offerta de hum pouco de doce. Trazia-o huma serva em huma taça cristalina, termosa, e de estima; descuidouse, e cahindo-lhe das mãos, se fez em pedaços, com magoa dos que assistiaõ. Naõ mudou o bom velho de semblante, e pedindo que se naõ entristecessem, com elle alegre, e inclinando-se a recolher os pedaços, eis-que apparece com a taça inteira nas mãos, passando-a ás da serva, emmudecida do que via, como a mais familia, que a cercava. Mais poderamos dizer delle, se houveramos de dar credito a narraçoens a vulto, mas naõ tiramos da variedade dellas mais que a razaõ de nos ir occupando a queixa estes lugares, que devia encher a memoria.

Sem mais achaques que huma penitente, e attenuada velhice, acabou o Padre Fr. Luiz com todos os Sacramentos aquella vida, com que mereceo huma morte taõ fóra dos horrores della, que no corpo ficou meneavel, no semblante com presença gentil, e accidentes, que se lhe naõ divisaraõ vivo, ou por muita mortificaçaõ, ou por menos aceyo; e em fim ficou de sorte, que (a juizo de trez Medicos) naõ podia ser assim naturalmente. Sentio sua morte o Povo, mais a nobreza, assistido, e buscado de todos, com tanta ancia, que antes parecia perseguido, que acompanhado. Dous habitos se lhe vestiraõ, que nem a cautela, nem a resistencia pode tirar das mãos da devoçaõ em pequenos retalhos.

lhos. Assim se apressou o enterro, que acompanharaõ as Communidades de S. Francisco, e Santo Agostinho, recolhendo-se o cadaver, como se antes se escondera, que se sepultara, atalhando os excessos da devoçaõ, que de anciosa passava a inadvertida, naõ querendo perdoarlhe nem ainda a mortalha. Mas tal era a opiniaõ, que se grangeou naquelle Povo! Tal a memoria, e saudade, que deixou nelle!

O M. Fr. Domingos Freire.

Naõ honrou menos esta Casa com suas letras o Mestre Fr. Domingos Freire, assaz conhecido por hum abalizado Theologo, e naõ menos celebre por peritissimo na Latinidade. Ainda hoje se escuta com veneraçaõ o seu nome na Universidade de Coimbra, donde viveo largos annos; muitos no Tribunal da Inquisiçaõ desta Cidade, sendo Deputado, lugar, que encheo com grande reputaçaõ, destro, e prespicaz indagador das cavilaçoens Judaicas, e zizanias Rabinas, dotando-o Deos para aquelle ministerio do dom de decernir; advertencia, que fazia a seus discipulos o melhor Mestre: Que examinassem as voracidades dos lobos, vestidas, e dissimuladas em pelles de ovelhas. Viose o que importava ao socego da Fé a vigilancia deste Argos, em caso, que poderamos individuar, a naõ ser em grave desabono de mayor sogeito, em cujos escritos soube a capacidade grande de Frey Domingos perceber, e descobrir as pizadas da raposa, por mais que desfiguradas com a cauda de huma fraudulenta, e industriosa pericia. Faleceo em S. Domingos de Lisboa carregado de annos; e podera ser de mayores premios, a naõ serem os merecimentos os pertendentes mais desvalidos.

Attendite à falsis Prophetis, qui veniunt ad vos in vestimentis ovium.

CAPITULO XXXI.

Do Mestre Frey Antonio da Resurreiçaõ, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, Bispo de Angra, filho do Convento de Azeitaõ.

Criados no berço da pobreza religiosa, amortalhados em hum grosseiro, e pobre habito, parece sem duvida, que se adestraõ mais os espiritos para a occupaçaõ de pays de pobres, para o uso do Mundo, alheyos de tudo delle. Com essa consideraçaõ se resolviaõ, e resolvem bem os Principes Catholicos, especialmente Portuguezes, em pertender, que occupem os principados da Igreja os grandes talentos criados nas Religioens, adonde antes estudaraõ humildade, e parcimonia, que faustos, e pompas, emprego das vaidades, e olhos da ostentaçaõ humana. Foy hum destes escolhidos, e em que se desempenhou bem esta verdade experimentada, o Mestre Frey Antonio da Resurreiçaõ, Prelado porque choraraõ os Povos de Angra os muitos seculos, que durara sua memoria.

Filho desta Casa de Azeitaõ, hum dos tres Conventos reformados, (depois da peste da Claustra) e segundo berço da observancia nesta Provincia, começou a vultar nella, primeiro com esperanças, depois com experiencias, o Mestre Frey Antonio, sobindo ás honras, e prelazias pelos degraos de justifica-

do merecimento. Felice ſeculo! Idade venturoſa, em que ſenaõ ſobia por degraos ao alto da prelazia! Aſſim ſe remontavaõ ſuas prendas, como ſe quizeraõ vingarſe nos voos da natureza, dos grilhoens, que no naſcimento lhes lançara a ventura, ſendo o ſeu de ſorte taõ humilde, como ſe póde entender do que lhe ſuccedeo hum dia ao recolherſe para Caſa. Acompanhava-o hum Leigo, e reparou, que ſe adiantava a buſcar huma pobre velha, que vinha encarando com elles. O trage das que coſtumaõ ſervirſe a ſi, o que entaõ fazia, levando hum cargo á cabeça. Chegou o Padre á boa velha, e com reſpeitoſa cortezia tomando-lhe a maõ, e beijando-lha, voltou ao companheiro, dizendo-lhe: *He minha mãy.* Abençou ella ao humilde filho, e a voto de quem melhor reparou no ſucceſſo, áquella bençaõ attribuia depois o ſeu augmento.

Repetiraõ-ſelhe eſtes, ſobindo á Cadeira de Prima da Univerſidade de Coimbra, ao lugar de Deputado do Santo Officio; mas como nem eſtes lhe mudavaõ as propenſoens da humildade, hia o ſeu merecimento levantando o voo a esféras, que contrapezaſſem o ſeu abatimento. Aſſim andavaõ as grandes partes do Meſtre Frey Antonio, as ſuas letras, a ſua refórma, a ſua modeſtia, e eſpecialmente aquelle animo deſpido de oſtentaçoens, e intereſſes, pelas bocas, e admiraçoens dos Tribunaes deſte Reyno, e do que (pertencente a ella) reſidia em Caſtella. Sahio eleito Biſpo de Angra; ſagrouſe na Igreja de S. Braz em Lisboa; eſtava impedida a do noſſo Convento eſſe dia, e naõ ſe dilatava eſte, porque hum dos preciſos Aſſiſtentes partia para Roma. Houve de accommodarſe o Biſpo com o que lhe diſpunha o tempo. Fez o acto da ſagraçaõ o Colleitor Caſtracane; aſſiſtiraõ o Colleitor, que acabava, e Dom Pedro do Rego, Biſpo de Anel de Lisboa. Foy a funçaõ feſtiva; era por Junho de 1638.

Havia tempos, que eſtavaõ deſamparadas de Prelado aquellas Ilhas; com o cargo entrou o Meſtre Frey Antonio no eſcrupulo de que já o executavaõ aquellas ovelhas, mas tropeçava eſta ancia no preciſo embaraço do commodo, e opportunidade da jornada; ſendo neceſſaria dilaçaõ para que elRey o deſpachaſſe (como ſe uſa entre os Biſpos Ultramarinos) parece, que attendiaõ os Miniſtros menos a eſtas faltas, que o bom Prelado á que eſtava fazendo á ſua Igreja; reſolveoſe, e embarcouſe com taõ pouca proviſaõ, e diſpendio, como ſe quizera ſegurar, que o animo que o levava naõ era a buſcar commodidades, mas a ſoccorrer pobres. Poſto entre elles, naõ menos eſtendeo a maõ para o remedio, que as acçoens todas de ſua vida para o exemplo, ſendo taõ raro o que dava aſſim em ſua peſſoa, como em ſua familia, que antes parecia que viera a fundar huma Recoleta, que a governar huma Mitra.

Morgada dellas he, e deve ſer a caridade, aſſim exercitada deſte bom Prelado, como o confirma o ficarlhe o nome de pay da pobreza. Aſſim era emprego das ſuas viſitas, e vigilancias,

naõ

naõ só o exame de bons, ou maos costumes, mas o das necessidades dos visitados, e com a mesma igualdade levantava o braço com a vara do castigo, que estendia a maõ com o dispendio do soccorro; e se talvez excedia, antes era neste, que naquelle, porque a clemencia, e genio compassivo o levava para os pobres, e só a razaõ para os delinquentes. Assim servia de admiraçaõ o bastarem as rendas daquella Mitra a huma maõ, que só olhava para a miseria de quem pedia, e naõ para as posses della.

Lançava o habito a huma Noviça no Mosteiro da Conceiçaõ, (jurisdicçaõ sua, e Casa com quem se desentranhava, e entaõ com gasto consideravel, na segunda fabrica da Igreja) pelo grande conhecimento que tinha dos espiritos, que guardava aquella Clausura. Lançava o habito a hum, que se recolhia a ella, quando sentio, que junto á Cadeira, em que fazia a Pratica, se acompanhava a funçaõ com choro, e soluços de huma mulher, que assistia a ella. Acabada, voltou o Bispo a examinar a pessoa, e a causa; a pessoa era huma donzella, natural da Cidade, recolhida, e nobre. A causa, respondeo ella com semelhantes razoens: *Senhor, bem me conhece Vossa Senhoria, pois sou huma das alimentadas da sua piedade, nasci nobre, e sempre desejey recolherme. Via agora com essa ventura a esta Noviça, e a mim sem posses para imitalla*; *esta magoa me chegou ao coraçaõ, e se passou aos olhos.* Consolou-a o bom Prelado, segurando-lhe, que tomava a seu cargo enxugarlhe as lagrimas, e favorecerlhe a resoluçaõ. Foy assim, que em breves dias a dispendio seu lhe lançou o habito, com edificaçaõ de toda a Cidade, em que o caso se fez publico, e foy festejado.

O zelo, a piedade, a vigilancia, eraõ iguaes, e continuos, a ancia da universal refórma assim abrazada, que esquecido dos muitos achaques que padecia, o naõ atemorizavaõ descommodos para essa diligencia. Começou a visitar aquellas Ilhas, examinando todas suas Igrejas, nellas prégava Missionario, ministrava os Sacramentos Paroco, attendia ás necessidades Esmoler, desterrava os abusos Legislador, castigava os rebeldes Juiz, amparava os opprimidos, e consolava os necessitados, pay, amigo, e Prelado. Igual era o concurso ao fruto das suas praticas, que ao interesse de suas esmolas. Na administraçaõ dos Sacramentos incançavel, e no da Chrisma continuo, que por muitas vezes era necessario sustentarlhe os braços cançados do exercicio para continuallo. Assim sustentavaõ os braços daquelle Ministro de Deos, daquelle Moysés segundo, para ungir os novos Athletas de Christo, que animava para triunfarem do demonio.

Cum leveret manus Moysés vincebat Israel....... Aron autem, & Hur sustentabát manus ejus. Exodi 17. v. 11.

Em menos de hum anno tinha visitado quasi todas, e mais principaes Ilhas de sua jurisdicçaõ. Restavaõ-lhe duas; (eraõ as de S. Miguel, e Santa Maria) resolvia-se á jornada da primeira, mas os achaques lhe prendiaõ os pés, e talvez o obrigavaõ a valerse de huma Cadeira, em que que o levavaõ ás mãos; accrescia a repugnancia de toda a familia, e voto

do Medico, que vendo-o taõ debilitado, naõ duvidavaõ de que buſcava naquella Ilha a ſua ſepultura. Era experiencia larga, que o tinha ſido de muitos Prelados; eſtava freſca a memoria de trez anteceſſores ſeus D. Agoſtinho, Dom Pedro da Coſta, Dom Joaõ Pimentel. Lembravaõ-lho os criados, a que reſpondeo o Biſpo conſtante, e inflexivel: *Dizeis bem: mas eu tenho obrigaçaõ de reconhecer as ovelhas, que eſtaõ a meu cargo; ſe perder a vida no meu officio a perco.* Vaticinava ſua morte, comprida a breves dias de aſſiſtencia na meſma Ilha. Recebeo muy confórme todos os Sacramentos, e ſuſpirando por ſe ver naquella hora entre os ſeus Religioſos, paſſou a louvar a Deos entre os Anjos. Sepultouſe ſeu corpo, ſeguido das lagrimas dos neceſſitados, e das ſaudades de todos, na Igreja de S. Sebaſtiaõ, Matriz da Cidade de Ponta Delgada. Dalli a tempo de trez annos ſe paſſou para o Moſteiro da Conceiçaõ, de donde ſe trasladou para o Collegio de Santo Thomaz de Coimbra. Tradiçaõ he, que ſe achou inteiro; teſtemunhava-o ſeu ſucceſſor (depois de muitos annos) no meſmo Biſpado, o Meſtre Fr. Lourenço de Caſtro.

Mais largas noticias podera ter conſervado eſta Provincia, ſe naõ tardara tanto em pôr a penna na maõ de quem por obrigaçaõ as deſcobriſſe, e perpetuaſſe; que ſem duvida foy ventura o encontrar eſtas poucas da maõ, e letra de Religioſo noſſo, que aſſiſtio ao meſmo Prelado. Elle o foy, levado de ſeu merecimento, mas aſſim reſiſtido de ſeu genio eſtudioſo, recolhido, e retirado, que muitas vezes eſtando ſó, e como deixando levarſe das ſaudades do ſeu antigo ſocego, lhe ouviraõ ſuſpirar, enchendo-ſelhe os olhos de agua: *Minha cella! minha cella!* A ſua inteireza com as rendas da Mitra naõ foy mais que huma fiel adminiſtradora. Tendo parentes pobriſſimos, era taõ igual, e commua a eſmola com que os ſoccorria, como de quem olhava para elles como parentes. O que lhe rendia a Cadeira de Prima, antes de eleito Biſpo, gaſtava no Convento de Coimbra, que deve á ſua induſtria a fórma, que hoje tem de Convento. Eſta Caſa de Azeitaõ, que o mereceo filho, o achava ſempre bemfeitor. Tudo o que foy ſeu, foy dos Conventos; tudo o que foy da Mitra, dos pobres. Aſſim foy grande Frade, aſſim grande Biſpo. Confirme-o hum aſſento antigo, que ſe acha no Cartorio do Collegio, que diz aſſim:

Foy o Padre Meſtre Frey Antonio da Reſurreiçaõ Lente de Prima de Theologia neſta Univerſidade, e digniſſimo Biſpo de Angra, inſigne Theologo, e por tal conhecido, e reſpeitado. Morreo no ſeu Biſpado com notavel ſentimento de ſuas ovelhas. Viveo no Convento, que reformou, e ſuas obras eſtaõ moſtrando o emprego de verdadeiro Frade. No meſmo Collegio de Santo Thomaz tem ſua ſepultura na Capella môr, junto com o Meſtre Fr. André de Santo Thomaz, Lente de Prima, de que já démos noticia entre as de Evora. A ambos cobre a meſma campa; já apontamos parte do epithafio, que pertence ao Padre Meſtre Fr. André; pertence a outra ao Meſtre Frey Antonio, e diz aſſim:

Præ-

Prædicatores Theologi, Academiæ Primarii. D. Fr. Antonius de Resurrectione, Ulyssipponensis, Sancti Officii Deputatus, & Angriæ Episcopus.

CAPITULO XXXII.

Dos Padres Frey Pedro Martyr, Frey Jeronymo das Chagas, Frey Antonio da Natividade, Frey Manoel do Desterro, e Fr. Jorge de Santo Thomaz.

O P Fr. Pedro. Martyr.

COmeçou o Padre Frey Pedro a vida da Religiaõ, dándo grandes esperanças de desempenhar o nome de filho della, depois que professou nesta Casa, na grande, e aproveitada applicaçaõ dos estudos; passou a Coimbra a acaballos, e logo a mostrar igual talento nos Pulpitos. Com elle entendeo o Prelado da Provincia, (era entaõ o Padre Frey Agostinho de Sousa) que podia negociar o lucro das almas; e havendo de mandar Obreiros para a cultura Evangelica, em que entaõ trabalhavaõ incançaveis os nossos nas secas, e agrestes campinas do Oriente, foy o Padre Frey Pedro hum delles. Mas naõ teve a missaõ effeito, porque tornou o temporal a trazer a náo ao porto, de que tinha sahido. Naõ quiz Frey Pedro tentar outra vez a jornada, que ainda com melhor successo costuma aconselhar o arrependimento a quem a naõ commette com desenganado espirito, ou a quem naõ alarga os olhos ás negaças do lucro. Voltouse á antiga occupaçaõ de seus estudos, leu alguns annos Moral, frequentando os Pulpitos, e os Confessionarios; estes com edificaçaõ, com reputaçaõ aquelles; exercicios acompanhados de hum genero de vida ordinaria, de recolhimento, e modestia religiosa.

Mas o Ceo, que dispunha seu espirito a mayores empregos, permittio, que estando morador no Convento de Setuval, (oito annos antes que falecesse) hum secular, homem de consciencia larga, lingua solta, e depravada, talvez porque o bom Padre lhe estranhasse os desmanchos de huma, e outra, lhe levantou hum testemunho em materia pezada; e sendo-lhe facil o mostrar que o era, prevaleceo nelle a consideraçaõ de que posto o caso em litigio, podia ficar em duvidas a reputaçaõ do habito, com a temeridade daquelles, que saõ mais faceis de julgar trocida a justiça, que justificada a innocencia. Assim aconselhado de superior impulso, assentou comsigo, que a sua justificaçaõ devia ser só o seu procedimento. Dispoz o novo modo de vida; huma tunica de burel junto á carne, que affligisse aquella parte do corpo, a que perdoasse hum aspero cilicio; duas taboas nuas para o leito, tudo taõ dissimulado, que só se lhe pode ver a furto, ou depois de morto. Disciplinas amiudadas, jejum de todo o anno, parte delle a paõ, e agua. Nos mais dias hervas, e legumes; peixe, regalo, que se dispensa-

pensava ao Domingo. A sua cella huma sepultura, assim no despida, como no fechada; só os actos da Communidade o tiravaõ della; o Pulpito, ou o Confessionario, funçoens, a que trazia a obediencia. Levava-lhe a oraçaõ as noites inteiras diante do Santissimo Sacramento, com tanta cautela, que ao entrar a Matinas, parecia, que vinha de novo; e ao acabarem-se, que sahia primeiro. Ao tocar á Missa da alva se recolhia a tomar sobre as suas taboas huma hora de descanço. Esta era sua vida, sem que o rigor della, ou se lhe divisasse no rosto, ou o prostrasse achaquado. Fazia sem duvida o gosto o milagre de desconhecer os rigores do trato.

Naõ foy só a mudança na vida, com ella mudou tambem a natureza; era a sua colerica, e fogosa, desconhecida agora antes por morta, que por mortificada. Naõ faltava quem o metesse em occasioens de recorrer á antiga, mas elle estava taõ longe de se resentir offendido, que nem se defendia culpado. Despira (ao conselho do Apostolo) aquelle homem antigo, e vestira-se de outro novo, sepultado o primeiro a rigores da penitencia, e respirando já o segundo na superior, e desembaraçada esfera do espirito. Seguiose a todas estas mudanças tambem a de estylo, e idioma de Pulpito; esqueceo conceitos subidos, e trabalhados, para argumento de agudezas; fabricas, e inventos exquisitos, para ostentaçaõ de ideas; figuras, frases, e verbosidades concertadas, para prova de infructiferas elegancias; só propunha verdades nuas, asperas, e azedas, que ameaçavaõ rebeldes, e compungiaõ penitentes. Assim se revestia de huma inteireza Apostolica, de huma severidade inteira, de huma liberdade destemida, que costumavaõ dizer os seus ouvintes, porque tinhaõ muito conhecimento delle: *Que Frey Pedro deixa a sua mansidaõ ao pé do Pulpito*; porque tratado fóra delle, era encolhido, affavel, brando, meigo, e compassivo. Assim era grande a reputaçaõ, e conceito, que se tinha grangeado naquelle Povo, mayor a coroa, que lhe quiz dar o Ceo pelos exercicios com que o tinha grangeado. Cahio de doença mortal, noticia, e desengano, que o deixou alegre, como quem entendia, que naõ vinha a morte mais que a resgatallo das prizoens da carne, embaraço, que lhe retardava a Patria de seu espirito. Voou a ella, recebendo primeiro os Sacramentos com devoçaõ, pondo-se logo nas mãos de Deos com conformidade de quem a conhecia interesse.

Spoliantes vos veterem hominem cum actibus suis, & induentes novum. Ad Collossenses 3. 9.

Mas siga-se a hum martyr da penitencia outro, que o foy ás mãos da tyrannia. A hum, que o foy no nome, outro, que o foy na realidade. Foy este o Padre Frey Jeronymo das Chagas, filho desta Casa, em que professou pelos annos de 1572. Acabados os estudos, se embarcou para a India; mostrou o effeito o espirito, que o levava a ella. Em Malaca, perdeo a vida em defensa da Fé, ás mãos da barbaridade; naõ consta com que genero de morte, sabe-se, que depois della testemunharaõ muitos milagres sua gloria. Continuaõ-se na terra de sua sepultura,

O P. Fr. Jeronymo das Chagas.

tura, ſendo univerſal meſinha. Nas memorias da India, que, ajudando-nos Deos, nos ſervirem de aſſumpto neſte meſmo Tomo, alargaremos mais a penna, ſe deſcubrirmos mais individual noticia. As que deſte Padre deixou o Padre Frey Luiz de Souſa, naõ ſaõ mais, que a de filho deſta Caſa, e a de embarcarſe para a India, porque no 7. cap. do livro 4. diz na ſegunda parte: *Foy ſegundo dos quatro o Padre Frey Jeronymo das Chagas, que neſta Caſa profeſſou em* 1. *de Abril de* 1562. *e acabado ſeu eſtudo, ſe embarcou para a India.* O mais, que aqui apontamos, ſe tirou de hum aſſento, que ſe acha no livro das Profiſſoens deſta Caſa; le-ſe á margem da do Padre Frey Jeronymo, de donde tambem ſe tirou a memoria de que foy Lisboa ſua Patria, para que todos ſe poſſaõ gloriar de o ter por natural, ou por filho, a Patria, a Caſa, e a Provincia.

O P. Fr. Manoel do Deſterro.

Foy tambem filho deſta Caſa o Padre Frey Manoel do Deſterro; nella naõ foy outra ſua vida, mais que aſſiſtencia de Coro, e cella. Antes que recolhido, ſe lhe podia chamar ſepultado; antes que callado, imagem do ſilencio, em que foy taõ obſervante, que nas horas delle ſe lhe naõ ouvio huma palavra, hum aceno o explicava, ſe alguma lhe era preciſa. Pontual nas Conſtituiçoens, e na Regra, lãa, e jejum indiſpenſavel. Raras vezes, muito de paſſagem o viaõ fóra da cella, ou do Coro, porque com Deos era todo o ſeu commercio, aſſim era a oraçaõ ſeu exercicio continuo, em outra couſa o naõ viaõ nunca occupado, como ſe vivera homem com privilegios de Anjo. De ſuas mortificaçoens, e penitencias houve ſó conjecturas, entendendo-ſe, que aquelle taõ obſervado retiro era a encobrillas. Viveo aſſim grangeando o nome de grande Frade, e deſcanço em boa velhice.

O P. Fr. Antonio da Natividade.

Naõ foy inferior o que adquirio outro filho, e igualmente bemfeitor deſta Caſa, o Padre Frey Antonio da Natividade, que a honrou com a grande reputaçaõ, e credito com que ſe eſcutava no Pulpito, e a ſoccorreo com as creſcidas grangearias delle, que com maõ larga diſpendia para o ornato da Igreja, e gaſto da Sacriſtia. A Capella môr authorizou com as duas grandes Imagens, que nella ſe vem de Noſſos Santos Patriarchas S. Franciſco, e S. Domingos. Para a ceremonia do Enterro de Seſta Feira mayor fez hum Sepulchro com toda a decencia, riqueza, ornato, e aceyo. Aſſim grangeava com ancia, e diſpendia com grandeza incanſavel na mayor decencia do culto Divino. Seguia-ſe a eſte o zelo da Religiaõ, e amor da obſervancia das leys della, de que era hum perfeito modelo a ſua vida. Naõ baſtava o grande trabalho, e applicaçaõ do Pulpito para o divertir da aſſiſtencia das Communidades; menos o eſtudo continuo, para afrouxar na auſteridade do jejum, e mortificaçoens. Conheceraõ-ſe melhor eſtas em ſua morte, achando-o cingido de duas cadeas de ferro. Eſte era o agaſalho, e o mimo, que fazia a 80. annos, de que faleceo com tanta paz, e ſocego de eſpirito, como quem até aquella idade trabalhara para elle.

O P. Fr. Jorze de Santo Thomaz.

O ultimo filho desta Casa, digno das memorias della, e de que se acha noticia, foy o Padre Frey Jorze de Santo Thomaz, Frade tanto para tudo, que applicado primeiro aos estudos, sahio douto, e depois a mayores virtudes, (deixemme dizer) sahio Santo. Nos primeiros annos cultivou as Aulas (passos primeiros, em que a Religiaõ adestra todos seus filhos, como destinados a ensinar com a voz, com a penna, com a vida). Sahio Frey Jorze o que se esperava, com as grandes capacidades de entendimento, genio, e estudo. Mandaraõ-no a Coimbra; foy bom Collegial, como seria Lente, se o animo inquieto naõ desprezara aquella vida, pela ter com mais liberdade. Viveo assim alguns annos, até que os mais maduros o retiraraõ ás Recoletas de Azeitaõ, e Bemfica, com hum genero de vida taõ estreita, e reformada, que antes parecia milagre, que emenda da primeira. No estylo da de Bemfica posso ser testemunha ocular de muito, porque mereci a fortuna de ser algum tempo seu Noviço.

Eleito Prior de Bemfica, mais a piedosas importunaçoens, e diligencias dos Religiosos da Casa, que a voto do seu genio, natural, mas santamente aspero, e desabrido, para hum lugar, em que docil a natureza, se ha de accommodar a ser muitas, para contentar a todas. Era Frey Jorze ardente, espiritoso, duro, e descarnado de todos aquelles affectos, com que o amor proprio costuma agasalhar as piedades, que contemporizaõ com o corpo, ou de debilitado, ou finalmente de humano. Entendeo, que para estes respeitos, e occupaçaõ, em que só era bem ouvido o preciso nome de pay servia mais a brandura, que a inteireza; largou o cargo com sete mezes de governo, e retirado ao centro da sua cella, assim reforçou os rigores da penitencia, como se se quizera vingar do tempo, em que o cargo, pelo trazer mais publico, o reduzia a menos severo.

O silencio perpetuo, sem se valer do pequeno desafogo, dispensado pelos Prelados algumas horas do dia, para respirar o animo do successivo trabalho do Coro, e do estudo. Na sua cella aproveitava a licença, fallando com os livros, a que era dado, liçaõ, que acompanhada de huma nativa agudeza, de que o dotou o Ceo, o faziaõ prompto, e facil na intelligencia do que se propunha, e praticava em huma, e outra Theologia; discreto, e divertido na conversaçaõ, em que o detinha o acaso, ou o respeito. O jejum inviolavel, estendendo os sete mezes aos mais tempo do anno. Nas Vesperas da Senhora, dos Apostolos, Santos da Ordem, e todas as sestas feiras a paõ, e agua; dissimulado na mesa com tal industria, que só a muita visinhança o alcançava. O seu sustento quotidiano eraõ hervas, e legumes, que merecendo o nome de regalo, muitas vezes desaboreava, lançando-lhe agua, ou cinza, que levava em hum papel, para a supporem pimenta. Nos dias mais festivos hospedava hum pobre com ametade da reçaõ; e havendo de ser igual a partilha, só elle se podia queixar della.

A

A compoſtura era taõ notavel, que fóra da Eſtante no Coro, ou no Altar nem o mais curioſo reparo lhe vio olhos abertos. A gravidade mortificada, com que no Coro occupava a ſua cadeira, compungia, e atemorizava, tendo que aprender nelle o Noviço mais modeſto, e o Religioſo mais reformado. Era deſtro no noſſo canto, e acompanhada eſta ſciencia de huma voz chea, larga, e ſonora, era alma daquella harmonia uniſonante, mais ajudada por menos artificioſa, mais para repetir cultos a Deos, que para contentar ouvidos ás creaturas. No aſpero, no repetido das diſciplinas naõ era ſó penitente, era hum inſaciavel perſeguidor do ſeu ſangue, que deſapiedadamente deſatava, e que no chaõ ſorviaõ os tijolos, ou enxugava a cautela, que nas paredes naõ podia ſer taõ ardiloſa, ou taõ advertida, pois ainda hoje nellas acha rubricas a noſſa confuſaõ, lendo o abrazado daquelle eſpirito, e o inexoravel daquelle braço.

Eſte exercicio lhe levava o tempo, que na noite lhe ſobejava de Matinas, ou a oraçaõ até Prima, tomando raras vezes huma hora, em que o hoſpedava para deſcançar, por colchaõ huma taboa nua, por travaceiro huma caveira; eſpectaculo de que fuy teſtemunha; porque eſtando em Caſa de Noviços (occupaçaõ, em que por algum tempo o teve a obediencia) e dando-me deſacautelado a chave de ſua cella, (que tinha fóra) para huma diligencia, eſquecera a ſua grande cautela o correr a cortina á alcova. Reparey na calidade do leito; e fogindo com os olhos ao horror do que nelle via, dey com elles em outra alfaya, naõ menos eſtranha, porque entre algumas diſciplinas de corda, que ſe viaõ na meſma alcova, eſtavaõ humas de ferro groſſas, e dobradas, com agudas, e trocidas rozetas, que naõ podendo negar, que havia pouco que tinhaõ ſervido, moſtravaõ nas pontas alguma carne, que compaſſiva devia de ſahir por naõ deſamparar o ſangue, de que a quiz deſpojar o golpe. Fora o natural deſte Padre livre, forte, e rebelde, confeſſava-o elle, e naõ contente com as mais auſteridades, parece que ſó fiava ao rigor do braço o trazello ſogeito, e domado, como ſe aprendera, e eſcutara ao Apoſtolo o conſelho, e o exercicio, vendo ſogeitarlhe as rebeldias do corpo ás providencias do caſtigo.

Caſtigo corpus meum, & in ſervitutem redigo. 1. ad Corint. 9. 7.

Nos ultimos annos de ſua vida aſſiſtio em Setuval, Vigario do Moſteiro de S. Joaõ, devendo-ſe ao ſeu zelo, religiaõ, e vigilancia, a refórma daquella Caſa, donde as ſuas vozes baſtavaõ para leys; tal a opiniaõ, que as Religioſas tinhaõ de ſua vida! As meſmas com que, (tendo para iſſo cauſa) ſe moſtrava mais deſabrido, davaõ eſte teſtemunho. Em nada afrouxou no eſtymulo de ſua antiga mortificaçaõ, e penitencia; ſó eſtimava a mayor liberdade para os exercicios della. No patio das caſas dos Religioſos o viaõ algumas vezes de madrugada em tempo deſabrido, e com a cabeça ás inclemencias delle, com os joelhos deſpidos ſobre huma pedra, antes extatico, que ſuſpendido na oraçaõ; aſſim ſe moſtrava immovel com

as mãos, e olhos levantados ao Ceo. A ancia com que o suspirava Patria, naõ permittio (assim parece, que o Ceo se obrigava della) que se lhe alongasse mais o desterro na vida. Passou desta com sinaes de merecer a verdadeira, reparando-se, que desde, que espirou, até que o recolheraõ na sepultura, se vio sobre o telhado da sua cella huma pequena ave, que em todo aquelle tempo, nem deixou o lugar, nem a harmonia.

CAPITULO XXXIII.

Do Martyr Frey Joseph de Morant. Memoria pertencente ao Convento de S Sebastiaõ de Setuval.

GRande gloria da Casa de Setuval, escolhella Deos para deposito de hum Soldado seu, laureado já com tantos triunfos, como foraõ os conflictos! Como se se fizessem partilhas entre o Ceo, e esta Casa para que ella fosse urna em que ficasse, (naõ as cinzas, mas o corpo) e no Ceo triunfasse Feniz o espirito entre as felicidades eternas. Cresce mais a circunstancia da gloria no estylo, com que costumamos perfilhar os Religiosos na Casa, em que estaõ sepultados, quando naõ consta da em que professaraõ como filhos, ley, que dá a esta de Setuval a justiça com que póde chamar filho seu ao Padre Frey Joseph, que como a mãy veyo buscar, com naõ menos conselho, que do Ceo.

O M. Fr. Joseph de Morant.

Aragones de naçaõ nos apontaõ as memorias, que foy este Padre, naõ podendo haver outras, assim de sua Patria, como de parentes, e Convento, em que tomou o habito, pelas guerras vivas, que continuavaõ entre estas duas Coroas, Portugueza, e Castelhana, no tempo em que o corpo, e nome deste Martyr chegou a Lisboa. Sabese só, que embarcando em porto de Hespanha, a poucos dias de viagem se vio em poder de hum corsario de Argel, Cidade, em que começou a arrastar os grilhoens de seu cativeiro, estimando-os como colares de mayor preço, e valia, com que queria, e dispunha o Ceo ornar sua paciencia. Era grande seu espirito, criado nos berços da observancia, em que se reforçara para mais penosa lida; naõ o atemorizava o cutelo, que lhe ameaçava a garganta, se se tivesse noticia de quem era, como dos exercicios em que se occupava, animando os miseraveis cativos, (de que achou povoadas as masmorras) com a palavra, com o exemplo, afferverando-os com documentos Santos, dizendo-lhe Missa, administrando-lhe os Sacramentos, soccorrendo os mais necessitados, e reprehendendo os esquecidos, com hum taõ vivo zelo da honra de Deos, que sua muita resoluçaõ atemorizava ainda a alguns infieis, que tinhaõ disto noticia, entendendo, que alguma Divindade o animava; conceito, que os tinha callados, e sofridos, sendo-lhes taõ facil o tirarlhe a vida, como ao bom Padre o trazella arriscada.

Mas naõ eraõ só os inimigos da Fé os que o escutavaõ com desagrado, e desabrimento, desejando-lhe esse castigo; os mesmos Christãos lho adiantavaõ, e lhe perdiaõ o respei-

to.

to. Soube Frey Joseph, que hum moço esquecido das obrigaçoens de Christaõ, e surdo ao ruido das cadeas, que lhe lembravaõ a miseria em que vivia, corria desenfreado, e cego, a abraçar sua condemnaçaõ em culpa abominavel; advertio-o primeiro com brandura, naõ houve emenda; recorreo á aspereza, e ameaço, de que estimulado o desatinado delinquente, o ferio, e afrontou na face com hum sacrilego golpe, achando-o a injuria taõ sofrido, como a culpa o experimentara exasperado; antes nem bastou a semrazaõ, e excesso do aggravo, para lhe naõ repetir mayor beneficio, porque tendo depois noticia, que o mesmo moço, ou convidado da liberdade, ou vencido de outro interesse, se resolvia a desamparar a Fé, posto de joelhos diante delle, lhe offerecia (entre os conselhos, que lhe propunha) a outra face, para que a mesma navalha a ferisse; *mas que naõ quizesse perderse, antes visse o que devia fazer por sua alma, quando via o a que elle se expunha pela alheya.* Valeo a instancia, resgatou ao moço daquella ultima miseria.

Com este desvelo, com esta ancia voava Frey Joseph nas azas da sua caridade, presente em toda a occasiaõ, em que podia servir de exemplo, de remedio, de alivio, e melhor de constante arrimo á Fé dos companheiros, taõ arriscada aos desamparos, como perseguida dos riscos. Perto de oito annos contava o bom Padre neste labyrintho de desasocegos, caritativos. Santos, e proveitosos.

Mas caso raro, venerado, e naõ comprehendido de discurso humano, e Catholico! que aquelle mesmo, que até agora se gloriava com este nome, aquelle mesmo, que atè agora pizava difficuldades, por engrandecello, zombava de riscos, desconhecia assaltos por conservallo, convidava os cativos para as vitorias da Fé, arvorando o seu estandarte no meyo dos soberbos, e poderosos inimigos delle, esse mesmo Frey Joseph, criado no gremio da Igreja, nutrido aos peitos da Religiaõ Dominicana, doutrinado nas Aulas della para perseguir, e abominar os superstiçiosos, os barbaros, os pertinazes emulos da verdade Catholica, esse mesmo amanhece hum dia cuberta a cabeça de hum mourisco turbante, abraçando a ley de Mafoma, (que até alli impugnara) em trage, em acçoens, em voz, em resoluçaõ, naõ só professor, mas defensor della. Alegraõ-se os barbaros, confundem-se os cativos, concorre o Povo de mistura, infieis, e Christãos, perguntando-se huns aos outros, e eraõ as lagrimas destes o ecco das acclamaçoens daquelles. Já rodeavaõ ao novo profitente os Baxás, já o abraçavaõ os Dunas, (preheminencias, e titulos daquella Republica infiel) já o festejava, e reconhecia a nobreza, e já finalmente era aquelle o dia mais festivo, que podia amanhecer áquella Cidade, vendo seguida, e venerada de seus mesmos inimigos a maldita seita de seu falso Profeta.

E que mayor assumpto póde ter o reparo, e o assombro! Em que desmereceo hum homem, que no centro do desasocego se estendia a tantos coraçoens,

çoens, para conservar nelles a Fé de Jesu Christo? que desconhecia interesses pelo naõ ver blasfemado? que sofria injurias pelo naõ chorar esquecido? que com a palavra, com a vida, com o trabalho, com a industria, conservava vivo o seu nome nos ouvidos dos atemorizados confessores delle? Em que mereceo o desamparo em que cahio? O lamentavel estado, a ultima miseria, a que chegou, e em que se perdeo? Que inexcrutaveis os juizos de Deos! Caminhos nunca trilhados da comprehençaõ creada!

Assim começou a soltarse o seu desatino na mais licenciosa vida, como o que perdera o verdadeiro norte della. Assim a apressar os desencaminhados passos pela escura regiaõ da mortal cegueira, sem haver desmancho, que lhe naõ désse a maõ, para o levar ao precipicio; taõ esquecido do caminho, porque até alli o trouxera a verdade allumiado da luz da razaõ, arrimado aos conselhos da Fé, que naõ só desconhecia o seu erro, mas culpava nos cativos de se sacrificarem á escravidaõ, podendo taõ facilmente como elle comprar a sua liberdade, convencidos ainda de segundo interesse; porque naõ só se livrariaõ da miseria, mas ainda lhe pagariaõ com honrosos premios o deixarem-na.

Este errado discurso, á sombra da vaidade de se ver buscado, e assistido, as abundancias, com que encontrava servido seu desejo, lhe tinhaõ o entendimento prezo, nevoados os olhos, adormecidos os reparos. Assim passou algum tempo, surdo aos brados da consciencia, insensivel aos estimulos da culpa, e immovel ás batarias da razaõ. Já fraqueava a Fé nos discipulos, que instruira; já entravaõ muitos na consideraçaõ, *de que naõ seria desamparar a verdade, seguir ao Mestre; ou que só o que se seguia no Mestre, podia ter nome de verdade. Já se lhe faziaõ intoleraveis as pensoens do cativeiro, porque lhe hia esquecendo o premio immortal, que lho tinha suavizado. Já começava a ter mais valor no seu conceito o presente da vida, passado com deleite, e liberdade, que hum futuro premiado, mas (na sua opiniaõ) distante, e contingente. Quando talvez viria lá huma hora, em que se recuperassem desmanchos de toda huma vida.* Assim vacilavaõ os miseraveis Christãos, dando ouvidos a semelhante discurso, agora fomentado daquelle mao exemplo; quando amanheceo na alma de Joseph a luz do auxilio soberano com tantas actividades, e efficacias, que prostrando por terra toda aquella machina, em que se hia encorpando sua rebeldia, poz os olhos no Ceo, e os joelhos em terra, e cahindo-lhe grossas lagrimas dos olhos, começou, como outro Paulo, a sacrificarse ao que Deos dispuzesse. Naõ ha detença; entra pelas cadeas, pelas masmorras, lança-se aos pés dos cativos discipulos escandalizados, e diz-lhes (com mais tropel de lagrimas, que concerto de razoens) semelhantes a estas:

Domine quid me vis facere? In Actib. Ap. cap. 9.

Amigos Irmãos, prezos nos ferros da barbaridade, mas resgatados com o sangue de Jesu Christo, pizayme, ponde em mim vossas plantas, como indigno de chegar a vossos braços. Castiguemme os vossos desprezos, como incapaz de

de merecer os vossos perdoens. Eu sou, filhos, eu sou aquelle escandalo da Christandade, que lhe voltey as costas, criandome ella nos seus braços. Eu sou aquelle sacrilego, que pondo-me o mesmo Christo á sua mesa como seu Sacerdote, o vendi pelo tenue interesse de huma liberdade. E como liberdade, se agora geme agrilhoada no cativeiro do mesmo demonio? Eu sou aquelle mao Frade, aquelle filho rebelde, que despi a candidez de ovelha do rebanho Dominico, e fuy a viver nas covas dos Dragoens, e dos Leopardos. Eu sou; mas para que vos canço? Sou a afronta dos homens; o inimigo de Deos, o monstro da terra, o escandalo do Ceo, o tyranno da Fé, o apostata da verdade, o Lusbel da Religiaõ, o filho da ira, o centro da miseria. Já o conheço; mas por isso já o abomino; já posto a vossos pés o confesso; a minha confusaõ he o meu castigo; já peço as vossas lagrimas, para medianeiras com o Ceo. Troque-se o vosso escandalo em lastima, e mereça-vos a minha dor, o que desmereceo a minha culpa. Aqui torno a bater ás portas da Fé, ligeiras de abrir aos golpes da penitencia, e ás vozes da confissaõ. Aqui estaõ os meus arrependimentos contra os meus desatinos, como os de outro Prodigo. Aqui estaõ as minhas lagrimas contra as minhas infidelidades, como as de outro Pedro. Aqui estaõ as minhas sogeiçoens contra as minhas rebeldias, como as de outro Saulo. Finalmente aqui está a minha vida, para resgatar a minha culpa, sem mais reparo, que ser ella huma, e ellas tantas: ella emprego de huma só morte, ellas materia de muitos infernos. Mas já nem os Ministros deste, nem o medo da morte, nem o amor da vida, nem os Anjos, nem os Potentados, nem as industrias, nem as instancias, nem o Ceo, nem o abysmo me poderáõ apartar do amor de Jesu Christo, arrancando-me das mãos a palma do triunfo com os horrores do martyrio. Bem estou vendo, que me ameaça o fogo; mas taõ pouco acabará comigo o rigor da lavareda, como com Paulo o da espada. O que vos peço he o conselho, para ser mais publica esta resoluçaõ, como a que ha de satisfazer a Deos, e aos homens, a elle como o tenho offendido, e a elles escandalizado. Industrieme o vosso voto, e ensinayme vós a ser penitente, melhor que eu a vós a ser Christãos. Tomemos hum acordo, que me venha a servir a mim de castigo, aos homens de edificaçaõ, a estes barbaros de afronta, e a Deos de gloria.

Certus sum, quia neque mors, neque vita, neque Angeli; neque principatus... neque altitudo, neque profundum poterit nos separare à charitate Christi. Ad Rom. 8. 38.

Lançaraõ-se a beijarlhe os pés os cativos, respondendo-lhe primeiro com as lagrimas, que era o idioma, que correspondia ás suas; logo levantando a Deos as mãos, dando-lhe graças, e depois assentando o dia, e occasiaõ mais publica, para confundir aquelle barbarismo, soberbo com a vitoria da sua seita, e jactancioso de ver a Ley de Christo debaixo dos pés dos professores della. Chegouse o dia decretado, esperava-o o novo Soldado de Christo, fortalecido com as armas do jejum, da oraçaõ, da penitencia, robusto com as assistencias do Espirito Santo, convidado com a protecçaõ, e exemplo de seu nacional, e Irmaõ no habito, S. Raymundo de Peñafort, porque no seu dia se offereceo aos olhos do Mundo aquelle espectaculo.

Acha-

Achavaõ-se na praça de mayor concurso da Cidade o Baxá Regedor, e Juiz supremo, outro, que acabava de exercitar o cargo, hum Duna, que val o mesmo que Conselheiro, a mayor parte do Povo, que acodia aos Tribunaes, por ser dia de despacho, quando rompendo intrepido por entre todos o professor de Christo, e posto em presença do Baxá, lançando por terra o turbante, (demonstraçaõ dos apostatas de sua ley) levantava a voz, segurando, *que só a de Christo he a verdadeira, falsos os dogmas de Mafoma, cegos, e enganados os sequazes de sua abominavel seita.* Accrescentando: *o como o Ceo piedoso lhe abrira os olhos para ver o desatino, em que o permittira o seu desamparo, e que já só as fecharia a morte, com que o queria deixar satisfeito.*

Amotinouse o Povo, alterouse o Baxá, e ameaçando a Frey Joseph com semblante accezo, e colerico, que se continuasse, o queimaria vivo, lhe respondeo o Padre intrepido: *Naõ te cances em ameaços, nem esperes de mim arrependimentos, porque se me ques queimar, só te pedirey a pressa; e porque se naõ dilate, ahi tens para lenha.* E lançoulhe huma pataca. Pasmou o concurso, suspendeose o Baxá, voltavaõ atonitos huns aos outros os rostos, desamparados de cor sem mais vozes, que as mudezes. Levantavaõ logo os olhos a admirar aquelle coraçaõ, naõ só esquivo com a vida, mas estranho (nos ameaços do tromento) ao sensivel da natureza. Parece, que estava Fr. Joseph escutando aquelle acto heroico, que Christo aconselhava aos seus Athletas, e Professores no Horto, que comprassem os instrumentos para o seu martyrio. (Assim na intelligencia de Santo Ambrosio). Naõ rompia em menos excessos aquella ancia de ver contrapezada a sua culpa.

Vendat tunicam, & emat gladium. D. Ambrosius. Est etiam gladius pationis, ut exuas corpus, & immolatæ carnis exuviis ematur tibi corona martyrii. D. Ambros. in cap. 22. Lucæ. I. 10.

Manda logo o Barbaro, que retirem o Padre, porque a sua constancia naõ convença os Mouros, e confirme os cativos; recolheo-o em hum carcere, entra em praticas com elle, acha-o firme; recorre á bataria das offertas, honras, e riquezas; ultimamente apura os esforços na das delicias, introduz no carcere, e fecha na mesma casa com o constante Confessor duas mulheres, com belleza, e desenvoltura, armas sempre vitoriosas na campanha, porque sempre medidas com a fraqueza. Naõ acharaõ em Joseph, que como outro Thomaz Angelico, fechado na Torre com semelhante inimigo, o affugentou com o fogo casto, que lhe ardia no peito; ou como outro Joseph (de que herdou com o nome a pureza, e a constancia) posto em igual campanha, soube tambem fugir, para saber vencer.

Sahem do carcere as mulheres com o desengano, espalhase a resistencia de Joseph com assombro, cresce a opiniaõ de sua constancia para gloria da Fé de Christo, e leva os olhos, ainda infieis, ainda cegos, o valor de hum homem, a que nenhuma industria, nenhum artificio sabe achar humano. Entra em receyos o Baxá, teme affeiçoado o Povo, fomentado o tumulto, resolve arrebatado, e tyranno, que tirem a vida a Frey Joseph a fogo lento. Deseja-

ſejava-o aſſim o penitente Padre, porque queria huma morte, que ſe dilataſſe em muitas, para igualar huma culpa, em que ſe incluiraõ todas.

CAPITULO XXXIV.

Martyrio, e milagres do Veneravel Frey Joſeph de Morant.

JA' ſahe do carcere o Soldado de Chriſto, rodeado de miniſtros, e algozes, que o levaõ com tanta cautela, e reſguardo, como ſe elle meſmo ſe naõ offerecera ao patibulo, e com tal crueldade, e deſabrimento, como ſe lho quizeraõ anticipar no caminho. Era em taõ venturoſo dia, como ſe fora ſua a eſcolha; mas ſem duvida pareceo no Ceo Providencia; porque o em que abjurou a ley de Mafoma, e tornou a abraçar a de Chriſto, foy o de hum Irmaõ ſeu S. Raymundo; era eſte agora, em que hia dar a vida pela Fé, de outro, porque era o dia de S. Gonçalo. Naõ deixa de ſer ponderavel, ſe a narraçaõ nos dera liberdade a largas reflexoens. Baſte o ſer facil de inferir a gloria, que quiz dar o Ceo a Noſſo Patricha, correndo em hum, e outro dia taõ grande eſpectaculo por ſua conta, porque ſe huma vez ſe vio hum filho ſeu convidando a outro para o conflicto, em outra ſe vio outro animando o meſmo para o triunfo; e eſſe o glorioſo objecto de ſeus olhos, ao meſmo tempo na terra vencendo a campanha, no Ceo empunhando a palma. Mas mayores circunſtancias nos chamaõ neſte eſpectaculo.

Caminhava Frey Joſeph repetindo louvores a Deos, e firmezas da Fé, porque hia dar a vida, quando chegando-ſe a elle hum Chriſtaõ renegado, levantou a maõ, e lhe ferio o roſto com huma cruel bofetada; ergueo o Padre os olhos, e com a boca chea de rizo, lhe pagava o beneficio, eisque o impio, metendo maõ a hum punhal, o atraveſſa com elle. Continuou o Padre o caminho, ſem demonſtraçaõ de ſentimento, nem ſe lhe perceberem mais vozes, que as do ſangue, que lhe ſahia pela boca, que o ferro lhe abrira. Chamame a paciencia de Job, clamando o ſeu ſofrimento á viſta de hum opprobrio, mas naõ ſendo mais os clamores, que hum ſorrizo, e o ſofrimento. Aſſim chegou a emmudecida victima a huma praça, em que atada a hum tronco, e rodeada de fogo activo, mas affaſtado, para que pouco a pouco a foſſe torrando, e conſumindo, deu a vida pela Fé, que offendera, abbreviando a caduca para reſpirar na eterna.

Ecce clamabo vim patiens. Oſ. 70.

Ridebo opprobrio veſtro. Job. cap. 10. 7. D. Ambroſius hic.

Ouvioſe-lhe nas horas, que lhe durou o tromentos humas vezes prégar a verdade, porque morria, outras chamar a Virgem Soberana, e piiſſima do Roſario; outras Noſſo Santo Patriarcha. Admirados os que claramente o ouviraõ, de que o fogo, que lhe creſtava o corpo, lhe perdoaſſe aos beiços, e o fumo, que tinha ſepultado, lhe naõ embaraçaſſe a reſpiraçaõ. Teſtemunharaõ-no muitos cativos, que aſſiſtiraõ á execuçaõ tyranna, e viraõ, e notaraõ as minimas circunſtancias della, requeridos, e examinados

Ecce nideo in opprobriis, & non loquar nec reſpondebo conviciis.

dos dos Religiosos desta Casa de Setuval, a que concorriaõ a visitar o corpo de seu Mestre, e seu companheiro (agora na sua Fé seu advogado.)

Chegado o corpo a este Reyno (permittindo o Ceo, que hum cativo o tirasse do lugar do tromento, o escondesse, e finalmente com todo o segredo o trouxesse dissimulado em hum envoltorio de lãa, e roupa, a que perdoou a sospeita) na occasiaõ da redempçaõ de alguns cativos, que com a sua embarcaçaõ vieraõ buscar o porto de Setuval, pelos annos de 1646. foy igual o alvoroço ás dissençoens, e tumulto em que se dividio o Povo. Concorreraõ os Clerigos, que havia na Villa, com o seu Vigario da Vara; concorreraõ os Vereadores da Camara; argumentavaõ estes, que lhe pertencia, por desembarcar no seu porto; os outros que a elles, por serem semelhantes thesouros dos depositos do Arcebispado, de que o Vigario da Vara era Ministro; todos queriaõ ter justiça; trocouse a devoçaõ em contenda. Entraraõ os nossos Religiosos do Convento da mesma Villa, pediaõ, mais aventajados, sem controversia, mas protestavaõ os outros dous partidos, huns, que se désse noticia ao Desembargo do Paço, outros ao Cabido, tomando-se com maduro conselho o expediente, de que se depositasse o corpo no Palacio de Dom Pedro de Lancastro, filho do Duque de Aveiro, eleito Arcebispo de Braga. Conheceose finalmente a nossa justiça, como de pertendentes do corpo de hum Religioso, ainda que peregrino em naçaõ irmaõ no habito, naõ tendo a Villa mais acçaõ para pertender, que a venturosa contingencia de vir desembarcar nella; contentouse com o interesse de que ficando em nossa Casa, o tinha de portas adentro da sua.

Foy-nos concedido o corpo, mandando, a instancia nossa, o Cabido de Lisboa a reconhecello, e authenticar os milagres, que delle se espalhavaõ, pelo Doutor Vicente Feyo Cabral, Vigario Geral deste Arcebispado, e o Notario Apostolico Pedro Coelho Ferreira. Assistiraõ testemunhas, que acompanharaõ o Martyr no cativeiro, outras das benificiadas por sua intercessaõ; mas quiz o Ceo, que corressem por sua conta as primeiras, e viraõ-se tres maravilhas. Foy huma, que ao descobrirse o envoltorio em que vinha o corpo, se encheo tudo de hum suavissimo cheiro, percebido de todos, e seguido de lagrimas, e louvores a Deos. Outra, que appareceo o corpo inteiro, sendo o fogo capaz de o ter reduzido a cinza, e quando naõ a todo, a alguma parte. Outra, que sendo o fogo, e o fumo tanto, e taõ continuado, appareceo o corpo com a sua alvura, e cor natural, naõ denegrida, e desfigurada como se entendia.

Provou bem o Ceo; porque estes tres foraõ os argumentos, que testemunharaõ a verdade do Lenho Santo, em que padeceo Christo Senhor Nosso, duvidando-se, que fosse verdadeira huma parte delle, que havia na Sé de Sevilha. Contaõ-no assim as Historias de Hespanha. Accendeose hum grande brazeiro, lançouse nelle a parte do madeiro Santo, e estando entre vivas

L. 4. Histor. Hispan. c. 4.

vas brazas, e lavaredas, pelo grande efpaço em que fe celebrou huma Miffa de Pontifical, continuou em exhalar fuaviffimas fragrancias, e naõ fó fe naõ reduzio a cinzas, mas fahio com o mefmo luftre, (e mais aventajado) com que entrara no fogo. Semelhantes prodigios quiz o Ceo, que authenticaffem a verdade de que aquelle era o corpo do Martyr, ou o ouro efcolhido, que o Ceo examinara no fogo, e agora (por permiffaõ fua) enriquecia efte Convento, efcolhido para feu depofito.

Mas tinha grande direito a efte thefouro o cativo, que o trouxera a efte Reyno com difpendio, com induftria, com trabalho; recompenfaraõ-lhe tudo os Religiofos defte Convento com maõ larga, como os que reconheciaõ ineftimavel a fua grangearia. Da doaçaõ, que o dito cativo fez do corpo ao Convento, fe guarda no feu Cartorio hum papel, de que tiramos o treslado, que lançamos aqui para mayor clareza da poffe pacifica em que eftá efta Cafa.

Digo eu Sebaftiaõ de Oliveira, natural de Caftello Viegas, termo de Coimbra, que vindo do cativeiro, trouxe o corpo do bemaventurado Meftre Frey Jofeph de Morant, da Ordem do Patriarcha S. Domingos, o qual corpo de prefente eftá em poder do Senhor Dom Pedro de Lancaftro, e pela prefente faço doaçaõ do dito corpo aos Padres do Convento de S. Sebaftiaõ de Setuval, da Ordem de S. Domingos, com obrigaçaõ de que os ditos Padres, em recompenfa dos ditos gaftos, que tenho feito com o dito corpo, tiraraõ por toda efta Villa a efmola, a qual me deraõ para remedio, e ajudar humas orfans minhas irmãas; e além difto os ditos Padres fe me obrigaraõ a dar a fua efmola em toda a largueza, e poffibilidade que poderem; e além difto fe deraõ por obrigados a me darem carta para todos os Conventos de fua Ordem, por donde paffar, que eftiverem nefte Reyno, me darem efmola, e ma pedirem nas Villas, ou Cidades, em que os ditos Conventos eftiverem; e para affim o manter, desde logo lhe faço a dita doaçaõ de todo, e qualquer direito, que tenho no dito corpo; e para affim manter mais o fobredito, naõ quero fer ouvido em juizo, nem fóra delle, fem primeiro depofitar o dito corpo no dito Convento; e por affim paffar na verdade, e eu naõ faber efcrever, roguei a Manoel Pires, que efte por mim fizeffe,

e como testemunha assinasse, e com mais testemunhas, que ao presente estavaõ. Luiz Rodrigues = Joaõ Gomes = Antonio Jorze = Domingos Teixeira =. E assinou o Padre superior Vigario in capite do dito Convento Fr. Domingos do Espirito Santo, com os mais Padres do Convento, abaixo assinados. Feito este conhecimento no dito Convento de S. Domingos em 6. de Julho de 1646.

Collocouse o corpo na Capella môr, abrindo-se na parede da parte do Evangelho hum capacissimo arco, com vaõ capaz de recolher huma caixa de pao preto, (deposito do corpo) guardada de grades do mesmo, que tomaõ a largura do arco. Cobre toda a parede do nicho hum quadro, em que se vê o Martyr, e todas as circunstancias do martyrio, com toda a viveza, e alma, que se permitte á pintura; obra toda devida á devoçaõ, e dispendio de Dom Pedro de Lancastro. Neste sitio, e neste culto o busca, e venera ainda hoje a devoçaõ do Povo, sem que a pobreza religiosa ache braço, que a ajude a levantar mais avultado mausoleo áquellas veneraveis cinzas, ou áquelle Feniz, que respeitado da fogueira, descança inteiro em taõ pequena urna; mas o que lhe falta a esta de porfidos, e jaspes, se melhora de prodigios, e vozes, com que os seus milagras recomendaõ as suas veneraçoens, e condemnaõ as nossas escacezes.

Authenticaraõ-se muitos, que a nossa omissaõ esqueceo na maõ do Notario Pedro Coelho Ferreira, succedidos; naõ só em Setuval, e todo seu contorno, mas em todo este Reyno, e no do Algarve, adonde reconheceraõ por universal mesinha a lãa, em que estivera, e chegara a esta Villa escondido o corpo do Veneravel Martyr. Achamos de tanto, que se perdeo, a escaça memoria de que nem o mesmo descuido póde ser sepultura. Em Setuval, de Maria Gomes, mulher de Mathias Simaõ; na mesma Villa Ursula Vaz; Joaõ Machado, na mesma; de todos estes constou que ficaraõ livres repentinamente de enfermidades, de dores, de achaques, quando desconfiados de remedios, recorreo a sua fé ás reliquias deste Martyr. Testemunha-o de si o Padre Francisco Lopes Pintado: e lançaremos aqui huma Certidaõ sua, poupando-nos outras, que em semelhante, ou igual caso testificaõ o mesmo, e he a seguinte:

Certi-

Certifico eu o Padre Francisco Lopes Pintado, Clerigo de Missa, do habito de S. Pedro, morador em a Cidade de Lisboa, que sendo em 14. deste presente Julho, estando eu de humas terçans muito enfermo, sangrado nove vezes, naõ tendo pedido a Deos, nem a Santo algum, me livrasse de tanto mal, como havia muitos tempos padecia, por ter posto em as mãos de Deos minha melhoria, dizendo-lhe me désse paciencia, para por seu amor sofrer as penas que padecia; e sendo em o dito dia, e mez acima dito, estando padecendo a terçãa, me veyo como por inspiraçaõ que, se queria alcançar saude, a teria de Deos por intercessaõ de hum Santo Martyr, cujo corpo havia poucos dias tinha chegado a Setuval; e com esta fé, e grande affecto da alma me encomendey a Deos, que por virtude, e intercessaõ daquelle Santo, me quizesse livrar do que padecia, promettendo, se assim fosse, ir á sua Santa Casa, onde fosse posto, e darlhe as graças, e dizerlhe huma Missa; e acabada esta petiçaõ, senti logo em o mesmo instante que o mal, que tinha, se foy, e fiquei livre da terçãa, que padecia, e das mais, que me podiaõ vir até hoje; e assim para honra de Deos, gloria do Santo, e devoçaõ de seus devotos, mandey passar, e assiney esta Certidaõ, em que affirmo passar tudo o acima escrito na verdade in verbo Sacerdotis, *em Lisboa a 21. de Julho de 1646 annos.*

O Padre Francisco Lopes Pintado.

CAPITULO XXXV.

Do Padre Frey Domingos do Rosario, no seculo Dom Luiz de Portugal, terceiro Conde de Vimioso, filho do Convento de Almada.

PArece, que foy bençaõ particular, com que nosso Patriarcha quiz enriquecer os Claustros sagrados de sua Religiaõ, aquella Santa emulaçaõ, com que o mais escolhido da nobreza da Christandade veyo povoallos. Ou seria incentivo, com que suas illustres qualidades souberaõ inclinar as mayores, sendo sua nobreza huma persuasiva circunstancia no exemplo de sua vida. Assim vemos sempre até este visinho seculo, que alcançamos, e especialmente nesta Provincia, abraçada, e pertendida a mortalha Dominicana de pessoas notaveis, e dignas de singular memoria. Occupe-nos agora merecidamente esta o Conde de Vimioso Dom Luiz de Portugal; assaz conhecido por sua nobreza, (entre as mais esclarecidas deste Reyno, como tronco Real, e antiga descendencia da Serenissima Casa de Bragança) e igualmente por sua pessoa, ornada de capacidades grandes, e destra em huma, e outra milicia, primeiro na do Mundo, depois na de Christo. Na primeira o testemunhavaõ as feridas, de que tinha semeado o corpo, curando-se ainda depois de Religioso, e já velho, de algumas dellas, que lhe duraraõ com a vida. Admiravase hum Religioso Leigo, que caritativamente lhe assistia á cura: a que respondeo o bom velho, (sem que a cinza dos annos tivesse sepultado o ardimento dos brios:) *Naõ se admire, Irmaõ, porque os Condes de Vimioso nunca souberaõ fugir.* Este foy na primeira milicia: logo o veremos na segunda.

Foy seu pay Dom Affonso de Portugal, II. Conde de Vimioso, a quem Dom Luiz acompanhou servindo, e militando, pay, e filho, com elRey Dom Sebastiaõ na lamentavel campanha de Africa, sepultura fatal da nobreza Lusitana. Ficou no combate cativo Dom Luiz, morto seu pay. Restituio-o á Patria grosso resgate; entrou por ella taõ grande discipulo dos trabalhos, que podia ser o concertado de sua vida regra dos que quizessem justificar a sua. Mas necessitava sua Casa de sua pessoa, como herdeiro della, e em a idade, que pedia o estado em que se achava, attenuada da funçaõ, que precedera. Houve de ceder á razaõ, sacrificando o gosto, que só o chamava a vestir huma mortalha, antiga vocaçaõ sua, porque de poucos annos desamparando sua Casa, em que deixava os mimos de morgado, entrara pelos estreitos Claustros da Arrabida, pedindo aquelle santo burel, para nelle acabar a vida, que escaçamente principiava.

Embaraçaraõ-lhe entaõ os Condes seus pays a resoluçaõ, que agora lhe divertia tambem o preciso de conservar a Casa á sua familia. Casou com Dona Joanna de Mendonça, filha de Dom Fernando de Castro, Conde do Basto, de que teve filhos, e filhas. Entrado já em dias, sentio, que se hiaõ animando á lavareda aquellas faiscas de vo-

caçaõ, que guardara ſempre na alma. Fomentava-as o reformado de ſua vida, adonde eraõ continuo ſopro, que as deſpertava, as horas, que coſtumava tomar todos os dias, retirandoſe no ſeu Oratorio á tratar com Deos as importancias de ſeu eſpirito. Ateara o Ceo o meſmo fogo no da Condaſſa; diſpuzeraõ ambos recolherſe em Clauſura, precedeo voluntario divorcio, vencidos taõ multiplicados embaraços, como ſe lhe quizeraõ igualar os deſejos. Animava a heroica reſoluçaõ deſtes o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, irmaõ do Conde, (de que já démos larga noticia) com ſua direçaõ ſe diſpoz a fundaçaõ da illuſtre Recoleta do Sacramento, primeiro voto dos Condes. Nella ſe recolheo a Condeſſa, venturoſa Feniz, que no meſmo Altar, que levantou aos rayos do Sol na penitente urna, ſoube ſacrificarſe obediente victima, emprego, em que alargaremos mais a penna, eſcrevendo a fundaçaõ daquella Caſa.

Retirouſe o Conde á de Bemfica, que era entaõ os olhos da obſervancia, adonde eſteve algum tempo em habitos de ſecular, e exercicios de Religioſo, aſſiſtindo a Coro, e Officios Divinos, como o mais reformado, em quanto ſe liquidavaõ os embaraços de dividas, que havia na Caſa. Mas naõ ſofria vagares ſeu eſpirito, achando-ſe já em annos, que naõ permittiaõ muita eſpera, e em que podia anticiparſe a morte a darlhe outra mortalha, que vieſſe a ſer ley, e naõ eſcolha. Acabou com Dom Affonſo, filho, a quem vinha a Caſa, que ſe obrigaſſe ás dividas della; e tomou o habito taõ ſatisfeito, como o que tinha achado induſtria para começar naquelles annos huma vida. Mandaraõ-no os Prelados para o Convento de S. Paulo de Almada, adonde paſſou o noviciado, e profeſſou com tanto goſto daquelle eſtado, como o dos que viaõ correr nelle huma idade decrepita ao meſmo paſſo com a juvenil, naõ voando menos para buſcar em Chriſto o exemplar mortificado, os cançados paſſos de Pedro, que os vigoroſos de Joaõ; ainda que depois prevaleceraõ eſtes áquelles.

Curre-bant autem duo ſimul. Joan. 20.

Aſſim era Frey Domingos do Roſario, (que por eſte trocou o nome de Dom Luiz de Portugal) aſſim era prompto no ſequito das Communidades, aſſim ligeiro, e adiantado no ſerviço da Caſa, como ſe os deſejos lhe fizeraõ eſquecer os annos. Já profeſſo, ſe paſſou a Evora, mas taõ cortado, aſſim do rigor da nova vida, como do máo trato, que lhe tinha precedido nella, que os Prelados o diſpenſaraõ daquelles rigores, que lhe podiaõ dobrar os achaques. No trato de ſua peſſoa era o mais pobre, o mais humilde; na communicaçaõ affavel, e alegre; nos achaques, e adverſidades ſofrido, e conſtante; nas diſpoſiçoens dos Prelados prompto, e obediente; e taõ amante da obſervancia Religioſa, que todo era ancias de dilatalla; entre eſtas o apanhou a morte, e paſſou a melhor vida. Le-ſe a ſua epilogada em hum grande marmore, que lhe cobre a ſepultura. He eſte o Epitafio:

P.

P. Frater Dominicus de Rosario, idem in sæculo Domnus Ludovicus de Portugal, Comes Vimiosensis, unà cum uxore Comitissa Domna Joanna de Mendonça, illo consensu animorum, quo piè vixerant, Religioni Prædicatorum se devovit; tandem anno suæ ætatis 82. ab ortu Christi 1637. die Julii 30. optimæ memoriæ consecratus, placidissimè obiit, virtutum omnium monumentis ornatus, tum verò præcipuis obedientiæ, paupertatis, religionis, zeli, charitatis, & humilitatis, quibus singulariter floruit; quique vivens se consepeliverat sæculo, hic defunctus in tumulo feliciter vivit Deo.

CAPITULO XXXVI.

Do Mestre Frey Fernando Soeiro, filho deste Convento de Almada; e de alguns Religiosos, filhos desta Provincia, de que se duvida, ou ignora a Casa.

NAõ roubemos a esta Casa de Almada a gloria de hum filho benemerito desta memoria, como foy o Mestre Frey Fernando Soeiro, Prégador del-Rey Dom Joaõ IV., e grande Prégador, porque o reformado de sua vida era o primeiro conceito, que delle percebia o seu auditorio; assim eraõ os seus Sermoens huns brados, que faziaõ ecco no espirito, taõ fóra de contentar a curiosidade, que sempre sahia de o ouvir a compunçaõ. Estas circunstancias o faziaõ aceito áquelle Monarcha, que pezava bem o como naõ podia ser o Pulpito Cadeira de ostentaçoens, de facundia, e Rhetorica, mas de doutrina, e penitencia. Mas se o Mestre Frey Fernando desempenhava bem as obrigaçoens do Pulpito, naõ empregava com menos acerto as grangearias delle. Hoje se vem muitos do seu zelo em empregos, que igualmente pediaõ posses, como coraçaõ grandioso, e devoto; assim o mostra a obra do sepulchro, (que em S. Domingos de Lisboa mandou lavrar para Quinta Feira Mayor) fabrica sempre admirada pela materia, por ser tudo prata, agora mais, por reduzida a melhor fórma, em que se vê avultada em preço, e architectura; para o que deixou hum juro, que vay servindo para o augmento, e ficará depois para conservallo. Assim o desvelava o levantar throno ao Rey dos Reys no dia, em que a piedade Catholica lhe dobra o joelho pelas representaçoens de abatido. Coraçaõ, em que se meditavaõ estes cultos para Deos, bem se póde suppor que naõ admittia outro cuidado mais, que o de servillo. Confirmava-o assim a refórma, e observancia, em que continuou até a morte, que

O M. Fr. Fernando Soeiro.

que deixou a todos compungidos, como sua vida doutrinados. Faleceo em S. Domingos de Lisboa pelos annos de 1674.

Até aqui as memorias, que pode desenterrar a diligencia, e industria da sepultura, da omissaõ, e esquecimento, que favorecido dos annos, se faria senhor de mayores assumptos, que devendo sello á nossa escritura, ficaõ para a nossa magoa. Mas aliviese de algum modo esta, dando aqui lugar a alguns Religiosos, a que se ignora, ou duvida a Casa, de que saõ filhos, e seja o primeiro o Padre Frey Antonio Coutinho, Commissario do Santo Officio, illustre por nascimento, que lhe deu o appellido, celebre pelo grande talento, com que enchia o Pulpito, de que saõ boas testemunhas as Imprensas, que lhe conservaraõ algumas memorias, naõ só em Sermoens avulsos, mas em tres tomos grandes predicativos, a que intitulou *Promptuario espiritual das mais principaes festas dos Santos, e da Senhora.* Naõ desconheceo a Provincia a sua capacidade, ainda para outros empregos, que algumas vezes o contou entre os seus Prelados.

O P. Fr. Antonio Coutinho.

Mereceraõ a mesma lembrança os Religiosos seguintes: o Mestre Frey Thomaz Aranha, (a que alguma tradiçaõ faz filho de Coimbra) grande talento para tudo, e em qualquer emprego parecia que estava todo. Repartia-o com felicidade entre a Cadeira, e o Pulpito. Foy dotado de rara erudiçaõ; ainda mayor a fermosura, a viveza, a graça com que usava della. Honrou a estampa com repetidos trabalhos de seu estudo. Escutaõ-se ainda hoje suas memorias com agrado.

O M. Fr. Thomaz Aranha.

O Padre Frey Domingos da Assumpçaõ, de vida exemplar. A experiencia, que se tinha della, o levou a Mestre de Noviços no Convento de S. Domingos de Lisboa, naõ menos ao Bispado de Santo Thomé, para que o inculcou sua opiniaõ, e em que o collocou a dos que entendiaõ bem, que taes lugares querem quem vá levar doutrina, e naõ quem vá buscar honra. Nem o arriscado do clima o divertio da jornada; antes desprezou a vida, por passar a descobrir áquellas ovelhas o caminho da eterna.

O P. Fr. Domingos da Assumpçaõ, Bispo.

Entre tambem neste numero o Mestre Frey Vicente Pereira, grande Theologo em huma, e outra Theologia, Mystica, e Escholastica. Na primeira servio de exemplo, na segunda de Oraculo. Suas grandes letras assaz reconhecidas o collocaraõ no zenith dellas, lendo a Cadeira de Prima na Universidade de Coimbra, sendo nella o terceiro nos Lentes da Ordem, e o primeiro, que a possuio depois que nos foy dada de propriedade por Filippe II. em Portugal, III. em o resto de Hespanha. Fez elRey a merce á Religiaõ em 23. de Outubro de 1615.

O M. Fr. Vicente Pereira.

Fernandes in confert. Prædic.

Mereça-nos a mesma memoria o Mestre Frey Diogo Artur, porque, ainda que Hibernio, o perfilhou esta Provincia, a que o trouxe o grande brado de suas letras a occupar a mesma Cadeira de Prima, lugar, que encheo depois dos Mestres Frey Antonio da Resurreiçaõ, que foy Bispo de Angra, e Frey André de Santo Thomaz, de que já em seus lugares fica noticia mais

O M. Fr. Diogo Artur.

mais individual. Foy promovido á Cadeira o Mestre Fr. Diogo no anno de 1637. e nella continuou até o de 1646. em que foy aposentado por elRey Dom Joaõ o IV com cento e dez mil reis de tença. Assim veyo a Religiaõ a possuir a dita Cadeira desde que foy instituida por elRey Dom Joaõ o III. em Coimbra, no anno de 1534. até o presente successivamente, sem mais interrupçaõ, que a de hum pouco de tempo, que a leu em huma vacatura o Padre Mestre Francisco Soares Granatense, da Companhia de Jesus.

Occupava neste mesmo tempo a Cadeira de Prima de Escritura o Mestre Frey Jorze Pinheiro, sogeito grande, que esta Provincia reconheceo Provincial, e a Inquisiçaõ de Coimbra Deputado. Em huma, e outra Cadeira se suspenderaõ estes Padres pela perplexaõ, que houve em huma proposta, de que se devia esperar a resoluçaõ do Geral; que dilatando-se alguns annos, deraõ os nossos Monarchas a substituiçaõ da Cadeira de Prima a outras Religioens, em que naõ duvido que as letras fariaõ igual justiça, a naõ ser esta toda nossa.

Temos dado fim com este primeiro livro ás noticias dos Religiosos, que nesta Provincia nos executaraõ a esta memoria, authorizando-a com ella: mas como o Padre Frey Luiz de Sousa na segunda, e terceira Parte, a que se segue a que escrevemos, faz lista dos Provinciaes, que tinhaõ governado até o anno, em que suspendeo a penna, que foy o de 1613. será razaõ que naõ faltemos a esta circunstancia, e estylo de historiar, em que muitas vezes se póde desejar semelhante clareza nos successos da Provincia, accrescendo o dar assim lugar a sogeitos, que o naõ desmerecem para a ennobrecer, como o tiveraõ para a governar. Conhecerschaõ na reflexaõ, que fizermos na serie, que he a seguinte.

Serie dos Provinciaes, que governaraõ esta Provincia desde os annos de 1613. até o presente de 1729.

O ultimo Provincial, que aponta o Padre Frey Luiz de Sousa, eleito em S. Domingos de Lisboa por Mayo de 1612. foy o Padre Frey Agostinho de Sousa, illustre por nascimento, e taõ conhecido por capacidades de prudencia, e refórma, que se lhe commetteo a dos Padres Loyos da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista pelos annos de 1629. Governou os seus 4. annos.

Em 1616. feito Capitulo em Bemfica, foy eleito o Mestre Frey Thomaz de Brito, que depois morreo em Evora Deputado do Santo Officio. Presidio neste Capitulo hum Religioso Castelhano, por nome Frey Agostinho, por mandado do Reverendissimo Frey Serafino Sico. Governou os 4. annos.

Em 1620. sendo o Capitulo em Santarem, foy eleito o Mestre Frey Diogo Ferreira, ou Baralho, Consultor do Santo Officio. Govenou os quatro annos.

Em 1624. tornando a ser em Santarem o Capitulo, foy eleito o Mestre Frey Antonio Tarrique, Deputado do Santo Officio. (visitava nesse tempo esta Provincia o Mestre Frey Domingos Pimentel, Castelhano, da Casa dos Condes de Benavente, que depois foy Bispo de Cordova, Arcebispo de Sevilha,

lha, e ultimamente Cardeal da Igreja Romana, feito pela Santidade de Innocio X. no anno de 1652.) Governou os quatro annos.

Em 1628. celebrando-se Capitulo em S. Domingos de Lisboa, foy eleito o Mestre Frey Manoel Telles, que governou até 22. de Dezembro de 1631. porque entaõ o tiraraõ para Arcebispo de Goa. Passou a Castella a dar as graças a elRey. Sagrou-o em Santo Domingo el Real Dom Joaõ Manoel, Bispo de Coimbra, que entaõ se achou na Corte de Madrid. Já apontamos em seu lugar, como o Arcebispo faleceo na viagem.

Em 22. de Dezembro de 1631. tornando a celebrar-se Capitulo em Lisboa, foy eleito Frey Francisco de Sottomayor, Castelhano, que ao presente assistia em Castella; anticipouse-lhe a morte á posse do cargo. Presidio nesta eleiçaõ Frey Pedro Manrique de Enestrosa Castelhano, por ordem do Reverendissimo Rodulfo. Parece, que naõ approvou o Ceo, nem devia approvar eleiçaõ, em que o poder de Castella, ou a ambiçaõ favorecida delle, se introduzio a usurpar a presidencia, e a prelazia, em prejuizo, e aggravo dos sogeitos grandes, que nesta Provincia tinhaõ justiça para huma cousa, e outra. Mas veyo a restituirse-lhe o governo, ficando por morte do Provincial eleito na maõ de Frey Agostinho de Sousa, como Prior de Lisboa, que de presente era, Casa, em que estava assignado o Capitulo futuro. Assim governou Frey Agostinho, como Vigario Geral, até 28. de Janeiro de 1634.

Celebrouse Capitulo no mesmo Convento de Lisboa em 28. de Janeiro de 1634. e sahio eleito o Mestre Frey Jorze Pinheiro, pessoa de grande nome, que occupou a Cadeira de Prima de Escritura na Universidade de Coimbra, e foy Deputado do Santo Officio. Governou tres annos até Mayo de 1637.

Em 1637. elegeraõ em Lisboa o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, do Conselho Geral do Santo Officio, Prégador delRey. (já sua vida nos deu neste livro assumpto a larga escritura) Assistia entaõ na Corte de Madrid com importancias do Santo Officio. Governou quatro annos.

Em 1641. foy eleito em Lisboa o Mestre Frey Alvaro de Castro, Deputado do Santo Officio, que governou os quatro annos.

Em 1645. celebrando-se o Capitulo em Lisboa, assistio por Presidente da eleiçaõ, por commissaõ especial do Mestre Geral Frey Thomaz Turco, o Mestre Frey Domingos do Rosario, Hibernio; vieraõ do mesmo Reverendissimo tres apontados, sem exclusiva. Foraõ o M. Fr. Manoel Rebello, o Mestre Frey Pedro de Magalhaens, e o Mestre Frey Fernando da Encarnaçaõ, sogeitos de grande reputaçaõ na Provincia, (dos dous ultimos fizemos já mais larga memoria) mas foy a eleiçaõ fóra dos apontados, em Frey Ignacio de S. Payo. Houve erro sobre o escrutinio; convocaraõ outra vez a Capitulo, naõ se achou nelle o Presidente Hibernio (que até entaõ fora Visitador desta Provincia) nem o Escrutador mais antigo, que era o Mestre Frey

Manoel Rebello. Fez-se a eleiçaõ no mesmo Frey Ignacio, que remettida ao Geral, a annullou, e resolvendo em conselho que estava devoluta a si, instituío Provincial da Provincia ao Presentado Frey Mauricio da Cruz. Tomou posse em Janeiro de 1646. governando no tempo, que mediou, Frey Agostinho de Sousa, com poderes, que lhe deu o Vice Colleitor Jeronymo Batallino.

Em Abril de 1649. dividido o Capitulo, sahiraõ duas eleiçoens; naõ tiveraõ valor; caçou-as o Presidente Geral de toda a Ordem, o Mestre Frey Niculao Rodulfo, promovido a este lugar, (por morte do Mestre Geral Frey Thomaz Turco) pelo Papa Innocencio X. de que impetrou Breve para instituir Provincial, que foy o Mestre Frey Thomaz da Mota: tomou posse em Março de 1650. tendo governado no tempo, que mediou, como Vigario Geral, o Mestre Frey Rafael da Fonseca, Prior de Lisboa. Governou o Mestre Frey Thomaz até o anno de 1653. em que veyo Patente de Visitador Geral, e Vigario da Provincia (por ordem do Reverendissimo, o Mestre Frey Joaõ Baptista de Marines, que morto o Reverendissimo Rodulfo, entrou a governar a Ordem) ao Mestre Frey Manoel Ferreira, que depois morreo Deputado do Santo Officio em Evora. Governou hum anno.

Por 1654. convocado Capitulo para Santarem, foy eleito o Mestre Frey Diniz de Lancastro, pessoa de grandes respeitos por sua calidade, como irmaõ dos Condes de Obidos, e Santa Cruz. Já crescido, (tinha entaõ acabado o governo de Tangere) o trouxe à Religiaõ hum singular affecto, com que abraçou as pençoens della; mas naõ lhe valeo o Sagrado a que fogio, que lá foy perseguido seu prestimo, de quem fiava delle a felicidade de acertar em tudo, mandando-o elRey Dom Joaõ o IV. por Embaixador a Hollanda. Naõ era menos o conhecimento, e experiencia, que tinha de sua madureza a Provincia; estas as adherencias, que o levaraõ a Prelado della. Governou quatro annos, e faleceo já muy entrado nelles. Tem sepultura em Bemfica, na Via Sacra, que corre do Capitulo para o Coro. Deveo á penna do Mestre Frey Domingos de Santo Thomaz o epitafio, taõ merecido como do Mestre Frey Diniz, taõ elegante como do Mestre Frey Domingos.

No anno de 1658. convocado Capitulo para o Convento da Batalha, sahio eleito o Prégador Geral Frey Jorze Coelho, que governou até Novembro de 1660.

Em 1660. veyo por Visitador, e Vigario Geral da Provincia o Mestre Frey Vicente Baronio, de naçaõ Francez, e dos reformados da Provincia de Tolosa, pessoa de grandes letras, como testemunhaõ seus livros. Ficou suspenso o Provincial, e governou o Visitador hum anno.

Em Janeiro de 1661. mandou o Reverendissimo Marines Patente de Vigario Geral da Provincia ao Presentado Frey Miguel Bautista, tirando os poderes ao Baronio; e porque o Geral advertia na Patente, que

fazia

fazia a Frey Miguel Vigario *usque ad electionem suo tempore faciendam*, passado o tempo da eleiçaõ, confirmou ao Mestre Frey Fernando Soeiro o motu proprio de Pio V. por ser Prior de Bemfica, adonde estava assignado o Capitulo futuro. Tomou posse de Vigario Geral o Mestre Frey Fernando, e vendo-se obedecido de quasi toda a Provincia, bastou o conhecer descontente a minima parte della, para desistir do cargo; assim era seu animo despido de ambiçoens de governo! ou assim preferia o socego da Provincia aos respeitos de sua pessoa! Ficou governando o Presentado Frey Miguel Bautista, naõ menos benemerito para o cargo aquelle que o recebia, que aquelle, que o regeitava, obrando em hum a prudencia o que em outro o zelo da reforma; com a noticia desta se perpetua a memoria de Frey Miguel, merecendo-a o religioso, e observante de sua vida, que duas vezes lhe poz nas mãos o governo da Provincia, como o das mais notaveis Casas della. Governou como Vigario Geral até Setembro da mesma Era de 1661.

Em 27. de Setembro do mesmo anno veyo Patente por hum motu proprio de Alexandre VII. para o Mestre Frey Bartholomeu Ferreira, que foy Deputado do Santo Officio em Lisboa, e em Evora, Religioso de grande exemplo, a quem nem os cargos, nem as occupaçoens dispensavaõ das obrigaçoens do estado. Talvez largava o livro, porque o chamava o Coro; e talvez a penna, para pegar na vaçoura, quando ao Sabbado tocaõ na Communidade áquella demonstraçaõ humilde, em que sahem os Religiosos a varrer o Convento, sendo dos Mestres, Prelados, e Religiosos mais crescidos o Claustro como lugar mais publico; neste, como em todos de servir, e se abater, era o Mestre Frey Bartholomeu o primeiro. Governou os quatro annos.

No de 1665. foy eleito em S. Domingos de Lisboa o Mestre Frey Manoel de Vasconcellos. Foy a Roma o Escrutinio com falta, por inadvertencia; caçouse a eleiçaõ, e tornou a vir por Vigario Geral da Provincia o Presentado Frey Miguel Bautista, que governou dous annos, e elegeo o Mestre Geral em Provincial ao Mestre Frey Manoel Pereira, que entaõ se detinha na Curia com o cargo de companheiro, e titulo de Provincial da Terra Santa. (já delle fica feita mais larga, e merecida memoria). Veyo a este Reyno; governou quatro annos.

No de 1671. no Capitulo de Lisboa foy eleito o Mestre Frey Valerio de S. Raymundo, Inquisidor da Mesa Grande, e Bispo de Elvas, taõ digno daquelle cargo, como desta Mitra, e tanto desta reflexaõ, como da memoria, com que já nos deixa bem occupada esta escritura; governou quatro annos.

No de 1675. veyo motu proprio ao Mestre Frey Jorze de Castro, Deputado do Santo Officio em Lisboa, grande, e profundo Theologo, antes o Oraculo da Theologia no seu seculo, sogeito digno de occupar mayores lugares (a que voava, sem chegar nunca) o seu talen-

to, confirmado na fatalidade de o deixarem queixoso. Governou os quatro annos.

Por 1679. sahio eleito no Capitulo da Batalha o Mestre Frey Simaõ de Macedo, Consultor do Santo Officio, que faleceo em Agosto de 1680. ficando por Vigario Geral seu irmaõ, como Prior da Batalha, o Padre Frey Manoel Pinto. Celebrouse no mesmo anno de 1680. Capitulo no mesmo Convento da Batalha, e elegeraõ o Mestre Frey Agostinho de Santo Thomaz, Consultor do Santo Officio, que governou cinco annos, sendo eleito em Dezembro.

No de 1685. tornando a convocarse Capitulo na Batalha, (presidio a esta eleiçaõ o Mestre Frey Gaspar da Mota, Visitador Castelhano) sahio eleito o Mestre Frey Manoel Leitaõ, que governou os quatro annos. Era Consultor do Santo Officio, e da Junta das Missoens.

No anno de 1689. celebrando-se Capitulo em Evora, elegeraõ o Presentado Frey Antonio Galraõ, que governou quatro annos de Provincial, de Vigario Geral hum, porque, celebrado Capitulo na Batalha pelos annos de 1693. em que, repartidos os votos, sahiraõ eleitos o Mestre Frey Manoel Veloso, Deputado do Santo Officio, e o Mestre Frey Manoel da Ascensaõ, Inquisidor da India, naõ tendo effeito o Capitulo em Roma, continuou o Provincial aquelle anno com Patente do Nuncio.

No anno de 1694. no Capitulo de Lisboa foy eleito o Mestre Frey Manoel Mascarenhas, Consultor do Santo Officio, e Examinador da Mesa da Consciencia, em cujo governo vindo por Vigario, e Visitador Gerál o Padre Frey Domingos da Encarnaçaõ, entre hum, e outro se encheraõ os quatro annos do governo.

No de 1698. veyo motu proprio de Innocencio XII. ao Mestre Frey Joseph Galraõ, que governou os quatro annos. Foy Consultor do Santo Officio.

Pelo de 1702., celebrado Capitulo em S. Domingos de Lisboa, foy eleito o Mestre Frey Joaõ Bautista de Marines, que perpetuado no Collegio de Santo Thomaz, foy reconhecido por hum grande Theologo. Foy depois Deputado do Santo Officio em Evora, e tambem nesta Corte, da Junta das Missoens.

Acabado o governo do Mestre Marines, no anno de 1706. foy eleito o Mestre Frey Manoel de Senna, Consultor do Santo Officio, e da Junta das Missoens. Faleceo Vigario do Sacramento, lugar de reputaçaõ, que occupou muitos annos.

Seguio-se no anno de 1710. o Mestre Frey Manoel da Encarnaçaõ, conhecido pelo cognome de Pontevel, que lhe deu sua Patria. Foy Consultor do Santo Officio, e hum dos Escritores da Ordem neste seculo, em que compoz quatro Tomos sobre o Evangelho de S. Mattheus, aproveitando-lhe a Imprensa os trabalhos de muitos annos, assim do Pulpito, como da liçaõ da Sacra Pagina, de que foy Lente no Real Convento de S. Domingos de Lisboa, onde faleceo.

Seguio-se no anno de 1714. o Mestre Frey Domingos de Santo Thomaz, Consultor do Santo Officio, em que occupou o

o lugar de Deputado de Lisboa, que vagou por morte do Mestre Frey Manoel de Santo Agostinho. Foy tambem Deputado da Bulla. Era actualmente Prior de S. Domingos de Lisboa, quando entrou no Provincialado, que exerceo por tres annos.

Seguio-se no de 1717. o Presentado Frey Manoel de S. Joseph, que no de 1721. passou a Roma ao Capitulo Geral, em que foy eleito em Mestre Geral de toda a Ordem dos Prégadores o Mestre Frey Agostinho Pipia, que de Secretario do Indice (estimavel lugar, que pertence á Religiaõ, e de que teve o primeiro exercicio o nosso doutissimo Portuguez Oleastro) passou ao Generalato, e delle á Purpura Cardinalicia no anno de 1724. chegando ao numero de sessenta e oito dos que a vestiraõ sobre o Escapulario Dominicano.

Seguio-se o Mestre Frey Antonio do Sacramento, Consultor do Santo Officio. As Aulas Conimbricenses, em que tomou o grao de Doutor, o escutaraõ consummado Theologo, como os Pulpitos da mesma Cidade, e da de Lisboa o testemunharaõ insigne Cultor Evangelico, exercicio, com que alguma vez enriqueceo o prélo. No seu tempo teve a Ordem de S. Domingos a singular gloria de ver a hum filho seu occupar a Cadeira Pontificia, no Cardeal Vicente Maria Ursini, nome, que teve na Religiaõ, e trocou no de Benedicto XIII. eleiçaõ milagrosa, como naõ esperada, que, applaudida por toda a Christandade, o foy singularmente da reverente, e Catholica attençaõ delRey Dom Joaõ o V. o Magnifico Nosso Senhor, que diligenciando, e conseguindo essa noticia anticipada, a mandou participar ao mesmo Provincial, a que hindo-lhe beijar a maõ, honrou, e a toda a Religiaõ com expressoens dignas de seu pio, e Real animo.

Deveo tambem este Prelado a este religioso Numa Porguez, e Catholico Monarcha, a approvaçaõ de melhorar a Igreja de S. Domingos de Lisboa, livrando-a da improporçaõ, e irregularidade, que a faziaõ indecente, sendo a sua muita antiguidade (que já em partes a promettia menos segura) a primeira executora ao beneficio de innovada; empreza, que espiritos mais frouxos condemnaraõ temeraria; e vay mostrando o effeito o que teve de judiciosa.

Muitos annos antes o tinha intentado o Mestre Frey Manoel Mascarenhas, sendo Provincial, no reynado delRey Dom Pedro II. (de saudosa memoria) que conhecendo-a improporcionada a braço, que naõ fosse Real, (como o que sabia, que fora desempenho de dous Monarchas desta Coroa) entrou em pensamentos de facilitalla. Desvaneceo-se o intento; seria frouxidaõ de quem pertendia, porque naõ podia ser arrependimento da generosidade, que promettera. Agora com melhores auxilios deveo o Mestre Frey Antonio (e esta sua Real Casa) a elRey Nosso Senhor as direcçoens, e idéa da nova, e proporcionada fabrica, que será Sagrado padraõ de sua Regia, e incomparavel beneficencia.

Já dissemos que, governando esta Provincia o Mestre Frey Antonio, derribara (naõ sem be-

beneplacito soberano) a antiga fabrica da Igreja, naõ só por irregular, e incomposta, mas já taõ perseguida dos annos, que antes pareceo acautelar ruinas, que meditar melhoras. A dispendio, e diligencias do mesmo bemfeitor, se lhe vaõ (quando isto escrevemos) conseguindo algumas. Duas Capellas se vem já lavradas á moderna. Huma, que offereceo ao Santo Christo, como devoto; outra ao Mestre Angelico, como discipulo; e passando a authorizar o corpo da Igreja, fabricou dous magestosos Pulpitos de bem lavrada talha, alargando a maõ na sua estructura, como agradecido ao nome, que lhe deraõ os theatros da prédica.

No anno de 1726. que damos esta noticia, tem o Provincialado, como successor do Mestre Fr. Antonio, o Mestre Fr. Joseph de Santo Thomaz, Consultor do Santo Officio. Passou a elle sendo actualmente Prior de S. Domingos de Lisboa.

No anno de 1729. a 7. de Mayo, celebrando-se o Capitulo Provincial em S. Domingos de Lisboa, se elegeo o Muito Reverendo Padre Frey Christovaõ de Santo Thomaz, Mestre em Theologia, Consultor do S.to Officio, sendo actualmente Prior do mesmo Convento; e ao tempo, que isto escrevemos, continúa com religiosos progressos o seu ditoso governo, devendo-lhe esta Provincia o perpetuarse a gloria daquelles seus filhos, (assim observante, como literaria) que com tanta a serviraõ, e ennobreceraõ, mandando com zelo prelaticio, e espirito generoso (como sempre empenhado em promover as glorias da Religiaõ) dar á estampa esta quart. Parte da Historia desta Provincia, sepultada por longos annos (em injuria de tantos benemeritos) na indigna omissaõ ou do pouco reparo, ou do culpavel descuido.

CAPITULO XXXVII.

Fundaçaõ do Convento de Santa Joanna, Princeza de Portugal, da Ordem dos Prégadores.

CORria o anno de 1697. quando por morte de Dom Joaõ de Castro Telles, ultimo possuidor do Morgado de Dom Alvaro de Castro, se poz em pratica a fundaçaõ do novo Convento de Santa Joanna, com tantos embaraços vencidos, que parece pode entender a piedade Christãa, que entrou o Ceo com especial Providencia na permissaõ desta fabrica, sendo estes os prodigios, que lhe serviraõ de preludios, porque naõ houvesse fundaçaõ Dominicana, a que aquelles naõ abrissem caminho, e conciliassem credito. Cheas estaõ as nossas Historias destas verdades, e os Conventos desta Provincia com os Cartorios cheyos de seus testemunhos. Mas baste-nos o referir fiel, e brevemente o que precedeo aos principios desta Casa, sem fazer comparaçaõ a outras, com o risco de expormos o que está escrito ao dezar de mal tresladado.

Foy Dom Alvaro de Castro hum Fidalgo taõ illustre, como diz o seu appellido, e taõ affecto á Religiaõ Dominicana, como todos os que o tiveraõ. Descançaõ entre nós (como os do mes-

mesmo Dom Alvaro) os ossos de muitos, e por muitos os do esclarecido Vice-Rey Dom Joaõ de Castro, cinzas de grande Feniz, a que destinou igual urna o Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro na Capella, que lavrou no Convento de Bemfica. Descançava D. Alvaro de Castro na Patria, depois de a ter servido nas alheas, em huma Quinta sua, que ao sahir de Lisboa, junto ao Mosteiro de Santa Marta, fica na estrada, que corre da Cidade para o lugar de Nossa Senhora da Luz, que dá nome ao chafariz, que em hum largo, em que se remata a Quinta (de quem tambem he a agua) lhe fica servindo de espelho a huma janella, e fazendo o sitio delicioso á sede, e cançaço dos passageiros, como ao commodo, e divertimentos dos visinhos. Assim se ficou chamando o sitio *Chafariz de Andaluz*, nome, que o faz celebre entre os mais circumvisinhos á Cidade.

Tem a Quinta boa casaria, Palacio dos que naquelles tempos authorizavaõ huma Casa de campo, appetecida esta pelas liberdades delle, nas visinhanças da Cidade. Era esta Quinta, e Olivaes, que nas costas della se estendem, o principal, e mais bemparado da fazenda de Dom Alvaro, quando havendo de acompanhar a elRey Dom Sebastiaõ, com a mais nobreza, na infeliz jornada de Africa, e resolvendo-se como homem de consciencia concertada, e advertida, a deixar sem embaraços as importancias de sua alma, fez o seu testamento; e naõ se esquecendo do affecto grande, que sempre lhe deveo a Ordem, naõ contente com ter em o Convento de Bemfica jazigo, e Capella bem dotada, assim dispoz de sua fazenda, que veyo ultimamente a deixar a mesma Ordem por herdeira do melhor della.

Deixou a seu sobrinho Dom Leonardo de Castro as casas, e Quinta de Andaluz, com os Olivaes, e mais pertenças a ella, com clausula, que herdassem só os descendentes da linha recta, excluindo a transversal, e que em falta daquella, fosse chamado á herança o Convento de Bemfica, fazendo-se nas casas, e Quinta hum Convento da Ordem, pela direcçaõ do Provincial, que fosse pelo tempo. E para que se veja na prudente disposiçaõ do Testador o desejo, e ancia de dar mais huma Casa a esta Provincia, diz assim, tirado da verba do testamento, no corpo delle.

E assim com tal pacto, e condiçaõ, que o dito Convento (falla de Bemfica) *seja obrigado, dentro em dous annos, sucessivos á morte do ultimo possuidor, por quem assim houver a dita Quinta, pôr por obra, começar, e ordenar com effeito na dita Quinta hum Mosteiro de Frades da Ordem de S. Domingos, com todas as officinas a elle necessarias, do tamanho, que parecer ao Provincial, que a esse tempo for, &c.*

Assim dispoz Dom Alvaro o seu testamento, e assim ordenou o Ceo, que em o espaço de cento e dezanove annos faltasse successaõ por linha recta em huma taõ grande Casa, acabando em Dom Joaõ de Castro, ultimo da linha, para começar em acrescer as paredes de hum novo Convento desta Provincia, ao

ao mesmo tempo, em que para lhe occupar os Altares, se beatificava huma filha della na Princeza Dona Joanna. Entrou o Provincial, que entaõ governava, o Mestre Frey Joseph Galraõ, em cuidados de dar cumprimento ao legado; mas vencida, quando menos se imaginava, a primeira difficuldade, qne era faltar successor, que entrasse na herança, topamos com outra quasi insuperavel, que era a de levantar nova Casa em tempo, em que povoada a Corte de Lisboa, (de que ficava taõ visinha a fundaçaõ, que se intentava) de tantas, e taõ grossas, fazia lembrar os inconvenientes grandes, que se seguiaõ a hum Reyno pequeno, desfrutado de rendas, que applicadas ao espiritual, faltavaõ ao civil.

Malquistava mais a nossa pertençaõ, a que tinhaõ os poderosos a huma Casa de Campo taõ nobre, e em tal sitio, que a fazia cobiçada ainda dos que estavaõ melhorados de vivenda. Engenhaõ-se facilmente dos cobiçosos os desaffeiçoados. Começou a nossa Communidade a criar inimigos, e a avultar nos olhos de todos o que, sem pertencer a nenhum, cresceo na valia; tudo o que se lhe foy impossibilitando a esperança. Discorriaõ, (por mais que naõ ignoravaõ a vontade do Testador) que parecia ambiçaõ o querermos outra Casa, quando na Corte estavamos logrando na de S. Domingos de Lisboa o melhor sitio della; outra á vista, no lugar de Almada; outra em pouca distancia, em Bemfica, naõ fallando em tres Mosteiros de Freiras dentro da Cidade, dous fóra, e na visinhança della, e hum de Hibernios, tudo da Ordem, ainda que nem tudo da Provincia.

Mas naõ advertiaõ, que para esta pertençaõ eramos chamados, (como o fomos para este Reyno) e o desinteresse com que em todas as partes delle nos houvemos nas occasioens, em que nos poderamos adiantar em lucros, naõ mal merecidos, como salarios, do que servimos sempre a Igreja, e naõ menos a Coroa; testemunho, que póde dar quem já lançou os olhos a nossas Historias, e hoje os passar, pela limitaçaõ, e pobreza de nossas Casas, a que nos recolhemos com o preciso para o sustento, em tempo, em que naõ passava de preciso, e que no attenuado de hoje deixa o campo aberto á necessidade; e se entaõ á vista do agrado, com que nos chamavaõ, e recebiaõ, eramos curtos, e acanhados até no aceitar, que seria depois no pedir? Mas callando estas repostas, como tolerando aquellas invectivas, sendo força dar satisfaçaõ ao legado, propoz o Provincial a elRey Dom Pedro II. as razoens da nossa supplica, apadrinhadas de duas circunstancias, que a todos o votos as faziaõ arrezoadas. Primeira, que naõ havia ainda neste Reyno Casa da Princeza Santa Joanna, novamente dada, e descuberta ao culto da Igreja pelos Principes della; e era reconhecimento ao Ceo, que lha deu Portugueza, e Santa, veneralla Santa, e agradecella Portugueza, com demonstraçaõ apadrinhada por Sua Magestade, que a reconhecia tia sua. Segunda razaõ; que a Casa se fundava para hospedagem de Missionarios

para

para a India, e Christandades, que temos nella, para onde esta Provincia manda destes Reynos a sua missaõ todos os annos. Era o genio delRey pio devoto da Santa, reconhecido ás razoens de parentesco com ella, concedeo liberalmente a licença, como consta do Alvará, passado em Lisboa a 20 de Setembro de 1698. e he o seguinte:

Eu elRey faço saber, que o Provincial da Ordem de S. Domingos me representou por sua petiçaõ, que no testamento com que falecera Dom Alvaro de Castro, vinculara em morgado huma Quinta, que tinhaõ ao Chafariz de Andaluz, chamando para successores a Dom Leonardo de Castro, e seus descendentes, e na falta delles, ao Convento de S. Domingos de Bemfica, com tal condiçaõ, que neste caso seriaõ obrigàdos os Religiosos a principiar hum Convento de Frades da sua Ordem na mesma Quinta, dentro de dous annos depois da morte do ultimo possuidor; e que para proseguirem a obra do dito Convento, poderiaõ vender até dous mil cruzados das fazendas, que se achavaõ fóra da cerca da dita Quinta; e por quanto, por falecimento do ultimo dos descendentes chamados, que fora Dom Joaõ de Castro Telles, se viera a purificar o caso da substituiçaõ do dito Convento de Bemfica, o qual entrara de posse pacifica da dita Quinta, e para haver de dar cumprimento á vontade do Instituidor, tinha destinado fundar na dita Quinta hum Convento, consagrado á memoria da Princeza Santa Joanna da sua Ordem, para nelle se haverem de criar, e instruir Missionarios para a India Oriental, me pedia lhe fizesse merce conceder Alvará para o dito effeito; e visto o mais que allegou, informaçaõ, que se houve pelo Doutor Gaspar Mosinho de Albuquerque, Juiz da Coroa, e reposta do Procurador della, a que se deu vista, e naõ teve duvida: Hey por bem fazer merce ao supplicante, em veneraçaõ, e memoria da Princeza Santa Joanna, que dos bens, que lhe ficaraõ de Dom Alvaro de Castro, possa fundar na Quinta referida, sita ao Chafariz de Andaluz, hum Convento de Religiosos da Ordem de S. Domingos, para se criarem Missionarios, que vaõ propagar

a Fé Catholica á India Oriental, e que em nenhum tempo possa servir este Convento, senaõ para o ministerio da criaçaõ, e instrucçaõ dos mesmos Missionarios, tendo sempre aquelle numero, que commodamente se possa sustentar com as rendas, de que consta o vinculo do dito morgado, e que seraõ obrigados a mandar todos os annos aquelles Missionarios, que for possivel; e faltando a estas obrigaçoens, mandarey prover do remedio, que me parecer cunveniente: comprindo-se este Alvará inteiramente como nelle se contém, que valerá posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenaçaõ do livro segundo, titulo quarenta em contrario. André Rodrigues da Sylva o fez em Lisboa, a 20. de Setembro de 1698. Joseph Fagundes Bezerra o fez escrever.

REY.

Conseguida a licença, deuse calor á obra, e em 25. de Novembro de 1699. dia de Santa Catharina Virgem, e Martyr, Protectora da Ordem, se lançou a primeira pedra. Fez a funçaõ Dom Frey Pedro Foyos, Bispo de Anel no Arcebispado de Lisboa, com o titulo de Bona, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Assistiraõ o Provincial, e Religiosos graves. Cresceo logo a fabrica da Igreja, espaçosa, e desembaraçada. Ficaõ lhe as costas ao Poente, e ao Nascente a porta principal, a que serve de Adro, e terreiro á estrada, que corre entre a Quinta, e huns Olivaes. He a architectura moderna; formaõ o corpo da Igreja quatro Capellas á face della. Abre-se a mayor com hum ayroso arco, e vaõ espaçoso em correspondencia de toda a obra, a que algumas janellas em proporçaõ introduzem a muita luz, que lhe serve de alma. Assim á maõ direita, como á esquerda, lhe fica campo direito, e desembaraçado para hum proporcionado Convento, com todas suas officinas, em que se trabalha com o vagar de fundaçaõ pobre, e desvalida, sendo nos Religiosos de S. Domingos peregrina, ou totalmente ignorada aquella agencia, com que vemos crescer outras cada dia. Taõ pouca a ambiçaõ, que ha nesta Provincia de ter mais huma Casa! Ou taõ pouco o commercio com os ricos, e poderosos, que a podiaõ pôr em outra altura! Bençaõ será de Nosso Patriarcha S. Domingos, que desde suas primeiras fundaçoens, quiz as suas Casas pobres. Antes Aulas para o estudo, que Palacios para o regalo.

Esta

Esta he a ultima fundaçaõ, que nos deu assumpto até este anno de 1706. em que vamos escrevendo quanto ao que pertence a Casas de Religiosos; e estas as noticias dignas de memoria, como do emprego da nossa diligencia, e escritura quanto aos filhos desta Provincia. A muitos mais poderamos estender a penna, se nos levara a ambiçaõ de dizer muito, antes que o conselho de naõ passar do preciso, ou a cautela de naõ enfastiar repetindo o mesmo. Teve esta Provincia muitos filhos observantes das Constituiçoens, e Regra, que professaraõ, sendo este exercicio hum argumento taõ claro de huma vida inculpavel, que chegou a dizer nosso grande Pontifice S. Pio V. *Que para canonizar hum Religioso Dominico, bastava a prova de que guardara as suas Constituiçoens á risca.* E naõ deixa de ser motivo de bem considerada reflexaõ, o haver tantos espiritos, que as guardassem nessa fórma, naõ tendo a sua observancia o freyo, ou o ameaço de culpa, que obrigasse a ella, porque Nosso Patriarcha attendendo á suavidade do jugo Evangelico, proposto pelo mesmo Christo á vontade dos homens, convidando, e naõ constrangendo (como escreve S. Mattheus do estylo, com que chamara á seus Discipulos: *Dixit discipulis suis: Siquis vult venire post me*) seguio o acerto do melhor Legislador, e naõ quiz carregar a guarda das suas leys com a rigorosa pensaõ de preceito, que obrigasse a peccado. Assim naõ incorrem nelle, nem ainda venial, os transgressores, (excepto se entra desprezo) ficando só sogeitos ao castigo dos Prelados, porque na simplez fracçaõ da ley ha pena, e naõ ha culpa.

Matthæi. 15.

Este he o argumento de especial favor do Ceo, no numero grande de observantes, naõ havendo o ameaço rigoroso de hum peccado, que sirva ou de freyo á liberdade, ou de estimulo á observancia. Mas como nesta numerosidade de Religiosos observantes, que neste tempo floreceraõ, entre o descuido de apontarem as suas acçoens, naõ achamos caso mayor, que os singularize, baste ás suas virtudes o ficarem á conta do justo Retribuidor dellas, de quem receberaõ o premio, que cada huma merece, escrito seu nome no volume da eternidade.

Mas ainda que alarguemos este Capitulo mais do costumado, he preciso encostar á noticia desta Casa huma nova gloria, que hoje veneramos nella. Deixou já escrito o nosso grande antecessor o deposito da Santa Princeza no Convento de Jesus de Aveiro, inferior ao Commungatorio na parte interior do Coro; lugar, em que descançaraõ suas veneraveis Reliquias até o anno de 1577. em que do primeiro caixaõ se trasladaraõ para outro em fórma de tumulo, de mayor grandeza, e artificio, de pao de evano, cuberto, e ornado com chapas de bronze douradas, guardando-se dentro outro caixaõ, em que estavaõ as Reliquias. Cercavaõ o tumulo grades do mesmo bronze, e cobria-o hum pano rico; pia, e devota liberalidade, com que quiz venerar a Santa, Dona Jeronyma de Castro, e que depois continuou com cubertura

de mayor preço a Duqueza de Caminha Dona Anna Manrique de Lara, que por algum tempo fez neste Mosteiro assistencia. Em hum, e outro tumulo acreditou Deos sua serva, e esposa, sendo continuos os favores, que experimentaraõ, e experimentaõ seus devotos na medicinal terra da sua sepultura, como apontaõ os que escreveraõ sua historia, e eu ponderey com mais reflexaõ no Panegyrico da mesma Santa.

Assim estiveraõ as Sagradas Reliquias por muitos annos com a veneraçaõ de huma Missa de todos os Santos, que se cantava no dia de seu transito a 12. de Mayo, em que com a vista do tumulo se contentava a devoçaõ do Povo. Havia Sermaõ em que se relatavaõ as virtudes da Santa; no Altar môr se collocava hum Retrato, e Vera effigies sua, portentosa para a piedade, e veneraçaõ Christãa, como testemunhaõ muitos favorecidos, e entre elles o Prior do Convento de S. Domingos da mesma Villa de Aveiro, e o Conego Manoel Bello, restituidos, hum, e outro á repentina, e inteira melhora, só com a vista, e veneraçaõ da prodigiosa pintura. Hoje se guarda esta no Palacio dos Bispos de Coimbra, desde o anno de 1689. em que o Bispo Dom Joaõ de Mello, (espelho de Prelados, e veneraçaõ, e saudade daquella Dioces) indo a formar os processos para a Beatificaçaõ da Santa, e vendo, e admirando o dito Retrato, o pedio ás Religiosas com instancia, e o trasladou ao Paço, em que sempre se tem conservado com o mesmo culto, e experiencias repetidas de prodigioso.

Chegou finalmente o anno, em que se começou a dar calor a mayor culto da Santa, que foy em 1626. em que á instancia das Religiosas. (em que eraõ taõ ardentes os desejos de ver occupados os Altares com as ultimas veneraçoens da Santa, como os coraçoens o estavaõ para agradecer as piedades com que lhe assistia) mandou o Bispo de Coimbra, que era entaõ Dom Joaõ Manoel, tirar inquiriçoens de vida, e milagres, a seu Provisor Bernardo da Fonseca Saraiva, que formou de tudo hum sufficiente processo, com que deu hum glorioso principio a esta sagrada empreza, attribuindo-se este á piedosa ancia, e espirituaes negociaçoens das Religiosas, sabendo-se de huma, que por espaço de doze annos ajuntou á sua supplica todas as segundas, e sestas Feiras o jejum de paõ, e agua.

Entrou tambem a negociar a obrigaçaõ, em que a Santa poz a dous seculares nobres da Villa, o Doutor Joaõ de Mello, e Damiaõ Pereira da Sylva, que carecendo de filhos, a tomaraõ diante de Deos por medianeira, e fazendo particulares votos, se acharaõ com o que pertendiaõ, mostrando-se agradecidos; Joaõ de Mello offerecendo, e tributando á Santa huma grande alampada de prata, e Damiaõ Pereira seiscentos mil reis, para ajuda dos grandes gastos, que trazem semelhantes negocios. Fez-se logo supplica ao Pontifice, (para o que passou á Curia o Presentado Frey Manoel Mascarenhas, que depois foy Mestre, e Provincial desta Provincia) para que se podesse rezar, e dar culto a huma Princeza de Portugal,

tugal, que acabando a vida no habito de S. Domingos, já de tempo immemorial devia ao seu Reyno, e ainda á veneraçaõ dos estranhos, a gloriosa anthonomasia de Princeza Santa. Vieraõ Decretos ao Bispo de Coimbra Dom Joaõ de Mello, para que formasse o processo dos milagres, em que naõ foy o menor a sobrehumana fragrancia, que, aberto o tumulo, e caixaõ, exhalaraõ as Santas Reliquias, naõ ficando só nas visinhanças do Coro, e Mosteiro, mas passando á Igreja, em que todos, os que assistiaõ áquelle acto, o perceberaõ com suavidade, e assombro.

Tudo se propoz na Curia, em que já por morte de Innocencio, se achava na Cadeira Pontificia Alexandre VIII. a que succedeo brevemente Innocencio XII. que á instancia do Senhor Rey Dom Pedro II. de saudosa memoria, (que venerava na Santa huma estimavel consanguinea) e do mesmo Bispo, do Provincial de S. Domingos, de toda a Religiaõ, e muitos Senhores do Reyno, precedendo todos os Sagrados ritos, beatificou solemnemente a Santa no anno de 1693. como consta da Bulla, passada a 4. de Abril do mesmo anno, que principia: *Sacrosancti Apostolatus cura*, &c. e logo no seguinte anno concedeo o mesmo Pontifice, que se rezasse da Santa em todo o Reyno de Portugal, e suas Conquistas debaixo do rito Semiduplex, para o Clero, e Regulares, que veyo a ser Duplex para a Religiaõ Dominicana; o que consta do Decreto da Sagrada Congregaçaõ de Ritos, passado a 9. de Julho do mesmo anno.

Huma, e outra concessaõ foraõ applaudidas com jubilos Catholicos, e festivos apparatos, especialmente em Aveiro, e na Corte de Lisboa, em que o Convento de S. Domingos expoz hum plausivel triduo, com assistencias Regias, e religiosas, elegantes Panegyricos, e concursos populosos, sendo tudo gloriosas resultancias do zelo, piedade, e generosa grandeza, primeiro do esclarecido Rey D. Pedro II. Augusta Rainha, e devoto Bispo Conimbricense, que sem perdoar a cuidado, e dispendio, ornaraõ os Altares do Christianismo com mais huma Santa; accrescentaraõ á Coroa Portugueza mais huma pedra preciosa; e fizeraõ descobrir no Firmamento da Religiaõ Dominica mais huma Estrella. Finalmente no anno de 1715. a 6. de Abril concedeo, e ordenou a Sagrada Congregaçaõ de Ritos Oraçaõ, e Liçoens proprias para o Officio da Santa, gloria dos seus merecimentos, e consolaçaõ dos seus devotos.

Assim mostrou sempre, que o era o grande, e pio Monarcha Dom Pedro II. que foy o que venturosamente deu a primeira Casa (que na Christandade he a unica) a esta sua Princeza, como deixamos escrito. Mas outro monumento, (que, ainda que por erigido na Casa de Aveiro, nos offerecia nella lugar para esta memoria, aqui o fez mais proprio a liberalidade deste Portuguez Alexandre) nos convidou neste lugar para que se veja por junto o desempenho da sua devoçaõ, e da sua grandeza com a Princeza Santa, no cuidado, no dispendio, no culto, na Casa, e no

no tumulo. Neste, que lavrou á Santa na Casa de Aveiro, com o dispendio de doze mil cruzados, se levantou hum padraõ, que exporá aos olhos, e veneraçaõ da posteridade a sua pia, e Regia magnificencia, sem que as mudezes dos jaspes sejaõ improprias á expressaõ de noticiosas vozes.

He o tumulo, ou Mausoleo sagrado (que fica no lugar do primeiro) quadrado, e alteroso, lavrado de jaspes finissimos com variedade de embutidos primorosos, e em cada remate hum Anjo; sobre o tumulo se vem as Quinas Portuguezas, e na face a Cora de espinhos, que a Santa escolheo por gloriosa empreza, e teve por estimavel troca. Toda a obra respira magestade, e move saudosas lembranças, como urna daquella racional Fenis da virtude, da regalia, e da belleza, a que a penitencia foy aroma, a caridade pyra, e he segunda vida a da gloria. He o tumulo Altar de votos reverentes, refugio de affligidos miseraveis, e manancial de sobrenaturaes favores.

Para elle se trasladaraõ as sagradas Reliquias no anno de 1711. no felicissimo reynado del-Rey Dom Joaõ o V. o Magnifico Nosso Senhor; parece, que dispondo a Divina Providencia, em beneplacito da mesma Princeza Santa, que se désse hum throno Regio ás suas sagradas cinzas, quando sobia ao seu hum Monarcha, que tendo o mesmo sangue, lhe herdava com a Coroa o nome.

Foy acto magestosamente festivo, em que se vio luzir a devoçaõ, zelo, e grandeza de animo do Bispo Conde Dom Antonio de Vasconcellos de Sousa, que por Decreto Real passou á Villa de Aveiro, convocando os Abbades de S. Tirso, S. Bento de Coimbra, e os de S. Bernardo da mesma Cidade, e de Ceiça, e concluío esta grande funçaõ com todas as ceremonias, authoridade, e decencia, que ella pedia; permittindo o Ceo, para testemunhar em todo aquelle concurso os merecimentos da sua Princeza, hum caso, que fez o acto mais glorioso.

Achava-se a Prelada do Mosteiro de cama, com a penosa ancia de huma febre aguda, agora mais crescida com o preciso embaraço de haver de faltar áquelle acto com a sua assistencia. Propunha ella esta impossibilidade, e esta magoa ao Provincial da Ordem, (entaõ o Mestre Frey Manoel da Encarnaçaõ, mais conhecido pelo nome de sua Patria Pontevel) que entrara na Clausura a dispor o preciso para a funçaõ proxima; e ouvindo compassivo a queixa da Prioreza, lhe disse com impulso devoto: *Madre, se he Prelada desta Casa, em que a Santa Princeza foy taõ obediente subdita, ponha-lhe hum preceito, para que a restitua á sua perfeita saude, para ir assistir áquelle acto como Prelada, e adorar as suas Reliquias como devota.* Caso prodigioso! que proferindo a Prioreza o preceito, se achou com taõ repentina, e taõ inteira melhora, que com alvoroço testemunhou o prodigio, e para confirmaçaõ delle deixou o leito, e foy exercitar o seu officio, e assistir ao acto entre os assombros do Mosteiro, e do concurso, aquelle, que vio, este, que escutou o prodigio. Mayores

se

ſe viraõ, e experimentaraõ na devoçaõ dos Catholicos, que depois deſta trasladaçaõ vem a venerar eſte ſagrado Mauſoleo, que a incuria inveterada deſta Provincia naõ ſó deixa paſſar ſem atteſtaçaõ authentica, mas nem ainda os entrega a huma ſimplez eſcritura.

Naõ poſſo aqui deixar de admirarme da ſegurança com que algumas pennas Portuguezas, ainda que naõ muitas, e ainda eruditas, havendo de dar noticia da Santa Princeza, cahem naquella affectada ignorancia de diminutas; porque dando-lhe o nome de Princeza, lhe callaõ o de Religioſa, ſendo huma couſa, e outra iguaes para a noticia, e havendo o ſegundo de lhe ſervir de diſtintivo no primeiro.

A noticia do eſtado, que profeſſou a Santa, he huma individuaçaõ accidental, que ſingulariza aquella Princeza; com que ainda ſem ſe entrar em mais obrigaçaõ, que a de lhe expreſſar a peſſoa, ſe deve naõ preterir a circunſtancia de Santa Relioſa Dominica, titulos, que a individuaõ, e calificaõ.

A Santa Princeza foy em Jeſu de Aveiro Religioſa da Terceira Ordem Dominicana; e naõ ſe ſatisfaz ainda a noticia mais eſcaça, dizendo, que foy *Princeza*, e que *em Aveiro tem ſepultura.* Com que eſte affectado ſilencio naõ ſó condemna ao Eſcritor de pouco noticioſo, ou muito diminuto, mas ainda he injurioſo aos Breves Pontificios, como ſe póde ver nos de Innocencio XII. Diz no primeiro da Beatificaçaõ, paſſado em 4. de Abril de 1693. no corpo do Breve:

... *proceſſus ſuper ſanctitate vitæ, & virtutibus Beatæ Joannæ, Alfonſi V. dum vixit Portugalliæ, & Algarbiorum Regis illuſtris natæ, ac Religioſi Ordinis Sancti Dominici, cognomento Sanctæ Principiſſæ.*

Em outro, concedido pelo meſmo Pontifice a toda a Ordem dos Prégadores, e a todo o Reyno de Portugal, para a reza, e celebridade da Santa Princeza, diz no principio aſſim:

Coimbrien. ſeu Luſitaniæ.
Canonizationis
Beatæ Joannæ,
Filiæ Alfonſi V. Regis Luſitaniæ,
Tertii Ordinis Sancti Dominici.

Diz mais no corpo do indulto:

... *Officium, & Miſſam de Beata Joanna, Alfonſi V. Regis Filia, Tertii Ordinis Sancti Dominici.*

Vejaõ agora os Eſcritores, que fazem capricho de ſemelhantes omiſſoens, ſe ſe condemna a ſua malevolencia ſilencioſa nas vozes dos Oraculos da Igreja.

CA-

CAPITULO XXXVIII.

Dos Religiosos filhos desta Provincia, que occuparaõ, e serviraõ os lugares do Conselho Geral da Inquisiçaõ. Aponta-se como os filhos de S. Domingos foraõ os primeiros, a que os Pontifices commetteraõ a fundaçaõ deste Santo Tribunal; e as primazias, que nelle teve esta Provincia.

ESCrevemos verdades puras, conhecidas, e disputadas, naõ para ostentaçaõ de primazias entre as mais Familias sagradas, (emulaçaõ odiosa, e impraticavel entre os professores da humildade) mas para mostrar a antiguidade, e espiritual interesse, com que a Religiaõ Dominicana servio, e serve fiel, e desveladamente á Igreja. Naõ contendendo pelas mayorias, mas pelas servidoens, como escutando a reprehençaõ do verdadeiro Prelado aos primeiros subditos, e Religiosos, que na Monarchia Ecclesiastica reduziraõ a disputas a primazia.

Facta est autem contentio inter eos, quis eorum videretur esse maior. Lucæ cap. 22. v. 24.

Esta he a nossa tençaõ, valendo á verdade o privilegio de o ser, contra a suspeita de referilla quem se authoriza com ella. Naõ he isto querer roubar a gloria alhea, he querer apoyar a opiniaõ, que a arrezoa nossa, passando-a á evidencia; sem temor de que me digaõ, que cada hum olha para a sua justiça, sem confessar o que val a sympatia de propria. Porém se houveramos (e com razaõ) de attender á desigualdade dos Patronos, pareceme, que antes se devia estar pela asseveraçaõ de hum Pontifice, como Sixto V. que pela de hum Escritor, com Bsovio; naõ sendo menos gloria para as verdades da nossa proposta, o ser hum seu Advogado estranho, como Paramo, especialmente em estabelecimentos de reputaçoens, que forçosamente as ha de defender quem a si as intenta arrogar.

Paramo de Origine Inquisit. Tom. 1. cap. 2. p. 98. Monarchia Lusitan. Tom. 3. p. 138.

Que Nosso Patriarcha S. Domingos fosse o primeiro, que com o nome de Inquisidor servisse a Igreja, impugnasse, convencesse, e punisse os inimigos della, mostra largamente, e com fundamentos solidos o Padre Fr. Luiz de Sousa, confutando a pertinacia (que he a sua razaõ unica) de dous Escritores de huma Religiaõ grave, que sem advertirem, que desauthorizavaõ os seus primeiros Chronistas, escrevendo o que elles naõ sonharaõ, se vinhaõ a desacreditar a si, escrevendo contra o que todos sentiaõ. Com igual evidencia convence o mesmo Chronista a outro oppositor voluntario, com o testemunho do Pontifice Sixto V. em que se vê como, sem competencia, foy Nosso Patriarcha o primeiro Inquisidor por authoridade Apostolica de dous Pontifices, Honorio, e Innocencio, ambos Terceiros no numero. Assim fica sem controversia, que foy S. Domingos o primeiro Inquisidor por Letras Apostolicas, naõ só contra os Albigenses, (contra quem se vio, e ouvio em campanha assim guerreira, como literaria) mas para todos os Reynos da Christande, como aponta Fontana.

Fontana Monum. Domin. 1. p. c. 1. n. 1220. Param. Boroxense l. 2. Bsovi.

Feito primeiro Inquisidor Geral Nosso Santo Patriarcha, (já independente do Legado do Pontifice, condiçaõ, com que primeiro o fora) entrou nas funda-

daçoens dos Tribunaes com a mesma authoridade Apostolica de Honorio III. Fundou o primeiro em Tholosa de França, o 2. no Delfinado, o 3 em Pariz, o 4. na Cidade de Rens, o 5. na Cidade de Avinhaõ. Assim em Milam, Pavia, Vercellis, Mantua, Ferrara, Bressa, Torim, e Verona. Por morte de Nosso Patriarcha ficou como herança a seus filhos, como já bem exercitados, a commissaõ desta grande importancia, pelas Cabeças da Igreja. Assim seguiraõ a seu grande Pay com a occupaçaõ de Inquisidores, Conrado Constanciense, Prothomartyr da Ordem dos Prégadores, Provincial de Germania, e primeiro Inquisidor Geral nella, Frey Pedro Sillano, que assistio no Concilio Lateranense, Frey Guilhelmo Arnaldo, Frey Bernardo de Peñaforte, e Frey Garcia Aura, que perderaõ a vida victimas da Fé, Frey Robaldo de Milam, Inquisidor de Tholosa, Frey Pedro Veronense, (depois S. Pedro Martyr) que com seu sangue escreveo o Symbolo da Fé, e estabeleceo o Santo Tribunal della, Frey Raynero Placentino, Frey Poncio, Frey Pagano, Frey Guilhelmo Costa, Frey Niculao Roseli, Frey Niculao Hymerico, Frey Niculao, e Frey Joaõ, ambos Hungaros, Bispos, Inquisidores, e Martyres, Frey Antonio Pavono, e Frey Bartholomeu Cerveiro, mortos em odio da Fé, Frey Bartholomeu Podio, Frey Bartholomeu Lapaccio, Bispo Coronense, que se achou no Concilio Florentino, Frey Conrado de Catalunha, Martyr, Frey Pedro Cadereta, Frey Pavono, e Frey Antonio Siviliano Martyres, Frey Paulo de Dalmacia, Martyr, Frey Poncio de Tholosa Santo, Frey Joaõ Eschenfeld, Frey Guito, de Sexto, Frey Miguel Ghislerio, depois S. Pio V. Frey Vicente de Lisboa, Portuguez, Provincial de toda Hespanha, e Inquisidor Geral de todos os Reynos della. (huma das primasias desta Provincia) Mas passemos aos Tribunaes, que os mesmos filhos de Domingos fundaraõ, ou regeraõ em a Christande, espalhados por toda ella.

No que pertence á Regiaõ, que domina Italia, e se reparte em varias Provincias, ha em cada huma dellas seu Tribunal supremo, a que estaõ sogeitos, e subordinados outros inferiores. Depois dos que já temos apontado, na Lombardia superior ha hum Tribunal supremo, que está em Milam, e em que foy Inquisidor Geral S. Pedro Martyr; saõ lhe sogeitos os de Bressa, Bergamo, Como, Pavia, Novara, e Crema. Em Piemonte, Estados do Duque de Saboya, ha hum Tribunal supremo; tem seu assento em Torim; saõ seus suffraganeos os de Asti, Vercelli, Mondovi, e Saluzzo. Na Marca Trivisina ha Tribunal supremo, que se fundou em Veneza, e lhe estaõ sogeitos os de Verona, Vicencia, Mantua, e Ferrara. Na Liguria ha Tribunal supremo, que reside em Genova, de que saõ suffraganeos os de Sena, Padua, e Trivisio. Na Marca de Ancona ha Tribunal supremo, que está em Ancona, e tem hum só, sogeito, em Perosa. Na Romaniola ha Tribunal supremo, que se fundou em Arimíno, com hum só suffraganeo em

em Faença. Na Lombardia inferior ha Tribunal supremo, fundado em Bolonha, deposito sagrado, e venturoso do corpo de Nosso grande Patriarcha S. Domingos; saõ seus inferiores, e subordinados o de Módena, Reggio, Parma, Placencia, Tortona, e Alexandria da Palha.

Em Florença ha Tribunal, fundado na mesma Cidade. Em Sicilia outro, fundado em Palermo. Em Napoles naõ ha Tribunal, ha hum Inquisidor com nome de Commissario Geral, que sempre deve ser Religioso Dominico. Em Alemanha ha Tribunal supremo, fundado em Teutonia, com trez suffraganeos, que saõ os de Dalmacia, Croacia, e Istria, Fundador de todos o nosso Frey Gonçado de Vast. Em Hungria, e Polonia fundou os Santos Tribunaes o nosso S. Jacintho, acabou o de Hungria, dominada esta pelo Turco, e ficou em Cracovia o Tribunal de Polonia. Em Armenia, Russia, Georgia, e Walachia fundaraõ os Tribunaes Frey Elias Petit, e Frey Joaõ Gallo, Dominicos. Nos Estados de Galandia foy o primeiro Inquisidor Geral Frey Joaõ Stomach, Dominico, nelles levantaraõ os Santos Tribunaes Religiosos do mesmo habito; extinguiraõ-se, separadas muitas Provincias da obediencia da Igreja; mas nós apontamos as fundaçoens dos Tribunaes, naõ a duraçaõ delles.

Em Bolemia, e Uratislavia houve Tribunal, fundado pelo Nosso Santo Frey Ceslao, irmaõ de S. Jacintho. Na Armenia superior fundou outro Frey Bartholomeu Pauco, Dominico. Nos Estados de Flandres, e Cambray fundou Tribunal Frey Roberto Coreh, Dominico. Em Tunes, e Marrocos fundou Tribunal, em tempo do Papa Honorio III. Frey Raymundo Martins, Dominico. No Reyno de Aragaõ, e Principado de Catalunha fundou o Tribunal o nosso S. Raymundo de Peñafort, pelos annos de 1233. No Reyno de Valença fundou Tribunal Frey André Roz.

Pelos annos de 1232. occupando a Cadeira Pontificia Gregorio IX. passou hum Breve aos 6. dias de Mayo do mesmo anno, que começa: *Declinante jam mundi vespere ad occasum*, &c. em que mandava com preceito ao Arcebispo de Tarragona, e aos seus Bispos Suffraganeos, que ou per si, ou por meyo dos Frades Prégadores, ou pessoas idoneas inquirissem, se em suas terras havia gente infamada de heresia. No seguinte anno deu o Arcebispo noticia do Breve ao Santo Fr. Gil Portuguez, Provincial da Ordem dos Prégadores em Hespanha. (de todos os Conventos, que nella havia, se compunha entaõ huma só Provincia, depois se dividio, como hoje se vê, em muitas) Foraõ estas as primeiras letras Apostolicas, que vieraõ a ella, para se exercitar o Santo Officio, em virtude das quaes nomeou logo o Santo Provincial Religiosos seus para Inquisidores. Assim começaraõ os nossos Religiosos a servir o Santo Officio nestes Reynos, em que por industria sua se foraõ levantando os Santos Tribunaes, como em Castella, em que só havia Inquisidores, até o tempo dos Reys Catholicos, fundou

Sousa. 1. p. l. 2. c. 19.

entaõ

entaõ Tribunal em Cidade Real Frey Thomaz de Torquemada, Religioso Dominico, Varaõ insigne em letras, e santidade, Confessor dos mesmos Reys, e depois Cardeal, que sendo o primeiro Inquisidor Geral do mesmo Tribunal, o passou depois para Toledo, em que hoje reside, devendo toda Hespanha a este Varaõ o grande beneficio de lhe introduzir em suas terras este Tribunal Santo.

Paranus. Fernand. Bsovi. in æmuli. Fontana 1482.

No tempo dos mesmos Reys Catholicos, e por industria do mesmo Inquisidor Geral Frey Thomaz, se fundou Tribunal em Andaluzia, em que até entaõ só havia hum Inquisidor. (no tempo de Henrique IV. o era o Mestre Frey Alonso de Oxeda, Dominico) Foraõ seus primeiros Inquisidores Frey Miguel de Murillo, e Frey Joaõ de S. Martinho, do mesmo habito.

Finalmente nas mais remotas partes da terra penetrou o zelo dos filhos de S Domingos, levantando o estendarte da Fé, e fazendo-o venerar de seus emulos, e inimigos, como foy nas partes da Ethiopia Oriental, que chamaõ do Preste Joaõ, adonde se fundaraõ dous Tribunaes por dous Inquisidores nossos, hum na Cabeça do Imperio do Abexim, pelo nosso Santo Frey Pantaleaõ Abexim, outro em Nabia por Frey Bartholomeu de Tibuli, da mesma naçaõ, tambem Dominico, e acclamado por Santo em todo aquelle vasto Imperio.

Razi Chronica de S. Domingos folhas 299. Paramo l. 2. de origine Inquis. 2. c. 19. folhas 837.

A estes dous Inquisidores Geraes se seguiraõ outros com o mesmo cargo, celebres pelo zelo, pela santidade, e pelo martyrio. Foraõ elles Frey Thacleay Manotho, illustre por geraçaõ, mais por virtudes, e milagres. Frey Thaclavareth, sobrinho do Preste Joaõ, de vida santa, milagrosa, e coroada com o martyrio. Frey Filippe, (filho de Glareacas, Rey de Sceval no Imperio do Abexim) Varaõ em todo elle reconhecido por Santo, dotado de valor Apostolico, e laureado com o martyrio, todos trez Religiosos de S. Domingos, filhos do Convento de Blurimanos. Suas vidas prodigiosas, ainda que breves, e recopiladas, podem ler os curiosos em Frey Joaõ dos Santos. E temos tocado em geral o que pertence á fundaçaõ do Santo Tribunal em toda a Christandade, e de alguns Religiosos nossos, Ministros delle, por naõ ser do nosso Instituto tratar de todos em huma noticia taõ recopilada; passemos ao que mais propriamente pertence á promettida.

Fr. Joaõ dos Santos Ethiopia Oriental l. 1. cap. 9. e cap. 10.

CAPITULO XXXIX.

Continua-se á materia precedente, e huma recopilaçaõ da fundaçaõ do Tribunal do Santo Officio no Reyno de Portugal.

CORria o anno de 1397. quando attendendo ao bem de Hespanha o Papa Bonifacio IX. quiz instituir hum Inquisidor Geral, que defendesse estes Reynos da peste da heresia, que por toda a Christandade se espalhava pelos rebeldes á Igreja. Vivia por estes annos o Mestre Fr. Vicente de Lisboa, Provincial da Ordem dos Prégadores em toda Hespanha, pessoa de grande reputaçaõ em letras, e virtudes em toda ella, como Con-

fessor, e Prégador delRey Dom Joaõ o I. Neste Varaõ, que levara as attençoens á melhor parte de Europa, poz o Pontifice os olhos, e quiz descançar aquelles cuidados, com que o desvelava huma tal importancia. Pello Inquisidor Geral, primeiro de Portugal, e Algarves, depois em todos os Reynos de Hespanha, como consta do Breve do mesmo Pontifice, passado em Julho de 1403. e diz assim:

Dilecto filio Vincentio de Lixbona Ord. Fratrum Præd. Sal. & Ap. bened.

Inter sollicitudines varias, &c. quem dudum in Hispaniæ, Portugalliæ, & Algarbii Regnis hujusmodi pravitatis Inquisitorem deputavimus, ipsiusque Inquisitionis officium in hujusmodi Regnis laudabiliter exercuisti, prout exerces ad præsens, scies, & poteris per tuæ diligentiæ, & sollicitudinis studium, etiam de tota Provincia Hispaniæ hujusmodi labem extirpare: te Inquisitorem hæret. pravit. etiam in eadem Provincia authoritate Apostolica constituimus, &c. tibi per Apostolica scripta mandantes in remissionem peccaminum districtius injungentes, quatenus in Regnis, & Provincia prædictis, omni timore postposito, præfatum Inquisitionis officium, prout hucusque exercuisti illud in Regnis *prædictis &c. ut per tuæ sollicitudinis providentiam, Herbæ, Arbores, Lapides, Altaria, & alia ad Idolatriam pertinentia, & radix pravitatis hæreticæ exinde penitùs evellantur,* &c.

Do que se collige, que foy o Mestre Frey Vicente o primeiro Inquisidor Geral, que teve Portugal, em que fundou este Tribunal Santo, ainda que naõ na fórma, em que depois se poz, e agora o vemos. Depois obrou o mesmo em toda Hespanha. Nem embaraça ao Mestre Frey Vicente a primazia de Inquisidor Geral em toda Hespanha a commissaõ, que Clemente V. mandou pelos annos de 1308. aos Inquisidores de Portugal (sem duvida Religiosos Dominicos) para se acabarem de extinguir os Templarios; porque aquelles naõ eraõ Inquisidores Geraes.

Fontana an. 1308.

Falecido o Mestre Frey Vicente de Lisboa pelos annos de 1401., passou o mesmo Pontifice Bonifacio hum Breve ao Provincial de Hespanha, da Ordem dos Prégadores, que fosse *pro tempore*, (governava

por

por estes tempos hum só as Provincias de Portugal, Andaluzia, e Castella) para que com authoridade Apostolica podesse eleger, e confirmar Inquisidores, que exercitassem o pertencente ao Santo Tribunal, com declaraçaõ, que os ditos Provinciaes eleitores podessem em presença dos Inquisidores eleitos dispor, e resolver o que julgassem mais conveniente; e assim vinhaõ a ficar os nossos Provinciaes com jurisdiçaõ, e poder de Inquisidores Geraes. O Breve se guarda no Cartorio da Batalha, adonde entaõ devia residir o Vigario Geral, que governava as Casas de Portugal, a quem sem duvida foy concedido o Breve, porque Castella por este tempo estava em cisma, reconhecendo o Antipapa Clemente, e naõ a Bonifacio Pontifice legitimo; e naõ he crivel, que o Pontifice concedesse a quem o naõ reconhecia, huma occupaçaõ de tanta honra, e tal importancia para a Igreja; circunstancia, de que se tira outra singularidade para esta Provincia. Diz assim o Breve:

Os Provinciaes da Ordem dos Prégadores Inquisidores Geraes.

Bonifacius in perpetuam rei memoriam.

Breve de Bonifacio IX. aos Provinciaes da Ordem dos Prégadores.

Sedis Apostolicæ providentia circumspectans hæreticæ pravitatis labe respersos, quorum nequitia serpit ut cancer, ne in aliorum perniciem sua venena diffundant, remedium libenter adhibet opportunum, ut exinde negotia Catholicæ Fidei evulsis omnino, & eradicatis erroribus prosperentur, ac Fides ipsa fortius invalescat. Cùm itaque sicut accepimus, quondam Vincentius de Lisbona, Ordinis Fratrum Prædicatorum professor, olim in Provincia Hispaniæ Inquisitor hæreticæ pravitatis, per dictam Sedem deputatus extra Romanam Curiam fuerit vita functus, nos affectantes ad hujusmodi negotium Fidei ibidem efficaciter promovendum continuè talem deputare personam, cujus honesta conversatio exempla tribuat puritatis, ejusque labia erudita doctrinam fundant sapientiæ salutaris, ut ejus ministerio omne frumentum exinde labis hujusmodi expurgetur; authoritate Apostolica tenore præsentium ex certa scientia statuimus, & etiam ordinamus, quod ex nunc, & de cætero, perpetuis futuris temporibus, Provincialis Provinciæ Hispaniæ secundum morem prædicti Ordinis, qui nunc est, & pro tempore fuerit, ibidem Inquisitorem hæreticæ pravitatis hujusmodi, prout ei secundum Deum visum fuerit expedire autho-

authoritate Apostolica, quoties expedierit, deputare: ac hujusmodi Deputatum, sicut quoties sibi videbitur, ab hujusmodi officio removere, & alium loco suo subrogare. Ac etiam Inquisitionis officium hujusmodi quoties sibi placuerit, tam in absentia, quàm in præsentia Deputati hujusmodi pro tempore exercere possit, & debeat; qui quidem Deputatus pro tempore in hujusmodi negotio Inquisitionis procedere valeat, tam secundum indulgentias, & privilegia Inquisitoribus pravitatis ejusdem, dicta authoritate Apostolica deputatis, seu officia Inquisitionis hujusmodi exercentibus ab eadem Sede concessa, quam etiam secundùm Canonicas Sanctiones districtiùs inhibentes quibuscumque personis Ecclesiasticis, & mundanis, quorum interest, vel intererit quomodolibet in futurum, ne Provincialem, & Deputatum hujusmodi pro tempore super his contra præsentium tenorem impedire, seu molestare quoquo modo præsumant: ac decernentes ex nunc irritum, & inane, si secus super his à quoquam, quamvis authoritate, scienter, vel ignoranter, contigerit, attentari. Pro hujusmodi autem deputatione, ut præmittitur faciendam locorum Ordinariis, quominus Christi Inquisionis officium super labe prædicta, prout volunt dictæ Canonicæ Sanctiones exercere valeant, & quibuscumque privilegiis Ordinis, vel Inquisitoribus, seu officio memoratis, si qua sunt eis à dicta Sede concessa, nullum volumus præjudicium generari. Nulli ergo omninò hominum liceat hanc paginam nostri statuti, ordinationis, & voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Si quis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri, & Pauli Apostolorum ejus se noverit incursurum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum, Kalendis Februarii, Pontificatus nostri anno decimo tertio.

Este Breve se praticou depois na pessoa do Mestre Frey Luiz de Vallisoleto, (Confessor delRey Dom Joaõ II. de Castella) que por seu mandado assistio no Concilio Constanciense. Era este Padre o que entaõ tinha o governo, e ficou sendo Inquisidor Geral de toda Hespanha, como o fora o Mestre Frey Vicente de Lisboa. Depois, correndo o anno de 1419. achamos (naõ consta o motivo da divisaõ) Inquisidor Geral só dos Reynos de Portugal o Mestre Frey Joaõ de Santa Justa, filho de Coimbra; e naõ ficou mais memoria nesta materia até o anno de 1541. dos nomeados, correndo a nomeaçaõ nos Provinciaes.

Fontan.in monum. Domin. an. 1419.

Reynando por estes annos em Portugal elRey Dom Joaõ o III. Monarcha piedoso, desvelado no augmento da Fé, como na refórma da Religiaõ, exercicios, em que foy outro Numa Portuguez, reproduzio nestes Reynos o Santo Tribunal, renovando-o, e pondo-o na fórma, que agora se vê, por conselho dos Mestres Frey André de Resende, seu Prégador, e Frey Francisco de Bobadilha, Confessor da Rainha Dona Catharina sua mulher, este Hespanhol, aquelle Portuguez, ambos Dominicos. Propuzeraõ a elRey para exemplar do que emprendia, a fórma, e disposiçaõ do Tribunal de Hespanha, fundado pelo Mestre Torquemada, de que já fica noticia, e he a que até o presente se observa neste Tribunal Santo de Portugal. Assim foy a reproducçaõ, e nova fórma delle pelos annos de 1541.

Fontan. an. 1551.

No de 1542. a teve tambem o Santo Tribunal de Roma. Tinhaõ os nossos Geraes, por authoridade Apostolica, poder para nomearem Inquisidores Geraes para toda a Christandade; o que exercitaraõ até o Pontificado de Paulo III. Dispoz este Pontifice na Curia o Santo Tribunal (como se vê hoje) na Congregaçaõ de seis Inquisidores Cardeaes, a que se passou toda a jurisdiçaõ, que tinhaõ os Mestres Geraes da Ordem dos Prégadores. Levantado este Tribunal, elegeo a Congregaçaõ dos Eminentissimos Ministros inferiores a ella, como Commissario Geral do Santo Officio, que o foy logo o Mestre Theophilo de Torpea, e se conserva sempre em hum Mestre da Ordem dos Prégadores. Este reside no Palacio da Inquisiçaõ com hum Adjunto, e dous companheiros, todos Mestres em Theologia da mesma Ordem. Alli tem Tribunal, em que preside, e faz Congregaçaõ á segunda feira, e usa de poder de justiça.

Instituío depois o mesmo Paulo III. cinco Theologos Consultores do mesmo Tribunal supremo, para todos os casos, e resoluçoens delle; e o primeiro he sempre o Mestre Geral da Ordem dos Prégadores, o segundo o Mestre do Sacro Palacio, tambem da Ordem, e tambem perpetuo. Faz-se esta Congregaçaõ dos Eminentissimos á quinta feira, e entra na Mesa o Commissario Geral; o lugar he a cella do Mestre Geral da Ordem. Sendo-o o Mestre Justiniano, mandou continuar junto a ella grandes, e espaçosas salas para esta funçaõ. Feita ella no dia, que dissemos, vay o Com

Commissario Geral dar parte ao Pontifice do que se obrou na Mesa; funçaõ, que tambem faz o Mestre Geral, a que o Papa dá audiencia huma vez na semana. Nesta Congregaçaõ, e Tribunal do Santo Officio dos Eminentissimos se elegem Inquisidores para toda a Christandade, exceptos os Tribunaes independentes, como o nosso de Portugal: e tornando a elle.

Depois de levantado na fórma, em que hoje continúa, teve primeiro seu assento em Evora; depois se fez segundo em Lisboa; depois em Coimbra; e ultimamente no Oriente na Cidade de Goa. Todos estes quatro Tribunaes estaõ debaixo da jurisdiçaõ de hum Inquisidor Geral, que nomea os Inquisidores, e Deputados para todos. Ha no Tribunal de Lisboa (que he a Cabeça a respeito dos trez, e lugar, em que assiste o Inquisidor Geral) duas Mesas; a Mesa Grande, a que chamaõ o Conselho Geral; e a Mesa Pequena; os Ministros do Conselho Geral saõ tambem do Conselho delRey, e saõ seis em numero, hum he sempre Religioso Dominico. Occupa hoje este lugar o Padre Frey Domingos da Encarnaçaõ. Na Mesa Pequena ha trez Inquisidores, (e assim he nos Tribunaes de Evora, e Coimbra) donde ha só esta Mesa, em que se explicaõ os lugares com o nome de Cadeiras. Os Deputados naõ tem numero certo; sempre houve, e ha entre elles Religiosos Dominicos. Ao presente ha trez, o Mestre Frey Antonio Pacheco em Lisboa, o Mestre Frey Joaõ Bautista em Evora, o Mestre Frey Rodrigo de Alencastre em Coimbra. Dispoem-se os Deputados para passar ao Conselho supremo, havendo lugar vago. Tem o Conselho Geral exercicio dous dias na semana, ás terças, e ás sestas. A Mesa Pequena toda a semana, exceptos os dias Santos, e alguns feriados. Em huma, e outra Mesa deste Tribunal saõ todos os Ministros pessoas de vida exemplar, sogeitos doutos, e pela mayor parte das boas calidades do Reyno, e sempre das melhores o Inquisidor Geral; lugar, que (quando isto escrevemos) occupa Nuno da Cunha, Bispo Capellaõ môr.

Tem mais este Tribunal Ministros interiores, a que chamaõ Commissarios do Santo Officio, que residem nas terras principaes do Reyno, em que naõ ha Tribunal; a estes se commettem as importancias deste. Por todas as Religioens tem seus Consultores, para o que se offerecer de pareceres; saõ estes tambem Revedores dos livros, e papeis, que se imprimem no Reyno, ou vem de alguns, em que naõ ha Tribunal de Inquisiçaõ. Destes he sempre grande o numero, que ha na Religiaõ de S. Domingos, e saõ pela mayor parte tantos, quantos saõ os graduados. No Convento de S. Domingos de Lisboa tem o Tribunal perpetuamente dous, porque paga ordenados. Todos estes saõ pessoas de opiniaõ em letras.

Tem mais este Tribunal outros Ministros inferiores, como Advogados, Meirinhos, Carcereiros, Porteiros, e Continuos, todos Christãos velhos, e bem procedidos, a que se tiraõ exactas informaçoens, como

aos Familiares, que naõ tem numero certo, e saõ aquelles, que justificados, e reconhecidos por Christãos velhos, se admittem debaixo da protecçaõ do Tribunal, que se val delles para as prizoens dos delinquentes. Esta he a disposiçaõ, e fórma deste Tribunal Santo, Oraculo da Fé, propugnaculo da Ley Evangelica, escudo da Igreja Catholica, Escola da verdade, freyo da heresia, e flagello do Judaismo. Este o a que se deve o conservarse neste Reyno a Fé pura; o que naõ succede em outros, em que falta este braço, e esta maõ da espada de Deos, a que devemos os Portuguezes dar infinitas graças, por querer, que os nossos Monarchas fossem defensores da sua honra, levantando nestes Reynos este sagrado Propugnaculo, para fazer guerra a seus inimigos; de que Nosso Patriarcha S. Domingos terá singulares graos de gloria, como o primeiro, que lançou a pedra, e depois continuou a fabrica desta inexpugnavel Torre, que coroa as muralhas da Igreja.

Posto este Tribunal Santo nesta fórma, que he a em que hoje continúa, o primeiro Inquisidor Geral, que se nomeou, foy Dom Frey Henrique, Religioso de S. Francisco da Provincia da Piedade; mas eleito pouco tempo depois Arcebispo de Braga, entrou no lugar o Cardeal Dom Henrique, irmaõ del-Rey Dom Joaõ o III. a quem succedeo na Coroa. Era o Cardeal zeloso, naõ lhe esqueceraõ as obrigaçoens do cargo, entrou em cuidados de eleger, e nomear Inquisidores; e como naõ desconhecia, que o Santo Tribunal tivera sua origem em S. Domingos, o muito, que tinhaõ trabalhado seus filhos pelos augmentos delle, e que a jurisdicçaõ, e poder de nomear Inquisidores, tinha andado nestes Reynos nos Provinciaes da Ordem, como tambem nos Geraes della em Roma, a respeito de toda a Christandade, attendendo a tudo, nomeou para Inquisidores quatro Religiosos Dominicos; ainda que ao mesmo tempo escolheo dous de duas Religioens distintas, e benemeritas.

Dos quatro Dominicos foy o primeiro o Mestre Frey Jorze de Santiago, que depois foy Bispo de Angra; nomeou-o o Cardeal em 10. de Novembro de 1540., e foy o segundo Inquisidor, que teve este Tribunal Santo, depois de instituido. O segundo foy o Mestre Frey Jeronymo de Azambuja, chamado vulgarmente o Oleastro, grande, e celebre Escritor; elegeo-o o mesmo Cardeal em 2. de Setembro de 1552. Inquisidor no Tribunal de Evora, e depois no de Lisboa. O terceiro foy o Mestre Frey Bernardo da Cruz, que foy Bispo de S. Thomé, e mandando-o o mesmo Cardeal Dom Henrique levantar, e instituir o Santo Tribunal na Universidade de Coimbra, foy nelle o primeiro Inquisidor. O quarto foy o Mestre Frey Manoel da Veiga, a que o mesmo Cardeal nomeou Inquisidor para o Tribunal de Evora, aos 10. de Outubro de 1566. Depois o foy em Coimbra, e ultimamente em Lisboa.

Fontana an. 1541. Paramo.

Fr. Antonio de Sousa nos Aforismos.

Sousa nos Aforism. e Frey Luiz de Sousa. 1. p. l. 6. cap. 37.

Sousa nos Aforism. Fr. Luiz de Sousa. 1. p. l. 3. c. 36.

Fontana ubi sup.

Sousa ubi suprà.

Fr. Luiz 1. p. l. 3. c. 37.

Depois correndo o anno de 1614., e governando estes Rey-

nos Filippe II. nelles, III. em Castella, attendendo ao que a Religiaõ de S. Domingos tinha obrado neste Tribunal Santo, com incançavel zelo na defensaõ da Fé, extirpaçaõ das heresias, e Judaismo, houve por bem conceder (como primeiro muito de antes merecido, e logrado) a esta Provincia hum lugar perpetuo no Conselho Geral do mesmo Tribunal, mercê, que já fizera á Provincia de Castella, benemerita do mesmo premio, como incançavel no mesmo exercicio. Foy feita a mercê, e escrita a carta para ella ao Inquisidor Geral Dom Pedro de Castilho, no Escurial, a 23. de Setembro de 1614. anda lançada na terceira parte da Chronica, e se mandou resistar na Torre do Tombo destes Reynos, por Diogo de Castilho Coutinho, que entaõ era Guarda môr della, no livro das doaçoens delRey Dom Joaõ III. a folhas 186. Aqui a repetimos como em lugar proprio, e parte essencial do que vamos escrevendo; diz assim:

Fr. Luiz de Sousa. 3. p.

Carta delRey.

Por ElRey. Ao Reverendo Bispo Dom Pedro de Castilho, do seu Conselho de Estado, seu Capellaõ mór, e Inquisidor Geral. Eu elRey vos envio muito saudar. Havendo respeito a que a principal obrigaçaõ do Instituto da Ordem de S. Domingos dos Pregadores he a defensaõ da verdade de nossa Santa Fé Catholica, e extirpaçaõ das heresias, em que os Religiosos da dita Ordem se empregaõ sempre com o cuidado, e zelo, que he notorio, e pela particular devoçaõ, que eu tenho: Hey por bem de lhe fazer mercê de hum lugar perpetuo no Conselho do Santo Officio da Inquisiçaõ desta Coroa, assim como nesta lho concedi agora; e pela boa informaçaõ, que me foy dada das letras, e virtude do Mestre Frey Manoel Coelho, tendo tambem consideraçaõ ao tempo, que ha, que serve de Qualificador do Santo Officio, o nomeyo para o dito lugar do Conselho delle, e vos encomendo, e encarrego muito, que em conformidade desta resoluçaõ ordeneis, que se passem logo os despachos necessarios, para elle haver effeito, e me venhaõ a assinar. Escrita em S. Lourenço, a 23. de Setembro de 1614.

Deu-se logo posse, em virtude desta ordem, ao Mestre Frey Manoel Coelho, do lugar do Conselho Geral, aos 30. de Outubro do mesmo anno, sendo Inquisidor Geral Dom Pedro de Castilho; e assim se foy, e vay continuando até o presente nos Religiosos de S. Domingos, naõ faltando contradiçoens, e embaraços, contra que prevalecem a justiça, e a razaõ, sempre favorecidas do zelo, e benevolencia dos nossos Monarchas. Foy o Mestre Frey Manoel Coelho Provincial desta Provincia de Portugal, Prégador dos dous Reys Filippe I. e II. pessoa de grande reputaçaõ em letras, e refórma de vida. Passou no anno de 1617. a o Tribunal de Evora.

Sousa nos Aforism.

O segundo, que occupou o lugar, foy o Mestre Frey Joaõ de Portugal, irmaõ do Conde de Vimioso, antes herdeiro da Casa, que trocou pela mortalha Dominicana. Fora primeiro Deputado no Tribunal de Lisboa, depois Bispo de Viseu, grande Theologo, como dizem os seus escritos, grande Religioso, e grande Prelado, como se póde ver nestes nossos. O terceiro, que occupou o lugar, foy o Mestre Frey Antonio de Sousa, aos 8. de Junho de 1626. sendo Inquisidor Geral D. Fernando Martins Mascarenhas. Foy o Mestre Frey Antonio illustre por nascimento, muito mais por suas letras, testemunhas saõ as suas obras. Foy o quarto, que occupou o lugar, o Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, sendo Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, pelos annos de 1632. Foy o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, conhecido, e venerado, naõ só na Corte Portugueza, mas em todas as de Europa, pelas grandes qualidades de virtude, letras, e sangue. Foy Provincial da Provincia de Portugal, Prégador del-Rey Dom Joaõ o IV. Reformador da Universidade de Coimbra, recusou duas Mitras neste Reyno, e faleceo com opiniaõ de Santo. Já sua vida nos deu mais largo assumpto neste livro.

4. p. l. 1. cap. 8.

Neste livro c. 14.

O quinto, que occupou o lugar, foy o Mestre Frey Pedro de Magalhaens, que primeiro foy Deputado nos Tribunaes de Evora, e Lisboa. Nomeou-o o Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, no anno de 1652. Foy o Mestre Frey Pedro de grande authoridade por letras, procedimento religioso, e nascimento. Succedeo-lhe no lugar o Mestre Frey Valerio de S. Raymundo, Provincial que foy desta Provincia, e Bispo de Elvas. Nomeou-o o Bispo Inquisidor Geral Dom Verissimo de Lancastro, depois de ter sido Deputado nos Tribunaes de Evora, e Lisboa. Vagando o lugar, nomeou para elle o mesmo Inquisidor Geral a Dom Frey Manoel Pereira, Bispo do Rio de Janeiro, Secretario de Estado, e Provincial que fora desta Provincia de Portugal, querendo, que o Bispo occupasse o lugar da Religiaõ, visto ser Religioso da Ordem; o que resistido, e instado pelos Prelados della, consultou o mesmo Inquisidor Geral o ponto com os Lentes da Universidade de Coimbra, e foy-lhe respondido, que em consciencia devia nomear para o lugar (supposto este era Bispo) outro Religio-

ligioſo; o que fez logo na peſſoa do Meſtre Frey Vicente de Santo Thomaz, que fora Deputado do Tribunal de Evora.

Vago o lugar por morte do Meſtre Frey Vicente, eſteve ſete annos ſem provimento, irreſoluto, e perplexo o meſmo Cardeal Inquiſidor Geral Dom Veriſſimo, com os muitos ſogeitos (como elle dizia) benemeritos da nomeaçaõ, tempo, em que o colheo a morte; ſuccedeo-lhe no lugar de Inquiſidor Geral ſeu irmaõ Dom Joſeph de Lancaſtro, Biſpo de Leiria, que tomando poſſe, nomeou logo para os trez Tribunaes de Lisboa, Evora, e Coimbra trez Deputados Religioſos de S. Domingos, a ſaber para Coimbra o Meſtre Frey Manoel Veloſo, para Lisboa o Meſtre Frey Gonçalo do Crato, e para Evora o Meſtre Frey Antonio Pereira, que já em Goa havia tido eſta occupaçaõ. Suſpendeo o provimento do lugar do Conſelho General; e querendo annos depois fazello em ſogeito fóra da Religiaõ, com promeſſa de que depois daria o primeiro lugar, que vagaſſe, á Ordem, em lugar do ſeu, que entaõ lhe intentava prover em ſugeito de fóra, ſe queixaraõ os Prelados, e Meſtres della a elRey Dom Pedro II. que attendendo á juſtiça da queixa, e á mercê feita pelos Reys antepaſſados, e continuada por mais de oitenta annos nos Religioſos de S. Domingos, mandou ao Biſpo Inquiſidor Geral, que nomeaſſe ſogeito da Religiaõ, digno do lugar; o que fez o Inquiſidor na peſſoa do Meſtre Frey Gonçalo do Crato, neſte tempo Deputado no meſmo Tribunal; e aceita a nomeaçaõ por elRey, entrou o Meſtre Deputado no lugar em 13. de Junho de 1697. Eſtá lançada eſta reſoluçaõ na Secretaria de Eſtado, no livro do reſiſto dos deſpachos, que ſe expedem para o Conſelho Geral do Santo Officio, folhas 10. v. 5. Diz aſſim a reſoluçaõ delRey: *Approvo eſtas nomeaçoens, e mando paſſar o deſpacho para ſe paſſarem as cartas. E como a Religiaõ de S. Domingos he taõ benemerita ao Santo Officio, e lhe tem feito tantos ſerviços, o Biſpo Inquiſidor Geral me conſultará logo o ſogeito, que nella lhe parecer mais digno de ſer provido no lugar do Conſelho Geral: e quando vagar algum dos lugares de Clerigos, ſe extinguirá o que agora ſe prove de mais. Lisboa 24. de Mayo de 697.*

Por morte do Meſtre Frey Gonçalo do Crato tornou o lugar a cahir em ſemelhantes irreſoluçoens ás que precederaõ ao ſeu provimento; aſſim ſe retardou outra vez á Religiaõ alguns annos, em que chegou a morte do Biſpo Inquiſidor Geral, mas tinha já feita a nomeaçaõ (que depois de ſua morte ſe publicou) na peſſoa do Padre Frey Domingos da Encarnaçaõ, que neſte tempo era Deputado no Tribunal de Evora. Aſſim paſſou para o Conſelho Geral, em que aſſiſte quando iſto eſcrevemos.

Reſta-nos a noticia dos lugares do Tribunal da India, occupados pelos Religioſos de S. Domingos, por mercê, e graça feita á Ordem pelos Senhores Reys deſte Reyno, e Inquiſidores Geraes delle, com os olhos no zelo, que ſempre acha-

acharaõ na familia Dominica, para servir, e defender a Igreja. Foy hum dos Religiosos o Presentado Frey Thomaz Pinto, mandado para Inquisidor do Tribunal de Goa por elRey Filippe I. em Portugal, e nomeado pelo Inquisidor Geral Dom Jorze de Almeida, em 6. de Outubro de 1586. Exercitou o cargo, como se esperava de sua vida, e zelo. Seguiose-lhe o Mestre Frey Gaspar de Mello, que occupou o mesmo lugar, mandado, e nomeado pelo mesmo Rey, e pelo mesmo Inquisidor Geral em 18. de Setembro de 1588. Depois, correndo o anno de 1672. occupou o mesmo lugar de Inquisidor o Mestre Frey Lucas da Cruz, que foy Vigario Geral da India. Os ultimos, e mais chegados a este tempo, em que escrevemos, foraõ o Mestre Frey Thomé de Macedo, que foy Vigario Geral da Congregaçaõ, e zeloso Reformador della, como incançavel na occupaçaõ de Inquisidor. Foy filho da Congregaçaõ, faleceo na perdiçaõ da nao Nossa Senhora da Ajuda, vindo para este Reyno. Foy o outro o Mestre Frey Manoel da Ascensaõ, filho da Provincia de Portugal; nomeou-o o Inquisidor Geral Dom Joseph de Lancastro em Fevereiro, pelos annos de 1694. voltando para este Reyno, faleceo nelle brevemente em 28. de Dezembro de 1701.

Sousa. Aforismo Fr. Luiz 1. p. l. 3. cap. 7.

Affonso Fernandes Histor. Ecclesiast. cap.

Fr. Luiz 3. p. l. 4. cap. 7. Fontan. an. 1672.

Estas saõ as noticias bastantes a provar a razaõ, com que os Monarchas naturaes Senhores destes Reynos, ou Governadores delles, como foraõ os de Castella, puzeraõ no lugar do Santo Officio os Religiosos de S. Domingos; sendo este grande Patriarcha o primeiro Fundador delle, seus filhos incançaveis Ministros, que continuos defensores da Fé lhe tingiraõ com seu sangue o Estendarte, com suas letras o arvoraraõ sempre triunfante das heresias, contra quem por todo o Mundo continuaõ a guerra com os escritos, com as controversias, com as persuasivas, como no tempo, que isto escrevemos, se sabe nesta Corte de Lisboa, em que Frey Rodulfo de Santo Thomaz, Religioso Dominico, de naçaõ Hollandez, tem reduzido, e tirado das garras do demonio perto de oitenta Hereges protestantes, (que estaõ neste Reyno, por razaõ do contrato) que elle mesmo sacramentou na Igreja de S. Domingos, Convento, em que assiste por Capellaõ, e Confessor dos Alemaens. O Padre Mestre Frey Manoel da Madre Deos, que hoje vive no nosso Convento do Porto, com a occupaçaõ de Commissario, e Qualificador do Santo Officio, tem com o mesmo zelo convertido á nossa Santa Fé trinta e quatro Hereges de differentes naçoens do Norte. Naõ negamos com tudo, que nos Santos Tribunaes tiveraõ os Religiosos de S. Domingos, por muitas vezes (das outras Religioens Sagradas) Coadjutores zelosos neste exercicio, naõ bastando a execuçaõ delle nesta fórma, para lhe tirar a propriedade, e a primazia.

CAPITULO XL.

Dos Religiosos de S. Domingos, pertencentes a esta provincia, e que nos Reynos, e Conquistas de Portugal mereceraõ Mitras, como dos que se escusaraõ a ellas.

NAõ deu só o Patriarcha S. Domingos (alcançando-o de Deos, como prometteo á sua Familia na sua ultima hora) o esforço de espirito a seus filhos, para perseguir, e triunfar do lobo infernal, como Pastores robustos, e destemidos; mas tambem lhes communicou a vigilancia, prudencia, e desvelo, para governar o rebanho de Christo. Naõ só participaraõ estes filhos daquelle Pay illustre as virtudes, e qualidades de verdadeiros Pastores, contendendo, como David, com as sacrilegas arrogancias de Goliad; mas conduzindo, como Moysés, as ovelhas até o monte da Visaõ, pelo deserto do Mundo, com o baculo do seu exemplo. Estes foraõ os Prelados, e Principes, que da Religiaõ de S. Domingos passaraõ a occupar as Cadeiras da Igreja; assim depois dos Ministros do Tribunal da Fé apontaremos nos Arcebispos, e Bispos os cultores della, quanto ao que pertence a esta Provincia, Reyno de Portugal, e Conquistas, tirando-os das Historias, e Chronica della, para mais facil noticia dos que a desejarem nesta materia.

Foy o primeiro, quanto aos Arcebispos, Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, filho de Lisboa, e gloria della, como desta Provincia, Varaõ veneravel, e illustre em letras, mais em santidade. Em sua Beatificaçaõ se trabalha ao presente. Foy nomeado pela Rainha Dona Catharina, Regente destes Reynos por morte delRey Dom Joaõ III. seu marido. O segundo Dom Frey Domingos de Gusmaõ, filho natural do Duque de Medina Sidonia, e primo delRey de Portugal Dom Pedro II. Foy nomeado pelo mesmo Rey Bispo de Leiria, e pouco depois Arcebispo de Evora.

Quanto aos Arcebispos da India Oriental. Dom Frey Ambrosio foy Arcebispo de Cranganor, e Meliapor, pelos annos de *1526.* reynando em Portugal Dom Joaõ o III. Foy este Prelado incançavel na refórma, e augmento daquella Christandade, que ficou do Apostolo S. Thomé; faleceo com grande opiniaõ de santidade.] Dom Fr. Jorze Themudo foy Arcebispo de Goa, promovido por elRey Dom Joaõ III. da Cadeira Episcopal de Cochim, sendo o primeiro, que a occupou. Seguio os mesmos passos, do Bispado de Cochim, para a Cadeira Primaz de Goa, (promovido por elRey Dom Sebastiaõ) Dom Frey Henrique de S. Jeronymo pelos annos de *1566.* foy morto com veneno em odio da Fé. D. Frey Vicente da Fonseca foy Arcebispo de Goa, nomeado por elRey Dom Filippe I. deste nome em Portugal; acompanhou a elRey Dom Sebastiaõ na infelice jornada de Africa, adonde ficando cativo, reduzia a alguns dos inimigos da Fé. Dom Frey Manoel Telles, Provincial, que

Fontana an. 1526.

Sousa 1. p. l. 3. c. 36. Alonso Fernand. Æthiop. Orient.

Fontana an. 1582.

Sousa 1. p.l.3. c.6.

Hieronymo de Mendonça l. 13. folhas 110. na historia desta jornada.

que foy da Ordem dos Prégadores na Provincia de Portugal, foy Arcebiſpo de Goa, nomeado por Filippe III. em Portugal; faleceo na viagem, que continuava para a ſua Igreja.

Souſa 2. p. l. 2.

Quanto aos Biſpos. Dom Frey Sueiro o Segundo deſte nome foy Biſpo de Lisboa, reynando Dom Sancho II. ainda eſta Cadeira naõ era Archiepiſcopal, dignidade, que teve no anno de 1330. Dom Frey Roberto foy o primeiro Biſpo no Reyno do Algarve. Occupou a meſma Cadeira Dom Frey Bartholomeu, nomeado por elRey Dom Affonſo III. Dom Frey Jorze de Padilha, ſendo Portuguez, e filho deſta Provincia, paſſou a Italia, adonde foy Biſpo em Civita Ducale, no Ducado de Parma, pelos annos de 1607. Dom Frey Juſto Baldino foy Biſpo de Ceuta, reynando elRey Dom Joaõ o II. de quem foy muy eſtimado. Dom Frey André Dias foy Biſpo de Megara, em Grecia, na Provincia de Achaya, pelos annos de 1432. reynando elRey Dom Joaõ I. renunciou o Biſpado, e recolheoſe a Lisboa ao ſeu Convento.

Hambertus Maluenda Caſtilho.

Souſa 1. p. l. 2. c. 40.

Souſa ubi ſup.

Alonſo Fernan. in Conc. Prædic. fol. 455.

Souſa 2. p. l. 6. cap. 7.

Fontana an. 1432.

Dom Frey Duarte Nunes paſſou ao Oriente com o titulo de Biſpo de Laodicea (e foy o primeiro, que paſſou áquellas partes com o de Biſpo) por mandado delRey Dom Manoel, para importancias de todas as Igrejas daquelle Oriente. Dom Frey Fernando de Tavora foy Biſpo do Funchal, no reynado delRey Dom Joaõ III. ficou no Reyno para importancias delle. Depois foy Eſmoler delRey D. Sebaſtiaõ. Dom Frey Jorze de Santiago occupou a Cadeira Epiſcopal de Angra, reynando elRey Dom Joaõ o III. vivia pelos annos de 1546. Dom Frey Jorze de Lemos foy Biſpo do Funchal, pelos annos de 1556. reynando elRey Dom Sebaſtiaõ. Dom Frey Antonio Bernardes foy Biſpo Titular de Martyria, para o que foy chamado por elRey Dom Joaõ III. de Coimbra, adonde era Biſpo de Anel. Dom Frey Gaſpar dos Reys foy Biſpo Titular de Tripoli, no reynado delRey Dom Joaõ III. Dom Jeronymo Pereira foy Biſpo Titular de Salé; vivia pelos annos de 1576.

Souſa 2. p.

Fontana an. 1503. Fernan. in Conc. Prædic.

Fr. Joaõ dos Santos Æthiop. Orient. c. 12.

Fontana an. 1579.

Souſa 1. p. l. 3. c. 36.

Alonſo Fernan. in Conc. Prædic. folhas 455.

Souſa 1. p. l. 3. c. 36.

Dom Frey Bernardo da Cruz foy Biſpo de S. Thomé, reynando elRey Dom Joaõ o III. Ficou no Reyno por importancias delle. Occupou a meſma Cadeira Epiſcopal por nomeaçaõ do meſmo Rey, Dom Fr. Joaõ Bautiſta. Paſſou eſte Prelado á Ilha de S. Thomé, com doze Religioſos do ſeu habito, a prégar na ſua Dioceſi no Reyno de Congo, com grande exemplo, e igual fruto. Dom Frey Jorze de Santa Luzia foy o primeiro, que occupou a Cadeira Epiſcopal de Malaca, governando por algum tempo a Primaz de Goa, reynando elRey Dom Sabaſtiaõ. Dom Frey Gaſpar da Cruz foy Biſpo de Macao por elRey D. Sebaſtiaõ. Paſſou ao Imperio da China (antes da dignidade) e foy o primeiro, que ferio com as vozes do Evangelho nos ouvidos daquelle Gentiliſmo. Dom Frey Joaõ de Cintra, foy Biſpo do Oriente, nomeado por elRey Dom Sebaſtiaõ, pelos annos de 1570. Dom Frey Antonio de Souſa, filho de Martim Affonſo de Souſa, Governador da India, foy Biſpo de Viſeu por

Alonſo Fernan. in Conc. Prædic. fol. 455. Souſa 1. p. l. 6. c. 38.

Ambroſ. Altamu.

Fontana an. 1554. Santos na Æthiopia.

Marcheſio in Diario tom. 1. Souſa. Fontana an. 1579. Maluenda de Antichriſto c. 15. Mendonça l. 2. Hiſt. da China. Affonſo Fernan. Georgi Gracia. Gravano Carmelita.

por nomeaçaõ delRey Filippe I. em Portugal. Foy Provincial deſta Provincia pelos annos de 1579. Vigario, e Generaliſſimo de toda a Ordem por Clemente VIII. no anno de 1594.

Marcheſio, e outros.

Dom Fr. Joaõ da Piedade foy Biſpo de Macao, nomeado por Filippe II. em Portugal, pelos annos de 1606. Dom Frey Antonio Valente foy Biſpo de S. Thomé, pelos annos de 1609. nomeado pelo meſmo Rey. Dom Frey Antonio de Santo Eſtevaõ foy Biſpo de Angola, nomeado pelo meſmo Filippe. Fez em aquellas terras grande ſeara Evangelica. Dom Frey Sebaſtiaõ da Aſcenſaõ, nomeado pelo meſmo Filippe, foy Biſpo de Cabo Verde. Aſſim ſe achavaõ quaſi todas as Conquiſtas povoadas da Familia Dominicana, como de Cultivadores grandes do Evangelho por inſtituto, muito mais por zelo.

Plodio de viris illuſt. Ambroſio de Alta. Antonio de Souſa de Macedo, Flores de Heſpanha. Fontana 1604. Souſa, e Alonſo Fernan. in Conc. Prædic. Fr. Luiz de Souſa 2. p. l. 3. cap. 12.

Dom Frey Joaõ de Portugal, irmaõ do Conde de Vimioſo, Varaõ veneravel por virtude, letras, e calidade, foy Biſpo de Viſeu, nomeado por elRey Filippe III. em Portugal. Já neſte livro nos deu mais largo aſſumpto. Dom Frey Antonio da Reſurreiçaõ, que tambem com ſua vida augmentou os deſta eſcritura, foy Biſpo de Angra, da nomeaçaõ do meſmo Rey, e Lente de Prima na Univerſidade de Coimbra, e hum dos grandes Oraculos della. D. Frey Miguel Rangel, ſogeito grande em letras, e virtude, foy Biſpo de Cochim, e o ſexto, que occupou aquella Cadeira. Governou dous annos o Arcebiſpado de Goa. Foy Vigario Geral da Congregaçaõ da India; faleceo ſuſpirado de toda ella, e ha de occuparnos neſte Tomo mais larga eſcritura. D. Frey Jacintho de Saldanha foy Biſpo de Anel em Goa, nomeado por elRey Dom Joaõ o IV., e ſagrado, governando já Dom Pedro II. pela difficuldade que houve ſobre o Pontifice paſſar as Letras para eſte Reyno.

Souſa 2. p. l. 2. c. 14.

Fr. Luiz de Souſa 2. p. l 4. cap. 7.

Fontana an. 1631.

Dom Frey Lourenço de Caſtro, ſogeito abalizado em Cadeira, e Pulpito, occupou a Epiſcopal de Angra, depois a de Miranda, por nomeaçaõ delRey Dom Pedro II. de quem era Prégador. Já neſte livro nos deu mais largo aſſumpto. Dom Frey Manoel Pereira foy Biſpo do Rio de Janeiro, nomeado pelo meſmo Rey, que o deixou ficar no Reyno por Secretario de Eſtado. Foy Provincial da Provincia de Portugal, e Vigario Generaliſſimo de toda a Ordem, companheiro do Geral della, com o titulo de Provincial da Terra Santa. Já deixamos neſte livro mayor noticia. Dom Frey Valerio de S. Raymundo, reconhecido por hum dos mayores Theologos do ſeu tempo, foy Biſpo de Elvas, nomeado por elRey Dom Pedro II. foy Provincial da Ordem dos Prégadores, Deputado no Santo Tribunal de Evora, e Lisboa, depois do ſupremo Conſelho. Já neſte livro nos deu aſſumpto Dom Frey Pedro Pacheco, deſcendente do grande Duarte Pacheco, Scipiaõ Portuguez, rayo do Oriente, he Biſpo de Cochim, nomeado por elRey Dom Pedro II. pelos annos, que iſto eſcrevemos. Dom Frey Manoel de Santo Antonio, ſogeito de reputaçaõ grande em letras, e virtude, Biſpo de Malaca, nomeado pelo meſmo Rey, vive pelos

Conde de Ericeira Portugal Reſtaurado p. 2. l. 12.

pelos annos de 1706. (que vamos continuando as memorias desta Provincia) administrando as Christandades das Ilhas de Solor com incançavel, e ardente zelo, filho de seu espirito. Dom Fr. Joseph de Jesus Maria, Bispo de Patara. Já deixamos mayor noticia sua. Fr. Francisco das Chagas he a este mesmo tempo Prelado, e Administrador dos Rios em toda a Costa da Ethiopia Oriental, desde o Cabo de Guardafú até o de Boa Esperança. He lugar de reputaçaõ, que tem occupado, e vulgarmente occupaõ os Religiosos de S. Domingos quasi sempre.

Quanto aos que nomeados para a dignidade Episcopal, lhes roubou a morte o que lhe dava o merecimento, foraõ o Mestre Fr. Fernando de Menezes, filho dos Senhores da Barca, ramo da illustre Casa de Marialva, Religioso reformado, e reconhecido Oraculo entre os Theologos de seu tempo, foy nomeado Bispo de Cochim, depois do Algarve por elRey D. Joaõ o IV. faleceo antes de ser sagrado, no anno de 1657. Fr. Fernando de Liove, natural de Anvers no Estado de Flandres, que viveo, e faleceo nesta Provincia, e está sepultado em S. Domingos de Lisboa, foy nomeado Bispo do Funchal por elRey Dom Joaõ o IV. Foy este Religioso Confessor de seu irmaõ o Infante Dom Duarte, e teve concluido o negocio de o trazer a este Reyno do Castello de Milaõ, adonde o deteve o Emperador Fernando III. em contemplaçaõ de Filippe IV. de Castella, a quem era formidavel hum taõ grande Soldado nas guerras, que se seguiraõ ao levantamento deste Reyno. Fr. Luiz de Menezes, filho natural do Duque de Caminha, que passando (depois da Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV.) com o Duque de Aveiro a Castella, foy nomeado por Filippe IV. Bispo daquella Coroa, dignidade, que lhe roubou a morte. O Mestre Fr. Domingos do Rosario, de naçaõ Irlandez, Religioso de grandes letras, e refórma, de que em seu lugar daremos mayor noticia, foy nomeado Bispo de Coimbra pela Rainha Dona Luiza (governando este Reyno por morte de seu marido D. Joaõ o IV.) faleceo esperando as Letras.

Fontana in monum. Dom. año 1657.

Quanto aos que modestamente se escusaraõ ás Mitras, offerecidas pela Coroa Portugueza, foraõ sete, Fr. Jorze Vogado, Confessor delRey D. Manoel, grande Religioso, que recusou o Arcebispado de Braga, offerecido pelo mesmo Rey. Frey Pedro de Sayna, Hespanhol, perfilhado nesta Provincia, Confessor da Rainha Dona Isabel, mulher delRey Dom Manoel, que recusou a mesma Mitra, offerecida pelo mesmo Rey. Recusara já em Castella o Bispado de Abula. O Mestre Fr. Luiz de Granada, sogeito taõ grande, como o seu nome, que recusou o Arcebispado de Braga, que lhe offereceo a Rainha Dona Catharina, (de quem era Confessor) governando esta Coroa por morte delRey D. Joaõ o III. Mais Mitras recusou; sabemos, que a de Viseu, offerecida por elRey Dom Sebastiaõ. Tendo noticia, que o Pontifice Sixto V. o intentava crear Cardeal, trabalhou incançavel, reconhe-

Sousa. Alonso Fernan. in Conc. Prædic.

Cesar Espiciaro na vida de S. Carlos Marieta. Diogo, e Fr. Luiz de Sousa na sua vida.

conhecendo ao meſmo Pontifice por graça o naõ o obrigar com aquella. O Meſtre Fr. Martinho de Ledeſma, ſogeito grande, que recuſou o Biſpado de Viſeu, offerecido pela Rainha Dona Catharina, Regente da Coroa Portugueza. Frey Antonio Serraõ, que recuſou o Biſpado de Cochim. O Meſtre Fr. Jeronymo da Azambuja, vulgarmente o Oleaſtro, aſſaz conhecido, e venerado, que recuſou o Biſpado de S. Thomé no meſmo tempo.

Alonſo Fernan. in Conc. Prædic.

Souſa 1. p. l. 3. c. 3.

O Meſtre Frey Gaſpar Leitaõ, grande Letrado, e Provincial deſta Provincia, que recuſou o Biſpado de Malaca, depois o de Cabo-Verde. O Meſtre Frey Joaõ de Valladares, Oraculo das letras neſte Reyno, que recuſou o meſmo Biſpado de Malaca, o lugar de Inquiſidor da India, e neſte Reyno o de D. Prior de Palmella. O V. P. M. Fr. Joaõ de Vaſconcellos, irmaõ de Dom Franciſco de Vaſconcellos, Conde de Figueiró, que recuſou o Biſpado de Miranda, depois o de Braga, offerecidos pelos Reys Filippes III., e IV. governando eſte Reyno. Fr. Franciſco de Santo Thomaz, Religioſo de inteira, e exemplar obſervancia, que recuſou o Biſpado de Macao, offerecido por elRey Dom Pedro II. Já nos deu aſſumpto neſte livro.

Souſa 2. p. l. 2. c. 15.

Souſa 2. p. l. 2. c. 16.

André Valdecebro na ſua vida folhas 104. e 113.

O mais, que aqui falta em materia de Prelados Portuguezes, e ainda eſtranhos, tirados dos Clauſtros Dominicos para as Mitras deſta Coroa Portugueza, e ſuas Conquiſtas, póde ver o curioſo Leitor no Clauſtro Dominicano, que eſcreve o Meſtre Frey Pedro Monteiro. Mayor individuaçaõ do que toca á Ordem, quanto ao Santo Tribunal, dandonos Deos vida, nos occupará agora a penna em verdades, ou expoſtas, ou diſputadas, introduzidas nas glorias Dominicanas, que intentamos expor ao Mundo, para confirmar verdadeiros, informar duvidoſos, e refutar obſtinados.

QUARTA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO SEGUNDO.

Das Religiosas, que floreceraõ, e tiveraõ nome em virtude nesta Provincia, desde o anno de 1614. que o Chronista della o Padre Frey Luiz de Sousa suspendeo a penna, até o de 1705. em que temos entre mãos a divida de continuar a sua memoria. Nelles iremos tocando o que a nossa industria, e diligencia chegou a descobrir de suas vidas, confórme a antiguidade das Casas.

CAPITULO I.

Das Madres Dona Violante de Mendonça, Dona Anna de Mendonça, Dona Francisca de Noronha, e Dona Ignez Henriques no Mosteiro de S. Domingos das Donas.

Mosteiro das Donas de Santarem.

NAõ sey decidir se he mayor a obrigaçaõ em que a Villa de Santarem (notavel entre todas as deste Reyno) poz a esta Provincia, hospedando naõ só os primeiros Religiosos, mas as primeiras Religiosas della; se a em que a Provincia poz a Santarem, buscandoa, e preferindo-a neste Reyno para primeira hospedagem de gente de tanto espirito. He sem duvida, que entre os que professaõ as verdades delle, sempre avulta mais o que recebem, que o que fazem; e na humildade religiosa (melhor Dominicana) sempre foy mayor brazaõ o saber ser agradecido, que o esperar agradecimento. Este recompensou sempre esta Casa, lembrada das obrigaçoens, como das glorias de primeira, sendo hum fecundo jardim de virtudes, flores, que passando-se a frutos bem sazonados, foraõ de utilidade commua, de credito para a Casa, de exemplo para a Villa, e de consolaçaõ para todos, ficando sem controversia com a primazia dos Mosteiros Dominicanos neste Reyno, visto per-

der, ou fugir o de Chellas a eſſe titulo, ſogeitando-ſe a outro governo, e naõ por ter ſido iſento do Dominicano, como quiz affirmar o mal conſiderado Siſifo, que levantando huma pedra, antes, que nos hombros da verdade, nos voluntarios alentos de huma penna, a poz no alto do Templo daquella Caſa, de donde cahe, e cahirá tantas vezes, quantas attender á ſua eſcritura qualquer madura, e bem verſada noticia. Mas porque naõ pareça, que alargamos eſtes eſcritos á cuſta das que ſe devem á alhea penna, remetto o curioſo á 1. Parte da Chronica deſta Provincia, em que o Padre Frey Luiz de Souſa, com clareza, e energia riſca, e confunde as letras daquelle padraõ, indecoroſo ás veneradas, e recebidas tradiçoens da antiguidade, e apocrifo contra as deſta Provincia, taõ ſeguras para o ſeu credito, como impugnadas ſó do capricho, ou do deſagrado.

Mas naõ he o ficar com o lugar de primeira, a gloria de que póde jactarſe eſta Caſa das Donas, mas do numero de heroicas filhas, que em tantos ſeculos lhe foraõ naõ ſó ſuſtentando, mas reproduzindo o eſpirito da obſervancia, (que ainda hoje ſe exercita na mayor parte das cultivadoras della) dandonos neſtes ultimos annos glorioſa materia para nova eſcritura.

A Madre Dona Violante de Mendonça.

Seja a primeira a Madre Dona Violante de Mendonça. Foraõ ſeus pays Lopo de Souſa de Caſtro, e Dona Joanna de Caſtro, illuſtres, como o affirmaõ ſeus appellidos (nelles herdados, e naõ eſcolhidos) e venturoſos, como pays de huma filha, que conhecendo na virtude a mais legitima nobreza, entrou pelos ſagrados Clauſtros deſta Caſa taõ eſquecida das vaidades de que fugira para ella, que naõ houve acçaõ de abatimento, em que naõ edificaſſe a quem melhor a conhecia, ou em que naõ quizeſſe dar a conhecer, que o que deixara era nada; e o tudo o conhecer que o era.

Aſſim paſſou o anno de approvaçaõ com as eſperanças, que podia dar quem taõ reſoluta, e goſtoſa abraçara aquelle genero de vida, profeſſando ainda com mayores deſempenhos, que promettiaõ as eſperanças. A lãa junto á carne; ao jejum de ſete mezes ajuntava continua oraçaõ, e liçaõ bem meditada de livros ſagrados, com tanta intelligencia dos lugares da Biblia, que com ſingular promptidaõ, e propriedade os applicava aſſim para ſua refórma, como para a edificaçaõ de quem a ouvia; em ſua morte o veremos com ſufficiente prova. Era pratica ſua a confiſſaõ de mais indigna do habito, que trazia, adiantandoſe a ſervir em tudo, como ſe trabalhara por merecello. Era deſtra no Orgaõ, e incançavel no goſto de aſſiſtir ao Coro, ajudando com elle o canto ſagrado, em que ſe ſuſpendia ſuavemente ſua alma, imitaçaõ, e ternura do grande Agoſtinho. Naõ entrara no Moſteiro a Madre Sor Violante com o contrato de exercitar eſta parte; mas parece, que o fazia com Deos de louvallo como podia na terra, ſendo enſayo para o fazer na bemaventurança. Naõ devia de lhe prometter pouco lucro o contrato; porque, como ſe o deixara em herança, enſinou a duas

Flebat autem uberrimè in Hymnis, & Canticis ſuave ſonantis Eccleſiæ vocibus vehementer affectus. In ejus feſt.

duas sobrinhas (que no Mosteiro fez tomar o habito, e tinha comsigo) aquelle instrumento, pedindo-lhes, e lembrando-lhes sempre, que o que entoassem a elle, fossem cousas sagradas. E que mal escutado conselho nas que destras em semelhantes prendas, as infamaõ, e desnaturalizaõ em agradar, e divertir ouvidos profanos, naõ se isentando, nem o sagrado do Coro, de ser atalaya, em que se escutem vozes menos decentes, que as que destinou o Ceo para seus louvores! Culpavel lethargo de quem as devia mandar emmudecer, o naõ acordar á dissonancia, ou o adormecer na omissaõ!

Contava a Madre Sor Violante cincoenta annos, quando a assaltou huma doença, promettendo ser antes dilatada, que perigosa; mas sem duvida o foy tanto no seu voto, que chamando a Prelada, e muitas parentas, que tinha na Casa, lhes disse o pouco, que lhe restava de vida, propondo-o com tal segurança, que fez crivel naõ seria imaginaçaõ, ou conjectura sua, mas superior noticia com que o Ceo a illustrara; naõ se mostrando menos na conformidade, com que começou de disporse para o ultimo golpe. Pedio os Sacramentos, e recebendo-os contrita, e resignada, dava graças ao Senhor pela mercê, que lhe fizera, pedindo ás Religiosas, que repetissem, e entoassem o Miserere, que acompanhou com lagrimas, e demonstraçoens compungidas; e porque huma Religiosa, pondoselhe diante, lhe tirava a vista de huma janella, que lhe ficava fronteira, lhe disse: *Madre, deixeme ver o Ceo, que só essa vista me alegra*; suspiro daquelle grande, e Santo Prelado, que para encaminhar a Deos sua alma, pedia, que lhe deixassem ver o Ceo em semelhante hora.

Sinite me cælum videre ut spiritus dirigatur ad Dominum. Sanct. Martin. in ejus vita.

Suspendia-se nelle a Madre Sor Violante, por mais, que a apertavaõ as dores, que dissimulava sofrida; e perguntandolhe huma Religiosa, que o reparava, se sentia alguma cousa, respondeo: *Timor mortis conturbat me.* Hia-lhe faltando o alento, pedio com grande ancia a Unçaõ; recebida, e dizendolhe huma irmãa sua, que já estaria descançada, repetio: *In pace in idipsum dormiam, & requiescam.* Pedio logo, que lhe dessem hum Crucifixo, e beijando-lhe as Chagas, apertando-o sobre o rosto, disse: *In baculo isto transivimus Jordanem*, e espirou, como se dissera: *Este he o bordaõ mais seguro para passar o arrebatado rio da morte, para o porto da eterna felicidade.* Ignora-se o dia. Sabe-se, que foy no anno de 1619. Mas naõ deixaremos em silencio hum caso merecedor de reparo; e foy que, havendo de levarse o corpo para o Coro, ao tirarse o esquife de huma casa, em que se guardava, se poz sobre a cuberta delle huma Pomba branca, parecendo impossivel o ter tido entrado na casa de donde sahia, como o ter vindo áquelle tempo de fóra, porque ninguem vira que caminho trouxera. Assistio no mesmo lugar ao Officio da sepultura; e cuberta a cova, se levantou no ar, e se perdeo de vista, ficando as Religiosas taõ suspensas agora de a naõ achar nenhuma diligencia, como primeiro desanima-

das

das para a de lançarem maõ della.

A Madre Dona Anna de Mendonça.

Tia da Madre Sor Violante, e com muito mayor parentesco na virtude, foy a Madre Dona Anna de Mendonça, (que de profissaõ se chamou Anna do Espirito Santo) a que a grande observancia, gravidade, e modestia de sua pessoa negociaraõ muitas vezes o lugar de Prelada, que aceitou sempre constrangida, porque era todo seu genio viver retirada, naõ por esquivarse ao commercio das mais Religiosas, que amava, mas para empregar todo o tempo na oraçaõ, commercio de que só tirava lucro, e em que achava o centro do verdadeiro gosto. Assim lhe succedia o tempo, que se achava livre das pensoens de Prelada, que acabadas as funçoens da Communidade no Coro, ou de dia, ou de noite, se deixava ficar nelle, como se em todo o Mosteiro naõ conhecera outro lugar o seu descanço. Observante nas Constituiçoens, e Regra, só com apparecer parece, que reprehendia as defeituosas, e incitava as reformadas. Tal era o espirito, que se lhe lia no rosto, tal a refórma, que se lhe via no habito. Caritativa, e penitente, roubava-se a si mesma o sustento para soccorrer o pobre, e vinha a ser o seu jejum mais austero, tendo a sua caridade mais esse desafogo. Entrada em annos, cahio em huma grave enfermidade, que lhe apressou a morte. Pedio, e recebeo os Sacramentos com actos de verdadeira devoçaõ, e arrependimento, e acabou a vida sem mais desasocego, que a ancia de passar ao eterno descanço, pelos annos de 1627.

As Madres Dona Francisca de Noronha, e Dona Ignez Henriques.

Naõ desmerecem fazer numero com estas duas grandes Religiosas, outras duas sinaladas por nobreza, e conhecidas por refórma de vida, a Madre Dona Francisca de Noronha, e a Madre Dona Ignez Henriques. Quasi no mesmo tempo viveraõ nesta Casa, e deixaraõ nella eterna memoria, primeiro de huma caridade abrazada com que acodiaõ ás affligidas, assistiaõ ás enfermas, e se adiantavaõ a servir a todas. Penitentes; naõ houve instrumento de atormentar, que se naõ achasse por sua morte, com bastantes sinaes do que se tinha usado delle. Na oraçaõ taõ continuas, que se lhes naõ contava o tempo della por horas; dias, e noites inteiras lhes levava este exercicio santo, com tanta suavidade de espirito, que muitas vezes alheas, e extaticas, lhes succedeo ficarem de joelhos a hum canto do Coro, (sem dar tino ao que se fizera nelle) desde as seis da manhãa até depois das duas da tarde.

Contemplativas (exercicio, em que a muita liçaõ de livros sagrados as fizera mestras) se abrazavaõ em hum taõ activo ardor de devoçaõ, que derretendose-lhes os coraçoens em copiosos suores de lagrimas, houve Religiosa, que affirmou que chegara a ver no chaõ os sinaes dellas. Naõ crescem menos as inundaçoens do Nilo penitente, quando assim se atea o estio da caridade! Mais intensa parece, que ardeo alguma vez a da Madre Sor Francisca, que para que o sangue excedesse ás lagrimas nas correntes, pedio a seu Esposo tantas chagas, quantos foraõ os seus açoutes.

Mere-

Mereceo o heroico da supplica a permissaõ da semelhança ; ficou Sor Francisca mimosa, como se com o nome herdara o privilegio do Serafim em carne; podendo dizer com Francisco o que Francisco dissera com Paulo: que estava vendo em seu corpo as Chagas de Jesu Christo. Assim chegou ás portas da morte cuberta dellas, e tambem conhecidas, e avaliadas, que lhes chamava as suas Rosas. Nem nesta parte foy dessemelhante Sor Ignez, fiando das disciplinas os espinhos das suas. Acabaraõ estas Madres retratos da penitencia, com demonstraçoens de passar a receber as coroas della.

Stigmata Jesu in corpore meo porto.

CAPITULO II.

Das Madres Sor Jeronyma das Chagas, Sor Mecia de S. Francisco, Sor Francisca Henriques; e da Irmãa Conversa Sor Maria do Espirito Santo.

BEnçaõ particular será de Nosso Patriarcha a differença, que achamos em algumas Casas na fecundidade de espiritos virtuosos; e com grandes conjecturas, se olhamos para os primeiros fundamentos dellas, como para os deste Mosteiro, e Casa das Donas, voluntarias, e constantes subditas, que chegaraõ a vestir a mortalha Dominicana, vencendo grandes trabalhos, e contradiçoens da terra na primeira respiraçaõ desta Provincia; que sem duvida he premio daquelle conflicto a continuaçaõ de herdeiras daquelle espirito primeiro, que começou a dar exercicio á observancia, e nome á Casa. Acabamos agora de vello, e vamo-lo continuando na Madre Sor Jeronyma das Chagas, (de Matos se chamou no seculo) de quem sabendo em commum a grande reputaçaõ, com que viveo nesta Casa, e nome, que adquirio, ainda fóra della, saõ muy poucas as noticias individuaes, que nos chegaraõ á maõ de sua vida, mas conhecidas, ou argumentadas as singularidades della por sua morte.

A Madre Sor Jeronyma das Chagas.

Desde o berço da Religiaõ começou esta Madre a fazerse hum taõ grande lugar na estimaçaõ das Religiosas de mais talento, e espirito, que em quanto viveo a teve sempre a obediencia occupada naquelles empregos, em que he precisa a modestia, e de que se póde tirar doutrina. De poucos annos servio todos os officios: e sabia assim repartir o tempo, que (sem faltar a seus exercicios espirituaes) acodia a todos. Mas como o que em summo grao luzia nella era o zelo da observancia, a continuaçaõ do Coro, do jejum, da disciplina, da oraçaõ, todo o empenho dos Prelados, e Preladas era obrigarem-na á occupaçaõ de Mestra das Noviças, que seis vezes exercitou, e em que acabou a vida, e de que se absolveu outras tantas, compadecendo-se os Prelados da sua supplica, porque a chamava suavemente o retiro da cella, e a vida contemplativa. Com liberdade para ella a achavaõ a toda a hora na presença do Santissimo Sacramento, e Senhora do Rosario, de que era devotissima; e porque de hum accidente ficou incapaz de se firmar nos pés, pedia, que a levassem ao Coro, que ajuda-

va

va como podia; depois orava, sendo o seu mayor gosto deixarem-na alli como esquecida.

Com este estylo de vida passou muitos annos, e ainda que melhorou dos pés, sobrevieraõ achaques, que a debilitaraõ, e finalmente huma doença, que a prostrou de todo, ameaçandolhe mortalmente a vida. Naõ assustaõ os desenganos de a perder a quem a soube gastar. Pedio os Sacramentos com grande socego de espirito, e querendolhe dar a Unçaõ, levantou as mãos ao Ceo e disse com devota ancia: *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi?* Como se dissera: *Que darey ao meu Senhor, que tanto me tem dado?* E acabada a Unçaõ, repetio com o mesmo affecto: *Domine, quid tribuisti tibi pro omnibus, quæ retribuisti mihi?* Querendo dizer: *Senhor, que he o que vos déstes a vós, pelo muito, que me tendes dado a mim?* Pergunta na verdade chea de mysterios, e piedade Christãa, e proferida de hum espirito doutrinado na Escola do amor de Deos. Porque assim se empenha Deos em nos faz favores, como se o levara a ancia dos que correm a se negocear interesses; e sem duvida se beneficía (discorrendo a nosso modo) a si mesmo, para nos dar de obrigado. Da-se a si as glorias de misericordioso, e manifestaçaõ de seus attributos, para se incitar a darnos superabundancias de remedios. Via-se a Madre Sor Jeronyma ás portas da morte, depois de huma vida observante, e penitente; achava-se com suas culpas confessadas com dor, e arrependimento, com todos os Sacramentos, com que aos seus filhos soccorre naquelle aperto a Igreja; e via-se espirar no gremio della, na Casa de Deos, e de S. Domingos, na mortalha Dominicana, nos braços de tanta gente reformada, e Santa; e achando, (e bem) que naõ havia mayores favores, que estes, perguntava ao Senhor, encarecendo ao humano: *Qual era o grande beneficio, com que a si se obrigara, para lhe dar tantos a ella?*

Algumas horas entrada já a noite, depois de recebida a Unçaõ, repararaõ as Religiosas, que se suspendia entre demonstraçoens de alegria, e admiraçaõ. Esteve assim hum pouco, e rompendo a suspensaõ, disse: *Que fermosa Senhora! Que grande belleza!* E como se tomara as palavras da boca áquella Isabel venturosa, por se ver com a mesma ventura em casa, continuou: *Minha Senhora, e donde mereci eu tal mercê?* E dizendolhe huma Noviça sua, que lhe assistia: *Nossa Madre, que Senhora he essa, que Vossa Reverencia diz?* Tornou ella: *Naõ vedes a belleza, que está aqui?* E ficando suspendida por largo espaço, como se depois assustara caso novo, chamando a Noviça lhe disse: *Filha, lançay agua benta para aquelle canto.* E levantando a cabeça hum pouco, e hum Rosario, que tinha na maõ, como que o mostrava para aquella parte, disse com voz inteira, e destemida: *Vaite maldito, vaite, que contra este naõ póde ninguem.* Inclinouse logo debilitada, e pedindo á Noviça, que a ajudasse a rezar o Officio de Nossa Senhora, descançou.

Et unde hoc mihi, ut veniat Mater Domini ad me? Luc. 1.

Sobre a madrugada, chegando-se cinco Religiosas ao lugar donde

donde estava a moribunda, com desejo de saber como tinha passado, e suspendendo-as o receyo de lhe estorvar o descanço, ouviraõ, que tocando-se primeiro huma arpa suavemente, a acompanhava logo huma voz com suavidade. Percebeo-se esta, naõ a letra, crescendo o assombro depois de examinado todo aquelle sitio, sem que podessem testemunhar os olhos, o que acabavaõ de perceber os ouvidos. Tudo estava solitario; só duas Noviças assistiaõ á moribunda; acabou de entenderse donde a musica viera. Entrou a dizerse Missa na Enfermaria, attendia a enferma com olhos, e devoçaõ a ella; chegou a levantarse a Hostia Sacrosanta, vio-a, e adorou-a, e inclinando a cabeça, passou a lograr a gloria, contente de ter acabado de ver o penhor della.

Novo modo de historiar parecerá este, a que nos obrigaõ as escassas noticias, a que perdoou o tempo, e nos vieraõ á maõ com trabalho, pois escrevendo vidas, he a narraçaõ mais especificada, ou quasi toda das mortes, e esse o mayor incentivo para a nossa queixa, porque semelhantes mortes argumentaõ peregrino progresso nas vidas; mas o que primeiro esperdiçou o pouco reparo, acabou depois de consumir o descuido. Hum, e outro nos roubou sem duvida grande materia de escritura na Madre Sor Mecia de S. Francisco. Foy ella huma das mais reformadas, que reconheceo aquella Casa, ainda em tempo, em que naõ entravaõ poucas naquelle numero. Mas naõ se contentava o Ceo de a ver a braços só com a observancia della; cinco annos continuos exercitou sua paciencia em o martyrio de crueis achaques, e irremediaveis dores, que tomando-lhe todo o corpo, a tinhaõ muitas vezes paralytica, outras se exasperavaõ de sorte, que tirando-lhe o sentido, a faziaõ parecer frenetica; e entendendo, que haveria quem se escandalizasse de alguma palavra, a que recorria a impaciencia, pedia logo perdaõ della.

A Madre Sor Mecia de S. Francisco.

Cinco mezes antes de sua morte se lhe suspendeo este tormento, mas o lugar, que este deixara, occupou a penitencia, condemnando as suas austeridades o sofrimento, a que perdoaraõ as dores. Assim podemos dizer que foy esta Madre Martyr toda sua vida, naõ padecendo menos doente, que observante. Deraõ-lhe humas febres, de que logo entendeo que morria; alegrouse como quem sempre na vida padecera, e com huma placida, e suave morte passou a receber a coroa de quem assim padece. Deu o Ceo esse indicio em huma claridade grande, que ás onze da noite (em que espirou) se vio, e admirou sobre o telhado da sua cella, contemplada naõ só das Religiosas, mas das visinhanças do Mosteiro, e mais de meya legua ao largo, como ao outro dia se divulgou, crescendo a noticia com o conhecimento da causa.

Digna de iguaes, e mayores consideraçoens foy a que deu á nossa diligencia, e a esta memoria a Madre Dona Francisca Henriques, filha de Alvaro de Miranda Henriques, e huma Senhora de igual qualidade, a que esta noticia supprirá por nome,

A Madre Dona Francisca Henriques.

nome, por nos naõ determos baldadamente na variedade, com que algumas lembranças fallaõ nelle. De doze annos deixou esta Madre o Mosteiro do Menino Jesu de Evora de Religiosas Agostinhas, e veyo buscar esta Casa, convidada das boas noticias della. Já naquella idade entrava affouta pelos asperos caminhos da penitencia; e achando-os bem trilhados na observancia, que buscara, a poucos passos se achou adiantada ás que lhe faziaõ companhia. Todo o corpo lhe tomavaõ asperos cilicios de ferro, naõ se podendo menear sem difficuldade, e tormento. O chaõ, ou alguma nua taboa era o seu leito, em que tomava taõ poucas horas de descanço, como se podia suppor de quem alli o buscava. Era ganhar tempo, para dilatar o da oraçaõ, sempre escasso para as suavidades com que seguia aquelle exercicio.

Nunca comeo carne, tirado nos apertos em que a punhaõ os achaques, e a obediencia. O jejum foy de toda a vida, austero, e apertado. Nas Vesperas das festividades da Senhora, de que era devotissima, nas de Communhaõ, e sestas feiras de todo o anno a paõ, e agua, destemperando com vinagre esse pouco de legumes, ou hervas, que comia nos mais dias. Sangravase cruel, e amiudadamente com disciplinas de ferro, de vario artificio, sempre de sua eleiçaõ o mais rigoroso; e porque o braço o naõ podia ser tanto, como o desejo, punha muitas vezes na maõ a pessoa de sua confiança o instrumento daquelle martyrio, porque já o costume lhe tinha dobrado no sofrimento as forças, que lhe enfraquecia no braço. Trazia-os em vivas chagas, porque naõ satisfeita do que os cilicios lhos tinhaõ cortado, os atormentava com pingos de lacre fervendo.

O pouco tempo, que lhe sobejava das assistencias do Coro, e exercicios quotidianos, gastava em aceyos, em que era industriosa, para huma Capella, (do Santo Cruxifixo) que era sua. Devotissima do Santissimo Sacramento, tudo o que tinha, e grangeava, estava applicado para a sua festa, para seu Altar, e mayor ornato, e decencia sua. Coroava o inculpavel desta vida com hum extremo de caridade, com que a achavaõ os pobres, e a tinhaõ sempre junto de si as doentes, e muito mais quando o eraõ as serventes da Casa, porque naõ havia desamparo, para que naõ madrugasse o seu desvelo, naõ havia aperto, em que a naõ encontrassem diligente, nem occupaçaõ a que estranhasse a sua humildade.

Tinha esta Madre grande conhecimento, e opiniaõ do Mestre Frey Fernando de Menezes, eleito Bispo do Algarve, Capello authorizado (entre muitos, que vio juntos nesta Provincia aquelle seculo) em virtude, letras, e qualidade, e sobre tudo amavel pela synceridade de animo, affabilidade de genio, com que sabia entrar a todos pelos coraçoens, ateando nelles o fogo Divino, tanto com as palavras, como com as lagrimas, que (em fallando em Deos) eraõ os eccos dellas. Mayor noticia deixamos já de sua vida no primeiro livro. Das que a Madre Sor Francisca tinha de seu espirito, nasceo o com-

commercio, e consolaçaõ grande, com que escutava, ou lia os seus documentos, pedindo instantemente a Deos, que quando a levasse desta miseravel vida, lhe permittisse tello á sua cabeceira. Era naõ só contingente, mas parecia moralmente impossivel, porque o Mestre Frey Fernando assistia em Bemfica, e em quinze leguas de distancia podia retardarse a noticia, e muito mais facilmente difficultarse a jornada, quando a enfermidade, ou estylo de morte désse lugar a huma cousa, e outra.

Mas como a immensidade de Deos desconhece distancias, e em hum instante, para soccorrer a Daniel, passa hum Profeta dos campos de Judea ao lago dos Leoens de Babylonia, nada difficultou á supplica da Madre Sor Francisca, dispondo sua Providencia que se achasse o Bispo em o Convento de Santarem a tempo, em que ella prostrada de huma enfermidade, batia ás portas da morte, servindo-lhe de grande consolaçaõ o disporse para ella com as advertencias, que sempre suspirara. Pedio mais a Deos, que a levasse em huma sesta feira, e nem lhe negou o Senhor esta circunstancia. (bons argumentos de quanto a tinha mimosa) Em esse dia, (no anno de 1558.) e ás trez horas da tarde lhe entregou felizmente seu espirito, como ás mesmas o entregara seu Esposo nas mãos de seu Pay Eterno.

Daniel 14. v. 34.

Acompanhe agora (para coroar este Capitulo) a estas Madres huma Irmãa Conversa, taõ benemerita de as seguir nesta memoria, como na gloria de que serviraõ a esta Casa. Chamavase esta Irmãa Maria do Espirito Santo, que guiada por elle, aprendeo em breve a voar ao monte da virtude. Nelle a collocou o continuo exercicio da oraçaõ, a que sacrificava as horas do sono, por naõ cortar pelas do trabalho, reconhecendo que a vida, que abraçara, antes pertencia ás diligencias de Marta, que ás meditaçoens de Maria; mas ajuntando ambas com santa industria, só o corpo podia formar a queixa de Marta, porque se de dia trabalhava descançando o espirito, de noite para contemplar o espirito, naõ se dava descanço ao corpo.

Sor Maria do Espirito Santo.

Avultaraõ nella com extremo o zelo da Religiaõ, e a devoçaõ do Rosario. Aquelle acompanhava com incançaveis exercicios da observancia, e continua penitencia. Aquelle lhe grangeou a ultima felicidade da vida; tiroulha huma dilatada doença. Já no fim della se achava disposta, recebidos os Sacramentos, e offerecendo a Deos as dores, em que a sua clemencia lhe anticipava o purgatorio; assistiaõ-lhe algumas Religiosas compadecidas, e admiradas da sua conformidade, e sofrimento, quando tomada de hum repentino, e grande alvoroço, disse com voz, e semblante alegre: *Minha Senhora, venhais muito embora.* E perguntando-lhe que via? e quem era? Respondeo: *Que era a sua Senhora; e que rezassem nove vezes a Salve Rainha á sua pureza.* Acompanhou as Religiosas, e descançou. Amanhecido o seguinte dia, e perguntando-lhe como passara a noite, respondeo: *Que muitas cousas vira nella*; e por mais

mais que inſtaraõ em que as diſſeſſe, defendeoſe, *que naõ podia.* Eſtava já muito debilitada; chegoũ o ultimo termo, e pedindo que lhe deſſem hum devoto Crucifixo, beijando-lhe os pés, e pondo-lhe os olhos já nevoados com a ſombra fria da morte, lhe diſſe com voz cançada, e anciosa, que lhe ſahia do coraçaõ: *Senhor, a pezar de tudo, creyo, que ſois meu Deos, e que morreſtes por mim. Ora Senhor vamos. Mas, Senhor, e para donde me mandais? Seja feita voſſa vontade, que iſſo he o que quero.* E tornando a beijarlhe os pés, lhe deu a alma em hum penitente gemido.

CAPITULO III.

Das Madres Dona Maria de Vilhena, Dona Joanna de Caſtro, e a Irmãa Converſa Sor Franciſca Coutinho, todas irmãas; e das Madres Sor Margarida do Eſpirito Santo, Sor Filippa de Siqueira, Sor Maria Magdalena, Sor Anna de Macedo, Sor Marianna de Jeſus; a Irmãa Converſa Sor Joanna da Conceiçaõ; e da Noviça Sor Maria Michaela, do meſmo Moſteiro de S. Domingos das Donas.

VEnturoſa Familia a que do Mundo paſſou a fazer numero com a de Chriſto, com ſanta emulaçaõ ſobre quem havia de parecer mais da ſua, e melhorarſe humilde nos exercicios de domeſtica! Eſta foy a contenda de trez venturoſas irmãas, aſſim no ſangue, como na virtude, ſendo taõ conhecidas por eſta, como illuſtres por aquelle, mas todas taõ empenhadas em buſcar o Eſpoſo das almas antes como eſcravas, que como Eſpoſas, que a mais velha dellas naõ quiz paſſar do lugar de Converſa, excedendo na humildade ás irmãas, que a acompanharaõ na vocaçaõ. Todas trez obedeceraõ venturoſamente a ella, buſcando eſta Clauſura; e foy a primeira, que entrou nella, a Madre Dona Maria de Vilhena; ſeja agora eſta a primeira na noticia.

A Madre Dona Maria de Vilhena.

Entrou eſta Madre em idade tenra a ſer Pupilla, mas com hum tal genio, que foy a primeira eſperança do que ſeria em Religioſa. Já profeſſa, obſervou à riſca as leys a que ſe obrigara, naõ ſendo poderoſos a afrouxar eſta obſervancia os crueis achaques de que logo ſe vio perſeguida; ſó prohibindolhe a lãa, que os aggravava, começou a uſar de eſtopa crua, e da mais groſſeira. Pobriſſima na cella, como no trato da peſſoa, ainda de ſi meſma era mais deſpida, ſem ter acto de vontade, como ſe naſcera ſem ella. De huma tença, que tinha, e deixava na maõ de huma irmãa menor, pedia para remediar os pobres, ancia, que a conſervou muitos annos no lugar de Porteira, gloriando-ſe muito com o nome, que lhe davaõ de Tia. Da ſua reçaõ repartia com elles, e para elles aceitava o que lhe offereciaõ parentes de mimo, e de regalo.

Igualmente penitente, que recatada, ſó por ſua morte ſe entenderaõ bem os ſeus exercicios de penitente, nas diſciplinas com ſinaes de bem exercitadas, cilicios rigoroſos, e huma Cruz de ferro armada de bicos. Na penitencia parece que

que ensayava a tolerancia; nem as injurias lhe alteravaõ o semblante, nem os achaques, que padecidos tantos annos, lhe tiraraõ a vida, lhe deveraõ a menor queixa. Juraraõ as Religiosas, que a trataraõ, que tendo muitas vezes arrezoada causa, se lhe naõ percebeo nunca movimento de ira, menos palavra, que levasse sombras de vingança; ás que podiaõ servir de escandalo, ou offensa ao proximo, se as naõ podia embaraçar, tapava os ouvidos. Frequentava o Santissimo Sacramento com singular doçura de sua alma, desconhecendo a Vespera desse dia o descanço da cama. Dos pés do Confessor se levantava assim compungida, que edificava, testemunhando elle despois de sua morte, que nunca lhe achara culpa mortal. Era este o Padre Frey Gonçalo Pereira, Religioso de vida reformada, como eu vi em Bemfica no Noviciado em que o tive por Mestre, e o venerey observante.

Este estylo de vida da Madre Sor Maria a poz duas vezes no lugar de Prelada, que exercitou com tanto trabalho, como quem sabia que naõ tem privilegios aquelle dominio: assim a naõ dispensava nem dos exercicios de abatimento. Com similhantes empregos se grangeou huma tal opiniaõ com as Religiosas, que nos mayores apertos, e muito mais nos ameaços do Ceo, recorriaõ a ella para o remedio, e para o refugio. Succedia-lhe assim nas occasioens das trovoadas, continuas, e formidaveis sobre esta Villa de Santarem, como situada em lugar alto, e descuberto. Cresceo a tromenta em huma occasiaõ mais horrorosa, condensaraõ-se as nuvens escondendo o dia, allumiado só dos amiudados relampagos. Correo o pezo das nuvens a cobrir o Mosteiro, e as Religiosas a rodear a Sor Maria, que orava no Coro, dando-se por segura a que se cobria com o seu habito. Reparou a boa Madre em huma taõ desfigurada, que se lhe hia passando o receyo a desmayo, e disse-lhe com muita segurança, livre de todo o sobresalto: *Naõ temais, filha, que pela misericordia de Deos, naõ haverá perigo.*

Naõ tardou muito, que com hum horrivel, e estrondoso estalo naõ cahisse hum rayo, que ao parecer dos da Villa se suppoz que abrazara o Mosteiro, porque sobre elle se rasgou o ar, e vio o fogo. Correraõ todos a ver a ruina, e naõ houve mais sinal, que o de se ter sepultado á porta da Igreja, o que os Religiosos da Companhia attribuiraõ a milagre. Tambem o parecia durar a vida á Madre Sor Maria entre os muitos achaques, que sobre muitos annos padecia nella. Chamaraõ estes finalmente a morte taõ suave, que parece perdeo com ella este nome. Assistiolhe, e confessoua para tomar o Viatico o Padre Frey Gonçalo Pereira; entrou despois ao enterro, e tomando-a nos braços, a lançou na sepultura, affirmando, que só esse interesse o trouxera; e accrescentou que o que elle sentira, tocando aquelle corpo puro, ficava só para Deos. Voltou entaõ a huma Religiosa, (que he a de que tivemos esta noticia) e fora discipula da Madre

dre Sor Maria, e disse-lhe: *Madre pesso a vossa Reverencia muito que ponha em lembrança a vida desta serva de Deos; que naõ deve ficar em esquecimento o amor, que teve a este Senhor, e ao proximo.*

A Madre Dona Joanna de Castro.

Naõ se esmerou menos nelle sua irmãa a Madre Dona Joanna de Castro, que sobre sua grande observancia, excedia nas occupaçoens de caritativa. Todo o tempo, que lhe restava do Coro, que era o seu centro, lhe levava o cuidado, e assistencia das enfermas, primeiro as mais pobres, e mais necessitadas, como era huma servente da Casa, entrevada, e cuberta de chagas, e taõ asquerosas, que todas lhe fugiaõ até com os olhos. A estas applicava Sor Joanna as maons, as mesinhas, e os emplastos; a estas lavava, e fomentava sem asco, desconhecendo-o, ou dissimulando-o com alegre rosto. A esta sua lastima acompanhava com santa inveja, porque nada tanto suspirava, como dores em que exercitar a paciencia; assim pedia a seu Esposo, que lhe désse a sentir algumas das que padecera crucificado. Parece, que mereceo ao Senhor esse mimo, porque perseguida de crueis achaques, lhe sobreveyo huma dor em o peito, de que se lhe repartiaõ pelas juntas de todo o corpo, martyrio, que a deixava sem sentido. Acompanhava estas dores com profunda contemplaçaõ daquelle dia, em que o Senhor em Jerusalém começara a padecer as suas.

Elegeraõ-na Prelada, achando-a em todas as Communidades com pontualidades de subdita. Desvelava-a muito o aceyo do culto Divino, e querendo fazer huma obra para mayor decencia delle, se achou hum dia com o desengano de que lhe era impossivel pelo custo. Affligio-a muito esta pena, e entrando a caso no Locutorio, achou nelle algum dinheiro (quantia a que podia chegar a obra). Fez diligencia pelo Mosteiro sobre quem alli o tinha posto, e naõ lhe sahindo dono, fez o que intentava, reconhecendo todas o prodigio. De outro similhante naõ ficou mais, que a memoria de que lhe succedera; perderaõ-se outras, a que se devia esta, como as de sua penitencia, ainda que occulta, ficando só as noticias della para quem lhe daria a paga.

Cahio de enfermidade mortal, causada da dor do peito; pedio, e tomou logo o Viatico; mas dilatando-selhe a vida, como crescendo o fervoroso affecto, que tinha áquella soberana Mesa, suspirava outra vez o suavissimo manjar della. Assim houve de se lhe permittir despois de alguns dias, para contentar o desasocego da sua ancia, que só por esta delicia esperava, porque recebida ella com grandes jubilos de sua alma, pedio a Unçaõ com pressa, em que acompanhou a Communidade nos Psalmos Penitenciaes. Pedio logo huma véla, e pondo os olhos no Ceo, (que assim lhe ficaraõ, como se os naõ assombrara a morte) entregou o espirito ao Creador delle.

Mas consintaõ estas duas boas irmãas (a Madre Sor Maria, e a Madre Sor Joanna) de que acabamos de fallar, hum lugar gran-

grande, para o que as excedeo no primeiro naſcimento, como mais velha, e no ſegundo da Religiaõ, como mais humilde. Foy eſta Sor Franciſca Coutinho, no ſeculo Dona Franciſca, que naõ lhe faltando dote inteiro, por abatimento proprio quiz ſer Freira de véo branco. Aſſim ficou Religioſa Converſa, como a que imitava ſeu Eſpoſo em fazer brazaõ de eſcrava. Servia a Caſa com tal deſvelo, e diligencia, que lhe ſobejava tempo para aſſiſtir aos officios Divinos no Coro, donde edificava ſua modeſtia, e ſeu ſilencio.

Sor Franciſca Coutinho.

A' obſervancia das Conſtituiçoens ajuntava exercicios devotos, inventados com eſpirito, e continuados com fervor. Tinha groſſa tença, que naõ ſahia da maõ da Prioreza, mais que para obras preciſas na Caſa, eſpecialmente na Sacriſtia; no trato proprio era huma imagem da pobreza. Perſeguiaõ-na eſcrupulos, de que pedio a Deos a livraſſe antes de ſua morte. Succedeo aſſim, porque chegada ella, ſe confeſſou com grande ſocego, e conſolaçaõ de eſpirito. Com eſta tomou o Viatico, e perdendo os ſentidos por hum pouco, entenderaõ que tinha eſpirado; e indo a cobrirlhe o roſto, abrio os olhos, e pondo-os com ſemblante alegre, e riſonho em huma Imagem do noſſo Patriarcha, (eſtá hoje no Coro) que tinha junto á cama, e a que ſervira toda ſua vida, ſe deſpedio venturoſamente della.

Naõ eſpera a virtude pelos vagares da idade, porque a graça, de que he fruto a virtude, deſconhece vagares. Aſſim anticipou na Madre Sor Margarida do Eſpirito Santo as madurezas de huma obſervante, e exercitada Religioſa, nos tenros annos de Pupilla. Neſtes entrou neſta Caſa, dando-ſe nella a ſi meſma o nome da *Menina pobre*, por que a conheceraõ ſempre. Em Pupilla foy perfeita Noviça, em Noviça perfeita Profeſſa, e Religioſa, em profeſſa confuſaõ das Religioſas, e exemplar das Noviças. Dada á oraçaõ parece que nada a divertia, recolhida ſempre em ſi meſma. Hiaõ as palavras para donde trazia os penſamentos; ſempre era em Deos a ſua pratica; e ſe alguma das que aſſiſtiaõ, ſe deſviava levemente della, dizia com hum ſuſpiro: *Ay! Madres, quem nos dera no Ceo com noſſo verdadeiro Pay!*

A Madre Sor Margarida do Eſpirito Santo.

Rara na humildade, naõ ſó eſcutava deſprezos ſocegada, (e muitas vezes ſe lhe faziaõ para experiencia) mas agradecida. Deſempenhava bem o nome de Menina pobre em poucos annos, corpo pequeno, e debilitado, e huma penuria na ſua cella, e ſua peſſoa de tudo, o que póde ſer commodo na vida. Tomaraõ-lhe huma roupa interior, era-lhe preciſa pelo pouco abrigo, que (ſendo inverno) podia eſperar de hum habito çafado, e roto. Pedio pelo Moſteiro, que pelo amor de Deos reſtituiſſem a roupa á Menina pobre; e naõ lhe valendo a diligencia, callouſe ſofrida, quando ao ſegundo dia chamando-a á roda hum homem deſconhecido, lhe voltou nella a roupa, que lhe faltara, naõ a meſma, mas huma nova, e talhada para o ſeu corpo, a que naõ ſervia tudo por pequeno.

Rom-

Rompendo-selhe outra vez o calçado, se recolheo á Capella do Senhor dos Passos, e pedio-lhe: *Que lhe désse outro, pois ella era Esposa pobre, e naõ tinha de quem se valesse.* Naõ passaraõ muitas horas, que passando pela Capella huma moça com o calçado para huma Freira, lho offereceo dizendo, que despois lho pagaria. Tomouo Sor Margarida, e fazendo despois diligencia, porque teve occasiaõ da paga, se escusou a moça dizendo, que de tal se naõ lembrava; nem foy possivel descubrir quem lhe fizera a esmola. Encarecia o successo vir o calçado medido para ella.

Cahio de doença mortal, recebeo os Sacramentos com alegria, e adormecendo despois da Unçaõ, chamada das Religiosas, que entendiaõ que espirara, disse: *Ay Madres, para que me chamaraõ, que estava eu em hum campo muy delicioso com o meu Apostolo,* (era Santo André, de que era devotissima) *que me dizia que cedo iria eu para donde elle estava?* Chegou vespera do Rosario, que foy dahi a dois dias, e cantandolhe a Salve na Capella da Senhora, que ficava visinha á sua cella, se sentou na cama, e acompanhou as Religiosas com huma voz mais sonora, que a que sempre tivera, porque tambem teve a prenda de boa musica, que só para louvar a Deos estimava. Acabando de cantar, e voltando-se para huma Religiosa, que lhe assistia, lhe disse com muita segurança: *Madre, eu já vou para o Ceo*; e inclinando-se sobre o travesseiro, como se entrara em hum descançado sono, parece que caminhou para donde tinha dito. Entendeose assim de sua vida, e de segurarem os Mestres de sua consciencia a pureza della.

Com menos individuaçaõ tivemos noticia da de outras Religiosas, mas naõ esqueceremos o pouco, que se pode saber dellas. Foy huma a Madre Sor Filippa de Siqueira, de notavel recolhimento, e observancia. Madrugava todos os dias com huma ancia desvelada, dizendo que de nada tinha inveja no Mundo, como das avesinhas, que eraõ as primeiras, que no dia louvavaõ a Deos. Assim se anticipava a cantar Hymnos a huma janella, que cahia para o campo, adonde despois ao romper do dia acompanhava aquelle simples, mas concertado coro com grande, e gostosa suspensaõ de seu espirito. He de crer que lhe permittiria o Senhor (passando desta vida placidamente) o assistir, e acompanhar o Coro das aves racionaes, que o louvaõ incessavelmente por toda a eterninade.

A Madre Sor Filippa de Siqueira.

Da Madre Sor Maria Magdalena, que ficando no Mundo viuva, soube buscar nesta Clausura Esposo, que naõ acabava, ficou a noticia de huma sogeiçaõ rara. Em nada mostrou vontade propria. Assim (vivendo em toda a estreiteza da observancia) a poz nas maons da Prelada, com muita fazenda de que fora senhora, reduzindo-se a huma extrema pobreza, que a morte (muy parecida á sua vida) trocaria em huma eterna abundancia.

A Madre Sor Maria Magdalena.

Conheceo a bem a Madre Sor Anna de Macedo naquelle pasto Celestial dos Anjos, e dos homens, naquelle soberano Paõ

A Madre Sor Anna de Macedo.

Paõ de fartura, que venerava no Sacrario, affiſtindo ſempre no Coro, e com huma taõ grande ancia de continuar naquella affiſtencia, que nem para tomar o preciſo ſuſtento ſe queria apartar, indo ao Refeitorio. Sahia a hum lugar, adonde lhe traziaõ alguma refeiçaõ ligeira, e aſſim tornava á ſua affiſtencia todo o dia, e muitas vezes a noite toda. Em ſentindo recolhido o Moſteiro, ajoelhada diante de huma Imagem de noſſo Patriarcha, ſe confeſſava de todo o culpavel em que cahira aquelle dia. Sonhou huma Religioſa de confiança ſua, couſa em que dava a entender, que a Madre Sor Anna ſahia fóra da Clauſura. Eſcutou ella com attençaõ, e diſſe-lhe: *Madre, já ſey, que he chegada minha morte.* E advertindo-lhe a outra Religioſa, que ſe confeſſaſſe de dar credito áquelle agouro, lhe reſpondeo com muita ſegurança: *Para vós ſerá agouro, mas para mim he aviſo.* E aſſim o pareceo, porque em breves dias com pouca queixa, e nenhum genero de agonia, pedindo o Viatico, (aſſim foy piedoſa conjectura) paſſou a continuar na Patria a affiſtencia, que lhe fazia na terra.

A Madre Sor Catharina dos Anjos.

Continuava as meſmas com igual devoçaõ, e eſpirito a Madre Sor Catharina dos Anjos; gaſtando todo o tempo, que tinha livre, no Coro, adonde coſtumava ficar a noite inteira do dia em que commungava, e alli rezava hum Pſalterio em louvor do Sacramento. Foy eſta Religioſa de vida muy auſtera, e taõ eſquiva com os regalos, e ainda com o preciſo alimento da vida, que o pobre prato, que ſe lhe punha na meſa, ou o carregava de ſal, ou o cobria de agua. Faleceo ſegura, e conſolada, como ſe a convidara o Ceo para lhe pagar em melhor meſa os ſacrificios da ſua.

A Madre Sor Marianna de Jeſus.

Nos de penitente foy rara a Madre Sor Marianna de Jeſus. Apodreciaõ-lhe as coſtas com o rigor das diſciplinas; naõ lhe aproveitavaõ curas, porque as tornavaõ a raſgar os golpes mal convalecidas. O jejum, o mais eſtreito; repetido o de paõ, e agua em muitos dias, eſpecialmente nas vigilias dos Apoſtolos, e Santos da Ordem. Entendeo-ſe, que lhe correſpondéraõ á devoçaõ, affiſtindo-lhe na ultima hora, por algumas palavras, que ſe lhe perceberaõ nella. Eſcutaraõ ſe lhe tambem outras, indicio de rigoroſa batalha, que teve com o demonio, eſpirando com hum tal ſocego, que parece ſegurava o triunfo.

Sor Joanna da Conceiçaõ.

Acompanhe a eſtas Religioſas huma Converſa, que o ſoube conſeguir naõ com menos induſtria, que ellas, tendo-a para ajuntar as duas vidas, contemplativa, e operoſa. Foy eſta Sor Joanna da Conceiçaõ, humilde, caritativa, e penitente. Voava nas occupaçoens de ſeu officio, grangeando tempo para buſcar quem lhe leſſe livros de eſpirito, em que ſe ſuſpendia com grande ſuavidade delle. Viveo inculpavelmente venerada de todo o Moſteiro, a que edificava com ſua vida, e conſolou com ſua morte, que foy taõ ſuave, como a fragrancia, que a ella ſe ſeguio em ſua cella. Aſſim o teſtemunharaõ todas as que lhe fizeraõ affiſtencia.

Coroemos eſte capitulo com huma Noviça, que o póde fazer

zer venturoſamente as memorias deſta Caſa, merecendo ſer contada entre as mais reformadas profeſſas della. Foy eſta Sor Maria Michaela, que nos primeiros, e mais tenros annos começou a pizar o caminho, que ainda naõ conhecia, e por donde já o Ceo a chamava. Gaſtava o tempo em particulares devoçoens. Todo lhe parecia pouco para frequentar as Igrejas, ou o Oratorio. Convidavaõ-na com ſingular doçura as praticas de Deos. Tudo em idade, em que naõ podendo ter mais eſcola, que o berço, ſem duvida naõ podia ter mais Meſtre, que o Ceo. Já mais creſcida, e para poder tratar mais facilmente eſtas propenſoens de ſeu eſpirito, ſe retirou a hum Recolhimento, em que fazendo voto de caſtidade, voltou as coſtas, e cerrou os ouvidos ás diligencias dos que buſcavaõ em ſua maõ, antes que os intereſſes de grande dote, aquellas prendas, que ſaõ a mayor felicidade delle.

Sor Maria Michaela.

Quiz logo viver com mais ſeguros, ou dar ao Mundo mais deſengano, e pedio o habito neſte Moſteiro das Donas, em que admittida, começou a ſentir a difficuldade de naõ ter todo o dote; e querendo aſſentar a entrega delle, contando-o a caſo com humas parentas, para ver o que lhe faltava, o acharaõ inteiro, e cabal. Como já ſabiaõ todas o muito que lhe faltava para o eſtar, entendendo, que fora engano, repetiraõ a diligencia de contallo, ſahindo de todas inteiro, e acabando de aſſentarſe o que tinha de prodigio. Notavel empenho de ſeu Eſpoſo, que lhe prefazia o dote, por naõ retardar o thalamo! Tomou Sor Maria o habito com alvoroço, e continuou o noviciado com exemplo. Era ſua vida a oraçaõ; e peſſoa de vida reformada, e de ſua confiança confeſſava as muitas vezes, que a vira tranſportada. Era mais certo o dia em que recebia o Sacramento, de ſorte, que ſe eſquecia deſpois na meſa com o prato diante; aſſim andava como alhea todo aquelle dia, comprindo á riſca as obrigaçoens de Eſpoſa na entrega dos corpos; porque ſe ſeu Eſpoſo lhe entregava o ſeu Sacramentado, ella lhe entregava o ſeu abſorto.

Com Chriſto crucificado era a ſua mayor devoçaõ, e vendo-ſe perſeguida de crueis achaques, dizia a eſta peſſoa, (de quem ſe fiava) que andava como crucificada nas dores. Tomara as liçoens do eſpirito de Paulo, e como toda a ſua gloria era meditar nelle na Cruz, toda a ſua vida era crucificarſe com elle nella. Hum dia no mayor fervor da oraçaõ lhe pedio, *que ſe ella Profeſſa naõ havia de guardar as leys da Religiaõ á riſca, que a levaſſe para ſi antes de Profeſſa.* Cahio logo enferma naquelle dia, e de doença taõ rigoroſa, que foy exame de ſua paciencia. Tomou logo o Viatico, que o pedio aſſim o mal, e dilatando-ſelhe alguns dias a vida, dizendoſe-lhe ſe ſe queria reconciliar na ultima hora, reſpondeo, que naõ tinha de que, ſó ſentia naõ morrer Profeſſa. Mas diſpollo ſeu Eſpoſo como lho pedira, e houve embaraço, para lhe naõ ſatisfazerem eſta ancia. Eſpirou como quem naõ tivera outra em ſua

vida,

vida, mais que a de merecer com Christo crucificado o nome de Esposa. Segurou-o a fragrancia, que se sentio na sua cella, e o testemunho, que deu seu Confessor da pureza de sua alma.

Sor Luiza de Santa Anna Canversa.

Acompanhe a esta grande Noviça huma naõ inferior Conversa. Foy esta Sor Luiza de Santa Anna, que destinada para o Ceo, começou nos primeiros annos de sua vida a batalhar com os embaraços, que lhe difficultavaõ a de Religiosa; resoluçaõ, e constancia, que lhe premiou o mesmo Ceo com hum indicio prodigioso, que lhe segurou finalmente o vir para esta Casa de S. Domingos das Donas, o que ella mesma contava despois de se ver nella, com huma santa singeleza, de que era dotada; e como os singelos de coraçaõ saõ sempre os mais industriosos nas materias de espirito, soube ella huma madrugada dispor huma sahida, e enganar huma tia, que deixou em certa Igreja, fogindo della para este Mosteiro, e entrando de joelhos na Portaria, se prostrou aos pés das Religiosas, que ignorando, que ella tinha ajustado a entrada com a Prioreza, a despediaõ com indignaçaõ, e desprezo, culpando-a resoluta, e tratandoa como louca, até que conhecida de huma Religiosa, que acodio chamada do estrondo, a levaraõ ao Coro, em que banhada em lagrimas, vestio o habito, e se deixou ficar em oraçaõ com a suavidade, e socego de quem se via naquelle centro suspirado.

Assim começou o anno do noviciado, mostrando bem, que o naõ desconhecia quando o pertendera, e o continuou com hum estylo de vida, que bem mostrava quem lha aconselhara. Silencio continuo, que lhe naõ ouviraõ romper, menos que com palavras de edificaçaõ. Humilde; naõ havia exercicio de abatimento, que a naõ achasse naõ só prompta, mas satisfeita. Caritativa (furtandose ao sono, e ao descanço, como á advertencia das que mais a tratavaõ) tomava pela meya noite rigorosas disciplinas, sobre as covas das Religiosas, que tinha visto falecer. Na oraçaõ assim se inflammava, que logo no rosto se lhe divisava, que sahia della.

Continua nos louvores de Deos, e caridade com os proximos, pontual nas obrigaçoens do seu estado, exacta em todo o ponto da observancia, chegou a praticarse entre as Religiosas mais graves, e reformadas, que Sor Luiza era irreprehensivel ainda na menor venialidade. Attenuada com os jejuns, e austero trato, que dava ao corpo, naõ promettia larga vida, quando (havendo treze mezes, que professara) a tomou hum accidente, de que (para segurar a ditosa, á que passava) tornando em seu perfeito juizo, e Sacramentada com socego, e grande consolaçaõ de espirito, acabou, deixando aquellas Religiosas taõ saudosas da sua companhia, como edificadas do exemplo com que lha fizera.

Faleceo em Março de 1710. foy natural de Arouca; seus pays lavradores honrados, e tementes a Deos, de que receberaõ aquella unica filha, me-

lhor que para perpetuarse sua casa, para a fazer mais ditosa, e conhecida. Despois de sua morte favoreceo o Ceo a muitas Religiosas, (que testemunharaõ suas virtudes gloriosas) com o patrocinio dellas; havendo experiencias, que conservaraõ esta pia credulidade em todas. Mais largo assumpto nos roubou o silencio de seu Confessor, de que se soube em commum, que era precioso o thesouro, que guardava, e mostrou a experiencia queixosa, que foy culpavel descuido a sua avareza.

CAPITULO IV.

Das Madres Sor Margarida do Rosario, Sor Maria do Presepio, Sor Catharina da Gloria, Sor Catharina das Chagas, Sor Catharina de S. Jacintho, que floreceraõ no Mosteiro de Corpus Christi de Villa Nova do Porto.

Mosteiro de Corpus Christi do Porto.

HE verdade experimentada, que sempre o mystico corpo da Religiaõ se achou mais vigoroso na infancia, que na adolescencia, e mais idades (discorrendo por ellas com allusaõ á vida do homem) sendo suas forças verdadeiras o desempenho das fabulosas, que a antiguidade mentio em Hercules, quando o considerou no berço, despedaçando serpentes. Paradoxo parecerá sem duvida a quem lançar os olhos aos progressos da natureza, que ao compasso dos annos vay distribuindo os alentos, naõ sendo nunca os mais espiritosos, nem os primeiros, nem os ultimos. Mas esse reparo he o que nos poem na penna esta breve reflexaõ, sobre o privilegio, com que esta Provincia Dominicana, nascendo com os espiritos, que já no seu berço contemplariaõ os noticiosos, ainda agora (contando já os annos de sua ancianidade) os naõ mostra menos alentados na mesma debilidade do sexo, que ao presente nos vay dando assumpto na antiga Casa de Religiosas em Villa Nova do Porto, rara palestra da observancia, em que naquelle nosso primeiro seculo exercitada a fraqueza femenina, se vio a braços com a penitencia, espectaculo digno dos olhos do amoroso Antagonista nosso Santo Patriarcha.

A Madre Sor Margarida do Rosario.

Seja a primeira das que continuaraõ, e se coroaraõ na palestra, a Madre Sor Margarida do Rosario, nobre por nascimento, que melhorou nos braços da Religiaõ, vindo-a buscar a esta Casa, em que principiou a vida della com tanto gosto, como se conheceo logo no que cada dia se lhe descobria de augmento. Observantissima dos preceitos, que professara, os estendia a mais rigor; o jejum de sete mezes ao de todo o anno, e nelle muitos dias a paõ, e agua, como na Quaresma dois dias na semana. Parecia-lhe este genero de mortificaçaõ lento, e vagaroso; recorria ao cilicio, e porque este naõ parecia já taõ austero por costumado, amiudava as disciplinas, em que se sangrava sem piedade.

Era sua mayor assistencia no Coro, diante do Santissimo Sacramento; de madrugada a primeira, que o buscava; de noite,

te, a ultima, que delle sahia, e por poucas horas: sendo taõ escassas as do seu descanço, como se podia suppor de quem muitos tempos naõ teve cama mais, que o chaõ, dando a sua (assim pobre, e penitente, como era) a huma irmãa Conversa, que a naõ tinha, e cahira gravemente enferma. Ao darlhe a cama, se seguio o ser sua enfermeira. Era a enfermidade aguda, intentavaõ divertilla da assistencia, que parecia arriscada, e respondeo: *Seja o que Deos for servido, que naõ se ha de permittir, que morra esta irmãa á falta de cuidado.* Este, e similhantes eraõ os de sua caridade; e como para elles se queria achar livre, como para o retiro, e o silencio, de que era grande observante, eleita Prelada, satisfez em hum anno á obediencia, e logo instou com o Prelado, que a absolvesse, culpando seu pouco prestimo, naõ havendo alguma, que tivesse tanto.

Restituida á sua cella, inventou hum novo genero de vida, em que entregue toda á contemplaçaõ, fugia de tudo o que podia ser alivio, ou divertimento. As horas que tinhaõ as Religiosas em tempo de recreyo, passava só no Coro; se as festas eraõ na Igreja, na cella. Rara no sofrimento, nunca, (por mais, que desafiada da sem razaõ) lhe ouviraõ palavra, que soasse a desculpa, ou a vingança. Era muy devota da Senhora em sua Purificaçaõ, sacrificando á sua festa tudo o que tinha. Celebrou-a pelos annos de 1620., e sentindose sem forças, (estado a que a reduzira o jejum, naõ só na estreiteza, mas na qualidade desse pouco, que comia) pedio os Sacramentos, e só para o da Unçaõ se fez levar á enfermaria, e se encostou na cama. Choravaõ as Religiosas, que sabiaõ estimar sua companhia, e avaliar a sua perda, e ella com a boca cheia de rizo, despedindose de todas, lhe pedia, que naõ chorassem, pois era chegada a hora de sua mayor alegria; e voltando o coraçaõ a Deos, cerrou os olhos, e passou a gozar a eterna.

Venturoso foy aquelle anno para esta Casa, dando ao Ceo duas filhas suas. Assim seguio os passos da primeira a segunda, que foy a Madre Sor Maria do Presepio, nobre, e bem assistida de seus pays, que professando nesta Casa, faleceo nella em breves annos, conhecendo-se, que o Ceo a destinara para sua na brevidade com que a levava, como em huma singeleza rara, que fez inculpavel sua vida. Era seu pay homem de cabedaes, e amante da filha, como de outra, que tomou o habito com ella; alargava a maõ com grandeza, porque a nenhuma faltasse nada; mas naõ eraõ as de Sor Maria mais, que hum deposito da pobreza; primeiro da de algumas Religiosas da Casa, supprindo o que esta naõ podia, especialmente com as enfermas, a que acodia, e visitava com tanto segredo, como largueza. Aos pobres de fóra hia o que lhe restava, sendo ella só a que ficava pobre entre os de Casa, e os de fóra; documento, que lhe dera seu Esposo, que para fazer ricos os pobres, se fez pobre, sendo rico.

A Madre Sor Maria do Presepio.

Egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites effetis. 2. ad Corint. 8. 9.

Quatro annos se lhe prolongou

gou huma doença, que a reduzio a tisica, sendo necessario, que a obediencia a eximisse das obrigaçoens de perfeita Religiosa, substituindo em lugar das penitencias as molestias grandes, e assim toleradas, como de quem sabia o que se podia merecer com ellas. Confessou-se, e pedio os mais Sacramentos, vendo-se assaltada de huma debilidade, que já parecia ultima. Deu-lhe pouco credito a Enfermeira, por mais que ella instava, que o era. Assim á advertencia de huma Religiosa se lhe veyo a dar o Viatico com pressa. Recebeo-o entre demonstraçoens de contriçaõ, e alegria, taõ estranha esta em dezanove annos, que se viaõ junto da sepultura, como natural a outra em huma vida, a que nunca esqueceo, que caminhava para ella. Espirou; e assim espirou como viveo; foy a morte alegre, como a vida fora innocente.

Mas passemos de dezanove annos de vida a 114 de Religiosa, como se viraõ na Madre Sor Catharina da Gloria, que de seis entrou nesta Casa, e já taõ inclinada aos exercicios della, que o mayor mimo, que lhe faziaõ, era admittilla a elles. Em acçoens de menina misturava advertencias de adulta. O almoço, que lhe davaõ, levava os mais dos dias a huma Imagem de Santo Thomaz; e pondo-o sobre o seu Altar, e os joelhos em terra, lhe dizia com ancia, que se lhe percebia melhor, que o idioma: *Meu Santo, e meu Mestre, ahi vos offereço o que tenho, daime vós muito saber para servir a Deos.* Naõ desprezou a supplica, e offerta innocente o grande Mestre das sciencias, e da virtude, porque assim sahio bem doutrinada a Madre Sor Catharina, que ao conhecimento grande, que tinha da Escritura, ajuntava o rezar, e recitar o Psalterio de memoria; e nas Liçoens, e mais particulares do Officio Divino estava taõ prevista, e prompta, que acodia, e reparava na mais leve falta, que nelle se commettia.

A Madre Sor Catharina da Gloria.

O grande zelo do amor de Deos, e da Religiaõ, a puzeraõ trez vezes (primeiro a votos da Casa, despois a ameaços da obediencia) no lugar de Prelada, que exercitou com inteireza, e constancia, sendo seu genio hum abysmo de humildade, e brandura, em tudo o que naõ tocava ao respeito da prelazia. Via-se assim igualmente querida, e respeitada de todas, como a que tantos annos ou escutaraõ Mestra, ou obedeceraõ Prelada; mas nenhuma hora para ella de mais gosto, que a que entre ellas se via servindo, sem lembrança da auctoridade, que com seu estylo de vida, e governo da Casa, se tinha grangeado nella, como da que deixara na de seu pay Diogo Leite Pereira, Fidalgo dos principaes, que reconhecera o Porto sua patria. Mas o que mais luzio, e avultou nesta Madre, foy hum exacto silencio, em que (para andar sempre contemplando) antes se sepultava, que se recolhia. Fóra das horas de licença, se lhe naõ ouvio nunca huma palavra.

Contava já cento e vinte annos, menos sete dias, quando cahio na cama desamparada já da natureza, mas com hum soce-

socego, e vigor de espirito, como a que começava agora a melhor vida delle. Já sacramentada, durou poucos dias, dispensando-lhe nelles o Ceo, que visse em sombras as felicidades, a que se estendiaõ suas esperanças. Rodeavaõ-na as Religiosas, quasi todas discipulas suas, desconsoladas de sua falta; e perguntando-lhe o que sentia? Respondeo, que desejos de chegar a huns deleitosos prados, que dalli estava vendo, taõ viçosos, e cubertos de flores, que nem a distancia (porque estavaõ em muita) lhe tirava o estar percebendo a sua fragrancia; e fazendo-lhe ao outro dia a mesma pergunta, disse: *Que via o mesmo campo, mas já mais visinho.* Eraõ sem duvida os verdadeiros Elysios da eterna Primavera, a que se hia chegando sua alma, porque o dia, que faleceo, disse muitas vezes, e com segurança, que já os via como dentro da cella. Assim espirou, alvoroçada de passar a gozar de sua delicia.

A Madre Sor Catharina das Chagas.

Naõ suspirava com menos ancias por ella a Madre Sor Catharina das Chagas, attenuando o corpo com continuas penitencias, porque aliviado o espirito, corresse mais ligeiro. Nas Vigilias dos Santos, e sestas feiras de todo o anno, cingia aspero cilicio, tomava disciplina; naõ era o jejum menos austero, e o de meya Quaresma de paõ, e agua. Oraçaõ continua, seguida com huma taõ santa ambiçaõ, que naõ havia para ella mayor violencia, e sacrificio, que as occupaçoens, em que a voto de todas a punha o seu prestimo; porque o que naõ era contemplar em Deos, julgava por tempo perdido. Com esta magoa se sogeitava aos officios de Prelada, e Mestra, accrescendo outra circunstancia de naõ menor pena em se ver respeitada, porque naõ havia para ella empregos como os de abatida, esquecida já, e desnaturalizada da muita nobreza com que nascera.

Neste estylo de vida contava muitos annos, quando chegando o de 1623. a 7. de Setembro, em vespera da Natividade da Senhora, mandou a Prioreza, porque se dilatava muito a Missa do dia, que commungassem nella as Religiosas confessadas, que para o outro ficariaõ as outras. Adiantouse a Madre Sor Catharina, pedindo á Prelada, que a deixasse confessar a ella, porque naõ sabia se chegaria ao outro dia: pareceo desconfiança de timorata, ou culpouse como tontisse daquella idade, mas fez-lhe a Prelada o gosto; commungou, e ficou com socego. Seguio-se a noite, e exercicio da Vigilia, e acabando de tomar a disciplina, tendo esta ainda na maõ, deu alguns passos a buscar outra Religiosa, que para o mesmo effeito a acompanhara, e cahindo-lhe nos braços com hum accidente, passou a celebrar com os Anjos o nascimento da Rainha delles.

Mas coroemos este Capitulo com outra Catharina, nome venturoso nesta Casa, como singularmente fausto para a familia Dominicana, mimosa sempre daquella grande, e gloriosa Doutora Alexandrina, que a seus filhos illustrou sempre como a discipulos, e favoreceo como a devotos, achando-me eu no

no segundo numero com a felicidade de me patrocinar o seu nome, gloria, que naõ trocara pelos que póde prometter a immortalidade. Mas continuemos com a Madre Sor Catharina de S. Jacintho, terceira em numero, e igual ás outras no espirito. Sua grande religiaõ, e observancia lhe deraõ alguns annos o cargo de Mestra, incançavel em industriar as discipulas, zelosa na perfeiçaõ do culto Divino, mais desvelada no que tocava ao Coro.

A Madre Sor Catharina de S. Jacintho.

Ainda tendo outra occupaçaõ, assistia nelle como Cantora, para que Deos lhe deu huma voz fermosa, empregando-a agradecida nos louvores de quem lha dera. Foy toda sua vida mortificada na continuaçaõ de jejuns, e disciplinas; taõ aspera, e austera no trato de sua pessoa, como com todas tratavel, meiga, e caritativa. Deulhe huma febre aguda, pedio que a levassem para a enfermaria, e a sacramentassem logo; attendeo a tudo com grande consolaçaõ de seu espirito. Pedio ás Religiosas, que rezassem as Horas de nossa Senhora, acompanhou-as, e cantando-lhe a Antiphona *O' Rex gloriose*, sentada na cama, levantou a voz com tanto vigor, e inteireza, como se desconhecera os effeitos da hora em que estava, afinando a solfa, e encaminhando a todas, como se se achara no Coro entre ellas. Descançou hum pouco, e logo abraçando-as, e despedindo-se com alvoroço de quem sabia qual era sua jornada, partio venturosamente desta vida por Novembro de 1623.

CAPITULO V.

Das Madres Sor Maria do Bautismo, Sor Isabel da Madre de Deos, Sor Luiza de Saõ Raymundo, e outras filhas do mesmo Mosteiro.

NAõ era motivo de admiraçaõ, ainda que de reparo, que nesta Casa respirassem tantos, e taõ adiantados espiritos no caminho da virtude, porque os que precediaõ, deixavaõ assim doutrinados os que ficavaõ, que reproduzidas as virtudes, continuavaõ, sem descahir com a injuria das idades. Destes foy hum o da Madre Sor Maria do Bautismo, que nascendo rica, e bem aparentada, ainda foy mais venturosa em ter huma Religiosa grave nesta Casa, que de trez annos a trouxe, e criou nella. Com taõ boa Mestra cresceo na virtude, como na idade, e tomando o habito, e professando, começou a viver taõ exacta nas obrigaçoens delle, que a elegeraõ Prelada, naõ o pedindo ainda os annos, e recusando-o com grandes diligencias a sua humildade; mas viose o acerto de escolhida no zelo com que sustentou a observancia.

A Madre Sor Maria do Bautismo.

Toda sua assistencia era no Coro, diante do Santissimo Sacramento, de que era devotissima, e com quem gastava o muito que tinha, sem reservar para si nada. Rara na sua parcimonia, era o seu prato o mais pobre; e naõ pequena singularidade, havendo posses, naõ haver appetites. Acautelada com sua consciencia, acabado o officio de Prelada, se reduzio a hum

hum silencio, de que só a dispensava o zelo de reprehender algum defeito, porque os naõ sabia dissimular, especialmente no Coro, ou pertencente ao culto Divino. Assim era hum Argos para a perfeiçaõ delle, concerto da Communidade, observancia da Regra, e reforma da Casa, podendo dizer: *Que o zelo da Casa de Deos, e da sua honra a tinha reduzido a hum incansavel desasocego.* Com este genero de vida Angelica, sem mais commercio, que com o Ceo, a apanhou a morte a 6. de Agosto de 1630. taõ adiantada em annos, que lhe tirou pouco na vida, e tanto em virtudes, que lhe apressou as felicidades da eterna.

Zelus domus tuæ comedit me. Ps. 68. 10.

Naõ seguio o alcance dellas com menos espirito, e resoluçaõ a Madre Sor Isabel da Madre de Deos, porque podia dizer (como logo veremos) com o Apostolo, que como escrava do Senhor, seguia a sua vocaçaõ, rompendo, e pizando todos os embaraços, todos os tropessos, ou da honra, ou da infamia; esta imputada, aquella offendida. A humildade, e a paciencia foraõ as azas com que esta Madre se adiantou, ou atropellou os mesmos obstaculos, que lhe intentavaõ retardar os voos. Já era Freira crescida, e a mais reformada; e como a viaõ sofrida, naõ faltava quem se atrevesse a desconsolalla. Desconhecera ella os parentes como se vio reproduzida na Clausura em melhor nascimento, talvez porque o delles naõ seria taõ puro, promettendo nelle menos Fé, que a que abraçara no habito, e instituto. Achou o demonio esta brecha, para continuar com esperanças a bataria á sua paciencia, tomando por armas as linguas affoutas de algumas serventes da Casa, ou talvez (o que escrevo com bem magoa) de Religiosas della, que vestindo de zelo o seu desagrado, culpavaõ os Prelados de introduzirem em sua companhia quem na sua opiniaõ nascera indigna della, sem repararem, que a observancia, e reforma da excluida lhe condemnava a repulsa; naõ sendo dezar na rosa o terem-lhe dado berço os espinhos, para que ainda entre as mais puras assucenas, naõ destinasse a natureza mais decente lugar á sua formosura.

A Madre Sor Isabel da Madre de Deos.

Exhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros in multa patientia. per gloriam, & ignobilitatem; per infamiam & bonam famam. 2. ad Corinth. 6. 9.

Desafogava-se a desaffeiçaõ em lhe chamar nomes injuriosos, que ella com os olhos no chaõ escutava, e naõ rebatia, dando com este sofrimento calor á ousadia, que a tratava com nomes expressos por pouco segura na Fé. Este era o golpe, que mais lhe chegava ao coraçaõ, que naõ lhe cabendo no peito, e rebentando-lhe pelos olhos, era a muda queixa com que recorria á Imagem de hum Christo crucificado de sua continua devoçaõ. Alli se prostrava por terra, dando mais vigor aos gemidos, que sobiaõ antes a pedir sofrimento, que castigo; propondo com o Psalmista a sua injuria escutada, e humildemente sofrida: *Tu scis Domine improperium meum, confusionem meam, & reverentiam meam.* Como se dissera: *Senhor, vós bem vedes as afrontas, que escuto, e como me confundo, humilho, e emmudeço.*

Ps. 68. 20.

Chegou a mais a impiedade de quem a perseguia, atreven-

do-se a levantar a maõ, e descarregar hum golpe na face da humildade innocente, sem que primeiro lhe désse esta causa, ou despois se lhe ouvisse queixa, mais que a que costumava acompanhar a sua tolerancia, que eraõ as lagrimas, sangue, que nos modestos, e sofridos rebenta dos golpes da afronta, como gemido da natureza. Assim vivia já a Madre Sor Isabel despida da carne, e sangue, que a fazia malquista, como a impiedade, como se lhe quizera mostrar que, se lhe davaõ em culpa o tella, já a naõ tratava como sua. Quiz a Prelada castigar a agressora, e suspendeo o castigo a incriveis diligencias da offendida. Difficil caminho, porque a sua tolerancia sobia, buscando a coroa do martyrio, tanto mais rigoroso, quanto he mais preciosa victima a vida da honra, que o alento da vida.

Era a sua em tudo a mais observante. A' abstinencia do jejum de sete mezes se seguia o de trez dias na semana no restante do anno. Usou sempre lãa junto á carne; cama, e cella penitente, e pobre; assim no trato de sua pessoa, porque huma pensaõ, que lhe pagavaõ todos os annos, applicou com licença dos Prelados para se festejar a Natividade da Senhora, de que era muy devota, servindo a huma Imagem sua com desvelo no ornato, e aceyo de huma Capella. Outra Imagem tinha na cella, e nella a sua devoçaõ tanta confiança, que desamparando as Religiosas o Dormitorio baixo, por ameaçar alguma ruina, em huma chea do Douro, só ella se deixou ficar, dizendo affouta: que ficava com quem a guardaria. E naõ a enganou a confiança, porque durou o Dormitorio sem risco contra a opiniaõ commua.

Na guarda das Constituiçoens, e Regra, como estaõ escritas, era taõ vigilante, que examinando-a em muitas occasioens algumas incredulas, e imprudentemente escrupulosas, sahiraõ igualmente desenganadas, que confusas. Neste modo de vida, sem afrouxar nella, contou a Madre Sor Isabel cento e quinze annos de idade, porque ainda que esta a mostrava caduca, para tudo o que tocava a Deos, e á Religiaõ estava prompta, e advertida. Faltaraõ-lhe as forças, e com ellas a vida; pedio, e recebeo os Sacramentos com demonstraçoens de verdadeira, e venturosa penitente, opiniaõ, que se confirmou em alguns dias, que se lhe dilatou a ultima hora, porque trazendo comsigo similhante idade muitas miserias de achaques, e chagas, e desaceyo, que se segue a huns, e outras, suspendiaõ-se as Religiosas, que entrando, e assistindo na sua cella, rodeando a cama da enferma, lhe occupava os sentidos huma desconhecida fragrancia, explicada de todas como se fora hum muito de flores, e perfumes, sem que podessem ver os olhos o que estava affirmando o olfato. Com esta circunstancia passou suavemente desta vida em 2. de Mayo de 1633. estando as Religiosas em Vesperas, entoando o Cantico de Magnificat, de especial doçura para ella.

Siga-se a este extremo de sofrimento outro de caridade

na

A Madre Sor Luiza de S. Raymundo.

na Madre Sor Luiza de S. Raymundo, de quem dizem as memorias, (que de boa maõ vieraõ á noſſa) que nunca ſe poderá encarecer o que eſta Madre foy nos empregos deſta grande virtude. Creſceo ella ſobre os aliceſſes da obſervancia regular, em que era exacta, de hum zelo ardente do augmento da Religiaõ, e reforma da Caſa, de huma abſtinencia, e eſtreiteza de jejuns, accreſcendo aos da Regra muitos de paõ, e agua, acompanhados ſempre de diſciplina; ſobre eſtes fundamentos, e hum genio brando, affavel, e compaſſivo, avultava a caridade com o proximo, taõ ambicioſa do emprego, que a menor moleſtia de qualquer Religioſa a chamava enfermeira, occupaçaõ, que com inſtancia pedia, e deſempenhava, ſem perdoar a trabalho, ou a diſpendio, ſe a enferma era deſamparada; conſumido o pouco cabedal, que para eſte effeito ajuntava a ſua induſtria (fóra ſo da ſua tença) recorria a ſeus pays, que com maõ larga reſpondiaõ á petiçaõ da filha, como herdeira de ſua muita piedade, conhecidos por ella, como por ſua nobreza na Cidade do Porto, de que eraõ naturaes; ſeu pay ſe chamou Fernaõ Nunes Barreto, ſua mãy Dona Maria Henriques.

O meſmo deſvelo, a meſma diligencia occupava com as ſerventes, e ainda eſcravas da Caſa, como ſe vio na aſſiſtencia, que fez a huma por eſpaço de trez mezes, em que o mais tempo ſe naõ deitou em cama, deſcançando ao pé da da enferma, ou naõ deſcançando as muitas noites, que eſteve perigoſa. Da Enfermaria, ou das cellas das doentes, paſſava á coſinha, fiando de ſuas maons, e diligencia os guizados com mais desfaſtio, para as que ſem elle naõ levavaõ o ſuſtento. Deſoccupada deſte trabalho, entrava no de fazer-lhes a cama, curallas por ſuas maons, alimparlhes as cellas, ſempre com ſemblante taõ alegre, como quem naõ ignorava os eternos avanços do ſeu intereſſe. O tempo, que lhe perdoavaõ ſimilhantes exercicios, acodia aos da obſervancia da Caſa, ao Coro, á oraçaõ, em que o Senhor enriquecia ſeu eſpirito com o copioſo orvalho das lagrimas, com que acodia a temperar o eſtio ardente de ſua incançavel caridade.

Quando commungava, ſe via nella com mayores abundancias eſte effeito, ſervindo ás Religioſas de compunçaõ, e aſſombro. Foy mayor o que ſe vio em ſua morte, (que foy taõ ſentida, como invejada) trocando-ſelhe a palidez do roſto em a cor viva de huma roſa, que todas viraõ, e contemplaraõ, como ſe ſe lhe reſtituira ſua belleza, que foy muita. Faleceo aos quarenta e nove annos de ſua idade, por Outubro de 1639.

As Madres Sor Agueda da Graça, e Sor Juliana de S. Bernardo.

Remate eſte Capitulo a noticia de duas Religioſas, que criou eſta Caſa com a gloria de as poder dar a outra, em que foſſem plantar a obſervancia, que aprenderaõ nella. Foraõ ellas as Madres Sor Agueda da Graça, e Sor Juliana de S. Bernardo, buſcadas, e eſcolhidas para Fundadoras do Moſteiro de noſſa Senhora do Tojal, ſendo as noticias de ſeu grande

zelo, e espirito, as que naõ cabendo na Clausura, passaraõ a occupar os reparos, e vozes de toda aquella Provincia, tendo ambas tantos votos para o cargo, quantas prendas lhe contava o merecimento. Sahiraõ deste Mosteiro de Corpus Christi a 2. de Setembro de 1640., e deraõ inteira satisfaçaõ na fórma, e primeira ebservancia da fundaçaõ nova, porque em ambas se achavaõ, e experimentaraõ as qualidades de espirito, inteireza, e vigilancia, que saõ as com que principia a respirar a vida de huma Clausura.

Sabemos, que a Madre Sor Agueda foy logo Prioreza, e Mestra de Noviças a Madre Sor Juliana, succedendo esta no lugar de Prelada por morte da primeira. Seriaõ as circunstancias, e progressos de sua vida, dignos de mais larga escritura, mas naõ he assumpto da nossa hum Mosteiro, que com Fundadoras, e Constituiçoens Dominicanas (ou fosse por difficil commercio, e distancia com os Conventos da Ordem, ou pouca ambiçaõ nella de contar muitos) tomando-lhe o Instituto, lhe naõ restituhio nunca a sogeiçaõ.

CAPITULO VI.

Das Madres Sor Maria de S. Joseph, Sor Anna da Appresentaçaõ, Sor Marianna de S. Joseph, Sor Luiza da Conceiçaõ, Sor Antonia de S. Domingos, Sor Joanna Bautista, e Sor Anna de Jesus, da mesma Casa.

SEm duvida se póde convencer quem ler estes escritos, que a mayor parte do que nelles podia ser assumpto, nos escondeo avaramente o tempo, como se se vingara da pouca ambiçaõ com que pegamos na penna, antes que para estender, para recolher memorias, que nos deixou mais o descuido, que o cuidado de quem sem obrigaçaõ quiz apontar algumas, porque ficando as mais antigas, que alcançamos desta Casa, no anno de 1639. as tornamos a descobrir só desde o de 1669. vindo-nos a faltar, e emmudecer pelo largo espaço de trinta annos, sem que nos fique de repetidas diligencias, mais que o desengano de que naõ tem outro fruto as que se fazem, despois de dar tantas largas ao tempo. Mas naõ o occupemos com queixas sem remedio, que será segundo erro (inda que sem nossa culpa) occupallo agora mal, naõ o occupando até agora; e tenha o primeiro lugar a Madre Sor Maria de S. Joseph, irmãa do Bispo do Porto Dom Nicolau Monteiro.

A Madre Sor Maria de S. Joseph.

Naõ se contentou esta Madre com a observancia pontual do que ordenaõ as leys, que professara, aspirou ainda a mais estreito modo de vida, naõ o sendo pouco o que se ajusta ás Constituiçoens, e Regra. Aos jejuns ajuntou muitos de paõ, e agua, sem que hum achaque de tosse, que por muitos annos lhe enfraqueceo o peito, a dispensasse daquelle rigor voluntario. Continuava o Coro despois de o fazer a Communidade as horas, que esta naõ assistia nelle. Levava-a suavemente a contemplaçaõ áquelle lugar, de que só a tirava o receyo de ser vista, ou reparada. Na sua cella

cella naõ ſó faltavaõ aceyos, mas ainda commodos, e abrigos, porque para aſſento havia o chaõ deſpido, e para deſcanço humas taboas, e alguma cuberta, que as diſſimulava em fórma de cama. Continua Enfermeira, deſcançavaõ no ſeu cuidado as que tinhaõ eſſe officio. Eſmoler, nunca teve couſa de preſtimo, ou valia, que naõ paſſaſſe logo ás maons da neceſſidade, e da pobreza. Compaſſiva, e deſvelada com ella, pedia para remedialla.

Humilde, eſpreitava as occaſioens naõ ſó de mayor trabalho, mas abatimento; e entre as Noviças, ou ſerventes da Caſa era a primeira, lançando muitas vezes maõ dos inſtrumentos do mais vil ſerviço, e aliviando delle até a huma eſcrava de huma Religioſa, irmãa ſua, que naõ podia acodir a toda a ſua obrigaçaõ, ou de occupada, ou de enferma. Adiantava-ſe a Madre Sor Maria a ſervir de compaſſiva, a evitar-lhe o caſtigo de que a via ameaçada, e perſeguida. Por mais que eſta Madre (como com leves motivos o foy) o foſſe de ſem razoens, ſe lhe naõ ouvio nunca na repoſta final de ira, ou de queixa. Aſſim foy ſua morte pacifica, e ſuave, como ſe a andara enſayando no ſeu genio. Acabou com todos os Sacramentos, e demonſtraçoens grandes de conſeguir os effeitos delles, em 8. de Abril de 1669. Em eſpirando, ſe mandou entregar a ſeu irmaõ o Biſpo huma carta, que lhe deixara com eſſa circunſtancia, que aberta, vio que era a ſubſtancia, pedir-lhe, que ſe lembraſſe de ſua alma, pois ella ſenaõ podia valer a ſi como filha da pobreza, ſendo grande a em que acabava. Levantou o Biſpo as maons ao Ceo, e a voz bem ouvida dos que lhe aſſiſtiaõ, e diſſe: *Graças a Deos, que me eſpirou hoje huma irmãa capaz de me deixar com ſentimento, e ſem ſuſto, porque eu a amava por ſua vida, e ella viveo como quem merecia a eterna.* E deu logo ordem em toda a Cidade a Miſſas, e ſuffragios com maõ larga.

A Madre Sor Anna da Appreſentaçaõ.

Naõ ſe podia dizer mais de huma grande Religioſa, como foy a Madre Sor Maria, nem ſe poderia dizer menos de outra igual ſua, a Madre Sor Anna da Appreſentaçaõ, peſſoa de grandes reſpeitos, aſſim no ſeculo, como neſta Caſa, devidos á dos Marquezes de Marialva, de que era, como tia de Dom Fradique de Menezes, Senhor da Barca, e de Dom Joſeph de Menezes, Arcebiſpo de Braga. Medio eſta Madre com a ſua nobreza a ſua obſervancia, e mais por eſpelho deſta, que por valia daquella, a elegeraõ Prelada deſta Caſa, naõ lhe tirando as occupaçoens do cargo os exercicios em que voava ſeu eſpirito. Aſſim ſe deſvelava ſua vigilancia, que prompta a todos os actos de Communidade, e zeloſa na refórma da Caſa, grangeava muitas horas de tempo livre para ſe recolher na Capella dos Paſſos, a que a levava hum coraçaõ mavioſo, e devotiſſimo da Paixaõ de Chriſto.

Alli ſe eſquecia orando, e alli ſe affervoravaõ de ſorte ſeus deſejos compaſſivos, que rompendo em demonſtraçoens penitentes, feria muitas vezes o roſto com taõ rigoroſos golpes, que paſſavaõ a fazer eſtrondo no Dor-

Dormitorio. De contemplativa andava continuamente absorta, e pagava-lhe o Ceo o desvelo, fazendo-a capaz de suas delicias. Em huma noite de Natal, antes de tocarem a Matinas, ouvio ao passar por junto ao Coro, huma suave, e estranha harmonia, que lhe suspendeo o passo. Entendeo, que seriaõ algumas Freiras moças; entrou a reprehendellas, desenganando-se, que naõ havia entre as que alli achava, alguma de que se podesse esperar o que ouvira; e muito mais affirmando huma de respeito, que alli se naõ cantara. Ao que respondeo: *Eu o creyo, porque o que eu ouvi, foraõ muitas vozes, que com peregrina consonancia, e soberano concerto enchiaõ este Coro.* Contemplava sem duvida a Madre Sor Anna áquella hora nos mysterios daquella noite; e quiz o Ceo naquella hormonia fazella participante da que nella houvera.

Em caso mayor lhe mostrou como correspondia ao commercio, que tinha só com elle, aconselhando-a para o bom governo da sua Communidade. Abrio por algumas partes, ameaçando ruina, a parede principal do Refeitorio; entravaõ nelle as Religiosas a medo, e a Madre Sor Anna (que continuava na occupaçaõ de Prioreza) em cuidados de dispensallas de irem á noite á colaçaõ. Era zelosa, e considerada, suspendia-se com o receyo das consequencias, que costumaõ ter as dispensaçoens nas Communidades, que de permissoens licitas passaõ a relaxaçoens exorbitantes. Via, que se hoje dispensava com a colaçaõ, em dois dias ficaria até ao jantar despovoado o Refeitorio, sendo notavel a brevidade com que caminha a dispensaçaõ no menos licito, que sem admittir meyo, passa de permittido a praticado. Occupava-a, e suspendia-a este pensamento, quando huma noite, que se detinha junto ao Refeitorio, vio vir, e entrar para elle a Communidade com grande ordem, e silencio; entrou com ella, occupou o lugar de Prelada, sem fazer reflexaõ em nenhuma subdita, ou porque occupada na sua imaginaçaõ, naõ attendia a outra cousa, ou porque poucas luzes em casa grande naõ permittiaõ esses reparos á vista. Eis-que indo a fazer final, levanta os olhos, e vê todos os lugares vasios. Recorre a que seria fraqueza na vista, mas via as mesas, e a ninguem mais na casa; entendeo logo, que naõ era vontade do Ceo, que faltasse a Communidade á observancia de ajuntarse naquella hora. Consultou o seu Confessor, Religioso de grande capacidade, que assentou no mesmo; assim se continuou na colaçaõ o Refeitorio, acodindo-se, e reparando-se ao que havia nelle de risco. Estes avisos merecia do Ceo a Madre Sor Anna, como demonstraçoens do que lhe agradava o seu zelo, e refórma.

Devotissima do Rosario da Senhora, foy a que introduzio, que se rezasse todos os dias no Mosteiro na fórma, em que o dispoz o Santo Pio V. Houve contradiçoens, e repugnancias, favorecidas ainda das mayores da Casa, com o pretexto de naõ gravar a Communidade com novas obrigaçoens. Mas ella aju-

dada

dada de seu zelo, e industria, convidava primeiro as amigas, foy despois affeiçoando outras, até que todas o abraçaraõ, e hoje se continúa com toda a Communidade na Capella dos Passos, donde ella decretou que fosse. Obrigouse o Filho do obsequio, que se fez á Mãy, e chegada esta Madre ás portas da morte, despois de todas as disposiçoens para ella com grande conformidade, permittio, que estando rezando o Terço da Paixaõ, (seu exercicio quotidiano) passasse desta vida a lograr o premio de sua devoçaõ, e zelo, em 6. de Fevereiro de 1637.

A Madre Sor Marianna de S. Joseph.

Naõ foy menos o de outra Prelada desta Casa, taõ observante em sua pessoa, como em fazer pôr em execuçaõ as leys, que professara. Assim eraõ todas as Religiosas, mas propriamente antes suas discipulas, que suas subditas, e antes que huma cousa, e outra, filhas amadas, porque era a brandura com todas igual á austeridade comsigo. Foy sua morte taõ suave, que logo pareceo premio de sua vida, testemunhando-o o Ceo nas vozes com que a chamou para a eterna, porque ao espirar, se ouviraõ no Claustro entoar finas, e concertadas a Antiphona *Veni electa mea, & ponam in te thronum meum.* Como se dissera por ellas o Esposo das almas: *Vinde esposa escolhida, que haveis de ser o throno do meu descanso.* Vivem hoje as Madres Sor Isabel da Visitaçaõ, e Sor Elena de Jesus, que por terem para aquella parte as cellas, o ouviraõ, e o testemunhaõ. Chamava-se esta Madre Sor Marianna de S. Joseph. Faleceo por Abril de 1677.

A Madre Sor Luiza da Cõceiçaõ.

Siga-se a estas duas Preladas huma grande Mestra de espirito, como da vida activa da Religiaõ, porque trinta annos continuos o foy de Noviças. Bastava sua vida para ensinallas, mas adiantavaõ-se a mais os empregos de sua vida, que nem attenuada de jejuns, nem atormentada, e perseguida de cilicios, e disciplinas, deixou de alongarse até á idade de cem annos. Avultou nesta Madre entre as mais virtudes a da paciencia, assim para sofrer molestias, como para escutar injurias, sem que estas a deixassem com desagrado, nem aquellas a achassem com queixa. Era uso seu levantarse todos os dias pelas trez horas; as que hiaõ até Prima, gastava em oraçaõ no Coro; e succedendo-lhe pelo Veraõ, ao passar para elle, ouvir no Claustro os passarinhos, que cantavaõ ao romper do dia, se detinha, e levantando a voz, e os olhos, lhes dizia com santa inveja, e singeleza: *Eya lambareiros, primeiro que eu madrugastes a louvar o Senhor?*

Muitas vezes lho ouviraõ algumas Religiosas, que acaso se achavaõ perto, outras, que para a ouvir, a seguiaõ de proposito, e com segredo. Reparavaõ nella outras vezes, que passando por donde visse o Ceo descuberto, levantando a elle as maons, e os olhos, se lhe desfaziaõ em copiosas lagrimas. Vozes pareciaõ do coraçaõ, que naquelle saudoso idioma suspirava no degredo, por se ver na Patria. Alargava-lhe o Ceo os annos, porque queria escutarlhe os desejos, indo estes merecendo quanto aquelles se hiaõ dilatando, e dispondo, que a naõ

naõ assaltasse a morte com mais golpe, que sua mesma idade. A tarde precedente á noite em que faleceo, correo o Mosteiro, despedindo-se de todas, a quem respondia, que adiantava aquella diligencia, porque já naõ podia durar muito. Havia pouco que tinha commungado, foy a Matinas a prima noite, despois á mesa com a Communidade; dalli se recolheo á cella, chamando algumas Noviças suas, e pedindo-lhe, que a ajudassem naquella hora, que naõ queria dar ás Religiosas essa molestia; e lançada no chaõ com demonstraçoens penitentes, o nome de Jesus na boca, lhe entregou a alma em 8. de Abril de 1682. Acharaõ-selhe ao amortalhalla sinaes frescos de rigorosa disciplina, das que a miudo tomava, como na cella varios instrumentos da sua penitencia. Chamava-se esta Madre Sor Luiza da Conceiçaõ.

A Madre Sor Antonia de S. Domingos.

Naõ deixou menos sinaes de penitente a Madre Sor Antonia de S. Domingos, por mais que o recatava ao mais miudo reparo. Naõ contente com o continuo exercicio de cilicios, e disciplinas, trazia sempre por baixo da toalha huma aspera corda de esparto aos pescosso, que trocada, se lhe hiaõ as pontas rematar na cintura. Seguiase a estas penitencias, como premio dellas, o dom de lagrimas, e o mesmo era porse de joelhos no Coro, que começarem-lhe a cahir taõ copiosas, e continuadas, que naõ havia diligencia para encobrillas. Teve esta Madre hum sonho; primeiro entendeo, que naõ passava de o ser, despois lhe ensinou o effeito, que fora mais que sonho. Representou-selhe nelle, que huma voz lhe perguntava com brandura, e agrado, se queria ter nesta vida o Purgatorio? a que respondeo, que sim; e acordou com a magoa de que fosse sonho, porque aquelle era o seu desejo.

Satisfez-lho o Ceo, porque trez annos antes de sua morte lhe deu hum taõ rigoroso achaque, que a teve entrevada em quanto lhe durou a vida, sobrevindo-lhe taõ grandes tribulaçoens, e taõ novos assumptos de martyrio, que muitas vezes lhe escutavaõ o ancioso desafogo de hum gemido, com a lastimosa voz de que lhe faltava o sofrimento. Espirou entre dores, mas como quem tendo-as por Purgatorio, passava delle ao immortal refrigerio. Testemunhou-o a suavidade de cheiro, que se percebeo em sua cella, e no Coro, em quanto o corpo se naõ deu á sepultura. Faleceo em 6. de Mayo de 682.

Coroemos em fim este Capitulo, e as noticias desta Casa com as ultimas duas filhas, que ennobreceraõ as memorias della, e como benemeritas, occupaõ as da nossa escritura. Foy huma a Madre Sor Joanna Bautista, que com santa singeleza seguio hum genero de vida taõ reformada, que nunca as Communidades a acharaõ menos, fóra dellas na sua cella, ou no Coro. Nas penitencias austera, nas molestias sofrida, e com todas caritativa, sogeita, e branda. Chegou entrada já em annos, ao ultimo termo da vida, com taõ venturosos annuncios da que esperava, que estando para espirar, se ouvio cantar

A Madre Sor Joanna Bautista.

sua-

suavemente a *Salve Regina* (costuma-se rezar na Religiaõ aos que entraõ naquelle ultimo, e formidavel termo) no Dormitorio, estando a Communidade toda no Coro. Ouviraõ-na clara, e distintamente algumas Religiosas enfermas, outras, que assistiaõ na cella da moribunda, com reparo, e admiraçaõ de todas. Chegada despois a Communidade, pedio que lhe entoassem o Rosario, (era na primeira Dominga de Outubro, em que elle se celebra) e ajudando ella a rezallo, com mais espirito, que forças, lhe faltaraõ com a vida, passando a acaballo com os Anjos na gloria, em 2. de Outubro de 684.

A Madre Sor Anna de Jesus.

Foy a outra Madre Sor Anna de Jesus, igualmente extremosa na mesma devoçaõ, sem largar hum instante das maons as contas, a que só advertia, e de que se divertia só para a assistencia do Officio Divino. Sua vida foy sempre igual, observante da Regra, e Constituiçoens em todo o seu rigor, mas taõ retirada, que (suppondose) naõ se sabia mais de sua vida nas circunstancias de penitente, e mortificada. Espirou, devendo ao Ceo o primeiro suffragio, porque por todo o Mosteiro soaraõ concertadas, e funestas vozes, como adiantandolhe o officio do enterro. Correraõ as Religiosas aonde estava o corpo, cuidando cada huma, que hia tarde, e acharaõ unicamente as que assistiaõ a amortalhallo. Seguio-se logo huma fragrancia, que occupou o Dormitorio, como (com suavidade, e consolaçaõ) a grande parte das Religiosas, que nelle se achavaõ, e hoje o testemunhaõ. Ao instante em que espirou, cantava a Communidade no Coro o Psalmo *Nunc dimittis.* Contavaõ-se 21. de Julho de 687. Os mais assumptos memoraveis desta Casa, como já dissemos, ou lamentamos, sepultou o tempo á nossa noticia. Baste esta para exemplo, e consolaçaõ das que buscarem esta Clausura, como dos piedosos cultivadores da observanca.

CAPITULO VII.

Das Madres Sor Maria do Rosario, Sor Maria do Sepulchro, Sor Paula da Cruz, Sor Marianna da Resurreiçaõ, Sor Maria de Jesus, do Mosteiro do Salvador.

Mosteiro do Salvador.

NAõ costuma o Ceo abrir caminho com finaes prodigiosos, ou auctorizar com demonstraçoens raras a origem de pessoas, e cousas, que se naõ hajaõ de ostentar pelos seculos com menos progressos, que maravilhas, que o recomendaõ, e o confirmem. Assim o mostrou a experiencia, e lê repetidas vezes no testemunho da Historia, sendo o raro de seus nascimentos o fiel mostrador do que despois se desempenha no novo curso de sua vida, ainda debaixo das jurisdicçoens da natureza, mas muito mais nas da graça; e parece, que se estendeo este privilegio grande aos edificios sagrados; verdade, de que naõ mendigamos testemunhos, tendo muitos de portas a dentro nos que foraõ berços, em que a Familia Dominicana começou a respirar nesta Provincia, naõ podendo negar (senaõ o primeiro) hum lugar gran-

grande ao que se levantou na Casa, e Mosteiro do Salvador, attendendo ás circunstancias com que começou a crescer, e a avultar aquella sagrada fabrica, em que se desvelaraõ os homens, trabalharaõ os Anjos, e parece se esmerou o Ceo, naõ em lhe lavrar jaspes, e porfidos, ou lhe levantar columnas, mas em lhe dispensar prodigios, bons fiadores dos que se lhe haviaõ de continuar por muitos seculos.

E naõ pareça escusada, ou exquisita reflexaõ (a quem tiver noticia desta Casa) o lembrarme das abelhas, que no inculto lugar della lavraraõ Altar ao Salvador, que crucificado em hum tronco, deu nome ao sitio, para entender agora, que eraõ aquellas huns emblemas das racionaes, que trabalhando pelo tempo futuro nas flores de suas virtudes, haviaõ de levantar ao mesmo Senhor mais estimaveis Altares; como se se continuara com melhora o prodigioso exercicio das abelhas (a que chamaõ segredo, e milagre da natureza) no que o Ceo desempenha, e continua nas industriosas filhas desta Casa, e da observancia della. Assim se vê desde o anno de 1392. em que o Bispo Joaõ Esteves a fundou, até o em que a deixou descrita, e memorada o Padre Frey Luiz de Sousa, sendo a ultima Religiosa, de que nos deixou noticia, a Madre Sor Catharina das Chagas, pelos annos de 1619.

Mas naõ he possivel excusemos a repetida queixa de omissaõ daquelles tempos, porque naõ achando noticias mais que do anno de 1635. a esta parte, nos vem a ficar o espaço de dezaseis annos sepultando, á boa conjectura, assumptos, em que poderiamos alargar a penna. Seja o primeiro dos que se nos permittiraõ a ella, a Madre Sor Maria do Rosario, rara em penitencias, como continua em contemplaçaõ, especial a do Passo, em que os Judeos trataraõ com ludibrio, e afronta ao seu verdadeiro Rey, pondo-lhe na maõ por Sceptro huma cana, na cabeça huns espinhos por coroa, ornato, com que o Presidente de Judea o expoz ao Povo em huma varanda, mostrando-o chagado, e ferido como homem, por ver se a semelhança lhe aconselhava a comiseraçaõ, e lhe mitigava a ira. Entrava-se esta Madre desta contemplaçaõ, e nas noites das sestas feiras corria o Mosteiro, ornada com as divisas daquelle tormento, e ludibrio, sacrificando-se ao que as serventes da Casa faziaõ talvez de sua pessoa, ou as que tratavaõ aquella demonstraçaõ como loucura. Era igual seu abatimento á sua paciencia; parece que se movia nella antes, que hum corpo, huma estatua. Observante nas Constituiçoens, como na assistencia do Coro, nada mais lhe levava o tempo, que o ser procuradora dos pobres; assim andava inquirindo, e examinando necessidades, mendigando incançavel, para soccorrellas, e remediallas. Naõ parava nas Religiosas; custavaõ-lhe as mesmas diligencias os pobres de fóra, que recorriaõ a ella como a sua depositaria. Este exercicio foy toda sua vida, como sua morte, com tanto alvoroço, como quem se via ás portas do premio do que tinha servido,

do, pelos annos de 1635.

Naõ se esmerou menos no exercicio da oraçaõ (que no da caridade a Madre Sor Maria do Rosario) outra filha deste Mosteiro, donde tudo eraõ estradas para o Ceo, ainda que parecessem diversas no emprego, e no excesso. Foy esta a Madre Sor Maria do Sepulchro; era a primeira, que se levantava na Casa, correndo as portas das Religiosas, e convidando-as para o Coro, para a oraçaõ antes de Prima. Era o seu exemplo a mais efficaz diligencia, e a continuaçaõ, e desvelo nesta, o grande conhecimento, que tinha, e seria tambem experiencia das grangearias della. Estudara aquelle desvelo com quem era todo do coraçaõ de Deos; e propondo-lhe, que o buscava, lhe accrescentava a circunstancia de ser com os desvelos da madrugada; emprego, a que o mesmo Senhor deu por premio a Bemaventurança.

Deus Deus meus ad te de luce vigilo. Ps. 62.

Seguia-se aos fervores da oraçaõ, assim em Sor Maria, como nas que a seguiaõ, e acompanhavaõ nella, huma constante resoluçaõ de attenuar o corpo, para que desembaraçado o espirito, sobisse continuamente a gostar as delicias da contemplaçaõ; recorria, para o conseguir, ao rigor da disciplina, sendo muitas vezes trez as que repetia entre dia, e noite, como se as rebeldias da natureza a achassem sempre com a maõ levantada para o golpe. Naõ menos rigorosa na abstinencia, observava os jejuns das Constituiçoens á risca; no mais tempo a porçaõ da Communidade, e ainda a mais limitada, a deixava satisfeita. A ancia de servir ao proximo a poz duas vezes na Enfermaria, e nesta occupaçaõ taõ prompta, e desvelada, que de ordinario escusava as serventes desta officina. Com taõ santa ambiçaõ applicava as maons ao trabalho della.

Levavaõ-lhe estes empregos esse pouco que tinha, ficando pobrissima, assim no trato de sua pessoa, como nas alfayas da cella. Algum tempo, e talvez furtado ao sono, e ao descanço, empregava em obras de agulha, em que era industriosa, destinando o lucro, e a grangearia ao ornato da Imagem milagrosa de Nossa Senhora das Neves, antigo emprego da devoçaõ desta Casa, de que daremos alguma noticia. Em tunicas interiores, e mantas para a cama, usava de estamenha; e considerando huma Religiosa amiga sua, que até aquellas duravaõ ajudadas de remendos, e que lhe seria necessario algum panno, que substituisse em lugar de estamenha, lho offereceo, advertindo-lhe, que ainda que este era mais mimoso que ella, seria provisaõ para se se achasse achaquada. Aceitou Sor Maria a vontade, escusando-se á offerta, repetindo os seguros de que lhe naõ faltava nada. Conhecia a Religiosa a sua pobreza, e examinando-lhe a cella, lhe naõ achou cousa alguma, naõ bastando este desengano, para naõ continuar com a mesma segurança, de que lhe naõ faltava nada. Admirada a Religiosa, referio o caso ao Mestre Frey Guilherme do Vadre, (pessoa de grande espirito, que já nestes escritos nos deu assumpto) accrescentando, que se admirava, porque conhecia, e tinha gran-

grande opiniaõ de Sor Maria, e agora a via faltar ao ponto da verdade, ſegurando, que tinha o que lhe era preciſo, o que era pelo contrario. Suſpendeo-ſe o Meſtre, e reſpondeo, rompendo o ſilencio com hum ſuſpiro: *Ah Madre, que eſſa Theologia nõ alcançamos*! Aſſim pezava eſte talento o extraordinario daquelle eſpirito.

Levava-a hum filial, e accendido affecto a Noſſo Padre. Trabalhavaõ para o ſeu ornato algumas Religioſas, bordandolhe huma capa de Eſtrellas, e foy Sor Maria a primeira pelo primor da ſua agulha, e mais ſingular, porque em trabalhando na capa, ſe punha de joelhos, e aſſim continuava aquella goſtoſa tarefa muitas horas. Naõ foy deſagradavel ao Santo eſte obſequio. Adoeceo pouco tempo deſpois eſta Madre, foy a doença de morte, pedio os Sacramentos, e eſtando-ſe confeſſando diſſe ao Confeſſor, que junto da cama tinha huma viſita, porque eſtavaõ alli a Senhora das Neves, e Noſſo Padre S. Domingos, com huma capa bordada de Eſtrellas. Faleceo dahi a pouco com ſinaes de quem paſſava ao Palacio dellas. Advertindo o ſeu Confeſſor, e o Meſtre Frey Guilherme, (tinhaõ ambos noticia de ſua conſciencia) que ſe lhe pozeſſe hum ſinal na cova. Foy ſua morte pelos annos de 1664.

Seguio as pizadas da Madre Sor Maria, a Madre Sor Paula da Cruz no emprego da oraçaõ. Na mental, com taõ ſuave fruto de ſeu eſpirito, que ſobre ſerem as lagrimas os ſuores daquelle coraçaõ, que ſe aviſinhava ao verdadeiro fogo, aſſim ſe alienava das ſenſibilidades de humana, que ficava extatica. Era Subprioreza, (officio, que exercitou muito tempo, porque era ſua vida o Coro) chegavaõ-ſe a ella a advertirlhe o que importava, achavaõ-na ſem ſentido, ſuavemente roubado de mais ſuperior centro. Na oraçaõ vocal naõ eraõ menos as lagrimas, (como a que tinha o dom dellas) e taõ dada a ella, que duas vezes rezava o Officio Divino; artificio para naõ ter mais tempo, que para fallar de Deos, ou com elle. Era aſſim ſó com o Ceo o ſeu commercio, e parece que foy nella herança, porque aſſim irmãas, como parentas, que teve neſte Moſteiro, naõ aſpiraraõ a outro, mais que ao eterno. Mas naõ baſtava a grande obſervancia de ſua vida a reſgatalla do martyrio de eſcrupuloſa; e com tanto extremo, e deſconſolaçaõ ſua, que em fallando com Religioſa de mais confiança, naõ era outra a pratica, acompanhada com ancias, com lagrimas, ſem alivio, ſem remedio, circunſtancias, que fizeraõ mais notavel ſua morte.

Chegada eſta em huma doença (que ajudada de achaques, e annos, deſenganou logo os remedios) entrou em huma ſuſpenſaõ grande, recebidos os Sacramentos. Naõ ſe lhe ouvia palavra; chegouſe huma ſobrinha ſua, (vive ainda hoje Religioſa de opiniaõ, e a que ſe deve todo o credito) e perguntoulhe como a que ſabia o tormento de eſcrupulos, com que ſempre vivera a moribunda, ſe queria reconciliarſe? ſe a affligia, ou ſe ſe achava ainda com algum eſcrupulo? A que reſ-

pondeo Sor Paula com admiravel socego: *Escrupulo? de que? Nenhum escrupulo tenho.* Entraraõ nesta occasiaõ os Medicos, mandaraõ com pressa darlhe a Unçaõ; e ao entrar o Confessor, pondo nelle os olhos, disse: *Laqueus contritus est, & nos liberati sumus.* Vem a dizer: *Rompeose e laço, o estamos livres.* Palavras, que proferidas naquella hora, e conhecida quem as proferia, sempre tem favoravel intelligencia; e seja o laço o escrupulo, ou o corpo, sempre soa á ultima ventura a ultima liberdade do espirito. Faleceo em 7. de Dezembro de 1668. Vieraõ a darlhe sepultura os Religiosos com grandes demonstraçoens de veneraçaõ, naõ sendo pouco argumento para favorecella, o ser hum delles o Mestre Frey Guilherme do Vadre, primo da defunta, e de que já démos noticia. Dura ainda hoje entre as da Madre Sor Paula o que succedeo á sua devoçaõ digno de credito, porque o testemunhou ella, e de naõ esquecerse para incentivo, e consolaçaõ das devotas. Servia esta Madre com grande zelo a S. Jacintho na sua Imagem milagrosa, que está nesta Casa, e de que ainda daremos mais noticia. Era Subprioreza, foraõlhe precisas duas vélas para gastar no Coro, guardava-as para o Santo, fez com que se servisse dellas o aperto; e achando-se logo em occasiaõ de as accender ao Santo, desconsolada, e afflicta de naõ ter com que as comprar, succedeo abrir o almario de donde as tirara, eisque acha outras, taõ medidas pelas primeiras, que ella só podia testemunhar, que naõ eraõ as proprias. Fez publico o caso para gloria do Santo; veremos ainda nelle mayores demonstraçoens de agradecido.

Ps. 12. 3.

Mas sirva-nos de assumpto entre annos crescidos a noticia de poucos, e igualmente empregados, sendo a graça a que naõ espera tempos para sasonar frutos, colhendo maduros os da virtude, assim no estio, como na primavera da idade. Foy assim na Madre Sor Marianna da Resurreiçaõ, porque ao seu anno de noviciado chamaraõ as Religiosas, antes que de approvaçaõ, de exemplo. Dava-o no continuo da oraçaõ, e era o mesmo pôr em terra os joelhos, que soltarem-se de seus olhos grossas lagrimas, linguas com que seu espirito continuava praticas com seu Esposo. Via-se logo, que tanto como linguas da alma, eraõ faiscas do coraçaõ, abrazando-selhe este com tanta vehemencia, que a fazia romper em ardentes jaculatorias. Era este o seu suspiro: *Quem me dera amor de Deos! Quem soubera amallo!* Assim se ateava o Divino fogo naquelles verdes annos, materia igualmente disposta para a sua chamma, como já o tinhaõ sido as aguas no primeiro desasocego, que lhe deveraõ as creaturas. Era Sor Marianna de gentil parecer; e como o Ceo queria mostrar, que até este fora data sua, (porque toda fosse do Ceo) já o viçoso daquellas flores era escolhido combustivel daquella sagrada lavareda, que se atea por escolha, e arde sem resistencia.

Spiritus Domini ferebatur super aquas. Genes.

A poucos mezes de Professa a poz a obediencia na officina da Sacristia, occupaçaõ, que

a

a escusava do Coro, mas naõ de mayor mortificaçaõ nas obrigaçoens delle, porque de joelhos rezava o Officio Divino. Mortificada na mesa, da meya reçaõ fazia cada dia huma esmola. Sofrida, obediente, e pobre, naõ havia accidente, que a naõ achasse com o mesmo semblante. Queria o Ceo examinar sua paciencia, dispunha, que lhe succedesse poucas vezes o que esperava. Mas encontravaõ-na as adversidades, e mortificaçoens taõ confórme, como a que nunca vivera para a sua vontade. Acabado o anno daquella occupaçaõ, abraçou contente huma mortal doença, que teve por premio do bem que a tinha exercitado, mas foy que queria o Ceo darlhe o verdadeiro premio, e passou a lograllo com tantas demonstraçoens de conformidade, como quem entendia a vontade, que o dispunha; com tantas de alegria, como se já entendera o que a esperava. Faleceo em 2. de Novembro de 1672. de idade de dezasete annos, poucos para as Religiosas, que choraraõ a sua ausencia, muitos para o Ceo, que a naõ consentio mais na terra.

Feche este Capitulo como irmãa, assim por observancia, como por natureza, da Madre Sor Paula (de quem ha pouco fallamos) a Madre Sor Maria de Jesus. Entrou esta Madre nesta Casa já taõ exercitada no que vinha buscar nella, (que era a reforma da vida) que tiveraõ as Religiosas veteranas antes que aprender, do que doutrinar na sua. Mas no que mais se esmerava, era em hum retiro considerado, hum silencio perpetuo, em que antes se sepultava, que vivia. Grande industria! furtarse a qualquer commercio, que naõ fosse todo de Deos, para andar sempre na sua presença, achando-se tambem com elle, que só em caso preciso se lhe escutava alguma reposta breve, mas muy sentenciosa, como a que versada no idioma do Ceo, naõ podia articular palavra, que naõ fosse conceito.

Entendeose, que era aquelle silencio huma prizaõ dos sentidos, por trazer occupadas as potencias na meditaçaõ da Paixaõ de Christo, como se repartira os successos della pelas horas do dia, porque perguntando-selhe (de encontro) alguma cousa, que importava, respondia promptamente com o Passo, que tocava áquella hora, e só despois de advertida, respondia em outra fórma. Como trazia assim recolhidos os sentidos, èra-lhe facil o exercicio da oraçaõ. Assim se esquecia nella, como se naõ vivera para outra cousa; para lhe naõ embaraçarem este exercicio, se retirava a lugares mais escondidos, que de medonhos, eraõ menos frequentados, especialmente nas horas da noite, ficando muitas inteiras no Coro debaixo em tempo, que naõ tinha mais fórma, que a de hum Cemiterio, sem mais abrigo, que humas lages nuas, nem mais luz, que a escassa, que se lhe communicava de alguma alampada da Igreja. Mas que menos affoutos, e destemidos aquelle sexo, em aquelles poucos annos! se era em huma esposa, que profeticamente se vira já (deixar a brandura do leito) correr a Cida-

In lectulo meo per noctes quæsivi quem diligit anima mea .... surgã, & circumibo civitatem. Cant. 3.

Cidade entre os horrores da noite, desconhecendo medos, e desprezando encontros, só por lograr o Esposo em seus braços.

Era Sor Maria hum espelho de innocencia, e singeleza, dotada de rara fermosura, que sempre com gesto alegre, parece que convidava os coraçoens a dar graças a Deos, de offerecer aos olhos aquella copia de huma alma bemaventurada. Assim se representava a paz de seu espirito; mas naõ a sofria envejoso o demonio, querendo perturballa (como se soube por seus Confessores) com ameaços, e representaçoens horriveis. Foy huma a do Inferno em hum grande lago de fogo; mas naõ bastavaõ estes assombros para divertilla do continuo exercicio de estar orando, ou para assustarlhe a firme esperança, que tinha em seu Esposo.

Recolhia-se algumas noites á cella, e como a tinha pobre, e desprovida de tudo, querendo em huma occasiaõ rezar algumas devoçoens particulares, e faltando-lhe luz, pedio azeite a huma Religiosa visinha, que no pouco que lhe deu, e nas muitas semanas, que despois lhe durou, (naõ faltando advertencia de quem observava tudo o que lhe succedia) veyo a entender, que o Senhor lho multiplicára milagrosamente. Vive ainda hoje a Religiosa, que assim o testemunha.

Algum tempo antes de sua morte, arrebatada de huma grande enfermidade, recebeo os Sacramentos com interior, e descuberto gozo de se ver em vesperas do verdadeiro. Despediose das Religiosas, pedindolhes perdoens, e repartindo entre ellas algumas reliquias, que eraõ o thesouro, e unica estima de sua pobreza, quando esperando-se sua morte cada instante, lhe sobreveyo hum symptoma com huma commoçaõ de todo o corpo, mas sepultada em silencio, que (metendo-lhe a véla na maõ, e apertando-a com vigor) rompeo dizendo com voz limpa, e desembaraçada: *Viva a Fé, Fé, Fé!* E suspendendose hum pouco, cobrou alento, e em breve convaleceo de todo, seguindo o observante, e antigo estylo de sua vida, que acabou despois de doença ordinaria, deixando a todo o Mosteiro edificado, e saudoso, em dia do Bautista, de que era singular devota, no anno de 1676.

CAPITULO VIII.

Das Madres Sor Maria da Gloria, Sor Justina do Espirito Santo, Sor Maria de Jesus, Sor Joanna de Santa Clara, Sor Catharina do Presepio; e da Irmãa Conversa Natalia do Salvador (diz outra memoria, de Jesus) do mesmo Mosteiro.

Abra-nos este Capitulo huma illustre filha desta Casa, que como legitima da observancia, a podemos tambem auctorizar com o nome de mimosa Merceeira da Virgem Maria, especialmente com duas Imagens suas, que ha no Mosteiro, a Senhora dos Remedios, e a dos Prazeres, de que despois daremos mais miuda noticia. Foy esta Religiosa a Madre Sor Maria da Gloria, que logo no anno da approvaçaõ começou a segu-

Sor Maria da Gloria.

ſegurar as eſperanças, que prometteo a modeſtia, e recolhimento com que vivera no Mundo, e a ſogeiçaõ, e o goſto, com que entrou neſtes ſantos Clauſtros a veſtir o habito. Profeſſa, teve huma cella junto á Capella da Senhora dos Prazeres, em que começou a aſſiſtir como devota, e ſervir como eſcrava. Tal era o deſvelo com que a occupava o aceyo, e o ornato da Capella! Tal o fervor, com que muitas vezes no dia a viaõ ſuſpendida diante da Senhora! Obſervante nas obrigaçoens da Communidade, Conſtituiçoens, e Regra, dava ao baſtidor, em que era deſtriſſima, o tempo, que reſtava, trabalhando nelle para repetido adorno das duas Imagens, de que coſtumava dizer, que ſe deſvelava com ellas quanto cabia em ſuas forças, porque na hora de ſua morte lhe aſſiſtiſſem ambas. Naõ podia enganalla eſperança fundada na verdadeira Eſperança. Dillo-ha melhor a experiencia.

Frequentava a oraçaõ com ſuavidade de eſpirito, acompanhada de lagrimas, mayor indicio das conſolaçoens delle. Nas horas determinadas de ſeu recolhimento, aſſim de manhãa, como á noite, a ninguem dava repoſta, ou difficultoſamente ſe encontravaõ com ella. Deſpois de cea, continuava a oraçaõ na Capella da ſua Senhora até á meya noite, e taõ ſepultada na contemplaçaõ, que por mais que entraſſem na Capella, nada ſentia. Era grande a ternura com que adorava a ſagrada Imagem, eſquivando-ſe ao commercio das Religioſas, como receando, que houveſſe couſa no Mundo, que lhe levaſſe hum unico cuidado, de que naſcia o ouvir-ſelhe algumas vezes, que parecia deſarrezoado, e ainda injuſto, que ſe agradaſſe de alguma creatura quem amava a mais perfeita de todas, como era a Senhora.

Era a Madre Sor Maria muito mortificada, e ſobre a abſtinencia dos jejuns das Conſtituiçoens, e Regra, fazia votos de naõ goſtar o que lhe parecia, que podia deſpertar mais o appetite. Inventava penitencias, e modos exquiſitos de exercitar a paciencia nas vigilias da Senhora, convidando ás Religioſas a louvalla, e renderlhe particular culto com aquelle ſacrificio. Adoeceo com todos os ſinaes de perigo, mas naõ conſentio, que ſe lhe chamaſſe Medico, ou ſe lhe applicaſſe medicamento. Per ſi meſmo ſe desfez o mal, ſuſpendidas as Religioſas, que o eſtavaõ vendo, e duvidando. Paſſou alguns dias de convalecença, e chegou o de Veſpera da Encarnaçaõ. Tardaraõ os Confeſſores, reſolveoſe, que as achacadas naõ ſe confeſſariaõ aquelle dia; mas Sor Maria com reſoluçaõ, e firmeza, que o naõ paſſaria ſem confeſſarſe. Foy aſſim, e confeſſando-ſe mais largamente, que o que tinha de coſtume, commungou ao outro dia. Ao de Ramos, trazendo-lhe de manhãa huma Religioſa huma palma, ſe abraçou com ella, e poſta de joelhos, dilatou a oraçaõ até ás duas da tarde.

Pedio logo, que lhe trouxeſſem a Imagem da Senhora dos Remedios, e ornando-a para ficar aſſim para a Paſchoa, ſe lhe ouviraõ algumas palavras,

vras, de que se inferia, que estava certa de naõ ver já nenhuma das Senhoras nas suas Capellas. Detinha-se ainda neste ornato, quando a assaltou huma dor taõ vehemente, que se naõ pode levantar. Ficou alli a Imagem á sua cabeceira, e perguntando-lhe as Religiosas, que entravaõ, que novo accidente a molestava, estando já boa? Respondia, que era favor, que lhe fizera aquella Senhora. Entrou em ancias mortaes ao seguinte dia, e soando no Mosteiro, que espirara, apressando-se huma Religiosa amiga sua, e tirando a Senhora dos Prazeres da sua Capella, lha levou, chamando-a com ella nas maons. Voltou Sor Maria o rosto, e olhos a ver a sua Senhora, e tornou a cahir como amortecida. Repetio dahi a pouco a mesma vista já sem alento, e com os olhos na sagrada Imagem espirou, lembrando-se as Religiosas do que tanto repetira em vida, que as duas Imagens lhe haviaõ de assistir na ultima hora. Foy esta por Março de 1677.

Mas dem lugar as filhas desta Casa a huma Irmãa sua, que póde ser credito dellas, e della, como foy a Madre Sor Justina do Espirito Santo, Religiosa de veneraveis memorias, assim pelo exemplar de sua vida, como pelo reparo, que se deve aos principios della; porque andando sua mãy pejada, insperadamente, e em sitio, que fez advertir mais no successo, voou huma Pomba com cabeça, e costas pretas, branco o mais corpo, e se lhe poz no regaço; circunstancias, que naõ se esqueceraõ ao ver entrar pelas sagradas portas desta Casa a Sor Justina, como se aquella ave, sobre ser geroglifico da innocencia de sua alma, tivera sido annuncio em suas cores, de que vestiria a ditosa mortalha Dominicana. Bem póde tambem crerse, que attendendo ao successo, escolheria o sobrenome do Espirito Santo, por ser a mesma ave o seu mais conhecido geroglifico.

Tomou o habito com demonstraçoens de gosto, naõ menos o das Religiosas, que conseguiaõ nella hum compendio de todas as boas partes, que ainda faziaõ avultar mais o bom parecer, de que a dotara o Ceo. Era em musica destrissima, e feita Mestra do Coro, se desvelava em louvar a Deos, que estima nas suas esposas aquelle culto, e obsequio de melodias, como o mostrou, pedindo á mais perfeita, que com sua voz lhe regalasse os ouvidos, e divertisse o mesmo Coro de Anjos. Mas naõ bastava esta applicaçaõ, para a retardar nas obrigaçoens de seu estado, e interesses de seu espirito. Era muy concertada sua vida, grande a obediencia, e sogeiçaõ a seus Confessores, pouco o seu trato, e só com as mais observantes; mas como o demonio via caminhar a Sor Justina taõ ligeira, e desembaraçada ao centro da summa perfeiçaõ, que he o da sua inveja, tratou de armarlhe tropessos no caminho, fomentando praticas, que lhe condemnavaõ singularidades de vida entre as outras; maxima verdadeiramente diabolica, com que quer palear a malicia, e soltura, a magoa de se ver excedida, e tacitamente condemnada

Amici auscultát; fac me audire vocem tuam. Cant.c.8.

da perfeiçaõ, e da refórma.

Logrou o inimigo a induſtria, porque ſe foy esfriando em Sor Juſtina aquelle primeiro fervor em que ſe via taõ adiantada, dando ouvidos, e attençoens á cuidados, que adormecendo as vigilias do eſpirito, vaõ pouco a pouco paſſando o deſcuido a lethargo. Mas naõ permittio o Ceo, que ſe ſepultaſſe nelle Sor Juſtina, deſpertando-a, como he crivel, a hum brado da ſua Providencia. Chegou hum dia ao Moſteiro hum Sacerdote deſconhecido nelle, mas como deſpois ſe teve larga noticia, de vida reformada, e já entrado em dias. Procurou a Prioreza, e logo huma Religioſa, de que deu os ſinaes, mas naõ ſabia o nome. Pelos da refórma, e obſervancia chamou algumas a Prelada, naõ havendo poucas na Caſa, a que ſe podia applicar aquella noticia, mas naõ chegava a buſcada, até que chegou Sor Juſtina. Conheceo-a o Padre, e praticando com ella ſobre o eſtylo de ſua vida, ſe começaraõ a ver repentinos effeitos na refórma della, á viſta das frouxidoens, com que já ſe deſcuidava.

Lançou fóra tudo o que lhe podia ſervir de embaraço na preſſa com que tomou novo caminho. A's Conſtituiçoens obſervadas como eſtaõ eſcritas, accreſcentando novos rigores a ellas. A cama duas taboas no chaõ, duas mantas, e o pedaço de hum tronco por traveſſeiro. O ſuſtento hervas, e legumes. Fóra do jejum dos ſete mezes, muitos, e a paõ, e agua. Cilicio aſpero, e perpetuo. Diſciplinas de ferro, em que ſe ſangrava todos os dias de madrugada. Na oraçaõ mental taõ prompta, e continua, que lhe cuſtava muito reduzir-ſe á vocal (foy confiſſaõ ſua) alguma hora do dia. Começaraõ os rigores deſta vida, e mais a perſeverança nella, a picar o pay da inveja, impaciente de ver zombada a ſua primeira aſtucia, e rompeo em ameaços, que nunca paſſaraõ de ſer ſuſtos, apparecendo-lhe algumas vezes á entrada do Coro na figura de hum preto. Baldado eſte aſſalto, recorreo a outro, em que tambem lhe ſerviſſe de arma a meſma fraqueza da que lhe reſiſtia.

Coſtumava eſta Madre abſterſe a tempos de alguma couſa, a que via o ſeu goſto mais inclinado. Tinha feito voto de naõ comer figos aquelle anno, porque daquelle genero naõ podia fazer mayor ſacrificio. Entrara o tempo daquella fruta, eisque hum dia chega á roda hum pretinho com hum açafate della, e da mais fermoſa, e eſcolhida, aſſim compoſta, aſſim aceada, que baſtara o artificio a fazella appetecida; e diz, que a entreguem á Madre Sor Juſtina. Admirouſe a Rodeira, que ſabia o pouco commercio, que aquella Madre tinha de portas a fóra, para ſe ver preſenteada; e perguntando por quem mandava o mimo, reſpondeo o preto, que ſe entregaſſe á tal Religioſa, que ella o ſabia. Era aſſim, porque entregue o açafate, com a noticicia de quem o trouxera a Sor Juſtina, ſorrindo-ſe, diſſe: *Que ſim ſabia, e que por eſſa cauſa lançaſſem logo fóra o açafate como viera.* Tal era a maõ, que o tinha mandado!

Tal a que Sor Justina tinha para rebater o seu inimigo, que nesta occasiaõ naõ ficou taõ victorioso, como no campo primeiro, em que se perdeo o genero humano, por mais que foy tambem aqui a sua arma hum pomo, (em boa opiniaõ o mesmo) e com huma mulher o conflicto, porque o que conseguio com este estratagema, foy naõ comer mais esta Madre similhante fruta em toda sua vida.

Só achava gosto, e o mais verdadeiro, e mais sobido, na suavissima, e deliciosa do Sacramento; viaõ-se os effeitos do muito que o era para sua alma, no recolhimento grande com que se dispunha, no esquecimento de operaçoens humanas, despois que o recebia, porque esse dia ficava até as quatro horas da tarde no Coro, e de joelhos, sem que bastassem a enfraquecella mais de oitenta annos, que já contava. Em similhante dia encontrando-a huma vez certa Religiosa ao sahir do Coro áquellas horas, e dizendo-lhe: *Como virá esse corpo a estas horas em jejum?* Respondeo com semblante alegre: *Nenhuma fraqueza sinto; quem tem dentro em si hum homem Deos, podem-lhe faltar forças?*

Foy muy perseguida de doenças, trabalhosas todas, como se vieraõ só a exercitar-lhe a paciencia. Convalecida, tornava logo ao rigor da vida costumada. Naõ cabia já a grande experiencia, e opiniaõ della nos estreitos Claustros do Mosteiro, sahia sua noticia naõ só a occupar a Cidade, mas o Reyno, pertendida, e buscada sua valia com Deos de muitas partes delle, publicidade, e diligencia a que se esquivava, sepultada em seu proprio abatimento, e modestia. Ficou em lembrança, que ao Mosteiro da Encarnaçaõ das Commendadeiras, na Cidade de Lisboa, escreveo a huma em certa occasiaõ, e com pressa, dando-lhe aviso, que acodissem a huma menina, que estava em perigo de cahir em hum poço. Foy assim; e sahio a noticia do mesmo Mosteiro.

De pessoas grandes, e poderosas, que a buscavaõ, alcançou grossas esmolas com que acodia á Casa. Fez nella obras taõ precisas, como grandiosas. Entre ellas o Coro debaixo, bem apainellado, e Capella bem dourada, em que poz a Senhora da Appresentaçaõ, particular devoçaõ sua. Contava noventa annos, quando a apanhou a morte, e taõ mortificada, que pouco lhe levou na vida, mas com grandes demonstraçoens de que antes a melhorara, que perdera. Mas naõ esqueçamos hum reparo, que o auctoriza. Era a Madre Sor Justina de disposiçaõ grossa (como se a abstinencia soubesse tambem ser pasto do corpo, como do espirito; ou como se se repetisse nella o prodigio da parcimonia de Daniel, e seus companheiros, famintos, mas naõ attenuados) ficava a sua cella longe do Coro, a escada por donde haviaõ de tirar o corpo, por estreita, e empinada, perigosa, e com huma volta apertada; parecia impossivel a conducçaõ do cadaver ainda ás mais robustas, e determinadas. Nesta pratica, que as affligia, voltou huma Religiosa das assistentes, e com voz anciosa pedindo á mesma defunta, que lhes valesse, pegou

Apparuerunt vultus eorũ meliores, præ omnibus pueris, qui vescebantur cibo regio. Danielis. 1. c.

gou com outras no esquife, achando taõ pouco pezo, e a passagem taõ sem embaraço, que confusas, e admiradas, chegaraõ ao Coro, attribuindo o successo a prodigio. Faleceo esta Madre por Outubro de 1670.

Ainda que naõ com tanta individuaçaõ de acçoens, com igual opiniaõ de virtude, dura por tradiçaõ o nome de outras Madres (que quasi no mesmo tempo concorreraõ nesta Casa) para gloria de Deos, e das memorias della. Foy huma a Madre Sor Maria de Jesus, de rara, e singular innocencia, que parece, que reduzio sua vida a Angelica. Assim se póde dizer, que antes ignorou, que fogio a malicia, como se privilegiada, ou adoptada pelo Ceo, a desconhecesse a terra de filha sua. Pelas Capellas, que ha no Mosteiro, em as achando solitarias, cantava louvores a Deos, especialmente na de Belem, com baile, e musica, que inventava, e compunha a sua singeleza, e em que bem se divisava a sua devoçaõ das Religiosas, que para a ouvir, a seguiaõ com cautela, por mais que ella se prevenia, e guardava com muita. O silencio foy perpetuo, igual o retiro. Fóra das obrigaçoens da Casa, em que era a primeira, a sepultava a cella. Assim foy sua vida antes hum desconhecimento da vida, porque naõ o quiz o Ceo, que com esse nome tivesse outra mais que aquella, para que se dispoz sepultada.

Sor Maria de Jesus.

Naõ foy menos a sinceridade de coraçaõ, e candidez de espirito da Madre Sor Joanna de Santa Clara. Igualmente inculpavel sua vida, estreitada na observancia das Constituiçoens, e Regra; extremosa na devoçaõ do Santissimo Sacramento, amava ao discipulo amante, como o que estivera recostado no vivo, e verdadeiro Sacrario delle; e a S. Thomaz, porque fora o sagrado Cisne, a quem tocaraõ as endexas daquella morte representada, porque apostilando sobre o mysterio, alargou tambem a penna aos suaves Hymnos, e mais sagrada melodia, que na sua festa entoa a Igreja; naõ faltando quem diga se deveo ao mesmo Santo a composiçaõ, e a solfa. Assim costumava dizer esta Madre com huma boa graça, de que a dotou o Ceo: *Que tinha trez devotos, de que os dous eraõ Aguias, e hum o Sol.* Era este Christo Sacramentado, os dous, o Evangelista, e Santo Thomaz; e eraõ estes os trez singulares empregos da sua devoçaõ.

Sor Joanna de Sãta Clara.

Estando o Senhor exposto, poucos instantes largava o Coro, assistindo nelle em pé, e rezando. Intentava divertilla desta, como de outras devoçoens, o inimigo commum, e representava-selhe em varias fórmas, e figuras. Muitas vezes no Coro em trage de Soldado, chegando-se a ella a molestava, mas a boa velha o desprezava com segurança, ameaçando-o com os seus devotos, se a naõ deixava. Tinha outra Religiosa irmãa sua hum caõzinho, que a festejava, seguia, e buscava na cella. Recolhida a ella á noite Sor Joanna, e deixando o brutosinho na da irmãa, lhe perguntava logo se o tinha lá comsigo, (porque na sua cella achava o mesmo) e respondendo-lhe

do-lhe a irmãa, que lá estava com ella, dizia sem susto: *Oh! pois já sey quem cá tenho.* Assim andava destra em conhecer as traças do inimigo; e fazendo o sinal da Cruz, o mandava, e elle desapparecia. Viveo esta Madre largos annos, sem que estes até á ultima hora a dispensassem de exercicios santos, rigorosos, e repetidos.

Sor Catharina do Presepio.

Continuou com o mesmo fervor nelles a Madre Sor Catharina do Presepio, que antes vivia, que continuava no Coro, porque recolhidas as Religiosas, e ficando só nelle, a ouviaõ toda a noite fallando com Deos. Se se recolhia por pouco tempo á cella, continuava a mesma pratica com as Imagens, que nella tinha, especialmente com as de hum painel, em que estava a Rainha do Ceo com o Menino nos braços; com ella dilatava suaves, e ternissimos colloquios, que compungiaõ as Religiosas, que passavaõ, e se detinhaõ a escutallos. Contou esta Madre muitos annos em grande austeridade, e observancia de vida, até que a chamou o Ceo com penosa doença. Recebidos os Sacramentos, e estando só com a Enfermeira junto da cama, lhe disse com voz repentina, e apressada: *Afaste-se Madre, afaste-se, que entra huma Procissaõ de muitas Santas, e no fim Santa Catharina de Senna, nossa Madre, que me vem buscar.* E fazendo huma inclinaçaõ com o corpo, e cabeça, passou sua alma a tomar lugar entre aquella ditosa companhia. Naõ teve menos premio a grande devoçaõ, que tinha á mesma Santa Catharina, venerada em huma das Imagens da sua cella.

Sor Natalia de Jesus.

Feche-nos este Capitulo huma Irmãa Conversa, digna de nome, e lugar entre as que melhor o mereceraõ na memoria desta Casa. Foy esta Sor Natalia de Jesus, recolhida neste Mosteiro para o serviço delle, porque igualmente nobre, que necessitada, se a sua nobreza a trouxe a este retiro, a sua pobreza lhe naõ permittio outro estado. Porém foy tal seu procedimento, tal a opiniaõ, que se grangeou no modesto, e concertado de sua vida, tal o agrado, que soube merecer a todas na occupaçaõ, e serviço da Casa, que junto tudo com a valia de sua conhecida nobreza, lhe alcançou o lugar de Conversa, vestindo com o habito as novas obrigaçoens, que suspirava seu espirito, e exercitando-as com tanto, que de todas era tida, e respeitada por mulher santa.

Occupouse logo o seu prestimo no trabalho da Sacristia, gastando o tempo, que lhe sobejava delle, em assistir á Senhora da Assumpçaõ, Imagem fermosa, que está em hum nicho no Coro, e era todo o seu emprego. Mas era muita a pobreza em que vivia, e naõ se contentava de servir só com desejos a esta Senhora; deu em vender a sua reçaõ, (fiando o sustento de alguma esmola, ou sobejo, em que o tinha contingente, e limitado) e com o que ajuntava, lhe fazia em seu dia a festa á sua *Bella Senhora*, titulo com que gostosamente a nomeava. Era extremosa sua caridade, desvelada sempre em grangear ás enfermas o alivio, poupar ás sans o trabalho, e servir a todas com gosto. Applicava-se com mais cuidado ao pre-

preciso da sua occupaçaõ, para que lhe ficasse livre, e desembaraçada aquella hora da noite, a que sahem de Matinas as Religiosas. He escuro, e trabalhoso o passo, que alli vay do Coro para o Mosteiro, pizado das Religiosas velhas com risco, e susto. Nelle se vinha pôr áquella hora sabida Sor Natalia com hum a luz, esperando, que a Communidade sahisse, e passasse seguramente; providencia, que sem duvida naõ desagradava ao Auctor da caridade, pois dava tanto cuidado ao inimigo della, que o obrigava a vestirse de varias figuras (para assustar a boa Leiga, e apartalla do sitio) sendo a que mais vezes tomava, a de hum corpulento, e medonho mulato.

Entrada em annos, cahio em huma grave doença, que por mais que o era, nada tinha para ella de penosa, mais que o embaraçarlhe a vista da sua *Bella Senhora.* Assim a sentiaõ estallar de saudades as Religiosas, que lhe assistiaõ, resolvendo-se algumas de compadecidas, a trazer-lhe a sagrada Imagem, pagando-se a Senhora tanto daquella piedosa ancia, que lhe quiz continuar a paga em melhor assistencia, porque ainda que naquelle mesmo dia tornou a Imagem para o seu lugar do Coro, segurava Sor Natalia, que a tinha alli comsigo, e assim se entendia de a ver com hum grande socego, e ouvir a segurança com que repetia colloquios devota, e enternecida, encaminhados (ao que parecia) a quem os escutava junto á cabeceira; entre elles espirou em huma Vespera da Assumpçaõ da mesma Senhora, recebidos os Sacramentos com alvoroço, e suavidade de sua alma. Ao seguinte anno, em a mesma Vespera da Senhora, que foy por Agosto de 1670. levando a sagrada Imagem (como he uso desde a fundaçaõ do Mosteiro) a horas de meya noite em Procissaõ, e triunfo pelo Claustro, advertiraõ Religiosas, (que hoje vivem) que voava, e seguia o andor da Senhora huma Pomba branquissima, que recolhida a Imagem, desappareceo junto á sepultura de Sor Natalia. Assim parece, que quiz dar a entender a Senhora, o como a acompanhava a sua devota no eterno triunfo da Bemaventurança.

CAPITULO IX.

Das Madres Sor Magdalena de Jesus, Sor Ignez da Encarnaçaõ, Sor Isabel da Visitaçaõ, Sor Filippa da Cruz, Sor Maria da Cruz, Sor Marianna das Chagas, Sor Antonia Bautista, do mesmo Mosteiro do Salvador.

Dilatada, e espaçosa seara de virtudes, a que frutificou no pequeno campo deste Mosteiro, (sendo o primeiro milagre da Providencia, o conservar o copioso no acanhado) como aquelle, em que se achou o verdadeiro graõ de trigo, promettendo a fecundidade na espigada hastea do madeiro. Assim foy aquelle trigo sagrado, venturoso annuncio da grande, e continua seara, que conseguiria o Ceo desta pouca terra, cultivada venturosamente pelos semeadores Evangelicos, filhos de

Na fundaçaõ do Mosteiro se achou a Imagem de Christo crucificado.

de Domingos. Já o temos lido assim nas Historias desta Provincia, e fundaçaõ desta Casa; repete-o agora, e continua-o neste affastado seculo a nossa diligencia, venturosa de se ver tambem occupada no numeroso de suas filhas, assumpto, em que poderamos alargar mais a penna, se o tempo nos naõ tivera enfraquecido noticias, que a omissaõ, ou a modestia nos tinha quasi sepultadas.

Sor Magdalena de Jesus.

Seja a primeira da Madre Sor Magdalena de Jesus, Religiosa singularmente penitente, e observante. Toda sua vida huma imagem do silencio, e da obediencia. Naõ fazia acçaõ sem que precedesse a licença da Prelada. O tempo, que lhe sobejava do Coro, occupava na cella, em que todos os dias tinha oraçaõ diante de huma Imagem da Senhora, e huma copia de Christo crucificado, derretendo-selhe (na contemplaçaõ daquelle Sol, ainda que já posto) com tanta suavidade o coraçaõ pelos olhos, que convidando-se as lagrimas humas a outras, banhava huma pequena banquinha, que tinha diante com algum livro devoto. Parece, que lhe dispensara seu Esposo com o nome de Magdalena o exercicio de compassiva, tendo-a a seus pés naquella lamentavel figura, em que perdeo a vida, e a venturosa penitente o acompanhou chorosa. Naõ faltou quem buscando a Sor Magdalena de repente, para fazer exame desta verdade, sahio com tantas lagrimas de compunçaõ das que achara, como se se lhe trocara a duvida em experiencia. Desta continua occupaçaõ de dia, a hospedavaõ para descançar poucas horas da noite humas pobres mantas, e hum pedaço de tronco nu, e seco por cabeceira. Toda sua vida, tunica interior de grossa, e aspera estamenha; igual o pobre, e despido da cella, onde só se viaõ instrumentos de penitencia. Corou-a muitos annos com huma firme perseverança; esta com huma morte venturosa.

Sor Ignez da Encarnaçaõ.

Naõ foy menos conhecido o dom de lagrimas na Madre Sor Ignez da Encarnaçaõ. Foy esta Madre observantissima; sua delicia a assistencia do Coro, como o ver nelle toda a Communidade exercitando o culto Divino com a mayor decencia, e aceyo. Mas quiz o Ceo privar seu espirito daquelle centro; deulhe hum achaque, que a reduzio a fazer da cella enfermaria; mas recolhidas ao Coro as Religiosas, sahia pelo Claustro, e varandas delle a visitar os Passos da Paixaõ, prostrando-se diante de cada hum com tantas lagrimas, que as tirava dos olhos de quem a via. Eraõ aquellas representaçoens dolorosas o continuo emprego das suas; e assim vinha a ser em seu coraçaõ cada ferida, vista, e contemplada, hum penetrante golpe, a que se desatava copiosamente aquelle compassivo sangue. Obrigou-se seu Esposo dos desperdicios delle, e quiz fazer a Sor Ignez hum favor, em que continuando-selhe o motivo, mostrasse o que lhe agradava o effeito. Achou esta Madre huma manhãa junta á cabeceira huma flor de cinco folhas, em que se viaõ singularmente ao vivo as cinco Chagas. Suspendeose primeiro, assim porque para o segredo de suas penitencias costumava descançar

çar com a cella fechada, como por naõ se achar, nem ter visto em todo o Mosteiro flor de similhante feitio. Pelo exame que andou fazendo, se divulgou a novidade do caso, ficando-lhe o conhecimento de que o devera a seu Esposo. Foy rara sua paciencia. Sobreveyo-lhe ao seu achaque antigo hum tumor no peito; a este huma chaga, que com crueis dores lhe durou por muitos annos, até falecer della, e já neste tempo taõ medonha, e asquerosa, que ainda a pessoas mortificadas era difficil o assistirem, e applicarem-lhe a cura; mas em espirando, ficou em tal fórma, que sem alguma violencia a amortalharaõ, e compuzeraõ, advertindo com piedosa conjectura, pelo estado em que ficara aquelle corpo, o em que estaria sua alma.

Sor Isabel da Visitaçaõ.

Cultivou desveladamente a sua, reduzindo o corpo a todo extremo da penuria, da desnudez, e da penitencia, a Madre Sor Isabel da Visitaçaõ, porque sobre a pobreza, que professara, se reduzio dentro daquelles santos Claustros á voluntaria miseria de mendigar para sustentar a vida. Vendia a sua reçaõ, applicando o lucro della para ornato do Santissimo Sacramento, de que era devotissima, e que parece lhe multiplicava nas maons aquella santa grangearia, pelo grandioso das pessas, que sahiraõ della. Hum Pallio rico, hum bom cortinado, pessas de prata de estimaçaõ, e valia. Para a Capella do Senhor Menino (Imagem prodigiosa, de que daremos mayor noticia) bom ornamento, e alampada de prata. Assim he verdadeira pedra Filosofal a maõ do pobre, trocando em ouro aquelle pouco, ou aquelle nada, que se tira ao seu sustento, para o depositar no gasiofilazio de Christo. Aos jejuns da Regra accrescentava Sor Isabel muitos de devoçaõ, e á estreiteza do habito, com que se cingia, o penitente abatimento de andar descalça. Passava do Coro, em que a detinha oraçaõ larga, ao serviço, e aceyo das Capellas das Imagens de que era devota, especial a do Senhor Menino. Assim permittio elle, que vivendo Sor Isabel como domestica, como escrava de sua Casa, falecesse como venturosa herdeira della.

Sor Filippa da Cruz.

Naõ mostrou menos que o era a Madre Sor Filippa da Cruz. Teve o dom de lagrimas; em meditando na Paixaõ (de que foy devotissima) eraõ mais copiosas, como em chegando aos pés do Confessor, onde bastavaõ aquellas linguas mudas ao inculpavel de sua vida, ainda que naõ ao desafogo de seu espirito. Tanto ardia neste o amor de Deos, por isso naõ havia já, que purgar, onde tudo era arder. Era faisca, que cahia daquella grande lavareda a caridade abrazada, com que attendia ao commodo, e remedio do proximo. Despia-se para o defender do frio; e até a pobre cama se tirou a si para lhe dar descanço, ficando-lhe o chaõ servindo de leito. Assistia com singular affecto á Senhora das Necessidades, Imagem milagrosa. Pediolhe o despacho de trez petiçoens; foy a ultima, que a tirasse já da terra para sua companhia. Em breve tempo vio satisfeitas as duas; naõ tardou a terceira, tendo

dito

dito a mesma Madre, que brevemente a esperava. Deraõ-lhe humas dores insofriveis, e rebeldes á diligencia de muitos remedios. Pedio, que a recolhessem á cella, de que já naõ sahiria, porque estava despachada a sua terceira supplica. Deraõ-lhe o Viatico, que recebeo contrita, e alvoroçada, e logo a Unçaõ, por mais que resistiaõ os Medicos, e toda a Casa, entendendo, que naõ tinha a pressa com que ella a pedia. Era em huma sesta feira, perguntou logo, que horas eraõ? E respondendo-lhe, que trez da tarde, disse: *Esta he a hora: e ás cinco, que levaraõ meu Senhor para a sepultura, irey eu para o Coro*; e accommodando-se de costas, e compondo o corpo, tomando em huma maõ a véla, hum Crucifixo na outra, pedio, que lhe cantassem a Salve, e no meyo daquella sagrada, e piedosa melodia, esforçando a voz, e pedindo trez vezes misericordia, espirou placidamente, cumprindo-se o que tinha dito, porque soando as cinco horas, levavaõ seu corpo para o Coro.

Sor Marianna das Chagas.

Na assistencia deste foy rara a Madre Sor Marianna das Chagas, a que o Ceo deu boa voz, grande genio musico, e a ventura de bem empregado, porque era a primeira, que assistia a louvar a Deos, supprindo por humas, convidando a todas, para que naõ houvesse falta naquella occupaçaõ Angelica. Acabados os Officios Divinos, a todo o tempo, se deixava ficar, antes esquecer em oraçaõ no Coro, diante do Santissimo, de quem era devota com inexplicavel extremo. Nascia deste huma insaciavel ancia de o receber a toda a hora. Fazia-o com especial licença, assim dos Prelados, como de Padres de espirito, trez, e quatro vezes na semana. Como gastava a manhãa no Coro, naõ havia Missa em que naõ a abrazasse esta ancia, mas já destra na pratica do Ceo, commungava espiritualmente. Era assim sua vida taõ concertada, como a que sempre trazia aquelle Senhor, naõ só no coraçaõ, mas na presença. Costumava dizer: *Que só sentiria a morte por privalla da doçura de commungar; porque ainda logrando a Deos na bemaventurança, lhe parecia, que teria saudades de o lograr na Hostia.* Venturosa alma, a que o mesmo Senhor parece, que quiz aliviar aquella ancia, promettendo, que na gloria poria aos bemaventurados á mesa! Lá se lhe satisfaria aquella ditosa fome, como na Patria das abundancias, e farturas. Entrada em annos, a perseguio hum cruel achaque, mas nem este a suspendeo do rigoroso estylo de vida, que continuava. Com industria alcançou, assim dos Medicos, como dos Prelados, licença, para o jejum de quatro dias na semana. Perdeo a vista, mas lince sua alma, naõ sahia hum instante da presença daquelle Sol, que lha illustrava, e que na noite da morte lhe madrugou para sua eterna felicidade.

Faciet illos discumbere; & tráfiens ministrabit illis. Lucæ 12. 37. Satiabor cum apparuerit gloria tua. Ps. 16. 15.

Sor Antonia Bautista.

Parece, que foy a mesma a da Madre Sor Antonia Bautista, buscada, e pertendida com hum estylo de vida aspera, e rigorosa; mas assim sabia usar do rigor da penitencia, que juntamente servisse de algum alivio ao proximo, e que fosse para ella de tormento. Usava

tunica de groſſa eſtamenha junto á carne, e porque a lãa cultivada da agua, fica menos eſquiva, pedia ás mais Religioſas as tunicas novas, ou por troca das ſuas já de uſadas mais brandas, ou para lhas reſtituir menos aſperas. Toda ſua vida foy hum continuo trabalho de adeſtrar Noviças para ſervirem o Coro, e Moſteiro. Duas vezes a eſcolheo eſte Prelada, naõ lhe dando no cargo, mais que a penſaõ de mayor deſvelo. No mais era ſubdita, ſó com a diſtinçaõ de ſer a primeira, antes que no lugar, nas occupaçoens da Caſa. Naõ a diſpenſava nenhum de rigoroſas diſciplinas, eſtreitos jejuns, e huma abſtinencia de carne por toda ſua vida.

Tinha devoçaõ particular com a Senhora de Nazareth; na ſua Capella aſſiſtia continua, nem ſem lhe beijar a maõ ſe recolhia de noite á cella. Diante deſta Imagem eraõ ſeus exercicios devotos de todo o anno, mais particulares ao Sabbado. Huma rara paciencia, e huma ſede grande de martyrio, alcançaraõ de ſeu Eſpoſo repetidas occaſioens de exercitar o ſofrimento. No peito ſe lhe abrio huma dor taõ aguda, que recorrendo a todas as induſtrias da cirurgia, (por ſe lhe abrir huma chaga) ſe entendeo no ſeu pouco effeito, que ſó lha permittira o Ceo para martyrio. No meyo dos rigores deſte a viaõ com roſto ſocegado, e alegre. Com o meſmo eſcutou a certeza de ſua morte; diſpoz-ſe para ella tanto com alvoroço, como conformidade; ouvindo-lhe repetir muitas vezes: *Oh como folgo de morrer! e que mercê me faz Deos!* Eſpirou rezando-lhe a Communidade o Officio Menor da Senhora, que fora ſua devoçaõ quotidiana, ſendo digno de reparo, que com o ultimo verſo delle ſe lhe acabou a vida.

Sor Maria da Cruz.

Mais eſcaſſas noticias nos ficaraõ da da Madre Sor Maria da Cruz; ſó a tradiçaõ ſegura de huma obſervante Religioſa. Grande humildade, grande obediencia, mas com exceſſo rara perſeverança na oraçaõ; mais dilatada de noite no Coro, diante do Santiſſimo. Alli a aſſuſtava, e perſeguia o demonio com deſuſados eſtrondos, ſempre deſprezados de ſua conſtancia, e ſeu ſilencio, de que provocado o inimigo, lhe apertou huma noite a cabeça entre as maons, (ao parecer da Madre) abalando-a com tanta violencia, que a deixou quaſi ſem ſentidos. Entendeo a induſtria diabolica ſeu Confeſſor (era o Padre Frey Manoel Carreira, Religioſo de bom nome neſta Provincia) e mandou-lhe, que naõ deixaſſe a aſſiſtencia, e oraçaõ do Coro, que continuou por toda ſua vida ſem ſegundo ſuſto.

CAPITULO X.

Das Madres Sor Euſebia do Sacramento, Sor Anna de Jeſus, Sor Marianna de S. Joſeph, Sor Catharina de S. Joaõ, Sor Antonia de Jeſus; e de mais trez Religioſas ſuas irmãas, todas filhas deſta Caſa do Salvador.

Sor Euſebia do Sacramento.

COntinúa o numero das glorioſas filhas deſta Caſa a Madre Sor Euſebia do Sacramen-

mento, que em pouca idade deixou larga experiencia de sua virtude. Grande retiro, grande silencio, que antes parecia mudez, que observancia, antes genio, que refórma. Era em tudo igual a de sua vida, sempre mortificada; mas naõ bastou para que o Ceo por outra parte naõ provasse a sua paciencia. Viose assim em duas rigorosas doenças. Foy a ultima mais prolongada; com ella se fez etica, e se lhe abriraõ no corpo chagas, para que nunca pedio mesinha, nem dellas se lhe ouvio queixa, antes só despois de morta se soube, que as tinha. Dispozse para a ultima hora com socego de quem naõ padecia, e com desembaraço de quem naõ receava. Tal era sua paciencia! Tal tinha sido sua vida! Segurou-o assim seu Confessor a muitas Religiosas, (que lhe rodeavaõ o leito sentidas, e chorosas de ver estallar aquella vida, taõ tenra, e tam bem quista) dizendo, que Sor Eusebia iria direita ao Ceo, porque naõ peccara mortalmente. Parece, que o quiz provar a experiencia, naõ só naõ se gastando, mas ainda crescendo a cera, que ardeo no seu Officio, e enterro. Jurou-o assim o Cerieiro, naõ querendo aceitar paga, antes guardando a cera como reliquia.

Sigaõ se aos poucos annos venturosos da Madre Sor Eusebia os muitos, e bem gastados da Madre Sor Anna de Jesus. O que mais se admirou em todos os de sua vida, foy a rara obediencia com que coroou huma exacta observancia. Assim estava esta Madre prompta aos acenos da Prelada, que era advertencia desta o praticarlhe primeiro o que havia de fazer, e despois mandalla, porque assim desconhecia a sua sogeiçaõ qualquer embaraço, que mandada, naõ havia mais que inclinar a cabeça, e tomar o caminho. Parecia, que toda era ouvidos, e nada vontade. Naõ he menos a agilidade com que os Espiritos celestes se desempenhaõ obedientes. Vi-os David mover em lavaredas de fogo, que em hum instante vive, arde, e sobe. Mas se era Anjo na obediencia, naõ o parecia menos em huma notavel sinceridade, e singeleza, em que se estribava o puro, e inculpavel de sua vida. Acabou esta de consumida de asperas, e continuas penitencias, contando nestas tantos lucros, como naquella annos.

Sor Anna de Jesus.

Facit ministros suos ignẽ urentem. Psalm. 10. 3.

Igualmente ditosos foraõ os da Madre Sor Marianna de S. Joseph, como occupados nos mayores empregos da caridade. Via esta Madre, que as Religiosas enfermas, ou pelo cuidado da Communidade, ou de amigas, e parentas, eraõ mais bem assistidas, que as criadas da Casa, e tomava por sua conta esta assistencia com tanto desvelo, que noites inteiras a tinhaõ á sua cabeceira as que estavaõ mais perigosas, assistindo igualmente a todas em lhes fazer as camas, applicar-lhes remedios, e procurar-lhes desfastios. Nada a trazia mais alegre, que o dobrarem-selhe as occasioens de servir, como a que entendia as grandes grangearias daquelle emprego de servo dos servos, brazaõ de Paulo, e exercicio do mesmo Christo. O que era mais de admirar, foy a providencia com que anticipando-se para o traba-

Sor Marianna de S. Joseph.

trabalho, naõ faltava ás horas do Coro, e mais precisas funçoens do Mosteiro. Assim fazia gosto de toda a occupaçaõ penosa, que como se alli descançara, passava dellas ao rigor das disciplinas, continuava jejuns estreitos, naõ perdia occasiaõ de exercicios devotos. Faleceo de doença trabalhosa, mas soportando-a com tal tolerancia, como quem sabia, que se lhe dera por coroa.

Sor Catharina de S. Joaõ.

Correo a grangealla a Madre Sor Catharina de S. Joaõ, pobre, rota, desestimada, e faminta. O seu habito, o que deixava alguma Religiosa de velho, e usado. A sua reçaõ, o que alguma lhe queria dar de esmola, porque a que lhe dava a Communidade, vendia, para ornar a Capella do Bautista, e fazerlhe a sua festa, servindo-o com huma devoçaõ taõ extremosa, que muitas vezes a viaõ diante da sua Imagem suspendida, e elevada, ou já rompendo em colloquios, acompanhados de vivas, e piedosas lagrimas, edificando-se, e compungindo-se as Religiosas, que ouviaõ aquelles, e viaõ estas. No Coro era larga sua oraçaõ, a vocal occupaçaõ de toda a hora; assim ao mesmo tempo que serv a, rezava. Grande frequencia nos Sacramentos. Ao receber os ultimos, mereceo hum favor grande do Santo Bautista. Confirmou-se nelle a experiencia, que ha nesta Casa, e he já tradiçaõ muy antiga, que se naõ vio nunca acabar sem todos os Sacramentos Religiosa devota sua, por mais que a morte fosse apressada, e houvesse embaraços para chegarem os Ministros. Viose, e succedeo assim agora na Madre Sor Catharina. Estava havia dias com o Viatico, e resolvendo-se pelo Medico, que era precisa a pressa da Unçaõ, porque por instantes espirava, se entristeceraõ as Religiosas, vendo a distancia, (que he grande) que vay do Mosteiro ao de S. Domingos, de donde haviaõ de vir os Religiosos. Mandou-se recado, mas a tempo, que já a moribunda naõ promettia nenhum de vida; eis-que chegaõ os Religiosos, testemunhando, que dando-selhes o recado, e pondo-se a caminho, o tomaraõ com tal velocidade, como se os trouxeraõ pelo ar. Assim o tornavaõ a affirmar admirados, e nem as Religiosas criaõ menos, porque os viaõ chamados naquelle instante, e já juntos á cama da doente. Deraõ-lhe a Unçaõ, que recebeo como mimo do seu grande Advogado, e com essa consolaçaõ espirou logo. Outros favores recebeo esta Madre do Santo Bautista, de que naõ ha noticia especificada. Deste ultimo vivem testemunhas dignas de credito.

He de Fé, que estima Deos o culto, que damos a seus Santos, porque he elle admiravel nelles, e nelles o admiramos, e louvamos a elle; mas ás vezes, quanto a nosso modo parece, que se paga mais de humas, que de outras devoçoens, assim como fez distinctos, e mais vantajosos os merecimentos destes, que daquelles Justos. Nasce daqui o communicaremse-nos mais beneficios por intercessaõ de huns, que de outros, naõ obstando, que a nossa muita, ou pouca Fé consegue mayores, ou menores beneficios. Acabamos

mos de o ver na devoçaõ, que as Religiosas desta Casa tem com o Bautista, vejamo-lo agora na de nosso Patriarcha S. Domingos, por ser o mais, que se sabe da vida da Madre Sor Antonia de Jesus, algum favor, com que o Santo premiou sua fé, e calificou sua devoçaõ. Assim naõ pareceo mais a vida desta Madre, que huma mercearia, que exercitava, louvando, e servindo ao Santo Patriarcha, a que chamava com sinceridade devota, e engraçada: *O meu primoroso D. Domingos de Gusmaõ.* Com este estylo fallava, e se detinha em praticas com huma Imagem sua, que está no Coro desta Casa, e com tanto acento discorrendo sobre alguma importancia, que lhe encomendava, como se lhe estivera escutando repostas do que lhe propunha.

Sor Antonia de Jesus.

Era pobrissima esta Madre, porque tudo o que tinha, e grangeava, punha nas maons da pobreza. Nascia desta santa prodigalidade, o faltarlhe até para o pouco custo de lavar hum habito. Pedio em huma occasiaõ a algumas Religiosas, que lhe fizessem este dispendio; e vendo, que todas se escusavaõ, e naõ tinha mais recurso, vem-se ao Coro, prostra-se diante de seu grande Pay, e Advogado, e propoem-lhe com humildade a queixa de desamparar huma Merceira, e filha sua, podendo mover os coraçoens das outras a soccorrerem a mais necessitada. Eis-que ao levantar-se, e voltar para a cella, se chega a ella huma Religiosa, pedindo-lhe o habito para lho mandar lavar. Vio-se outras vezes em desamparos grandes, e sem mais diligencia, que recorrer ao Coro, fallar com o Santo, sahia com confiança, e logo experiencia de que se lhe vinha meter na maõ o remedio.

Como para o dos pobres tinha decretado tudo, nada divertia (de huma tença, que tinha) para alguma necessidade extrema, sem pedir licença ao Santo, a quem propunha o aperto. Arrecadada a tença, lha levava, e punha aos pés. Fello em huma occasiaõ, em que necessitava de hum véo; e mostrando-lhe o que trazia velho, e roto, lhe pedio, que dispensasse com ella para comprar outro, ou dispuzesse quem lho désse, ainda que usado. Ao sahir do Coro, a encontrou huma Religiosa, que voluntaria lhe fez essa offerta. Saõ as terças feiras na Religiaõ dedicadas a nosso Padre, nellas por particular indulto se reza delle, naõ occorrendo mayor celebridade. Assim eraõ estes dias singulares para a devoçaõ da Madre Sor Antonia, e costumava a dizer, que nunca nelles lhe faltara nada.

Assistia a huma viuva honrada, que junto ao Mosteiro vivia com muitos filhos em summa miseria; para esta andava pedindo esmolas ás Religiosas continua, e desvelada, sofrendo repostas secas, e desabridas das que desconheciaõ a sua caridade com o nome de impertinencia. Outro muito differente tinha na estimaçaõ do Ceo, com quem Sor Antonia negoceou com melhor fortuna, porque com muita dispoz, e conseguio bom casamento para huma filha da viuva, (que ás suas oraçoens attribuia o remedio de sua Casa) e lhe alcançou o habito

bito dos Eremitas de Santo Agostinho para dous filhos. Testemunhavaõ elles despois, que indo a recebello no Convento de Nossa Senhora da Graça na Cidade de Lisboa, se chegara a elles, e os acompanhara hum Religioso Dominico, apadrinhando-os com os Prelados do Convento, donde desappareceo acabada a funçaõ, sem que alguem o conhecesse. Naõ tinha commercio com nenhum a Madre Sor Antonia, nem dado a ninguem esta noticia, e tendo-a do que succedera, dizia chea de contentamento, e segurança: *Sem duvida seria o meu primoroso D. Domingos de Gusmaõ, que mandaria algum de seus filhos a acompanhar os pobres.*

Era esta Madre muito penitente; grande parte do anno tinha o chaõ por leito, estylo, que inviolavelmente observava todo o tempo, que a Igreja nos propoem o Menino Deos no Presepio. Agradou sem duvida ao Ceo este penitente abatimento, e vio-se pelo que o intentava embaraçar o demonio. Em huma noite da Vespera da Assumpçaõ, (celebre na Casa pela Procissaõ do triunfo, que se faz essa noite nella) recolhida a boa velha á sua cella, ouviraõ as visinhas tal estrondo, que as teve assustadas até o dia seguinte, em que lhes disse, despois de importunada: *Que hum negrinho teimoso, e emperrado a empuxara, e perseguira com força, e violencia, para que se deitasse na cama, mas que o naõ conseguira.* Era extremosa na devoçaõ do Santissimo Sacramento, e todos os dias accrescentava ao Officio Divino todo o da sua festa, que tomara de memoria. Já entrada em annos, enfraquecidos de asperas, e longas penitencias, passou desta vida, com o socego de quem a naõ esperdiçara, em 30. de Outubro de 1691.

Com igual parentesco no sangue, que na virtude, viveraõ tambem, e acabaraõ nesta Casa trez Religiosas, irmãas da Madre Sor Antonia de Jesus. Foraõ ellas a Madre Sor Isabel de S. Domingos, a Madre Sor Brites de S. Jacintho, e a Madre Sor Marianna do Rosario, taõ parecidas na refórma, e observancia de vida, que humas eraõ espelhos das outras, e todas estimaçaõ, e credito da Casa. Assim lhe chamavaõ as columnas della. Na pobreza religiosa, nos jejuns estreitos, nas disciplinas asperas, e repetidas, na assistencia do Coro, e mais funçoens de mortificaçaõ, e trabalho do Mosteiro, eraõ iguaes as boas irmãas; sobresahia, e sinalava-se cada huma em sua particular virtude. A Madre Sor Isabel de S. Domingos em huma conformidade rara com as disposiçoens Divinas, desconhecendo assim os accidentes da fortuna, como se nascera surda aos brados da natureza, que muitas vezes lhe soaraõ no coraçaõ na morte de parentes, e occasioens as mais sensiveis, que podem temerse na vida, e arruinar a paciencia; mas acharaõ-na estas sempre sepultada em hum abysmo de sofrimento, sem abrir a boca mais que para louvar a Deos, e mostrar a conformidade de sua alma, repetindo com resignados affectos della o desafogo do Exemplar da paciencia: *Faça-se a vontade de Deos.* Com este

Sor Isabel de S. Domingos, Sor Brites de S. Jacintho, e Sor Marianna do Rosario

este estylo de vida chegou a contar cem annos de idade.

Pouco menos contava na sua a Madre Sor Brites de S. Jacintho, com igual procedimento, mas singularizando-se no excesso de amor com o seu Esposo Sacramentado. Parece, que se lhe ateara no coraçaõ aquella braza Eucharistica, applicada pelas maons Angelicas a cauterizarlhe as imperfeiçoens de humana. Assim costumava chamar áquelle mysterio Sacrosanto: *O seu Amor.* No Coro lhe assistia continua, na mesa o buscava anciosa; naõ tinhaõ suas praticas outro assumpto, nem suas acçoens outro termo. A's quintas feiras (dia consagrado a esta soberana memoria) pedia todo o anno pelo Mosteiro esmola para a sua festa. Nas Vesperas della levava a grangearia, e huma pobre tença ás maons da Prelada, porque se dispendia. Naõ guardou o Senhor o premio para quando elle mesmo o ha de ser dos Justos, nesta vida mortal o adiantou a Sor Brites em particulares mimos; apontaremos hum, que se fez mais lugar entre os outros. Achava-se enferma, e perigosa, eis-que hum dia sente crescer o mal com hum repentino symptoma, que lhe promettia poucas horas de vida. Sabia ella, que no seu Amor estava toda, como centro da verdadeira; levanta as maons, e a voz, e entoa o doce verso do Hymno da sua festa: *Tantum ergo Sacramentum.* Foy reparo, que a ninguem se escondeo. No mesmo instante respirou do perigo, e continuou melhorando. Passava já de oitenta annos, (achaque, que lhe tirou a vida) quando a acabou com o suave nome de seuAmor Sacramentado na boca, passando a gostallo na eterna mesa da Bemaventurança.

Seguio os passos das mais irmãas, a ultima, que foy a Madre Sor Marianna do Rosario, prompta, e desvelada no caminho da observancia, e igualmente pobre voluntaria, gastando tudo o que tinha em mayor culto de algumas Imagens do Mosteiro, especial a da Senhora da Appresentaçaõ, com que era a sua devoçaõ mais continuada, e mais fina. Sinalouse esta Madre (como já o reparamos das mais irmãas) nos empregos de penitente, na austeridade dos jejuns, e mortificaçoens inventadas, e continuas. Toda sua vida andou descalça, como a que pizava a terra Santa, em que Deos se mostrava naquella abrazada, e amorosa Çarça da Eucharistia, no escabroso monte daquella penitente Casa.

Mas honre tambem as memorias della huma assaz merecida de huma servente sua. Foy esta Catharina Pereira, que de poucos annos veyo para a Clausura, que observou como qualquer Religiosa, bebendo no exemplo dellas o concerto de sua vida. Das penosas occupaçoens della (como a que servia toda a Casa) respirava nos braços da penitencia; passava destes aos exercicios de caritativa; o seu mayor, e mais repetido, com as Santas Almas do Purgatorio, desentranhando-se para aliviallas daquelle intoleravel cativeiro. Esta ancia lhe trazia continuamente na maõ a disciplina, larga, e rigorosa. Mas deseja-

Catharina Pereira.

deſejava no que lhe era permittido, acompanhallas na ſemelhança das penas. Entrava deſcalça a concertar o forno da Communidade, quando acabavaõ de ſervir-ſe delle, eſtando ainda ardente, e inſoportavel. Mais o parecia a labareda caritativa, que lhe ardia no coraçaõ, ſe a ſeu reſpeito recorria ao fogo, como deſafogo, e refrigerio. Acabou ſeus dias com a grande opiniaõ, que merecera nelles. As que a trataraõ, e conheceraõ, lhe chamaraõ mulher ſanta; e foy tal ſua morte, que pareceo paſſagem para o lugar, que lhe promettia eſſe nome.

CAPITULO XI.

De algumas Imagens milagroſas, que ao preſente ſe reſpeitaõ com eſſe titulo, e experiencia neſta Caſa.

NAõ ſerá razaõ, que faltemos ao eſtylo do noſſo Chroniſta, coroando as noticias das Caſas com as notabilidades dellas; eſpecialmente na memoria de Imagens milagroſas, teſtemunho grave, e credito grande das Religioſas, que neſta lhe aſſiſtem, e as veneraõ, premiada ſua fé, e devoçaõ com favores, a que ainda que naõ califiquemos por milagres, lhe podem acommodar o nome as circunſtancias, e raridade delles. Mas deixemos primeiro em memoria alguns, com que o Santiſſimo Sacramento tem beneficiado eſta Caſa, como tanto ſua, ſenaõ no nome, na ſorte com que ſe vio mimoſa debaixo da ſua protecçaõ, e providencia. Aſſim o achará nas ſuas memorias quem buſcar a liçaõ dellas.

Fr. Luiz de Souſa 2. p. l. 1. cap. 20.

Corria o anno de 1655. governava eſta Provincia o Meſtre Frey Diniz de Lancaſtro, e viſitando eſte Moſteiro, e fazendo-o (como he coſtume) ao Sacrario, advertio, que era difficultoſa a ſerventia para elle, impoſſivel ao Sacerdote o paſſar direito, mas de ilharga, com trabalho, e menos decencia. Mandou, que logo ſe alargaſſe o caminho, deſviando-ſe o Altar, para que ſe podeſſe tirar, e recolher o Santiſſimo com mais decencia, e mais commodo. Parecia impraticavel, por ſer o Altar de huma ſó pedra, toda ſagrada, banqueta grande, que deſcançava em groſſas columnas, que lhe faziaõ coſtas, e rodeado de muitos, e largos degraos de pedra. Affligiaõ-ſe as Religioſas, conſultando officiaes, que lhe aſſeguravaõ, que ſe arriſcava a venerada antiguidade daquella ſagrada pedra, por mais que a obra ſe deſmanchaſſe por partes pela grande, e antiga travaçaõ, que havia entre todas. Pezavaõ hum dia eſtas difficuldades o Vigario da Igreja, e alguns Sacerdotes, e tendo a maõ ſobre o Altar, reſolvia, que era impoſſivel o movello ſem grande perda, eisque de improviſo ſente, que o fazia, deixando deſembaraçado o eſpaço, que ſe deſejava. Levantaõ as vozes, tornaõ a applicar a viſta, e a fazer experiencia, e acclamaõ o milagre. Acodem as Religioſas, eſcutaõ a noticia delle, lançaõ-ſe por terra, entoaõ graças ao Senhor. Vivem hoje muitas, que o viraõ, e o teſtemunhaõ. Era Prioreza a Madre Sor Franciſca de

S. Paulo, Sacristãa a Madre Isabel da Visitaçaõ, Vigario da Igreja o Padre Francisco Bernardes, Thesoureiro o Padre Antonio Antunes.

Naõ só se dignou o Senhor de aliviar aquellas suas Merceeiras daquella perda, que temiaõ, mas de as soccorrer em perigos, que as ameaçavaõ, e especialmente em muitos incendios repentinos. Foy mais notavel o que succedeo no anno de 1690., que ateando-se no forno da Communidade com vigor, e violencia, naõ podendo entrar a embaraçallo os moços da Casa com a brevidade, que pedia, criou tantas forças, que começaraõ as labaredas a espalharse por toda a Casa, e à senhorearse della com pavor, e assombro de mulheres, que á meya noite se viaõ assaltadas de taõ poderoso inimigo. Chegou primeiro a avistallo huma servente da Communidade, que hoje vive, e levantando a voz, disse (com grande fé) *Santissimo Sacramento apagay este fogo!* Ao mesmo instante se viraõ ir recolhendo as labaredas ao centro do forno, e cessou o incendio. Chamava-se a servente Maria Vieira. Era Prioreza a Madre Sor Anna do Sacramento.

Estas, e muitas experiencias fomentaõ a grande fé desta Casa, e a devoçaõ extremosa, com que o Senhor he servido nella, tendo-se por mimosa sua a que lhe faz a festa, para que se lançaõ sortes; naõ faltando já quem a pertendeo, e esperou com as industrias de jejuns, e mayores penitencias. Para as cinco quintas feiras, que precedem a este dia, se offerecem todas com ancia, sendo já tradiçaõ, que visita o Senhor com grandes favores a devoçaõ dos que o desempenhaõ, assim dos da Casa, como dos de fóra. Vio-se na felicidade, com que se viraõ livres enfermos, e atribulados. Mostraõ as Religiosas o seu agradecimento no desvelo, e dispendio com que assistem a este Senhor no ornato de sua Capella, em que ao presente lhe tem lavrado grandiosa tribuna, que enchem, e cobrem de muita prata, de que lhe tem feito offerta, e fazem cada dia, sendo sempre mais os favores, que recebem, que as offertas, que fazem.

Naõ experimentaõ menos piedades nas Imagens da Mãy de Deos, que lhe authorizaõ a Clausura; e lhe pagaõ a merceeria. Seja a primeira a da Senhora dos Prazeres, nome, que lhe deu o dia em que se lhe faz a festa, sendo o seu primeiro, (como se lê nos principios da Casa) o da Senhora do Milagre, pelo grande, e singular, que desempenhou nella. Nos seus alicerces foy achada, e está hoje collocada na Capella, que na Religiaõ chamaõ das Horas, por rezar nella a Communidade o Officio Menor da Senhora, quando pelo tempo o pede a reza. He celebre a sua festividade, e immemoravel a antiga experiencia de se naõ comprar cera para ella, bastando para encher o Altar, e sobejar para continuas funçoens de todo o anno o cuidado das devotas, concorrendo cada huma com seu cirio, por mais que a Vesperas se ache a Religiosa Sacristãa da Capella sem hum unico. Assim o affirma a que hoje tem esta ocupaçaõ com expe-

Fr. Luiz de Sousa 2. p. l. 10. cap. 11.

experiencia de trinta annos.

Igual a tem todas dos beneficios, que continuamente recebem da Sagrada Imagem, invocada de toda a Casa com devoçaõ, e fé viva em qualquer aperto, que haja nella. Testemunhaõ-no assim a Madre Sor Marianna de S. Francisco, que padecendo grandes dores, procedidas de huma disfórme inchaçaõ no estomago, se achou de todo sãa, sem mais medicina, que o azeite da alampada da Senhora. A Madre Sor Martha de Jesus, que de hum assombramento de ar padecera muitos dias seus effeitos com a voz preza, e turbada, com hum manto da Senhora se vio restituida a saude perfeita, que ainda dura a memoria em hum manto, que deu á mesma Senhora. Outra Religiosa (sendo ainda pupilla nesta Casa) assaltada com grande violencia do mesmo mal, recebeo, tocando a Sagrada Imagem, o mesmo beneficio. Naõ seria facil reduzir todos a numero, como nem o termos noticia de muitos, que cada dia experimentaõ suas devotas, ainda fóra desta Casa; como succedeo a Dona Antonia de Vilhena, mulher de Dom Antonio de Menezes, que com trez dias de parto, e a criança morta no ventre, (senteceada ao rigoroso remedio, a que em similhantes casos appella a cirurgia) pondo hum volante, que á Senhora servia de toalha, lançou a criança, e ficou livre de perigo, protestando o beneficio em quatro cirios, de que faz offerta á Senhora em cada anno.

Naõ he menos celebre outra Imagem da Senhora com o titulo das Necessidades, naõ taõ antiga na Casa, mas mais conhecida nella pela grande devoçaõ, e desvelo com que lhe assistia Sor Filippa da Cruz, de que atraz dissemos, alcançando della singulares, e continuos favores. Era o feitio mal affigurado, e tosco, obrigando antes que a devoçaõ, a reparo, hoje sem nova maõ de artifice, se acha, e venera com aspecto fermoso, agradavel, e aprasivel. Testemunhaõ-no assim todas as Religiosas, (muitas dignas de todo o respeito, e credito) como as que fizeraõ observaçaõ na nova methamorfoseos da Sagrada Imagem. Está em huma Capella no Dormitorio, a que chamaõ de Belem, donde he buscada, e assistida de commua, e particular devoçaõ das Religiosas, taõ continuas, como premiadas. Mas baste por todas a noticia de hum prodigio com que o foy a fé de huma.

Era Noviça a Madre Sor Francisca de Santa Rosa, e servindo no Coro, quebrou em huma queda o braço direito. Seguiraõ-se crueis dores, repetidas, e grandes curas dos mais eminentes homens, que no Reyno conhecia a cirurgia, sem mais effeito, que o desengano de ser tudo baldado, porque abaixo do cotovello estava quebrada a cana do braço, ficando pendurada a mais parte delle com a maõ, a que se naõ communicava calor, nem movimento, como a parte descontinuada, e estranha. Assim se foy secando, denegrindo, e desenganando toda a esperança de remedio. Determinouse dia, em que os pays viessem tirar a Noviça, (que naquelle estado naõ po-

podia seguir o de Religiosa) e foy o em que na Casa se fazia a festa á Senhora das Necessidades, a quem assim Sor Francisca, como todos seus parentes, faziaõ supplicas naquelle aperto, com grande fé, e devoçaõ. Lamentava a Noviça o haver de deixar o habito, e a Casa, magoa, que lhe levou grande parte daquella noite, entre as mayores dores, que nunca sentira, misturando lagrimas, e supplicas, encaminhadas áquella Senhora, a que pedia o remedio, obrigando-a com o seu mesmo titulo. Seguio-selhe á molestia (já como cançada) huma suspensaõ nas dores, logo suave sono, de que despertando pela madrugada, e sentindo-se com alivio, começou a menear sem violencia o braço. Applicou o outro, achou que se ajudavaõ ambos com igualdade, e sem molestia. Parecia-lhe, que ainda naõ despertara; sahia da duvida, e tornava a repetir o exame, que lhe tirava todas, mas naõ acabava o susto de deixar romper o alvoroço.

Acaba finalmente de convencer-se, attendendo a quem lhe faria aquelle favor, taõ difficultoso, como naõ esperado; dá vozes a huma servente, que lhe assistia, e diz-lhe, que está sãa. Responde-lhe a servente, que descance, e naõ inquiete a Casa com aquelle delirio; (naõ lhe podia parecer outra cousa o que ouvia) insta a Noviça, que a Senhora das Necessidades lhe restituira o braço, e confirma-o, levantando-se, vestindo-se, e meneando-o como o outro. Acodem as Religiosas, convencem-se com experiencias, pasmaõ, suspendem-se do que ao mesmo tempo estaõ vendo, e duvidando. Leva-se a Imagem milagrosa para a Igreja á instancia dos pays, e parentes da Noviça, augmenta-se a festa, publica o successo do Pulpito o Mestre Frey Alvaro Leitaõ, que era o Prégador della. Vive hoje a Religiosa, que tem servido todos os officios, e os de mais trabalho, que ha na Casa com a felicidade da enferma, a que na de Pedro deu o mesmo Christo saude, que naõ só a recuperou perfeita, mas começou a servir ao Senhor para testemunho della. Da inteireza, e illesaõ do braço sou eu testemunha de vista.

Et continuo surgens ministrabat illis. Lucæ 4. 39.

He tambem na Casa conhecida por milagrosa a Imagem de S. Jacintho, que está no Coro em hum nicho. Assim o confessa a devoçaõ das Religiosas, pela experiencia de muitas. Seja huma por todas a Madre Sor Leonor das Chagas, que preza de insoportaveis, e continuas dores, que a naõ deixavaõ sahir de hum lugar, nem poder mencarse, chegando a beijar a Santa Imagem, que se recolhia de hum Altar para o seu nicho, sentio como que huma maõ lhe corria o corpo, e ficou sem dor alguma de improviso, e taõ senhora de todo o seu movimento, que ella mesma poz o Santo em o seu lugar, com ser taõ alto, que se valeo de huma escada para fazello.

Outra Imagem ha no Mosteiro, (he de S. Gonçalo, está em hum nicho na Capella do Senhor dos Passos, que fica no Antecoro) e naõ menos que a de S. Jacintho, he venerada

por milagrosa. Assim buscada com devotas, e continuas offertas, e festejos no seu dia, de que o Santo se paga, olhando para a fé, e sinceridade alegre de quem o festeja, circunstancia, que o mesmo Deos quer, e parece que estima em quem o busca, e lhe offerta, como nos diz o Sagrado interprete da sua vontade. A estes obsequios, acompanhados de hum coraçaõ devoto, se mostra o Santo obrigado nas mercês, e favores, que cada dia conta todo o Mosteiro. Apontemos a de que se naõ esquece a Madre Sor Barbara de S. Jacintho, que estando tolhida de hum accidente de ar, sem que valessem medicinas para que se quer se pozesse em pé, ou podesse menearse, recorreo ao Santo, pedio, que lhe pozessem na cella a sua Imagem, adonde despois de algum tempo, (obrigando-a em todo com supplicas, e devoçoens) amanheceo hum dia sãa, e desembaraçada, sahindo pelo Mosteiro a publicar o favor do Santo, e confirmando-o naõ só em a verem discorrer ligeira por toda a Casa, mas servindo despois muitos annos em as occupaçoens mais trabalhosas della.

Hiarem datorem diligit Deus. 2. ad Corinth. 9. 7.

Tem tambem esta Casa em grande veneraçaõ huma Imagem do Senhor com a Cruz aos hombros, buscada em grandes apertos, assim fóra, como dentro no Mosteiro, achando nelle a devoçaõ, e fé dos necessitados prodigiosos, e favoraveis effeitos. Testemunhaõ delles (com conhecida, e larga experiencia) as Religiosas, e entre ellas a Madre Sor Marianna de Nazareth, vendo-se, só com tocar a tunica do Senhor, livre de hum cruel achaque, com improvisa, e inteira saude. Mas passemos a mais particulares noticias da Imagem celebre do Menino Jesu, que cresce; nome, que lhe deu a experiencia das que o viraõ pequeno, e o veneraõ hoje avultado.

Corria o anno de 1630. quando a Madre Sor Adriana dos Anjos (Prelada entaõ desta Casa, e Religiosa de grande nome, e refórma) mandou fazer huma Imagem do Menino Jesu, para que em hum nicho acompanhasse a de S. Joseph, que estava no Antecoro, advertindo o muito tempo, que o Santo ficava desacompanhado da Imagem de outro, que tinha pela maõ, e passava aos braços da Senhora, e ao Presepio todos os Nataes, e em todas as funçoens Sagradas, que a Igreja nos representa naquelles dias. Fez-se a Imagem, e nem careceo de mysterio o ser o Artifice hum Manoel Quaresma, Estatuario de fama, e homem de boa vida, costumado (como era sabido) a confessar-se, e commungar naquelle dia, em que havia de applicar as maons a semelhante obra. Sahio a Imagem, ainda que naõ muy perfeita de materia, inteira, e maciça; collocouse no nicho á maõ do Santo; mas com o dissabor de algumas Religiosas, especialmente da Prelada, que a viaõ sem aquella gentileza, que devia representar, e o achavaõ curto, e acanhado para chegar bem á maõ do Santo. Acodia a estes reparos a Madre Sor Brites da Magdalena, Religiosa antiga, e de grande reputaçaõ na Casa, dizendo com graça mys-

mysteriosa, que despois pareceo profetica: *Ora deixem o Menino, ponhaõ-no em seu lugar; que se naõ he tambem affigurado, elle se fará; e se fica pequeno, elle crescerá, se quizer.* Mas ficava taõ curto, e via-se tanto essa falta, que paravaõ as Religiosas a dizer-lhe com devota confiança: *Crescey Senhor. Crescey, day a maõ a vosso pay.*

Parece, que se agradava o Senhor da supplica, e ancia de suas esposas, porque passados alguns annos, se começou a reparar o pouco, que distava já a maõ do Menino da do Santo. Logo se foy vendo a igualdade, e proporçaõ; advertiraõ-lhe nas opas curtas, passaraõ a examinar-lhe as camisinhas violentadas nos pulsos, as alparcas apertadas nos pés, e singularmente a huma Cruz de prata, que tinha na maõ esquerda (e lhe passava a cabeça) foy vencendo de sorte, que hoje se lhe vê abaixo da maõ. Mas mayor prodigio foy estarem as Religiosas com tanta confiança, de que o Menino cresceria, que sem admiraçaõ lhe começavaõ a cortar opas mais compridas, sem se valerem da medida das primeiras. Fez-se mais patente o milagre, porque assim avultou a Imagem, que naõ sofreo a primeira pianha, por pequena, e de materia menos ponderosa; lavroulhe outra de evano cuberta de prata, e finalmente, estreitando-se o nicho, que tinha a capacidade, que pedia a Imagem do Santo (que he fermosa, e encorpada) veyo a naõ poder receber a do Menino, despois de o fazer alguns annos com geito, e trabalho. Lavrou-selhe custosa, e decente Capella no mesmo Antecoro, com capacidade, e largueza para as mesmas Imagens. Alli se vê ao presente a do Menino, naõ só avultada na estatura, mas de fermosa, e alegre presença, e alli se lhe faz a festa o primeiro dia do anno, e se lhe continúa até o da Epifania, assim pela veneraçaõ, que tem grangeado este visivel, e indubitavel prodigio, como pelas muitas mercês, que as devotas experimentaõ a cada passo.

Auctorizaõ a verdade do que temos escrito Religiosas de opiniaõ, que vivem hoje, e viraõ collocar a Imagem nova no seu primeiro nicho. Todas por tradiçaõ, e pelo que vaõ experimentando Ve-se nas opas, e vestidos primeiros do Menino, e medese com evidencia em huma Imagem do Evangelista, que está no mesmo Antecoro, feita juntamente com a do Menino, e taõ indifferentes, e igualmente capazes, assim no tamanho, como no feitio, para os titulos, que lhe havia de dar a escolha das Religiosas, que se destinou esta para ser do Evangelista, pela unica distinçaõ de ter a boca como que fallava, e estar indicando, (a juizo das devotas) que proferia o Evangelho: *In principio erat Verbum*, sendo constante a primeira igualdade destas duas Imagens, no acanhado de huma se vê o que tem avultado a outra. Despertou este prodigio a devoçaõ da Casa, seguio-se a ella a repetiçaõ de favores, que experimentaõ cada dia as filhas della, conhecendo no augmento da Sagrada Imagem o grande de remedios, e soccor-

ros

ros em seus mayores apertos, como mimosas daquelle Soberano Esposo, de quem disse o seu Paraninfo: *Que importava, que crescesse, quando o dava a conhecer como remedio do genero humano.* Entendendo-se este augmento dos signaes, e milagres, com que o Senhor se havia de fazer conhecido, e venerado nas acclamaçoens, e sogeiçoens do Mundo, como explicaõ neste lugar os Sagrados Interpretes. Permittase-nos esta accommodaçaõ devota, quando participa tambem da intelligencia genuina.

Illum oportet crescere. Joannis 3. v. 30. Crescit Christus secundũ quod paulatim manifestat se per signa, & miracula. Theophi. hic.

Assim começou a crescer a fé ao passo, que a avultar a Imagem; os milagres ao passo, que a avultar a fé; dando-se o Senhor a conhecer, e a venerar assim nos sinaes, que se admiraraõ, e admiraõ em sua Imagem, como nos prodigios, que experimentaõ cada hora os necessitados, que recorrem a ella. Pelos annos de 655. suou a Sagrada Imagem, examinando-o naõ só as Religiosas, mas o Provincial desta Provincia o Mestre Frey Diniz de Lancastro, e officiaes chamados para o exame, de que se fez huma memoria authentica, e se guarda no Cartorio da Casa. As mercês, e favores com que nella, e fóra della se desempenha a Imagem Sagrada com quem a busca, e venera, tem sido tantos, e vaõ sendo taõ continuados, que seria cançar em larga escritura, havendo sempre de sobejar assumpto para ella. Bastem os mesmos remediados para padroens vivos, quando o mesmo Senhor os vay, e irá cada dia multiplicando, para gloria sua, e consolaçaõ desta Casa.

Estas saõ as circunstancias dignas de advertencia nas memorias della, seguindo o estylo do Padre Frey Luiz de Sousa, Chronista taõ indigno da nota, (que lhe quiz pôr quem nunca o poderia igualar) como digno da inveja dos que melhor o souberaõ ser. Elle o foy com tanta circunspecçaõ nas noticias desta Casa, (succedendo-lhe o mesmo em todas) que naõ deixou a minima de que houvesse ou tradiçaõ, ou memoria segura. Sem duvida a achou de que nestes Claustros estava sepultada a Infanta Dona Catharina (filha dos Reys Dom Duarte, e Dona Leonor) porque certamente nelles esteve recolhida. Podia bem ser, que falecendo nelles, se trasladassem seus ossos para outro jazigo, de que quer fazer credito o Escritor, que censura este lugar do nosso, dando-o a esta Infanta em huma Casa de sua Congregaçaõ, e queixandose do roubo, que se fazia a ella em este Real deposito, sem advertir, que para hum Mosteiro como o do Salvador, que he todo hum Sagrado Mausoléo de Santas, e veneradas cinzas, era ambiçaõ escusada o querer, que o fosse de ossos secos de Infantas. Os Chronistas apontaõ tudo, e o nosso tinha tanto em que occupar a penna, que a naõ obrigallo a ley da memoria, que achara, nunca o deteria aquella advertencia. Eu a naõ fiz aqui para defender em taõ leve materia hum taõ grande Chronista, talvez por entender, que só penna, que podesse voar sobre os seus escritos, lhe poderia deixar cahir hum borraõ nelles.

CAPI-

CAPITULO XII.

Das Madres Sor Ignez de S. Jacintho, Sor Maria do Bautismo, Sor Magdalena do Sepulchro, Sor Isabel das Chagas, Sor Isabel de S. Joaõ, do Mosteiro de Jesus de Aveiro.

Mosteiro de Jesus de Aveiro.

ASsim corre ligeiro o tempo, que brevemente desengana a quem naõ acautelando-se contra sua velocidade, lhe naõ vay observando os voos no mesmo instante de passados, fiando só da memoria as notabilidades, que vay perdendo de vista, mal desamparadas do descuido, quando já sepultadas do esquecimento. Cada hora o mostra a experiencia, e o provamos agora nas memorias desta Casa de Jesus de Aveiro, que espelho da observancia nesta Provincia, nos vem a deixar por espaço de vinte e hum annos sem a noticia das filhas da sua refórma, que naõ he possivel faltassem; mas faltou a cautela de naõ as deixar passar sem algum reparo para a lembrança, ficando-nos o unico recurso da que achamos viva em algumas Religiosas, em que os annos a naõ tem já com aquelle vigor, e advertencia, que pedem informaçoens individuaes, em que perdemos mais largos assumptos para esta escritura, como grande parte de suas glorias esta Casa.

Sor Ignez de S. Jacintho.

Foy huma das filhas, que lhas grangeou, a Madre Sor Ignez de S. Jacintho, filha de Diogo de Albuquerque, e de Dona Guiomar da Rocha, gente nobilissima, como bem conhecida em Coimbra sua patria. Seguiose nesta Madre ao bom genio o bom ensino; hum, e outro a trouxeraõ a esta Casa, capacitando-se tanto no grande exemplo, que achou nella, que já o dava, e ainda o aprendia. Tinha hum singular affecto com a Senhora com o titulo do Carmo. Estendia-se a seus filhos, socorrendo a algumas necessidades da Casa, que delles ha na Villa. Parecia milagre em suas poucas posses, mas naõ se alarga a menos hum desejo tambem occupado, favorecido da diligencia, e da industria. Exacta na observancia das Constituiçoens, lhe ajuntava particulares exercicios penitentes, grande recolhimento, e oraçaõ, que parecia sua vida a mesma observancia animada. Este nome se grangeou, e tam bem recebido de todas as da Casa, que naõ houve mayor magoa para toda ella, que o ameaço de perderem sua companhia, porque cahindo de grave doença, disse logo, que infallivelmente morria.

Apertou-a hum accidente em huma noite. Eraõ duas horas, sahiaõ as Religiosas de Matinas. (observancia, que nunca afrouxou nesta Casa) Tinha-se anticipada a enferma em receber o Viatico, como a que estava certa de que se chegava a jornada; e perguntando-lhe agora se queria a Unçaõ, respondeo, que naõ eraõ horas para inquietar os Religiosos; que ella teria cuidado, quando fosse preciso. Soavaõ as cinco da manhãa, e chamando a Prelada, lhe pedio, que mandasse entrar o Confessor, porque aquella era sua ultima hora. Assim foy ungida, assistindo áquella acçaõ sagra-

sagrada com tanto socego, e advertencia, como se antes a ajudara, que recebera. Achavase á sua cabeceira a Madre Sor Isabel das Chagas (Religiosa de grande vida, e de sua confiança) havia concerto entre ambas, que a que falecesse primeiro, declararia á outra o que se passava naquella tremenda hora; e lembrando-lhe agora Sor Isabel o contrato, levantando a enferma as maons, e os olhos ao Ceo, disse com voz clara, e compungida: *Misericordias Domini in æternum cantabo.* Como se dissera: *Já entoarey eternamente na vista do Senhor as misericordias, que usou com minha alma*; e assim passou felizmente a dar principio ao que promettia.

Sor Maria do Bautismo.

Siga as memorias, como seguio os passos da Madre Sor Ignez, sua sobrinha a Madre Sor Maria do Bautismo, ainda que entre a morte de huma, e outra se passou largo tempo, mas dê este lugar a conhecerse a uniaõ da virtude, para gloria do parentesco, e do sangue. Foy a Madre Sor Maria nobre por nascimento, mas illustrada do Ceo, que a trouxe a esta Casa, conheceo tanto, que naõ havia mais nobreza, que o abatimento, que nem as muitas prendas de que era dotada, lhe fomentaraõ hum pensamento de estimaçaõ propria. Com as serventes mais humildes a achavaõ servindo a Casa, entre as mais pobres a reparavaõ pelo pobre trato de sua pessoa. Seguia-se facilmente á sua humildade huma obediencia sogeitissima, abraçando assim as leys das Constituiçoens, que antes tinhaõ as Preladas, e as mais austeras de que se edificar, que de que a advertir. Adiantou-selhe a capacidade aos annos, e começaraõ a importunalla para que aceitasse o cargo de Prioreza. Naõ ignorava, que tambem neste podia ser escrava, mas achava-se taõ estranha com a superioridade, que até lha fazia intratavel o nome. Instaraõ as Religiosas, recorreraõ a parentes, entraraõ finalmente os Prelados com a ultima instancia, allegou razoens, e supplicas, que se anticiparaõ a suspender as temidas vozes da obediencia; sem esta trabalhou de balde a industria, nada a tirou do canto da sua cella, donde a alcançou a morte, (taõ despida de tudo o a que dá valor a terra) que lhe naõ tirou mais que a vida, que o Ceo melhorou em sua alma, permittindo alguns sinaes da bemaventurança della; noticia, que ha muitos annos se conserva nas tradiçoens desta Casa.

Sor Magdalena do Sepulchro.

Com igual reputaçaõ viveo nella a Madre Sor Magdalena do Sepulchro, grangeada com hum grande zelo da observancia, de que sua vida era a mais efficaz advertencia. Devotissima da Senhora com o titulo da Visitaçaõ, era na sua Capella (que está no Claustro) a sua mayor assistencia, nas horas, que lhe sobejavaõ do Coro, e exercicio quotidiano, porque naõ as podia haver para ella de mayor descanço, nem mayor gosto. Aceava, e concertava a Capella, vestia, e ornava a Imagem da Senhora em os seus dias mais festivos, e feita esta diligencia, se lançava por terra, pedindo-lhe perdaõ do pouco, e mal, que a servia. Uso foy

foy este inviolavel de toda sua vida, que foy larga; e chegado o fim della, (sem preceder achaque, ou doença) era em dia festivo, entrou a Madre Sor Magdalena de madrugada a compor a sua Senhora; e feita oraçaõ, ataviada a sagrada Imagem, se lançou por terra, como costumava, no chaõ da Capella. Tinhaõ-na seguido com recato, e segredo algumas Religiosas, que gostosas, e edificadas, costumavaõ ver aquelle espectaculo; mas advertindo agora, que a boa Madre se naõ levantava da venia, por espaço de huma hora, se chegaraõ a ella, e a acharaõ sem vida, conjecturando com igual consolaçaõ, que sentimento, com a larga experiencia de qual ella era, que a mesma Senhora seria servida de melhorar naquella hora de gala aquella alma ditosa, pelas que em sua vida lhe dera, e com que taõ devotamente a vestira, e ornara.

Sor Isabel das Chagas.

Naõ foraõ menos dignos de memoria os extremos de devoçaõ, com que a Madre Sor Isabel das Chagas coroou o inculpavel de sua vida. Foy esta de tanta refórma, e observancia, que lhe grangeou a esta Madre na Casa, e tradiçaõ, que ainda dura nella, o nome de mulher santa. Grande argumento da larga materia, que nos roubou o tempo, e o descuido a esta escritura, ver o nome de santa como anthonomasia em huma Casa, em que nunca faltaraõ espiritos reconhecidos acrédores delle, e della! Mas naõ ficou mais individual memoria, nem esta era digna de deixada.

Sor Isabel de S. Joaõ.

Soube merecella entre as filhas desta Casa a Madre Sor Isabel de S. Joaõ, que entrando de tenros annos nella, deu logo indicios de que a mereceria. Assim era obediente, assim humilde, assim penitente, assim devota! Foraõ avultando com os annos estas virtudes até o difficil grao de perfeitas, em que continuou sua vida, sem mais lembrança nella, que a unica attençaõ ao Senhor, que a escolhera esposa. Foy promessa, que lhe tornou a ratificar no mesmo dia em que professou; porque acabada aquella sagrada funçaõ, (levando para testemunhas a duas Religiosas) se foy ao Coro, e pondo os joelhos em terra, levantadas as maons, e os olhos ao Santissimo Sacramento, que venerava no Sacrario, disse: *Meu Senhor, e meu Esposo, de novo ratifico o voto, que acabo de fazer, e vos prometto, que naõ haja creatura, que me divirta da fé, que vos devo de esposa.* Assim o cumprio, e com taõ grande ancia (mostrada bem nas grandes pontualidades de Religiosa) de passar a thalamo mais seguro, que sobrevindo-lhe huma doença, aos vinte e trez annos de sua idade, (que a ameaçou de morte) pedio com instancias, que logo a sacramentassem, e ungissem, como quem se alvoroçava para a sua ultima ventura. Faziaõ suas prendas mais desejada sua vida; levaraõ-lhe as Religiosas huma Imagem milagrosa da Senhora, e aconselhando-a, que lhe pedisse saude, respondeo: *Para que quero eu saude, se toda a minha ancia he verme no Ceo com esta Senhora?* Mas cantem-me alguma cousa do seu agrado, em quanto essa feli-

felicidade naõ chega; e entoando-lhe os Hymnos de Nossa Senhora, espirou taõ placidamente, como se adormecera áquella sagrada harmonia.

CAPITULO XIII.

Das Madres Sor Maria de Jesus, Sor Filippa de Noronha, Sor Monica de Santo Agostinho, Sor Anna Natalia, Sor Camila Bautista; e de trez Irmãas, que deixaraõ nome de virtude, todas da mesma Casa de Aveiro.

Oleum effusum nomen tuum, ideo adolescentulæ dilexerunt te. Spiritus Sanctus nomen Sponsi oleo cõparat. D. Bernardus.

SEm duvida quiz o Esposo das almas desempenhar nesta Casa de Aveiro, a quem deu o seu nome, as qualidades attractivas delle, como o testemunhou a alma pura, quando vendo-o exhalar fragrancias, attrahia a si as castas, e innocentes Pombas, que o seguiaõ naõ só namoradas, mas extremosas; porque acabamos de escrever de huma esposa, que por chegar aos braços deste Esposo, perdeo gostosamente a vida, e passamos a outra, que desprezou tudo o que préza a vida, por ter dado a Jesu Christo palavra de esposa. Foy esta a Madre Sor Maria de Jesus, (nome que escolheo, para que entendesse o Mundo, que já naõ era sua, e de quem era) que filha de pays ricos, e honrados, começou em seus primeiros annos a ser emprego de muitas diligencias, que buscavaõ em sua maõ fazenda, e fermosura, dotes, que naõ só fazem bemquisto, mas invejado o matrimonio. Mas sendo diversos os empenhos de seus pays, querendo cada hum effeituallo a seu gosto, recorreo o pay a hum embaraço, mais que de considerado, de teimoso, que foy vir, e trazer a esta Casa de Aveiro o dote para sua filha, deixalla aceita a votos, e voltar para Coimbra, em que tinha sua casa. Mas assim se achou nella arrependido do que tinha feito, e disposto, que ajustou com o voto de sua mulher novo casamento, e de taõ crescidas conveniencias, que por naõ arriscallas deu logo palavra em nome da filha, propondo-lhe despois os interesses, que o obrigavaõ áquella mudança.

Sor Maria de Jesus.

Estava Sor Maria já certa de naõ fazella daquella vida, que seu pay lhe dera primeiro sem gosto, e o Ceo lhe ensinara a abraçar como o mais seguro; assustouse á nova proposta, mas tornando em si, e dissimulando o seu proposito, começou a dispor vagares, logo a despersuadir aos pays com razoens, com meiguices, que infructuosas a ouvidos cerrados (e vendo o como o estavaõ os caminhos de seus santos propositos) appellou á ultima resoluçaõ, e lhe disse, similhantes palavras: *Por certo, Senhores, que bem devieis já pôr os olhos nas disposiçoens do Ceo, pois experimentastes, que ainda contra vosso gosto, me levastes a entrar pelas portas Santas de Jesus de Aveiro. Naõ podeis duvidar, que só do Ceo era o acerto, porque na terra só se dispunha o contrario; e eu estou certa que, se o Ceo o dispoz primeiro sem o vosso gosto, o concluirá agora, ainda pondo vós o embaraço. Quem como eu conhece já os riscos, que se seguem, e acompanhaõ aos do Mundo, vede se abraçará hum estado, em que naõ*

só

só me poupo aos riscos, mas vou em seguro alcance dos verdadeiros lucros. Quem mereceo ao Ceo o de se destinar para esposa de Christo, como ha de resolverse á mudança, donde he impossivel, que a convide a melhora? Deste conhecimento nasce a minha resolução; e quanto elle tem de ajustado, terá ella de constante.

Com similhantes razoens se escusava Sor Maria ás que intentavaõ dobralla, e persuadilla; continuose incançavel bataria, encontrando-a sempre com huma taõ varonil, e destemida constancia, que exasperado o pay, rompera em algum desatino, a naõ se interpor o respeito dos parentes, de que aconselhado já (ou do seu desengano) se resolveo a trazer a filha a esta Casa, (em que logo vestio o habito) e despois lhe veyo assistir á profissaõ, mas com hum desagrado taõ inteiro, e taõ desabrido, que nem a quiz ver, nem fallar; o que Sor Maria já nova, e superiormente reproduzida, avaliou por mimo da Providencia, que assim a dispunha para os desprezos de tudo da vida. Era a sua taõ austera, que bastava sua presença para compor quem a via, e nem se atrever palavra menos decente diante della. No exercicio das Constituiçoens, e Regra observantissima; no da oraçaõ perpetua, de que se seguia ser no Coro toda sua assistencia, e caso grande o que a tirava delle. Taõ pobre de espirito, que podendo por morte de seus pays recolher huma grande herança, tudo deixou, e dispoz se repartisse entre parentes, e pobres, ficando-lhe só huma moderada tença, que lhe tinhaõ feito em sua vida, e ella applicado ao ornato, e decencia do culto Divino, dispondo-a com tal governo, como mostraõ ainda hoje as melhores alfayas da Sachristia, e da Capella de S. Joaõ Bautista, de que era devota.

A esta voluntaria pobreza ajuntava huma rara humildade, nascida do conceito, que sempre formava do nada, que era. Mostrou-o bem, quando querendo, e resolvendo se hum irmaõ seu a deixar o Mundo, e recolher-se aos santos Claustros da Companhia de Jesus, quiz contratar com o seu Mosteiro, comprando-lhe por grande preço huma Capella, e dotalla com a mesma largueza, deputando-a para jazigo, a que logo queria trasladar os ossos de seus pays. Oppozse Sor Maria a esta resoluçaõ, advertindo a seu irmaõ, que seus pays naõ necessitavaõ de jazigo taõ auctorizado; que a Igreja, donde descançavaõ, lhe bastava para jazigo, porque naõ era a sua qualidade para aquelle estrondo. Seguio-se a este conhecimento o com que esperou a morte, tam bem assombrada, que antes pareceo transito, que termo.

Sor Filippa de Noronha, e Sor Monica de Santo Agostinho.

Teve as mesmas circunstancias a das Madres Sor Filippa de Noronha, de illustre nascimento, e Sor Monica de Santo Agostinho, irmãa do Duque de Aveiro Dom Raymundo. Foy a vida de ambas huma estampa da humildade, porque vivendo entre quem as conhecia, só ellas viviaõ como se se desconheceraõ. Entre as serventes da Casa as viaõ occupadas no mais humilde, e abatido serviço della, sem admittir descanço. Levava-lhes o tempo delle o aceyo,

e concerto das Capellas, que ha no Mosteiro, como das Imagens dellas. Tinha a Madre Sor Monica grande devoçaõ com a de hum Senhor crucificado, que está no Coro, e desvelo tanto, como gasto na limpeza, e vigilancia de huma alampada sempre acceza. Diante deste Senhor gastava a mayor parte do dia, sendo raro outro qualquer commercio, que lhe levasse huma hora. A Madre Sor Filippa devotissima da Imagem de S. Joseph, que está no Coro debaixo, vendeo tudo o que tinha, para lhe ornar a Capella, em que era continua Mercieira, occupaçaõ de que só a tirou o cargo de Prioreza, que teve duas vezes, e de que fogio muitas, porque foy sua vida dilatada, como sua morte hum evidente premio de sua vida, naõ menos, que a de Sor Monica, seguida a huma incrivel tolerancia de dores de hum cancro, que foy o dilatado purgatorio, de que passou ao eterno descanço.

Sor Anna Natalia.

Soube tambem merecello a Madre Sor Anna Natalia, como a que corria a buscallo, despida de todos os embaraços com que costuma prender o Mundo a quem ainda no deserto de hum Mosteiro fazem carga as alfayas do Egypto. Eraõ as desta Madre duas tunicas, ou dous pobres habitos de grossa estamenha; o leito hum enxergaõ, e huma manta, sobrado agasalho para quem nunca recorreo a elle, affirmando Religiosas, que tinhaõ della experiencia, que se naõ deitou nunca; encostada, e por breve espaço tomava algum descanço. Taõ escasso o dava ao corpo com os rigores da penitencia, que os cilicios lhe descompozeraõ, e tiraraõ de seu lugar os ossos, que as disciplinas lhe deixaraõ descubertos. Assim vivia morta, quando veyo a acabar a vida; mas assim acabou a vida como quem começava a ver os premios da que mortificara.

Sor Camila Bautista.

Naõ o fez menos a Madre Sor Camila Bautista, porque nem os achaques, especial o de hum cancro, (que lhe durou sete annos) a faziaõ afrouxar no rigor da Religiaõ, e penitentes exercicios, sem que rompesse o seu sofrimento em outro desafogo mais, que o de hum gemido, em que se lhe ouvia: *Meu Jesu valeime, ainda que sey, que mayores tormentos merecem meus peccados!* Foy sua vida huma doença continuada, em que lentamente se consumia; assim chegou martyr ao fim della; e estando já sacramentada, pedio ás Religiosas, achando-se já sem forças, que naquella hora, que lhe restava, a ajudassem a satisfazer a reza daquelle dia; e rezou todo o Officio Divino, porque naõ parecesse mais preciso o pagar a divida de humana, que a de Religiosa; e pagou a primeira, como o promettia o cuidado, com que satisfizera a segunda.

As Madres Dona Brites da Sottomayor, Dona Isabel de Padilha, e Dona Magdalena de Vasconcellos.

Coroem este Capitulo trez irmãas, que naõ deraõ menos credito a este Mosteiro. Foraõ ellas a Madre Dona Brites de Sottomayor, Dona Isabel de Padilha, e Dona Magdalena de Vasconcellos, taõ igualmente observantes, e reformadas, como se o sangue ensinara ao espirito a repartir-se em todas; mas naõ esqueceremos o em que se mostravaõ singularizadas.

Pare-

Parece, que o foy a Madre Sor Brites na avaliaçaõ do Ceo, porque havendo duvidas na Casa sobre a eleiçaõ de Prioreza, e sendo ainda sua idade muy improporcionada a este nome, se representou a huma Religiosa de espirito, (estando todas na oraçaõ do Coro) que entrando por elle Nosso Padre S. Domingos, se chegava a Sor Brites, e lhe punha nas maons as chaves do Mosteiro. Soubese despois esta visaõ pelo Confessor da Casa, naõ o nome de quem a tivera, e favoreceo-a o successo, para desenganar a duvida, porque no mesmo dia de voz, e acclamaçaõ commua sahio a Madre Sor Brites eleita em Prioreza, occupaçaõ, que a voto do Mundo cahiria melhor em mais annos, que naõ faltavaõ na Casa, em que os poucos de Sor Brites, se bem já avultavaõ para o exemplo, ainda naõ para o cargo.

Foy o seu governo como o promettia a sua eleiçaõ, e no fim do triennio a quizeraõ repetir as subditas, inteiradas do que perdiaõ, mas sem effeito, porque o seu genio, mais bem achado no retiro, esteve naõ só surdo a offertas, mas inflexivel a diligencias. Devotissima da Senhora do Rosario, lhe fabricou a sua Capella á custa tanto de dispendios, como de constancias a contradiçoens, e embaraços, que em vez de esfriarem o seu zelo, vieraõ a descobrir a sua prudencia. Continuando neste fervor, e exercicios de devota, como nos de quem fora filha escolhida, a alcançou a morte. Pedio, que lhe trouxessem a Senhora do Rosario, e despois de penitentes, e piedosos colloquios, despedindose della com os olhos do corpo, passou a contemplalla eternamente com os do espirito.

Seguia os mesmos passos a segunda irmãa a Madre Sor Isabel, aventajando-se na devoçaõ ardentissima com Nosso Patriarcha S. Domingos. Lavroulhe na Enfermaria huma Capella; nella assistia continuamente todo o tempo, que lhe deixavaõ as obrigaçoens da Communidade. Era sua humildade extremosa, e nada pedia ao Santo Patriarcha com tanta instancia, como que a livrasse da occupaçaõ de Prelada; petiçaõ mal escutada das Religiosas, que viaõ nella as capacidades para que devia olhar o acerto, e conveniencia da Casa; assim valeo pouco a sua repugnancia; sahio eleita em Prioreza. Chegoulhe brevemente a confirmaçaõ do Prelado. Daõ-lhe esta noticia, sahe da cella, busca o Altar de S. Domingos, lança-se por terra diante delle; e sem mais vozes, que as mudas, e impetuosas, das lagrimas, lhe lembra a sua antiga supplica, propondo-lhe a grande luta em que entravaõ a sua humildade, e a sua obediencia. Passava o tempo, naõ cessava o pranto; levaõna como sepultada nelle compassiveis as subditas para a cella, adonde em breves dias, sem se lhe descobrir outra cousa, mais que hum mortal desfalecimento (que se lhe seguio áquella pena) perdeo a vida com penitentes demostraçoens, mas alegre, e consolada (assim o testemunhou na ultima hora) de naõ ter passado do estado de subdita.

Naõ acabou com menos felicidade a terceira irmãa a Madre

dre Sor Magdalena, que falecendo hum retrato da paciencia, da constancia, e da conformidade, com que tolerou crueis achaques toda sua vida, (em que nem elles lhe afrouxaraõ a refórma) ao abrirse muitos annos despois de sua morte sua sepultura, se achou inteiro, e incorrupto seu corpo, como se por despojo de taõ bem sofridos achaques, e continuas dores, lhe reconhecera a terra immunidades. Foy sempre todo, e o mayor emprego destas venturosas irmãas a oraçaõ, acompanhada de lagrimas penitentes, e compungidas; com ellas regaraõ no desterro da observancia as flores com que se coroaraõ na Patria.

CAPITULO XIV.

Das Madres Sor Paula de S. Jeronymo, Sor Isabel da Visitaçaõ, Sor Filippa do Espirito Santo, Sor Marianna do Rosario, Sor Maria Magdalena, Sor Catharina dos Anjos, da mesma Casa de Aveiro.

NEm sempre pareceo sofrido o amor daquellas esposas, que souberaõ empregallo no melhor Esposo. Nem sempre esperaraõ, que lhes batesse á porta, passados os vagares do dia, e ainda dilatando-se nas horas da noite; mas houve muitas, que madrugaraõ a buscallo no thalamo, ainda que para as vodas parecesse anticipado o tempo, porque quizeraõ adiantar na escolha aquella ventura, que as outras mereceraõ com a esperança. Successo foy muitas vezes repetido nesta Casa, a que se recolheo a Madre Sor Paula de S. Jeronymo tanto na madrugada de sua vida, que naõ contava mais que cinco annos, mas já taõ ensinados a saber merecer o nome de fina esposa, que naõ havia acçaõ de virtude heroica, a que se naõ animasse, e se quer com o desejo, quando a idade lhe embaraçava o exercicio. Nas da humildade voava, sem ter mayor gosto, que verse occupada nas officinas donde via mais trabalho, e mais abatimento, edificando, e compungindo muitas vezes o ver aquelles tenros annos tomando sobre os hombros (que o naõ eraõ menos) pezados feixes de lenha para serviço da cosinha, occupaçaõ das mais modernas Religiosas da Casa, humilde, e penosa, mas ennobrecida muitos annos antes por quem sabia, e melhor entendeo quanto pezava mais na cabeça huma Coroa, que nos hombros hum feixe de lenha, a Santa Princeza Sor Joanna, gloria, e saudade immortal desta Clausura.

Media nocte clamor factus est: ecce spósus venit. Lucæ.

Sor Paula de S. Jeronymo.

Naõ tiveraõ menos exemplar os espiritos, que despois abraçaraõ nella este genero de vida. Apurouse a de Sor Paula, despois de professa, com os esmeros, que o prometteraõ em Noviça, sem bastarem a suspendella na velocidade, com que pizava o caminho da penitencia, as graves doenças, que por espaço de vinte annos foraõ seu purgatorio, e a viva fornalha, em que se purificou seu sofrimento, sem se lhe escutar mais desafogo, que a paciente voz com que dava a Deos graças de a reduzir a hum estado, em que via, que estava merecendo. Cançaraõ os achaques,

mas

mas naõ a maõ da penitencia, com que se apertaraõ mais os cilicios, se amiudaraõ mais as disciplinas, acompanhadas de continuos jejuns, muitos de paõ, e agoa, Matinas de meya noite, e sem descançar antes dellas, desvelo na oraçaõ, que tinha diante de huma Imagem de Nossa Senhora, que está no Dormitorio, a que tinha singular affecto. Com esta vida continuou até a idade de oitenta e quatro annos, esquiva, e estranha a todo o commercio humano, por dar mais largas ao Divino, causa, que despois de sua grande humildade a fez recusar muitas vezes a occupaçaõ de Prelada com constancia, e inteireza. Assaltou-a finalmente a morte em hum accidente, mas naõ a intimidou o assalto, como a que nunca se descuidara do ultimo. Deu-lhe lugar para receber com pias demonstraçoens os Sacramentos, e acabou taõ desasombrada, como quem aprendera a morrer toda sua vida.

Sor Isabel da Visitaçaõ.

Tal foy a da Madre Sor Isabel da Visitaçaõ, irmãa da Madre Sor Paula, que pareceo, que tambem a virtude se propagava com o sangue; e sem duvida ainda que a graça, que he a raiz de todas as virtudes, seja huma soberana natureza, (como participaçaõ da Divina) e assim muy distinta da que os pays communicaõ aos filhos, e entre si conservaõ os irmaons, como filhos do mesmo pay, veyo a dizer a Sabedoria Increada: *Que de arvore santa tambem eraõ santos os ramos*, como se dissera, que tambem a virtude se propagava. Assim achamos na Madre Sor Isabel estes dous parentescos com a Madre Sor Paula, irmãa no sangue, e irmãa na virtude. Foy bem conhecida a desta Madre, desempenhando em largas experiencias o grande conceito, com que entrara por estes santos Claustros a entregar ao verdadeiro Esposo, despois da sua alma, huma rara formosura, que a furto de seus pays, (que a destinavaõ a esposos da terra) livrou nesta Clausura, da commua pensaõ de mal empregada.

A esta resoluçaõ se seguio igual vida, e hum tal esquecimento da que deixara, que nunca mais fallou, nem foy vista de pessoa de fóra, sendo sua vida dilatada. Acabou com huma morte, que foy o mayor testemunho, que podia ter sua vida. Ficou della huma memoria digna de conservada, para argumento de sua modestia, e compostura, e do conceito, que fazia de sua belleza, amortalhada em hum véo, e cadaver daquella Clausura. O successo será boa prova.

Entrou por força a Villa de Aveiro o Principe Dom Antonio, (filho do Infante Dom Luiz) acclamado Rey de Portugal, e já agora resistido nesta Villa como roto, e vencido, antes das infames astucias, que das armas do Duque de Alva, que governava o partido de Castella, e tinha conseguido aquella grande vitoria de entrar por Lisboa desamparada dos bons Portuguezes, e vendida por melhores traidores. Entrou o Principe no Mosteiro; seria naõ só a honrar aquella Casa, mas a visitar a sepultura da Santa Princeza Joanna, consanguinea sua, e herdeira que fora

ra da Coroa, que elle se segurava. Sentado no Coro, lhe vieraõ a beijar a maõ as Religiosas, entre ellas a Madre Sor Isabel; e reparando o Principe na perfeiçaõ da maõ, que buscava a sua para beijalla, inferindo a belleza, que occultava o véo, pedio á Prelada mandasse descobrir aquella Religiosa. Atalhou-o, escusando-se Sor Isabel, e para satisfazer á instancia, respondeo com modestia, e inteireza: *Senhor, naõ estranhe Vossa Alteza a resistencia; que eu valho-me dos privilegios, que me deu esta venturosa mortalha. A's esposas do Rey do Ceo naõ he decente serem vistas, nem ainda das Magestades da terra.* E que tem, de que jactarse já agora os Chronistas da Gentilidade com as austeridades das suas Vestaes, fomentadas mais da vangloria, que da modestia? Quanto mayor inteireza os podia admirar nos espiritos verdadeiramente castos, prevenidos, e acautelados até contra a lisonja dos olhos humanos, e ainda dos que a Magestade faz appetecidos? Mas isso vay de espiritos purificados a assistencias de immortal fogo, aos que a pezar de desvelo humano o choraraõ tantas vezes extincto. Assim zelava Sor Isabel os privilegios de esposa, e assim os merecia a sua pureza, como os zelava a sua cautela.

Sor Filippa do Espirito Santo.

Naõ ficou inferior a estas duas irmãas outra Religiosa, sobrinha de ambas. Foy esta a Madre Sor Filippa do Espirito Santo, que recolhida nesta Casa de idade de seis annos, e vivendo nella setenta e oito, foy huma columna viva da sua observancia, sacrificada ao trabalho de Mestra de Noviças com o lucro de a ver avultada, e o culto Divino com aquella perfeiçaõ, e decencia, que entendia, e meditava o seu zelo. Este a poz duas vezes no lugar de Prioreza, que continuara toda a vida, se a naõ estimara antes para merecer com a obediencia, ganhando mais tempo para exercicios penitentes, e devoçoens particulares. Eraõ as suas principaes o Santissimo Sacramento, a Senhora do Rosario, os nove Córos dos Anjos, as Onze mil Virgens, e o Apostolo S. Simaõ, gastando com suas Capellas, aceyos, e ornatos de suas Imagens o que tinha, e o que agenciava, com tanto gosto, como quem entendia os grandes avanços daquelle contrato.

Ameaçou ruina hum Dormitorio no ultimo anno dos em que foy Prelada, e se achava sem posses para acodir á ruina. Vai-se ao Altar da sua Senhora do Rosario, prostra-se diante della, e pede-lhe, que sustente aquellas paredes em quanto naõ elegem Prelada nova, que ella lhe fazia voto de rezar todos os dias diante do seu Altar o seu Cantico grao. Hoje se continua na Casa o desempenho desta promessa; entaõ taõ aceita á Senhora, que passando perto de hum anno, que se naõ pode acodir ao Dormitorio, vindo os officiaes ao reparo, avaliaraõ por milagre o ter-se sustentado tanto tempo. Chegou o da morte de Sor Filippa em huma doença breve, mas taõ rigorosa, como ultima; quizeraõ recorrer a remedios, requereo, que lhe dessem os Sacramentos, que eraõ os da alma,

ma, que ella só queria, e que lhe deixassem acabar a vida com descanço. Assim foy, e assim se seguiria o eterno a huma morte, que lhe trocou as rugas de oitenta e quatro annos em o semblante de huma idade tenra, e os horrores de cadaver em huma copia de alegria. Naõ foy menos digno de reparo, e outro testemunho da felicidade de sua alma, o vir em o mesmo dia ao Mosteiro huma pessoa de grande opiniaõ, que fallando com as Religiosas mais antigas da Casa, lhes disse, que vinha a darlhes o parabem de huma tal Irmãa, que passara desta vida em companhia dos que logravaõ a eterna, e que a estar no Purgatorio, seria muy pouco tempo. Suspendeo-se hum pouco o que tinha fallado com esta segurança, e achando-se alcançado do muito, que dissera, continuou: *Eu, Madres, digo isto com os olhos na misericordia Divina, que naõ deixaria de pagar o zelo de huma esposa, que em tudo mostrava de quem o era.*

Mas passemos a outra gloria para as filhas desta Casa, como foy o entrar-lhe pelas portas a buscar sua companhia huma filha da mayor Mestra de espirito, que a Providencia de Deos permittio á terra, para dar calor, e luz á sua escola, a grande Madre Santa Thereza, até nisto liberal amante da Familia Dominicana, sempre sua mimosa, e esta sempre igualmente agradecida. Terceira desta grande Madre fora a Madre Sor Marianna do Rosario. Assim bem doutrinada, tomou o habito neste Mosteiro, achando nelle tantos estimulos para continuar a observancia, como tra-

Sor Marianna do Rosario.

zia documentos para as disposiçoens della. Adiantou o jejum de sete mezes ao de todo o anno, desconhecendo (por industria sua) no sustento quotidiano naõ só regalo, mas nem ainda gosto. Eraõ frequentes os jejuns de paõ, e agua, e taõ estreitos, como sem comer em todo o dia, e á noite taõ pouco, que antes parecia ceremonia, que sustento. Observava tambem esta abstinencia os dias, que commungava, como a de todo o trato, e commercio do Mosteiro, sem sahir em todo o dia do Coro. Assim despois de sua grande singeleza, eraõ os dous extremos, em que mais avultava sua observancia, a subsistencia, e a oraçaõ. Nellas gastou, e consummio a vida, passando a reproduzilla eterna, como se podia collegir do suave de sua morte, e despois do testemunho do seu Confessor, em que naõ peccara mortalmente.

Coroem este Capitulo dous extremos, hum da caridade, outro da paciencia (que naõ honraraõ menos esta Casa) as Madres Sor Maria Magdalena, e Sor Catharina dos Anjos, ambas verdadeiras filhas da observancia, e exemplares della; mas o que mais luzio na Madre Sor Maria Magdalena, foy huma caridade ardente, em que a achavaõ sempre empenhada os doentes, e os pobres. Assim servia voluntaria na Enfermaria com taõ igual fervor, que com o mesmo desvelo a achavaõ ás suas cabeceiras as serventes, como as Religiosas. Dizia, que as doenças eraõ mimos da maõ de Deos, e se estes vinhaõ igualmente a humas, que a outras, como seriaõ singula-

Sor Maria Magdalena, e Sor Catharina dos Anjos.

 riza-

rizadas para o remedio as que o naõ eraõ para o mimo? Todo, e o seu unico descanço era que o tivessem as enfermas na sua molestia. A pontualidade com que lhes applicava as mesinhas, lhe deixava pouco, e ainda mais apoucado o com que passava da Enfermaria para a Roda, a soccorrer naõ só os pobres, que chegavaõ a ella, mas os de que tinha noticia na Villa, que prezos, ou do pejo, ou da mesma penuria, pereciaõ no canto da sua casa. Foy digno de grande reparo (conhecidas as posses de huma Religiosa pobre por profissaõ, e mais pobre, porque até o que possuia, com licença lhe levava a Enfermaria) o ver, que foy raro o necessitado, que chegou á Roda, (tendo esta Madre o officio de Rodeira) que sahisse della sem algum soccorro, em anno em que a fome tinha recolhido á Villa os contornos della, e era brado, que chamava a todos o conhecimento da boa Rodeira. Entre estes exercicios a achou a morte, taõ contrita, e penitente, que antes pareceo transito para os eternos tabernaculos, que se prometteraõ á caridade.

Facite vobis amicos de mammona iniquitatis, ut, cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula. Lucæ 16. Facite eleemosynam pauperibus.

Outro extremo foy de penitencia a Madre Sor Catharina dos Anjos, porque sobre trababalhos sem descanço, e afflicçoens sem alivio, em que o Ceo lhe ensayou o sofrimento, começaraõ as doenças a reduzilla a estado, que parecia milagre o que hia vivendo. Sobreveyo-lhe hum cancro em o peito, sem acabar com ella o intoleravel das dores, que appellasse se quer ao desafogo de hum gemido; mas levantando os olhos, e maons ao Ceo, offerecia ao Senhor aquelle mimo, como quem conhecia o que hia merecendo, mas taõ emmudecida, como se receara que a voz se lhe trocasse em queixa. Assim espirou muda, e sofrida, verdadeira victima da paciencia, e copia venturosa do seu Esposo sacrificado, e emmudecido.

Quasi agnus coram tondente se obmutescet, & non aperiet os suum. Isaiæ. 53. 7.

CAPITULO XV.

Das Madres Sor Maria do Nascimento, Sor Margarida de Tavora, Sor Antonia de S. Domingos, Sor Magdalena dos Serafins, Sor Luiza de S. Joseph, Sor Guiomar da Gloria, Sor Filippa do Sacramento, da mesma Casa de Aveiro.

NEm credito, nem desprezo merecem os sonhos, por mais que muitas vezes se vissem auctorizados dos successos. Sonhou Cornelio Rufino, que perdia a vista, e acordou cego. Sonhou o Liberto de Plinio, que lhe cortavaõ o cabello, e acordou com elle cortado. Mas levantemos mais o discurso no sonho de Joseph do Egypto, promettendo-o, e desempenhando-o em seu throno. No sonho de Nabucodonosor, arruinado em huma estatua, decipado em huma planta, presagios, e annuncios da sua lamentavel fortuna. Naõ ha duvida que ha sonhos, que saõ avisos, e a estes se deve dar credito, conhecendo-se logo, que nascem de boa causa, pois se encaminhaõ a doutrina, e melhora da creatura. Por estes adverte muitas vezes o Ceo aos Justos para se conseguirem, ou se continua-

rem os acertos. Mas que bem conſidero o dos verdadeiros timoratos, que ſonhando-ſe mimoſos do Ceo, o attribuem a accidente da fantaſia, acautelados contra aquelle eſpirito, que transformado em Anjo de luz, offerece a huma alma os tropeços da vangloria!

Sor Maria do Naſcimento.

Naõ parecerá infructuoſa, ou deſaccommodada eſta digreſſaõ para o que vamos a dizer da Madre Sor Maria do Naſcimento. Vivia no ſeculo em caſa de hum irmaõ, mas com hum eſtylo de vida taõ concertado, que nada teve que eſtranhar na Clauſura, para que depois ſe paſſou, e agora deſejava. Eſta ancia a trazia deſvelada, como occupada em devotos exercicios, em que pedia ao Ceo o acerto da eſcolha, que faria deſta, ou daquella vida. Eis-que huma noite ſe lhe repreſenta em ſonhos que via huma Senhora de grante mageſtade, e fermoſura, veſtida de branco, manto azul nos hombros, ſalpicado de Eſtrellas, e que trazendo nas maons hum habito branco, lho offerecia, dizendo-lhe, *Que o veſtiſſe, porque aſſim aſſeguraria a ſalvaçaõ de ſua alma.* Acordou Sor Maria com eſtranho alvoroço, mas como de ſingelo, e humilde coraçaõ, ou já doutrinada contra os aſſaltos da vangloria, naõ ſe reſolvia a reconhecer-ſe digna de mimo taõ ſingular. Naõ deſprezou com tudo o ſucceſſo, pelo que tinha de ſanto o conſelho, mas advertida em os riſcos de ſimilhantes ſonhos, naõ aſſentava em que as circunſtancias correſpondiaõ a merecimentos.

Naõ ſe deſcuidava neſte tempo o irmaõ de lhe diligenciar o eſtado, a que a via inclinada, e aſſentou a ſua entrada no Moſteiro de Santa Clara da Villa de Guimaraens adonde vivia; e dando eſta noticia a Sor Maria, (que a recebeo com alvoroço) quiz ella meſma ver o Moſteiro por ſer tal ſeu recolhimento, taõ pouco o commercio, e conhecimento do que hia no Mundo, que nem a viſinhança a tinha levado áquella Caſa, nem ſabia, que feitio de habito uſavaõ as Religioſas. Vio-as, e ſuſpendeoſe, lembrada de que naõ era aquella a cor, que vira nas maons da Senhora. Aſſim propoz, e contou tudo ao irmaõ, ſegurando-lhe, que ſó aquelle habito com que ſonhara, a teria ſatisfeita. Naõ deſejava elle outra couſa, ſuſpendeoſe o contrato com Santa Clara, a tempo, em que muito acaſo veyo ás maons de Sor Maria a ſegunda Parte da Chronica de S. Domingos, em que ſe lê a noticia, e fundaçaõ deſta Caſa de Jeſus de Aveiro; eſta lhe levou taõ ſuavemente o agrado com a noticia de que o habito, que ſe veſtia nella, era branco, que em breve tempo entrou por ſuas portas a procurallo, e a veſtillo, e reparando na fórma delle, ſe lembrou, que por aquelle feitio era o que ſe lhe moſtrara no ſonho.

Entendeo agora, que aquella era a gala branca, com que a Rainha do Ceo a chamava para as vodas do Cordeiro, e quiz deſempenhar no eſtylo de ſua vida as obrigaçoens em que a pozera. Aſſim começou a voar na obſervancia dos preceitos, que profeſſara, ſentenciando-ſe a hum tal extremo de penitencias, que affirmaõ as Religio-

ſas, que della tiveraõ noticia, que eraõ impoſſiveis de imaginar, quanto mais de ſofrer. Nas diſciplinas teſtemunhavaõ-no as paredes, e pavimento do lugar em que as tomava. Coſtumava continuallas em nove dias, e no eſpaço delles repetir cinco mil açoutes. O prato quotidiano cobria de pós amargoſos, porque já que havia de ſervir de ſuſtento, naõ paſſaſſe a ſer regalo. Aſſim eſtava ſacrificada a tudo o que lhe podia exercitar o ſofrimento, que hum dia inteiro trouxe huma agulha, que ſe lhe atraveſſou em hum pé, por naõ faltar ao ſerviço da Communidade, (em que ſe achava muy occupada) fazendo eſcrupulo de gaſtar o tempo em ſe livrar daquella cruel moleſtia.

Das continuas do dia deſcançava á noite ſobre duas taboas, que lhe ſerviaõ de cama. Cahio nella de huma doença mortal, e neſſa noite repararaõ algumas Religioſas em huma Pomba branca, que voando algum tempo pelo Dormitorio, deſappareceo por cima da cella da doente. Cauſou grande reparo ave de eſpecie, que ſe naõ achava na Caſa, nem nas viſinhanças della, e naõ menos á hora em que apparecera. Naõ duvidaraõ (ſuppoſta a grande opiniaõ da enferma) que ſeria aquella ave copia da pureza daquella alma, que em breves dias voou pacifica aos premios da ſinceridade, e da innocencia.

Sor Margarida de Tavora.

Vioſe, e admirouſe huma, e outra na Madre Sor Margarida de Tavora, porque naõ houve acçaõ alguma, que lhe deixaſſe má ſuſpeita. Aſſim antes parecia, que deſconhecera, do que abominara a malicia. Obſervante em todas as leys da Religiaõ, excedia ás mais adiantadas nella no abatimento proprio, ſendo taõ illuſtre por naſcimento, (de que nunca ſe lembrava) como tia dos Condes de Miranda. Era continua ſua oraçaõ; da mental paſſava ao Coro a continuar a vocal em devotos colloquios com o Menino Jeſu, e ſua Santiſſima Mãy, e eſta chamava a ſua hora de recreyo, de que ſó a divertia o acudir a alguma obra de caridade, virtude, que lhe deu grande nome, e de que pareceo premio ſua morte.

Sor Antonia de S. Domingos.

Aſſim a ſoube merecer a Madre Sor Antonia de S. Domingos, ſendo huma viva copia da obſervancia. Sua vida foy contemplativa, e aſſim ſe affervorava na oraçaõ, e taõ facilmente ſe transformava nella, que o meſmo era pôr os joelhos em terra, que começar a regalla com lagrimas; naõ eraõ ellas menos copioſas. Teſtemunho he de quem muitas vezes o vio, e admirou. Seu grande zelo da refórma a poz no lugar de Prioreza, em que a Caſa teve taõ boa Prelada, como as filhas della boa Meſtra. Naõ o foy menos da paciencia, tirando-lhe a vida repetidos, e rigoroſos achaques, (de que ſoube fazer merecimentos) agradecendo-os a Deos como mimos.

Sor Magdalena dos Serafins.

Teve o meſmo dom de lagrimas a Madre Sor Magdalena dos Serafins. Aſſim ſe ſuſpendia entre ellas na Capella da Senhora do Roſario, como ſe eſta ſuavidade de eſpirito a eſqueceſſe de todo o mais commercio. Era aqui mais dilatada ſua aſſiſtencia os dias que commun-

mungava. No Coro foy muitos annos alma daquella sagrada melodia, com que louvaõ a Deos suas esposas, porque tinha voz cheya, e clara, que perdeo em huma doença, querendo o Senhor escutar antes a de seu coraçaõ, e de suas lagrimas, que apadrinhadas com o nome de Magdalena, parece, que tinhaõ mais suavidade, e consonancia. Observantissima das leys, que professara, foy extremosa na do silencio. Nunca dispensou com elle mais que ou para louvar a Deos, ou ao proximo. Deulhe huma doença, que a reduzio a tisica; assim começou a morrer muito anticipada. Poucas horas antes de sua morte (por ser em huma primeira Dominga do mez) lhe sahio hum Rosario por sorte, que lhe trouxeraõ com a mesma Senhora delle. Foy cousa rara, que esquecida da debilidade mortal, em que já estava, com o alvoroço da sagrada visita, se sentou na cama, e tirando o Rosario das maons da Senhora, o lançou ao poscoço, e tornando a deitarse, levantou as maons a dar graças ao Senhor, e com os olhos em sua Mãy Santissima, passou a colher o eterno fruto das flores, que lhe trouxera.

Sor Luiza de S. Joseph.

Mas passemos de huma fructuosa devoçaõ a outra, que o naõ foy menos. Experimentou-o assim a Madre Sor Luiza de S. Joseph, natural da mesma Villa de Aveiro, que sendo taõ pertendida, como bem dotada, voltou as costas aos esposos da terra, doutrinada da Santa Princeza Joanna, que com o seu exemplo a chamava para esta Casa; vocaçaõ a que obedeceo prompta, como sua grande devota. Mas vendo-se perseguida de doenças graves, que se lhe seguiraõ á profissaõ, e dandolhe mayor pena o verse inhabil para continuar o estado, que escolhera, recorreo á sua Princeza Santa, fazendo-lhe hum voto de que, se a melhorava, lhe faria a sua festa, e a serviria confórme suas posses em toda sua vida. Chegado o dia da Santa, pedio que a levassem á sua sepultura, e fazendo oraçaõ, se sentio repentinamente com forças, tendo chegado alli sem ellas, e em breves dias se vio sem queixa, ou molestia alguma, prodigio, de que testemunharaõ todas as Religiosas; e servio para o precesso da Beatificaçaõ da Santa, authenticado pelo Bispo Dom Joaõ de Mello.

Porém naõ pára aqui o prodigio, outra circunstancia tem naõ menos rara, que nos deu para assumpto a vida da Madre Sor Luiza, porque naõ só se sentio esta Madre restituida á sua antiga disposiçaõ, mas abrazada interiormente em huma emulaçaõ santa de seguir os passos da Santa Princeza, reduzindo-se ao mayor extremo da refórma. Assim começou a avultar nesta, que sendo grande a desta Casa, se fazia o primeiro lugar nella a de Sor Luiza. O de Enfermeira occupou com grande lucro das enfermas, e admiraçaõ de todas, acodindo ella só a tudo, como se a multiplicara o trabalho. Por sua maõ lhes fazia o comer, e ao mesmo tempo estava prompta para todo o serviço, por mais que vil, e por mais que penoso. Naõ achavaõ nella menos desvelos os pobres, que as doentes;

tes; para humas, e outros era huma fiel dispenseira de tudo o que tinha, e podia alcançar a sua diligencia, exercicio de que a tirou huma doença taõ penosa, como mortal, abraçando-a sofrida com tanta conformidade, e paciencia, que bem pareceo disposiçaõ para as coroas della, passando placidamente a gozallas com a Santa Princeza, que lhe ensinara a pertendellas. Mas naõ deixemos passar este beneficio da Real Bemfeitora desta Casa, sem apontar outro, que ao tempo, que isto escrevemos, testemunhava, e reconhecia da mesma maõ da Santa Princeza a Madre Sor Lourença dos Martyres, agora segunda vez Prioreza.

Achava-se a primeira vez, que teve este cargo, perseguida de humas trabalhosas cezoens; corria o tempo, e os remedios, sem mais fruto, que o desengano, de que nem o sabia ser o tempo; eis-que hum dia, que esperava a repetiçaõ do achaque, lhe occorre, que de portas a dentro tem certa a mesinha delle, e em sua maõ o applicalla no mesmo instante. Entra-se de huma fé viva, e repete comsigo resoluta: *E naõ sou eu Prelada desta Casa? Naõ está aqui o corpo da mais obediente filha della? Naõ está naquella sepultura a Princeza Sor Joanna? Por ventura escusar-seha de subdita, porque já se venera santa? Tenho eu mais, que porlhe huma obediencia? Haverá de faltar a ella? Naõ por certo. Pois que me detenho?* Chega com esta resoluçaõ á sepultura da Santa; prostrase primeiro em oraçaõ; levanta logo a voz, e diz: *Madre Sor Joanna, eu lhe mando como Prelada desta Casa, em virtude de santa obediencia, que logo me tire estas cezoens.* Foy caso notavel, que sendo o dia, e a hora, em que pontualissimamente vinhaõ, faltaraõ, e nunca mais lhe vieraõ. Testemunhou-o todo o Mosteiro; publicouse do Pulpito ao Povo.

Seja louvado o Senhor, como he admirado nos seus Santos, dando ouvidos a huns ossos secos, e sepultados, para mostrarem o que veneraraõ a obediencia vivos! Assim obedeceo o cadaver do nosso grande Patriarcha S. Francisco (que ha tantos annos admira em pé a Casa de Assis) ao preceito do Summo Pontifice, que lhe mandou, que naõ retirasse o pé, que lhe queria ver, e beijar, admirando aquelle estupendo favor das chagas, concedido visivelmente a Francisco, e invisivel á grande Catharina Senense, para que até nesta gloria houvesse partilhas entre os pobres filhos dos dous irmaons Patriarchas. Assim obedeceo tambem o cadaver do grande Apostolo do Oriente ao preceito, que se lhe intimou do Geral de sua Religiaõ, quando, querendo cortarlhe hum braço, por pedir o Summo Pontifice huma reliquia do santo corpo, tremeo, e ameaçou ruina a Capella, e lugar da sepultura, até que, intimado o preceito, cessou o terremoto, e se lhe cortou o braço.

Naõ he menos respeitada a obediencia (como bem conhecida) dos venturosos professores della, como nem menos gloria de huma Casa, ter subditas, que obedecem ainda sepultadas; e das Preladas della o

verem-se obedecidas de Santas. Soube ajuntar este nome ao officio de Prelada a Madre Sor Guiomar da Gloria, que entrando de trez annos neste Mosteiro, assim avultou nelle o seu zelo, que a singularizou para o cargo. A fervorosa devoçaõ, que tinha com a Mãy de Deos, lhe levava grande parte do dia, e da noite. A S. Luiz Beltraõ a escolheo para seu singular Advogado; tudo o que tinha, gastava no ornato, e aceyo de huma Capella sua. Igual devoçaõ tinha com o Bautista, e com Santa Theresa; vio-se em sua morte a venturosa escolha destes grandes arrimos, que buscou na vida. Foy toda ella huma estampa da da Madre Sor Ignez de S. Jacintho, tia sua; (de que já fizemos memoria) coroou-a com huma ditosa morte. Precedeo-lhe hum accidente taõ violento, que só ficou viva no pulso. Era em dia de Santa Theresa, Advogada sua, dia, em que todos os annos mandava huma esmola a seus filhos; agora tendo-a já junta, lha arrebatou das maons o accidente, mas mandaraõ-na as Religiosas ao Convento, (que ha na Villa) pedindo aos Padres, que se lembrassem da sua bemfeitora, relatando-lhe o estado em que ficava, e pedissem á sua Madre, que lhe restituisse os sentidos para receber os Sacramentos. Foy digno de reparo, que pontualmente se lhe restituiraõ com inteireza ao tempo, que os Religiosos faziaõ a devota supplica. Recebeo logo a moribunda os Sacramentos com inteiro juizo, e conhecimento, e naõ menos rara conformidade. Pedio logo huma estampa de S. Luiz Beltraõ, e beijando-a, e abraçando-se com ella, estendeo a maõ para que lhe déssem o Senhor, que assiste ás moribundas, e assim abraçada com a estampa do Santo, e com os olhos no Crucifixo, lhe entregou a alma taõ socegada, como se adormecera.

Sor Guiomar da Gloria.

Feche-nos este Capitulo huma memoria escassa, mas merecida, da Madre Sor Filippa do Sacramento, restituida taõ depressa ao Ceo, que a dera a esta Casa, que parece, que com ella desappareceraõ as noticias com que podia auctorizalla, e naõ menos esta escritura; mas bastenos para conjectura do que perdemos, o testemunho de seu Confessor, (Religioso devoto, e timorato) que affirmou louvara a Deos de ver huma mulher moça, illustre, como da Casa de Miranda, naõ menos estimada por prendas da natuza, abraçando a morte com a mayor conformidade, e a contriçaõ mais verdadeira, que se póde entender naquella hora. Ficou vulgar noticia de sua rara humildade. Bem se póde inferir do alicerce o que avultava o edificio de sua virtude.

Sor Filippa do Sacramento.

CAPITULO XVI.

Das Madres Sor Berarda dos Martyres, Sor Maria Evangelista, Sor Maria das Chagas, Sor Maria dos Serafins, Sor Luiza da Annunciaçaõ, da mesma Casa de Aveiro.

GRande valida de Deos saõ a singeleza, e sinceridade de espirito! Estes foraõ sempre os seus mimosos; por isso dizia o Senhor: Que os meninos eraõ os

os herdeiros de sua Casa: Que se tornassem em meninos os que houvessem de pertender essa herança: Que a elles revelava os seus segredos, e lhes offerecia a sua communicaçaõ como valîdos. Privilegios saõ estes, que podemos dizer teve, e logrou a Madre Sor Berarda dos Martyres, porque dotada de huma grande singeleza, entrou esta Clausura taõ mimosa do Esposo, que buscara nella, que naõ só avultava cada dia nas melhoras de sua alma, mas tambem alcançou de Deos com continuos rogos as de seu pay, que (falecida sua mãy) vio com seus olhos voltar as costas ao Mundo, e passar das solturas de Soldado ao voluntario carcere de huma Recoleta, trocando as galas por hum pouco de burel, mortalha em que acabou a vida, taõ dessemelhante da que lhe licenciavaõ os privilegios de rico, e de poderoso, que conseguio, e deixou o nome, e opiniaõ de Santo.

Sor Berarda dos Martyres.

Toda a vida de Berarda foy huma reza continuada; porque advertindo na pureza, que se requeria para estar fallando com Deos, e de Deos, naõ satisfeita com rezar o Officio Divino no Coro, o repetia na cella, ou nas Capellas do Senhor na Columa, e do Rosario, que eraõ sua vivenda. Perseguiaõna crueis escrupulos; fizeraõselhe intoleraveis; recorreo ao Senhor da Columna; (de que aquelle anno sahira por sorte Mordoma) he huma Imagem de grande devoçaõ, que está em huma Capella em o Capitulo, servida, e buscada das Religiosas com fé, e dispendio. Pedio ao Senhor, que usasse com ella de piedade, que ou a livrasse de escrupulos, ou a levasse para si. Seguiose a esta supplica a confiança com que a esperava despachada. Naõ se enganou, porque o ultimo dia em que acabou de Mordoma, que foy o primeiro do anno seguinte, cahio de doença, que entendeo era a ultima, como o foy, acabando com finaes de taõ confórme, e taõ contrita, que o pareceraõ de que passava a lograr o despacho da sua supplica.

Parece, que foy filha das da Madre Sor Filippa do Espirito Santo (que honrou esta Casa com suas virtudes heroicas) como comparenta herdeira della) a Madre Sor Maria Evangelista, sobrinha sua, e mais singular imitadora, trazida a estes santos Claustros com o grande exemplo, e suave industria da boa tia. Foy esta Madre hum retrato da paciencia, dado pelo Ceo a esta Casa, para alentar as affligidas filhas della. Professa, entraraõ logo os achaques a ser seus algozes, reduzindo-a a estado, que podia dizer com Job, que naõ era mais que hum esqueleto vivo, segurando, que era outro reproduzido no sofrimento. Assim lhe foy durando como por milagre a vida, mas taõ assustada, e temerosa da morte, que nada pedia a Deos como valor para a conformidade, e constancia para os assaltos daquelle perigoso instante. Chegou este, e começaraõ a divisar-selhe no semblante, e na pratica demonstraçoens de alegria, com admiraçaõ de quem até alli a via, e escutava timida, e receosa. Já se lhe hiaõ contando os alvoro-

Sor Maria Evangelista.

voroços pelos deſmayos, e nos ſinaes do goſto, e do ſocego, as preſſas com que hia acabando. Quizeraõ darlhe a Unçaõ, reſpondeo, que ella a pediria, porque a queria tomar na ultima hora; e como ſe as tivera medidas, o fez a tempo, que pode acompanhar a Communidade, recitando os Pſalmos Penitenciaes. Hia-lhe faltando o alento, deraõ-lhe a Sagrada Imagem de hum Crucifixo, e beijando-lhe os pés, e eſtreitando-o ſobre o peito, diſſe com ternura, e alvoroço: *Bom foy temello eu ſempre, porque agora me regalo de o ter comigo!* E continuando algumas jaculatorias, já mal percebidas, lhe entregou a alma, ficando com hum ſemblante taõ vivo, como ſe ainda a tivera, e taõ alegre, como ſe ſegurara o lugar donde a tinha.

Sor Maria das Chagas.

Siga-ſe a eſte exemplo de paciencia outro de penitencia, e caridade na Madre Sor Maria das Chagas, que entrou neſta Caſa de cinco annos, acompanhando a ſua mãy, que (enviuvando moça) veyo a ſepultar os ſeus nella. Aſſiſtio-lhe aſſim a boa filha, (ſervindo-a cuidadoſa alguns annos, que durou entrévada) que edificava as Religioſas, porque nem aquelle trabalho a divertia da aſſiſtencia do Coro, a que chamava o ſeu deſcanço. As rezas dilatadas eraõ o ſeu mayor goſto; aſſim chamava ás ferias; eraõ, e lhe chamava os ſeus dias de feſta, porque dizia, que aſſim ſe havia de chamar aos em que ſe tinha mais largo commercio com Deos. Cuidadoſa com os pobres, naõ ſó partia da ſua reçaõ com elles, mas tendo alguma couſa, que pareceſſe regalo, provava-a, e dizia: *Iſto quero eu para o meu Anjo da guarda*, e paſſava-a ás maons de hum pobre, a quem dava aquelle nome. Aos inviolaveis jejuns das Conſtituiçoens, auſteros, e eſtreitos, ajuntava muito a miudo rigoroſas diſciplinas de ſangue. Naõ ſatisfeita com a afflicçaõ de tunica de lãa junto á carne, coſtumava apertarſe com cilicios, e nas coſtas huma Cruz, que cuberta de pontas de ferro, lhas trazia em chagas.

Furtava-ſe ao ſono, para ſe applicar ao ornato, e aceyo do culto Divino, em que luzia muito o ſeu cuidado, por ſer ſingular em obras de agulha, deſtra em dibuxos, e na inventiva delles. Para eſtes diſpendios, e para o de cobrir de obra de talha algumas Capellas, (eſpecialmente huma da Senhora da Conceiçaõ) applicou huma boa tença, que tinha, e por ſua morte ficou á Caſa, de que ainda hoje ſahe o diſpendio da Feſta do Santiſſimo, com grande luzimento. O amor, e caridade com as Religioſas, como o zelo da obſervancia, a puzeraõ no lugar de Prioreza, que exercitou com a inteireza de quem o naõ procurara. Conſummida, e attenuada de annos, e penitencias, paſſou deſta vida com o ſocego de quem empregara bem aquelles, e já começava a goſtar o premio dellas. Repararaõ-no algumas Religioſas de ſuppoſiçaõ, e nome, vendo ao inſtante, que eſpirou, ſentar-ſe, e voar ſobre o Moſteiro hum bando de innumeraveis, e brancas Pombas, favorecendo o reparo o ſerem aves, que ſe naõ achavaõ na Villa,

nem nas visinhanças della. Quizeraõ attribuillo á grande devoçaõ, que a defunta tivera com as Onze mil Virgens. Saõ tambem estas aves geroglificos da pureza; e a occasiaõ, e a novidade fizeraõ naõ desprezar a conjectura.

Sor Maria dos Serafins.

Companheira, e similhante assim no nome, como na virtude, da Madre Sor Maria das Chagas, foy a Madre Sor Maria dos Serafins, como se tudo herdara della, ou se participaraõ o espirito huma á outra, como primas que eraõ por sangue, irmãas por profissaõ, iguaes por exercicios, e para coroar a similhança, a poz tambem a sua observancia no lugar de Prelada. Naõ menos seguio a prima em applicar a sua tença, que era grossa, ás obras de que necessitava a Casa, e soccorrer as Religiosas mais pobres della, com maõ caritativa. A esta caridade com o proximo ajuntava o amor, e respeito a Deos, porque nada se lhe pedia em seu nome, que logo naõ désse. Ajuntaraõ-se a suas continuas penitencias as mayores, que podiaõ apurar seu sofrimento em rigorosos escrupulos; mas quiz Deos sobisse a mayor prova a sua constancia, porque naõ bastando a larga experiencia de sua vida, (e a mais reformada) permittio, que a perseguissem testemunhos em materias graves, a que a sua innocencia se sacrificou muda, até que o vagaroso crysol do tempo a mostrou justificada. Entrada em annos, cahio entrevada em huma cama, que foy o ultimo purgatorio de sua vida, e huma continua disposiçaõ para acaballa. Acabou-a com finaes de quem principiava a verdadeira.

Demos fim ás memorias desta Casa com a de huma Religiosa, que a teve por berço; taõ pouca era a idade em que veyo buscalla, mas por isso mayor o lucro, que tirou da creaçaõ della. Foy esta a Madre Sor Luiza da Annunciaçaõ, que antes parece, que desconheceo o Mundo, que o deixou; mas dotada de hum taõ claro entendimento, que muito melhor o deixara, se o conhecera. Assim teve sua vida taõ pouco de terrestre, como a que se creara aos peitos da virtude. Nelles bebeo hum espirito taõ robusto, que eraõ inexplicaveis suas penitencias, assim na continuaçaõ, como no modo. Em Quinta Feira Mayor, ao tempo, que sahia a Procissaõ da Misericordia, e por todo o em que corria a Villa, se fechava em o Coro debaixo, ferindo-se com açoutes, que lhe deixavaõ as costas em vivas, e rasgadas chagas, como o promettiaõ golpes continuados em mais de quatro horas.

Sor Luiza da Annunciaçaõ.

No Coro, e mais funçoens da Communidade assim era a primeira, e a mais desvelada, que a sua falta se attribuia logo a doença; e era ella a mais rigorosa, se chegava a prendella. A ancia de conservar, e adiantar a refórma, a poz duas vezes no lugar de Prelada, despois de combatida sua resistencia, e o seu desprezo proprio, que sobre tudo se admirava nella, como se desconhecesse as paixoens de humana. Foy sempre muito pobre; viase-lhe no trato da pessoa, viase-lhe nas alfayas da cella; a mais tenue,

e mais penitente; a cama, poucas horas da noite se servia della, deixava-a pelo Coro em toda a Semana Santa. Mas naõ era nada ser pobre, o mais foy, que de esmolas, e do que lhe dava a Communidade, teve industria para ornar a Capella da Senhora da Assumpçaõ (a quem servia com escravidaõ amorosa) deixando-a rica de prata, e ornamentos dos mais custosos, e aceados, que tem hoje o Mosteiro. No segundo trienio de Prelada, assaltada de hum rigoroso achaque, pedio a absolviçaõ do officio, e retirada á sua cella, começou a viver só para Deos, e passou a lograllo despois de seis mezes de martyrio.

CAPITULO XVII.

Das Madres Sor Isabel de Mesquita, Sor Isabel de Lemos, Sor Estefania de S. Joseph, Sor Francisca Pimentel, Sor Josefa Maria, Sor Filippa de Athaide, do Mosteiro de Santa Anna de Leiria; e de algumas serventes de opiniaõ que viveraõ, e acabaraõ na mesma Casa.

Mosteiro de Santa Anna de Leiria.

EM todos os tempos mostrou bem a Casa de Leiria a grande, e venturosa fecundidade de que a dotara o Ceo, dando-lhe taõ bem doutrinadas filhas, que as outras Casas as buscaraõ Fundadoras, e as escolheraõ Preladas. Achase assim nas noticias de sua fundaçaõ, e ainda hoje se collige das boas disciplinas daquellas primeiras, e grandes Mestras, como se vio na Madre Sor Isabel de Mesquita, regra, e observancia viva daquella Casa.

Sor Isabel de Mesquita.

Foy esta Madre muito nobre, e sendo a sua familia igualmente abastada, dispoz a Providencia de Deos, que em breve tempo se vio desamparada della, mortos seu pay, e irmaons, e reduzido hum unico sobrinho (que ficou de toda a Casa) a taõ extrema miseria, que ella o sustentava da pobre reçaõ, com ser limitada para sua muita parcimonia, mas sempre com rosto alegre, e animo iguál, dando graças ao Senhor pelo exame, que fazia da sua tolerancia, naõ desconhecendo as coroas della. Entre esta, e outras virtudes soube Sor Isabel mais singularmente escolher a melhor parte, porque á caridade foy o mayor emprego de seu espirito. Pelas officinas do Mosteiro, e cellas das Religiosas, mendigava para soccorrer a pobreza, estimando a occupaçaõ de Porteira, que teve grande parte de sua vida, para ser naõ só sua procuradora, mas ainda sua dispenseira. Assim o era de tudo o que tinha, que todo o seu possuir era dispender; mas naõ ficou sem premio, ainda na terra, esta santa prodigalidade.

Achava-se necessitada certa Religiosa, entroulhe na cella, violhe algum dinheiro, pediolho para remediar-se; respondeo-lhe Sor Isabel, que o tinha para pagar a huma pessoa pobre, mas que o levasse, se entendia, que seria mayor sua necessidade; e sem duvida o seria, porque a Religiosa levou o dinheiro. Naõ se passaraõ muitas horas, quando chegando á Roda do Mosteiro huma mulher desconhecida, e pondo nella a mesma quantia, disse, que aquelle dinheiro se entregasse á Ma-

Madre Sor Isabel, e sem dar reposta a alguma pergunta, que se lhe fez, desappareceo. Favoreceo mais o successo para o reparo a resistencia, que fez a Madre ao entregarse-lhe o dinheiro, defendendo-se com constancia, que se lhe naõ devia, e que de ninguem o esperava. Cahio em fim na conta, que era o Ceo o que lho restituia. Naõ lhe deviaõ menos desvelo as necessidades do espirito, meditando continuamente as que padeceriaõ os que gemem no rigoroso carcere do Purgatorio. Assim naõ havia acçaõ penosa, que lhe naõ offerecesse para resgate. Ao romper da manhãa corria os Claustros, lançando agua benta pelas sepulturas das Religiosas falecidas; passava dalli ao Coro, detendo-se na oraçaõ por suas almas; e seria sem duvida cautela para a sua, o que era compaixaõ para as outras.

Desejavaõ as Religiosas (com quem estes, como outros exercicios a tinhaõ posto em reputaçaõ) vella no lugar de Prelada. Teve esta noticia; affligio-se, escusouse, tendo por taõ pezado o officio, que teve por leve o desastre, que a livrou delle, como o foy o cahir-lhe hum lenho sobre a cabeça, que a deixou totalmente surda, e incapaz da occupaçaõ, que a ameaçava. Naõ duvidaraõ muitas Religiosas, que fosse o caso negociado com Deos por supplicas. Tanta foy a tolerancia com que sofreo o golpe! Tanto o gosto de ficar inhabil! Parece, que se podia entender assim, porque chegando no dia seguinte á Portaria hum Religioso de grande opiniaõ, que importunado das Religiosas, fez o sinal da Cruz sobre a cabeça de algumas, chamando todas a Sor Isabel, para que o Padre lhe fizesse o mesmo nos ouvidos, disse com socego, que a deixassem, que naõ queria ouvir, pois o Ceo assim o queria. E na verdade conselho pareceo superior, sendo a mais proveitosa cautela para o socego da vida religiosa, donde facilita o caminho para o commercio do Ceo o fechar-se alguma porta aos da terra.

Entrada em annos, e estando na Enfermaria sangrada de doença perigosa, se lhe soltou de noite huma sangria, acodindo-lhe taõ tarde, que a tiveraõ por morta, e acordando de hum largo desmayo, disse: *Naõ se assustem, que eu naõ heyde ir desta.* Mas naõ tardou muito outra, de que logo segurou, que seria a ultima. Foy assim. Recebeo os Sacramentos, e já sem poder articular a voz, succedeo o que bastou a fazer notavel sua morte, e deixar acreditada sua vida. Fora nella devotissima de huma Imagem da Senhora da Piedade, que antigamente estivera no Coro debaixo, e de quem a Madre Sor Mecia (Religiosa da fundaçaõ da Casa) recebera aquelle grande favor de ver trasladado o Senhor dos braços da Mãy lastimada aos seus, em occasiaõ em que diante della orava enternecida. Escreveo-o o Padre Frey Luiz de Sousa na segunda Parte da Chronica, nas noticias desta Casa. Conheciaõ as Religiosas a devoçaõ extremosa, e desvelada, que Sor Isabel tinha com a Senhora, e rompeo-se no Mosteiro, (sem saber o principio) que a mesma Senhora lhe fallara,

ra, ajudando-o a praticar o verem, que a Imagem tinha agora a boca como entre aberta, assentando o commum reparo das mais antigas da Casa, que a viraõ primeiro sem aquella circunstancia. Era grande a modestia de Sor Isabel, naõ se atreveraõ a averiguar a duvida com ella. Agora que por instantes espirava, assistia-lhe o seu Confessor o Padre Frey Manoel de Torres, e porque tinha noticia das duvidas em que andavaõ as Religiosas, parece, que intentava tirallas dellas, e disse para a moribunda: *Madre, Vossa Reverencia está na hora da sua ventura, deme licença para que possa fallar agora.* Ao que ella acodio com pressa, (como se já naõ tivera embaraço no ouvir) e levando a maõ á boca, a tapou como que naõ dava a tal licença. Assim espirou placidamente, entendendo-se do que senaõ disse, a verdade do que se dizia, e muitas, que poderiaõ auctorizar sua vida, como inferir-se a ditosa, a que passava.

Siga-se a esta Isabel na memoria outra, que a seguio no nome, como na vida. Foy esta a Madre Sor Isabel de Lemos, que tambem como Sor Isabel de Mesquita, foy natural da mesma Cidade de Leiria, naõ menos venturosa por dar a taes filhas berço, como o Mosteiro de lho offerecer melhorado. Taõ tenra foy a idade em que ambas se recolheraõ nelle! Cresceo Sor Isabel, e avultou mais depressa em virtudes, que em annos, porque naõ tinha ainda muitos, quando a sua capacidade a poz no lugar de Prelada, em que se deveo a reforma da Casa tanto á sua vigilancia, como ao exemplo de sua vida. Foy ella larga, assim cheya de trabalhos, e miserias. Poz-se da parte dellas o inimigo das virtudes, e dispoz-lhe algumas ciladas, que vio zombadas, e descobertas com grande sentimento seu, porque no dia em que a boa velha, chegada ás portas da morte, se confessou geralmente, se viraõ no Mosteiro dous effeitos, que bem o pareciaõ da raiva, e impaciencia da serpente venenosa, como foy o encher-se a cella da moribunda, e os Dormitorios de hum cheiro agudo, e insoportavel de enxofre, que examinado, se lhe naõ achou principio; e ouvirem-se ao mesmo tempo no Pomar, defronte da mesma cella, huns gemidos, que em tal lugar, e taes horas naõ podiaõ ser humanos. Entendeo-se melhor quem alterava com estas novidades o socego das Religiosas, quando algumas viraõ, que antes de fazer a moribunda o ultimo termo, mudando-selhe, e alterando-selhe o gesto, desembaraçou huma maõ da roupa, dando com ella duas figas para huma parte da cella, sinal sem duvida de que deixava o inimigo naõ só sem triunfo, mas com vituperio. Entrou logo em hum grande socego, e delle passou a gozar o eterno.

Sor Isabel de Lemos.

Naõ contendeo menos por conseguillo a Madre Sor Estefania de S. Joseph, rara no retiro, e recolhimento, e assistencia do Coro, gastando o que lhe restava, assim do dia, como da noite, em oraçaõ, com tanta suavidade nella, que derretendo-selhe o coraçaõ pelos olhos, se esquecia do descanço,

Sor Estefania de S. Joseph.

ço, ou mostrava, que naõ queria outro. Sua grande refórma, e observancia a fez Mestra de Noviças; com ellas era affavel, e branda, comsigo austera, e esquiva, mostravaõ-no muitas vezes as paredes da sua cella nos sinaes mal dissimulados de rigorosa disciplina. Levava-lhe suavemente os cuidados, e os affectos da alma huma Imagem da Senhora da Encarnaçaõ. Obrigouse a Senhora dos sinceros desejos de sua devota, porque entrada em dias, e cahindo de huma mortal doença, lhe deu a entender a mesma Senhora os avanços com que a servira.

Esperava já sacramentada, e contrita a ultima hora, quando a tomou hum sono pezado. Assistia-lhe huma Religiosa de sua confiança acordou-a, parecendo-lhe, antes lethargo, que repouso. Abrio a moribunda os olhos, e esforçando a voz, lhe disse: *Ay Madre! para que me acordastes? Sonhava eu agora, que cahira em hum grande, e immundo lago, e que chegando a minha Senhora, e tirando-me delle pela maõ, dizia: Naõ te desconsoles, que ficarás limpa; assim o vi logo, e que a minha Senhora naõ me largando da maõ, me levava a hum dilatado, e fermoso campo.* Callou aqui Sor Estefania, e suspendendo-se hum pouco, disse como alcançada do que dissera: *Madre, naõ creais nada do que vos digo, que isto he sonho*; e em breves horas, com sinaes de grande consolaçaõ, passou (como se póde entender com piedosa conjectura) ao campo, a que a levava sua soberana Advogada.

Sor Francisca Pimentel, e Sor Josefa Maria.

Das Madres Sor Francisca Pimentel, e Sor Josefa Maria saõ recopiladas as noticias, que achamos; mas assim singulares as de suas mortes, que saõ o melhor argumento do como viveraõ. Foraõ ambas muy reformadas, recolhidas, e continuas na oraçaõ. Repetia esta a Madre Sor Francisca com entranhavel ancia pelas Almas, e parece, que se lhe quizeraõ mostrar agradecidas, porque entrada em artigo de morte, para que se dispoz com grande resignaçaõ, e conformidade, assistindo-lhe a Communidade, como he costume, ouviraõ algumas serventes, que na Casa tinhaõ bom nome, que no Coro se cantava. Estranharaõ-no como falta de caridade, por lhes parecer seriaõ Religiosas, que faltavaõ naquella hora a taõ precisa assistencia, e passando a examinar o Coro, advertio huma, que entre as vozes, que se ouviaõ, conhecia a de huma Religiosa, que havia tempo falecera com boa opiniaõ na Casa, mas chegando todas, viraõ as cadeiras vasias, nem trouxeraõ mais noticia, que de ser o estylo da musica de Officio de defuntos. Fizeraõ as Religiosas conjectura, que seriaõ as Almas, que vinhaõ assistir, e acompanhar a sua bemfeitora, que na mesma hora passou, e seria a receber o premio de o ter sido.

Naõ foy menos venturosa a morte da Madre Sor Josefa (ainda que lhe precedesse conflicto, sahindo delle com triunfo) porque dous dias antes que falecesse, entrando em grandes agonias, e sem dar attençaõ ao que lhe perguntavaõ algumas Religiosas, levantou a maõ, e descar-

descarregou hum grande golpe em a face; pedio logo, que lhe lançassem agua benta para hum lado da cama, e ficando só com huma Religiosa, de que se fiava, lhe disse: *Madre, como me deixou só, que tive hum grande trabalho com o inimigo, mas acodiome o Senhor.* Deste instante até o em que espirou, se lhe naõ ouvio mais que darlhe graças, passando a entoallas com os Córos dos Anjos.

Sor Filippa de Athaide.

Parece, que pizou o mesmo caminho, naõ conhecendo em toda sua vida outro mais que para Deos, a Madre Sor Filippa de Athaide, illustre por nascimento, mas mais conhecida por hum zelo ardente, e huma resoluçaõ livre, com que reprehendia as mais leves quebras da observancia. Na do Coro taõ continua, que como se os achaques (que padecia muitos, e intoleraveis) a respeitassem, recolhida áquelle Sagrado, era a primeira, que a todas as horas junto á estante dava alma áquella sagrada melodia, com huma voz clara, e chea, de que era dotada. Acabadas as horas, e Missa, ficava em oraçaõ até á mesa; occupaçaõ, que repetia assim de dia, como de noite, a toda a hora, que tinha livre, e o mesmo era levantar a Deos o espirito, que começarem a cahir de seus olhos taõ copiosas, e continuadas lagrimas, que entraraõ as Religiosas no reparo de que naõ seria só compunçaõ o motivo dellas. Fez-lhe a pergunta huma, que tinha mais familiaridade com ella, a que respondeo com singeleza: *Madre, como naõ heide chorar? Orar naõ sey eu; sey, que em me pondo diante de Deos, vejo o braço de sua justiça, levantando huma espada para castigar minhas culpas; e se ellas saõ tantas, como seraõ as lagrimas poucas?*

Pobre, e humilde edificava a quem a via, e a tratava; porque sendo taõ bem nascida, e tendo huma tença grossa, naõ usava do que tinha, nem tinha outro conceito do que era, mais que o da mais abatida servente da Casa; huma, e outra cousa se via no trato de sua pessoa. Contava muitos annos neste estylo de vida, quando a assaltou huma febre aguda; recebeo logo com grande consolaçaõ de espirito os Sacramentos, e a ultima noite, que teve de vida, viraõ as Religiosas, que lhe assistiaõ, que mudando-selhe o semblante (entre accidente de fermosura, e alegria) sorrindo-se, estendia os braços, como que queria receber a alguem nelles. Assistia-lhe huma irmãa sua á cabeceira, e perguntou-lhe admirada, que novidade era aquella; ao que disse, naõ como reposta, mas como quem acabava de entender o que via: *Sim, sim, a parenta, que me vem buscar.* E dalli a pouco espirou, continuando-selhe tal alegria no semblante, como se desconhecera os horrores da morte. Entenderaõ logo as Religiosas, que a parenta de que dizia vinha buscalla, era huma Religiosa, parenta sua, falecida havia muitos annos na mesma Casa; naõ ficou della mais que esta memoria, e a de que se chamava Dona Violante, mas as circunstancias com que parece a via, e fallou nella a moribunda, a seguravaõ digna de occupar esta escritura com mayor noti-

noticia Fique esta para argumento de sua vida, e queixa da omissaõ de quem podera apontalla.

Mas passemos das Religiosas desta Casa ás serventes della; e sejaõ estas o appendice da vida daquellas, pois ao seu exemplo se fizeraõ capazes de nos dar assumpto. Naõ digaõ os politicos do Mundo, que podendo só ser contagiosos os males, só elles se participaõ com a visinhança, porque na pratica do Ceo tambem se pegaõ as virtudes. E porque havia de ter mais industria a malicia, que a graça? Tenhaõ embora sequito os peccadores; que santos, se o naõ tem taõ numeroso, temno mais admiravel. Foy experiencia, que se desempenhou nesta Casa, sendo as serventes della humas vivas estampas das heroicas virtudes das Religiosas, como as que vivendo de portas a dentro com o seu ensino, se adiantaraõ com o seu exemplo; assim vieraõ a desempenhar por escolha, o que viaõ obrar por obediencia.

Margarida dos Anjos.

Seja huma das que melhor o executou, Margarida dos Anjos, que entrando nesta Casa com esperanças de Freira Conversa, faltando a poucos mezes de sua entrada quem lho promettera, se via importunada de seus pays, que intentavaõ levalla para casa; mas tinha já lançado grandes raizes em sua alma a resoluçaõ de pizar aquelle caminho, que via taõ trilhado das cultivadoras da virtude, e naõ era já só com desejo, mas passava a exercicio. Esquivou-se a promessas, e a diligencias, escolhendo antes viver na Casa de Deos com abatimento, que abrir os braços, e os ouvidos ás esperanças com que a chamava o Mundo. Dizia, que Deos era melhor, e verdadeiro Pay, e que os que queriaõ ser verdadeiros filhos, deviaõ erguer os olhos só á sua Providencia, que nunca soubera faltar á bem fundada confiança. Com este animo ficou no Mosteiro, servindo na Enfermaria delle com huma taõ extremosa caridade, que só o tempo, que se furtava ao sono, para dar a Deos, podia chamar seu, porque naõ havia hora, em que as enfermas a naõ achassem á cabeceira, assim para o regalo, como para a mesinha.

Nesta occupaçaõ lhe cançaraõ as forças; deu o lugar a quem as tivesse mais robustas, por naõ consentir as enfermas mal servidas, e sogeitouse a assistir a algumas Religiosas, com o lucro de que sendo menos o trabalho, lhe sobejasse mais tempo para fervorosos exercicios, assim de penitencia, como de oraçaõ. Esta a levava antes de amanhecer para o Coro. Sua mais extremosa devoçaõ era com a Imagem de hum Menino Jesus, a que (em podendo) assistia occupada; naõ o largava da lembrança; nelle era toda sua pratica. Entrouse hum dia da meditaçaõ do que aquelle Senhor padecera, (passava acaso pela casa, que chamaõ do Rosario) eis-que se lhe representa, que via passar o Senhor com o madeiro nos hombros, cubertos, e banhados os olhos, e o rosto em sangue, desfalecido, e attenuado, como se a cada passo o desamparara o espirito. Perguntavaõ-lhe despois algumas Religiosas, que a viraõ

raõ naquella occasiaõ parar, e suspenderse como extatica, qual fora o motivo, e ella o declarava com huma grande sinceridade, e singeleza.

Naõ sofria o inimigo della, como pay do engano, e da astucia, que huma mulher rude, e simplez lha deixasse frustrada. Naõ havia caminho por donde naõ intentasse atalharlhe o que pizava a sua perseverança; atemorizava-a com estrondos, ameaçava-a com precipicios, finalmente apparecia-lhe horrivel, e formidavel para divertilla de seus exercicios santos. Succedeo assim em huma madrugada, porque indo nella (como costumava) para o Coro, ao atravessar a casa do Rosario, vio, que de huma, e outra parte lhe occupavaõ, e cobriaõ as paredes homens armados, que com aspectos medonhos, e indignados a ameaçavaõ, se intentasse passar. Deixou a Serva de Deos de atemorizada o caminho, e tomando outro, foy ter sua oraçaõ em huma Capellinha retirada de mayor commercio, adonde a continuou algum tempo, até que mais esquecida do successo, tornou ao Coro.

Occupados, e bem gastos muitos annos em similhantes exercicios, cahio de huma doença mortal. Levaraõ-na as Religiosas para a Enfermaria, assistindo-lhe todas com grande caridade, chamadas da boa opiniaõ de sua virtude. Cresceo o mal, e huma noite, que se achava só, advertio huma Religiosa, que estava na mesma Enfermaria, que ella com voz, e respiraçaõ cançada se queixava de que morria sem Sacramentos, e desamparada das suas Religiosas. A esta queixa (como ouvio a mesma Religiosa decumbente) se seguio huma voz, que claramente dizia: *Naõ te desconsoles, que naõ morrerás sem as tuas Freiras.* Entaõ se encheo toda a Enfermaria de huma claridade taõ estranha, que excedia a luz do dia; percebendo-se hum rumor como de pessoas, que se hiaõ movendo a compasso, e como sem estrondo de calçado. Atemorizou-se a Religiosa, deu vozes, que lhe acodissem, e quando chegaraõ a ella, a acharaõ entrada em hum desmayo, que passado, contou o que havia visto, e ouvido. Passaraõ a examinar a mesma Margarida, e perguntando-lhe, que tinha visto, ou com quem tinha fallado, respondeo com hum semblante cheyo de hum novo vigor, e alegria: *Que nem vira, nem sabia de nada.* Era reposta muy repetida de sua modestia. Recebeo os Sacramentos entre effeitos de compunçaõ, e alvoroço, e passou a lograr a felicidade, que se lhe conjecturava nelle. Foy sua morte em hum Domingo 17. de Fevereiro de 1686.

Naõ deixemos em silencio os nomes de outras duas serventes, ainda que mais antigas, mas naõ de menos credito, e argumento do como se cultivava a virtude nesta Casa, servindo tambem esta memoria de castigo á omissaõ della, porque sem duvida mayores assumptos nos devia de roubar o tempo, e o descuido em vidas de mulheres, que mereceraõ o que agora veremos. Tinha-se mandado do Mosteiro fazer huma Imagem de Santa Barbara, appetecida da devoçaõ das Religiosas,

giosas, como perseguidas naquelle sitio, e suas visinhanças de medonhas trevoadas. Por este tempo se achavaõ huma madrugada as duas serventes, de que fallamos, no Claustro, a que desceraõ para serviço de huma officina, quando viraõ, que por elle passava huma menina de rara fermosura, e estranha, como rica gala. Suspenderaõ-se como as que sabiaõ, que naõ havia daquella idade secular alguma na Casa, menos quem áquellas horas passeasse por ella. Parou a menina, e detendo-se pouco espaço, desappareceo, observando ellas o lugar. Chegou ao seguinte dia a Imagem da Santa, e vista por ellas com a memoria fresca, testemunharaõ, que era aquella a menina, que tinhaõ visto no lugar do Claustro; nelle se lhe abrio hum nicho, em que a Imagem se poz, e he venerada, conservando-se nella esta memoria. Chamavaõ-se as serventes Luiza Carreira, e Maria das Chagas.

A esta antiguidade encostaremos outra, de que naõ achamos noticia na Chronica, mas achamos traductaõ inveterada, e segura na Casa, ainda que o tempo nos roubou huma parte muy essencial, como foy o mome da Religiosa, que nos offerece a presente materia; mas naõ se sepulte a este Mosteiro a gloria de ter mais huma filha digna desta escritura. Orava esta Religiosa em certa occasiaõ diante de hum Crucifixo, cresceo o fervor do espirito, buscou nas lagrimas o desafogo, e favorecida das mudas vozes dellas, sempre ouvidas do Ceo, esforçou a sua, pedindo ao Senhor, que a fizesse do numero das predestinadas. Eis-que ouve clara, e distintamente huma voz, que lhe dizia: *Lava-me estes pés com essas lagrimas; que es do numero das escolhidas.* Atemorizouse a Religiosa, e levantando a voz, correo para huma Ermida de Santo Antonio, que está na Cerca, como buscando companhia nas Religiosas, que alli assistiaõ a toda a hora. Naõ faltaraõ algumas, que fizeraõ reparo no successo, naõ podendo tirar da Religiosa mais infórme delle, que o susto, e o retiro; ao seguinte dia disse o Confessor a toda a Communidade, que dessem a Deos as graças pelo favor, que fizera a huma Religiosa daquella Casa; e por morte della se teve inteira noticia.

Muitas nos deixara sepultadas a pouca advertencia de recolhellas. Lamentavel herança desta Casa, que fundada no rigor da observancia, (que entaõ florecia nesta Provincia) e povoada de espiritos com que se adiantava huma, e outra, sempre ficou defraudada, e queixosa do muito que se deixou desperdiçar nella, valendo-se sempre assim nosso antecessor, como a nossa diligencia, do remedio da tradiçaõ, talvez diminuta.

CA-

CAPITULO XVIII.

Das Madres Sor Catharina do Presepio, Sor Isabel de Christo, Sor Aldonça da Magdalena, Sor Magdalena do Horto, Sor Marianna de S. Miguel, Sor Joanna de Jesus, Sor Catharina da Cruz, do Mosteiro de Nossa Senhora da Saudaçaõ de Montemôr o Novo.

Mosteiro de N. Senhora da Annunciaçaõ de Montemôr o Novo.

SIga-se venturosamente á Casa de Santa Anna de Leiria, a de Nossa Senhora da Saudaçaõ, de como a que deveo áquella as primeiras Mestras da sua observancia, como foy a Madre Sor Isabel Vaz, e duas companheiras. Em nenhum tempo lhe faltaraõ gloriosas discipulas, cultivadoras deste jardim de virtudes, titulo que mereceo em todas suas idades, como lho deu na sua primeira o Padre Frey Luiz de Sousa. Vello-hemos agora nas Religiosas, que floreceraõ nesta mais visinha, e seja a primeira a Madre Sor Catharina do Presepio, a quem deu o sobrenome a devoçaõ extremosa da representaçaõ deste mysterio, que desde os primeiros annos, que veyo para esta Casa, até os oitenta, que contou de vida, lhe servio de meditaçaõ, e de pratica, porque sobre desconhecer totalmente todo o comercio do Mundo, naõ se lhe ouvia fallar mais que em Deos nascido. Com elle na pobreza, e na ternura dos primeiros alentos, reclinado no tosco, e desabrigado leito das palhinhas eraõ os seus cuidados, os seus requebros, entoando-lhe ao Orgaõ, e outros instrumentos em que era destrissima, letras com mais devoçaõ, que arte, que a cada hora lhe compunha, ensinando-as, e convidando com ellas as Religiosas, para que a ajudassem a louvar o Senhor de todas.

Sor Catharina do Presepio.

Foy sua vida inculpavel, mortificada, e exercitada em todo o genero de virtude, em todo de aspereza. Confirmou-o sua morte. Esperava o ultimo golpe della, recebidos com suavidade todos os Sacramentos, quando entenderaõ as Religiosas, que lhe assistiaõ, que entrava em batalha com inimigo, porque mostrando affliçaõ, e desasocego, viraõ que voltado o rosto a huma parte da cella, respondeo duas vezes com esperteza, e promptidaõ rara naquella hora: *He mentira, he mentira.* Assistia-lhe o Prelado, pozlhe preceito, que dissesse o que via, (porque ao mesmo instante lhe ficou o semblante sereno, e alegre) respondeo: *Que vinha a Menina buscar a velha.* Era estylo seu chamar Menina á Senhora da Appresentaçaõ, de que era devota, e era aquelle o seu dia. Tornou a alvoroçar-se como que se lhe representava assumpto de nova alegria, e attendendo ao que lhe mandava o Prelado, disse: *Que vinha toda a Corte do Ceo a acompanhar a Senhora*; logo foy nomeando os Santos, de que era especial devota, accrescentando: *E por coroa chega o meu Evangelista*; e cerrando suavemente os olhos, passou a acompanhar aquella soberana, e bemaventurada esquadra.

Sor Isabel de Christo.

Naõ trabalhou menos para merecer a sua companhia a Madre Sor Isabel de Christo, que desde menina se criou nesta Casa,

ſa, adonde entrou como outro Samuel conſagrado a Deos pela promeſſa dos pays, que o receberaõ quando menos o eſperavaõ; venturoſos os de Sor Iſabel em terem mais filhos, como em nobreza, e bens de fortuna, mas mais venturoſa a filha em lhes darem outro Pay, e melhor Caſa. Diſpoz tambem o Ceo, que ſe accommodaſſe com as penſoens della, porque ſendo Sor Iſabel rica pelo que tocava á ſua legitima, por caſos, e demandas chegou a entrar no noviciado taõ pobre, que eſcaſſamente teve dote, mas por iſſo melhorada no da virtude. Mas tal era a induſtria de ſuas maons, e tal a de ſua diligencia, que ſó com ella fez grandes obras na Caſa, como foy hum juro, que rendeſſe para a Feſta do Sacramento; lavroulhe retabolo, e tribuna; e o dia que a vio acabada, banhada em lagrimas, e proſtrada por terra, lhe dava graças, por aceitar de huma pobre aquelle pequeno tributo naquella Capella, que feita de eſmolas, era o gaziofilazio de Chriſto. O exemplar de ſua vida a poz no lugar de Prelada, que exercitou com grande refórma. O jejum da Conſtituiçaõ á riſca, comendo ſó huma vez ao dia, e da reçaõ, por mais que limitada, era a melhor porçaõ para hum pobre. Todos os dias huma diſciplina de ſangue. Oraçaõ no Coro o mais do tempo, e (para a occultar) no que furtava ao ſono. Teve dom de lagrimas; entre hum fervoroſo impeto dellas ſe lançava por terra ao ouvir as oito horas da noite, em veneraçaõ da inſtituiçaõ do Santiſſimo Sacramento, centro, e termo de todos os ſeus cuidados, e exercicios.

Uſou ſempre lãa junto á carne, e cama huma cortiça. Nada ſe via em ſua cella, nada no trato de ſua peſſoa, que naõ prégaſſe penitencia. Seguio-ſelhe á muita idade a morte; precedeo-lhe huma doença, de que logo diſſe que morria. Recebido o Viatico, repararaõ todas, que ſe lhe inflammava o roſto, como ſe nelle ſe lhe ateara huma labareda; e perguntandolhe a cauſa, reſpondeo: *Naõ poſſo dizella, mas peſſo a todas, que ſejaõ devotiſſimas do Santiſſimo Sacramento, porque he inexplicavel o premio.* Eſtava já muy proſtrada, naõ pode, por mais que ſe animava, pôr os joelhos em terra, (porque recebeo o Senhor veſtida) e vendo que naõ podia, levantou a voz ſonora, e clara, e começou a entoar o Hymno do Sacramento: *Sacris ſolemniis juncta ſint gaudia.* Continuo-o, mas já ſe lhe naõ percebia com a fraqueza, e acabou com elle venturoſamente a vida. Por ſua morte ſe acharaõ os inſtrumentos de ſua penitencia, diſciplinas, cilicios, e huma cruz de metal com grandes, e agudos bicos; era eſta o martyrio de toda a Quareſma, ſeſtas feiras de todo o anno, e veſperas de Communhaõ. Faleceo em huma quinta feira, dia conſagrado ao Santiſſimo, como ſe a ſua devoçaõ o eſcolhera para o venturoſo daquella jornada.

Sor Aldonça da Magdalena.

Seguio-ſe á Madre Sor Iſabel a Madre Sor Aldonça da Magdalena, aſſim no ajuſtado da vida, como na eſpecial devoçaõ do Sacramento, que parece lhe ficou em herança, ſendo

do esta Madre huma das que escutaraõ a Sor Isabel, quando á hora da morte aconselhou esta devoçaõ como mais importante. Desempenhou-se bem com ella Sor Aldonça nas obras, que fez para o culto do Senhor, dispendendo com maõ larga, e grandiosa, porque sendo-o a sua tença, era ella a mais pobre, porque tudo dava. Era esta Madre filha de Dom Fernando Martim Mascarenhas, e Dona Maria de Alancastre; e como se na nobreza se estudasse a humildade, era taõ humilde, como nobre. Nada se ouvia em suas palavras, que naõ soasse a desestimaçaõ propria, nada se reparava em sua pessoa, que naõ servisse de edificaçaõ a quem a via.

A' do Sacramento ajuntava a devoçaõ do Rosario; huma, e outra lhe occupava o tempo, que lhe restava do Coro. Levavaõ-na para elle de madrugada, porque de cincoenta annos perdeo a vista. Alli gastava o dia, acompanhando a Communidade no canto, e na reza, porque tudo sabia de memoria. Assaltada de doença grave, pedio que a levassem para a Enfermaria, que hia acabar nella. Foy a doença rigorosa, como dilatada, sem que as dores alterassem o socego de sua paciencia. Recorria ao ultimo alivio de sua alma, que era commungar algumas vezes. Apertaraõ-na humas rigorosas dores nos pés de sorte, que pedio a huma servente, que lhe assistia, que se quer com as maons lhos fomentasse, porque aquellas eraõ dores de morrer. (parece, que a ouvira a servente alguma hora, pedindo ao Senhor na Cruz, que lhe désse a sentir o que padecera nella) Respondeo-lhe agora: *Madre, naõ pedio Vossa Reverencia a Christo crucificado, que lhe désse a sentir o que tinha sentido?* Ao que tornou a Madre: *Sim, sim pedi*; mas cahindo logo no que tinha dito, accrescentou: *Naõ sey se pedi, mas ainda que pedisse, quem sou eu para lhe merecer esse favor?*

Achava-se já muy prostrada, e praticavaõ entre si algumas Religiosas, que estavaõ na cella, que naõ durava mais que aquelle dia. Levantou a voz, e disse: *E á manhãa naõ presta, que he dia de Nossa Senhora?* Voltou logo para huma irmãa sua, que sentio chorar, e disselhe, que se naõ desconsolasse; e que já que as Freiras a respeitavaõ como Mãy, fizesse porque entre todas se conservasse a paz; que ella estava com a verdadeira em sua alma, e que alli tinha á sua cabeceira huma leiguinha muito fermosa, que lhe fizera, e fazia muitos bens; e a Senhora do Rosario com muitos em a maõ. Costumava esta Madre dar nas primeiras Domingas do mez os Rosarios, que se tiraõ por sortes; parece que lhe quiz mostrar a Senhora a que aquelle pequeno dispendio a obrigara. Da leiguinha se entendeo, que seria Santa Rosa, de que era muy devota, e lhe chamava a Santa leiguinha. Pedio dahi a poucas horas, que lhe chamassem o Confessor para se reconciliar, que já estava Sacramentada, e dizendo-lhe, que para o dia seguinte, que era o Sabbado, por naõ ser já hora, respondeo: *E quem vos disse a vós, que entaõ terey eu falla?* Succedeo assim; e recebida a Unçaõ no Sabbado

do que dissera, cerrou os olhos taõ suavemente, como quem os abria no dia da eterna felicidade.

Sem duvida, que he a mayor dos Justos (em quanto andaõ nesta vida mortal) o padecer, pois saõ esses os mimos com que o Ceo os tem regalados. Vejamolo na Madre Sor Magdalena do Horto, de vida taõ exemplar, que concorrendo Religiosas de grande espirito neste Mosteiro com ella, a singularizaraõ para Prelada, mas com tanto excesso caritativa, que sobre dispender o que tinha com as que necessitavaõ, com maõ taõ larga, que se fez pobre, da mesma sorte applicava ás mesmas os bens, e contingentes da Communidade; mas dando lhe isso em cargo, largou o governo, dizendo, que se ella naõ havia de remediar necessitadas, para que queria ter subditas? Solta deste embaraço, a naõ achavaõ mais que na cella, e no Coro. Fez o Ceo nella huma rara harmonia, porque unio hum grande entendimento com huma grande singeleza, e penetrando tudo, em nada achava malicia. Parece, que picou ao demonio esta sinceridade de animo em taõ prompto juizo, pela opposiçaõ de ser elle aquella infausta Intelligencia, em que se uniraõ a sciencia, e a malicia. Começou de perseguir a Sor Magdalena.

Sor Magdalena do Horto.

Em hum vulto negro se lhe offereceo, tomando-lhe o caminho de huma escada. Fez forças para a lançar por ella, mas a boa velha, (que bem o conhecia) encostando-se á parede, levantou a voz, e disse lhe destemida, e segura: *Como ha de ser isto? ou para cima, ou para baixo.* E desappareceo o vulto; mas parece, que teve mais larga licença outra vez, que entrando-lhe na cella, a tempo que ella se levantava da oraçaõ, lhe deu hum encontro com tanta violencia, que cahindo, desmanchou hum pé, e com tanta enormidade, que por mais curas, que se lhe fizeraõ, sempre a lesaõ foy a mesma, como igual a paciencia com que sofreo naõ só as dores da quebra, mas os rigores da cura. Assim passou toda sua vida em hum continuado tormento, aliviado no conhecimento de que Deos o aceitava, pois o permittira. Mas nem este, nem os annos a fizeraõ dispensar no rigor de seus exercicios, os mais penosos occultos. Já visinha á morte, viraõ as Religiosas, que lhe rodeavaõ a cama, que alterada com huma repentina alegria, se sentava nella, dizendo a todas, que ajoelhassem, porque chegava a Rainha dos Anjos; e ficou logo taõ transportada, e fóra de sentidos, que entenderaõ, que espirara.

Tornou despois de grande espaço em si, e por mais perguntas, e diligencias, naõ respondeo ao que se lhe perguntava do que vira, antes por espaço de trez dias, que ainda viveo, naõ tomou nem agua, nem cousa de sustento, como se só o foraõ os grandes segredos, em que estava elevado seu juizo, (que o tinha inteiro) como outro Paulo. Assim espirou em venturoso socego. Viraõ-selhe despois nos pés sinaes de chagas, e nas costas de açoutes, como se seu Esposo a tivera feito em vida huma estam-

Erat ibi tribus diebus, & non manducavit, neque bibit. Act. 9. v. 9.

pa

Mortificationem Jesu in corpore nostro circunferentes. 2. ad Corinth. v. 4.

pa sua. A roupa do leito em que estivera, respirava fragrancias, como o que fora urna de huma Feniz, que acabava de espirar caduca, para viver eterna.

Sor Marianna de S. Miguel.

Em mais longa vida, e igualmente penosa o pertendeo a Madre Sor Marianna de S. Miguel, que nesta Casa faleceo de cem annos, sendo em todos os que teve de Freira, hum retrato da observancia, e especial da pobreza religiosa. Para si naõ reservou nunca cousa alguma; o que lhe davaõ, ou de esmola, ou de propina, ajuntava, applicando-o para algumas pessas de prata, que deu a Santos de sua devoçaõ, singularmente a Nosso Padre, a que a levava hum taõ vehemente affecto, que parece, que a tirava de seu sizo. Só nelle fallava, só delle queria ouvir fallar. No dia do Santo, levantada ante manhãa, corria o Mosteio, tocando hum adufe, e cantando, e chamando as Freiras, que viessem para o Coro, para fazerem o dia mais largo. A letra era composiçaõ sua, feita, e cantada com mais devoçaõ, que arte, e harmonia. Ficou, e fique em memoria para argumento de huma Santa singeleza, e vinha a ser:

Despertay Freiras filhas
de S. Domingos de Gusmaõ,
do meu coraçaõ, do meu coraçaõ.

Pagaõ-se os Santos muito das verdades delle, ainda que despidas de artificio, e conceito; e parece, que se pagou Nosso Patriarcha das do extremo de Sor Marianna, porque assim o mostrou o desempenho com que se houve com ella. Cahio doente, dando logo a entender, que era chegada sua morte; e estando para se lhe dar o Viatico, disse, que lhe pozessem huma toalha lavada, e outra para commungar. Era de madrugada, escusavaõ-se as Religiosas, que se achavaõ na cella, que naõ tinhaõ vindo os Padres, que estivesse socegada; ao que respondeo: *Eu bem sey o que digo, pouhaõ-me a toalha, e cheguem-me outra, que está aqui Nosso Padre S. Domingos para me dar a Communhaõ.* Admiravaõ-se as Religiosas da segurança com que o dizia, e porque o repetia, e instava, a compozeraõ de toalha, e chegando-lhe outra, abrio a boca, e a cerrou como se commungara, ficando por tempo consideravel como sepultada em igual repouso, que silencio. Durou mais alguns dias em que tomou o Viatico, mas naõ se lhe ouvio mais palavra; viraõ-se sim grandes demonstraçoens do alvoroço de seu espirito, com que espirou, ficando com hum tal semblante, como se desconhecera a idade, e a morte.

Sor Joanna de Jesus.

Naõ foy menos a singeleza de outra Madre, que de maduros annos, mas na innocencia menina, veyo para esta Casa. Foy esta a Madre Sor Joanna de Jesus, taõ observante das leys,

leys, que professara; como da que lhe ensinaraõ como Catholica nos dous preceitos, em que sempre andava meditando, amor de Deos, e amor do proximo. A oraçaõ, ou vocal, ou mental, lhe levava o mais do tempo, cortando ainda pelo do sono. A caridade com o proximo taõ prompta, e taõ desvelada, que diante della se naõ havia de dizer palavra, que o offendesse. Se naõ era facil a defensa, deixava a pratica. Assim vivia huma vida inculpavel, e quieta, antes ignorando, que fogindo a malicia. Adoeceo gravemente. Foy rara sua tolerancia, mayor a constancia com que soportou os tiros do inimigo, que entaõ reforçou como desesperado.

Huma noite, que descançava a doente, e estava para se lhe dar huma bebida, eis-que a hum golpe de vento tempestuoso se apagaõ todas as luzes da Enfermaria. Levantaraõ a voz algumas Noviças, que assistiaõ nella, porque cresceo o temor com o estrondo como de huma grande ruina. Acodem as Religiosas assustadas, achaõ a doente mortificada com o pezo de huma cadeira, que tinha ficado aos pés da cama, e agora lha tinhaõ lançado sobre o corpo com violencia. Huma panella em que fervia o medicamento, entornada, e apagado o lume em que fervia. Perguntaõ-lhe pela auctora de tanto mal; e responde ella com tanta singeleza, como segurança, apontando para huma parte da casa: *Quem foy? Foy o diabo, heilo alli está: Agora se escondeo entre aquellas Noviças, lancem-lhe agua benta.* Lançaraõ-na, e accrescentou ella: *Já lá vay pela porta fóra.* Admiravaõ-se as Religiosas do succedido, quando voltando a reparar na doente, viraõ, que alternadamente se suspendia, e alegrava; e perguntando-lhe, que novidade a movia, respondeo com alvoroço, que era a Mãy de Deos, que a visitava; e accrescentou logo: *E S. Joaõ Bautista.* Continuaraõ-lhe as perguntas, mas sem mais attender a ellas, nem fazer mais movimento, espirou, cerrando os olhos como em descançado sono.

Sor Catharina da Cruz.

Ponhamos fim ás noticias desta Casa com huma Religiosa, que já o era antes de entrar nella, como foy a Madre Catharina da Cruz, que nascendo para o Ceo, assim se começou nos primeiros annos a esquivar ao Mundo, que em casa de seus pays até com os irmaons cerceava o commercio; nem tinha, nem buscava outro mais, que com Deos retirada a hum Oratorio. Recolhida, e professa no Mosteiro, continuou seus exercicios assim penitentes, como devotos, e todo o seu antigo estylo de vida, sem accrescer mais que o merecimento da obediencia, só se melhorou de segredo, e cautela (que naõ podia ter em sua casa) de que nasceo a pouca noticia do estylo com que se mortificava, porque assim vivia solitaria, e escondida, que lhe chamavaõ a Sepultada.

Vio-se com huma tença grossa, que estimou para dispenseira da pobreza; tudo punha nas suas maons, attendendo primeiro ás necessidades da Casa. Naõ as houve nella de trigo, em quanto teve a occupaçaõ do Celeiro,

leiro, antes se fez reparo, e vio com admiraçaõ, que tendo as mesmas rendas, e tratando-se a Communidade com largueza, assim sobrava, que se vendia. Já muy entrada em annos, (que contava noventa) lhe tomou parte do rosto hum sinal vermelho, que engrossando, e escurecendo-se com deformidade, mostrou a fórma de hum bicho, apertando-a com tanta violencia, que lhe ameaçou a vida, entendendo-se, que morreria suffocada. Era igual a paciencia, mas mayor o desvelo de aparelhar-se para o ultimo golpe della, que naõ tardou muito com huma morte taõ ditosa, que o mesmo Ceo a deu a conhecer a toda a Villa, porque estando a doente para espirar, se vio sobre o telhado da Enfermaria huma luz em fórma de labareda, e imaginando da Villa, que seria fogo, correraõ ao Mosteiro a tempo, que espirando a doente, se apagou a luz.

De mais Religiosas podera haver similhantes noticias, mas saõ as desta Casa taõ escrupulosas em referillas sem exacta prova do succedido, que nem nos podemos queixar de se nos apoucar o assumpto. Naõ o perderemos, (se Deos nos der vida) alargando-se o tempo, porque até o presente he a Casa reformada, e digna de se esperarem della iguaes empregos para nova escritura, e continuados creditos para esta Provincia.

CAPITULO XIX.

Da Madre Sor Maria das Chagas, filha do Mosteiro de Nossa Senhora da Annunciada de Lisboa.

Mosteiro da Annunciada de Lisboa.

FOy esta Casa da Annunciada aquella copia taõ viva da primeira observancia Dominicana, que se naõ contentou com as imitaçoens, e similhanças da Casa de Jesus de Aveiro, (de donde para ella vieraõ as primeiras mestras de espirito, como da mais celebre classe delle, que reconhecia aquella idade) mas a voto de bom juizo, parece que competia com a primeira aspereza das observantes de S. Xisto em Roma, jardim cultivado com o desvelo de Nosso Santo Patriarcha. A tanto chegou a reputaçaõ desta Casa nos seus principios, e assim o foy conservando até estes nossos tempos, como se desconhecera a injuria delles na continuaçaõ da refórma, e nos gloriosos effeitos della. Começamas a vello em huma de suas filhas, e desculpese-me huma pequena digressaõ, a que me dá motivo, e a que o affecto nacional me leva gostoso, e desculpado.

Que se povoe o Ceo de espiritos, tirados das Thebaidas, das Palestinas, dos desertos, e das brenhas, hospedarias dos peregrinos da terra, que a vaõ pizando até chegarem á Cidade permanente, (que aqui naõ tinhaõ, nem acharaõ) em que descançaõ como Patria sua domesticos de Deos por todas as eternidades, naõ he muito, porque as Palestinas, e as The-

baidas saõ as classes, em que se ensina a pizar aquella estrada, e as hostiarias, em que se toma o sustento para continuar o trabalho della. Mas que nas Cortes, nos Palacios, nos Templos da soberania, e magestade humana, se crie hum espirito desapegado do seu centro, descontente das meiguices da fortuna, e negaças da vida, deixando tudo atraz para buscar as pizadas dos que pobres, e amortalhados correm com ancia a abraçar os descommodos da vida, e os rigores da penitencia, bem parece particular disposiçaõ da Providencia de Deos, que com estes exemplos, tantas vezes repetidos nos Palacios Portuguezes, quer que os reconheçamos seminarios da virtude, de donde costuma tirar já industriados os seus mimosos. Entendello-ha melhor quem tiver noticias das suas Chronicas; agora continuemos essa experiencia na vida de Dona Maria de Vilhena, Sor Maria das Chagas despois de recolhida a esta Casa.

Sor Maria das Chagas.

Foy Dona Maria filha de Fernando da Sylva, e de Dona Brites de Vilhena, Fidalgos taõ conhecidos, como virtuosos, que governando esta Coroa El-Rey Dom Sebastiaõ, (com quem Sebastiaõ da Sylva, irmaõ de Dona Maria, morreo em Africa) viviaõ na Corte de Lisboa. Morta sua mãy Dona Brites, resolveo seu pay, e parentes, que Dona Maria se recolhesse no Paço por Dama da Infante Dona Maria, como da Rainha Dona Catharina o fora sua mãy. Achou bom agrado na Infante, boa aceitaçaõ no Paço, lugar, que tambem lhe grangearaõ as prendas de fermosura, discriçaõ, e modestia, qualidades juntas, que podendo a jurar Feniz humana, a deixavaõ segura de toda a competencia. Mas naõ bastava o applauso commum, e aquella vaidade nativa dos idolos da fidalguia, e da belleza, para que Dona Maria se esquecesse das experiencias, em que cada dia examinava que naõ passavaõ todas de humas estatuas de barro, a que a pedra da sepultura desfazia em cinza.

Assim se entrava continuamente de hum maduro conhecimento da improporçaõ, que tinha aquella vida com tantas larguezas, andando-lhe os instantes da morte contando as pizazas, sem que podesse a mais advertida cautela prevenir a ultima. Bem alcançava Dona Maria com hum entendimento claro que eraõ golpes, com que o Ceo despertava o seu descuido, e com hum genio docil correspondia com bons propositos, mas logo enfraqueciaõ estes com leves embaraços. Succedeo neste tempo ir ao Paço, chamado a huma importancia de espirito, o Padre Frey Thomé de Jesus, Eremita de Santo Agostinho, pessoa de boa reputaçaõ em virtude, e letras (conceito, que confirmou, falecendo em as masmorras de Barbaria com hum raro exemplo de paciencia, deixando escrito aquelle livro, que se intitula Trabalhos de Jesus). O conhecimento, que deste Religioso se espalhava por toda a Corte, convidou agora a Dona Maria, para que o buscasse, praticando com elle as vehemencias, e frouxidoens do seu proposito; sahindo (do que lhe ouvio) abrazada

zada em desejos de executallo. Propoz logo recolher-se em o Mosteiro da Madre de Deos, adonde sobre a chamar a refórma daquella Casa, se lhe facilitava a entrada nella, pelas repetidas vezes, que a Infante a fazia.

Assim o determinou em seu coraçaõ, sem dar parte a pessoa alguma; e chegada a occasiaõ de entrar com a Infante naquelle Mosteiro, nelle se lhe deu huma carta de Frey Thomé, em que a advertia, que naõ ficasse naquella Casa, porque era Deos servido que fosse em outra. Suspendeo-se, e admirou-se com a advertencia, medindo bem, que sem revelaçaõ naõ podia ser sabido, o que naõ teve mais testemunhas, que seu mesmo pensamento. Voltou para o Paço, donde por mais que se valia de seu entendimento para a cautela daquella ancia de melhor vida, se lhe começou a divisar logo grande differença em tudo. A modestia no vestido, a frequencia no Oratorio, o retiro das praticas, e a esquivança com as estimaçoens palacianas. Chegou em fim á noticia de seu pay, que naõ tendo em quem descançar as esperanças de sua Casa, levou muito a mal o esquecer-se a filha dos interesses della, e pedio á Infante, que a nenhum Mosteiro a levasse comsigo. Mas Dona Maria taõ advertida, como resoluta, tinha já escrito ao da Annunciada, dando noticia de seus intentos, e embaraços á Madre Sor Margarida de S. Paulo, Religiosa de sua amizade, e confiança, para que tivesse alcançado licença del-Rey (circunstancia precisa para se aceitar qualquer Religiosa nesta Casa) em que ella resolutamente buscava sepultura. Ao mesmo tempo (porque esse era o impedimento mais forçoso) propoz á Infante com discreta persuasiva aquella importancia de sua alma, que antes devia favorecer, que embaraçar, pois era negocio posto nas maons de Deos, a que naõ chegavaõ nem os braços dos Principes. Era a Infante de coraçaõ Catholico, e pio; prometteo-lhe antes destruir, que patrocinar lhe o minimo estorvo, e porque a dilaçaõ naõ fomentasse algum, resolveo (que até aqui se estendeo a supplica de Dona Maria) entrar logo com ella nesta Casa da Annunciada, o que fez em dia de Nossa Senhora de Setembro, pelos annos de 1577., e no mesmo dia de tarde tomou Dona Maria o habito, com grande alvoroço de seu espirito, confusaõ, e inveja do Paço, gloria, e edificaçaõ do Mosteiro.

A' mudança da vida se seguio tambem a do nome; chamou-se Sor Maria das Chagas, mas taõ pouco estranha na mudança da vida, que antes parecia, que naõ fora até alli a sua mais, que hum ensayo para acertar a que buscara. Assim a achavaõ prompta para a assistencia do Coro, para o serviço das officinas de mais trabalho, naõ lhe podendo fazer mayor mimo, que occuparem-na donde elle fosse mais penoso, e com hum semblante taõ alegre, como se se vira agora senhora do Mundo. Era centro de seu espirito a oraçaõ, e reconhecia o favor da Mestra de Noviças em lhe deixar mais horas livres

para aquelle exercicio. Naõ só pontual, mas desvelada para o das Matinas da meya noite. Professa, naõ se aproveitou de mais alguma liberdade mais, que para tomar ainda mais tempo para a oraçaõ, seu quotidiano pasto. Para a vocal tomava determinado tempo, porque devotissima de N. Senhora, ajuntava todos os dias ao seu Rosario o seu Officio Menor, e muitas commemoraçoens de Santos; assim vinha a ser sempre o seu commercio com Deos. Parca no fallar, naõ permittia, que nem levemente se offendesse o proximo; defendia-o industriosa, ainda quando a razaõ o culpava, dizendo, que naõ havia nenhuma para negar desculpas, quando mandava Deos, que a todos se dessem os perdoens.

Amante da pobreza, se lhe divisava no trato da pessoa, e na desnudez da cella. Penitente, se cortava com disciplinas amiudadas, e se cingia com cilicios de ferro, e com tanta estreiteza, que abrindo selhe chagas pela cintura, se veyo a saber pela cura, que fiou de huma Religiosa, com bem magoa da sua cautela, que sem duvida nos sepultou mayores empregos de sua penitencia. Sobre os jejuns das Constituiçoens accrescentava muitos, e muy estreitos. Chegou-a a pôr o seu zelo no lugar de Prelada, que encheo com igual desvelo, que inteireza, e com hum animo taõ dilatado, que acabou a Igreja (que ficara imperfeita por morte de sua antecessora) com grande dispendio, sem perdoar a diligencia, e industria, para ajuntallo. Da sua tença lavrou huma Capella a S. Jacintho, agradecida ao favor de a livrar de huma queixa, a que naõ valeo medicina, por mais que se empenharaõ os professores della. Fallando desta Casa na terceira Parte da Chronica, conta o successo o Padre Frey Luiz de Sousa.

Já carregada de annos, começou a padecer a pensaõ delles nos achaques; foy o primeiro taõ rigoroso, que lhe tirou a vista, a que se seguio dores, que lhe naõ permittiaõ o menor descanço, mas taõ conforme com tudo o seu sofrimento, que só o preceito da Prelada a fez consentir em algum remedio. Nenhum foy de proveito: com que lhe veyo a durar com a vida o martyrio. Naõ era outro o alivio delle mais, que retirar-se ao Coro, donde gastava o dia inteiro, e grande parte da noite. Prostraraõ-na de todo os achaques, chegou o ultimo effeito delles na morte, pedio os Sacramentos anciosa, e recebeo-os com mostras de verdadeira contrita. Tinha sido em vida muy perseguida de escrupulos, esperava aquella noite a ultima hora, offereceo-lhe o Confessor, que ficaria perto do Mosteiro para se reconciliar sendo necessario, respondeo: *Que já o naõ era, porque Deos lhe acodiria.* Assim parece, que foy servido de a aliviar daquelle tormento. O mesmo lhe fez ao das suas dores, porque aggravando-selhe de sorte, que a naõ deixavaõ parar hum instante, e pedindo-lhe ella que, se fosse sua vontade, lhas temperasse, porque queria em seu coraçaõ fallar com elle, a deixaraõ de todo despois de tantos annos de tormento.

Assim livre de toda a afflição, gastou muitas horas em huma estranha suspensaõ, e silencio, e abrindo os olhos, como se despertara de hum lethargo, pedio que lhe chamassem a Prelada, e mais Religiosas, porque era chegado o tempo de deixallas; e despedindo-se de todas, perdeo os sentidos, e como se adormecera, passou a melhor vida. Entendeo-se piedosamente assim, escutado tambem o testemunho do Padre Fr. Francisco da Costa, seu Confessor de muitos annos, dizendo, que em todos elles lhe naõ achara nunca culpa mortal, e algumas vezes nem venial; e lhe parecia, que naõ podia haver creatura mais miuda, e acautelada em sua consciencia, nem mais temerosa de offender a Deos. Houve tambem (como he tradiçaõ) pessoa de virtude, que dissera, que passara esta Madre do leito ao Ceo. Naõ faltou outra, que apontou alguns prodigios, que se seguiraõ á sua morte, mas com huma noticia taõ confusa, que nos naõ dá mais lugar, que a esta. Faleceo a Madre Sor Maria em 24. de Dezembro de 1630. contava de idade setenta e trez.

CAPITULO XX.

Das Madres Sor Maria de Jesus; e trez irmãas Sor Brites do Sacramento, Sor Anna de Jesus, e Sor Catharina do Espirito Santo, do mesmo Mosteiro da Annunciada.

Sor Maria de Jesus,

NAõ suspirava menos por se ver no ditoso talamo do Esposo a Madre Sor Maria de Jesus, que despois da Madre Sor Maria das Chagas, veyo buscar a mesma ventura nesta Casa; mas parece, que quiz o Ceo, que a desejos comprasse o lugar nella, porque assim se lhe retardou este gosto, que o veyo a conseguir já em idade crescida, mas com tantos seguros de que a tinhaõ violentado os embaraços, que entrando na Portaria, levantou os olhos a hum Christo crucificado, e disse com voz chea de alvoroço, que lhe naõ cabia no peito: *Graças vos dou, Senhor, que já me vejo no que tanto desejava!* Quem assim deu a entender, que entrava no centro, já se entende, que continuaria com gosto; assim fazia tudo com acerto, servindo, e edificando todo o Mosteiro. Na guarda das Constituiçoens escrupulosa, estreita, e miuda; naõ só nas sogeiçoens de Noviça, mas despois em mayores liberdades de professa. Desejosa de sustentar, e recrear a miude sua alma com o pasto dos Anjos da Eucharistia, sofria contrariedades das Preladas, e de algumas Religiosas, que attribuiaõ a hypocrezia aquellas frequencias; naõ era sua paciencia inferior áquelle desejo, accommodava-se muitas vezes com elle embaraçado, por evitar reparos no Mosteiro.

De noite se desvelava para as Matinas, para a oraçaõ nas madrugadas, inventando despertadores para o sono, que a perseguia, pelo pouco tempo, que lhe dava. Mas o inimigo, vendo que o empregava na oraçaõ, naõ havia industria, ou artificio, que lhe naõ desmanchasse para a deixar adormecer, o que ella sentia, vingando-se delle com nomes de desprezo, que

que se lhe ouviaõ repetir muitas vezes na cella, como se o seu enfado o tivera á vista. Ajuntava a este desvelo grandes, e continuas penitencias de cilicios, e disciplinas, que o demonio lhe naõ podia embaraçar, vingando-se em a perseguir. Assim a divertia, e assustava, apparecendo-lhe em fórmas horriveis, o que lhe succedeo certa noite, estando no Coro em Matinas, porque levantando os olhos para a casa do Orgaõ, que lhe ficava fronteira, vio na porta della, e que a tomava toda, hum medonho Dragaõ com representaçoens de ira, e fereza, os olhos duas vivas labaredas, erguidas no ar as garras, e a cauda ondeada, e longa, como que se queria lançar a fazer preza. Entendeo Sor Maria a visagem diabolica, e sem susto poz os olhos no chaõ, e foy rezando. Daqui lhe ficou o naõ erguer mais olhos em estando no Coro.

Chamava-a a contemplaçaõ a lugares solitarios, razaõ porque estimou muito o officio, que teve de Cerqueira. Entrava na Cerca, e espalhava os olhos com gosto por aquelle Ceo descuberto, e dizia com singeleza, que em huma occasiaõ vira nelle huma claridade mais viva, que a do Sol, e que lhe parecera, que rasgando-se, mostrava hum abysmo de luz, que lhe ferio nos olhos. Passava outro dia por huma das ruas da mesma Cerca, e suspendeo-se ao ver huma flor taõ fermosa, e nunca vista, que convidada da novidade, e da delicia, quiz lançar maõ della, mas mortificando-se, passou adiante, e ao voltar a naõ achou, nem sinal de que alli estivera, naõ sendo a detença muita, e estando a Cerca fechada. Entendeo logo, como lhe dava o Ceo a entender quanto valia a mortificaçaõ, e que sem duvida para merecer com ella, lhe pozera aquella flor á vista.

Pobre voluntaria (porque supposta a licença dos Prelados, podia ter o uso da muita abundancia, que havia em sua casa) se lhe via no habito, e na cella, que nunca lhe esquecera, que esta era sepultura, e aquella mortalha. Singeleza de coraçaõ, em nada achava malicia; com grande ternura delle, que a fazia romper em lagrimas, ouvia fallar na Paixaõ de Christo. Com a mesma assistia ao Menino na representaçaõ do Presepio, fazendo-lhe algumas jaculatorias taõ pias, e taõ bem discursadas, que bem se entendia, que a sua singeleza era dote da alma sem mistura de ignorancia.

Contava perto de oitenta annos quando hum achaque a poz ás portas da morte; pedia os Sacramentos com grande resignaçaõ, e conformidade, admiradas as Religiosas, que toda a sua vida a viraõ tremer daquella hora, e com igual reparo de a verem sem o minimo escrupulo, sendo estes o seu continuo tormento. Na noite que espirou, assistiaõ-lhe já as Religiosas em vigias, e contavaõ duas horas, quando ferio a porta da cella hum grande golpe, como de tiro, que deixou a todas com sobresalto, e medo, menos a moribunda, que voltando á porta o rosto, disse com voz de motejo! *Ha caõ! e como te conheço!* Entendendo bem,

bem, que era o demonio; nem a taes horas, a tal sitio, e com tal violencia podia chegar outro braço. Conheceo-se melhor o tiro ao outro dia, achando-se huma pequena pelota de ferro defronte da porta.

Perguntou logo a enferma em que dia estava, e respondendo-lhe, que era o de Santa Catharina de Sena, disse com alvoroçado semblante: *E como entraremos hoje ambas fermosas, e ayrosas polo Ceo! Ella me levará como minha madrinha.* Era Sor Maria devotissima desta Santa. Apressou-lhe o gosto a jornada, e espirou com tanto socego, como se tivera o seguro de que fazia a que dissera. Contavaõ-se 30. de Mayo de 1676.

Com mais antiguidade no dia de seu falecimento (que he a que seguimos nestes escritos) conhecemos a Madre Sor Catharina do Espirito Santo; mas precedeo á Madre Sor Maria de Jesus, para ficar livre o lugar ás trez irmãas dignas delle. Foraõ ellas Flamengas de naçaõ, tomaraõ o habito, e professaraõ juntas, foraõ igualmente reformadas, e acabaraõ taõ santamente, como diraõ estas memorias. Foy a primeira a Madre Sor Catharina, e foy esta Madre huma estampa viva de huma verdadeira Religiosa. Correraõ nella parelhas a virtude, e a capacidade, conseguindo o saber repartir seu espirito nos empregos de Martha, e Maria, parecendo sempre, que em cada hum delles estava toda. Observantissima nas Constituiçoens, adiantava-se no exercicio, e estreiteza de mais jejuns, continuas disciplinas, asperos cilicios. Antes parecia morta, que mortificada, porque o habito (que nunca vestio novo) era mortalha, estreita, rota, e desvalida, a compostura huma imagem da modestia; parecia, que o Escapulario antes lhe prendia as maons, que lhas dissimulava; os olhos taõ recolhidos em si mesmos, que só a ancia da morte, que lhos abrio, acabou de dar a conhecer a cor, que tiveraõ. Testemunha-o quem a vio, e tratou. Silencio continuo, mais estreito em toda a Semana Santa, em que se lhe naõ ouvia palavra.

Sor Catharina do Espirito Santo.

A caridade para assistir ás doentes, lhe tirava o sono; para acodir aos pobres, o sustento. O mayor aceyo do culto Divino a fazia trabalhar engenhosa, empregando nelle toda a grangearia; luzia ella nos Altares da Igreja, e nas alfayas da Sacristia. Estes eraõ os empregos do tempo, que lhe sobejava do Coro, em que naõ faltava dia, e noite, por mais que a dispensasse o embaraço de qualquer officio. A noite, e dia da Encarnaçaõ passava nelle orando, e prostrada em se vendo sem companhia. Tal a devoçaõ, que tinha com este soberano mysterio! Era igual a do Nascimento, e Resurreiçaõ. Naõ se celebrava até aquelle tempo o triunfo della nesta Casa com solemnidade publica; inventou-a ella (alcançada licença dos Prelados) com Sermaõ, e Procissaõ festiva; dispendio, que fez toda sua vida, e ficou a suas irmãas em herança. Dura até hoje na devoçaõ de alguma Religiosa.

Abrazava-se em zelo da honra de Deos, e observancia regular, reprehendendo com inteire-

teireza qualquer quebra della, mas com huma tal doçura nas palavras, que bastavaõ a reformar, e compungir. Faleceo de achaque rigoroso, conquistando a coroa do sofrimento, porque até os gemidos, que sahiaõ natural desafogo, eraõ protestos da conformidade de seu espirito. Na ultima respiraçaõ delle abrindo os olhos, e percebendo-selhe hum subrizo nos beiços, disse, apontando para parte determinada da cella: *Affastem-se; naõ vem?* Suspendeo-se logo, e espirou com socego, entendendo as Religiosas piedosamente, que seria a Rainha dos Anjos, de que Sor Catharina era singular devota na repetiçaõ de seu Rosario, contemplaçaõ de seus mysterios; exercicio, a que se naõ seguem menos lucros.

Trabalharaõ por conseguir os mesmos, que a boa irmãa, as outras duas, a Madre Sor Anna de Jesus, e a Madre Sor Brites do Sacramento. No rigor, e austeridade de vida seguio a Madre Sor Anna a Madre Sor Catharina, porque achando-se com muitas forças, carregava a maõ nas penitencias. Ardia em zelo da reforma, e reprehendia com tanta aspereza, que muitas vezes entrada de escrupulo, se prostrava, e pedia perdaõ a quem tinha reprehendido. Era inseparavel companheira de sua irmãa Sor Catharina nas assistencias do Coro, desvelo da oraçaõ, exercicios devotos, e quotidianos. Ficou por sua morte com o cuidado, e dispendio para o triunfo da Resurreiçaõ, e parece, que se pagou o Senhor deste cuidado, porque em hum dia de Paschoa passou desta vida com o ditoso reparo de se lhe contar o dia de morrer no de resuscitar.

Pagou ultima das trez irmãas este tributo, a Madre Sor Brites do Sacramento, a que os achaques prenderaõ despois de alguns annos os passos, para naõ acompanhar as duas irmãas na aspereza da observancia; mas igual no espirito, parece, que se adiantava a todas na contemplaçaõ. O Coro era o seu centro, as lagrimas as vozes, com que nelle fallava a Deos. Enternecia-se á vista das Imagens, escutando a Paixaõ do Senhor, e vendo a representaçaõ do seu Nascimento, e ouvindo as Lendas dos Santos, de que tirava documentos. Tudo o que tocava a Deos, fazia facilmente grande impressaõ na sinceridade, na pureza, na ternura de sua consciencia. Obediente, e humilde, entendia, que a todas devia sogeiçaõ; prodigio desempenhado só de hum espirito despido, e descarnado de todas as paixoens de terreno. Queriaõ ou importunalla, ou ouvilla as Noviças, e emendavaõ-na em alguma cousas, sahindo as mais prudentes compungidas, e todas doutrinadas de verem sua sogeiçaõ, e escutarem suas repostas.

Devotissima do Bautista, (foy empenho de todas trez) lhe lavrou huma Capella, e compoz com bom ornato, festejando nella com grandeza, e alvoroço o dia de seu nascimento. Carregada de annos, e recebidos com doçura de espirito os Sacramentos, faleceo em huma madrugada do dia dos Santos da Ordem, em 9. de Novembro

vembro de 1678. Poz-fe logo, como he coftume, o corpo no Coro, e anticipou-felhe ás exequias a celebridade do dia, como em myfteriofo annuncio das em que affiftiria fua alma; conjectura piedofa, e favorecida do teftemunho de feus Confeffores, que lhe naõ acharaõ nunca culpa mortal.

CAPITULO XXI.

Das Madres Sor Elena da Cruz, Sor Maria da Vera Cruz, Sor Catharina da Cruz, Sor Margarida de S. Miguel, e outras Madres de reputaçaõ, e nome; e de duas irmãas Converfas do mefmo Mofteiro da Annunciada.

NAõ deixemos fem reparo a repetiçaõ de appellidos do foberano final da Cruz, que lemos no titulo defte Capitulo de Religiofas, que floreceraõ juntas, tomando por brazaõ, e credito o mefmo, que lhe havia de fervir de martyrio, para que fe naõ entendeffe, que o fer cruz o eftado, que abraçavaõ, as atemorizava, antes fervindo de lhe auctorizar o nome, as incitava para a obrigaçaõ da vida. Seja a primeira das que fizeraõ taõ fingular efcolha, a Madre Sor Elena da Cruz, aparentada na Cafa dos Condes da Ericeira, e criada na fua com taõ bons enfayos para a vida, que começou nefta Claufura, como fe tivera frequentado as covas da Thebaida; affim era a fua cella o carcere voluntario, a que a fentenceava huma nativa afpereza comfigo mefma. Mas fe o feu habito no exterior naõ desdizia de mortalha, como lhe naõ ferviria de fepultura? Andava defcalça, e ainda que os chapins lhe livravaõ os pés do chaõ, em eftando donde fe lhe naõ podeffem ver, os punha nelle, naõ fendo menos martyrio o trazellos á inclemencia do tempo.

Sor Elena da Cruz.

Dava pouco ao defcanço, fobre huma taboa, e duas mantas, que lhe ferviaõ de leito. O mais da noite paffava orando, antes, como defpois de Matinas, a que affiftia continua, defvelada, e goftofa. Achavaõna affim os exercicios penitentes. Muitos jejuns a paõ, e agua, difciplinas continuadas, cilicios rigorofos, e mortificaçaõ em todos os fentidos; mas a mayor, o naõ fer poffivel á fua induftria, e cautela efconder aos olhos de toda a Cafa eftes empregos da fua vida. Daqui lhe nafceo a mayor defconfolaçaõ, e martyrio della, defejando mudar-fe á Recoleta do Sacramento, naõ fó porque nella confiderava as aufteridades fem difpenfaçaõ alguma, mas porque alli podia ufar dellas fem parecer, que fe fingularizava. Com efte defejo encaminhado a mais perfeiçaõ de vida, a acabou com todos os Sacramentos, e paffaria a melhorar della, pagando-lhe Deos a refoluçaõ, e ancia de afpirar á mais perfeita.

Parece, que o foy a juizo humano a da Madre Sor Maria da Vera Cruz, que já em idade mais crefcida a veyo fepultar nefta Cafa. Poz diante o exemplo das que achou mais reformadas nella, e fem admittir difpenfaçaõ alguma, nem rigorofos achaques a faziaõ afrouxar na obfervancia. Mas em huma

Sor Margarida da Vera Cruz.

ma circunstancia se exercitou, e se deu a conhecer sua vida. Era Sor Maria Religiosa de muita capacidade, e prestimo, mas em tudo o que fazia tinha taõ pouca fortuna, e tal desagrado ao humano, que já era apodo a sua desgraça, para qualquer cousa mal succedida. Assim se esquivavaõ com ella, e a motejavaõ até as humildes da Casa. Mas nem bastava isto para exasperar sua paciencia, menos sua obediencia, pondo-a as Preladas em officios, que já pareciaõ estranhos nos seus annos. Em todos os que viveo, grangeou, para empregar em mayor veneraçaõ, e augmento do culto Divino, devendo-se o mayor ornato da Igreja ao seu desvelo, e dispendio.

Tinha tença larga, e erá bem assistida de parentes, mas em sua maõ naõ tinha nada; do deposito passava tudo para os empregos, que temos dito, sem que se visse na sua cella mais, que o retrato da mais extrema pobreza. Entrada em annos, e prostrada de huma doença rigorosa, ouvio o desengano de que morria com grande conformidade, igual o apparelho, e devoçaõ com que recebeo os Sacramentos. Durou despois alguns dias, e tornando em hum delles de hum parocismo, em que a rodeou a Communidade, abrio os olhos, e disse: *Ainda naõ he tempo, porque eu naõ heide morrer se naõ ás Ave Marias.* Pareceo tresvalio, porque ella vivia, e ellas haviaõ de dar-se logo. Mas foy cousa digna de reparo, que divertidas as Religiosas com aquella assistencia, esqueceo a todas o darem-se as Ave Marias ás suas horas, e despois das oito da noite se foraõ dar, e entaõ espirou Sor Maria, cumprindo-se o que dissera.

Sor Catharina da Cruz.

Mais que a Madre Sor Maria, com que agora acabamos, madrugou a Madre Sor Catharina da Cruz, para buscar esta Clausura, porque de mais tenros annos começou a viver nella, e com tanto despego de tudo o que he Mundo, e commercio humano, que o mesmo foy professar, que excluir-se de todo, sem ter outro mais que o Divino. Conselho fora este de suas tias, (grandes mestras de espirito) aquellas trez irmãas, de que já fallamos no Capitulo passado. Assim era a sua vida no Coro. Pelas quatro da madrugada hia para elle, dalli ás funçoens precisas da Communidade, voltando, o naõ deixava se naõ ás dez da noite. Taõ puro, e taõ candido era seu coraçaõ, que a naõ estranhariaõ no seu numero os Anjos, gastando a vida em louvores Divinos. Teve dom de lagrimas, linguas com que respondia ao ouvir fallar nos beneficios de Deos, especialmente no de padecer para nos remir.

Pobre, mortificada, e penitente, foy austera no jejum: só huma vez no dia tomava o sustento, sem admittir nunca cousa, que parecesse regalo. Devotissima da Senhara, e de Nosso Patriarcha, a nenhum desmereceo o nome de filha; assim conservou a pureza de sua consciencia. Viveo largos annos neste estylo de vida, e chegou a ver a morte affouta, e desembaraçada. Pedio os Sacramentos entre ardentes suspiros de ver a Deos, e pedindo ás Religio-

ligiosas; que consolassem suas ancias, fallando-lhe em cousas do Ceo. Antes de espirar, disse com segurança, acompanhada de hum reverente alvoroço, que a vinhaõ buscar os Patriarchas, os Martyres, e as Virgens; e logo fallando com Deos, repetia muitas vezes: *Senhor, Senhor, lo dicho dicho.* Conjecturou-se, que com o Senhor fizera algum venturoso contrato em vida, e lho lembrava naquella hora. Propunhaõ-lhe as Religiosas algumas supplicas, para que as fizesse por ellas a Deos, vendo-se em sua presença; e ella respondia, que sim, com agrado, e segurança. Com toda nos merecimentos de Christo, passou desta vida, deixando piedosas conjecturas de conseguir a que esperava.

Sor Margarida de S. Miguel.

Trabalhou por merecella a Madre Sor Margarida de S. Miguel, que discipula das grandes mestras, que achou nesta Casa, começou a pizar o estreito, e trabalhoso caminho da observancia, com tantos lucros de sua alma, como colhia nos suaves frutos de piedosas lagrimas com que acompanhava sua oraçaõ. Assim adianta Deos os premios a pequenos serviços, como melhor conhecem os mimosos de seu Divinos regalos, porque até nas lagrimas sabem descobrillos, melhorando-se ainda no que cantava, e promettia o Profeta aos que caminhando pelos desertos da penitencia, semeavaõ boas obras, cultivando-as com lagrimas, para despois virem alegres a colher os frutos dellas. Mas este he o discurso dos homens, que vem como primeiro se lança a semente á terra, despois se rega para fructificar, e despois chega o tempo da colheita, e da alegria. Porém naõ he assim na disposiçaõ do Ceo com os seus semeadores, porque ainda que no ultimo da vida se colha o fruto da eterna, já ao regar no valle de lagrimas a sementeira, se tem anticipado a doçura nos frutos da esperança. Por isso os que choraõ lagrimas penitentes, na mesma dor percebem suavidades. Ainda vaõ regando, e já parece, que vaõ colhendo.

Euntes ibant, & flebant mittentes semina sua, venientes autem venient cũ exultatione, portantes manipulos suos. Ps. 125.

Assim o experimentava Sor Margarida em tudo o que lhe podia servir de mortificaçaõ; porque esse era o caminho do merecimento. Daqui lhe nascia a inteireza com que observava as suas leys, ainda que carregada de achaques, porque levantava os olhos a mayores interesses. Foy nella rara a cautela de fallar, temendo offender até com huma palavra, como se pedira a Deos com o Profeta, que lhe puzesse huma guarda na boca. Assim era o silencio a sua mais aconselhada reposta. Eraõ já muitos os achaques, e os annos, tinhaõna preza, e entrevada huns, e outros; entendeo, que se chegava sua morte, e principiou a devoçaõ, que Nosso Patriarcha ensinara a huma sua devota, para que a tivesse boa. Rezava (despois do Rosario quotidiano) hum Terço, contemplando a cada década o mysterio, que lhe pertencia; era esta devoçaõ exercicio de hum anno; chegou a Madre Sor Margarida ao fim delle, e disse: *Ora já conclui com a devoçaõ: se Deos he servido, venha embora a morte.* Deulhe logo o mal, que a trouxe, e estando já sacramentada,

Pone Domine custodiam ori meo. Ps. 140.

tada, e confórme com o que Deos dispunha, como era devotissima da Senhora do Rosario, lha trouxeraõ em hum Sabbado para a cella as Religiosas, cantando-lhe a Salve, e Hymnos, de que mostrou grande consolaçaõ em sua alma. Mas acabada esta musica, começou a soar pelo Mosteiro outra mais suave, e peregrina. Correraõ humas Religiosas ao Coro, vinhaõ outras á cella da moribunda, alli se percebia com mais clareza, mas em nenhuma parte quem a entoava; ao compasso della passou Sor Margarida placidamente desta vida, ficando com os membros taõ trataveis, e huma composiçaõ, e fermosura no semblante, como se desconhecera os effeitos da morte.

Deraõ-se sempre bem as maons nesta Casa a virtude, e a nobreza, que nas filhas de S. Domingos parece herança, porque nelle se acharaõ com igualdade huma, e outra. Nem pareça impropria advertencia da nobreza nas memorias de humas mulheres amortalhadas, retiradas, e esquecidas até dos eccos da soberania, e da vangloria, porque conhecendo-se o muito, que pizaraõ nella, venha a entender-se melhor o quanto se abateraõ fogindo-a. Convidame a esta reflexaõ o haver de apontar as grandes mestras de espirito, que teve este Mosteiro neste nosso visinho seculo. Foraõ ellas a Madre Dona Margarida de Vilhena, da Casa dos Condes de Unhaõ; a Madre Dona Guiomar Henriques de Menezes, da Casa dos Condes da Ericeira; a Madre Dona Isabel de Vilhena, da Casa dos Condes de Miranda; a Madre Dona Maria de Menezes, da Cosa dos Saldanhas; a Madre Dona Maria de Albuquerque, da mesma Casa; foraõ estas Religiosas muitas vezes Preladas, lugar, que encheo a sua authoridade, e desempenhou a sua virtude. Zeladoras da observancia, e da refórma, as faziaõ correr sem quebra, sem mais que o exemplo, e muda reprehensaõ de sua vida. Carregadas de annos, e agrilhoadas de achaques, naõ afrouxavaõ na guarda das Constituiçoens, e continuaçaõ das Communidades, cahindo muitas vezes desmayadas no Coro, que continuavaõ já sem alento.

Sor Margarida de Vilhena.

Na caridade avultou mais a Madre Sor Margarida de Vilhena; despois de Prelada a viaõ no officio de Porteira, desvelada naõ só em remediar pobres, mas em curar feridos, e doentes. Seguio-a no coraçaõ compassivo a Madre Dona Maria de Menezes. Tinhaõ nella mãy todas as Religiosas, experimentavaõ-no melhor as necessitadas. Mas o que a fazia singular entre todas, era hum genio singelo (sendo dotada de hum entendimento agudo). De nada presumia mal, e dava a razaõ, dizendo com graça, e agudeza: *Que todas as cousas tinhaõ dous caminhos, hum mao, outro bom; e se assim era, seria ruindade sua escolher o peyor.* Assim trazia meditada sua morte, que por sua maõ aparelhou a sua mortalha, advertindo a humas sobrinhas suas o lugar em que a punha, porque naõ tivessem o trabalho de lhe fazer outra. Obrigava-a sua humildade, e huma caridade grande a acodir a qualquer falta em que cahia

Sor Maria de Menezes.

hia alguma Religiosa, especialmente Conversa, com que a cada passo a viaõ, carregada de annos, servindo no Coro, no Refeitorio, e em tudo de trabalho, que se offerecia no Mosteiro. Na Madre Dona Angela de Albuquerque luzio com ventagens o fogo do amor Divino, e entranhavel compaixaõ dos tormentos de nosso Redemptor. Nada lhe pediraõ pelas Chagas de Christo, que em veneraçaõ sua naõ fizesse, por mais difficil que fosse. Assim viveraõ estas Religiosas para exemplo, falecendo com demonstraçoens do que com elle tinhaõ merecido. Serviraõ de grande reputaçaõ a esta Casa, e saõ, e seraõ perpetua saudade della.

Mas sirva-lhe de coroa, como tambem a este Capitulo, a memoria de duas Religiosas Conversas, taõ iguaes na observancia, e estylo penitente de vida, que em huma podia ficar tresladada a de outra, por naõ servir a repetiçaõ mais que de malquistar a escritura, receyo com que muitas vezes recorremos ao estylo conciso, entendendo, que os pleonasmos mais saõ para os Rhetoricos, que para os Historiadores. Foraõ estas duas Religiosas Sor Theresa do Sacramento, e Sor Paula da Columna. Em ambas se vio a observancia das Constituiçoens á risca, no sustento de peixe, na lãa junto á carne. Nos jejuns accrescentava Sor Theresa muitos de devoçaõ, e entre elles a Novena do Nosso Patriarcha, e meya Quaresma a paõ, e agua. Seu sustento quotidiano era (e dos mais tenues) de sobejos, que se ajuntavaõ para os pobres. A cama de huma, e outra, huma taboa, e hum cepo por cabeceira; nella tomava Sor Paula poucas horas de descanço; ás dúas se hia pôr em oraçaõ no Coro, Sor Theresa á huma, ficando no mesmo exercicio até Prima. Em ambas eraõ continuos os cilicios, as disciplinas amiudadas, e rigorosas; accrescentava Sor Theresa huma Cruz de bicos sobre o peito.

Sor Theresa do Sacramento, e Sor Paula da Columna.

Humildes, e obedientes, promptas nas suas obrigaçoens, desveladas com as enfermas, eraõ toda a estimaçaõ das Religiosas. Cahio Sor Theresa de huma febre aguda, que lhe ameaçou a vida, achando-a taõ desembaraçada do amor della, que dava a Deos graças, porque assim o dispunha. Recebidos os Sacramentos, esperava o ultimo instante, quando parece, que o demonio lhe offereceo, e propoz alguma culpa antiga; inferio-se assim da reposta, porque se lhe ouvio dizer com esperteza: *Assim he; mas já o tenho confessado.* Pedio, que lhe lessem huma oraçaõ de S. Gregorio Papa, de que era devotissima, e ouvindo-a com demonstraçoens de compunçaõ, e suavidade de espirito, passou desta vida com admiravel socego.

Naõ o achava nella Sor Paula, assim vendo-se carregada de annos, suspirava passar á verdadeira, a adorar o Senhor, de quem a esperava. Entre estas ancias a viaõ muitas vezes banhada em lagrimas saudosas. Assim chegou a confessar a huma companheira de confiança, achando-se prostrada de huma mortal doença, que o que mais a affligia, naõ eraõ as dores, senaõ aquellas saudades; como

se

se sentira com David os vagares do tempo, que sendo breve para a vida, era prolongado para o desterro. Obrigou-se o Ceo daquelle desejo, e apressou lhe a morte, e ella como se tivera conhecimento da ultima hora, pedia ás Religiosas, que se naõ desvelassem com a sua assistencia, que ella as chamaria. Chamou-as despois, e sabendo, que horas eraõ, pedio a véla, e a Imagem de hum Crucifixo, e em anciosos colloquios, em que já cançada a voz, fallavaõ só os latidos do coraçaõ, lhe entregou o espirito em hum estreito, e venturoso abraço.

Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est. Ps. 110.

CAPITULO XXII.

De Sor Isabel dos Anjos, e Sor Faustina das Chagas, Conversas da mesma Casa da Annunciada.

BEm afortunada Casa, adonde as Religiosas Conversas desempenhaõ este nome com a vida, sendo tal sua conversaõ, que com ella naõ só servem a todas de exemplo, mas á mesma Casa de credito. Deste numero foy Sor Isabel dos Anjos, que lembrada naõ menos do nome de Isabel, se consagrou ao grande Bautista, desde que entrou nesta Casa, como quem o buscava para exemplar da pureza, e penitencia. Vio-se o que lhe importou a devoçaõ na refórma de sua vida. Regulada esta pelas leys da Religiaõ, ainda se adiantava a mayor aspereza. Vestia lãa junto á carne; naõ a admittio por sustento em toda sua vida. Peixe raras vezes; hervas, legumes, ou cousa tenue era o seu prato, assim o seu jejum estreito. Oraçaõ muito amiudada, sempre prostrada por terra. No trato exterior de sua pessoa, e no de sua cella, pobrissima, e reformada. O habito, mortalha gastada, e velha. Na cella huma Cruz de pinho, e hum banco. A cama huma taboa por colchaõ, huma trave por cabeceira, e a cuberta de huma manta. Naõ lhe valiaõ os privilegios de achacada, para afrouxar nos exercicios da penitencia. Com elles se dispunha para chegar á Mesa dos Anjos. Viase-lhe o fervor com que se aparelhava; e chegava a ella com a compunçaõ com que della sahia. Bem alcançava, que toda a riqueza de huma alma estava naquelle penhor da gloria. Parece, que lhe accendeo esta devoçaõ hum caso, em que se entende lha fomentava o Ceo.

Sor Isabel dos Anjos.

Grangeava Sor Isabel por sua industria com que festejar as Imagens, de que era devota, como lhe succedia com o seu Bautista, a que todos os annos fazia a festa. Achava-se huma vez com algum dinheiro, e com o cuidado de saber empregallo. Recorria nas perplexidades, ou apertos em que se via a huma Senhora, a que servia, com singular affecto. Vai-se ao seu Altar, prostra-se diante da Imagem sagrada, e adormece, propondo, e repetindo a sua duvida. Eis-que ouve em sonhos huma voz, que lhe dizia: *Meu filho espera a sua festa, e tu naõ lhe dás esmola, para que se lhe faça?* Andava neste tempo afflicta a Prioreza, porque se achava perto da celebridade do Corpo de Deos, e viase

se sem Juiz, nem posses para lha fazer. Acorda Sor Isabel alvoroçada, leva o dinheiro á Prioreza, que foy tanto, que bastou para o gasto, ficando Sor Isabel lembrada, e agradecida de que o Senhor a fizesse sua depositaria. Correo por sua conta dalli em diante o gasto das Hostias, que muitos tempos fez por suas maons, edificando-se quem alguma vez a vio ir para esta occupaçaõ.

Hiaõ pelas trez horas de madrugada, ella, e outra companheira (era esta Sor Faustina, de que tambem temos assumpto para esta escritura) ambas descalças com a decencia, e aceyo possivel, e convidando alguma Religiosa do Coro, que conheciaõ mais devota deste mysterio, entravaõ em Casa deputada para este suave trabalho, e começavaõ a fazer as Hostias, ou obreas, estando sempre de joelhos, e escutando os Hymnos do Sacramento, que entoava a Religiosa, que fazia companhia. Na verdade grande, ainda que muda, reprehensaõ para envergonhar, e confundir o pouco respeito, e decencia com que se trataõ, e apuraõ as alfayas, que em algumas Casas de Deos tem serventia para aquella Mesa immaculada, como tambem a pouca attençaõ, e reverencia com que alguns por esses Templos a vem posta, e já que se naõ aproveitem della, nem se quer se suspendem para adoralla!

Attendia a Prelada ás poucas forças de Sor Isabel, e assim a occupava em trabalho mais ligeiro. Tinha agora a seu cargo a limpeza do Claustro, e cultura do jardim. Deteve-se huma tarde na cella (antes de descer a ella) com a quotidiana liçaõ de livros devotos, e foy o daquelle dia o da vida de Santa Catharina de Sena, de que era devota; chegara a ler aquelle favor grande, que o Senhor fizera a sua Esposa, dando-lhe hum precioso anel para prenda, segurança, e laço daquelle soberano desposorio. Com esta representaçaõ viva em sua alma, se inflammou Sor Isabel em huns vehementes desejos de ser digna de similhante prenda, mas confundindo-se com reconhecer em si todas as improporçoens para ella. Com este desejo, e desengano desceo ao jardim, e começando a mover a terra com hum sachinho, eisque entre ella divisa hum anel ao parecer de tambaca. Lança maõ delle assustada, e confusa, (pelo que naquelle instante imaginava, e lhe succedia) e vê, que se fechava o circulo do anel com duas maons enlaçadas. Guardou-o como mysterioso, mas duvidando do que lhe dava a entender o successo. Isto foy o que se alcançou delle; saberia mais circunstancias o Mestre Inquisidor Frey Pedro de Magalhaens, que como seu Confessor, tinha toda a noticia de sua consciencia, e ficou em sua maõ o anel, porque na occasiaõ, em que entrou nesta Casa a darlhe o Viatico, lho tirou do dedo. Naõ deixava de conhecer a preciosidade da pessa quem se contentava com ella por herança.

Pagava o Ceo a Sor Isabel estes, e outros santos desejos (que valiaõ muito para elle acompanhados, e favorecidos do penitente, e do puro de sua vida,

da, e sua consciencia) com o favor de algumas visoens, em que só foy testemunha a sinceridade, e singeleza com que ella as repetia, e a grande opiniaõ, que se tinha grangeado nesta Casa. Muito antes de vir para ella, se soube de alguma, de que testemunhou a experiencia. Nós naõ authenticamos, escrevemos sem nos alargar a mais, que á advertencia de que a tradiçaõ foy de Religiosas fidedignas, e da mesma Casa, e muitas, que conheceraõ, e trataraõ a Sor Isabel; mas passemos ao primeiro successo.

Lastimava-se a mãy de Sor Isabel com a falta de noticias de seu marido, que havia tempo se tinha embarcado, quando hum dia, estando Isabel á janella (era ainda de idade tenra) eis-que de improviso levanta a voz, e começa a repetir assustada: *Ay! que meu pay cahio no mar, morreo?* Levanta-se a mãy affligida, e castiga a menina indignada, naõ lhe tardando o desengano do que acertara a filha, porque soube como com aquelle genero de morte no mesmo dia, e hora ficara viuva. Similhantes casos succederiaõ a Sor Isabel, até a idade de recolherse; naõ se alcançou essa noticia; daremos alguma do que ainda hoje ha testemunhas nesta Casa.

Adormecera em huma occasiaõ Sor Isabel ao pé do Altar da sua Senhora; acorda assustada, dizendo ás que lhe perguntavaõ o que tinha, que se chegava sua morte, porque a sua Senhora lhe dissera: *Que se aparelhasse, porque em huma Paschoa faleceria.* Instava a do Natal; dispoz-se entendendo, que seria esta. Naõ o foy agora, mas dahi a alguns annos outra.

Prostrada no Coro em oraçaõ a tempo, que as Religiosas rezavaõ nelle, vio algumas (que eraõ já falecidas) que entre as vivas estavaõ pagando levissimas culpas. Depois o disse, entendendo-se, que seriaõ defeitos na assistencia do Coro, e Officio Divino. Mas accrescentava, que sendo leves as culpas, naõ o eraõ assim as penas. Orava outra vez, quando vio, que discorria pelo Coro hum carrancudo, e feyo bugio, que naõ duvidou ser o demonio; era em Matinas pela meya noite, e andava como tentando as Religiosas, seria sem duvida com a frouxidaõ, e o sono; porque a huma, que Sor Isabel vio dormindo, disse ao outro dia: que era certo, que naõ dormiria a noite antecedente tanto no Coro, se vira nelle o que ella tinha visto.

Recolhia-se huma noite já tarde do Coro para a cella, quando vio, que passando de hum Dormitorio a outro, hia o Senhor Jesus com hum pezado madeiro sobre os hombros, e se recolhia na cella de huma Religiosa Conversa. Era em tempo em que esta menos merecia aquella visita, pelo que se descuidava das obrigaçoens de Religiosa. Contou-lhe Sor Isabel o que vira, e conheceo-se o effeito na emenda. Cançada em fim de annos, e trabalhos, e arrebatada de huma violenta apoplexia, passou desta vida, recebidos os Sacramentos, como em premio della, em huma Paschoa da Resurreiçaõ, como lhe advertira a sua Senhora, em 19 de Abril de 1661.

Mas siga nesta escritura (como

Sor Faustina das Chagas.

mo o fez na vida) a Sor Isabel, Sor Faustina das Chagas sua companheira, e taõ grande sua imitadora, que já na primeira deixamos rascunhada a segunda. Fez nella a sympatia da virtude huma inseparavel amisade, que sem duvida valeo muito a Sor Faustina pelos annos adiante; porque tomando o habito nesta Casa, passou os primeiros de sua vida, com menos attençaõ á refórma della. Porém o piedoso genio, de que o Ceo a dotara, parece que a dispoz para os avisos, com que se reduzio a verdadeira Religiosa. Apontaremos hum delles. Passava em huma madrugada a parte desviada do Mosteiro, que ficava no cerco delle, quando a assustou huma claridade grande, que vio logo procedia de fogo, e entre elle a huma Religiosa. (que havia pouco falecera na Casa) Entendeo-se, que lhe pedio algum soccorro de oraçoens; e servio a Sor Faustina de mayor assombro ouvir, que ainda o necessitava huma Religiosa, que no voto de todas fora de inculpavel vida.

Trocou-se desde aquelle inste a sua, e sem duvida, se deveo a mudança ao successo, que ella fiara de huma amiga, por quem despois se divulgou na Casa; escolheo logo por cama huma taboa, e com huma manta, e huma pedra por cabeceira, dava poucas horas de descanço ao corpo, attenuado de rigorosos jejuns. Eraõ elles taõ estreitos, que huma unica vez, que comia no dia, naõ era carne, ou peixe, mas quasi sempre hum pouco de paõ, do que se amassava para os pobres, ou que ella amassava com cinza, ajuntando-lhe o conduto de alguma laranja azeda, ou humas folhas de louro. As disciplinas eraõ rigorosissimas, sem haver parte do corpo, a que naõ chegassem os golpes della; á imitaçaõ seria do Senhor, que a Igreja nos representa prezo á Columa. Para se ferir como esta impiedade, se fechava em parte retirada, adonde se entendeo vio, e encontrou materia, do susto, e medo, que lhe durou toda sua vida, valendo-se para o socego della, da cella, e companhia de Sor Isabel, de que só se fiava.

Reduzida a huma extrema pobreza, e com hum desprezo, e despego de tudo o que se estima na terra, pedia de esmola algum habito velho, que por sua maõ reduzia a feitio, antes de mortalha, que de habito. Em sendo noite, deixava o calçado, por mais que a ameaçasse o rigor do tempo, e o sitio das officinas aspero, e desabrigado. O seu estylo de vida foy sempre igual; satisfeitas as obrigaçoens da Casa, se hia para o Coro das Conversas, e lançada por terra, orava. A's sete horas se recolhia para a cella, e Sor Isabel, sua companheira, ás duas de madrugada, estavaõ ambas no Coro, despois que naõ poderaõ continuar as Matinas, a que muitos annos assistiraõ naõ obrigadas. Frequentava os Sacramentos com piedosas demonstraçoens, só á noite se desjejuava nesse dia. Da Mesa da Communhaõ sahia como sem alentos, e sem sentidos, e buscando algum lugar mais retirado, se lançava por terra, ficando por muitas horas como desacordada.

Aſſim ficava muitas vezes ouvindo as Lendas dos Santos. Diſcipula da aſpereza com que ellas ſe trataraõ neſta vida mortal, ſuſpirava por vida de mayor aſpereza. Entrou em penſamentos de ſe paſſar para o Moſteiro do Sacramento, ella, e Sor Iſabel ſua companheira, brindando-lhe a Caſa, com a inteireza de naõ aceitar diſpenſaçaõ alguma; mas fazendo ambas repetidas diligencias, de repente ſuſpenderaõ todas, e houve Religioſa, que lhe ouvio dizer algumas vezes: *O certo he, que onde Deos nos chama a primeira vez ahi he que nos convem eſtar.* Naõ he pouco credito para eſta Caſa, o naõ permittir o Ceo, que ſe preferiſſe outra, em eſcolha de refórma; e grande argumento de qualificar a que ſe obſerva nella.

Era fervoroſa ſua caridade, com as enfermas eſpecialmente; e parece, que ſe obrigava o Ceo do ſeu deſvelo, como veremos em hum caſo. Era pelo mez de Mayo, quiz a Prioreza, que ſe fizeſſe hum pouco de aſſucar roſado para huma enferma; comprou-ſe á porta por boa contingencia hum paninho de roſa, e trouxeraõ-no a Sor Fauſtina, que com algumas Religioſas eſtava na officina em que ſe faziaõ os doces. (que entaõ eſtava a ſeu cargo) Eſtava ao meſmo tempo enferma, e com cruel faſtio Sor Iſabel ſua companheira, e deſejava muito hum par de ginjas; naõ as diſpenſava ainda o tempo, que eſtava o mez no principio. Affligia-ſe Sor Fauſtina com o deſengano de naõ alcançar aquelle desfaſtio. Pegou agora no pano da roſa, e diſſe com ancia: *Podera Noſſo Senhor (aſſim como com falta della trouxe eſta roſa) deparar nella humas ginjas para ſe aliviar aquella enferma!* Abria o pano acabando de o dizer, eis-que ſobre a roſa vê hum mólho de ginjas. Sempre he incredula a virtude favorecida, porque ſempre tem por curto, e improprio o merecimento. Corre á porta, pergunta á mulher da roſa, ſe trouxera as ginjas entre ella. Reſponde a mulher eſtranhando a pergunta, que mal traria fruta, que ainda ſe naõ achava. Admiraraõ-ſe todas, ſó Sor Fauſtina ſe confundia, e ſepultava no centro de ſua humildade, aſſim porque entendia naõ merecer aquelle mimo, como por ver, que lhe apanhavaõ nas maons aquelle fruto; mas dando em ſeu coraçaõ graças ao Senhor, que para favorecer a huma Iſabel convertia as roſas em ginjas, como no regaço de outra trocara o dinheiro em roſas. A mais ſe eſtendia a piedade com os doentes. Tinha grande fé com o Bautiſta, como grande devota ſua. Serenava na ſua noite muita agua, e dando-a deſpois a varios enfermos, ſe viaõ effeitos milagroſos.

Faleceo Sor Iſabel ſua companheira, a eſta magoa ſe lhe ſeguio a deſconſolaçaõ de perder a viſta. Entendeo-ſe, que ſeria o motivo huma claridade grande, que em certa occaſiaõ ſe lhe repreſentou no Ceo; naõ ſe ſoube de mais particularidade; ſoube-ſe ſó, que algumas vezes diſſera: *O meu Bautiſta me tirou a viſta, elle ſabe o que convinha á minha alma.* Era zeloſa da honra de Deos, e da refór-

reſórma do Moſteiro, rompendo muitas vezes com ſanta impaciencia a reprehender algum deſmancho, que via. Mas naõ faltavaõ deſattençoens, que a injuriavaõ, tratando-a como tonta, e outros deſabrimentos, que eſcutava ſofrida, e muda. Faziaõ-na mais timorata, e eſcrupuloſa caſos prodigioſos, de que o Ceo lhe diſpenſava a noticia. Vio huma Religioſa (que falecera na Caſa com opiniaõ de perfeita) cercada de huma viva labareda e ouvio, que lhe dizia que vinha pagar a culpa de naõ aſſiſtir por coſtume ao De profundis, que ſe reza antes de entrar na meſa.

Eſta foy a vida de Sor Fauſtina, ou o que ſe pode colher della. Dos mimos, e favores, que Deos lhe diſpenſaria, podia teſtemunhar ſó o ſeu Confeſſor o Meſtre Frey Pedro de Magalhaens, de quem muito acaſo ſe alcançou huma carta, que lhe eſcrevia, aconſelhando-a: *Que quantos mais favores recebia de Deos, tanto mayor devia ſer ſua humildade; e que lhe lembrava, que Santa Catharina de Sena, por voltar huma vez os olhos, perdera a preſença de Deos.* O que daqui ſe póde inferir he muito; o que ſe ſabe, o que eſtá eſcrito. Com eſte genero de vida, que diſſemos, continuado em boa velhice, a alcançou a morte de hum accidente. Ungiraõ-na, e viveo trez dias nelle ſem acordo. Só ao Ceo, que aſſim o permittio, ſaõ reſervadas as razoens, porque aſſim a chamou. Faleceo em 12. de Abril de 1671.

CAPITULO XXIII.

Da Madre Sor Leonor de Santa Thereſa, da meſma Caſa da Annunciada, e algumas particularidades della.

CONcluamos as memorias deſta Caſa com huma, que digna deſta eſcritura, lhe ſerve de aſſumpto, conſeguido no meſmo anno, em que a vamos proſeguindo. He ella da Madre Sor Leonor de Santa Thereſa, cuja vida tem tantas teſtemunhas, quantas ſaõ as Religioſas, que ao preſente vivem neſta Caſa, em que deixou ſem controverſia o nome, e opiniaõ de mulher ſanta, naõ ſendo eſta circunſtancia de menos pezo para ſeu credito, por ſer vulgarmente o voto domeſtico vario, e deſcontentadiſſo, ou porque o governa antes, que a razaõ, o agrado, ou porque tambem a virtude (entre quem pouco a conhece) perde no commercio, ſendo a verdadeira a que menos ſe avalia, por ſer a que mais ſe acautela. Foy a Madre Sor Leonor filha de pays igualmente nobres, ricos, e tementes a Deos, emprego em que ſe adiantou ſua mãy, continuamente occupada nos exercicios de caritativa, que cahindo enferma de mal, que lhe tirou a vida, mereceo ouvir trez vezes huma voz, que clara, e diſtincta lhe dizia: *Conſtança* (era eſte o ſeu nome) *a Madre de Deos te aviſa que deſta morres.* Aſſim faleceo com tanto ſocego, como quem mereceo, e ſe ſoube aproveitar daquelle aviſo. Eſtes pays foraõ o eſpelho, em que Leonor começou a en-

Sor Leonor de Santa Thereſa.

a ensayar as primeiras acçoens em que a razaõ teve voto, e o genio exercicio, parecendo os seus já naquella idade tenra frutos do mais meditado desengano da vida. Contemplava assim a duraçaõ ligeira, e instantanea de tudo o que se estima nella, que vendo em sua Casa praticar no muito, que seus pays possuiaõ, e tinhaõ junto de fazenda, perguntou a hum criado (que era o superintendente della) com discreta ignorancia: *Se por ventura era eterna esta vida?* E respondendo-lhe elle: *Que era de Fé que tudo se havia de acabar*; accrescentou Leonor: *Pois se isto naõ he eterno, para que he desvelar tanto por isto?*

Alcançava, que só se deviaõ empregar as diligencias, e as fadigas, pelo que eternamente se havia de lograr sem ellas, e punha em execuçaõ este pensamento, levando-lhe só os cuidados os interesses do espirito. Caritativa, era com seus pays a mayor procuradora da pobreza; penitente continua em repetidos, e estreitos jejuns; contemplativa, gastava a mayor parte da noite orando, e o pouco, que lhe restava, descançando em huma cortiça. Com a idade crescia aquelle conhecimento, com que pizava o Mundo, voltando-lhe por muitas vezes as costas ás offertas de nobres, e opulentos desposorios, que pertendiaõ tanto como seu dote, e fermosura, sua modestia, e prudencia. Mas foy caso digno de reparo, que o mesmo era tratar seu pay de lhe escolher, e contratar esposo, que perder este a vida, como se Deos a zelasse já esposa, ou quizesse mostrar, que para tal a escolhia. Repetido este successo, entrou Leonor em reconhecimento de que naõ podia ser acaso, e correspondendo com a resoluçaõ ao conselho do Ceo, (seguindo os passos da Santa Princeza Joanna, a quem o mesmo succedera) desenganou o pay, que terceira vez lhe propunha este genero de vida, e passou a sepultalla em a Clausura desta Casa, senteceando-se a perpetua escrava daquelle Senhor, que a chamara esposa.

Usou toda sua vida estamenha junto á carne, seu sustento, peixe. Disciplinas largas, e rigorosas. Cingio-se de hum cilicio taõ estreitamente, que se movia com difficuldade. Na mesa mortificada, e abstinente. No Coro continua, e com mais desvelo, e gosto nas Matinas da meya noite. Ouvindo tocar a ellas, se punha de joelhos, rezando o Cantico *Te Deum laudamus*, dando a Deos graças pela que áquella hora recebeo o Mundo, vendo-o nascido. Dava poucas horas ao descanço, levando-lhe a oraçaõ quasi todas as que na noite lhe restavaõ do Coro. Rara sua pobreza; via-se-lhe no habito, via-se-lhe na cella, porque huma grossa tença, que tinha, destinava ao ornato, e pessas de valor da Igreja, de que ainda se vem hoje nella dous frontaes de prata. Desvelada na observancia, igualmente tinha zelo para reprehender desmanchos, e paciencia para sofrer desabrimentos, frutos, que se costumaõ colher de pertender aquelles emendados. Humilde, nunca perdeo occasiaõ de abater-se, entendendo sempre, que em tudo se lhe

lhe adiantavaõ todas; mas descia ainda mais este abatimento na profunda consideraçaõ do nada, que eraõ as creaturas diante de Deos, que he tudo, como se a adestrara o pensamento de David, que posto na presença de Deos, confessava o nada, que era. Daqui lhe nascia o profundo respeito, com que assistia aos Officios Divinos, e nos lugares sagrados. Correndo por sua conta as alfayas da Sacristia, de joelhos gastava muitas horas no concerto, e aceyo dellas.

Substantia mea tanquam nihilum ante te. Ps. 38. Cum est coram Deo in oratione tunc videt se nihil esse. Hugo hic.

O exemplo de sua vida a poz no lugar de Mestra das Noviças, a que bastava para doutrina, e advertencia o exemplo de sua vida. Costumaõ ellas rezar todos os dias o Terço á Senhora do Rosario, que tem no Oratorio do Noviciado; continuavaõ hum dia esta devoçaõ, e interrompida a reza, (com a inquietaçaõ de todas pela travessura de alguma) as reprehendia a Mestra, e vendo que naõ bastava, levantando a maõ, descarregou em sua propria face rigorosos golpes, e rebentando-lhe nos olhos o sangue das lagrimas, lhes disse: *Quero em parte satisfazer os aggravos, que estais fazendo a Deos, fallando com elle, e com sua Mãy Santissima com taõ pouco temor, e decencia.* Palmaraõ as discipulas; e ficando naõ só emendadas, mas compungidas, acompanharaõ suas lagrimas. Elegeraõ-na Prioreza, occupaçaõ fóra de toda a sua esperança, e diligencia; entendendo-se, que era assim vontade de Deos, pela sogeiçaõ com que a aceitara. Governou com inteireza, e affabilidade; grandes estradas, para adiantar refórmas, e attrahir subditas. Teve pouco tempo esta occupaçaõ, tirando-lhe a vida o excesso dos achaques, que por nove annos foy o purgatorio della.

Naõ ficaria sem premio aquelle zelo, e esta tolerancia, mas tudo sepultou sua modestia. Sabemos só, que muitas vezes teve anticipadas certezas da morte de algumas pessoas. Especialmente da de hum sobrinho seu, que faleceo distante. De mayores thesouros seriaõ seus Confessores depositarios, mas permittio Deos, que sendo elles quatro, o Padre Manoel Monteiro, Provincial, que foy da Companhia, o Mestre Frey Fernando Soeiro, o Mestre Frey Ignacio da Costa, e o Mestre Inquisidor Frey Gonçalo do Crato, a todos vencesse ella em dias, naõ nos ficando mais que a noticia, que temos dado, e a pureza de consciencia com que acabou os seus, testemunhando o Confessor (que a ultima vez a sacramentou) que assim a achara inculpavel, que pedindo-lhe materia para a absolviçaõ, recorrera ella á vida passada, e se confessara geralmente com admiravel brevidade. Recebeo o Viatico com grande consolaçaõ de espirito, porque precedendo alguns vomitos, entrara em receyos de naõ recebello. Assim acabou fazendo huma protestaçaõ da Fé, repetindo finas jaculatorias a seu Esposo, e deixando as Religiosas igualmente saudosas, que compungidas; doutrinadas, que invejosas. Achou-selhe em hum braço esculpido o sinal da Cruz, que sem duvida abriria a violencia do fogo,

fogo, como se lê do nosso Beato Henrique Suzo. Era aquella a marca, com que se destinara a ovelha do rebanho de Christo. Faleceo em 24. de Mayo de 175.

Acompanhe esta grande Mestra huma discipula sua, imitaçaõ, e retrato de sua vida, verdadeira Irmãa no habito, e no espirito, como o foy no nascimento, a Madre Sor Anna de S. Jacintho; que recolhendo-se em idade tenra com ella nesta Clausura, assim soube aproveitar-se do que via, e observava na boa Irmãa (a que deveo a educaçaõ, e cuidado de mãy) que em poucos annos encheo empregos de muitos; porque de quarenta e dous passou desta vida com o nome, e opiniaõ de perfeita Religiosa. Incançavel na assistencia do Coro, (adonde a veneraçaõ do Santissimo a teve sempre em pé, ou de joelhos, e sentando-se só na alternativa dos Psalmos) cuidadosa na mayor decencia do culto Divino; desvelada nas necessidades do proximo; penitente, humilde, e zelosa da observancia; virtudes, que parece lhe apressaraõ a morte, por lhe naõ dilatar a coroa.

Sor Anna de S. Jacintho.

Mas ainda que alarguemos notavelmente este Capitulo, (por se dever introduzir nelle esta memoria) coroe ás gloriosas filhas desta Casa huma illustre Conversa, digna de encher o numero das que, souberaõ ennobrecella. Foy esta Sor Ignez de Jesus, que lembrada sempre de que o era, observante a mostrou no seu estado; esposa o confirmou por voto. Observando os da Religiaõ no Mosteiro, a que a destinou o Ceo, voltou as costas ao Mundo; que injuriado da sua constancia, lhe negou os alimentos, que lhe podiaõ facilitar o lugar de Freira do Coro, ficando no de Conversa, em que destinada a servir, vio no muito, que grangeava, o pouco que perdera.

Sor Ignez de Jesus.

Assim o mostrou logo na ancia, com que abraçava tudo o que a podia abater, e mortificar; taõ despida dos commodos da vida, que até renunciou o commum de huma cella, como esposa de quem naõ teve em que reclinar a cabeça. Assim se lhe impossibilitou o descanço, que só como foro da natureza, pagava escaçamente, e em partes, em que até o socego era sacrificio. Entrou o preceito do Confessor a evitar o damno, que se seguiria ao mao tratamento; obedeceo Ignez, contrapezando nas resignaçoens de sogeita todas as resoluçoens de mortificada.

Filius autem hominis nõ habet ubi caput reclinet. Lucæ 9. 58.

Mas appellando á liberdade do que estava na sua maõ, alcançou a disciplina, com que (inexoravel ao que podia pedir hum corpo cortado de continuo trabalho) se feria na noite trez vezes, devendo ao seu Santissimo Patriarcha o exemplo, e ao seu rigor o saber desempenhallo; e porque a naõ inquietasse o escrupulo de que naõ seria taõ desabrida comsigo, tornava a aggravar os golpes com huma lixa, com que os esfregava.

Nos jejuns, sendo severa observante dos da Ordem, naõ o era menos nos outros, todos continuos. Naõ satisfeita com roubar ao corpo, e ao sustento o uso da carne; a brandura do linho, o commodo do leito; a re-

a refeiçaõ do sono, o reduzio a hum continuo martyrio trazendo sobre o peito huma Cruz de ferro, semeada de pontas, de que pendia huma medalha, que rodeada das mesmas tinha no meyo a estampa de seu Esposo, na representaçaõ de menino, e este era o sinete com que fechara o coraçaõ ao Mundo. Cingia-lhe a cabeça huma coroa de espinhos, naõ lhe custando talvez tanto o sentilla, como o dissimulalla.

Engenhou huma Cruz, em que trez horas estava cada dia, como crucificada. Assim rezava o Rosario. Aqui, e em outras occasioens de solidaõ (que buscava, para tratar com desafogo de espirito a seu Esposo) vingava os desejos, que sempre teve de ser Freira do Coro, naõ por pertender mais respeitos, mas para entoar todas as horas os louvores Divinos. Essa ancia a fez traduzir (naõ se diz com que industria) alguns Hymnos, e Canticos do Officio Divino, que eraõ o seu recreyo.

Na occupaçaõ de Conversa (que he nesta Casa a mais penosa) excedia a todas na vigilancia, e na humildade, contente, e satisfeita em desempenhar no que podia as proporçoens de esposa, pois o era de hum Esposo, que para o ser, se fez Servo. Assim celebrava com actos (ainda externos) de veneraçaõ profunda, e devoçaõ excessiva, aquelle ineffavel favor, em que o Senhor no Sacramento se enlaça com as almas, que o sabem receber dispostas; e aqui se entendia lhe communicava o mesmo Senhor algumas illustraçoens, que se lhe percebiaõ no semblante, sempre inflammado com o reflexo, que lhe rebentava do peito.

Estas eraõ as faiscas, que lhe sahiaõ do coraçaõ, em que ardia o amor de Deos, e do proximo; aquelle lhe sahia aos beiços, naõ fallando commummente mais, que com Deos, ou de Deos; este na affabilidade, com que a achavaõ as afflictas, e constancia com que assistia ás moribundas, o desvelo com que acodia ás enfermas; alli era agradavel a todas, tirando aquellas occasioens em que a pertendiaõ como advogada com Deos, para algum soccorro, porque entaõ se lhe percebia hum certo desagrado; cautela sem duvida contra a vangloria com que peleijou em toda sua vida, assustada de ter ouvido em pequena, que adulta seria hypocrita.

Mais poderoso, que este receyo, o conhecimento das cousas do Ceo, (que residia em sua alma) a fazia romper em repostas, ou praticas mais profundas, fallando em alguns mysterios, com termos taõ proprios, e percepçaõ taõ assentada, que bem parecia participaçaõ superior, e pratica de quem andava sempre na Divina presença; especialmente despois que os annos, e os achaques a obrigaraõ a viver em retiro, que sempre foy, ou as Capellas do Mosteiro, ou o canto do seu Coro.

De varios casos, e estylo de sua vida, se percebiaõ activos, e fervorosos effeitos na sua frequente oraçaõ, que a transportavaõ. Houve quem o testemunhou a furto de sua grande cau-

cautela, e vigilancia. Teve conhecimento de cousas occultas, e futuras, em que talvez a ouviraõ, ou fallar, ou responder, com clareza, e segurança. A mesma evidencia houve dos assaltos com que o commum inimigo a perseguia, e assustava, com as horriveis figuras em que lhe apparecia.

Ficaraõ para testemunho das especialidades de sua vida; da pureza de sua alma; do rigor da sua penitencia; do abrazado incendio, com que continuamente buscava o Divino Esposo; da uniaõ, que chegou a fazer com elle, abstrahida de todo o humano, duas protestaçoens, que expoz seu Confessor, grande Religioso, e grande Theologo.

Propunha lhe Sor Ignez em huma carta, em que lhas remettia (porque Deos assim o ordenava) que aquella madrugada (era dia da Circumcisaõ) se levantara absorta na rara fineza, que o Senhor fizera por sua alma, (que via ornada com os rubins daquelle sangue, e com as perolas daquellas lagrimas) e que querendo correspondella, appellara a sua ancia ás mais dilatadas, e rigorosas disciplinas, e copiosas lagrimas, que com o sangue dos golpes, queriaõ buscar aquelle mar de ternuras, e de finezas. Aqui expressava, com huma amorosa energia, os affectos de transformar-se em seu Esposo os desejos de que todos se aproveitassem daquelles rubins derretidos; que os peccadores se convertessem; que os Hereges se reduzissem; que as almas, apagando suas rigorosas chammas com aquelle sangue, passassem logo triunfantes á eterna felicidade. Terminava finalmente a carta, explicando com mais elevado, e expressivo estylo o gozo, que entaõ sentira em sua alma, de que só lhe ficara huma doce saudade, e fé escura, com inexplicaveis resabios da felicidade eterna, e que como arrebatada daquella representaçaõ suavissima, para seguro da protestaçaõ, que fizera, rasgara com hum ferro o peito. Com o sangue da ferida firmou o extremo; com a rubrica do sangue o deixou percebido.

Constavaõ os protestos, de actos de amor os mais fervorosos; resignaçoens na vontade Divina, resoluçoens heroicas de amar até no abysmo, se a elle a sentenceasse o Divino Decreto. Affectos de transformar a vida em puro amor, e espirar ás maons do mais fino extremo. Ratificaçoens dos votos do seu estado; e repetido sacrificio de tudo junto. Firmava-se no fim: *Firme escrava do seu Jesu, e Esposo eterno.*

Era o dia da Circumcisaõ, hum singular emprego das ancias do seu espirito; assim o festejava com excessivos jubilos, e o correspondia com exquisitos extremos. Propunha em hum delles ao seu Confessor a inextimavel grangearia com que o celebrara, seguindo-se a huma dilatada meditaçaõ, que nelle tivera, o parecer-lhe, que o Senhor se dignara de desposar-se com ella. Accrescentando, que o repetia com medo; que talvez se enganaria, porque comsigo o naõ fizera nunca.

Em outro dia do mesmo mysterio, segurou ao seu Confessor, que arrebatada daquella fine-

fineza, e impaciente no impoſſivel de retribuilla, lançara maõ de hum ferro em braza, e com elle eſcrevera no braço eſquerdo o nome de JESUS, e junto delle a fórma dos trez cravos. Já o ferro a ferira no peito, agora o ferro a ſinalava no braço; já Sor Ignez podia retratar a duvida de eſcolhida eſpoſa. Deſta varonil, rara, e eſtupenda reſoluçaõ, foraõ no dia de ſua morte as Religioſas oculares teſtemunhas, examinando tudo no veneravel cadaver, venturoſo deſpojo daquelle ferro; eſtimavel cinza, daquelle fogo.

Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum, ut ſignaculum ſuper brachium tuum. Canticorum 8. c. 8.

A taõ inculpavel, e penitente vida, ſe ſeguio huma morte, que pareceo premio da juſtificada, que deixava, e ſeguro da ditoſa, que ſe lhe ſeguia. Parece, que teve revelaçaõ do dia da coroa, porque ſe lhe ouvio, quando a levaraõ para a Enfermaria, que já naõ tornaria mais á cella, como conhecendo aquella doença por ultima. Nella foraõ iguaes os tormentos á paciencia, e ſuperior a tudo o deſejo de padecer ſem alivio, entendendo, que era o que lhe reſtava de hum caliz, que ſe lhe tinha repreſentado, em occaſiaõ em que deſejára ter parte no de ſeu Eſpoſo. Em muitas occaſioens entendeo que o bebia, agora que o eſgotava.

Por muitas vezes dilatandoſe a doença, tomou o Senhor; e eſpiritualmente o recebia todos os dias, com iguaes ancias a appetecello, que lagrimas a tomallo. Naõ ſofria o inimigo invejoſo eſta ſuavidade, em que deſcançava ſeu eſpirito, e quiz aſſuſtalla, já que naõ podia impedilla; entendeo-ſe, que a acuſava; porque eſtando algumas vezes ſuſpenſa, ſe reparava, que reſoluta, e a preſſada, reſpondia: *He mentira! he mentira!* A mais paſſou a pertinacia diabolica; porque moſtrou á enferma, que huma vez queriaõ arrebatalla; vioſe na preſſa anciosa, com que ſe abraçou com hum Crucifixo, que tinha ao peſcoço, repetindo: *Queriaõme levar! Queriaõ-me levar!* E perguntando-lhe huma Religioſa: *Que tivera?* Reſpondeo aſſuſtada: *Que ſentira, que pelos pés a queriaõ arraſtar fóra da cama.*

Contra eſtes combates ſe queria fortificar, e pedia a Unçaõ. A' inſtancia, que fazia, ſe lhe perguntou, porque tanto a deſejava? Reſpondeo, que a queria receber em ſeu juizo perfeito, para ter a conſolaçaõ, de ouvir como aquelles ſagrados Oleos lhe hiaõ purificando os ſentidos. Apertava-a a ancia de acabar, e ver-ſe com ſeu Eſpoſo; entrou em eſcrupulo, ſe ſeria eſte deſejo oppoſto á vontade Divina. Lembraraõ-lhe, que aſſim ſuſpirava S. Paulo, e ficou ſocegada.

Chegou ao ultimo termo a doença, recebeo os Sacramentos com vivas demonſtraçoens de compungida, ſatisfeita, e reſignada; mas até eſte ultimo ſocego lhe intentou perturbar o inimigo, fazendo no alto da cella hum arrebatado, e pavoroſo eſtrondo, ſem mais fruto, que deixar as Religioſas amedrentadas, e a moribunda advertida, pedindo, que a naõ deixaſſem ſem companhia, e lhe repetiſſem os ſoccorros da agua benta. Entrou na ultima agonia, invocando a Sacratiſſima

Advogada, (que singularmente se pertende no Ordem para aquella hora) e a seu sagrado Esposo. Pediolhe entoassem a Ladainha da mesma Senhora, que acompanhou, ainda que debilitada. Despois a Paixaõ de Christo; e estando com os sentidos espertos, o aspecto composto, e hum socego desusado, mostrou fazer resignada aquelle acto amoroso, em que sempre desejara entregar o espirito, pondo-o nas maons de seu Creador, em dia de S. Pedro Martyr, 29. de Abril, aos oitenta e seis annos de sua idade. Ficou flexivel, revestindo-selhe o rosto de huma cor, agora desconhecida morte, como antes, dos annos, e dos achaques. Foy sepultada no jazigo das Preladas, onde o conhecimento de sua vida leva as Religiosas, ou enfermas, ou necessitadas a pertender o remedio, que algumas testemunhaõ conseguido. Mayores demonstraçoens póde esperar a piedade Catholica, que deve reconhecer a virtude, laureada, e manifesta por aquella maõ suprema, que naõ he abbreviada.

Mas naõ deixemos em silencio algumas particularidades desta Casa, que sem duvida lhe servem de gloria. Seja a primeira a devota Imagem da Senhora do Repouso, que está no Coro, adonde a collocou a devoçaõ das Religiosas, que com singular affecto de filhas a servem, e lhe assistem, obrigadas assim do fermoso aspecto com que as convida, mercês, e favores de que se tem experiencia, como do estranho caminho, porque veyo a esta Casa. E foy o successo. Fechava-se hum dia a Portaria a horas de Noa, quando a ella se achou hum homem desconhecido, de trage humilde, que em hum cabaz trazia dous meyos corpos de Imagens, só com a encarnaçaõ dos rostos, o mais para se dispor, e encorpar para vestidos, como se costuma nas Imagens antigas, emendadas hoje com mais decencia, e a melhor voto, no feitio de estufado. Chegaraõ as ver as Porteiras, e algumas Religiosas, levadas da belleza dos rostos, em que hum excedia; poz neste os olhos huma Religiosa Estrangeira, natural de Hamburgo, e disse com alvoroço: *Esta se parece com huma irmãa minha, que sempre pesso a Deos me deixe vella, como ultimo gosto da vida, já que por amor delle deixey Casa, e Patria.* Com esta novidade, adoraraõ a Imagem, levando-a a mostrar por todo o Mosteiro; e resolvendo-se, que ficasse nelle com o titulo de Mãy de Deos, vieraõ á porta a fazer o preço, mas naõ acharaõ já ninguem nella; chamaraõ as serventes de fóra, e feita, toda a diligencia, se naõ teve noticia de que dalli sahisse pessoa alguma.

Assim com reparo grande das Religiosas, veyo a ficar a Senhora, que logo se vestio, e collocou no Coro, com a veneraçaõ, que accresceo, sabendose, que ao Mosteiro da Madre de Deos se levara a Imagem (que hoje tem esse titulo, e está no Altar Collateral da parte do Evangelho) no mesmo dia, e com a mesma circunstancia de naõ se saber quem a levara, de que se inferio piedosamente, que seriaõ Anjos os que condu-

conduziraõ as Imagens da sua Rainha, para os palacios em que se venera hoje huma, e outra. A da Madre de Deos, celebre he naquella Casa, por devoçaõ, e concurso no publico da Igreja. A deste Mosteiro ficou com religiosa ambiçaõ de suas filhas, e devotas de portas a dentro da Clausura. Está sentada em huma cadeira, o rosto, e os olhos com huma inclinaçaõ modesta, modo, e gesto, que lhe deu o titulo de Senhora do Repouso. Esta a Senhora, a que Sor Isabel dos Anjos (de que já fica noticia) chamava a sua Senhora, e a que lhe fazia tantos favores, e mercês, como com seu piedoso aspecto, belleza, e magestade, promette a todas, que a buscaõ, e veneraõ, porque como Mãy de Deos póde, e como Rainha dos Ceos dispende.

Teve este Mosteiro da Annunciada, despois de seu primeiro augmento, que foy pelos annos de 1539. em que as Religiosas entraraõ nelle, outro, que o deixou naõ só accommodado de officinas, e largueza, para suas habitadoras, mas auctorizado com o mais essencial da Igreja, lavrada de boa pedraria, e ornada, e repartida com proporcianadas Capellas. (tudo industria da Madre Sor Catharina de S. Joaõ, sendo Prioreza) Despois veyo a ficar de todo aperfeiçoada de retabulos dourados nas Capellas, singular, e de mayor, pelo cuidado, e desvelo da Madre Sor Maria das Chagas, que succedeo a Sor Catharina no governo, e no espirito, conseguindo com incançavel trabalho a cobrança de juros de consideraçaõ, que se deviaõ ao Mosteiro, favorecida do valimento do Conde de Miranda, seu cunhado. Hoje se vê melhorada toda a Igreja com o tecto de boa pintura apainelada, e brutesco ao moderno, e auctorizada a Capella môr com fermosa tribuna de que o Throno he de prata, a dispendio de huma Religiosa. Bem meditada circunstancia, que nos convida a culpar a omissaõ das Preladas antigas, como o pouco reparo das modernas, que naõ podendo ignorar, que ElRey Dom Manoel foy Padroeiro desta Casa, deraõ, ou promettera õ nas paredes da Capella môr lugar ás Armas de Senhores, que naõ tem nenhum dominio nella, mais que por favor do mesmo Rey huma sepultura. Testemunhando os mesmos Senhores desta, a verdade de naõ serem Padroeiros, naõ entrando com dispendio na obra, que se faz de novo, costumando concorrer os que o saõ, ou com parte, ou com tudo, como cada dia estamos vendo. Assim podem, e devem protestar as filhas desta Casa, pela inconsiderada permissaõ, tanto em prejuizo della, devendo reconhecer só o Padroado Real, assim para o cerdito do privilegio, como para a contingencia do favor, e beneficio.

CAPITULO XXIV.

Das Madres Sor Branca, Sor Anna Henriques, Sor Brites do Presepio, Sor Maria da Resurriçaõ, Sor Brites do Espirito Santo, Sor Brites da Conceiçaõ, Sor Isabel Bautista; e de outra Religiosa, sem mais nome, que a sua vida: todas filhas da Casa de Nossa Senhora do Paraiso da Cidade de Evora.

Mosteiro de Nossa Senhora de Paraiso de Evora.

SEm duvida, que (a nosso estylo de fallar) nasceo esta Casa com a fortuna, naõ só de servir a suas filhas de fecundo, e glorioso berço, mas de ficar sendo hum estimavel padraõ, que bemquistasse o sexo feminino, raras vezes reconhecido por instrumento do bem publico; pensaõ, e castigo, que parece lhe ficou em herança, desde aquelle primeiro estrago, que chorou todo o genero humano, em que sem duvida foy este sexo o primeiro instrumento. Nem deixou de favorecer este conceito a experiencia, que desde aquelles primeiros seculos correo até o nosso, sendo taõ raras as mulheres, a que se attribuissem operaçoens de publicos interesses, que querendo Ravizio Textor auctorizar a sua Officina com algumas de illustre fama em semelhante emprego, advertio logo, que seria succinto o Catalogo. Mas se nas pennas, e nas vozes do Mundo naõ voaõ, nem soaõ outros eccos mais que contra este debil, e fraco sexo, naõ assim nos vigorosos brados da virtude, adonde para mostrar os lucros, e as operaçoens importantes, que se deveraõ á debilidade feminina, naõ propoem mais Apologia, que a experiencia. Alarga-senos muito esta reflexaõ para podermos apontar exemplos, lançando os olhos por esses passados seculos; mas permitta-senos a licença para mayor gloria de Deos, triunfo da virtude, e exemplo da fragilidade; e porque os naõ busquemos fóra de Casa, quem naõ vê huma Catharina de Sena, de que se valeraõ os mesmos Pontifices, para coadjutora dos negocios mais arduos, que entaõ occorreraõ na Igreja; extinguindo odios, pacificando Reynos, e reconciliando inimigos? Deixo huma Margarita de Saboya tambem Dominicana, feita victima da tolerancia, por se concluir a paz de toda a Igreja. Deixo huma Isabel de Aragaõ, desvelada em evitar discordias, e reconciliar Coroas. Mas porque sempre ficaremos dizendo pouco, que outra cousa foraõ as Cecilias, as Catharinas, as Apollonias, as Barbaras, as Dorotheas, e o esquadraõ de victoriosas Virgens, que pizando, e vencendo o fogo, e o ferro, arvoravaõ o Estendarte da Fé entre os tumultos da barbaridade, e da fereza; que outra cousa foraõ mais, que huns sagrados Oraculos, em que todo o Mundo escutou documentos? Mais que huns exemplares santos para compor vidas, e acertar nas melhoras? Mas coroe já este discurso a verdade, que lhe deu motivo; a Casa da Senhora do Paraiso, que nos convidou a esta reflexaõ, sendo fabricada por duas mulheres, (como se póde ver na sua fundaçaõ) devendo a huma a primeira fabrica, a outra o augmen-

Ravizio Textor na Officina.

augmento della, assim no material da obra, como no espiritual da refórma, e observancia. Taõ proveitosa huma, e outra, que com ellas desempenharaõ duas mulheres hum Paraiso de virtudes, que deu gloria a Evora, adonde se plantou, credito a esta Provincia, em que cresceo, e finalmente berço a tantos espiritos, como naquelle seculo o povoaraõ, com tanto lucro dos que se lhe seguiraõ, como agora veremos em algumas noticias, resgatadas com trabalho do consumidor estylo do tempo. Seja a primeira da Madre Dona Branca.

Sor Dona Branca.

Naõ ficou memoria do seu sobrenome, só a circunstancia de sua nobreza, (por ser tia dos Senhores das Alcaçovas) mas ainda nesta avultava mais a rara humildade com que se conhecia, e tratava pela infima entre todas da Casa. Acabada a assistencia do Coro, entrava pelas officinas della, e pelas de mais trabalho, applicando as maons ao das serventes, acarretando agua, e lenha para a amassaria. Pouco era occuparse neste emprego, o mais, a alegria, que se lhe divisava nas palavras, e no rosto, espertando as remissas, ajudando as debilitadas, e confundindo a todas. Exacta na observancia do que professara, naõ tinha outra opiniaõ na Casa menos, que de mulher santa; e assim recebida, e assentada entre as Religiosas, quando acabou a vida, que chegando-se a ella sua sobrinha, a Madre Dona Anna Henriques, lhe pedio, que despois de falecida, lhe viesse dizer como estava Deos com ella.

Prometteo-o assim a boa velha com admiravel segurança, e naõ tardou muito, que huma noite a naõ visse em sonhos a sobrinha, que lhe dizia: *Madre, muday de condiçaõ, que Deos sempre está bem para vós.* Era a Madre Dona Anna Religiosa de grande recolhimento, e oraçaõ, mas com hum genio esquivo, e aspero, com que fogia a todo o commercio. A virtude essa prova tem no exterior, de naõ ser hypocrisia, que naõ tem carranca; os retirados, e os austeros bem podem naõ ter tratos com o Mundo, mas naõ se haõ de fazer intrataveis no modo. A aspereza, que comsigo he penitencia, com os outros parece arrogancia; e se a pedra fundamental da perfeiçaõ ha de ser o abatimento, com muita prudencia se deve exercitar o retiro; porque a isençaõ tem muitos eccos de vaidade. Emendou-se de genio a Madre Dona Anna; seguir-sehiaõ a esta emenda os effeitos do que lhe segurou a boa tia; naõ nos ficou noticia de sua morte, mas só esta tocada de sua vida. Tal foy a da Madre Dona Branca, que naõ só sua morte lhe conservou o bom conceito, mas antes della o mereceo, confirmado com hum prodigio; e foy, que o dia, que cahio na cama entrevada, entrando a visitalla certa Religiosa, vio, que Christo crucificado em estatura de homem, lhe occupava a mayor parte do leito; parece, que queria trocar o em que espirara, pelo florido, a que o convidava aquella esposa. Soube-se despois de sua morte, e occultou a Religiosa, que o vio, o nome. Taõ povoada estava a Casa

sa de espiritos, que merecessem similhante vista!

Naõ alcançou menos favor do Divino Esposo, (se naõ posto na Cruz, com ella nos hombros) a Madre Sor Brites do Presepio, Religiosa de grande observancia, penitencia, e oraçaõ. Detinha-se nella em huma occasiaõ no Coro, diante do Senhor, a que chamaõ dos Passos, quando ouvio, que claramente lhe dizia, que se aparelhasse para ir para elle. Prostrou-se a boa Madre, pondo o rosto em terra, e passado grande espaço, em que a teve sepultada o respeito, e alvoroço, se foy á cella, e tomando o deposito das Freiras, (era entaõ Depositaria) o foy entregando pelas cellas a cada huma. Pedio logo, que lhe aparelhassem hum lugar na Enfermaria, e lhe chamassem o Confessor, por mais que a Prelada se escusava, estranhando-se a resoluçaõ como loucura, por naõ ver nella accidente, que lha desculpasse taõ repentina; mas instava com tanta segurança, que se lhe houve de fazer o que pedia. Recebeo os Sacramentos com piedosas demonstraçoens, e sepultada em huma contemplaçaõ, (de que naõ permittio, que alguem a divertisse) em breves dias acabou santamente.

Sor Brites do Presepio.

Seguio os mesmos passos na ventura de similhante morte, ainda que com successo dessemelhante, outra Religiosa, que com razaõ póde queixar-se desta Casa, pela indesculpavel omissaõ de se lhe sepultar nella, com o corpo, o nome, e a vida; naõ podendo deixar de ser benemerita de singular memoria, quem mereceo acaballa com as circunstancias, que agora diremos. Estava em pensamento a horas de madrugada, eis-que de repente se lhe occupaõ, e cobrem as grades de ferro de huma janella visinha á cama, de hum numeroso bando de varios, e alegres passarinhos, cantando com huma taõ concertada, e suave harmonia, que esquecidas, e suspensas as Religiosas, só voltaraõ a reparar, que a doente espirava ao callarse a musica. Voou, e desappareceo ao mesmo instante o bando das avesinhas, que seriaõ Espiritos Angelicos, como o affirmava o voto, e admiraçaõ das Religiosas.

Com igual suavidade de musica, porque sem duvida seria a mesma Capella, sahio a Madre Sor Maria da Resurreiçaõ deste valle de miserias. Vellohemos logo. Foy esta Madre huma viva columna daquella antiga, e primeira observancia; em taõ eminente grao tinha todas as virtudes com que ella se conserva; mas excedia na fervorosa caridade, e abrazada devoçaõ com seu Esposo Christo, na representaçaõ das glorias de resuscitado. Era sua continua contemplaçaõ este mysterio; todos os Domingos do anno, satisfeita a reza da Igreja, recitava a da Paschoa, e passando muito de manhãa a buscar o Senhor á Capella do Sepulchro, acompanhava em espirito as santas mulheres, que naquella hora venturosa fizeraõ similhante jornada. Pagou-se o Senhor desta, que Sor Maria frequentava, igual no nome, como na ancia do primeiro desvelo, que a fizera; parece que o mostrou assim o successo. Entrada em dias,

Sor Maria da Resurreiçaõ.

dias, cahio Sor Maria de grave doença, apreſſou-ſelhe a morte, e entrava em artigo della, aſſiſtida da Communidade, quando apertando hum deſmayo a huma Religioſa, (aſſiſtia eſta entaõ na Sacriſtia) pedio ás outras, que a foſſem chamar para tocar o ſino em a moribunda eſpirando, que ella ſe recolhia ao ſeu leito. Eſpirou com venturoſo ſocego Sor Maria, e foraõ logo chamar a Religioſa, que como ſe a tiraraõ de huma ſuſpenſaõ profunda, e delicioſa diſſe: *Madres, bem ouvia, bem ouvia, que acabou a moribunda, mas naõ me ſabia ſahir da ſuſpenſaõ em que me prendeo o ouvir neſſe inſtante cantar a Sequencia de dia de Paſchoa* Victimæ Paſchali Laudes, *com huma tal melodia, que bem ſe via naõ ſer couſa da terra.* Era eſta a letra com que Sor Maria coſtumava na madrugada do Domingo ir a buſcar ſeu Eſpoſo ao Sepulchro.

Mas paſſemos ás mais modernas, de que temos noticia neſta Caſa, e ſeja a primeira a Madre Sor Brites do Eſpirito Santo, em quem ſe conſervaraõ as virtudes das primeiras Fundadoras; tal era o ſeu zelo! tal o ſeu exemplo! Nobre no ſeculo, e mais antiga no Moſteiro, tudo parece, que deſconhecia a ſua humildade, occupada nos empregos mais abatidos della. O jejum da Conſtituiçaõ inviolavel, a colaçaõ a mais eſtreita, porque era quaſi ſempre huma caſca de laranja azeda, naõ toda, mas aquella porçaõ branca, que fica entre os gomos, e a caſca, que ſem duvida he o fel daquella fruta. Na Quareſma raro o dia, que naõ era a

Sor Brites do Eſpirito Santo.

paõ, e agua; e paõ, naõ do mimoſo, mas broa mal amaſſada, e ſeca. Diſciplinas rigoroſas, e amiudadas; conſumida larga vida neſtes exercicios, chegou ás portas da morte, merecendo o premio delles em hum ſinal, com que o Ceo ennobreceo a ſua, abrindo-ſe nelle huma eſtrada de luzes, que corria ſobre a Enfermaria entre o Norte, e o Sul. Durou o tempo, que tardou em eſpirar a moribunda, começando a deſcobrir-ſe no primeiro termo, que fizera, como ſe ſe abrira para dar paſſagem á ſua ditoſa alma. Foy viſta eſta grande luz de muita gente da Cidade, chamada do prodigio em a tal noite.

Siga-ſe outra Religioſa, em que o meſmo nome acompanhou a igual virtude. Foy eſta a Madre Sor Brites da Conceiçaõ, que guardando ſempre a meſma igualdade de vida reformada, e auſtera, com o meſmo rigor da fundaçaõ da Caſa, avultou nella mais em huma perpetua, e ancioſa devoçaõ com as Almas, a que applicava todas ſuas penitencias, o que tinha, e o que com petiçoens, e induſtrias grangeava, parecendo-lhe tudo pouco para os ſuffragios de eſmolas, e Miſſas. O que eſtas valiaõ, e aproveitavaõ diante de Deos, parece, que moſtraraõ algumas vezes aquelles Eſpiritos agradecidos. Apontaremos dous ſucceſſos. Eſtava a Madre Sor Brites já em idade, que os annos lhe agrilhoavaõ os paſſos, mas por mais que tardava o corpo, voava o eſpirito, que tinha o centro no Coro; aſſim madrugava para ir para elle, ainda que com trabalho. Suavizava-o huma Religioſa ſobrinha ſua, que lhe ſer-

Sor Brites da Conceiçaõ.

servia de bordaõ naquella jornada; mas descuidando-se huma manhãa, e naõ a vendo na cella, vai-se ao Coro, e achando-a nelle, a culpou com enfado, porque havia de sahir só da cella, quando naõ podia dar huma passada, e taõ cedo, que lhe naõ podia acodir ninguem a dar huma queda? *Deixay, deixay, idevos recolher* (lhe responde a boa velha) *que ahi por esse corredor me tomaraõ nos braços, e me puzeraõ neste lugar, ainda que naõ vi ninguem.*

Vestia-se em outra madrugada, e querendo pôr a toalha, naõ a achava; feita a possivel diligencia, affligia-se, e lamentava-se, quando sentio, que lha punhaõ na cabeça, dizendo á sobrinha, (que já junto a ella lhe perguntava quem lhe acodira) *que ella naõ vira pessoa alguma, mas que humas maons frias sentira, quando lhe punhaõ a toalha.* Instou com ella a sobrinha, que lhe havia de tomar huma servente, que a toda a hora lhe assistisse, ao que lhe respondeo: *Naõ vos canceis, nem vos dê isso pena, que eu tenho quem muito melhor me acompanha.* Entendia-se, ou dava ella a entender, que as Almas eraõ suas continuas valedoras. Assim o seriaõ em sua morte, porque assim foy ella pacifica, e bem assombrada, em o Oitavario do Corpo de Deos, pelos annos de 1690.

Mas hum novo reparo nos está convidando com admiraçaõ, e gosto, achando nesta Casa (em huma filha della) a mais heroica, e mais incrivel observancia de silencio, antes de huma mudez voluntaria, entre o preciso trato, e commercio (ainda que regulado, e religioso) de hum Mosteiro. Assim se vio, e experimentou na Madre Sor Isabel Bautista, a que em toda sua vida se naõ ouvio huma palavra mais, que ou respondendo á Prelada, ou em materia de sua obrigaçaõ, e totalmente precisa. Naõ era menos o rigor dos exercicios penitentes, a que se sacrificava. Assim estendia, e alargava o jejum da Constituiçaõ de sete mezes a todo o anno. A paõ, e agua todas as sestas feiras delle, como trez dias em cada semana de advento, e Quaresma; e sendo nestes dias só o paõ o seu sustento, era muito pouco, porque seco, naõ lho consentia o estomago. Usava a mesma abstinencia nas Vigilias de Nossa Senhora, e Santos de sua particular devoçaõ.

Em Advento, e Quaresma naõ se deitava em cama, e todas as semanas fazia o mesmo da noite da quinta, até a do Sabbado para o Domingo. As noites, que tomava de descanço, era taõ escaço, que ás dez da noite sahia do Coro, e gastando duas na cella em devoçoens particulares, á huma tornava para elle, como para centro, de que se naõ sabia descuidar seu espirito. Assustavalhe este socego o inimigo com visoens horriveis. Huma noite, que continuava a oraçaõ, se vio taõ vencida do sono, que encostou no chaõ a cabeça, mas ao mesmo tempo despertou, vendo, que hum vulto negro, e desmedido, se lhe punha á ilharga na mesma fórma, e como se lhe tapara a boca, nem o nome de Jesus podia proferir, ainda que em seu coraçaõ

a sua

a sua alma o repetia. Assim esteve algum espaço, até que a deixou o inimigo, que ella conheceo, e desprezou logo.

Ao Officio Divino accrescentava todos os dias outro particular. Ao Domingo o Officio da Resurreiçaõ. A's segundas o dos Defuntos. A's terças o de Nosso Padre. A's quartas o dos Anjos. A's quintas o do Sacramento. Ao Sabbado o de Nossa Senhora. Naõ ficava de vago a sesta feira, rezando nella o que a sua devoçaõ escolhia. Naõ só era observante, mas olhavaõ para sua vida, como para huma Constituiçaõ, e regra animada. Pagava-lhe o Senhor estas pontualidades com algumas visoens; representou-selhe em certo dia estando no Coro, que o via todo cheyo de Religiosas, mas todas sem cabeças; entendeo; que era a falta da inclinaçaõ, que se faz com ellas nas ceremonias da reza, em que havia pouco reparo, e advertencia. Estando orando, se lhe offereciaõ á vista sinaes com que alcançava, 'que falecia tal, ou tal Religiosa; e naõ só desta Casa, mas das de toda a Provincia. Em certa occasiaõ teve huma visaõ estranha, de que naõ ficou particular memoria, mas só de que ella entendeo, que huma Religiosa, que falecera havia pouco, tinha hum singular Purgatorio em hum lugar da Casa, donde se observa silencio.

Já cheya de annos venturosos, por mortificados, esperava o ultimo golpe da morte, contemplando em a Imagem de huma Senhora, de que sempre fora muy devota. Cerrou por hum pouco os olhos, e abrindo-os, os levantou a huma janella, que lhe ficava fronteira á cama, com tal contentamento, e alegria, que bem se vio, que seria mais que natural o assumpto della. Parou o alvoroço, e espirou com socego.

CAPITULO XXV.

Das Madres Sor Isabel dos Anjos, Sor Leonor do Espirito Santo, Sor Maria do Monte Olivete, Sor Cecilia da Encarnaçaõ, Sor Maria da Annunciaçaõ, Sor Francisca das Chagas, Sor Catharina do Espirito Santo, Sor Antonia de Jesus; e de trez Irmãas Conversas, Sor Domingas, Sor Agueda da Cruz, e Sor Maria de Belem, todas da mesma Casa do Paraiso de Evora.

FEcundo Paraiso foy este, de admiraveis affluencias de virtude, rico de preciosos pomos nas innumeraveis filhas, mysticas Romans, que debaixo da candidez do mesmo habito, ardiaõ como pequenos graons no incendio do amor Divino; sendo este os frutos candidos, e abrazados, de que o verdadeiro Esposo se agradava no seu Paraiso, ou naquella alma, que ornada de virtudes era o dos seus deleites. Mas vamos vendo estes frutos, e vejamolos primeiro nos Santos exercicios da Madre Sor Isabel dos Anjos. Era o mais principal, e continuo a oraçaõ; retiravase ao Coro, e alli se esquecia de todo o commercio humano. Naquelle lugar observava assim o silencio, que em toda sua vida se lhe naõ ouvio nelle huma pa-

Emissiones tuæ Paradisus malorum punicorum cum pomorũ fructibus. Cant. 4. 13.

palavra; porque a quem lha queria, vinha escutar fóra. E que importante reflexaõ se nos offerecia agora contra o que hoje se usa, contra o abuso, que hoje se tolera, talvez dando-se passagem á nobreza, (padrinho, com que entraõ as relaxaçoens da observancia) talvez por dar passagem á cortezia, naõ advertindo as Preladas que aquella he a sala, em que o Rey do Ceo dá audiencia ás suas servas; e só vozes do espirito (como suspiros, e lagrimas) deviaõ alli ser ouvidas. Lá o considerem as que tem obrigaçaõ de zelar a Casa de Deos, e vejaõ se se póde admittir outra pratica naquella, em que o Senhor tem sitial para a sua audiencia.

Como Sor Isabel continuamente lha pedia, continuamente se dispunha, purificando sua vida nos rigores da penitencia; assim diziaõ que aquella vida era Angelica: e assim devia ser; porque naõ tinha outra mais, que fallar com Deos. Padeceo o martyrio dos escrupulos, mas acabou a vida taõ livre delles, como quem soube anticipadamente a hora em que havia de acaballa; porque despedindo huma noite as Religiosas, (que já lhe assistiaõ na cella como a moribunda) lhes disse que se recolhessem a descançar, e que ás trez da madrugada as havia de mister. Assim veyo a Communidade á hora, que o pedira, e assim espirou como o dissera.

Sor Leonor do Espirito Santo.

Mereceo tambem ao Ceo a mesma noticia anticipada a Madre Sor Leonor do Espirito Santo, em que avultou sempre huma fervorosa caridade. A que a levava para Deos, a trazia com os joelhos continuamente por terra, pedindo-lhe sua clemencia. A que a obrigava a descer ás creaturas, a desvelava na assistencia das enfermas, mas mais cuidadosa com as moribundas. Acabava huma noite de rezar as Estaçoens, que em todas corria com excessiva devoçaõ, eis-que lhe apparece huma irmãa sua. Era esta pessoa de virtude conhecida, de que naõ temos noticia mais extença, só se sabe que estava na India, adonde, sem o saber Sor Leonor, falecera; appareceo-lhe agora, e disse-lhe: *Leonor, aparelhaivos, que brevemente me heis de ir ver.* Parecia-lhe á boa Religiosa que era illusaõ da fantazia, e por sahir della, respondeo: *E como posso eu, minha irmãa, ir a vervos taõ longe?* Ao que respondeo a irmãa: *Naõ, naõ me heis de ir ver á India, mas diante de Deos, e na Celestial, em que o está gozando minha alma.* Alvoroçou-se Sor Leonor, e destemida, e affouta, sem mais duvida lhe instou: *E se eu morrer, quem me ha de assistir, sendo eu a que assisto a todas as moribundas? Em premio dessa piedade* (lhe tornou a irmãa) *vos assistirá a misericordia Divina, que dessa sorte paga*; e desappareceo.

Com este aviso começou Sor Leonor a dispor-se. Era inculpavel sua vida; nunca o parece assim aos Justos; atalhou-lhe brevemente huma doença penitentes aparelhos. Aggravou-se-lhe o mal, recebeo os Sacramentos, e em breves dias lhe chegou o ultimo. Naõ indicavaõ os sinaes que viria taõ ligeiro. Assistiaõ-lhe duas Religiosas; e havendo de darlhe

hum apisto, com que tardava huma, foy a outra apressalla; e voltando ambas, acharaõ a doente sem vida. Verificar-se-hia o que a irmãa lhe promettera; e como se verificou na morte, seria o mesmo na eterna felicidade.

Sor Maria do Monte Olivete.

Soube buscalla, e fez por merecella a Madre Sor Maria do Monte Olivete, que entrando nesta Casa, fazendo nos primeiros annos huma vida commua, deu tal volta nella, que se entendeo, que sendo conselho do Ceo, fora taõ bem escutado, que o correspondia obedecido. Entregou-se a exquisitas penitencias; e porque entendia, que a commiseraçaõ propria lhe pausava o braço com que se feria, peitava huma Irmãa Conversa, para que procurasse molhos de sylvas, e fazendo-se atar a huma columna, pedia que com ellas a ferisse sem piedade. Cançava a Conversa nos golpes, primeiro que Sor Maria nas supplicas para elles. Tal o odio Santo com que se perseguia! Naõ era nos jejuns menos austera. Assim se mortificou na vida, e assim começaria a viver da morte, que depois daquella tempestade penitente, lhe prometteo huma perpetua serenidade.

Sor Cecilia da Encarnaçaõ.

Naõ foy menos austera comsigo a Madre Sor Cecilia da Encarnaçaõ, mas podendo com todos os rigores, assim da observancia Religiosa, como dos exercicios da sua penitencia; nada a affligia mais que verse Prelada, lugar em que a acabou de pôr a sua obediencia, e a que a destinou o exemplar de sua vida. Bastou esta para refórma de toda a Casa; e as suas oraçoens para reduzir as que viviaõ com algum descuido nella. Meditava continua na Paixaõ de Christo, e com huma commiseraçaõ taõ entranhavel, como dirá este successo. Faziaõ-se obras no Mosteiro, vio em huma occasiaõ alguns officiaes, que levando huma grande trave, tomavaõ descanço, opprimidos do pezo. Suspendeo-se com a vista, e cahindo desmayada entre algumas Religiosas, que alli assistiaõ, ao acordar do desmayo, perguntando-lhe o motivo, respondeo: (com ancia, que lhe fez esquecer o de que sempre se acautelava) *Se estes homens tantos, e juntos vaõ taõ trabalhados com aquelle madeiro, qual seria a agonia de Christo, levando a Cruz desacompanhado?*

Acabou o seu tempo de Prelada, e succedendo-lhe governo mais frouxo, suspirava por vêlla outra vez nelle huma Religiosa de espirito, que entendia, e bem, que basta o das Preladas a dar calor ao corpo de huma Communidade, em que a frouxidaõ introduz os desmayos da observancia. Orava esta Religiosa, e pedia a Deos com instancia o despacho da sua supplica; que merecessem seus olhos para interesse da Casa, ver outra vez a Sor Cecilia Prioreza nella, quando lhe fere os ouvidos huma voz, que dizia: *Prioreza no Ceo.* Naõ tardou muito a morte de Sor Cecilia, nem o saber-se esta circunstancia pelo Confessor da Religiosa. Faleceo no anno de 1633. Nem faltaraõ prodigios, que favorecessem o succedido, como foy hum claro, e luzido Cometa, que se estendeo so-

bre a cella em que espirara.

Com igual ternura de coraçaõ, e compassivo affecto, contemplava a Madre Sor Maria da Annunciaçaõ nas penas, nas agonias do Redemptor, em sua dolorosa Paixaõ. Assim o trazia sempre diante dos olhos de sua alma, com aquella cruel, e ignominiosa coroa, com que o ferio, e escarneceo a impiedade Judaica. A acompanhallo naquella agonia se encaminhavaõ todos seus exercicios penitentes. Nos da Religiaõ era exacta, e nos da devoçaõ do seu Senhor tanto, que naõ havia importancia, que a retardasse della. Occupava-a huma Religiosa, e dizia-lhe, que despois teria tempo para aquelle exercicio. Respondeo-lhe Sor Maria: *Isso haveis de dizer? Naõ o differeis, a saber o que devo a este Senhor.* Naõ deviaõ de ser favores communs, que assim se póde conjecturar da pureza de sua vida, como de vir a de passar della em o dia, que a Igreja celebra a mesma coroa de espinhos, que ella lamentava como injuria, e o mesmo Senhor disporia mostrarlha gloriosa, em 7. de Mayo de 1647.

Sor Maria da Annunciaçaõ.

Siga a huma devota dos Espinhos outra, que igualmente o foy das Chagas, tomando nome, e sobrenome, que fosse lembrança dellas. Foy esta a Madre Sor Francisca das Chagas. O appellido a convidou ao penitente estylo de vida, que seguio; estrada real, que pizaõ os que conhecem, que pára o Ceo naõ ha outra mais direita, nem mais segura. Fez perpetua guerra ao descanço, e como inimiga de todo, naõ teve em sua vida cama em que hospedallo; sobre a terra satisfazia ás precisas pensoens do corpo, que cançado, a buscava como centro. Dissaboreava o sustento, que se lhe punha no prato, com o receyo de que lhe servisse de regalo; lançava-lhe agua, já que o naõ podia escusar de sustento.

Sor Francisca das Chagas.

Era hydropica sua caridade; sempre lhe parecia pouco o que dava, como escusado o que tinha. Assistia desvelada ás enfermas; com mais ancia ás moribundas; emprego verdadeiramente morgado da caridade, despido de todas as negaças do interesse, como exercitado com os que estaõ no ultimo estado de necessitados, e (quanto ao Mundo) fóra de todo o de agradecidos. Mas parece, que tomou Nosso Patriarcha á sua conta a recompensa com Sor Francisca. Esperava ella a ultima hora, (a que já cançada de annos, e achaques, a trouxera huma doença) e estando já sacramentada, perguntava ás Religiosas: *Quem era hum Frade Dominico, que estava alli perto do seu leito, rezando por hum livro?* Naõ duvidaraõ ellas de quem seria, ainda que naõ viaõ nada. Pedio, que a naõ enterrassem no Cemiterio do Mosteiro, que sabia era deposito de gente Santa; que para o seu corpo, ainda era muito huma cova no Claustro. Voltou os olhos á Imagem de hum Crucifixo, e entre demonstraçoens de verdadeira penitente espirou com socego, e suavidade, ficando com mostras della no semblante. Vinte annos despois, abrindo-se sua sepultura, testemunhou na fragrancia o corpo que guardara, e toda a Communi-

munidade, o peregrino da fragrancia. Faleceo a Madre Sor Franciſca em Outubro de 1666.

Eſcolheo Deos a ſimplicidade para confundir a ſabedoria da terra; e para que ſe entendeſſe, que eſta ſabedoria era ſimplicidade. Aſſim o veremos agora na avaliaçaõ, que tinha no voto do Mundo huma Religioſa de coraçaõ puro, e ſingelo. Era eſte o de Sor Catharina do Eſpirito Santo, a que eſta puriſſima Pomba parece, que infundira a qualidade no nome; aſſentando as Religioſas menos conſideradas, (que naõ attendiaõ ao inculpavel de ſua vida) que toda ſua innocencia era ignorancia. Mas confundiraõ-nas, e deſenganaraõ-nas maravilhoſos ſucceſſos. Tocaremos dous.

Sor Catharina do Eſpirito Santo.

Coſtumava Sor Catharina paſſar no Coro a noite da quinta para a ſeſta, por devoçaõ particular, e algumas Religioſas, que tinhaõ a meſma. Faltou o azeite a huma alampada, de que ſe haviaõ de valer para rezar; apagou-ſe, ficando Sor Catharina com o ſentimento de naõ poder rezar a Paixaõ de Chriſto, que recitava todos os dias pelas Almas. Queixou-ſe ás companheiras da pouca providencia de quem accendera a alampada, e levantando-ſe diſſe: *Eu a vou accender.* Feſtejaraõ as Religioſas a promeſſa, e determinaçaõ como ſimplicidade; mas Sor Catharina, chegando á alampada, e dandolhe hum ſopro, lhe reſtituhio a luz, que durou toda a noite, trocados em confuſaõ os gracejos das que o viraõ, e admiravaõ. Naõ ſe eſtende a menos effeitos a participaçaõ da graça, que Deos diſpenſa aos ſeus Juſtos, para que como elle obrem prodigios, que ſe com hum quaſi ſopro deu vida a hum barro, poſſaõ dar vida a huma luz com hum ſopro.

Era grande a pobreza de Sor Catharina, igual a devoçaõ, que tinha com Noſſo Santo Patriarcha, mas naõ chegavaõ ſuas poſſes mais, que a accender a alampada a huma Imagem ſua na Veſpera do ſeu dia; porém ſendo taõ pouca a porçaõ de azeite, que podia levar o vidro, durava a luz acceza todo o Oitavario. Convidava eſta Madre as enfermas, que ſe untaſſem com eſte azeite; ſeriaõ milagroſos os effeitos, que obraria, mas naõ ficaraõ em memoria; nem outra da Madre Sor Catharina, mais que a de huma morte merecida de ſua innocencia, no anno de 1681.

Aſſim he Deos amente della, que parece buſca induſtrias para conſervalla. Vio-ſe aſſim na Madre Sor Antonia de Jeſus, que entrou neſta Caſa, em que vivia huma vida commua, ſem eſcandalo nella, mas com frouxidoens na obſervancia. Paſſados alguns annos, ſonhou, que ſe achava junto a huma delicioſa fonte, em que via huma Senhora de mageſtade, e fermoſura peregrina, como o era a de hum menino, que eſtreitava nos braços. Alvoroçouſe Sor Antonia, e pedio ao menino hum gracioſo ramo, que tinha na maõ. Retirou-o elle, ſegurando-lhe, que lho daria, ſe mudaſſe de vida. Acordou entre o ſuſto, e o alvoroço do que ſonhara, e entendendo, que em tal materia eraõ os ſonhos aviſos, e conſelhos, aſſim trocou

Sor Antonia de Jeſus.

cou a vida, que em breves dias a viraõ reduzida a huma eſtampa da penitencia, por mais que ſe ignorava a cauſa da mudança, de que ſó deſpois de ſua morte ſe teve noticia. Naõ ſe deitou mais em cama. O jejum o mais auſtero, a contemplaçaõ continua, e finalmente a morte taõ ſocegada, como digna de ſe conjecturar, que della paſſaria a receber da maõ de ſeu Eſpoſo o ramo ſempre verde das perpetuas felicidades.

Aſſim ſoube ſuſpirar por ellas huma grande Converſa, filha deſta Caſa, (que em noſſos dias reſtituhio a ella, na ſua vida, huma copia daquellas primeiras cultivadoras da ſua obſervancia) que de muy tenros annos naõ ſó fez voto de caſtidade ao Eſpoſo della, mas ſe ſacrificou a ſervir neſta Caſa, ſó com os olhos no premio de ſe ver Religioſa Converſa. Foy eſta Sor Maria de Belem, que de pouca idade trouxe a eſte Moſteiro huma das graves obſervantes delle, para lhe aſſiſtir; porque ſendo Sor Maria criada com mimo, e abundancia em caſa de ſeus pays, ſe viaõ eſtes agora reduzidos a tanta penuria, que cantavaõ por fortuna o ſervir ſua filha eſcondida aos olhos de quem os conhecera.

Sor Maria de Belem.

Achava-ſe neſte tempo o Moſteiro deſtituido de quem aſſiſtiſſe á obrigaçaõ do forno, porque os annos, e os achaques tinhaõ impoſſibilitada huma Religioſa Converſa, que tinha eſſa incumbencia; lançou a Prelada maõ de Sor Maria; que em taõ pouca idade, compreiçaõ debil, e em ſua peſſoa taõ pouco robuſta, e ainda delicada (em que ſe via a improporçaõ para hum trabalho, que pedia forças dobradas) antes era pedirlhe hum milagre, que darlhe huma occupaçaõ; e aſſim ſuccedeo, porque dizendo ella ás que lhe exaggeravaõ o impoſſivel, que a Senhora da Conceiçaõ (fallava de huma Imagem de particular culto no Moſteiro) lhe daria forças para ſervir ás Religioſas, entrou a exercitar o officio com admiraçaõ de todas.

Aſſim entrava deſaſombrada nas officinas de mayor trabalho, porque a ancia de ſe ver Converſa, lhe dobrava eſſas forças que tinha. Seu ſuſtento quotidiano era hum pouco de paõ ſeco, e alguns dias mais feſtivos algum legume, regalo de que ſe abſtinha em Quareſma, e Advento, porque a reçaõ, ou qualquer pitança, era do primeiro pobre, que encontrava na Portaria. Para deſcanço lhe ſervia de cama huma taboa (quando ſe achava indiſpoſta) porque o chaõ foy ſempre a ſua cama; mas ainda por taõ poucas horas, que quaſi ſempre a achavaõ no Coro as da madrugada, em que (como a que vivia na Caſa das Eſtrellas Dominicanas) acompanhava com ſuaves jaculatorias a melodia das Matutinas. Mas cuſtoulhe primeiro muitas lagrimas, e rogativas, o haver de vir, e aſſiſtir naquelle lugar áquellas horas, e paſſar muitas vezes nelle todas as da noite.

Fica o Coro debaixo muy fóra do commercio do Moſteiro, e ſobre ſer ſombrio, e carregado, a idade, e o ſexo lho faziaõ mais horroroſo; mas a Imagem de hum Chriſto crucificado,

ficado, de grande devoçaõ (que estava nelle, e com que ella a tinha grande) assim ouvio os gemidos daquella Pomba, que suspirava aquella assistencia nocturna, (em que a soledade, e o segredo apascentaõ suavemente o espirito) que desterrando-lhe prodigiosamente o medo, a convidava no mais alto da noite a fazer habitaçaõ nas aberturas lastimosas daquella sagrada Pedra, que a vara mostrava tantas vezes ferida. Assim frequentava Sor Maria o sitio, e assim queria imitar nelle a seu Esposo, que crucificada nos seus cilicios, lhe abria a continua oraçaõ chagas nos joelhos, de que muitos annos foy só secretaria a sua paciencia.

Naõ lhe succedeo assim nas disciplinas, que repetia naquelle sitio, porque nem toda a sua cautela, e advertencia podiaõ apagar as evidentes rubricas do sangue, em que se lia nas paredes, e pavimento, o como eraõ rigorosas, e continuas. Conseguio melhor a dissimulaçaõ em outro martyrio. No primeiro anno, que entrou no Mosteiro, cahio, levando hum pezo desmedido ás suas forças; e á violencia do golpe, lhe ficou hum braço com grandes dores, e sem movimento. Affligio-se excessivamente, porque o seu empenho era servir para merecer o habito; e agora se temia repudiada por inhabil. Recorreo anciosa á Senhora da Conceiçaõ, sua continua Protectora, fazendo voto de lhe rezar todos os dias hum Terço, se lhe restituhia o movimento no braço, ainda que lhe continuassem as dores nelle. Caso raro! Desde logo conseguio perfeito, e robusto movimento, mas continuando-lhe as dores no braço por muitos annos, ficando habil para servir, sem perder o merecimento de padecer. Que alto conselheiro teve sempre a virtude nas suas operaçoens! Naõ passava de treze annos, quando fez esta taõ bem meditada supplica.

Estes, e outros testemunhos de sua concertada, e penitente vida, foraõ as adherencias, que lhe negocearaõ o habito de Conversa, sem que se lhe ouvisse huma palavra de empenho para conseguillo mais, que dar graças a Deos, quando via que se lhe dilatava. No dia, em que o recebeo, (que ella testemunhava pelo mais feliz de sua vida) passando pelo Coro, se prostrou por terra diante do seu Crucificado, segurando-lhe, que no que coubesse na sua fragilidade, o adoraria Esposo; acto em que (dizia) lhe pareceo que se lhe arrancava o coraçaõ do peito com huma suave, mas poderosa, e executiva violencia. Mas esta era a primeira, e mais importante victima, que no altar daquelle madeiro lhe pedia seu Esposo.

No novo estado pouco achou, que accrescentar á Regra, mais que o gosto de ver que obedecia; mas só se lhe conheceo excesso na observancia da pobreza: sentia ella as suas oppressoens, só por naõ ter com que acodir ao aceyo das Capellas, e provimento das alampadas, para o que se soccorria das Religiosas mais abastadas; diligencia, e cuidado, que o Senhor lhe premiava com evidentes prodigios, trocando-lhe muitas vezes as fundages do azeite no mais

mais puro, e claro; outras, achando-se providas as talhas, que se tinhaõ deixadas por vasias; casos de que testemunhavaõ as mesmas Religiosas, que a soccorriaõ para estas pias providencias.

Todo o tempo, que lhe restava das occupaçoens, que estavaõ a seu cargo, lhe levava a assistencia das Imagens, de que era devota; diligencia, com que valeo a algumas Religiosas em grandes molestias. Confirmemos esta conjectura com huma, em que se fez grande reparo. Achava-se huma Religiosa enferma, já sem esperança alguma de vida. Recorreo (como via fazer a muitas) huma irmãa sua a Sor Maria, para que rogasse a Deos pela enferma; e como ella a estas petiçoens se escusava com a generalidade de que Deos acudiria, instando a Religiosa, e indo para esse effeito importunalla ao Coro, lhe respondeo: *Madre, leve á doente a Imagem de Nosso Padre, que está em tal Capella; que eu sonhey, que o Santo queria rogar a Deos pela sua saude; que nisto naõ se perde nada, porque naõ he mais que hum sonho; mas tenha segredo.* Assim succedeo, que convaleceo repentinamente com a assistencia do Santo, e admiraçaõ dos Medicos, que lha faziaõ desconfiados.

Continuamente se lhe representava, que tudo no Mundo estava no ar; assim os edificios, assim as pessoas, que casualmente via de alguma janella do Mosteiro, e o mesmo Mosteiro em Dormitorios, e Claustros, que pizava; com receyo de que naõ estavaõ seguros; e logo se lhe representava o Mundo cheyo de peccados, o que a reduzia a huma grande afflicçaõ, e profunda tristeza, que desafogava em continuas lagrimas, de que (como ella confessou) só convalecia na sua oraçaõ solitaria. Muitos foraõ os casos, em que assim se conheceo; baste hum por todos, por ser o mais publico.

Sahindo por Visitador desta Provincia o Mestre Frey Ignacio da Costa, entre as ordens, que mandou pelos Mosteiros, foy huma a este do Paraiso, em que ordenava, que as Freiras Conversas vestissem escapulario preto, deixando o branco, para se conformarem nesta exterioridade com os Irmaons Conversos da Ordem. Vinha esta com excommunhaõ ás Preladas, ainda que se suspendeo com a appellaçaõ das Conversas. Naõ entrou Sor Maria no numero das appellantes, mas recorrendo á Senhora, que era, (como já dissemos) a sua protectora, lhe confessou a inconsolavel pena, que lhe daria o largar o escapulario branco, como representaçaõ da pureza religiosa. Sentia mais, que houvesse litigios, a que se havia de seguir inquietaçaõ da Casa, e da consciencia; mas que pedia ao Senhor lhe désse huma grande conformidade. Isto disse com muitas lagrimas, naõ podendo occultar a continuaçaõ dellas, e a grande afflicçaõ em que andava á mesma Prelada, como sua domestica. Ao seguinte dia appareceo com semblante mais sereno, e os olhos enxutos, de que admirada a Prelada, e suspeitando já o que podia ser, a importunou para que lhe descobrisse

briſſe a novidade, que ella depoz, (ou vencida dos rogos, ou ameaçada dos preceitos) dizendo, que a noite antecedente, indo como coſtumava, provendo as alampadas, ſe proſtrara diante do ſeu Senhor,) que era a Imagem de hum Crucifixo) e lhe pedira perdaõ da ſua rebeldia, ainda que eſtava prompta para a obediencia; e que logo ſe ſentira com menos repugnancia; e deſcendo ao Coro debaixo, ao entrar nelle, ouvira huma voz, que diſtintamente diſſera: *Naõ te afflijas, que naõ ha de ſer*; *e que no Coro naõ achara peſſoa alguma*, *achando-ſe totalmente livre daquella afflicçaõ.* Eſte caſo praticavaõ a Prelada, e o Vigario (que logo aſſentou, que tudo eſtava desfeito) quando chegou noticia, de que era o Viſitador falecido, e ſe poz o Decreto em perpetuo ſilencio.

Orava huma noite no Coro; chegou-ſe a ella huma Religioſa, que pertendia huma eſmola para fazer huma ſobrinha Freira, (o que a trazia affligida, e deſconfiada) e pedio-lhe encommendaſſe ao Senhor (que eſtava expoſto) aquella importancia, que ella mandaria fazer a Imagem de S. Joſeph, muy ſuſpirada no Moſteiro. Naõ reſpondeo Sor Maria, e foy continuando a ſua oraçaõ; (em que ficava como ſem operaçoens de viva) deteve-ſe orando a Religioſa, e paſſado algum eſpaço, voltou a ella Sor Maria, e diſſe-lhe: *Confie, Madre, na miſericordia do Senhor, que ouvirá petiçaõ taõ juſta, e mande logo fazer a Imagem, que ſe naõ baldará o cuſto.* Brevemente ſe vio a Religioſa deſpachada como queria, o que tudo teſtemunhou ella meſma.

Aſſim era ſua oraçaõ taõ continua, como fructuoſa, o que o inimigo naõ podia diſſimular, inquietando-a com eſtrondos, que as Religioſas ouviaõ, fugindo temeroſas, e aſſuſtadas; e vendo, que Sor Maria ficava com ſocego, e perguntando-lhe o que foſſe, reſpondia, que naõ entendia o que era, mas que ſe naõ devia fazer caſo de nada. Entendeo-ſe, e eſpecialmente pela Prelada, (com quem vivia, e fazia aſſiſtencia) que as Almas a animavaõ, e lha faziaõ; porque ella ſegurou, que orando no Coro, ſentia, que eſtavaõ junto della, mas naõ via nada. Huma noite, que ſe detinha fóra de horas, orando na Capella do Sepulchro no Clauſtro, ſe ſentio cercada de hum repentino, e exceſſivo calor. Voltou os olhos ao Clauſtro, e vendo que ardia em grandes labaredas, entendendo, que ſe pegara fogo no Moſteiro, ſahio fòra aſſuſtada, e naõ vio couſa alguma.

Mayores caſos lhe deviaõ ſucceder na oraçaõ; ſepultou-os a ſua grande vigilancia. Diremos o que eſta naõ pode eſconder. Orava na Enfermaria, (em que aſſiſtia a huma enferma) e tomada de hum leve ſono, ſe lhe repreſentou Chriſto Senhor Noſſo em hum campo de flores, em que eſtava muita gente. Tinha o Senhor na maõ hum caliz de puriſſimo criſtal, em que recebia o precioſo licor de ſeu ſangue, que lhe ſahia do lado. Proſtrou-ſe Sor Maria, pedindo miſericordia, e o favor celeſtial de participar daquelle Divino nectar. Concedia-lho o Se-

Senhor, e a algumas Religiosas, a petiçaõ sua. Entaõ levantou o Senhor a voz, e chamou por huma Religiosa, que vivia no Mosteiro com pouco reparo; e naõ respondendo esta, ordenou que fosse castigada. Com o horror desta sentença acordou Sor Maria, sepultada em huma taõ profunda tristeza, que obrigou a que a importunasse a Prelada, e soubesse a causa daquella afflicçaõ repentina. Mas vio-se o fruto da sua oraçaõ, porque em breves dias (em que a Prelada se entende participaria o caso á Religiosa) ella se reduzio a huma vida reformada, e dentro de hum anno faleceo, inferindo-se de sua morte a melhor vida a que passava.

A outra Religiosa assistia com continuos conselhos, pedindo a Deos por ella na oraçaõ, porque a via, ainda que inclinada á observancia, como confusa, e suspendida. Eis-que hum dia claro, e sereno soou de improviso hum trovaõ estrondoso, ferindo com tanta actividade nos ouvidos daquella Religiosa, que entendendo, que para ella era o ameaço, correo a abraçar-se com hum milagroso Crucifixo; e repetindo segundo trovaõ com mayor horror, fez com a boca naquellas Sacrosantas Chagas hum voto de emenda, que se conheceo logo no estylo de sua vida, em que a confirmou o saber de Sor Maria, que na noite precedente ao trovaõ, tinha sonhado, que cahia hum rayo no Mosteiro, e que ella prostrando-se diante daquelle Crucifixo, pedia naõ permittisse, que fizesse damno. Mais individuaçoens haveria neste caso; mas sempre as de mayor reparo costumava deixar em silencio.

Adoeceo gravemente a Prelada, a que assistia; receava Sor Maria o rigoroso golpe da sua falta; foy excessivo seu sentimento, que naõ podia dissimular como domestica; e advertindo-a a enferma, que era culpavel a sua pena, porque devia accommodar-se com a vontade Divina mais, que attender ao amor da creatura, lhe respondeo: *Que o seu sentimento era divida, por quem a trouxera áquella Casa, e lhe dera a honra de ser filha della, (o que naõ merecia) porque Deos castigava, e aborrecia ingratos. Que quanto a inclinaçoens, sabia Deos, que nunca em seu coraçaõ entraraõ de cousa desta vida.* Mas aggravava-se a doença á Prelada; ordenaraõ os Medicos, que se lhe dessem os Sacramentos; e advertio ella a Sor Maria, que se dispuzesse, porque ambas haviaõ de receber o Senhor. Assim succedeo; e reparando a enferma, que Sor Maria se revestia de huma alegria desusada, vio, que chegando-se a ella, lhe dizia: *Madre, confie no Senhor, que naõ ha de ir desta, porque quer elle, que lhe faça ainda muitos serviços*; successo, que logo testemunhou a mesma Prelada, e se confirmou na melhora repentina, com que se restituhio a saude perfeita.

Tornou a adoecer a mesma Prelada dahi a alguns annos, e dizendo a Sor Maria, pela ver muy desconfiada, que devia conformar-se com a vontade Divina, lhe tornou ella com muitas lagrimas: *Confirme-se vossa mercê tambem, porque agora lhe digo, que já naõ terá saude em*

quan-

quanto viver; e assim foy, como o multiplicarem-se os trabalhos áquella Religiosa, promettidos tambem por Sor Maria, que lhe certificou vira em sonhos huma grande Cruz, e logo huma grande estrada, que hia parar junto á cella daquella Prelada.

Mas mais singular caso confirmou os favores, que Sor Maria conseguia na sua oraçaõ. Cahio na cama de doença, que pareceo ser a ultima. Assistia-lhe a sua amante Prelada, e dizendo-lhe, que esperava em Deos, que havia de ter melhora, lhe respondeo: *Ainda mal, que naõ ha de aqui ter termo o meu purgatorio.* Ficou dizendo isto absorta, e sem sentido. Vieraõ os Medicos, e tomando-lhe o pulso, voltaraõ para as Religiosas, dizendo, que aquelle accidente era superior aos remedios dos homens, e que mais se haviaõ de dar a Deos graças, que applicar mesinhas. E tornando em si, e achando alli só a Prelada, lhe disse: *Nesse lugar em que vossa mercê está, tive eu hontem aos grandes Patriarchas S. Domingos, e S. Francisco, a que me queixey muito de se me dilatar tanto este desterro; mas isto saõ sonhos, naõ ha para que reparar nelles.* Dahi a pouco tempo a tomou huma taõ ardente febre, que foy preciso chamar o Medico, que lhe applicou hum cordeal, e voltando-se ella para a parede, voltou dalli a espacio, e sentada na cama, pedio o vestido; e tanto instou, que (ainda que parecia delirio) se lhe deu, e se levantou, e a petiçaõ sua a levaraõ ao Coro, de donde veyo sem arrimo, nem admittio mais Medico, antes dalli a dous dias se poz na sua austeridade costumada, e serviço da Communidade na assistencia do forno, de que a Prelada a quiz aliviar, e ella o naõ admittio, dizendo: *Que como Deos naõ quizesse, lhe tiraria as forças; que daquella sorte a quizera o Senhor, e nella havia de perseverar.*

Bem conhecia Sor Maria os avanços daquella humildade, exercicio em que muitas vezes a espreitaraõ, e a viraõ extatica com os joelhos em terra, logrando as delicias daquelle Esposo, que por ella se fizera servo.

Alguns favores, que recebia do Ceo, ou importunada, ou inadvertida, communicava á sua Prelada, mas cahindo logo em si, dizia: *Madre, isto tudo saõ imaginaçoens*; e logo se retirava, naõ deferindo a pergunta alguma. Via-se-lhe no semblante quando tinha sido favorecida; e em huma occasiaõ hia a dizer o que neste particular lhe succedera, e fallou taõ altamente, que a Prelada ficou suspensa, e testemunhou despois, que o que só lhe percebera, fora: *Que o Senhor, ainda que muito humano, assim infundia veneraçaõ nos coraçoens, que tudo parecia temor, mas que o amor podia mais.*

Havendo algumas dissençoens no Mosteiro, e palavras entre algumas Religiosas, affirmava, que nada ouvia. A sua pratica, que era raras vezes, só com Religiosas reformadas, e em cousas do Ceo; herança daquelle grande Pay, que se fallava, ou era com Deos, ou de Deos. Assim se resolveo despois de vinte e tantos annos, por conselho da sua Prelada, a com-

municar a sua consciencia com hum Religioso de letras, e vida concertada, e dizia: *Que ella sim seguia bom caminho, mas ás escuras, porém agora com candea.*

Excessiva no affecto, e reverencia ao Santissimo Sacramento, introduzio no Mosteiro, que no seu Oitavario houvesse Lausperenne; pedindo-o com muita instancia á sua Prelada, que assim o ordenou com grande lucro espiritual das Religiosas; e houve circunstancias, de que se inferio, que fora aquelle empenho conselho do Ceo. A hum Estudante, que queria ordenar-se, o mandou ella dar por huma Religiosa sua parenta, que naõ tomasse aquelle estado, sem fazer primeiro huma confissaõ geral; porque de outra sorte se lhe aparelhavaõ grandes infortunios. A grandeza, e continuaçaõ destes mostraraõ, que se naõ tomou o conselho.

Como na oraçaõ os participava do Ceo, costumava embaraçarlha o inimigo. Vio se em hum tremendo caso. Recolhiase huma noite para a casa da Prelada, em que assistia, e taõ inquieta, e chorosa, que importunando-a pela causa, respondeo: *Que heide fazer, Madre, se teve poder o inimigo para me estorvar a minha hora de descanço? Porque assim como entrey na minha Capella, se me poz nesta imaginaçaõ, que via muita gente no Claustro; e traziaõ as Religiosas a huma com hum mortal accidente, e por mais diligencias naõ podia confessar-se, nem tomar o Senhor. Isto se me imprimio de sorte, que sahi ao Claustro, mas o inimigo com medos, e estrondos me fez retirar.* Recolheo-se; mas bem vio a Prelada, que naõ descançava, e a pouco espaço sahio da cella. Levantou-se a Prelada ao romper da manhãa cuidadosa, eis-que lhe fere os ouvidos hum desusado estrondo, e chegando a examinallo, vê, que traziaõ em braços a mesma Religiosa, que disséra Sor Maria, com hum accidente, que sem obedecer a remedios, lhe tirou a vida sem confissaõ.

Ao tempo que isto escrevemos, vive Sor Maria, mas taõ attenuada com annos, e achaques, que nos braços a levaõ para o Coro, em que gasta os dias, e parte das noites. O Senhor, que a tem conservado até aqui, para demonstraçaõ de sua clemencia, a poderá desempenhar com mayores evidencias na morte de sua serva, para gloria sua, e assumpto de melhor penna.

Mas fechem o numero das gloriosas filhas desta Casa duas Irmãas Conversas, que ainda que mais antigas nella, deraõ o seu lugar ás Madres de que temos escrito, para entrarem juntas neste ultimo. Foraõ ellas Sor Domingas, e Sor Agueda da Cruz, e assim souberaõ abraçar a da Religiaõ, que igualmente edificavaõ, e serviaõ a Casa com o seu exemplo, e com o seu cuidado. Naõ quiz ter Sor Domingas outro, mais que servir, como quem conhecia, que o mesmo Deos feito homem, naõ escolhera outra occupaçaõ na terra. Entrara nesta Casa com huma irmãa, e huma sobrinha, todas para Freiras Conversas; tiveraõ depois dote, passaraõ as duas para

Sor Domingas, e Sor Agueda da Cruz.

ra Freiras do Coro, naõ quiz Sor Domingas, tendo o mesmo. Servia a Communidade no trabalho do forno, como se desafiasse as labaredas de sua caridade nas que accendia nelle. Andou sempre descalça, para que a convidavaõ os tojos de sua officina, onde naõ queria dar passo, que naõ podesse ser martyrio. Observante do jejum, ainda esse pouco que comia, dissaboreava com agua. Alcançou huma cadea de ferro, que fora de Servo do Deos o Irmaõ Frey Pedro, Porteiro de S. Domingos de Evora, teve noticia do para que lhe servira, e cingindo-se com ella, e fechando-a com hum cadeado, lançou a chave em hum poço. Consumida de penitencias, annos, e trabalho, foy sua morte de Santa, e como de tal, venerada sua sepultura.

Seguio seus passos nas penitencias Sor Agueda, sangrada de rigorosas disciplinas, descançava poucas horas da noite sobre huma taboa, nunca em cama. Seu desvelo principal, acodir, e remediar a pobreza. Era hum retrato desta a sua cella, e a melhor alfaya, que guardava em hum almariosinho, huma caveira, espelho a que compunha sua vida, e assim a ensinou a morte a viver, que começaria a viver felizmente desde a morte.

Lucrecia da Conceiçaõ.

Naõ deixemos em silencio a venturosa, que teve Lucrecia da Conceiçaõ, escrava do Mosteiro, em que viveo muitos annos exercitada em huma extremosa devoçaõ com a Senhora do Paraiso, a que chamava *a sua Senhora do alto*; acompanhava esta devoçaõ com concerto de vida, que parecia effeito della. Achava-se na ultima hora, e levantando a voz, disse, que lhe chamassem trez Religiosas, apontando os nomes dellas, (eraõ as que se conheciaõ na Casa mais devotas da Senhora) e que viessem com toda a pressa a ver a sua Senhora do alto, que lhe entrava pela janella a fazer-lhe huma visita; e com o alvoroço de recebella, passou desta vida; seria a acompanhar a Senhora.

Mais copiosas noticias nos devia de roubar o tempo, ou o descuido, e quero tambem crer, que a modestia desta Casa, porque muito mais nos promettia a observancia, que se continúa nella, de que naõ faltaõ memorias de vidas reformadas, mas a similhança dellas sem caso particular, nos escusaõ o trabalho de as repetir, podendo a repetiçaõ causar fastio, e tendo já apontado as que bastaõ para exemplo. Sempre nesta Casa houve espiritos, que o fomentaraõ, lembrados da pura refórma de seus principios; para credito dos quaes naõ deixarey de apontar aqui huma circunstancia, que em boa, e assentada tradiçaõ se conserva na Casa, e de que nosso antecessor parece naõ teve notica, e vem a ser, que era (nos primeiros annos de sua fundaçaõ) tal o despego do Mundo, com que se vivia, (ainda no que naõ se escusa) e tal o amor da verdadeira pobreza religiosa, com que se conserva a observancia, sem mais cuidado, que o augmento della; que visitando a Casa ElRey Dom Manoel, (occupado entaõ em reformar todas as do Reyno) e dando

gra-

graças á Madre Joanna Correa, terceira Prioreza, pela grande reforma com que o Mosteiro corria, tendo toda a Communidade junta, disse ás Religiosas, que pedissem o de que necessitassem; e instadas outra, e outra vez, que pedissem (porque todas se callavaõ) pediraõ doze mil reis, porque o numero era de doze Religiosas, o que ElRey lhes concedeo taõ admirado de ver sua parcimonia, como só entaõ menos lembrado de sua Reeal liberalidade. Naõ se esqueceraõ as Religiosas da sua obrigaçaõ, avultando-a tanto, que todos os dias até o presente lhe ficaraõ cantando á Hora de Prima o Hymno *Veni Creator Spiritus*, com seu verso, e oraçaõ; e no Oitavario dos Defuntos hum Officio. O Hymno naõ sey, que porporçaõ tenha para o seu agradecimento, salvo se he em lembrança do que lhe cantaraõ na entrada do Mosteiro.

Mas coroemos as memorias delle com a sua gloria, a sua ventura, e o seu amparo, que saõ as mercês (fallamos nas modernas) da Senhora do Paraiso, que lhe dá o titulo, e o conserva respeitado. Vio-se assim por Julho de 1701. que levantando-se huma horrivel trovoada, a tempo que as Religiosas rezavaõ Matinas, rompeo taõ visinho o trovaõ, que entrando a repentina claridade por huma janella do Coro, pareceo, que nelle feria o corisco. Prostraraõ-se as Religiosas por terra, ou aconselhadas da devoçaõ, ou compellidas do susto, recorrendo com fervorosos clamores á Senhora do Paraiso; e examinando depois os sinaes de fogo, que o rayo deixara nas varandas, e lugares altos do Mosteiro, hindo cahir em huma rua da visinhança (sem fazer offensa) o attribuiraõ á protecçaõ da Senhora, que como Cherubim daquelle Paraiso, lhe serve de guarda, continuando a Communidade a memoria do favor em huma Antiphona com sua oraçaõ, que todos os dias se entoa antes de Prima.

Outro favor especial, e moderno se sabe, e testemunhaõ as Religiosas, que se vio em huma servente do Mosteiro, que vendo-se suffocada de huma postema (perigo, a que naõ valiaõ as industrias da medicina) se levantou da cama, e levada igualmente da devoçaõ, e da ancia se foy ao Coro, e pondo-se com fé viva nas maons da Senhora, lançou immediatamente a postema, testemunhando o prodigio com huma repentina, e segura melhora. Devem se as desta Casa a esta soberana Senhora, que he (como lhe chama a Igreja) Porta do Paraiso, por onde entraraõ todas as do Mundo.

CAPITULO XXVI.

Das Madres Sor Brites de Lima, ou da Cruz, Sor Brites da Encarnaçaõ, Sor Leonarda da Trindade, Sor Guiomar dos Fiéis de Deos, Sor Ursula de Santa Maria, Sor Antonia de Jesus, Sor Magdalena da Sylva do Mosteiro da Rosa.

ENtremos no jardim duas vezes fechado, pelo voto da Clausura, e pela cautela da observancia, florecendo assim nelle

Hortus cóclusus, hortus cóclusus. Cant. 40.

nelle as flores della, que justamente lhe deu primeiro o Rosario, despois a Rosa, o nome, como emblema das venturosas Primaveras em que respiraraõ tantas Assucenas Dominicanas, sendo este o jardim, que duas vezes escondido aos olhos do Mundo, soube roubar os daquelle Esposo, a que a esposa verdadeira offereceo entre flores o thalamo, e o logrou na Clausura das Rosas como sustento. Já na fundaçaõ da Casa se percebeo largamente a fragrancia de virtudes, com que o Ceo a enriquecia; durou despois, e dura ainda como em herança nas filhas, que despois a cultivaraõ, como mostraremos agora; e seja entre ellas a primeira, a Madre Sor Brites de Lima, tia do Bisconde de Ponte de Lima, nobreza, que pizou, para ir descendo ás occupaçoens de serva na Clausura Dominicana. Tal era sua humildade. Com toda pedio, e vestio a mortalha religiosa, abraçando com tanto gosto os seus rigores, que nem quiz que os achaques a dispensassem delles; antes começando estes a perseguilla, se poz da sua parte com as austeridades da sua penitencia. Mas era muita sua debilidade, para resistir a tantos inimigos; veyo a prostralla huma enfermidade, ajudada de todos. Dilatou-selhe por alguns mezes, naõ para lhe perdoar a vida, mas porque quiz o Ceo mostrar os quilates de sua paciencia; só nos effeitos se via a violencia do achaque, porque se lhe naõ ouvio queixa, ou gemido de que se percebesse. Naõ tinha mais de alivio, que aquelle dia que commungava, com tanta devoçaõ, e lagrimas, que as tirava de compunçaõ dos olhos das Religiosas.

Mo steiro da Rosa.

Lectulus noster floridus Cant. 1.

Acervus tritici vallatus liliis, vallatus Rosis. Cant. 7.

Sor Brites de Lima.

Chegava-se sua morte, quando dous dias antes crescendo com excesso o rigor do mal, que se via nas ancias, e desasocegos, lhe acodio o Ceo com suaves lenitivos, percebendo a doente, e outras Religiosas, (assim assistentes, como distantes) por muitas vezes soberanas, e concertadas vozes, que se repetiaõ no Coro, em que se naõ achava quem as repetisse, por mais que percebida, e continuada a suavidade, se fazia o exame. Entre estes regalos, e mimos do Ceo, passou a lograr nelle a coroa de sua tolerancia, em 19. de Julho de 1622.

Siga huma Brites a outra, huma sobrinha a huma tia. Siga a Madre Sor Brites da Encarnaçaõ á Madre Sor Brites de Lima. Fora esta daquella, naõ só tia, mas mestra, e Sor Brites da Encarnaçaõ taõ grande discipula, que no exemplo, que despois deu a toda a Casa, começou a substituir pela mestra. Foy esta Madre filha do Bisconde Dom Lourenço de Lima, dotada de grande prudencia, e igual modestia, mas a delicadeza, e debilidade natural, mimosa da criaçaõ que tivera, naõ se resolvia a abraçar as asperezas do estado que tomara, e em que a doutrinara sua tia; assim se deixou passar os primeiros annos em hum genero de vida concertada, antes com attençoens á sua qualidade que em sogeiçaõ, e sacrificio á virtude. Entravaõ os achaques a desculpar as relaxaçoens, mas dispoz o Ceo, que elles mes-

Sor Brites da Encarnaçaõ.

mesmos aconselhassem a refórma, porque crescendo com excesso, romperaõ hum dia em hum accidente, que a privou de falla, juizo, e movimento, sem aproveitar industria, ou remedio humano.

Recorreraõ as Religiosas á Senhora do Rosario; no seu dia teve falla, e juizo inteiro; das lesoens, e debilidades do corpo foy pouco a pouco convalecendo, e das do espirito, com huma taõ repentina melhora, que bem se descobria, que o Ceo, que lhe dera a primeira, a aconselhava para a segunda. Começou a entrarse de hum conhecimento proprio, que a abateo, e meteo debaixo dos pés de todas, desfazendo em cinza aquellas fabricas antigas, em que o idolo da estimaçaõ se deixava adorar nas repetidas lisonjas da calidade, e das prendas. Trocou a cella pelo Coro, o descanço pela oraçaõ. Era raro o lugar, em que achando as Preladas, ou Religiosas antigas, se naõ puzesse de joelhos, pedindo-lhe perdaõ de suas passadas vaidades, ou desattençoens ao seu respeito; espectaculo nunca visto sem lagrimas, e sempre com acçaõ de graças áquella excelsa maõ, que faz estas mudanças. Tornaraõ a perseguilla os achaques, que por oito annos foraõ seus algozes, sem acabarem com ella o reduzir-se a menos austera vida, antes adiantava a perfeiçaõ della em huma rara conformidade, e tolerancia.

Chegou huma Vespera de Nossa Senhora da Purificaçaõ, acabara de confessar-se, esperava commungar com a Communidade, quando entendeo, como se em clara voz o ouvisse, que o dia seguinte seria sua morte. Poz-se nas maons de Deos, recebendo-o, e passando aos pés da Prelada, lhe pedio perdaõ como indigna subdita, e a bençaõ, que já seria a ultima, porque era chegado o fim de sua vida; que Deos lhe permittira essa noticia, e naõ havia duvida. Reprehendeo-a a Prelada, entendendo, que ameaçada de algum accidente, rompia naquelle delirio, advertindo-lhe, que naõ désse credito a fantezias, taõ alheas do que costuma dar a virtude. Obedeceo Sor Brites, culpando-se de huma temeridade, e sogeitando-se, contra o que experimentara, ao dictame da Prelada, como Oraculo da sua obediencia; sacrificio, a que só chega a perfeiçaõ mais abalizada. Deteve-se Sor Brites no Coro aquelle dia mais do que costumava, e recolhendo-se á noite para a cella, disse a huma servente, que lhe assistia, que puzesse junto ao leito taes medicinas, que lhe seriaõ necessarias. Foy assim, que de madrugada a tomou huma violenta apoplexia, de que passados trez dias, espirou, ficando-lhe o rosto até alli mortificado, e consumido, com huma tal serenidade, e belleza, que parece copiava a gloria de sua alma. Faleceo em 3. de Fevereiro de 1639.

Muitas vezes se nos tem offerecido o fazer esta reflexaõ sobre a harmonia, que venturosamente fazem a virtude, e a nobreza, porque a cada passo se nos repete este assumpto nas filhas desta Provincia, naõ sendo menos venturoso este Reyno

na

na circunstancia de serem os seus Mosteiros huns reformados Palacios, em que hospedado o melhor de sua nobreza, desempenha com ventagens as estreitezas da observancia. Esta a razaõ de repetir a reflexaõ com gosto, porque naõ desconheça o Reyno, que os Mosteiros da Provincia naõ enfraquecem a sua grandeza, antes conta em todos mais, e melhorados Palacios.

Continue o argumento desta verdade, despois das duas Madres, de que temos escrito, a Madre Sor Leonarda da Trindade, igualmente com ellas illustre por nascimento, e digna desta memoria por sua humildade, zelo, e observancia; mas sobre tudo por huma singular devoçaõ ao mysterio da Santissima Trindade, que lhe deu o nome. Fazia-lhe todos os annos a festa, mas era taõ pobre, que valendo-se da industria de suas maons, trabalhava todo o anno para aquelle dia. Venturosa tarefa, premiada com hum successo, em que parece mostrou o Ceo, que estimava o trabalho! Costumava Sor Leonarda fazer festivo o dia, naõ só quanto ao culto da Igreja, mas queria, que tambem abrangesse ás Religiosas com huma limitada pitança de fruta. Naõ era o tempo muy liberal della; tinhaõ sido poucas as sobras do gasto principal, para acodir áquella falta. Recolhia-se á noite da oraçaõ para a cella com essa pena, quando lançando os olhos para donde tinha alguma fruta, que se lhe dera de esmola, a acha taõ avultada, que contando-a com alvoroço, achou para repartir com largueza por todo o Mosteiro. Era rigorosa, e estreita nos jejuns, comprava paõ grosso, dando o mimoso, com a reçaõ, que lhe dava a Communidade, aos pobres. Em alguns legumes, ou hervas, que lhe punhaõ no Refeitorio, e eraõ o seu prato quotidiano, lançava agua para lhes tirar o gosto. Assim foy sua vida huma mortificaçaõ continuada, sua morte o mayor alivio, e mayor ventura della.

Sor Leonarda da Trinda-

Teve a mesma a Madre Sor Guiomar dos Fieis de Deos, como veremos logo. (continuamos ainda nella o numero das nobres, e observantes) Foy esta Madre com excesso humilde, e penitente, continua em fervorosa oraçaõ, as mais vezes pelas Almas, que igualmente experimentava agradecidas, e em cousas taõ publicas, que lhe naõ era possivel recatallas, por mais que o prevenia a sua modestia, e se cançava a sua industria. Foy ainda mais publico o que testemunharaõ todas as Religiosas em sua morte. Poucas horas antes della, se ouviraõ no Coro vozes desconhecidas, entoando o Officio de Defuntos, entre ellas levantou a moribunda as maons, e olhos ao Ceo, e dando-lhe graças em vozes já mal percebidas, espirou, ficando na mesma fórma com tanto socego, e compostura, como se ainda vivera.

Sor Guiomar dos Fieis de Deos.

Grande espelho de refórma vio esta Casa na Madre Sor Ursula de Santa Maria, pessoa de grandes respeitos por sua qualidade, mas tanto mais sobidas as de sua virtude, que naõ só nesta Casa, em que a tiveraõ por Mestra, a elegeraõ

Sor Ursula de Santa Maria.

Prelada, mas eleita em outras, foy a reſtaurar nella a refórma. Naõ ſatisfeita com os rigores da Religiaõ, tinha particular induſtria para inventar outros, com que ſe penitenciava. Aſſim fez por ſuas maons humas diſciplinas com taõ multiplicados, agudos, e rigoroſos bicos, que baſtavaõ poucos golpes para martyrizar, ſeguindo-ſe taõ largas ſangrias, que era preciſo á ſua cautela, andar buſcando os lugares mais eſcondidos da Caſa, e advertir a huma amiga, de quem ſe fiava, que a taes horas a procuraſſe, para lhe ſervir de arrimo, para vir para a cella; a tal eſtado a reduzia o rigor da diſciplina! Aſſim trazia o corpo, antes eſpedaçado, que ferido. Muitos annos perſeverou neſta vida, paſſando, muy entrada nelles, a lograr o que merecera nella.

Sor Magdalena da Sylva.

Da Madre Sor Magdalena da Sylva ficou a memoria de grande obſervante; penitente, tanto como obſervante, e humilde, tanto como nobre. O ſeu zelo a poz no lugar de Prelada, e a ſua obediencia (acabado o cargo) nos officios mais penoſos do Moſteiro; ſervia-os com deſvelo, ſem que os annos, ou os achaques lhe ſerviſſem de embaraço. Por todos cortava fogindo para o ſeu centro, que era a oraçaõ, em que ſe eſquecia com ſuavidade de eſpirito, como moſtravaõ as groſſas, e continuas lagrimas, que cahiaõ de ſeus olhos, em ſe pondo de joelhos. Com eſtas mudas, mas expreſſivas linguas, fallou na ultima hora de ſua vida a ſeu Eſpoſo, que tinha na maõ na Imagem de hum Crucifixo. Eſpirou, chegando os ſagrados pés aos olhos, como ſe encaminhara aquelles dous penitentes rios ao mar de miſericordias, que contemplara naquellas Chagas. Venturoſa Magdalena, que ſoube regar aquelles pés com lagrimas, que já em outra ſecaraõ culpas, e já em outros colheraõ premios!

Sor Antonia de Jeſus.

Mas fechemos eſte Capitulo com as memorias de huma filha deſta Caſa, em que parece foy a virtude herança, e naõ ſerá pouco credito ſeu conhecer-ſe o parente, de quem a herdou. Foy eſta a Madre Sor Antonia de Jeſus, venturoſa conſaguinea do Noſſo Arcebiſpo de Braga Frey Bartholomeu dos Martyres, por anthonomaſia o Santo Arcebiſpo; e foy a primeira virtude, que herdou delle, huma intenſa caridade com o proximo, deſempenhando nella os lanços, que o Santo Prelado com os neceſſitados, porque para os remediar a elles, ſe faltava a ſi. Ninguem chegou com affliçaõ a ella, que naõ ſahiſſe aliviada, porque ou acodia com o remedio, ou com a commiſeraçaõ. Gaſtava a noite inteira orando, e na cella, por fugir á publicidade do Coro, ou porque eſcutara bem o preceito Evangelico, de orar no retiro; a mayor parte do tempo de joelhos, deſpois em pé, tomando de madrugada, pouco, para hum ligeiro deſcanço.

O ſeu zelo, o ſeu deſvelo, o ſeu exemplo a puzeraõ duas vezes no lugar de Prioreza, que encheo, e exercitou com ſeveridade, valor, e inteireza. Com igual prudencia trabalhou pela conſervaçaõ da paz, e concordia religioſa, baze, e fundamento

mento da observancia. Assim a desvelava esta importancia, que em sabendo, que havia differenças entre Religiosas, as admoestava, e reduzia, chegando muitas vezes a lançar-se aos pés das rebeldes, appellando para a ultima diligencia das lagrimas. Enfraquecida já de annos, e trabalhos, e muito mais com os de Prelada, a segunda vez, que o era, pedio absolviçaõ ao Prelado, dando a entender, que já era tempo de reparar só em si, porque se avisinhava o da sua morte, que chegou ligeira, ainda que de achaque, que a naõ promettia. Poucas horas antes de espirar, disse com grande alvoroço de seu espirito, que estava vendo ao Santo Bautista junto á sua cabeceira, que a vinha ajudar naquelle aperto, e pagarlhe a devoçaõ, com que sempre o tinha servido; mas que era taõ soberana aquella vista, que juntamente era premio, e regalo; e assim espirou com singular socego.

CAPITULO XXVII.

Das Madres Dona Maria de S. Lourenço, Dona Anna da Ascensaõ, Dona Maria de S. Sebastiaõ, Dona Iria de Mello. Dona Antonia de Brito, Sor Barbara de S. Francisco, Sor Anna Bautista, Sor Catharina de Sena, Sor Ignez de Santa Maria, do mesmo Mosteiro da Rosa.

EM nada inferiores ás primeiras, de que temos escrito, achamos memorias das que iremos escrevendo, tanto nas qualidades da nobreza, como da virtude, naõ sendo ociosa a da nobreza, como a que offerece incentivos ás que nasceraõ com os mesmos respeitos, para seguirem os mesmos passos. Este exemplo deixou a Madre Dona Maria de S. Lourenço na estreiteza de vida, que abraçou, sendo a mais humilde, e a mais pobre, esquivando-se com os parentes opulentos, e illustres, porque cingida da mortalha Dominicana, (naõ tinha o seu habito mais feitio, que o de mortalha) naõ se tinha mais que em conta de huma escrava da Casa, assim no abatimento, como na penuria. Dotou-a o Ceo de huma Santa singeleza, em que se via a pureza de sua alma; mas o que mais avultava nella, era huma continua oraçaõ, e taõ fervorosa, e abrazada, que estando orando diante de huma Imagem da Senhora da Assumpçaõ, de que era devotissima, se lhe viraõ sahir da boca vivas faiscas de fogo, indicio da labareda, que lhe ardia no peito. Vio-o, e testemunhava-o assim a Madre Sor Maria de Jesus, digna de todo o credito, pela grande reputaçaõ, em que estava no Mosteiro.

Madre Dona Maria de S. Lourenço.

Naõ podia deixar de prometter ainda mayor fruto similhante effeito; e vio se em outro caso. Orava a Madre Dona Maria diante da mesma Senhora, em occasiaõ de huma cruel tempestade, fuzilavaõ os relampagos, assobiavaõ os ventos, açoutavaõ as janellas da Casa chuveiros grossos, e continuos, e Sor Maria immovel, e arrebatada naquelle soberano Arco, que podia reduzir a serenidade mayor diluvio, quando descen-

do hum rayo sobre a mesma Casa, passou por entre a Senhora, e Sor Maria, sem lhe fazer molestia, deixando para mayor evidencia queimados os vestidos da Senhora. Naõ se alterou a devota Madre, mas continuou a oraçaõ com o mesmo socego, achando-a na mesma fórma as que despois a buscavaõ em cinza.

Naõ lhe deixava sua caridade ter cousa propria. Concorrendo com igual necessidade, sahia sempre remediada a alheya; assim perseverou muitos annos, coroados com huma morte taõ ensayada nelles.

Dona Anna da Ascensaõ

Naõ foraõ menos venturosos os da Madre Dona Anna da Ascençaõ, tia dos Biscondes de Ponte de Lima, porque com igualdade guardou em toda sua vida o mayor rigor, e intereza da observancia. Inventava novos modos de affligir-se, e martyrizar-se industriosa na penitencia. Usou sempre lãa junto á carne, e na pobre cama. No Advento, e Quaresma a trocava pelo chaõ, ou huma cortiça. O zelo, e a prudencia iguaes nella a fizeraõ Prelada. Entrada em annos, cahio enferma, dando novos exemplos na sua tolerancia. A's portas da morte chamando as Religiosas, as exhortou para o desprezo do Mundo, e amor da Religiaõ, com palavras cheyas de fogo, a que se derretiaõ em compungidas lagrimas os coraçoens das que a estavaõ ouvindo; e dizendo-lhe, que ella era ditosa, pois sempre observára o que lhes propunha, as atalhou respondendo: *Que naõ olhassem para ella, mas para o que lhes dizia; porque ella fora sempre huma grande peccadora, e que naõ tinha mais esp:rança, que no sangue de Christe, por ser todo misericordia.* Pedio logo, que lhe lessem a Paixaõ, e no lugar em que deraõ ao Senhor a bofetada, levantou a maõ, a que a compaixaõ deu nova força, e descarregou hum grande golpe na face, e entre demonstraçoens de confórme, e penitente, espirou entre a voz commua de mulher santa, no anno de 1627.

Dona Anna de S. Sebastiaõ.

Parece que nas similhanças do nome, da qualidade, e naõ menos da virtude correo parelhas com esta Madre a Madre Dona Anna de S. Sebastiaõ, Religiosa exacta na observancia, rigor, e inteireza das leys, que professara. Sendo de genio brando, e sofrido, era fogo exasperado no que tocava a offensas contra Deos, ou relaxaçoens, e faltas na refórma, zelo, que a poz no lugar de Mestra de Noviças, sacrificada ao trabalho de cultivar plantas novas; despois no lugar de Prioreza, fazendo o milagre de contentar todas as subditas. Em Quaresmas, Adventos, e Vigilias de muitos Santos naõ tinha mais cama, que o chaõ. Naõ teve mais vida, que huma penitencia continuada; cheya de annos, e enfermando gravemente, naõ teve dia mais alegre, que o em que lhe deraõ o desengano da sua morte. Vio-a sem pavor, e poz-se nas suas maons, como a que esperava passar ás de Deos, em 11. de Setembro de 1648.

Dona Eria de Mello.

Quasi contando a mesma idade, se lhe seguio pouco despois na morte a Madre Dona Eria de Mello, tia sua, donde a virtude mostrou sympatias com o san-

o sangue, porque igualmente zelosa servio o cargo de Prioreza, igualmente observante, era o vivo exemplar, a que se reformava toda a Casa. O que foy mais raro nella, foy sua constancia, naõ havendo caso, por prospero, ou adverso, que a achasse com diverso rosto; mas dando com Job graças a Deos por se fazer sua vontade, como quem conhecia, que só elle dispunha o mais conveniente. Consumida de annos, e penitencias, lhe sobreveyo huma grande fogagem, que repentinamente se lhe recolheo. Pedio, e recebeo logo os Sacramentos com muita paz, e conformidade, e ao mesmo instante começou o fogo, que estava recolhido, a vaporar por todas as partes do corpo, ateando-selhe nelle, e no rosto, como se pegara, e ardera, em materia combustivel; assim parecia toda huma viva braza, (fora isto, como se lembrou huma Religiosa de sua confiança, o que tinha pedido a Deos o dia que professara, que lhe désse o purgatorio nesta vida) e assim a cresТou de sorte, que desfigurada, metia medo, movendo a compaixaõ os gemidos, que com voz fraca articulava vencida da dor, com taõ violentos symptomas, que no espaço de quinze dias, que durou este martyrio, se ajuntou muitas vezes a Communidade, e com pressa, entendendo-se, que acabava.

Poucas horas antes de espirar, acordando de hum grande parocismo, disse com voz, e rosto alegre, e alvoroçado: *Quem veyo? Que vejo!* E suspendendo-se hum pouco, continuou: *Meu Padre S. Domingos.* E perguntando-lhe huma Religiosa, que lhe assistia, se vira Nosso Padre, respondeo como cahindo no que tinha dito: *Ay Madre! E mereço eu isso?* E espirou logo, trocando-selhe o rosto de medonho, e disforme em fermoso, e alegre; seguindo-se a esta transformaçaõ prodigiosa huma peregrina fragrancia, que encheo, e admirou toda a Casa.

Siga a estas Madres huma sobrinha de ambas, e herdeira de seu espirito, como a que por virtude fez com ellas mais estreito parentesco. Foy ella a Madre Dona Antonia de Brito, que com igual zelo, e refórma foy tambem Prioreza, sendo venturoso seu governo pelas direcçoens, e conselhos do Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, que entaõ governava esta Provincia. A' observancia das Constituiçoens, e Regra accrescentava os exercicios de aspera penitencia, estreito jejum, e rigorosa disciplina. Achava-a a madrugada no Coro, desvelo, a que a convidava na oraçaõ, acompanhada de ansiosos gemidos, e copiosas lagrimas, interrompidas da penitente voz com que recorria á Divina misericordia. Desvelava-a o ornato, e aceyo do culto Divino, e para o que pertencia a elle, nas obras da Igreja, e pessas para a Sacristia, applicou huma pequena tença, mas muito augmentada com os lucros de obras de maons, em que era muy engenhosa, ficando para si reduzida a huma total penuria. Devota do Santo Bautista, se vio recorrendo a elle antes resuscitada, que livre, de huma mortal enfermidade.

Dona Antonia de Brito.

Vi-

Viveo despois muitos annos, seguindo ainda mais estreito estylo de vida, como ensayado ás portas da morte, a que estivera. Chegou ella, recebeo os Sacramentos, e acabou em paz.

Naõ teve esta Casa menos interesses espirituaes em outra Prelada, que primeiro lhe industriou Santamente as Noviças, e despois governou com igual prudencia as Religiosas. Foy esta a Madre Sor Barbara de S. Francisco, parenta do Santo Arcebispo Dom Frey Bartholomeu dos Martyres, como sobrinha da Madre Sor Antonia de Jesus, que no Capitulo passado nos deu assumpto. Achava-se nesta Madre, sobre o desvelo da observancia, a virtude da fortaleza, com que em seu tempo teve grandes augmentos o concerto, e refórma desta Casa. Destra no Latim, e ceremonias, naõ houve para as principiantes melhor Mestra. Zelosa, e incançavel no trabalho, naõ houve mais vigilante Prioreza. No Dormitorio zelava o silencio, na Portaria a modestia, no Coro a assistencia; em todas as partes se achava, bastando para o concerto de todas a sua presença. Grande confusaõ para os Prelados, que cuidaõ, que naõ devem de encher mais que hum lugar! Por isso há tantos, que o pertendem, e taõ poucos o satisfazem, sem acabarem de entender, que dos homens, que devem valer por muitos, escaçamente se acha hum entre todos.

Sor Barbara de S. Francisco.

Era a Madre Sor Barbara grande Prelada, porque multiplicadas suas virtudes, tinha com que encher todos os lugares. O que mais avultou em sua vida, foy a ancia, e industria de saber mortificalla. Destemperava esse pouco, que comia, veyo a absterse totalmente de beber, e começouse a mirrhar; antes era hum esqueleto, que corpo attenuado. Sua vivenda era no Coro, adonde a buscavaõ as Religiosas, para as adestrar no Officio Divino, sendo todo o seu cuidado, que se venerasse a Deos sem defeito; ouvindo-selhe muitas vezes dizer, que desejara morrer mirrhada em huma daquellas cadeiras. Tal era o desejo, de que se naõ faltasse á minima circunstancia da reza. Faleceo em boa velhice, com grandes esperanças da eterna felicidade, em *9.* de Mayo de *1646.*

Parece que se adiantou mais a Madre Sor Anna Bautista, naõ só continua na assistencia do Coro, mas reduzindo-se a hum tal concerto de vida, que andava sempre na presença de Deos. Assim o promettia a ancia com que veyo buscallo no thalamo da Religiaõ, e Clausura, esquivando-se ás diligencias, e industrias dos pays, que a convidavaõ com esposo da terra, e negaças da ventura. Sobre a observancia das suas leys, grande humildade, e paciencia, sobida, e remontada no exercicio de contemplativa; e se a tiravaõ delle as precisas obrigaçoens, e commercio religioso, era tal sua santa destreza, que voltava, e metia a pratica em Deos. Em tudo o que era de seu serviço, ou tocava ás importancias de sua alma, era executiva, resoluta, e inteira, sem attender a respeitos, ou embaraços, respondendo a huns, e a outros, que no serviço de

Sor Anna Bautista.

Deos

Deos naõ podia haver excessos, porque sempre o que se fazia, era menos do que o que se devia fazer. E como se accommodaria com o pouco, quem ficava devendo ainda obrando o tudo? Entrada em dias, cahio em huma cama, em que se encheo de chagas, purgatorio, que lhe naõ deveo nem o desafogo de hum suspiro, sendo suas lagrimas antes supplicas, que queixas; desta agua, e daquelle fogo passou ao eterno refrigerio, em 28. de Abril de 1651.

Fechemos este Capitulo com duas Religiosas, que podiaõ dar assumpto a muitos, se a omissaõ das que as conheceraõ, e trataraõ, se naõ contentara com noticias communas. Foraõ ellas as Madres Sor Catharina de Sena, e Sor Ignez de Santa Maria. Da Madre Sor Catharina baste o testemunho de seus Confessores, a que muitas vezes se ouvio dizer, que naõ tinha culpa mortal. Todo o tempo lhe parecia pouco para a oraçaõ. De noite ficava no Coro até ás onze, e ás trez da madrugada estava outra vez nelle. Entrava na oraçaõ, que continuava com tanta delicia, que muitas vezes ficava extatica. Em huma occasiaõ ardendo-lhe hum rolo, que tinha junto a si, lhe queimou, sem ella o advertir, grande parte da toalha, e do véo, apagando-se per si, sem lhe fazer damno. Taõ sepultada estava naquelle gostoso exercicio! Naõ era o Ceo em lho pagar menos prompto. Penitente, e mortificada, teve por toda sua vida o martyrio de escrupulosa. Teve dom de lagrimas; faiscas do fogo em que trazia o coraçaõ abrazado. Ardia em zelo da honra de Deos; aspera, e azeda em reprehender o que a podia encontrar. Naõ faltavaõ animos livres, que lhe respondiaõ com injurias, escutadas della com hum taõ seguro sofrimento, que estranhando-selhe, que naõ respondia, respondeo: *Que mais importava naõ cahir em huma culpa, que desafogar com huma reposta.* Acabou por Janeiro de 1660. com tanta paz de espirito, como se em toda sua vida desconhecera escrupulos, e despois della naõ podesse haver receyos.

Sor Catharina de Sena, e Sor Ignez de Santa Maria.

Da Madre Sor Ignez ficou a memoria de huma Religiosa perfeita, humilde, penitente, e sofrida; sobre tudo fervorosa na oraçaõ, que a todas as horas repetia diante da Imagem de huma Senhora com o Menino nos braços. Esta era todo o seu cuidado, sem haver outro emprego, que lhe levasse o tempo, que lhe restava do Coro. Nelle (applicando-se a algum trabalho de maons) com sua agencia, e industria lavrou huma Capella a esta sua Senhora. Achava-se, quando a acabou, perseguida de achaques, e quasi tropega, levaraõ-na nos braços a ver a obra, e lançando-se sobre os degraos da Capella, disse levantando os olhos á Senhora, entre lagrimas de alegria: *Já agora minha Senhora, que vos vejo com a decencia, que o meu coraçaõ desejava, a vida he vossa, disponde della, que eu despois deste gosto, naõ tenho que esperar mais na vida.* Alli ficou debruçada diante do Altar, alli gastou a noite em oraçaõ, amanheceo ao outro dia, com hum achaque, de que faleceo brevemente, com tanta conso-

conſolaçaõ de ſua alma, como ſe entendera, que aſſim o diſpuzera a ſua Senhora, e que aſſim lhe apreſſava o premio do amor com que a ſervira. Acabou em 6. de Março de 1660.

CAPITULO XXVIII.

Da Madre Sor Ignacia dos Santos, e da Irmãa Converſa Sor Maria da Aſſumpçaõ, do meſmo Moſteiro da Roſa.

Sor Ignacia dos Santos.

CHama-nos huma circunſtancia digna de reparo, e obriganos a que demos principio ás memorias da Madre Sor Ignacia deſde o berço, porque antes que chegaſſe ao da Religiaõ, parece que deu indicios de que o buſcaria neſta Caſa, e com a ventura, que deſcubriremos em ſua vida. Sahindo nos primeiros dias della do ſagrado banho do Bautiſmo, lançou maõ de hum Roſario, que trazia a comadre, que a tinha nos braços, e com tanta tenacidade, que naõ foy poſſivel largallo, defendendo-o com reſiſtencias, e com lagrimas; aſſim o teve aquella noite, e o dia ſeguinte; caſo, que deſpertou á memoria ás peſſoas, que a criaraõ, quando a viraõ entrar pelas portas do Moſteiro do Roſario, e muito mais quando pela vida adiante ſe lhe conheceo a grande devoçaõ á Senhora delle.

Annuncios ſaõ aquelles a juizo da piedade Chriſtãa, com que o Ceo dá a conhecer os ſeus mimoſos, como deſpertando as attençoens; para que anticipadamente os reparem ſingularizados. Succedeo aſſim ao Anjo, e Sol das Eſcolas S. Thomaz de Aquino, quando ao banhallo a ama, que o criava, apertou, e prendeo na maõ fortemente hum papel, que tirando-lho (antes com induſtria, que força) e vendo-ſe, que eſtava eſcrita nelle a AVE MARIA, lho reſtituhio a ama, para lhe enxugar as lagrimas com que o pertendia. Feſtejou-o reſtituhido, e levando-o á boca, o engulio. Foy ſem duvida vaticinio o fazer paſto de hum taõ ſoberano myſterio, aquella boca, que havia de ſer Oraculo de todo o Mundo. Mas deixemos as reflexoens ao Leitor, e paſſemos a ver Sor Ignacia no berço da Religiaõ, voltando as coſtas ás offertas da ventura, como filha, ſenaõ unica (a mais mimoſa, e bem dotada) e fogindo com a maõ ás pertençoens de eſpoſo da terra, que a voto de ſeus pays a convidava com os commodos, que ſe eſtimaõ na vida. Mas foy tal a induſtria de Sor Ignacia, que deſvaneceo as eſperanças ao pertendente, ſem eſcandalizar o goſto do pay, que com todo a vio veſtir a mortalha Dominicana.

Nella começou a eſtreita, e pura vida de verdadeira eſpoſa. Era inviolavel o jejum das Conſtituiçoens, a que accreſcentava os de paõ, e agua nas Veſperas de Noſſa Senhora, Feſtas de Chriſto, ſeſtas, e Sabbados de todo o anno. No jejum vulgar ſó comia huma vez no dia, a colaçaõ ſao ſeguinte era eſmola de hum pobre. Entrada a Quareſma, ſe cobria de cilicios, e ſobre o peito huma Cruz de metal, ſemeada de bicos. Aſſim andava até á Paſchoa, paſſando as noites em pé na cella. Apertava-a o ſono; uſou da induſtria de encoſtarſe

a

a hum bordaõ, para que cahindo-lhe, a acordasse, ou com o desamparo da maõ, ou com o estrondo do golpe. Imitadora grande de Nosso Patriarcha, se castigava todos os dias duas, e em muitos trez vezes com disciplinas de ferro; penitencia, que naõ podia esconder de alguma amiga de mais confiança, que a curava; tal era a crueldade com que se feria.

Desvelava-se para horas largas de oraçaõ, que vinha ter no Coro, despertando algumas discipulas do seu exemplo, que se levantavaõ a seguillo. A Quinta Feira Mayor commungàva, e até o dia de Paschoa, em que o repetia, e naquelles trez dias naõ comia, nem fallava, nem desamparava o Coro. Fervorosa na caridade, a achavaõ as doentes continua á sua cabeceira, todas com a consolaçaõ, e a assistencia, as necessitadas com a esmola. Dando-selhe os Sacramentos, naõ desamparava a nenhuma até o instante, que espirava, sahindo entaõ a tomar huma larga, e rigorosa disciplina, até que a chamava o sino para levarem o corpo para o Coro. Intentava o demonio, que Sor Ignacia o naõ frequentasse naquellas noites, e madrugadas seguintes, e achando bastante motivo (no medo, e pavor, que ficava em todo o Mosteiro) o accrescentava dando grandes golpes nas cadeiras, em a vendo entrar para ellas; mas ella, que o conhecia, naõ se retirava, mas pedia a Deos, que naõ permittisse se lhe representasse cousa, que a deixasse atemorizada. E succedeo como lho pedio.

Veyo a romperse no Mosteiro o excesso de penitencias com que se perseguia, entraraõ as Preladas com preceitos, e admoestaçoens a embaraçalla. Era grande seu sentimento, propunha, e segurava, que se enganavaõ com ella, e que antes era materia de consciencia, vendo-a com tantas forças, naõ lhe porem o preceito para mortificallas. Naõ era ouvida; appellava para os Confessores, pedindo-lhes penitencias graves. Assim exercitava sua ancia, naõ faltando á obediencia. Mas queria o Senhor aliviarlhe aquella sede de padecer, deulhe hum achaque, nascido do que se tinha atormentado em toda sua vida, nos ultimos annos della, mas taõ vehemente, que parecia acaballa a cada instante. Na conformidade, e paciencia (com que o levava) lhe pareceo dado para bem lavrar a coroa della. Seu unico alivio era receber amiude o penhor da gloria, porque suspirava, contentando as saudades com assistencias, que no Coro lhe fazia, todas as vezes, que se expunha; esse dia gastava inteiro nessa assistencia, e sempre ou de joelhos, ou em pé, como se em companhia dos Cortezaons da gloria estivera exercitando taõ importante politica. E que confusaõ para os descuidos, e culpaveis desatençoens de hoje, em que a vulgaridade de se mostrar o verdadeiro Rey debaixo de hum fial, tem feito aos homens afoutos, e grosseiros (por naõ dizer menos Catholicos) naõ só tomando assento diante daquella Magestade, mas occupando-se, e divertindo-se em praticas, e indecencias, bastando para o ser, o verem-se sentados os

Seraphim ſtabant. Iſaiæ c. 6.

os homens, onde ſe viraõ em pé os Serafins!

Mas chegava-ſe a morte da Madre Sor Ignacia, mandouſe levar nos braços das ſerventes pelas cellas das Religioſas, deſpedindo-ſe dellas, como a que tinha certeza de que ſe lhe chegava a ultima jornada. Inſtava ella, e contava-ſelhe já por inſtantes a vida; diſſe-lhe huma Religioſa, (que a via ardendo em huma labareda, havia trez dias, e ſem levar nada de ſuſtento) que hia ao Coro pedir a Deos, que lhe moderaſſe as ancias. Reſpondeo-lhe: *Que tal naõ fizeſſe, que antes Deos uſava com ella de muy ſuaves caſtigos por ſeus peccados; e antes pedia a ſua miſericordia, que ſe ainda eraõ neceſſarias mayores dores, todas para a importancia daquella hora ſeriaõ ſuaves.* Entraraõ ao Officio da agonia, a que eſteve reſpondendo ſem turbaçaõ; e ſem apartar os olhos de hum Crucifixo, que tinha nas maons, lhe entregou o eſpirito, repetindo na ultima reſpiraçaõ: *Jeſus.* Contavaõ-ſe 14. de Outubro de 1660.

Mas entre tambem a fazer numero nas memorias deſta Caſa, quem naõ ſó lhe ſoube merecer o nome de filha, mas ſervir-lhe tambem de gloria. Foy eſta a Irmãa Converſa Maria da Aſſumpçaõ, que recebida ao habito por eſmola, tendo entrado no Moſteiro por ſervente de huma Freira, deu tal ſatisfaçaõ de ſi a toda a Communidade, que tendo a ſeu cargo o ſerviço ſó de algumas Religioſas, parece, que ſe multiplicava para aſſiſtir a todas. Aſſim o continuava deſpois de Freira; humilde, e pobre, naõ ſó ſe metia debaixo dos pés das Religioſas, mas ainda das ſervas. Alegre, para a occupaçaõ de mais trabalho era a primeira; caritativa, para a aſſiſtencia das doentes a mais deſvelada. O que lhe reſtava de tempo, gaſtava com huma Senhora da Aſſumpçaõ, que lhe deu o nome, orando diante da ſua Imagem, deſpois que tratava do aceyo do ſeu Altar. Aſſim era ſua vida inculpavel, e penitente. Nas palavras ſe lhe ouvia huma (antes que ſimplicidade) ſingeleza, porque ſem miſtura de malicia. Da pobre reçaõ, que lhe dava a Communidade, cerceando-ſe o ſuſtento, o dava a ſua mãy; deſpois que a naõ teve, ao parente mais pobre. A eſta grande parcimonia, ou a eſte eſtreito, e continuado jejum, ajuntava rigoroſas diſciplinas.

Sor Maria da Aſſumpçaõ.

Poucas horas de noite lhe levava o deſcanço; ſempre lhe amanhecia no ante Coro diante da ſua Senhora, quando naõ gaſtava no meſmo lugar a noite inteira. Parece, que eſtimava a Rainha dos Anjos aquelles pobres deſejos; aſſim deu a entender o que ſouberaõ avultar por bem empregados. Pobriſſima era Sor Maria; pedira licença ás Preladas, para ſe occupar em algum trabalho, que tiveſſe lucro, o tempo que lhe reſtaſſe do ſerviço do Moſteiro. Seguio-ſe á licença a ſua induſtria, e o favor da Senhora a fomentalla de ſorte, que gaſtava Sor Maria com ella, o que naõ podera com a mais groſſa tença. Fazialhe a Feſta no ſeu dia com a da Calenda, e Oitavario, com tanto cuſto, e grandeza, que bem ſe deixava ver,

que

que naõ era só effeito de industria humana. Ornoulhe o Altar com prata, e ornamentos preciosos; aperfeiçoou a Casa do ante Coro, sahindo todo este dispendio (cousa incrivel) de sua agencia, e trabalho. Naõ lhe dilatava a Senhora o premio; vellohemos agora.

Jejuava muitos dias na Quaresma a paõ, e agua; achavase em huma, e em hum delles a horas de jantar debelitada, e desfalecida com o pezo do trabalho; tinha dado a huma pobre a reçaõ de paõ, que lhe dera a Communidade. Naõ tinha com que comprallo; entra na cella, busca, e revolve hum almarinho, em que punha alguma cousa de sustento, acha-o de todo vasio; sahe ao Mosteiro a ver se descobre algum soccorro, e naõ vendo de quem o podesse esperar, torna a recolher-se á cella a desjejuar-se se quer com hum pucaro de agua, quando se lhe offerecem aos olhos no almarinho, que já tinha buscado, trez paens grandes, alvos, e mimosos. Levanta as maons ao Ceo, conhecendo, que era favor da sua Senhora, e naõ menos o numero, pelo que venerava na sua Capella, em que tambem estavaõ o Menino Jesu, e S. Joseph, que com a Senhora formavaõ a Trindade da terra.

Naõ foy menor favor o que em outra occasiaõ attribuio tambem á mesma Senhora. Costumava pelas Paschoas cobrilla, e ornalla com algumas joyas, que lhe emprestavaõ de fóra. Tinhalhe posto em huma huns brincos de grossas perolas, occasiaõ, em que vencida do sono, descançava na sua cella, quando abalando-a duas vezes, lhe repetiraõ: *Maria da Assumpçaõ, acodi á vossa Senhora do ante Coro.* Desperta ligeira, sahe da cella, chega ao Altar, quando vê huma servente, que posta sobre elle, lançava as maons ás perolas da Senhora; larga o furto, foge apressada, segue-a, (para conhecella) Sor Maria, e a moça, vendo-se alcançada, e o castigo, que merecia, lança-selhe aos pés, pedindo-lhe pela mesma Senhora, que a naõ descubra. Soube-se despois o caso, mas nunca a aggressora do furto.

Assim experimentava Sor Maria a cada hora as piedades da boa Senhora, a quem servia, e o como corriaõ todos os soccorros por conta de sua particular providencia. Vio-se assim no que diremos agora. Ficara Sor Maria empenhada por huma Festa da Senhora (em occasiaõ, em que a achou menos provida) em quantia de vinte mil reis. Era o acrédor mal sofrido, executava a pobre Freira, que lhe pagasse logo; e vindo hum dia, (que lhe sinalara por ultima espera) naõ tendo Sor Maria de quem valer-se, vay-se ao Altar da Senhora, prostra-se diante della, pede-lhe com fé, e lagrimas, que a soccorra. Quando (caso raro!) chamaõ por ella na roda, e lhe entregaõ vinte mil reis, com huma carta de hum irmaõ, que havia annos tinha na India, e lhos remettia para remediar sua pobreza.

Outro caso singular, e bem publico, (por passar entre muitas pessoas) coroou a experiencia do muito, que em todos os empenhos devia Sor Maria á sua Senhora.

Pedio em huma occasiaõ a hum Sacerdote, que assistia na Sacristia, e cuidado da Igreja, que lhe fosse comprar huns covados de tafetá roxo, porque chegava a Quaresma, e queria acabar hum vestido á sua Senhora; mas naõ chegava o dinheiro ao custo, e pedia por mercê lhe esperassem pelo resto. Naõ quiz o mercador, e veyo o Padre descontente; mas nem por isso deixou Sor Maria de pedirlhe, que tornasse a fazer a proposta, offerecendo a mesma Senhora por fiadora. Escuta o mercador impaciente a supplica, e resolve, que naõ dará nada, sem vir toda a quantia. Torna a contar o dinheiro, e acha o preço certo. Admira-se o Padre, que o contara, e o trouxera, e sabia o que lhe faltava, e em fim vem a assentarse, que fora desempenho da mesma Senhora.

A ella recorria em todas suas afflicçoens Sor Maria, como taõ experimentada, mas naõ faltando no empenho de agradecida, nada mais a molestava, que ver, que lhe faltavaõ as circunstancias de alguma Festa, que lhe fazia, sendo todo o seu desvelo a mayor solemnidade della. Negavaõ-lhe algumas vezes licença os Prelados para ter o Senhor exposto; e he digno de saberse o desafogo a que recorria, para testemunho da singeleza de sua alma. Hia-se, recolhida a Communidade, ao Altar da sua Senhora, e despois de se encomendar a ella, dizialhe, como quem se despedia, em voz alta: *Senhora, eu naõ sey, que vos faça. Acodime, que eu só naõ posso. Manday vosso filho a Roma, que traga licença para que se façaõ as vossas Festas, como vossas, que a mim negaõ-ma, porque sou huma triste barbata.*

Ao Menino Jesus, que estava na mesma Capella, porque lhe tiravaõ (talvez por travessura) alguns brincos, que ella lhe dava, dizia com muita segurança: *Tomay Menino; ouvisme? Se vos quizerem tomar alguma cousa, chamay logo por mim, para que vos acuda.* Esta era sua sinceridade, como se naõ soubera mais da vida, que o serviço da Casa, o commercio com a sua Senhora, e o desvelo de lhe ornar a Capella. Mas queria a Senhora della darlhe a coroa por aquelle gostoso trabalho, e em hum dia da Assumpçaõ, andando ordenando a Festa, se sentio ameaçada de grave doença. Duroulhe alguns mezes, com interpolaçoens de melhora, e commungando em o dia da Conceiçaõ, se lhe seguio hum taõ forte accidente, que entrou logo em artigos de morte. Acodiraõ as Religiosas a applicarlhe remedios, e ella, que já por nenhuns esperava, começando o Credo, pedio a véla, e continuou oraçoens para aquella hora; e ao entoarem as Religiosas a Antiphona: *Assumpta est Maria in Cœlum*, passou desta vida com o venturoso annuncio daquella musica sagrada, cantando-se agora, quando Maria da Assumpçaõ espirava, o que a Maria, Rainha da gloria, canta em sua Assumpçaõ a Igreja. Contavaõ-se 14. de Dezembro de 1663.

CA-

CAPITULO XXIX.

Da Madre Sor Violante do Ceo, e de huma Pupilla, ambas da meſma Caſa da Roſa.

FEche venturoſamente o numero das filhas deſta Caſa huma naõ ſó benemerita della, mas digna de todos os beneficios da memoria, naõ nos eſcuſando a eſta as muitas, que deixou eſpalhadas ſua penna, porque neſte lugar he ſem duvida huma das acredoras da occupaçaõ da noſſa. Foy eſta a Madre Sor Violante do Ceo, que devendo-lhe a elle o ver-ſe melhorada na eſtimavel prenda do entendimento, (e taõ deſtro, e facil nas ſuavidades da poeſia, como ſe ſe lhe trocara a arte em natureza) começou a pagar ao Mundo aquellas attençoens, e liſonjas com que a reſpeitava Oraculo; até que eſcutando o dos annos, e das experiencias, abrio os olhos para conhecer, que os das Aguias naõ deviaõ ter outro emprego mais que o Sol.

Sor Violante do Ceo.

Voltou Sor Violante já credula as puras luzes da razaõ, mais que as labaredas do entendimento, que miſturadas com o fumo da vangloria, lhe mortificaraõ a viſta, deſencaminhando-a na eſtrada, que primeiro eſcolhera, e a que tornava agora. Já trilhando-a com ſegurança, foy ſingular ſua refórma. Nem os annos a divertiaõ do ſequito das Communidades, de ſua cautela, e recolhimento ſe inferiaõ exercicios penitentes. No da oraçaõ vocal era continua no Coro, em que ſe ſuſpendia contemplativa, e devota: Já violenta a tudo o que naõ era commercio com Deos, ſe eſcutava até nos eccos da ſua poeſia a verdade, com que ſe transformara de Serea dos golfos da adulaçaõ humana, em racional Ciſne das aguas da penitencia; attractivas correntes, que já lhe convidavaõ o genio nos primeiros paſſos de ſua vida, como ſe vê nos ſeus Soliloquios, obra com mais eſpirito, que corpo, com mais ſubſtancia, que vulto; pequenhez, que pareceo providencia para a decorar toda a memoria, (armada contra o eſquecimento) ſendo ainda hoje, até a mais pueril, depoſito daquelle theſouro.

Muito mais, e mais avultados teſtemunhos da felicidade de ſeu engenho, (em que ſempre ajuntou com ventura clareza, doçura, e elegancia) eſpalhados pelas maons da curioſidade, conſervaõ ainda hoje ſeu nome; mas ſem duvida (confeſſaraõ os melhores votos do ſeu ſeculo) ſe lhe devia mais duravel pagina para eſcrevello, que a que a antiguidade conſagrou ás ſuas Corinas, ás ſuas Saphos, ás ſuas Polas, e ás ſuas Damoplilas, que com as meſmas pennas com que voaraõ ao Templo da Fama, eſcreveraõ ſeu nome nos bronzes da poſteridade. Naõ ſerá eſta eſcaça com a Madre Sor Violante, agradecida aos multiplicados aſſumptos com que lhe deixou occupada a memoria, e repetidos eccos, que ſempre ſoaráõ em ſeus eſpaços. Faleceo com grandes demonſtraçoens de penitente, e confórme, deixando ás Religioſas grande conſolaçaõ a ſua morte, como perpetuas ſauda-

saudades a sua vida. Naõ seja estranho nesta breve noticia della, o termos tomado o estylo, antes que de narraçaõ, de Panegyrico, porque para elle nos levou o assumpto; com similhante naõ se escreve de outra sorte. Na materia seguramos a desculpa.

Naõ a podemos ter para excluir das memorias desta Casa a de quem a buscou para berço, e para sepulchro. Taes foraõ os annos em que a buscou, e taõ poucos os que nella viveo! Mas deixando-lhe a gloria, e a ventura, de ser berço de muita virtude, ainda em pouca idade, contava a de seis annos, quando entrou a ser Pupilla huma filha de Antonio Rodrigues da Veiga, e Dona Maria de Sousa, por nome Guiomar; e como se a razaõ se adiantasse aos annos, era tal o estylo de sua vida, que deixava atraz aquelles milagres, em que ás vezes costuma romper a natureza. A humildade, o retiro, o silencio, a traziaõ sempre sepultada. A humildade aos pés das Religiosas, e ainda das serventes da Casa. O silencio, porque continuamente a recolhia a rezar no Coro, despois de visitar os Passos no Claustto. O seu desvelo era saber quando eraõ os dias de jejum, que estreitamente observava; como todos os Sabbados, e Vigilias de Nossa Senhora. Todas as noites rezava o seu Rosario, naõ se acabando nunca com ella, que se recolhesse, sem que o satisfizesse. Meditava com ternura, e compunçaõ maravilhosa os tormentos da Paixaõ. Assim se chamou Guiomar da Paixaõ, sobrenome, que tomou na Crisma por escolha sua. Nascera em huma sesta Feira Mayor, e conjecturava-se, que era aconselhada do Ceo aquella devoçaõ em huma idade, que naõ podia ainda discursar para sentir, ou incapaz de sentimento compassivo. Mas por isso devoçaõ aconselhada do Ceo, que ao insensivel dos Anjos soube permittir lagrimas nos olhos.

Angeli pacis amare flebunt Isaiæ 33.

Caritativa, buscava industrias dissimuladas, (fugindo aos olhos de quem a tinha a seu cargo) para repartir com os pobresinhos da sua idade do sustento, e do vestido. Inquiria, e examinava as virtudes em que se exercitavaõ as Religiosas, para imitallas; e naõ era tanto o imitallas, como o escondellas. Fallava em Deos com tanto conhecimento, tanta ancia, e tanto affecto, como se lhe tivera servido o berço de escola de espirito; e no que tocava ao Mundo taõ estranha, como se lhe naõ dera berço. Naõ podia durar na terra, quem a desconhecia centro. Peregrinou nella até idade de onze annos, em que cahio em huma doença, que antes lhe grangeou o resgate, que a morte. Nos ultimos apertos della levantou os olhos, e banhando-selhe o rosto em huma repentina alegria, disse em voz clara: *Maria, Mãy de graça, Maria, Mãy de perdaõ, livrayme do inimigo, e na morte merecebey*; e espirou, sahindo da cama, e eleito em que estava, hum cheiro, e fragrancia, como do mais precioso, e exquisito aroma. Testemunharaõ-no assim muitas Religiosas, que lhe assistiraõ, taõ cheyas de assombro, como dignas de credito. Venturosa Casa, a que o Ceo deu

deu Anjos para filhas! E venturosas filhas, que mereceraõ accrescentar no Ceo o numero dos Anjos! Mais largas noticias desta Casa se sepultaraõ com as vidas de Religiosas antigas, que eraõ o deposito, e archivo dellas; mas em tempo, em que o descuido, e a omissaõ tinhaõ esta Provincia, sem quem tivesse obrigaçaõ de as recolher, conhecendo-se agora o damno sem remedio, da falta desta providencia, em que se podiaõ lograr para gloria de Deos mayores, e mais repetidos documentos, que nos servissem a nós de doutrina, e á Provincia de honra.

CAPITULO XXX.

Das Madres Sor Catharina do Nascimento, e Sor Brites de S. Joseph, do Mosteiro de S. Joaõ de Setuval.

Mosteiro de S. Joaõ de Setuval.

PArece, que quiz communicar o grande Precursor o Bautista a esta sua Casa, a que deu o titulo, as qualidades de deserto, e influir nos espiritos, que a habitassem, huma ancia penitente, de que elle desde seus primeiros annos fora mestre. Assim o veremos nas filhas desta Casa, que com Santa industria a transformaraõ em deserto, naõ dessimilhante aos da Thebaida, e Palestina, porque entre o commercio humano, ainda que religioso, viviaõ solitarias, e recolhidas em si mesmas, substituindo o grilhaõ da Clausura, pelo voluntario carcere da mais aspera cova. Observa-se assim nas que já povoaraõ estes Claustros na sua primeira fundaçaõ, e torna-se a ver agora nas que herdeiras do mesmo espirito, nos daõ venturosamente igual assumpto. Foy huma dellas a Madre Sor Catharina do Nascimento, filha de pays Hespanhoes, de geraçaõ illustre, e taõ mimosos de bens da fortuna, que passando da de Castella a viver nesta Coroa, se viraõ perseguidos da nobreza della, que pertendia na maõ de Catharina as duas grandes qualidades de sangue, e riqueza; primeiros idolos da veneraçaõ humana; mas Catharina, que já em seu coraçaõ os desconhecia, tendo feito entrega delle a quem só para si a creara, assim soube obrigar aos pays para que lhe naõ embaraçassem o seu bom proposito, que logo alcançou o fim para effeituallo, ainda que com mais esperas, e vagares, que os que permittia o seu desejo, mas amavaõ-na os pays ternissimamente, e queriaõ que lhe fosse pagando nas esperas, o que despois lhe havia de custar nas ausencias.

Sor Catharina do Nascimento.

Assim se intertinhaõ os pays com Catharina, em quanto ella intertinha a ancia de buscar a seu Esposo na Clausura, com a industria de a fazer de sua mesma Casa. Commungava a miudo no seu Oratorio. Alli gastava em oraçaõ muitas horas de noite, e dia; alli se ensayava para os empregos de vida mais perfeita; abraçou-a em fim de trinta e trez annos na mortalha Dominicana, com todo o rigor della. Com raro sofrimento a achavaõ as molestias, com o mesmo escutava injurias, respondendo com brandura, e segurança (a alguma má tençaõ, que queria desauthorizalla): *Façaõ-me o que quizerem, terey*

mais

mais em que ter merecimento, e despois mais aliviado Purgatorio; conselho grande, e escutado de hum Oraculo da penitencia, o nosso S. Luiz Beltraõ, que rodeado de agonias, costumava dizer, pedindo a continuaçaõ dellas: *Senhor, aqui cauterizay, aqui feri, aqui naõ perdoeis, para que eternamente perdoeis.* Grande avanço de contrato, esperdiçado só pelos mal sofridos, comutarem-se tormentos instantaneos, por eternos! Mas contrato, que só aceitara com os homens a misericordia de Deos.

Domine hic ure, hic secca, hic non parcas ut in æternũ parcas.

In ejus vita.

No silencio antes parecia Sor Catharina muda, que callada. Nas Matinas da meya noite, nos cilicios, nas disciplinas, sempre rigorosas, e muitas vezes trez cada dia, antes parecia bronze, que creatura. No dia, e noite quatro, e cinco horas de oraçaõ; sobejando-lhe tempo, servia ás enfermas, occupaçaõ, (como todas as da observancia) que naõ deixou ainda perseguida de achaques, que reconhecia mimos do Ceo, trocando as queixas em acçaõ de graças. Cahio desfalecida em huma cama, em que as repetia a toda a hora. Pedio logo, que lhe chamassem o Confessor, porque queria tomar o Viatico, pois se chegava a hora de passar ás eternas vodas com seu Esposo. Isto repetia com segurança; mas as Religiosas, que naõ viaõ esses finaes no achaque, entendiaõ, que seria teima da velhice. Escusavaõ-se todas; instava ella, que naõ chegaria ao outro dia. Assim recebeo os Sacramentos com consolaçaõ, e alegria de espirito, e pedindo huma véla, e a Imagem de hum Christo crucificado, se abraçou com elle, dizendo-lhe algumas palavras mal percebidas, e já sem alento (sorrindo-se) inclinou a cabeça, e lhe entregou a alma. Ficou com huma fermosa presença, flexivel, e meneavel, que só a falta de respiraçaõ a segurava cadaver. Ao levarem-na no esquife para o Coro, se lhe poz huma taõ estranha claridade sobre o peito, que pararaõ as Religiosas com o assombro, (assim o vio a Communidade toda) e naõ desappareceo até naõ recolherem o corpo na sepultura. Faleceo aos 14. de Setembro de 1654.

Segundo exemplo de penitencia temos neste observante deserto do Bautista, na Madre Sor Brites de S. Joseph, ou Brites Josefa do Sacramento. Foy esta Madre filha dos Duques de Aveiro, Casa Real, a que este Mosteiro deveo sua fundaçaõ, como agora o enriquecella com esta filha, em que foraõ iguaes as prendas ao nascimento, porque naõ teve o grande dellas, mais com que se medir, que com o augusto delle. De oito annos entrou nesta Casa, já o genio era de Santa. Nos jejuns, na oraçaõ, na modestia, naõ fazia acçaõ em que naõ negasse a idade, promettendo o que seria na mayor. Já professa, estendeo toda sua capacidade a encher o nome de huma perfeita observante. Nas occupaçoens humildes era a primeira, ainda naõ obrigada; nas penitentes, unica, e sempre mal satisfeita do pouco que fazia. Nas continuas da Communidade naõ só prompta, mas desvelada; assim naõ havia mais bem repartido, nem mais bem exercitado estylo de vida, quando come-

Sor Brites de S. Joseph.

começou a afrouxar nella, dando ouvidos, e attençoens á lisonja de muita nobreza, que a começou a cortejar prendada, e a buscar parenta.

Era Sor Brites discreta, era fermosa, era Senhora; estes os degraos do throno, em que a veneravaõ idolo. Naõ havia estimaçaõ, que naõ fosse tributo. Começou a vaidade a convidalla com as negaças de preferida, e a fama com as de buscada; mas o genio (sempre mimoso do Ceo) que suave, e poderosamente a levava ao centro da virtude, lhe assustava, com o reparo dos descaminhos, a melhor hora dos desvanecimentos. Elegeraõ-na Prelada, e como tinha claro entendimento, entrou em si a discursar, que aquelle lugar primeiro se devia encher com a vida, que com a pessoa; que para obrigar com o imperio, primeiro devia affeiçoar com o exemplo; e conhecendo agora melhor o como as suas desattençoens a tinhaõ lançado longe da estrada, em que a nova obrigaçaõ a metia, foy tal a sua confusaõ, que de hum dia para o outro appareceo a estatua da delicia, transformada em imagem da refórma.

Cobrio o corpo de cilicios dissimulados em huma mortalha de burel branco, a capa do mesmo, imitando a nosso Padre, que até nisto o propoz para exemplar. Seguia-o em trez rigorosas disciplinas, que todos os dias tomava. Condemnou-se a hum quasi perpetuo silencio, e em toda sua vida se lhe naõ ouvio mais palavra superflua no Advento, e Quaresma, nenhuma, escrevendo em hum papel o que queria, se era muita a importancia. Commungava duas vezes na semana, chegando áquella sagrada Mesa descalça, e com tanta abundancia de lagrimas, que compungia as Religiosas. Nas Matinas da meya noite continua, e desvelada; acabadas ellas, se dilatava na oraçaõ. Nella gastava inteiro o dia que commungava, sem tomar sustento algum. Fazia o mesmo desde a sesta Feira Mayor até o Domingo de Paschoa ao jantar. Ou de joelhos, ou em pé assistia no Coro em se expondo o Santissimo. Levava-a ao Senhor neste mysterio, affecto mais ternissimo; com o seu culto, e ornato gastava o que tinha; pobrissima em sua cella, e pessoa. Austera no jejum; em as Vigilias dos Santos de sua devoçaõ, especialmente nas de Nossa Senhora (como nas sestas feiras de todo o anno) naõ tomava no dia mais que hum caldo; o mesmo fazia na Quaresma trez dias na semana, ficando á sua reçaõ para sustento de huma aleijada; desta mesma era a melhor, e mayor porçaõ, ainda nos dias que comia. Nove annos teve por cama huma taboa nua. Nella descançava trez horas; duas rezava encostada; o restante da noite em oraçaõ de joelhos. Assim entre dia, e noite lhe levava este exercicio sete horas; huma com os braços em Cruz; todas com copiosas lagrimas.

Era sua humildade huma continua confusaõ de quem a via, e a tratava. Buscada de grandes Senhores (parentes mais chegados) se affligia com os respeitos com que a tratavaõ, invejando hum nascimento humilde, em que naõ escutasse nem

nem os eccos da vaidade. Grande zeladora da honra de Deos, credito do proximo, observancia, e concerto do Mosteiro. Fez continuar o rigor das Matinas da meya noite; e entre dia, e noite duas horas de oraçaõ a toda a Communidade, como trez disciplinas cada semana pela Quaresma. Livre da occupaçaõ de Prelada, e Mestra das Noviças, continuava mais exercicios devotos, andando descalça, onde podia ser com cautela. Assim corria os Passos de madrugada. Muitas noites hia ter oraçaõ á Cerca ao pé de huma Cruz, a que tinha devoçaõ, em lembrança do monte Olivete. Algumas vezes se retirava a lugar mais escondido da mesma Cerca, gastando dias inteiros em oraçaõ, com pouco, ou nenhum commercio com o Mosteiro.

Sete mezes antes que falecesse, se vio sobre a sua cella hum rayo de luz, que a certas horas apparecia todas as noites, desapparecendo na em que cahio enferma de hum mal, que lhe deu, estando em Matinas. Continuou-as, e despois as suas horas de oraçaõ; acabadas, se despedio do seu Senhor Sacramentado, dizendo a huma Religiosa de sua confiança, que ficava orando: *Que aquella seria a ultima vez, que a visse no Coro.* Cresceo o achaque, pedio os Sacramentos, que recebeo com animo inteiro, consolando as Religiosas, que a rodeavaõ chorando. Despedio-se de todas, pedindo-lhes perdaõ do que as escandalizara com sua vida; admoestou as Noviças á perfeiçaõ della, e amor da Religiaõ, e refórma, com humas palavras taõ accezas no amor de Deos, taõ filhas do seu genio meigo, (com que attrahia os coraçoens) que estalavaõ os das Religiosas, compungidas de a ouvir, e saudosas de a perder. Trouxeraõ-lhe as Imagens de Nossa Senhora, e Nosso Padre, que recebeo com alegria, e a que se encomendou com ternura, reparando toda a Communidade, (que despois o testemunhava) que dos rostos das duas Imagens parecia sahirem vivos resplandores.

Pedio que tivessem sentido na meya noite, porque essa seria a sua ultima hora; e como se affligia, porque tardava, perguntou ao seu Confessor, se seria culpa o desejalla apressada. Chegada ella, pegando em hum Christo, a que se encomendou com ancia, e batendo nos peitos com mais vigor, que o que promettia aquella hora (em mostras de viva penitencia) espirou sem movimento algum no semblante, ficando com hum ar de rizo nelle. Ao instante, que espirava, se vio sobre a sua cella huma luz no lugar em que tinha faltado a outra, e mais resplandecente que ella. Faleceo a Madre Sor Brites em huma terça feira 23. de Mayo de 1673. Contava de idade cincoenta e dous.

CA-

CAPITULO XXXI.

De outras Religiosas, que falecerão com opinião de virtude nesta Casa de S. João de Setuval; e de algumas notabilidades pertencentes a ella.

PAra argumento de que nunca faltarão nesta Casa, como classe da penitencia, discipulas, que escutassem as liçoens do grande Bautista, daremos noticia, ainda que recopilada, de outras Religiosas, que nestes annos visinhos ao em que escrevemos, passarão desta vida, dandonos materia na sua. Seja a primeira a Madre Sor Joanna do Deserto, de geração illustre, circunstancia, com que avultava mais sua grande humildade. Observante nas Constituiçoens em todo o rigor dellas, como estão escritas. Muitos annos foy Mestra de Noviças; em todos os de sua vida, exemplar das Religiosas. Chegada sua morte, pedio, e recebeo os Sacramentos com alvoroço, e alegria de espirito, e antes de espirar, disse, voltando-se á Communidade: *Madres, se a morte he tão suave, quem ha de recear a morte?* Disse bem esta Madre, porque tal foy sua vida. Quem viveo com as agonias de quem morre, porque não morrerá com as suavidades de quem vive? Succedeo o mesmo a huma sobrinha sua, discipula de sua doutrina, a Madre Sor Catharina de Jesus, (que com rigorosa penitencia, e oração continua, lograva as suavidades do dom de lagrimas com que o Ceo a enriquecera) porque espirou fallando com Deos em penitentes colloquios, exhortando as Religiosas á inteireza da observancia, e fazendo agora a sua advertencia, o que até alli fizera a sua vida.

Sor Joanna do Deserto.

Sor Catharina de Jesus.

Foy inculpavel a da Madre Sor Elena da Visitação, que de seis annos entrou nesta Casa, ensayando-se já em Pupilla, para as obrigaçoens de verdadeira professa, que desempenhou de sorte, como se o Ceo lhe ensinara a recopilar em dous annos aquelles extremos de observancia, e penitencia, que podião encher muitos, porque só dous viveo, despois que professou, falecendo com taes demonstraçoens de predestinada, que trocarão as Religiosas o sentimento em Santa inveja, confirmando-a na informação do Padre Frey Manoel Feyo, que testemunhava, conservara Sor Elena a graça bautismal.

Sor Elena da Visitação.

Com igual perfeição de vida em mais largos annos, mereceo similhante morte a Madre Sor Iria de Jesus. Seu principal emprego foy hum desprezo proprio, e ancia de viver servindo. Assim lançava mão das occupaçoens mais humildes da Casa, não só com obediencia, mas com alegria. Viaõ-selhe bem no rosto os sinaes de penitencia, que sepultava a sua cautela. Andava continuamente repetindo com doçura: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege, & hora mortis suscipe.* Entrada em artigo de morte, se espalhou por sua cella huma tal fragrancia, (e mais percebida de quem mais se lhe chegava á cama) como se alli se accendera a mais preciosa caçoula. Na manhãa da noite em que espirou, mandarão os Religiosos Capuchos, (que

Sor Iria de Jesus.

(que ficaõ em huma eminencia donde o descobrem) perguntar ao Mosteiro, que festividade houvera nelle, porque o tinhaõ visto cuberto de luminarias aquella noite.

Similhante prodigio de luzes se vio na morte da Madre Sor Luiza da Purificaçaõ, porque pouco antes della, se vio allumiada toda a Enfermaria de huma claridade desusada. A este prodigio, reparado de muitas Religiosas, se seguio outro, que o foy de toda a Casa, ouvindo-se nella, sem se determinar onde, cantar a Ladainha da S. com tanta suavidade, que a todas teve suspensas. Fora a Madre Sor Luiza devotissima da Senhora do Rosario. Era musica destrissima, o mesmo nos instrumentos de Orgaõ, e harpa. Com estas suas prendas, como com huma vida justificada, louvada, e servia á Senhora, sendo a mais empenhada em todas suas Festas, como penitente nas Vigilias. Entendeo-se, que aquella melodia fora em premio da que em vida exercitara.

Sor Luiza da Purificaçaõ.

Naõ parece, que esperava menos premios, ainda que naõ similhantes, quem suspirava na morte a visinhança delles. Succedeo assim á Madre Sor Ignez da Conceiçaõ, (pessoa de grandes respeitos, da Casa dos Condes de Portalegre) que trez vezes occupou o lugar de Prioreza, com grandes interesses na refórma da Casa. Huma penosa doença de que morreo (contando já oitenta e sete annos de idade) lhe tirou da maõ a disciplina, e a escusou dos mais exercicios com que se mortificava. Dilatava-selhe a morte, por que suspirava anciosa, como descanço da vida, e passagem para a verdadeira. Assim acabou, como quem parece a merecia.

Sor Ignez da Conceiçaõ.

Naõ occupou com menos capacidade o lugar de Prelada a Madre Sor Maria da Purificaçaõ, rara na tolerancia de achaques, que foraõ o purgatorio de sua vida. Muitos annos antes de sua morte se vio tolhida; quatro antes della, cega; prizoens que sentia, porque lhe embaraçavaõ os exercicios devotos, e penitentes em que se criara. Para o Coro a levavaõ, onde passava todo o dia, e a mayor parte da noite em oraçaõ, assistindo ao Santissimo, de que era extremosamente devota. Mostrou-o assim em dezasete annos, que assistio na Sacristia, para o servir mais domestica, gastando no seu culto, ornato, e aceyo com incrivel largueza, sem mais tença, que a sua industria; mas sabia esta merecer os lucros com os dispendios, como permittia o Senhor, obrigar-se dos dispendios, sendo o que dispuzera os lucros. Faleceo a Madre Sor Maria cheya de annos, e de esperanças dos premios eternos.

Sor Maria da Purificaçaõ.

Outra Religiosa achamos continua na assistencia do Coro, sem a prenderem nelle os achaques, mas os desejos de fazer numero com os Anjos. Foy esta a Madre Sor Isabel de Jesus, de vida austera. Escrupulosa, e estreita nos jejuns da Religiaõ, que inviolavelmente observava; o paõ havia de ser de centeyo, o sustento huma vez ao dia, e limitado. Satisfeitas as obrigaçoens da Communidade, se tornava ao Coro como

Sor Isabel de Jesus.

a cen-

a centro, onde sempre a viraõ de joelhos, por mais que cortada de penitencias, e carregada de annos. Assim espirou, como viveo, porque louvando a Deos, com repouso, e socego lhe entregou o espirito.

A mesma suavidade achava na contemplaçaõ, em que era continua a Madre Sor Marianna do Rosario, desejando estar sempre livre para seguir este exercicio. Era devotissima de Nosso Patriarcha. As vozes com que acompanhava as Religiosas nas suas Festas, eraõ lagrimas, taõ copiosas, e compungidas, que era rara a que a naõ acompanhava com as suas. Houve alguns prodigios em sua morte; naõ ficou mais que esta tradiçaõ em commum de que os houve.

Sor Marianna do Rosario.

Sendo só hum o caminho da virtude, porque tambem he hum só o termo delle, saõ varios os modos com que he pizado dos Justos. Acabamos de o ver seguir pelo socego da oraçaõ, vellohemos pizar agora pela aspereza da penitencia na Madre Sor Ursula das Virgens? Assim era esta Madre huma viva estampa da observancia mais austera. Disciplinas amiudadas, e rigurosas; cilicios, que lhe cobriaõ todo o corpo; descançava destes, rodeando-se com grossas, e pezadas cadeas de ferro; e porque o attenuado das suas forças, favorecido da commiseraçaõ propria a naõ pozesse em risco de se aliviar daquelle penitente cativeiro, se cingio de huma, e fechando-a, lançou a chave do cadeado fóra. Soube-se, quando falecendo, foy necessario para resgatarlhe o corpo, limarse o ferro. Servia-lhe de cama huma taboa, que dissimulava com huma manta, por travesseiro huma pedra. Espalhava-se sua virtude pela Villa, e recorriaõ a ella os enfermos, com a experiencia dos que sahiaõ remediados. Davalhes humas particulas de *Agnus Dei*, para que as tomassem em agua, e a ellas attribuia a sua repentina melhora. Acabou com grandes demonstraçoens de que passava do purgatorio da sua penitencia, a descançar na felicidade, que he premio della.

Sor Ursula das Virgens.

Seguiraõ os mesmos passos as Madres Sor Eugenia das Chagas, Sor Isabel Bautista, Sor Isabel Josefa, todas igualmente conhecidas por verdadeiras Religiosas, perseverando em inteira observancia toda sua vida, sem admittirem dispensaçaõ, ou alivio em todo o rigor della, de que se viraõ grandes effeitos em suas mortes. Ficou mais individual memoria da da Madre Sor Isabel Josefa, porque dous dias antes (que foy para a Enfermaria) entrando-lhe as Religiosas para essa diligencia na cella, a viraõ cheya de huma estranha claridade, sendo de noite, e naõ havendo na cella cousa que a désse. Testemunharaõ-no muitas Religiosas, que o viraõ, e admiraraõ. Faleceo esta Madre (e foy a ultima, de que nesta Casa tivemos noticia) em 20. de Outubro de 1703.

Sor Eugenia das Chagas. Sor Isabel Bautista. Sor Isabel Josefa.

Mas naõ passemos em silencio algumas circunstancias dignas de se participarem ao conhecimento dos que o quizerem ter do material desta Casa, por accrescerem despois que nosso antecessor escreveo della. Ve-

se

se hoje a Capella môr da Igreja auctorizada com huma nobre, e espaçosa tribuna de lavor moderno, e brutesco dourado. Deveo-se á diligencia, e industria da Madre Sor Maria da Visitaçaõ, sendo Prioreza. Dentro da Clausura ornou-se o Claustro com huma fonte de fina, e varia pedraria, de que se vê correr agua com artificio, e extravagancia. A' Casa do Refeitorio, que por sua grandeza ameaçava ruina no tecto, se accrescentaraõ seis columnas de pedra bem lavrada, que a deixaraõ afermozeada, e segura. Mas o que mais auctoriza a Casa, e o que póde coroar todas as noticias della, he a Imagem de hum Menino Jesus, que he do tempo da fundaçaõ; e ainda que nella se passa em silencio, seria por querer o Ceo guardar para estes annos mais visinhos a nós os prodigios, que hoje a fazem mais celebre, e conhecida, dandonos assumpto para novamente ennobrecer a Casa, e a escritura.

Era esta Imagem menos polida, e tinha hum dos bracinhos taõ unido ao peito, que se affligia, e cançava huma Religiosa todas as vezes, que o vestia. Quando hum dia, que chegava a fazer a mesma diligencia, vê que o Menino tinha levantado o bracinho de sorte, que o vestio sem trabalho; assombro, que praticado, convidou a devoçaõ, e o reparo das mais Religiosas, e primeiro ás mais antigas, que affirmavaõ naõ só a novidade do braço, mas a de verem toda a Imagem direita, e bem affigurada, (o que de antes naõ era tanto) na encarnaçaõ, como na escultura. Seguio-se a este piedoso reparo, e universal testemunho, a devoçaõ de todo o Mosteiro, desta a fé com a sagrada Imagem, e da fé muitos prodigios, e favores, que experimentaõ as Religiosas, que a buscaõ em suas doenças, em suas pressas, em suas agonias, de que se perderaõ (culpavel omissaõ) muitos papeis de successos peregrinos, todos authenticados. Veyo á nossa maõ hum, que o foy no anno de 1683. pelo Vigario da Casa, o Presentado Frey Gregorio da Affonseca; e passou assim.

Sentio-se a Madre Sor Francisca Josefa, Religiosa desta Casa, ferida de hum ramo de ar, de que lesa toda a parte esquerda, lhe levantou o hombro, unindo-lho á orelha; o braço trocido sobre as costas, e a perna em hum arco. Naõ houve mesinha, força, ou industria, que valesse; entraraõ remedios rigorosos, acompanhados de muitas sangrias, que deixaraõ a enferma sem forças. Já desenganada, que naõ aproveitariaõ as humanas, pedio que lhe trouxessem o Menino, e tendo-o diante de seus olhos, lhe fez hum protesto, que só delle esperaria a sua melhora, nem dalli em diante admittiria mais mesinha. Com esta esperança deixou ficar o Menino na cella. Passados poucos dias, entrando-lhe por ella em huma noite de Natal a Madre Sor Maria Ignacia (que vinha do Coro) e dizendo-lhe, que já o Menino era nascido, que era tempo de lhe pedir favores, lhe chegou á cama a Imagem de outro Menino, que estava na mesma cella. Escusou-se a enferma, pedindo, que lhe désse a do Menino

nino milagroso, porque nelle tinha as esperanças do seu remedio. Trallo, e offereceo-lho a Religiosa, levanta-se Sor Francisca, e com extraordinaria ancia, e alvoroço estende os braços sem achar impedimento, e apertando a sagrada Imagem entre elles, se sente sem leiaõ, restituidos os membros a seu lugar, e proporçaõ, taõ desembaraçada, e livre (a que de debilitada, naõ podia levantar a cabeça) que vestida, ao mesmo instante começou a correr a Enfermaria, levando nos braços a seu Bemfeitor, entre lagrimas de gosto, e vozes de agradecimento; a que se seguio a admiraçaõ, e alegria de toda a Casa. Tem este Menino nella lugar no Coro de cima, e a Casa nelle a sua mayor gloria.

CAPITULO XXXII.

Da Madre Sor Maria da Assumpçaõ, e outras Religiosas, filhas do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça da Villa de Arantes, e da Irmãa Conversa Leonor de Jesus, do mesmo Mosteiro.

Mosteiro de N. Senhora da Graça da Villa de Abrantes.

NEm sempre havemos de culpar nestas noticias a omissaõ das Religiosas, muito menos quando temos alcançado, que em muitas foy antes encolhimento, que descuido, antes modestia, que inadvertencia, como succedeo nesta Casa, onde a singeleza dos coraçoens attendia mais á refórma propria, que ao reparo dos augmentos da alheya; (conseguidos talvez em lhe propor para a imitaçaõ a sua) antes fazendo escrupulo, que podia ser lanço de vangloria o enthesourar similhantes noticias, deixaraõ que o tempo triunfasse de todas, ficando-nos a escaça tradiçaõ de alguma, que por mais notoria, nem todos os poderes do descuido a entregaraõ á jurisdiçaõ do tempo. Foy huma a da Madre Sor Maria da Assumpçaõ, nobre por nascimento, base, em que assentou bem o edificio de sua virtude, avultando primeiro nos empregos da humildade, que até no trato de sua pessoa se lhe divisava. Nunca vestio habito novo; o que lhe davaõ seus pays, trocava por outro çafado, roto, e remendado. O mesmo lhe succedia na mesma roupa de seu uso Na cella a mesma penuria. A sua vida era no Coro, onde se deixava ficar (acabadas as funçoens delle) a mayor parte do dia, e noite, e sempre, ou em pé, ou de joelhos, e taõ sepultada na contemplaçaõ, que a nada attendia. Foy espectaculo, a que muitas vezes paravaõ as Religiosas, vendo-lhe o rosto cuberto da importuna perseguiçaõ das moscas, sem mostrar o minimo sentimento, como se antes fora estatua, que corpo vivo. Neste lugar fazia mayor assistencia nos dias que commungava; naõ tomando nada de sustento nelles, ou muy tarde quando a obrigavaõ os achaques.

Sor Maria da Assumpçaõ.

Retirava-se á cella, esperando as horas mais quietas, e seguras para tomar disciplinas, acautelando-se de huma Religiosa irmãa sua, que lhe embaraçava as penitencias, lastimada de a ver padecer muitas molestias. Escondia-lhe os cilicios, e ella industriosa em supprir a falta

falta delles, metia entre a carne, e tunica paos aſperos, e nodoſos, com que naõ achava menos a dureza dos ferros. Obſervantiſſima do ſilencio, antes parecia ſepultada, que recolhida. Em ſua propria cella (era experiencia commua) ninguem a achava, que naõ foſſe de joelhos, e por mais que prevenida, diſſimulava; entendeo-ſe aſſim, que contemplava a toda a hora. Nem ſe podia inferir menos, ſe eſtando acompanhada, o fazia. Segurava-o huma Religioſa de ſua confiança, porque eſtando junto della, (quando vinha alguma vez ao Locutorio a fallar a ſeus irmaons) eraõ raras ſuas palavras, os olhos a inſtantes levados ao Ceo, e as maons levantadas a elle debaixo do eſcapulario.

Tinha grande liçaõ das contemplaçoens do Veneravel Padre Meſtre Frey Luiz de Granada, com ſeus documentos compunha ſua vida. Em toda ella pedio a Deos o dom de lagrimas, porque parece lhe ſecava os olhos o incendio da caridade, que lhe ardia no coraçaõ. Toda ſua ancia era a frequencia dos Sacramentos; e dizendo-lhe huma Religioſa, (que lho eſtranhava) que entendia que ſe a deixaſſem no Confeſſionario, nunca ſahiria delle, reſpondeo com ancia: *Ay Madre! E ſe eu ſempre tenho culpas, como naõ ſuſpirarey pela meſinha dellas!* Aſſim era com Deos todo o ſeu commercio, eſcuſando-ſe, e eſcondendo-ſe a todo o do Moſteiro, retiro, que ſepultaria alguns caſos de ſua vida, como parece, que ſeria o que lhe ſuccedeo em huma occaſiaõ, em que diſſe a huma Religioſa de virtude, que ſe aſſiſtiſſe á ſua morte, lhe perguntaſſe o que lhe ſuccedera no ante Coro, junto á caldeirinha. Naõ houve quem ſe lembraſſe da pergunta, e perdeo-ſe a noticia.

Apreſſou-ſelhe a morte de hum leve achaque. Tinha alguns dias antes della pedido á ſua irmãa com inſtancia, que lhe remetteſſe duas cartas para ſeus irmaons, o Governador da Pederneira, e outro Religioſo, que com elle aſſiſtia. Naõ quiz a irmaã, e deixou-as ficar; logo nos valeremos dellas, e naõ parecerá eſcuſada eſta noticia, por nos favorecer huma importante conjectura. Aggravou-ſelhe mais o achaque, mas ſem motivo de cuidado, mas pedio logo, e recebeo os Sacramentos, contra a opiniaõ das que os naõ ſuppunhaõ preciſos, e ſem mais que huma inflammaçaõ nos olhos, ſem augmento de febre, entrou em artigos de morte, e eſpirou ſuavemente. Poucas horas antes tinha advertido á irmãa, que as cartas, que lhe pedira, as mandaſſe ſem falta. Fora rara a vez que eſcrevera aos irmaons, e eſta ſupplica encarecida, ajudou o reparo da irmãa para querer ſaber a importancia. Pareceo-nos, que o era o lançallas aqui, pois dellas ſe conjectura a noticia anticipada, que teve de ſua morte Sor Maria. Abrio-as a irmãa, e vio, que dizia em ambas poucas palavras. Dizia aſſim a que eſcrevia ao Religioſo: *Meu irmaõ. Eſta ſerá a ultima, que vos eſcreva; peſſo-vos muito vos lembreis de minha alma, e me digais tantas Miſſas logo*; apontava o numero, e os Santos

tos, a quem se haviaõ de dizer; e naõ continha mais a carta. Dizia a que escrevia ao secular: *Meu irmaõ. Esta será a ultima, que escreva a vossa mercê; pesso-lhe muito se lembre da minha alma; a minha irmãa, e sobrinhas faço a mesma supplica*; e naõ dizia mais. Bem se collige, junta a circunstancia de pedir á Madre Sor Maria os Sacramentos com taõ leve molestia, que lhe faria Deos o favor de lhe anticipar o conhecimento daquella hora, premio de huma vida, em que por testemunho de seus Confessores se naõ achou culpa.

Acompanhem as memorias da Madre Sor Maria algumas, ainda que escaças, de Religiosas mais antigas na Casa, de que a tradiçaõ nos deu só o nome, e em commum o muito que teve sua virtude. Seja a primeira a Madre Sor Brites de S. Paulo, de extremosa humildade, que ao instante, que espirou, se accenderaõ de improviso as vélas do Altar da Enfermaria, que ficava defronte da sua cama, e com huma luz taõ extraordinaria, que só o Ceo a accendera. Testemunhavaõ-no assim as Religiosas, que alli assistiaõ, e o admiraraõ.

Sor Brites de S. Paulo.

A Madre Sor Ignez de Jesus, Religiosa de grande observancia, e igual singeleza; taõ recolhida, que a naõ viraõ nunca, fóra de actos de Communidade, mais que ou no Coro, ou na cella. O seu silencio taõ inviolavel, que se lhe naõ ouvia palavra, attribuindo-o todas a ignorancia; engano de que sahiraõ, ouvindo-a fallar com Deos antes, e na hora da sua morte, com tanto entendimento, e espirito, que lhes parecia resuscitara nella hum Oraculo, que as deixou a todas igualmente confusas, que doutrinadas.

Sor Ignez de Jesus.

A Madre Sor Maria de S. Bento, de vida austera, naõ só usava estamenha junto á carne, mas continuamente a cobria de cilicios, e outros artificios, com que a sua industria a trazia atormentada. Jejum, e silencio perpetuos. No prato do sustento quotidiano lançava agua, porque fosse só sustento, e naõ servisse de gosto. Naõ teve mais leito, que o Coro, nem descanço, senaõ falecendo. Das Madres Sor Maria dos Anjos, e Sor Maria da Soledade ficou a noticia de sua estreita, e rigorosa observancia, e final perseverança nella.

Sor Maria de S. Bento.

Sor Maria dos Anjos, e Sor Maria da Soledade.

Concluamos as memorias desta Casa com as de huma Irmãa Conversa, taõ benemerita de encher esta escritura, que basta a contentarnos a magoa das muitas que aqui nos faltaõ nella. Foy esta Sor Leonor de Jesus, desvelada no serviço da Communidade, incançavel no das doentes, e contente no dos pobres. A estes dava a sua raçaõ, e o que de sobejos podia ajuntar com ella, com o cuidado de o passar do lume á Portaria, e com o mayor aceyo, que era possivel á sua diligencia, como a que conhecia a quem hospedava naquelles panos, assim rotos, e desvalidos. Assim ficava o seu sustento na contingencia do que vinha de sobejo na louça, que lavava. No trabalho da Communidade assim era assistente, (naõ só de dia, mas até alta noite) que era necessario o preceito da Prelada, para

Sor Leonor de Jesus.

para que se recolhesse, e o deixasse. De noite naõ se retirava á cella, porque naõ tinha nella cama, nem em quarenta annos conheceo outra mais que o chaõ do Coro debaixo, em que tomava poucas horas de descanço. Vestia o que algumas Religiosas lhe davaõ de esmola, habitos velhos, e gastados. Naõ bastava que os Invernos a achassem pouco enroupada; nas partes menos abrigadas rezava, e assistia.

Falecida alguma Religiosa, passava as noites junto da sua sepultura, dizendo que hia acompanhalla. Mas o que nella servia de commum reparo, era, que nem a occupaçaõ da cosinha, nem a falta de roupa, nem o servirlhe o chaõ de cama, bastavaõ a criar naquelles pobres panos algum mao cheiro, nem ainda á vista materia de asco. Mas quem ignora que a pobreza santa he o verdadeiro arminho, que entre as immundicias se conserva immaculado? Todo o seu affecto lhe levava a Senhora da Piedade, Imagem devota, que está no Capitulo, e a que chamava sua mãy. A experiencia lhe confirmou o nome, porque só a ella recorria, e só ella a remedeava. Do que se soube apontaremos alguma cousa.

Ha no Mosteiro huma cisterna, a que se desce por huma escada, que terá trez braças de altura; daqui cahio Sor Leonor: naõ podia deixar de ser grande o golpe, e ainda prodigio o escapar com vida, porque o mayor foy na cabeça. Tiraraõ na banhada em sangue, vieraõ Medicos, viraõ a ferida, quizeraõ que se deitasse, e que se sogeitasse á cura; naõ consentio nem em huma cousa, nem em outra, pedindo muito, e gritando que a levassem á sua Mãy; que naõ necessitava de cura, porque se sua Mãy quizesse, ella lha faria. Naõ houve remedio, levaraõ-na ao Capitulo; deixaraõ-na a rogos seus nelle, onde passou sem mais cama, que o pé do Altar, sem mais medicamento, que o que esperava na Senhora: e assim se vio; porque despois, de dias daquella assistencia, a viraõ sahir sãa, e robusta, e começar a servir a Casa. Em outra occasiaõ perdeo humas chaves de importancia nella; buscou-as, revolveo tudo, veyo parar ao Capitulo; e pedindo a sua Mãy que lhas désse, sahio outra vez a buscallas com muita segurança, achando-as no lugar em que havia pouco as buscara.

Eraõ os Religiosos Capuchos os seus pobres mimosos: achava-se em hum dia de Santo Antonio (era offerta, que lhe fazia cada anno) com hum tacho de arroz ao lume, mas faltavalhe o assucar, porque a enganara certa promessa; sahe da cosinha, entra no Capitulo, propoem a sua Mãy o desgosto, com que estava, de que houvessem de ficar os seus Irmaons sem sobremesa; e resolutamente conclue que lhe dê o assuçar, que ella naõ tem com que o compre, ou de quem o espere. Volta com esta confiança á cosinha, eis-que vê nella hum grande prato de assucar; testemunhando serventes, que estavaõ fóra, que ninguem entrara, e naõ se achando (que se fez esse miudo exame no Mosteiro) quem reconhecesse por seu o prato.

Mais,

Mais, e mayores favores lhe faria a soberana Mãy, a quem para elles naõ falta nunca, nem vontade, nem poder; mas os Servos de Deos só publicaõ, o que naõ podem occultar.

Huma das supplicas, que Sor Leonor fez sempre a Deos, foy que a conservasse em pé até a hora de sua morte. Despertava-lhe este desejo o inculpavel odio, que tinha ao descanço. Parece que entendia, que naõ era a vida mais que huma estrada para a morte; e na estrada quem aproveita o tempo, caminha, e naõ descança; ou alcançava com mais profundidade o que he a vida, e o que he a morte. Em pé ha de estar quem luta, em pé quem vigia; porque a vida he milicia, e a morte sono. Se adormecer a sentinella, facil será o assalto do inimigo; se naõ estiver em pé o lutador, facilmente o levará debaixo. Grande cautela de Sor Leonor! Mas mayor documento para os preguiçosos, e para os descuidados.

Parece que ouvio Deos a sua supplica, porque apertada de huma grave doença, por mais que hia a febre em augmento, e passava a delirios, e inchado o corpo com desformidade, lhe ameaçava a morte, sempre teve espiritos para se naõ tratar com sogeiçoens de doente; até que passados tempos, e já desfalecida, a reduzio o preceito da Prelada a recolherse á Enfermaria, para a sacramentarem. Confessouse com demonstraçoens penitentes, e chegando o Viatico, tanto que vio o Senhor, levantou com voz clara, e como se a exercitara toda sua vida, o Hymno *Tantum ergo Sacramentum.* Pedio despois ao Prelado algumas licenças, e entre ellas a de deixar a cama, em se achando com algum alento. Parece se lhe concedeo, porque na noite, que se seguio, se levantou a orar, e dar graças a Deos, e á sua piedosa Mãy? De madrugada, achando-se vencida do mal, se lançou no chaõ, levantando a Deos as maons, por se ver naquella regalada cama, que a hospedara toda sua vida. Era muita a fraqueza, pedio que lhe déssem huma fatia de paõ, e hum pucaro de agua, unico regalo com que se despedio da vida, ou viatico mysterioso, com que (como outro Elias) começou a caminhar até o monte da eternidade, porque dahi a breves horas espirou placidamente. Era por Novembro de 1702.

CAPITULO XXXIII.

Da Madre Sor Luiza de Deos, filha dos Condes de Vimioso, e da Casa de Santa Catharina de Sena de Evora.

Mosteiro de Santa Catharina de Sena de Evora.

NAõ podemos negar a esta Casa de Santa Catharina de Sena (entre todas as da Provincia) a estimavel gloria de ser o berço, em que se criaraõ aquelles grandes espiritos, com que começou a respirar a vida aspera, e observante do Mosteiro do Sacramento. Na Casa de Santa Catharina de Sena se ensayaraõ as virtudes heroicas, com que aquelle Ceo da terra começou a animar racionaes Estrellas, ornato com que se auctorizou o firmamento Dominicano. Naquella tocha se accenderaõ estas luzes; daquelle jar-

dim se transplantaraõ estas flores; daquella concha se tiraraõ estas margaritas; e daquelle mar correraõ estes rios a fecundar a terra daquelle Paraiso recoleto; assim foraõ tiradas desta Casa para suas primeiras povoadoras as duas irmãas, as Madres Sor Joanna Bautista, e Sor Filippa de Jesus, que em seu lugar nos daráõ assumpto a mais larga escritura; mas nem assim passaremos aqui em silencio, que taõ doutrinadas sahiraõ desta Casa a serem Mestras na do Sacramento, que já os achaques ameaçavaõ a Madre Sor Joanna Bautista pelas grandes, e asperas penitencias, em que se exercitara desde a idade de Noviça, e Professa até a de trinta annos, em que passou a Fundadora, e em nada inferior á Madre Sor Filippa, que entrando nesta Casa de doze annos, (anticipando no gosto, o que despois havia de ser preceito) primeiro servia de assombro, que de exemplo, porque era inimitavel o espirito, com que abraçava penitencias, como a pontualidade de acodir ás obrigaçoens religiosas. Para ser exemplar nellas, (tendo de idade vinte e cinco annos) a escolheraõ, e a sua irmãa, a Madre Sor Joanna, os Condes de Vimioso, passando-as ao seu novo Palacio recoleto do Sacramento.

Naõ me resolvo por certo em votar sobre qual seja mayor gloria, se a desta Casa, que a estas Religiosas chamou filhas, se á da Casa do Sacramento, que as mereceo Fundadoras? Sey que saõ mayores, e mais activas as luzes do Sol no Zenith, que no Oriente, mas nem por isso deixa de ser em hum, e outro extremo reciproca a dependencia, porque se o Oriente respeita ao Zenith para ver o Sol consummado, o Zenith respeita ao Oriente para o ver nascido. Assim se tempera o glorioso litigio das duas Casas; porque se esta deu aquellas filhas para Fundadoras, aquella recebeo desta Fundadoras para as desempenhar consummadas, e Santas. Outra irmãa (que era a mais velha, e as acompanhou na entrada desta Casa com o nome de Sor Maria da Resurreiçaõ) viveo poucos annos despois de Professa, mas taõ igual com as duas irmãas na vida, que só a morte a tirou de as seguir naquella nova, e mais aspera; deixando memorias saudosas do que se perdeo na sua. Sirva-lhe esta breve noticia (que se naõ descobrio outra) para a contarem entre as filhas desta Casa, e desculpe-seme a digressaõ, como merecida gloria della, passando á que outras filhas lhe continuaraõ, e seja a primeira a Madre Sor Luiza de Deos.

Sor Luiza de Deos.

Foy esta Madre filha dos Condes de Vimioso Dom Luiz de Portugal, e Dona Joanna de Castro e Mendonça, filha dos Condes de Basto; aquelles dous grandes espiritos, (pay, e mãy) que pizando titulos magestosos, vaidades, pompas, e lisonjas do Mundo, feito entre ambos Santo divorcio, lavraraõ a Deos Casa, e a Condessa para si sepultura, vestindo, como o Conde, a mortalha Dominicana, em que mortos para o Mundo, começaraõ a viver para o Ceo, servindo de confusaõ ao seculo, e de exemplar á posteridade. Do Conde fica já a noticia no pri-

primeiro livro ; da Condessa a daremos no seguinte na Casa do Sacramento. Recolhida nella a Condessa, ficou Dona Luiza de idade de onze annos, tám bem doutrinados, que abraçou com gosto o trocar a liberdade pela Clausura desta Casa de Santa Catharina de Sena, em que se recolheo com tias, que nella tinha, passando despois ao Sacramento, onde estava sua mãy, Casa de que a tiraraõ tanto os achaques, como o pouco gosto de viver em tanto aperto.

Era Doña Luiza bem inclinada, tinha claro entendimento, revolvia os livros de espirito, naõ desconhecendo as verdades delles, mas sem passar a leitura a negociar documentos para o concerto da vida; mas o Ceo, que ainda em olhos mais cegos costuma ferir com os rayos do desengano, assim illustrou em huma occasiaõ os de Dona Luiza, que passando a inflammarlhe o coraçaõ, acabou ella de reduzir a cinzas os altares, que ainda conservava nelle aos idolos da vaidade. Começou huma nova vida, a frequentar os Sacramentos, a cultivar as flores do Rosario, com hum taõ fervoroso desvelo, que em breve começou a colher os frutos de huma interior suavidade, que a suspendia, e arrebatava como alhea do que até alli fora. Via-se logo perseguida de varias tentaçoens, primeiros tropessos dos passos bem encaminhados; mas pizou-os com constancia, adiantando-se a guarnecerse contra elles na defensavel praça da Clausura religiosa. Escolheo esta de Santa Catharina de Sena, para onde se recolheo triunfante de repetidos perigos, que lhe buscaraõ a vida, na terra em hum despenhadeiro, no mar em huma tormenta.

Muitos desvios teve esta entrada, porque naõ promettendo a debilidade, a que a tinhaõ reduzido achaques, muita continuaçaõ nos exercicios da vida que buscava, intentavaõ seu pay, e irmaons, que na de casada (em que o melhor do Reyno a pertendia) continuasse os interesses, e importancias de sua Casa, e nobreza. Desvaneceo-se este primeiro embaraço, porque já Dona Luiza tinha aceito Esposo, que a illustrara para a escolha, desenganando os parentes, que a naõ podiaõ esperar melhorada. Tinha a entrada outro estorvo, porque estava resoluta Dona Luiza em que o thalamo dos seus desposorios fosse a Casa do Sacramento, porque já o rigor, e a aspereza tinhaõ trocado para ella as carrancas em negaças. Mas as supplicas das Religiosas desta Casa a hiaõ suspendendo, até que hum sonho mysterioso lhe servio de resoluçaõ, e conselho. Sonhou huma noite, que via, e se lhe representava neste Mosteiro de Santa Catharina, huma bandeira rota, e estragada, que tinha a Imagem de hum Christo crucificado, e ouvio, que lhe diziaõ, que corresse por sua conta o concerto. Illustrava-selhe logo o entendimento, e conhecia, que o enigma se havia de entender por esta Casa, em que o seu exemplo, e industria havia de reduzir a todo o ponto a refórma. Eraõ as frouxidoens com que entaõ corria, as que

que apertavaõ a Dona Luiza para onde a suppunha mais vigorosa.

Acorda alvoroçada, desvanece-se a suspensaõ, entra no Mosteiro, toma o habito, e o nome de Sor Luiza de Deos, porque dissesse o nome, a que resolvia a vontade. Teve por Confessor o Mestre Frey André de Santo Thomaz, sogeito de grande reputaçaõ em letras, e virtude. (no primeiro livro démos delle mais larga noticia) Assim se adiantou Sor Luiza nos primeiros passos, que começaraõ a parecer ultimos. Lãa junto á carne, sustento de peixe; habito, que só era mortalha; oraçaõ, que parecia vida; e vida, que parecia sepultada. Dava-lhe o Senhor a conhecer as suavidades, interpoladas com as sequidoens, alternativa da Providencia, com que regala, e experimenta os seus mimosos, e domesticos. Assim lhe permittia a anticipada noticia de algumas cousas, para seu alivio, e socego. Detinha-se huma noite orando no Coro, quando sentio hum grande estrondo, seguio-se a elle huma suspensaõ, e silencio, que rompeo huma voz clara, e sentida, entoando a primeira Liçaõ do Officio dos Defuntos. Entendeo logo, que aquelle por quem se dizia, estava em descanço; e soube despois, que naquelle dia falecera seu irmaõ Dom Fernando de Portugal, e deu a Deos graças pelo que entendera do bem de sua alma. Succedeo-lhe o mesmo na morte de seu tio Dom Nuno Alvares de Portugal, hum dos Governadores desta Coroa por Castella.

Já Professa, entrou em novas obrigaçoens para o seu conhecimento, mas naõ tinha que adiantar no primeiro estylo de vida, que continuava, porém ao passo, que era a mais exacta filha da observancia, era taõ advertida, e acautelada em guardar o thesouro de sua penitente vida, (como quem conhecia os perigosos assaltos da vangloria) que a naõ ser huma serva, mulher de bom espirito, (que sempre lhe assistio, e de que ella se fiou) naõ haveria della mais que huma geral noticia de grande Religiosa. Como tinha tias no Mosteiro, e a sua compleiçaõ naõ era para resistir a muito trabalho, era preciso fogir aos olhos, que a lamentavaõ attenuada, e começou a valerse de industrias para mortificarse desempedida. Achava mimosas as mantas de estamenha, que tinha por cama, escondia-lhe debaixo humas taboas, e dormia nellas. Tiroulhe este regalo a vigilancia das tias; appellou para a industria de ter huma cortiça na cella para assento, sobre ella tomava poucas horas de descanço, desvelando-se para a oraçaõ, ou leitura dos livros piedosos. Nelles estava mestra, levando com seu conselho, e praticas as Religiosas moças ao exercicio de ler, e orar, com tanto gosto seu, como aproveitamento dellas. Adiantava-se a todas em huma abrazada caridade; della nasciaõ aquellas advertencias de naõ saber ter nada, que naõ melhorasse no emprego da esmola. A cella pobre, mas as maons sempre cheas do que lhe davaõ os parentes, passando-o ás dos pobres. Nem ao bocado, que lhe punhaõ diante, perdoava,

e com

e com a dissimulaçaõ de achacada, lograva os dous lanços do jejum, e da esmola.

Aos jejuns da Constituiçaõ ajuntava muitos oitavarios de paõ, e agua, offerecidos á Nossa Senhora, e a Santa Catharina de Sena. No Coro perpetua, no nocturno mais gostosa, com o alivio de ficar nelle em oraçaõ, até que a recolhia o receyo de a apanharem desvelada. Nas funçoens de servir era a primeira, e taõ sofrega do trabalho da Sacristia, que sempre a que o tinha por obrigaçaõ, a achava companheira. Tudo achava pouco (gastando muito) para o culto do Sacramento. Suspirava pela Patria, de que elle he penhor, e com hum taõ vivo desejo, que ao ver espirar alguma Religiosa, dizia com santa inveja, e saudosa ancia: *Já está perto de Deos!* Como se suspirara com o Profeta, que se lhe alargava o desterro da vida, hospeda, e peregrina na Babylonia da terra. Assim suspirava Sor Luiza pela liberdade da Patria! Assim envejava a felicidade das que deixavaõ o desterro da vida! Era a sua huma continuada ancia, naõ só dos lucros de sua alma, mas para todas os appetecia, sem ter mayor consolaçaõ, que a noticia de que se apuravaõ em observancia este, ou aquelle Convento da Provincia, ou filho, ou filha della. Com o mesmo gosto inquiria, e escutava os augmentos da Christandade. Tanta era a caridade com que a desvelava o proximo! Tanto o zelo de ver a Deos venerado!

Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est.

Isto lhe pedia incessavelmente, offerecendo-lhe quotidianos martyrios em cilicios asperos de que se cingia; mas testemunhava logo aquella violencia huma viva inflammaçaõ no rosto. Assim fogia com elle ás Religiosas, ou recorria aos seus achaques, para lhe dissimularem o segredo. Naõ o sabiaõ guardar as paredes da cella, onde o sangue fresco descobria o rigor da disciplina, e ao mesmo tempo andava esta nas maons de Sor Luiza, e os instrumentos de a dissimular nas da serva. Nada bastava para satisfazer-lhe a sede de merecer, penetrada do conceito do pouco, que era, e desejava verse pizada, e debaixo dos pés da mais vil creatura, que nunca o seria tanto como ella. Vingava este desejo como podia. Em certos dias mandava á serva, que aquentasse agua; recolhia-se com ella na cella, punha-se de joelhos a seus pés, e lavando-lhos, lhos beijava; (naõ valendo nenhuma resistencia) deu a serva em os trazer limpos; naõ o consentio Sor Luiza, affligio-se, importunou-a, convenceo-a; mais persuasivo banho eraõ as lagrimas, naõ lhe faltou na imitaçaõ, nem o vencer resistencias; grande discipula de seu Esposo, tudo soube desempenhar, naõ bastava lavar os pés, naõ bastava dobrar os joelos, tambem havia de inclinar com rogos.

Escutavaõ-na as Religiosas como Oraculo; as experiencias de sua vida lhe tinhaõ conciliado este respeito. Fizeraõ reparo nas seguranças com que anticipadamente dizia algumas cousas, que o successo mostrava depois verdadeiras; e advertindo-lhe que assim succedia como ella dissera, metia a pratica a

galan-

galantaria; valendo-se de hum claro, e agudo entendimento de que a dotou o Ceo. Teve elle verdadeiramente o foro de prenda na desestimaçaõ, e descuido, com que se trataraõ algumas obras, em que o mostrou a Madre Sor Luiza, escritas em verso, e taõ piedosas, como profundas: e naõ podendo a sua modestia, e diligencia sepultallas (porque despois de sua morte foraõ vistas) naõ ficou dellas mais que esta memoria, que só serve de se conhecer a perda.

Passados alguns annos, e lembrada a Madre Sor Lniza de hum concerto, que fizera com as Religiosas desta Casa, e do mysterioso sonho, que a obrigara a ficar nella, por se conseguir de todo o ponto a sua refórma, fez com que viesse a Madre Sor Filippa sua irmãa da Casa do Sacramento, a ser Prioreza nesta, e ficando ella Mestra de Noviças, se vio em breve tempo como o conseguiraõ ambas. Pagava-lhe Deos o zelo, e desvelo de continuar aquellas melhoras, com algumas illustraçoens, e favores, de que seus Confessores foraõ testemunhas, e que ella (ainda que sempre duvidosa) aponta no livro, que por obediencia escreveo de sua vida.

Representava-selhe a Senhora com o Menino Jesus nos braços, vista, a que se suspendia com amorosos colloquios. Vio, ou representou-selhe huma vez, que o Menino tomava o sagrado peito da Mãy; pedio-lhe que repartisse com ella daquelle nectar delicioso; e a Mãy piedosa lho permittio, ficando Sor Luiza com huma tal suavidade na boca, que muitos tempos lhe durou nella, como na representaçaõ toda a vida.

Fallou-se em fundaçaõ de Religiosas do habito na India, e na Metropoli de Goa. Movia, e fomentava a pratica Frey André Rangel, Religioso Dominico de vida exemplar; (que despois foy Bispo da China, e tambem nos auctorizará esta escritura) propoz a empreza á Madre Sor Luiza, reconhecida por elle por Mestra da refórma, levando duas columnas grandes para avultar o edificio della em sua virtude, e qualidade. Naõ foy necessario persuadilla; voluntariamente se sacrificou logo aos perigos da jornada, e arriscadas experiencias de naõ experimentado clima, tendo de casa os seus achaques, que com menos causa sabem ser algozes; mas naõ teve effeito. Sentio-o ella baldado; e muito mais que o tivesse a vontade das Religiosas, pondo-a no lugar de Prelada, que aceitou, despois de larga resistencia, entendendo que era vontade de Deos. Confimou-a a obediencia, sogeitou-se emmudecida, e exercitou o cargo como quem o aceitara timorata.

Nada obrava sem a direcçaõ de seus Confessores. Era-o agora o Mestre Frey Fernando Soeiro, destro em materias de espirito; e como o que tinha do seu tanto conhecimento, lhe mandou, que escrevesse a sua vida, entendendo o que se podia grangear com o exemplar della. Resistio Sor Luiza, e despois de larga bataria, e bem arrezodas escusas, que escutava rebatidas, e baldadas, veyo em hum concerto, que ella escreveria,

veria, mas com a clausula de fazer patentes todos os desmanchos de sua vida; aceitou o Confessor o contrato, como quem sabia os poucos, que se podiaõ apontar nella. Guarda-se o livro no Mosteiro, com a veneraçaõ, que se deve á Auctora, e ve-se bem nelle, como em hum espelho, a profunda humildade, com que se vinga de si mesma, apoucando o que lhe podia servir de gloria, e ampliando o que só servia para confusaõ sua, mas em hum tal estylo, com huma accommodaçaõ taõ genuina de lugares da Escritura, com que auctoriza alguns da Historia, que ao melhor voto, mayor espirito lhe governava a penna.

Triunfaraõ finalmente de sua vida (taõ debil, como continuamente ameaçada da morte) as penitencias, e os achaques, sendo taõ cruel o que a poz neste ultimo desmayo, que só para lhe provar o sofrimento, parece que naõ foy logo executivo. Nelle teve a Madre Sor Luiza o seu purgatorio, sem que desmentisse a sua conformidade o mais leve gemido. O unico alivio, a que recorria, era a oraçaõ, e a Communhaõ, que com grande ancia frequentava. Apertou o mal, chamou o Confessor, revestida de alvoroços, e confessou-se sem escrupulos. Parece, que já lhe valiaõ os privilegios do eterno socego, que se lhe avisinhava, para a naõ inquietar o mayor martyrio, que teve toda sua vida. A grande pena, com que se achava, era haver de acaballa sem receber o Viatico, porque tinha lançado huma postema, e continuavaõ os vomitos; mas pararaõ, e recebeu o; porém tornaraõ logo, para que se visse, que só tinhaõ parado para aquelle effeito. Choravaõ as Religiosas a sua perda, consolava-as ella com os olhos na sua ventura; assim se despedio de todas, e passou a logralla em o primeiro de Abril de 1641.

Bem poderamos alargar a mais a penna, a naõ attendermos, que a relaçaõ individual dos successos naõ comprehende mais que os precisos, porque os mais vulgares causaõ fastio, e os muy exquisitos perdem o credito. Mas naõ deixaremos de apontar brevemente alguns casos, (que para isso guardamos juntos) que se attribuiraõ á Madre Sor Luiza como prodigiosos. Tinha a seu cargo a Sacristia, e advertio-lhe a servente della, que estavaõ os candieros do Coro desprovidos de azeite, sem que o houvesse nas vasilhas, em que se guardava; eraõ precisos para as Matinas, affligia-se a servente com o desengano, porque tudo achava vasio. Chega Sor Luiza a repetir a mesma diligencia, eis-que acha providos os candieiros, e com tal azeite, que em trez noites se servio o Coro com o mesmo. Achava-se huma Religiosa gravemente molestada, e atemorizava-se com o ameaço de huma grande doença. Propoz a sua desconsolaçaõ á Madre Sor Luiza, (era entaõ Prioreza) que lhe respondeo: *Naõ receeis; que naõ haveis de adoecer, porque sois na Communidade muy precisa: e quando naõ, mandar-voshey por obediencia.* Riose a Religiosa, e tornou a Prelada: *Pois já que vos rides, eu vos mando que naõ adoeçais.* Foy

cousa advertida, e admirada, que no mesmo instante se achou a Religiosa sem molestia, sãa, e robusta. Contava-o despois com confusaõ propria, e veneraçaõ da Prelada. Traz-nos este caso á memoria, pela sua extravagancia, os prodigios do nosso Thaumaturgo de Valença S. Vicente Ferrer, em quem talvez entrava a virtude (a nosso voto) desconhecida, com a capa da soberania, e arrogancia. Mas mais proprio vem para este lugar o imperio de Christo na febre da sogra de S. Pedro, onde o preceito soube ser medicina instantanea, e robusta convalecença.

Via-se outra Religiosa perseguida de huma tentaçaõ; parecia-lhe frouxa toda sua resistencia; recorre a Sor Luiza, propoem-lhe o aperto, e conflicto em que se acha, pedelhe, que lhe alcance de Deos a constancia, de que necessita. Compadece-se a boa Prelada, (que tambem entaõ o era) consola a affligida, com a promessa, que sem duvida se negoceou com Deos na oraçaõ a noite seguinte, porque nella se achou a Religiosa restituida ao antigo socego de sua consciencia. Naõ permittia o Senhor, que o valimento, que com elle tinha Sor Luiza, servisse só ás molestias alheyas, quiz tambem, que lhe valesse nas proprias. Sentio-se hum dia com huma rigorosa dor de cabeça, que nem podia levantalla; naõ sentia tanto a molestia, como o embaraço para naõ assistir no Coro, e mais funçoens do Mosteiro. Pede á sua Senhora, (era a que trazia continuamente no pensamento, desde que lhe permittio o nectar de seus virginaes peitos) pede-lhe, que a alivie; eis-que se lhe representa no mesmo instante, que no soberano regaço da mesma Senhora encosta a cabeça, desapparecendo a dor taõ de improviso, que com todo o desembaraço se levanta, e vay para o Coro. Assim foy a Madre Sor Luiza mimosa da Senhora; mas tal foy sua vida, que assim mereceo ser mimosa.

CAPITULO XXXIV.

Das Madres Sor Catharina do Evangelista, Sor Luiza da Columna, Sor Barbara da Trindade, Sor Felicia da Purificaçaõ, Sor Maria dos Anjos; e da Irmãa Conversa Sor Ambrosia de Santo Agostinho, filhas da mesma Casa de Santa Catharina.

HE sem duvida, que sendo esta Casa hum dos fecundos seminarios de virtude desta Provincia, como a que em todos os tempos deu os grandes espiritos, com que se plantou, e augmentou a refórma nos seus Mosteiros, bem fica provado qual seria a que das portas a dentro se observava, e quantas as professoras della. Mas o pouco reparo, naõ culpavel, mas santo, com que a virtude costuma olhar para os seus progressos, sem duvida nos sepultou muitos, talvez sem attender que tanto nos roubava de exemplos. Assim naõ será muito o que dissermos de algumas Religiosas, naõ sendo pouco o conseguirmos esta breve noticia dellas. Seja a primeira da Madre Sor Catharina Evangelista, em quem foy taõ abrazada a devo-

Sor Catharina Evangelista.

çaõ

çaõ com o Senhor Sacramentado, como se do Altar (como a Isaias) lho tirara o Serafim em braza, e lho depositara na boca. Taes eraõ, adorando, ou recebendo este Senhor, os ardores de sua alma! Cahia este extremoso affecto sobre huma grande observancia, e refórma de vida; em toda ella augmentava o que tinha de tença com o trabalho, e industria, vendendo ainda o sustento quotidiano, para empregar no ornato, decencia, e aceyo do Altar do Santissimo; deulhe ornamentos preciosos, e lavroulhe huma Custodia, que he a melhor pessa que tem a Casa. A primeira vez, que se expoz o Senhor nella, adorando-o, disse com segurança: *Já sey, que o Senhor me ha de dar no Ceo huma Casa, pois eu agora lha dey na terra: e ha de ser servido, que em huma Quinta Feira de Endoenças passe eu a viver nella.*

Succedeo assim despois de largos annos; porque em huma Quinta Feira Mayor, ao tempo, que se expunha o Senhor no Sepulchro, passou esta Madre a adorallo no verdadeiro throno. Assim se trouxe o seu corpo para o Coro debaixo, em que esteve as vinte e quatro horas em que o Senhor se venerou exposto, com assombro, e consolaçaõ de toda a Casa, que tantas vezes lhe escutara o que agora via. Naõ foy congruencia de menos felicidade hum sonho, em que na mesma noite se vio, que caminhava a Communidade das Religiosas com habitos candidissimos, e vélas, seguindo-as debaixo de rico Pallio huma, que levava nas maons huma pessa de ouro preciosa. Parece, que quem teve o sonho, mereceo a intelligencia delle, e entendeo-se, que a que hia debaixo do Pallio, era a Madre Sor Catharina, e a pessa de ouro a Custodia; mas naõ constou nunca, que a pessoa do sonho fosse servente, ou Religiosa; conheceo-se sim a bondade do Senhor taõ agradecido, por taõ pouco, e a ventura de sua serva, em lhe restituir o que lhe tinha dado.

Sor Luiza da Columna.

Da Madre Sor Luiza da Columna ficou a memoria de hum zelo ardente da Religiaõ, e observancia. Foy sua vida exemplar della. Nada de mais consolaçaõ, e gosto seu, que ver a Communidade composta, e modesta. Occupada em Mestra das Noviças, parece, que povoou a Casa antes de Santas, que de discipulas. Devotissima de seu Esposo crucificado, pregava o véo com trez alfinetes (em lembrança de trez cravos) reprehendendo as que via concertar o toucado com muitos. Veremos logo caso raro, que nos naõ faça ter esta ponderaçaõ em pouco. Cançada Sor Luiza de annos, e cortada de penitencias, passou a receber o premio dellas. Conjecturou-se assim, porque abrindo-se despois de largos tempos a sua cova, succedeo o que se se abrira, ou espalhara o mais fino, e precioso aroma; achou-se a sua caveira seca, mas com o véo inteiro, e pregado com os trez alfinetes; permittindo o Senhor (em cuja Providencia se naõ perde nem hum cabello da cabeça do Justo) que se conservassem na de Sor Luiza os testemunhos daquelle sacrificio,

Capillus de capite vestro nõ peribit.

sem duvida entre as creaturas avaliado em pouco.

Siga-se a esta Madre zelosa, outra com igual extremo caritativa. Foy ella a Madre Sor Barbara da Trindade, que com humas compassivas, e piedosas entranhas era o remedio, e consolaçaõ das Religiosas necessitadas. Quanto tinha, e grangeava, naõ tardava mais em chegar ás maons da pobreza, que o que se detinha em naõ chegar á sua. Tinha huma irmãa Religiosa na mesma Casa, e sem duvida, que neste mesmo emprego sua discipula. (só esta noticia nos ficou della) Todo o empenho era, qual mais havia de dispender com os pobres, acautelando-se huma de outra; assim succedia, que chegando muitas vezes a horas do sustento, se achavaõ ambas sem elle, e assim passavaõ o dia sem haver entre ellas mais queixa, que o querer tello dado primeiro cada huma. No Coro era continua, gastando nelle a melhor parte da noite. Observante das suas leys, ajuntava a ellas outras voluntarias, e naõ se contentando com o jejum de sete mezes, se decretou muitos de paõ, e agua, que observou toda sua vida. Entrada em annos, e consumida delles, lhe deu hum rigoroso accidente; convalecida delle, entendeo, que era aviso; preparou logo a sua mortalha, e pedio os Sacramentos com admiraçaõ das que a viaõ sem indicios de lhe serem necessarios; mas houveraõ de ceder á efficacia, e constancia de seus rogos. Despedio-se das Religiosas, e pedindo dahi a pouco, que lhe tocassem as taboas, passou desta vida com huma morte taõ socegada, como quem tanto de antes a conhecera.

Sor Barbara da Trindade.

Naõ foy menos fervorosa a caridade da Madre Sor Felicia da Purificaçaõ, porque o mesmo cuidado, e o mesmo desvelo com que a Madre Sor Barbara se havia com a pobreza, era o com que esta Madre buscava, e se unia a Deos. Todo o seu emprego era ensinar este amor ás creaturas, segundo aquella ancia, com que o mesmo Senhor o queria atear nas almas. Muitos annos foy Mestra de Noviças, mas naõ só estas, mas quem quer que fallava com ella, sentia, que cada palavra sua era huma faisca, que se introduzia no coraçaõ a ser labareda. Do grande commercio, que tinha com Deos por meyo da oraçaõ, se seguia o retiro de todo o humano; e sem duvida seriaõ effeitos daquelle commercio a segurança, com que anticipadamente dizia algumas cousas, que despois se viaõ pontualmente succedidas. Assim foy tida por mulher santa, e confirmou a sua morte a opiniaõ, que se tinha della.

Sor Felicia da Purificaçaõ.

Foy tambem grande a que deixou nesta Casa a Madre Sor Maria dos Anjos, pelos dous extremos grandes de pobre, e penitente. A pobreza extrema se lhe via na cella, e no trato da pessoa; a penitencia se lhe via, e vio em todas as acçoens de sua vida. No uso de estamenha junto á carne, ajuntava o sustento de peixe, e jejum continuo. Disciplinas asperas, e repetidas, a oraçaõ a toda a hora. Destes penosos exercicios, ajudados de hum continuado cilicio, descançava no chaõ, porque em toda sua

Sor Maria dos Anjos.

sua vida naõ conheceo outra cama. Frequentavá os Sacramentos, suspirando aquelle Divino sustento, com intensissimos desejos, e recebendo-o com iguaes alvoroços. Tinha huma voz cheya, e fermosa, e via-selhe o gosto com que no Coro a empregava. Era destra na pintura; levava-lhe este exercicio alguma hora livre, encarnando humas Imagens, e copiando outras, achando-a muitas vezes elevavada nellas. Tiveraõ muitas o voto de consummadas, examinando-as os mais perítos da arte, acompanhando o voto com o assombro. A decencia, e aceyo do culto Divino em o seu mayor reparo, devendo-se a mayor perfeiçaõ delle á sua industria, trabalho, e engenho.

Devotissima das Chagas de Christo, desejava tellas estampadas em seu coraçaõ. Abrazava-se em ardores Seraficos, e compassivos, como o Serafim humano, Francisco, e a Serafica Catharina de Sená, quando mereceraõ ao mesmo Senhor o favor estupendo de fazer delles estampas de seu corpo chagado; e parece, que conseguio similhante favor, naõ como elles o lograraõ; mas como ella o desejara; porque inflammando-se-lhe hum peito, que esteve a vortos de cortado, levou nelle cinco golpes, de que lhe ficaraõ abertas cinco penetrantes feridas; e sendo as dores as que se podem imaginar, nem se quer hum gemido lhe devia o sentimento, como o que entendia, que seria desperdiçar o thesouro, que o Ceo fiara da sua constancia; ou seria genero de ingratidaõ, queixarse de se ver mimosa com o que sempre suspirara, e de que ainda se confessava indigna. Deste achaque se lhe originou a morte, imitando a do Cisne; porque, recebidos os Sacramentos, com suavidade cantou Hymnos do Espirito Santo, com huma voz taõ fermosa, e desembaraçada, como se se lhe trocaraõ as ancias em harmonias. Espirou dahi a poucas horas.

Auctorizemos tambem as noticias desta Casa com huma taõ venturosa filha della, que já o seu nome se anticipou celebre, e conhecido por hum milagre, que nella obrou a Senhora do Rosario, (como se lê na terceira Parte da Historia desta Provincia (chamava-se entaõ Maria da Coroa, era servente da Communidade, occupaçaõ, que desempenhou taõ cuidadosa, que obrigando as Religiosas, e muito mais com o estylo de huma vida reformada, lhe deraõ o habito de Irmãa Conversa, e se chamou Sor Ambrosia de Santo Agostinho. Com a obrigaçaõ cresceo o desvelo; com elle buscava a Deos; com elle servia a Communidade; com elle acudia aos pobres. Era inculpavel sua vida, toda ella huma ancia de ver a Deos venerado: assim empregou huma herança, que teve, em pessas preciosas para ornato, e decencia do culto Divino. Tinha grande devoçaõ com Santo Agostinho, festejava o seu dia com o dispendio do que adquiria com o seu trabalho. Cortada delles, e do rigor de huma penitente vida, parece, que lhe anticipou o Ceo a noticia de que se lhe chegava o fim della. Pedio, que lhe chamassem o Confessor; achava-se doente, mas

de

de queixa taõ ligeira, que se lhe naõ defirio á supplica. Instou segunda, instou terceira vez, dizendo, que já naõ havia tempo para esperas. Deu-selhe credito, recebeo os Sacramentos, e como se respirara com hum novo descanço, pedio, que lhe trouxessem a Imagem de Santo Agostinho, lembrando-lhe, que para lhe assistir naquella hora, o servira toda a vida; e ajudando o Officio da agonia, como se desconhecera as da morte, espirou placidamente.

Mas coroem-se as memorias, naõ só desta Casa, mas das mais Religiosas desta Provincia com o pouco, que nos veyo á noticia de trez filhas deste Mosteiro, que o ennobreceraõ com suas vidas, com seus exemplos, e finalmente com o deposito de seus corpos: foraõ ellas a Madre Sor Antonia de Santo Thomaz, a Madre Sor Margarida de S. Miguel, e a Madre Sor Michaela de Jesus. Foy a Madre Sor Antonia de Santo Thomaz muy penitente, assim trazia sempre o corpo cuberto de chagas, de cortado assim de estreitos cilicios, como de rigorosas disciplinas. O grande zelo de conservar a refórma, como do augmento da Casa, a poz trez vezes no lugar de Prioreza. Parece, que mereceo ao Ceo anticipada a noticia de sua morte, porque dando-lhe huma febre ligeira, se despedio logo de algumas Religiosas de confiança, e preparou o que pertencia á mortalha. Recebeo os Sacramentos, e acabou de hum parocismo, ficando-lhe o semblante composto, e bem assombrado.

Sor Antonia de S. Thomaz, Sor Margarida de S. Miguel, Sor Maria Michaela de Jesus.

Na Madre Sor Margarida de S. Miguel avultou mais a caridade, com que os mais dos dias ficava sem reçaõ, por sustentar hum pobre. Era incançavel no zelo de estender a devoçaõ do Rosario, para o que os comprava, e repartia. Suspirava por ver em seu coraçaõ as vehemencias do amor de Deos, que elle permittio a alguns Justos, que com ellas foraõ tidos por loucos; ancia, que exprimia com lagrimas, poderosas a conseguir o que desejava, porque muitos tempos padeceo delirios, tratada com desestimaçoens, e desprezos. Restituida a seu inteiro juizo, se lhe avisinhou a morte de hum achaque no peito. Acabando de commungar hum dia, disse a algumas Religiosas: *Daqui a oito dias representarey eu neste Coro outro papel muy differente.* E sahindo delle, batendo com o bordaõ em huma campa, repetio: *Daqui a oito dias entrarey nesta Casa.* Dalli passou á cella da Prelada, a pedir-lhe aquella cova, entendendo todas as Religiosas, que outra vez delirava; mas passados os oito dias, se cumprio o que dissera.

Parece, que permittio o Ceo o mesmo favor á Madre Sor Maria Michaela, conhecendo a hora, em que havia de passar a lograr o premio de sua reformada vida, e que esse favor foy nella como herança, porque sua mãy Dona Michaela de Almeida já tinha falecido com demonstraçoens de merecer o mesmo conhecimento, contando as horas, e pedindo a véla na ultima, em que acabou com grandes mostras de contrita. Naõ foy menos o que se vio em Sor

Ma-

Maria Michaela sua filha, que despois de huma continuada, e estreita observancia, cahindo em huma longa doença, foraõ taes os termos della, que hum dia se entendeo que acabava, e com tanta pressa, que naõ poderiaõ Sacramentalla; e lamentando-o huma tia sua, que lhe assistia, lhe disse Sor Maria com muita segurança: *Minha tia, naõ se afflija; que eu heide morrer com todos os Sacramentos.* Foy assim, que logo deu lugar a doença; e tocando-se as taboas para se ajuntar a Communidade para o Officio da agonia, disse que se naõ inquietassem, que ella naõ havia de morrer naquelle dia, senaõ dahi a dous, que era o de quinta feira; neste passou com tanto socego desta vida, como se tambem conhecera o premio, que a esperava.

Recopilaremos agora a noticia de algumas filhas desta Casa, que nestes ultimos annos testemunharaõ a observancia della. Foy huma dellas (em que a illustre familia dos Mascarenhas contou mais huma gloria, mais hum exemplar a Dominicana) a Madre Sor Aldonça da Magdalena, que aconselhada do seu nome, escolheo a melhor parte de huma oraçaõ continua, colloquio sagrado, de que sahia com o rosto acendido, e com mais excesso, quando communicava a seu Esposo Sacramentado, a que sempre fazia a festa, assistindo-lhe com tantos jubilos, como dispendios, em que entrava tambem o da mortificaçaõ, prohibindo-se todo o sustento, e até o refrigerio da sede, por todo o tempo em que o Senhor estava manifesto.

Sor Aldonça da Magdalena.

Taõ extremosa com o Filho, como o naõ seria com a Māy; buscando-a para delicias do seu espirito, entre as flores do seu Rosario, de que era taõ devota, que corria por seu dispendio, e cuidado o tellos promptos (como se usa na Ordem) os primeiros Domingos. Levada da sympatia destas mysteriosas Rosas, tomou por Advogada a mais fragrante, que floreceo no Jardim da Ordem, experimentando a Santa Rosa de Lima por sua continua Protectora. Mostrou a Santa, que o era, e melhor na sua ultima doença, (de que faleceo entrevada) porque muitas vezes disse com singeleza: *Que estava muy obrigada a huma fermosa Leyguinha, (que ella naõ conhecia) que achava sempre á sua cabeceira.*

Chegou a ultima hora, que a achou abraçada com hum Crucifixo, a que alli, como em toda a doença, repetio taõ discretos, como fervorosos colloquios, e entre elles lhe entregou o espirito, com a felicidade ultima de encontrar naquella sagrada morte viva as esperanças de passar a viver despois de morta. Pode-o colligir a piedade Catholica, vendo-se á hora (que era nocturna) e sobre a parte da Enfermaria, em que faleceo, dous arcos Celestes, festivos seguros de que o conflicto se lhe trocava em triunfo.

Similhante testemunho auctorizou a morte da Madre Sor Catharina da Cruz, porque na noite, em que faleceo, se vio sobre a Enfermaria (na parte em que espirara) hum luzido Cometa, que sobre as experiencias

Sor Catharina da Cruz.

cias da severa observancia, e pureza de sua vida, pareceo lhe indicava a eterna.

Se naõ linguas do Ceo, foraõ espiritos delle os que protestaraõ naõ menos gloriosa a morte da Madre Maria da Natividade, que estando enferma, e visitada huma madrugada, de sua irmãa (na mesma Casa Religiosa) lhe disse que logo a passassem para a Enfermaria, porque certamente morria; que assim lho tinha segurado aquella noite o seu Anjo da guarda. Succedeo assim em breves dias, por mais que se naõ julgou mortal a doença até a ultima hora. Mas a grande reputaçaõ, em que estava a enferma, fez esperar a todas, e finalmente ver o que dissera.

Sor Maria da Natividade.

O mesmo conhecimento da sua ultima hora (que só a favores do Ceo se participa) teve a Madre Sor Isabel de S. Joseph, que perseguida de continuos achaques; e tendo-os por menos severos algozes da vida, lhe fez parciaes os rigores de huma aspera penitencia, que a pezar de sua grande cautela, escrevia nos pavimentos, e paredes do Mosteiro a severidade da disciplina. Alguns dias antes que falecesse (sem haver accidente, que indicasse sua morte) entrou a dispor tudo o que para aquella hora he preciso. Praticou com Confessores, e seus Prelados todos seus escrupulos; e conseguido (como segurava) o ultimo socego de sua consciencia, e cahindo logo enferma, se começou a entender o para que se prevenira; chegado o ultimo termo da doença, e entrando na final agonia, se levantou no leito, e posta de joelhos com admiraçaõ de todas, entre copiosas lagrimas, e contritas jaculatorias, entregou a alma a seu sagrado Esposo, naquella penitente, e admiravel fórma, em que o grande Pay dos pobres S. Joaõ de Deos lha entregara.

Sor Isabel de S. Joseph.

Outra Isabel, de naõ menos portentosa morte, se seguio á que acabamos de admirar. Foy esta a Madre Sor Isabel de Christo; e tanto deste Senhor Sacramentado, que em sua vida, e sua morte se naõ viraõ mais que extremos, com que o servio como escrava, e com que o communicou como pura. No Coro lhe assistia, ficando nelle depois que a Communidade o deixava; e occupada sempre em taõ fervorosos actos de amor, que talvez sem o poder dissimular a sua cautela, se lhe percebiaõ no rosto reflexos do Sol, que tinha communicado.

Sor Isabel de Christo.

Naõ se admirou menos a ancia com que o fizera em toda sua vida, no ultimo espirito della; porque levantada de improviso sobre a cama, em que agonizava, pedio ás Religiosas que a viaõ admiradas, que lhe pozessem huma toalha, porque estava no ar o Santissimo, que queria receber. Assim esteve algum tempo suspensa, com demonstraçoens de que o fazia, e logo entoando o *Te Deum laudamus*, e os Hymnos do Sacramento, lhe entregou placidamente o espirito, ficando na cella huma repentina, e celestial fragrancia, como testemunho da assistencia, e da entrega.

Sem duvida que as Religiosas desta Casa se deviaõ reconhecer especiaes discipulas da Sabe-

sabedoria, pois como convidadas para a eterna felicidade, tiveraõ por mais bemquisto o dia da morte. Assim o temos visto nas que nesta recopilaçaõ temos approvado, e como o confirmaremos agora com Sor Brites Bautista de S. Joseph, observante severa das obrigaçoens da Regra, e da Casa; occupava engenhosa o pouco tempo, que lhe restava, em vestir, e ornar as Imagens dos Santos, que havia no Mosteiro, pedindo a cada hum fosse seu Advogado, ainda que a paga era excessiva; e parece que entendia que os Santos lhe aceitavaõ o contrato, pelo cuidado com que continuava o exercicio, e a alegria com que a achava o mais custoso, por serem para Deos estimaveis as offertas dos alegres.

Sor Brites de S. Joseph.

Hilarem datorem diligit Deus. 2. ad Corinth. 9. 7.

Para ella o foy tanto o ultimo dia de sua vida (que a sua irmãa segurou cahindo enferma) que vendo que lamentava que lha roubasse a morte em vinte e oito annos de idade, lhe disse: *Que se conformasse com a vontade Divina; que ella hia gozar da sua presença.* Recebeo os Sacramentos, e espirou com tal socego, que se naõ duvidou do que dissera, vendo que no rosto se lhe trocou o horror da morte em huma rara fermosura, que só podia ser reflexo das luzes da Bemaventurança.

Estas as noticias desta Casa, e as do Mosteiro desta Provincia, que pode desenterrar a nossa diligencia, ou naõ soube sepultar de todo o tempo; que sem duvida foy depositario pouco fiel de mais avultada materia, que nos roubou a esta escritura. Mas nem assim tira o motivo a bem advertida reflexaõ, que se pode fazer de que em hum Reyno taõ pequeno, e em taõ pouco espaço de annos, como os de pouco mais de oitenta, florecessem tantos, e taõ abalizados espiritos em virtude, naõ reduzindo aqui a numero o grande de Religiosas de vida perfeita, que perderaõ aqui lugar, por lhes faltar caso mayor, ou notabilidade grande, que as singularizasse, achando-nos sem ambiçaõ de alargar escrituras, antes para fazer volume, que para dar noticias.

CAPITULO XXXV.

Fundaçaõ do Mosteiro de Nossa Senhora da Oliva, do lugar do Tojal.

HE sem duvida, em que a Provincia està a esta Casa, o admittilla a fazer o numero com as que se fundaraõ, e vivem debaixo do seu governo, porque foy sempre nella grande a ancia de naõ respirar outro, ainda que por cousas, que despois apontaremos, naõ tivesse effeito. Foy fundada a Casa debaixo da Regra, e Constituiçoens Dominicanas. De Mosteiro da Ordem se tiraraõ suas Fundadoras; vivem as Religiosas com os mesmos ritos, e ceremonias na reza, o mesmo methodo de governo na Casa, sem lhe faltar mais que o exercicio da obediencia aos Prelados, impossibilidade a que antes abraçou o desengano, que o consentimento. O que supposto, genero de ingratidaõ, e desconhecimento seria o faltarmos com o seu lugar a humas Irmãas, que

Mosteiro de N. S. de Oliva.

que reconhecendo por Mãy a esta Provincia, entraõ justamente em partilhas nas memorias della. Tenhaõ pois aqui a da sua fundaçaõ, com aquellas noticias, a que perdoou o tempo, naõ deixando em algumas, ainda que menos principaes, de lhe pagar o foro.

Fica o lugar do Tojal no Bispado, e Comarca de Viseu, como centro, e meyo delle, naõ inferior a nenhum dos da Beira, assim em pureza de ares, terra sadia, e frutuosa, regada de boas aguas, bons, e copiosos mantimentos, como todo o bom commodo para a vida humana, e commercio della, como lugar, que fica na estrada Real, para muitos do Reyno, e visinhança do de Castella. Neste lugar vivia pelos annos de 1630. o Doutor Feliciano de Oliva e Sousa, que alli nascera. Seus pays Feliciano de Oliva, e Catharina de Sousa, naturaes do mesmo lugar, pessoas de muita estimaçaõ, naõ só por mimosos dos bens da fortuna (idolo, a que todos dobraõ o joelho) mas por honrado nascimento, gente singela, e santa, protectora, e dispenseira da pobreza. Foy o Doutor Feliciano de Oliva, pessoa bem conhecida, naõ só nos limites do seu Bispado, mas em todos os do Reyno, occupando com satisfaçaõ muitos lugares no Ecclesiastico. De poucos annos foy Vigario Geral em Coimbra, Universidade em que se graduara. Foy Provisor em Braga no tempo do Arcebispo Dom Frey Aleixo de Menezes; em Viseu, em tempo do Bispo Dom Frey Joaõ de Portugal, e no tempo de Dom Bernardino de Sena, governando o Bispado, por seu falecimento, occupaçaõ, que tambem teve no Bispado de Lamego; foy finalmente nomeado Bispo da China, Mitra, que recusou, como destinado á ventura de se lhe trocar em coroa pela grande obra, que o Ceo fiou de sua diligencia.

Era Feliciano de Oliva abastado de bens da fortuna, que lhe grangeara o seu merecimento. (naõ sendo pouco o poder havellos com grangearia) Reconhecia o que a maõ de Deos andara com elle larga, quiz porlhe nas maons o que acabava de sahir dellas, como quem entendia, que se aquelle era o thesouro, só nelle se logravaõ com seguro. Entrou em pensamentos de auctorizar a sua Patria com hum Mosteiro, que povoado de Religiosas, fossem suas continuas mercieiras. Discorria, que era a Beira esteril de similhantes Casas, e havendo nella muita gente nobre, era grande o dispendio, grande o trabalho, de dar o estado santo da Clausura a suas filhas, sentenceando-se ellas ao desterro de sua Patria, e os pays ao de sua vista. Achava-se elle com irmãas, e sobrinhas, que só aquelle estado abracariaõ com gosto. A resoluçaõ destas chamaria outras; o commodo da visinhança chamaria a nobreza. Tantas conveniencias naõ pediaõ consultas, antes pressa, que atalhasse contingencias. Resolveo-se a procurar as licenças; conseguio logo a do Ordinario, dada por Dom Bernardino de Sena, Bispo de Viseu, passada aos vinte e sete de Julho de 1632. Despois se conseguio

guio a de ElRey Filippe IV. de Castella, e III. que entaõ governava esta Coroa: e sem duvida pareceo milagrosa, porque metendo Feliciano de Oliva a petiçaõ na maõ delRey, lhe deferio, dizendo: *Antes vos farey Bispo, que permittirvos o que pedis.* Ao que o Doutor lhe respondeo confiado, e affouto: *Senhor, de nada desconfio, porque sey, que o coraçaõ dos Reys está na maõ de Deos.* Foy caso consideravel, que sem mais diligencia lhe mandou ElRey ao outro dia passar o Alvará, assinado por sua maõ em Madrid, aos 15. de Mayo de 1638.

Superadas estas difficuldades, a que muitos davaõ o nome de impossiveis, entrou o Fundador em novos cuidados na escolha do sitio. Tinha já decretado, que a Casa seria consagrada á Mãy de Deos, (a que o levava singular ternura) com o titulo de Oliva, e que as Religiosas fossem da Ordem de S. Domingos, Patriarcha de sua devoçaõ, fomentada com a familiaridade de ter dous irmaons na Religiaõ, o Presentado Fr. Paulo de Sousa, e Fr. Joaõ de Oliva. Como lhe naõ occupava o pensamento mais que o idear aquella sagrada fabrica, até nas horas do descanço lhe desasocegava o pensamento. Representou-selhe huma noite, que junto do leito, em que descançava, hia passando hum mancebo, na representaçaõ de idade de trinta e trez annos; o aspecto fermoso, e sesudo, o cabello cobrindo-lhe as costas, largo, castanho, e ondeado; vestia huma tunica rouxa, e levava da maõ huma mulher mayor, assim na idade, como na corpulencia; vestia de branco, e hiase movendo com o corpo inclinado. Precedia, e adiantava-se aos dous, com igual passo, e movimento, huma menina de peregrina belleza, os cabellos louros, soltos, e cubertos de hum fino volante; vestia huma tunica vermelha, e sobraçava hum manto verde; na idade representava treze para quatorze annos. Alvoroçou-se o Fundador com a vista, entendendo que o mancebo era Christo, a mulher anciãa a Igreja, a menina a Virgem Maria; e disse á Senhora: *Pois como, soberana Emperatriz! E assim vos ides, sem me dizeres adonde sois servida, que se lavre a vossa Casa?* Entaõ chegou a Senhora a huma janella, apontando para a parte, em que se havia de levantar a Igreja, ficando ao mesmo instante a mulher inclinada em fórma, e estatura direita. Desappareceo a visaõ, acordando o Fundador com alvoroço, e grande consolaçaõ de espirito.

Agora foy o fervor, e o desasocego; ajunta materiaes para a obra, conduz officiaes, que possaõ desempenhalla; decreta o dia para se lançar a primeira pedra, que foy aos 6. de Abril de 1633. Concorreo todo o Povo, assim do lugar, como dos visinhos, fez a ceremonia o irmaõ do Fundador, o Presentado Frey Paulo de Sousa, com a celebridade, que pedia a funçaõ, cleresia de toda aquella Comarca, e Procissaõ festiva. Começaraõ logo a crescer as paredes sagradas nos mesmos alicesses das casas do Fundador, recolhido em outras, que lavrou para largar as suas, e correndo iguaes o dispendio, e o cui-

cuidado, se vio brevemente acabado, e em sua perfeiçaõ o Mosteiro. Ornou-se a Igreja, collocou-se nella a Imagem da Senhora da Oliva, que chegada de Coimbra (onde foy feita, por mandado do Presentado Fr. Paulo de Sousa, entaõ Reytor no Collegio de Santo Thomaz) alegrou novamente o Povo, com os prodigios, que se tinhaõ experimentado no caminho. Diremos o mais celebre.

Conduzia o Padre Fr. Paulo a sagrada Imagem de Coimbra para o Tojal, quando no mais deserto, e desamparado do caminho se levantou huma rigorosa, e medonha tempestade de relampagos, trovoens, agua, e pedra, que no meyo da estrada naõ tinha mais reparo, que a paciencia. Mas, caso raro! que o duvidaraõ os mesmos, que o estavaõ experimentando, que nem no caixaõ em que vinha a Senhora, nem nas pessoas, que lhe faziaõ companhia, cahia pinga de agua, como se lhe mostrara o Ceo, que naõ chegavaõ as tempestades ás visinhanças daquelle Iris soberano, que serenou a primeira do Universo; ou que naõ podiaõ deixar de cessar as aguas, por mais que cahissem a diluvios, perdoando aos que se acolheraõ ás protecçoens da Arca, quando se recolheo nella a sagrada Pomba com o ramo de Oliva.

Arcum meum ponam in nubibus. Gen. 9. 13.

Illa venit ad eum portans ramum olivæ. Gen. 8. 11.

Já em casa do Fundador a Imagem, continuou os prodigios, tirando a huma irmãa sua de improviso humas crueis dores, que a tinhaõ sem socego; porque chegando esta a beijarlhe os pés, naõ só se achou logo com todo, mas nunca mais sentio aquella molestia, que muitas vezes a atormentava. Era a Senhora a verdadeira Arca do Testamento, e naõ havia de ficar menos beneficiada a casa do seu devoto, em que se recolhera, que a de Obededon, em que esteve huma figura sua. Assim se estendeo o titulo, e devoçaõ da Senhora pelos Povos visinhos, divulgando-se o que temos escrito, confirmado pelo mesmo Fundador, que ao abrir o caixaõ, em que vinha a sagrada Imagem, disse com alvoroço, acompanhado de piedosas lagrimas, que aquelle era o aspecto, aquella a fermosura, que se lhe representara no sonho. Devia se-lhe ao bom Padre todo o credito, affiançado na larga experiencia de sua virtuosa vida. Chegou finalmente a ver com seus olhos o unico gosto, que esperava nella; porque chegando o Breve Apostolico de Urbano VIII. passado aos 27. de Mayo de 1640. que com toda a especialidade fallava na disposiçaõ, e Casa, (e hoje se guarda no Cartorio della) trazidas, e chamadas pelo mesmo Breve do Mosteiro de Corpus Christi do Porto, duas Religiosas para Fundadoras, a Madre Sor Agueda da Graça para Prioreza perpetua, e a Madre Sor Juliana de S. Bernardo para perpetua Subprioreza, e Mestra de Noviças, se fez a solemne entrada no Mosteiro aos 8. de Setembro de 1640. acompanhando as Fundadoras trez irmãas, e seis sobrinhas do Fundador, que logo principiaraõ seu noviciado. Celebrou-se a entrada com a mayor pompa, e luzimento, que permittia a terra, e dispensava a liberalidade do Fundador, e o gosto inexplicavel,

Benedicit Dominus Obededon, & omnem domum ejus..... propter Arcam Dei. 2. Reg. 6. 11. 12.

vel, que com as vozes das lagrimas testemunhava que de excessivo lhe naõ cabia no peito. Acompanhavaõ-no os coraçoens dos assistentes, vendo fortunada, e gloriosa sua Patria na protecçaõ daquella pacifica Pomba, que em hum mysterioso ramo de Oliveira lhe segurava as promessas de Mãy de misericordia. Passado o anno, professaraõ as Noviças conforme as Constituiçoens, e Regra do Patriarcha S. Domingos, e com a direcçaõ de humas, e outras, continuou a Casa em venturosa observancia, com exemplo, e edificaçaõ do Povo, gosto, e gloria do Fundador do Mosteiro.

CAPITULO XXXVI.

De algumas particularidades desta Casa, e das Madres Sor Agueda da Graça, Sor Juliana de S. Bernardo, Sor Catharina de S. Joseph, e outras, que com bom nome faleceraõ nella.

SUpposta a fundaçaõ do Mosteiro, e entrada nelle, numero de Religiosas, e continuaçaõ de observancia dellas, resta a noticia assim do material da Casa, como da Religiaõ observada nella. Quanto ao material, tem o Mosteiro a largueza, e capacidade para recolher o numero de trinta e trez Religiosas do Coro, que foy o que veyo taxado no Breve Apostolico, e sete, que despois se accrescentaraõ por particular indulto. Naõ bastavaõ as poucas rendas, que o Fundador deixou, com ser toda sua fazenda, mas attenuada, e consumida com os gastos daquella fabrica, porém assim foy crescendo com os dotes de muita nobreza, que correo a povoar a Casa, que ficou com sufficiente sustentaçaõ para mulheres, que antes vinhaõ fogindo de regalos, que a buscallos em parte onde deviaõ ser desconhecidos.

Mas passando ao principal da Igreja, he de grandeza proporcionada ao corpo do Mosteiro, Capella mór alta, e desafogada, com seu retabolo dourado, repartido em columnas, que daõ lugar ás peanhas, em que descançaõ as Imagens. No alto fica a da Senhora com hum ramo de Oliveira na maõ; ficalhe ao lado direito o Patriarcha S. Domingos, ao esquerdo Santa Catharina de Sena. Corre mais inferior huma moldura, ou frizo, que fica sobre o Sacrario, no meyo está a Imagem de hum Menino Jesus, dando a maõ direita a S. Joaõ Bautista, e ficando-lhe á esquerda Santa Maria Magdalena, Santos de particular devoçaõ do Fundador. Fica sustentando o Sacrario o ultimo frizo, que termina o retabolo, e na parte do Evangelho se vem o Doutor Santo Thomaz de Aquino, na da Epistola S. Feliciano. Acompanhaõ o arco da Capella mór dous Altares com retabolos dourados; occupaõ-lhe os meyos, de huma, e outra parte, as Imagens da Senhora do Rosario, e de Christo crucificado; o mais corpo da Igreja coberto de vistoso azulejo; sobre o portal de fóra se lêm abertas em huma pedra humas letras, que dizem:

Dedicado á Senhora da Oliva, aos 6. dias do mez de Abril de 1633.

Naõ se vê que em parte alguma, ou fóra, ou dentro na Igreja deixasse o Fundador os signaes de vangloria, em que todos costumaõ perpetuar os premios da sua liberalidade, e as posteridades do seu nome. Le-se o do Fundador só no lugar, em que antes póde servir de desengano, que de desvanecimento, como he em huma pedra lisa, (entalhada no pavimento da Capella) que sua humildade escolheo para sepultura. Esta a pouca porçaõ, que tomou ás Religiosas do tudo, que lhes deu, contentando-se com os suffragios annuaes da primeira Missa de dia de Natal, e as Missas do dia no do Espirito Santo, e no da Annunciaçaõ. He o Coro das Religiosas espaçoso, assim o de cima, como o de baixo. O de cima ornado com duas ordens de cadeiras, que o cercaõ de material escolhido, e bem lavrado. Deixou o Fundador bem provida a Sacristia de ornamentos communs, e ricos, calices, e prata para o serviço dos Altares, e decencia do culto Divino, que no cuidado das Religiosas se perpetúa com augmento, e aceyo.

Quanto ao espiritual da Casa começou nella a correr a observancia com todo o rigor, e inteireza das Constituiçoens, e Regra, no peixe, na lãa junto á carne, no jejum de sete mezes, e nas mais austeridades, e exercicios penitentes; mas entraraõ enfermidades grandes, que se perpetuaraõ em achaques. Houve de afrouxar o rigor, (admittindo dispensaçoens) por attender á debilidade das que naõ viviriaõ com elle; mas foy mayor o numero das que sem pavor abraçaraõ com inteireza a refórma, que dura até o presente, com grande reputaçaõ da Casa. Entenderaõ, que para a direcçaõ della lhe era precisa a sogeiçaõ ao Prelado da Ordem. Repetiraõ a supplica com incançavel diligencia. Era pelos annos de 1641. em que o Mestre Frey Alvaro de Castro governava esta Provincia; naõ consta, que no concelho della se fizesse a proposta, mas praticava-se a conhecida razaõ da escusa: porque supposto naõ ter a Ordem Conventos nem naquelle Bispado, nem nos visinhos, era preciso o inconveniente de ser seu Vigario hum Prelado absoluto, porque naõ era facil aos Provinciaes emprenderem jornada taõ custosa só para a visita de huma Casa; e sem possibilidade para ella, fora imprudencia aceitar o cargo, para naõ exercitar o governo. Meteo com tudo o Mestre Frey Alvaro o Mosteiro na Provincia, quanto aos suffragios, no Capitulo entre meyo, que celebrou na Batalha. Foy seu primeiro Prelado o Fundador, por sua morte passou o governo a D. Diogo de Andrada Leitaõ, Deaõ de Lamego; finalmente ao Ordinario do Bispado de Viseu,

que

que agora o governava.

Estas as noticias mais individuaes, que se poderaõ colher de huma Casa, que fora da Provincia; esteve sempre longo do seu commercio, e muito mais a singeleza de suas povoadoras, de cuidarem em guardar memorias para assumpto de similhantes escrituras. Mas naõ sendo muitos os annos de sua fundaçaõ, valeo muito o testemunho, e lembrança de pessoas vivas, para que a Beira, assim como nos deviou a casa, nos naõ sepultasse tambem as glorias della. Seja a primeira do que toca á Madre Sor Agueda da Graça, sua primeira Prelada, e Fundadora. Para estas occupaçoens veyo esta Madre do Mosteiro de Corpus Christi do Porto, pedida pelo Fundador, que com maduro conhecimento sabia pezar o grande coraçaõ, que devia animar o corpo de huma fundaçaõ nova, que começava a respirar na vida da observancia; e sem duvida, que as noticias, que tinha da Madre Sor Agueda, o empenharaõ na sua escolha. Mostrou-o despois bem a experiencia, e vigilancia, com que naquella Casa plantou, e fomentou a refórma.

Sor Agueda da Graça.

Continuava-a na assistencia do Coro, ainda fóra das horas do Officio Divino. Melhor, que na sua cella, a buscavaõ naquelle lugar, como mais certo. Entendia, que a oraçaõ era alma da vida religiosa; e propunha ás Noviças para ensino o seu exemplo. Na Quaresma naõ se contentava com a contemplaçaõ nas horas vagas do dia; muitas noites inteiras ficava no Coro, onde encostada a huma cadeira tomava pouco descanço. Tinha dom de lagrimas; corriaõ estas mais copiosas, lendo a Paixaõ de Christo, devoçaõ de todos os dias. Acompanhava o Senhor no que podia, e naõ era menos rigoroso o golpe da disciplina no corpo, que o da lastima no coraçaõ. Nelle hospedava os pobres a sua caridade; e naõ só lhes remediava a fome, mas a desnudez: e se a distribuiçaõ do sustento a deixou muitas vezes sem reçaõ, a de vestidos a deixou muitas sem abrigo. Tudo para elles lhe parecia pouco, tudo para si escusado; assim trazia sempre encadeadas as virtudes, porque o dispendio da esmola lhe fazia guardar o jejum com mais estreiteza. A caridade de repartir dos seus vestidos a fazia padecer na inclemencia dos tempos. A entranhavel, que tinha com as subditas, passava a continuo desasocego com as enfermas. Já entrada em annos, contando muitas discipulas de seus santos exercicios, alegre, e satisfeita de ver a observancia com dilatadas raizes naquella pequena porçaõ da terra (que o Ceo tinha trocado de Tojal em Jardim) entendeo que eraõ acabados seus dias, e era chamada para a paga daquella santa cultura. Mandou tocar a Capitulo, e junta a Communidade no Coro, cheyos os olhos de lagrimas saudosas, lhe disse similhantes palavras: *Filhas, segunda vez geradas no meu coraçaõ, naõ estranheis que este vos falle agora nas vozes mudas destas lagrimas, porque nenhumas arrezoaõ melhor, despidas. Esta he a ultima vez, que vos chamo: e vos fallarey juntas, porque nem ao*

ao cançado dos meus annos poderá tardar a morte, nem já a frouxidaõ da minha vida merece acompanhar o fervor da vossa. Agora começa ella, quando acaba a minha: e quizera eu reproduzirme em todas, para ter a gloria, naõ de me ver imitada, mas excedida. Eu como imperfeita, cançada, e já caduca, naõ fiz mais que mostrar-vos com o dedo o caminho; vós como vigorosas, e robustas, já hides pizando nelle os espinhos dos rigores, e os tropeços das difficuldades. Esta Casa, ou este Corpo da observancia, que começou a respirar com o meu pouco espirito, já vay vivendo com o vosso: vede naõ vos cance o alento, que desmayará todo este Corpo. O vosso exemplo ha de ser a vida das que vem a reformalla; e como crescerãõ para o trabalho as que se naõ alimentarem bem no berço? Grande gloria he a de ser primeiras, mas comprada com a pensaõ de ser justificadas; as que vaõ diante, auctoriza-as o cargo, mas devem abrir o caminho; e quanto mais o facilitarem, será mayor o numero das sequazes a que se adiantem. A estrada, que pizais, he nova, a importancia he deixalla bem trilhada; se a pizares com constancia, e sem receyos, logo se lhe atreverãõ os pés mimosos. Para nada vos convido, em que naõ haja trabalho: mas bem sabeis que os que mais exercitaõ a tolerancia, saõ os que lavraõ mais de pressa a coroa. Esta pouca terra, em que o Esposo Divino quiz ter o seu horto, duas vezes fechado, sabey que primeiro ha de ser horto regado com sangue, que avultar em Tabor coroado de luzes. O thalamo do Esposo, que a alma pura vio cuberto de flores, foy na Casa ornada de cypreste, symbolo da morte. No retiro das mortificaçoens, e das asperezas se acha o Esposo descançado entre delicias; e quem fora taõ ditosa!

Lectulus noster floridus: ligna domorum cedrina: laquearia nostra cypressina. Cant. 1.

Aqui lhe prenderaõ os soluços a voz, e tomada de hum desmayo, cahio nos braços das Religiosas, que acompanhando as suas lagrimas, choravaõ a perda como subditas, e o desamparo como filhas. Recolheraõ-na á cella, onde assaltada de huma febre aguda, chegou brevemente o seu ultimo dia, que dissera, e esperava. Recebeo com paz de espirito os Sacramentos; e com o Rosario da Senhora nas maons repetia os seus Hymnos; desfalecendo-lhe a voz, pedio ás Religiosas, que lhos cantassem; e entre esta suave melodia espirou, como se adormecera, escutando-a. Foy digno de reparo o que se vio, levando o corpo para o Coro; porque, naõ havendo na terra, nem nas visinhanças della quem criasse, nem ainda visse Pombas, appareceo huma áquelle instante na Igreja, e sahindo della, entrou por huma janella em o Coro, e posta em sitio visinho ás Religiosas, sem espanto, ou estranheza dellas, assistio ao Officio, reparando algumas, que ao recolherse o corpo na sepultura, voara, e correra o Dormitorio, e fazendo hum gyro sobre a cella da defunta, desapparecera. Naõ ajuizamos o que seria, mas naõ impugnamos o que podia ser. O que podemos dizer he que a vida da Madre Sor Agueda podia favorecer qualquer piedosa conjectura.

Naõ deu menos creditos á Casa a segunda Fundadora, e Subprioreza perpetua, a Madre Sor

Sor Juliana de S. Bernardo.

Sor Juliana de S. Bernardo. O desvelo de ensinar as Noviças, o zelo de as conservar doutrinadas, lhe consumio a vida, porque amante da perfeiçaõ, assim no que tocava ao Officio Divino, como ás occupaçoens do Mosteiro, andava sempre sem descanço; assim era espelho para a observancia, e arrimo para a Casa. Era intensa sua caridade com as doentes, e com os pobres. Rara sua devoçaõ com a Paixaõ de Christo, em que contemplava lastimada, e compassiva; aqui encaminhava os exercicios de sua continua penitencia. Cançada de annos, e trabalhos, suspirava pelo descanço de huns, e premio de outros. Cahio de doença leve, mas apontou logo o dia de sua morte. Succedeo assim, recebidos os Sacramentos, porque naõ só no dia, mas na hora, que primeiro differa, pedio, que lhe lessem a Paixaõ do Senhor, e (com os sentidos espertos até o ultimo espirito) enternecendo-se de ouvilla, espirou, permittindo em premio de sua devoçaõ o Ceo, que fizesse nella a compaixaõ; o que fizera no Senhor a impiedade, porque de algum modo se lhe assemelhasse na morte.

Sor Catharina de Oliva.

Naõ foy dessemelhante a da Madre Sor Catharina de Oliva, huma das irmãas do Fundador, que acompanhou as Fundadoras na entrada, e principiou logo o anno de Noviça. Tivera o estado de casada, de que enviuvou entrada em annos, ficando com algumas filhas. Via-as agora recolher na Clausura desta Casa, que seu irmaõ fundara, e cheya de huma Santa enveja, largou o governo da sua, por vir obedecer na de Deos, reduzindo-se ao estado de menina, e á igualdade com as filhas, Noviça como ellas; mas com o conhecimento de que assim era a pequenhez valida na Casa de Deos, que (como elle ensinara) era a principal industria para entrar nella. Deu principio a nova vida, vendo-se no berço da observancia, mas taõ adiantada nos exercicios della, que contando perto de sessenta annos, era a primeira que apparecia nas obrigaçoens da Casa. Usava estamenha junto á carne. A sua cama huma taboa, cuberta de huma manta grossa, e aspera. Aqui tomava pouco descanço, naõ só dos trabalhos do dia, e oraçaõ da noite, mas de disciplina larga, e rigorosa, com huma cadea de ferro, á imitaçaõ de nosso Patriarcha.

Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnũ cœlorũ. Matth. 18. 7.

Cingia-se continuamente de asperos cilicios. Observava com estreiteza os jejuns da Constituiçaõ, no que restava do anno trez dias na semana; nem assim perdoava ao limitado da reçaõ, porque hum pobre lhe levava sempre a melhor parte. Contatava quinze para dezaseis annos nestes exercicios, quando a ameaçou a morte, achando-a antes alvoroçada, que temerosa. Pedio os Sacramentos, despedio-se das Religiosas, pedio perdaõ a todas; e porque lhe dilatavaõ a Unçaõ, disse que lha trouxessem (por mais que os Medicos lhe davaõ ainda dias de vida) porque ella dalli a poucas horas estaria diante de Deos, dando conta della. Fez-se-lhe o que pedia; e tendo o nome de Jesus na boca, e entre os braços a sua Imagem crucifica-

cificada, acabou placida, e venturoſamente a vida.

Naõ ficaraõ particularidades da de outras Religioſas, que pódem fazer numero com as que temos referido. Foraõ ellas as Madres Sor Maria de S. Domingos, Sor Catharina de Jeſus, Sor Iſabel da Gloria, Sor Paula do Preſepio, Sor Jacintha dos Serafins, Sor Catharina do Evangeliſta, eſtas duas ultimas, filhas, as primeiras quatro, ſobrinhas da Madre Sor Catharina de Oliva, e de ſuas irmãas Sor Iſabel do Eſpirito Santo, e Sor Maria das Chagas; geraçaõ toda Santa, trazida toda pelo Fundador á Caſa de Deos, que naõ ſó lhe quiz dar a Caſa, mas tambem os ſervos para ella. Mas ſenaõ ficaraõ individuaçoens de ſuas vidas, ficou a tradiçaõ commua de ſua inteira obſervancia, merecedora de mais dilatada memoria, como de eſpiritos com que começou a avultar a reputaçaõ deſta Caſa. Mas ſe o tempo nos roubou as ſuas noticias para eſta eſcritura, baſte eſta advertencia para a conjectura piedoſa de que a naõ perderiaõ no livro da vida.

Sor Maria de S. Domingos, Sor Catharina de Jeſus, Sor Iſabel da Gloria, Sor Paula do Preſepio, Sor Jacintha dos Serafins, Sor Catharina do Evangeliſta.

Mas coroemos as memorias deſta Caſa com a mais verdadeira, e glorioſa coroa della; com algumas maravilhas, obradas por interceſſaõ da Imagem da Senhora da Oliva, authenticadas pelo Ordinario do Biſpado de Viſeu, como conſta da ſentença de approvaçaõ, que ſe guarda no Cartorio do Moſteiro; e ſeja o primeiro prodigio (deſpois dos que neſtes dous Capitulos temos referido) porque todos foraõ authenticados pelo meſmo Ordinario.

Trabalhava-ſe na obra da Igreja, e hia-ſe fechando, e cobrindo a Capella môr, quando cahindo huma grande pedra do mais alto della, levou hum official, que achou diante, com tanto impeto, e violencia, que entenderaõ que já hia pelo ar ſem vida; aſſim cahio em terra; e aos olhos dos que já o eſtavaõ vendo feito em pedaços, ſe levantou ao meſmo inſtante ſem ferida, ou leſaõ alguma, e começou a bradar (entre os que concorreraõ compadecidos, e admirados) *milagre! milagre! favor que me fez a Senhora da Oliva, por quem chamey com viva fé em meu coraçaõ.* Acompanhavaõ as vozes a viſta, e a experiencia, vendo a altura de que cahira, e o eſtado em que ſe achava.

Igual ſucceſſo, igual prodigio ſe vio em outro official, que trabalhando no Dormitorio do meſmo Moſteiro, que hia em grande altura, e levando com outros, em huma padiola, huma pedra de dezaſete palmos e meyo de comprido, e trez de largo, lhe eſcapou hum pé, e naõ ſó ſe precipitou, mas deſcahindo a pedra, o levou debaixo. Chegaraõ a levantalla, como ſe o fizeraõ á campa de huma ſepultura, entendendo que achavaõ ao miſeravel naõ ſó morto, mas delido; e ao levantalla vem que o moço ſe levanta ſaõ, e deſembaraçado, dizendo que a Senhora da Oliva lhe valera; e torna no meſmo inſtante ao trabalho para deſenganar os que o viraõ cahir, e o naõ acabavaõ de crer.

Iſabel Jorze, natural do meſmo lugar do Tojal, onde era caſada, e taõ pobre, que vivia do trabalho de ſuas maons, que

agora naõ exercitava, por se achar com huma nascida em hum braço, que com grandes dores naõ podia mover. Acompanhou a Imagem da Senhora o dia, em que a levaraõ em Procissaõ solemne para a sua Casa. Entrou na Igreja, deteve-se rezando, e lembrando á Senhora com fé, e lagrimas aquella sua grande molestia, em que naõ só padecia as dores, mas necessidades. Recolheo-se a casa, em que logo se lhe abrio a nascida, e ao dia seguinte amanheceo, naõ só com o braço livre della, mas nem o minimo sinal onde a tinha.

Maria Teixeira de Sá padecia insoportaveis dores de hum cancro incuravel; recorreo á Senhora, e principioulhe huma novena. Acabava de rezar, e untando aquella parte com o azeite da sua alampada, lhe dizia: *Senhora, vós o sois da Oliva; neste azeite está a virtude do vosso nome, vós me haveis de sarar com elle.* Eis-que ao quarto dia da novena, estando rezando na Capella, se sentio sem pejo algum naquella parte, e applicando a maõ, e logo a vista, se achou sem dores, nem sinal do que alli lhas causava. Testemunhava o prodigio toda sua casa, e o mesmo Cirurgiaõ, que a tinha curado naquelle dia.

Igual mercê fez a Senhora a Barbara Coelha, que de hum tumor em hum peito (que despois de muitas curas, veyo á ultima de huma lancetada) estava sem esperança de vida; já lha contavaõ por instantes, quando levanta a voz com fé viva, e pede á Senhora, que lhe valha. Cousa prodigiosa! que ao mesmo tempo rebentando-lhe o tumor (naõ pela lancetada) se lhe seguio huma descarga grande, e inteira saude.

Estes foraõ os milagres, que se authenticaraõ, sendo infinitos os que por toda a Comarca se espalharaõ, e espalhaõ cada dia, sepultados na distancia dos lugares, e pouca actividade dos pobres, que ricos de fé, saõ o primeiro emprego dos milagres. Assim mostrou, e mostra a Senhora da Oliva, o quanto foy de agrado seu esta Casa, premiando o zelo do Fundador, e daquelles espiritos, que a buscaraõ nella, com as mercês, com que enriquece a todos, sendo a soberana Oliveira, que plantada na Casa de Deos, fructifica nos dispendios da misericordia; e assim fructificará sempre nesta Casa em vigorosos effeitos da Regular observancia, para futuro assumpto de mais elegante escritura.

Ego autẽ sicut oliva fructifera in domo Dei. Ps. 51.

CAPITULO XXXVII.

Das Irmãas Terceiras da Villa de Guimaraens, de seu recolhimento, e voluntaria Clausura, e noticia das primeiras, que com nome, e reputaçaõ entraraõ nella.

Irmãs da Terceira Ordem de S. Domingos em Guimaraens.

GRande, e primeira Architecta a providencia Divina começou a levantar a fabrica do Universo dos principios do nada. A do homem, de pouco menos, como do pó da terra; e de taõ tenues fundamentos começaraõ a engrossar os corpos mais fermosos, que (despois dos Celestes) contemplaraõ as creaturas, como he a architectura deste Mundo pequeno, e animado, e daquelle agigantado, e crescido, naõ com

menos alma, que a mesma providencia. Naõ seguio esta regularmente outra fórma nas fabricas do espirito, de que saõ grandes argumentos as experiencias, como se vê na conversaõ do peccador, augmentando-se, e crescendo á grande labareda, a que se lhe ateou no coraçaõ pequena faisca. Ve-se o mesmo no principio, e progresso das virtudes; e mais visivelmente nas Congregaçoens de devotos espiritos, avultadas despois em esquadroens numerosos, de que a Igreja Militante se vê ornada, e defendida. Mas para o que vamos a dizer, temos repetidos exemplos de casa, se lançarmos os olhos ás Historias desta Provincia, reparando mais singularmente na pequena reclusaõ das Emparadadas (vulgarmente as Donas da Villa de Santarem) fomentada do Santo Prelado Frey Gil, primeiro poucas, e pobres mulheres, que convidadas, e convencidas do exemplo de Elvira Duranda, quizeraõ fechar a porta ao Mundo, sepultadas onde lhe naõ vissem o rosto, e as naõ achasse o seu commercio.

Assim começou aquella pobre Casa, aquelle pequeno rebanho, ou para melhor dizer, assim se semeou em pouco espaço de terra aquelle pequeno, e desvalido grão de mostarda, que veyo despois a crescer na dilatada arvore de heroicas filhas (e as morgadas) desta Provincia, venturosas ramas, que vio, e admirou morada das Celestes aves das virtudes, e carregadas de copiosos frutos, sazonados ao estio de sua ardente caridade, e colhidos no Paraiso do perpetuo deleite. A' vista das esperanças, que nos dá esta experiencia, seria culpavel a omissaõ da noticia desta reclusaõ, e recolhimento de Guimaraens, agora pobre, e apoucada Congregaçaõ de filhas Terceiras de S. Domingos; mas campo, ainda que pequeno, que a Providencia podera estender a seara Dominicana, agora pequeno rebanho; mas com esperanças (deu-as o mesmo Christo) de gozar as abundancias do eterno pasto.

Nolite timere pusilus grex quia cõplacuit Patri vestro dare.

Mas a principal razaõ, que nos executa a esta noticia, he a geral, que nos obriga a todas as pertencentes á Familia Dominicana nesta Provincia, sendo, como he esta Casa da Ordem da Penitencia, instituida por Nosso Padre S. Domingos, primeiro com o nome da Ordem da Milicia de Jesu Christo, com Regra approvada por muitos Pontifices, como foraõ Gregorio IX. Honorio IV. Joaõ XXII. Bonifacio IX. Innocencio VII. Eugenio III., e naõ só se observa nasta nova Casa esta Regra de Penitencia, mas ainda se obrigaraõ as filhas della a mais estreita observancia, em que hoje vivem, sem afrouxar na primeira, circunstancias, que de justiça lhe daõ lugar nesta escritura (despois das memorias da Ordem Primeira) com aquella veneraçaõ, que se deve a huma Ordem, campo fecundo, de que (como as mais Religioens das suas Terceiras) se tem colhido tantos frutos de santidade, que hoje occupaõ os Altares, honraõ as Provincias, e auctorizaõ as Historias, como se póde ver entre as innumeraveis professoras desta Regra, em huma Beata Angela de S. Severino, huma

ma Beata Daniela de Benavento, huma Beata Anna de Camerino, huma Beata Joanna de Urbe Veteri, huma Beata Helena de Pisis, e as mais, que deixo por celebres no culto, e reza por toda a Ordem Dominicana, como as que no reformado de tantas Provincias sepultaraõ os nomes nas distancias. Supposta esta advertencia, passemos á noticia da Casa nova.

Corria o anno de 1680. quando se achavaõ na Villa de Guimaraens nova donzellas de mayor espirito, e resoluçaõ, que annos, forças, e posses para a empreza, a que estendiaõ seus desejos, fomentados, e dirigidos pelo dictame, e exemplo do Padre Frey Sebastiaõ da Madre de Deos, Religioso Dominicano, pessoa de conhecida observancia, e sufficiencia, que assistia no Convento, que a Ordem tem na Villa. Sabia Frey Sebastiaõ, como seu Confessor, sondar as capacidades daquellas almas, que corriaõ a poz o suave cheiro da vocaçaõ do Esposo, desejando prendello naquelles amorosos laços, em que a verdadeira esposa o conseguio, para o naõ largar nunca, como tendo-o de assento na Casa de sua Mãy a Religiaõ, no mais retirado, e escondido della, como no lugar de recolhimento, e Clausura: e como estes desejos eraõ legitimos, como aconselhados do Ceo, esperava, que nem se arrependesse quem os concebera, nem os desamparasse quem os aconselhara. Por outra parte naõ desconhecia o Padre os embaraços, e contradiçoens insuperaveis, que costumaõ acompanhar similhante negocio, intentado commumente de gente mais rica de vontades, que de posses; pouco assistida das da terra, como a que fogindo della, naõ pode achar outra correspondencia. Mas naõ podendo resistir ás instancias das pertendentes, menos fechar os olhos ás tolerancias, e firmezas, com que cada dia as deixavaõ as opposiçoens victoriosas, começou a procurar, e dispor os meyos, que o Ceo lhe hia facilitando nas offertas, e boas vontades do Povo, movido da larga experiencia, e conhecimento das boas mulheres, que com o exemplar de sua vida, tinhaõ voltado a si os olhos, e animos de toda aquella Comarca.

Tenui eum, nec dimittá, donec introducá in domū matris meæ, & in cubiculum genitricis meæ. Cant. 3.

Abrio caminho para o Recolhimento, e Clausura (que era o primeiro, a que se attendia) huma casa, ainda que pequena, com disposiçoens para o que se intentava; servia na Villa (donde se vê) de Hospital de Peregrinos; fora nos tempos antigos, em que veyo a Ordem para estes Reynos, huma das pobres casas della, mas taõ illustre por insignes habitadores, taõ fecunda por heroicos filhos, que nella foi Prior o Santo Fr. Pero Gonçalves, nella lançou o habito a S. Gonçalo Taumaturgo de Entre Douro, e Minho, nella viveo o Santo Frey Lourenço Mendes, nella finalmente aquelles nossos primeiros, e grandes Padres por espaço de quarenta e quatro annos, annuncio grande, e segredo da Providencia, tornar despois de tantos seculos a povoar-se aquelle antigo Seminario de virtudes, por huns espiritos, que promettiaõ restituir esse brazaõ áquellas quasi arruinadas,

nadas, mas veneraves paredes.

Superadas finalmente as mayores difficuldades no anno de 1680. entrando as esmolas do Povo a facilitar o embaraço de dar em troca casa aos Peregrinos, entraraõ as nove donzellas na que escolhiaõ por sepultura, como Dominicana, professas na Terceira Ordem da Penitencia. Assistiraõ, e meteraõ-nas de posse no Recolhimento os Religiosos do Convento, que a Ordem tem na Villa, a nobreza, e Povo della alvoroçada, e compungida, assim da visinhança das boas hospedas, como da heroica, e venturosa resoluçaõ dellas. Lançou o Prior do Convento o habito a quatro Noviças. Poz-se á Casa o nome de Santa Rosa. De tudo se passou Certidaõ com tanta clareza, que a lançamos aqui poupando-nos a escritura de mais individual noticia, e he a seguinte:

Certificamos nós os Padres Frey Diogo Osorio, Prior do Convento de S. Domingos desta Villa de Guimaraens, e Frey Sebastiaõ da Madre de Deos, Prior do Convento de Santa Cruz da Villa de Vianna, com os mais Religiosos Conventuaes do Convento desta Villa, como de licença do Nosso Muito Reverendo Padre Frey Manoel Pinto, Vigario Geral da Ordem dos Prégadores, e licença do Ordinario, dada pelo Doutor Provisor, e Senhores do governo da Corte, e Arcebispado de Braga, aos 20. dias do mez de Outubro de 1680. annos, metemos de posse do Recolhimento, que se fez na rua Travessa desta Villa, com a invocaçaõ de Santa Rosa, as nossas Irmãas Terceiras Maria de Santa Rosa, Maria do Rosario, Maria de Santa Catharina, Marianna do Sacramento, Isabel de S. Domingos, todas professas da Terceira Ordem; e no mesmo dia, e hora lançamos o habito para Noviças a Joanna de Jesus Maria, Catharina de Sena, Angela de Jesus, e Maria do Desterro; e da Capella do dito Recolhimento as levámos em Procissaõ publica pela rua, e as metemos pela Portaria do Recolhimento, e logo na dita Capella se expoz o Santissimo, e se disse Missa cantada, e prégaçaõ, e se deu Communhaõ pelo Commungatorio ás ditas Religiosas, e de tarde tornou a haver Sermaõ; a que tudo assistio grande concurso de Povo, mostrando em tudo o gosto, que tinhaõ de ver este Recolhimento, e sem haver pes-

pessoa, que impedisse, nem puzesse duvidas a tal entrada, antes todos louvavaõ a Deos pela obra. Em fé do que fizemos este termo, para que a todo o tempo conste que juridicamente, e solemnemente se fez a entrada destas Religiosas, hoje 21. dias do mez de Outubro de 1680.

Esta Certidaõ com todos o Religiosos Conventuaes assignados, reconhecida pelo Tabaliaõ da mesma Villa, Domingos de Freitas, se guarda no Cartorio do Recolhimento com huma licença do Arcebispo Primaz Dom Luiz de Sousa, concedida a 16. de Dezembro de 1683. para que podessem ter o Senhor em Sacrario na sua Capella; favor, e graça, que assim souberaõ estimar as novas cultivadoras da Clausura, que por espaço de seis annos passaraõ as noites no Coro debaixo, orando humas, em quanto descançavaõ outras, até que o ameaço de muitos achaques, grangeados no desabrimento do sitio, lho fez deixar, a conselho do Medico. Era passado hum anno despois da entrada, quando visitado o Convento da Villa, abrio o Mestre Frey Agostinho de Santo Thomaz, Provincial desta Provincia, visita nesta nova Casa; e informado da reforma, com que nella se vivia (a instancias das mesmas Terceiras) tomou a todas o juramento de perpetua Clausura, professou as quatro Noviças, que se tinhaõ tomado á entrada, deixou leys, e fez todas as funçoens de Prelado, aceitas com gosto, e obedecidas com pontualidade, como no Mosteiro mais observante. Repetio a visita no anno seguinte, e determinou-lhes Confessor da Ordem, que foy o Padre Frey Domingos de Jesus, Religioso por sua religiaõ, refórma, e modestia, digno da occupaçaõ, que até o presente executa.

Veyo no seguinte anno visitar esta Provincia, por mandado do Mestre Geral da Ordem, Frey Antonio de Monroy, o Mestre Frey Gaspar da Mota, Hespanhol; e visitado o Convento, chegando ao Recolhimento, e achando nelle a observancia, naõ só de Freiras Terceiras, mas no rigor da Primeira Regra (de que logo daremos noticia) aceitou o Recolhimento á Ordem, em nome do Geral com poderes, que para isso trouxera, assistindo por testemunhas seu companheiro, o Presentado Frey Francisco Pardo, e seu escrevente Frey Antonio Rodrigues, ambos Hespanhoes, e o Prior do Convento da Villa, Frey Joaõ Bautista.

Com esta sogeiçaõ ficaraõ, e vivem ao tempo, que isto escrevemos, as Irmãas Terceiras de Guimaraens. Respeitaõ ao Prior do Convento, como seu Vigario, e ao Provincial desta Provincia, como Prelado superior, naõ aceitando Freira alguma sem sua licença. Tem continuado os Provinciaes até o presente, que he o Mestre Frey Joaõ Bautista de Marines, em visi-

visitallas como verdadeiras subditas, e Religiosas Dominicas. A vida he commua, e regulada pelas Constituiçoens da Ordem. Vestem lãa junto á carne, comem sempre peixe, excepto as obrigadas por preceito de Medico; jejuaõ os sete mezes, fallaõ só a pays, e irmaons, e raras vezes; nem com estes se lhes permitte o commercio de hum escrito, ainda resistado pela Prelada. Tal he a cautela de sua observancia! Rezaõ em Communidade o Officio de Nossa Senhora, e no mais o que dispoem a Regra das Freiras da Penitencia. Sustentaõ-se de esmolas, e do que obraõ por suas maons; a ellas só fiaõ o serviço da Casa, sem admittir serventes nella, humildade (em gente delicada, e nobre qualidades, de que está povoada a Clausura) de que parece se pagou o Ceo, vendo algumas das Religiosas aos Anjos exercitando o nome de Ministros entre ellas, ou tomando a seu cargo todo o trabalho de algumas, ou assistindo, e ajudando ás mais occupadas.

Frequentaõ a oraçaõ, a que ajuntaõ disciplinas trez dias na semana, e com tanto fruto de huma, e outra, que estando todas recolhidas no Coro, se ouvio hum golpe no sino, seguindo-se outro no do Convento, averiguando-se, que a tal hora naõ podia ser diligencia humana. Entendeo-se melhor, quando a voto de huma pessoa de grande espirito (conjecturou-se, que illustrado) se divulgou, que aquelle fora hum sinal de que o Recolhimento seria Casa de Deos até o fim do Mundo. Naõ pareça improporçaõ, porque os sinaes do Ceo naõ se accommodaõ a similhanças da terra, para significarem alguma cousa; antes como naõ saõ naturaes, mas de instituto absoluto, e livre, só se accommodaõ á idea soberana do imponente. Senaõ, que proporçaõ tinha o rapar a barba em Ezechiel, lançar parte no fogo, espalhar outra ao vento, para significar o estrago de Jerusalem, Povo rebelde, e ingrato? Que proporçaõ o retroceder o Sol dez linhas no Relogio de Achaz, para significar a vida de Ezechias?

Ezechielis 5. v. 1. Jeremiæ v. 8.

Mas tornemos ao estylo de vida das novas Recoletas. He igual a tolerancia em todas nas necessidades, e penurias, que continuamente experimentaõ, e de que triunfaõ. Talvez entraraõ na mesa, e com huma só pera fez colaçaõ toda a Communidade. Em outra occasiaõ com só trez maçans. Mereceo esta conformidade particular providencia ao Ceo, vendo-se muitas vezes os soccorros taõ repentinos, que se naõ duvidava de quem os dispunha; sempre apoucados, que naõ passavaõ a regalos, de remedios, porque acodindo-selhe á miseria, naõ se lhe embaraçasse a tolerancia. A gente taõ abstraida da terra, a pouco custo se lhe poem a mesa. Viviaõ em grande estreiteza de casa, e contavaõ já vinte annos nella, quando com huma grossa esmola, que deixou o Doutor Jeronymo Lopes de Araujo, se alargaraõ, dispondo as pequenas casinhas em feitio de Dormitorio; e ao presente ajudadas da limitaçaõ de algum dote, levantaraõ hum, em que vivem com mais commodo,

modo, despois de se melhorarem de Igreja proporcionada á casa, e taõ aceada, e bem servida, com se lhe assistiraõ mayores posses, que as desta.

Servem-se de hum poço, que tem de portas a dentro; e he digno de reparo, que sendo primeiro a agua delle, naõ só aspera para o gosto, mas nociva a quem usava della, a sede, e a necessidade, que a reduzio ao uso de todas, a experimenta hoje, naõ só gostosa, mas sádia. Grande chimica he a verdadeira, e voluntaria pobreza! e melhor vara de Moysés a virtude, para trocar nas aguas em suavidades os amargores.

Exodi cap. 15.

Assim começaraõ a crescer, e a avultar estas tenras plantas da observancia, assistidas, e mimosas do Ceo, e da Estrella de seu Patriarca, que influe nellas as fecundidades, e frutos da refórma. Já o deraõ ao Ceo em quatro filhas das primeiras desta Casa, gloriosas premissas dos grandes lucros della. Foraõ ellas Maria do Desterro, Catharina de Sena, Marianna de Jesus, Angela de Jesus, que com heroica perseverança no rigor, com que entraraõ a Clausura, invencivel paciencia nos trabalhos de penosas doenças, de tribulaçoens continuas, de desamparos, penurias, e miserias, acabaraõ a vida com demonstraçoens de que principiavaõ á que naõ se acaba, e se melhora. He o numero das vivas ao presente de vinte e huma, Prioreza Maria da Rosa de Santa Maria, que chamando-se primeiro Maria de Santa Rosa (com motivos sepultados os mais evidentes em sua modestia, e segredo) se chama hoje Maria da Rosa de Santa Maria.

Com similhante motivo, e igualmente occulto, (como he tradiçaõ) mandou o Prior do nosso Convento da Villa pelos annos de *1699.* como Prelado immediato, pôr obediencia ás Religiosas, que mudassem a invocaçaõ do Recolhimento, que era de Santa Rosa, em o de Mosteiro da Rosa de Santa Maria. Correm por conta de Deos os nomes das cousas, que quer reconhecidas por suas; grande gloria para estas novas esposas, que o saõ, e melhor argumento de que o mereceraõ ser. Mas coroemos as noticias desta Casa com huma circunstancia digna de reparo, e naõ menos de lhe servir de credito, e vem a ser, que desde sua fundaçaõ até o presente (que se contaõ vinte e quatro annos) naõ tem tido mais que a mesma Prelada, que na entrada foy eleita. Grande argumento das capacidades della, e naõ menor da conformidade das subditas! Mas sem duvida mais reparo nellas o desconhecerem as ambiçoens de mandar, como espiritos Angelicos, em que todo o emprego he obedecer. Assim se vay dilatando este pequeno Ceo Dominicano; e disporá a Providencia de Deos, já reconhecida, e desempenhada nas Estrellas dos primeiros, que neste se dupliquem, para que esta Provincia conte mais esta gloria, e sempre para a mayor de Deos se povoe de suas luzes o Firmamento das eternidades.

CAPITULO XXXVIII.

Da Madre Sor Isabel do Espirito Santo, Freira da Terceira Ordem da Penitencia; primeiros passos de sua vocaçaõ.

Naõ mereceraõ menos nome, ou naõ deraõ menos assumptos aos Catalogos Dominicanos as Religiosas da Ordem de Penitencia, que sem o retiro da Clausura, antes entre os perigos do seculo, e junto ás delicias dos rios de Babylonia, souberaõ suspirar pelos socegos de Siaõ. Pizaraõ estas a difficultosa estrada, que por entre espinhos abrio, e deixou trilhada a constancia de huma Catharina de Sena, de huma Rosa, que respirou entre espinhos, e de huma Ignez, que os trocou em flores, vivendo todas entre os tumultos, trafegos, e commercios do Mundo, sem que estes lhes soubessem turbar a paz de espirito, que naquelles mortificados, e debilitados corpos sabia fabricar hum deserto. Provaraõ, e desempenharaõ esta santa industria muitas filhas desta Provincia, que a volubilidade do tempo, favorecida do nosso descuido, deixou ficar tanto atraz das jurisdiçoens da memoria, que nem a certeza dos nomes foy facil á nossa diligencia; com esta magoa passemos a escrever o pouco, de que se nos permittio noticia.

Sor Isabel do Espirito Santo.

Seja a primeira de Sor Isabel do Espirito Santo, filha da Cidade de Lisboa, berço digno de tal filha, e filha taõ benemerita de o ser sua, que a pode numerar entre as circunstancias da sua grandeza, ou da sua ventura. Aqui nasceo Sor Isabel de pays taõ honestos, e virtuosos, que pareceo a filha premio da virtude dos pays, no voto de pessoas de opiniaõ, que os conheciaõ, e os tratavaõ. Naõ ficaraõ seus nomes em memoria, emendando-se esta culpavel omissaõ no acerto de serem suas virtudes os seus nomes, especialmente a da mãy penitente, caritativa, e devota. Era-o com extremo da Paixaõ de Christo, que no dia contemplava muitas horas, e nunca sem lagrimas. Andando pejada de Isabel, sentia hum tal fervor de devoçaõ, e huma lembrança taõ prompta para esta meditaçaõ dolorosa, como se do ventre se lhe sobira ao peito huma grande labareda. Ignorava que enclaustrava em si huma faisca daquelle fogo, com que Nosso Patriarca abrazara primeiro o hospicio materno, despois todo o Mundo; e eraõ já herança na filha, destinada a Estrella sua nos effeitos da natureza fogosa; ou tambem (como despois se vio) pequena braza, que em Sor Isabel havia despois avultar em implacavel incendio, fomentado no sangue de Christo, que a tinha extatica tantas horas, e a fazia romper em inundaçoens de lagrimas.

Aos seis annos de sua idade se vio nella com admiraçaõ. Boa confirmaçaõ será o que agora diremos. Frequentava Isabel com outras meninas a casa de huma honesta mulher, que as ensinava a obra de lavor: applicada á almofada, eraõ taõ expressas, e vivas as representaçoens, que se lhe propunhaõ da Paixaõ de Christo, de que já era devotissima, que inflamma-

da

da de hum vehemente affecto de compassiva, naõ cabia em si mesma, estalava de magoada, desejava offerecer em igual sacrificio a vida. Já fraqueava na dissimulaçaõ daquella ancia. Largava a almofada, e retirando-se a huma casa interior, encostada a huma parede, pregava, e estendia nella os tenros bracinhos; e assim crucificada, se lhe representava, que se incorporava, e unia com aquelle Senhor, que naquella fórma dera a vida por ella. Este era o desafogo, a que recorria em a arrebatando aquelle piedoso pensamento. Despertou o reparo, e logo a curiosidade da Mestra, a repetiçaõ com que Isabel se retirava, muito mais o tempo, que se detinha. Segue-a hum dia, acha-a naquella fórma de crucificada, suspende-se; espera, a ver se cança, e cança-se em esperar; chega mais perto, e ve-a immovel, alhea de sentidos, e taõ sepultada naquelle doce lethargo delles, que á custa de muita diligencia despertou delle.

Conhecia já aquelle entendimento, a quem madrugara mais superior luz, que a da razaõ; conhecia, que similhantes thesouros só os guardava o segredo; hia-se á maõ naquelle genero de desafogo, e só o buscava em casa recolhida a hum Oratorio, despois que via tudo em socego. Alli achava o seu leito, alli o seu descanço, alli o seu centro; naõ tem outro quem, conhecendo as delicias do Ceo, acha tanta suavidade nos desvelos, que lhe parecem descanços, tanta nos suspiros, que lhe parecem logros. Assim hia crescendo Isabel, quando querendo o Ceo darlhe mais liberdade nas sogeiçoens da terra, para a ver mais sua, a deixou orfãa, mas com a consolaçaõ grande de ver ausentar a mãy com sinaes de pizar a venturosa estrada, para que ella tambem se dispunha. Vio-se no que succedeo, estando-a amortalhando; porque, apagando-se por desattençaõ as luzes, que havia na casa, sendo em alta, e escura noite, resplandeceo nella huma repentina, e taõ grande claridade, que a pessoa, que se occupava naquella piedade ultima da mortalha, a pode continuar, enfiando huma agulha. Durou tanto tempo o prodigio, que deu lugar ao reparo de toda a casa, e despois o testemunhava toda.

Orfãa Isabel, e dada totalmente aos exercicios da oraçaõ, e penitencia, começou a pedir a Deos lhe mostrasse o caminho, que fosse mais de seu agrado, offerecendo-lhe o alvedrio, livre já de todos os dominios do Mundo. Esta era sua continua supplica, quando repetindo-a huma noite, vio que lhe apparecia seu Esposo Christo, e lhe dizia com gesto benigno, e amoroso: *Audi filia, & vide.* Como se dissera: *Ouve filha, e vê.* Levanta-se alvoroçada, entra no seu Oratorio, prostra-se por terra, e como indigna de levantar ao Ceo os olhos, respondia humilde, como outro Samuel obediente: *Aqui me tendes, Senhor: que he o que mandais á vossa inutil escrava? Segueme*, lhe respondeo o Senhor. Entaõ se entrou mais do receyo de indigna, e de hum penetrante conhecimento do que distava entre Deos, e a

e a creatura; e confundindo-a aſſim o gozo de favorecida, como o deſengano do que era, ſe deixou ficar por muitas horas com a boca em terra, victima da ſogeiçaõ, e da obediencia.

Começou-o logo a ſer de mayores rigores. Fez os veſtidos longos para andar deſcalça; o que uſou toda ſua vida, e com tanta cautela, que ſó o entenderaõ em ſua caſa, porque nem o mayor frio, que no Inverno gelava as aguas, nem o mayor calor, que pelo Eſtio accendia as pedras, nem o agudo, e eſcarnado dellas, que pizava, e topava talvez, lhe faziaõ no ſemblante mudança de que ſe percebeſſe. Em toda ſua vida naõ comeo carne, nem peſcado, ſó em dia de Natal pouco, e leve mariſco. Seu ſuſtento quotidiano eraõ hervas, naõ ſó deſaboreadas no tempero, mas cozidas na ſegunda feira para prato de toda a ſemana. Aſſim as comia frias; era regalo, quando requentadas. Sentenceou-ſe a hum perpetuo ſilencio. Naõ ſe lhe ouvia palavra, que naõ foſſe preciſa. Nas Quareſmas, Adventos, ſeſtas feiras de todo o anno, Vigilias da Senhora, Apoſtolos, e alguns Santos ſeus Advogados, paſſava com paõ, e agua. Cingia-ſe continuamente de cilicios. Repetia diſciplinas rigoroſas, entoando ao compaſſo do golpe com voz penitente o *Miſerere*. Aſſim a viaõ taõ attenuada, que ſe entendia ou que vivia por milagre, ou que morria a cada inſtante.

Entrava huma Quareſma, era ſabido que a havia de levar a paõ, e agua. Buſcaraõ-na dous Sacerdotes parentes ſeus, de boa vida, e muito conhecimento, e experiencia do rigor, com que a Serva de Deos attenuava a ſua; e parecendo-lhe agora que neſta Quareſma a arriſcava, lhe praticavaõ, e propunhaõ o que tinha de imprudencia naõ afrouxar na aſpereza, vendo-ſe taõ debilitada. Allegavaõ que a falta de caridade comſigo era culpa; que quando a vida foſſe durando naquelle extremo, ſeria carregada, e perſeguida de achaques, que a reduziriaõ a largar os exercicios devotos; que com o rigor temperado ſe podia conſervar a vida, e continuar a penitencia; que naõ podia ſer ſervir a Deos, e inhabilitarſe para o ſervir menos; que era argumento de fraquear nas penitencias, o adiantarſe ao que naõ podiaõ chegar as forças, como o que recorre ao violento da morte, para ſe livrar mais de preſſa das miſerias. E finalmente, que elles da parte de Deos lhe faziaõ aquella advertencia, porque entendiaõ que aſſim convinha ás melhoras de ſua alma, e aſſim o devia obrar pelas obrigaçoens de Catholica.

Aſſuſtou-ſe a arguida penitente com a propoſta, mas ſogeitando-ſe ás razoens della, como intimadas por dous Miniſtros de Deos, que a ſua humildade venerava, e reconhecia com mais luz, e conhecimento em importancia de eſpirito; porém como naõ havia negocio delle, que naõ conſultaſſe com o melhor Meſtre, fechou-ſe no ſeu Oratorio, continuou a oraçaõ, e no mayor fervor della, pondo no chaõ a boca, e deixando fallar o coraçaõ em vozes de lagrimas, dizia nelle o

que

que se expressava nellas, que eraõ similhantes razoens: *Vós Senhor, que sois verdadeira luz, dignaivos de ferir nos olhos de minha alma, para que naõ erre como minha, já que só quer mostrar que he vossa. Vós sois verdade, assim como sois luz: e se só a vossa luz sabe encaminhar ignorancias, só a vossa verdade saberá dar resoluçaõ nas duvidas. Bem vejo Senhor, bem vejo que sentenceada por minhas culpas ao eterno degredo de vossa vista, só a lima da penitencia póde quebrar os grilhoens, que me rodeaõ como sentenceada: mas se a minha imprudencia ha de desatinar nos meyos de me valer dos remedios, naõ permitia a vossa clemencia que degenerem os meus descargos em segundos delictos. Eu naõ quizera afrouxar no rigor da vida, e menos tropeçar na desgraça da vossa offensa: este meyo naõ cabe na minha escolha, só vós me podeis illustrar para ella. Continúa* (lhe respondeo o Senhor, e ella sensivelmente o ouvio) *continúa o que começaste; que eu te ajudarey.*

Jejuou a Quaresma, e em toda ella naõ teve nem a menor queixa na saude, com reparo, e admiraçaõ dos que lhe vaticinavaõ a morte. Dignos de censura saõ os rigores imprudentes nos cultivadores da penitencia; mas quem saberá se póde condemnar os rigores a hum espirito, que fóra já da esféra dos alentos humanos, naõ póde romper em menos, que em excessos? Se está a imprudencia em querer exceder as proprias forças, quem sabe as que participa a graça a hum espirito, de quem he já mais vigorosa vida? Caso he este, em que só vota bem a experiencia propria.

CAPITULO XXXIX.

Toma Sor Isabel o habito. Favores, que mereceo do Ceo; sua virtude. Acaba santamente; circunstancias, que se admiraraõ em sua morte.

OUvira, e attendera Sor Isabel áquellas attractivas vozes do Esposo das almas, quando lhe advertio que o seguisse; e como conhecia que naquelle seguimento pela aspereza se conhecia o caminho, resolvendo que o mais apertado seria o mais certo, todos seus desejos eraõ sepultarse em a Clausura de hum Mosteiro, naõ para fugir do Mundo, que isso fizera, e fazia no recolhimento de sua casa, mas porque entendia que as da Clausura eraõ os floridos thalamos, em que o verdadeiro Esposo se achava mais seguro, e mais satisfeito. Mas suspendiaõ-na as poucas posses, embaraços insuperaveis, que por alguns tempos a trouxeraõ desconsolada, e affligida. Recorria ao rigor de novas penitencias; propunha ao Senhor sua ancia no mais expressivo idioma das lagrimas; instava incansavel na oraçaõ, quando hum dia, engolfada mais nas doçuras della, sentio banharse-lhe o coraçaõ de huma nova, e superior alegria, que naõ lhe cabendo no peito, se levantou desasocegada, e dando dous passos em huma casa, ergueo os olhos a ver o Ceo, pedindo a Deos que suspendesse aquella corrente de suavidades, em que se submergia a fraqueza da capacidade humana. Eis-que visivelmente se lhe offerece hum

man-

mancebo de inexplicavel, e peregrina gentileza, cuberto de huma tunica alvissima, em huma maõ huma coroa, em outra huma palma.

Desappareceo logo: e recolhendo-se Sor Isabel ao Oratorio, e prostrando-se, o tornou a ver com as mesmas insignias, de que entendeo logo, que era vontade de Deos que sem as circunstancias da Clausura grangeasse aquella palma, e aquella coroa: e ou a convidasse a candidez daquella tunica, que vira, ou impulso superior, de que a ninguem deu conta, pedio em breves dias o habito de Freira Dominicana da Terceira Regra da Penitencia, que lhe facilitou a grande opiniaõ, e nome, com que já pelos ouvidos, e estimaçoens da Corte voava sua virtude. Tomou o habita em S. Domingos de Lisboa. Naõ ficou em memoria o Prelado, que lho deu, e lançou, ficou sim a do estylo de vida, que começou a observar, guardando (despois da que já temos dito, que sempre continuou do mesmo modo) a Regra, e Constituiçoens Dominicanas em todo o rigor, e como estaõ escritas. De manhãa, e tarde assistia na Igreja do Convento, e na Capella do Santo Christo, cahindo continuamente de seus olhos grossas lagrimas (de que o Senhor lhe deu o dom) e conhecendo sua companheira, mulher de vida reformada, quando eraõ pelas almas, quando pelos que estavaõ no abysmo de suas culpas, porque entaõ corriaõ mais copiosas: assim se lhe abriraõ nas faces dous regos, que antes pareciaõ trabalhados de arte, que daquelle compassivo costume.

Vivia aos dictames da obediencia, como se se lhe trocara a vontade nella. Mandaraõ-lhe que commungasse todos os dias, e até no exterior se lhe divisavaõ os grandes interesses daquella frequencia, porque da sagrada Mesa a viaõ sahir com hum aspecto inflammado, e fermoso, prenda, que por natureza naõ tinha. Estas, e outras demonstraçoens, que se naõ podiaõ dissimular, começaraõ a grangear-lhe huma tal opiniaõ, que se via buscada, e perseguida pela valia de suas oraçoens; ao que se esquivava, e respondia com mais lagrimas, que razoens, que se naõ enganassem com ella, que era a mayor peccadora. De muitos houve noticia que experimentaraõ o seu patrocinio: individuaremos hum caso entre muitos, em que naõ queremos estender a escritura, porque nos naõ lea o escrupulo de quem nos naõ supporá a firmeza, com que vamos escrevendo.

Perseguido de hum achaque trabalhoso, que lhe tomava a garganta, determinava passar a França, onde lhe seguravaõ a cura, hum Religioso Dominico, filho de Dom Fradique de Menezes, e de Dona Isabel Henriques, bem conhecidos por seus appellidos entre as mais illustres Casas deste Reyno. Sentia a mãy a ausencia do filho, porque se achava viuva, sem mais consolaçaõ, que a sua assistencia; perdida agora esta, e arriscado o filho no largo da jornada, pouca saude, e muitas prendas, consideraçoens, que lhe naõ podiaõ deixar muitas esperanças. Tinha Dona Isabel mui-

muita familiaridade com Sor Isabel; propozlhe aquella afflição, pedindo-lhe a ajudasse diante de Deos com as suas supplicas, em que tinha grande fé. Naõ pode resistir Sor Isabel de importunada, e compassiva. Ao dia seguinte segurou a lastimada mãy, que seu filho naõ sahiria de Lisboa, porque brevemente convaleceria de todo daquelle achaque; succedeo como o disse.

Assim era caritativa Sor Isabel, que naõ só neste, mas em muitos casos a obrigaraõ as lagrimas dos affligidos a darlhes logo esperanças de remedio, sendo contra sua grande modestia, o fallar naquelles casos com confiança. Igualmente a affligiaõ as necessidades de espirito, como as do corpo, fazendo muitas vezes em sua alma sacrificio a Deos de lhe prender a obediencia huma viva ancia de ir aos Hospitaes publicos, a servir, e a aliviar os enfermos como mais desamparados. Dous casos lhe succederaõ, em que mostrou Deos o quanto lhe agradavaõ similhantes desejos.

Achava-se muy attribulada Dona Francisca de Argomedo, irmãa de Dona Maria de Argomedo, pessoa de grande opiniaõ, mulher de Pero Vaz de Sá, gente bem conhecida por sua nobreza. Estava a enferma, despois de prostrada por sangrias, desenganada de remedios, e suspensos os Medicos, que tinhaõ provado todos. Tinha Sor Isabel noticia do estado da doença, como muito familiar das duas irmãas; davalhe grande pena, e via-se em casa, sem licença para lhe fazer huma visita; affligia-se, pedindo a Deos a melhora. Eis-que ao mesmo tempo vê a enferma occupados os lados da cama, de huma parte Sor Isabel, de outra outra tambem em habito (ainda que differente) de Freira, e que se escusava cada huma de lhe lançar huma bençaõ, como se nella lhe livrassem a cura. Houve de lançalla a desconhecida, porque Sor Isabel esteve constante; e feito o final da Cruz, desappareceraõ ambas, achando-se a enferma ao mesmo instante como se naõ tivera tido tal achaque. Vendo-se dahi a poucos dias com Sor Isabel, rendendolhe as graças de taõ prodigiosa visita, e perguntando-lhe como alli viera, e quem era a companheira, lhe respondeo Sor Isabel, que o como viera, naõ sabia, mas que lhe cumprira Deos os grandes desejos, que tivera de visitalla; que a companheira conhecera logo, ainda que só alli a vira, que era a Madre Agueda de Castella, bem celebre em sua Patria, e a quem ella enferma escrevera muitas vezes os desejos de a ver, e de a tratar. Naõ se admirou Dona Francisca da noticia, pela muita que tinha da virtude de ambas; e entre Sor Isabel, e ella ficou assentado o segredo, de que despois deraõ seus Confessores testemunho.

Outro caso lhe succedeo com naõ menos estranhas circunstancias. Assistia cuidadosa, e desvelada a outra enferma de respeito, a quem devia esse cuidado, e pedindo a Deos em larga, e repetida oraçaõ a sua melhora, por ver que se cançava sem fruto a medicina, vio a esse tempo a enferma junto á cama hum Frade em habito Domini-

minico, que lhe lançava huma bençaõ, e ao mesmo instante se achou com intera saude. Visitando-a ao dia seguinte Sor Isabel, instou a doente por saber quem fosse o Frade, obrigada, e reconhecida á mercê, que lhe tinha feito; e naõ pode tirar mais, que saber que era hum Santo Dominico. Entendeo a devoçaõ, que seria S. Gonçalo, a quem a boa irmãa obrigaria áquelle desempenho.

Naõ a encontravaõ com menos ancia as necessidades do espirito. Sobre a continua supplica, que fazia a Deos, de que lhe désse a todo o instante que sentir, ainda lhe pedia com mais instancia que lhe désse a padecer os tormentos, que no Purgatorio sentem as almas, para satisfazer por ellas. Obrigou-se o Senhor desta ancia, e ao repetir, e continuar esta supplica, se seguia o atear-selhe hum fogo em todo o corpo (sem se lhe achar febre) que naõ parando no interior, lhe sahia ao rosto em huma taõ viva labareda, que sua irmãa, que lhe assistia, e naõ desconhecia o que era, recorria a lançarlhe aguá temendo por muitas vezes que lhe espirasse nos braços, porque assim crescia activo o incendio, que nem o sofria o toque de huma maõ.

Na oraçaõ era continua, ou em casa no seu Oratorio, ou na Igreja na Capella de S. Pedro Martyr., que hoje se chama de Jesus. Humas vezes a viaõ banhada em lagrimas, de que se ouviaõ os soluços. Outras extatica, e alienada dos sentidos; de que fizeraõ grandes experiencias pessoas incredulas, sahindo do exame confusas, e compungidas. Illustrara-lhe Deos o entendimento; fallava nas Escrituras como o mais douto, e versado nellas, e muitas vezes cousas taõ difficeis, que admirava a seus Confessores, que assim o testemunharaõ do muito que lhe ouviraõ, devendo darse credito a todos, como Religiosos de grande reputaçaõ em letras, e virtude, como foraõ o Veneravel Padre Mestre Fr. Luiz de Granada, de quem bebeo as primeiras liçoens de espirito, o Mestre Fr. Thomaz da Rocha, o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, o Padre Frey Agostinho de Sousa.

Rezava todos os dias o Officio Divino, repartido por suas horas, e á de meya noite as Matinas; para o que como se estivesse no mais reformado Mosteiro, se levantava, e buscava o Coro no seu Oratorio. Ardia de enveja o progenitor della, e inimigo da virtude, e desejava turbar o socego daquella vida quasi Celeste. Nas tentaçoens sahia vencido, confuso, e envergonhado; queria vingarse em atemorizar aquella constancia, ou se quer interromper os exercicios, em que via taõ gostosa aquella alma; e em Sor Isabel começando a rezar Matinas[f], entrava a perseguilla, apparecendo-lhe visivelmente em estranhas figuras, que bem mostravaõ quem se enfronhava nellas. Mas Sor Isabel, que naõ ignorava sua fraqueza, e que eraõ aquelles os ultimos esforços de sua malicia, chamava-o, e punha-lhe na maõ hum rolo accezo, para que em quanto rezasse, lhe estivesse allumiando; e acabando de rezar, o mandava da parte de Deos, que sem

fazer

fazer estrondos, a deixasse, e se fosse.

Mas já por entre os espinhos de huma longa, e aspera penitencia começava a respirar, e a verse banhada com o copioso orvalho de consolações Celestes, que corriaõ a alentar aquella vida attenuada, e consumida no seco deserto de sua austeridade penitente. Mas quanto sobrepujaraõ as delicias ás asperezas! Foraõ muitos os favores, com que o Ceo a recreou. Tocaremos os que achamos com mais miuda, e individual noticia. Suspirava huma noite de Natal, posta em oraçaõ no seu Oratorio, e suspirava com Santa inveja daquelles olhos, que viraõ a desnudez do Menino Deos no desamparo daquella lapa, no desabrimento daquella noite, e daquella hora. Lamentava naõ alcançar aquella ventura, mas confundia se, como indigna, suspendendo-se, como piedosa, alternativa entre este desejo, e o conhecimento proprio; eisque lhe apparece a Rainha dos Anjos, com o Menino nos braços, e o passa amorosamente aos seus.

Encostava-se outra noite, para tomar algum descanço em duas taboas nuas, que toda a vida lhe serviraõ de leito, quando reparou, que estando a casa sem luz, se enchia de huma desusada claridade, e vio logo, que entrava pela porta a Rainha do Ceo com o Menino nos braços, acompanhada de duas donzellas de peregrina, e superior fermosura; trazia huma hum açafate de flores, outra hum copo cristallino, e que chegando-se a Senhora, e destilando alguma porçaõ de Celestial nectar de seus virginaes peitos, mandou que o dessem a beber a Sor Isabel, e logo as flores, coroando estes mimos com lhe lançar os braços. Naõ acabava a Serva de Deos de entender se sonhava, ou estava desperta; mas gostava o sagrado licor, e percebia a fragrancia das flores com tanta viveza, que só o assombro, e confusaõ do muito que lograva, a podia ter duvidosa. Chegouse de joelhos á Senhora, e reparando, em que o Menino estava todo enfaixado, lhe disse: *Pois como, Mãy, e Senhora Nossa, trazeis a meu Senhor taõ cuberto, que nem lhe posso beijar hum pé?* E respondeo-lhe a Senhora: *Isabel, na Cruz o tens descuberto, ahi lhe pódes beijar os pés.* Desappareceo a visaõ, ouvindo-se os suaves eccos de huma harmonia Angelica entre a suavidade, e fragrancia das flores, que acompanhou a Sor Isabel por muitos mezes.

Descançava em outra noite, quando vio, que se chegava a ella o mesmo Christo, cercado de luz, vestido de huma tunica rouxa, as maons atadas, e lhe dizia: *Desatame Isabel.* Applicava ella as maons obediente, mas temerosa; mas baldada toda a diligencia, confessou ao Senhor, que naõ podia. Ao que o Senhor respondeo: *Pois Isabel tu me tens atado.* E desappareceo. Propunha a Serva de Deos o que lhe succedia com synceridade, e singeleza, sem que sua humildade levantasse o discurso a examinar o segredo, mas obrigada do preceito de seus Confessores, que ajuizaraõ da visaõ, que Isabel tinha atado as maons a Deos com o la-

ço indissoluvel de seu amor, para lhe naõ negar nada do que lhe pedia, como ella muitas vezes depunha; mas naõ menos lhas tinha atado com suas penitencias, porque naõ levantasse o braço sobre os peccadores por suas culpas.

O mesmo Christo se lhe representou outra vez (orava entaõ no seu Oratorio) e com palavras suaves lhe prometteo a bemaventurança. Orava em outra occasiaõ, quando vio que lhe feria nos olhos huma fermosa, e scintillante estrella, que no meyo, como em centro, trazia nosso Patriarca. Assim chegou a ella, e com alegre semblante lhe lançou huma bençaõ.

Chegava-se já o fim de sua vida, quando, entrando hum dia em o Oratorio, vio que hum Menino Jesu, que nelle tinha, estava com as maons atadas, e dizendo-lhe: *Meu Senhor, quando vos verey com as maons soltas?* Lhe respondeo o Menino: *Cedo o verás*; e naõ tardou muito, porque assim o vio dahi a pouco tempo, entrando a fazer oraçaõ, e já ameaçada de cruel doença. Entendeo logo, que era a ultima, que isso lhe queria mostrar o Senhor com as maons livres, como para lhe dispender os eternos favores. Foy prolongada a doença, em que muitas vezes commungou, porque estallando de saudades pelas delicias da gloria, só se aliviava com recolher no coraçaõ o soberano penhor della. Assim foy taõ rara sua paciencia (sendo intoleraveis as dores de que estava cercada) que parecia já como alienada das miserias de humana. Soltouse dellas seu espirito (despois de grandes demonstraçoens de conformidade, e alvoroço) com huma morte taõ suave, que o que se seguio a ella, foy no rosto huma rara belleza, que naõ tivera em vida, desmentidos os annos, que contara nella; os membros meneaveis, o corpo como se antes fora hum precioso, e fervente aroma, do que hum despojo da vida.

Todos o viraõ, todos o examinaraõ. Começou de juntarse, e concorrer a gente, como se alguem lhe dera o aviso, levando os Religiosos o corpo, já com a difficuldade do concurso, que tocava contas, pedia partes do habito como reliquias, de que alcançou mais a nobreza, concorrendo tanta, que antes parecia triunfo, que enterro. Deraõ-lhe sepultura no antecoro de S. Domingos de Lisboa, aos pés do Veneravel Padre Mestre Frey Luiz de Granada; e assim começou logo a estenderse sua opiniaõ, e fama, que no Capitulo Geral, celebrado em Roma por Julho de 1629., que foy este em que a Serva de Deos falecera, se lhe fez (como se lê nas Actas do mesmo Capitulo) a seguinte memoria:

In

In Provincia Portugalliæ Soror Elisabeth de Spiritu Sancto, tertii Ordinis professa, quæ post vitam sanctissimè peractam, obiit cum opinione sanctitatis.

Fiquem-lhe estas letras por epithafio, como muda reprehensaõ de lhe naõ determinarem em hum o lugar, em que descançaõ suas cinzas, roubado á consolaçaõ dos devotos, e á veneraçaõ de todos. Mas parece, que se naõ contentava o Ceo com que os testemunhos da terra lhe perpetuassem a memoria; com hum prodigio seu quiz fomentalla, e favorecella. Eraõ passados alguns annos despois de sua morte, quando falecendo Dona Joanna Manoel de Aragaõ, mulher de Dom Affonso de Menezes, Mestre-Sala del-Rey Dom Joaõ o IV., e mandando que seu corpo se depositasse no Convento de S. Domingos de Lisboa junto á sepultura de Sor Isabel, em quanto se naõ passava a S. Domingos do Porto, onde tinha seu jazigo, começaraõ a bolir com inadvertencia na sepultura de Sor Isabel (abrindo a mesma, havendo só de ser outra visinha) e a poucos golpes foy tal a fragrancia, que se espalhou na Casa, que suspendidos naõ só os Religiosos, mas os seculares, que passavaõ acaso, começaraõ com assombro a examinar, e conhecer o motivo, e em breve tempo cresceo assim o tumulto, que assustado o Sacristaõ, sem mais conselho, nem advertencia, mandou logo cobrir a cova, naõ sendo menos culpavel, que esta resoluçaõ, a omissaõ do Prelado da Casa, que devia examinar aquelle precioso thesouro, para depositallo em lugar mais seguro, e melhorado. Tudo o que temos escrito, digno de mayor reparo, testemunharaõ seus Confessores, que o naõ foraõ menos de todo o credito; mas ainda assim estreitamos a penna, por fugirmos ao encontro de escrupulosos, ou incredulos.

CAPITULO XL.

De Sor Luiza de Jesus, Freira da Terceira Ordem.

FEcunda mãy de heroicos filhos a Cidade de Lisboa, continuou dando a esta Provincia a Sor Luiza (benemerita filha da Terceira Ordem da Penitencia) como se o espirito de Sor Isabel se reproduzira nella. Nasceo Sor Luiza nesta Cidade de pays honestos, cresceo com taõ boa reputaçaõ de modesta, recolhida, e bem inclinada, que ainda com mediano parecer, e pouco dote, se vio pertendida por quem entendia, que o verdadeiro era o da virtude. Posta naquelle estado, em que naõ entrara com mais voto, que a obediencia, começaraõ a persequilla desconsolaçoens, e dissabores; pensaõ rigorosa, mas que naõ servia mais que de exercitarlhe a paciencia, naõ bas-

tando a divertilla de fervorosos exercicios de caritativa. Mas o Ceo, que a naõ queria repartida com os cuidados da terra, permittio que aos vinte e sete annos de sua idade sahisse solta daquella cadea. No mesmo dia, em que se vio viuva, retirada a hum aposento, e diante de hum Christo crucificado, lançando maõ da formosura de seus cabellos, cortou nelles os cuidados, de que fez sacrificio ao melhor Esposo, em que só se empregaõ todos com lucro. Accrescentou a esta resoluçaõ a de voto de perpetua continencia, e deu principio a hum taõ aspero genero de vida, que se conformasse com o Esposo, que lha offerecia em hum lenho crucificada.

Já se hiaõ despertando huns aos outros os desejos do Ceo. Suspirava Sor Luiza por saber o caminho, que com mais segurança, e brevidade a levasse a elle. Instou hum anno com oraçoens, com penitencias para conseguillo, e naõ baldou a diligencia, porque estando em oraçaõ hum dia, lhe pareceo, que se lhe offerecia á vista o vulto de huma mulher com o habito de S. Domingos, e que encarando bem nella, lhe mostrava o escapulario, dizendo, que aquelle era o que o Ceo lhe destinava. Levantou Sor Luiza as maons ao Ceo, rendendo a a Deos as graças; mas começou logo de affligirse, entendendo, que aquelle aviso a chamava para os Claustros Dominicanos, e parecia impossivel pollo ella em execuçaõ, sem a impiedade de deixar sua familia desamparada, havendo nella pessoas, cuja idade a executava a precisa assistencia.

Vacillava com esta imaginaçaõ, quando, passados alguns dias, a visitou certa pessoa de boa vida, que entre outras praticas (de bom conselho para ella) disse, que aquelle dia se achara na Igreja de S. Domingos, onde vira muito de que se edificar, reparando nas Religiosas Terceiras (a que chamavaõ as Beatas de Santa Catharina de Sena) que alli assistiaõ com tanta refórma, e modestia, como discipulas de seu espirito, e doutrina; porque eraõ estas humas mulheres, que vivendo no seculo, e na liberdade de suas casas, observavaõ a sogeiçaõ, e exercicios de Religiosas. Entendeo logo Sor Luiza o idioma com que o Ceo lhe fallava, e em breves dias mostrou a pontualidade com que lhe obedecia, pedindo em o Convento de S. Domingos o habito de Freira da Penitencia, que alcançou logo dos Prelados, a quem se tinha anticipado a noticia, e experiencia de sua pessoa, e vida.

Começou com tanta asspereza esta que abraçara, como o promettiaõ as ancias de se ver nella; mas nem os jejuns continuos, e apertados, as disciplinas repetidas, e rigorosas, bastavaõ a resgatalla da grande perseguiçaõ de escrupulos intoleraveis, que a cercavaõ. Animava-a o Confessor, mostrandolhe, que naõ eraõ mais que prova de sua constancia, como despois de professa vio por experiencia. No acto da profissaõ (a que assistiraõ Religiosos de nome em letras, e virtude, convidados da que conheciaõ na professante) foraõ tantas suas lagrimas, taõ vivos, e fervorosos

rosos os affectos de sua alma, que, acabada a ultima palavra, em que promettia perseverança naquella vida, cahio sobre os degraos do Altar, como abraçando a terra, privada de sentidos; effeito (como despois se soube por seus Confessores) da inexplicavel consolaçaõ de seu espirito, vendo com os olhos delle que o mesmo Christo se chegava a ella, e lhe dava a maõ como a esposa. Despertou este favor nella os cuidados de quem o sabia ser verdadeira, naõ se contentando com os rigores, que lhe propunha a ley, que abraçara, antes adiantando-se aos que só parece podiaõ caber no desejo, ou condemnar a resoluçaõ por mayor que as forças, se as de seu espirito naõ respeitaraõ já mayor coraçaõ por centro.

Junto á carne naõ lhe pareceo taõ desabrida a estamenha; de pano de saco, que nem a agua costuma fazer mais tratavel, fez as tunicas interiores. Seu leito duas taboas, e hum cobertor, antes para dissimular o leito, que para servir de abrigo. Cingio o peito de huma grossa cadea de ferro, que substituio a hum aspero cilicio, que até alli trouxera desde que enviuvara. Rodeou os braços com cilicios de ferro, sem haver parte no corpo, que naõ tivesse particular, e continuo martyrio. Naõ bastava este para apoupar ao de rigorosa disciplina, que com huma cadea de ferro repetia duas vezes todas as noites. Naõ lhe era (no seu conceito) necessario menos ferro para domar tanto inimigo. Assim era Sor Luiza huma estatua da penitencia, antes de bronze, que de barro fragil, que naõ pedia menos materia, para sustentar taõ rigorosa, taõ profiada bataria.

Naõ comeo carne muitos annos; dispensaraõ-lha já nos ultimos os achaques, os Confessores, e o preceito dos Medicos. O jejum naõ só dos sete mezes da Constituiçaõ, mas quasi todo o anno. Na Quaresma só paõ molhado, e fervido em huma pouca de agua. De Quinta Feira Mayor até Dominga de Paschoa naõ comia cousa alguma: sempre andou descalça; porque ainda que cobria os pés quando hia fóra, era o calçado em tal fórma, que lhe ficava a planta do pé nua sobre a terra. Na oraçaõ, antes continua, que amiudada; prostravase por terra em fórma de cruz, e alli se detinha muitas horas com tanta consolaçaõ de sua alma, que sofrendo mal o inimigo dellas o vêlla dilatar naquella fórma, dispunha, e machinava estrondos, e horrores para divertilla. Passou a mais a sua impaciencia: quiz em certa occasiaõ precipitalla por huma escada; resistio Sor Luiza, sahindo bem sinalada da luta. Por mais que algumas pessoas perceberaõ o estrondo, escondeo ella a causa. Souberaõ-se despois casos similhantes por testemunho de seus Confessores.

Ainda que vencido, nem fraqueava, nem se retirava o contrario. Naõ lhe faltavaõ astucias, como serpente antiga, destra, e exercitada nellas; apparecia-lhe em horriveis fórmas, a que a Serva de Deos respondia, e desenganava affouta. Succedeo-lhe assim, quando arguindo-a

do-a elle de hypocrita, e dizendo-lhe, que se cançara de balde em toda sua vida, porque elle guardava suas forças, e industrias para a ultima hora della, lhe respondeo Sor Luiza intrepida, e confiada: *Que ella estava por conta de Deos, como esposa sua; e que se os merecimentos da Paixaõ de Christo seu Esposo eraõ infinitos, naõ podia haver hora na vida, a que se naõ estendessem taes merecimentos.* Sustentava o demonio a sua proposta, e crescia em Sor Luiza a cautela taõ desvelada, que pedio a seu Confessor, que na hora de sua morte lhe assistisse, e a confortasse, lembrando-lhe os merecimentos de Christo. Agradou ao Senhor a supplica; vellohemos despois no despacho della.

Era grande seu recolhimento, igual silencio, naõ se lhe ouvio palavra, que naõ servisse de edificaçaõ ao proximo, todas ordenadas a louvor de Deos; e se acaso se achava em pratica licenciosa, naõ só se retirava, mas asperamente a reprehendia, usando o mesmo com algumas pessoas, que via com soltura, e menos decencia nas Igrejas; zelo, que lhe grangeou algumas perseguiçoens, ou repostas afrontosas, que a achavaõ taõ sofrida, como as reprehensoens a tinhaõ mostrado resoluta. O tempo, que lhe restava da Igreja, aproveitava na liçaõ de livros, que a ensinassem, e compungissem. Repetia a da Paixaõ de Christo, e a do livro intitulado *Contemptus Mundi*, donde costumava dizer, que achava facilmente remedio para quantas desconsolaçoens perseguiaõ seu espirito. Applicada algumas vezes á obra de lavor, ou costura, lhe ouviraõ entoar com vivos affectos da alma soliloquios ao Amor Divino. O mais repetido tivemos na maõ de sua mesma letra, disposto com mais devoçaõ, que arte. Naõ será desagradavel áquella, quando naõ a esta, o lançallo aqui; he o seguinte:

O' Amor, que por amor do Ceo descestes,
O' Amor, que por amor fostes humilde,
O' Amor, que por amor fostes perdido,
O' Amor, que por amor á Cruz sobistes.
O' Amor, que por amor déstes a vida,
O' Amor, que por amor morte sentistes,
O' Amor, que por amor ficastes vivo,
O' Amor, que por amor os Ceos abristes.

Foy

Foy rara ſua humildade, e taõ doutrinado della o conceito, que fazia da eſtimaçaõ propria: que mandando-lhe ſeus Confeſſores, que eſcreveſſe ſua vida, foy neceſſario, que acabaſſem de conſeguillo os ameaços da obediencia. Faleceraõ eſtes Religioſos a tempo, que já tinha eſcrito muito, mas taõ deſcontente de ter eſcrito, que naõ deſcançou até naõ alcançar licença do novo Meſtre de ſeu eſpirito, para queimar aquelles papeis, que poderaõ enriquecer eſta eſcritura, como o fizeraõ as cinzas delles a ſua modeſtia.

Teve eſta igual teſtemunho, quando buſcando-a certa Senhora para medianeira com Deos em huma importancia, e perguntando-lhe em Noſſa Senhora da Eſcada (onde ſe detinha orando) por huma Religioſa Terceira, que ſe chamava Sor Luiza, ella lhe reſpondeo, que a naõ conhecia, e ſe ſahio com preſſa da Igreja, como ſe entenderá o para que era buſcada. Confundioſe a que fizera a diligencia, entendendo pouco deſpois, que era a meſma Sor Luiza a que reſpondera, e ſe retirara. Eſtes os lances proprios da virtude, que eſtende as verdadeiras raizes no centro da humildade, eſquivando-ſe ás diligencias, e eſtimaçoens da Corte, onde as hypocriſias andaõ taõ affoutas, ſobindo as eſcadas dos poderoſos, detendo-ſe nas ſalas dos Principes, a fazer oſtentaçaõ do que deixaõ, como ſenaõ as eſtivera condemnando o que buſcaõ. Temia-ſe, e acautelava-ſe Sor Luiza contra os tiros da vangloria, ſem mais attençaõ, que a pureza de ſua conſciencia, ſendo eſta de ſorte, que confeſſando-ſe duas, e trez vezes na ſemana, todo o trabalho de ſeu Confeſſor era pedirlhe materia para a abſolviçaõ, naõ paſſando de venialidades, ainda quando ſe valia da vida paſſada.

Já muy adiantada em dias, a aſſaltou huma enfermidade rigoroſa; mas naõ ſentio tanto o ſeu rigor, como o haver de deixar o da vida, que levava. A força de preceitos afrouxou pouco nella, e taõ pouco, que aggravada a doença da eſquivança, com que ſe tratava, a poz na ultima hora. Recebeo os Sacramentos com moſtras de grande conſolaçaõ interior. Só ſe affligia de lhe faltar a aſſiſtencia daquelle ſeu antigo Confeſſor, a quem a pedira para confortalla na ultima hora. Achava-ſe elle auſente, grande a diſtancia; mas naõ ſe lhe contando a vida mais que por inſtantes, lhe durou até chegár a vello (porque chamado ſe poz logo a caminho) e a praticar com elle importancias de ſua alma. Chegaraõ-ſe a ella algumas Religioſas Terceiras, e peſſoas devotas, que a acompanhavaõ, e pedindo-lhe que ſe lembraſſe dellas diante de Deos, reſpondeo com ſegurança: *Que a miſericordia Divina o diſporia aſſim com a ſua alma, que pudeſſe ella fazer o que ſe lhe pedia.* Deraõ-lhe hum Crucifixo, poz nelle os olhos, e cerrando-os como em ſuave ſono, lhe entregou o eſpirito em 27. de Julho de 1659. em hum Domingo, dia a que coſtumava chamar a alegria de ſeu coraçaõ, por ſe repreſentar nelle

le a Resurreiçaõ gloriosa de Christo. Ficou com aspecto composto, e agradavel, com tanta dessemelhança do que tivera em vida, e do que lhe attenuara a doença, que foy universal o reparo, como digno delle o motivo. Consta o que temos escrito do testemunho de seu Confessor. Seu corpo tem sepultura no Claustro de S. Domingos de Lisboa, defronte do arco, que entra para o Capitulo. Lese na pedra, que lhe serve de campa, este epithafio.

Soror Luduvizia nostri Ordinis Terciaria, cum virtutum odore, & bonæ famæ opinione placida morte quievit die 27. Julii 1659.

CAPITULO XLI.

Da Madre Sor Joanna de Tavora, da Terceira Ordem de S. Domingos.

Levaraõ sempre os agrados de Deos as Estrellas, que madrugaraõ para o seu louvor. Assim se desvelou o Sol Divino, a assistirlhe no berço, e assim parece, que o vio desde as mantilhas delle, mimosa do Ceo, Sor Joanna de Tavora, destinada a Estrella Dominicana. Chamou-se esta Madre (na vida, e commercio do seculo) Dona Joanna Maria de Tavora; foy filha de Francisco de Sá de Menezes, descendente da Casa dos Sás, e de Dona Antonia Leitaõ, da Casa dos Leitoens, ambos illustres calidades desta Coroa Portugueza. Já nos primeiros annos se lhe conhecia hum particular agrado para as cousas do Ceo, podendo-se dizer, que do berço passara ao Oratorio, desconhecendo os vagares do tempo, para aceitar os interesses do espirito. Naõ havia lisonja para o seu, como contemplarse preza em huma Clausura; desejo a que naõ podendo fazer resistencia, e conhecendo, que seus pays naõ admittiriaõ sua supplica, appellou para a industria de ficar hum dia inopinadamente no Mosteiro do Salvador de Religiosas Dominicas, onde tinha huma tia, que algumas vezes visitava; mas suspeitada por sua mãy a resoluçaõ, naõ vio mais a tia.

Ubi eras., cum me lauderent simul astra matutina? Job. 38.7.

Assim começaraõ a arruinarse aquellas fabricas, em que trabalhava sem fruto sua esperança, e muito mais agora, que de todo as avia postas por terra, porque falecida sua mãy, se começou a mover pratica de lhe admittirem esposo. Instava o pay, parentes, e Confessores, a que houve de obedecer executada, como herdeira unica da Casa, que seu irmaõ Balthasar de Sá lhe deixara, recolhendo-se aos Claustros da Companhia. Desposou-se finalmente com Dom Fernando da Sylveira, irmaõ do Conde de Sarzedas, Rodrigo Lobo da Sylveira; mas nada com o estado diminuio no concerto de vida, que até alli tivera, na oraçaõ, nos jejuns, nas penitencias, a que

que só accresceo a custosa cautela, com que se andava furtando aos olhos de toda sua casa. Começou a ter nella hum novo martyrio, privado do juizo seu marido, por huns feitiços, que lhe fizeraõ, e lhe duraraõ com a vida muitos annos, que ella padeceo de descommodos, abraçados com huma insuperavel paciencia, que passou ainda a suspender o castigo ao aggressor daquella culpa.

Ficando viuva, e pertendida para novas vodas, dispoz com todo o segredo, retirarse ao Mosteiro do Sacramento, vestindo a mortalha Dominicana, tantos annos suspirada. Mas dispunha o Ceo, que merecesse com dobrada grangearia, assim na vida, que tinha, como em se lhe embaraçar a que suspirava. Prendialhe agora os passos a pouca idade de hum filho, unico herdeiro, Dom Luiz da Sylveira, que desposado com Dona Luiza Bernarda de Menezes (filha de Dom Francisco de Sousa, Marquez das Minas, de iguaes annos) pedia a madureza de Dona Joanna para o governo da sua Casa. Entrou o conselho do Prior de S. Domingos de Lisboa, mestre de sua consciencia, e conhecendo como lhe era impossivel a Clausura, tomou o habito de Religiosa da Terceira Ordem, que chamaõ de Penitencia, satisfazendo ao desejo de vestir aquelle habito, e á obrigaçaõ de naõ deixar a Casa de seu filho sem governo. Assim fez de sua mesma Casa huma estreita clausura, de que sem licença do Prior de S. Domingos naõ sahia, por mayor que fosse a importancia.

Observante da sua Regra á risca, parecia sua familia huma Communidade concertada. Sua continua assistencia era no Oratorio, a que todas as noites chamava todos a entoar o Terço, por singular devoçaõ, que tinha com o Rosario. Desvelava-se com o remedio, e assistencia dos pobres, e doentes; com aquelles repartia até do seu prato; com estes era tanta a sua lastima, que ordenando o Medico, que huma criada, (que cahio de doença contagiosa) se curasse fóra de casa, taõ longe esteve de o permittir, que se lhe naõ apartava da cabeceira. Era rara sua humildade, de que se seguia o escusar-se ao commercio de Senhoras, ainda parentas, que nunca a puderaõ reduzir a ir ao Paço, donde a opiniaõ de sua virtude a fazia muy desejada, e pertendida. Frequentava os Sacramentos com grande consolaçaõ de seu espirito; privava-a do sentido aquelle gosto, via-se lhe em lhe faltar a attençaõ para tudo, e em lhe ficar o rosto inflammado. Succederaõ-lhe alguns casos, que naõ careceraõ de mysterio, á consideraçaõ de pessoa timorata, que tinha della mais noticia, e nos participou esta.

Achava-se huma pessoa de casa em huma affliçaõ grande, que a martyrizava interiormente, e de que a ninguem tinha dado parte. Chegou-se a ella Sor Joanna, e com a natural brandura de que era dotada, lhe começou a apontar razoens de consolaçaõ, e alivio, encaminhadas ao pezar, que a molestava, como se delle tivera toda a noticia. Chegou-se outra vez a esta mesma pessoa, que se queixava de rigorosas dores de

cabeça, e pondo-lhe a maõ nella, lhe disse: *Calloivos, que naõ tendes nada.* Foy assim, porque cessou a dor no mesmo instante. Mayor caso, e igualmente digno de credito, porque tambem o testemunhou o mesmo a quem succedeo. Achava-se acaso hum homem, que venerava muito a Sor Joanna em hum lugar só, e retirado, quando se vio, acometido de huma multidaõ de atrevidos siganos, a quem (pedindo-lhe a capa, e a bolça) houve de responder com a espada, pondo-se em desesperada defensa, e indo-felhe retirando, e fazendo-lhe cara, tropeçou, e cahio rodeado de todos, que lhe punhaõ as espadas nos peitos. Lembrou-lhe o perigo a recorrer á Serva de Deos, com quem tinha grande fé, e ao mesmo instante se vio livre dos inimigos, posto em pé sem saber o como, e menos por onde se tinhaõ retirado. Assim o contava muitas vezes com veneraçaõ, e assombro.

Naõ lograva Sor Joanna sem sustos o suave emprego de seus exercios; parece, que a desassocegava o demonio com bataria continuada; de muitas cousas se conjecturou, e de a verem muitas vezes como assustada, lançando agua benta no aposento em que assistia; nem se recolhia, sem a ter perto da cama, como arma, de que nos assaltos improvisos se valia. Sem duvida procederia delles o sentirse huma noite (poucos dias antes de sua morte) hum abalo na casa, a que chamava sua cella, que parecia, que se arruinava. Estava a esta hora orando nella.

Contava oitenta e cinco annos, que nem acompanhados de muitos achaques, lhe embaraçavaõ a continuaçaõ da sua observancia, quando havendo de ausentar-se hum Capellaõ seu, que tinha noticia de sua consciencia, lhe pedio, que suspendesse a jornada, em quanto ella naõ morresse. Admirou-se o Padre, que a via com a disposiçaõ costumada, sem queixa nova, que a podesse obrigar áquella cautela; vio-se despois o que teve de mysteriosa. Tinha feito huma protestaçaõ da Fé, e escrita em hum papel, a meteo na maõ de seu Patriarca S. Domingos, que tinha no seu Oratorio ao pé de hum Christo crucificado; e advertio a huma pessoa de sua confiança, que se Deos fosse servido, que morresse sem fallar, lhe metessem aquelle Senhor na maõ. Estranhavaõ-lhe a segurança com que fallava nestes contingencias, mas naõ tardou muito o desengano do conhecimento com que fallava nellas. Deulhe repentinamente huma mortal ancia, que logo a deixou muda, mas com inteiro juizo, e advertencia, pondo-se de joelhos, e batendo nos peitos, valendo-se das acçoens, pedio os Sacramentos, acodindo o Capellaõ a absolvella sem lhe dar lugar a mais a vida, de que passou á que soube merecer nella. Ficou flexivel em todos os membros, fóra dos horrores da morte, buscada, e vista de grande parte, e nobreza da Corte, pela grande opiniaõ de sua virtude.

Passou a Communidade dos Religiosos do Convento de S. Domingos de Lisboa, (que fica visinho ás casas em que faleceo esta Madre) a buscar o corpo, a que, acompanhado de

muita nobreza, ſe fez o Officio da ſepultura, e o recolheraõ em huma, que no Capitulo deſta Caſa ſe deu a Miguel Leitaõ de Andrada, e pertencia á Madre Sor Joanna, como deſta familia. Fica entrando no Capitulo á maõ eſquerda; cobre-a hum grande jaſpe vermelho, occupado com inſcripçoens, que lhe tiraraõ ſem duvida a que ſe devia a eſta Madre, pelas duas grandes calidades de virtude, e ſangue; mas com a proporçaõ de ter deſconhecido jazigo entre os de grandes Religioſos, que deſpidos de letras nas ſuas campas, naõ deixaõ de ſer authorizadas urnas de veneradas cinzas.

Fim do ſegundo Livro.

QUARTA PARTE
DA HISTORIA DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO TERCEIRO.

Da fundaçaõ do Mosteiro do Sacramento da obſervancia da Ordem de S. Domingos, na Cidade de Lisboa.

CAPITULO I.

Dos Fundadores deſta Caſa, e embaraços, que ſe oppuzeraõ á fundaçaõ della.

GRANDE induſtria dos mais ſabios Architectos da refórma, e reſtauraçaõ da obſervancia arruinada, offorecer aos olhos hum exemplar, que maduramente eſteja convencendo erros, e abuſos, para que vagaroſamente (como ſe lhe fora minando os alicerces, e enfraquecendo as reſiſtencias) ſe arruinem ás batarias da razaõ, e da verdade. Eſta foy a Santa, e bem conſiderada eſtartagema, com que o Veneravel Raymundo de Capua, Meſtre Gerel da Ordem Dominicana, quiz reduzir a toda ella, das devacidoens, e liberdades, que ſe tinhaõ introduzido pelo ſciſma, que contra Urbano VI. prevaleceo, em favor do intruſo Clemente VII. pelos annos de mil, e trezentos e ſeſſenta e oito. Decretou o Geral, que em cada Provincia houveſſe ſe quer hum Convento, que obſervaſſe a Regra com todo o rigor, como eſtá eſcrita, e a guardaraõ noſſos primeiros Padres, ſem admittir diſpenſaçoens, que foraõ as brechas, por onde ſe introduzio a ruina na obſervancia.

O noſſo Caſtilho Hiſtoria de S. Domingos 2. p. l. 2. c. 62. e 93.

Imitou bem eſta induſtria o Veneravel Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal. Achava-ſe conſultado do Conde de Vimioſo, ſeu irmaõ, e da Condeſſa, ambos com eſpirito de darem á Ordem hum Moſteiro reformado; applicou ſuas forças para

que sahisse aquelle exemplo mudo, a condemnar a frouxidaõ, com que já caminhavaõ, naõ só os da Provincia, mas de quasi todo o Reyno; talvez pelo abuso de começar a ser genero de vida, o buscalla em huma Clausura, quem a naõ podia ter no seculo com mais fausto.

Era grande o coraçaõ do Mestre Frey Joaõ, criava brios nas difficuldades, voltava a Deos, e ao seu Patriarca S. Domingos os olhos, e os cuidados, e sahia com a esperança de dar huma nova gloria a esta Provincia, que a elle lhe está devedora das muitas, que nesta Casa contou, e vay contando, ajudando-o o Ceo, e metendo-lhe nas maons a administraçaõ deste thesouro, que a Providencia Divina nos guardava, e agora lhe descobria por bem novo caminho. Era o Conde de Vimioso Dom Luiz de Portugal, filho do Conde Dom Affonso, que na lamentavel batalha de Africa, seguindo a ElRey Dom Sebastiaõ, perdeo a vida, desgraça, em que o acompanharaõ seus dous irmaons Dom Francisco, e Dom Manoel de Portugal. Achava-se casado com Dona Joanna de Mendonça, filha do Conde de Basto Dom Fernando de Castro, e de Dona Filippa de Mendonça, sua mulher.

Naõ viviaõ os Condes só em paz, e concordia conjugal, mas com hum notavel exemplo de piedade Christãa, que se via bem em seus filhos, e familia; faiscas sem duvida nunca apagadas do amor de Deos, que nos primeiros annos lhes abrazara assim os coraçoens, que mal escutados os afagos do Mundo, o Conde buscara (fugindo á Casa dos pays) o penitente bruel dos filhos de S. Francisco da Provincia da Arrabida, e a Condessa perseguira, e importunara sua mãy, para que lhe trocasse o dote na sepultura de huma recoleta. Naõ tiveraõ effeito estas grandes resoluçoens, porque quiz o Ceo guardallo para idade, em que ficassem menos escrupulosas, por mais meditadas, e mais ennobrecidas, por mais difficultosas.

Casaraõ finalmente os Condes, e viviaõ com o conhecimento de que tinhaõ perdido melhor estado; mas praticando entre si o naõ perder as esperanças delle. Inspiraçoens pareciaõ, que costumaõ acompanhar taõ piedosos desejos, que nunca estes vem a ficar menos bem pagos. Repetiaõ-selhe na oraçaõ, que ambos frequentavaõ; e representando-selhe hum dia ao Conde (estava entaõ em Madrid) com mais viveza a perfeiçaõ da vida religiosa, e sahindo os embaraços a suspenderlhe os desejos, sentio ao fim desta batalha hum interior abalo, que lhe confortavá o espirito, como se ouvira, e claramente se lhe dissera: *Que naõ havia difficuldades para quem se resolvia.* Rezava entaõ (como grande devoto seu) o Rosario da Senhora; pareceo-lhe, que lhe devia aquelle bom pensamento, e o animo já mais afouto para executallo. Assim lhe encomendava o bom effeito, pedindo-lhe, como a melhor Estrella, luz, e norte, para acertar o cεminho; e consultando-o com pessoas doutas, e destras em materias de espirito, que naõ duvidavaõ assentar, que era ins-

inſpiraçaõ ſoberana, a que o chamava para melhor vida.

Naõ ſuccederia menos neſte tempo á Condeſſa. Eſcreveolhe o Conde com reſoluçaõ, achou-a com os meſmos deſejos, e por ventura da meſma ſorte favorecidos. Havia ſó a ſuſpenſaõ na eſcolha da Caſa; reſolvia a Condeſſa, que a naõ aceitaria menos que recoleta. Como ſe nella viveraõ, hiaõ paſſando, e eſperando, que o Ceo pozeſſe de melhor ſemblante as difficuldades, que lhes dilatavaõ, mas naõ torciaõ a determinaçaõ; mas elle, que lhes queria arrezoar o premio, dobroulhe o conflicto, porque publico o ſegredo, começaraõ as reſiſtencias a provarlhe as conſtancias. Divulgava-ſe, que o retiro ſeria para Conventos de mais eſtreita obſervancia; que ſe lavraria hum, para recolhimento da Condeſſa. Parecia tudo, antes idéas, que reſoluçoens aſſentadas, e ſoltavaõ-ſe facilmente contra ellas razoens, que pareciaõ convincentes na pratica da Corte, e eſpecial, e mais livremente nas caſas dos parentes, que naõ ſó eſtranhavaõ o intento como aereo, mas feitos em hum corpo, lhes negavaõ a communicaçaõ, ſendo os primeiros Dom Fernando de Caſtro (pay da meſma Condeſſa) o Arcebiſpo de Liſboa Dom Miguel de Caſtro, ſeu irmaõ, e de Dom Diogo de Caſtro, ſeu filho.

Diſcorriaõ: *Que a Condeſſa era já mayor, que naõ teria forças, que reſiſtiſſem, ou ſoportaſſem os rigores da vida auſtéra, eſtranhando a falta do trato, que tivera ſua. Que os Condes ſe achavaõ com trez filhos, e duas filhas.* Eraõ elles Dom Affonſo, ſucceſſor na Caſa, Dom Miguel, e Dom Fernando de Portugal; ellas Dona Filippa, e Dona Luiza (de que deſpois haverá mayor noticia nas particulares deſta Caſa) *Que parecia genero de impiedade, deixallos no Mundo, em idade, que inda neceſſitavaõ de amparo, e enſino. Que eraõ inconſideraveis os diſpendios com huma Caſa, que ſe levanta dos primeiros alicerces, e que mal ſe podia eſtender a favorecella, quanto mais a dotalla, huma, em que eſtavaõ attenuadas as rendas, e taõ groſſas ás dividas: Que reſoluçaõ em materia taõ ardua, tinha de difficultoſa o que lhe faltava de meditada, e poſta em execuçaõ, por peſſoas de tanta qualidade, eſtava ſendo o alvo, a que ſe applicavaõ os olhos, e os reparos de todo o Mundo, com a conſideraçaõ, de que o acerto paſſaria com o nome de fortuna; e o deſmancho, com o de imprudencia.*

Aſſim diſcorriaõ as oppoſiçoens humanas, taõ eſquecidas de Catholicas, que naõ advertiaõ, que reſoluçoens de melhoras de eſpirito ſó ſe podem ver á luz daquella ſagrada labareda, que para reduzir reſiſtencias, e difficuldades a cinza, aſſim ſabe atearſe nos troncos ſecos, como nas verdes plantas da vida, e da humanidade. Ardia agora naquellas varas menos verdes, illuſtrandolhes os entendimentos, para reſponderem ás objecçoens, que lhes punha o Mundo naquelle natural idioma, em que ſó diſcorre ſobre os commodos da vida.

Aſſim parece reſpondiaõ os Condes: *Que para ſeguir a Deos em Clauſura, e eſtreiteza della, naõ eraõ inhabeis os que chegavaõ*

na undecima hora, porque o Pay de familias, que satisfazia a estes, como aos que vieraõ ao romper do dia, lhes confirmava as capacidades na paga. Que deixar os filhos nos braços do Mundo, pela pressa de fugir os enganos delle, taõ fóra estava de parecer desatino, que o melhor Salomaõ o dera por conselho, a quem quizesse grangear muito. (Se deixares, naõ só os pays, mas a esposa, os filhos, e as herhades, por hum vos heide dar cento, dizia Christo) Que se o desamparo dos filhos era neste caso dos pays da terra, naõ era menos, que de Deos a tutoria. E naõ se viraõ com menos admiraçaõ os effeitos desta nestes filhos deixados; porque Dom Affonso, herdeiro da Casa, sahio Varaõ clarissimo, luzindo sobre os Reaes timbres do sangue com o esmalte de virtudes naturaes, e adquiridas; casou rico com a filha de Dom Christovaõ de Moura, Marquez de Castel-Rodrigo, privado grande de Filippe Prudente, e Vice-Rey neste Reyno, teve muitos filhos, desempenhou a Casa, e satisfez ao empenho, em que os Condes seus pays estavaõ á do Sacramento, para poderem professar sem embaraço. Dom Fernando foy grande Soldado, com procedimentos muito filhos de sua qualidade, e espiritos taõ ardentes, e Catholicos, que adiantando-se a pertender os premios da immortalidade, perdeo a vida, pelejando pela Fé, e ganhou a da fama (entre naturaes, e estranhos) como a que Deos costuma dar aos seus Solfados. Dom Miguel avultou na modestia, nas letras, na capacidade, e occupando lugares, de que era benemerito o seu talento, se sentou na Cadeira Episcopal de Lamego, e passou a Roma Embaixaidor delRey Dom Joaõ o IV. que alargava a maõ a premios, que merecia mayores, a naõ estenderse a da morte a tirarlhe a vida, que naõ mereceo taõ curta. As filhas sobiraõ ambas a thalamo de melhor Esposo, porque se naõ queixassem suas prendas, e qualidade, que era pouco o que fosse menos, que aquelle. Professou huma no Mosteiro do Sacramento, onde a Condessa sua mãy foy filha, e Fundadora; outra em Santa Catharina de Sena em Evora: ambas exemplares, ambas nestas escritos assumpto da nossa penna, e de mayor memoria. Assim desempenhou Deos o officio de tutor com os filhos dos Condes. Mas atemos o fio ás repostas, que ainda vaõ dando ás objeçoens do Mundo.

Qui reliquerit patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros cẽtuplum accipiet. Matthæi. 19. 29.

Que naõ era inconsideraçaõ dar principio a huma Casa recoleta, sem seguranças nos subsidios da terra, quando estas, como todas do Ceo, correm por conta da Divina Providencia, sahindo de suas maons o que se escacea nas humanas, e passando por ellas (sem as importunarem supplicas) naõ só o sustento das pequenas aves, que suspiraõ no ninho, que a gala dos graciosos lirios, que respiraõ no campo. Que resoluçaõ, que Deos sem duvida inspirara, para melhorar de vida, elle mesmo a havia de adiantar por sua gloria, e honra; porque naõ era abbreviada a sua maõ, nem nas posses, nem nas piedades. Finalmente, que elles se punhaõ nella, como lugar, a que naõ podiaõ chegar as calumnias dos homens mais que para melhora de seus interesses, e merito-

ritoria prova de ſuas vontades.

Fomentava eſtas o Veneravel Padre Meſtre Frey João de Portugal, como quem andava deſtro em conhecer que aquelles eſtorvos eraõ o criſol dos eſpiritos, e enfurecidos ventos, que inclinando os ramos da planta, daõ a conhecer a firmeza, com que entranhou as raizes na terra; ſó reſtava a difficuldade de haver quem ſe obrigaſſe ás dividas do Conde, impedimento, que lhes retardaria as proſſiſſoens, (tomada a nova vida) mas ſoltouſe o embaraço, fazendo Dom Affonſo, Conde herdeiro, a obrigaçaõ, e deixando os pays livres, aſſim para votarem vida religioſa, como para dotarem a nova Caſa; acto, que ſe celebrou na fórma da ſeguinte Eſcritura:

Em nome de Deos Amen. Saibaõ quantos eſte inſtrumento, doaçaõ, e doaçoens entre vivos validouro, virem, que no anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de mil e ſeis centos e cinco, em vinte dias do mez de Outubro, na Cidade de Evora, nas caſas e apoſento do Senhor Dom Luiz de Portugal, Conde de Vimioſo, hora morador neſta Cidade, eſtando o dito Senhor preſente, e bem aſſim a Senhora Dona Joanna de Mendonça, Condeſſa do Vimioſo, ſua mulher; e bem aſſim eſtando mais preſente o Padre Meſtre Frey Joaõ de Portugal, da Ordem, e habito de S. Domingos, hora aqui eſtante, que a iſto diſſe intervir em ſeu nome, e por ſua parte, e por virtude de huma Patente, que logo appreſentou a mim Tabaliaõ, perante as teſtemunhas ao diante nomeadas, do Padre Frey Jeronymo Xavier, Meſtre Geral da dita Ordem de S. Domingos, e por elle aſſinada, e ſellada com o ſello da dita Ordem, que no fim deſte inſtrumento irá tresladada, e incorporada; e logo pela dita Senhora Condeſſa Dona Joanna foy dito, que ella tinha tratado, e communicado muitas vezes com o dito Senhor Conde ſeu marido, de fazerem em Lisboa hum Moſteiro de Freiras, da Ordem, e habito de S. Domingos, para o qual já tem havido auctoridade do dito Padre Geral, e eſtaõ já aſſinalados quatro mil cruzados, que ſe haõ de empregar em cem mil reis de juro, em comprimento dos legados da Senhora Dona Luiza, Condeſſa do Vimioſo, que Deos tem em gloria, como mais largamente ſe con-

têm em huma Escritura, e Instrumento publico, feito pelo dito Senhor Conde, e outorgado por ella dita Senhora Condessa. E por quanto ella Senhora deseja, que o dito Mosteiro tenha commoda renda, para melhor se poderem sustentar, e perpetuar no dito Mosteiro, por serviço de Nosso Senhor, que só he o que a isso a move, de sua livre vontade, e motu proprio, era contente de dar, e doar ao dito Mosteiro, como logo com effeito por este Instrumento deu, e doou quatro mil cruzados, os quaes nomea, e declara, que saõ do seu dote, daquella parte, e porçaõ do dito dote, que ella Senhora póde testar, por entender, que esta he huma das obras pias, que ella póde fazer, e deixar de mayor serviço de Deos nosso Senhor. Pelo que desde agora para sempre quer apartar, e aparta para bem de sua alma a contia dos ditos quatro mil cruzados, por este Instrumento, e contrato entre vivos, e no modo mais firme, que em direito possa ser, e valer, digo, se fundará na Cidade de Lisboa em todo o rigor das Constituiçoens da dita Ordem de S. Domingos, e que seraõ as grades do Locutorio fechadas, de modo, que se naõ possaõ nunca nelle ver as pessoas, com quem fallarem, nem serem vistas, e assim mais seraõ obrigadas as ditas Religiosas a mandar dizer em cada hum anno para sempre doze Missas rezadas, e huma cantada de todos os Santos, todas em vida dos ditos Senhores Condes, e Condessas, ditas por sua tençaõ, e despois de sua morte se diráõ as ditas Missas por suas almas, e de seu pay, e mãy, e descendentes, e a Missa solemne será de Defuntos, com o Officio de nove liçoens. E os ditos quatro mil cruzados, que por esta doaçaõ aparta da mayor contia do seu dote, quer, e ordena a dita Senhora Condessa, que se empreguem em juro perpetuo, de dezaseis o milheiro, que vem a fazer contia de cem mil reis de juro perpetuo, os quaes quer, que sejaõ compra do dito Mosteiro, e que andem sempre nelle unidos em Capella, com obrigaçaõ das Missas acima ditas. E porque esta doaçaõ, que ella dita Senhora Condessa faz, he para bem, e utilidade de sua alma, a qual utilidade deve preferir a todas as mais, pedia ao dito Senhor Conde, que presente estava,

que

que estes quatro mil cruzados acima declarados, e os cem mil reis de juro, que com elles se haviaõ de comprar, se dessem, e pagassem logo ao dito Mosteiro, porque com isso os há ella Senhora por recebidos, e a elle Senhor Conde por desobrigado de lhos tornar a dar; e pagar para comprimento de seu dote: e desde agora para o tempo, em que as Religiosas do dito Mosteiro houverem os ditos quatro mil cruzados, e cem mil reis de juro, que com elles se houverem de comprar, dá quitaçaõ plenaria ao dito Senhor Conde da dita contia do dote, constando, que as Religiosas do dito Mosteiro estaõ satisfeitas delle, o que tudo assim comprir, obriga todos seus bens, e rendas, e em especial hypothecava os ditos quatro mil cruzados, de que em todo o tempo podia testar. E logo pelo dito Senhor Conde foy dito, que era verdade, que muitas vezes tinha tratado com a dita Senhora Condessa todo o sobredito, e que pois elle de seu proprio motu, e livre vontade fazia esta doaçaõ, e obrigaçaõ, que elle declarava, que de tudo era contente, e a tudo dava seu pleno consentimento, e outorgava, e promettia de em tudo comprir, e guardar esta doaçaõ, como pela dita Senhora Condessa estava dito, e declarado, por entender, que esta era huma das cousas de mais serviço de Deos Nosso Senhor, que elles podiaõ fazer, e ordenar; e que para este contrato, e doaçaõ ser mais firme, elle Senhor Conde para tudo haveria Provisaõ de Sua Magestade; e por quanto tinha hypothecado, para pagamento do dote da dita Senhora Condessa, o seu prazo de Palhacana, que está situado no termo de Alenquer, e Torres Vedras, elle dito Senhor Conde agora de novo torna a hypothecar, e obrigar por este Instrumento toda a renda do dito prazo de Palhacana, para pagamento dos ditos quatro mil cruzados acima declarados, por serem, como saõ, bens dotaes, e por ser a parte, e porçaõ delles, que precede todo o mais pagamento do dito dote, e bens dotaes, pois he para proveito, e utilidade da alma. E disse mais o dito Senhor Conde, que elle desde agora para sempre, se obrigava logo dar, e pagar os ditos quatro mil cruzados, e comprar com elles os ditos cem mil reis de juro, situados

na Cidade de Lisboa, por padroens assinados por Sua Magestade; e que em quanto naõ dava os ditos padroens, pagaria a contia dos ditos cem mil reis, que nelles se monta dos bens, e rendas de sua Casa, dentro na Cidade de Lisboa, o qual pagamento começaria a fazer do dia, em que as Religiosas do dito Mosteiro entrarem nelle, o que para tudo assim elle dito Senhor inteiramente comprir, e guardar, disse, que obrigava todos seus bens, e rendas, em especial o dito prazo de Palhacana; como está dito, e declarado. E logo pelo dito Senhor Conde foy dito, que posto que por esta doaçaõ, e por outro publico Instrumento, que elle dito Senhor Conde fez, para comprimento dos legados da Senhora Condessa sua mãy, as ditas Religiosas hajaõ de haver em Machico cada anno duzentos mil reis de juro, contheudos no dito Instrumento, e neste presente; e que posto que para o principio da fundaçaõ do dito Mosteiro seja bastante esta renda, que toda via lhe parece, que crescendo o numero das Religiosas, como confia em Nosso Senhor, naõ se poderáõ bem sustentar com menos de quatro centos mil reis de renda, e tratando elle Senhor Conde com a dita Senhora Condessa muitas vezes, o que nisto podiaõ fazer, para que esta fundaçaõ do dito Mosteiro, que hora pertendem fazer, vá sempre em augmento, ambos de maõcommum consentimento, haõ por bem, e saõ contentes de fazer de novo doaçaõ, além das duas, que já estaõ feitas, e acima referidas, de fazenda, e juros, que bem valhaõ duzentos mil reis de renda in perpetuum cada hum anno. A qual doaçaõ em effeito agora por este Instrumento fazem elles Senhores ambos, e cada hum de commum consentimento. Declarando, que por quanto ao presente tem muitas dividas, com as quaes naõ podem com boa consciencia fazer obrigaçoens, e doaçoens, que elles Senhores hajaõ de pagar logo: E por quanto confórme a traça, que tem dado para pagamento de suas dividas, confórme a renda, que hoje tem, e possuem, lhes parecia, e entendem, que dentro de termo de oito annos, poderáõ facilmente pagar todas suas dividas: por este publico Instrumento dizem, e declaraõ, que elles naõ seraõ obrigados a dar, e pagar os ditos duzentos mil reis

reis

reis de juro, contheudos nesta ultima doação, senaõ despois de oito annos compridos:...

Este o essencial da Escritura, estendendo-se mais em seguranças, e clausulas tabalioas. Foy feita em Evora, por Luiz de Pegas, publico Tabaliaõ. Correraõ logo facilmente as licenças, assim da Ordem, como del-Rey; só o que naõ teve effeito, foraõ os segundos duzentos mil reis, que diz a Escritura, porque ElRey Filippe III. de Castella, que governava entaõ esta Coroa, respeitando os serviços do Conde Dom Luiz, deu a este Mosteiro, em que estava, e professara sua filha Dona Filippa, duzentos mil reis de pensaõ na Mitra de Braga, notificada ao seu Arcebispo Dom Frey Aleixo, em Março de 615. e confirmada por Paulo V.

CAPITULO II.

Impetra-se licença do Geral: escolhe-se sitio: da-se principio ao novo Mosteiro.

VIa-se já o Mestre Fr. Joaõ desassombrado dos impossiveis, que tanto ameaçaraõ os progressos da empreza; queria dispor os meiyos para a felicidade da conservaçaõ della. Media com largas experiencias os caminhos, por onde pouco a pouco se arruinava a observancia; tinha entendido, que o humor, e variedade das cabeças afrouxava, ou reprimia a que devia haver nas leys; almas, com que viviaõ as Monarchias, assim seculares, como Ecclesiasticas; e resolveo, que o Mosteiro, que tinha entre maons, passasse immediatamente ás do Geral da Ordem, sem subordinaçaõ alguma aos Prelados da Provincia; ou porque aquelle (sem o risco de variar a ley com o governo) he entre nós perpetuo, ou porque nestes he talvez conveniente deputar Vigarios, antes da devoçaõ propria, que da utilidade da Casa; accrescentando, que as Religiosas desta fossem as que, examinados os talentos da Provincia, propuzessem ao Reverendissimo os que escolhiaõ para o cargo, attendendo a que nelle deviaõ preceder os mais reformados, e os mais doutos, assim para auctoridade da Casa, como para zelo da observancia.

Era Mestre Geral da Ordem Frey Jeronymo Xavier, natural de Çaragoça (que despois foy Cardeal) achava-se a este tempo no Convento de S. Paulo de Valhadolid; representou-lhe o Padre Mestre Frey Joaõ, em nome dos Condes, com carta sua, os intentos de dar hum novo Mosteiro á Provincia (Casa de total reforma, e só a elle subordinada) o dote, que offereciaõ; a resoluçaõ, que tomavaõ, de recolher-se (feito voluntario, e santo divorcio) nos mesmos Claustros Dominicanos; noticias todas de estima para Deos, para a Ordem, e para o Mundo. Passou logo o Reverendissimo Patente ao Mestre Frey Joaõ, com a comitiva do que lhe propunha, inteirado de sua auctoridade, zelo, e prudencia. Assim

sim veyo a ser o primeiro Vigario, que teve a Casa. Traduzida do Latim em Portuguez, diz assim a Patente:

Ao Reverendo Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, da nossa Provincia de Portugal, da Ordem dos Prégadores, Frey Jeronymo Xavier de Çaragoça, humilde Mestre Geral de toda a mesma Ordem, e Servo em Christo, saude. Como nenhuma cousa possa ser para nós mais agradavel, que experimentar diante de Deos, e dos homens, que a nossa Religiaõ, que foy instituida, e fundada para a salvaçaõ das almas, florece, e faz frutos suavissimos de virtude, estende, e dilata seus ramos no caminho do Ceo, pelos Ministros, e fieis dispensadores da mesma Religiaõ; de boa vontade, quando se offerecer occasiaõ de dilatar nossa Religiaõ, favoreceremos tudo, quanto pudermos. Por esta razaõ entendendo nós, que os muito illustres Condes de Vimioso desejaõ muito fundar Mosteiro da nossa Ordem, dentro nos limites da dita nossa Provincia, dando-lhe bens proprios, que bastem para sua sustentaçaõ; por tanto por auctoridade desta Patente, e de nosso officio, damos licença a vós Reverendo Padre Frey Joaõ de Portugal, para levantar, edificar, e instituir o dito Mosteiro de Freiras, como agradar ao zelo, e providencia dos ditos Senhores Condes, querendo toda via, que nenhuma cousa se estabeleça nesta fundaçaõ deste Mosteiro contra as Sagradas Constituiçoens da nossa Ordem, nem fóra della, nem que se introduza novidade alguma no habito, ou ceremonias. Mas declaramos sómente, que o dito Mosteiro se funde, levante, e institua com a observancia, e pura guarda de nossas Sagradas Constituiçoens, guardando-se inteiramente; advertindovos, que procureis, que seja fundado o dito Mosteiro com bastante renda, para se sustentar sem pobreza, e falta das cousas necessarias, naõ encontrando a isto cousa alguma; para fé do que me assiney aqui ao pé desta, sellada com nosso sello. Dada no nosso Convento de S. Paulo de Valhadolid, aos oito dias do mez de Julho, de mil e seis centos e cinco.

Fr. Jeronymo Xavier.

Sup-

Supposta esta licença, applicou o Mestre Frey Joaõ as maons, e os desvelos á obra: mas representavaõ-selhe (e bem) os vagares, com que caminha a que para huma grande duraçaõ se levanta dos primeiros fundamentos, ainda com promptidaõ de cabedaes. Via, que desejos de buscar a Deos, naõ sabem esperar, porque se apagaõ tudo o que se naõ adiantaõ; que os da Condessa, sendo (como eraõ) verdadeiros, naõ saberiaõ ser sofridos; que huma resoluçaõ contra o voto de todos, tudo o que tivesse de suspensaõ, se ajuizaria arrependimento. Estas razoens lhe aconselharaõ a promptidaõ, como alicerse, sobre que crescem bem afortunados todos os edificios, fabricados para agasalhar desejos: naõ reparou assim, que fossem os principios antes imperfeitos, que retardados, sendo a humildade delles mais propria de gente, que vinha a professalla, e que antes vinha a edificar com exemplos, que com artificios.

Arrendou humas casas, que abaixo do Convento de S. Vicente de fóra, ficaõ junto ao Postigo do Arcebispo, propriedade do Morgado dos Campos, Alvaro de Andrade, de que estava entaõ de posse Ruy Vaz de Sequeira. Eraõ as casas a proposito para o que se pertendia, por despejos, e largueza: com que a pouca despeza se accommodaraõ de Ermida; repartiraõ-se as casas mayores em estreitas cellas; a este estylo as officinas. O enxoval para as primeiras povoadoras naõ deu muito em que entender, mais que no cuidado de se cercear ainda o preciso, como aquelle, que havia de ficar por molde ás professoras da pobreza, e estreiteza religiosa. Huma barra de taboas, enxergaõ, e chumaço, mantas de lãa, e grosseiro cobertor, huma cruz de pao á cabeceira, cortiça, ou esteiraõ para assento; hum banquinho tosco de obra, e materia, para accommodar dous livrinhos devotos. Estas as alfayas de huma casa, antes sepultura, que vivenda. Este o ornato, que hoje com o mesmo rigor se continúa.

Preparada assim a hospedagem (para quem naõ queria achar nella cousa, que divertisse, ou naõ apressasse a jornada, que se fazia para melhor vivenda) reparou o Mestre Fr. Joaõ os inconvenientes, que tinha o conformarem-se as novas Religiosas com o Canto da Ordem, porque nem seria facil entre poucas o juntarem-se vozes capazes, e scientes, e convinha menos o facilitar o trato com Mestres. Impetrou dispensaçaõ do Geral, para que podessem usar o Canto da Capucha, facil, e devoto (como sem regras, ou artificio) usado commummente nas Recoletas do Reyno. Foy passada a Patente em 3. de Mayo de 1626.

CAPITULO III.

Referem-se alguns vaticinios de pessoas de reputaçaõ em virtude, sobre a fundaçaõ desta Casa: da-se a razaõ de intitular-se do Santissimo Sacramento.

SAõ os vaticinos, e os presagios aquelles prologos, ou preludios, com que começaõ a dar-se a conhecer os effeitos,

tos, que o Ceo destinou para privilegiados; ou as primeiras luzes, com que costumaõ madrugar as futuras, e grandes singularidades; e aquelles talvez foraõ os primeiros tropeços da Gentilidade cega, e mal aconselhada ás vozes dos Oraculos, em que o pay da mentira lhes auctorizava os enganos. Assim venerava Divindades a seus Monarchas, e Emperadores, anticipadamente promettidos pela boca dos fados, como venerou a Alexandre, vaticinado no ventre de Olympia, em a figura de huma affouta, e destemida féra. Assim se jactava Virgilio da guerreira, e victoriosa gente Romana, augurada em a cabeça de hum bellicoso bruto, casualmente achada nas entranhas da terra.

Quint. Cursio l. 1.

Mas naõ nos detenhamos na supersticiosa observaçaõ gentilica; passemos á Catholica, donde verdadeiros vaticinios, e mysteriosos presagios começáraõ a fazer lugar no assombro, e estimaçaõ dos homens áquellas cousas, que por grandes ficaõ sempre fóra da disposiçaõ delles; dispondo muitas vezes o Ceo o anticipar-lhe a veneraçaõ na figura, ou dando a entender no desvelo a valia, a que sobem no seu conceito, ou doutrinando os homens, para que o naõ façaõ taõ leve, do que talvez naõ sentem mais que humanamente. Precederaõ assim áquelles mais que homens (ou elegantes, ou mudos) os brados da Providencia, abrindo-lhe caminho entre as estimaçoens da terra. A Samuel, e ao grande Precursor nas vozes de hum Anjo; a Columbano, Santo Abbade, na figura de hum Sol, que illustrava o Mundo; a Villebrordo, Bispo, e Santo, na fórma de huma Lua, que entre sombras resplandecia; a S. Domingos, antes de nascido, na fórma de hum rafeiro (jeroglifico Apostolico) com huma tocha na boca, que accendida abrazava a terra; despois de nascido na brilhante estampa de huma estrella, norte para buscar o Sol, ou escondido ás sombras da culpa, ou perdido aos desatinos da cegueira.

Estes os desvelos do Ceo em dar a conhecer, e a venerar os seus mimosos, e os seus privilegiados ao Mundo; naõ faltando com os mesmos presagios á futura producçaõ, e propagaçaõ de Religiosas Familias, como admirou o Mundo nas duas Imagens de animosos Athlantes (estes foraõ Francisco, e Domingos) applicando os hombros a todo o pezo da Igreja, inclinada a fatal ruina; visaõ permittida pelo Ceo a Innocencio III. Pontifice Maximo, dando-lhe a conhecer, que seriaõ duas illustres Familias o duplicado arrimo, em que o mystico Corpo da Militante Igreja descançasse, e se refizesse das forças enfraquecidas no combate das heresias, dos peccados, e dos tempos. Naõ menos cuidado parece, que custaõ á providencia de Deos as fabricas Sagradas, como berços, e como aulas, em que se criaõ, e adestraõ os espiritos seus mimosos, e triunfadores do Mundo. Com similhantes prerogativas havia este de admirar a nova Casa do Sacramento; e dispoz a Providencia, que começassem os vaticinios a ser recomendaçoens para a veneraçaõ da terra, como

mo teſtemunhos do que a eſtimava o Ceo. Foy hum delles o ſeguinte.

Ficara viuva do Conde de Atouguia Dom Luiz de Ataide (o grande, o temido, o ſempre victorioſo com a eſpada, e baſtão, que duas vezes empunhou no Imperio do Oriente) a Condeſſa ſua mulher Dona Iſabel da Sylva, moça rica, e taõ mimoſa do Ceo, como deſenganada de que valia mais huma mortalha voluntariamente eſcolhida, que toda, e a mayor riqueza; e que huma voluntaria ſepultura era a verdadeira urna do Feniz, em que ſó ſe conſumia a idade para melhor vida. Hum, e outro intereſſe, o da ſepultura, e o da mortalha, pertendeo, e conſeguio, entrando no Moſteiro da Madre de Deos, bem celebre com o nome de obſervante; mas ao tempo que eſta Senhora diſpunha a ſua entrada, ou praticava a reſoluçaõ della, teve aviſo de huma peſſoa de grande eſpirito, que ſe diſpuzeſſe a hum certo lucro de ſua alma, eſperando por huma nova fortuna, porque tinha Deos revelado a certa peſſoa mimoſa ſua, que neſtes Reynos de Portugal ſe havia de levantar cedo hum Moſteiro do Patriarca S. Domingos em fórma de recoleta, e que as trez primeiras peſſoas, que foſſem auctoras da fundaçaõ, teriaõ trez coroas no Ceo. Naõ tardou muito a fundaçaõ deſta Caſa em auctorizar a profecia. A meſma Condeſſa a tinha communicado; teſtemunharaõ as Religioſas do Moſteiro que aſſim lho tinhaõ ouvido; guarda-ſe o teſtemunho dellas (como de peſſoas de tanta reputaçaõ) no depoſito da Caſa, ainda que ſem noticia da peſſoa, que mereceo ao Ceo aquella anticipada; porque Secretarios de ſimilhantes ſegredos fazem tanto pelos merecer, como por ſe naõ deſcobrir.

Achava-ſe em Madrid o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, no Convento de Noſſa Senhora de Atocha; era já a tempo, que tinha commiſſaõ do Reverendiſſimo para a fundaçaõ deſte Moſteiro particular, que communicava com algumas peſſoas de eſpirito; foy huma dellas o Meſtre Frey Melchior Cano, Religioſo da Ordem, de grande reputaçaõ em letras, e virtude (de cuja vida, milagres, e profecias há já Hiſtoria impreſſa) Alegrou-ſe o ſervo de Deos, e com ſingulares demonſtraçoens de alvoroço diſſe ao Meſtre Frey Joaõ que nada lhe podia dizer de mayor conſolaçaõ, porque eſtas fundaçoens novas eraõ como huns jardins de flores de inextimavel fragrancia. Naõ ſahiriaõ da boca de taõ grande eſpirito ſimilhantes palavras (e com taes circunſtancias) ſó como conjectura; parece que as podiaõ ter de profecia.

Caſo de igual ponderaçaõ ſuccedeo ao Padre Meſtre com hum Religioſo da Ordem Serafica, na ſua recoleta de Villa Franca, na meſma Provincia de Caſtella. Via-ſe affligido com alguns embaraços, que promettendo dilaçoens, parece que davaõ lugar á contingencia na importancia da fundaçaõ, naõ perdoando elle a deſvelo para deſtruillas; e communicando o com o Religioſo, elle lhe reſpondeo de ſorte, que o Meſtre Fr. Joaõ houve de entender mais da re-

posta; porque com resoluçaõ lhe affirmou que naõ haveria embaraço, que impedisse a fundaçaõ do Mosteiro; passando a tocar algumas cousas futuras, que despois mostrou o successo o conhecimento, com que foraõ ditas: tudo pezou, e soube pezar o Mestre Frey Joaõ, assim pela destreza de saber avaliar espiritos, como porque o deste Religioso lhe tinha grangeado naquellas partes a reputaçaõ de Santo; chamava-se Fr. Francisco Malion. Assim parece que se agradava Deos daquelle pequeno rebanho, a que tinha promettido o Reyno, dispondo tambem que cá na terra tivesse, como de casa, aquelle milagre, que he o penhor delle, como se vio no brazaõ titular, que teve o Mosteiro, chamando-se Casa *do Santissimo Sacramento*, com circunstancia naõ para esquecida.

Resolvia-se o Conde de Vimioso Dom Luiz a esta fundaçaõ a tempo que Dona Filippa sua irmãa (que se recolhera em Santa Catharina de Sena em Evora) intentava (levada de interior impulso) passar-se á recoleta da Madre de Deos em Lisboa. Advertia-lhe o Conde seu irmaõ, que visto se resolver a abraçar vida austera, e mortificada, tinha de casa o que podia desejar no novo Mosteiro, de que elle era Fundador, e brevemente intentava pôr em execuçaõ: ao que respondeo Dona Filippa, que ella lhe dava palavra de naõ fazer outra escolha, se entrevisse huma circunstancia (para ella de mayor estima) que era o intitularse o Mosteiro do Santissimo Sacramento. Esteve pela condiçaõ o Conde, naõ obstante o estar já divulgado o titulo *de Santa Catharina de Lisboa*, em reconhecimento de lhe dar aquella Santa para Fundadoras as filhas da sua Casa de Evora.

Era Dona Filippa de Portugal (mostrou-o melhor despois no novo Mosteiro, para que veyo logo) devotissima daquelle mayor compendio dos milagres, Paõ dos Anjos, e dos homens; e dispoz o Ceo pagarlhe aquelle affecto, trazendo-a ao rebanho, a que com a singularidade do titulo parece que permittia, como mais proprio, aquelle soberano pasto para alimento de melhor vida, e singular patrocinio daquella Casa; como se desempenhara agora nella o que por boca de seus Profetas promettera ao seu Povo mimoso (naõ já o Israelitico, mas o Catholico, e em todo elle a esta pequena parte da Familia de Domingos) que o que fugisse dos grilhoens do Mundo, viviria na Casa do trigo Sagrado, crescendo como fecunda vinha, e derramando por todos os seculos as fragrancias de sua memoria: *Vivent tritico, & germinabunt quasi vinea, memoria ejus, sicut vinum Libani.* Parece que este foy tambem hum dos vaticinios, que quizeraõ auctorizar esta Casa, descuberto no titulo, que lhe dispoz a Divina providencia.

Oseæ 14. v. 8. Da Eucharistia, e das almas, que buscaõ a Deos, deixando os laços do Mundo. He commum nos Exposit.

CA-

CAPITULO IV.

Vem para primeiras Fundadoras do Mosteiro, e entraõ nelle Religiosas do de Santa Catharina de Sena de Evora; da-se noticia de quem foraõ.

ACHava-se o Mestre Frey Joaõ de Portugal sem mais embaraço para hospedar naquella pobre Clausura os espiritos, que se sacrificaraõ a ella, que a escolha de primeiras Mestras daquella nova vida. Tinha já do Reverendissimo Frey Jeronymo Xavier outra Patente para poder tirar de qualquer Mosteiro desta Provincia aquellas Religiosas, que livre, e espontaneamente se offerecessem para a nova recoleta, e para poder pôr preceitos, e censuras a todas, e qualquer pessoa da Ordem, que lho embaraçasse, ou impedisse, e com comissaõ para eleger primeira Prelada. Com esta auctoridade tirou do religioso, e reformado Mosteiro de Santa Catharina de Sena de Evora trez Religiosas, e huma Noviça, de tanta capacidade, que criadas naquelle berço da observancia se achavaõ com espirito para estreitalla. Eraõ Soror Isabel de Jesus, naõ só huma das mais reformadas, mas tida por mulher de vida inculpavel, e santa; Soror Joanna Bautista, com taõ bom nome de virtude, e zelo, que correndo o tempo, foy Prioreza; e Soror Filippa de Jesus, sua irmãa, de naõ inferiores prendas, filhas ambas de André Bugalho Sodrinho, e de Dona Damianna Pereira de Savedo; era a Noviça Filippa do Santissimo Sacramento, natural de Lisboa, filha de Joaõ Vaz Rebelo, e de Maria de Lemos, tudo gente conhecida, e nobre. Acompanharaõ a estas Leonor Pires Rosada, já viuva, filha de Antonio Rosado, e Cecilia de Soure, lavradores honrados, e ricos em S. Miguel de Machede, no termo de Evora, e huma filha sua, Cecilia de Soure, assim mãy, como filha, para serem Conversas.

De Evora até Lisboa as acompanhou o Mestre Frey Joaõ, e outros Religiosos graves; as duas, que haviaõ de ser Conversas, se recolheraõ logo na Casa nova para preparaçaõ, e aceyo della. As Religiosas ficaraõ no Mosteiro do Salvador, assim por mais visinho ao novo, como por Casa da Ordem, e merecedora de taes hospedas, por reformada, inda que já enfraquecido o primeiro vigor, em que tiveraõ poder os annos, grandes arruinadores de santos edificios. Alli estiveraõ o dia, que chegaraõ da jornada, até á tarde do seguinte, em que se recolheraõ ao novo Mosteirinho, deixando aquella Casa edificada, como saudosa; tal era o seu exemplo, tal o seu trato! He verdadeiro iman a virtude, attrahe com brandura, sem ainda lhe repugnar a dureza. Quanto mais, que naõ achava nesta Casa estranhezas a primeira refórma, como a que já fora centro della; antes eraõ aquelles encontros poderosos fuzis, que feriaõ frias pederneiras a tirar faiscas de santa enveja. Foy o dia em que se recolheraõ, o nono de Julho de 1607., e oitavo da Visitaçaõ.

Ao sahir do Salvador as Re-

ligiosas, deixados os habitos, que traziaõ de Evora, (como mais mimosos, por serem de estamenha) e amortalhadas em hum burel branco, ou grosseira grizé, toalhas de linho estiradas, e sem artificio, lançaraõ compridos, e tapados veos sobre o rosto, com que naõ só serviraõ de novo espectaculo ao Povo (que concorreo a vêllas) mas foraõ poucos os olhos, que lhe naõ pagaraõ em lagrimas aquelle desengano, que lhe hiaõ dando mudas. Com a Communidade de S. Domingos concorreo muita nobreza a acompanhallas, assim em obsequio do Conde, como em veneraçaõ de taes hospedas. Recolhidas ao Mosteiro, foy a primeira acçaõ lançar o Vigario o habito ás duas Conversas. Chamou-se a mãy Soror Leonarda da Assumpçaõ, a filha Soror Cecilia dos Anjos, gente singela, e criada no campo, que despois se fez lugar no das virtudes, e agora o merecerá particular nestes escritos. Assim principiou a nova recoleta com trez Professas, e trez Noviças.

Mas naõ deixe de entrar nas memorias deste dia hum successo, que sem duvida o deixou mais glorioso, e o apadrinha mais lembrado. Como toda a ancia daquella santa familia, era verse sepultada, nenhum cuidado lhe levou o tratarse como viva. Assim se recolheraõ sem provimento para a mais limitada colaçaõ daquella noite; em Casa naõ houve quem o dispuzesse, menos de fóra quem o advertisse, porque o Mestre Frey Joaõ se tinha recolhido ao Convento com a Communidade. Mas já eraõ aquelles espiritos os castos lirios do monte do Sacramento, que cresciaõ, e se alimentavaõ sem cuidado proprio, porque o Ceo era o que se havia de desvelar no seu sustento. Parece que assim o mostrou o successo. Naõ as assaltou aquelle, porque naõ tinha mais que ser anticipado aos que todas vinhaõ buscando; foraõ-se ao Coro a dar graças ao Senhor por aquelle primeiro mimo; e continuaraõ-nas por outro; porque ao mesmo tempo acodindo ao final, com que chamavaõ á Portaria, acharaõ a huma mulher de estado humilde, que visinha ao Mosteiro, e affeiçoada á nova visinhança (tal era seu bom coraçaõ, e singeleza) vinha saber se necessitavaõ de alguma cousa. Soube da falta, e com boa diligencia lhe trouxe algum paõ, acompanhado de cousa taõ ligeira, como buscada áquella hora.

Acervus tritici vallatus liliis Cant. 7. 2. Considerate lilia quomodo crescunt, non laborant. Luc. 12. 27.

Assim hospedou Deos aquella noite as novas esposas em sua Casa, como dando-lhes a entender que já começavaõ a gastar do dote da pobreza. Chamava-se a mulher Domingas Francisca, que (como se a penuria soubesse ser negaça) naõ sahio mais da Portaria, deixando sua casa pelo interesse de servir nesta; o que fez em quanto lhe durou a vida, deixando ao Mosteiro por sua morte huma herança taõ pobre, que só lhe deu aquelle nome a vontade. No dia seguinte á entrada, se expoz o Santissimo na sua Ermida com Missa cantada, e Sermaõ, que servio assim de edificar os ouvintes, como de accender os coraçoens das novas observantes, para dar graças

ças ao Ceo de se verem no centro daquelles espinhos, que elle sabe trocar em flores, para immortaes grinaldas de espiritos penitentes.

Estes foraõ os pequenos alicerces, de que começou a crescer o grande edificio, que taõ brevemente se avisinhou ao Ceo; este o mysterioso, e apoucado graõ de mostarda, semeado naquelle cantinho da terra, de que brotou a fermosa arvore da observancia Dominicana, em cujos ramos começaraõ a fazer voluntaria habitaçaõ tantas aves celestes, ou tantos espiritos obedientes. Finalmente este o pequeno, mas Real cubiculo, em que o Esposo Rey introduzio as almas justas, banqueteando-as com a mais suave das iguarias, dando-lhes seu Corpo para sustento, e a Casa da Eucharistia para domicilio, de que póde jactar-se entre perennes jubilos este Sagrado Coro de esposas, lembrando-lhes este dia, como o em que receberaõ da liberalidade do Esposo taõ sinalada fineza: *Introduxit me Rex in cellaria sua: exultabimus, & lætabimur in te, memores uberum tuorum.*

Cant. 1.

CAPITULO V.

Elege-se a primeira Prioreza do Mosteiro, acodem Religiosas de outros, tomaõ o habito Dona Filippa de Portugal, e a Condessa Fundadora.

ERa tempo de dar Cabeça áquelle corpo mystico (ainda que pequeno) para que começasse a respirar nelle a nova vida da observancia nos exercicios da obediencia. Havia de ser a primeira Prioreza creaçaõ do Padre Mestre Frey Joaõ, como verdadeiro, e absoluto Vigario da Casa nesta Provincia; naõ lhe dava cuidado o buscar, senaõ o escolher: assim eraõ iguais as virtudes, e as capacidades das novas subditas para a prelazia, que só a humildade religiosa, e observante, emmudeceria a queixa ao merecimento das deixadas, e só a obediencia levantaria a mayor lugar a preferida. Foy esta a Madre Sor Isabel de Jesus, naõ só por mais antiga, mas por dotada de huma singular singeleza, e brandura, partes grandes fomentadoras de novas refórmas, e muito a proposito para levar adiante o rigor dellas, suavizado no genio tratavel de quem mandando para desempenhar o cargo, acompanha para facilitar com o exemplo.

Já começavaõ de levantarse as vozes do que davaõ as novas observantes, naõ só espalhadas pelos ouvidos da Corte, mas recebidas, e bem aceitas nos dos outros Mosteiros, soando mais persuasivas nos coraçoens das mais reformadas nelles. Viraõ-se notaveis effeitos; do da Annunciada (tambem da Religiaõ, e hum dos mais graves, e reformados della) sahio Soror Victoria da Cruz, trazida de santa emulaçaõ de querer tambem pizar aquelle novo atalho, que na terra se tinha descuberto para o Ceo. Do de Aveiro trouxe a mesma resoluçaõ a Madre Sor Catharina dos Martyres; e naõ sendo menos efficaz nos pertos, que nos longes aquelle mudo pregaõ da virtude, apressou a Dona Filippa de

de Portugal, irmãa do Conde Fundador Dom Luiz, para entrar por aquellas pobres, mas venturoſas portas, taõ deſpida do que lhe podia offerecer, e tinha offerecido o Mundo, como acompanhada do muito que lhe dera o Ceo, naõ ſendo o de menos valor hum claro, e comprehenſivo entendimento, com baſtante noticia da Latinidade, de que ſe valeo para a das Eſcrituras, de que tirou o tema, que neſta occaſiaõ deu ao Meſtre Vigario para a Pratica, que lhe fez na entrada. Foy o verſo 13. do Pſalmo 65. *Introibo in domum tuam in holocauſtis: reddam tibi vota mea, quæ diſtinxerunt labia mea.* Como ſe diſſera: *Entrarey Senhor, a ſer victima nos Altares de voſſa Caſa, e deſempenharey comvoſco a minha promeſſa.* A que tinha feito (atraz fica dito) de entrar neſta Caſa, vinha cumprir agora com tanto alvoroço, como quem aſſim eſtendia os olhos á paga, que eſperava, como os paſſos á que fazia.

Naõ ſofriaõ os Condes Fundadores ver que ſe lhe foſſem adiantando aquelles eſpiritos, a que talvez a ſua reſoluçaõ dera exemplo; já lhes parecia omiſſaõ o naõ tomallo, ſem ſe quererem valer para a deſculpa de detidos, da de irem rompendo o caminho por entre embaraços. Parecia-lhes contemporizar com o Mundo, o eſcutar aquelles, ainda as mais reconhecidas difficuldades; romperaõ hum dia com todas, e mandando levantar antemanhãa toda a familia, recolhidos com ella a hum Oratorio, e feita oraçaõ, abraçada a Condeſſa com huma cruz, e naõ maons hum Roſario, voltando-ſe aos filhos com hum animo varonil, e eſpirito abrazado (de que pareciaõ faiſcas as palavras) lhes diſſe as ſimilhantes palavras:

Bem ſey que o Mundo chamará a eſta reſoluçaõ deſpego; e naõ deixara eu de conſentir na opiniaõ do Mundo, ſe as luzes de Catholica me naõ enſinaraõ, que ſendo Deos o centro das creaturas, nunca obraõ ellas com mais razaõ, que quando buſcaõ eſte centro. Sey que vós outros ſois pedaços da alma; e querer ſalvar eſte todo, nunca póde ſer violencia para as partes delle. Deixarvos, por buſcar a Deos, he porvos nas maons de Deos; e melhorarvos de pay, naõ he privarvos de mãy. Em naõ teres na mãy a aſſiſtencia, tendes no pay o remedio; e naõ hides a perder nada, ſe he á cuſta de grangear tanto. Deos, que vos tira dos meus braços, he para vos naõ tirar dos ſeus olhos; vede lá quanto mais valem os ſeus olhos, que os meus braços. Naõ podeis duvidar aquelle mimo, ſe olhais para a minha reſoluçaõ; porque, ſendo Deos taõ juſto, e taõ igual, nada perderey por amor delle, que elle naõ conſerve por amor de mim. Lembrevos que vos criey com todos os deſvelos de mãy; ſó o voſſo procedimento quero por paga deſte trabalho; e ſe o voſſo naſcimento, e o voſſo enſino vos executaõ a ſer bem procedidos para o Mundo, hoje, para que o ſejais para Deos, vos dá o meu exemplo melhor enſino. Naõ podia eu fazer mais com aſſiſtirvos, do que o que faço em deixarvos; que o que vay de enſinarvos a agradar ao Mundo a ſervir a Deos, he o que vay do enſino, que já vos dey, ao exemplo, que hoje vos dou: e ſe vos deixo melhor

lhor ensino neste exemplo, muito melhor mãy vos escolho quando vos deixo. A Virgem do Rosario he vossa mãy; isto quero que vos lembre desta despedida: que com o Rosario na maõ vos lancey a ultima bençaõ. Façavos a minha lembrança devotos; que a sua devoçaõ vos fará seus filhos. Lembrevos que sois irmaons, e Catholicos, para que vos ameis huns aos outros, e todos a Deos. Elle, que me leva dos vossos olhos, permittirá que os meus vos vejaõ em sua presença. Espero que façais por merecella, e que este sacrificio me facilite o caminho, por que a busco. Filhos, ficay, a Deos!

Assim callou, que já os olhos se lhe começavaõ a humedecer aos gritos do sangue, escutados com estranheza da resoluçaõ, e da constancia. Com a mesma voltou ao Conde (que tambem a escutava) e despedindo se delle com huma inclinaçaõ, passou a meterse em hum coche com seus dous cunhados o Mestre Frey Joaõ, e Dom Nuno Alvares de Portugal. Era o caminho, que levavaõ, de Sacavem para Lisboa: e querendo o Mestre Frey Joaõ passallo, confirmando a acçaõ da Condessa, advertindo-lhe que parentes do Mundo (dizia-o especialmente por seu pay, e seu tio) sobejavaõ a quem hia buscar a fraternidade religiosa, onde se naõ reconhecia mais pay, que Deos, que o era verdadeiro, accendida ella em hum novo fervor, rompeo assim o silencio:

Que me querem meus parentes? Satisfazellos hey a elles, desobedecendo a Deos? A Deos, que me chama, e obriga com tanta efficacia, que sempre conhecia que era impossivel a resistencia; e naõ cuidey alguma hora em fazella, que me naõ assaltasse a medonha representaçaõ de hum grande, e escuro poço, que diante dos olhos se me abria com hum ameaçador, e profundo Inferno. Pois se a disposiçaõ he Divina, como chamaõ a isto culpa, e minha? Busteme embora o passar a vida em desconsolaçoens, e em lagrimas a representaçaõ inculpavel, e natural (que bem sey que sou humana) de deixar o Conde, e meus filhos (que em fim saõ pedaços do coraçaõ). Deos, que o está vendo, me dará constancia, e esta a coroa. Se viver chorando, morrerey rindo.

Com similhantes praticas, fomentadas do grande espirito do Mestre Frey Joaõ, chegaraõ a Lisboa, buscaraõ o Mosteiro, e entrou a Condessa recebida nos braços, e alvoroços daquella santa companhia, sendo mais poderosa a edificaçaõ de a ver, e a ouvir, para lhe soltar as lagrimas, que a dor, com que a natureza havia taõ pouco a convidou a ellas. Mas antes que vejamos a Condessa abraçando esta suspirada mortalha, naõ he para esquecida a advertencia de que fundado, e dotado este Mosteiro pelos Condes, e pertencendo-lhes o titulo de Padroeiros, e a Capella môr delle, entendendo que esta superioridade seria embaraço para que algumas familias nobres se naõ recolhessem no Mosteiro, fizeraõ generosamente desistencia de tudo, como consta de huma Escritura (que por dilatada a escusamos desta) feita aos 18. dias de Julho de 1607., e se guarda no Mosteiro; em que explicaõ que

que a nenhuma pessoa, de qualquer qualidade, se dê o dito titulo, ou Capella môr, e sepultura nella; o que feito, tornará á Casa dos Coodes o padroado.

Dilatouse por alguns dias que a Condessa tomasse o habito (eraõ esperanças de que se reduzisse ao consentimento o Conde seu pay, e o Arcebispo de Lisboa seu tio) mas, ainda que sem elle, começou logo a provar a maõ nos empregos da humildade, servindo na cosinha, e mais officinas do Mosteiro com tanto gosto, como se andara merecendo o executallo por preceito. Naõ lhe tardou muito: tomou o habito em 23. de Agosto de 1607. Chamouse Soror Joanna do Rosario, e começou logo a tratar-se como escrava na mesma Casa, em que era Senhora; mas taõ contente, e satisfeita, como quem alcançava que naquella mortalha, que a cingia, estavaõ as mantilhas em que começava felizmente a respirar para a immortalidade. Já conhecia berço o que lavrara sepultura; porque já fóra do Mundo entendia ás vessas do que elle ensina. Como diria que fabricava berço para melhor vida quem visse a Feniz ajuntando os materiaes odoriferos para a fogueira? Aos rayos do Sol fabrica este Altar, como se feridos dos seus rayos, se lhe abrissem os olhos, para conhecer, e diligenciar aquelle venturoso futuro. Sobre o Altar, que Sor Joanna levantara ao Sol Eucharistico, se começava à abrazar Feniz entre as lavaredas, que o mesmo Sol lhe ateara no peito; e já parece que dizia illustrada, que no ninho, que edificara, acabaria a vida para multiplicalla discreta, e venturosa Feniz. Permitta-seme esta breve reflexaõ, onde o grande da materia podia dispensar com o despido da Historia, o raro suspender a velocidade da penna.

In nidulo meo moriar: & sicut Phenix multiplicabo dies meos Job. 29. 11.

Naõ foy menos prompto, e exacto o Conde (já neste particular fica nestes escritos noticia delle) porque sem liberdade para pôr em execuçaõ o seu voto, como ligado á satisfaçaõ de algumas dividas, se retirou á recoleta de Bemfica. Compostas ellas, tomou o habito em Almada. Assim ficaraõ estes Senhores offerecendo a Deos hum Templo, e dous sacrificios. Aquelle de suas fazendas, estes de suas pessoas.

CAPITULO VI.

Mostra-se a separaçaõ, que este Mosteiro tem da Provincia, com sogeiçaõ immediata ao Geral da Ordem.

SUpposto vermos já o Mosteiro na só povoado, mas correndo com toda a observancia, e a mayor da Provincia, naõ parecerá escusada noticia (como circunstancia conservadora daquella observancia) o mostrar como he sogeito immediatamente ao Geral, com Vigario dado por elle, e independente dos Provinciaes da Provincia; esta singularidade, e privilegio lhe alcançou o Mestre Frey Joaõ seu Fundador, em nome dos Condes, sendo elle o primeiro Vigario, que reconheceo a Casa, com poderes para fundaçaõ, e administraçaõ della, como consta da

Paten-

Patente do Reverendissimo Xavier.

Assim começou o Mestre Fr. Joaõ a executar o officio de independente. Escolheo para Confessor das Religiosas o Mestre Frey Aleixo de Setuval (Religioso exemplar de conhecidas letras , e opiniaõ de virtude) que despois de servir a Deos, e a Religiaõ na conversaõ das almas na India, voltou para a Provincia, como benemerito filho della. Fez Capellaõ; e como Prelado de todos, visitava assim Frades, como Freiras, punha preceitos, e censuras, ministrava todos os Sacramentos, recebia ao habito, fazia profissoens, confirmava Preladas, e delegava poderes, como lhe succedeo em trez annos, que foy Prior de Bemfica, e dous, que gastou na Corte de Madrid (a que foy a importancias mayores) deixando em seu lugar ao Confessor, com algumas limitaçoens no poder, como naõ fazer outro Confessor ordinario, naõ visitar, naõ pôr preceitos, naõ receber ao habito, naõ fazer profissoens.

Mas nada bastava a callar os escrupulos (guiados difficilmente de bom zelo, onde a materia trazia comsigo, quando naõ lucro, ao menos respeito) que instavaõ em que já se devia entregar a administraçaõ do Mosteiro aos Provinciaes da Provincia, como fundado nos destrictos della, explicavaõ, que a Patente do Vigario espirara com a fundaçaõ, que naõ tinha aquelle tantos poderes como exercitava, porque nem os Provinciaes os tinhaõ taõ amplos, e absolutos.

Estas as instancias; mas eraõ taõ claras as repostas, que bem mostravaõ, que o escrupulo tinha mais de enveja, que de duvida, e o abraçarse com ella, menos de zelo, que de teima. Quanto a que o Mosteiro pertencia ao Prelados da Provincia, por fundado nos destrictos della, era falso, porque Prelados de Religioens naõ tem destrictos como Bispos, e estes muitas vezes saõ nacionaes, e naõ locaes. Mas melhor exemplo em Napoles, onde a Provincia de Lombardia tem Conventos, que governa. Espirarem os poderes da Patente com a fundaçaõ, fora a declararse assim naquella, e naõ vindo absoluta, quando naõ quizesse recorrer o Vigario a que ainda restava a fundaçaõ do Mosteiro, porque até alli era huma Casa de emprestimo. Aos poderes amplos póde dallos o Geral, e aos delegados costuma dar todos os que pertencem á fundaçaõ, que se intenta, exceptuando os que expressamente limita.

Mas com o Padre Mestre Frey Joaõ naõ queria, que a virtude andasse em opinioens, e disputas, onde cada hum havia de sustentar a sua duvida, ou por capricho, ou por respeito, recorreo ao Geral (era o Mestre Frey Agostinho Galatino, successor do Xavier) que por Patente sua, expedida em 27. de Dezembro de 1609. confirmou a passada, mandando, que continuasse com o mesmo estylo de governo até alli. Huma, e outra Patente confirmou o Colleitor por huma Provisaõ (que para mayor prova vay aqui lançada) e traduzida, vem a dizer:

Octavio Accorombono, por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Fossombruno, Colleitor Geral, e Apostolico, com poderes de Nuncio nestes Reynos, e Senhorios de Portugal. A quantos esta Provisaõ virem, fazemos a saber, que havendo respeito ao que a Madre Prioreza, e as Religiosas do Mosteiro do Santissimo Sacramento dizem, e outro si, o que o Reverendo Padre Provincial da Ordem de S. Domingos, nesta Provincia de Portugal, dá em reposta, auctoritate Apostolica *a nós concedida, e de que usamos nesta parte, confirmamos, e approvamos as Patentes, que os Reverendissimos Padres Geraes da dita Ordem, em favor do Reverendo Padre Mestre Frey João de Portugal, sobre a fundaçaõ, instrucçaõ, administraçaõ, e governo do dito Mosteiro passaraõ; e mandamos em virtude de Santa obediencia, e sob pena de excommunhaõ* ipso facto incurrenda, *aos inferiores dos ditos Padres Geraes, a que pertencer, e a cada hum delles* in solidum, *naõ encontrem em modo algum as ditas Patentes, por si, ou por outrem,* directe, vel indirecte; *antes em tudo as cumpraõ, e guardem, e façaõ inteiramente cumprir, e guardar, como nellas se contém. O que tambem o dito Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, debaixo das mesmas censuras, cumprirá, e guardará, como fez até o presente. Dada em Lisboa sob nosso sinal, e sello, aos 17. dias do mez de Dezembro de 1615.*

Octavio Accorombono Bispo Fossombruno.

Vindo despois o Reverendissimo Frey Serafino Silo visitar esta Provincia de Portugal, e celebrar Capitulo geral no Convento de Lisboa em 1618., tornaraõ alguns Religiosos a propor as mesmas duvidas sobre este Mosteiro, e seu Vigario. Visitou-o o Geral, e tocando com a experiencia a reforma, e estylo de vida, e governo de seu Vigario, mandou pôr as duvidas em perpetuo silencio, e que o governo fosse continuando, accrescentando por nova Patente, que succedendo falecer o Vigario, ou tirarse por algum incidente, o Confessor continuasse no governo, até o Geral prover de Prelado novo.

O

O Geral Marinis concedeo, e ordenou despois o mesmo.

Correndo o tempo, eleito Bispo de Viseu o Mestre Frey Jaõ, e succedendo-lhe na Vigairaria o Mestre Frey André de Santo Thomaz, naõ bastaraõ todas suas letras (que eraõ grandes, e bem conhecidas) a resgatallo dos antigos escrupulos na administraçaõ do Mosteiro, independente da Provincia; ou porque olhava menos para o que sabia, que para sua consciencia, ou porque a pouca ancia de governar o levava a reconhecer embaraços donde os naõ havia. Recorreo ao Collector (era neste tempo Joaõ Bautista Paloto, que despois foy Cardeal) que satisfazendo-lhe ao escrupulo, o mandou continuar no governo. Delle o tiraraõ para Lente de Prima da Universidade de Coimbra, e em seu lugar foy eleito o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, por Patente do Reverendissimo Rodulfo, em 27. de Março de 1635. estendendo-lhe o poder a reformar o Mosteiro, se fosse necessario, e a fazer (sendo assim conveniente) Visitadores alguns Religiosos graves.

Destas resoluçoens, e Patentes consta bem, como a eleiçaõ de Vigario, com poder amplo, isençaõ, e governo de Mosteiro, he tudo firme, como reconhecido, e confirmado por quatro Geraes, mostrando bem o acerto de se conservar neste privilegio a continuada refórma, e observancia, sem afrouxar por espaço de quasi hum seculo, até o tempo, que escrevemos, antes avultando, e florecendo como Seminario de virtudes, e fecundo campo de castissimas flores, leito, em que descançava o Sagrado Esposo das Virgens, horto fechado, em que se apascenta o Cordeiro Eucharistico, venerado dos tempos, como eterno deposito da primeira graça.

CAPITULO VII.

Da Madre Soror Isabel de Jesus, huma das Fundadoras, e primeira Prioreza deste Mosteiro.

CONhecida já a exacta observancia desta Casa (restauradora nestes ultimos tempos daquella primeira, com que o grande Patriarcha desta Familia deu principio á Clausura de suas filhas de S. Xisto em Roma) segue-se a noticia das venturosas povoadoras della, em quanto nos naõ chama a obrigaçaõ de descrever a em que se melhoraraõ de vivenda, por ser preciso o ir esta memoria no mesmo lugar, e anno, em que se lhe acabou a vida. Foy a Madre Soror Isabel filha do Doutor Francisco Nogueira de Brito, e de Cecilia de Soure Cogominha, nascida, e criada em Evora, berço naõ menos de sua vida, que de sua virtude. Assim madrugou o Ceo a encaminhalla para si, e por hum taõ novo caminho, que dandolhe hum genio brando, e affeiçoado áquellas cousas, em que elle costuma criar huma estampa sua (na natural perfeiçaõ da fermosura) esta a levou a saber estimar a verdadeira.

Sendo muito menina, e vendo em casa a Imagem de hum Christo crucificado (e notavel fer-

fermosura da Imagem) assim se cativou daquella fermosura, que nada lhe levava mais os olhos, e os agrados, que ella. Seria herança daquelle grande filho do mesmo pay, o Taumaturgo de Entre-Douro, e Minho, que dos braços da ama passava com ancia aos de hum Crucifixo, bebendo pelos olhos naquelle Sagrado sangue melhor vida, que a que desprezava no leite. Cresceo com os annos em Soror Isabel o conhecimento, entrou o da Fé no da doutrina Christãa, e alcançou della, que aquelle era o retrato do mais fermoso entre os filhos dos homens, e que aquella era a representaçaõ da fórma, em que dera a vida por elles.

Passou-se a sympatia a razaõ, o genio a agradecimento, com huma taõ santa tenacidade de querer, e contemplar a sobrenatural fermosura, que alli se representava, que fazia muito por estar só, ou em silencio (na occupaçaõ honesta da sua almofada) por se lhe representar, que alli merecia affagos, e favores daquelle Esposo, que estava com os braços abertos para elles (assim o contou com singular singeleza, sendo já Religiosa, a huma de conhecido nome, com quem praticava cousas de seu espirito). Naõ sofreo o de Soror Isabel o dilatar a maõ de esposa a quem estendia o braço para lhe dar a sua, e nella a melhor coroa; celebrou os desposorios, tomando o habito em Santa Catharina de Evora. Alli começou a gostar com mais socego das suavidades da vida contemplativa: achavase no centro, porque assim começara a respirar a sua, e assim se lhe trocou nella a contemplaçaõ em natureza, porque tiradas as horas do Coro, e precisas obrigaçoens do Mosteiro, o mais do dia passava em oraçaõ, estendendo-a á mayor parte da noite.

Com o cargo, e obrigaçoens de Prelada (passada a este Mosteiro novo) perdia com magoa sua muita parte desta delicia de seu espirito, e assim se deixava levar deste santo socego delle para o recolhimento, e pouco trato (inda do que tocava ao commodo humano da Casa) que advertindo-lhe o seu Vigario o Mestre Frey Joaõ (que sabia muito de sua consciencia) *Que era necessario, que a Prelada fosse menos recolhida, assim para examinar, e remediar defeitos, como para ser exemplar de perfeiçoens, para que as Religiosas olhassem, naõ só como subditas, mas como discipulas*: respondia ella com humildade, e singeleza: *Eu bem protestey a Vossa Paternidade, que era huma bruta: e Vossa Paternidade me disse, que á sua conta tomava o encaminharme; veja como sou incapaz, que naõ sey aprender, quanto mais ensinar?* Assim mostrava molestia, quando lhe lembravaõ o nome de Prelada, respondendo ás Freiras: *Anday, anday, que eu naõ sou Prioreza; sou huma brutinha.*

Raro sobre tudo era o seu silencio; o amor deste lhe fazia ainda mais penoso o officio, que naõ só a tirava muitas vezes da cella, mas a obrigava a fallar em cousas pertencentes á Casa. Como para ella naõ havia mais vida, que a do espirito, naõ reconhecia mais idioma, que o do silencio. Caritativa,

tiva, naõ havia miſeria, ou deſamparo do proximo, que lhe naõ feriſſe o coraçaõ; aſſim parece, que lhe eſtalava eſte, ou lhe naõ cabia no peito, com a ancia de pedir a Deos por alguma neceſſidade, e muito mais de eſpirito. Dizia, (e bem) que eſta era mayor importancia. Se da parte de Deos ſe lhe pedia, toda a ſua affliçaõ era o imaginar-ſe indigna de eſcutada, obrigada a naõ faltar ao reſpeito, por que ſe lhe pedia. Teſtemunhava o ſeu Confeſſor deſta penoſa batalha de ſua alma.

Se compaſſiva, naõ eſcutava miſerias ſem lagrimas nos olhos, naõ os punha nunca ſem ellas nas pinturas, ou Sagradas Imagens da Paixaõ de Chriſto; mas comſigno taõ eſquiva, e auſtera, que coſtumava dizer, que naõ ſabia como havia de morrer, porque naõ tinha neceſſidade alguma, em que Deos lhe provaſſe a paciencia; que o ſuſtento era bom, e ſem falta (eſte nome dava á pobre refeiçaõ religioſa de peſcado, e hervas, aquelle commummente ſecco, eſtas, poucas vezes mimoſas) que andava contente, e abaſtada, que aſſim mal ſe podia conſumir a vida. Era a ſua ancia, que ella ſe lhe acabaſſe; e julgava, que naquelle trato tinha largo arrimo, como ſe ella com o jejum, a oraçaõ, e a diſciplina, tudo continuado, ſe naõ foſſe enfraquecendo; mas pagava-lhe Deos eſta alegria, com que vivia rica na pobreza de ſua caſa, com as eſpirituaes conſolaçoens, de que ſempre abundou eſta.

Vivia ainda eſta Madre na de Santa Catharina de Sena de Evora, onde tambem eraõ Religioſas as irmãas do Meſtre Frey Joaõ de Portugal, que de huma grave enfermidade eſtava em Lisboa ſem eſperanças de vida. Choravaõ as deſconſoladas irmãas, eſperando cada hora a ultima noticia, quando entra por huma caſa, em que eſtava huma dellas (a Madre Soror Joanna Bautiſta) a Madre Soror Iſabel, que com extraordinaria alegria repetia muitas vezes: *Vida, vida, ha de viver, ha de viver.* Tinhalhe pedido muito a Madre Soror Joanna, que encomendaſſe a Deos a ſaude de ſeu irmaõ; parecialhe eſtylo de quem lhe metia animo de naõ eſperar más novas, mas inſtava com ella, que lhe explicaſſe a cauſa de taõ alegre, e repentina promeſſa. *Sabey* (lhe reſpondeo a Madre Soror Iſabel mais de ſingela, que de importunada, ou porque permittio Deos, que ſe ſoubeſſe aquelle favor, que fizera á ſua ſerva) *que eſtando no Coro ſó, e em Oraçaõ, ouvi dizer claramente: Caſtigans caſtigavit me Dominus, & morti non tradidit me.* (He o verſo 18. do Pſalmo 117., e val tanto como: *Caſtigoume o Senhor, caſtigandome; mas naõ me entregou nas maons da morte*). Succedeo aſſim; melhorou o irmaõ Frey Joaõ deſde aquelle dia, de que naõ tardou a nova.

Mas mayor favor o que o Senhor lhe fez em outra occaſiaõ na meſma Caſa. Achavaõ-ſe nella enfermas, e perigoſas as duas irmãas do Meſtre Frey Joaõ (que deſpois, como fica ja advertido, vieraõ para Fundadoras deſte Moſteiro) as Madres Soror Joanna Bautiſta, e Soror Filippa de Jeſus; aſſiſtia-lhes

lhes na doença outra irmãa, tambem Religiosa, a Madre Soror Maria Pereira. Lastimava-se Soror Isabel, e sentia o privalla Deos de duas amigas de grande espirito, e com quem aliviava o seu; assim pedia ao Senhor com lagrimas, e larga oraçaõ pela saude de huma, e outra, quando no mayor fervor della ouve em espirito, que morreria Soror Joanna. Entristeceose muito, e com grande aflicçaõ de sua alma instava com Deos, que o naõ permittisse; que lhe désse vida, allegando as grandes prendas de zelo, e Religiaõ, de que era dotada. Respondeolhe o Senhor: *Que se vivesse Soror Joanna, morreria a outra irmãa Soror Filippa. Naõ Senhor* (tornou Soror Isabel com anciosa efficacia) *nem Soror Filippa ha de morrer, que com a sua voz* (era fermosa, e suave a desta Madre) *vos louva no Coro, e faz devoçaõ a quem a ouve nelle. Morrerá logo Maria:* (tornou o Senhor) era esta a outra irmãa, que com boa saude assistia entaõ ás duas doentes. Estava a Madre Soror Isabel afflictissima, e confusa das replicas, que tinha posto, e como convencida de sua humildade, lançando-se por terra, e pondo nella a boca, poz na disposiçaõ do Senhor tudo o que pedia.

Convaleceraõ logo as duas irmãas, e cahio gravemente a outra Soror Maria, que dentro em 15. dias faleceo. Entristeciaõ-se muito as convalecidas, e praticando hum dia com a Madre Soror Isabel, lhes disse com santa singeleza: *Anday, anday, naõ sejais simplez* (palavras suas) *que vós ambas havieis de morrer; day graças a Deos, que vos deu vida, só para o servir.* Assim lhes contou o que lhe succedera para consolaçaõ sua. Tal era a candidez de seu coraçaõ, e tal a opiniaõ, que lhe tinha grangeado, que já entendiaõ, que o que revelava, era porque Deos lho permittia, para gloria sua, e honra de sua serva.

Convalecia Dona Filippa de Portugal, irmãa do Conde de Vimioso Dom Luiz (de que agora fallamos) ainda estava no seculo, e ao presente com o Conde seu irmaõ em huma quinta sua no termo de Evora. Fora arriscada a doença, era a convalecença vagarosa; escreveolhe a Madre Soror Isabel (conheciaõ-se, e tratavaõ-se com aquella grande sympathia de espiritos, que naõ tem commercio, que naõ seja para melhoras delle) que esperava em Deos, que lhe continuasse a melhora, e a vida, como quem lha guardava para huma Clausura da Ordem de S. Domingos. Teve Dona Filippa por graça a circunstancia da promessa, porque se achava ao mesmo tempo com licença do Provincial de S. Francisco para tomar o habito no seu Mosteiro da Madre de Deos, e naõ menos o consentimento do Conde seu irmaõ, a quem ainda naõ vinha á imaginaçaõ o fundar este Mosteiro: mas ao que crê a piedade, e despois favoreceo o successo, tomando Dona Filippa nelle o habito, sem duvida illustrou Deos sua serva com este anticipado conhecimento.

Teve-o taõ bem de sua morte com naõ menos raras circunstancias: era já nesta Casa naõ

só

só Religiosa, mas Mestra de Noviças a mesma Dona Filippa de Portugal, agora Soror Filippa de Jesus Maria, na segunda vez, que a Madre Soror Isabel era Prioreza nella. Adoeceraõ ambas, e gravemente, quando amanhece hum dia a Madre Soror Isabel com huma desusada alegria, e chamando algumas Religiosas (eraõ as principaes as Madres Soror Joanna Bautista, e Soror Joanna do Rosario) lhes diz, que a Madre Soror Filippa ha de viver, porque ouvira claramente dizer aquella noite: *Filippa viva*, a tempo que assim o pedia a Deos. O mesmo segurou ao Vigario o Mestre Frey Joaõ, que áquella hora entrava a confessalla, e perguntandolhe elle, se ella viviria tambem, respondeo: *Que tres vezes ouvira: Tu hasde morrer.* Pedialhe o Mestre Frey Joaõ, que naõ desamparasse taõ depressa aquella Casa, que para seus augmentos necessitava de sua vida, e que bem podia pedir a Deos com este fim a conservaçaõ della. *Façase a vontade de Deos* (respondeo) *ainda que he verdade, que naõ desejo vello.* E suspendendo-se hum pouco, accrescentou: *Per ignem, & aquam*, como se quizera mostrar, que naõ presumia de só passar áquelle gozo sem experimentar os rigores do Purgatorio; sendo, que na esperança de ver a Deos (assim o referia, e testemunhava o Mestre Frey Joaõ seu Confessor) estava como certa, e fallava como segura, como se lho revelara.

Recebeo aquelle mesmo dia o Viatico com juizo perfeito, e demonstraçoens de grande jubilo. Pediaõ-lhe as Religiosas, que lhes dissesse alguma cousa, com que as consolasse, já que as deixava. Respondeolhes, *que tinhaõ grande causa de consolaçaõ, porque aquelle seu Mosteiro cresceria muito, e brevemente, assim no temporal, como no espiritual.* (e assim se vio). Ficou logo em hum socegado silencio, como se o Ceo lhe quizesse pagar o que tanto guardara em vida, representandolhe as suavidades daquella, a que passava. Assim esteve, como extatica, dous dias, no cabo delles lhe deraõ a Unçaõ, e ella a alma a seu Creador placidamente, em 21. de Dezembro de 1611. naõ tardando o Ceo em mostrar, que lha dera, e o Senhor a ella, a melhor, e verdadeira vida, que já vivia.

Era a irmãa Conversa Soror Leonor da Assumpçaõ, sobrinha sua, e boa discipula de seu exemplo; as obrigaçoens do sangue, e do habito, as saudades da companhia, e do ensino, a levavaõ á sepultura da boa tia, pedindo a Deos, como podia, pelo descanço de sua alma, quando huma noite (poucos dias despois de sua morte) lhe apparece a mesma Madre, vestida naõ já em pano grosseiro, mas em hum habito branquissimo, lançado sobre a toalha, e escapulario hum Rosario, de que eraõ contas flores cheirosas, e exquisitas. Assustouse Soror Leonor á primeira vista, mas cobrou animo com a grande claridade, e alegria da visaõ, escutando, que lhe dizia a venturosa Madre: *Dizey á vossa Mestra, que cave por onde eu cavey*; e suspendendo-se Soror Leonor, e perguntandolhe o que vinha a dizer, porque como

como de singelo entendimento, naõ penetrava o sentido, lhe respondeo: *Dizeilhe, que governe com brandura, como eu usey*; e desappareceo.

Era Mestra das Noviças sua grande amiga a Madre Soror Filippa de Jesus Maria, e assim a Soror Leonor, como ás mais, que estavaõ á sua obediencia, tratava com aspereza, por ser naturalmente fogosa, e austera. Serviolhe este conselho para moderar ao diante os rigores de Mestra, e a visaõ ás Religiosas, para aliviar as saudades de tal Prelada. Duas vezes o foy nesta Casa, sendo de quatro annos o governo, conforme o Breve de Julio II. (estylo, que durou até os annos de 1629. em que o Mestre Geral Frey Nicolao Rodulfo determinou, que se reduzisse a triennio). Deraõ-lhe sepultura em lugar separado; hoje a tem no Capitulo do Mosteiro novo, defronte do Altar.

CAPITULO VIII.

Da Madre Soror Filippa de Jesus Maria, segunda Prioreza desta Casa: e da Mestra Sor Victoria da Cruz.

NO berço (escreviaõ fabulosos os Antigos) que Hercules, hum dos Deoses, a que levantaraõ altares, despedaçava serpentes, como em feliz annuncio dos trabalhos, que o esperavaõ para a fadiga, e para a coroa, para o conflicto, e para o triunfo. Mas passouse a verdade este encarecido fingimento no mais vigoroso, e invencivel Alcides, que os olhos humanos viraõ no berço de humas palhas, batalhando com a inclemencia dos elementos a poucas horas de nascido, como ensayo para os trabalhos, que vinha abraçar, e vencer na campanha do Mundo, deixando esta demonstraçaõ, para que por ella se conhecessem despois por seus descipulos, e mimosos, os que nascessem lutando com as miserias, e os infortunios.

Assim deu o Ceo a conhecer a Madre Soror Filippa de Jesus Maria (no seculo Dona Filippa de Portugal) que em poucos annos se vio assim rodeada de trabalhos, que já começavaõ a ser exames da constancia, por naõ poderem ser castigos na sua innocencia. Preza se vio com sua mãy, e mais seis irmãas, por Decreto delRey Filippe II. que as mandou recolher em Castella em o Castello de Santo Torcaz, sem haver nestas Senhoras a mais leve culpa, como a naõ podiaõ ter as que no retiro de sua casa, e commercio de sua grande qualidade, nem haviaõ de entrar nos desmanchos do Povo, nem podiaõ ter parte nas direcçoens do governo. Mas pareceo a este, que era aquella injustiça razaõ de estado: o em que estiveraõ as cousas deste Reyno, foy o motivo da prizaõ; huma breve noticia nos dará mais clareza.

Entre os pertendentes, que teve a Coroa Portugueza, por falecimento do Cardeal Dom Henrique (ultima cabeça, em que ella entaõ descançou, escassamente como ameaçada das fatalidades, a que a destinava o Ceo, para castigo destes Reynos) foy hum, e que se fazia grande lugar nelles, Dom Antonio, filho bastardo do Infante

Dom

Dom Luiz, que vendo, que lhe negavaõ (a seu voto) os ouvidos á razaõ, que gritava sua justiça, remetteo ás armas toda a negociaçaõ della, como se naõ viera este estrondo a confundir mais aquelle grito. Favorecia, e sustentava este partido com mais calor, e desvelo Dom Francisco de Portugal hum dos irmaons de Dona Filippa, e era publico, (com pacto feito entre elle, e Dom Antonio) que chegando este a verse com posse pacifica no Reyno, daria a maõ de esposo a Dona Filippa, que ajuntando as qualidades do sangue ás de huma fermosura rara, antes lhe vinha a parecer a Coroa tributo, que ventura. Prevaleceo Filippe (Segundo de Castella) com os sopros desta, triunfando do partido contrario, que antes cedeo de desarmado, que de temeroso; e ordenou, que a Condessa Dona Luiza de Gusmaõ fosse com sete filhas desterrada para Castella; assim postas em hum carro da Mancha, e acompanhadas de dous Alcaides, passavaõ ao desterro, tratadas com tanta indecencia, como a promettiaõ Ministros de huma Coroa tyrannizada.

Passados tres annos, e examinada, e conhecida sua innocencia, foraõ restituidas a este Reyno, com attençoens Reaes, desejosas de demonstraçaõ poderosa a satisfazer queixas de nobreza, e fazenda. Com este respeito a Dona Filippa, despois de estar neste Mosteiro do Sacramento, se lhe fez a elle a mercê de hum juro de duzentos mil reis de pensaõ na Mitra de Braga, por tempo de vinte annos, que acabados, se lhe prorogou por mais quinze; acabaraõ estes despois da felice Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV. Restituidas ao Reyno, e á Patria, faleceo a Condessa em S. Antonio do Tojal, causa, porque Dona Filippa, e Dona Estefania, irmãa sua, se recolheraõ ao Mosteiro de Santa Catharina de Sena de Evora.

Era venerada por milagre da Corte a fermosura de Dona Filippa, e avaliada assim pelo mais copioso dote, com a grande circunstancia de sua qualidade, a que se ajuntavaõ partes, e prendas naturaes, como adquiridas, fazendo tudo junto taõ grande harmonia nos ouvidos da mais qualificada nobreza, que muitas vezes foy buscada, e pertendida para esposa, com naõ menos padrinho, para facilitar o consentimento, que o Conde seu irmaõ, a que sempre deu por reposta aquelle illustrado genio, que dos primeiros annos a levava a mais superior estado.

Com esta resoluçaõ fez voto simplez, entrando no Mosteiro de Santa Catharina; e como se fora pura Noviça, acodia desveladamente ás obrigaçoens da Casa, como a mais obediente subdita della. Trazia estamenha junto á carne, usava-a na cama, que quasi sempre teve ociosa; porque no Coro passava as noites, onde vencida do sono, lhe servia de leito o pavimento, e de travesseiro o degrao de hum Altar; descommodo, que dissimulava mal a outro dia, divisando-selhe na face qual fora a almofada. Assistia, e rezava com edificaçaõ grande das Religiosas ao Officio Divino. Levavalhe os cuidados, e o tempo

po a extremosissima devoçaõ do Santissimo, esmerando se nas suas festas, até onde podiaõ chegar as suas posses, e só este emprego santo lhe ensinaria a desejallas mais crescidas a naõ entender, que na estimaçaõ do Ceo, as mayores saõ as vontades. Este affecto, o que a trouxe para esta Casa (já fica apontado) porque chamando-a efficazmente a ancia de viver em estreiteza de vida, e tendo já licença para passar para a Madre de Deos (recoleta Franciscana) ao saber, que esta Casa do Sacramento o tomava por seu Orago, veyo a ella como a descançar no centro.

Vinha já destra nos estylos, e costumes da Religiaõ; achou com todo o calor a nova reforma, em meteria disposta passou aquelle a levantarse lavareda. Ainda era Noviça, e já a chamava o cargo de Mestra; naõ menos outras occupaçoens de pezo, que logo nos primeiros tres annos confirmaraõ o seu grande prestimo, naõ sendo ainda este (mas só a obediencia) a que a introduzio nelles. O zelo da observancia (que começava a respirar naquelle berço della) era o seu estudo, o seu cuidado, o seu desvelo. Convencia com as palavras, porque as ajudava com o exemplo. Nem os mais leves descuidos a achavaõ sofrida; nem as muitas obrigaçoens cançada.

Elegeraõ-na Prioreza, e começou a ser por officio o que era por genio, austera, e inflexivel zeladora da observancia. Assim o era nos santos Estatutos da Casa, que pedindo-lhe a irmãa Conversa da cosinha, que a dispensasse por aquelle dia da oraçaõ (que tem as Religiosas despois de Prima) porque o comer se perderia sem a sua assistencia, lho naõ consentio, accrescentando, que melhor lhe seria a todas ficarem hum dia sem sustento, que sem oraçaõ. Tinha muita auctoridade, ainda que despida das humanas attençoens do sangue; via-se, que era zelo do cargo, em que, no que naõ tocava nos respeitos delle, era meiga, humana, tratavel, e sobre tudo compassiva. Na oraçaõ era continua, e no dom de lagrimas, que tinha nella, se mostravaõ as suavidades, com que Deos enriquecia sua alma.

Tinha sufficiente noticia da Grammatica, e Latinidade, e liçaõ proveitosa da Escritura; assim applicava muitas vezes as palavras della com o sentido genuino, e verdadeiro. Tivera grande amizade em Santa Catharina de Sena com a Madre Soror Filippa de Jesus, que veyo para esta Casa por Fundadora, mas no officio de Prelada nem esta estava para ella primeira (grande maxima para conservar subditas sem queixa). Disse-lhe esta Madre alguns dias antes de falecer: *Nossa Madre, assim se acabou, e acaba amizade de tantos annos?* Respondeo com inteireza, e segurança: *Conversatio nostra in Cœlis est; acaba na vida, mas espero na misericordia de Deos, que a continuemos na gloria.*

Se era austera no cargo, naõ o era menos comsigo (boa liçaõ de Prelada, entender de si, que he a primeira subdita). Assim estreitou o debil de suas forças com jejum, cilicios, e disciplinas, e sobre tudo, por se roubar o sustento do sono,

que veyo a romper o excesso em huma longa enfermidade, que naõ bastou a fazerlhe levantar a maõ do rigoroso trato, que a foy chegando ás portas da morte. Parece que teve anticipada certeza della, porque estando ainda nos principios da doença, e festejando as Religiosas a noticia de que já junto a Alcantara se abriaõ os alicerces para o novo Mosteiro, ella se alegrou muito com ellas, mas suspendendo-se, disse logo: *Vossas Reverencias o haõ de lograr; que eu naõ.* E assim foy, porque naquella doença faleceo.

Aggravou-selhe esta sem esperança de vida, mas já a achou desenganada; pedio, e recebeo os Sacramentos com piedade, e inteireza: e chamando algumas Religiosas, primeiro particularmente, e despois todas, lhes fez santas advertencias sobre a caridade fraternal, e paz religiosa, sobre o temor de Deos, e incerteza da formidavel hora de seu Juizo, preparaçaõ anticipada para ella; e accrescentou: *E se Vossas Reverencias me vem taõ socegada, sendo em toda a minha vida atormentada de escrupulos* (assim o tinha sido) *naõ entendaõ, que nesta hora deixaõ de perseguir escrupulos da vida; mas he misericordia de Deos, que por sua bondade usa com quem taõ pouco a merece.*

Dous dias antes de sua morte, reparavaõ as Religiosas, que o Ceo a consolava com sagradas visitas, e assistencias, porque algumas vezes lhe ouviaõ dizer: (*Anjos, e Santos*) inclinando a vista, e a cabeça para parte determinada da cella. Pedio a Unçaõ, e acabado o Officio, dando-lhe hum Crucifixo a beijar, o tomou, e pondo trez vezes com suavidade a boca nos pés do Senhor, com hum longo, e enternecido suspiro, disse: *Domine memento mei, dum veneris in regnum tuum.* E espirou nos braços das subditas saudosas, e compungidas.

Mas naõ deixou o Ceo de acreditar sua Serva, e enxugar as lagrimas áquella santa companhia com sinais da que ella já para sempre lograva; porque estando a Madre Soror Filippa de Jesus no Coro guardando o Senhor, e encomendando-lhe a moribunda, ouvio distinctas, e concertadas vozes (e ao que percebia, era o Officio de Defuntos, e na Enfermaria) estranhou a novidade, e sahindo a examinalla, e dizendo a algumas Religiosas, que encontrou, como cantavaõ sem ella (era sua voz a alma do Coro) lhe seguraraõ, que ninguem cantara, mas que espirara a Madre Soror Filippa. Naõ se duvidou, que fosse a musica daquellas aves do Ceo, que lhe tinhaõ feito assistencia.

Poucos dias despois de sua morte, estando huma noite as Religiosas no Coro em oraçaõ, e entre ellas a Irmãa Soror Leonor da Assumpçaõ (mimosa do Ceo em similhantes visoens, como já vimos no Capitulo passado, por sua grande singeleza, e candidez de espirito) vio esta que a mesma Madre Soror Filippa com alegre rosto, e em habito purissimo andava por todo o Coro chegando-se affavel ás Religiosas, como reconhecendo, e reparando no rosto de cada huma; e assim des-

desapparecera. Faleceo esta Madre em huma quinta feira 23. de Dezembro (dia sempre festivo na Casa, como consagrado ao Santissimo Sacramento, de que era devotissima) no anno de 1614.

Dous annos antes que a Madre Soror Filippa de Jesu Maria, faleceo a Madre Soror Victoria da Cruz; mas respeitando a precedencia das duas Preladas, e ser esta a unica subdita, que as acompanhou, falecendo nesta primeira Casa, a guardámos para os ultimos dias della. Foy a Madre Soror Victoria huma das primeiras Religiosas, que convidadas da nova refórma, trocaraõ por este Mosteiro os em que tinhaõ professado, em virtude da Patente, que o Mestre Frey Joaõ tinha para tirar das Casas da Ordem as Religiosas, que quizessem nesta abraçar todo o rigor da observancia. Professara esta Madre no Mosteiro da Annunciada, mas com espirito taõ ancioso de mayor estreiteza de vida, que sendo muito reformada aquella Casa, pedia a Deos que dispuzesse a fundaçaõ de alguma de mayor, e total refórma. Nestes desejos passava muitas vezes largas praticas com as Religiosas (assim o affirmaraõ estas ao Mestre Frey Joaõ) até que o Ceo lhe poz nas maons o que pedia, podendo charmarse fruto de suas oraçoens a esta Casa, ou entender, que aquelles desejos tiveraõ alguma cousa de profecia.

Alegre se passou á nova sepultura, e assim o andava com a experiencia daquelles rigores, e austeridades, que costumava dizer, que fora favor do Ceo naõ enlouquecer de alegria de ver satisfeita a sua ancia naquella Casa, e naquella vida. Era a sua huma oraçaõ, e meditaçaõ continuada, ou estivesse no Coro, ou fóra delle, porque naõ havia occupaçaõ, que lhe embaraçasse o subir por esta escada a buscar a presença de Deos, e o commercio dos bemaventurados. Esta era a sua mais commua doutrina, e esta praticava ás Noviças, sendo Subprioreza, e sua Mestra, lembrando-lhes que eraõ Serafins, que andavaõ diante de Deos, porque acodindo ás funçoens, a que as chamava a obediencia (ainda que estivessem no Coro, e ellas fossem do Mosteiro) sempre hiaõ de Deos para Deos; porque Deos obedecido, tambem era Deos buscado; e taõ destra andava neste santo commercio, que bastava a elevalla á contemplaçaõ do Ceo, todo o aceyo, que via no culto Divino, e concerto do Mosteiro. Assim era notavel a sua ancia, para que o houvesse em huma cousa, e outra.

Era a Madre Soror Victoria huma estampa viva da exacta observancia das Constituiçoens, que como estaõ escritas, se guardavaõ, e guardaõ nesta Casa; mas em algumas cousas parece que ainda as excedia. Na caridade, e no silencio mais que em tudo. O silencio taõ raro, que ainda nas horas, que o dispensava a Prelada, era rara a palavra, que se lhe ouvia, valendo-se talvez de acenos, se a obrigavaõ a reposta: só huma industria havia para a facilitar na pratica. Grande discipula de seu Patriarcha, que só com Deos, ou de Deos fallava.

lava. No mais só o preciso, e esse raro. Grande confusaõ para a soltura das linguas, despois de conhecer, que he verdade irrefragavel, que até huma palavra ociosa ha de ser julgada; e onde haõ de vir a Juizo as ociosas, que será das pezadas! Naõ se admire quem vio aquelles grandes espiritos, retirando-se, e escondendo-se pelas covas da Thebaida, e da Palestina, antes como féras, que como homens; que quando naõ fogissem mais que ás liberdades da lingua, naõ era pequeno triunfo ter desarmado taõ inevitavel inimigo.

Na caridade era tal o seu excesso, que sendo pobre por profissaõ, e em sua pessoa, ainda no Mosteiro da Annunciada, (onde podia ter alguma cousa como em deposito na cella) o mesmo era chegarlhe á maõ, que andar examinando a necessidade para empregalla nella. O mesmo lhe succedia com a mesma roupa do seu uso, ficando muitas vezes sem ella até na cama, e sofrendo, e expondose aos incommodos do Inverno, com o interesse de que alguma Religiosa naõ sentisse falta. A sua só a remediava a Prelada (chegando-lhe já tarde estes excessos á noticia) mas a poderes da obediencia, ou obrigando-a a que naõ désse o preciso, ou acodindo-lhe com elle, pelo ter dado.

Era devotissima de Nossa Senhora, e com singular affecto do mysterio de sua Assumpçaõ; assim pedia a Deos a levasse neste dia, fallando muitas vezes nisso, já com tanta certeza, como se tivera ouvido a reposta da sua supplica. Parece que mostrou o successo que assim fora. Chegava-se a Festa de Nosso Padre S. Domingos; resolveo-se a fazer huma confissaõ geral, com hum tal aparelho, e hum tal retiro, que causou reparo, ainda vendo-selhe cada dia em outras o mesmo. A' Vespera a acabou, e logo se sentio taõ mal, que a passaraõ á Enfermaria, mas com huma alegria taõ desusada, que nem lha moderavaõ as dores da molestia, repetindo muitas vezes com socego de espirito: *Seja Deos bemdito; que já naõ tenho mais que fazer.*

Parece que entendia fora aquella a preparaçaõ ultima para esperar confiada o Esposo, e passar venturosa ao thalamo. Descobrio-selhe pouco despois huma febre, que a privou do juizo, durando assim até o dia da Assumpçaõ, em que acabou como sempre suspirara, permittindo Deos por seus juizos occultos o estylo daquella morte, ou por naõ permittir que a sua serva sentisse os horrores della, ou para confundir o descuido dos peccadores, quando se vem aquelles assaltos ainda nos inculpaveis. Faleceo em huma sesta feira 15. de Agosto de 1612.

CAPITULO IX.

Fundaçaõ do novo Mosteiro, entrada das Religiosas nelle.

POr estarmos já no anno de 1612., em que se lançou a primeira pedra para a nova Casa do Sacramento, e por naõ havermos já de dar noticia das Religiosas do antigo, senaõ no de

de seu falecimento, he tempo de passarmos ás memorias do que precedeo á fundaçaõ, e da solemnidade della, apontando primeiro a Prelada, que se seguio na serie das que teve esta Recoleta. Falecida a Madre Soror Filippa de Jesu Maria, segunda Prioreza, começaraõ a correr voluntarios os votos para onde viaõ mais merecimentos (assim se procede nas eleiçoens, onde os respeitos particulares naõ conhecem mais centro, que o bem commum) Faziaõ-se grande lugar os da Condessa Fundadora a Madre Soror Joanna do Rosario, que pizando o Mundo, avultava tanto com elle debaixo dos pés, que a pezar de sua modestia, e humildade, se naõ podiaõ esconder as vantagens de sua virtude. Com a mesma velocidade, com que fugira ao Mundo, se avisinhara a Deos; e a quem assim tinha sobido, ainda lhe ficava inferior o lugar mais alto.

Assim interessado a buscava o de Prelada. Já resistira outra vez a esta bataria. Naõ a achava agora com menos constancia, reforçada com razoens, que entendia bastantes para a resistencia. Propunha, *que o seu retiro deixara dominios por abraçar sogeiçoens*; *e que era genero de arrependimento deixar estas*, *por abraçar aquelles*; *que escandalizaria ao Mundo*, *ver que deixando o governo de sua Casa*, *aceitava o da de Deos*, *como se as razoens de Fundadora foraõ a valia para esta melhora*; *que a naõ podia ter a Casa com huma Prelada*, *que passava a sello sem muitas experiencias de subdita. Finalmente*, *que era sem razaõ edificar a Deos a Casa*, *e deixarse ficar com o dominio della.*

Mas eraõ facilissimas de soltar as objecçoens; porque o ser Prelada, antes era ser escrava, que Senhora, porque esse he o estylo no governo, que desconhece o Mundo. Nem este, quando se conhecesse, deixaria de alcançar, que similhante dominio nem era herança, nem escolha, antes todo sogeiçaõ, abraçado com as da obediencia. Quanto á experiencia, ainda bastavaõ menos de subdita, porque nunca eraõ poucos os em que se contavaõ grangearias de muitos; que sacrificar a Deos a Casa, naõ era tanto, como sacrificarlhe a pessoa, e agora em melhorada victima, exposta aos golpes das opinioens da terra. Accrescentavaõ, que dando-se principio ao novo Mosteiro, necessitava de huma Prelada, que com o seu respeito fomentasse aquelle principio, inclinando os animos da nobreza a favorecer a obra. Mas naõ havendo razaõ, que convencesse sua humildade, recorreo o Vigario ás armas da obediencia, que saõ as de Prelado, com que facilmente se triunfa da legitima. Naõ houve mais contenda; callou, e sogeitouse Soror Joanna, com a consolaçaõ, de que naõ se resolvia ao cargo de Prelada, se naõ aceitando-o como subdita.

Elegida em Prelada, succedeo o que se tinha vaticinado; começaraõ as mayores qualidades do Reyno a bater naquella pobre porta, a buscar aquella humilde familia, ou já a acudir com o dispendio, ou já a accrescentar o numero (chegava já este a vinte e trez Religiosas) grande para aquella estreiteza,

teza, ainda acommodando-se com muita. Este descommodo deu calor á obra começada; mas vamos ao que precedeo a ella.

Como eraõ alugadas as casas, em que se principiou a refórma, e o Mestre Frey Joaõ (como pode crerse de seu espirito) lançava os olhos a dilatados augmentos della, creada a primeira Prioreza, os poz logo no lugar, em que hoje se vê a nova fundaçaõ, que he hum pedaço de terra espaçoso, e desafogado, que fica entre a Pampulha, e Alcantara, junto á estrada frequentadissima, que vay de Cascaes a Lisboa (rascunhado ficou já no fim da terceira Parte da Chronica, com todas as circunstancias, que podem desejarse para noticia, assim do sitio, como de ares. Aquelle o mais alegre, porque alteado, senhorea o rio, em que se alarga a vista até a fermosa prespectiva da barra, ou dá de rosto com os montes de Almada, que defronte a boa distancia sobem desde a praya, povoados de boas Quintas, e continua verdura; agora defendidos de fortes reductos, e bons muros, com que no anno de 1704. se fortificou, e ennobreceo a marinha de huma, e outra banda. Naõ he menos deliciosa vista a que se offerece da parte da terra, fresca, e viçosa das aguas saborosas, e cristalinas de dous celebres regatos (tem por berço, e nome os sitios da Pimenteira, e da Horta Navia) que juntos, e engrossados em pouco rio, correm entre Alcantara, e o Mosteiro, a buscar o mar pequeno tributo.

Este o sitio, que o Mestre Frey Joaõ, e pessoas de boa escolha destinaraõ para a nova fabrica; era Senhor delle Lourenço de Sousa, Aposentador môr do Reyno; offereceo-o ás Religiosas, celebrando contrato com ellas, assim de que alcançassem licença de Malta, a que era foreiro, como de que pagassem o foro, e se obrigassem a dar por huma vez quatro lugares na nova Casa a filhas, ou descendentes suas, com algumas condiçoens, que constaõ da Escritura, que em nome do Mosteiro fez o Mestre Frey Joaõ em 23. de Fevereiro de 1611. Alcançouse a licença do Principe do Piemonte Victorio Amadeo, Commendatario, e perpetuo Administrador do Priorado de Malta. Passou-se o foro a hum Casal, que comprou o Mosteiro; consta tudo de Escrituras, que estaõ no Cartorio, e naõ lançamos aqui, porque naõ escrevemos a alargar escritura, mas a dar noticia.

Feitas estas diligencias, determinou-se o dia de applicar a primeira maõ á obra, que foy a 7. de Janeiro do mesmo anno de 1612. Assistia na Corte Dom Frey Aleixo de Menezes, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, despois de o ter sido da Igreja de Goa, tambem Primacial da India, sogeito benemerito de hum, e outro cargo, pelas excellentes qualidades de virtude, e zelo, hombros, com que só póde ser Athlante de sua Igreja o Prelado. Pediraõ-lhe as Religiosas, que auctorizasse a funçaõ, lançando por suas maons a primeira pedra daquelle santo edificio; o que aceitou

tou, e poz em execuçaõ, com demostraçoens de gosto. Foy geral o de numerosos, e graves assistentes, assim das Religioens, como da nobreza, e Fidalguia da Corte. Levou a pedra gravada as letras seguintes:

Jesu Domini verè Filii Dei, in bonæ gratiæ Sacramento, vivo Pani immortalitatis alimoniæ, vitalis mortis symbolo, Divinique amoris monumento: pauperes Sorores Dominicanæ primitivæ observanciæ voto, domum in solo puro sacrant, & nuncupant, devotorum Comitum de Vimioso fundatam reditibus. Adsit quæ Deum capit, Virgoque edidit Altrix Rosarii, & mundi utriusque Domina, ter Beata Maria, una cum Sponso Joseph, & loci Patronis, servo Dominico, Virgineque Senensi, & cum tota cælitum aula numine propitio. Sacrat Illustrissimus Dominus D. Alexius Menesius, Orientis olim Ecclesiæ, & nunc Hispaniarum Primas, anno Domini milesimo, sexcentesimo decimosecundo, Januarii die septimo.

No nosso idioma valem o seguinte:

A' Divindade do Senhor Jesus, verdadeiro Filho de Deos, Divindade encuberta, e encerrada no Sacramento de boa graça; ao Paõ vivo, que he mantimento de immortalidade, symbolo da morte vital, penhor, e lembrança do Divino amor, as pobres Freiras de S. Domingos dedicaõ, e consagraõ esta Casa (com voto da primitiva observancia) em terra pura, e nova, de que saõ Fundadores com sua fazenda, e rendas os devotos Condes do Vimioso. Acuda-lhe com seu favor, e ajuda aquella Senhora, que em si recebeo a Deos, e o pario, ficando Virgem, Mãy do Rosario, Senhora de hum, e outro Mundo, mil vezes bemaventurada Maria. E acompanhem-na seu Esposo Joseph, e os Padroeiros naturaes da Ordem, seu servo Domingos, e a Virgem Santa Catharina de Sena, com toda a Corte Celestial. Faz o voto da Sagraçaõ o Illustrissimo Senhor D. Aleixo de Menezes, Primaz que foy da India Oriental, e agora o he das Hespanhas, em 7. dias de Janeiro, anno de 1612.

Lança-

Lançada a primeira pedra, começou a crescer o edificio, e foyse lançando hum Dormitorio de Nascente a Poente, em parallelo do rio, e boa distancia da praya, como ficou toda a obra, que correndo quadrada, dá lugar no meyo a bastante Claustro; só sobre o rio, e para a banda da barra, se abriraõ janellas. Da parte da estrada, em que se levantou em igual proporçaõ Casa de Noviças, altas, e pequenas frestas, ficando assim desafogo algum para a banda da terra, como hospedagem de quem fogia aos seus commercios até com a vista. Saõ capazes todas as officinas, ayrosas, e alegres as varandas, que cahem sobre o Claustro (nellas, como nelle, se abrem devotas, e aceadas Capellas) sendo centro deste hum curioso jardim de artificiosas murtas, que cercaõ huma pequena, mas bem lavrada fonte de branco marmore.

Coro proporcionado ao numero das Religiosas; sobre a porta, que entra para elle, se vê em hum nicho a Imagem do Divino Esposo, que com a maõ levantada lança a bençaõ a suas esposas, que entraõ a louvallo; e ao pé se vê a letra: *Sub umbra alarum tuarum protege nos*; como se ellas lhe estiveraõ dizendo: *Defendeinos, soberano Esposo, com vossa protecçaõ.* Sobre o antecoro se levantou huma casa, a que sóbe huma escada, que tem a indulgencia da Santa de Roma; sobese de joelhos para ganhalla. He a casa capaz de cinco cubiculos, que lavrados ao Nascente, naõ tem mais luz, que a da casa, em que ha huma janella para o mar, e a propria de pequenas frestas, que se abrem sobre a porta do Coro, de que se descobrem as duas Capellas, que saõ Callateraes á grade delle, e o Sacrario, que sobre ella guarda o Santissimo (exposto por singular indulto para as Religiosas em alguns dias festivos, e com tal disposiçaõ, que os Religiosos, que sobem ou para expollo, ou para renovallo, nem podem ver, nem serem vistos do Coro. Edificouse entaõ a Igreja de huma só nave, levantada tambem ao Nascente; cobrio-se de madeira; e com trez pequenos Altares, que se levantaraõ nella, ficou até o tempo da Vigairaria do Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, que a reedificou, e reduzio, com bem meditada idéa, á nova, e engraçada architectura, que hoje se vê, e se festeja entre as singulares de Lisboa. Naõ faltaremos a seu tempo á descripçaõ della.

Disposto já o Mosteiro em fórma, que podesse recolher as Religiosas, trasladaraõ a elle os ossos das que tinhaõ falecido na primeira Casa, dando-lhes jazigo na do Capitulo. Seguiose a esta diligencia a mudança. Eraõ 5. de Setembro de 16... quando as Religiosas, deixando com saudades aquelle sitio, e aos visinhos delle, metidas em coches (pela grande distancia do caminho, e debilidade, e descostume das que o haviaõ de pizar) se recolheraõ ao Mosteiro de Santo Alberto de Religiosas Carmelitas da primeira observancia, por ser o mais visinho á fundaçaõ nova. Foraõ recebidas as hospedas com *Te*

Deum laudamus ao entrar da Igreja, e logo na casa da Portaria, com santo, e caritativo alvoroço, e desculpas da Prelada, que as quizera hospedar na Clausura, a serlhe facil a licença do Prelado em taõ breve tempo. Naõ se esqueciaõ estas Madres da liberal hospedagem, que vindo de Castella, tinhaõ achado na Annunciada de Lisboa, Mosteiro Dominicano, em que estiveraõ até ter Mosteiro.

Naõ hiaõ as nossas peregrinas com curiosidade de ver outros, mas com ancia de sepultarse no seu: aceitaraõ agradecidas a desculpa, e huma refeiçaõ mais limpa, que larga, mais bem servida, que preparada, porque á contenda serviaõ as de dentro, querendo supprir nas vontades o que talvez faltaria nos pratos.

De tarde se ajuntaraõ as Communidades de S. Domingos de Lisboa, Bemfica, e Almada, e as dos Religiosos de S. Francisco de Lisboa, Xabregas, e dos Terceiros; o Arcebispo Dom Miguel de Castro (era entaõ Vice-Rey) com o seu Cabido; convidou o naõ só o ser tio da Fundadora, e de mais quatro Religiosas, mas o zelo de grande Pastor, e gosto de ver recolher áquelle estreito aprisco taõ santo rebanho. Ordenou-se a Procissaõ. Precediaõ ás Communidades os Religiosos de huma, e outra banda igualmente sem precedencias, fraternidade herdada de seus Patriarchas. Seguia-se o Cabido, logo o Arcebispo com o Sacramento debaixo de rico Pallio. Seguiaõ-se a elle de duas em duas as Religiosas, lançados grossos, e tapados veos sobre os rostos, amortalhadas, antes que vestidas, em tosco burel. Faziaõ-lhe lados os Religiosos mais graves de S. Domingos, defendidos hum, e outro de duas fileiras do melhor da nobreza; naõ obrigava o tumulto a menos cautela.

Tinha a novidade abalado a Corte (que amiga de novidades, com menos motivo rompe em mayor abalo) estreitou-se o mais escolhido della no caminho, que vay de S Alberto ao Mosteiro novo. O ornato das janellas, a innumeravel copia das melhores qualidades, de que estavaõ povoadas, eraõ digna demonstraçaõ daquelle espectaculo (e poucas vezes visto) de humas mulheres, que pizando as mayores estimaçoens da terra, hiaõ fogindo ao Mundo, sem lhe levarem mais alfaya, que huma mortalha, nem lhe pedirem mais vivenda, que huma sepultura. Assim eraõ pobres, e estreitas as das cellas do novo Mosteiro, que naõ serviraõ de menos edificaçaõ neste dia ao mais escolhido do Povo, a que estiveraõ patentes, trocando-lhe em confusaõ a curiosidade.

Recolhidas as Religiosas, experimentaraõ similhante falta á com que se viraõ ao entrar na primeira Clausura; sendo agora na segunda assaz miuda a providencia de quem lhes fez os provimentos do preciso para a Casa: porque ainda que a liberalidade, e devoçaõ de muitas Senhoras lhes tinha preparado o prato da cea, achavaõ-se sem luz alguma, e sem poder appellar se quer á pequena de hum rolo; assim se recolheraõ todas

ao

ao Coro, a dar graças ao Senhor, e consolarse com a vista da luz distante, e escassa de huma alampada, que allumiava ao Santissimo. Com esta desconsolaçaõ se viaõ já entrada a noite, quando ouvem tocar á Portaria, e vem despois entrar a Porteira com vinte e trez rolos (era o numero das Religiosas) esmola, que lhes fazia a Condessa do Basto. A falta, e o impossivel reparo della, deu valor ao presente, e motivo a ajuizar mais que humana a providencia, que a deixou remediada.

Assim parece, que o conheceraõ as novas habitadoras, que agradecidas a este favor, como ao de se verem em Casa propria, assim começaraõ a estreitar as obrigaçoens da observancia, como se a primeira Casa deixara que emendar na segunda. A oraçaõ mais continua, as disciplinas mais amiudadas, o jejum mais estreito, o silencio mais austero, como se na nova Clausura se lavrasse mais facil escada para sobir aos braços do seu Esposo; ventura, que muitas mereceraõ, apoucando a industrias rigorosas de penitencia os dias da vida. Mas naõ malquistando a esta os extremos de penitente (com que se divulgava na Corte) assim era appetecida, e finalmente abraçada, que em breve tempo cresceo o numero de Religiosas a trinta e cinco. Naõ podia receber mais a Casa; taxou-o o Colleitor Octavio Accorombono. Assim persiste até o presente, desde o primeiro de Julho de 1620. em que foy taxado. Mas ficando ainda irresoluto, que Religiosas seriaõ Conversas, e que Religiosas do Coro, determinou o Mestre Geral Frey Serafino Silo, que as cinco fossem Conversas, e as trinta de véo preto.

CAPITULO X.

Da Madre Soror Filippa do Santissimo Sacramento.

COmeçando a respirar na nova vida da Clausura os espiritos, que só para o Ceo tiveraõ vida, fica sendo nesta Casa a morgada a Madre Soror Filippa, como a que primeiro passou a lograr aquella immortal vida, que parecia herança nesta Casa. Chamava-se esta Madre no seculo Filippa de Lemos; foy natural de Lisboa; seus pays Joaõ Vaz Rebello, e Maria de Lemos, gente nobre, e taõ desvelada na boa criaçaõ de sua familia, que recolheo em Santa Catharina de Sena de Evora trez filhas, que antes lhe pediraõ este estado, que lhe obedeceraõ, tomando-o. Era huma dellas a Madre Soror Filippa, a quem naquella entrada parece que advertira o Ceo, que ainda que a destinara para aquelle habito, naõ o fizera para aquelle Mosteiro; antes mostrando-lhe (como em enigma) este da nova refórma, lhe deu por sobrenome o do Santissimo Sacramento, brazaõ, e titulo della.

Achava-se já (quando se recolheraõ as trez irmãas) em Santa Catharina a Madre Soror Filippa de Jesu Maria, e ainda secular; e contendendo as duas irmãas de Soror Filippa por se chamarem do Sacramento, acodio esta Madre, resolvendo com a

a sua auctoridade, que só Soror Filippa tivesse aquelle nome, ou fosse affeiçoar-selhe por sua humildade, e nativa singeleza (em que ás duas excedia) ou por se chamar tambem Filippa como ella, e querer naquelle nome, de que era devotissima, vêlla aventajada; ou (o que parece mais pio) como pessoa de tanto espirito (assim o era Soror Filippa de Jesu Maria) permittir o Ceo que com aquelle nome vaticinasse, ou dispuzesse como instrumento de superior providencia huma das grandes Fundadoras desta refórma.

Parece que se naõ escondia o mysterio a Soror Filippa, porque este soberano nome lhe começou assim a affeiçoar a vontade, que levada das suavidades delle, suspirava (ao ouvir fallar na fundaçaõ da nova Recoleta) o verse assim como mimosa do nome, filha da Casa delle. Mas era ainda Noviça, naturalmente encolhida, e acanhada, escondia no coraçaõ este desejo, como indigna na sua estimaçaõ de o ver cumprido; só na oraçaõ larga, e repetida, o propunha com lagrimas a seu Esposo, efficazes linguas, com que fallava seu espirito: naõ o eraõ menos as do seu procedimento, escutadas naquella Casa, em que agora se examinavaõ Fundadoras para a nova refórma. Ouvio o Senhor humas, fazendo, que se attendesse ás outras; porque pezando os Prelados os aventajados espiritos, que haviaõ de abrir caminho pelas asperezas da nova observancia, e tendo tantas experiencias da de Soror Filippa, ordenaraõ que acompanhasse as Fundadoras, como os que entendiaõ que na classe da refórma, onde o exemplo he doutrina muda, já saõ grandes mestras as que sabem ser grandes discipulas. Assim passou Soror Filippa á nova Recoleta, e levando-lhe em conta os mezes do noviciado de Evora, foy a primeira, que professou 'nesta Casa.

Parece que se lhe seguio novo espirito ao novo estado, e huma taõ segura resoluçaõ de a naõ atemorizarem as grandes pensoens delle, que o primeiro, de que fez sacrificio, foy o entendimento, porque ás luzes delle naõ parecessem disfórmes os dictames dos que na sua obediencia tinhaõ tomado posse da sua vontade. Assim se vio. Succedeo mandarlhe hum Prelado cousa repugnante á razaõ, e que as circunstancias faziaõ de todo impraticavel. Suspendeose Soror Filippa, advertindo algumas; mas voltando logo com animo socegado, accrescentou: *Padre, nada he o que disse; farey o que se me manda; e esteja Vossa Paternidade certo, que se me mandar lançar no mar, naõ haverá razaõ alguma, que me suspenda.*

O aceyo do culto Divino era seu quotidiano desvelo; com este emprego a achavaõ nas maõs o tempo, que lhe sobejava das obrigaçoens do Mosteiro. Era extremosa, mas geral a sua devoçaõ aos Santos; grande exemplo para convencer os abusos das que reduzem a devoçaõ a argumentos, disputando com estylo humano mayorias nos Justos, e abatendo huns para exaltar outros; indecencia naõ só praticada entre Religiosas, indignas deste nome, mas introduzi-

duzida temeraria, e nesciamente nos Pulpitos, dos que sobem a elle sem mais capacidade, que a confiança. Era Soror Filippa devota de todos os Santos, porque olhava para todos como triunfantes, e advogados; e sem se meter temerariamente em avaliar premios, lá deixava a decisaõ aos rayos do Sol de justiça, que communicando sua luz soberana, faz differir huma de outra estrella.

Em o dia de cada hum dos Santos punha em hum dos Altares do Coro a sua Imagem, ou suppria hum resisto a falta della, e com flores, e perfumes lhe assistia, e o venerava alegre, devota, compungida. Assim a occupavaõ as festividades da Rainha dos Anjos, de que que era devotissima. Roubavaõ-lhe os olhos, e os affectos as suas Imagens. Era Soror Filippa muy humilde; assim lhe arrebatava mais o coraçaõ aquella Senhora, que fez timbre de ser escrava, publicando que essa escravidaõ humilde a sobira ao throno de mais que humana magestade. Esta piedosa propensaõ lhe poz diante dos olhos huma Imagem da mesma Senhora, de pequena estatura, antiga, e quasi desfigurada com o tempo, tendo devido pouco ao artificio. Era a materia marfim, e tradiçaõ que a mandara a esta Casa Dom Frey Miguel Rangel, sendo Vigario Geral na nossa Congregaçaõ da India.

Estava entaõ esta Imagem no Capitulo, como esquecida da devoçaõ das Religiosas, occupadas em assistir a outras, que tinhaõ em bem ornadas Capellas. Aquelle desamparo, como a pequenez da Imagem, fez grande harmonia no coraçaõ da devota; offereceo-selhe por escrava. Alli eraõ os seus desvelos, alli todos seus cuidados, alli gastava o tempo, que roubava ao seu descanço em viva, e fervorosa oraçaõ, merecendo esta, como aquelle cuidado, singulares mercês, que (he tradiçaõ) recebera esta Madre da devota Imagem. Naõ se singularizaõ, porque ao tempo, que se examinava, e inquiria a vida da Madre Soror Filippa, eraõ já falecidas algumas Religiosas de grande opiniaõ, que o diziaõ, e testemunhavaõ.

Na oraçaõ era esta Madre continua: e o perpetuo silencio, em que andava sepultada, era bom indicio de que nem as occupaçoens do Mosteiro lhe embaraçavaõ aquelle exercicio Angelico. Daqui lhe nasciaõ fervorosos desejos de dar a vida por seu Esposo, comprando com seu sangue a coroa do martyrio. Assim se alegrava nas occasioens, que ou achaque, ou doença a obrigavaõ a sangria; ao ver correr o sangue, lembrada do que seu Esposo derramara, e do com que os Martyres responderaõ a essa fineza. Succedeo avisinharem-se á barra de Lisboa alguns navios de Turcos; assustouse o Povo com a noticia; só Soror Filippa parece que se alvoroçou com ella. Estranhava-lho outra Religiosa; e ella trocando-selhe o rosto de penitente, e palido em huma ascua de fogo, respondeo: *Madre, naõ hei de alegrarme? Naõ vê que pódem estes inimigos entrar para dentro, e nós, que somos aqui as primeiras, lograremos a felicidade do martyrio? A morte,*

e o

e o martyrio sempre atemorizaõ (tornou a outra Religiosa). *Pois Vossa Reverencia* (continuou Soror Filippa) *naõ havia de ter mais gosto, que temor? Digo-lhe que ajudando-me Deos, se eu merecera o martyrio, havia de olhar com grande alvoroço para o cutelo.*

Estas as lavaredas, que rompiaõ daquelle coraçaõ, mas naõ ficavaõ só os desafogos em palavras, recoria ás penitencias, a rigorosas disciplinas, achando no seu braço naõ menos cruel verdugo, nos seus golpes mais tyranno martyrio, quanto mais o he, o que conservando a vida, deixa em que continuar a pena. Abraçava gostosa as da penitencia regular; mas nas da voluntaria era taõ excessiva, que pareceo aos Confessores, e Prelados que entrasse a obediencia a tirarlhe da maõ a disciplina. Grande prudencia pede similhante resoluçaõ, porque nem sempre saõ acertados similhantes preceitos, devendo attenderse á capacidade dos espiritos, havendo talvez alguns, que já como livres das jurisdiçoens da carne, naõ escutaõ mais documentos, que os da vontade Divina, que parece os tem elevadado a outra esféra! Se naõ, que rigor mais impio na avaliaçaõ dos homens, que ferirse S. Domingos trez vezes em cada noite com huma cadea de ferro, onde se podia admirar, naõ a aspereza, e constancia dos golpes, mas que naquelle attenuado corpo houvesse sangue para elles! Huma Santa Catharina de Sena, huma Santa Rosa, sem largarem da maõ a disciplina, ou fazerem acçaõ, que a industrias da penitencia naõ fosse verdugo da vida! Conselho, e permissoens eraõ estas do Ceo, e daquelle Esposo, que as tratava domesticas, e as queria mais ajustadas. Naõ he logo sempre acertado o prohibir penitencias. Messaõ-se primeiro as capacidades do espirito, que podem, ou naõ abraçallas; e evitem-se só as indiscretas.

Naõ o podiaõ ser nunca as da Madre Sor Filippa; davalhe pena verse com as maons atadas, e as azas soltas. Soltas as azas do coraçaõ para buscar a Deos todas as horas como esposa; prezas as maons para naõ poder buscallo com os abrazados desafogos de mortificada. Mas remediou-o o Ceo. Veyo a esta Provincia o Mestre Geral da Ordem Frey Serafino Silo ao Capitulo Geral, que celebrou em S. Domingos de Lisboa; e visitando (como seu Prelado) este Mosteiro do Sacramento, achou Soror Filippa caminho para o seu socego, e desafogo, pedindo-lhe dispensaçaõ dos preceitos, que lhe tinhaõ posto Prelados inferiores; e impetrando licença (pertendida com repetida, e empenhada efficacia) para continuar as suas penitencias. Admirouse o grande Prelado de taõ pertendido indulto, quando saõ só favoraveis os que se pertendem de similhante Prelado: e ficou Soror Filippa com penitencia dobrada; porque, sendo esta licença concedida só de palavra, e publicos os preceitos, que tinha, para naõ alargar a penitencia, assim se andava furtando aos olhos de todas, como quem temia escandalizallas. Apertou o escrupulo com ella, declarou a licença.

A efte rigor ufado comfigo unia huma viva caridade, com que fe havia com o proximo. A falvaçaõ das almas era o continuo emprego de fua oraçaõ; aqui encaminhava todas as acçoens meritorias de fua vida. A huma taõ pura naõ haviaõ de faltar mimos do Ceo. Affim parece lhos concedeo o Senhor, tambem por aquelle eftylo, com que os faz aos mais mimofos, difpenfando com elles o conhecimento de futuros. Apontaremos hum cafo; e foy, que eftando efta Madre em oraçaõ no Capitulo (era efte o lugar, em que a coftumava ter) vio entrar por elle a Condeffa do Bafto com duas filhas nos braços, e chegando a certo lugar, defappareceo. Affuftoufe com a vifta, porque com os olhos vio aquella novidade, naõ como reprefentaçaõ; mas continuou no fanto exercicio, attribuindo aquella vifta á fraqueza della, e contando-o ás Religiofas com a mefma fingeleza; mas veyo tempo, em que pareceo profecia.

Paffado hum anno, faleceo a Condeffa do Bafto, mulher de Dom Diogo de Caftro; e mandando-fe fepultar no Capitulo defte Mofteiro, fe lhe abrio a cova no lugar em que tinha defapparecido. Paffou mais tempo, e faleceo fua filha Dona Paula Margarida de Tavora em Madrid, onde era Dama do Paço; e mandando que trouxeffem feu corpo a efte Reyno, e fe depofitaffe no Capitulo defte Mofteiro, fe poz o caixaõ fobre a fepultura da Condeffa fua mãy. Correo menos de hum anno, e faleceo nefta Cafa fua irmãa Soror Francifca da Encarnaçaõ. Mandoufe abrir a cova junto da mefma fepultura, e correo a terra de forte, que de duas fe fez huma, verificandofe a vifaõ de Soror Filippa.

Favores de mais eftima communicou o Senhor á fua ferva. Souberaõ-fe alguns, praticados por ella a feu Confeffor (era efte o Padre Frey Joaõ da Piedade, Religiofo devoto, e reformado, que defpois foy Bifpo da China). Perfeguia-a o efcrupulo de que feriaõ illufoens do demonio, e naõ favores do Ceo: taõ abatido era o conceito, que formava do pouco, que merecia! Achava-fe efta Madre gravemente enferma, pedio ás Religiofas que lhe trouxeffem para junto á cabeceira a Imagem de hum Crucifixo, e alli lha deixaffem para alivio, e companhia. Eraõ as dores intoleraveis: voltaraõ defpois as Religiofas; e cuidando achar a doente afflicta, como a tinhaõ deixado, a viraõ alegre, e contente, confeffando que era tal a fuavidade, que recebera da vifta, e vifinhança daquelle Senhor, que as ancias lhe eftavaõ parecendo delicias, as dores doçuras, fem mais defejo, que o de padecer mais; porque, figurando-felhe que aquellas dores tinhaõ fahido do Sacrofanto Lado daquelle Senhor, eftava com huma ancia de padecer taõ acceza, como o que abrazado da fede fufpira hum copo de agua fria. Era efta Imagem aquella, que a Madre Soror Ifabel de Jefus, Fundadora, e primeira Prioreza defta Cafa, trouxe de Santa Catharina de Sena, e de quem recebeo aquelle extraordinario favor, que efcrevemos em fua vida.

Rece-

Recebido já o Viatico, instava com grande ancia pela Santa Unçaõ, a noite precedente á sua morte. Naõ era esse o voto dos Medicos, que lhe alargavaõ mais a vida; mas ella tinha de melhor Medico noticia mais segura. Assim o devia de entender o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal, entaõ Vigario, que entrou a satisfazerlhe aquelle desejo; e perguntando-lhe antes de a ungir, se sentia de que se reconciliar, respondeo segura: *Que nenhuma outra cousa sentia mais que hum intensissimo desejo de ver a Deos, sendo taõ indigna de taõ unico bem. Mas que era tal esta ancia, que parece que a instantes a acabava.* Ditosa alma lutando com os desejos de Paulo, de desatarse, e estar com Christo! mas parece que adiantandose a Paulo em lhe apressar a morte esse desejo. No dia seguinte (foy em hum Domingo 13. de Dezembro de 1620.) passou a vêllo premiado, deixando as Religiosas com tantas saudades, como envejas.

Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo. Ad Philip. 1. n. 23.

CAPITULO XI.

Das Madres Soror Magdalena das Chagas, e Soror Barbara da Trindade.

GRandes indicios do que seria a Madre Soror Magdalena, se podiaõ tirar dos pays, que lhe deu o Ceo, sendo doutrina do mais verdadeiro Mestre, que de raizes Santas saõ Santos os ramos. Foy Soror Magdalena das Chagas (no seculo Dona Magdalena de Vilhena) filha de Francisco de Sousa Tavares, e de Dona Maria da Sylva, illustrissimos em sangue, igualmente em virtude. Naõ degenerou a boa filha do bom genio dos pays. Fermosa he a virtude, mas junta com a nobreza naõ ha igual harmonia. Esta bemquistou a Dona Magdalena para esposa pertendida. Casou primeiro com Dom Joaõ de Portugal, neto de Dom Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso. Passara Dom Joaõ á infelice campanha de Africa, onde confórme as noticias, que entaõ vieraõ a Dona Magdalena, morreo, acompanhando a ElRey Dom Sebastiaõ, como grande vassallo, e peleijando como Soldado valoroso.

Si radix Sancta, & rami. Paulo 11. ad Rom. 16.

Esta noticia deixou desembaraçada a Dona Magdalena para segundas bodas com Manoel de Sousa Coutinho, Fidalgo illustre, e dos bemquistos entendimentos daquella idade (que ainda naquella parece que naõ era odioso este nome). Viveo com elle alguns annos, até que se resolveraõ a fazer divorcio, tomando ambos o habito de S. Domingos; ella nesta Casa do Sacramento, elle na Recoleta de Bemfica; resoluçaõ, que abraçaraõ taõ despidos do Mundo, que nunca mais se viraõ em quanto viveraõ. Chamouse ella Soror Magdalena das Chagas, elle Frey Luiz de Sousa, taõ celebre pelos acertos desta resoluçaõ, como pelos de sua penna, acrédora de toda esta Provincia. Dos motivos deste divorcio deixamos já escrito em sua vida, no primeiro livro desta quarta Parte.

Recolhida Soror Magdalena á Clausura, nada lhe pareceo novo, mais que a exterioridade-

ridade do habito, e o obrar por preceito os mais dos santos exercicios, que em sua casa frequentava livre. Entre as Noviças fazia numero, taõ igual com ellas, que só a differençava a madureza, dizendo talvez no Coro os versos com Soror Barbara sua neta. Naõ podia parecer Noviça, mas já veterana naquella vida, quem entrara aquellas portas com tanto gosto, e tanto desengano; quem occupara o tempo em sua casa, furtando-se á assistencia de sua familia, para as escondidas paredes de hum Oratorio; quem tinha aberta a porta á necessidade do proximo, os ouvidos ás supplicas, e a maõ ás esmolas. Já livre (antes agora debaixo de ley) para os actos da contemplaçaõ, e da caridade, naõ esperou tempo para ganhar em ambas grande nome. Assim era continua na oraçaõ, assim continua em servir, sendo a primeira occupaçaõ, que lhe poz nas maons a obediencia, o ser enfermeira; passou-a o seu gosto, e o seu genio a escrava; tal era o fervor, e desvelo com que exercitava o officio. A igualdade, com que a achavaõ todas as doentes, lhe deu entre ellas o nome de mãy. Com este a chamavaõ, a este correspondia.

No trato, nas palavras taõ humilde, como se lhe esquecera, naõ só o dominio de sua casa, e familia, mas todo o commercio, e parentesco, que tivera, e tinha com o melhor da nobreza. Assim sogeita, assim sofrida, que nenhuma reprehensaõ, por aspera, ou palavra, por desarrezoada, lhe pode nunca alterar a brandura. Grangeoulhe algumas doenças a mudança de estado, acharaõ-na com invencivel sofrimento; mais que tudo raro, o com que se accommodava á extrema pobreza religiosa, abraçando com igual constancia as obrigaçoens, e os descommodos daquella vida. Naõ lhe durou ella na Clausura mais que oito annos; mas tam bem aproveitados, como o deu a conhecer a conformidade, com que recebeo o desengano da sua morte, taõ placida, como ensayada naquella vida. Recebidos com pias demonstraçoens os Sacramentos, passou a lograr a eterna, em dia de Santo Thomaz, 7. de Março de 1621.

Ainda que a Madre Sor Barbara da Trindade faleceo muitos annos despois, naõ parecerá desarrezoado admittirmos ao parentesco o privilegio de anticipar a noticia de sua vida, acompanhando-a de huma taõ grande parenta. Era a Madre Sor Barbara filha de Dom Lopo de Almeida, e de Dona Joanna de Portugal. Foy esta filha de Dona Magdalena, de que acabamos de escrever, e passamos á vida de Sor Barbara como neta sua. De pequena começou a pizar o caminho da virtude, tendo por ensino, e por exemplo a piedade dos pays, que entendendo o bem, que lhe negoceavaõ a melhor vida, a recolheraõ por pupila nesta Casa. De sete annos entrou nella, acompanhando a Sor Magdalena sua avó, e em breve desmentio os poucos annos com a muita capacidade. Já lhe naõ sabiaõ o nome de pupila, vendo-a occupada nas obrigaçoens de Freira.

Tinha boa voz, e natural

viveza, com que se capacitou em pouco tempo nas ceremonias do ordinario, e cousas pertencentes ao Officio Divino. Já as Noviças a reconheciaõ Mestra; como tal governou despois alguns annos o Coro. Cresceo com ella hum piedoso affecto, e devoçaõ ao Rosario, que com grandes lucros de sua alma conservou toda a vida. Nos mais exercicios imitava, e talvez excedia as mesmas Religiosas. Exacta na observancia do silencio, ninguem, especialmente de manhãa, lhe pode ouvir palavra sem licença de sua Mestra. Dava-se á liçaõ de livros devotos, e com mayor applicaçaõ aos que tratavaõ da Paixaõ de Christo, que ella suspirava Esposo; contemplando já naquelles verdes annos com tanta madureza as circunstancias, com que crucificaraõ ao Senhor no Lenho, as dores, que sentiria, arvorando-se este no Calvario, que com compassiva ternura desfazia o coraçaõ em lagrimas, e taõ sequiosa dellas, como se via na continuaçaõ com que meditava.

Naõ se contentava com sentir, quizera tambem padecer; assim applicava a esta contemplaçaõ muitas mortificaçoens, e pedia á sua Mestra azevre, e fel, que trazia na boca á sesta feira. Em algumas era servido o Senhor de a illustrar, e parecia-lhe que via tudo o que passou naquelle lastimoso acto; que via o Senhor banhado em sangue, cuberto de agonias, rodeado de ancias, levantando a enfraquecida voz ao Pay, e entregando-lhe finalmente nas maons o espirito; a magoa da Mãy affligida; a dor do Discipulo amante; as vozes do Povo impio, e rebelde, tudo representado com tanta viveza, que banhada em lagrimas compassivas, ficava como amortecida. Confissaõ foy de pessoa fidedigna, com quem fallava em materias de espirito com confiança, naquella idade, e despois de crescida.

Já professa, parecialhe que lhe accrescia nova obrigaçaõ á observancia das asperezas da Casa; entregouse a novas penitencias, jejuns, cilicios, e disciplinas; tudo lhe parecia nada com as penalidades, que trazia continuamente no pensamento, vendo a seu Esposo cravado em hum Lenho; espectaculo, de que toda sua vida naõ tirou os olhos da alma, e com que naõ enxugou nunca os do corpo. De poucos annos a elegeraõ Mestra de Noviças, e grande Mestra, porque ensinava o que seguia. Adiantavase o exemplo á palavra, minoravase o preceito na companhia, e assim a obedeciaõ Prelada, como as que a experimentavaõ companheira; assim as trazia fervorosas, assim consoladas.

O rigor das penitencias a prostrou muitas vezes, e taõ sofrida era nas doenças: como austera em naõ temer causallas. Repartia o tempo de orar entre a oraçaõ mental, e vocal, porque todos os dias entoava o Rosario, furtando-se muitas vezes a hora (do pouco, que tomara para descanço) por naõ faltar a este proveitoso exercicio, quando as obrigaçoens da Communidade lhe estreitavaõ o tempo; que assim lhe succedia sempre, por seu grande prestimo. Poucos dias antes de

ſua morte; eſtando já proſtrada; pedia a huma Religioſa que a acompanhaſſe, e que ambas rezaſſem o Roſario; e dizendolhe a Religioſa que ſocegaſſe, que já naõ podia com aquelle trabalho, reſpondeo: *Antes, Madre, eſte he o unico arrimo, que tenho para a hora de minha morte*; e logo o rezou.

Para a certeza della teve dous aviſos. Entrava huma vez, antes da ultima doença, no Coro; vio nelle huma Religioſa; deſconheceo-a; chegouſe a ella, deſapparecerlhe, e o meſmo foy deſappareceolhe; que entender, que eſtava viſinha ſua morte. Com eſta certeza, de que eſtava convencida, começou de prepararſe, confeſſando-ſe geralmente. Paſſouſe logo a huma vida totalmente retirada, até deſſe pouco commercio das Religioſas. Accreſceraõ-lhe achaques; entendeoſe que de novas penitencias; mas andava de pé, acodindo a todas as Communidades. Entrava huma vez com ella para o Coro, a cantar a Ladainha de Noſſa Senhora, quando ouvio clara, e diſtincta huma voz, que lhe dizia: *Deſta has de morrer*. Com eſta noticia foy mayor o fervor de ſua alma; com mais ſuavidade cantou a Ladainha, affinando como Ciſne os ultimos accentos, naõ em ſaudoſas deſpedidas da vida, mas em vivos alvoroços de melhoralla.

No dia ſeguinte cahio enferma, e de doença taõ penoſa, que movia juntamente a laſtima vêlla ſentir, como a edificaçaõ vêlla ſofrer. Recebeo os Sacramentos com juizo inteiro, e ſuavidade de eſpirito; e ſem fazer acçaõ, que pareceſſe termo de morte, paſſou a melhor vida, ficando-lhe hum roſto bem aſſombrado, e riſonho, que enxugando as lagrimas á pena, as trocava em outras de alegria. Com ellas nos olhos levantavaõ as Religioſas as maons ao Ceo, ſentindo piamente que de lá deſciaõ os reflexos da bemaventurança a ferir nas palidezes daquella ſombra. Faleceo em huma quarta feira, 19. de Novembro de 1642. de idade de trinta e ſeis annos.

CAPITULO XII.

Da Madre Soror Margarida do Santiſſimo Sacramento.

PArece que competiaõ neſta venturoſa Caſa a graça, e a natureza, povoando-a huma, e outra de ſogeitos heroicos em virtude, e qualificados em nobreza; reflexaõ, que fez algum bom juizo, olhando para os Clauſtros Dominicanos, onde eſcaſſamente ſe achava Gigante na virtude, que o naõ foſſe tambem nas prendas do ſangue. Aſſim provou ſempre eſte bem, quando buſcou hum Pay, que unio em ſi excellentemente huma, e outra qualidade. Seja agora boa prova (ou continuada) Sor Margarida, onde ſe achou huma, e outra. No ſeculo ſe chamou Dona Margarida de Menezes, filha de Dom Fradique de Menezes (da Caſa dos Condes de Cantanhede, e Marquezes de Marialva, illuſtre, como venerada em Portugal, e Caſtella) e de Dona Iſabel Henriques, Senhora, em que ſe viraõ competir as prendas naturaes com a qualidade do naſcimento; aſſim eraõ aquel-

las grandes, assim este illustre. Com este parece que herdou tambem aquellas sua filha Dona Margarida, nascendo com tanto extremo fermosa, que entre as primeiras mantilhas naõ foy só o emprego da admiraçaõ, mas de piedosos vaticinios, que a destinavaõ toda ao Ceo, como peregrina na terra; naõ sendo de menos ponderaçaõ o do Padre Frey Gaspar do Rosario, Religioso de S. Domingos, pessoa de grande reputaçaõ em virtude, e Confessor de Dona Isabel, que vendo a menina a poucas horas de nascida, pedio a sua māy lhe puzesse por nome Innocencia, para indicio da muita, que haveria em sua alma; e ainda que entaõ o naõ indicou o nome, disse-o despois a experiencia.

Cresceo; e já nos primeiros annos o hia confirmando na devota inclinaçaõ ás cousas de Deos, com tanta, e taõ continua applicaçaõ a ellas, e esquecimento de tudo o mais, como se renunciara a propensaõ dos poucos annos. Continua na oraçaõ, na veneraçaõ, e particulares devoçoens das Imagens; mas no meyo destes santos exercicios com huma notavel esquivança ao dizeremlhe que se criava para Freira; e assim foy mayor caso, que contando já dez annos, e succedendo ouvir praticar a sua irmãa mais velha a resoluçaõ, que tomava de ser Freira na Madre de Deos em Lisboa, sentio em si hum abalo taõ vehemente, que (segurava-o ella mesma já Religiosa) lhe ferira o coraçaõ, inclinando-a com hum vivo desasocego áquelle estado, e com taõ seguros propositos, que costumava dizer: *Que aquella fora a hora da sua conversaõ.* Deste dia fez sempre singular memoria, dando nelle a Deos graças com demonstraçoens alegres, e agradecidas.

Já crescia com ella a estimaçaõ do tosco sayal Capucho, de que tinha noticia, assentando comsigo, e praticando publicamente, que naõ abraçaria outra vida mais, que a Clausura da mais estreita Recoleta. Com esta resoluçaõ lhe crescia fervorosamente o amor á pobreza, sem haver cousa, que chegasse ás maons da sua diligencia, e da sua industria, que naõ passasse logo ás dos pobres. Pareceolhe pouco o que lhe naõ custava mais que diligencias; meteo os pobres de partilhas na porçaõ, que na mesa tinha nome de sua, e sempre era menor a que deixava, que a que repartia. Porém naõ podendo ser grande ainda toda, sem duvida a multiplicava o Ceo, porque com aquelle pouco soccorria a muitos.

Foy cousa notavel, que assistindo commummente com algumas criadas em huma torre alta, que havia nas casas, lá ouvia a voz do pobre, que pedia embaixo na sala, naõ succedendo o mesmo a quem estava com ella, e parecendo impossivel pela distancia. Entaõ descia ligeira, e alvoroçada, e lhe dava esmola. Havia em casa huma criada (com o achaque, de que adoecem todas, e convalecem raras) que em sabendo que Dona Margarida tinha provisaõ para os pobres, fingida, e dissimulada, pedia na sala, chorando huma māy velha, entrevada, e faminta: com este engano

no roubava á innocente caritativa o que grangeara para a verdadeira pobreza; e repetindo-o muitas vezes, naõ cahio nelle nenhuma a verdadeira esmoler, porque naõ costumava olhar para os rostos envergonhados, mas para as maons vasias dos pobres; senaõ era, que corria cega áquelle santo exercicio, porque lhe davaõ nos olhos os resplandores da caridade, que lhe sahiaõ do peito.

Naõ lançavaõ de si menos luzes as lavaredas, que se ateavaõ nelle, de se ver esposa daquelle Deos, que he fogo, que suavemente consome. Já começava de alvoroçarse para esta felicidade, porque passava com sua mãy para a Cidade de Lisboa, e tinha havia tempos os olhos na Recoleta da Madre de Deos, em que contava amigas, e parentas, que a suspiravaõ companheira; mas seu grande espirito, e partes já davaõ mayor brado, acompanhada da resoluçaõ, com que vinha, de sepultarse em huma Recoleta. Em todas, as que havia na Corte, começaraõ a avivarse os desejos de a recolher nos seus Claustros; mas era mayor o santo commercio, que tinha com a do Sacramento, como Casa Dominicana, por ter Dona Margarida já dous irmaons com o habito desta Familia.

Resolveose em acompanhallos na escolha, por mais que a fizera (estando ainda no Porto) do Mosteiro da Madre de Deos. Mas estava nelle cheyo o numero das Religiosas; e ainda que em Roma se pertendia já a dispensa para a receberem extranumeraria, naõ admittia dilaçoens hum desejo, que era fogo, e havia de consumir a constancia, em quanto se naõ desafogasse na resoluçaõ. Achava-se já com dezasete annos, e entendia que em vida taõ breve, onde se naõ segura hum instante, já seriaõ menos os que désse ao Ceo, que os que tinha gasto com o Mundo; como se fora gastallos com o Mundo, terse servido delle só no domicilio. Assentou em vestir a mortalha Dominicana nesta Casa; mas sendo seus parentes os que tinhaõ impugnado a fundaçaõ della, começaraõ os embaraços a assustarlhe os alvoroços, mas naõ os desejos; porque a pezar das grandes batarias do inimigo commum, já do desgosto dos parentes, já dos rigores da Casa, já do desamparo de sua mãy (que naõ tinha mais que a ella) assentou comsigo que nas difficuldades lhe queria o Ceo accrescentar o triunfo, e que seria ingratidaõ naõ agradecer ao Ceo nas resoluçoens o que lhe grangeava nos embaraços.

Tinha vindo algumas vezes a esta Casa do Sacramento, como aquella, a que tinha, e em que achava o mayor agrado, sendo o reformado della o mayor para o seu genio; mandou pedir grade, em que queria fallar á Prelada, e pedio-a com tanta instancia, que suspeitaraõ as Religiosas que sem duvida era mais que visita. Pedia a licença para huma Vespera do Rosario. Acompanhou-a a mãy, vencida de rogos, e da devoçaõ, que tinha ao Mosteiro; mas bem fóra da magoa de tornar para casa sem companhia. Dispoz Dona Margarida tudo de sorte, que estando na Igreja

ja com sua mãy, acabadas Vesperas, lhe desappareceo de diante dos olhos; e abrindo-selhe a Portaria, se passou aos braços daquella alvoroçada, e santa companhia, com tanto gosto, que por ser o mayor de sua vida, lho quiz o Ceo contrapezar com o sentimento de ver a sua mãy entrada em hum desmayo, e logo cuberta de lagrimas, e formando queixas nascidas estas do engano, que se lhe fizera, aquellas do desamparo em que ficava. Quiz a filha enxugar humas, e satisfazer outras; esteve com a mãy no Locutorio; seguiraõ-se ás meiguices muitas razoens cheas de grande espirito; mas nem a mãy se consolava, nem a filha se movia; porque a filha olhava para o seu acerto, a mãy para o seu desamparo, ou porque esta obedecia á natureza, aquella ao Ceo.

Oito dias retardou Dona Margarida o noviciado, dando á mãy o alivio de a ver em hum Locutorio, e deixando ao costume do tempo o vêlla com mais alivio: mas naõ estava entaõ ociosa, por mostrar que naõ era irresoluçaõ a detença. No Coro acompanhava as Religiosas. Na oraçaõ, e contemplaçaõ parece que as excedia, porque ainda gastava com Deos o que ellas nas occupaçoens da Casa. De noite contrapezava o naõ hir a Matinas, com disciplinas rigorosas. Assim, ainda secular, era já Noviça; ainda Noviça, huma das Religiosas mais consummadas da Casa. Parece que o prova o que diremos. Eraõ passados dez mezes de noviciado, chamaraõ as Vogaes, para a porem a votos, como he costume. Era pratica sua confessarse indigna de companhia taõ santa; assim deu a entender o abalo, e susto com que ouvio chamar a conselho. Retirase a huma Capella, lança-se por terra, ergue os olhos, e as maons ao Ceo, pedindo a Deos que a naõ exclua daquelle ditoso rebanho, como incapaz de fazer nelle numero. Atraz das vozes do coraçaõ, sobio o espirito; assim ficou extatica, naõ só o tempo, que durou a funçaõ dos votos, mas ainda despois de chegarem a ella as Religiosas, a segurarlhe, que estava aceita. Julgaraõ o silencio, e immobilidade por encolhimento natural, como sabiaõ o como era callada, e humilde; mas soube-se dahi a dias, que era mais mysterioso o silencio, quando inconsideradamente confessou, que naõ ouvira cousa alguma do que se lhe dissera. Sem duvida se applicaraõ os sentidos de sua alma a escutar de mais superior esféra as noticias da sua ventura. Esta era Sor Catharina, quando Noviça.

Mas naõ permittio o Divino Esposo, a que esperava dar a maõ, que fosse só o noviciado da Religiaõ, o que a dispuzesse para aquella felicidade; em outro noviciado a quiz approvar o Ceo no sofrimento, e paciencia com que abraçou huma cruel doença, entendendo, que era mimo daquella maõ, que lhe promettia o Esposo. Assim naõ só sofria, mas festejava as dores, sem que o rigor dellas lhe embaraçasse as horas de oraçaõ, em que sentia tal suavidade, que naõ havia molestia, que lhe naõ esquecesse.

ſe. Apertavaõ-na rigoroſas ſedes; e recorrendo á oraçaõ, em que ſe ſuſpendia, parecia-lhe muitas vezes que o Senhor a recreava com ſua preſença, permittindo que com os ſequioſos beiços chegaſſe ao Sacroſanto Lado, e com tanta conſolaçaõ, e doçura de eſpirito, que no meſmo inſtante lhe paſſava a ſede, ficando-lhe ſó a de repetir aquella ſuavidade.

Continuava o embaraço da doença (eraõ humas crueis quartans) e prendia-a no leito em certo dia, que commungavaõ as Noviças. Entrouſe de huma vehemente magoa, ou ſanto ciume, e inveja daquelle unico bem, que ſe lhe difficultava; e diſſe ao Senhor com hum ſuſpiro ſahido da alma: *Ha! Senhor, que ahi vos eſtais regalando com eſſas voſſas ſervas; e ſó a mim, como indigna, me repudiais, pois aqui me prendeis paralytica, para que vos naõ receba!* Logo lhe pareceo, que eſcutava ao Senhor, que brandamente lhe dizia: *Para que dizes iſſo, ſe ſabes que te amo?* Seguio-ſelhe huma doçura de eſpirito, que (derretendolhe o coraçaõ em lagrimas) lhe parecia que era a com que ſempre commungava.

Em huma terceira Dominga (em que ſe coſtumava expor o Senhor neſta Caſa) durava-lhe ainda a prizaõ da doença, e naquelle dia com huma accendida febre, que a tinha proſtrada. Aggravava-ſelhe com a dor de naõ poder ſe quer ter ſocego para contemplar naquella ſoberana iguaria, já que com os olhos mortaes naõ podia vêlla. Pedio ao Senhor, que já que lhe naõ permittia aquella viſta, lhe reſervaſſe o deſaſocego da febre para outra hora, porque o queria contemplar naquella. Sentio logo em ſi hum taõ grande ſocego de eſpirito, como ſe foraõ alheas as affliçoens do corpo. Levantouſe; e com admiraçaõ das que ſabiaõ o eſtado, em que havia pouco a deixavaõ, aſſiſtio no Coro á Miſſa, e Sermaõ, até ſe recolher o Senhor.

Chegava o dia de ſua Profiſſaõ; determinou a Prelada que foſſe naquelle, em que o achaque a deixava livre, ſem que mais ſe lhe dilataſſe, porque era tal a ſua ancia, que entendiaõ que a convaleceria o goſto de Profeſſa. O conceito, que Sor Margarida ſe tinha grangeado, encheo todo o Moſteiro de alvoroço, armando-ſe as Capellas com devotas figuras, em que ſe repreſentavaõ alguns Paſſos dos Cantares, em que melhor ſe exprimem os Divinos deſpoſorios. Tudo convidava a devoçaõ, e ſanta, e eſpiritual alegria. Moſtravaõ-lhe tudo; e a nada do que ſe lhe dizia, ou ſe lhe moſtrava, dava acordo; aſſim eſtava abſorta naquelle bem, que via já proximo, e a que ſempre levantou medroſa os olhos do merecimento humano. Aſſim ſuſpendida, e como alhea (como a que em nada era já ſua por aquella ditoſa entrega) chegou aos pés da Prelada; e ao pôr as maons no livro das Profiſſoens, lhe pareceo que alli eſtavaõ as de ſeu Eſpoſo, e que como tal lha dava, e ao inclinarſe, hum amoroſo abraço; tudo taõ vivamente, que nunca mais lhe ſahio da memoria, e menos do entendimento, hum conceito

firme,

firme, e seguro de que aquelle acto fora a Deos aceito, e hum real, e legitimo desposorio.

Desta viva, e continuada contemplaçaõ lhe nascia hum tal despego da materialidade do corpo, que vivia como esquecida de que ainda era peregrina na terra, levandolhe o mais do tempo a doce lembrança daquella hora em que se desposara, ainda que lhe contrapezava o Senhor estas consolaçoens com a continuaçaõ de achaques, repetidas dores, e pezar vivo de se ver sem saude, e forças para servir, e se atormentar. Mas antes que passemos a mayores noticias, ou para que melhor demos todas desta verdadeiramente extatica Madre, recopilaremos sua vida (como no la deixou expressa da sua mesma penna, tanto para edificaçaõ, como para doutrina, naõ fiando o Ceo tanto voo de outra, que naõ fosse a sua) Achouse em hum papel de sua letra, fizera-o sendo Noviça, com documentos para occupar com lucros, e melhoras de sua alma todas as horas do dia. Como os escreveo, os observava, e observou toda sua vida. Dizia assim fallando comsigo:

Pela manhãa em acordando, lembrarme, que começa o dia, e desejar gastallo todo em serviço de Deos: e para bom principio procuro fazer as cousas melhor, que até alli. Até Prima gasto nestes propositos, pedindo a Deos graça para os pôr por obra. Despois de Prima, procuro aproveitar o tempo da oraçaõ, representando a Deos diante. Quando sahir do Coro, pedindo licença, e favor a Deos, e procurando chegar até casa de Noviças, occupar o tempo em saudades suas; e para as aliviar, naõ sahir nunca de sua Divina presença, imaginando no passo em que aquelle dia tive oraçaõ; e para tudo, o que me mandarem, estar muy prompta. Se ensinar as outras Noviças, lembrarme, quanto mais necessidade tenho eu de aprender, e assim fazello com humildade, e caridade. Se aprender, hir com gosto para louvar a Deos. Se for para o Oratorio, agradecer a Nosso Senhor, querer, que esteja diante delle. Tangendo o sino para as horas, alvoroçar a alma para hir louvar a Deos, indo até o Coro, dando-lhe graças por este soberano officio, que me deu. Em entrando no Coro, pedir devoçaõ para estar nelle. Na Missa ter consideraçaõ dos peccados passados, pedir misericordia, dar graças por beneficios recebidos, encomendar a Nosso Senhor a sua Igreja, renovar os bons propositos, e offerecimentos. Quando for á mesa, queixarme a Deos de ser forçado sustentar o corpo; desejar ter muita mortificaçaõ, e escusar tudo o que naõ for necessario. Na mesa cuidar no fel, e vinagre, ou no dia em que se deu. Em acabando dar graças, e hir logo ajudar a lavar a louça, com contentamento de servir. Despois hir para casa de Noviças, fallar com as companheiras, porque mo mandaõ; pedindo a Deos seu favor, para o naõ offender em alguma palavra, procurando que a pratica seja delle; as palavras poucas, sem profia, e baixas, e menos diante da Madre Mestra, desejando sempre o recolhimento. Tangendo, hir para a cella prepararme para a oraçaõ de Noa, com o exame de consciencia, liçaõ para a ora-

a oraçaõ, meditaçaõ, o Passo do dia, peccados passados, e ruim vida presente, procurando até Vespera conservar a devoçaõ, sentindo muito neste tempo ter alivio em alguma cousa, pois he taõ proprio para sentir os trabalhos de Christo. Despois de Vespera tornar para casa, procurando naõ sahir nunca da presença de Deos, e para isso usar muitas jaculatorias. A' cea, ou colaçaõ as consideraçoens do jantar, desejando, que se acabe, para hir para o Coro, e procurar de estar entaõ com devoçaõ, por ser a derradeira hora do dia. Recolherme fazendo primeiro exame, e sentindo haver de gastar o tempo em dormir sem louvar a Deos. Pedir ao Anjo da Guarda, que o faça por mim. Pedir perdaõ, licença, e favor a Deos. Ao despir lembrarme, que em casa de Pilatos tiraraõ seus vestidos ao Senhor, e despois de Matinas, quando com mayor dor no monte Calvario lhe fizeraõ o mesmo. Deitarme considerando como estenderaõ o Senhor na Cruz, e ao levantar, quando o levantaraõ nella. Dormir com as maons cruzadas.

A esta repartiçaõ de dia, que trazia decorada, e cumpria á risca, naõ deixando instante livre ao pensamento, para poder deter os voos do espirito, ou tropeçar nas fraquezas de humano, ajuntou outro papel, escrito tambem de sua letra que se lhe achou, a que chamava *Propositos*, e se soube, que escritos, e exercitados com resoluçaõ de os naõ quebrar em sua vida. Dizia assim o papel.

Propositos, que determino cumprir com o favor de Deos. Lellos todas as semanas. Rezar todos os dias pelo menos hum Terço do Rosario com devoçaõ, e de joelhos. Fazer todos os dias exame de consciencia. Naõ passar nenhum, em que me naõ mortifique em alguma cousa. Quando me recolher, ler a meditaçaõ do outro dia, e ter alguma consideraçaõ quando me deitar, lembrando-me logo pela manhãa de Deos. Naõ dizer palavras em meu louvor, nem de queixa, nem de desconfiança. Trazer os olhos sempre baixos; naõ fazer nada sem conselho. Nem fallando, nem escrevendo, dizer palavras, que mostrem curiosidade. Encomendar todas as semanas a Nosso Senhor todas as cousas, que nos mandaõ em Capitulo, e as pessoas, que me reprehenderem, ou aggravarem. Naõ me desculpar. Fazer o que me pedirem com muito boa vontade. Naõ fallar com minha Mestra por gosto proprio, senaõ por necessidade, e pertender na pratica sò o mayor serviço de Deos, e aproveitamento de minha alma. Naõ me rir das faltas alheas. Gastar bem o tempo, que leva o Officio Divino, procurando estar nelle com attençaõ, e recolhimento interior.

Estes os propositos, que inviolavelmente observava Sor Margarida; aquella a repartiçaõ de tempo, com que o aproveitava todo; e assim se deixa ver, que era sua vida huma oraçaõ continuada, pois naõ havia instante, que naõ occupasse contemplativa. Naõ foy esta a sua mayor occupaçaõ recolhida nos Claustros; já o tinha sido, vivendo ainda em sua casa, onde madrugava para o Oratorio, e nelle gastava quasi todo o dia. Passando sua mãy a viver em Lisboa (como despois dizia, e chorava) naõ foy algum tempo neste exercicio taõ continua por buscada, e tratada de algumas Senhoras parentas; mas tanto do genio, e criaçaõ de Soror Margarida, que bem podia naõ lamentar de mal gasto aquelle tempo, em que só se tratava de como se havia de occupar bem, seguindo-se a este santo commercio o povoarem-se algumas recoletas dos espiritos, que o fomentavaõ.

Abrazava-se no amor daquelle mysterio, que he por anthonomasia de amor. Já em os primeiros annos eraõ fervorosos os mesmos desejos; porque sobindose a hum lugar alto de sua casa, corria com os olhos, e com o coraçaõ as Igrejas, que dalli descobria, venerando-as como sagrados celeiros, que guardavaõ o Paõ dos Anjos. Diante delle exposto ficava taõ alienada, e esquecida, que era necessario advertilla, e comporlhe o manto, quem estivesse com ella. Em levantando os olhos, e os pensamentos para o adorar, seguiase-lhe á suspensaõ o atearselhe o coraçaõ em vivas lavaredas, a estas o desafogo das lagrimas, e taõ ardentes, como faiscas do coraçaõ; testemunhavaõ-no seus olhos nunca enxutos, por mais que sempre abrazados. Já no Mosteiro (onde para estes santos empregos tinha liberdade, e commodo) naõ lhe parecia, que descançava, senaõ no Coro, e á vista do Sacrario, continuando este exercicio com tanto lucro, que o mesmo era porse de joelhos, que esquecerse de todas as pensoens do corpo, sem mais memoria, que aquella em que seu Esposo se deixara.

No meyo destas contemplaçoens negava-lhe o Senhor aquelle fervor, com que a toda a hora se queria transformar nelle, illustrando-a com soberana luz. Huma noite de Natal, ouvindo cantar na Missa o *Gloria in excelsis Deo*, e contemplando, que os Anjos entoaraõ aquelle Cantico a hum Menino Deos, que por sua vontade vinha á terra a trazer a verdadeira paz à sua alma, assim se elevou, que naõ soube, nem deu acordo se se cantaraõ Laudes, parecendo-lhe só, que tinha dentro em si aquelle Deos, que para naõ estranhar a sua visinhança, tomara sua mesma natureza.

Cantava Completas em huma Dominga de Ramos, quando levantando a Deos o pensamento, se sentio interiormente levantar sobre si, pondo-se diante da Santissima Trindade, recebendo hum rayo de luz, que lhe dava conhecimento do muito, que Deos era. Parecialhe hum mar immenso, que por todas as partes a tinha cercado, e como sepultada nelle, sentio perder todas as operaçoens naturaes, como se nella vivera

eſpirito mais ſoberano. Chamou-a huma Religioſa, que a vio tranſportada, e tornou em ſi com huma ſuſpenſaõ, e hum paſmo, como ſe ſe lhe fizera novo o verſe entre as baixezas, e debilidades do corpo humano.

Eſta ſuave experiencia dos mimos do Ceo a trazia retirada de tudo o que naõ era a meditaçaõ delle, ſuſpirando ſempre a ſoledade para ſe transformar em Deos. Eſte mimo lograva eſpecialmente nos dias de communhaõ, parecendo-lhe, deſpois de commungar, que dentro em ſi tinha aquelle Senhor, em que diviſava huma alvura, e claridade nunca viſta, nem comparavel com as da terra; a eſta luz lhe parecia, que ſe lhe abriaõ os olhos do entendimento, e alcançava mais, que o que podia o humano, no Myſterio profundo da uniaõ do Verbo; mas nada affirmava, ſepultada logo em huma eſcuridade impenetravel. O que ſó ſegurava, era contemplar vivamente aquelle ſuſtento das almas na ſua, que com huma incomparavel belleza deſterrava della toda a ſombra de agonia; repreſentaçaõ, que lhe ficava tanto na memoria, como ſe dos olhos corporaes lhe naſcera aquella ſaudoſa lembrança.

Igualmente viva era a repreſentaçaõ dos mais myſterios, e Paſſos ſagrados, e tanto, que fallando ás vezes nelles, repetia, e individuava as circunſtancias com huma tal miudeza, como ſe a ſeus olhos paſſara o que repetia. Eſta ſuavidade, em que trazia como encantado o eſpirito, a retirava de tudo, e em tudo a trazia como eſtranha, e moleſtada, como ſe lhe tirara as forças, e lhe enfraquecera o coraçaõ qualquer occupaçaõ, que naõ foſſe eſtar contemplando; ſuccedendo-lhe muitas vezes, que indo a ler na Communidade, naõ podeſſe mover os beiços, como ſe com violencia lhe taparaõ a boca; aſſim eſtranhava as acçoens do corpo, como ſe alli naõ houvera jámais que eſpirito.

Mas porque eſte gemia ainda nas prizoens da carne, ſentia muito o haver de accommodarſe ás debilidades della, ſendo-lhe preciſo o tomar algum deſcanço. Succedia-lhe aſſim deſpois de Matinas, recolhendo-ſe huma hora antes de Prima, perſeguida de inſoportaveis dores de cabeça, que a privavaõ do alivio de ficar aſſiſtindo ao Santiſſimo Sacramento. Pedio, e tornou a pedir áquelle Senhor, que lhe tiraſſe aquelle embaraço; e aſſim ficou ſem elle, de ſorte, que antes de Prima ſó ſe recolhia meya hora.

Na obediencia deſempenhou os propoſitos, que tinha eſcrito, e decorado. Nem no juſtificado da acçaõ lhe ficava voluntaria a eſcolha; ſuas Meſtras, e Preladas lhe determinavaõ tudo o que obrava, taõ deſpida de vontade propria, como ſe ſe lhe trocara em obediencia. Mas aſſim ſe contentava o Ceo da ſua, que o quiz moſtrar para premialla. Era ainda Noviça, achava-ſe a Madre Soror Jeronyma de Jeſus muito affligida com huma colica, e dores inſoportaveis de cabeça, (achaque, que muitas vezes a perſeguia) e havia cinco dias, que naõ ſocegava. Chegouſe a ella a Meſtra de Noviças, e le-

vando comſigo, como de acaſo, a Soror Margarida, lhe diſſe, que puzeſſe a maõ na cabeça á enferma. Bem entendeo a boa Noviça (por mais que interiormente o eſtranhava) que era eſperar daquelle toque a meſinha; mas obedeceo mandada; applicou a maõ, e no meſmo inſtante ceſſou toda a queixa, ficando a enferma como ſe até alli o naõ eſtivera. Iſto achamos apontado por huma Religioſa de boa opiniaõ, que o preſenciou.

Era extremoſa ſua humildade, nada eſtimava menos que a ſi meſma. Todas lhe pareciaõ capazes de mais reſpeito que ella. O conceito de que era a mais indigna creatura, a obrigava a hum rigoroſo exame, que precedia á communhaõ, naõ o dando por ſufficiente, em quanto as lagrimas lhe naõ ſeguravaõ, que eſtava ferido o coraçaõ. Aſſim ſe ſentenceava a ſi meſma, naõ achando em ſi venialidade, que lhe naõ pareceſſe crime, ſendo taõ humana com as acçoens alheyas, que ſempre chegavaõ a ſeus olhos com deſculpa, ſe eraõ menos juſtificadas, e com confuſaõ ſua, ſe eraõ puras, ſentindo bem de todas. As afflіçoens, e trabalhos alheyos lhe pareciaõ proprios: tal era a ambiçaõ de ſentillos; paſſava á de querer remediallos; recorria á oraçaõ; e pagava-ſe Deos tanto deſte deſvelo, que a illuſtrava com o conhecimento de ſucceſſos futuros: ſuccedeo algumas vezes aſſim.

Tiveraõ humas Religioſas noticia, que em Caſtella eſtava enferma, e perigoſa huma irmãa ſua, Dama da Rainha, peſſoa de tantas prendas, que ainda faziaõ mayor a perda. Deſconſoladas, recorriaõ a Soror Margarida; inſtava ella na oraçaõ, compadecida das irmãas, como da enferma. Foy ſervido o Senhor de lhe dar a entender, que naõ viviria. Confórme com a vontade Divina, e magoada da dor das irmãas, lhes pedio, que ſe puzeſſem nas maons de Deos, porque teriaõ noticia de huma grande perda. Tomaraõ o conſelho, ainda que com o alivio de nova eſpalhada, que ſe achava melhor a enferma. Mas Soror Margarida eſtava mais ſegura no que ſe lhe tinha moſtrado, que no que eſtava ouvindo. Succedeo aſſim, que veyo brevemente noticia, que a enferma falecera. Fazia a meſma ſupplica na oraçaõ pela vida de Dom Miguel de Caſtro, Arcebiſpo de Lisboa, que eſtava perigoſo, e importunavaõ-na parentas ſuas, a que eſta noticia trazia deſconſoladas. Naõ tardou a que Soror Margarida teve de que faleceria o Arcebiſpo; mas occultou-a; e falecido elle, ſe entendeo que antes a tivera.

No ſofrimento, e na paciencia, parece que deſconhecia as penſoens de humana, naõ conjecturadas, nem ainda no ſemblante. Aſſim ſe eſcutava reprehendida, como ſe ſe conhecera culpada. Lamentava o verſe ſem ſaude para mayores empregos de penitente. Eraõ taõ aſperos os das diſciplinas, que tomava com cadeas de ferro, que ſeus Confeſſores lhe puzeraõ preceito, para que naõ foſſem taõ continuadas, e taõ rigoroſas. Obedeceo; mas com tanta dor das que lhe embaraçavaõ,

çavaõ, que veyo a igualar as que lhe impediaõ. Só nas sestas feiras naõ podia exercitar penitencias, porque a atormentava huma rigorosa dor de costas, e cabeça, que a deixava sem alento para outra. Durava-lhe de pela manhãa até ás trez da tarde. Mimo parecia de seu Esposo, que repartia com ella das delicias, que naquelle dia, e naquellas horas gostara no Paraiso do Madeiro.

Assim queria viver só com elle no da Religiaõ, que o que lhe pedia no tempo, em que ainda naõ podia fallar a sua mãy, e irmãas (porque ainda estava com a sogeiçaõ de Noviça) era, que os fizesse santos, mas que lhe embaraçasse o alivio de communicallos. Assim lho permittio Deos, porque a sua mãy só huma vez fallou, e alguns de seus irmaons, nenhuma, prendendo-a huma grave enfermidade na Enfermaria, de donde passou a melhor morada. Ameaçada do achaque, foy ao Coro despedirse do Senhor, e pedirlhe, que se aquella era a ultima doença, a deixasse padecer nella; sem duvida entendeo que sim o seria, porque logo disse palavras, que o deraõ a entender, por mais que os Medicos facilitavaõ a doença, naõ na opiniaõ das Religiosas, pela muita que tinhaõ da enferma, e dos fundamentos com que sempre fallava.

Aggravouse o achaque, cresceraõ as dores (eraõ já insoportaveis) mas igual a constancia de quem as sofria; sabia que eraõ mimos, porque como taes os pertendera. Commetteolhe a cabeça hum humor grosso, deulhe hum sono pezado. Naõ havia industria, nem medicamento, que a divertisse delle. Inventou hum quem a conhecia; fallavaõ-lhe em Deos, logo a tinhaõ esperta. A mayor dor, que padecia, era no peito; e sendo facil a mesinha para alivialla, ella lha naõ applicava, sem que a Prelada naõ só lho pedisse, mas lho mandasse.

Fizera Sor Margarida hum concerto com huma Religiosa, que a que primeiro chegasse ao ultimo perigo da vida, desenganasse a outra. Naõ se esqueceo a boa amiga. Escutou-a Sor Margarida, respondendolhe com socego, que de parte mais certa tinha havia muito o desengano. Algumas vezes commungou, dilatando-se a doença; e algumas pedio a Unçaõ; mas o dia em que faleceo, com tanta ancia, e taõ repetida, que entenderaõ naõ deviaõ dilatarlha. Recebeo-a com paz, e consolaçaõ de espirito, e com ellas o deo ao Senhor, em huma segunda feira, 11. de Mayo de 626. tendo de idade vinte e dous annos. Ficou com hum semblante alegre, e desasombrado da morte, que bastara a enxugar as lagrimas das Religiosas, se a saudade (ainda com os olhos naquelles bosquejos da sua gloria) naõ suspirara como humana a sua companhia.

CAPITULO XIII.

Da Madre Sor Catharina dos Martyres.

ENtremos a ver o espectaculo, que a gentilidade cega achou digno das attençoens de Deos; hum coraçaõ abraçado

do com as miſerias da vida, ſem ceder na tolerancia. E que dirá o conhecimento Catholico, encaminhado da luz da razaõ, e da Fé, entendendo, que ſimilhantes lutas ſaõ a officina de venturoſas coroas; naõ aquellas, que fingia a vaidade nas immortalidades da fama; mas as verdadeiras, que no Templo triunfante de Deos haõ de durar incorruptas?

Omnis, qui in agone contendit, ab omnibus ſe abſtinet: illi ut corruptibilem coronam accipiant; nos autẽ incorruptam. 1. ad Cor. 9. n. 25.

Bem conheceo eſta verdade a Madre Sor Catharina, como ſe eſtudara com S. Paulo aquelle taõ claro, e importante conſelho de ſe adiantar no trabalhoſo eſtado deſta vida, para conſeguir huma immortal coroa, com muita mais razaõ, que os Athletas corriaõ com ancia para alcançar huma caduca. Naſceo Sor Catharina de pays nobres, mas taõ queixoſos da fortuna, que naõ alcançavaõ ſuas poſſes a inteirar hum dote á filha, para ſe recolher em o Moſteiro de Jeſu de Aveiro, eſte Patria ſua, e aquella a reſoluçaõ, com que ſe criava desde menina. Aſſim houve de accommodarſe (pois naõ havia reduzilla a outra vida) entrando em o lugar de Freira Converſa, em que deu tal conta de ſi, que naõ ſó ſervia ás Preladas, e Religioſas antigas de goſto, mas a todas de exemplo. Profeſſou; mas vivendo ſempre com a meſma ſogeiçaõ de Noviça, naõ ſó no ſerviço, e obrigaçoens da Caſa, mas na aſpereza de vida, que via, e imitava nas mais reformadas della.

Neſte tempo hum irmaõ ſeu, Religioſo Dominico, que aſſiſtia no Convento da Villa (eleito Biſpo de Cabo-Verde) quiz augmentar o dote á irmãa, que a eſtimava muito, e fazella Freira do Coro; mas foy couſa rara, que ſendo Sor Catharina taõ bemquiſta, ſe oppoz a iſſo toda a Caſa, ſem valer induſtria, nem valia, antes algumas pouco conſideradas (que a virtude ſempre tem emulos) começaraõ a tratar a Sor Catharina com deſprezos, accreſcentando afrontas, e injurias, como a incapaz do lugar, por que ſeu irmaõ fazia as diligencias. Era Sor Catharina bem naſcida, criada com eſtimaçaõ, ainda que naõ com grandeza; eſcutava agora aquella repulſa, via-ſe deſprezada, e perſeguida; mas como ſe deſconhecera as paixoens de humana, eſtava immovel, ſem que os vituperios, que lhe chegavaõ aos ouvidos, tiveſſem mais repoſta que a muda, que coſtumavaõ dar os olhos. Eſte o eſpectaculo, em que ſe vio vencida a natureza das firmezas da tolerancia. Seguiaõ-ſe ás injurias as falſidades, que lhe impunhaõ, e com que a deſauthorizavaõ; e Sor Catharina emmudecida, recorria ao ſagrado da oraçaõ, como ſe diſſera com o Profeta: *Senhor, o odio ſe empenha em me perſeguir: eu volto-lhe as coſtas, ponho-me a orar.*

Pro eo ut me diligerent detrahebant mihi; ego autem orabam. Pſ. 108.

Eſte era o alivio, e o remedio, a que recorria o ſeu deſamparo; buſcava os pés de hum Crucifixo; banhava-os com lagrimas, diziaõ ellas o que callava a boca, e ſouberaõ dizer tanto, que vio em huma occaſiaõ, que deſpregando o Senhor o braço da Cruz, a eſtreitou com elle, deixando-a taõ fóra de ſi o extraordinario do favor, que cahindo por terra, eſteve muitas horas, fiando a ſua con-

fuſaõ

fusaõ o saber agradecello, ficando de entaõ com hum coraçaõ taõ inteiro para as perseguiçoens, que naõ só lhe pareciaõ toleraveis, mas as julgava interesses. Neste estylo de vida sacrificada passou Sor Catharina alguns annos, anciosa sempre de se adiantar em padecer, porque tudo lhe parecia pouco para servir hum Senhor, que sabia dar tanto. Abriolhe o Ceo caminho na noticia desta nova Casa do Sacramento, e da grande observancia, com com que se vivia nella. Pedio ao irmaõ Bispo, que lhe alcançasse licença para passar a viver naquella Clausura, naõ por fugir na de Aveiro ás perseguiçoens, que já o tempo diminuira; mas porque desejava verse em mayor estreiteza.

Foy facil ao irmaõ a licença; passou Sor Catharina para esta Casa do Sacramento por Freira do Coro, deixando saudosas, e arrependidas as que lhe tinhaõ embaraçado o mesmo. Via-se agora seu espirito em campo aberto para lançar maõ das armas da penitencia, como a convidavaõ os exercicios da Casa, e o exemplo daquelles espiritos, que voavaõ na refórma. Mas o que mais avultava nella era huma viva, e desvelada caridade com os proximos, em que naõ podia ver miseria, que naõ remediasse, ainda que fosse á custa de ficar com ella, remediando-a. Assim era taõ pobre, que naõ conseguia o gosto de dar, sem o sacrificio de pedir primeiro. Humilde, e obediente, naõ houve occupaçaõ de trabalho, a que naõ satisfizesse; mas o gosto, e alegria ainda excediaõ a pontualidade.

Achava-se já carregada de annos, que lhe grangearaõ huma cruel enfermidade, que cinco mezes lhe exercitou a paciencia, edificando a quem a via padecer emmudecida. Amanheceo hum dia com rosto alegre (foy o ultimo de sua vida) e perguntando-lhe huma Religiosa de toda sua confiança se se achava aliviada, porque o semblante o dizia, respondeo: *Naõ só aliviada, mas favorecida; porque a sua Senhora do Rosario a visitara.* Era devotissima da Senhora, e ao seu Rosario ajuntava todos os dias o seu Officio Menor, por mais que viveo sempre occupada sua muita capacidade nos officios de mais trabalho, que havia no Mosteiro; mas, se lhe faltava o tempo, suppria o que se havia de dar ao descanço. Foy crescendo a doença, e ella entendendo, que chegava o do seu martyrio. Hum continuado fora toda sua vida; e quem tambem entendia, que naõ podia haver nella outra cousa, e que tudo, o que tivesse de breve, teria de apressar a ultima felicidade, como naõ trocaria os receyos em alvoroços?

Com muito pedio, e recebeo os Sacramentos: e despois de demonstraçoens penitentes, acompanhadas das lagrimas das Religiosas, que perdiaõ nella hum daquelles primeiros espelhos da observancia, e hum arrimo para a Casa, acabou com hum socego, e serenidade, que ainda despois lhe durou no semblante, admirando-se as Religiosas, que a escutavaõ sempre taõ temerosa da morte. Mas essa he a importancia de morrer sempre na vida, seguirselhe o

so-

socego de viver na morte. Desengano, e conselho bem importante, que deixou escrito o exemplar dos mortificados S. Paulo, que dizendo, que morria cada dia, disse despois, que a morte estava taõ fóra de lhe dar susto, que antes era o seu desejo. Só quem sabe entender, que a vida he morte, sabe alegrarse com a morte, como principio da vida. Faleceo esta Madre em 14. de Setembro de 1626.

Quotidie morior. 1. ad Corinth.

Desiderium habens dissolvi. Ad Philip. 1. 23.

CAPITULO XIV.

Das Madres Sor Maria Magdalena do Santissimo Sacramento, e Sor Theresa de Jesus, ambas irmãas.

SEndo todas as Virgens esposas daquelle Cordeiro, que se apacenta entre as fragrantes, e intactas assucenas da castidade, parece, que as que do jardim Dominicano passaõ ao Celeste thalamo, saõ mais propriamente esposas do Cordeiro, porque o nome de Dominicas, que as dá a conhecer todas suas, as segura mais mimosas. Esse o enfase no nome de Nosso Patriarcha, *Dominicus*, como se dissera *Todo do Senhor*; essa a mayor preciosidade, com que este grande Pay as dota filhas, essa a circunstancia gloriosa, com que o Esposo as estima mais suas. Assim parece, que se desempenhou na Madre Sor Maria, mostrando-se naõ só no nome, que escolheo, do Santissimo Sacramento; mas no que lhe succedeo (vindo a ser Dominica) na resoluçaõ de tomar estado.

Foy a Madre Sor Maria (que no seculo, e até sua Profissaõ se chamou Anna de Jesus Maria) filha de Antonio de Sampayo, e de Anna de Sampayo (da mesma familia deviaõ ser os dous casados, como o mostra o appellido) gente nobre, e rica; duas fortunas, a que só podia avantajarse a de terem huma filha, que logo nos primeiros annos mostrou o Ceo, que lha emprestara, e naõ lha dera. Assim começou a repararse naquella idade (onde ainda prezo o discurso, parece instincto) a devota propensaõ, com que abraçava tudo o que era de Deos; servindo muitas vezes de divertimento aos pays a ancia, com que se esquivava aos que lhe fallavaõ em estado; que naõ fosse de Freira, seguindo com taõ notavel tenacidade as disposiçoens para elle, que nunca acabaraõ com ella, que atasse huma fita, ou vestisse gala, coutentando-a com a de hum habitosinho, que (pedido com lagrimas) chamava só a sua.

Cresceraõ os annos, e com a razaõ os desejos, e começaraõ aquellas meninices a conhecerse como ensayos dos que agora já eraõ propositos. Assim se vio o que levava nas suas resoluçoens, pedindo a seus pays o exercicio de esmoler, repartindo daquelles bens, que só passados pelas maons da caridade, podem ter esse nome. Queria ver bem empregado o que lhe cabia delles, e alargando a maõ, mais com os olhos no remedio da miseria alheya, que nos augmentos de sua casa, escutava com magoa, e paciencia as reprehensoens de huma parenta, que a criminava com os pays de esperdiçada. Tornavase

ſe ao que tinha nome de ſeu, e era de huma pobre (que todos os dias para iſſo convidava) ou tudo, ou quaſi tudo o que ſe lhe punha na meſa.

Mas criava forças com aquelle exercicio o fogo da caridade, e eraõ ſopros, com que ſe augmentava aquellas impoſſibilidades, ou eſcacezes, com que diſpendia. Tudo lhe parecia pouco para ſacrificio daquelle deſejo. Queria paſſar ao que ultimamente podia, que era darſe a ſi meſma. Encontrava embaraços: porque, ainda que tinha outra irmãa, ſó de ſua prudencia fiavaõ os pays o governo de ſua caſa. Queixava-ſe como Martha, Maria, porque Maria era aqui a occupada. Deiva-a a irmãa com todo o pezo da familia, e ella paſſava ao Oratorio ſem reſpirar da mayor lida, porque aquella era a melhor parte, que eſcolhera.

Neſte exercicio era continua, e já nelle taõ ditoſa, que goſtando de ſuas ſuavidades, ſe deixava levar de hum novo genero de deſmayos, ou de hum leve roubo de ſentidos, em que adormecia, e de que nenhuma induſtria, mas ſó ella meſma ſe acordava. Naõ lhe embaraçava, antes lhe favorecia eſte ſuave ſono, o continuo deſpertador do cilicio, o ſangue, que ſaltando ao golpe da diſciplina, enfraquecia, e debilitava as forças, que os jejuns tinhaõ já cançadas. Neſtas penitentes batarias, ainda queria deſafiallas para mais largo campo, como ſe ainda duvidaſſe do triunfo; ſó no da Clauſura lhe parecia que o tinha certo. Eſta incanſavel ancia a obrigava a deſcobrir caminhos para conquiſtar a vontade dos pays, que com o intereſſe ou de a naõ deſterrarem de ſeus olhos, ou de deſcançarem com ella os cuidados caſeiros, reſiſtiaõ áquelles ſantos propoſitos, mais fervoroſos, quanto mais rebatidos. Buſcava peſſoas de eſpirito, inſtava, pedia a ſeus Confeſſores, que apadrinhaſſem o juſto daquella ſupplica, que nem o ſer juſta deixava deſcançar o eſcrupulo, de que o abſoluto da eſcolha pareceria deſobediencia.

Tiroulhe finalmente o Ceo os embaraços na vida dos pays; bem entendeo, que aſſim o diſpunha, para que com os ſentimentos de filha, compraſſe os alvoroços de eſpoſa; naõ podia cuſtar menos, o que valia tanto! Ficou em poder de ſeus irmaons, que com o intereſſe de ſe verem abſolutos ſenhores da Caſa, e da fazenda, começaraõ a eſcutar goſtoſos os intentos, que a traziaõ deſvelada. Soavaõ por eſte tempo nos ouvidos piedoſos as noticias da refórma, com que as diſcipulas do eſpirito de Santa Thereſa hiaõ reſtaurando as antigas auſteridades do Carmelo; accendeoſe em vivos deſejos de eſcutar aquella Divina Meſtra na aula de ſeus Clauſtros. Agradavaõ-lhe as noticias, que tinha da Caſa de Santo Alberto, Moſteiro de grande reputaçaõ.

Concertouſe com ellas o dote, e a legitima; e a promeſſa de groſſas eſmolas, parece, que facilitavaõ a pertençaõ em huma Caſa, coſtumada a reſpirar dellas; mas ſendo grande o deſejo das Religioſas, a falta de lugar, começou a dallo ás eſperanças. Tinha Sor Maria hum claro entendimento, naõ ſe lhe eſcondia,

dia, que resoluçoens acertadas arriscaõ este nome, sem a industria de promptas. Vagares ao applicar da materia, perdem a chamma; antes he querer verlhe as cinzas, que as brazas. Bem conhecia Sor Maria, que o abrazado espirito, que a guiava, era aquelle, que sendo todo fervores, desconhece vagares. Determinou-se a obedecerlhe, recolhendo-se logo ao Mosteiro de Corpus Christi da Ordem de S. Domingos, que na mesma Cidade do Porto era classe de grandes espiritos.

Mas Deos, que sobre lhe embaraçar os outros caminhos, abrindo-lhe só o de lhe chamar mais sua (sendo Dominica) ainda a guardava para lhe premiar aquella ancia, com que o costumava buscar na mesa Sacramentado, lhe trouxe por via de hum irmaõ seu, a noticia de como em Lisboa florecia já com grande nome huma Casa, que tinha aquelle, que ella escutava, e venerava com tanta suavidade.

Naõ houve detença, consultou a resoluçaõ com huma irmãa, que a acompanhava naõ menos na Casa, que no genero de vida. (era a mais moça, chamava se Theresa de Jesus) Achou-a naõ só prompta, mas alvoroçada. Dispuzeraõ-se com brevidade as circunstancias de hum, e outro dote, e no mesmo instante a jornada; nada valia a detellas. Sabiaõ os parentes, que era o Mosteiro do Sacramento, antes sepultura de vivas, que vivenda de mortificadas; era a ultima lisonja, que haviaõ de fazer a seus olhos, e com o desengano de ultimas queriaõ dilatar as despedidas. Mas nada valia, nem nos irmaons caricias, nem na familia lagrimas, nem na terra longes, nem no natural saudades. Assim corriaõ ao desterro de sua Patria, como quem conhecia, que naõ ha na terra nenhuma, que o seja como lugar, em que sempre se peregrina.

Em huma quinta feira fizeraõ a jornada com o feliz annuncio, em que a sua devoçaõ fez reparo, encontrando ao sahir de Casa o Santissimo Sacramento, que hia a hum enfermo por Viatico. Lanço pareceo, de quem lhe sahia ao encontro, como pagando-lhe nelle o desvelo de buscado. Assim deixaraõ as contentes irmãas a Casa, a familia, os parentes, a Patria, e em fim a si mesmas, passando a sepultarse na ditosa Clausura desta Casa. Mas dividamos as irmãas, que ajuntou o habito, a Casa, e o dia, e fallemos primeiro de Sor Maria, como mais velha.

Em huma quinta feira entrou esta Madre estas ditosas paredes, em outra professou, naõ servindo o nome do noviciado, mais que de se conhecer o excesso, que fazia ás antigas no habito. Sempre foy Noviça na estreiteza da observancia, e mais que veterana no estylo, com que se portava Noviça. Sobre as Constituiçoens, guardadas como estaõ escritas, tem aquella Casa para mais individual exercicio, e bom governo della, humas ordenaçoens, dispostas pela prudencia, e espirito de seu primeiro Vigario o Padre Mestre Frey Joaõ de Portugal; e naõ só era exacta em tudo a a Madre Sor Maria, mas ainda inventora de novos artificios de morti-

mortificarſe, naõ havia inſtante, em que ſe naõ andaſſe exercitando penitente.

Sobre os jejuns de paõ, e agua, eſtreitos cilicios, e quotidianas diſciplinas, ſahia melhor huma notavel humildade, hum profundo juizo do pouco que era, que lembrando-lhe algumas faltas (na verdade venialidades) da vida paſſada, chegava pedir ás irmãas Noviças que eſcutaſſem o abyſmo de ſuas culpas, onde veriaõ como naõ as merecia por companheiras; antes que por incapaz de habitar aquella ſanta Clauſura, lhes pedia que a deſprezaſſem, e tiveſſem pela mais inutil, e vil creatura, que permittia nella o Divino ſofrimento.

Neſtes, e outros actos de fervoroſo, e verdadeiro eſpirito, a começaraõ a conhecer, e reſpeitar as Meſtras delle. Profeſſou em huma quinta feira por devoçaõ do Santiſſimo, a que eſte dia he conſagrado, e neſta ſua Caſa ſingularmente feſtivo, ſendo o acto da renova celebrado nella em cada hum delles com o mayor aceyo, a que póde chegar o deſvelo da terra, exercitado por eſpiritos, que ainda nella parecem do Ceo. Pedio, que em reverencia do meſmo Auguſtiſſimo Myſterio, ſe lhe trocaſſe o nome, que tinha de Anna de Jeſus, em o de Maria Magdalena do Santiſſimo Sacramento.

He uſo do Moſteiro ficarem as Profeſſas no noviciado, deſpois delle acabado, mais dous annos. He alli mayor o trabalho, porque deſcançaõ as Religioſas de mais annos, e menos forças, no que ainda podem, aquelles alentos novos, e menos cançados. Mas Sor Maria, que naõ buſcava outra couſa mais, que ter novos empregos a que ſacrificar a paciencia, fez voto ſobre os dous, de eſtar mais quatro. Communicou-o com o Vigario (era entaõ o Meſtre Frey Joaõ de Portugal) que lho confirmou, ſendo favor, que negara a muitas, como quem ſabia conhecer aquelle eſpirito adiantado a todas.

Aſſim começou Sor Maria com os alvoroços de ter paſſado na nova ſogeiçaõ de Noviça a eſcrava; aſſim começaraõ a ſer mais deſvelados, mais fervoroſos todos ſeus exercicios; nos do Coro mais prompta, mais continua, mais empenhada, porque tendo huma voz alta, e ſonora, aſſim a esforçava, como ſe fora a alma de toda aquella ſagrada melodia. Aſſim a imaginava em huma occaſiaõ (que arrebatada em eſpirito, lhe parecia, que tinha motivos para esforçar mais os jubilos, que do coraçaõ lhe paſſavaõ á lingua) e foy tanta a vehemencia, que ſentio abrirſelhe huma intoleravel dor no peito, e taõ aguda, que naõ deixou de entender que baſtaria a tirarlhe a vida.

Venturoſas contingencias (a que enganado o Mundo coſtumava chamar deſaſtres) taõ achadas no eſpirito fervoroſo dos filhos de Domingos, que ou reprehendendo vicios, ou repetindo a Deos jubilos, paſſaõ a tirar a vida nos exceſſos. Agora em Sor Maria no Coro, como no Apoſtolo de Germania, o noſſo S. Jacobo Sancedonio no Pulpito, quando inſtando em convencer os Uſurarios,

rios, lhe estalou huma veya no peito. Naõ saõ menos poderosas as vehemencias do espirito, agitadas daquelle superior fogo! A huma Santa Theresa tiraõ a vida a intoleraveis ardores de caridade. A huma Santa Catharina de Sena fazem adoecer febricitante. A hum S. Filippe Neri fazem estalar hum osso, como alargando a estreita regiaõ do peito. A hum S. Pedro de Alcantara tiraõ a respirar no ar livre das angustias do cubiculo. Mas como naõ arriscará a vida hum fogo (naõ como os pintados, e fabulosos dos amantes da terra) taõ vehemente, que naõ tem mais forças a morte!

A' dor do peito sobreveyo febre acceza, e cruel fastio; naõ havia reduzilla a que levasse nada; deu a Prelada em huma santa industria, que foy mandarlhe que comesse por obediencia. Aqui foy o tirar forças donde já naõ as havia, e vencer com as lagrimas nos olhos a natureza. Esta custosa traça lhe sustentou trez mezes a vida, ou lhe dilatou o martyrio de sustentalla. Poucos dias lhe restavaõ já della, quando chegava ás portas da morte outra Religiosa irmãa da Mestra de Noviças. Fora conselho dos Medicos, que levassem esta Religiosa para a Casa grande (assim chamavaõ a huma da Communidade) quando Sor Maria, mandando chamar a Mestra, e pedindo que a deixassem só com ella, lhe disse: *Madre Mestra, em huma Casa grande me disseraõ, que a irmãa de Vossa R. ficava, e que eu morria? Assim he verdade* (lhe tornou a Mestra) *que vós morreis. Pois Madre* (tornou Sor Maria revestida de huma nova, e desusada alegria) *que fazem as Religiosas, que me naõ vem dar o perabem desta ventura?*

Foy notavel, e pia conjectura que a doente teve revelaçaõ de que morria, e que naõ menos a teria a Mestra, pois lho confirmava com tanta segurança. Assim succedeo, que a desconfiada moribunda da Casa grande escapou, e Sor Maria em breves dias acabou os de sua vida, sem ter mais que dous annos da que escolhera naquella Casa. Naõ sirva de reparo o falecer taõ moça, e o darmos-lhe o nome de Madre; que se o levaõ de justiça as veteranas para merecer respeitos, naõ tem menor valor a prudencia, que os dias. Em prendas religiosas igualou, se naõ excedeo, Sor Maria os de todas.

Chegava dia da Ascensaõ, e naõ sofria o deixar de acompanhar seu Esposo, agora com o coraçaõ, e as vozes, como em breve tempo com o espirito. Pedia, suspirava ás Religiosas, ás irmãas, ás amigas, que a levassem ao Coro; mas já naquelle attenuado corpo naõ havia mais alentos, que para aquelle desejo. Grandes, e incançaveis foraõ os que teve de que naquelle dia fosse a sua ultima hora! Sobre a tarde pedio o Viatico; foy a circunstancia, que lhe fez o dia festivo; já que naõ podia seguir a seu Esposo, naõ lhe esqueceo a fórma em que ainda lhe ficara no Mundo.

Já com todos os Sacramentos, naõ só naõ temia, mas suspirava a morte, como quem alcançava o que lhe embaraça-

va

va a vida: assim entre os desejos de a deixar se lhe escutavaõ jaculatorias abrazadas em superior fogo, actos de constante Fé, e crescida confiança; suspendia-se nelles, e logo esforçando a voz, se lhe ouvia dizer claramente: *Vaite, vaite dahi tinhoso.* Assistialhe á cabeceira huma Religiosa amiga; perguntava-lhe se via alguma cousa? *Naõ Madre* (respondia Sor Maria) *nada vejo, mas tentame o demonio com vangloria, cousa, que em toda a vida naõ tive por misericordia de Deos.*

Chegou hum Sabbado, dia da Trasladaçaõ de Nosso Padre, estimou a circunstancia, entendendo que tambem teria a de ultimo para sua vida; fez chamar as Religiosas, e rendendo-lhes as graças de a terem em sua companhia, pedindo-lhe perdaõ do maõ exemplo, que lhes dera, lhes rogava que pelo amor de Deos esquecessem o detrimento, que tinhaõ tido com sua doença, pois elle era já servido de a livrar das angustias della, e a ellas de taõ penosa assistencia. Pedia que lhe repetissem a miudo o nome de Jesu, e accrescentava: *Nazarenus miserere mei.*

Com estas palavras jà mais no coraçaõ, que nos beiços, deu placidamente a alma a seu Esposo em 24. de Mayo de 1626. ficando com hum ar no rosto taõ bem assombrado, e sereno, que (na suspensaõ, e reparo das que a cercavaõ) antes parecia gesto da que passava a eternos mimos de esposa, que de cadaver, que esperava os horrores da sepultura. Passando a esta o corpo, foy tal a suavidade, e cheiro, que ficou na cella, percebido, e admirado de todas, que accendeo mais as saudades das boas irmãas, como as que olhavaõ com santa enveja para as sombras daquelle premio, a que as levava o mesmo caminho.

Parece que se copiaraõ as santas irmãas, excedendo a Madre Theresa de Jesus (que era a mais moça) a Madre Sor Maria só nos annos de Religiosa, porque foraõ muitos os que contou na Clausura, de que sua irmãa em taõ poucos passos passou a melhor vida. Tinhaõ professado ambas em o notavel (para a devoçaõ de huma, e outra) dia da quinta feira, dia, em que faleceo a Madre Sor Theresa, de que escrevemos agora. Assim cresceo com esta Madre o zelo, e o desvelo grande daquella primeira observancia, que cada acçaõ sua era huma regra viva; assim (em quanto ella o foy) poucas vezes conheceraõ as Noviças outra Mestra; exercicio, em que se pezavaõ os mayores espiritos desta Casa; porque sendo verdadeiras, e exactas Religiosas as discipulas, que poderiaõ ser as Mestras? Sendo sempre o prototypo aquella idéa, a que as copias agradecem a singularidade de melhoradas.

Já queriaõ, que aquellas prendas, que ornavaõ sua alma, ou serviaõ de mais perto de espelho ás Noviças, passassem a sello de todas as Religiosas no lugar de Prioreza; atalhou-a huma longa enfermidade, que passando-selhe a achaque, a acompanhou alguns annos até a morte, privando as Religiosas de esperanças, como a ella de forças. Mas eraõ taes as de seu espi-

espirito, que nunca as achou menos para continuar o Coro; primeiro hia a todo, despois só ao de dia. Chegou finalmente o de sua morte. Precedeo-lhe huma aguda febre, entendeo que seria a ultima, pedio os Sacramentos recebidos com grande consolaçaõ de sua alma.

Assim esperou aquelle golpe naturalmente medonho, como violento, taõ desassombrada, e segura, que abraçando-se com a devota Imagem de hum Christo crucificado, despois de colloquios penitentes, e enternecidos, em que já fallava só o coraçaõ pelas enfraquecidas linguas dos olhos, chegando mais a elles a sagrada Imagem, antes pareceo que adormecera, do que espirara, em huma quinta feira 10. de Fevereiro de 1666. Assim levantavaõ compungidas as Religiosas as maons ao Ceo, vendo o socego com que aquella alma se desatara das estreitas prizoens do corpo, como mostrando que só o Ceo era o seu verdadeiro centro: e porque naõ fosse só piedosa conjectura, permittio Deos para sua gloria, que se lhe naõ dilatasse mayor noticia.

Entrara no ultimo artigo a moribunda, quando huma das Religiosas, que via que naõ faria falta onde concorriaõ todas, recolhendo-se a ajudalla, antes com oraçoens, que com assistencias (assim era facil em levantar a Deos o espirito) vio que se lhe representava huma luzida escada, e que por ella sobia a Madre Sor Theresa com hum habito como a neve, naõ já de grizé grosseiro, mas fino, e apurado; naõ cuberta com manto preto, mas trocado este em hum vivo resplandor, em que se hia accendendo o ar, até que apagando-o huma nuvem, desappareceo a visaõ. Levantou-se, e banhada em espiritual gozo a Religiosa chegou onde Sor Theresa acabava de espirar, consolando as saudades de a naõ achar, com a venturosa certeza de a ter visto partir. Naõ ficou noticia de quem fosse esta Religiosa; nem as que tem similhantes successos nesta Casa, permittem de si outra.

Mas ainda o Ceo a quiz repetir em segundo testemunho da felicidade de Sor Theresa. Era esta Madre dotada de grandes prendas, naturaes, como adquiridas, hum genio docil, e facil para aprender tudo, o a que se quiz applicar. Tocara no seculo alguns instrumentos com destreza, quiz melhorar a habilidade na Clausura, servindo a Deos com ella, e foy a primeira, que naquelle Coro ajudou o devoto de sua musica com o fundamento da viola de arco, como a que escutara o conselho, e imitara o exercicio daquelle Rey (taõ aceito a Deos) que ao seu Psalterio lhe entoava aquella discreta melodia, que hoje se escutava na Igreja, convidando aos Justos, que o louvassem em variedade de instrumentos.

Assim querem affirmar que estimou o Senhor aquelle sincero, e religioso obsequio desta Madre, porque falecida ao levarem seu corpo para a sepultura, e detendo-se a Communidade no Officio della no ante-Coro, cantando como he costume, as vozes singelas, e tristes, foy ouvido entre ellas o instrumento, que tocara em vida,

Laudate eum in tympano, & Choro, laudate eum in hordis, & Organo. Psalm. CXLIV.

da, com clara, e diſtinta conſonancia de trez Religioſas, que eſtavaõ na Enfermaria. Parece, que aſſiſtiaõ os Anjos, ou a pagarlhe na meſma moeda o que merecera, ou a ſupprir a ſua falta. Naõ ſe conheceo (neſte particular) deſpois de ſua morte, nenhuma no Coro, porque eſta Madre deixara diſcipulas já deſtras para acompanhallo.

CAPITULO XV.

Das Madres Sor Jeronyma de Jeſus, e Sor Maria da Piedade.

Agrum hunc Ecclesiæ fertilem cerno, nunc integritatis flore vernantem, nunc viduitatis gravitate pollentem. D. Amb. de viduis.

ALlegorizou ſabiamente S. Ambroſio, chamando á Igreja fertil campo, onde naõ ſó ſe achaõ as flores das ſagradas Virgens, mas tambem as plantas das ſantas viuvas, ſendo aquellas victimas ao Ceo de intactas purezas, e eſpirituaes fragrancias, como eſtas com os frutos, que Deos para ſeu ſerviço quer multiplicados. E naõ menos afermozeaõ, e adornaõ o campo da Igreja eſtas arvores, que aquellas flores, por iſſo ſe naõ eſtreitou ſó a jardim, alargouſe a campo, em que dando lugar ao fragranre de humas, e ao fructifero de outras, ſirvaõ ambas a hum, e outro eſtado de ſempre verde, e immarceſcivel eſperança, aſſiſtidas, e fecundadas do copioſo orvalho da graça.

Aſſim o moſtrou o Ceo no ſagrado campo deſte Moſteiro, ou neſta eſtampa ſua, como campo ſagrado, onde naõ ſó ſe viraõ as mimoſas, e intactas flores da virgindade; mas tambem as fructiferas plantas de eſtado conjugal, em que primeiro viveraõ exemplar, e ſantamente as Madres, de que agora fallaremos. Huma dellas foy a Madre Sor Jeronyma de Jeſus, no ſeculo Dona Jeronyma Ferraz, filha de André Machado da Sylveira, e de Jeronyma Ferraz. Teve nos primeiros annos o eſtado de caſada, buſcada como nobre, e como rica; prendas, que ella ſoube aproveitar para ſervir a Deos em eſtado, em que parece o faria ſó ao Mundo; porque a nobreza a aconſelhou modeſta, e a riqueza caritativa. Mãy dos pobres, naõ ſó lhe achavaõ a toda a hora as maons abertas para a eſmola; mas tambem o coraçaõ para a laſtima.

Na piedade Chriſtãa, com que doutrinava, e compunha ſua familia, antes parecia ſua caſa hum concertado Moſteiro, que vivenda de ricos da terra. Aſſim paſſou em paz, e ſocego conjugal muitos annos; já entrada nelles, foy Deos ſervido de a ſoltar daquella prizaõ, deixando-a viuva; liberdade, que ella eſtimou, para melhorar de cadea, buſcando-a (para eſperar a morte) na ditoſa mortalha Dominicana. Naõ a atemorizava o entrar na vinha já na undecima hora, porque intentava ſupprir o tempo com a diligencia, ou naõ ignorava, que o premio naõ reſpeitava o tempo, ſenaõ o ſerviço. Conhecia, que coſtumando naquella idade convidar o deſcanço, naõ era menos natural o eſcutar o deſengano de o naõ poder lograr muito. Nada lhe parecia mais a propoſito para aquelles ultimos annos, que fazellos primeiros, ſervindo, já que naõ

podia

podia vivendo; naõ ſe lhe repreſentando muito caducos para trabalho, em que tambem haviaõ de entrar os deſejos.

Com os mais vivos de merecer, começou a pizar o caminho da obſervancia, tomando o habito neſta Caſa, e correndo o anno de approvaçaõ, com eſpirito, e com forças mais naſcidas delle, que eſperadas daquella idade. Parece, que eſcutara eſta Madre, que eraõ os Juſtos o Feniz da graça, em que ateado o fogo do amor de Deos, ſabe trocar as cinzas em novas forças; e como ſe a caridade a remoçara, aſſim ſe achava já com tantas, que a nenhuma Religioſa queria ſer ſegunda, inda no mais cuſtoſo ſerviço da Caſa. Aſſim eſquecida da que tivera, e daquelles annos, que agora tinha, ſe achava entre os poucos das que a cercavaõ, taõ naturalizada, que pouco tinha que vencer nella a caridade fraternal, para a igualdade, que ſó deſmentia em querer ſer mais que todas humilde.

Era a Madre Sor Jeronyma deſtra no Latim, que pronunciava, e conſtruia, como quem o eſtudara pela devoçaõ de entender o que lia; emprego que deviaõ tomar todas as Religioſas, por ſe naõ privarem das ſuavidades, e recreyo de eſpirito que continuamente ſe offerecem na intelligencia da reza. Grande lucro, para taõ pequeno trabalho! Aſſim eraõ as ſuas praticas com as Noviças, antes claſſe eſpiritual, que converſaçaõ domeſtica. Aſſim as enſinava, aſſim as accendia em amor de Deos com aquellas palavras, que ſahindo-lhe do coraçaõ, haviaõ de vir accezas; e ſendo effeitos da meditaçaõ continua das feſtividades, e myſterios, que propoem a Igreja, haviaõ de confirmar a refórma das conſciencias, e provocar a repetidas acçoens de graças.

Nas mais obrigaçoens de Religioſa, e daquella Caſa, nas diſciplinas, nos jejuns, no recolhimento, na aſſiſtencia do Coro, e mais exercicios taõ deſvelada, como quem vinha a vingarſe do tempo, que os naõ tivera. Aſſim nem apertada de achaques, nem carregada de annos, deu ouvidos aos Medicos, que lhe aconſelhavaõ o pedir, ou aceitar diſpoſiçoens. Entendia, que naõ ſerviaõ eſtas de mais que retardar na carreira da virtude, e receava bem, que aſſim retardada, antes que chegaſſe ao fim da perfeiçaõ, ſe lhe chegaſſe o da vida. A conſtancia, com que continuava os trabalhos della, lhe apreſſou mais huma larga doença, e taõ penoſa, que bem conheceo, que lhe queria o Ceo exercitar a paciencia; aſſim ſe lhe naõ ouvia huma queixa, antes pondo-ſe da parte das dores, as fomentava com os deſcommodos, pedindo á enfermeira, que nos remedios, e alivios foſſe ella a ultima, antes talvez eſcuſando-a das diligencias de enfermeira, como couſa, de que já ſe naõ devia fazer caſo na vida.

Só huma couſa a tinha deſconſolada, que era naõ poder commungar as vezes, que quizera; ardentiſſima devoçaõ a levava áquella maravilha dos myſterios, inſaciavel a ancia de goſtar a miudo aquella ſuave Ambroſia da Euchariſtia. Aſſim preza,

preza, e como entrevada, pedia ás Religiosas, que hiaõ para o Coro, que da sua parte dissessem a seu Senhor, e Deos Sacramentado, que a sua escrava se lhe fazia lembrada: e que lhe trouxessem reposta. Conheciaõ as Religiosas, que naõ tinha Sor Jeronyma outra consolaçaõ na vida; cada huma lhe levava por reposta seu ramo de Psalmo do Officio do Sacramento; alegrava-se com elle, e explicava-o a todas com humas razoens taõ vivas, e genuinas, que pareciaõ illustradas.

Naõ ficou sem premio conhecido este fervoroso, e ardente affecto. Aggravando-selhe a doença, e disparando em violentos vomitos, mandaraõ os Medicos sacramentalla; affligiaõ-se as Religiosas, vendo a impossibilidade de receber aquelle soberano bocado, de que só se mostrava faminta, e que naquella hora lhe desejavaõ todas como a Catholica. Mas ella respondia a todas segura, que naõ partiria sua alma sem gostar aquella delicia. Nem bastava para desdizerse, o ver aggravar o achaque, e tella a violenta continuaçaõ dos vomitos ás portas da morte; e já ungida, continuava na mesma esperança.

Veyo o Viatico a outra Religiosa, pedio que o queria ver, e adorar, o que fez com grande suavidade de espirito, segurando a todas, que ainda que a viaõ taõ atribulada, naõ desconfiassem, que ella esperava naquelle Senhor, que ainda lhe havia de fazer outra visita, e ella ainda em vida hospedallo em sua alma. Assim foy, porque ao seguinte dia cessaraõ de todo os vomitos, recebeo o Senhor como esperava, e logo lhe entregou a alma em que o recebera, em huma sesta feira 15. de Setembro de 1628. Ficaraõ as Religiosas trocando a lastima em enveja, porque do estylo de receber aquelle Santo Viatico, bem se inferia o caminho, que levava seu espirito.

Suspendida tambem com o estado de casada, viveo a Madre Sor Maria da Piedade alguns annos no seculo, suspirando deixallo. A obediencia dos pays lhe prendeo as maons para aquelle laço. A nobreza, e o dote, o fizeraõ mais appetecido. Deraõ-lhe em Balthasar de Sá hum nobre esposo. Pouco lhe parecia a ella o nobre, só o suspirava Celeste. Naõ pode a resistencia sustentar a escolha; entraraõ os pays a dispor da vontade, que naõ era sua. Ella na sogeiçaõ mostrou, que era filha; elles mal, que eraõ pays na violencia. Grande desatino destes! Como se podessem adquirir mais dominio nos que geraõ filhos, que o mesmo Deos nos que aníma creaturas! A quantos desmanchos tem auctorizado este engano, sem nenhum delles passar a exemplo! Olhem os pays; que nisso os daõ aos filhos; porque de fazerem aquelles o que naõ podem, vem estes despois a fazer o que naõ devem.

Sogeitouse em fim Dona Maria da Costa; (que este foy no seculo o nome da Madre Sor Maria) mas conhecendo, que a Cruz dos que seguiaõ o verdadeiro Mestre da vida, naõ tinha materia determinada, daquelle estado fez a sua com taes

circunstancias de Catholica, caritativa, penitente, e reformada, que o mesmo Christo em huma occasiaõ lhe appareceo com huma em os hombros, e taõ pezada, que qualquer outra lhe pareceo leve dalli em diante. Estava Sor Maria em oraçaõ, exercicio, que com suavidade grande de sua alma lhe levava o mais do tempo, furtado ao preciso, em que dispunha, e governava sua familia. Bem entendeo, que o Senhor a convidava para a Cruz da Religiaõ; favor, que ella sabia merecer na continua dor de o naõ poder executar.

Assim era sua vida hum quotidiano suspiro da melhor, que esperava, occupando esta em taõ fervorosos, e repetidos actos de caridade, que o mesmo Christo lhe mostrou muitas vezes, que lhe naõ desagradava nella, succedendo-lhe algumas (ao acabar de fazer esmolas) achar em os braços da Imagem de hum Crucifixo huma rosa, em tempo em que naõ as havia. Aquella era a nova rubrica, em que acabava de entender o enigma da sua Cruz, abraçada pelos meyos de mortificada, e caritativa; isso lhe parecia, que indicavaõ os espinhos, e cor daquella rosa.

Por este estylo a exercitou o Ceo alguns annos, e sendo estes os em que se fundou, e povoou esta Casa, conhecida, e admirada de todos a refórma della, logo Sor Maria resolveo comsigo, que naõ escolheria outra; assim já com amor de filha, lhe acodia com grossas esmolas; chegou finalmente a colher o fruto dellas, vendo-se livre daquella cadea, de que o Ceo a aliviou por morte do marido, e de hum filho (tinha já outro de annos antes tomado estado) restava huma neta, que amava com ternura de duas vezes mãy, contentouse com lhe deixar parte do que tinha, e passou a esta Casa com huma tal resoluçaõ de espirito, que nem annos, nem achaques, nem asperezas, a suspenderaõ nas do noviciado, passando á professar taõ alegre, como senaõ reduzira a ley os empregos de penitente.

Nenhum tinha Sor Maria, que com mais gosto seu a convidasse, achando só no aspero daquella vida huma falta, que era a liberalidade de dar huma esmola. Mas o que faltava no exercicio das maons, sobrava no dos olhos; com as lagrimas nelles a achavaõ os pobres, e só lhas enxugava o poder passar aquella ancia á assistencia dos doentes. Era Sor Maria commumente huma dellas, que os annos perseguidos de mortificaçaõ continua, podiaõ mais que a sua resistencia; mas nada havia, que lha fizesse a costume de gastar a mayor parte do dia, e noite no Coro; já a contemplaçaõ parecia natureza, porque desde menina a exercitara, e com taõ vivo interior gozo de sua alma, que rebentava fóra em huma desusada alegria; assim sahia sempre do Coro; e suspeitando as Religiosas o que seria, nenhuma lho perguntava, porque na sua candidez, e singeleza, mais se esperava o merecer favores, que a explicaçaõ delles.

Naõ a podia haver mais clara, que a de suas lagrimas, quando chegava á mesa da Sagrada

grada Communhaõ, taõ copiosas estas primeiro, como despois abrazados os suspiros, e mal reprimidos os soluços, que parecia, que lhe naõ cabia o coraçaõ no peito, ou que lhe naõ cabia no peito aquelle suspirado bem, que hospedara em seu coraçaõ. Observantissima do silencio em toda sua vida, fóra das horas da licença se lhe naõ ouvio, nem por descuido, huma palavra; menos queixosa, naõ tendo parte no corpo, a que os achaques lhe naõ tivessem repartido hum martyrio; assim podia dizer, que antes que vida achaquosa, era a sua huma doença continuada.

Mas aggravaraõ-se com a continuaçaõ os males; cahio de todo enferma, nem os annos, nem a casta da doença permittiaõ esperanças de vida; pedio, e recebeo os Sacramentos com mostras, e misturas de contriçaõ, e delicia de compunçaõ, e suavidade. Com as mesmas repetia (naõ sendo de antes polida na pronuncia do Latim) alguns versos de Psalmos com boa, e limada expressiva, e melhor accommodaçaõ para aquella hora. Particularmente: *Illumina oculos meos, ne unquam obdormiam in morte, ne quando dicat inimicus meus, prævalui adversus eum.* E talvez rompendo em demonstraçoens de sagrada, e desmedida alegria, levantava a voz, acompanhada com os meneyos dos dedos, como se tocara Orgaõ (nelle tinha sido destra) e repetia com accento musico: *Post tenebras spero lucem.* Venturoso espirito, que imitando na vida a candidez do Cisne, passava a seguillo nos privilegios da morte! Assim cantava nella alegre, e festiva, sem que lhe entristecesse, e nevoasse os olhos o anoitecerlhe o dia da vida; antes como se já nelles lhe feriraõ os rayos da immortal Aurora.

Entendeose, que teve esta Madre revelaçaõ do dia, em que havia de passar a lograr as luzes della, porque sahindo de hum termo, disse com voz percebida de todas: *Sesta feira corpo á terra.* Pareceo entaõ delirio, pelo tempo que hia da segunda, que entaõ era, á sesta feira, de que parece fallava, quando já se lhe contava por horas a vida. Mas, o successo fez despois pezar mais o dito. Naquelle estado foy durando, sendo raras as horas, que se apartava da Imagem de hum Crucifixo, e algumas vezes dando a entender, que a provocava o demonio (ou para lhe estorvar a devoçaõ, ou para lhe enfraquecer a Fé) forcejava com a maõ algumas acçoens, encaminhadas aos pés da cama, como em castigo de quem alli estava, e desprezo do que lhe fazia. Assim chegou até a quinta feira, em que com as ultimas demonstraçoens de estreita uniaõ, e conformidade com Deos, lhe entregou a alma em 7. de Dezembro de 633. vindo a enterrar-se á sesta feira, e a julgarse por ditosa a singeleza, com que o segurara.

CAPITULO XVI.

Da Madre Sor Francisca da Encarnaçaõ.

ESTáseme figurando ao lançar os olhos para a muita nobreza, que começou a po-

voar esta Casa (e ainda hoje a povoa) que a escolheo Deos para seu Palacio na terra; seria, a nosso modo de fallar, como obrigado do titulo de Monarcha, com que no Sacramento quiz, que o reconhecesse o Mundo, sendo aquelle homem Rey, que celebrando as bodas do filho, poz aos convidados hum banquete esplendido. Assim corria a nobreza á qualificarse nesta Casa, sendo sem duvida a do espirito a verdadeira nobreza. Foy venturosa a dos Condes do Basto Dom Diogo de Castro, e Dona Joanna de Mendonça, que tendo seis filhas, só duas lhe roubou o Mundo, passando se as quatro a este santo Palacio. Entre estas era a de menos idade a Madre Sor Francisca da Encarnaçaõ, que logo nos primeiros annos começou a pizar as esperanças, com que a lisongeava o Mundo (em estado devido á sua qualidade, e ás suas prendas) suspirando só as estreitas, e pobres paredes de huma Recoleta, a que convidando as irmãas, affirmava, que naõ querendo acompanhalla, ella só abraçaria esta vida.

A' segurança de o propor se seguio a resoluçaõ de o abraçar com animo taõ inflexivel, que nem a debilidade de suas forças, nem o continuo ameaço de seus achaques bastaraõ a suspendella, ou retardalla, entrando pelas portas desta santa Clausura, com tanto gosto de sua alma, que o dia de sua Profissaõ teve pelo mais ditoso de sua vida. Começou a fazella taõ rigorosa, e austera, que excedendo as custosas obrigaçoens, naõ só da Regra, mas da Casa, na oraçaõ, nos cilicios, nas disciplinas, era outro novo martyrio a diligencia de occultallas. Via, que naõ chegavaõ a tanto suas forças, temia o preceito da Prelada, ou para melhor, os assaltos da vangloria, ladraõ, com quem no caminho da vida se arriscaõ publicos os thesouros da alma.

Padecia rigorosissimas febres, sem que os incendios, que lhe trocavaõ a boca em huma chaga, lha abrissem para a queixa. Assim a trazia fechada no meyo de grandes, e continuas molestias, que sem que estas lhe servissem de escusas, aceitou o officio de Enfermeira, de que antes podia ser servida, que occupada. Mas dobravaõ-lhe os espiritos os alentos da caridade, que podiaõ diminuirlhos, sendo a caridade a que faz os males alheyos proprios, porque na sua debilidade vinhaõ a ser insoportaveis unidos os proprios, e os alheyos. Doia-se assim delles, que tendo nesta Casa as enfermeiras por companheira huma irmãa Conversa, ella se desvelava de sorte para o mayor, ou todo o trabalho, como se antes lhe deraõ a Irmãa para testemuha, que para companheira. Ella era a que se adiantava a fazer as curas, mais ligeira para as mais asquerosas; ella a que tomava á sua conta a limpeza das enfermas, como se o delicado das maons, e do estomago, naõ soubesse estranhar immundicias.

Mas agradava-se assim Deos das occupaçoens de Sor Francisca nesta officina, que sem duvida a acompanhava nella com huma singular providencia. Foy reparo, que fizeraõ algumas Religio-

ligiosas bem intencionadas; porque lançando conta ao que se dava a Sor Francisca para o gasto de sua Enfermaria em toda a semana, e sendo taõ pouco, que naõ era bastante para acaballa, havia continua experiencia, que as suas doentes naõ só naõ experimentavaõ faltas, mas ainda lhes sobejavaõ mimos. Assim crescia o sustento nas maons desta mulher forte, desvelada, e caritativa dispenseira com aquella familia necessitada.

Exacta no silencio, nem nos exercicios de procuradeira, em que he preciso o trato com toda a Casa, se lhe ouvia palavra, que naõ fosse precisa; nem a occupaçaõ lhe embaraçava tomar os seus dias de retiro (sempre exercitados neste Mosteiro) e costumava dizer, que entre as occasioens, que parece o destroem, se conservava mais meritorio; tal era a paz, e socego interior de seu espirito, ou taõ pouco o que a apartava de Deos nenhum commercio. Fizeraõ-na Sacristãa, occupaçaõ, que aceitou mais gostosa, e com o alvoroço de assistir ao culto Divino; mas segurou logo, que aquelle suave trabalho lhe naõ duraria hum anno, porque primeiro acabaria a vida, que o officio. O effeito mostrou de donde lhe viera similhante noticia. Naõ lhe tardou huma doença taõ perigosa, que se lhe gerou no peito huma postema; mas os desejos de servir na sua officina a enganaraõ, que convalecia della. Era pela Paschoa, assim chegou ao Oitavario de Corpus, em que cahio de huma febre aguda.

Desenganaraõ-na logo os Medicos, que se dispozesse para morrer. Respondeo segura: *Que nunca tratara de outra cousa.* Muito antes, andando mal convalecida, sonhou, que se via no Tribunal da verdade, e que lhe seguravaõ, que Deos tinha já dado a sentença de que morresse brevemente. Ao principio olhou para a imaginaçaõ como sonho; despois entrando em algum reparo, disse-o ao Confessor (era o Mestre Frey André de Santo Thomaz, entaõ Vigario nesta Casa) respondeolhe: *Que similhantes sonhos, era prudencia Christãa tomallos como avisos.* De entaõ naõ fez acçaõ Sor Francisca, que naõ fosse disporse para a ultima hora. Assim a achava agora o desengano della; escutou-a antes alegre, que assustada; e dizendolhe huma Religiosa, que era tempo de tomar o Viatico, e a Unçaõ; levantou ao Ceo as maons, e olhos, e enchendo-selhe estes de lagrimas, disse, como se lhe chegara a noticia do seu resgate: *In te, Domine, speravi, non confundar in æternum: Senhor, sempre esperey em vós, que naõ heide verme em eterna confusaõ.* E voltando para suas irmãas, que lhe assistiaõ, e ainda lhe propunhaõ esperança de vida, respondeo: *Que ella sabia muito bem, que se naõ levantaria daquella cama, porque se naõ enganava quem lho dissera.* Mas tornando em si com dissimulaçaõ, deu a entender, que fora huma Religiosa de bom nome nesta Casa.

Recebeo os Sacramentos, estando tanto em si, e taõ confiada em Deos, que naõ havia nella demonstraçaõ, que naõ parecesse alvoroço. Crescia a febre,

bre, e vencia a o ſono; pedio, que a deſpertaſſem, e lhe leſſem a Paixaõ do Senhor, e que naquella cella ſe naõ fallaſſe mais, que em Deos; e esforçando a voz, como que ſem reparo ſe valia daquelle deſafogo, diſſe: *Ay meu Senhor Jeſus, como póde ſer, que devendo eſtar chea do alvoroço para vos ver, eſteja dormindo como ſe fora hum bruto? Em voſſas Divinas Chagas confio que as portas do Inferno eſtaõ cerradas para mim; e que ſó o Purgatorio ſerá eſtalagem, por onde heide paſſar.* Ficou ſocegada, e voltando ás irmãas, lhes advertio, que na Sacriſtia ficava hum veſtido do Menino Jeſus, que naõ podera acabar, e algumas couſas de aceyo dos Altares, que lhes pedia acabaſſem tudo, porque queria dizer ao Senhor nas ultimas contas, que o vira nú, e que o veſtira.

Era notavel a advertencia, e o acordo, com que eſtava. Deſpois de pedir perdaõ á Communidade, voltou á Prelada, e com muita humildade lhe pedio, que feitos os officios da ſepultura, déſſe huma recreaçaõ ás Religioſas, pelo muito trabalho, que tinhaõ tido com ella naquella doença. Aſſiſtialhe huma Religioſa muito medroſa, a quem havia tempos diſſera que lhe havia de apparecer deſpois de morta: voltouſe a ella, e diſſe lhe: *Madre, naõ ſe aſſuſte; que eu naõ hey de apparecerlhe.*

Era morta Dona Paula ſua irmãa mais moça (que falecera Dama da Rainha em Caſtella) e como na morte ſe lhe ſeguia ella, que era a mais moça, reparou que eſtava mais ſuſpenſa Sor Filippa, que era das trez, que ficavaõ, a irmã mais moça, e diſſelhe: *Minha irmãa, naõ cuideis que me haveis de ſeguir a mim; que agora ha de começar a morte pelas mais velhas.* Vioſe deſpois a ſegurança com que o diſſera, porque a primeira, que faleceo, foy Sor Marianna, que das trez era a mais velha; deſpois Sor Catharina; e Sor Filippa, que era a mais moça, faleceo a ultima.

Pedio logo a huma das irmãas, que rezaſſe com ella o nome de Noſſa Senhora, que ſaõ cinco Pſalmos, e cinco Antiphonas, que principiaõ confórme as letras, que no nome de MARIA ſe vaõ ſeguindo. He devoçaõ uſada nas Caſas de mais refórma neſta Provincia, quando á noite ſe toca a ſilencio; reza ſe na caſa, que commummente chamaõ das Horas, Altar conſagrado á Rainha dos Anjos, em que ſe lhe reza o Officio Menor. Mas já ſe lhe hiaõ quebrando os olhos, e enfiando o roſto. Entraraõ os Padres para o Officio da agonia. Levantou os olhos, e diſſe ſegura: *Somos entradas na ultima batalha. Dominus incepit, ipſe perficiet: O Senhor, que o principiou, eſſe meſmo o acabe.* Aſſim eſteve com ſocego, ouvindo, e ajudando o officio, com perfeito, e deſembaraçado conhecimento. Acabado elle, poz os olhos no Ceo, e cerrando-os brandamente, paſſou a lograr nelle a eterna felicidade. Ficou taõ compoſta, e com taõ boa cor no roſto, como ſe vivendo deſcançara em ſuave ſono. Faleceo em huma terça feira, 9. de Julho de 1630.

CA-

CAPITULO XVII.

Da Irmãa Conversa Soror Victoria da Cruz.

GRandes segredos os da Providencia Divina, expostos antes ao nosso assombro, que ao nosso conhecimento! Admiraçaõ, em que despois de extatico, e absorto, rompia aquelle grande argumento della, S. Paulo, levantando os olhos aos desusados, e escondidos caminhos da misericordia. Grande Sacramento desta, que huma creatura sem idade, e conhecimento para merecer, comece a pizar as estradas do Mundo, já aconselhada do Ceo. Viose, e admirouse em Sor Victoria.

Nasceo filha de pays humildes, e taõ pobres, que para naõ deixarem o quotidiano trabalho, de que viviaõ, se valiaõ da industria da filha (naõ permittida ainda de seus annos) mandando-a á Cidade, a comprar, e a vender o de que necessitava, ou adquiria seu trabalho, e sua pobreza. Viviaõ em Bemfica, donde eraõ naturaes; passava continuamente a filha a Lisboa; e com ser o trabalho como a distancia, assim negociava Victoria, que lhe sobejava tempo para o continuo exercicio da oraçaõ. Nem lhe serviaõ as estradas de embaraço para elle, menos o trafego, e tumulto da Cidade, a que absorta na contemplaçaõ de Deos, tinha pela mesma Jerusalem Triunfante, vivenda da gloria; e a gente, que via, e tratava por Anjos Cidadaons della.

Naõ se admirem os credulos das aereas, e industriosas transformaçoens da Magia, das Circes, das Medeas, de supersticiosas hervas, de pedras encantadoras, trocando os homens em brutos, os montes em Castellos, o dia em sombras, a serenidade em tormentas, e as mais methamorphoses, com que o artificio diabolico, ou fabuloso enganou a cegueira dos homens, ou barbaros, ou estultos; que mayor poder, e verdadeira transformaçaõ he a que o amor de Deos sabe exercitar nas cousas creadas, e caducas, trocando em nada o tudo dellas, ou levando a ser tudo do Ceo o nada da terra, como usava com a singeleza santa daquelles poucos annos, e inculpavel oraçaõ de Victoria, transformando-lhe a Cidade da terra em a de Siam, estavel, e venturosa, o tumulto em sonoros Hymnos, e acçaõ de graças, os homens, e creaturas humanas em Angelicas.

Caso novo, mas referido, e testemunhado pelo seu Confessor, Religioso Carmelita Descalço, sogeito de letras, e espirito, chegando a dizer, que aquella alma por singular mimo de Deos, andava sempre em sua presença. Já Victoria parece que gostava neste valle de miserias aquella ditosa segurança do monte das eternidades; elevada vivenda, a que naõ chegaõ as perturbaçoens da terra. Assim se podia affirmar, vendo a familiaridade, que tinhaõ com ella os domesticos de Deos.

Passava hum dia á Cidade, encontrou-a a caso hum homem, (desconhecido seria, pelo que mostrou o successo, destes que o saõ no Mundo, mas naõ nos olhos

olhos do Senhor delle) Reparou nella, e chegando-se com assombro a saudalla, lhe perguntou quem era? Naõ estava Victoria costumada a deterse com praticas, nem a escutar perguntas; pareceolhe aquella demasiada de curiosa; respondeo que lhe naõ importava. Continuou seu caminho cuidadosa mais no pensamento, que sempre trazia, que na importancia, que a levava; naõ reparou que o bom homem a seguia: recolheose a Bemfica; soube elle a Casa, inquirio sua vida, achou as noticias, que suppunha, e buscando mayor clareza, alcançou, que em Carnide, lugar visinho, vivia o Religioso, que a confessava; esta era sua mayor importancia; parte sem detença, procura o Religioso, lança-selhe aos pés, pedelhe que o escute; e entre alvoroços, e sumissoens de compungido, e admirado, lhe diz assim:

Padre, sey que tendes a vosso cargo huma alma mimosa de Deos: e porque elle sem duvida he servido de que se conheça o quanto o he sua, vos busco para darvos esta noticia. Seu nome he Victoria, sua vivenda Bemfica: basta para inteirarvos de quem seja. No caminho da Cidade a encontrey hoje, em campo só, e desembaraçado; ao longe me fez novidade ver huma mulher entre dous mancebos com trage desconhecido, e pouco usado, tunicas brancas, e cabeças descubertas. Apresseime assustado, achey mayor prodigio, porque dos rostos de ambos graciosos, e modestos sahiaõ vivos rayos, como testemunhando que naõ seriaõ menos que dous Espiritos Angelicos. Caminhavaõ compassados, e sesudos, sem que a ditosa montanheza, a que faziaõ companhia, désse fé da que levava. Saudeya, e perguntei lhe quem era, taõ confuso, e admirado, como o pedia o que me estava succedendo; entendeo que seria em mim curiosidade de caminhante, passou sem deferirme; segui-a, agradecendo ao Ceo o favor de buscar em mim huma taõ vil creatura para testemunha dos que fazia áquella alma: assim permittio elle, que até de quem sabia tanto della, tivesse eu noticia: só vós a podeis dar deste prodigio, que sabeis de sua consciencia; que na minha boca parecerá loucura, como na dos que naõ achaõ ouvidos no Mundo, por desauthorizados, e desvalidos.

Assim callou o homem, admirando; mas naõ o ficou o bom Religioso do successo, como quem mais vezes os escutava semelhantes; e elle foy o que divulgou este, sendo culpavel a grande omissaõ de quem pondo-o em memoria, a naõ fez do nome do homem, e do Religioso, sendo crivel que naõ costuma o Ceo fazer linces de similhantes segredos, menos que a espiritos, em que esconde muitos.

Quem assim vivia entre a familia de Deos, bem se entende que ainda na terra seria Celeste a sua vida: esta continuou Victoria até os vinte annos, já taõ conhecida, e venerada sua virtude, que naõ escutaraõ as Religiosas desta Casa outra valia para a aceitarem nella por companheira. Assim entrou por Irmãa Conversa; e com taõ adiantado espirito, que naõ só servia a todas de consolaçaõ, senaõ de exem-

plo.

plo. Naõ se seguia menos do estylo de sua vida passada, e da grande resoluçaõ com que abraçava aquella taõ estreita, taõ austera, naõ só com ancia de a observar, mas ainda de a exceder.

Os jejuns continuos, a reçaõ naõ só apoucada, mas com novo, e rigoroso tempêro, aspera, e amargosa, commumente fria; ou cuberta de cinza. Naõ se melhorava na bebida, talvez misturava fél na agua. O segredo com que queria continuar este sacrificio do gosto, a levava com muito a servir a cosinha, e de caminho aquelle exercicio de se ver no ultimo grao do abatimento. Nas mortificaçoens sofrida; apertava sobre o peito huma Cruz cuberta de agudas pontas de ferro, do mesmo feitio era o cilicio, de que usou sempre, e nem este continuo tormento a dispensava de outro, tirando-lhe das maons a disciplina; cada dia tomava huma.

A oraçaõ lhe levava todo o tempo, que o serviço da Communidade lhe deixava livre, tirando de livros espirituaes os motivos da contemplaçaõ. Este o interesse, que a convidou a aprender a ler, assim os do nosso idioma, como os do Latino, de que entendia muito. Desta liçaõ tirava grande suavidade para as continuas meditaçoens de seu espirito, mas em quanto este se deleitava, naõ descançava o corpo, achando industria para usar ao mesmo tempo de huma, e outra vida. Aprendeo alguns officios, em que podia ser de proveito á Communidade. Corriaõ as Religiosas a occupalla, achavaõ-na todas, como se foraõ huma, assim igual para todas. Trabalhavaõ as maons, voava o pensamento, este sempre mais ligeiro em unirse com Deos, aquellas naõ com menos ancia caritativa. Toda era para Deos; e nella para o proximo toda; daquella lavareda, que sobia, era esta a braza, que lhe ficava.

Neste estylo de vida se achava muy mimosa, e quiz o Senhor provar sua paciencia. Começou a sentir interiores desconsolaçoens, aridez de espirito, despido de toda a suavidade delle. Entendeo o exame de sua constancia, na resignaçaõ livrou a mayor delicia. Dalli começou a respirar já como triunfante daquelle combate, a arder em gostosa chamma de caridade, daqui em ardentissima ancia da salvaçaõ das almas, encaminhando todos seus exercicios a este unico bem dellas.

Entendia-se assim do fervor, com que talvez praticava esta materia, naõ por se lhe ouvir nunca palavra com a menor noticia do que passava no interior de sua alma, como quem sabia recatar aquelle thesouro dos assaltos da vangloria. Huma unica Religiosa de conhecida virtude, a tratava mais familiarmente, e seus Confessores. Estes com tanta estimaçaõ, que dando-lhe hum accidente, de que entenderaõ, naõ escapasse, ao sahir de confessalla o Mestre Frey André de Santo Thomaz (era entaõ Vigario) disse para as Religiosas: *Naõ sabem Madres, o que perdem na Irmãa, que está naquella cama.* Era o Mestre Frey André muy considerado, opposto ás licenças de apregoar virtudes, e canonizar

espiritos no estado de viadores; mas entendeo, que naõ tardaria aquelle em pagar ao das eternas felicidades; este reparo a deixou alargar áquella noticia.

Mas nada luzia tanto nas acçoens de Sor Victoria (como cousa, que lhe naõ cabia no coraçaõ) como o zelo da honra de Deos, e observancia regular. Na minima particularidade das Constituiçoens da Ordem, na menor circunstancia das ordenaçoens dos Prelados, estava taõ advertida, e andava taõ resistada, que despois de observante, a achava o menor descuido zeladora. Assim era esta a materia, em que a escutavaõ affouta, sendo no mais humilde, e encolhida; e naõ havendo para ella emprego de mais cuidado, que agradar as Religiosas, nem reparo mais advertido, que o de naõ exceder a esféra de Freira Conversa, só aquelle era o ponto, em que aventurava o ficar bem aceita, ou o sahir estranhada.

Restavalhe já pouco da vida, e quiz Deos dobrarlhe o merecimento, para que lhe luzisse na coroa. Enfermou de hum cancro, que lhe nasceo no peito, e nem sendo a enfermidade taõ arriscada, deixou de ser necessario o preceito da Prelada, para a tirar da occupaçaõ da cosinha. As dores mostravaõ, que naõ estava longe a morte, commetteraõ-lhe a cabeça humas, que ella chamava do Inferno; só este nome as mostrava insofriveis, porque se lhe naõ ouvia queixa, de que se entendesse, que o fossem.

Pedio, e recebeo os Sacramentos primeiro com tanto alvoroço, despois com tanto socego, como conhecendo (no do Altar) que a vida, que alli gostava, era a que logo se lhe seguia; assim posta nas maons de Deos, esperava a morte como estorvo de principialla. Aquelles dias, e horas, que ainda lhe durou a da terra, esteve até ao ultimo espirito, com huma tal tranquilidade nelle, que por muitas vezes servio de admiraçaõ ao Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos, que lhe assistia, vendo que nem o impeto de mortaes dores, que recolhendo-selhe o cancro, se lhe espalharaõ por todo o corpo, nem as sombras da morte, que já tomavaõ parte delle, podessem turbar o socego, e paz interior daquella alma (que como se já pizasse o porto, desconhecia os sustos no meyo da tormenta) fallando com juizo, e desembaraço até á ultima hora. Chegou esta, e com huma imperceptivel respiraçaõ passou a melhor vida, em 3. de Fevereiro de 638.

Este o estylo, com que acabaõ os inculpaveis. Nos peccadores, he o acabar, passar da vida para a morte; nos Justos, passar da morte para a vida. Os peccadores morrem, sem saber se tornaráõ a viver; os Justos morrem, sabendo, que naõ tornaráõ a acabar. Os peccadores morrem, sem saber se sua alma perecerá na morte eterna; os Justos morrem, sabendo, que já naõ ha outra morte para sua alma. Por isso estes socegaõ, e aquelles se atribulaõ.

Assim ficou Sor Victoria com hum taõ composto, e bem assombrado semblante, como se naõ fizera a morte mais que resgatal-

gatalla dos achaques, e restituirlhe as cores, que perdera com elles. Testemunhava-o assim a veneraçaõ de alguns Religiosos da Ordem, que entraraõ para o officio da sepultura, e entre elles dous (de que naõ ficaraõ os nomes) de mais auctoridade, e opiniaõ de virtude, que da de Sor Victoria tinhaõ muita noticia, como os que muitas vezes a confessaraõ. Nem duvidou dizer hum delles, que o que se via naquelle corpo, eraõ reflexos de seu espirito glorioso, taõ illustrado em vida de luzes do Ceo, que alcançara ainda vivendo o conhecimento, e revelaçaõ de muitas cousas futuras. Segurava o outro (pessoa de naõ menos credito) que dando-lhe huma vez a Communhaõ, lhe vira, e admirara o rosto banhado em resplandores. A estes testemunhos, e veneraçoens (supposta a melhor experiencia de sua vida) se seguio a com que levaraõ particulas do habito, e o mais que se tocou no corpo da defunta, como joyas daquelle thesouro, que lhe escondia a terra.

CAPITULO XVIII.

Da Madre Soror Joanna do Rosario, Condessa de Vimioso, Fundadora deste Mosteiro.

QUando estes nossos escritos naõ tiveraõ mais assumpto, que o que agora nos chama, e nos auctoriza a penna, com a vida da Madre Soror Joanna, credito era desta Provincia, dar calor a esta escritura, pelos duplicados titulos, com que a esta Madre se confessa, e confessará sempre devedora, fiando se quer aos fracos hombros do nosso desvelo, esta taõ devida demonstraçaõ do seu agradecimento, no que deixamos viva a memoria de huma Heroina (verdadeiramente capaz de encher a boca da fama) como estribada nas duas grandes columnas de nobreza, e virtude, com que felizmente cresce o templo da immortalidade.

A esta Provincia deixou obrigada, e ennobrecida, porque de mais huma Casa sua (e a mais reformada) foy Fundadora, e do seu instituto foy mais huma filha, e a mais reformada (se he, que os espiritos, com que começou a respirar esta Casa, se consentiraõ precedencias na refórma). Mas vejamolo em sua vida. Nasceo a Madre Sor Joanna do Rosario (no seculo Dona Joanna de Mendonça) filha dos Condes de Basto, Dom Fernando de Castro, e Dona Filippa de Mendonça, unico mimo de seus pays, porque sobre as razoens de filha, avultavaõ nella muitas de prendas, que facilmente lhe davaõ o nome de milagre da Corte. Assim a tinha polido, e doutrinado, já naquelles poucos annos, a liçaõ dos livros, dandose com grande applicaçaõ á dos Latinos, lingua, em que se fez destrissima, com a ancia de entender as Escrituras, e os Padres.

Para o divertimento, e partes, que estima o seculo, naõ sahio menos polida nos instrumentos da Harpa, e Orgaõ, a que destrissima musica accommodava huma fermosa voz, que

lhe dera o Ceo, e que ella depois pagou agradecida, occupando-a nos louvores de quem lha dera. Sobresahia a todas estas prendas huma viveza, e graça natural em tudo o que dizia, sem que a galantaria molestasse a minima attençaõ da modestia. Naõ teve mais que lhe dar a natureza; só o Ceo teve mais que lhe dar.

Começou a verse pertendida do melhor da nobreza do Reyno, porque igualando a todas na qualidade, sempre as prendas a deixavaõ excessiva no dote. Casou-a seu pay com D. Luiz de Portugal III. Conde de Vimioso, de que teve trez filhos, e trez filhas, até que o Ceo quiz, que excedesse as prendas da natureza, de que a enriquecera, com a resoluçaõ, que agora lhe aconselhava. Abraçou-a logo, ajustando com o Conde seu marido hum santo divorcio, huma repulsa ás grandezas do Mundo, huma vida para sempre sepultada na Clausura, e huma sogeiçaõ ao suave jugo da obediencia religiosa. Assim se apartaraõ, assim se recolheraõ. A Condessa nesta Casa, que fundara; o Conde na de Almada, que escolhera. No principio deste livro fica esta noticia.

Entrada nos sagrados Claustros desta Casa, já naõ a Condessa de Vimioso, mas a humilde Sor Joanna do Rosario, nada da rigorosa, e estreita observancia da Casa, se lhe fez novo, porque o que agora dictava o preceito, já o tinha exercitado a devoçaõ; assim tinha sido sua casa huma voluntaria recoleta, e ella taõ exemplar Prelada, que da sua ilharga passaraõ duas filhas suas, huma a tomar o habito neste Mosteiro, que foy Sor Filippa Aurelia de Jesus (de que fallaremos) outra em Santa Catharina de Evora, que foy Sor Luiza de Deos, de que no segundo livro fica noticia. Naõ fez menos fruto na mais familia a dontrina, e exemplo da Condessa, que duas Ayas suas buscaraõ a mesma Casa de Santa Catharina de Evora. Estes os dictames, que se aprendiaõ, e praticavaõ naquella Casa.

Mas nem o ter sido Sor Joanna taõ grande Mestra de espirito, lhe fez estranho, ou pezado o largo tempo, que despois foy discipula, porque quatro annos foy Noviça nesta Casa, dilatando-lhe a profissaõ importancias grandes da sua de Vimioso, que se havia de compor para ella professar. Mas assim abraçava o trabalho, e occupaçoens, que nas Noviças saõ mayores, como se agradecera á composiçaõ os vagares, e assim desconhecia a causa delles no estado, que deixara, que sempre era a primeira, que a Mestra achava occupada, e mais contente, e satisfeita, quanto a occupaçaõ era mais vil, e mas penosa. Parece, que levava os olhos a Deos, assim na promptidaõ, como no gosto de se ver servindo; e quiz o Senhor accrescentar circunstancias a este espectaculo, porque lavando humas mantas de estamenha, serviço, que pedia mais forças, que as suas, torceo hum braço, achando-a as dores com tanto sofrimento, como a causa dellas com alvoroço.

Nasciaõ estes extremos do infimo conceito, que em toda

a materia formava de si, naõ havendo imperfeiçaõ, que naõ chamasse sua, ou acçaõ sua, que lhe naõ parecesse imperfeita, achando sempre nas alheas, que aprender, e que louvar. Mas mais no caminho da virtude, levando-se sempre de santa enveja das que via, e suppunha adiantadas nella, que na sua opiniaõ eraõ todas, e ella só a descançada, e vagarosa (assim o confessava) com mais annos de idade, e nem se quer hum passo na virtude. Eraõ palavras, que muitas vezes lhe ouviaõ repetir com magoa, e com que se confundia a si mesma.

Mas mayor sacrificio, o que fazia do entendimento, porque tendo-o claro, e polido, e ella sciente na Latinidade, era a primeira, que acodia a prover a reza na hora de exercicio, que tem as Religiosas por estatuto, provendo, e ensayando tudo, o que se ha de dizer no Coro; providencia, para que as menos destras naõ faltem á perfeiçaõ da pronuncia. Neste numero se metia dizendo, que hia aprender o que ignorava. Grande documento, estudado nas maximas do Sol das Escolas Santo Thomaz, que huma vez se escusou de dizer as Liçoens no Coro, com a desculpa de as naõ ter provido. E já era Mestre, já era grande. Assim se emmudecia a si mesmo aquelle Oraculo dos Doutores; mas porque assim o emmudecia o seu conceito, se escutava despois como Oraculo. Com que confusaõ o escutaria a ignorancia, sempre affouta, a naõ ser ignorancia! Só os nescios, que desconhecem as difficuldades, com que se logra hum acerto, se atrevem ao conceito, de que o desempenhaõ em tudo; e porque huma vez os favoreceo o acaso, em nenhuma os convenceo despois o erro.

Professou Sor Joanna, e naõ tendo, que innovar no seu estylo de vida, bastou para excessos o continualla. Era opposta a penitencias indiscretas, por excessivas, dizendo, que era necessaria muita prudencia, para naõ consumir as forças, que perdidas com aquelles rigores, se restauravaõ despois com vagares, e mais valia demorarse nas penitencias, que impossibilitarse para continuallas. Levava-a a este conceito o receyo, de que algumas Religiosas se tratavaõ com excesso, e que por este respeito viria o Mosteiro a ser mal servido. Esta advertencia repetia, vendo-se no lugar de Prelada, em que despois de larga bataria a poz a obediencia; mas sendo aquella a maxima, que praticara, assim desconfiava do seu voto, que na sua ultima doença protestou publicamente, que o differa, porque até alli era o que alcançava; mas que como ignorante, podia errar, e ser de mais utilidade o que impedira, que o que aconselhara.

Advertencia por certo digna do seu entendimento em materia, em que naõ póde haver resoluçaõ absoluta, porque de huma parte peza a razaõ da Madre Sor Joanna (porque aquelles excessos voluntarios, inhabilitaõ para os exercicios precisos) e da outra mostra a experiencia, que quem os praticou, naõ errava; se naõ reparem em hum S. Domingos ensangoen-

sangoentando trez vezes em huma noite (e fazia o em todas) huma cadea de ferro em larga disciplina. Huma Santa Catharina de Sena, jejuando desde o dia de Cinza até o da Ascensaõ, sem outro algum sustento, mais que o paõ dos Anjos, que só o he do espirito. Huma Santa Ignez de Monte Policiano, jejuando quinze annos a paõ, e agua; e sem duvida naõ podiaõ ser erro exercicios, que mereciaõ regalos do Esposo Divino. O certo he, que em materia taõ ardua só o Ceo aconselha; e que Sor Joanna conheceo a difficuldade, e venceo a grande de se descontentar do seu voto.

No cargo de Prelada só lhe pareceo novidade o nome, porque sem occupar o lugar do exemplo, sempre foy a primeira para o trabalho. Tinha agora de mais o andarse furtando ás pensoens do governo, por naõ faltar ás horas do seu retiro. Naõ bastando o frequentar muito estas, para faltar á continua vigilancia, por mais que a podia descançar a Celeste harmonia, com que hia correndo muito a observancia da Casa. Zelosa dos Estatutos della, naõ houve occasiaõ, por mais privilegiada, que a obrigasse a afrouxar na sua observancia.

Visitava as Religiosas em huma occasiaõ o Colleitor Castracani (grande venerador desta Casa, como o que a buscava, antes como Sacrario, que como Mosteiro do Sacramento). Levou-o o Confessor, que entaõ era o Padre Frey Joseph da Conceiçaõ, á grade do Coro, veyo a Madre Sor Joanna, entaõ Prioreza, acompanhando-a as mais antigas da Casa, que com os veos cahidos lhe fallaraõ, e agradeceraõ a visita. Pedio o Colleitor á Madre Sor Joanna, que levantasse o veo, mandando o mesmo ás suas subditas, que teria grande consolaçaõ em vêllas. Respondeo, que por Estatuto da Casa naõ podiaõ apparecer com os rostos descubertos; e dando a mesma reposta ás mais instancias, concluio o Colleitor, que bem podiaõ dispensar com elle, ou que elle dispensava por aquella só vez no Estatuto, como Nuncio do Pontifice, de quem tinha os poderes: *Por essa razaõ* (replicou a Madre Sor Joanna) *que Vossa Illustrissima he Nuncio de sua Santidade, e Prelado da Igreja, deve conservarnos, e induzirnos a mayor observancia, e naõ permittir, quanto mais aconselhar, relaxaçoens no rigor della.* Deuse o Colleitor por vencido, naõ acabando de admirar a santa inteireza, e constancia da boa Prelada, naõ esperando com tudo menos do que ouvia della, e da observancia da Casa.

Trez vezes foy nella Prioreza a Madre Sor Joanna, que as experiencias do primeiro governo a inculcavaõ para o segundo, e fora o seu continuado, em quanto viveo, se na sua humildade naõ fora violento tudo o que parecia dominio. Nelle repartia com grande consideraçaõ o tempo. Ficava despois de Matinas em oraçaõ no Coro, e com taõ grande fruto della, que sem poder dissimular as lagrimas, as publicavaõ os soluços, que compungiaõ as mais Religiosas, que alli ficavaõ. Dalli se recolhia a escrever, a dispor as provisoens do Mosteiro,

ro, e quasi sempre o mais tempo até Prima, com livros devotos, espelhos, a que concertava sua consciencia. Mas nunca se achava mais a seu gosto, que quando gastava o tempo, pondo-a a obediencia em officio, e occupaçaõ de mayor trabalho; aliviar a todas delle, era o seu desvelo. Assim era abrazada sua caridade.

A constancia, e sofrimento nos golpes, que mais sente a natureza, parece que a desconheciaõ filha sua. Assim escutou com os olhos enxutos mortes de parentes, e de filhos. Naõ admittia pezames, entendendo bem, que feita a vontade de Deos, naõ lhe ficava liberdade para os escutar. Nesta conformidade com Deos viveo nos Claustros, até idade de oitenta annos, tendo entrado nelles de quarenta e trez. Cahio em fim de doença ultima, e assim segurou, que o era, como se se lhe revelara. Escreveo logo algumas cartas a parentes, e alguns filhos, que ainda tinha vivos, em que lhes pedia suffragios, e lhes advertia o cuidado com algumas pessoas necessitadas, que desejava ver com amparo, e fóra de perigo. Assim dispoz tudo, como quem sabia, que já aquellas cousas lhe naõ haviaõ de dever outro cuidado, e perguntando-lhe as Religiosas, se tinha ainda cousa, que lhe désse pena? Respondeo: *Nada tenho, que me sirva de embaraço, porque os peccados, tanto que os confessey, os puz aos pés de Nossa Senhora, minha Mãy de peccadores, confiada, por naõ dizer, certa de sua grande piedade, que por meyo de sua intercessaõ, e patrocinio, mos havia o Senhor de perdoar. E bem estava, digo bem aviada estava a peccadorinha, se neste trance lhe fora forçado lidar com peccados.*

Grande documento para os filhos da Fé. que esperaõ os frutos da immortalidade, disporem sua alma nos desafogos, e socegos da vida, sem esperar a ultima hora, onde tudo embaraça! As dores da doença, as angustias da morte, os remorsos da consciencia, as saudades do que fica, e duvida do que se espera, e as cavilaçoens do inimigo, que naõ descança. Assim he precisa a cautela Christãa, por naõ chegar a hora, em que o arrependimento seja martyrio, e naõ remedio.

Este o socego, com que naquella hora se achava a Madre Sor Joanna; mas tal a providencia com que se anticipara para aquella hora. Em huma entrou o Medico, e dizendo-lhe, que naõ achava materia, que lhe fizesse desconfiar da doença, e que Deos lhe dilataria ainda a vida, respondeo: *Más novas me dá Senhor, ainda que eu, nem desejo morrer, nem viver, porque só Deos sabe o que nos está melhor.* Eraõ já os ultimos dias, cresciaõ intoleraveis as dores, e perguntava ao seu Confessor, se seria culpa desejar morrer, por livrarse dellas, accrescentando: *Ainda que eu naõ o peço a Deos.* E quando mais a apertavaõ, levantava os olhos ao Ceo, sem passar se quer ao desafogo de hum gemido. Sem duvida era imitaçaõ de seu Esposo, o espirar com sede de padecer.

Chegoulhe huma carta de seu filho o Marquez de Aguiar, em que lhe segurava o sentimento

mento de a ter naquelle estado, e a consolava com verdades de filho. Ouvio-a ler, e disse, que aquella carta lhe dera grande pena, porque tinha muito alivio em experimentar em hum filho aquella lastima, e aquella lembrança; mas que pelo que se aliviava, o sentia, porque já naõ era tempo de alivios desta vida, mas de penas, que a dispozessem para a outra.

Chamou as Religiosas, e pedindo-lhe primeiro perdaõ do mao exemplo, passou a exhortallas com palavras taõ vivas, taõ cheyas de espirito, taõ concertadas, e persuasivas, como se se esquecera da debilidade em que estava. Aconselhoulhes a observancia, despersuadindo-as da magoa de sua falta, porque sobre ser inevitavel o tributo, já era o melhor tempo de pagallo, porque Deos o tinha disposto. Abraçou-as, e lançoulhes a bençaõ, doendo-se de as ver chorar. Pedio logo á Prelada, que lhe mandasse abrir sepultura aos pés de todas, mas naõ junto á Irmãa Conversa Sor Victoria, porque tinha falecido com opiniaõ de Santa, e ella se achava indigna de tal companhia. Pareceo tempo de receber os Sacramentos, e foy grande a doçura, que sentio em seu espirito, percebida nas palavras, e no rosto.

Pedia, que continuamente lhe lessem a Paixaõ de Christo, pelo livro do Mestre Frey Luiz de Granada, sem duvida, porque á vista daquellas dores, lhe ficassem as suas menos sensiveis. Outras vezes tomando nas mãos hum devoto Crucifixo, despois de penitentes supplicas, e ardentes jaculatorias áquelle sangue precioso, accendida em huma desusada viveza, e estranho modo de alegria, repetia, como desafogando o coraçaõ: *Que hei de ir ao Ceo! Sim por certo, pelo sangue de meu Senhor Jesu Christo. Que hei de entrar pelas portas do Purgatorio, cantando muitas vezes Alleluia! Que entro no Purgatorio, Alleluia! Que já naõ temo o demonio, Alleluia! Que estou perto de ver a Deos, Alleluia!* Dizendo isto, ficava suspensa, e socegada.

Verificava-se nisto o que esta Madre dissera na occasiaõ, que se recolheo a esta Casa, e se ausentou da sua, que entaõ deixava, e se despedio de sua familia, chorando, mas que esperava em Deos, que havia de morrer rindo. Naõ succederia menos (promettera o Espirito Santo pela boca da Sabedoria) áquella providente, e desvelada mãy de familias, que dispondo bem sua casa, trabalhasse pelas verdadeiras grangearias da melhor vida, naõ descançando nunca entre trabalhos do Mundo, para que no fim se risse ao sahir delle.

Et ridebit in die novissimo. Prov. 31. 25.

Succedeo assim á Madre Sor Joanna, estando já com poucas horas de vida, que tendo repetido as Alleluias da sua jaculatoria, ouvio, que no Coro se cantava o verso do Psalmo 125. *Qui seminant in lacrymis*, e continuou: *In exultatione metent.* Accrescentando: *Será isto para quem fez boa sementeira de lagrimas.* Val tanto o verso, como dizer: *Os que semeaõ lagrimas, colhem alegrias.* Naõ fallou mais, tomada de hum repentino accidente, que abrandando, a deixou com livre, e perfeito juizo, ainda que muda, porque

com grande advertencia, e consolaçaõ de espirito, recebeo o ultimo Sacramento.

Choravaõ as Religiosas, que perdiaõ nella mãy, conselho, e alivio. Naõ lhes esquecia a liberalidade, com que lhes dera Casa, o amor, com que lhes viera fazer companhia, a brandura, e caridade, com que tantos annos as governara; e eraõ estas razoens taõ poderosas para a sua saudade, que faziaõ cara ás que tinhaõ de alegrarse, vendo-a taõ perto de entrar no ultimo, e verdadeiro descanço. Mas a boa Madre levantando os olhos, e as maons ao Ceo, dava a entender, que ao que elle dispunha, só havia de responder a sogeiçaõ, e a obediencia, devendo ainda enxugarse as lagrimas, por naõ parecerem miudas repugnancias.

Foy cousa digna de reparo, que estando já no ultimo termo, desfalecida, e sepultada naquella mudez, de que naõ tornou a sahir, chegando-lhe hum dos Religiosos a Imagem de hum Crucifixo, e applicando-lhe a boca á chaga do Lado, advertindolhe, que o beijasse com muito affecto, rompeo o silencio, dizendo trez vezes com voz clara, e vigorosa: *Muito, muito, muito.* E assim ficou abraçada com a sagrada Imagem. Era ardentissima a devoçaõ, que tinha com a Senhora, com o seu Rosario; esse affecto lhe ensinou a escolher o nome para seu patrocinio; como estava com todos os sentidos, e espertos todos, lembraraõ-lhe as Religiosas, que lhe assistiaõ de mais perto, a mayor delicia de sua alma, começaraõ a entoar o nome de Nossa Senhora nos cinco Psalmos, e chegando ao quarto, e ao verso: *Qui seminant in lacrymis, in exultatione metent*, deu o espirito ao Senhor, passando ao Ceo, a colher a eterna alegria, fruto das lagrimas, que semeara na terra. Era o oitavo dia da Ascensaõ, 21. de Mayo de 1643.

CAPITULO XIX.

Das Madres Soror Isabel de Jesus, e Soror Margarida da Resurreiçaõ.

Ficara Sor Isabel orfãa, e menina, e como filha de pays nobres, e ricos, em poder de irmaons poderosos, razaõ, que fazia nella a sogeiçaõ mais precisa, e nelles mayor a liberdade de lhe darem estado a seu gosto. Mas quando o dispoem o Ceo, nem a nobreza estima grandezas, nem o ouro aconselha cobiças, porque nada ha na terra, que tenha valia, ou seja estimavel, se se olha com olhos livres do pó, que levantado do vento da vaidade, cega, para o conhecimento do pouco, que he tudo.

Era Sor Isabel rica, e nobre, dous privilegios, que mais estima o Mundo, para grangear as idolatrias dos que crem, que o barro póde ser duravel materia para fabricar hum idolo. Mas já naquelles poucos annos tinha madrugado tanto o conhecimento, que lhe naõ servio o muito que lhe offerecia o Mundo, mais que para a fazer avultar, pizando-o, e metendo-o debaixo dos pés, artificio poderoso, para a avisinhar mais ao Ceo, a quem devia o conse-

conselho; e a quem o pagava com a resoluçaõ de naõ escutar, nem seguir os que lhe podia dar o mesmo Mundo. Já seus irmaons começavaõ a escutar as diligencias dos que a pediaõ esposa (fosse negaça o dote, ou a nobreza) diffirindo o ajuste só por razaõ da idade. Cessou com os annos o embaraço, entenderaõ seus irmaons, que naõ havia outro; propuzeraõ-lhe os commodos, e obrigaçoens precisas de aceitar aquella vida; mas nada valeo com Sor Isabel para deixar a que já escolhera como mais segura.

Tomou o habito da Terceira Regra de S. Domingos com tanta resoluçaõ de se aproveitar das santas grangearias delle, que em breve tempo se conheceraõ os acertos da escolha nas experiencias de sua virtude. Assim era sua vida como da mais apontada, da mais observante Religiosa, naõ lhe faltando mais que a circunstancia da Clausura. Passados annos, se passou a ella, tomando o habito nesta Casa, como se se estivera dispondo para as grandes obrigaçoens della, naõ fiando de seu espirito o acertallas sem aquelle ensayo. Mas idade crescida, gastada em voluntarias penitencias, naõ deixavaõ vigor nos hombros, para sustentar por muito tempo o pezo daquella Cruz; houve de aliviarse, dispensou a a sua grande fraqueza de Matinas, porque naõ podia estar em pé; mas achou industria, para naõ perder o merecimento dellas, desvelando-se toda a noite para chamar as Religiosas, fazendo o mesmo a Prima; e assim vinha a concorrer para aquellas sagradas funçoens com a diligencia, mais que o que podera com a pessoa.

O mais do tempo lhe levava a oraçaõ, e liçaõ dos livros sagrados; assim era sua vida hum continuo commercio com o Ceo. Meditava enternecida na Paixaõ. Arrebatava-a hum ternissimo affecto com a Senhora do Rosario, e huma suavidade grande, com que assistia á sua *Salve* de Completas, e já com taõ poucos alentos, que antes parecia privilegio da devoçaõ, que diligencia delles. Já contava vinte e trez annos de habito em venturosa velhice, quando cahio em huma larga enfermidade. Fora sua vida antes huma vital chamma de caridade com todas as Religiosas, mais ardente com as Noviças (sempre o mais penoso cahe sobre os hombros destas) naõ queria desacommodallas com assistencias, menos com desvelos de mesinhas; assim sofria as dores, e os incommodos, sem se lhe escutar huma queixa, tendo todo o corpo em huma chaga viva. Levantava os olhos para as de hum Crucifixo, que lhe fazia companhia junto á cabeceira; e quando se via mais attribulada, e dorida, dizia com voz branda, e mortificada: *Chagas de Christo crucificado*, repetindo muitas vezes *crucificado*, como se aquelle fora o seu unico lenitivo.

Recebeo os Sacramentos com vivas demonstraçoens de piedosa alegria; olhava para a morte como resgate; esperava no ultimo instante da vida o primeiro de seu descanço. Só tinha hum unico no que aquel-

la

la durava, que era merecer melhor a que se lhe seguia. Parece que lhe fazia o Ceo essa lisonsa, porque contando-lhe já o alento por horas, assim lho foy sustentando por dias, que chegou até o de Sabbado da Alleluia. Pareceo, a quem melhor reparou, cousa mysteriosa.

Corria o anno de 638. lamentava todo este Reyno o golpe, com que a espada da Igreja o ameaçava no interdicto, em que o tinha deixado Monsenhor Castracane (Legado do Papa Urbano VIII.) porque oppondo-se ás tyrannias de Castella (injusto jugo, em que vivia opprimida esta Coria) naõ só lhe negaraõ a obediencia, mas ainda lhe ameaçaraõ a liberdade, e a vida. Era commum escandalo da Christandade o litigio, que os Ministros Castelhanos sustentavaõ contra a immunidade Ecclesiastica, querendo, que nem esta ficasse fora dos exorbitantes tributos, com que avexavaõ os Povos. Procedera com censuras o Legado, nunca obedecido, e finalmente ameaçado. Grande fatalidade! Sello de vassallos de hum Principe por anthonomasia Catholico! E naõ menor satisfaçaõ para os Portuguezes (a quem aquelles chamaraõ despois rebelados á Coroa) vellos a elles rebeldes á Igreja, com tanta differença, que mostrou bem despois o successo, favorecido do Ceo, que a nossa rebeliaõ foy justiça, e a sua inobediencia, contumacia. Nella persistiraõ com taõ desembuçada irreverencia á jurisdiçaõ Apostolica, que o Legado escolheo por sagrado o retiro, donde já naõ conhecia outro sagrado. Partio occultamente para Roma, deixando interdicto o Reyno, taõ sogeito sempre ás leys Apostolicas, que só na voz de Castella, que entaõ tinha, se lhe escutara esta inobediencia.

Assim lamentavaõ as Religioens, e Casas sagradas a pena do interdicto, emmudecidas em todas aquellas celebridades, com que costumaõ dar a Deos culto, quando por instantes acabava a vida a Madre Sor Isabel. Sentiaõ as Religiosas (como as que sabiaõ conhecer, e venerar sua virtude) o haverem de lhe dar sepultura sem aquellas solemnes demonstraçoens, com que a piedade Christãa se consola; mas entrando a moribunda a semana de Ramos sem esperança de passar do primeiro dia della, chegou com admiraçaõ de todas até ao de Sabbado, em que com rara conformidade, e socego de espirito, antes com mostras de sobrenatural alegria, passou a lograr as suavidades da eterna; valendo-lhe a solemnidade da Paschoa, para que com toda se lhe houvesse de dar sepultura, o que se fez ao dia da Resurreiçaõ de tarde, partindo a Igreja de seus privilegios com aquelle corpo, como já a Triunfante o fazia com o seu espirito; ou permittindo o Ceo, que se misturassem as Alleluias com as exequias de huma vida, em que se viraõ os indicios de resuscitar gloriosa.

Naõ madrugou menos a piedade Christãa na Madre Sor Margarida da Resurreiçaõ, que o fizera na Madre Sor Isabel, porque com as primeiras luzes da razaõ começou tambem a bus-

buscar aquelle caminho, para que só ás do Ceo descobrem o passo. Mas as prendas da natureza, de que era dotada, a faziaõ taõ conhecida, que começou logo a verse, naõ só pertendida, mas perseguida de diligencias dos que a esperavaõ espoja, como se a executara a terra, pelo que tinha de sua; mas eraõ aquellas prendas os engastes, com que o Ceo ornava aquella Margarita, buscada a mayor diligencia, e destinada a melhor ventura.

Assim succedeo. Era filha de pays honestos; entenderaõ adiantar sua casa nas condiçoens de honra, e fazenda, com que se aventajava hum dos pertendentes de Margarida; dispuzeraõ de sua liberdade, deraõ-lha esposa; mas em taõ breve tempo perdeo este nome na vida do marido, que se desenganaraõ os pays, que mais poderosa maõ a negociava sua, e a estimava preciosa. Já livre daquella prizaõ, começou a agradecer ao Ceo a liberdade, nas ancias de a cativar aos seus conselhos; assim com lagrimas, e larga oraçaõ lhos pedia, para os acertos de ser toda sua. Começava entaõ a povoarse esta Casa, como Sacrario de Deos, de abrazados, e puros espiritos; convidava o Angelico daquella vida aos que desprezavaõ a da terra; para aqui se declarou a vocaçaõ de Sor Margarida.

Buscou as Religiosas resoluta; pedia o negocio madureza; deixaraõ, que o tempo lhe provasse a constancia. Instava com supplicas, com lagrimas; derretidas humas, accendidas outras, áquelle fogo, que naõ admitte detenças. Grande espectaculo para a confusaõ humana! Que mais fariaõ os desejos impacientes, para os avanços, para os commodos da vida, que estes para o continuo martyrio della? Qué mais para os estados, que estes para os abatimentos? Que mais para a purpura, que estes para a mortalha? Mas eraõ já idiomas do Ceo, os com que Margarida pedia; entendiaõ-no bem aquelles espiritos como nelle versados; naõ houve outro embaraço; aceitaraõ-na no Mosteiro.

Naõ havia detença, porque já Sor Margarida naõ attendia á nenhumas da terra. Chegou o dia da entrada, e ella á grade do Coro, a responder ás perguntas do Prelado, que (conforme as nossas leys) lhe propunha os rigores, e asperezas, á que voluntariamente se sentenceaõ, as que com aquelle genero de vida se sepultaõ. Levantou a caso os olhos, e encontrou com elles a Imagem de Christo, naquella fórma em que Pilatos o mostrou ao Povo, com huma inscripçaõ, que dizia: *Ecce Homo*; val o mesmo que: *Eis-aqui o Homem.* Mas assim se lhe figuravaõ vivas as chagas, fresco aquelle sangue, animada aquella agonia, que lhe pareceo, que via, naõ huma pintura, mas ao mesmo Christo vivo nella, como se naquella hora o acabara de ferir o flagello, e se levantasse a condemnallo o Povo.

Da vista se lhe estampou assim na memoria, que nunca mais o perdeo della. Testemunhava-o muitas vezes, accrescentando, que com aquella vista lastimosa, interiormente re-

presentada, triunfara Noviça de muitas occasioens, em que fraqueando a natureza, se intimidara aos rigores daquella vida, ou se resolvera ao desatino de deixalla. Por espaço de quarenta annos a continuou Sor Margarida, com taõ exacta observancia, como no primeiro dia em que a abraçara. Na caridade, na compaixaõ, no abatimento proprio, toda era excessos; e tal o de abatida, que sendo taõ crescida em annos, taõ venerada das que a olhavaõ como Mestra, todo o seu emprego era misturarse com as mais modernas na mais infima, e custosa occupaçaõ da Casa, naõ tendo (como dizia) hora de mayor gosto, que a de mayor trabalho.

No cilicio, disciplina, e jejum, bastando os do Mosteiro para o rigor, parece, que deixavaõ ainda com sede aquella ancia penitente; assim os dobrava com escrupulos de viver mimosa. Dormia vestida, para que o Coro, e a oraçaõ a toda a hora a achasse prompta; assim era sua vida huma continuada guerra com o corpo, que vencido mais de penitencias, que de annos, naõ tinha vigor para hospedar o espirito. Chegouse a hora de o passar a melhor morada, recebeo os Sacramentos com espiritual doçura, esperou a morte intrepida, demonstraçoens da vida, que esperava. Passou a ella em 17. de Março de 645. Assim o testemunhou o seu cadaver, exhalando suavissimas fragrancias, acompanharaõ no estas até á sepultura, ainda depois de muitos dias se perceberaõ nella. Naõ podia ser outro o fumo, que de si despedissem aquelles secos ossos, acabando de apagarse nelles o lume de huma vida, que a caridade conservou lavareda.

CAPITULO XX.

Da Madre Soror Filippa de Jesus, huma das que deraõ principio a esta Recoleta.

LAvrado com dispendio, e desvelo o Templo material de Deos em esta sua Casa, antes venturoso Sacrario, em que se havia de hospedar Sacramentado, dando-lhe em paga o seu nome, para eterno, e singular timbre, buscava a devota diligencia dos Condes de Vimioso racionaes bases, sobre que se levantasse o espiritual Templo de Deos vivo, e doutrinados espiritos, com que começasse a respirar a Angelica vida daquella Recoleta. Era a Casa de Santa Catharina de Sena de Evora, sagrado, e mais celebre Seminario, em que a Religiaõ os criava, e era a Madre Sor Filippa, a que assim se adiantava em prendas de Religiosa, que nem o retiro, e cautela da Clausura a permittia desconhecida.

Entrara naquella Casa com mais duas irmãas, taõ prendadas, como virtuosas: venturosos pays, os que a Deos offereceraõ taes victimas, furtando-as á contingencia de mal empregadas. Foraõ estes André Bugalho, e Dona Damianna Pereira, pessoas de conhecida nobreza, e virtude. Assim foy esta nas filhas herança, que perdendo a mãy, só á Religiaõ quizeraõ dar este nome, recolhendo-se todas trez em Santa Cathari-

tharina. Era a mais moça a Madre Sor Filippa, mas naõ só as irmãas, ainda as mais adiantadas em annos, e virtude, lhe desconheciaõ a idade; parece, que naõ cabia tanto na de doze annos. Chegou aos quinze, entrou no de approvaçaõ, e passou aos de professa, com tantos augmentos de reformada, e zelosa, que nas vozes, e admiraçoens de todos chegou á noticia dos Condes, sendo a voto de todas huma das Mestras de espirito, que pediraõ, e alcançaraõ, e finalmente trouxeraõ para esta Casa, onde se começou a escutar como huma regra viva, do que se devia observar, e observou sempre nella.

Naõ houve occupaçaõ, em que naõ aliviasse ás outras o trabalho, e em que lhe naõ désse exemplo. No Coro, antes se podia dizer, que vivia, do que, que o frequentava. Era alma delle, e singular suavidade de sua alma, entoar a Deos louvores. A todas animava, e sobre todas se ouvia; tal era sua voz sonora, clara, alta, vigorosa. Naõ havia funçaõ na Casa, em que lhe esquecesse, que viera primeira, naõ para o respeito, para o cuidado; assim foy o lugar de Prioreza o unico, que a achou esquiva. Nem a negaça de ser aquelle dominio servidaõ, lhe tirava o horror de lhe parecer dominio. Fazia lhe grande violencia hum profundo abatimento, de que tinha feito vida. Contava vinte e cinco annos, quando entrou a ser Mestra desta Recoleta. Já sua virtude parecia consummada em taõ poucos; mas foy, que tinha madrugado nos primeiros.

Nos rigores, e exercicios da Casa, desvelada para exemplo, occultamente ainda excessiva para desafogo; só assim socegava seu espirito; naõ tinhaõ para elle as leys mais de rigorosas, que o que de taxadas. Assim fogia aos olhos de todas, para o rigoroso das disciplinas, para a contemplaçaõ em que se detinha, banhada em lagrimas, corria hum, e outro sangue, que naõ eraõ mais executivos os golpes do braço, que os do sentimento, como mais sensivel o coraçaõ, que o corpo. Naquelle naõ havia mais que Deos, e só Deos se lhe escutava na boca; mas eraõ sempre os olhos os primeiros, que respondiaõ nesta pratica, fiando das lagrimas mais expressivo idioma. Naõ achava outro mais proprio para fallar com o Ceo; sabia, que o Senhor delle costumava escutar no ruido das lagrimas a vida dos penitentes. Assim lhe succedia, quando chegava á confissaõ (sendo na de seus Confessores de inculpavel vida) como alli dava a Deos conta della, entendia, que das lagrimas tomaria melhor essa conta; como se dissera com o Profeta: *Deus vitam meam annunciavi tibi, posuisti lacrymas meas in conspectu tuo.* Vem a dizer: *Senhor, conteivos minha vida, e para o que olhaste, foy para minhas lagrimas.*

Incançavel a achava sempre a occupaçaõ de mayor aceyo para o culto Divino. Na Sacristia servio vinte annos; e só estes por cançados (advertencia compassiva dos Prelados) a tiraraõ della; mas nem a impossibilidade lhe callou a queixa, porque a tinha de que naõ esperas-

perassem do seu gosto, o que já desconfiavaõ do seu alento. Assim dizia a Deos com muitas lagrimas: *Bem sey, que me lançais fóra de Casa, por inutil serva. Mas, Senhor, que vos fez esta serva, que a tirastes de vossa graça?* No tempo, que assistio nesta officina, naõ perdoava a diligencia, que conduzisse á mayor decencia, e pureza do que tocava a ornamentos, e mais pertencentes ao Sacrificio da Missa, venerando assim tudo o que se costuma occupar nella, que a primeira vez, que no dia entrava na Sacristia, punha os joelhos em terra, inclinando-se especialmente para a parte em que guardava Calices, e Corporaes. Assim entendia, que se deviaõ pôr os olhos em alfayas taõ santas, que se naõ deixaõ tocar, senaõ de mãos sagradas. Grande reprehensaõ para o pouco reparo, e menos aceyo com que se vem hoje tratadas em algumas sagradas officinas, sendo mais culpavel o pouco escrupulo nos Prelados dellas!

O gosto, com que se applicava a similhante trabalho, naõ se lhe via só na diligencia, tambem na alegria, sendo taõ excessiva a com que acodia á principal solemnidade na Casa (que he do Sacramento) que a naõ sabia dissimular, como se lhe naõ coubesse no coraçaõ; assim applicava as maons ao que era preciso, rompendo-lhe na boca abrazadas jaculatorias, derretendo-selhe nos olhos suavissimas lagrimas. O espirito alli assistia a animar aquellas piedosas acçoens; mas lá o levava a contemplaçaõ a tratar com Deos; taõ continua, e facil nesta occupaçaõ Angelica, que naõ era a vida desta Madre, mais que huma contemplaçaõ continuada.

Em se desembaraçando das obrigaçoens da Communidade, naõ tinha lugar mais seu, que o Coro; aquelle era o seu centro, visitado com tanto alvoroço de seu espirito, que muitas vezes o desafogava em lagrimas. Tinha esta Madre este dom, e eraõ estas commummente a primeira attençaõ, que lhe deviaõ affliçoens alheyas; assim a achavaõ todas maviosa, branda, compassiva. Já os annos, que as penitencias faziaõ parecer muitos, a tinhaõ reduzido a tal debilidade, que naõ podia continuar Matinas; mas já no Coro ás trez da madrugada se vingava da falta, que fizera nellas. Outras vezes de Completas até á meya noite, a que se recolhia, como se enganara os achaques com o nome de dispensada, para lhe darem liberdade para mayor assistencia.

Grande fé, igual efficacia, a com que costumava pedir a Deos. Via-se no effeito de conseguir facil o despacho. Com a mesma confiança recorria em suas tribulaçoens á Rainha dos Anjos, que amava com ternissimos affectos de sua alma. Naõ sentio nella mayor affliçaõ, que a de ver sua irmãa (era a Madre Joanna Bautista, e logo terá seu lugar nesta escritura) prostrada de huma doença com sinais de ultima. Mal ouvio este desengano, corre ao Coro (venerava nelle com fé viva, e carinhosa huma Imagem da Senhora da Assumpçaõ) lança-se por terra, e fallando antes com o coraçaõ, que com a boca, antes em lagrimas, que em vozes,

pedia

pedia á sua grande Advogada, que lhe naõ tirasse na da irmãa aquelle unico arrimo da vida. Caso grande! Escuta, que lhe responde a Senhora: *Mulher de pouca fé, porque duvidaste? Haviate eu de faltar? Tua irmãa vive.*

Poz Sor Filippa a boca em terra, e metida no abysmo da humildade, naõ ousava a erguer os olhos em veneraçaõ de sua Bemfeitora; mas confusa, acanhada, e emmudecida, se deixou ficar por largo espaço, fiando dalma, e do coraçaõ as graças, os agradecimentos, os jubilos. Naõ devia Sor Filippa menos cuidado ao Ceo, e á Rainha delle, assim se lhe permittiaõ, ainda em vida, favores, como a quem só com elle se comerceava.

Espirou a Prelada da Casa (era de seu mesmo nome a Madre Sor Filippa de Jesu Maria) sentio a Madre Sor Filippa a falta daquelle santo commercio. Tinha deixado o corpo na Enfermaria. Era entaõ Subprioreza, sahio a obrigaçoens do officio, e occupando algum espaço de tempo, passava ao Coro a protestar a Deos, o como na sua vontade se resignava naquella perda, quando lhe suspendeo os passos, e os sentidos huma peregrina, huma suave musica. Levou-a o primeiro discurso a imaginar, se sem ella levariaõ o corpo para o Coro; desenganaraõ-na os olhos, sem lhe sahir a melodia dos ouvidos. Levantou as maons ao Ceo, dando-lhe graças entre aquella harmonia Angelica, em que suppunha descançando a ditosa amiga.

Mas eraõ já muitos os annos; parece, que naõ queria o Ceo, que o dilatarlhe a coroa, favorecesse a duvida de naõ estar merecida. Apanhou-a hum rigoroso accidente apopletico, que a privou de todos os sentidos. Affligiaõ-se as Religiosas de a verem acabar sem Sacramentos. Assistialhe o seu Confessor, pedialhes, que dessem a Deos graças, sem querer entender seus juizos, que Sor Filippa passava a lograllo com as circunstancias, que elle era servido: que trocassem a pena em santa enveja; que elle se alargava a darlhes aquelle seguro, porque naõ permittia o Ceo sentimentos em occasiaõ de jubilos.

Naõ permittio elle, que ficasse em opinioens a razaõ de os haver; tornou Sor Filippa a seu perfeito juizo, recebeo os Sacramentos com igual devoçaõ, que socego; assim durou ainda alguns dias, gastados em fervorosos colloquios, seguidos de piedosas lagrimas, convidando a ellas as Religiosas, que agora as choravaõ de desconsoladas, como primeiro de affligidas.

Foy capaz de reparo, que a este tempo se tinha restituido esta Madre (a petiçaõ sua) á antiga assistencia da Sacristia (esta em toda sua vida a occupaçaõ mais gostosa) sahia della, quando a apanhou o accidente, reduzindo-a a tal estado, que a conselho dos Medicos a recolheraõ dentro, e pelo risco, que corria no abalo, se lhe fez alli huma cama, dalli se despedio sua alma para melhor vida, em hum Domingo, 19. de Agosto de 646. permittindo, e dispondo o Ceo, que se

ſe naõ eſcondeſſe o muito, que lhe eſtimara aquelle ſerviço, pois do lugar em que lho fizera, ordenava, que paſſaſſe a receber a paga.

CAPITULO XXI.

Das Madres Sor Margarida da Coroa, e Sor Magdalena do Eſpirito Santo.

PArece, que era Deos o mais empenhado em que ſe povoaſſe de eſpirituaes plantas eſte ſeu Paraiſo, porque elle meſmo ſacramentado, havia de ſer a gracioſa fonte, que lhes déſſe o alimento. Aſſim as criava viçoſas, ſendo a graça o orvalho, que as fecundava, quando mal lhes amanhecia o dia da razaõ. Aſſim o moſtrou em muitas a experiencia; agora na Madre Sor Margarida. Naſceo na Villa de Aveiro, de que eraõ naturaes Manoel Rangel Lobo, e Luiza Carreira da Coſta, ſeus pays, nobres, ricos, e virtuoſos. Como taes naõ deſconheceraõ o premio, que o Ceo lhes dava em huma filha, que antes naſcia para elle, que para elles.

Aſſim começou ella a provallo na piedoſa inclinaçaõ com que foy creſcendo, ſervindo aos pays, e parentes primeiro de edificaçaõ, que de alivio. Eſte raro genio a fazia eſtimada de todos, como melhor joya da familia, ſendo o que com mais reparo a avaliava Dom Frey Miguel Rangel, ſeu tio, Religioſo da Ordem, e Biſpo de Cochim, peſſoa de grande opiniaõ, e eſpirito. Sabia (como tal) medir, e conhecer os proporcionados para auſtera vida de huma recoleta. Nenhuma lhe levava mais a veneraçaõ, e o agrado, que a deſta Caſa. Amava muito a ſobrinha, achou que ſó recolhendo-a nella, ſatisfazia ao que a amava. Tal opiniaõ tinha da Caſa! Tal indole deſcubria na ſobrinha!

Aceita eſtava já para tomar o habito em Jeſu de Aveiro; a pouca idade impedia a execuçaõ; entrou o tio a embaraçalla; naõ houve em Margarida repugnancia. Trouxe-a para eſta Caſa, naõ deſconheceo a melhora. Corria, antes voava, nos annos aſſim de approvaçaõ, como de profeſſa, nos rigores da Religiaõ com roſto alegre, e reſoluçaõ firme; mas quiz Deos diſporlhe outro genero de cruz mais pezada, que a com que o ſeguia no caminho da penitencia. Começaraõ a perſeguilla doenças, foraõ-lhe ficando em achaques; o mais cruel, e mais repetido o mal de coraçaõ; aſſim era ſua affliçaõ taõ grande, que como perdendo o ſofrimento, e o ſentido, rompia talvez em algum deſabrimento, de que logo tornando em ſi, pedia perdaõ, ſentindo vivamente, que os deſmanchos da dor (que ella queria ſó para o ſofrimento) ſe lhe paſſaſſem a deſatino.

Com eſta grande cruz caminhava, naõ a diſpenſando as crueldades della, das aſperezas, que por ley eſcolhera, e das que por vontade inventava. Extremoſa era na caridade, eſpecial com os doentes, commiſeraçaõ, que lhe naõ enſinaraõ ſeus achaques; os alheyos ſó lhe deviaõ cuidado, eſte lhos poz nas maons por officio. Foy a melhor induſtria para ſe eſquecer do que padecia. Como

a mais robusta a tinhaõ sempre as doentes á cabeceira; as mais trabalhosas, mais gostosa. Em nada achava repugnancia nas doenças de mais asco, com o mesmo cuidado, o mesmo rosto. Quando a desembaraçava mais este trabalho, tomava algumas horas o bastidor por descanço. Era nelle muy destra, e sahia de suas maons com nova traça, com variedade vistosa o mais precioso, o mais aceado ornato dos Altares, os panos ricos para servirem nelles; assim pagava ao Ceo o grande genio, que lhe dera para este emprego.

Igualmente, que de doenças, se via perseguida do demonio com escrupulos, com tribulaçoens; assim era sua vida huma penitente batalha, sustentada com taõ poucas forças, que ao mais leve accidente esperava a morte; daqui lhe nascia huma continua meditaçaõ nella, e huma cautela santa, com que todas as noites, antes de recolherse, tomando nas maons a Imagem de hum Crucifixo, repetia actos de contrita, e Catholica, com hum affecto taõ verdadeiro, como se qualquer delles houvesse de ser o ultimo. O mesmo lhe succedia chegando ao Confissionario. Sempre a hora da confissaõ lhe parecia a ultima da vida; grande industria para a trazer ajustada!

Nella naõ tinha outra consolaçaõ mais, que o santo commercio do Bispo seu tio, escutando-lhe os conselhos, com que se animava a abraçar os males com tolerancia. Mas quiz Deos vêlla batalhar só com elles, dispoz, que passasse o tio á India, sem esperanças de voltar della; naõ tardou mayor desengano, perdendo lá a vida. Achou o Ceo, que naõ bastava no coraçaõ de Sor Margarida o golpe da saudade, quiz que sobre este ferisse o da morte. Naõ lhe dilatou a dor, anticipando-lhe a noticia; parece que a teve Sor Margarida na mesma hora.

Eraõ as de huma madrugada, quando sahindo da cella a buscar huma Religiosa amiga sua, com mostras igualmente de dor, e conformidade, lhe disse; *Madre, disseraõ-me agora, que falecera meu tio o Bispo de Cochim. Seja Deos louvado! Que para eu o sentir, foy elle primeiro.* Entendeo a Religiosa, que naõ passaria de imaginaçaõ, fomentada de melancolia; mas Sor Margarida esses poucos mezes, que despois lhe durou a vida, o praticava como cousa certa. Já era falecida quando a este Reyno chegou a nova. Falecera o Bispo no mez de Setembro; no mesmo havia lembrança, que o dissera Sor Margarida. Difficilmente daõ credito espiritos timoratos a favores soberanos. Com os olhos na sua humildade, naõ se atrevem a levallos ao que (a seu juizo) naõ cabe nella. Esta he em todos a mais commua pratica. Nem Sor Margarida explicou o segredo, nem entenderaõ as Religiosas, que se mereciaõ similhantes entre ellas. Despois o repararaõ, seguindo-se ao reparo mayor veneraçaõ desta Madre, e memoria mais saudosa do que perderaõ em sua vida.

Apressaraõ a perda della continuas doenças sobre ellas accresceo huma queda, de que ficou mortal. Começaraõ os remedios a ser antes martyrios; naõ

naõ ſe logrou a cura, exercitouſe a paciencia. Já faltava a vida, mas ſobejava a conſtancia. Recebeo os Sacramentos com tanta doçura de eſpirito, que já começou a parecer paga de ſua grande tolerancia: ſabia, que com ella trabalhava a immortal coroa; em ſete mezes de continuas, e intoleraveis dores a grangeou em huma cama, de que ſobio placidamente a gozalla em huma ſesta feira, 11. de Abril de 647.

Naõ parece, que ſe deſvelou menos a Divina Providencia nas acçoens da Madre Sor Magdalena do Eſpirito Santo, de tenra idade parecia já aconſelhada delle. Foy filha de pays nobres, de naçaõ Flamengos, de vida exemplares, de bens da fortuna abundantes. Queriaõ, que eſtes paſſaſſem ás mãos de Sor Magdalena, dando-a ella de eſpoſa a hum mancebo de qualidade, acerto, em que livraraõ as eſperanças de ſua Caſa, e deſcanço de ſua vida. Mas ella, que altamente aconſelhada, tinha feito eſcolha de outra (mal entendida da terra) deſenganou os pays, que nada della lhe faria mudar de eſcolha; que ſeu Eſpoſo havia de ſer Jeſu Chriſto, ſeu dote a pobreza, ſua vida a Clauſura, e eſſa a mais eſtreita, porque ella naõ havia de entrar na Caſa de Deos a buſcar vida, ſenaõ a ſepultalla; que nenhum favor, nenhum mimo intentava fazer á natureza; mas proteſtava morrer em cilicio, e cinza.

Era o pay virtuoſo, conhecia naquella inteireza ſuperior impulſo, achava-ſe viuvo, e entrado em annos, pareciallhe duro deixallos ſem arrimo; naõ reſiſtia, mas aſſim foy dilatando por alguns a reſoluçaõ da filha, que contando já trinta, entrou neſta Caſa. Na dilaçaõ ſe lhe dobrou a ancia; abraçou os rigores della com tanto fervor, como ſe entendera, que a tardança fora culpa, e quizera vingar a tardança. Parece, que deſpira as paixoens de creatura; nenhuma aſpereza a achava com repugnancia.

Deraõ-lhe a occupaçaõ da Enfermaria (tivera eſſe trabalho já dous annos) parece, que ſentio em ſi algum diſſabor, e foy tal a ſanta indignaçaõ, com que ſe ſentenciou a ſi meſma, que com licença dos Prelados, fez voto de continuar o officio mais cinco annos. Aſſim pizou as rebeldias do genio, deixando taõ ſenhor o ſofrimento, que nenhum incommodo, ou moleſtia da vida, deſde aquelle inſtante, a encontrou perturbada, ou a eſcutou queixoſa. Branda, agradavel, caritativa, de tudo queria ſervir a todas; nos males a achavaõ companheira, no ſerviço eſcrava.

Continua na oraçaõ, que acompanhava com lagrimas; a ſuavidade dalma, que ſentia nellas, a fazia andar fugindo de todo o commercio (deixava o Santo, por melhorarſe no Divino) para darſe a Deos, ſe furtava a tudo o que o naõ era. Aſſim paſſava mezes, ſepultada em ſilencio, ſem que lho quebraſſem mais que os gemidos do eſpirito, forcejado, e prezo no carcere do corpo. Creſcia com a contemplaçaõ o deſpego de tudo da vida; pedio aos Prelados licença, para hum anno de deſerto. Santa induſtria

tria de o poder fazer de huma Casa!

Ha nesta duas, ou trez, taõ escondidas, e retiradas, que fóra de todo o commercio, naõ podem ter mais que o do Ceo. Aquella he a pequena Thebaida, para que o espirito desafia o corpo, que desamparado de todo o humano soccorro, sustenta a dura batalha de continua penitencia. Os cilicios saõ as pezadas lorigas, que o cobrem. Humas hervas, e hum pouco de paõ o alimento, com que se esforça; a disciplina, a arma offensiva com que peleija, taõ inexoravel, e profiada, que nem vendo o corpo banhado em sangue, a suspende, nem conhecendo a sua rebeldia trocada em fraqueza, a esquece; assim fica, e dura aquelle pequeno campo, sanguinolento theatro do rigor, e da aspereza; debuxando nas paredes o sangue, os triunfos, os trofeos do braço penitente.

Assim deu a ancia sequiosa destes mortificados espiritos, na estranha invectiva de reduzir a huma cella a vasta solidaõ da Palestina, taõ imitada nos exercicios, como desconhecida nas estreitezas. Alli se retiraõ voluntariamente as Religiosas (supposta a licença da Prelada) huma taboa lhe serve de cama; hervas, ou paõ, e agua de mesa; a oraçaõ de vida, as disciplinas de exercicio, o Ceo de companheiro. Aqui se ensayaõ para o ultimo desengano as que estaõ para professar. Aqui se adestraõ sepultadas, para naõ terem mais que o nome de vivas.

Este o deserto, a que se queria retirar por hum anno Sor Magdalena, como se o nome a convidara com santa inveja, a buscar na estreiteza, e solidaõ daquella Casa as delicias da ditosa lapa de Marselha. Pollo em execuçaõ resoluta, continuava-o constante, quando cahio doente a Enfermeira (fora Sor Magdalena nequella occupaçaõ singularissima). Disselhe a Prelada: *Madre, adoeceo a Enfermeira, vá Vossa R. para a Enfermaria.* Passou a ella taõ prompta, como se de muitos dias estivera advertida; ou como se naõ fora correndo atraz daquella delicia de sua alma.

Era sãa, e robusta, começou a verse perseguida de achaques, e dores, com que Deos queria provalla. Derribaraõ-lhe as forças, naõ a paciencia. Foy rara a com que levou hum achaque estranho, que pareceo lesaõ de juizo. Era Sor Magdalena naturalmente concertada. Em hum pouco de burel, em huma toalha tosca, em hum véo grosseiro naõ podia haver alinho; em andar direito, e limpo estava todo. Foy cousa notavel o desmancho, que se seguio áquella queixa! Nada andava em seu lugar, nem para o pôr nelle, se podia ajudar da industria das maons, que eraõ as mesmas, que o descompunhaõ, fosse o habito, fosse o toucado, fosse o véo, que commummente lhe varria o chaõ. Bem entendia Sor Magdalena, que aquelle genero de purgatorio viera a purificar venialidades. Punha-se na conformidade da parte do castigo; dava graças a Deos, de lho querer dar em taõ pouco.

Entendeo, que já o seria, o que lhe restava de vida, começou

çou tempos antes a disporse para deixalla ; achava , que naõ bastavaõ poucos dias para huma hora , em que se aventuraõ todos. Naõ tinha lugar mais continuo , que o Coro ; repartia os dias em novenas ; ao Santissimo Sacramento , á Rainha do Ceo , a Nosso Padre ; o mais em contemplar a Paixaõ de Christo , em que com ternissimo coraçaõ se engolfava. Fora piedoso emprego de toda sua vidá , no anno de approvaçaõ especialmente , ferindo-se cada dia a impiedados golpes de huma disciplina , dobrada no espaço do anno tantas vezes , que no cabo delle igualou o numero de cinco mil açoutes.

Similhantes exercicios lhe occupavaõ o mais do tempo , chegando a merecer neste (ao que se julgou) revelaçaõ de sua morte. Naõ o dia , mas a circunstancia , segurava ás Religiosas, que lhe naõ seria pezada. Poucos dias antes chamou a Cantora , resistou com ella no Prossionario as oraçoens , que se dizem na ultima hora ; pôllo assim á cabeceira. Advertio a huma Religiosa o que pertencia á sua mortalha ; tudo eraõ aparelhos de quem naõ tardaria em vestilla. Repararaõ-lhe na providencia ; parecia demasiada em quem se achava , ainda que achaquosa , sem final de moribunda : *Madres* (respondeo) *naõ me julguem apressada, que assim ha de ser a minha morte.*

Assim se confessava , assim se chegava á Sagrada Mesa muitas vezes , como quem esperava , que cada huma fosse a ultima. Deteve-se hum dia no Coro mais tempo que o costumado (era huma segunda feira , 13. de Janeiro de 1648.) passaraõ-se as horas de jantar ; importunava-a para essa diligencia a Enfermeira caritativa , sahio como violentada , e em chegando á cella , rompeo em hum implacavel impeto de lagrimas ; seguio-se a estas hum accidente , que lhe tolheo a falla. Meya hora lhe durou o martyrio , passou delle ao eterno descanço.

CAPITULO XXII.

Da Irmãa Conversa Soror Maria do Rosario.

EM Bemfica , lugar pequeno , nas visinhanças de Lisboa , nasceo Sor Maria do Rosario (no seculo Maria Rebella) seus pays Gonçalo Rebello de Lima , e Antonia da Sylva , gente nobre , mas apoucada , e desvalida dos bens da fortuna , livrando-lha o Ceo toda naquella filha ; assim a viaõ já nos primeiros annos bem inclinada , e devota. Já crescida , suspirava pelas paredes de huma recolêta. Propunha-lhe logo a do Sacramento a grande devoçaõ , que tinha á Senhora do Rosario , entendendo , que tudo lhe ficava daquellas portas para dentro ; mas eraõ taõ limitadas as posses de seus pays, que naõ chegavaõ a poder darlhe hum dote inteiro para Freira do Coro ; porque o lugar de Conversa (mais facil em meyo dote) parecia estranho em pessoas da sua qualidade ; venceo porém a devoçaõ ao reparo do menos respeito , como gente , que entendia , que na Casa de Deos fazem nobres as virtudes , e naõ os lugares , e que

que o Prodigo, que eſcolheo o lugar de mercenario, ſobio ao dos braços como filho.

Vencido, antes deſprezado, eſte embaraço, entrou Sor Maria no lugar de Converſa, ſó com o receyo de que o naõ merecia; e pedindo a Deos forças, para que nas ſuas diligencias moſtraſſe o quanto o eſtimava. Era delicada por natureza; mas parece, que ſe lhe dobraraõ as forças com o goſto de as ver bem empregadas. Nada eſtranhou, porque o que achou, era o que pertendera; aſſim antes alvoroçada, que temeroſa, abraçou os rigores, e trabalho da Caſa. Na noticia daquelles he ſuperfluo o reparo, e repetiçaõ, por ſer já aſſentada a obſervancia das que entraõ nella a abraçar eſta vida. Continuas as Matinas da meya noite, as horas de oraçaõ; a eſtamenha junto á carne, o peſcado na meſa, o jejum de ſete mezes no anno, o ſilencio perpetuo, diſpenſado ſó em algumas horas de tarde.

Iſto o que pertence ás Conſtituiçoens Dominicanas. A's da Caſa, ainda com novas aſperezas, inviolavelmente obſervadas, ſem a minima diſpenſaçaõ, até o tempo que iſto eſcreviamos, e taõ longe de a poder haver, que o trabalho dos Prelados, naõ he fazer obſervar os Eſtatutos, he embaraçar o veremſe excedidos. Eſte o emprego, e vida commua das Religioſas deſta Caſa, ſantamente envejoſas humas de outras, ſó de verem, que diſpenſaõ os Prelados com algumas, para ſe alargarem nas penitencias.

Eſſa era a mayor ancia de Sor Maria, porque creſcendo na devoçaõ de contemplar a Chriſto padecendo, deſejava abraçar huns rigores, que de algum modo ſe aſſemelhaſſem áquelles. Aſſim pedia com vivas lagrimas (que eraõ o primeiro fruto deſta contemplaçaõ) a ſeu Eſpoſo, que repartiſſe com ella daquellas dores, para que lhe dera a cauſa. Naõ ficou ſem deſpacho a ſupplica; tanto ſe obrigou o Senhor della. Vellohemos deſpois. Mas bem alcançava Sor Maria a grandeza do que pedia; quiz accreſcentar merecimentos, e achou huma nova induſtria de reduzirſe a eſtado, que a tiveſſem por tonta. Aſſim o moſtrava no deſconcerto de ſua peſſoa, nas ſimplicidades do que reſpondia, naõ no que tocava ao ſerviço da Caſa, e execuçaõ da obediencia.

Couſa rara, e certamente permiſſaõ Divina, que todas a tiveſſem por fatua, ainda mais que por tonta, naõ havendo acçaõ propriamente de Religioſa, em que ſe naõ moſtraſſe advertida, e perfeita, porque ſó no trato commum a viaõ como eſquecida, e pouco atilada. Mas parece, que nevoava Deos os olhos ao diſcurſo das companheiras, ou queria trazer aquelle theſouro eſcondido entre ellas, para confuſaõ dos que examinaõ ao humano diſpoſiçoens Divinas; porque muitas vezes diſſe ás Religioſas, eſpecialmente ás Preladas, o Vigario, que era o Meſtre Frey Joaõ de Portugal, e Confeſſor de Sor Maria, que a deixaſſem, que o caminho, que levava, era direito, e que mal ſabia aquella Caſa o que tinha em Sor Maria.

Naõ dormia em cama, passando as noites inteiras no Coro, porque servindo, e incançavelmente todo o dia, naõ tinha outro tempo para orar, e contemplar com descanço. Encostada ao pé de hum Altar, tomava algum pequeno, quando a vencia o sono. Achavaõ-na alli as Preladas, e sabendo o que servia, e que aquelle estylo de descanço naõ bastava, a mandavaõ recolher para a cella: sem replicar, obedecia; mas recolhida a Prelada, tornava ao Coro, e á oraçaõ, até que a chamava o dia para o serviço da Casa.

Sempre se achava a primeira para o mais penoso della, acarretar agua, e lenha, tomar pezos mayores em seus braços, e hombros, trabalho, que admirou, e confundio as Religiosas, quando depois de sua morte se soube a impossibilidade, que tinha para o fazer. Foy o caso, que envejoso o inimigo commum do grande fruto, com que a Serva de Deos entrava, e sahia do Coro, lhe armou huma noite hum tropeço em huns ceiroens, que estavaõ nelle, por tal modo, que só podia ser seu o artificio. Entrou Sor Maria, e preza no laço, deu huma tal queda, que o menos foy pizarselhe o rosto, porque se lhe desconjuntaraõ os ossos de sorte, que lhe veyo a ficar hum quadril fóra de seu lugar hum palmo; successo, e lesaõ, de que naõ quiz dar noticia, porque pedia maons de cirurgia, e o lugar em que era, menos composiçaõ para a cura.

Assim sepultou, e escondeo as dores, e o estado em que a deixara a queda; e só ao amortalharem-na, se soube, e pela noticia, que de mais particularidades suas se teve na vida, que della apontou a Irmãa Sor Cezilia dos Anjos, por preceito de seu Confessor. Incrivel parece, que huma mulher debil por natureza, e por compleiçaõ, e attenuada com penitencias, soportasse por nove annos (que tantos houve da queda á sua morte) o mayor trabalho das officinas do Mosteiro, sem se lhe ouvir queixa, sem se experimentar falta, sendo o desastre capaz de a deter em huma cama paralytica, ou ao menos de a deixar com a pensaõ de aleijada. Mas Deos, que para seu merecimento, permittio a queda, sem duvida lhe dobrou a força, e a paciencia.

O tempo, que lhe sobejava das occupaçoens quotidianas, era inteiro para Deos, já assistindo no Coro diante do Santissimo, já visitando Altares, já diante da Senhora do Rosario, rezando-o de joelhos, devoçaõ de todos os dias. Sabia, que lhe prohibiaõ os jejuns de paõ, e agua; e do que se dava na Communidade, comia taõ pouco, que ainda lhe ficava o jejum mais estreito. Em Sestas, Sabbados, e dias de Communhaõ, nada admittia no sustento, que podesse servir de gosto. Na Semana Santa pedia licença para naõ passar de humas hervas. Assim era sua abstinencia, que se admiravaõ de como se sustentava, e mais do calor com que servia.

A's enfermas o fazia com tanto desvelo, que ao mais fraco gemido já a tinhaõ á sua cabeceira, largando qualquer outra importancia. Fazia-lhes mimos

mos do que podia alcançar da despensa por sua industria; e porque talvez as Preladas, achando-a com o furto nas mãos, a reprehendiaõ, e vendo que ainda continuava, lho estranhavaõ, respondeo huma vez: *Madre, a mim levame a caridade, e por mais que me castiguem, a nossa Regra nos ensina, que o amor de Deos, e do proximo a tudo se anteponha.*

Com este estylo, e rigor de vida passou nesta Casa trinta e nove annos. Cinco antes de sua morte, perdeo de todo o sentido de ouvir, e muita parte do de ver; assim ficou escusa ao trabalho, mandando-a as Preladas recolher na cella; mas porque naõ tivesse nunca descanço, que era o que pedia a seu Esposo, aos trabalhos succederaõ tormentos. Incharaõ-lhe as costas, cubertas de vivos, e levantados vergoens, que lhe tomavaõ do pescosso até á cintura. Duas grandes chagas, que lhe occupavaõ ambas as espadoas. O coraçaõ com dores taõ vehementes, como se lho estiveraõ atravessando com passadores. Aqui lhe faltava o sofrimento, gritando muitas vezes por Jesus crucificado; lastimava-se ao principio quem a ouvia, despois pareceo tontice da idade, porque queria seu Esposo, que nem a commiseraçaõ lhe servisse de alivio. Mandavaõ-na callar, respondia sofrida: *Eu me emendarey, perdoemme pelo amor de Deos.*

Deralhe o Ceo huma excellente voz, que sendo Conversa, a mandavaõ cantar no Coro com as mais Religiosas delle. Agora a idade, e os achaques a tinhaõ emmudecida. Era pelo Natal, pedio ás Religiosas, que a levassem á Casa do Presepio, onde se ajuntaõ todas; e chegando-se ao Menino, lhe cantou huma cantiga com tal suavidade, e destreza, que as deixou admiradas, naõ faltando alguma, que entendesse, que como o Cisne, cantara com mais doçura, porque se fora despedir da vida. Recolheose logo á Enfermaria, onde quasi hum anno lhe permittio o Ceo o purgatorio de suas dores; e agradecendo com humildade o cuidado das Enfermeiras, e a assistencia das Religiosas, costumava dizer: *Deos lho pague*, accrescentando com confiança, e singeleza: *E eu me lembrarey, quando me vir no Ceo.* Com esta paz, e socego de espirito (por mais que as dores combatessem o corpo) tomou o Viatico; e restituindo-selhe o sentido de ouvir, e attendendo inteira, e socegada a Unçaõ, e Officio da agonia (em hum Sabbado, dia para ella fermoso, 21. de Dezembro de 1647.) levantou os olhos ao Ceo, como se quizera ver o caminho, que levava sua alma, e em huma imperceptivel respiraçaõ acabou a vida.

CAPITULO XXIII.

Da Madre Soror Catharina da Encarnaçaõ.

PODeramos dizer, que a boa inclinaçaõ dos filhos nascia só do bom exemplo, e ensino dos pays, se naõ viramos alguns daquelles com exercicios mayores, que sua idade, naõ havendo ainda nesta, capacidade para se aproveitar do ensino, ou

no, ou fe convencer com o exemplo. Affim nos obriga a novidade a levantar o difcurfo a mais foberano principio, contemplando os desvelos da Providencia nos efcolhidos para venturofos empregos della. Com efta advertencia vemos agora a Madre Sor Catharina (huma das quatro irmãas, filhas dos Condes de Bafto, e entre as quatro, a mais velha) já nos primeiros annos com occupaçoens taõ pouco delles, que naõ baftando a tanto o enfino, que fempre tem peffoas de femelhantes qualidades (e muito mais de huns pays taõ piedofos, como os Condes) forçofamente havemos de levantar o conhecimento aos fegredos do Ceo, entendendo, que já Sor Catharina procedia como aconfelhada delle, voltando as coftas á boa cara, que lhe moftrava o Mundo com fuas grandezas, e efperanças de aventajallas.

Affim era a fua affiftencia no Oratorio, onde paffava a mayor parte do dia. Continuava com fuavidade de efpirito a oraçaõ, fendo o primeiro effeito della o abrazarfe em ancias de bufcar o deferto da Claufura, a que feu Efpofo a chamava, para fallar a feu coraçaõ, fem que os eftrondos da terra lhe efperdiçaffem huma palavra: mas naõ goftavaõ os Condes feus pays da pratica de recolherfe, com os olhos nas importancias de fua Cafa, que talvez fe podiaõ eftribar nos parentefcos, que traz comfigo hum defpoforio. Efta era fua pena, mas nada lhe defenganava as efperanças de triunfar do que lha motivava, continuando aquelle concertado eftylo de fua vida. Occupado em oraçaõ, e particulares devoçoens o mais do tempo; no que lhe reftava, fe applicava a obras de baftidor, para que tinha grande genio, ou fatisfazendo o mayor, com que a achava a liçaõ dos livros, entertendo-a honeftamente a da hiftoria.

Mas queria o Ceo adiantalla em caminho de mais importancia, e accommodando-fe fuavemente a feus annos, lhe hia abrindo mais os olhos, entendendo, que devia trocar aquella leitura, que fó divertia, pela que feguramente aproveitava: affim fe deu á de livros fagrados, experimentando tanta melhora em fua confciencia, que levantado o feu conhecimento fobre tudo da terra, olhava já para effe tudo, conhecido por nada. Seguiofe ao defengano o defprezo, ao defprezo a refoluçaõ de naõ admittillo, e fazendo voto de caftidade, começou a difpor embaraços taõ forçofos, como fe fe acautelara até contra a poffivel inconftancia de feus defejos. Ficou logo á fua induftria o trocar o Palacio em recoleta, refolvendo-fe á vida da Religiofa mais reformada. Por via de feus Confeffores alcançou cilicios, e mais inftrumentos de mortificarfe. Deftinou o melhor, que fe lhe punha no prato, a hum pobre; e defvelada caritativa, no que podiaõ alcançar fuas poffes, naõ quiz mais herança de fua Cafa, que a de feu avô, o Conde D. Fernando, e de feu tio o Arcebifpo D. Miguel de Caftro, na affiftencia, e defvelo com os defamparados, e defvalidos. Primeiro pareceo que os her-

herdara; viose logo, que os excedia.

Esta era sua vida, mas desasocegada, por passarse á mais estreita; esperava-o assim resoluta, dando-se os parabens do voto, que fizera, privilegio, que o Ceo lhe havia de fazer bom, quando poderosa a violencia lho quizesse derogar, ou desconhecer. Nada lhe occupava com mais desasocego o sentido, que o caminho de passar a mayor cativeiro; mas a sogeiçaõ, e amor, que tinha a seus pays, lhe tapava a boca, para que a resoluçaõ, e o sentimento naõ sahissem a publico; silencio, de que parece se desagradou Deos, porque a começaraõ a perseguir doenças prolongadas, com taõ difficil remedio, como ás que se lhe ignorava o principio.

Assim viveo martyr alguns annos; contava já vinte e quatro. Olhava para o incerto da vida, via o pouco, que (ainda a conjecturas humanas) lhe restava della; entrava em pensamentos, de que os achaques eraõ golpes, com que o Esposo lhe batia á porta, para que acabasse de levantarse do leito de sua suspensaõ, rompendo por respeitos de pays, e parentes, offerecida a injurias, a molestias, a feridas, só por se ver em seus braços naquelle estado, e por aquelle estylo, em que fosse indissoluvel o laço. Resolveose em propollo assim a seus pays, e o mesmo foy tomar esta resoluçaõ, que largarem-na os achaques. Naõ o desconheceo Dona Catharina, e agradecida á Celeste industria de se ver castigada, e favorecida, descobrio aos pays sua firme resoluçaõ (edificio, que cada hora hia avultando sobre o voto de castidade, que tinha feito) de que fóra de huma mortalha de burel, e huma sepultura viva, naõ admittiria cousa, que lhe offerecesse a terra, que já o Senhor lhe dava forças para entrar na venturosa escravidaõ das que com o timbre de suas servas, augmentaõ a felicidade de suas esposas, que só esta ventura lhe desasocegava a esperança; e que esta só lhe faltaria com a vida, aquella nem com a morte.

Mas nada bastava com os pays, agora rebeldes com o receyo, de que no rigor daquella vida lhe repetissem os achaques. Naõ desmayou Dona Catharina, antes com valor, e resoluçaõ aconselhados de quem lhos dava, decretou comsigo exercitar em sua propria Casa, o que lhe embaraçavaõ na de Deos, como quem entendia, que o achar a Deos, naõ tinha mais industria, que a de saber buscallo; e que alli assistia, onde lhe sabiaõ fazer assistencia. Cortou os cabellos; deulhe o ornato (como áquella Feniz, que deseja o Sabio) a lãa e o linho; este huma toalha, aquella huma tunica; e recolhendo-se em huma casinha junto ao Oratorio, achou no meyo dos faustos de sua Casa a hospedagem da Palestina, naõ menos que a Penitente de Bethulia.

Dormia poucas horas, e sempre vestida. Madrugava a tomar huma rigorosa disciplina; seguiase larga oraçaõ; passava a rezar as Matinas, e Prima do Officio Divino. As mais Horas delle nas que o costuma fazer a Igreja. A esta regra ajuntava

todos

todos os dias o Officio de Nossa Senhora, o pequeno do Espirito Santo, os Psalmos Penitenciaes, os Graduaes, o Officio dos defuntos, Missa todos os dias, e frequencia dos Sacramentos. Se lhe restava algum tempo, cozia, e bordava as alfayas sagradas, que mandava a Conventos, e Igrejas pobres, para adorno de Imagens, e Altares. Assim estava no Mundo taõ alheya delle, que lhe naõ deveraõ nunca as suas novidades nem a diligencia de chegar a huma janella, nem para que o fizesse, valeo industria alguma.

Mas gemia seu coraçaõ cativo na terra alheya, lembravaõ-lhe as delicias de Siaõ, e suspirava o logro dellas, se quer no caminho da Clausura, que he o que mais se lhe avisinha. Assim instava com seu Esposo com lagrimas, com a Rainha dos Anjos com supplicas, repetindo-lhe de joelhos o seu Rosario todos os dias; e continuando com mais fervor, lhe fez voto, de que chegando a verse no estado de Religiosa, a serviria com especial culto, determinando logo as circunstancias delle em jejuar as Vesperas de suas Festas a paõ, e agua, por quinze annos, exercitando-se em cada hum delles naquella virtude, em que mais resplandeceo no Mundo, contemplada nos mysterios de seu Rosario. Este voto comprio inteira, e exactamente recolhida aos Claustros sagrados; e levada das suavidades de espirito (com que a Senhora lhe pagou a pontualidade) acabados os primeiros quinze annos, renovou o voto por outros quinze, e assim o repetio de sorte, que em quanto viveo, o exercitou.

Nove annos contava já nesta aspereza de vida, inflexivel aos rogos, e conselhos com que os parentes a queriaõ desviar della, ou reduzilla (apagando-lhe os desejos da Clausura) a menos aspereza; mas enfraqueceo primeiro, que a sua constancia, aquella bataria (como a teima dos pays) dando-lhe licença para se recolher, e ir acompanhar a sua tia nesta Casa do Sacramento, levando comsigo mais trez irmãas, como se o Ceo lhe quizesse pagar o martyrio dos antigos embaraços na felicidade de ser ella a que os facilitava ás outras, em que já os exterminara, como triunfadora, a sua constancia. Assim vestiraõ todas a suspirada mortalha Dominicana, no ultimo de Fevereiro de 1615., e escolhendo Dona Catharina sabrenome, se chamou Soror Catharina da Encarnaçaõ.

CAPITULO XXIV.

Continua-se a vida da Madre Sor Catharina.

COmeçou esta Madre a respirar, como se se vira no centro, sendo o seu descanço, naõ o ter em cousa, que lhe naõ exercitasse a paciencia. Nada havia já, que a adiantasse na perfeiçaõ religiosa, mais que o ser agora preceito o que até aqui gosto. Só nas penitencias alargava a maõ com mais liberdade, porque aos exemplos, que tinha de Casa, e á vista, se convencia que naõ tinha feito nada. Apertouse entre duas Cruzes, que cubertas de agu-

dos bicos, huma lhe atormentava as costas, outra os peitos. Naõ havia mortificaçaõ, que a naõ achasse com ancia, e a naõ deixasse com sede. Era insaciavel a de chegarse á fonte da vida; divisava-selhe na alegria com que commungava.

Como era já crescida, dispensou a Prelada com ella nos dous annos, que costumaõ estar em casa de Noviças as Professas, passando a nella a Mestra de humas, e outras, porque passasse a ter exercicio o exemplo, que até alli ensina mudo. Assim passou a sua modestia, e a sua observancia de aprender a ensinar, com o grande avanço de quem já ensinava aprendendo. Era sua vivenda o Coro, ou a cella; e averiguou-se que fóra do tempo do Officio Divino, e particulares devoçoens, tinha de oraçaõ todos os dias oito horas, ou em pé abertos os braços, ou de joelhos. Naõ deixariaõ de ser extraordinarias as consolaçoens, que a conservavaõ naquelle Celeste commercio; mas estes saõ os thesouros, que esconde a cautela no caminho do Mundo; só á noticia deste os furtou o seu silencio.

De Matinas ficava no Coro até ás cinco da manhãa, tomando o breve descanço, que se permittia até hora de Prima. Daqui lhe nascia huma grande tentaçaõ de sono, que a afligia; mas huma tal constancia, que ou se despertava ao rigor da disciplina, ou pingando os braços, com a fervente cera de huma véla. Soubese desta rigorosa industria, porque hindo á cosinha a ajuda voluntaria, ao serviço della era forçoso descobrir os braços, que se lhe viaõ em chaga viva. Foy rara sua paciencia; sem chegar a remedios, dissimulava muito os achaques; aggravando-selhe, se lhe naõ ouvia a minima queixa delles. Nem os mayores bastavaõ a divertirlhe o desvelo com que cuidava no seu rebanho; assim concertado, assim prompto a todas as obrigaçoens da Casa, que bem luzia nas discipulas a applicaçaõ da Mestra. Fazialhes praticas, cheas de espirito, e doutrina; encaminhava-as com brandura, e em lugar de castigo, com o exemplo á exacta observancia, repartindo-lhe meditaçoens para todas as horas do dia; ainda hoje se observaõ, e se observa nellas o bem, que repartia o tempo, a onde chegava seu espirito.

Levou-a a obediencia ao lugar de Prelada; as prendas a faziaõ unica para o cargo, e só o nome a differençava nelle, e aspereza com que reprehendia o mais leve descuido na observancia de Constituiçoens, Regra, e Estatutos da Casa. Mas nem toda esta inteireza lhe malquistava a suavidade, e brandura com que se fazia amada tanto, como obedecida, porque levada do seu genio, como doutrinada de grande Mestre, queria antes as sogeiçoens do gosto, que do medo. Agora luzia mais nella a caridade, assistindo desvelada ás enfermas, e taõ desvelada, e a taes horas, que antes pareciaõ as suas diligencias pontualidades de Enfermeira, que compaixoens de Prelada. Sendo a doença perigosa, era a primeira, que desenganava a enferma, animando-a com palavras cheas de viva esperan-

ça de melhor vida, e applicando por ella piedosos exercicios, em que entaõ mais se affervorava.

Porque lhe naõ esquecessem os em que empregava todo o tempo, tinha rodeada a pequena cella com avisos para a memoria, e estimulos para a observancia, perguntando-se a si, para que viera para os santos Claustros, lembrando-se o que devia a Deos em a trazer a elles; o que esperava despois desta caduca, e miseravel vida; que a unica importancia devia ser assegurar a eterna; e que o perseverar no estado, que tinha, devia ser o unico emprego de sua constancia. Com a mais inflexivel neste genero de vida, contava já trinta e dous annos, quando quiz o Senhor pagarlhe os empregos della com o regalo de huma doença. Foy huma febre lenta, como a que se lhe permittia para exame da paciencia; e duroulhe quinze mezes, como se se lhe pagaraõ neste martyrio os quinze annos daquelle seu singular voto.

Naõ o duvidava esta Madre, como destra no idioma do Ceo, onde só valem o mesmo, que mimos os que a terra chama trabalhos. De pé tomou constantemente este achaque, segurando logo, que seria o ultimo. Começou de dispor sua alma como aconselhada deste conhecimento; taõ segura nelle, que bem se entendia que se lhe naõ communicara da terra; onde este era impossivel, e todos saõ falliveis. Mas assim vivia a Madre Sor Catharina ajustada, que sem o minimo sobresalto, naõ fez mais novidade, que a de ir continuando com este conhecimento. Parece que o teve tambem de sua morte, porque recolhendo-se á Enfermaria ao preceito da Prelada (assim queria, imitadora de seu Esposo, abraçar a morte obedecendo) e dando-lhe a Communhaõ passados quatro dias, ao perguntar-lhe huma Religiosa, quando commungaria outra vez? Respondeo com socego: *Já agora esperarey pelo Santo Viatico.*

Pedio logo, que alli se naõ fallasse em outra cousa mais que em Deos, e que por caridade lhe continuassem a liçaõ das piedosas meditaçoens de Fr. Luiz Granada. Começou a medir o tempo, e a occupallo em penitentes, e abrazadas jaculatorias, que a miudo repetia a hum devoto Crucifixo, que tinha á cabeceira. A força do mal, e as poucas, que lhe deixaraõ as penitencias, naõ lhe permittiaõ continuar aquelle desafogo de seu espirito; e aconselhando-lhe huma Religiosa, que fizesse por tomar algum descanço, respondeo (chea de alvoroços) que naõ era já tempo de dormir, mas de vigiar, até que o Senhor fosse servido de bater ás portas de sua alma.

Pedio hum livro de instrucçoens para bem morrer; por elle se dispoz; fez a protestaçaõ da Fé, e se confessou geralmente; e por mais que os Medicos assentavaõ em que se naõ avisinhava tanto o ultimo perigo, ella, aconselhada de mais seguro Medico, pedio o Viatico, e a Unçaõ. Era sobre a tarde, entrou o Vigario, que era o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, e ao vello entrar, revestida de huma subita alegria, disse para elle:

Pa-

Padre: *Flores apparuerunt in terra noſtra.* E reconciliando-ſe, chamou as Religioſas, e com palavras cheas de amor, e humildade, lhes pedio perdaõ do mao exemplo, que lhes dera, e faltas em que cahira, aſſim ſubdita, como Prelada. Tomou o Viatico, e ao tomar a Unçaõ, chamando para junto a ſi huma Religioſa, foy repetindo com ella os Pſalmos Penitenciaes, e reſpondendo a tudo com hum tal ſecego, como ſe antes aſſiſtira, que o recebera. Pedio logo ao Prelado, que poſtas em ordem as Religioſas, cantaſſem hum *Te Deum laudamus*, dando da ſua parte graças a Deos, de a deixar receber os Sacramentos como filha da Igreja, inteiros os ſentidos, e o juizo. Aſſim ficou taõ ſocegada, e alegre, como ſe o que lhe reſtava, naõ foſſe a morte.

Choravaõ as Religioſas, como as que perdiaõ nella Mãy, Meſtra, e Prelada; e ella moſtrando, que ſe laſtimava de ſua pena, lhes repetia: *Que naõ era razaõ que foſſe tanto o ſentimento*, accreſcentando logo com os olhos no Ceo: *Non recuſo laborem, fiat voluntas tua.* Como ſe diſſera: *Naõ me eſcuſo a eſta agonia; faça-ſe a voſſa vontade.* Naõ admittia alivio huma Religioſa, que mais obrigada ſua, ſe lhe naõ apartava da cabeceira. Voltouſe a ella a Madre Sor Catharina, e diſſelhe com ſegurança, e com brandura: *Naõ ſintais com tanto exceſſo o que he para mim de tanto ganho*: *Mihi vivere Chriſtus eſt, & mori lucrum.* Vinha a dizer com o Apoſtolo, que com Chriſto, ou o viver, ou o morrer, ſempre he lucro. Era Veſpera da Viſitaçaõ, pedio a algumas que a ajudaſſem a rezar Matinas; diſſeraõ-lhe que as differiſſe para o dia, e reſpondeo que no dia haveria trabalho, que lhe tiraria o tempo. Rezou, e ao dia pela manhãa as Horas; e por mais que lhe aconſelhavaõ que deſpois baſtava, repetia que hum ſucceſſo lhe podia embaraçar eſſe goſto.

Paſſado meyo dia, quiz rezar Veſperas, advertindo que deſpois naõ poderia. Embaraçoulho a Prelada, vendo-a deſfalecida, e mandou-lhe que naõ rezaſſe por obediencia; reſpondeo humilde: *Que primeiro que tudo eſtava eſta.* Deſpedioſe logo das Religioſas, e foyas abraçando. Chegou huma das mais antigas, e pedindo-lhe que lhe lançaſſe huma bençaõ, que a deixaria com eſſa conſolaçaõ, reſpondeo com encolhimento: *Que antes lha pedia, e que a encomendaſſe a Deos, pois a via em hora, em que tanto o neceſſitava.* Era entaõ Prioreza huma irmãa ſua, e chegando eſta a abraçalla, pedindo-lhe com lagrimas, que quando ſe viſſe diante de Deos, ſe lembraſſe de encomendarlhe aquella Caſa, lhe reſpondeo enternecida: *Minha Prioreza, iſſo me ha de dizer? E podermehey eu eſquecer de couſa, que eſtá á ſua conta?* Mas ſuſpendendo-ſe hum pouco, como arrependida do que diſſera, accreſcentou: *Mas que poſſo eu, ſendo huma taõ grave peccadora, que perece, que as engano com minhas hypocriſias?*

Pedio que lhe rezaſſem a Paixaõ de S. Joaõ; compungio-ſe, e enterneceo-ſe com ella. Advertio logo, que chamaſſem

os Padres, que era tempo, e perguntando-lhe o Vigario se sentia alguma cousa, respondeo: *Que nada mais, que as ancias da morte*; e foy continuando com os Religiosos o Officio da agonia, acabando-o com algumas jaculatorias á Imagem de hum Crucifixo; com que igualmente admirava, e enternecia. Faltoulhe juntamente a voz, e o espirito, entregando-o nas mãos de Deos. Assim se entendeo piedosamente, ajudando a confirmallo a compostura, e alegria do semblante, em que desconheceo as sombras da morte, como o testemunho do Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, que voltando-se ás Religiosas, disse, que lhe naõ ouvira culpa mortal na confissaõ de toda a vida, e que se achava admirado, e confundido de ver o que havia naquella bemdita alma. Faleceo esta Madre em dia da Visitaçaõ de 1648. dia, que parece tinha vaticinado, quando respondendo ás Religiosas (que naõ consentiaõ que ás Vesperas rezasse Matinas) disse, que assim o devia fazer; porque ao dia seguinte estaria embaraçada; e bem podia ter revelaçaõ da hora, que seria a ultima, quando parece, que a teve de que o era a doença.

Mostrou-o com tanta segurança, que no dia, em que se lhe aggravou a febre, e se lhe abrio huma aguda pontada (era o do Bautista) disse ao applicarem, e disporem os Medicos mesinhas, e minorativos, que ella aceitava o que se lhe ordenasse, porque protestava morrer obediente, naõ porque entendesse, que houvesse remedio, que já a tirasse das maons da morte. Naõ mereceo sua vida menos mimo a seu Esposo, nem o conhecimento della menos credito em suppor este mimo. Engrandecido seja o Senhor, taõ justo, que assim apressa premios; taõ piedoso, que assim ajuda a merecellos!

CAPITULO XXV.

Da Madre Sor Joanna Bautista, das primeiras, que deraõ principio a esta recoleta; e de Sor Francisca da Madre de Deos, Conversa.

O Primeiro espirito, com que começou a viver, ou o espiritoso coraçaõ, que começou a animar o penitente corpo da observancia nesta Casa, foy a Madre Sor Joanna Bautista, com suas irmãas, as Madres Sor Maria da Resurreiçaõ (que com bom nome faleceo nos primeiros annos de Professa), e Sor Filippa de Jesus, de que atraz fica noticia. Tomara a Madre Sor Joanna o habito em Santa Catharina de Evora. Poucos annos de idade, muitos esmeros de virtude, saõ rayos do Sol vigorosos, que com o augmento do dia criaõ brios, para romper nublados. Por mais que os dissimule a molestia, os negue a industria, e os calle a singeleza, sahem á praça, fazendo grito do mesmo silencio, levados em hombros da veneraçaõ, e do assombro.

Assim succedeo (e assim tinha succedido a sua irmãa, a Madre Sor Filippa) ao raro exemplo, com que de quinze annos começou a Madre Sor Joanna a ser espelho dos espiritos mais adiantados, que voavaõ

vaõ para Deos no Ceo recoleto de Santa Catharina. Cuſtou pouco aos piedoſos Condes de Vimioſo o encontrarem eſta noticia, antes lhes entrou pela porta dentro a aliviarlhe o cuidado de começarem a povoar eſta Caſa, levantada com zelo, continuada com goſto, e agora perfeita com deſcanço, achando na Madre Sor Joanna, e em ſua irmãa a Madre Sor Filippa duas columnas, com que começaſſe a creſcer o edificio eſpiritual, como alma do que já avultava em paredes, e architectura. Aſſim paſſou a Madre Sor Joanna para eſta Caſa da de Santa Catharina, com o cargo de Fundadora, tendo de idade trinta annos, taõ adiantados em prudencia, e doutrina religioſa, que ſó podiaõ ter huma falta, que era a que ella ſentia na ſaude, perſeguida de achaques, pelo ter ſido naquelles primeiros tempos de rigores, que continuados, e paſſados a coſtume, contentavaõ a natureza, com lhe ter feito companhia.

Deixou ſaudoſa, e magoada toda a daquella Caſa; mas valia mais com ella a negaça de mayor eſtreiteza, como era a que ſe havia de uſar neſta. Aſſim veſtio goſtoſa, mais groſſeira, mais eſtreita gala em hum habito de grizè, deſpindo-o menos eſquivo na eſtamenha. Mais tapado véo lhe cobrio os olhos, mais rigoroſa Clauſura a eſcondeo aos do Mundo, e ficou no ſeu centro. Alli começou ſua vida a ſer huma regra animada, para que olhavaõ, e a que ſe compunhaõ, como a eſpelho criſtalino, aquellas ditoſas almas, que entravaõ ás vodas do Cordeiro. A ſua humildade confundia as ſubditas, a ſua obediencia aos Prelados lhas doutrinava obedientes. No ſilencio era Oraculo mudo; na oraçaõ devoto, na paciencia ſofrido; naõ havendo acçaõ penitente, ou religioſa, com que naõ confirmaſſe as perfeitas, adiantaſſe as vagaroſas, e confundiſſe as deſcuidadas. Aſſim podemos dizer, que ao grande eſpirito deſta Madre deve eſta Caſa os que nella ſuſtentaraõ, e ainda hoje continuaõ, ou adiantaõ a vida da refórma, para exemplar dos que a buſcaõ, e reprehenſaõ dos que a relaxaõ.

Quatro annos foy eſta Madre Prioreza, com grande conſolaçaõ das Religioſas, tirandolhe os achaques o teremna mais vezes. Aſſim era amada, e eſtimada todas; aſſim as amava, e eſtimava a ellas; deulhe o Ceo todos os genios de cativar; com o exemplo as obrigava como ſubditas, com a brandura como filhas, com a commiſeraçaõ como companheiras. Antes pareceo mãy da pobreza, que Prelada de pobres. Era-o muito a Caſa; mas nem iſſo lhe fazia encolher as maons, que liberalmente eſtendia aos neceſſitados, repartindo com elles do pouco que havia, com tanta largueza, que ſe queixava a Procuradeira, temendo que no Moſteiro ſe ſentiſſe a falta. Foy couſa experimentada, e muitas vezes repetida deſta meſma Religioſa (peſſoa digna de credito) que naõ ſendo o trigo, e talvez os legumes, baſtantes a chegar ao cabo do anno, repartidos pela boa Prelada entre os pobres os mais dos dias da ſemana, naõ ſó venciaõ o anno,

ſobejavaõ para o outro. Era a Madre Sor Joanna pratica nos commercios da eſmola, conhecia os avanços della pela Arithmetica do Ceo, que elle naõ ſaberia menos multiplicar, que ella repartir.

Era rara a reſignaçaõ, com que continuamente ſe punha nas maons de Deos; daqui lhe naſcia hum como eſquecimento da natureza. Aſſim eſcutou conſtante a morte de ſeus irmaons; aſſim na de ſua irmãa a Madre Sor Filippa aſſiſtia com os olhos enxutos á ſua cabeceira. Receou a Prelada naõ rompeſſe em algum accidente aquella diſſimulaçaõ de ſentida; mandou-lhe, que ſe retiraſſe; paſſou ao Coro a rezar o Officio Divino (os annos, e os achaques a naõ deixavaõ já acompanhar nelle a Communidade). Eſpirou a irmãa; chegou huma Religioſa a dizerlho. Continuou rezando, e logo levantando os olhos, e maons ao Sacrario, e dizendo: *Bemdito ſeja Deos*, voltou á Religioſa: *Madre, perdoeme, naõ lhe reſponder logo, que eſtava acabando huma Hora da reza.* Aſſim foy ſeguindo até a acabar, ſem que a preciſa dor do ſangue valeſſe a turbarlhe aquelle ſanto ſocego, com que ſe eſtava commerceando com o Ceo.

Naõ ſuccedia aſſim quando a pena, ou a magoa era naſcida de ſeu grande zelo; aſſim ſentia no mais intimo dalma qualquer offenſa, que a Deos ſe fazia, que ſó aqui rompia a ſua impaciencia. Lamentou eſte Povo de Lisboa (corria o anno de 1630.) o execrando deſacato, com que na Freguezia de Santa Engracia ſe roubou o Santiſſimo Sacramento; culpa permittida em caſtigo das em que ſe engolfava o noſſo deſcuido, e o noſſo deſatino. Eſcutou eſta Madre a lamentavel noticia, ſeguio-ſelhe a ella huma taõ vehemente dor, que banhada em lagrimas, e proſtrada diante do Sacrario, pedia com vivas ancias do coraçaõ ao Senhor, que venerava nelle, que ſe vingaſſe nella ſua ira, que em ſua vida deſpicaſſe aquella offenſa. Aſſim chorou, aſſim pedio huma vez, e outra, tambem eſcutada do Ceo, que o naõ duvidaraõ as Religioſas no que agora viaõ, e no que deſpois experimentaraõ.

Queixoſa, e nunca bem convalecida, paſſava já entaõ a Madre Sor Joanna; mas daquelle dia em diante aſſim a apertaraõ novas queixas, taõ eſtranhas, e rigoroſas, que como a golpes da maõ Divina, parecia milagre a reſiſtencia. Neſte rigoroſo tormento ſuſtentou largos annos a vida, proſtrada já no cabo delles em huma cama, attenuada, e conſumida, reduzida ao retrato da paciencia, antes eſqueleto animado, que vivente desfalecido. Bem entendia, que aquelle era o deſpacho da ſua ſupplica, premio da ſua ancia, e mayor mimo daquelle Senhor, que deu a hum Paulo, a hum Franciſco, a hum Domingos, e a huma Catharina chagas por inextimaveis prendas. Bem ſabia, que aquelle era o eſtado, em que o ſeu ſofrimento lhe ſervia de deſaggravo, podendo dizer com David: *Zelus Domus tuæ comedit me, & opprobria exprobrantium tibi, ceciderunt ſuper me.* Como ſe diſſera: *Senhor o zelo de voſſa Caſa me conſumio; e a afron-*

Pſalm 68.

afronta, e desacato, que vos fizeraõ blasfemos, e sacrilegos, cahio sobre mim.

Assim parece que foy, assim o pedira Sor Joanna, assim se via naquella cama consumida, assim a ancias de seu zelo, se reduzio ao estado da mayor miseria, tomando de si o desaggravo daquella offensa. Nada a affligia mais naquelle estado, que a continua ancia de purificar sua alma, sendo tanta a singeleza, e candidez desta (com o privilegio de claro, e agudo entendimento) que affirmava seu Confessor, que nunca lhe achara culpa mortal. Foy assim taõ suave sua morte, que nella se esteve vendo sua vida. Chegada aos ultimos della, recebeo os Sacramentos conforme, constante, e alegre; e em hum Sabbado, 25. de Abril de 648. deixou as Religiosas saudosas de sua companhia, e passou a lograr a dos Anjos. Assim parece, que o merecera na vida; assim o parecia no estylo com que a acabava.

Singular progenitora da virtude a pobreza, quando assistida da honra. Quando esta sabe aconselhar sofrimento aos desamparos, sahe a pobreza grande mestra da vida. Arriscado tropeço he a miseria, e a penuria, ensinada dos apertos a alargar a maõ ao remedio delles, sem reparo de que, sendo illicitos, levaõ indevidamente nome de remedios. Estupendo espectaculo para a natureza, ver triunfar a honra da miseria! Naõ levanta menos trofeo, que a virtude. Agora veremos este em Sor Francisca da Madre de Deos.

Nasceo de pays pobres, mas honrados; e filha de huma pobreza honrada, naõ teria menos que a virtude por Mestra. Sahio taõ boa discipula, que já de poucos annos estendia os olhos ao caminho da Clausura, com a magoa, de que as poucas posses lhe prendessem os passos, propondo ao Ceo aquelles desejos, que elle talvez dilata satisfeita, ou para os examinar legitimos, ou para os adiantar fervorosos. Criara-se em Casa de D. Diniz de Lancastro, assistia a Dona Isabel Henriques sua mulher; seriaõ seus pays da obrigaçaõ da mesma, buscaraõlhe este honrado refugio, entre a magoa de a naõ poderem recolher a melhor Palacio. Mas Sor Francisca, que naõ perdia hora de se aparelhar para elle, só com os olhos no interesse de viver mais pobre, seguia hum tal genero de vida, como se no meyo do trafego da Casa, achasse o socego da mais apertada recoleta.

A oraçaõ industriada da liçaõ de livros devotos; recolhimento, mortificaçaõ, jejum quasi continuo; de paõ, e agua huma Quaresma inteira. Nas outras dous dias na semana, como nas Vigilias dos Santos, de que era mais devota. Com este estylo de vida chegou a continuar vinte e dous annos de idade, merecendo sem duvida por elle o venturoso despacho daquella sua continua ancia, recolhendo-se nesta Casa por Irmãa Conversa, naõ se estendendo a mayor dote a diligencia dos pays, que a desejavaõ Freira do Coro. Esta foy a brecha, que o demonio espreitou, para assaltar a resoluçaõ de Sor Francisca, que entrando com os alvoroços de quem se via de pos-

ſe do que já julgara impoſſivel, parece que começava a dar lugar, ſenaõ ao arrependimento, ao deſagrado do eſtado de Converſa.

Figurava-ſelhe, que com menos trabalho poderia aſſiſtir ao do Coro; ou propunha-lhe o demonio como menos decente aquelle trabalho. Foraõ profiados os aſſaltos; mas mayor a conſtancia de Sor Franciſca, fortalecendo-a com aſperas penitencias, induſtria com que paſſou a gozar de taõ inteira victoria, que offerecendo-lhe Dona Iſabel Henriques o dote inteiro para Freira do Coro, ella o naõ aceitou; antes com ſagrada ambiçaõ começou a temer, e a recear, naõ pertendeſſe o Ceo tirarlhe aquelle eſtado, em caſtigo da eſquivança com que o abraçara primeiro. Mas naõ queria Deos, que lhe duraſſe o goſto de continuar nelle com tantas forças, como deſejos; porque cortada das penitencias, antes que ſe recolheſſe, naõ acharaõ as novas reſiſtencias na ſua debilidade. Com a penſaõ de achaquoſa, e doente, ſeguia o trabalho, para que lhe faltavaõ os hombros; até que naõ podendo ſubſtituir por elles o eſpirito, a reduzio a obediencia a occupaçaõ menos penoſa.

De dia ajudava na Sacriſtia com tanto goſto, como induſtria para todo o genero de aceyo. De noite tomou por devoçaõ as vigias do Santiſſimo. He eſte hum emprego, antes, que de eſpiritos reformados, de Serafins humanos. De dia, e noite aſſiſtem orando diante do Sacrario as Religioſas; huma ſuccede a outra, ſem haver inſtante, em que ſe naõ ache huma. He grande neſte particular a vigilancia dos Prelados, aſpera a reprehenſaõ nos mais leves deſcuidos. Sagradas, e verdadeiras Veſtaes ſaõ as Religioſas daquelle fogo, que vio, e venerou Iſaias ſobre o Altar, que vê o venturoſo Povo Chriſtaõ, diſſimulado em apparente neve, Mongibello do amor Divino, foy verdadeiramente ſempiterno, nunca extincto. Eraõ as Veſtaes aquellas caſtas Religioſas, que com os naturaes dotes de nobreza, e fermoſura fundou ſuperſticioſo Numa Pompilio, como quer Plutarco, ou Eneas, confórme Juſto Lipſio. Guardavaõ em ſucceſſivas vigilias o ſagrado fogo. Apagado, era horroroſo vaticinio. Aſſim ſe ſeguiaõ fataes ruinas áquelle deſcuido, e ás Veſtaes (pela maõ do Summo Sacerdote) injurioſo caſtigo. Eſcuſaõ-ſe ainda os mais leves nos deſvelos deſta Caſa, nas aſſiſtencias do Divino fogo, porque o que arde no peito das Virgens, que o guardaõ, ateaſe do meſmo a que eſtaõ aſſiſtindo.

Iſaias 6.

Plutarch. in Numa. Juſtus Lipſius de Veſta, & Veſtalib.

Com eſta devota occupaçaõ ficava Sor Franciſca no Coro até Matinas; entaõ chamava a Communidade para ellas, e até ás trez ſe ſuſpendia communmente diante de todo o emprego de ſua alma, a Senhora do Roſario. Naõ gaſtava menos em rezallo; tanta era a ſuavidade, que ſentia na contemplaçaõ delle! Tal o vivo, e fervoroſo affecto, que a Senhora accendia em ſeu devoto coraçaõ! Mas naõ lograva a ſuavidade daquellas Roſas ſem a batalha de perſeguidores eſpinhos. Affligiaõ-na eſcrupulos, ſal-

salteavaõ na duvidas de sua salvaçaõ. Conhecia, que o pay da enveja a tinha do socego de sua alma. Recorria com as lagrimas nos olhos, o coraçaõ nas lagrimas, á sua Divina valedora. Instavaõ as agonias, naõ paravaõ as supplicas. Repetiaas huma vez, queixando-se desconsolada, affligindo-se chorosa; naõ tirava os olhos chorosos da Imagem da Senhora; (qual essa fosse, naõ ficou noticia) pareceolhe, que lhe via na cabeça huma capella de frescas rosas, e ouvio, que lhe dizia: *Francisca, nestas se haõ de tornar todos teus trabalhos.* Já os mais custosos lhe pareciaõ suaves com aquella promessa. Já desejava todos, como caminho de se ver mimosa. Assim o era tanto da Senhora, que dizia com crivel singeleza: *Que nada lhe pedia, que lhe naõ concedesse.* Sempre pedem os Justos com a ventura de despachados; porque como naõ pedem pela sua, mas pela vontade de Deos, a mesma, que os aconselha, he a que os despacha.

A quem tam bem lhe hia com a oraçaõ, como a Sor Francisca, todo o tempo pareceria pouco para ver nella bem empregado. Nem sempre era possivel a mental, a vocal sempre; na boca ardentes jaculatorias, como se andasse convidando o coraçaõ a accenderse em saudades do Ceo. Crescem estas no retiro, e solidaõ; por isso naõ havia para ella mais gostosos dias, que os que nesta Casa se usaõ de deserto. Aquelle silencio desafia as vozes do espirito; he aquella solidaõ interior socego, aquelle retiro esquecimento de todo o commercio humano. Este o centro de Sor Francisca, as penitencias sem testemunhos na terra, a contemplaçaõ sem embaraços para o Ceo. Já só delle parecia a sua vida, entendendo as Religiosas, mais destras naquella, que a favorecia Deos com especiaes illustraçoens. Assim se viaõ muitas vezes compridas, e experimentadas cousas, que muito de antes se lhe tinhaõ ouvido praticar com singeleza.

Este reparo (que os successos fizeraõ preciso) a poz em grande reputaçaõ, e respeito, a que ella fugia, e se esquivava, escusando-se em occasioens, em que com algum se via buscada, como valia do Ceo. Assim se confundia a si mesma com o conceito da mais infima creatura; daqui lhe nasciaõ os extremos de timorata. Era-o tanto na contemplaçaõ da ultima hora da vida, assim se affligia, assim se assustava medrosa, que bastava para a suspenderem, o fallaremlhe nella. Naõ assim quando chegou, e se vio na sua. Succedeolhe o que aos que caminhaõ de noite, a quem as arvores ao longe assustaõ vultos, ao perto desenganaõ troncos. Trocaraõ-se os pavores em constancias, os sobresaltos em socegos. O que ao longe a assustara morte, já ao perto a convidava passagem. De longe, como he contingente, até aos Justos assusta a morte; de perto, onde já a vem coroados da perseverança, nada lhe achaõ de medonha. Quem naõ trabalhará toda a vida para estar seguro onde todos tremem!

Já naõ só naõ se assustava Sor Francisca, mas alegre esperava a morte; só a entristecia com

com dilatarſe. Aſſim fallava nella, naõ ſó affouta, antes aſſim a ſuſpirava anciofa, que admiradas as Religioſas, lhe perguntavaõ, quem fizera aquella mudança. *Madres* (lhes reſpondia) *a minha Senhora* (entendia a do Roſario) *me deu eſte ſeguro no ſangue de ſeu Filho; eu meſma ouvi, que lhe dizia: Filho, quero, que Franciſca ſe ſalve.*

Sem poder menearſe na cama, padecia muito. Havia alguns annos, que a atormentava huma hydopriſia; agora a tinha ás portas da morte, ſem ſe lhe eſcutar huma queixa, antes demonſtraçoens de confórme, com que edificava. Recebeo os Sacramentos com ſingular goſto, inteiro juizo, e taõ alhea de eſcrupulos, e tribulaçoens de eſpirito, como ſe já o tivera livre daquelle corpo, em que a atormentaraõ tanto. Chegou o dia da Magdalena, no anno de 649. de que era devotiſſima. De algumas palavras, que antes diſſera, entenderaõ as Religioſas, que ſeria aquelle o ultimo de ſua vida; aſſim foy, e com demonſtraçoens piedoſas de ſer o primeiro de ſua felicidade.

CAPITULO XXVI.

Da Madre Soror Marianna de Jeſus.

VEnturoſa familia a de D. Diogo de Caſtro, Conde do Baſto, que mereceo dar a eſta Caſa credito, ao Ceo goſto, ao Mundo exemplo, em quatro filhas, acredoras juſtificadas deſta eſcritura, deſtinada tanto á gloria de Deos, e Familia Dominicana, como á edificaçaõ, e lucro eſpiritual dos Leitores, importantes fins, de que naõ deve apartar os olhos quem péga na penna para ſemelhantes eſcritos.

Foy a Madre Soror Marianna de Jeſus entre as quatro filhas a ſegunda, mas igual com as outras em começar deſde o berço a pizar os apparatos, com que o Mundo coſtuma encher, e enganar os olhos, e os penſamentos a quem, antes que os diſcurſos, lhe applicava os olhos. Levava-lhe ſó eſtes tudo o que era em deſprezo, e deſengano delle. Aſſim lhe madrugou eſte com a primeira luz da razaõ, que eſcaſſamente de ſete annos nada eſcutava com mais goſto, que a ancia da Religioſa pobreza, com que ſe vivia na recoleta do Calvario de Evora (aſſiſtiaõ entaõ os Condes ſeus pays neſta Cidade). Suſpirava, e abrazava-ſe em deſejos de ſe ver naquella venturoſa penuria, mais rica, que o Palacio, que a prendia para naõ buſcalla.

Naõ creſceraõ menos para a reſoluçaõ os deſejos, que para o acerto ſe adiantaraõ á idade. Obrigaraõ-na a pôr em execuçaõ o fugir de Caſa; eſperou certo dia, que ſe deſcuidaſſe mais a familia, pizou a eſcada, mas ſuſpendeoſe nella, reparando, que o primeiro embaraço era naõ ſaber o caminho; mas tornou a elle lembrando-lhe, que nos brincos das orelhas levava peita para quem lhe ſerviſſe de guia. Já parece que alcançava que naõ tinha o ouro melhor preſtimo, que negocear os deſembaraços daquelle caminho, ou porque ainda lhe ſahia barato o acerto, commerciado a taõ pouco cuſto. Mas naõ

naõ media ainda o discurso daquelles annos o como aquelle fim dependia de outros meyos, levada só daquella primeira luz, que confusamente a chamava, dispondo-a para mais madura, e considerada observancia.

Encontrou a ainda na escada o Capellaõ de Casa, que entrou a caso; estranhoulhe o excesso, fazendo, que o conhecesse por desatino. Recolheose com mayor sentimento de se lhe embaraçar aquella ventura, que o que promettia a pouca consideraçaõ com que a dispuzera. Já com mais annos experimentou semelhante successo em segunda resoluçaõ; tinhaõ precedido nas casas algumas obras de pedra, e cal; observou Dona Marianna, que ficara a porta de hum quintal (que tinha sahida para o caminho) de pedra em sonso; madrugou hum dia diligente a desembaraçalla, para passarse á mesma recoleta, destra já na estrada. Applicou as maons á obra, sem que o fraco, e delicado dellas adiantasse mais a diligencia, que a de deixar as pedras, antes banhadas em sangue, que movidas de seu lugar; mas nem a dor, nem o pouco fruto della bastavaõ a desenganarlhe a constancia, a naõ entender que era sentida. Assim o ficou tanto, que só o ter que offerecer a Deos no martyrio das maons, lhe suavizou a magoa de lhe naõ servirem no que pertendera. Contava-o assim a suas irmãas depois de Religiosa.

Mas naõ ficaraõ sem vingança os poucos effeitos desta diligencia, como se delinquira nella, condemnando-se a continuas, e asperas penitencias, supplicas mudas, com que importunava o Ceo, para que lhe franqueasse aquelle caminho, em que se lhe difficultavaõ as entradas, como se os seus progressos naõ fossem asperezas. Naõ tardou o Ceo em lhas dispensar, em paga de as pertender como mimo, dispondo occasiaõ, em que se lhe permittio licença de seus pays, para entrar nos sagrados Claustros desta Casa, acompanhando as irmãas com igual ventura.

Já entendia bem, que naõ eraõ aquellas santas paredes, mais que huma sepultura, e reduzio sua vida a huma morte continuada; observando tanto á risca os effeitos della na separaçaõ, e pouco trato com os vivos, que no Mosteiro naõ tinha mais commercio, que o a que a obrigava a obediencia nas occupaçoens em que a punha. Fóra dellas assim desconhecia toda a communicaçaõ, ainda de pays, e irmaons, que nunca a poderaõ reduzir, a que lhes apparecesse, ou lhe fallasse. Assim lhe succedia estar por escuta de suas irmãas, que no Locutorio fallavaõ a seus pays, e irmaons, sem se lhe ouvir huma palavra, por mais que a convidasse a visinhança, e ainda procurasse a diligencia, e a industria. Governava estes Reynos por Castella a Princeza de Mantua Margarita; houve no Mosteiro noticia, que a tinhaõ huma tarde por hospeda; acautelouse Sor Marianna, pedindo á Prelada, que a dispensasse da assistencia, e a huma Religiosa, de quem se fiava, que em huma casa a fechasse por fóra; e naõ foy ociosa a diligencia, porque só assim escaparia ás

que

que despois se fizeraõ por ella.

Tal era em Sor Marianna o amor do retiro, e do silencio, como quem suspendia as operaçoens do corpo, para dar todo o lugar ás melhores do espirito. Nem perseguida de achaques, abria a boca para a queixa, temendo no preceito da Prelada, o sogeitarse aos remedios, perdendo o interesse dos descommodos. Desde a Septuagesima, até dia de Paschoa era taõ inviolavel o seu silencio, que nem o mayor accidente, ou novidade, a obrigava a dispensar nelle. Succedeo, que huma de suas irmãas por molestia, que teve em hum pé, ao principio da Quaresma, se movia com difficuldade, e trabalho, que bem se percebia no exterior; mas nem encontrando-a, nem assistindo na Communidade junto della, lhe perguntou a causa, senaõ ao dia de Paschoa, nas horas de recreaçaõ, que costuma dispensar a Prelada despois da mesa.

Esta falta de communicaçaõ com a terra, bem mostrava, que era com o Ceo toda a sua. Antes parece que vivia, do que orava no Coro, sentindo assim de dia, como de noite, a precisa pensaõ de comer, e descançar, como embaraço de continuar aquelle gosto. Assim lhe ouviraõ alguma vez encarecer com graça, e singeleza, que de nada tinha enveja, como da alampada, que ardia diante do Santissimo, porque naõ necessitava de deixar o lugar, para continuar a toda a hora no officio do seu luzimento.

Eraõ asperas, e continuas suas penitencias; breves as horas de sono, e descanço, sempre amortalhada no burel da tunica, que já naõ cobria mais que hum esqueleto, em que os cilicios naõ apertavaõ mais que os ossos, já como desamparados do sangue da disciplina, com que todos os dias se sangrava. Assim parece, que vivia como milagre, ou naõ acabava de morrer, como privilegio, que o era grande, durar naquelle estylo de vida huma creatura, fraca por natureza, mimosa por criaçaõ, gastada por achaques, antes consumida por penitencias. Severa no jejum, alargava os da Constituiçaõ a quasi todo o anno. As Vigilias das Festividades de Nossa Senhora a paõ, e agua. A Quaresma toda, ou hervas, ou algum peixe seco, fingindo (para se lhe permittir) que fresco naõ lho consentia o estomago. Com esta, e outras industrias se escusava de tudo o que podia ser regalo. Fazia o muito particular em o dia, que commungava, de deixar para hum pobre a melhor, e mayor porçaõ do que se lhe punha na mesa; para o que tinha alcançado licença da Prelada.

Assim attenuada voava já sobre si taõ triunfadora das pensoens da carne, que naõ tinha mayor gosto, que verse desprezada, e tida pela mais inepta creatura; conceito, que queria grangear industriosa, com acçoens, e palavras, filhas só da rudeza, sem se saber a si outro nome, mais que o de bruta, accrescentando, quando lhe davaõ algum officio, que era Providencia Divina, occuparem-na, sem ter prestimo, para que de algum modo merecesse o sustento. Este conceito infimo,

mo, que de ſi tinha formado, lhe punha nas maons continuamente as occupaçoens mais ſervîs, na coſinha as de menos aceyo, na Enfermaria as de mais aſco.

Vivia aſſim ſocegada neſte centro do abatimento, quando quiz Deos examinar ſua conſtancia em mais arriſcada paleſtra, dando licença ao principe das diſcordias, para que como a outro Job lhe turbaſſe o ſocego, pondo-a no ultimo conflicto. Começaraõ a combatella os ventos das tentaçoens, e a querer ſubmergilla as ondas dos eſcrupulos, tempeſtade, que levantada em ſua alma, a reduzio ao extremo da miſeria, batalhando de dia, e de noite com a morte eterna diante dos olhos da deſconfiança. Mas o Ceo, que a poz no naufragio, lhe começou a deſcobrir o porto, levantando-lhe os olhos a Maria, piedoſa Eſtrella, que amanhece aos atribulados; fez-lhe voto de continuar toda ſua vida a devoçaõ de ſeu Roſario, rezando-o diante de ſua Imagem de joelhos. O jejum de todos os Sabbados, as Veſperas de ſuas Feſtas a paõ, e agua (o que já havia muito fazia por goſto) o aceyo, e concerto de ſeu Altar, por conta de ſeu deſvelo: e em breve tempo ſe vio reſtituida á antiga, e melhorada tranquillidade de ſeu eſpirito.

Paſſou aſſim alguns annos antes de ſua morte. Apreſſou-lhe eſta hum pleuriz, que diſſimulado (como era coſtume de ſeu grande ſofrimento) rompeo depois implacavel, ſem obedecer a remedio, e dando o ultimo deſengano, que ella eſcutou com alegria, recebendo os Sacramentos com os alvoroços de quem ſabia, que aquelles eraõ os ſoberanos viaticos, com que o Ceo a provia para a mais venturoſa jornada. Chegou a ultima hora della, e entrados os Religioſos, voltando a huma ſobrinha ſua, que lhe aſſiſtia, lhe diſſe: *Que tocaſſe as taboas com preſſa* (he temeroſo ſinal, com que para aquella funçaõ ſe ajunta a Communidade) ſuſpendeoſe a ſobrinha, e ella tornou: *Ide, ide, naõ eſtejais ſuſpendida; que ſe naõ agrada Deos de gente frouxa.* Eraõ ancias, eraõ ſaudades impacientes de ſe ver com ſeu Eſpoſo no thalamo das eternidades. Aſſim ſe vio; porque acabado o Officio da agonia, e durando-lhe ainda a vida, diſſe com hum profundo ſuſpiro ao Crucifixo, que tinha na maõ: *Meu bom Jeſus, ainda iſto naõ acaba de ſer? Fiat voluntas tua.* E inclinando-o ſobre o roſto, lhe entregou nos braços o eſpirito, aos 26. de Janeiro de 1649. de idade de cincoenta e nove annos, em hum Sabbado, dia para a ſua devoçaõ de grandes privilegios.

CAPITULO XXVII.

Da Madre Soror Joanna da Appreſentaçaõ, e Soror Antonia da Columna, Pupilla.

Filha de pays nobres, Manoel Alvares Camelo, e Leonor Camela, naſceo Joanna Camela, depois Soror Joanna da Appreſentaçaõ, em o celebre lugar de Belem, huma legoa de Lisboa, aſſentado em tanta viſinhança do rio, que a el-

a elle, como a ella, ſerve de movediço eſpelho. Recolheraõ-na ſeus pays neſta Caſa do Sacramento, tanto que o permittio a idade, ou porque a ſua indole dava já indicios de que o Ceo a eſcolhera, ou porque, conhecidas ſuas ſingularidades, a queriaõ ſeus pays dar ao Ceo, e aos mais o documento de darem a Deos o melhor, que lhes deu; porque ſe o melhor he data de Deos, ſem duvida ſe lhe deve reſtituir o melhor.

Tomou Sor Joanna o habito com tanto goſto, como deſtinada para elle. Já Profeſſa, abraçou com mais ancia as aſperezas daquella; mas começaraõ os eſcrupulos a fazerlha mais aſpera. Aſſim a cercavaõ, e perſeguiaõ, que ſem admittir conſelho, vacilava em hum continuo ſuſto, e deſaſocego de eſpirito. Moleſtavaõ-ſe os Confeſſores, que lhe naõ podiaõ applicar remedio, ou porque viaõ o pouco, que aproveitava o applicado; laſtimavaõ-ſe as Religioſas, que a viaõ appellar ao das lagrimas, romper em gritos, que valiaõ taõ pouco como ellas. Recorria a Deos, recorria á ſua piedoziſſima Máy, e parecialhe, que aliviava na oraçaõ; mas acabada ella, achava-ſe outra vez na tormenta.

Parece, que lhe occorreo á memoria o que lera, ou ouvira de S. Jeronymo, que aconſelhando ao Monge Ruſtico, lhe advertia, que para reſgatar o eſpirito dos laços do demonio, era ſanta, e proveitoſa induſtria, exercitarſe no trabalho. Entendia, que aquelle exercicio era a vigilancia, que aconſelhava S. Paulo, para reſiſtir aos aſſaltos daquelle Leaõ deſvelado, e faminto. Começou a ſervir com tanta ancia, que parece, que ſe reproduzia nas officinas da Caſa; aſſim a achavaõ em todas, como ſe naõ foraõ mais que huma; ou aſſim era diligente em cada huma, que podia abranger a todas; e o meſmo foy ir ſervindo, que ir convalecendo. Já naõ ſó os deſpedia de ſi, mas parece, que ignorava eſcrupulos. Grande, quanto mais impropria, receita! Servir para ſarar! Mas aforiſmo do Ceo.

Naõ ſó ſe achou melhorada com elle applicado ao eſpirito, tambem entendeo, que ſe lhe deveriaõ as melhoras do corpo; naõ tinha formado menos ſobido conceito dos intereſſes da eſcravidaõ voluntaria. Diſpoz o Ceo, que lho confirmaſſe a experiencia. Cahio na cama de doença prolongada, contava já hum anno nella, e temiaõ-na entrevada. Chegava-ſe o dia, em que nomeavaõ as Religioſas, que naquelle anno haviaõ de ſervir nas officinas do Moſteiro, e era para ella deſconſolaçaõ, em que naõ admittia alivio, o verſe impoſſibilitada, ainda para o mais ligeiro trabalho. Quiz enganar o deſejo, ou obedecer ao Ceo, que obrigado daquelle, lhe deu conſelho ſemelhante. Chamou a Prelada, pediolhe humilde, e encarecidamente, que a nomeaſſe Refeitoreira; que ella eſperava em Deos, que logo teria forças para aſſiſtir á ſua officina.

Teve-o por delirio a Prelada, mas nomeou-a por contentalla, tendo tençaõ de encomendar a occupaçaõ a outra. Caſo notavel foy! Que ſabendo como a tinhaõ nomeado, pedio o ha-

o habito, vestiose com alvoroço, e encostada a huma muleta, appareceo no Refeitorio, ministrando á Communidade com tanto desembaraço, que em breves dias deixou até aquelle pouco arrimo. Seja louvado o Senhor, que levantou a sogra de seu Apostolo da cama, para lhe servir á mesa, passando-a do leito para o trabalho, como se este no enfermo fosse antes convalecença, que desmancho!

Mas nem os achaques, a quem dava Sor Joanna esta convalecença, lhe tiravaõ da maõ a disciplina, taõ rigorosa, como testemunhavaõ os lugares, em que as tomava. O cilicio de ferro, com que se cingia, muitas vezes lho acharaõ, estranhado-lho por enferma. Estas a traziaõ desvelada, sendo Enfermeira, e taõ compassiva, que naõ só lhes curava as chagas, mas lhas beijava, e as mais asquerosas com mais ancia. Nestes exercicios contava já vinte e sete annos, quando a chamou o Ceo com huma doença, que deu logo sinaes de ultima. Pedio confissaõ, e mais Sacramentos; entrou o Vigario para ministrallos. Era o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos; chegouse á doente, e perguntando-lhe, como se achava de tentaçoens, e escrupulos? Respondeo: *Que pela graça de Deos, nem escrupulos, nem tentaçoens sentia em sua alma.* Compungiose, ouvindo-a o Mestre Frey Joaõ; e confundido aos juizos de Deos, submergido no mar de suas misericordias, naõ pode ter as lagrimas. Estes foraõ os rios, que nasceraõ daquelle mar.

Acabada a confissaõ, e assistindo as Religiosas, levantou Sor Joanna a maõ, e apontando com o dedo para o canto da cella, disse com segurança, e como quem se surria: *Madres, heilo alli está acantoado. Já naõ tendes, que fazer; que já se vos acabou a licença.* Bem entenderaõ todas, que pelo demonio o dizia; e palmadas do que ouviraõ, levantaraõ as maons, e o espirito a Deos, a darlhe graças, e a offerecerlhe seu coraçaõ, para as espirituaes batarias, pois taõ felices eraõ as vitorias. Recebeo a enferma todos os Sacramentos, e despedida das Religiosas, que a cercavaõ saudosas, e compungidas, levantou cançadamente os olhos, e anciosamente o espirito a seu Esposo crucificado, e passou a gozallo glorioso, aos 24. de Setembro de 1649. em huma terça feira.

Naõ deixa sempre o Celeste Cultivador das almas justas, que as flores passem á producçaõ dos frutos; será, porque tambem saõ frutos as suas flores, ou tambem, porque o seu desvelo naõ gosta só as delicias na mesa, mas as fragrancias na grinalda. Esposo em fim daquella venturosa alma, que illustrada por elle, pedia em as vesperas de se ver no seu thalamo tánto as flores, como os frutos, fossem huns para o sustento, outras para o adorno. Assim nesta sua mais propria, e mimosa vinha, em que o sagrado licor de seu sangue he quotidiano alimento da virgindade, ora escolhe, e colhe na madureza da idade os sasonados frutos da virtude, ora as flores tenras, que madrugaraõ, nos primeiros alentos da vida, a coroarse

roarse

roarse como orvalho da sua Providencia. Essa a razaõ, porque despois da Madre Soror Joanna, Religiosa já adulta, se segue huma Pupilla, Sor Antonia da Columna.

Chamouse no seculo Dona Antonia Henriques, foy filha de Dom Joaõ de Almada, a que sua natural gentileza grangeou o epitheto de fermoso, e de Dona Violante Henriques, irmãa de Dom Thomaz de Noronha, familias illustres, e assaz conhecidas, passando destes Reynos aos estranhos. Daõ-se facilmente as maons a nobreza, e a virtude, porque a boa educaçaõ da primeira facilita muito os passos da segunda. Já ás primeiras luzes da razaõ, começou Sor Antonia a descobrir o caminho, que pizaria mais segura; conhecendo, que o era só aquelle, que a levasse com mais desembaraço aos braços do melhor Esposo.

Importunava os pays com as supplicas, e instancias de lho deixarem seguir. Attribuiaõ elles ao principio a resoluçaõ á viveza de poucos annos bem doutrinados, mas a constancia os fez levar ao pensamento, a que seria conselho do Ceo. Com este conhecimento, junto á razaõ de lhe quererem dar esse gosto, a recolheraõ por Pupilla nesta Casa, que foy escolha sua, acompanhando outra irmãa mais pequena, que despois foy Religiosa, e se chamava Dona Joanna, a que aconselhava, e reprehendia as saudades dos pays, com razoens taõ destras, e concertadas, que já pareciaõ mais que suas.

Mas naõ se achava Sor Antonia satisfeita em estado, em que a privilegiavaõ de tudo; e culpando a idade, a quem devia o privilegio, se escusou voluntariamente a elle, sendo Noviça, já que naõ nos annos, nos exercicios. Guardava silencio; cultivava a liçaõ de livros devotos, e retirava-se na sua cella a orar diante da Imagem de hum Menino Jesus. Alli se esquecia, como se tudo o mais fora incapaz de lembrança, ou como se até a lembrança se passara a ser vista. Espreitavaõ-na as Noviças, e foy confissaõ das mais prudentes, que em quanto Sor Antonia orava, se mostrava o Menino com semblante mais alegre. Seria este favor o que a prendia na cella, quando a chamavaõ para alguma recreaçaõ Religiosa; e instando-lhe, que a teriaõ por hypocrita, vendo-a naquelles annos taõ retirada, respondeo huma vez com inteireza: *Digaõ, e façaõ quanto quizerem, e sirva eu, e ame ao meu Jesus.* Isto dizia com tanto assento, e madureza, que tinhaõ que aprender, as que hiaõ a estranhar.

Toda sua instancia com as Mestras, e com as Preladas era, que a deixassem continuar as Communidades, acompanhar as Noviças, fazer penitencias; e como apadrinhava estas supplicas com huma vida em tudo reformada, em muitas cousas alcançou a licença. Suspirava por commungar mais a miudo, que o que se permittia á sua idade; e era tal o aparelho, que se lhe naõ difficultou o despacho. Na vespera todo o dia, e no que commungava, até á noite, em oraçaõ, ou no Coro, ou recolhida na cella, naõ havia importancia, que lhe merecesse

huma palavra. Achava-a a reprehensaõ sofrida, o trabalho alegre, a perseguiçaõ constante, todo o accidente humilde; tanto a tinhaõ adiantado a sua idade, a liçaõ dos livros, e os conselhos do Ceo!

Mas chamava-a o castissimo Cordeiro para o rebanho das Virgens, que o seguem no monte das perennes felicidades. Deulhe huma febre, leve na opiniaõ dos Medicos, naõ na sua, porque pedio logo os Sacramentos com instancia, sem duvida aconselhada de mais superior noticia. Eraõ 3. de Agosto de 1650. Vespera de S. Domingos, que ella suspirava Pay por preceito, como o escolhera por gosto; confessouse, e ao dia commungou com huma paz Angelica, naõ o sendo menos sua alma, que de noticia de seus Confessores (como despois se soube) naõ perdeo nunca a innocencia Bautismal. Seguiose á Communhaõ o excesso da febre, malignada logo com tanto, que passou a delirios, e taõ continuados, que naõ houve mais lugar, que de lhe dar a Unçaõ (reparouse entaõ na cautela com que quizera commungar anticipada; e naõ pareceo eleiçaõ sua) Chegou o oitavo dia de S. Domingos, como se neste a tivera. Fez o ultimo esforço a febre, e chegando o ultimo accidente, voou aquelle espirito a fazer numero com os Anjos, naõ chegando o de seus annos a catorze completos.

CAPITULO XXVIII.

De Soror Cezilia dos Anjos Conversa.

NAõ mostrou a Providencia do Esposo menos desvelo com outra esposa sua, infundindo em sua alma, antes de tempo, o dom de discernir entre o mal, e o bem, o nada, e o tudo; voltando áquelle as costas, applicando a este as diligencias. Foy esta Soror Cezilia dos Anjos, Religiosa Conversa. Foraõ seus pays Antonio Pires Varela, e Leonor Pires Rosado, Lavradores honrados, e favorecidos dos bens da fortuna. Naõ teve Sor Cezilia a de que lhe vivesse muito seu pay, porque merecesse lograr a melhor de naõ ter na terra mais pay, que o do Ceo. Mas assim se mostrou filha daquelle pay, que desconhecendo a idade, a excedia nas capacidades, e nas occupaçoens.

O seu gosto era escutar noticias de Santos, e virtuosos, praticas de Deos; a sua assistencia voluntaria o Oratorio, e a Igreja; o seu exercicio trabalhar para o aceyo, e serviço della; porque naõ tendo ainda seis annos, devia já ao seu fuso (que he o honrado bastidor da gente de sua qualidade) huma boa tea de pano de linho para toalhas dos Altares, offerecendo-a a elles em obsequio ao Menino Jesus, a quem com fervoroso, e ternissimo affecto tinha entregado sua alma em huma pia, e devota sympatia, com seu suavissimo nome, e a sua attractiva Imagem.

Contava dezasete annos, quan-

quando em companhia de sua mãy se resolveo a deixar o Mundo, convidada do novo caminho, que se lhe abrio para o Ceo neste Mosteiro, com a ventura de serem ellas das primeiras, que o pizaraõ. Mas Sor Cezilia, que se via das portas a dentro com seu Esposo naquelle thalamo, em que costuma examinar as constancias de suas esposas, já se naõ contentava com vir obediente, seguindo as attractivas fragrancias de seu nome, mas adiantava-se a correr para elle; tudo, o que naõ eraõ excessos, lhe pareciaõ detenças, só lhe agradavaõ asperezas, que para aquelle voo lhe pareciaõ azas. Sobre o rigor das Constituiçoens, e exercicios particulares da Casa, inventava penitencias; mas tanto, como a aconselhavaõ os desejos, a desenganavaõ as forças, porque a começaraõ a cercar achaques, huns repetidos, outros continuados.

Entraraõ os conselhos dos Medicos, e os preceitos dos Prelados, para que moderasse o estylo de vida, em quanto convalecia dos achaques, por se naõ impossibilitar de todo com elles; que usasse linho, naõ comesse pescado, e dispensasse no Coro nocturno. Sacrificouse Sor Cezilia aos dictames da obediencia, e este foy o mayor rigor a que podia sogeitarse a ancia de padecer; mas assim se mortificava nos alivios, como se naõ mudassem mais o nome as penitencias. Assim passou algum tempo, vindo a resolverse de conferencias, que teve com seus Confessores, que tornasse ao rigor da vida, que começara, porque era Deos servido que vivesse em perpetua molestia. Começou logo a viver penitente, e sem saude, tendo licença de Prelados para as penitencias, que lhe parecesse.

Caso mayor pareceo, que obrigando-nos o preceito da caridade propria a conservar a vida, tivesse Sor Cezilia dispensaçaõ para poder arriscalla. Naõ vinha a ser menos o viver, como vivia, achaquosa, e o tratarse com aquella aspereza. Mas saõ segredos, que Deos fiou aos seus Ministros, porque seus Confessores, que foraõ o Veneravel Padre Mestre Fr Joaõ de Portugal, o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, Varoens de igual reputaçaõ em letras, e virtude, e taõ destros em materias de espirito, que bem se podiaõ suppor Oraculos no Confessionario, dispensavaõ, e permittiaõ a Sor Cezilia este estylo de vida, que observava como milagre da natureza, sem que os achaques, ajudados das penitencias, apressassem a morte, ou as penitencias, sobrevindo aos achaques, enfraquecessem a constancia. Continuou Sor Cezilia, dobrando todo o genero de austeridades, e rigores, jejuns repetidos, disciplinas continuadas, crucificando o corpo em cruzes de bicos, e cilicios asperos, mas taõ prompta no serviço da Communidade, como a que tinha tirado aos achaques, e ás penitencias o nome de estorvo para elle.

No Coro tinha oraçaõ com as Religiosas; recolhia-se logo á cella, onde estava todo o tem-

tempo de desoccupada. Reparavaõ as Preladas, que se fechava; e querendo prohibilla, advertio o seu Confessor o Mestre Fr. Joaõ de Portugal, que a deixassem recolher, e fechar na cella, que era muy bem empregado todo o tempo, que nella se recolhia. Alcançouse despois de sua morte, que posta em oraçaõ era taõ facil de arrebatarse, que lhe era preciso o estarse divertindo, para se naõ suspender logo. Assim lhe aconselhava seu Confessor, que estando no Coro, se acautelasse, applicando os olhos ás Imagens delle, para divertirse com aquella exterioridade. Era todo o seu desvelo, toda sua industria, esconder este thesouro aos olhos, e reparos do Mosteiro, e essa era a causa daquelle retiro.

Continuava com fervor, e alegria a vigia do Santissimo, que se usa nesta Casa; e naõ faltavaõ testemunhas das lagrimas, e gemidos com que alli assistia; naõ rompia em menos extremos a doçura, e suavidade, que experimentava sua alma na assistencia, e na visinhança. Poucos dias antes de sua morte, chamando a Prelada, lhe disse: *Madre, encomendeme Vossa Reverencia ás Religiosas, que nunca deixem, nem se descuidem da vigia do Senhor, porque he assistencia, de que muito se agrada.* Grande consolaçaõ para a ditosa Familia desta Casa, e grande incentivo para a inteireza, com que até o presente se continúa esta occupaçaõ Angelica.

Abrazava-se em vivos incendios de caridade (mais poderosa febre) que prostrava sua constancia, porque acometendo-lhe o coraçaõ, succedia muitas vezes naõ descançar em tres dias com intoleraveis dores nelle. Recolhia-se á cella, e por mais que lhe quizessem acodir, naõ admittia mesinha; aliviava-a só com chorar, nem o coraçaõ tem outras sangrias para convalecer. Mas tinha mais mysterios a dor. Soube-se a qualidade della por hum papel, que á Irmãa Sor Victoria da Cruz, mandava o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, sendo Vigario do Coro, (ou fosse, que Sor Cezilia lho tivesse communicado, ou porque o conhecesse ella illustrada, como se podia crer de sua vida. Eraõ aquellas dores effeitos de vivos, e fervorosos actos de amor de Deos, em que ás vezes se accendia Sor Cezilia; seguiaõ se vehementes dores no coraçaõ, como se com agudas settas lho estiveraõ traspassando, qual outra extatica Theresa, ou contemplativo Agostinho. Daquellas invisiveis feridas eraõ copioso sangue as lagrimas, naõ admittindo remedio humano, como quem conhecia, que o naõ era o motivo.

Eraõ igualmente copiosas as lagrimas com que chegava á Mesa da Communhaõ, sem haver industria para as esconder, ou as enxugar. Tal era o impeto dellas, ou tal o descuido de si com que alli chegava! Ordenoulhe seu Confessor o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, que commungasse hum dia sim, outro naõ; entendeo, que era o unico remedio para temperar as saudades, em que estalava por aquelle Soberano pasto. Alegrouse seu espirito,

mas

mas confundia-se de se ver singularizada entre gente taõ boa; porém naõ tinha mais acçaõ, que a obediencia. Quizeraõ examinarlha outros Confessores, e mandaraõ-lhe, que naõ commungasse em os dias, que o fazia a Communidade; levantava-se do Confessionario com igual semblante, hia continuar o serviço da Casa. Depois a mandavaõ chamar, para que commungasse. Tomava o véo, e manto, e hia obedecer com tanta paz de espirito, como quem, alhea de si, naõ sabia o que se passava com a sua liberdade; que só vivia nas resoluçoens de quem a mandava.

Era amorosa, e ternissima a devoçaõ com que adorava, e servia a seu Esposo na fórma de Menino; naõ podia passar por Imagem sua, sem que a detivessem suavemente colloquios, e jaculatorias namoradas. Nestes extremos a apanharaõ hum dia as Religiosas, a que confessou, que naõ achava demonstraçaõ com que explicar a sympatia, que naquellas Imagens prendia sua alma, mas com a magoa sempre viva de entender, que no Ceo naõ poderia ver o Senhor glorioso em aquella fórma de Menino. Voltou logo sobre si com o escrupulo de fallar em materia, que naõ entendia; foyse ao Confessionario descontente, perguntou a seu Confessor (era o Mestre Fr. Joaõ de Portugal) a reposta da duvida, que alli a trazia, e sempre desconsolada. Respondeolhe: *Que o naõ estivesse, que no Ceo veria ao Senhor tambem na fórma de Menino, porque aos bemaventurados se mostrava tambem naquella fórma, em que mais o amaraõ em vida.* Fallava o Padre com grande conhecimento daquella alma; suspirava ella pelas delicias daquella visaõ soberana.

Ha nesta Casa duas Imagens de Meninos: em huma está o Senhor em pé sobre huma almofada; he o feitio múito ao vivo, e magestoso; trouxe-o o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos de Castella; e he piedosa conjectura de bons espiritos desta Casa, que a tempos se lhe divisaõ no rosto effeitos differentes, ora de alegria, óra de severidade. Chamaõ a esta Imagem o Senhor Siganinho, nome, que lembrada do desterro do Egypto, lhe poz Sor Cezilia, e que, ainda hoje se lhe conserva. Na outra Imagem está o Senhor sentado em huma cadeirinha de borcado; o feitio pela antiguidade mete devoçaõ, e respeito; trouxeraõ-no as Fundadoras desta Casa, da de Santa Catharina de Evora. Com estas duas Imagens era mais singular o affecto, e assistencia de Sor Cezilia, que se naõ podia chegar a ellas, sem que sua alma lhe fallasse pellas mudas linguas das lagrimas: mas naõ ficou sem premio este extremecimento devoto; mostrou-o bem o successo.

Viaõ as Religiosas, que Sor Cezilia apressava fóra de suas forças o serviço, e occupaçoens da Casa, para se applicar á almofada, e exercicio de agulha, sem bastarem os achaques, para lhe aconselharem algum descanço no pouco tempo, que tinha menos embaraçado. Appareceraõ despois as duas Imagens vestidas de redes, obra da

sua

sua agulha, e tarefa, que a trouxera taõ trabalhada. Celebraraõ as Religiosas a data, contaraõ o succedido ao Vigario, sem deixar de notar o desvelo (como nocivo á sua pouca saude) com que se entregara áquella occupaçaõ, quando os Meninos tinhaõ galas, e vestidos preciosos. Viose obrigado o Vigario a defender a Serva de Deos, para gloria do mesmo Senhor, e credito della; e descobrio, como os Meninos lhe tinhaõ pedido cada hum sua gala, e propondo Sor Cezilia a sua pobreza para escusa do custoso dellas, se offereceo a que naõ tivessem mais custo, que o seu trabalho, porque suas maons a haviaõ de resgatar daquelle empenho. Assim aceitou os pobres vestidinhos de rede aquelle Senhor, que fez mais caso do ceitil da pobre viuva no gaziofilazio do Templo.

Outro cuidado, e novo ornato lhe deveo a Imagem do Menino da Cadeirinha. Assistia Sor Cezilia no Coro com as mais Religiosas, quando vio, que se lhe offerecia aos olhos o Menino no meyo da Communidade, trazendo na maõ huma Cruz com hum estandarte branco, e nelle as cinco Chagas (diviza, que a Imagem naõ tinha) e desappareceo a visaõ. Pedio logo Sor Cezilia ao seu Confessor com instancia, que lhe mandasse fazer huma Cruz com bandeirinha branca, em que se estampassem as Chagas. Fez o Confessor reparo na encomenda, como na instancia; tinha experiencia, que naõ seria curiosidade de Sor Cezilia, porque todas suas acçoens tinhaõ mayor causa; instou pela noticia; naõ poderaõ os rogos; entrou a obediencia, e veyo a confessar Sor Cezilia a visaõ, que tivera. Fezse a insignia, que hoje se vê na maõ do Menino, e he muda lembrança deste caso.

O mesmo fogo, que abrazava a Serva de Deos no seu amor, estendia as lavaredas igualmente vivas para os proximos. Achavaõ-na os males de todos compassiva, os bens alvoroçada, e os espirituaes de todo satisfeita; mas os pobres, os affligidos, os enfermos, eraõ os primeiros, que tinhaõ lugar em sua grande commiseraçaõ. Hum caso lhe succedeo, em que se descobrem algumas destas circunstancias juntas. Estava gravemente enfermo o Confessor da Casa, era Procuradeira a Madre Soror Ignez do Presepio, Religiosa de grande nome, e capacidade, que depois foy Prioreza. Mandara-lhe dizer o doente (por padecer hum rigoroso fastio) que só guizando-selhe hum pombo, comeria alguma cousa á cea, por naõ appetecer outra. Fez logo a Madre Sor Ignez toda a diligencia; naõ se descobria o pombo nem a mayor custo; fazia-se tarde, affligia-se a Religiosa, e sobia já para cima desconsolada, quando encontra Sor Cezilia, que sabendo o motivo da affliçaõ, e desejando alivialla, e acodir ao doente, voltou, sem responder palavra, para o Dormitorio, e levantando os olhos a huma janella, que nelle cahia para o mar, alta, e descuberta, vio, que nella descançava hum pombo. Volta ligeira, e alvoroçada;

da ; dá noticia á Madre Sor Ignez ; duvída primeiro ; desengana-se logo, e sem que a ave faça o menor desvio , chega, e lança maõ della, sem lhe dar lugar ao discurso o repentino do successo. Guizado o pombo, deixou ao doente totalmente livre do fastio. A muitas reflexoens estava convidando este caso, se fora do nosso instituto, ou tiveramos mais liberdade, que para a simples narraçaõ delle. O facil, com que Sor Cezilia achou o remedio para a affliçaõ , que se valia della. O acharse o pombo , onde nenhum outro se tinha visto. Deixarse apanhar ás maons sem resistencia. Tirar ao enfermo o fastio , que foy facilitarlhe a melhora. Naõ nos culparáõ o chamar ao successo prodigio , porque saõ muitas circunstancias juntas para acaso.

Encomendavaõ lhe as Preladas, que pedisse a Deos pelos augmentos , e vida dos bemfeitores da Casa , e de pessoas de respeito, que as importunavaõ com a mesma supplica, em se vendo em affliçaõ, ou doença. Obedecia Sor Cezilia ; e ainda que naõ dizia nada , já tinhaõ experiencia , que o seu semblante era a mais certa noticia. Alegre, era annuncio de melhorar o enfermo , ou o affligido ; triste , evidencia do contrario. Sirva entre muitos de confirmaçaõ hum successo. Enfermou gravemente D. Miguel de Portugal, Bispo de Lamego , irmaõ do Marquez de Aguiar ; era bemfeitor da Casa, filho dos Fundadores della ; nella tinha parentas ; era geral o sentimento , e igual a ancia , com que as Religiosas , e Sor Cezilia com ellas pediaõ a Deos sua vida. Chegou noticia, que se achava o enfermo com huma grande melhora, e fóra do risco em que se vira. Era em dia de Jesus ; entraraõ , e estiveraõ as Religiosas na Casa do Presepio, alegres da noticia , agradecendo ao Menino a melhora , como mimo feito áquella Casa. Só Sor Cezilia (sendo a que mais se alegrava nella) esteve callada, e suspensa ; naõ deixou de ser reparada, ainda que mal entendida, a sua tristeza ; mas soltouse ao dia seguinte o enigma, chegando a nova de que o Bispo falecera.

Sentiraõ todas sua morte, mas com mayor extremo (como a que mais lhe tocava) huma Religiosa sobrinha sua. Encontrouse com Sor Cezilia, e disselhe (porque a Serva de Deos a consolava) que o que sentia , e o que a trazia sem socego, era a duvida do estado, em que se acharia a alma de seu tio. *Alivie-se Madre* (lhe respondeo Sor Cezilia) *deixe a molestia, e a tristeza ; que a alma de seu tio está em estado de salvaçaõ.* E proferindo isto , se lhe accendeo em huma viva, e alegre cor o rosto , como se se lhe estivera representando o que hia dizendo.

CAPITULO XXIX.

Continuaõ-se as noticias da vida , e morte de Sor Cezilia.

GRandes cousas nos sepultou o silencio, e santa modestia de Sor Cezilia, que podiaõ servir de consolaçaõ ás que

ſeguem ſeu meſmo Inſtituto, como aos que lerem eſtes eſcritos, de edificaçaõ, e exemplo. Mas na virtude ſincera, e purificada, pezaõ mais os riſcos de vangloria, que os intereſſes de exemplar. Em todas ſuas acçoens o foy Sor Cezilia. Aſſiſtia ſingularmente ás Preladas, ſervindo-as com mayor deſvelo, taõ longe do abuſo de liſongear o governo, que era pratica ſua, que aos Prelados ſe devia aſſiſtir com mais cuidado, porque nelles carregava o mayor pezo. Aſſim ſabia trocar em lanços da caridade, as maximas da liſonja. Outro intereſſe tinha em communicallas, que era o poder advertirlhes as neceſſidades das ſubditas, porque nenhuma ſe atrevera a negociar o remedio das proprias. Aconſelhava-as para as proviſoens, e governo temporal da Caſa, e nos apertos della, e ſempre era tal o ſeu conſelho, que parecia remedio.

Aſſim repartia com todos dos acertos, com que Deos illuſtrava ſeu entendimento, alcançando mais, que ao que coſtuma chegar o humano. Em mayores importancias o aconſelharaõ as luzes do Ceo para o acerto. Poucos annos contava Sor Cezilia de Religioſa, quando certa peſſoa ſecular de mayor esféra lhe pedio, que alcançaſſe a certeza de huma couſa futura, aconſelhando-lhe para o conſeguir, huma devoçaõ prohibida, mas nas palavras taõ pia, e devota, que naõ foy muito enganarſe a innocencia de quem ainda de ſuſpeitoſos exteriores naõ inferiria malicia. Perguntou com tudo á peſſoa, que julgava timorata, ſe havia naquillo circunſtancia de ſuſpeita; e ouvindo repetidos ſeguros, em quem naõ ſuppunha menos, ſe reſolveo a fazer a devoçaõ o primeiro dia; mas na meſma noite delle, ſepultada em hum ſono profundo, ſe lhe repreſentou, que via a ſeu Eſpoſo, que com roſto ſevero lhe advertia o mal, que fizera, mandando-lhe, que o naõ repetiſſe como offenſa ſua. Acordou aſſuſtada, pedio perdaõ arrependida, e ficou com advertencia de naõ fiarſe de ſi propria, nem obrar acçaõ deſaconſelhada.

Aſſim a começou a illuſtrar o Senhor entaõ, para a enſinar deſpois, para a dar a conhecer. O que ſe ſabe he, que teve muitas viſoens; de poucas ficou individual noticia, mas para confirmaçaõ as que baſtaõ. Faleceraõ dentro em dez dias neſta Caſa duas Religioſas, iguaes por filhas da meſma terra, a idade pouca, e as virtudes mayores, que a idade. Aventajava-ſe huma na nobreza, e qualidade, como em mayor reputaçaõ de virtude; ſingularizava-a ſó eſta ſegunda, como a que vivia entre gente, donde ſó ella ſabe dar nome. Coſtumava Sor Cezilia com mais devota ancia, encomendar a Deos as que faleciaõ, como irmãas no habito, e no amor; e entendendo, que eſta, que falecera com mayor opiniaõ, naõ neceſſitaria já de ſuffragios, por ter paſſado á ultima felicidade, empregava-ſe em orar pela que acabara com menos nome. Eis-que orando huma vez, ſentio, como ſe fallaſſe a ſeu coraçaõ a voz de Deos, que lhe dizia: *Naõ te occupes*

em

em rogar por essa, que julgaste menos justificada, porque já goza de minha gloria; pela outra applica tuas oraçoens, que ainda necessita.

Suspendeose Sor Cezilia, e entre gozo, e pavor, disse: *Como he isto, Senhor? Pois naõ era aquella Religiosa a mais qualificada na vida? Assim foy* (tornou o Senhor) *mas de sua mayor virtude nasceo a sua estimaçaõ, e o seu applauso; e talvez esquecida a humanidade, cahio na fraqueza de se contentar lisongeada.* Callou a Serva de Deos, e poz a boca na terra, confundida em sua ignorancia. Singular caso! que póde mudamente reprehender aos que desinquietando a virtude, a desenterraõ do seu retiro, para a exporem aos riscos do applauso, sahindo talvez a inconsideradas, e appetitosas instancias do canto de huma cella para a frequencia de hum Palacio, do solitario de hum Convento para o populoso de huma Cidade, com o achaque de assistir ao doente, ou a consolaçaõ de se ouvir praticar na virtude; naõ advertindo os que o pedem, ou os que o consentem, que com a observancia mais acautelada saõ mais subtis os assaltos da vangloria. E se das portas a dentro da sua Clausura póde talvez o Religioso, ou a Religiosa, entre poucos votos, perigar neste assalto, que será exposta á estimaçaõ propria, no lisongeiro theatro do Mundo? Se talvez se acha o risco nas tranquillidades do Oceano, que será entre as soberbas correntes do Jordam!

Detinha-se huma vez Sor Cezilia (pouco tempo antes que falecesse) no Confessionario com o Veneravel Padre Mestre Frey Joaõ de Vasconcellos. Mandoulhe elle, que fizesse particular oraçaõ pelo estado da Igreja, e pelo Tribunal do Santo Officio, especialmente deste Reyno, porque andavaõ os seus Ministros cuidadosos, e atribulados com materias de grandes consequencias. Dilatouse o Mestre Fr. Joaõ, e foy tocando alguns pontos de Fé em gloria da Igreja, e de Deos. He subtil o inimigo; vio a difficuldade da pratica, começou a representar no entendimento de Sor Cezilia alguma duvida; mas naõ permittio o Senhor, que cahisse nella sua Serva; porque, ferindolhe de repente nos olhos hum activo, e fermoso rayo de luz, que da parte de fóra penetrava o Confessionario, vio que se lhe representava a Imagem de hum Christo magestoso, com Chagas, e Coroa de espinhos, entendendo em seu coraçaõ, que lhe dizia: *Que no que alli ouvira naõ tivesse escrupulo, porque eraõ verdades taõ claras, como aquella luz, que tinha visto.* Ficou confusa, e confundida Sor Cezilia; e sepultada em silencio, cahio por terra, adorando o Senhor. Acabou o discurso o Mestre Fr. Joaõ, esperando reposta; e vendo, que nem o minimo rumor se percebia de quem o escutava, bateo no ralo huma, e outra vez. Tornou em si Sor Cezilia, e levantando-se, e respondendo com turbaçaõ, lhe poz o Padre huma obediencia, para que lhe explicasse a causa, que a tivera muda. Naõ podia resistir ao preceito; referio tudo o que tinha visto,

viſto, e paſſado. Teſtemunha deſta verdade foy o meſmo Veneravel Padre Meſtre.

Ao dia ſeguinte cahio enferma Sor Cezilia: a idade, os achaques, e as penitencias, lhe podiaõ ſegurar, que era a ultima doença, ſe ella, muito anticipadamente a eſte accidente, naõ tivera alcançado, que o primeiro ſeria o ultimo. Eſta noticia teve em ſonhos; conſtou deſpois de ſua morte, achando-ſelhe eſcrito de ſua propria letra. Appareceolhe o Menino Jeſu (premio da ancia com que o ſervia, e adorava) e dizendo-lhe ella: *Senhor, quereis levarme para vós*? Inclinou o Menino a cabeça, ſegurando-lhe, que ſim. Tornou ella: *E ſerá logo*? Sorrioſe o Menino, e ao meſmo tempo deſappateceo a viſaõ, e acordou Sor Cezilia taõ certa de que ſeria o fim da ſua vida a primeira doença, que logo deu a entender, que eſta era a ultima.

Com eſte conhecimento ſe diſpoz com tanto ſocego, que ſó lho embaraçava o alvoroço. Aſſim paſſou alguns dias; e chamando hum delles a Prelada, lhe diſſe com deſuſada alegria: *Que viſto ella ſe achar em huma cama, e incapaz daquella diligencia, lhe pedia, que fallaſſe ao Padre Vigario* (era o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, na occaſiaõ em que tinha acabado com igual felicidade, que induſtria, a obra da Igreja) *e lhe pediſſe da ſua parte a bençaõ; e que lhe rogava trataſſe muito de ſua ſaude, que era ſua vida de muita importancia á Igreja Catholica; e que eſtiveſſe certo, que agradara muito a Deos no diſpendio, e cuidado, com que edificara a Igreja daquelle Moſteiro; pelo que naõ tardaria o meſmo Senhor muito em lhe dar hum grande premio.*

A Prioreza, que (como era commum naquella Caſa) tinha experiencia, que naõ careciaõ de myſterio as palavras de Sor Cezilia, inſtou com ella, para que lhe explicaſſe o que naquelle particular alcançava, ameaçando-a, que a obrigaria o Vigario com huma obediencia. Rendeoſe a boa ſubdita, e continuando com alvoroço, diſſe: *Que eſtando* (*havia pouco*) *orando, e pedindo a Deos pelo augmento, e conſervaçaõ da obſervancia daquella Caſa, vira ao Senhor em hum throno de inexplicavel mageſtade, que com alegre ſemblante lançava huma bençaõ ao Padre Meſtre; dando-lhe a conhecer a ella, que aquella bençaõ era premio da obra da Igreja acabada com tanta perfeiçaõ, como foraõ as contradiçoens, com que ſe intentou, e finalmente ſe conſeguio. E ſaberá, Madre Prioreza* (accreſcentou Sor Cezilia) *para conſolaçaõ ſua, e das ditoſas filhas deſta Caſa, que todas, as que até aqui tem falecido nella, ſe ſalvaraõ por miſericordia de Deos.* Grande felicidade, piedoſamente crida, deſte Seminario da obſervancia; e naõ menor ventura para as que o habitaõ, viver antes em hum Santuario, que em hum Moſteiro!

Tinha ſem duvida alcançado Sor Cezilia, por mercê de Deos, a fortuna, que indicava aquella bençaõ ao Meſtre Fr. Joaõ; naõ a explicou entaõ, mas vioſe brevemente. Cahio o Padre em huma doença ligeira, convaleceo depreſſa; e indo á Igreja a dizer Miſſa, foraõ

foraõ as Religiosas ao Coro, alvoroçadas, a dar graças a Deos pela melhora, e a ter o gosto de o ver com ella. Foraõ dar logo esta noticia a Sor Cezilia, entendendo, que lhe naõ podiaõ fazer mayor lisonja, nem applicarem ao que estava padecendo melhor mesinha. Assim sabia estimar esta subdita tal Prelado, mas naõ menos elle a ella, como o que tanto a conhecia. Ouvio ella, que diziaõ: *Já o Padre Mestre está sam*; e respondeo com semblante triste: *Sim está saõ.* Repararaõ no pouco, que a alegrara cousa para todas de tanto gosto; e disse huma: *Que deva esta Leiga tanto ao Padre Mestre; e que se naõ alegre, nem estime vello restituido á sua saude?* Mas como vaõ longe os discursos dos Justos dos puramente humanos! E que pouco percebido he o seu mysterioso idioma dos ouvidos da terra! Alegravaõ-se aquellas pelo que viaõ; entristecia-se Sor Cezilia pelo que alcançava. Ellas viaõ huma saude, que lhe parecia milagre; ella estava vendo o pouco, que distava da morte. Ellas parecialhes agradecimento o alvoroço; ella só na sua tristeza conhecia o seu agradecimento, porque bem alcançava, que aquella melhora era huma despedida da vida. Succedeo assim, porque brevemente recahio o Veneravel Padre, e faleceo brevemente.

Mas naõ tardou muito Sor Cezilia, que se naõ adiantasse a reconhecer a coroa, que o esperava, porque era já tempo de se lhe naõ dilatar a sua. Tinhaõ-na disposto para ella muito anticipados, e continuos martyrios. Foy hum delles huma rigorosa dor, com que o Senhor quiz por todo o tempo, que viveo na Clausura, provar sua paciencia, mostrando-lhe, que fora data da sua maõ, onde naõ se ignorava o motivo de querer dobrarlhe o merecimento. Viviaõ ainda as Religiosas junto ao Postigo do Arcebispo, no Mosteiro novo; cahio huma noite hum rayo nelle (sem damno de pessoa, e só do edificio) mas com hum prodigioso effeito, porque cahio a tempo, que Sor Cezilia ou sonhava, ou via, que vinha hum rayo sobre ella, e que lhe alcançava a parte direita. Acordou estremecida, e molestada, naõ só do estrondo, mas de huma dor taõ aguda, que tomando-lhe hum pé, lho naõ consentia pôr no chaõ. Esta dor, ás vezes menos intensa, a molestou toda a vida, e nas occasioens de trovoada, anticipando-lhe com mais vivo effeito a noticia della. Esta foy a origem, e causa de sua morte, sem que lha dispuzesse outro achaque.

Aggravou-selhe este com intoleraveis dores, mas sofridas com taõ igual semblante, como se nada a molestara; estando-se vendo na exterioridade da inflammaçaõ daquella parte o que padecia, e o que dissimulava. Assim se lhe dilatou dous mezes este purgatorio: e como sabia quando havia de ter termo, pedio os Sacramentos, quando vio, que eraõ precisos. Foy a devoçaõ igual á advertencia, e socego com que os recebeo, passando o dia seguinte inteiro em hum silencio socegado; seguiose todo o outro, de huma desusada, e estranha alegria. Pareceo ás Religiosas, que

que eraõ effeitos de melhora, e (no que colhiaõ do exterior) que aquella vez escapava; mas atalhou este pensamento a resoluçaõ com que pedio, que lhe chamassem os Padres para o Officio da ultima hora. Entraraõ; pedio a véla; e acompanhou o Officio com inteira advertencia; e logo correndo os olhos com agrado por todas as Religiosas, levantou o braço direito, e foy-o recolhendo, como se as abraçara, e se despedira. Cerrou placidamente os olhos, e sem fazer outro termo, deu a seu Creador o espirito, em huma terça feira de Novembro de 1651.

No instante que espirava, vio a Madre Sor Clara do Sacramento, pessoa de tanta capacidade (saberséhá melhor adiante) que fiava o Ceo della semelhantes segredos; referindo este, como de outra pessoa, que sobre o Mosteiro sobia hum resplandecente globo de luz entre as duas Virgens, e Martyres insignes, Santa Cezilia, e Santa Ignez, Protectoras da Ordem Dominicana, e singulares empregos da devoçaõ de Sor Cezilia. Poucos dias despois de seu ditoso falecimento, fazia o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos huma Pratica em a profissaõ de huma Noviça, e tocando (como quem dava pouco desafogo ao muito, que callava seu espirito) na observancia, e virtude desta Casa, disse, que havia pouco falecera nella huma Irmãa Conversa, por nome Sor Cezilia, em cujá vida havia cousas taõ grandes, que naõ era possivel publicarem-se, sem consultar primeiro o Oraculo da Igreja, o Summo Pontifice. Daqui se póde inferir que seria o mais, e o mayor o que se nos escondeo de sua vida, sendo hum taõ grande voto o que approvou este silencio; mas nem menos este silencio para grande credito.

CAPITULO XXX.

De Soror Leonor da Assumpçaõ, Conversa.

MUitas proporçoens tem a graça com a natureza, ficando cada huma em sua esféra, porque tambem na linha espiritual he natureza a graça, como principio da vida, com que se vive para Deos; e sendo hum dos effeitos da natureza o conservar, nos que tem a mesma, a semelhança, esse sem duvida se achará tambem na graça. Isso quiz dar a entender S. Paulo, quando escreveo, que predestinando-nos Deos para a sua graça, nos fez confórmes a seu Filho na semelhança. Porque a graça assemelha na sua linha, como a natureza assemelha na sua.

Bom exemplo temos entre maons na vida de Sor Leonor, mãy de Sor Cezilia, de quem agora acabamos de fallar. Grande harmonia fez em ambas a graça, como se competira com a natureza; porque se a natureza as fez ambas a mesma carne, a graça as fez ambas o mesmo espirito; se a natureza fez que aquella filha fosse semelhança desta mãy, fez a graça que nesta mãy se achasse toda a semelhança daquella filha. Assim foraõ ambas nesta Casa Religiosas, ambas Conversas,

verſas, ambas obſervantes, ambas mimoſas de Deos; e ambas grande aſſumpto deſte noſſo venturoſo trabalho.

Dilatou o Ceo o de ſua peregrinaçaõ a Sor Leonor, mais que a Sor Cezilia, porque falecendo eſta de perto de ſeſſenta annos, chegou ſua mãy aos oitenta, taõ bem gaſtados todos, que perguntando-lhe huma peſſoa de reſpeito (já entaõ vivia Sor Leonor neſta Caſa) que vida tinha ſido a ſua? Reſpondeo com ſinceridade diſcreta em ſó tres palavras, o que ſe naõ diria melhor em muitas: *Donzella, tudo foy innocencia; caſada, tudo moleſtia; e Freira, tudo gloria.* Bem nos podia poupar eſta repoſta o cuidado de mais eſcritura, porque naõ póde haver mais que dizer de ſua vida; mais naõ ſerá o que diſſermos mas que huma expoſiçaõ daquella repoſta.

Ficou ſó noticia do ſobrenome do pay de Sor Leonor (que foy o de Varela) e do groſſo trato de ſua Familia, e Caſa, como dos Lavradores mais ricos no termo de Evora, naõ menos que de ſua vida, por homem timorato, e de ſãa, e limpa conſciencia; mas ſobre tudo com tantos extremos de caritativo, e deſvelado com os deſamparos do proximo, que com a porta, e as maons abertas, a todas as horas era ſegundo Abraham nos empregos da hoſpitalidade, mandando como outro pay de familias a ſeus ſervos, e criados, que trouxeſſem, e encaminhaſſem para ſua caſa, os que encontraſſem pelas eſtradas deſencaminhados, e famintos; e como eſta era para elle a mayor liſonja, naõ havia noite, que a naõ achaſſe na meſa, ſentando-ſe a ella taõ honrado, e contente, como quem tinha ao meſmo Deos por hoſpede.

Cerrouſe huma noite carrancuda, continuoſe tempeſtuoſa, achava-ſe o bom Lavrador em ſua caſa (como ſituada em o meyo de huma campina) ſem companhia, que lhe fizeſſe appetecer, e eſtimar a meſa, coſtumado em todas a ter a neceſſidade, e a pobreza por convidada. Continuava a tormenta, foy perdendo a eſperança. Chama os ſervos, manda-os, que com fachas accezas ſayaõ ao campo, e ao caminho, a bradar por quem quizeſſe gaſalhado. Naõ podia deixar de ter hum grande encontro de intereſſe, hum taõ grande lanço de caridade. Eis-que guiados pelo norte dos brados, e da luz, reſpondem, e ſe vem chegando dous Religioſos Capuchos, que perdida a eſtrada, e ſem tino, e alento para a buſcar, com o eſcuro da noite, e rigor da tempeſtade, ſe ſacrificavaõ a ella ſem mais abrigo, que o campo deſcuberto, e hum pouco de burel taõ molhado, que antes ajudava a tormenta, que valia contra ella, antes vinha a ſervir de carga, que de cobertura. Já ſe apreſſaõ alvoroçados, já chegaõ atropelando deſcommodos, já entendem, que os que eſtaõ vendo, naõ ſeraõ menos que Anjos, e nem os deſenganava o idioma humano, com que de parte de ſeu ſenhor lhe offerecem gaſalhado; todas as circunſtancias ſeguravaõ o ſoccorro do Ceo. Levantaõ os peregrinos as mãos, e os olhos a elle, dando em

ſeu

seu coraçaõ graças ao Pay das misericordias; seguem o caminho, entraõ as portas do bom hospedeiro, que tomando-os nos braços, e embaraçando-lhes agradecimentos, os soccorre ao fogo contra o frio, na mesa contra a necessidade, agradecendo a Deos o honrallo aquella noite com taes hospedes, e os hospedes o acharem naquella casa a sua providencia.

Bastara este caso para sabermos quem foy o pay de Sor Leonor, se a criaçaõ, e boa indole da filha naõ houvera de ser argumento do que fora seu pay. Chamouse ella Leonor Pires Rosada. Já nos primeiros annos era notavel seu retiro; a inclinaçaõ ás cousas sagradas, como a de viver em Clausura recoleta, porque costumava dizer (pelo que ouvia, e alcançava naquelles poucos annos) que naõ havia de ter outra vida mais, que a de Freira do Calvario de Evora; assim lhe chamavaõ os pays a sua Capucha do Calvario, estimando na filha aquella propensaõ devota. Foy esta crescendo com os annos; e parece, que já merecia ao Ceo cuidados, porque destinando-a a outra Clausura, que ainda naõ existia, lha quiz representar em hum emblema, que Leonor naõ pode entender entaõ, mas assim lhe ficou impressa na lembrança, que correndo os annos, conheceo nella o que devia ao Ceo, que lha representara.

Foy a visaõ em sonhos; representando-selhe, que via hum grande monte de trigo muito limpo, cercado de assucenas, e que desejava com vivas ancias chegar a elle, e descançar entre ellas. Com este desasocego acordou, perdendo a visaõ, mas nunca a lembrança, e o desejo com que a vira. Depois de Freira alcançou, que aquelle era o emblema, em que o Esposo Divino decifrara a fineza do Sacramento, de que fora, e era Sacrario o ventre de sua Mãy Soberana, e o coraçaõ da Igreja Catholica, dizendo, que elle era paõ cuberto de flores, ou monte de trigo, cercado de candidas assucenas; que decifrado no sentido Tropologico, he a figura, e timbre desta Casa, porque he o Sacramento paõ assistido de assucenas, que saõ as filhas della.

Acervus tritici vallatus liliis. Cant. 7.

Naõ podiaõ duvidarse estas providencias do Ceo, e anticipados emblemas da vida, que Sor Leonor abraçaria em mayor idade, porque era rara sua simplicidade, e importancia (testemunhavaõ no assim seus Confessores) sendo estas as disposiçoens, que busca o Ceo nos espiritos, a quem ha de revelar seus segredos. Naõ desconheciaõ seus pays que naquella filha naõ tinhaõ mais que o nome de sua, porque já experimentavaõ em seu estylo de vida o para que Deos lha dera; mas os grossos cabedaes de sua Casa, o desejo natural de dilatar nos filhos a segunda vida, e o veremna já contando dezaseis annos, os fez entrar em pensamentos de lhe dar estado, que em sua velhice lhes servisse de arrimo. Assim dispuzeraõ o desposorio, sem lhe darem noticia, ou por lhe pouparem o dissabor, que teria com ella, ou por conhecerem na sua sogeiçaõ que naõ lhes daria outra reposta mais, que a obediencia.

diencia. Succedeo assim; escutou, e obedeceo Leonor a seus pays, entendendo, que Deos assim o dispunha, mas que naõ permitiria, se lhe frustrasse a esperança, que atè alli a entretivera, de differente vida.

Inculpavel passou á de casada, merecendo nella a que suspirava de viuva, para se dar toda a Deos, que assim lho concedeo, ficando com trez filhos, e duas filhas, naõ sendo estes embaraços, para lhe sahirem, e a conquistarem bons casamentos. Mas já sua esperança levantava os olhos ao Ceo com liberdade, para suspirar melhor cadea; recolheo se com sua mãy, e desenganou os pertendentes com o estylo, que tomou de vida, antes retiro de todos os commodos, e interesses della. Naõ tardou o Ceo em lhe diminuir os embaraços, levando-lhe os trez filhos; menos tardou Leonor em lhe agradecer a providencia, sacrificando-lhe a liberdade em que a punha, e dando a huma das filhas o mais precioso de sua casa, e fazendas, e pondo-a debaixo do cuidado de huma tia; com Sor Cecilia, (que era a outra filha, herdeira de seu mesmo genio, e espirito) se resolveo a buscar esta nova Recoleta, com as Fundadoras, que sahiaõ de Santa Catharina de Evora, por ser huma dellas, (e a que se escolheo para Prioreza) a Madre Soror Isabel de Jesus, sua tia.

O menos, em que reparou Leonor, foi em haver de ser Freira Conversa, (ella, como como sua filha Cecilia) em casa adonde tinha a tia Freira do Coro, e Prelada, porque doutrinada por Christo, que buscava Esposo, vinha a servir, e naõ a ser servida; para confusaõ das que nos Claustros Sagrados reparaõ tanto nestes pontos, sem advertirem, que na Monarchia da Igreja se só o servir faz benemeritos, só os servos tem melhores officios. Assim aconselhada do Ceo, do que grangearia no que tomava, se partio Leonor Pires Rosada, com sua filha Cecilia de Sousa, acompanhando as Religiosas, que vinhaõ para a nova fundaçaõ.

Mas o demonio, á quem ella desagradava, dispoz na noite, que precedeo á jornada para Lisboa, que junto ao aposento, em que se recolheraõ a mãi, e filha, se achasse hum cabritinho, (ou seria a fórma do mesmo inimigo, de quem foy a industria) que nunca se callou, bradando pela mãy. Despertou o grito importuno, que naõ permittia socego, em Leonor Pires a lembrança; imaginando, como doía, e costava, ainda nos brutos, a separaçaõ entre pays, e filhos, e passou com a imaginaçaõ a buscar a filha, que deixava no Mundo, e naquella terra, de que se apartava para toda a vida: foysse a natureza levando da lembrança taõ poderosamente, que rompendo em vivas saudades, parece, que já lhe aceitava o conselho, se naõ da suspensaõ do proposito, se quer na dilaçaõ para melhor tempo. Mas naõ valeo a industria do demonio, porque começou a saudade naõ obedecida a ser o primeiro sacrificio, e a dobrar-se o merecimento donde se esperava enfraquecido. Enxugou Leonor as lagrimas com os interesses do bem, que hia comparando com ellas. Passou a Lisboa, entrou com a filha nesta Casa, profes-

farao ambas nella. Já em seu lugar fica esta noticia.

Vio-se Sor Leonor Freira Conversa, e como se sempre vivera servindo, naõ tinha mais gostoso emprego. Da sua occupaçaõ passava ao Coro, e o que se detinha neste, devia-o á boa diligencia, com que se apressava naquella. Era grande a delicia, e interior o contentamento, com que se dilatava diante do Santissimo; com a sede de o repetir, hia para o Coro huma Quinta Feira Mayor, em companhia da mais Communidade, a assistir ao Officio Divino, deixando já satisfeito tudo o que estava a seu cargo; quando chegando-se a ella a Prelada, a manda, que volte á cosinha, a adereçar hum pouco de peixe, que chegara. Sem levantar olhos, voltou Sor Leonor para donde a chamava a obediencia, por mais que lhe ficavaõ donde a levava a devoçaõ. Mas naõ tardou o premio a este sacrificio. Entra na cosinha, eis-que de repente vê voar sobre a cabeça huma candida pomba, que fazendo a seu modo festa, e agasalho com o bater das azas, desappareceo, sendo taõ difficil averiguar por donde sahira, como o por donde entrara, sabendo-se só, que succedera, porque fallando Sor Leonor nos premios da obediencia, contou o successo, pondo-o em terceira pessoa.

Se era esta a obediencia de Sor Leonor, facil fica de conhecer a sua humildade, a sua mortificaçaõ; mas sobre tudo parece, que voava sua caridade, mais entranhavel com os pobres. Fazse no Mosteiro comer particular para elles com o da Communidade; aquelle era o primeiro, que adereçava, e punha ao lume, repetindo com gosto: *Deos diante.* Accrescentava a esta porçaõ a mayor parte da que lhe cabia na mesa, e levava-a, e o mais que grangeava sua industria, á Rodeira, que era a que o repartia com tanto alvoroço, como quem lhe naõ duvidava o rendimento. Guardava inviolavel silencio, que nunca a ouviraõ, naõ só em lugares prohibidos, mas nas officinas em que assistia, sem se lhe ouvir palavra desnecessaria. Ainda foy mais; que naõ havendo commodos no Mosteiro novo, mandou a Prelada, que ella, e sua filha Sor Cecilia se recolhessem em huma cella. Entendeo a Mestra de Noviças, que dispensariaõ na ley do silencio a familiaridade, e o sangue, e examinando-o repetida, e acauteladamente, as achou sempre occupadas, com tal separaçaõ, e silencio, como se em tal estreiteza podessem desconhecer a natureza, e a visinhança.

Assim trazia sogeitos, e dominados os sentidos, de que se lhe seguio a grande constancia de sua paciencia: sem haver contrariedade, que a naõ achasse igual, e muito mais entrada já naquelles annos, em que he difficultoso o soffrimento, como facil o motivo de arriscallo. Faltavaõ-lhe já os dentes, e succedendo algumas vezes porem-lhe reçaõ de paõ duro, nem por isso pedia outro; molhado aquelle na agua, lhe servia de sustento. Apanhava a talvez o Inverno pouco enroupada, assim o hia passando, se a Vestiaria o naõ reparava, e lhe acodia. Naõ houve palavra, por aspera, ou impertinencia, por repetida, que lhe

lhe mudasse o rosto, ou lhe alterasse o socego, nascendo-lhe deste o estar sempre prompta para a Confissaõ, e Communhaõ de duas vezes na semana, como he estylo da Casa; e o que mais era, sem dar aos Confessores molestia. E perguntando-lhe: *Como era taõ breve naquelle lugar*? Respondeo: *Que por chegar a elle sem duvida. Porque, em se me offerecendo alguma* (continuava com segurança) *rezo hum Padre nosso, e logo o Senhor me poem tudo claro.* Assim era pura sua consciencia; nem se podia crer menos do socego della; mas nem assim bastava a lhe enxugar as lagrimas com que alli chegava. Seria, que se lhe derretia o coraçaõ nas visinhanças do Sol, que queria recolher nelle.

Na oraçaõ era taõ continua, que naõ havia em sua vida mais que huma alternativa de orar, ou servir. Recolhida á noite na cella, orava duas horas. Dava trez ao descanço; levantava-se logo, e até que o dia a chamasse para a sua officina, orava. Nas Matinas, a que assistem as Conversas, ficava no Coro até o mesmo tempo. Nas occupações, em que a punha a obediencia, servia, e orava, porque, se podia desoccupar huma maõ do serviço, trazia nella o Rosario; se occupava ambas, punha junto a si hum monte de pedrinhas, e como podia, as hia passando como contas. Reparou nas pedras huma Religiosa, e perguntandolhe para que eraõ, respondeo: *Que para apedrejar o demonio, e tello em distancia, que naõ chegasse a tentalla.* Se era tal o trabalho, que lhe naõ permittia nem as contas, nem as pedras, valiase de jaculatorias, humas, que lhe dictava o espirito, outras de que tinha feito estudo, repetindo muitas vezes: *Misericordias Domini in æternum cantabo.*

Feito sinal para a oraçaõ, era a primeira que voava para o Coro; e advertindo-lhe alguma Religiosa, (que via o muito, que tinha que trabalhar aquelle dia) porque naõ ficava, respondeo: *Que todas as vezes, que a Prelada a mandava ficar da oraçaõ, experimentava o trabalho mais penoso, e dilatado; e deixando-a ir a ella, ou muy aliviado, ou de todo feito.* Da sinceridade com que o dizia, e do que as Procuradeiras viaõ por experiencia, se entendeo bem, que era mais que humana a diligencia, e companhia, que a aliviava; e confirmava-se na ancia, com que persuadia ás que vinhaõ para o Mosteiro, que nunca deixassem a oraçaõ, porque era infallivel a experiencia do que se merecia com ella. Naõ se soube caso individual, porque os espiritos mais capazes de lhe succederem, saõ os mais advertidos em os occultarem.

Sendo muitas suas particulares devoções (que lhe levavaõ algumas horas entre noite, e dia nas Capellinhas do Claustro, e varandas) era no Capitulo mayor a detença, orando pelas defuntas, e em especial pelas que conhecera mais benemeritas daquella lembrança. Foy huma Dona Maria de Tavora, Condessa do Basto, falecida de pouco, e enterrada por escolha sua naquelle Capitulo. Orava por ella huma noite, quando vio que de sua sepultura se levantava hum vulto resplandecente, que sobindo vagaroso ao alto da casa, desappareceo, lançando mais vi-

viva, e copiosa luz. Foy grande sua alegria, que os primeiros dias naõ soube dissimulalla entre as mais Religiosas, e filhas da Condessa, que choravaõ a falta, que lhes fizera a ellas, e á Casa; e importunando-a com a pergunta, de porque as naõ acompanhava, relatou o que lhe succedera. Seria licença, ou preceito do Ceo, o dar aquella noticia; e grande argumento, para se crer a novidade de se ouvir.

Mas dispunha o Ceo a ultima coroa de seus trabalhos, por hum taõ raro caminho, que a naõ prostraraõ os achaques, nem os annos, sendo estes incuraveis achaques, quando já crescidos. Contava já Sor Leonor os ultimos dos oitenta com que faleceo, quando em huma sesta feira da Quaresma, (em que acompanhava a Communidade na Procissaõ dos Passos) pondo os olhos no Senhor, vio com os olhos corporaes em sua cabeça vivas as chagas dos espinhos, e o sangue, que banhando o rosto sagrado, lhe ensanguentava os cabellos. Atravessou-lhe huma dor vehemente o coraçaõ compassivo, e taõ vehemente, que segurando que morria, cahio em huma cama. Alegrava-se de ver, que acabava ás mãos daquella dor, mas era ella taõ aguda, que entre as ancias lhe mortificava a alegria. Dahi a poucos dias lhe appareceo em sonhos o Senhor, e vestindo-lhe huma tunica preciosa, lhe accrescentava naõ menos custoso ornato em huma parte, deixando-lhe a outra sem elle. Assim desappareceo a visaõ, deixando-a illustrada, para conhecer que entaõ naõ acabaria, porque ainda lhe restavaõ mais trabalhos, para aperfeiçoar o ornato dos merecimentos.

Este conhecimento lhe dobrou o valor para continuar com mais fervorosa ancia os seus exercicios; mas passado algum tempo, faltaraõ-lhe as forças, e desoccuparaõ-na das officinas, que lhas tinhaõ cançadas. Começou a viver no Coro, de que só sahia a tomar algum sustento, e pouco descanço. Como já suspirava, ou via visinho o termo, contava os dias, e as horas, que se lhe dilatava a peregrinazaõ. Conheceo finalmente o fim della, e disse ás Religiosas, que morria. Parecia-lhes delirio da idade, porque a viaõ sem outra molestia. Pedio instantemente os Sacramentos, e recebidos com veneraçaõ, e gosto, sem mais achaque, que os annos, sem mais dor, que huma ardente ancia de acabar, passou áquella vida, porque viveo morta, e morreo mortificada em quarenta e seis annos de Clausura, com perto de oitenta de idade, em hum Sabbado, 10 de Março de 1653. Podendo bem chamarse Feniz Dominica, que os annos, e o fogo, a idade, e o amor a reduziraõ á sepultura para resuscitar a melhor vida.

CAPITULO XXXI.

De Sor Isabel da Visitaçaõ, Conversa.

QUiz povoar-se o Ceo das Religiosas Conversas desta Casa, levando della quatro em trez annos, como segurando o quanto lhe agradava aquella harmonia, com que as experimentara desveladas nesta mortal vida, ajuntando as contemplaçóes

çóes de Maria aos exercicios de Martha. Foi esta ultima Soror Isabel, que em menos annos de Clausura, que as outras, (pois naõ contou mais que seis) voou a emparelhar-se com as que em larga vida grangearaõ mais commodos para a ultima jornada della.

Nasceo Sor Isabel no lugar de Bemfica, Termo de Lisboa, de pays humildes nos olhos do Mundo, nos de Deos mimosos, como pobres, e seus tementes: premiados com aquella filha, que com o inculpavel de sua vida mereceo, que seus Confessores (seriaõ os Religiosos da Recoleta Bemficana) a trouxessem á noticia das Preladas desta Casa do Sacramento, com quem a virtude era o mais precioso dote, e poderosa valia a vontade, que Isabel mostrava de recolher-se. Tomou o habito, e com tal resoluçaõ, que parece desafiou o inimigo, sempre envejoso, e agora menos soffredor, do que nesta Casa hia perdendo.

O primeiro combate com que a quiz amedrentar, foy, cobrindo-lhe todo o Mosteiro de sombras, vindo a persuadilla, que escolhera por vivenda huma Noroega, porque naõ havia luz em toda aquella Casa; assim lha representava hum escuro abysmo na mais clara hora do dia. Dispoz-lhe logo huma profunda melancolia, offerecendo-lhe aos olhos, e á imaginaçaõ continuas imagens de tristeza, que tirando-lhe o gosto de tudo, nem comia, nem descançava, sepultada sempre em hum silencio pezado, sendo alegre, e tratavel de genio. Passou a por-lhe horror nos lugares sagrados, tirando-lhe o animo de chegar aos do Confessionario, e Commungatorio; e finalmente reduzio-a a hum tal desabrimento, que assentou em seu animo que naõ podia continuar vida taõ rigorosa.

Entraraõ os conselhos dos Confessores, que conheciaõ bem a causa daquelles effeitos, e que só se haviaõ de destruir com a constancia nos bons propositos. Valeraõ as advertencias, foy-se sustentando o soffrimento nas esperanças de victorioso; mas era incançavel o inimigo. Nesta batalha passou Isabel o anno de approvaçaõ, merecendo com a resistencia, o chegar ás venturas do dia de professa. Mas o demonio, que via desperdiçadas as astucias de hum anno em huma hora, apertou com todos seus esforços a bataria; cahe por terra a constancia; cede a miseravel combatida, vai-se á Mestra, e com ella á Prioreza; depoem, que saõ fracos seus hombros para aquella carga, a que se offerecera sem experiencia; accrescenta: *Que traz arriscada a vida em huma Casa, em que tudo saõ tropeços por escura.* Que se lhe fazia intoleravel hum serviço, que feito ás escuras, eraõ tantos os passos, como as quedas. Que mandassem chamar seus pays, que a levassem, já que a naõ ajudavaõ suas forças, ou tinha tantos embaraços para se naõ valer dellas.

Suspendeo-se, admirou-se a Mestra; admirou-se, suspendeo-se a Prelada, naõ tanto da escusa, como do motivo della; naõ tanto de parecer intoleravel o trabalho, mas de que o fizesse o escuro da Casa, sendo o Mosteiro, como todas suas officinas, claras, e alegres, como póde tes-

testemunhar quem as vê, e as vio. (de que antes que isto escrevessemos, fuy eu boa testemunha, com grande gosto, e consolaçaõ minha) Eraõ prudentes as Preladas, naõ ignoravaõ as astucias do conselheiro das sombras; responderaõ á Noviça com brandura, que se deixasse estar mais huns dias, e mandaraõ ás Religiosas em Communidade, que rogassem a Deos por ella.

Chegava o dia de nosso Patriarca S. Domingos. (he costume porse em hum Altar do Coro huma reliquia da capa do Santo) Chegaraõ a beijar as Religiosas, chegou a Noviça com ellas, e foi o mesmo chegar os beiços á reliquia, que levantar os olhos com alegre semblante, como os que naquelle instante se lhe banharaõ de luz tanto do Ceo, como da Casa em que estava, conhecendo o engano de a ter por escura, pois a via taõ clara, e alegre, como já o estava sua alma, representando-se-lhe suave a vida Religiosa, que até alli recusava, e trocada em jubilos a tristeza, que até alli a perseguia. Suspendeose, pondo os joelhos no chaõ, e levantando a Deos o coraçaõ, que naõ sofrendo taõ incomparavel gozo, rompeo pelos olhos em duas correntes de gostosas lagrimas. Repararaõ as Religiosas, que Sor Isabel se detinha; viaõ, que chorava, que as lagrimas cresciaõ com excesso, e que alli a hiaõ esquecendo; chegaõ a ella, perguntaõ-lhe a causa; naõ pode responder, porque os soluços lhe prendem a voz na garganta; só se lhe entende com ella enterrompida: *Que quer ser Freira.* Alegraõ-se todas, divulgase o caso, daõ graças ao Senhor, e ao nosso Patriarca; mas dilataõ-lhe a Profissaõ para exame da persistencia; professa finalmente dia de Todos os Santos, com grande alvoroço do Mosteiro, mayor o de seu espirito.

Enriqueceo-lho o Senhor com dobrada luz para as importancias de sua alma, e conhecimento das disposiçoens da vontade Divina; podendo dizer com o Mestre da paciencia em a noite, que lhe precedeo a este dia: *Rursum post tenebras spero lucem. Espero outra vez luz despois das sombras.* Assim se via restituida á primeira alegria com que entrara nesta Casa, e taõ illustrado seu conhecimento nos exercicios della, que já servia de exemplo nos dias em que todas necessitaõ de ensino. A mais reformada, a mais obediente, a mais pobre, a mais humilde; mas com excellencia a mais sofrida, descobrindo-se a cada passo os quilates de sua paciencia, porque levando-lhe só Deos o pensamento, e indose atráz deste suavemente os sentidos, succedia descuidarse de cousas, que estavaõ a seu cargo, e reprehendendo-a, e castigando-a asperamente as Preladas, naõ se lhe ouvio nunca palavra, que ou parecesse impaciencia, ou fosse desculpa. Andava buscando talvez as cousas, e estava com as mãos sobre ellas; pareceo primeiro isto tontisse, como aquelloutro descuido; mas desenganou a todas hum caso.

Costumaõ as Religiosas nos dias, e despois que commungaõ, fazer a venia, prostrandose diante daquellas, que suppoem suas queixosas, ou offendi-

didas; he este o estylo de pedir perdaõ, e de se restituirem á mutua caridade humas com outras, sendo obrigada em boa ley, aquella a quem se faz a venia, a levantar logo a que está prostrada. Succedeo, que huma Religiosa buscando, e achando a Sor Isabel no Coro, lhe fez a venia por certo escrupulo. Naõ se moveo ella, advertio-a a prostrada, pedindo-lhe, que lhe perdoasse, e continuando Sor Isabel immovel, e muda, levanta-se a Religiosa, e vê, que está extatica com os olhos abertos, e pasmados, sem dar a nada tino. Assim a deixou, advertindo ás outras, que sem duvida eraõ aquelles os motivos dos seus esquecimentos, passando estes de reprehendidos a envejados.

De trazer sempre em Deos o sentido, lhe nascia o naõ fallar mais que com Deos, ou de Deos; documentos, que lhe dera nosso Patriarca, de quem se lê o mesmo. Mas era ainda mais o estylo com que fallava, porque criada no campo, em casa donde a doutrina naõ passara da Cartilha, filha de pays humildes, de que naõ aprenderia mais que a sinceridade Catholica; nenhuma liçaõ de livros, como a que naõ sabia ler, nem escrever; pouco tempo de casa, para que a continuaçaõ a fizesse destra; era com tudo tal a clareza, e acerto com que propunha os mysterios de nossa Fé, as mais miudas circumstancias dos aproveitamentos espirituaes, e por hum estylo taõ concertado, e genuino, que bem se conhecia o Mestre, que a doutrinara, e a classe em que aprendera.

Incançavel no trabalho da cosinha, sobreveio-lhe hum estilicidio continuado, e taõ forte, que brevemente a fez tisica, e delle morreo. Alguns mezes lhe durou a enfermidade para exame de sua paciencia, ou augmento da coroa della. Naõ tinha mais alivio, (sinceramente o confessava) que ouvir fallar em Deos, ou hir ao Coro visitallo, e assistirlhe no Sacrario. Detinha-se huma noite fóra de horas no mesmo Coro, achava-se tambem huma Religiosa na vigia do Sacramento, quando foraõ ouvidos nelle trez grandes golpes; assustouse a Religiosa, mas ella surrindo-se, lhe disse com segurança: *Madre, naõ tenha medo, que só comigo falla aquelle aviso. Bem sei, que hei de morrer muito cedo.*

Seguiose a este desengano huma confissaõ geral, que fez logo. Já naõ havia nella acçaõ, que naõ fosse aparelho para aquelle ultimo, e ignorado caminho. Permittindo-lho o achaque, só a achavaõ no Coro. Mas quiz o Ceo, já que se lhe revelara (ao que se entendeo) sua morte, que se lhe naõ escondesse a circumstancia de que seria ditosa; succedeo, que estando no Coro, (orava tambem nelle outra Religiosa) ouvio (ao que lhe parecia na Igreja) bem temperados, e suaves instrumentos, acompanhando finas, e afinadas vozes, de que se resultava (como affima era) huma Celeste harmonia. Levantou-se, chegou á outra Religiosa, perguntoulhe com singeleza: *Que festa havia na Igreja, porque estava ouvindo huma mui concertada musica.* Naõ ouvia a outra nada, via, que estava fechada a Igreja, entendeo, que a pergunta, ou era loucura, ou

ou galantaria. Voltou, e mandou-a para o seu lugar com enfado, e desabrimento. Tornou em si Sor Isabel, e entendendo, que se avisinhava muito sua jornada, se recolheo de todo á Enfermaria.

Era dia de Natal, foy ao Coro a Enfermeira, (ficara só Sor Isabel, que já se naõ podia levantar da cama) e voltando, e querendo-a consolar, (porque sabia a enveja com que via ir a todas a louvar a Deos) lhe respondeo: *Seja louvado o Senhor, que nesta cama me tem consol'da com sua assistencia.* Entendeose, que teria recebido algum mimo singular do Ceo. Naõ se lhe perguntou nada, porque se respeitava muito sua modestia. Só a Religiosa, que lhe respondera aspera, quando no Coro lhe perguntou da musica, vendo a segurança com que estava contando as horas de sua vida, e o igual, e desasombrado semblante com que esperava o ultimo assalto da morte, se chegou a ella, e lhe perguntou: *Que musica fora aquella, que aquelle dia ouvira na Igreja? Naõ sei mais* (respondeo) *que ouvir vozes, e instrumentos concertados, e suavissimos.*

Como o mal a apertava muito, naõ podia rezar os Padres Nossos, que costumaõ todos os dias as Conversas; pedio ás Religiosas, que quizessem tomar por ella esse trabalho, até os principios de Março, que se hia chegando. Assim media o tempo, mas parecialhe, que caminhava vagaroso, e que se lhe alongava o prazo, e entrava em desejos anciosos de se ver com Deos, repetindo com segura confiança: *Deos está em mim, e eu estou nelle.* Recebeo os Sacramentos com alegria, e compunçaõ de espirito; e continuando o Officio da agonia, repararaõ as Religiosas, que se suspendia; benziase logo, e formava huma figa para certo lugar da cella. Bem se via, que alli estava o inimigo, de que triunfava. Acabouse o Officio, e pondo os olhos no Ceo, encaminhou para elle o espirito, em huma terça feira, dia na Religiaõ consagrado a S. Domingos, Estrella, que a livrou daquellas primeiras sombras, e agora a encaminharia para as perennes luzes, em 10 de Março de 1654. Seu corpo se achou organizado, e inteiro, ainda que mirrhado, seis annos despois de seu falecimento.

CAPITULO XXXII.

Da Madre Soror Maria de S. Jozé; primeiros passos de sua vida, e progressos na de Religiosa.

PODemos dizer, que de hum Mosteiro a outro, de huma a outra observancia, (sem accrescentar mais que o voto da Clausura) se passou a Madre Soror Maria; porque naõ era a casa de seus pays menos reformada, nem elles menos piedosos, e austeros em sua vida, que os Prelados da mayor recoleta. Foraõ elles Antonio Froes de Aguiar, e Dona Isabel da Camara, naturaes de Lisboa, onde era bem conhecida sua nobreza, como o estylo reformado de sua Casa. Tinhaõ quatro filhas; (dos filhos naõ ficou memoria) a todas poz sua mãy o nome soberano, e venturoso de Maria, porque todas lhe nasceraõ ao Sabba-

bado, dia de que era devotiſſima, como da Senhora delle.

Neſte dia ſe jejuava em toda ſua caſa a paõ, e agua, com que já era ſabido, que ſe naõ accendia fogo nella naquelle dia. Em todos ſe rezava o Roſario, e outras devoçoens, como nas Feſtas da Senhora, tendo ás Veſperas o meſmo jejum. Das filhas faleceraõ duas ainda de pouca idade, a terceira tomou o habito no Moſteiro da Annunciada em Lisboa, e chamouſe Soror Maria da Cruz; a quarta foi Soror Maria de S. Jozé, que entrou neſta Caſa do Sacramento em hum Sabbado, em outro faleceo, e tinha naſcido em outro, como fica dito. Venturoſa Maria! que em trez Sabbados naſceo para o Mundo, naſceo para a Religiaõ, naſceo para o Ceo!

Com o exemplo de tal mãy, com os exercicios eſpirituaes, em que ſe occupava timorata, e em que lhe ſervia de Meſtra, madrugou tanto Sor Maria para as importancias de ſua alma, que de ſeis annos paſſava inteiras as noites, naõ lhe permittindo deſcanço os deſejos de merecer a coroa do martyrio. Effeito era da liçaõ dos livros das Virgens Martyres, em que ſua mãy a adeſtrava; nem faziaõ menos effeito nella as ancias de ſe unir a Deos no laço de eſpoſa, illuſtrando-a o Ceo para mais altas contemplações, que as que ſe permittiaõ á ſua idade. Mas eſſas ſaõ as actividades do calor do Sol Divino, que as mais tenras flores troca em frutos, ſem eſperar as Eſtaçoens do anno, os vagares do tempo.

Tinha Sor Maria ſeu Confeſſor em S. Franciſco da Cidade em Lisboa; era o meſmo de toda a familia. Chegouſe huma noite de Natal, levou-as a devoçaõ a confeſſarſe; e fello com tanta Sor Maria, que o Confeſſor ſe admirou, e compungio. Era eſte o Padre Fr. Franciſco dos Martyres, peſſoa douta, e reformada, prendas, que lhe deraõ a Mitra de Goa, e Primazia da India. Tinha eſte Padre ſingular dom para encaminhar eſpiritos, e cultivar bons propoſitos. Conhecia os daquella tenra planta, que o Ceo já parece, que tinha deſtinado para as perennes amenidades do Paraiſo. Ouvio-a, e com aquella applicaçaõ, de quem tinha tanta noticia do theſouro, que ſe começava a deſcobrir naquella conſciencia. Exhortou-a com a occaſiaõ, que lhe dava a Igreja, no que aquella noite repreſentava. Dizpolla, para que recebeſſe em ſua alma aquelle Menino, que deixara o Ceo por ella. E accreſcentava com efficaz perſuaſiva, que a noite eſtava deſabrida para os deſamparos de huma lapa; que em ſeu coraçaõ lhe déſſe abrigo, donde os ſuſpiros o defendeſſem das inclemencias do tempo.

Enterneceoſe a menina, e começaraõ as lagrimas a ſer mudas linguas, que convidavaõ o Eſpoſo para o ſeu florido leito. Aſſim chegou á Meſa da Communháõ, figurando-ſelhe, que recebia o Senhor na tenra fórma de Menino. Aſſim foi para caſa, ſem contemplar em outra couſa; aſſim ſe começou a deſviar, e eſconder da familia, e das meſmas irmãas, que a convidavaõ com o mimo, e paſſatempo da conſoada. Fingio, que eſta-

estava indisposta, e que a escusava a molestia; e descendo a huma casa terrea, e retirada, em que estava arrimada a huma parede huma grande pia de pedra, se accommodou, e escondeo no concavo della, considerando, que naõ seria menos desabrida a lapinha; e entregandose a huma viva contemplaçaõ do que aquella noite se vira nella, mereceo que o Senhor na fórma de Menino se puzesse em seus braços. Que fosse visaõ, ou realidade, naõ soube nunca resolver Sor Maria, perguntada muitas vezes de seus Confessores; mas assim lhe ficou em toda sua vida viva aquella lembrança, que já mais a repetio sem lagrimas, e piedosa ternura de sua alma.

Eleito em Arcebispo seu Confessor Fr. Francisco dos Martyres, buscou sua mãy outro em S. Domingos de Lisboa. Tinhalho inculcado seu grande talento (era o Padre Fr. Francisco de Tavora) Religioso de taõ conhecida observancia, que faleceo Prior na Recoleta de Bemfica; sendo em tempos em que bastava aquelle cargo, para recomendaçaõ muda do que occupava. Já com os annos tinha crescido, e hia avultando Sor Maria nos exercicios Santos. Muitas horas de recolhimento, e oraçaõ; penitencias exquisitas, e dissimuladas; cilicios asperos, disciplinas repetidas. Naõ era menos a industria com que as fazia, que o rigor com que as dobrava. Inventou huma de cordeis nodosos, e pozlhe huma grande agulha de fazer rede, voltando-a, e trocando-a com tal arte, que com ambas as pontas ferisse. A' repetiçaõ, e violencia dos golpes cedeo o ferro; estalandolhe, deixou boa parte de huma das pontas entranhadas nas costas. Affligia a a ferida, que promettia mayor damno; mas a sua mayor ancia, era o haver de descobrirse para remedio. Fiouse de huma prima sua de sua confiança, e de semelhante vida; mas naõ aproveitou nenhuma diligencia. Volta-se á Senhora do Rosario, singular Protectora, e Mãy sua; propoemlhe a desconsolaçaõ em que se acha; espera com viva fé verse soccorrida. Assim orava, quando levada de hum leve, e suave sono, se lhe representa, que a Senhora a animava, e lhe dizia: *Maria, tem confiança, que serás sãa; e sabe que terás o stado de Freira, e esposa de meu Filho.* Acorda alvoroçada, acha aos pés a ponta da agulha, e sem dor a ferida.

Na abstinencia rigorosa, passava tempos sem beber agua, ardendo em sede viva. Passou assim huma Quaresma inteira. Tomava azevre na boca, antes de sentarse á mesa, para que inficionando-lhe o paladar, tirasse o gosto a tudo o que se lhe puzesse no prato. Mas já começava a dar cuidado ao inimigo das almas este estylo, com que a innocente donzella cultivava a sua. Quiz, já que naõ podesse divertilla, ao menos assustalla, porque talvez temeroso de se ver vencido das armas da penitencia, banhadas em sangue victorioso, contenta-se de amedrentar a quem desconfia de vencer.

Tinha ella em huma arquinha os livros em que meditava, e o thesouro dos instrumentos de sua penitencia; deteve-se huma

ma tarde junto á arca com ella aberta; aſſim a deixou, indo a buſcar luz, (porque já naõ enxergava) quando ao voltar com ella, vê a arca cheia de bichos immundos, eſtranhos, e medonhos, todos negros, como a idéa do artifice, que alli os formara. Conheceo-o aſſim Sor Maria, e ſem ſe aſſuſtar, fez o ſinal da Cruz, e ao meſmo inſtante vio que todos ſahiaõ de tropel, deſapparecendo por huma janella, que havia na caſa.

Mas naõ ſe contentava Sor Maria, de ter a ſua por Clauſura, naõ lhe faltando nella o mayor concerto, e refórma de vida; ſuſpirava pelos intereſſes da obediencia, pobreza, e humildade religioſa. Praticava com ſeu Confeſſor eſta ancia, pedindo-lhe noticia da mais eſtreita Recoleta. Seguroulhe elle pelas experiencias, e conhecimento, que tinha, (como Religioſo da Ordem) a aſpereza, e trato deſta Caſa do Sacramento. Foy accreſcentar materia ao fogo. Naõ parou Sor Maria; fallou, importunou ſeu pay, que a recolheſſe naquella Caſa. Naõ ſe reſolveo elle a privarſe de ſua companhia, e deſenganou-a. Recorreo ella ao Ceo, poz a ſupplica nos ouvidos de Deos. Lembrou á Virgem Mãy, ſua Divina Bemfeitora, a palavra, que lhe dera. Paſſou algum tempo, e faleceo ſeu pay, naõ ſendo a primeira vez, que quiz moſtrar o Ceo o quanto ſe deſagradava, de que eſtes eſtorvaſſem nos filhos o acerto de ſemelhantes propoſitos. Vioſe Sor Maria com mais liberdade; corta os cabellos, lançalhe huma toalha; e veſtida em trage humilde, repete á mãy a inſtancia, naõ ſó de que lhe permitta o eſtado religioſo, mas na Recoleta do Sacramento. Concedia a mãy o primeiro como timorata, negava o ſegundo, porque já naõ tinha mais alivio, que a aſſiſtencia da boa filha; e queria vêlla em hum Moſteiro, donde a trataſſe com menos prizaõ, e embaraço. Eſta foy a repoſta, eſte o ultimo deſengano.

Mas Sor Maria, que nos embaraços ſe lhe dobravaõ os eſpiritos, recorria á Rainha dos Anjos, acompanhava a ſupplica com lagrimas, com jejuns, com diſciplinas; e buſcando ſeu Confeſſor reſoluta, pediolhe, que ajuſtaſſe a entrada no Sacramento; que alcançaſſe a licença do Prelado. Naõ tinha o dote duvida, que era a Caſa abonada. A noticia de quem era, e do que era a Noviça, facilitou o animo das Religioſas, e Prelada; e em breves dias eſtava tudo ſem duvida. Naõ a tinha Sor Maria de como ſahiria de caſa; eſperava ver algum dia a mãy fóra della. Naõ tardou elle; pedio a huma prima ſua, (mulher já madura) que a acompanhaſſe com huma criada, que era importancia de ſua conſciencia. Era peſſoa, de que muitas vezes fiara materias della, por ſer de capacidade grande, e boa vida; mas nem aſſim lhe deſcobrio donde a levava. Chegaõ ao Sacramento, abreſe-lhe a porta, já a eſperavaõ nella, lançalhe a Prelada os braços, e o habito; levanta ella as mãos, e olhos ao Ceo de ſe ver no centro, como as Religioſas de a terem comſigo. Tem Dona Iſabel ſua mãy noticia do caſo; negalhe o dote teimoſa, pondolhe a magoa nas mãos a vingança; e deixandoſe le-

levar de sua impaciencia, deixa passar a filha dous annos de Noviça, até que ou a constancia da filha, ou o conhecimento do bem que fizera, lhe abriraõ os olhos, e lhe aconselharaõ a verdade. Deulhe o dote, e vio-a professar em dia de S. Francisco, dia, que Sor Maria teve em todos os de sua vida por alegre; e Santo de que era devotissima, e o foy mais dahi em diante.

Porém naõ passaremos em silencio os dous annos de seu noviciado, ainda que delles naõ ficasse noticia de tudo. Via-se já Sor Maria daquellas ditosas portas para dentro; e foraõ taes os jubilos de sua alma, que costumava dizer: *Que por segurar aquella ventura, viria de joelhos ainda de mayor distancia, comprando-a com os mayores trabalhos da vida.* Mas logo o Ceo quiz apurar a sua, vendo-se sogeita a huma Mestra, que lhe naõ dava licença para penitencias particulares. Porém deu em huma industria, que equivalesse a todas. Cortava continuamente pelo sono (tormento, que na hora da morte confessou, que fora para ella o mais pezado.) (Grande consolaçaõ para os Religiosos, que professaõ Coro nocturno, terem que offerecer ao Ceo hum quotidiano martyrio; e grande confusaõ para os soltos da lingua, e consciencia, que criminaõ, ou motejaõ a religiosa de descançada) Tinha Sor Maria oraçaõ na cella, e para ella se despertava cuidadosa, de sorte, que quando a hiaõ chamar a Matinas, já a achavaõ orando, e algumas vezes taõ transportada, que com menos diligencia a poderiaõ divertir do sono, que da suspensaõ.

Mas ainda era mayor a em que se sepultava depois de chegar á Mesa da Communhaõ. Fez em huma occasiaõ sinal a Prelada depois da oraçaõ, que tem toda a Communidade; recolheraõse a suas cellas as Religiosas; fez Sor Maria o mesmo em casa de Noviças. Tocouse depois á Missa; vio a Mestra, que estando todas nella, só faltava Sor Maria; buscou-a na cella, parecendo-lhe, que adormecera, porque a achou de joelhos, e inclinada sobre a cama. Chegase a ella, levanta-lhe o véo, com que cobria o rosto, e velhe os olhos abertos, e suspensos; e de todo immovel, e desacordada. Abalou-a huma vez, e outra; e levantou a voz, dizendo-lhe: *Que acodisse ao Coro, que estavaõ já na Missa.* Acordou, e ainda pouco desembaraçada da suspensaõ, rompeo em hum suspiro, que mostrava sahirlhe do interior da alma, dizendo-lhe: *Minha Mestra, ha tanto que vivo! Quanto ha, que viveis?* (lhe perguntou a Mestra) *Ha muito que vivo*, (respondeo ella) e foy para o Coro, donde occupando-a a mesma contemplaçaõ, a nada do que se fazia, e ainda tocava ao seu cuidado, dava tino. Reparou-o a Mestra, e advertio-lhe depois, que evitasse semelhantes suspensoens, e muito mais donde tantos olhos podiaõ ser testemunhas, porque o demonio era industrioso, e aquellas demonstrações tinhaõ risco.

Escutou Sor Maria o conselho, e observou-o como ley; e assim começou a recatar sua vida, que parou entre as Religiosas aquella grande opiniaõ, que tinhaõ concebido della. Grande discipula da doutrina

da Sabedoria increada, que mandou dissimular as abstinencias com exteriores composturas, e aconselhou o furtar aos olhos da terra os commercios do Ceo!

CAPITULO XXXIII.

Continua-se a vida da Madre Soror Maria; da-se noticia de seu ditoso transito.

PRofessa, e obrigada já Soror Maria aos Institutos da Religiaõ, na observancia delles foy exacta, no que se lhe adiantava, excessiva; naõ sendo o menor prodigio, que hum trato taõ rigoroso, por mais que de todo lhe naõ debilitasse as forças, lhe naõ arriscasse se quer alguma vez a saude, porque naõ padeceo nunca enfermidade, mais que a que precedéo á sua morte. Sobre os sete mezes continuos de jejum das Constituiçoens, accrescentava nos mezes livres trez dias na semana da mesma abstinencia. Quintas, Sestas, e Sabbados. A's Festas de nossa Senhora, e nosso Padre S. Domingos, precediaõ nove dias de jejum. Na Quaresma as sestas feiras a paõ, e agua. O mesmo toda a Semana da Paixaõ, e Semana Santa; e nesta á Quarta, Sesta, e Sabbado naõ comia nada.

Nas vesperas de Communhaõ comia huma só vez ao jantar, e isso, ou hervas, ou legumes sem outra cousa. De ovos, e lacticinios se abstinha em todo o anno, e de todo o prato, que promettia regalo, deixando-o para os pobres entre os sobejos, que na mesa se tiraõ para elles. Muitos dias continuados naõ bebia. Era martyrio, a que havia muito se tinha sentenceado, e como a occupavaõ em officios de trabalho, e continuamente trazia azevre na boca, eraõ ardentissimas as sedes, que padecia. Ajuntou a este tormento o de naõ perdoar ao sono; assim andava taõ seca, e mirrhada, que só o movimento a testemunhava viva.

Mas digamos, ou individuemos alguma acçaõ de sua abstinencia, e parcimonia. Costumase na Communidade, ou por festas grandes, ou por entradas, ou por profissoens de Noviças, accrescentar o prato ás Religiosas. Avisaraõ a Prioreza, que Sor Maria naquelles dias naõ comia nada, e tudo repartia com as doentes, e com os pobres. Poz-lhe a Prelada hum preceito, que comesse de tudo, e viose a boa Madre em hum grande aperto; mas sahio delle seu espirito com huma notavel industria, para compor o seu gosto com a obediencia. Tomou de tudo, o que em semelhante occasiaõ lhe veyo á mesa, hum pouco, e junto em hum prato, e revolvido nelle, fez hum tal misto, que naõ só podia offender o gosto, mas ainda só visto metia asco. Isto comeo, satisfazendo ao preceito, e achando caminho para ser mayor a mortificaçaõ, comendo, que jejuando; porque houve occasiaõ em que confessou o que padecera comendo.

Já envejava o demonio as circumstancias com que sempre sahia victoriosa a sua abstinencia, e buscou occasiaõ de armarlhe huma cilada. Cahio hum anno a Festa da Natividade da Senhora em huma segunda feira, e deliberou Sor Maria, por devo-

voçaõ, e naõ por voto, jejuar todas as daquelle anno. Seguiose pouco depois o haver huma Profissaõ em huma segunda feira, e foy dia de Communhaõ, como naquelles he costume da Casa. Havia aquella noite huma colaçaõ mais aventajada, que com maõ larga tinhaõ mandado os pays da professa. Tem isto o nome de recreaçaõ. Passadas Completas, vieraõ para o lugar della as Religiosas, e Sor Maria com ellas. Estava debilitada. Jejuara estreitamente o dia de antes, como nas vesperas de Communhaõ costumava; mas era aquelle dia, como segunda feira, o da sua promessa. Naõ se escondeo ao demonio, que tinha occasiaõ para o assalto, com huma antiga astucia, com que já no deserto lhe dera a fome ousadia para aconselhar a gula. E parece, que propunha agora a Sor Maria, (vendo-a reduzida a hum extremo de fraqueza) *que dispensasse com o jejum, que era devoçaõ, e naõ voto, e o podia satisfazer em qualquer segunda feira de outro anno. Que estando taõ debilitada, antes era remedio, que regalo; e na ley da caridade propria estava obrigada a evitar hum desfalecimento, que depois a podia reduzir á faltar ao Instituto. Que mais meritorio era fomentar as forças para as sacrificar á obediencia, que apoucallas por satisfazer á devoçaõ.* Assim se vio atribulada; e combatida Sor Maria; mas assim esteve constante, e continuou resoluta. Acabada a colaçaõ, foraõ as Religiosas (assim he estylo) ao Coro cantar hum Hymno, e outras Commemoraçoens ao Sacramento; e ao recolherem-se, pedio a Madre Sor Maria á Religiosa, que se seguia pela vigia do Senhor, que a deixasse em seu lugar; e posta em oraçaõ, sentio improvisamente huma tal suavidade em seu espirito, que totalmente esquecida da fraqueza, de que se vira combatida, passou orando a noite inteira. Assim ficou o demonio envergonhado de o vencer a fraqueza, como Sor Maria novamente victoriosa em triunfar com ella.

Acompanhavaõ a estas abstinencias iguaes vigilias, passando muitas noites sem tomar algum genero de repouso. Qando pelo Veraõ saõ as Matinas de tarde, vigiava no Coro quasi sempre toda a noite. Se descançava nella, eraõ trez, ou quatro horas, e vestida sobre a cama, ou ao pé de hum Altar de nossa Senhora. Havendo Matinas, naõ se deitava depois dellas; passava orando, ou na cella, ou no Coro. A tunica de lãa, que trazia junto á carne, mudava poucas vezes. Sobre as costas trazia huma Cruz de bicos de ferro, que lhas andava sangrando. Apertava-se rigorosamente com cilicios de ferro, e nas partes mais sensiveis do corpo se martyrizava com huns ferros, que chamaõ despertadores. As disciplinas de grossas cadeas de ferro, que naõ resistiaõ á força do braço, porque antes se quebravaõ ellas, que cançasse elle. Pela Quaresma se sangrava com ellas cruelmente todas as noites, e naõ sey se podia admirar o haver lugar para tantos golpes, ou o haver sangue para todos elles. Mas a mayor, e mais penosa circumstancia neste, como em outros martyrios, era para Sor Maria o oc-

occultallos. Lá se retirava, e se escondia em huma casa de despejos, escura, e escusa; mas se podia esconder o sangue, naõ sabia callar o golpe. Mas digamos tudo (com o que achamos apontado do Mestre Fr. Antonio da Encarnaçaõ) desta grande penitente, porque fazendo reflexaõ no que sabia della, resolvèo, que mais prudencia seria occultallo, porque naõ caberia na escritura, nem no credito. Mas tocaremos só huma cousa sua individualmente neste ponto de mortificada, e ficará, ou inferindo, ou facilitando o que se dissimula.

Achava-se huma Religiosa velha, e muito achacada, na casa dos lavatorios de pés, lugar a que se retiraõ as Religiosas, quando o pede a necessidade; era grande a desta, por trazer aquella parte cheia de unguentos, feridas, e miserias. Tinhase acabado de lavar, e naõ a ajudavaõ as forças a lançar fóra a agua. Sentio, que passavaõ, e pedia a que a aliviassem daquelle trabalho. Era Sor Maria a que hia, e com importancia, que naõ admittia detença; passou adiante, sem dar reposta; mas voltando dahi a algum espaço, e naõ achando já a doente, (que como pode, sahira, e se recolhera á Enfermaria, deixando alli a agua immunda, e asquerosa) se suspendeo hum pouco, e entendendo, que faltara á caridade de algum modo, foy tal a sua dor, que querendo vingarse de si mesma, poz aquella agua immunda á boca, e levou hum bom golpe della. Lançou a mais fóra, e assim ficou socegada. Bom exemplo para provar em huma só acçaõ dous excessos, bem desempenhados, de mortificada, e caritativa!

Assim ao passo de sua mortificaçaõ era sua caridade taõ intensa, que como se trouxera o coraçaõ em huma viva braza, ou huma acceza lavareda, bastava ver huma Imagem, ou ouvir fallar em Deos huma palavra, para sobir logo a elle, como a centro daquelle fogo, sendolhe precisa muita vigilancia, para naõ ficar a cada instante transportada. Assim se acautelava, se havia, de ir para preciso trabalho de alguma officina, naõ indo por junto ao Coro, porque sem duvida esquecida de tudo, ou ficava, ou ao menos se detinha. Nascia-lhe desta continua ancia de estar com Deos, huma continua, e santa enveja das que logravaõ esta delicia sem embaraço, nos seus dias de retiro. Eraõ estes (como já dissémos) os em que se apartaõ as Religiosas com licença da Prelada, para os exercicios da contemplaçaõ, e penitencia.

Succedeo passar por diante de Sor Maria huma Religiosa com o véo pelo rosto, (sinal de que estáva nos seus dias de dezerto) e bastou esta vista para se lhe atear o coraçaõ em vivos desejos daquella occupaçaõ Angelica. Suspirou, encheraõ-selhe os olhos de agua, e levantou-os ao Ceo com huma saudosa, e enternecida ancia, mais bem escutada, quanto mais muda. Naõ lhe tardou a reposta, porque começando a sentir huma suavidade grande em sua alma, se suspendeo a ouvir no mais interior della, que lhe dizia: *Naõ te desconsoles; que mais me agradas aqui.* Estava entaõ na Vestiaria, officina, e occupaçaõ, em que ne-

nenhum tempo basta para acodir, e enroupar as Religiosas, em especial as enfermas.

Outro caso lhe deu experiencia, do que o Senhor gostava de a ver desvelada por caritativa. Era enfermeira, e porque as doentes naõ padecessem alguma falta nas da sua assistencia, servialhe commummente de cama o pé de hum Altar de nossa Senhora. Aqui se encostou huma noite, com advertencia de acodir com pressa a huma velhinha, que padecia muito entrevada; e mal pegou no sono, quando se lhe representou, que via com mais clareza, que a de quem sonha, que a Senhora lhe dava o Menino, que tinha nos braços, e que elle estendia graciosamente os seus, e se chegava a ella, e a abraçava. Suspendia-se nesta delicia grande de sua alma, quando a acordou (se he que dormia) a queixa da enferma. Levantouse ligeira, acodiolhe com o que pedia, e agasalhou-a de sorte, que a deixou dormindo. Volta ao lugar do seu descanço, com saudades do que nelle se lhe tinha representado, quando vê acordada, e advertida ao Menino, que deixando os braços da Mãy, estava em pé no Altar com os seus abertos. Estende-os Sor Maria, e beijandolhe os pés, prostra-se por terra, rebentalhe o coraçaõ em doces lagrimas de alegria, e naõ se atreve a levantarse em grande espaço, sepultada no abysmo do conhecimento proprio.

Iguaes mimos mereceo por muitas vezes esta Madre, mas nas occasioens de Communhaõ mais sigularmente, de que se lhe seguio com Deos huma tal familiaridade, que lhe parecia, que sempre andava junto a ella, que a escutava, e lhe respondia. Tirava hum dia o manto, vindo de commungar, lançando-o na cella com magoa de o naõ haver mister taõ cedo, para aquella occasiaõ de seu mayor gosto, e dizialhe: *Ahi estarás estes oito dias.* Ouvio logo clara, e distintamente, que lhe diziaõ: *E eu comtigo.*

Orava em semelhante occasiaõ; e entrando-se do conhecimento do nada, que era, e o tudo, que recebera em sua alma, formava juizo, de que o Senhor estaria alli violentado. Foylhe respondido: *Naõ estou senaõ por meu gosto.* Levantavase sempre daquella Mesa Sagrada, e entrava na contemplaçaõ de que se abraçava com os pés de Christo, e lhe beijava suas Divinas Chagas. Atearaõ-se huma vez mais estes desejos, e estalando com a sequiosa ancia do Apostolo, de deixar, ou romper os laços do corpo, e estar com Christo, pedia ao Senhor: *Que a levasse comsigo, que o viver lhe era violento.* E ouvio logo em seu coraçaõ, que se lhe dizia: *Por hora naõ póde ser; mas eu ficarey comtigo.*

Contemplava em huma Dominga do Advento, que se via aos pés do mesmo Senhor, e dizia-lhe: *Que para o Natal o havia de receber em sua alma em fórma de Menino, e contentar este desejo, com que todo este tempo o estaria suspirando.* Mas satisfezlho o mesmo Senhor, porque ouvindo, que lhe dizia: *Aqui me tens já feito Menino*; vio na mesma visaõ, que nos braços, e debaixo do véo o tinha na mesma fórma. Mas assim fica-

cava em ſemelhantes occaſioens tranſportada, e alheya, que tinha eſcrupulos de que naõ aſſiſtia á Miſſa, e Officios Divinos. Mas andava advertida em fazer reflexaõ na publicidade em que eſtava, e no que havia annos lhe aconſelhara ſua Meſtra, ſendo ainda Noviça, que ſemelhantes ſingularidades ſó eſcondidas eſtavaõ ſeguras.

Obſervava-o aſſim a Madre Sor Maria, e com huma diſſimulaçaõ, e cautela taõ previſta, que ſó ſua morte, e ſeus Confeſſores, tiraraõ ſua vida das opinioens de commua, porque nos exteriores em nada a viaõ ſingularizada. Mas chegava-ſe o tempo dos immortaes premios della, e precedeo huma doença taõ cruel, como ſe agora os começara a merecer de novo. Em toda ſua vida, (como já advertimos) naõ padeceo a Madre Sor Maria achaque, ou doença, ſuſpirando ſempre por tudo o que foſſe martyrio. (que eſte deſejo parece, que trouxe do berço, pois de ſeis annos naõ tinha outro mais vivo) Agora lhe queria o Senhor fazer eſſe mimo, como ſe em toda ſua vida lho andara merecendo, ou como quem nas veſperas do premio apurava as induſtrias de lho arrezoar augmentado.

Entrou a Quareſma de 1657, e começou a ſentir hum pejo na garganta, que ſem lhe impedir a reſpiraçaõ, e a voz, lhe embaraçava o engulir; e aſſim foy creſcendo, que em breves dias levava pouco ſuſtento, e á cuſta de grande martyrio; mas coſtumada á ſua abſtinencia, naõ eſtranhava o pouco ſuſtento. Tudo occultava penitente induſtrioſa; mas ſoube-o a Prelada, poz-lhe obediencia, que ſe ſogeitaſſe á Enfermaria, e foy o meſmo, que cahir nas mãos de algozes rigoroſos, que naõ ſaõ outra couſa remedios ſem effeitos. Recorreraõ os Medicos a hum, que foy abrirlhe fontes; e era eſte o remedio, a que a Madre Sor Maria em toda ſua vida moſtrara inflexivel repugnancia; mas diremos brevemente a cauſa, porque ſe ſacrificou a ellas ſem nenhuma.

Algum tempo antes deſte achaque, affervorando-ſe hum dia na oraçaõ, e abrazando-ſe em deſejos de padecer por Deos os mais deſuſados, e exquiſitos tormentos, ſe lhe repreſentaraõ muitos, e os que mais repugnancia faziaõ á ſua natureza. Entrou aqui o das fontes. Naõ naſcia ſó da dor a repugnancia, mas da honeſtidade, e modeſtia. Sahio a natureza com o primeiro impulſo de rebelde; mas aſſim lho rebateo com hum acto de reſignaçaõ, que naõ ſó ſe offereceo para aquelle tormento, mas pedio a Deos, que a naõ deixaſſe acabar ſem experimentallo. Via agora, que lhe diſpenſava Deos eſſe mimo, e ſogeitava-ſe goſtoſa; porque entendendo, que era aquelle achaque ultimo, já ſe alcançava, que naõ vinha a remediarlhe a queixa, mas a ſatisfazerlhe a ſupplica.

Foy aſſim, que nada aproveitaraõ as fontes, mais que em dar exercicio ao ſofrimento, antes ſe lhe aggravou o mal de ſorte, que já nem commungava, nem levava para baixo mais que couſa liquida; e até eſta (como a agua) lhe entrava no eſtomago com huma taõ vehemente reſiſtencia, que foy tormen-

to, que de nenhum modo soube explicar ao seu Confessor. Assim estava penando martyr de fome, e sede. Levantouse, ainda que com difficuldade, para ir á Kalenda do Natal; mas assim se recolheo sem alento, que o naõ teve para ir no dia ao Coro. Chegou a segunda Oitava, dia do Euangelista; disse, que queria ir commungar. Lembravaõlhe o como estava; porque para ir naõ tinha alento, e para commungar, naõ levava nada para baixo: *Deixem-me ir*, (repetio com segurança) *que sim terey forças para chegar ao Coro, e licença para commungar sem estorvo, porque eu vou tomar o Viatico.* A resoluçaõ, com que o pedia, e o conhecimento, que já se espalhava do thesouro de sua consciencia, facilitaraõ huma cousa, e outra; foy ao Coro, arrimada a huma muleta, recebeo o Senhor sem embaraço, (como se nunca o tivera) e voltou para a cella, deixando a todas edificadas, e suspensas.

Como se lhe impedio de todo a via do sustento, (que em quinze dias, que durou, naõ levou nada) pareceo ás Religiosas, que lhe ficasse de noite assistindo huma. Respondeo: *Que escusassem aquelle trabalho; que ainda naõ era chegado o tempo.* A outra, que a consolava com esperanças de alivio, disse: *Já, Madre, naõ ha lugar para consolaçaõ, nem alivio; que estou posta em padecer, porque assim he vontade de Deos.* Callava assim as dores, e trocava os gemidos em soliloquios, (que repetia continuamente) beijando os pés de hum Crucifixo, que tinha junto á cama, admirando todas, como tinha espirito para lançar huma palavra, estando destituida dos alimentos da vida. Repetia com devoçaõ, e pausa o *Miserere*; e chegando ao verso: *Tibi soli peccavi*, cresciaõ tanto as lagrimas, que só dizia o mais com ellas. Já desembaraçada, repetia o verso: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*, accrescentando: *Alleluia*; eraõ sem duvida seguras esperanças das eternas alegrias.

Menos duvidaraõ as Religiosas, que seriaõ reflexos dellas, a com que todas as manhãas achavaõ a doente com hum taõ desassombrado, e aprasivel semblante, que lhes parecia, que algum milagre a tinha já livre do achaque. Seriaõ talvez rayos da visaõ matutina, que lhe começavaõ a ferir no rosto, enxugando-lhe as lagrimas, com que lho banhara a noite do tormento; que essa foy a promessa, que David fez, em nome de Deos, aos Justos, anoitecer chorando, para amanhecer rindo: *Ad vesperam demorabitur fletus, & ad matutinum lætitia.*

Naõ se fez menos reparo em outro prodigio, naõ menos averiguado, porque naõ achavaõ só as Religiosas pela manhãa alegre a doente, mas chea a cella de huma desusada fragrancia, que despertou os reparos, tanto por continuada, como por exquisita. Inquiriraõ com miudeza, se se tinha feito algum perfume, ainda em lugar distante; se se accendera, ou entornara alguma caçoula; achouse que naõ; e continuando, entendiaõ já que naõ seria outro o cheiro, mais que a oraçaõ, precioso fumo, que do abrazado altar do peito da venturosa mori-

ribunda ſobia á preſença de Deos em toda a hora.

Acompanhavaõ a eſte ſacrificio implacaveis ancias da fraqueza, e debilidade do eſtomago, que a cada inſtante a cobriaõ com ſuores de morte. Deſenganaraõ-ſe os Medicos de continuar com as ſangrias; foi hum de voto de ventoſas ſarjadas. Reſpondeo ella: *Que era eſcuſada diligencia*; mas entrando em eſcrupulo de que era eſcuſarſe áquelle martyrio, fez que ſe obedeceſſe ao voto do Medico, advertindo, que nada teria effeito Cercavaõ-a as Religioſas, admiradas de ſua paciencia, confundidas de ſua confiança, e perſuadiaõ-a com lagrimas, que fizeſſe rogativas, e votos aos Santos; ſeguravalhe a Prioreza, que tinha alli a Communidade para deſempenhallos; reſpondeo: *Que já naõ era tempo de votos, nem de diligencias por ſua vida, porque a vontade de Deos havia de ſer feita.* E tornando a Prelada: que viſto eſtar taõ debilitada, ſeria conveniente darlhe a Unçaõ, diſſe: *Que naõ era ainda neceſſaria; porque ainda havia de viver mais de hum dia*; e aſſim foy, porque faleceo ao Sabbado, ſuccedendo iſto á quinta feira. Mas vendo, que a Prelada inſtava, diſſe: *Que alli eſtava ſogeita a tudo, ainda que era cedo*; e lançando maõ de huma pequena lamina da Senhora da Piedade, (naquella extrema agonia, em que teve a ſeu filho morto em os braços) que tinha á cabeceira, e tivera ſempre na ſua cella, pondo-a ſobre o coraçaõ, na boca, e nos olhos, com elles cubertos de lagrimas, convidando as Religioſas a que a acompanhaſſem com as ſuas, lhe propunha ſemelhantes affectos:

Bemdita ſeja, Mãy ſoberana de miſericordia, a hora, em que tive uſo de razaõ para vos conhecer, e adorar. Louvem-vos os Anjos, que ſendo vós minha Advogada, já tenho confiança de ir acompanhar a ſua melodia. Seja bemdito o dia em que entrey neſta Caſa, para fazer em voſſo ſerviço a minha eſcravidaõ venturoſa. Conheço, e confeſſo, que ſois Mãy de Deos, ſeu Sacrario, que o trouxeſtes no ventre; ſeu throno, que o tiveſtes, e tendes nos braços; e tambem conheço, que nem o ſeres Mãy de hum Deos, vos eſquivou, para que o naõ foſſes dos homens, porque pode mais em vós a piedade, que o privilegio; ou antes eſtimaſtes o privilegio, por ſer mayor a piedade; e quem eſcolhida para Mãy, ſe reconheceo eſcrava, naõ havia de deſconhecer filhos eſcravos, por ſe ver Mãy do Senhor. Mas deixaime, ſoberana Senhora, ter eſta gloria, que vos adoro ſingularmente por Mãy, e por Senhora minha. O titulo da Piedade me deu a confiança; que ſe he titulo, que vos poz nos braços hum Filho ſem vida, tambem ſerá o que vos conſinta aos pés huma filha quaſi ſem ella. O voſſo amparo experimentey ſempre, vivendo; e nos voſſos dias contey ſempre as minhas mayores venturas; e ſe vivendo, vos experimentey ſempre Protectora, morrendo, naõ deixarei de acharvos Advogada. Agora, que he mayor o meu riſco, ſerá mayor piedade o voſſo amparo; e ſe eſtais com os braços abertos, ſuſtentando em voſſo Filho os deſmayos da morte, aonde recorreráõ os da minha, mais que aos braços da voſſa piedade? Valeyme, ſoberana Senhora; que ſe eu na vida eſcolhi o voſſo nome para valia, na

na morte o faço a essa Imagem para segurança. Quem mereceo o vosso nome, já começou a merecer a vossa piedade.

Com semelhantes supplicas, e ternuras piedosas, se foy engolfando a Madre Sor Maria de sorte, que foy preciso advertilla huma Religiosa, para que algum desmayo a naõ privasse do sentido, embaraçando-a para receber o ultimo Sacramento. Voltou a quem lhe fazia a advertencia, e dissélhe: *Deixeme Madre, que com o aviso, que me deraõ, parece que me naõ cabe a alma no corpo de alegria.* Recebeo a Unçaõ com grande socego, com os olhos suspensos, e pasmados, como sepultada em huma contemplaçaõ profunda. Idos os Padres, chegaraõ as Religiosas a despedirse della, e ella as hia abraçando com tanto socego, e agrado, que antes pareciaõ parabens, que despedidas.

Pediaõlhe todas, que as encommendasse a Deos, e cada huma em particular ao Santo de sua devoçaõ; e ella respondia com segurança: *Que assim o faria*, como se estivera já com os pés na porta do Ceo. Assim era tal o socego das palavras, e a alegria do semblante, que disse huma Religiosa: *Se isto succede por este estylo, quem já temerá a morte?* E chegando-se a Prelada a ella, e pedindolhe, que para edificaçaõ de todas, e alivio das saudades, que lhes deixava, lhes dissesse alguma cousa, respondeo: *Que póde dizer huma taõ grande peccadora, carregada de culpas, e com o tribunal á vista, para dar o descargo dellas? Mas pois me mandaõ, digo (e o mais importante) que sejaõ obedientes, sem mais vontade, que a dos Prelados, e Preladas; porque naõ ha mais direito caminho para sobir ao monte da perfeiçaõ, nem melhor norte para acertar, e seguir esse caminho. Sejaõ muito devotas de nossa Senhora, que he boa, e verdadeira Mãy; e pois desejaõ boa morte, entre as mais devoçoens, rezemlhe todos os dias trez vezes a oraçaõ da Salve Rainha, offerecida ás angustias, que padeceo ao pé da Cruz; e lembremse, que ha de chegar esta hora, e que duas cousas importaõ muito nella, ter esta grande Advogada, e tella merecido na vida.*

Voltouse depois á Enfermeira, porque as Religiosas foraõ para o Coro; e pediolhe, que lhe trouxesse para junto á cama tudo o que pertencia á mortalha, ensinandolhe o que havia de fazer com muita miudeza, porque era a Enfermeira nova no officio, e ainda na Casa. Dispunha assim sua jornada, como a que tinha (ao que parece) noticia do venturoso termo della. Grande conselho a vida da Madre Sor Maria, para ensinar a naõ temer a morte! E grande consolaçaõ a sua morte, para esperar premiada a boa vida!

Pareceo tempo de entrarem os Religiosos para o officio daquella hora, porque a fraqueza era extrema. Acabado elle, disse a huma Religiosa, que alternasse com ella o *Te Deum laudamus*, e no fim o verso: *In manus tuas Domine* com *Alleluia*. Trouxeraõlhe o Menino Jesus, que na profissaõ entregaõ ás Religiosas, e dizendolhe: *Que aquelle era o seu Esposo*, continuou (alegrandose com sua vista) *Sim he, e confio, que o ha de ser por toda a eternidade.* O mesmo repetio, chegandolhe a boca aos pés de

hum

hum devoto Crucifixo; e advertindolhe, que lhe pedisse, que a levasse comsigo para o seu Reyno, disse: *Para lá vou, e comigo o levo na minha alma.*

Passou a noite (era a em que estava de huma Sesta para o Sabbado) em protestaçaõ da Fé, colloquios com Deos, supplicas com os Santos; descançando logo com os olhos fechados, como que contemplava, e abria-os, dizendo com viveza, e alegria: *Alleluia.* Chegou a noite do Sabbado, fez hum termo, e tornaraõ a rezarlhe o Officio; e dizendolhe, que se valesse de nosso Patriarca S. Domingos, de quem era filha, e dos Santos de sua devoçaõ, os começou a invocar, principiando por nossa Senhora, depois S. Domingos, S. Jozé, Santa Catharina de Sena, S. Francisco, Santo Thomaz, Santa Theresa. Levantou nisto repentinamente os olhos (como sobre os pés da cama) para o mais alto da cella, e sem dar acordo de mais nada, gritou com grande ancia huma vez, e outra: *Esperem, esperem.* E perguntandolhe, *por quem haviaõ de esperar*, respondeo apressadamente: *Nossa Senhora*; e continuou: *Esperem, esperem*; e com tanta violencia, que affirmou quem estava junto da cama, que chegou a levantar meyo corpo della.

Cahio logo sem alento, como que lhe desapparecera a visaõ, cercando-a de repente as sombras da morte; e tornando a perguntarlhe: *Por quem haviaõ de esperar, que tanto gritara?* Respondeo (abaixando os olhos, como alcançada do que tinha dito): *A misericordia do Senhor.* Pedio logo a Imagem de Christo crucificado, apertando-a com os braços sobre o rosto, repetio o Verso: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*; e fez em sua alma, o que se lhe escutava na boca, em hum Sabbado 12 de Janeiro de 1658.

CAPITULO XXXIV.

Da Madre Soror Clara do Santissimo Sacramento.

Resolveo altamente o Sabio, quando ensinou que era reciproco o interesse da boa fama entre os pays, e os filhos, que os filhos serviaõ aos pays de coroa, os pays aos filhos de gloria. Os filhos aos pays, porque estes geraraõ filhos, que foraõ justificados; os pays aos filhos, porque estes foraõ gerados de pays, que foraõ virtuosos: *Coronam senum filii filiorum, & gloria filiorum patres eorum.* Agora temos entre mãos o proverbio nas vidas da Madre Soror Clara, e de sua mãy Joanna de Salinas, porque as virtudes da filha nos obrigaõ a fallar nas da mãy, as da mãy nos advertem, que foraõ os mudos documentos da filha, ficando huma sendo reciprocamente gloria de outra. A filha coroa da mãy, por esta ser mãy de huma filha, benemerita de avultar entre as grandes desta Casa; a mãy coroa da filha, por ser esta filha de huma mãy, benemerita da opiniaõ de justa. Porém como Joanna de Salinas foy Freira da Terceira Ordem Carmelitana Descalça, naõ roubaremos no assumpto a gloria ao Chronista daquella grande Familia, tocando só da mãy o que basta para conhecimento do que nella imitou a filha.

Proverb. c.17. v.6.

To-

Tomou eſtado de caſada Joanna de Salinas com Pedro Nidrofe, e deulhe Deos a bençaõ de muitos filhos, que foraõ treze. Seis ſem chegarem ao uſo de razaõ, lhe levou o Ceo, como ſe fizera partilhas, deixandolhe os ſete, como por empreſtimo, porque todos eſtes começaraõ logo a pizar o caminho, que os outros paſſaraõ voando. Dous filhos tomaraõ o habito Carmelitano dos Deſcalços. Duas filhas o de S. Franciſco da Primeira Obſervancia, no Moſteiro de noſſa Senhora da Quietaçaõ, vulgarmente chamado das Flamengas em Alcantara, lugar entre Bellem, e Lisboa. Outras duas o de S. Domingos na nova Recoleta deſta Caſa do Sacramento, de que huma foy a Madre Sor Magdalena do Eſpirito Santo, de que já fallamos, a outra a Madre Soror Clara do Sacramento, de que agora fallaremos. Outro filho, finalmente, ſeguio as armas, experimentando nos caſos dellas a mayor inconſtancia da fortuna, e riſco da vida, eſpecialmente em hum cerco de Tarragona, de que ſe retirou a hum Hoſpital, em que o fez eſcravo a caridade, começando a premiallo com huma placida, e venturoſa morte.

Eſtes foraõ os caminhos, por onde os filhos de Joanna de Salinas, irmãos de Soror Clara, ſe foraõ chegando ao centro, a que os chamava ſeu eſpirito, de que parece lhe quiz o Ceo dar anticipada noticia, porque falecidos os primeiros ſeis, eſtando hum dia com o cuidado de que vida teriaõ os ſete, com que ſe achava, pegou no *Flos Sanctorum*, liçaõ ſua quotidiana, e mais goſtoſa, quanto mais ſe cultiva, quando a poucas folhas encontrou com a vida de huma Santa, que tivera ſete filhos, todos merecedores do meſmo titulo da mãy. Seguioſe a eſte bom annuncio a confirmaçaõ do que tivera de myſterio, mais que de acaſo; porque querendo a outro dia repetir a meſma liçaõ, buſcou a vida da Santa, e naõ foy poſſivel deſcobrilla, corrido o livro folha por folha da ſua, como de outra diligencia.

Pagava Joanna de Salinas ao Ceo eſtes piedoſos deſvelos com os de ſeus devotos, e quotidianos exercicios, ſendo em todos elles aquella varonil mulher, que encarecia o Sabio, verdadeira mãy de familias na educaçaõ dos filhos, e no cuidado dos ſervos. Mas queria-a o Ceo toda para ſi; ſoltou-a, por morte do marido, das prizoens do matrimonio, ficando em ſua liberdade, para poder ſacrificalla á Terceira Regra Carmelitana Deſcalça, taõ obſervante em todas as obrigaçoens della, que em breve tempo ſervio de exemplar da obſervancia, como de edificaçaõ a quem a conhecia, e tratava. Penitente, e humilde, mereceo ſinalados mimos da maõ de Deos, ſendo hum delles a luz, e conhecimento de couſas futuras. Outros mayores logrou de ſua Divina liberalidade, eſpecialmente naquella ſagrada Meſa, em que ſempre ſuſpirava iguaria do Ceo para ſuſtento de huma vida, que já naõ era da terra. Aſſim por ordem de ſeus Confeſſores commungava trez vezes na ſemana.

Padeceo muito, aſſim nas ſem razoens da fortuna, como nas perſeguiçoens do inimigo, e ſem-

ſempre conſtante, entre humas, e outras, veyo a falecer coroada com os triunfos de ambas, recebidos os Sacramentos com demonſtraçoens piedoſas, ſem ſe lhe ouvir mais que eſte gemido, (repetido com grande ternura de ſua alma) *Ay amor*! como ſe lhe tirara a vida aquella ſetta abrazada, que paſſou o coraçaõ a ſua Meſtra a grande Thereſa. Faleceo em 12 de Setembro de 1650. em huma ſegunda feira, ás trez horas depois da meya noite, e na quinta ſeguinte á meſma hora foy deſcuberta a gloria de ſua alma a huma Serva de Deos, amiga ſua, que orava por ella, que a tratara em vida, lhe aſſiſtira na doença, e a acompanhara á ſepultura. Deraõlha ſeus irmãos, os Religioſos Deſcalços, na ſua Caſa da Senhora dos Remedios. Naõ pareça eſta digreſſaõ eſcuſada, porque ſobre pagarmos a eſta virtuoſa mãy com huma memoria o darnos duas filhas taõ merecedoras della, he razaõ, que ſe ſaiba, que toda eſta familia foy ſanta, pois temos taõ grande parte nella.

Aſſim foy Joanna de Salinas a Meſtra igualmente, que mãy de Sor Clara. Aquella vida foy o eſpelho, a que Sor Clara compoz a ſua; de ſorte, que ſe verificaraõ em Sor Clara as maximas da graça pelo eſtylo proporcionado das da natureza, que enſinaõ, que ſaõ as filhas mais proprias imagens das mãys. Agora prevaleceo o eſpirito ao corpo, ſahindo Sor Clara huma viva copia de ſua mãy, mais viva nas harmonias da virtude, que do ſangue. Já nos primeiros annos lhe parecia pouco todo o tempo para exercicios piedoſos, levando mais a caridade com as Almas do Purgatorio, affliçaõ, e tormento, que nunca lhe ſahia do ſentido.

Mas começaraõ a aſſuſtarlhe o ſocego daquella vida os pertendentes de ſua fermoſura, taõ rara, que ainda á viſta dos que attendiaõ a todos os commodos do matrimonio, ſahia com valor de dote pertendido. Naõ era ſua mãy de voto daquelle genero de vida, mas vinha nelle forçada, porque os achaques, que Sor Clara padecia, naõ lhe permittiriaõ o eſtado da Clauſura, menos as da obſervancia, que eraõ as a que mais ſe inclinava, e com tenacidade taõ conſiderada, que ſe defendia com boas razoens de alguma, que a deſperſuadia, como dizendo: *Que a Deos ſe devia ſacrificar o melhor: e que, já que naõ tinha forças, offereceria a Deos aquella, que a eſtimaçaõ humana tinha por precioſidade da natureza, e chamavaõ fermoſura. Que os achaques teriaõ reſpeito áquelle ditoſo eſtado, porque Deos naõ podia deixar de os moderar em quem ſó deſejava ſaude para o ſervir: e que quando naõ foſſe ſervido de lhe dar remedio, teria que lhe offerecer nelles mais eſſe ſacrificio; e finalmente, que melhor ſe havia de achar Freira achacada, que em qualquer eſtado ſádía.*

Apoyava eſtas razoens com naõ dar ouvidos a nenhum partido, ainda que naõ tinha determinado eſcolha de Moſteiro. Convidavaõ-a as irmãas, que tinha no das Flamengas; duas vezes foy em companhia de ſua irmãa Sor Maria Magdalena viſitallas com tençaõ do ajuſte; de ambas houve deſvios para elle, como deſpois cauſa mayor, que

as

as deliberou a buſcarem a Recoleta deſta Caſa. Seria conſelho do Ceo; aſſim o parece, porque foy o ſeguinte.

Eſtava Clara Nidroſe em caſa de huma tia ſua; coſtumava ſobir a huma varanda alta, que deſcobria todo o bairro de Alcantara, e os dous Moſteiros, o das Flamengas, e o do Sacramento, ainda que muy diſtantes hum do outro. Detinha-ſe neſta viſta huma noite de luar das mais claras, e ſerenas, quando lançando os olhos para a parte do Sacramento, vê ſobre o Moſteiro huma grande Cruz, que ſe formava de huma ſombra. Reparou, ſuſpendeoſe, e ao meſmo inſtante ſentio hum interior abalo, a que ſe ſeguio huma inſpiraçaõ efficaciſſima, em que conheceo eſtava a cruz da ſua vida naquella Caſa. Communicou o ſucceſſo com ſua irmãa, e deraõ ambas preſſa a recolherſe nella com tanto alvoroço, como ſe poderaõ deſconhecer que a Cruz, que as chamava, era hum claro emblema da vida mais penoſa. Foy a ſua entrada neſte Moſteiro em 30 de Outubro de 1632. e ſuccedeo a Sor Clara o que ſe vaticinara de que Deos lhe daria ſaude para ſer Freira; porque em todo o anno do noviciado (ſendo o de mayor trabalho) naõ teve queixa, que a obrigaſſe a ficar hum dia do Coro, ſendo deſpois tantos ſeus achaques, que bem ſe póde chamar martyr delles.

Naõ tardou o martyrio, porque a pouco tempo de profeſſa cahio de huma febre aguda; logo começou a ir a cura errada, e começaraõ as meſinhas a ſer tormento, e naõ ſer remedio. Chegou a mais; porque receitando o Medico hum minorativo, em que havia de vir hum particular ingrediente, foſſe erro da penna, que, por mais huma letra, poz outro, que era pouco menos, que peçonha; ſeguioſe á inadvertencia do Medico a do Boticario: tomou Sor Clara a bebida, e foraõ taes os effeitos, que, inquirindo o Medico a receita, e viſto o engano della, teve a prodigio o achalla com vida; mas inchando-lhe huma face, e apertando-ſe-lhe a garganta, foy tal o faſtio, taes as dores, que ſem ter hum inſtante de ſocego, nem levar ſuſtento de conſideraçaõ para baixo, ſe reſolveo em breves dias ſua fermoſura á verdade do que era, trocando ſuas flores em o ſeco fruto de huma caveira; que ſe naõ colhe outro das flores da fermoſura.

Mas era tal ſeu ſofrimento, ſua paciencia no meyo de dores, que ameaçavaõ a vida, que ſem ſe lhe ouvir hum ay, ou huma queixa, vieraõ as Religioſas a chamarlhe *a noſſa Cordeirinha*, lembradas do innocente Cordeiro, que caminhou ao lugar do ſacrificio, taõ atormentado, como emmudecido. Naõ podia Sor Clara levantarſe da cama, porque naõ havia parte em ſeu corpo, que naõ ſentiſſe eſpecial tormento. Aſſim chamava ao leito o ſeu Purgatorio; lembravaſe ella mais neſte dos eſpiritos, que padeciaõ no fogo daquelle. Aſſim rezava por elles trez vezes na noite; e em ſe achando com algum alento, que ſe podeſſe veſtir, ainda que com trabalho, levantava-ſe, e poſta de joelhos, encoſtada na cama, ſe detinha em oraçaõ.

Eſta era ſua vida, padecer, e orar,

e orar, porque nada lhe lembrava da que deixara; tal foy a resolução, e despego com que a deixou, e se sepultou nesta Casa. Morrerão os parentes para ella, e nem de sua mãy sabia, se quer por letra, de sorte, que escrevendo muito bem quando entrara, despois escassamente punha a sua firma, como (sendo preciso) se vio por experiencia.

Hum dos pactos, que fez com seu Esposo, quando recebeo como da sua mão aquelles achaques, foy não haver de lhe pedir remedio, nem alivio nelles, menos vida, senão para sofrer, ou se fosse sua vontade, o alento, que bastasse para o ir buscar, e receber; assim pedia, que a levassem em hum carrinho, que havia no Mosteiro, ao Confessionario, dalli ao Coro, e Commungatorio, que era o unico alivio, que lhe fazia esquecer o que estava padecendo. Não deixou o Senhor de communicar muitos a sua alma, em quanto o servio com este genero de vida; mas porque o nosso emprego he historia, e não revelaçoens, só apontarey duas, entre as muitas, de que fizerão memoria seus Confessores.

Suspendia-se Sor Clara hum dia orando despois de commungar; e representandoselhe vivamente, que tinha na boca huma memoria de metal desconhecido, (mas precioso) se lhe propuzerão logo os desposorios, que o Senhor celebrava com as almas justas, entendendo, que aquella memoria era huma segurança dos que tinha feito com a sua. Estava gravemente enferma huma Freira Conversa, mui entrada em annos, e de grande opinião, e virtude; e orando Sor Clara por ella, se lhe representou, que via no mar huma barca destroncada, e velha, que cercada de repetidas, e furiosas ondas, se via perigar entre ellas; e no mesmo tempo divisava no Ceo huma grande estrella, que desappareceo, despedindo copiosas, e scintillantes luzes. Entendeo logo, que a Conversa decumbente havia de falecer daquella doença, e que sua alma havia de passar na mesma hora a ser estrella do Firmamento da Bemaventurança.

Mas para passarmos à noticia da mudança de vida de Sor Clara, ha de preceder a de duas visoens, que tiverão ella, e sua mãy, (quasi ao mesmo tempo) por darem mais luz, e clareza ao que vamos historiando. Tinha Joanna de Salinas noticia do que Sor Clara, sua filha, padecia; e como mulher, que abstrahida da terra, não escutava já as vozes do sangue, ou as queixas da natureza, não pedia a Deos mais, que o que dispuzesse sua vontade; e tolerancia, para que a enferma se abraçasse com ella. Nesta supplica estava huma noite, quando se lhe representava sua filha Sor Clara vestida de bordadura custosa, mas ainda imperfeita; e entendeo logo a serva de Deos, illustrada pelo Senhor, que ainda restavão tormentos para coroar a paciencia da filha: assim lhe pedio, que a confortasse com o dom da tolerancia, e aperfeiçoasse o inextimavel feitio daquella gala.

No mesmo tempo quiz o Senhor (seria pelas supplicas da mãy, bem escutadas, por serem por tal filha) ensinar a Sor

Clara o como se devia de haver sua constancia nos tormentos, que lhe permitia, naõ se valendo de arrimo, ou soccorro da terra, mas recorrendo só ao que fosse disposiçaõ Divina; e representou-selhe em visaõ, que se achava em hum campo desembaraçado, e que nelle se levantava direita huma escada, que escondia no alto o cume, cançando a vista, e junto á escada hum Loureiro; e que indo a sobir por ella, se valia dos troncos delle, por segurar a sobida, e temer a queda; mas naõ lhe valendo a industria, vinha com ella o Loureiro a terra. Conheceo logo, que era documento do Ceo, para que em seus trabalhos naõ recorresse a alivios humanos: e assim o fez; porque ainda por mais perseguida de dores, de molestias, nem chamava Enfermeiras, nem procurava medicinas, nem em suas affliçoens recorria ao conselho, e companhia das Religiosas, mas, sepultada em sua paciencia, era victima do silencio, e da tolerancia.

Doze annos havia, que Sor Clara continuava o seu martyrio, quando faleceo sua mãy Joanna de Salinas; e parece, que alcançou de mais perto a piedade do Senhor no alivio da filha, porque dalli em diante convaleceo esta de alguma sorte. Continuava o Coro de dia; tinha os seus de retiro; só a Matinas faltava, porque lhe poz a Prelada huma obediencia, mandando-lhe com a mesma, que se tratasse como taõ achacada, naõ usasse de lã, nem comesse peixe, e fizesse assistencia na Enfermaria; cuidado, e continua advertencia das Preladas desta Casa, onde só a obediencia retira as Religiosas dos excessos da penitencia, por mais que os achaques lhes desenganem as forças, e a constancia. Assi obedeceo Sor Clara, seguindo novo modo de vida nos particulares, em que podia dispor della.

Trez vezes se levantava de noite a rezar pelas almas. Pelas trez horas de madrugada entrava para o Coro; (rezando o *Miserere* pelo caminho, como disposiçaõ para entrar nelle) prostravase em venia, repetia a confissaõ, invocava a Senhora, logo os Santos, de que era devota, e os Espiritos Angelicos, para que supprissem suas faltas, e accendessem sua frieza pera louvar a Deos como devia, e estar decentemente em sua presença. Rezava logo suas particulares estaçoens, especialmente às Chagas de Christo, ao Espirito Santo, a Nossa Senhora. A estas vocaes se seguia a oraçaõ mental até Prima; gastava depois no Coro quasi a manhã inteira. No dia rezava trez vezes o Rosario, hum com os braços em Cruz, valendo-se de sustentar as mãos em prégos, porque a sua debilidade naõ podia sustentallos.

Mas naõ socegava seu espirito com este modo de vida, porque a que sempre desejara, fora a mais austera; nem a grande innocencia, que havia em sua alma, a despersuadia de viver com mais aspereza. Eis-que levada hum dia desta ancia, vay-se ao Confessionario, em que soube estava o Prelado, dizlhe, que o que lhe vem pedir, he, que lhe ponha huma obediencia, para que deixe a casa da Enferma-

maria, e vá para o Dormitorio viver na sua cella; que traga tunica, e use de mantas de lã; que continue Matinas á meya noite; e que finalmente se naõ trate como achacada; que se lho mandar a obediencia, o ha de observar sem duvida. O Vigario, que sabia a sua debilidade, e o como passava mal convalecente, admirava-se, e suspendiase; lembrava-lhe logo o impossivel, que pedia; instava ella pela obediencia, até que elle (que naõ tinha pouca noticia de seu espirito) entendendo de quem podia ser o conselho, lhe poz a obediencia; e ella dalli em diante a observou sem falta.

Assim começou Sor Clara a sua refórma dous annos antes de sua morte, tendo revelaçaõ muito antes de que seria apressada. Descobrio-a a sua irmã a Madre Sor Maria Magdalena, mas nem o tempo, nem o modo em que seria; porque, querendo darlhe esta noticia, e tendo já dito, que estando huma noite na cella, lhe entrara dentro huma nuvem, lhe veyo escrupulo do que tinha dito; e suspendendose hum pouco, lhe disse: *Estay certa, que a minha morte ha de ser apressada: assim vos pesso que tenhais cuidado de mim.*

Outra noticia teve; e esta, ainda que mais commua, mais proxima, para se dispor, e aparelhar, ainda que o seu cuidado naõ era outro, nem podia haver aviso, que naõ encontrasse com o seu cuidado. He reparo antigo nesta Casa, que o fez fazer a continuaçaõ, e crello a experiencia, que havendo de falecer alguma Religiosa, se vem, ou ouvem sinaes, sendo mais vulgares repentinos, e repetidos golpes. Estes ouvio a Madre Sor Clara; foraõ trez, e dados na porta da sua cella com tanta violencia, que nem se fiaria da fraca maõ de huma Freira, nem semelhante estrondo se permittia no Dormitorio. Abre assustada a porta, naõ vê ninguem; busca sua irmã a Madre Sor Maria Magdalena, referelhe o successo, accrescentando que lhe vinha á imaginaçaõ, que seriaõ aquelles golpes pela Madre Sor Maria do Sacramento, (Marqueza que foy de Aguiar) que estava enferma, e perigosa. E dizendo-lhe a irmãa: *Olhai, minha irmãa, naõ vades vós primeiro.* Respondeo sem susto: *Faça-se a vontade de Deos.* Succedeo assim, porque primeiro faleceo a Madre Sor Clara, que a Marqueza; mas verificandose que foraõ os trez golpes trez avisos, porque quasi em hum mez faleceraõ trez Religiosas.

Mas chegava-se o tempo da Madre Sor Clara, naõ fazendo outra cousa na dilaçaõ delle, mais que disporse para quando Deos a chamasse; e hum dia acabando de commungar, lhe deu subito huma febre taõ vehemente, que lhe tirou a falla, e cerrou os olhos; mas dando em alguns sinaes mostras de grandes ancias. Assim passou trez dias, esperando todas, que tornasse para se lhe dar o Viatico, e a Unçaõ; resolveraõ, que se lhe désse esta, por naõ haver lugar para aquelle; mas antes para ver se tornava, lhe mandaraõ os Medicos dar huma sangria. Fugio com o pé, acodio a Prelada, mandandolhe que o désse, e se so-

sogeitasse; e como se a obediencia, que a fez viver morta, a fizesse morrer, respondeo só a ella, e deu logo o pé sem repugnancia.

Foy logo absolta Sacramentalmente, dando materia; despois ungida; e rezado o Officio, repararaõ, que socegava, e estando assim hum pouco, abrio os olhos, como se descobrira duas estrellas, ou se se lhe restituira a belleza, de que o Ceo a dotara; e surrindose, espirou. Assim havia de succeder á quem das portas da morte sahia a pizar o caminho da eterna felicidade. Morre rindo quem viveo gemendo; sem duvida, que a Estrella matutina da Bemaventurança madrugava já, ferindo-lhe nos olhos, e abriolhos agora para as luzes, porque até aqui se naõ tinhaõ fechado para as lagrimas. Este foy o riso, que os justos compraõ á custa dellas: *Beati, qui nunc fletis, quia ridebitis.* Ficaraõ as Religiosas emmudecidas, e affirmaraõ logo humas ás outras, que quando a Madre Sor Clara abrira os olhos, lançara delles dous resplandores taõ vivos, como se de repente se accenderaõ duas tochas, ou correraõ duas exhalaçoens luzidas. Faleceo em os primeiros de Setembro de 1659.

CAPITULO XXXV.

Da Madre Soror Maria do Sacramento, no seculo Marqueza de Aguiar; e da Irmãa Conversa Sor Margarida do Espirito Santo.

MUitas vezes nos tem occorrido (especialmente nas memorias desta Casa, com grande gloria sua) o como a virtude se fez sempre bemquista com a nobreza, (diga-se sem offensa das mais naçoens) especialmente no heroico sangue Portuguez, hospedando-se nos Palacios, nas Casas dos Principes, e dos grandes, deixendo-se ficar tanto de assento nellas, que desde os principios do Reyno as fez classes do espirito, e venturosos Seminarios, de que tem sahido tantos a occupar os Altares, mais venerado throno, que os que lhes grangeou o nascimento. He claro argumento huma Rainha Santa, amortalhada no precioso burel Franciscano; huma Santa Princeza no Dominico; hum D. Affonso Henriques, Rey reconhecido por Santo; hum D. Fernando, Infante Santo por anthonomasia. Com estes, e semelhantes exemplares, parece, que consultavaõ os acertos de sua vida os espiritos mais illustres; assim se continuou sempre até o seculo em que isto escrevemos, e naõ temos poucas provas do que está escrito desta Casa, que a Condessa de Vimioso trabalhou para tantas como coroa, sendo agora a Marqueza de Aguiar hum grande esmalte della.

Nasceo esta Senhora, filha de Dom Christovaõ de Moura, Marquez de Castel-Rodrigo, e de Dona Margarida Coutinha Corte-Real, (titulos, e appellidos, de que estaõ cheyos os Nobiliarios deste Reyno) no seculo se chamou Dona Maria de Mendonça; nasceo com ella a inclinaçaõ ás cousas sagradas, piedade com os pobres, especialmente encarcerados; e rigor, e austeridade grande comsigo em exercicios penitentes, a que se

deu de doze annos em diante. Cingiase de hum aspero cilicio, jejuava certos dias na semana, em que tomava rigorosas disciplinas de sangue; a oraçaõ, e liçaõ de livros devotos eraõ seu exercicio quotidiano; branda, e affavel no trato, modesta, e considerada no adorno; humilde, e sogeita no genio; era huma muda reforma de toda sua Casa. Contava já dezoito annos, quando lhe faltou sua mãy; golpe, que a achou com a constancia de quem entendia, que semelhantes trabalhos vem a examinar, e enriquecer a paciencia.

Ausentouse o Marquez seu pay para Madrid, e ficou ella em companhia de seu irmaõ; pareceolhe occasiaõ de sahir a publico com a resoluçaõ, que tinha tomado comsigo de deixar o Mundo, e foy dispondo o seu retiro para o Mosteiro de Santa Martha, Casa reformada da Ordem Franciscana, nos arrabaldes de Lisboa. Teve o irmaõ noticia da diligencia, e mostrouse com ella taõ queixoso, e desabrido, que embaraçandolhe os commercios, rompeo em ameaços, sendo preciso a Dona Maria, naõ só desistir da empreza, mas reconciliarse com elle, segurandolhe, que já naõ teria vontade propria. Tanto se podia temer da resoluçaõ de hum poderoso (na sua opiniaõ aggravado) que até ás paredes sagradas naõ guardaria respeito. Assim serenou a tormenta, levantandose outra mayor no coraçaõ de Dona Maria, vendo, que naõ só naõ conseguia o sacrificar a Deos na Clausura a primavera de seus annos, mas que era forçada a sogeitallos a esposo de inferiores prendas ás que suspirava seu espirito.

Casou a seu irmaõ com D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, que foy Marquez de Aguiar despois da Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. e parece que quiz o Senhor pagar os grandes desejos, e finos propositos, com que a Marqueza o buscara, dispensandolhe as felicidades do desposorio humano em filhos, e filhas de generosas prendas, e grandes esperanças, devidas humas, e outras ao disvelo com que sabia ser mãy de familias, antes Prelada da mais composta, e reformada recoleta: naõ era outra sua Casa. Levantavase de madrugada, antes excedendo, que imitando aquella heroica Matrona do Sabio, porque naõ era o seu disvelo para a provisaõ da familia, senaõ para consultar com Deos importancias de sua alma. Assim se detinha no Oratorio em oraçaõ, até horas de Missa, a que vinha toda a Casa. Havia no dia hora deputada, em que todos della se ajuntavaõ no Oratorio a rezar o Rosario; outra para liçaõ de livros devotos, a que se seguia oraçaõ, assistindo a tudo a Marqueza com igual devoçaõ, que vigilancia, naõ faltando castigo, e advertencia para os que assistiaõ sem ella. Trez dias na semana jejuava a paõ, e agua; commungava com frequencia, e já nos ultimos annos havia Communhaõ no Oratorio duas vezes na semana, para algumas criadas, que seguiaõ sua vida.

Esta foy a da Marqueza até o falecimento do Marquez seu marido; e contando já entaõ sessenta annos, (que antes pediaõ des-

descanço, que promettiaõ vigor para novo trabalho) descobrio aquellas brazas, que o Ceo accendera em seu coraçaõ, cubertas com a cinza de tanta idade, mas agora vivas para continuar o sacrificio, que o mesmo Ceo permittira embaraçado. Estavaõ já casados seus filhos, suas filhas Freiras. Nesta Casa tinha duas, e muitas experiencias do rigor, e estreiteza de vida, que se professava nella. Naõ houve mais consulta; que a resoluçaõ era já antiga; e levando comsigo trez criadas, (gente nobre, que com ella tomaraõ o habito, discipulas de sua resoluçaõ, e espirito) se recolheo em dia da Appresentaçaõ de nossa Senhora. Detevese hum pouco na Portaria entre muita nobreza em quanto lhe beijavaõ a maõ os filhos, e a nora; e vendose logo da parte de dentro, levantou os olhos ao Ceo, dizendo: *Graças a Deos, que já isto está arrancado!*

Era a Marqueza já Freira no Mundo; que seria no Mosteiro, senaõ exemplar das Freiras? Chamouse Sor Maria do Sacramento. E como se o nome lhe dera antiguidade na Casa; pareceo logo veterana nos exercicios della. Nos da humildade a todas excedia, como no conceito, que de si tinha de ser a mais defeituosa, sendo taõ pontual, e disvelada, que ou parece que desconhecia os annos, ou o gosto lhos aliviava renovados. Era Mestra das Noviças huma de suas filhas, e era sua Mestra; a esta pedia, que a mandasse trabalhar; e vendo, que reprehendia as outras, lastimava se, queixandose porque a naõ reprehendia a ella, que só era a culpada, por mais remissa; e custandolhe lagrimas o castigo das defeituosas, e a pena de o naõ levar entre ellas, foy necessario advertir a Mestra, quando havia de fazer Capitulo a alguma, o mandalla primeiro a ella para o Coro, a guardar o Santissimo.

Já professa, porque só se queixava do pouco, que servia, a fizeraõ Enfermeira. Avisou a seus filhos, e tudo foy abundancia na Enfermaria, mas nada avultou mais que a sua caridade, naõ só prompta nas mesinhas, mas nas lagrimas, com que tomava sobre si as molestias alheas. Assim assistia a todas, que parece, que se reproduzia para naõ faltar a nenhuma. Na occupaçaõ mais abatida andava mais satisfeita; porque nada excedia ao infimo conceito, que de si fazia. Succedendo muitas vezes estar em praticas de Deos com as Religiosas; assim ouvia callada, e emmudecida, que alguma lhe perguntou a causa. Respondeo: *Que achava, e conhecia de si, que naõ podia fallar com o acerto, com que o faziaõ todas, já mestras, e adiantadas nas cousas de espirito, e naõ ella, huma mulher sepultada toda sua vida em as rudezas do Mundo; que só devia ouvir para aprender, já que Deos lhe naõ dera juizo para fallar.* Sendo que em todas as materias, e singularmente nestas, era destra Sor Maria, por exercicio, como por inclinaçaõ, e genio. Mas já entendia, qual era o caminho dos Sabios do Ceo, donde só sahia graduada, a que o Mundo chamava estulticia, como ensinou S. Paulo.

Is fiat stultus, ut sapiens efficiatur. 1. ad Cor. 3. v. 18.

Achou-a hum dia sua filha, Sor Margarida da Cruz, na cella

la chorando amargamente. Perguntoulhe compassiva, que causa tinhaõ aquellas lagrimas. *Choro* (respondeo) *porque sem duvida estou douda. Douda, naõ póde ser*, (replicou a filha) *porque os doudos, por isso o saõ, porque o desconhecem.* E instando mais, mostrandolhe com evidencia, que estava em seu siso, e naõ douda, disse Sor Maria: *Naõ se canse, nem me martyrize, Madre, que bem douda estou, pois naõ amo a Deos como devo; que quem naõ ama a Deos, naõ tem juizo.* Grande maxima, digna de eterna, e Catholica lembrança! Mas venturosas lagrimas, nascidas de taõ grande pensamento; e pensamento unicamente digno de taõ amargas lagrimas. Mas grande argumento de que se abrazava em amor de Deos o coraçaõ, de que ellas sahiaõ; que semelhantes suores naõ vem a aplacar menos ardentes febres.

Pouco mais de hum anno antes de sua morte, cahio a Madre Sor Maria em huma tal fraqueza, que com grande trabalho se levantava, e encostada em huma Freira, hia para o Coro, onde gastava quasi o dia inteiro. Mas estendeo-se-lhe esta fraqueza á memoria, e á vista; e naõ alcançava do Coro a ver a Hostia na Missa. Este era hum quotidiano incentivo de suas lagrimas, respondendo a quem a consolava: *Se eu naõ tenho memoria, como me poderey confessar bem de taõ mal passada vida; e nella como posso ter gosto, se naõ vejo a meu Deos Sacramentado?* Bemaventurados olhos, que como os de Tobias, naõ tinhaõ alivio, porque naõ viaõ a luz do Ceo, a do Sol Sacramentado! e como os de David, choravaõ, por ver o seu Deos escondido! Mas assim se conformava com esta magoa, como quem sabia, que lha permittira Deos para merecer com ella.

Alguns dias antes de morrer, lhe deu huma febre ardentissima com ameaços de ar; e levando algumas sangrias, ficou como se de todo perdera os sentidos; mas era notavel, que em se lhe fallando em Deos, respondia com tanto acordo, como se estivera em seu inteiro, e socegado juizo. Assim lhe perguntaraõ, se queria receber todos os Sacramentos para morrer? Respondeo: *Que só isso desejava*: ministraraõlhos, e no cabo delles espirou placidamente, sem fazer mais termo, que o de huma imperceptivel respiraçaõ, em 10 de Outubro de 1659. Suspenderaõse as Religiosas, porque ao mesmo instante que espirou, tendo Sor Maria já sumido, e seco o rosto com os annos, e as penitencias, de tal sorte se lhe restituhio a huma fermosa compostura, e magestade taõ serena, que podia dizer com David, que tornara a florecer sua carne, anticipando no Estio daquelles secos ossos a eterna Primavera dos bemaventurados.

Et refloruit caro mea. Ps.

Naõ foy digno de menos reparo o que depois succedeo no Capitulo, porque entoando as Religiosas o Psalmo 151 antes de se recolher o corpo na sepultura, chegando ao Verso: *Viduam ejus benedicens benedicam, pauperes ejus saturabo panibus*, (sem haver embaraço, que turbasse o alternado de hum, e outro Coro) o repetiraõ trez vezes; fazendo logo reflexaõ, e reparo de que o tinhaõ repetido,

do, levantaraõ mais o pensamento, porque para a defunta vinha muito de molde o Verso, que vem a dizer: *Abençoando, darey a bençaõ á sua viuva; e com o sustento de paõ taparey a boca aos seus pobres.* E como vimos na vida da Marqueza, parece, que mereceo ao Ceo o Panegyrico de se abençoar Santa viuva, quando se lembravaõ os soccorros da pobreza.

Mas a mayor estabilidade, com que o Senhor quiz recommendar as circumstancias desta morte, foy huma, já repetida de sua Providencia, e reparada em o falecimento de pessoas mayores em virtude, e qualidade; e foy o seguinte. Mandara a Marqueza, estando ainda no seculo, a este Mosteiro huma planta de jasmins, que chamaõ de Valença. Plantouse no Claustro; prendeo, e avultou, dilatandose taõ viçosa, que ainda na vespera de sua morte se colheraõ della muitas flores. Mas ao tempo que a sepultaraõ, cahindo-lhe todas murchas, e secas, succedeo o mesmo ás folhas, e ao tronco de sorte, que até a raiz se esqueceo na terra, como sepultura, porque depois se lhe naõ vio brotar mais vara.

Da Infante Margarita se lê, que em sua morte se secou huma arvore, que ella plantara por sua maõ propria; e da Princeza Santa Dona Joanna, Religiosa professa (como he tradiçaõ mais segura, de que á hora da morte professara, e naõ fora só Religiosa Terceira) da nossa Ordem Dominicana na Recoleta de Aveiro desta Provincia, se lê nas nossas Chronicas, e escrevi eu já com mais concertado estylo, e penna desembaraçada das estreitas leys da Historia, que na hora, que pelo Claustro foy passando seu corpo para a sepultura, se murcharaõ as flores, e as plantas na pouca terra, que cultivada da sua diligencia, servia ás Religiosas de jardim, e de Pomar, como se imitassem todas o genio ao Girasol, que seguindo a inclinaçoens os passos do Sol, igualmente se vê aquelle murcho, quando este sepultado. Naõ podemos negar, que estas demonstraçoens no insensivel, se foraõ na morte do mesmo Christo argumentos da Divindade, o seraõ nas dos Justos de sua virtude, com seguros do premio, que se segue á sua morte, podendo entenderse que aquellas flores, que cahiraõ secas, a cobrir o cadaver, renasceraõ estrellas a coroar o espirito.

Naõ merece ficar em esquecimento o muito, que mostrou Soror Margarida do Espirito Santo, Freira Conversa, que no mesmo anno, ainda que antes hum mez, que a Madre Sor Maria, faleceo ella tambem nesta Casa; razaõ, porque se lhe dá lugar, ainda que segundo, neste Capitulo. Foy Sor Margarida natural do lugar de Bemfica, notavel, e venturoso, por fecundo de Religiosas Conversas, que deu a esta Casa para a servirem, servindo ainda melhor para a illustrarem. De pequena ficou sem mãy, e logo em poder de huma madrasta, taõ esquiva com ella, como o nome o promettia, porque de enteada a passou a serva, carregando sobre aquelles tenros annos todo o pezo da casa; a boa inclinaçaõ á virtude, com que nascera, lhe abria já os braços para

ra receber os trabalhos como mimos do Ceo, que parece lhe adiantava a razaõ, para conhecer, que o eraõ estes, e lhe dobrava as forças para poder com aquelles.

Desejava resgatalla daquelle cativeiro huma tia, que olhava para ella como desamparada, e lhe queria melhorar as occasiões de sofrida, suspirando vella nesta Casa do Sacramento, donde aproveitaria as mostras, que dava de seu prestimo, e seu espirito. Rogou, pedio, importunou; e finalmante conseguio, que as Religiosas lha aceitassem contra a vontade do pay, e madrasta, que perdiaõ nella huma escrava; e na humildade mostrou ella, que o era depois (e com muito gosto) do Mosteiro, costumando dizer, ainda depois de professa: *Que ella naõ era Freira, mas huma pobresinha, que as Religiosas pelo amor de Deos receberaõ, e sustentavaõ.*

Era continua no trabalho, como na mortificaçaõ; e caritativa taõ disvelada, que a esse emprego se attribuio o viver quarenta annos nesta Casa, sem nunca ter doença. Dormia vestida, para que a oraçaõ, e o trabalho a achassem mais promppta; poucas vezes sobre a cama, as mais ao pé de algum Altar. Levantava-se de madrugada, e no Coro gastava em oraçaõ todo o tempo, até á hora de ir para a sua officina, donde eraõ iguais nella o silencio, e a diligencia. A' noite, acabado o serviço, tornava ao Coro, donde era a oraçaõ mais larga; e com tal suavidade, e consolaçaõ de seu espirito, que costumava dizer, que aquelle era o seu centro; e assim o mostrava, porque acabado o trabalho, alli hia buscar o descanço.

Em toda sua vida foy rara sua abstinencia; porque quasi sempre passava com paõ, alguns grãos, e algumas hervas; e o dia, que se alargava a regalo, era de algum bocado de peixe seco. Parcimonia notavel, em quem andando pouco abastada, e trazia varios comeres entre mãos, naõ haver occasiaõ, em que a convidasse o appetite, ou a obrigasse a fome! Commungava duas vezes na semana, e este era o sustento de que mais vivia. Hum martyrio grande padeceo muitos annos, que sendo o seu genio de responder, assim andava acautelada para o reprimir, que só se lhe divisou, que no interior trazia aquella contenda, pelo natural, que tinha de fogosa.

Tinha juizo claro, de que lhe nascia o ser recatada em cousas de sua consciencia; mas parece, que dispensou o Ceo huma vez com ella, chegando a contar com singeleza, que descançando huma noite sobre a cama, quasi como que dormitava, ouvira huma voz clara, que lhe dizia: *Levantate, e vay rezar pelo Conde do Basto.* Era naquelle tempo D. Diogo de Castro. Espertou, segurando-se no que tinha ouvido; mas parecendolhe illusaõ do sono, e tornando a encostarse, tornou a ouvir a mesma voz. Levantouse logo, e foy rezar ao Coro, e dahi a trez dias veyo noticia ao Mosteiro, que era o Conde fallecido. Parece, que eraõ bem ouvidas no Ceo as oraçoens de Sor Margarida, e seria aquella advertencia do seu Anjo da guarda.

Mas chegavase o termo a seus trabalhos; cahio doente de huma grande febre, que tardou pouco em ameaçalla de morte. Naõ se assustou Sor Margarida com o ameaço, ou fosse que o Ceo lhe anticipasse o aviso, ou que depois de vestir aquella santa mortalha, lhe naõ foy necessario outro. Assim o mostrou, porque no primeiro ameaço da doença juntou na cella quanto pertencia á sua mortalha; com a mesma conformidade, e socego (antes alvoroço) ouvio depois aos Medicos o desengano; porque advertindolhe, que se dispuzesse para a ultima hora, levantando as mãos ao Ceo, deu graças a Deos, e voltandose ás Religiosas, lhes pedio, entoassem por ella o *Te Deum laudamus*, pois era chegada a hora, que suspirara em toda sua vida.

Mas foy cousa de reparo, que naõ se lhe ouvindo nunca nella palavra, que soasse a galantaria, algumas se lhe escutaraõ agora, ditas com alegre semblante, e boa graça, (por mais que a consumisse a febre em huma viva lavareda) porque sendo curta a cama, em que a deitaraõ, disse sorrindose: *Basta, minhas Madres, que tantos annos me naõ deitey em cama, para vos servir; e agora que foy forçado deitarme, he em huma, em que me naõ posso estender! Ora mandem ao coveiro, que me faça a cova mais comprida, que he cama, que a ninguem vem curta, que todos cabem nella.* Como a febre crescia, e huma Religiosa, que a via estar abrazando, lhe dissesse: *Que se conformasse com o que Deos dispunha, pois era servido de lhe adiantar naquella cama o Purgatorio*, respondeo com igual viveza, que segurança: *Admirome, minha Madre, de Vossa Reverencia me dizer tal! Isto he Purgatorio? Folgara eu de padecer por meu Senhor até o dia do Juizo!*

Recebeo todos os Sacramentos com elle inteiro, e socegado, e grande consolaçaõ de sua alma; e vendo, que era tempo de lhe rezarem o Officio da agonia, perguntou, se tinhaõ já entrado os Padres; e dizendolhe huma Religiosa: *Para que perguntava por elles? Se se queria confessar?* Respondeo: *Confessar naõ; que pela misericordia de Deos naõ o reservey para este tempo, mas para acabarem já de me mandar para meu Senhor Jesu Christo*; e abraçandose com elle crucificado, depois de acabado o Officio, pedio a véla, e com hum suspiro, e algumas palavras, que lhe dizia, e lhe sahiaõ da alma, a poz em suas mãos com socego, e confiança, em 15 de Setembro de 1659, dia para a Ordem fortunado, em que celebra a Thaumaturga Imagem de nosso Patriarca, que a Virgem Senhora trouxe do Ceo á terra ao nosso Convento de Soriano em Calabria.

CAPITULO XXXVI.

Da Madre Soror Maria de Jesus.

GRandes vozes saõ as do exemplo; naõ só aconselhaõ, parece, que obrigaõ. Aquella acçaõ, que se toca com a maõ da experiencia, naõ se póde negar; e aquella irrefragavel verdade, que está sempre testemunhando o que he, se he boa, sem duvida affeiçoa contemplada a

dalli

dalli lhe vem o obrigar para seguida. Esse foy o conselho do Senhor, quando quiz ensinar seus Discipulos a reduzir; encomendoulhes a obra primeiro que a doutrina; que antes propuzessem a vida, que expuzessem a palavra; porque o exemplo he mais rhetorico, que a lingua, por ser todo huma persuasiva muda. Vellohemos agora. Entrou Sor Maria por morte de sua mãy com mais duas irmãas no serviço de Dona Maria de Mendonça, Marqueza de Aguiar; e ainda que de tenra idade, com tal genio, e capacidade, para saber escolher, e seguir o melhor, que reparando na vida da Marqueza, (a que naõ excedia a da mais timorata Religiosa) se convenceo tanto com seu exemplo, que desconhecendo as desculpaveis verduras dos poucos annos, se adiantou a elles em hum modo de vida, que parecia meditado na mayor madureza da razaõ. Despio, e deixou as galas, por mais que nella antes eraõ costume, que vaidade, e começou a tratarse honesta, e singelamente. Jejuava trez dias na semana, e com estreiteza. Nas sextas feiras da Quaresma, e outros muitos dias, assim em todo o anno, como nella, a paõ, e agua. Deuse á liçaõ dos livros de espirito, de que tirava grande fruto.

Qui autem fecerit, & docuerit. Matth.

Levantava os olhos, via recolher a Marqueza, e o Marquez a seus quartos, gastar horas na oraçaõ em seus Oratorios; enchiase de santa enveja, vendo aquelle retiro entre o fausto, attençoens, e correspondencias do Mundo: e fogindo aos olhos de todos, (em ficando livre da occupaçaõ, que tinha a seu cargo) trocava seu aposento em o mais retirado deserto; esquecia-se orando, até que a natureza a obrigava a pagar pouca pensaõ ao sono, e quasi sempre ou encostada na cama, ou sobre huma nua cortiça; inflammava-se no amor de Deos, e muitas vezes de sorte, que para desafogar aquella febre da alma, appellava á larga sangria da disciplina. Depois de breve descanço, (como se tivera passado a noite com muito) madrugava para a oraçaõ vocal do Rosario, e Officio de nossa Senhora, a que a levava huma singular ternura. Assistia depois á Missa, que era o seu pasto quotidiano, commungando com o desejo, que sempre trazia faminto daquella Angelica, e sagrada iguaria, por mais que frequentasse a sua Mesa.

Vinte e sete annos contava já com este estilo de vida; mas chamava-a o Ceo para outra mais estreita. Resolveose a buscalla na Clausura desta Casa do Sacramento, por mais que intentaraõ embaraçalla, achando só da sua parte o voto da Marqueza, que antes a envejava, que a despersuadia. Recolhida já nestes santos Claustros, (em que só accresceo á sua vida a pensaõ da obediencia) começou a gostar hum socego dalma, como despida dos cuidados da terra. Em nada disvelava os seus, como em agradar a seu Esposo, e desfazer em si tudo o que podia servir de agrado. Era, ou fora destra na guitarra, e em se acompanhar com ella com boa voz, e melhor gala, prenda, que tivera de muy menina; já em casa da Marqueza havia annos,

nos, que a naõ viaõ usar della, nem rogos, nem industria; agora ajudava o Coro com gosto, e gabos de todas as Religiosas; sentia verse singular entre todas; pedio a Deos, que lhe escurecesse o metal da voz; inferiose assim do que a descontentava verse estimada, e da brevidade, com que hum estilicidio a deixou rouca, e satisfeita. Mas como era destra na solfa, aprendeo logo viola de arco, com que ficou servindo o Coro.

Era elle o seu centro; alli descançava da penalidade continua, a que a sentenceava sua penitencia, porque a oraçaõ era o sustento, e o recreyo de sua alma. Alli acabava de conhecer o quanto fora vaõ o receyo de seguir aquella vida, porque estando ainda no seculo, levantava os olhos com horror aos apertos desta Casa, obrigando-a elle a entrar em pensamentos de buscar outra de menos estreiteza; mas já esta naõ só lhe naõ parecia rigorosa, mas muitas vezes frouxa. Assim carregava a maõ nas penitencias, temerosa das representaçoens do Inferno, com que a perseguia o inimigo, em que padeceo muito. Recorria á oraçaõ, que era o seu sagrado; e entendeose, que nella recebia particulares mimos de Deos, de alguma palavra, que chegou a dizer com inadvertencia. Achavase huma vez na oraçaõ, banhada em Celestial complacencia, e elevada a huma familiaridade, e uniaõ grande com Deos; aproveitouse da occasiaõ, e disselhe: *Senhor, façamos hum contrato, eu me naõ quero affligir mais com estes receyos, que sempre trago diante dos olhos. Tomay vós á vossa conta a minha salvaçaõ, e eu ficarey com o cuidado de me empregar em vos servir, de sorte, que eu naõ tenha cuidado em mim.*

Foy taõ poderoso este acto de resignaçaõ, que, cessando logo a bataria do inimigo, a naõ perseguio mais semelhante receyo. Parece, que escutara a Madre Sor Maria o conselho de hum grande experimentado na Providencia de Deos, como foy David, ensinando, que nos puzessemos nas mãos de Deos, que elle disporia a nossa melhora; que quando nos apertasse o inimigo, commettessemos a Deos todo o cuidado, porque elle naõ permittiria, que fluctuassemos nos receyos da eternidade: *Jacta super Dominum curam tuam, & ipse te enutriet; non dabit in æternum fluctuationem justo.* Foy correndo o contrato; e como o Senhor teve cuidado de livrar a Sor Maria do martyrio do seu receyo, ella naõ tinha outro cuidado mais, que servillo com tanta ancia, que tudo lhe parecia pouco para o a que se obrigara.

Ps. 54. n. 23. Pungunt tam adulatores, quam detractores, quam ipse diabolus; sed ut non timeas eos, jacta super Dominum curam. Hugo hic.

Supposto o jejum dos sete mezes, em todo o anno levava trez dias na semana de paõ, e agua. Da porçaõ, que lhe dava a Communidade, por mais que limitada, tomava o menos, dizendo, (para lhe ser permittido) *que o mais lhe fazia damno.* Qualquer prato, que se accrescentava na mesa, escusava como regalo; sentindo muito, quando os achaques a obrigavaõ a sustento mais delicado. Abrazavase em amor do proximo; entravaõ os seus inimigos na primeira supplica, que fazia a Deos, depois os parentes; e naõ dei-

xou de ser digno de reparo o que succedeo a hum seu irmaõ, por quem continuamente orava com instancia. Ardiaõ por este tempo em guerras as duas Coroas de Portugal, e Castella. Era o irmaõ bom Soldado, e achava-se por Cabo em Barbacena, lugar pequeno; pedia Sor Maria a Deos com grande ancia, que lhe guardasse a vida, por serem taõ arrebatadas as mortes da guerra. Succedeo cercar ao lugarejo o exercito Castelhano, resistindo, e naõ querendo entregarse o Cabo; durou pouco a contenda, foy entrado com ira militar, e passando tudo a ferro, tomaraõ o Cabo vivo, senteneeado logo a ser arcabuzeado, por ter resistido a hum exercito Real, pondo se em defensa em hum lugar sem ella. Oppozse á sentença hum Castelhano de respeito, concedeoselhe a vida, quando ninguem a esperava, e foy remettido a este Reyno, donde depois acabou com demonstraçoens de predestinado. Contava-o assim quem teve noticia do successo, e tinha razoens para formar juizo de que ás supplicas de Sor Maria se deveo aquelle effeito.

Seguida de rigorosos achaques, entrava continuamente com seu Esposo naquella demanda de Agostinho: *Senhor, aqui quero, aqui vos pesso, que me afflijais, para que depois me perdoeis.* No meyo de continuadas, e agudas dores (que abraçava com inteireza) naõ admittia remedios, sem o preceito da Prelada; menos alivios das Religiosas, que lhos queriaõ inventar compassivas, dizendo: *Que naõ tinha, nem queria mais refrigerio, que contemplar na Paixaõ de Christo.* Suspenderaõ selhe de improviso as dores, depois de a chegarem ao ultimo extremo no martyrio de trez dias, dizendo ella a Deos no fim delles: *Que alli estava a sua constancia; que só lhe pedia paciencia.* Tornaraõ a perseguilla, e a prostralla dahi a tempo; desengaraõna os Medicos que eraõ mortaes. Escutou-o com alvoroço, e respondeo a quem lhe fazia nelle reparo, e lhe dizia, que sua irmãa (Religiosa na mesma Casa) o sentia muito: *Digaõ a Soror Francisca, que viva com gosto, porque me hey de salvar pela misericordia de meu Senhor.*

Esperava já o ultimo instante sem alento, quando, movendose entre as Religiosas, que lhe assistiaõ, a pratica sobre o infinito preço do sangue de Christo, e como nos valia naquelle ultimo aperto, em especial o do Lado; levantou a cabeça a moribunda (admiradas as que cuidavaõ, que a nada attendia) e disse: *Sim, esse sangue já o Senhor mo tem dado.* Achavase alli a Prioreza, perguntoulhe o que dissera, e ella como alcançada, tornou: *Digo, que muitas vezes tenho pedido ao Senhor a valia desse sangue.* Entraraõ a rezarlhe a Ladainha, porque já com os olhos fechados espirava por instantes; chegoulhe entaõ huma Religiosa a Imagem de Christo crucificado, e pozlhe o Lado do Senhor na boca. Abrio os olhos, e com tanta viveza, que se suspenderaõ todas, e ella pondo-os no Senhor, lhe entregou a alma, podendo entenderse a gloria, a que passou, acabando com o privilegio daquelle domestico, e familiar de Deos, que em o seu osculo, e a sua

a sua obediencia acabou a vida. Favoreceraõ a conjectura seus Confessores de muitos annos, que em toda ella lhe naõ acharaõ culpa mortal, nem venial grave, com advertencia, ouvindo-selhe ao mesmo tempo dizer a ella fallando com muito pezo: *Que os peccados, que ella tinha, naõ os teria nenhuma Religiosa.* Tal foy sua humildade! Tal sua morte, em 17 de Julho de 1660.

CAPITULO XXXVII.

Da Madre Sor Theresa de Jesus, e de Sor Mariana de S. Joseph.

IRmãa inteira da Madre Sor Maria Magdalena do Santissimo Sacramento, foy a Madre Sor Theresa de Jesus, conseguindo ambas aquella bençaõ da fraternidade unida, e consagrada a Deos, como cantava o Rey Profeta do Povo de Deos junto em o Templo (que edificara Zorobabel) á vista da Arca, em que se guardava o maná; e dizendo, que a Deos era agradavel, e jucunda aquella fraternidade (que diante da sua Arca o levava) segurou logo, que assim conseguia huma bençaõ graciosa, e huma vida eterna: *Ecce quam bonum, & quam jucundum habitare fratres in unum... quoniam illic mandavit Dominus benedictionem, & vitam usque in sæculum.* Mas naõ tomemos a penna da maõ aos Expositores, bastenos apontar, que na Casa de Deos, e á vista da Arca (onde com especialidade se venera o maná verdadeiro) se ajuntaraõ estas duas irmãas, a que depois do sangue tornou a unir a virtude, grangeando com esta fraternidade sacrificada o agrado de seu Esposo, e lograr com elle as delicias do eterno thalamo. Bastava esta circumstancia para noticia do que foy Sor Theresa, tendo já examinado (como fica escrito) a de sua irmãa Sor Maria; mas vejamos os passos, com que se chegou, e unio a ella.

Canentes coram Arca reperta in Templo à Zorobabele exstructo. Thomas le Blanc super Ps. 132.v.1.

Juntamente com sua irmãa tomou Sor Theresa o habito nesta Casa, em huma quinta feira. Correo suavemente o anno de approvaçaõ, dando tantas, e taes mostras de sua capacidade, e refórma, que poucos annos depois foy Mestra de Noviças, assistio na Sacristia, e na Roda, lugares mais publicos, em que se conhecia a boa intelligencia, com que dava expediente a tudo o que se applicava. Instava nesta Casa a eleiçaõ de Priorezа, e já nos animos de todas era ella a Prelada, quando lhe embaraçou esse trabalho o de hum achaque repentino, que a deixou impossibilitada para o cargo, porque sendo até alli sãa, o que mais teve de vida, teve de achacada.

Naõ bastou isso, para faltar aos exercicios da Casa, e nelles taõ adiantada, que foy necessario, que o preceito lhe tirasse da maõ a disciplina. Mas parece, que lhe pagava o Ceo a resoluçaõ de o querer buscar pelo caminho mais aspero, illustrando-a com alguns conhecimentos do futuro, como se póde colligir de hum caso, que lhe succedeo, sendo Mestra de Noviças, que para melhor se ajuizar, contaremos com todas as circumstancias.

Entraraõ duas moças de pouca idade no Mosteiro a tomar o ha-

o habito; chegando ao Coro, e vendo huma, que metia a Prelada a tisoura nos cabellos da outra, levantou a voz, e disse: *Que lhos naõ cortassem a ella, porque estava resoluta a naõ ser Freira.* Assustaraõ-se as Religiosas; chegouse a ella a Prioreza, a Mestra, e algumas das mais antigas; propondo-lhe razoens, que rebatessem aquelle desatino, segurandolhe de quem podia ser o conselho. Passaraõ a persuadilla ao humano, com o que estranharia o Mundo, e naõ conseguiraõ outra reposta, mais que a mesma resoluçaõ obstinada. Mas nem assim mereceo menos piedade na Prelada, e mais Religiosas, antes accommodandose ao seu gosto, vieraõ, em que vestisse o habito, e lhe naõ cortassem o cabello, esperando, que o Ceo lhe abrisse os olhos do conhecimento, para voltar ao primeiro proposito.

Veyo no partido; vestio o habito; mas continuando na resoluçaõ de naõ querer ser Freira; chamaraõ seus parentes; e tirandolhe a Madre Sor Theresa o habito, para entregalla, para mayor castigo lhe quiz tambem tirar o Rosario, que todas trazem ao pescoço. Resistio a moça, instou a Mestra, até que vendo o pouco, que valia contra a resistencia, lho deixou levar. Pouco depois, achando-se com algumas Religiosas, disse a Madre Sor Theresa: *Que aquella moça havia de tornar para o Mosteiro, e nelle havia de morrer Freira.* Alteraraõse as Religiosas; e reprovandolhe o dito, assentaraõ, que só inimigas da Religiaõ dariaõ tal voto; que taõ difficil seria o receberemna, como fora o reduziremna. Naõ respondeo palavra a Madre Sor Theresa; mas o successo favoreceo a sua, porque naõ passaraõ cinco mezes, quando a moça, tornando a pedir o habito, teve os votos, e entrou no Mosteiro, e com grandes mostras de espirito. Diga o leitor, se he digno de reparo, e se se póde ajuizar o que temos dito.

O em que mais sobresahio o espirito da Madre Sor Theresa, foy nos empregos de caritativa; e com as doentes mais extremosa. Em hum caso raro diremos tudo o que toca a este pouco, e ficará entendido, assim o que a Madre Sor Theresa obrava, como o que merecia. Era Enfermeira, e tinha na Enfermaria a Madre Sor Isabel de Jesus, martyr das suas chagas, e já visinha á morte, com grande inflammaçaõ, e purgaçaõ asquerosa nellas. Chegouse hum dia para lhas lavar; e indo-as a descobrir, lhe fez hum tal asco, e repugnancia (ainda só á vista) que lhe vieraõ impulsos de deixar a doente, e pedir a outra Religiosa, que executasse aquella piedade. Mas ao mesmo instante sentio abrazarse seu coraçaõ em huma viva lavareda de caridade; e lançandose, como sequiosa, a pôr os beiços nas chagas, naõ só lhas beijou, mas chupou, e engolio o asqueroso humor, que havia nellas. Cresceo mais a sede, como se fosse cristalina a fonte, sem poder fartar os beiços dos fervorosos osculos, porque em quanto os repetia, sentia banhar sua alma de huma extraordinaria consolaçaõ, que naõ cabia nella. Heroico acto de mortificaçaõ, e caridade! Lido, e imitado de sua sua Madre Santa Catharina de

Sena; e melhor testemunho do que obrou, e do que mereceo, caritativa, e mortificada.

Soube-se este caso, por permissaõ do Céo, que naõ quiz, que a acto taõ heroico lhe faltasse, nem o premio de publicado. Ao tempo, em que Sor Theresa estava engolfada naquelle abysmo da caridade, estavaõ tambem as Religiosas no Coro, assistindo ao Senhor, que naquelle dia estava exposto, e entre ellas a Madre Sor Maria de Saõ Joseph, de que já atraz deixamos noticia; lembroulhe a esta Madre, como por inspiraçaõ, que a Enfermeira (era como fica dito a Madre Sor Theresa) naõ tornara a entrar no Coro, depois que commungara (final de que a tinha preza a sua lida) e resolveose a sahir do Coro, para que assistindo ás doentes, viesse a Enfermeira lograr o alivio de assistir ao Senhor Sacramentado, e alivio taõ suspirado de toda a Casa, que essa circumstancia lhe costuma dar aos dias o nome, e a estimaçaõ de festa.

Com este pensamento sahio Sor Maria do Coro; entra pela Enfermaria, quando vê a Sor Theresa com os joelhos em terra, e a boca nas chagas da enferma; suspendeose á vista daquelle espectaculo, e muito mais da ancia com que se continuava; e retirandose sepultada em silencio, o naõ rompeo, senaõ ao fim de sua vida, contando o successo á Madre Sor Antonia da Magdalena, (que hoje vive, quando isto escrevemos) que guardando esta noticia, a teve muito casualmente, com as circumstancias mais occultas, pela mesma Madre Sor Theresa, que ignorando, que se sabia o sogeito, contou o caso, em prova do que o Ceo estimava semelhante sacrificio.

Trez annos antes de sua morte, teve huma doença, que lhe durou com a vida. Escusou-a este martyrio continuado, de ter mais officio; e vendose livre, entregouse toda ás importancias de sua alma, e disposiçoens para a ultima hora, entendendo, que naõ podia haver cousa mais proxima, que a que a todo o instante devia ser esperada. Naõ lhe permittiaõ, que fosse a Matinas, dispensaçaõ, de que se vingava, assistindo no Coro quasi todo o dia, e grande parte da noite; assistencia, de que só a tirava a caridade com as doentes, que a levava á Enfermaria.

Com este estilo de vida passou os trez annos, cahindo ao cabo delles de huma febre, a que logo chamou ultima, dizendo, que já se naõ levantaria da cama, mais que para a sepultura; e que a jornada naõ tardaria muito, porque aquelle era o ultimo aviso. Assim pedio os Sacramentos, quando lhe pareceraõ necessarios, recebendo-os com vivas demonstraçoens de fé, e esperança na Divina misericordia, gastando o mais tempo, que lhe durou a vida, em piedosos colloquios com as Imagens de hum Crucifixo, e da Senhora do Rosario. Admiravaõse as Religiosas de a verem com tanto socego, e paz de consciencia, sendo que fora perseguida de escrupulos toda sua vida. Chegava o ultimo espirito della; confessou, que hum Crucifixo, que trouxera, e tinha ao pescoço, era de seu irmaõ o Padre

dre Fr. Joaõ da Cruz, que para o ter naquella hora comsigo, lho tinha emprestado. Assim se abraçou com elle, entregandolhe sua alma naquelle thalamo, em que estendeo a maõ para a receber esposa.

Foy seu falecimento em huma quinta feira, (dia todo de seu gosto, por consagrado ao Sacramento, e dia, em que entrara nesta Casa a acompanhallo, e servillo) 10 de Fevereiro de 1661. Mas naõ mereceo só o reparo a circumstancia do dia; tambem podia haver algum na hora, porque faleceo pelas quatro da madrugada. Tinha-se observado, que recolhendo-se a Madre Sor Theresa de Matinas, ou gastasse o mais tempo em oraçaõ, fugindo os olhos, que a podiaõ testemunhar no Coro, ou no tempo, que naõ hia a elle, despertando ás quatro horas, infallivelmente a ellas sahia da cella, e hia espivitar a alampada, que no Coro arde diante do Santissimo; e dahi até Prima gastava orando. Viaõ agora, que á mesma hora falecera; e queriaõ entender o que aquelle pequeno serviço obrigava a quem se fazia, pois na hora delle a chamava á eterna felicidade.

Naõ deu menos mostras de a merecer Soror Marianna de S. Joseph, em que a brevidade da vida nos roubou mayor assumpto para larga escritura; mas se em poucos annos couberaõ muitos merecimentos, em poucas regras podem caber grandes noticias. No seculo se chamou Dona Marianna de Almeida, por filha de D. Joaõ de Almeida; sua mãy Dona Violante Henriques. Os appellidos testemunhaõ bem sua nobreza; de doze annos entrou nesta Casa em dia da Purificaçaõ de nossa Senhora; chamouse Soror Marianna de S. Joseph; e entrando nesta idade, se lhe dilatou a profissaõ até os dezanove annos, naõ porque em alguma cousa desmerecesse, porque era sua vida hum exemplo de innocencia, humilde, obediente, sofrida, e retirada, virtudes, que lhe grangearaõ tanta opiniaõ, que unidas a huma rara compostura, de que era dotada, obrigava a ella, donde quer que fazia assistencia.

Na do Coro edificava a quem lhe punha os olhos, encontrando nella huma mortificada estatua da modestia; assim recolhia ao interior todos os sentidos, que nunca vio, nem attendeo, fóra do Officio Divino, a cousa, que se fizesse no Coro; os olhos, ou no chaõ, ou no livro. Voltados á Igreja, só ao rezar ás Imagens, ou ao assistir á Missa. Era grande sua singeleza, mas de espirito, e naõ por defeito de entendimento claro, porque nas cousas de Deos era taõ destra, que naõ necessitou de Mestra, para compor sua vida. O principal emprego de sua devoçaõ era o Santissimo Sacramento, a Paixaõ de Christo, a Senhora do Rosario, a quem depois deste rezava o Officio pequeno, e outras devoçoens quotidianas, de que se teve noticia, porque se acharaõ em hum quaderninho apontadas da sua letra. A nosso Patriarcha com affecto, e veneraçaõ de verdadeira filha, rezava todos os dias o seu Officio menor, sendo todo o seu disvelo o ornato das suas Imagens, occupaçaõ para ella de grande alegria, como o fa-

fazer o mesmo obsequio a S. Joseph, seu grande Tutelar, e escolhido Padroeiro.

Tomara de memoria hum quaderno, que lhe veyo á maõ, em que estavaõ escritos os tormentos da Paixaõ de Christo, repartidos pelas horas do dia, e da noite. Assim naõ dava hora, em que naõ repetisse com hum vivo affecto da alma: *Bemdita, e louvada seja a hora, em que meu Senhor Jesu Christo padeceo tal tormento*; e dizia o que pertencia áquella hora. Isto fazia, por mais que se achasse com companhia, ou com occupaçaõ, que a tivesse applicada. Póde daqui crerse, que andava Sor Marianna em huma meditaçaõ continua do que repetia taõ continuada; e inferirem-se os effeitos, que causaria em sua alma aquelle doloroso espectaculo, de que naõ divertia as attençoens da memoria.

Daqui sem duvida lhe nascia hum desprezo, com que se desejava tratada; sem reparo de estimaçaõ, ou menos preço, que se fizesse della; final de huma alienaçaõ de todas as humanas pensoens da natureza, e de huma vida já espiritualizada. Assim naõ houve successo, ou semrazaõ, que alterasse a paz de seu espirito. Baste para prova este caso. Deixou huma Noviça cahir hum candieiro no Oratorio; achava-se nelle a este tempo Sor Marianna; sahio a culpada a fazer diligencia para tirar a nodoa, e entrou logo a Religiosa, que tinha á cargo o aceyo daquella Casa. Molestada do que via, e achando a Sor Maria, a reprehendeo com demasiada, e repetida aspereza, entendendo, que era a culpa sua. Escutou ella o que se lhe imputava, e o como se lhe reprehendia; e pondo os olhos no chaõ, disse com brandura: *Seja pelo amor de Deos.* Entrava nisto a Noviça culpada, e confessando, e affirmando, que ella só o fora, ficou confusa a Religiosa do que ouvira, como arrependida do que excedera, e com a mesma admiraçaõ o contava.

No tempo, que foy Pupilla, se lhe dilatou o noviciado cinco annos; já Noviça, se lhe dilatou a profissaõ trez mezes; e naõ sendo sua culpa, e muy clara a semrazaõ de quem a tinha, nunca se lhe ouvio queixa. Taõ confórme estava com o que Deos dispunha, ou permittia! Professou em dia da Trasladaçaõ de nosso Patriarcha S. Domingos, e cumpriolhe o Ceo o desejo, que tinha de que fosse em Festa sua. Antes dellas, como das de nossa Senhora, fazia novenas de jejuns, disciplinas, e outras penitencias. Depois de professa, indo confessarse, lhe deu o Confessor o parabem, e perguntandolhe: *Se sabia, que cousa era ser professa*, respondeo com muita singeleza (mas naõ dissera melhor a mayor sabedoria) *Que era ser Esposa de nosso Senhor*, quem assim o entendia, naõ faria para o desmerecer no que obrava.

Trez mezes tinha só de professa, quando lhe deu huma inflammaçaõ na cabeça, causada de huma postema, que se lhe gerou em huma parte della, com taõ agudas dores, que descendolhe ao pescoço, hombros, e costas, naõ fazia movimento, que naõ fosse martyrio. Nem a repetidas sangrias, nem a medicinas mais custosas obedecia

o mal.

o mal. Já naõ havia remedio, mas ao desengano, era nella igual o sofrimento, offerecendo tudo á Paixaõ de Christo, e accommodando as dores ás partes, em que o Senhor as padecera em seu Sacrosanto corpo. As da cabeça ás chagas dos espinhos, as dos hombros ás do pezo da Cruz, as das costas aos açoutes, e assim as mais; acompanhava estes sacrificios com huma tal conformidade, e constancia, que levantando os olhos ao Ceo, rompia em fervorosos actos de amor, dizendo muitas vezes: *Senhor, e que tormentos saõ estes, para igualar meus peccados? Se sois servido de me dar outros mais crueis, que me atormentem até o dia do Juizo, que mayor gloria, que padecer por gosto vosso? Dobray embora as penas, mas dobray o sofrimento; que tudo, o que dispuzeres, será sempre para mim de mayor lucro.* Pasmavaõ as Religiosas, porque sempre tiveraõ a sua singeleza por menos judiciosa.

Deraõlhe o aviso de que os Medicos lhe mandavaõ dar o Viatico: e foy tal o seu alvoroço, como de quem sabia, para donde seria a jornada. Assim parece, que podia dizer com o Profeta Psalmista: *Lætatus sum in his, quæ dicta sunt mihi; in domum Domini ibimus: Senhor, grande he a minha alegria, porque me disseraõ, que estava em vesperas de ir á vossa Casa*; e assim deu a entender, que o esperava com segurança, porque tendo pedido, que lhe chamassem o Confessor, e vendo, que tardava, disse: *Como tarda este nosso Padre! Se elle houvera de caminhar para onde eu vou, elle se apressara mais.* Chegado o Confessor, e perguntandolhe o que queria, respondeo: *Quero ir para o Ceo.* Singeleza santa! mas resoluçaõ de quem na vida naõ fizera diligencias por outra cousa.

Recebido o Viatico, começou a esperar a morte, naõ só constante, mas contente. Poucas horas antes que ella chegasse, lhe deraõ huns gomos de limaõ doce, para poder mover a lingua seca ao rigor da febre. Levou o primeiro, e o segundo, mas chegando ao terceiro, e achando-o amargoso, e que lhe renovava as dores da boca, que tinha em huma viva chaga, disse: *Que naõ carecia de mysterio.* E accrescentou logo: *Eu só ao fel, que gostou visinho á morte meu Senhor Jesu Christo, naõ tinha offerecido tormento. Agora foy este o meu fel. Naõ comerey mais limaõ: tudo está consummado.* Pedio logo a Unçaõ, e attendendo a ella, e ao Officio da agonia com piedosas demonstraçoens, inteiro juizo, e admiravel socego, entregou o espirito nas mãos de de seu Esposo, a quem imitara espirando, como vivera com elle padecendo.

Faleceo em huma terça feira, em 27 de Setembro de 1663. que era hum dos dias, em que pedia a Deos a sua ultima hora. Alguns sinaes precederaõ a ella, porque naõ estando ainda dada a sentença pelos Medicos, de que Soror Marianna morria, indo sua irmãa Sor Magdalena das Chagas huma noite, e já tarde, recolhendose para a cella, e com os olhos em huma alampada, que dava huma luz clarissima, vio, que de repente se apagava, e no mesmo instante assaltada de hum grande pavor, lhe

lhe veyo ao sentido, que morria sua irmãa Sor Maria. Outro sinal houve, e este só a ella parece, que foy manifesto, porque dous dias antes que espirasse, sentio hum suavissimo cheiro, que lhe cercava a cama. Perguntou ás Religiosas: *Que perfume era aquelle taõ suave*; e respondendo todas, que nem alli, nem mais distante havia perfume, se callou, como alcançada do que dissera. Parece, que já se avisinhavaõ a seu espirito as fragrancias, de que se hia avisinhando ás amenidades eternas.

CAPITULO XXXVIII.

Das Madres Soror Joanna do Rosario, e Soror Catharina de Jesu Maria.

BEmafortunadas Familias, que com taõ conhecidos avanços souberaõ commerciar com esta Casa, dando-lhe filhas, que ella lhe melhorou Santas; mas naõ tem menos lucro taõ bem assentado commercio. Delle lançaraõ maõ D. Joaõ de Almeida, e Dona Violante Henriques, (de que já fallamos) mas merecidas memorias dos repetidos assumptos, que nos deraõ para estas. Hum, e outro appellido assaz celebre, como illustre neste Reyno, levando comsigo as Casas de Portugaes, Vilhenas, Menezes, e Noronhas, de que os Nobiliarios Portuguezes estaõ cheyos, e authorizados; mas muito mais sua Casa, por fecunda, naõ só de filhos, mas de filhas, que foraõ quatro, e vieraõ povoar esta do Sacramento. Foy huma dellas a Madre Sor Joanna do Rosario, que de seis annos se sepultou nestes Claustros, deixando a seus pays taõ saudosos, como satisfeitas as Religiosas, porque depois das prendas da natureza, de fermosura, e graça, sobresahia nella a boa inclinaçaõ, e indole para o caminho da virtude, acertos, que ainda lhe naõ podia aconselhar a idade; mas por isso mais estimados, como presagios, que adiantava o Ceo a prometella toda sua.

Era rara sua modestia, com circumstancias mais que dictadas da natureza, sem haver nella acçaõ, que lhe podesse testemunhar a idade. Assim passou á de Pupilla, sem a distinguir entre as Noviças mais que o nome, como depois Noviça, sem se distinguir da mais reformada da Casa. Já professa, e fóra de Noviças, era espelho, a que se compunhaõ todas. Assim succedia, chegando ella, ir com grande reparo a pratica, em que se entertinhaõ algumas, porque em ouvindo palavra menos sesuda, (proferida talvez para despertarem a sua boa graça, que em tudo tinha muita) dizia logo: *Que naõ desaseassem a casinha*; este nome dava á consciencia. Já de Pupilla adiantada aos exercicios da Casa, (que bastaõ a fazer a mais reformada Religiosa) tinha alguns particulares, que conservou, e ainda augmentou em toda sua vida, especialmente na austeridade dos jejuns, e na severidade das disciplinas.

Desde a quinta feira até ao Domingo continuava na meditaçaõ do que o Senhor padecera, e obrara da Cea até a Resurreiçaõ. Daqui lhe nascia huma paciencia nunca vencida, ou alterada. Mostrava-a melhor nas do-

doenças, porque necessitando de alguma cousa, vendose preza na cama, ou a naõ pedia, ou a esperava da maõ de quem reparasse mais nella. Pagava-se o Ceo tanto deste sacrificio, como o mostrou este successo. Estava gravemente enferma, e desejava (como medicina) hum pucaro de agua, a tempo que estavaõ as Religiosas na casa da recreaçaõ; naõ se resolvia a chamar nenhuma, só desejava, que viesse sua irmãa a Madre Sor Magdalena, e com este desejo a chamava, como fallando comsigo, quando a vê entrar pela Enfermaria. Perguntoulhe: *Quem a chamava*, respondeo: *Que o coraçaõ lhe estava advertindo, que viesse, e o fizera com tanta força, como se alguem a chamara.* Foy cousa digna de reparo, porque em semelhantes occasioens lhe succedeo o mesmo.

No trabalho, e serviço da Casa era a Madre Sor Joanna a mais prompta; e como era grande sua capacidade, governo, e providencia, tudo na sua maõ luzia, e avultava. Fizeraõ-na Procuradeira, e assim se viraõ assistidas as Religiosas, que naõ só se naõ conhecia falta, mas muitas vezes abundancia. Reparava-o de mais perto a Irmãa Conversa, que era sua companheira, admirando-se de ver, que em muitas occasioens tocava á mesa, faltando o necessario, e depois se experimentava de sobejo. Naõ podia succeder menos a quem movendo as mãos para o trabalho, levantava o coraçaõ ao Ceo, porque era sua vida huma contemplaçaõ continuada. Verdadeira discipula de seu Esposo, applicava-se ao trabalho, mas naõ se desvelava na falta do sustento. Tinha percebido a intelligencia do preceito Evangelico, naõ lhe faltou o premio de exercitallo.

Houve na Casa falta total de azeite. (genero mais preciso em Communidade, onde saõ pasto principal as hervas, e o peixe) Naõ havia aonde recorrer, porque a necessidade sempre curta achava mais barato fechar a boca para o sustento, que abrilla para pedillo. Tinhaõ-se esgotado as talhas, já as diligencias as achavaõ antes secas, que vasias; eis-que hum dia tornando a Irmãa Conversa a buscar nellas, antes desengano, que remedio, vê huma pequena, e cuberta; e chegando-se a ella, a acha cheia. Suspendese, considera, que em tantos dias, e tal aperto, naõ a podia ter deixado, ou a desattençaõ, ou o descuido; dillo á Madre Sor Joanna, culpando-se a si mesma, que seria tontice sua; mas naõ tardou muito o desengano, obrigando-as a levantar mais o pensamento. Torna o seguinte dia á dispensa, e lançando os olhos a huma talha grande, que por suas mãos alimpara o dia antecedente, a vê igualmente cheia, como a outra. Entaõ naõ teve liberdade para fechar os olhos á evidencia, antes os abrio, chorando de confundida, e segura do cuidado com que Deos tratava aquella Serva sua, lembrandolhe o mal, que duvidava no que cada dia lhe estava succedendo na sua officina; tudo mimos, com que o Ceo assistia, e honrava a Sor Joanna. Contou o successo á Prelada, porque encontrando-a ao sahir chorosa, lhe perguntou a causa; levantaraõ ambas as mãos

ao Ceo, e correndo a noticia por todo o Mosteiro, foy a Communidade ao Coro, entoando o *Te Deum laudamus*, e dando a Deos as graças pela Providencia com que lhe assistia; naõ sendo menos desvelada a que occupava com Sor Joanna pela caridade, com que desejava remediar aquella Casa, que a com que acodio á Viuva de Sareptha, por soccorrer o seu Profeta, naõ lhe faltando o azeite na talha.

3. Reg. c. 17.

Naõ valiaõ diante de Deos menos as suas diligencias, nem eraõ escutadas, e deferidas com menos presteza as suas supplicas. Viose em outra occasiaõ. Acabava a Madre Soror Joanna hum vestido rico de cor nacarado a hum Menino Jesus, de quem era muito devota, e desvelada no aceyo com que sempre o trazia: eis-que pegando nelle, lhe acha huma grande nodoa. Foy igual a que se lhe poz no coraçaõ, pelo grande alvoroço com que estava, de pôr ao Menino de gala ao outro dia. Fez publica a magoa, viraõ todas a nodoa, recolheo-se Sor Joanna, e queixando-se aquella noite ao Menino, por permittir em cousa sua aquelle desaceyo, mal rompeo a manhãa, acha o vestido sem nodoa, nem sinal de que alli a houvera; como ainda hoje se vê, e entaõ o viraõ todas as Religiosas, que o preciso da publicidade as fez em huma, e outra cousa testemunhas.

Faleceo huma irmãa sua, (Sor Marianna de S. Joseph, de que já fallamos) recolhia-se do enterro a Madre Sor Magdalena das Chagas, tambem irmãa de ambas; e perguntando-lhe huma Religiosa por Sor Joanna, que estava enferma, e como sentira a morte da irmãa, respondeo a Madre Soror Magdalena com rosto enxuto: *Sim he para sentir a morte de huma irmãa; mas Deos naõ nos deixa padecer.* Bem se vê, que venturosa seria a morte de Soror Marianna, e participada ás irmãas a venturosa noticia do lugar, a que passara sua alma, porque assim se desvelava o Ceo em consolar a Sor Joanna. Mas assim o sabia grangear a sinceridade, e pureza de sua vida, e a grande conformidade, com que se havia nos golpes della, sem romper em outro desafogo mais, que em o de louvar a Deos; lembrança, que ainda nos casos de mais sentimento a encontrava com a boca cheia de riso.

Deu-lhe huma febre aguda, da que disse logo, que morria. Teria mayores certezas, que huma, que apontava, porque aos primeiros dias, que cahio na cama, voltando-se huma vez para a parede, vio nella huma grande sombra; causou-lhe primeiro susto, socegouse logo, e disse com segurança, que morria. Naõ tardou muito a evidencia de que se naõ enganara, porque recorrendo-se ao remedio das sangrias, e achando-a debilitada a repetiçaõ dellas, começou a viver por instantes. Pedio os Sacramentos, e recebendo-os com socego, e suavidade de espirito, o poz nas mãos de seu Esposo, em hum dia de S. Jacintho, 16 de Agosto, ás duas horas depois da meya noite, anno de 1665.

Muito semelhante á Madre Soror Joanna em qualidades de sangue, e virtude (e naõ menos na criaçaõ nesta Casa, onde tam-

tambem entrou de ſete annos, e com duas irmãas) foy a Madre Sor Catharina de Jeſus, neta do Conde do Baſto, como filha de Duarte de Albuquerque, e de Dona Joanna de Caſtro, filha do Conde. Continuou a meſma ſemelhança nas ſogeiçoens de Pupilla, começando já deſte eſtado a avultar nos exercicios da oraçaõ, e penitencia, recuſando o deſcanço da cama, eſpecialmente nas veſperas de Communhaõ, e noites de ſeſtas feiras, naõ permittindo ao corpo mais que o agaſalho, que promettia huma taboa nua.

Com a profiſſaõ creſceraõ as obrigaçoens, com os annos o exceſſo nellas, chegando Soror Catharina em breve tempo ao grao de virtude, e opiniaõ de verdadeira filha deſta Caſa. Taes ſaõ as qualidades, com que ſe grangea eſte nome! Incançavel na continuaçaõ das Matinas, até ás quatro da madrugada ſe detinha no Coro, naõ a embaraçando para a regular aſſiſtencia delle, nem os officios, em que a punha ſua muita capacidade. Aſſim diſpunha, e media o tempo, que acodia a tudo; e nem o trabalho da Enfermaria lho occupava todo, ſó a aſſiſtencia de alguma doente de perigo. Aos jejuns da Conſtituiçaõ accreſcentava muitos; eraõ continuados os de veſperas de Communhaõ, e Sabbados. O meſmo em Vigilias de alguns Santos, mas em todas as de noſſa Senhora a paõ, e agua. Muitos dias ſe abſtinha della; continuava-o mais pela Quareſma; e aggravando a mortificaçaõ, trazia azevre na boca. Uſava aſperos cilicios, tomava rigoroſas diſciplinas; e ſobre tudo, antes parece que ſe eſquecia, que ſe dilatava na oraçaõ. Tal era a ancia de naõ ter outra occupaçaõ na vida; enſinarlhehia a experiencia, que a naõ havia mais delicioſa. Taes eraõ os favores do Ceo, com que a frequentava.

Huma noite ſe lhe repreſentou, que hum Religioſo, ſeu Confeſſor, que aſſiſtia com o da Caſa na Vigairaria, eſtava muy apertado com hum eſtupor, que áquella hora lhe dera, mas que naõ morreria. Rompeo-ſe a manhãa ſeguinte a noticia no Moſteiro, e que o Religioſo, ſem eſperança de remedio, naõ admittia alivio. Soube-o a Madre Sor Catharina, e chamando o Confeſſor da Caſa, lhe propoz o que lhe ſuccedera, para que o doente eſtiveſſe com confiança. Pareceo diſpoſiçaõ do Ceo a felicidade deſta noticia, ſendo eſta Madre muy recolhida em materias de ſua conſciencia. Seguio-ſe logo no doente perfeita melhora, e depois larga vida, e em Sor Catharina confirmada a opiniaõ, que já tinha na Caſa.

Sendo Meſtra de Noviças, e tendo huma gravemente enferma, vio em ſonhos huma Religioſa, (amiga de ambas, que havia pouco falecera) e ouvio, que lhe dizia: *Levantate, e faze com que ſe dem os Sacramentos a eſſa menina, que certamente morre.* Acordou, e ſem dar credito ao ſonho, tornou a dormir, e logo a ouvir o meſmo, que primeiro. Tornou a acordar, e continuando no pouco reparo, dormio, e terceira vez ouvio o meſmo, e pelo meſmo eſtilo. Entaõ acordou com ſobreſalto, convencida já de que antes era

avi-

aviso, que sonho; vay-se á Prelada, pedindo, que se dê logo o Viatico á Noviça. Era alta noite, recusava ella desasocegar a Casa, e sem resoluçaõ de Medico, parecendo-lhe antes loucura, que cautela. Insta cada vez mais resoluta a Mestra; naõ costumava sem fundamento fallar com tanta confiança; conhecia-o assim a Prelada, chama-se a Communidade, entraõ os Religiosos, e dando-se á doente os Sacramentos, perde logo a falla, e em breves horas a vida.

Communngava duas vezes na semana, (sendo só huma da obrigaçaõ da Casa) e acompanhava este acto com copiosas lagrimas; seria, que se lhe derretia o coraçaõ no peito com as visinhanças do Sol, que recolhia na alma. Naõ havia occupaçaõ pertencente ao Coro, em que naõ fosse destra, como continua. Na de Cantora se empregava com grande gosto, quando lhe deu hum forte estilicidio, de que naõ fez caso, porque se naõ resolvia a deixar o serviço do Mosteiro. A falta de remedios a foy pondo em estado de tisica, e a de respiraçaõ em huma agonia continuada, em que se apurou sua paciencia, e o conhecimento do pouco caso, que fazia da vida. Rodeavaõ-lhe a cama duas irmãas, e algumas parentas; e vendo, que faziaõ huma devoçaõ pela sua melhora, disse: *E que despropósito fora tornar eu agora a desejar a vida! Meu Senhor, seja antes pela minha alma.*

Foy-se-lhe aggravando o achaque, e chegou-a ás portas da morte. Sacramentaraõ-na, pedindo-o ella com instancia, e devoçaõ, repetindo com muita: *Louvado seja Deos, que naõ he só para os bons, e Santos, mas tambem ouve os maos, que estaõ tremendo do Inferno.* A espacios dizia as palavras do Psalmista: *Ad te levavi oculos meos, qui habitas in cælis. Levantey os olhos a vós, Senhor; a vós, que tendes o Ceo por Palacio.* Estava com este socego, quando alterando-se hum pouco, disse: *Parece que estou para entrar em hum termo*; e sobrevindo-lhe hum accidente, repetio: *Santissimo Sacramento.* Foy a ultima palavra, que se lhe ouvio, porque brevemente passou a gozar a Bemaventurança, como a que acabava de repetir, que a pertendia, recorrendo ao penhor della. Assim se podia conjecturar, advertindo, que nem os horrores da morte poderaõ dissimular as luzes, em que já vivia seu espirito, percebidas em huma compostura desassombrada, e risonha, que lhe ficou no rosto. Faleceo em dia do Anjo da Guarda, 1 de Outubro de 1666.

CAPITULO XXXIX.

De Soror Maria Josefa, e Francisca do Rosario, Pupilla, ambas irmãas.

DUas irmãs com tantas igualdades (como promettia a harmonia do sangue) na inclinaçaõ, e no genio, e tantas na virtude, como se a graça seguira os passos da natureza, deu a Casa dos Condes de S. Lourenço a este Mosteiro, para o deixar enriquecido, como saudoso; taes foraõ suas prendas, e taõ breves suas vidas! Foraõ ellas Sor Maria de S. Joseph, que entrou

trou de nove annos , e Soror Francisca do Rosario , que entrou de sete. Eraõ as delicias dos Condes seus pays , Martim Affonso de Mello , e Dona Magdalena da Sylva , que sem escutarem os soluços a suas saudades , se despojaraõ dos mayores alivios da vida , sacrificando dous coraçoens em os altares da Clausura ; victimas taõ agradaveis a Deos , como o mostrou a experiencia do pouco, que as permittio á terra. Mas digamos primeiro de Soror Maria.

De nove annos entrou nesta Casa, desmentindo-os no modo com que se começou a portar nella , sem esperar , que as obrigaçoens de Noviça a puzessem no caminho de servir , e obedecer ; assim era humilde , assim diligente ! A todas excedia na modestia , e compostura ; e cativava a todas com notavel meiguice , e boa graça , favorecida em tudo o que dizia , e obrava , de suma esperteza , e fermosura. Chegou aos quinze annos , tomou o habito com tanto alvoroço , como se naõ principiara o seu cativeiro : mas tal era o seu cativeiro ; mas tal era o gosto com que viera buscallo ! Este a fez voar no anno de approvaçaõ , naõ havendo emprego de mortificaçaõ , e trabalho , em que se naõ adiantasse a sua diligencia , e a sua observancia. Naõ ouvia austeridades das que usaraõ as primeiras Noviças da Casa , que naõ exercitasse com igual rigor , por mais que lho culpava a compleiçaõ delicada , e já reduzida a grande fraqueza. Para o exercicio da oraçaõ , e para os mais de penitencia , que se usaõ na Casa , assim era desvelada , como a que vingava a sede , que nunca lhe deixaraõ satisfazer em Pupilla , tanto na assistencia das Matinas , (que por favor lhe deixavaõ naquelle tempo ir a algumas) como na frequencia das disciplinas , que a Mestra lhe tirava da maõ , esperando , que com o tempo criasse forças para aquelle exercicio.

Mas já agora tinha mais justiça para os actos de mortificada , ainda que escondia os que excediaõ a sua debilidade , como era hum aspero cilicio de ferro , com que rigorosamente se cingia , em podendo livrarse dos reparos da Mestra. Já em Pupilla usava esta penitencia , e a mesma cautela. Professou , que foy o dia mais alegre , como suspirado de sua alma , como quem naõ ignorava o Esposo , que conseguia , dispondose assim para o desposorio , como quem conhecia o ornato , de que se agradava seu Esposo. Mas naõ permittio elle , que ella o suspirasse muito na terra , porque dentro de dous mezes a chamou para o lugar de esposa. Precedeo huma febre , que exasperada com os remedios , desenganou a todos ; mas era tal sua paciencia , que (recorrendo-se aos mais rigorosos , que nem assim davaõ esperanças de melhora) naõ se via nella a menor repugnancia ; antes com semblante alegre ao dizeremlhe , que os Medicos davaõ o ultimo desengano , respondeo : *E porque? Eu naõ o conheço?* Sacramentaraõ-na , sendo nella tanta a devoçaõ , e inteireza , como nas Religiosas a lastima. Despediose de todas ; e depois de demonstraçoens de huma alma pura , perdeo a fal-

la, e dalli a pouco a vida, passando a restaurar huma, e outra na companhia de seu Esposo, para a lograr eternamente, vivendo, e louvando-o. Faleceo em 17 de Julho de 1666.

Seguio os mesmos passos sua irmãa Soror Francisca do Rosario, entrando nesta Casa de sete annos, já taõ adiantados em modestia, e concerto de vida, como se se anticipara a desempenhalla perfeita, o conhecimento de a naõ ter dilatada. Consentia ainda a sua idade (porque naõ eraõ ainda completos os sete annos) o entrar nesta Casa a ver sua prima a Madre Sor Antonia da Magdalena, que levada do amor, que lhe tinha, quiz esta vez, que ficasse de todo nella, pois os Condes seus pays naõ tinhaõ outro intento, por mais que sentiaõ, que a roubassem a seu gosto. Valeose a natureza dos poucos annos; sentio a menina saudosa o mimo, que deixava em seus pays, e sua Casa. Mas já a razaõ madrugava a enxugar as lagrimas, culpadas da inclinaçaõ, que nascera com ella, de escolher aquella vida. Assim lhe deu principio com tanto fervor, que servia ás Religiosas juntamente de confusaõ, e de gosto.

Levava-a hum singular affecto á Virgem Senhora do Rosario. Mostrava-o na assistencia, que fazia em huma Capella sua, onde muitas vezes a viaõ occupada com flores, e perfumes, acompanhados de grossas lagrimas, como se envejoso o coraçaõ quizesse fazer numero entre aquellas victimas. Acompanhava esta devoçaõ com a de jejuar os Sabbados. Outros dias mais, que para ella tinhaõ particularidade, usava a mesma abstinencia, occultando-a com industria, porque o debil de suas forças culpava o exercitallas. Levava a huma Irmãa Conversa, que assistia na cosinha, o que lhe davaõ, e guardava da cea; e advertindo-lhe esta huma vez, que guardasse os jejuns para quando fosse Noviça, respondeo: *E sabeis vós, se chegarey eu lá?* Parece que podia ajuizarse, que alcançava a brevidade de sua vida. Assim parece que a conhecia no muito que aproveitava.

Começou hum anno a jejuar a paõ, e agua os nove dias antes do Natal, consagrados á Expectaçaõ da Senhora; passados alguns, divisava-selhe já no rosto a fraqueza; deu parte á Mestra huma Noviça, que o sabia; e naquelle martyrio lhe embaraçavaõ o mayor gosto. A paõ, e agua jejuou as Vesperas de nosso Padre esses poucos annos, que viveo, naõ sendo a menos custosa circumstancia desta penitencia o occultalla. Tomava disciplinas, e usava cilicios com a mesma cautela. Recolhida na cella, tinha larga oraçaõ, naõ se contentando com a que em Communidade tinha no Coro. Nella, como nas occasioens de Communhaõ, eraõ taõ copiosas suas lagrimas, que na toalha se lhe representavaõ as nodoas.

Tinha todos os dias com a Senhora huma particular devoçaõ, vestindo-a, e ornando-a com oraçoens taõ devotas, como bem accommodadas. O Rosario era o vestido; o Officio menor da Senhora o manto; o seu nome (que se reza na Ordem com Psalmos, e Antifonas, pelas letras) o toucado; a coroa,

a que

a que se reza á mesma Rainha; o calçado nove Padre Nossos, e nove Ave Marias. De noite continuava as Matinas, que lhe permittiaõ, que naõ eraõ poucas; tal industria tinha para o conseguir das Preladas! Humilde, sofrida, e callada; naõ havia acçaõ religiosa, que naõ anticipasse em Pupilla. Suspirava com continua ancia por acabar a vida. Raros desejos naquelles annos! Consultou o Confessor com escrupulo, se seria culpavel este desejo. Aconselhoulhe elle, que o mais seguro era resignarse, porque ainda que fossem suspiros por ver a Deos, devia huma alma porse em suas mãos, porque só no seu decreto era infallivel o acerto.

Neste estilo de vida contava sete annos e meyo desta Casa, e quatorze e meyo de idade, quando lhe deraõ humas bexigas, que resolvendo-selhe, a reduziraõ a ancias mortaes, e faltas de respiraçaõ, que naõ podia dar hum suspiro; tormento, em que sofreo muito. Mandaraõ os Medicos, que se lhe dessem os Sacramentos. Magoadas as Religiosas, naõ havia huma, que se resolvesse a darlhe esta noticia, temendo, que o sobresalto lhe aggravasse a doença; mas a Madre Soror Antonia da Magdalena, como parenta, e inteirada do espirito da Pupilla, lhe propoz o desengano, accrescentando razoens para a conformidade do que Deos dispuzesse. A que respondeo Soror Francisca sem perturbaçaõ: *Agora vejo o que devo de amor a Vossa Reverencia, pois assim trata da minha alma: se esta he a vontade de Deos, quanto mais cedo, tanto melhor.*

Deraõlhe os Sacramentos, que recebeo com inteira advertencia, e devoçaõ, que compungia as Religiosas, e juntamente as admirava, vendo aquella idade taõ destemida, e taõ conforme. Ameaçou-a huma modorra grande; e voltando ás Religiosas, pedio, que tivessem cuidado de a acordar; que naõ queria, que a morte a achasse dormindo. Era vigilante, era sabia esposa; e naõ ignorava, que aquella era a hora de chegar o Esposo, e contingente sobir ao thalamo a que o naõ esperasse com disvelo. Poz os olhos em hum Christo crucificado; e perguntando-lhe huma Religiosa o que via? Respondeo: *Vejome a mim mesma*; e continuando algumas palavras, cheias de confiança, e espirito, espirou, passando-o áquelles braços, que via abertos, para a receberem nos eternos descanços, em 20. de Abril de 1688. dia de Santa Ignez de Monte Policiano, festivo para a Ordem, como ditoso para Soror Francisca. Affirmaraõ Religiosas, dignas de credito, ouvirem neste dia continuada, e repetida musica, percebida a suavidade della, mas ignorado donde nascia.

CAPITULO XL.

Das Madres Sor Leonor do Euangelista, Sor Ignez do Presepio; e da Irmãa Conversa Sor Domingas de S. Jacintho.

ENtrou nesta Casa a Madre Sor Leonor do Euangelista, promettendo o que logo começou a desempenhar a experiencia; porque sendo muito nobre por nascimento, abraçou a hu-

mildade religiosa com tanto espirito, que a diligencia sua naõ houve officio, ou occupaçaõ abatida na Casa, em que naõ empregasse toda sua vida. Assim a tinhaõ sempre por companheira as Irmãas Conversas nas suas officinas. No essencial de Religiosa, e observancia nos exercicios da Casa, era inculpavel. Nem os muitos achaques a faziaõ frouxa. Era de condiçaõ inteira, e fogosa; e o dominalla, foy o continuo martyrio de sua vida. Ella lhe fazia accrescentar os jejuns, dobrar mais a miudo a disciplina, e apertar o cilicio com mais aspereza.

Devotissima da Senhora do Rosario, sem duvida lhe mereceria o anticipado aviso, com que começou a esperar a morte, de huma doença, que a naõ promettia. Seguiose ao conhecimento a conformidade, e huma paz grande em seu espirito, acompanhada de brandura, em que se lhe trocou a aspereza do genio. Recebidos os Sacramentos, advertio ao Confessor, que o demonio a havia de inquietar na ultima hora, e que tivesse cuidado de a absolver, se a visse inquieta. Succedeo assim; porque perdendo logo a falla, e continuando o Officio da agonia, se inquietou muito, fazendo sinal ao Confessor. Absolvida, cerrou placidamente os olhos, como em hum suave sono, passando a abrillos em o eterno dia, que amanheceo á sua alma, em hum Sabbado, 2 de Julho de 1668, naõ deixando de merecer reparo a concurrencia festiva, que houve esse dia na Casa, por ser em hum Sabbado da Dominga infra octava do Sacramento, com que foy o corpo para o Coro, quando na Igreja se escutavaõ os instrumentos de trombetas, e charamellas. Ao Domingo se deu á terra, estando tudo ornado de branco, como pedia o Oitavario. Seguiose motivo de mayor reparo, (e de sentimento para as Religiosas, que sempre tiveraõ os seus Claustros por sepultura dos grandes effeitos de sua observancia) porque soou logo na Corte huma voz, que falecera no Mosteiro do Sacramento huma Religiosa santa, a quem nossa Senhora revelara o dia de sua morte, sem se averiguar donde este rumor se originasse.

Nem no nascimento, nem na virtude inferior abraçou a mesma vida, e buscou esta Casa a Madre Sor Ignez do Presepio. Foraõ seus pays Ruy de Mendonça de Vasconcellos, e Dona Jeronyma de Moura, naturaes de Lisboa. Nasceo com ella a inclinaçaõ aos Claustros da observancia, porque chegando a uso de razaõ, naõ havia nenhuma, que a despersuadisse de buscalla. Já contava os annos de o pôr em execuçaõ; venceo os pays com a supplica, e com a instancia; e tomou o habito com tantos alvoroços, como tinhaõ sido os desejos, e começaraõ a ser as promptidoens nas obrigaçoens delle. Assim foy hum vivo exemplar das Constituiçoens, e exercicios desta Casa, contandose entre as primeiras Noviças della, porque viviaõ ainda as Religiosas na primeira.

Obediente exercitou todos os officios, observante, o de Prioreza, e em todos como perfeita Religiosa. Nos jejuns, disciplinas, e mais penitencias, o que

mais

mais ſe ſabia, era pelos effeitos; aſſim era acautelada. Na oraçaõ continua;aſſim era recolhida.Diſpenſaraõ-na os annos muitos, e achaquoſos, de ſeguir a Communidade nas Matinas; mas aſſim madrugava para a vigia do Sacramento, que ainda as Religioſas eſtavaõ na oraçaõ dellas, quando vinha para o Coro, onde as mais das vezes contava as trez horas, gaſtando em oraçaõ até Prima, dalli a deſpertar as Religioſas para ella. Seis, ou ſete annos antes de ſua morte a affligio huma doença, em que padeceo muito; mas entendendo com invencivel fé, que no meyo daquella affliçaõ lhe eſtava Deos aſſiſtindo, como pelo ſeu Profeta promettera ao attribulado: *Cum ipſo ſum in tribulatione: Eu vivo junto do affligido.* Aſſim dizia com paciencia, e confiança: *Senhor, folgo, que eſtais aqui, e vedes o que padeço, porque, ſe aſſim naõ fora, quem me daria tanta paciencia?* E algumas vezes continuava, (voltando-ſe a quem lhe aſſiſtia) ſegurando, que deſejava acabar a vida, e padecer o golpe da morte, pois o meſmo Deos morrera por nós á força de dores, e aos olhos de ſua affligida Mãy.

Teve a occupaçaõ da Sacriſtia muitos annos, com igual aceyo, que diſvelo, em que a naõ deixava para o conhecimento do Senhor, a quem ſervia, e a experiencia dos exceſſos, e pontualidades, com que pagava, moſtrando muitas vezes na ſua Providencia o que ſe agradava daquella officina. Eraõ-lhe preciſos dez mil reis para obra, que o naõ era menos, e eſtava a ſeu cargo; andava com a affliçaõ de naõ ter a quem recorreſſe; eis-que hum dia, abrindo hum almario, acha nelle pontualmente o dinheiro. Poem os joelhos em terra, levanta ao Ceo os olhos, cheyos de lagrimas, repete entre devoçaõ, e alegria o *Te Deum laudamus*; e porque preſenciara o caſo outra Religioſa, que a ajudava, lhe diſſe: *Graças ſejaõ dadas a Deos, que naõ he eſta a primeira vez.* E ſem duvida lhe ſuccederia muitas, porque reparando huma Religioſa em hum quadro de noſſo Padre, que eſtava na Sacriſtia, e notando-o de mal affigurado, reſpondeo Sor Ignez com ſingeleza, e graça: *Sim; mas dá dinheiro.*

Com outros favores a tinha o Ceo mimoſa, porque em muitas couſas futuras fallou com ſegurança, e moſtrou-as depois a experiencia. Eraõ iſto luzes participadas a ſeu eſpirito do commercio continuo, que tinha com o Ceo por meyo da oraçaõ. Detinha-ſe huma noite nella em o Coro, a tempo que huma Religioſa (chegando a huma varanda) vio arder huma fermoſa lavareda ſobre o telhado delle. Foy examinallo, e na parte, a que correſpondia o fogo, achou a Madre Sor Ignez orando; aſſim ſe naõ eſtreitava o de ſua caridade na eſféra do peito, ſobia rompendo embaraços a buſcar o centro, de que cahira faiſca para ſe levantar lavareda. Taõ viva era a da caridade, com que amava a Deos, e abraçava ſeus preceitos, que até em padecer as penas eternas eſtava conforme, diſpondo-o aſſim ſua Divina vontade. Praticou-o algumas vezes reſoluta com peſſoa de eſpirito, a quem devemos eſta, como as mais noticias de

de sua vida. Foy ella taõ inculpavel, que muitas vezes lhe ouviraõ dizer: *Que nunca á noite se recolhera, entendendo, que chegasse ao outro dia; nem se levantou nelle com esperança de que chegasse á noite.* E memoria taõ bem occupada, como o naõ aconselharia a vida, se a industria de a conservar inculpavel, he o perder nunca de vista os fins della, como he documento do mais verdadeiro Oraculo.

Memorare novissima tua.

Contava setenta annos, quando a chamou Deos com huma rigorosa doença de terçans malignas. Como toda sua vida foy huma continua preparaçaõ para deixalla, tomaraõ os alvoroços o lugar dos aparelhos, e já Sacramentada, e amanhecido o dia, em que o Ceo dispoz sua jornada, chegando-se a vêlla as Religiosas, ouviraõ, que fallava comsigo, e com voz clara se pedia alviçaras de chegar já aquella hora. Voltouse logo a ellas, e disse: *Que nunca amanhecera com taõ grandes saudades de Deos, como aquelle dia.* Nelle, que foy em 20 de Julho de 1668. passou taõ ditosamente a alivialas, como se lhe mostrara o Ceo, que se acabava para sempre o tempo de padecellas.

Mas dem lugar estas duas Madres a huma Religiosa Conversa, que seguindo-lhe as pizadas na vida, o merece tambem fazer na memoria, ainda que a que nos chegou ás mãos, he assaz escassa, como vinda por algumas, mais advertidas em esconder, que em apontar. Foy esta Religiosa filha de pays honrados, e virtuosos, prendas unicamente estimaveis, e bem conhecidas em toda esta familia, mas com mayores augmentos a da virtude em Soror Domingas, divisada já em sua meninice, que bem doutrinada dos pays, e melhor illustrada do Ceo, naõ tinha já mais emprego, que pizar o seu caminho. Contava onze annos, quando já se achava muy adiantada nelle com os exercicios de contemplaçaõ continua na Paixaõ de Christo, a que offerecia muitos de mortificaçaõ, e penitencia, com grandes lucros de sua alma. Aos olhos della começou o Senhor a permittir a suavidade de sua presença, de que lhe nascia hum tal respeito, que nem no tempo, que precisamente havia de dar ao descanço, ousava descomporse, nem ainda tirando a toalha depois de Religiosa; assim dormia vestida.

Bem se infere qual seria a pureza de huma consciencia, que tinha sempre Deos á vista, sem se atrever a obrar acçaõ menos decente de sua attençaõ soberana. Com essa fraze nos dá noticia a Chronica Sagrada das vidas dos mimosos de Deos, dos Patriarcas, dos Profetas, dos Monarcas piedosos, e justificados, dizendo: *Que viveraõ na sua presença; que lhe aconselhou, que andassem sempre nella.* Venturosa alma na estimaçaõ de Deos, donde reproduzio, e achou o seu agrado as sinceras semelhanças daquelle primeiro seculo!

Ambula coram me Gene. 17. Ut ambulent coram me, sicut tu ambulasti. 3. Reg. cap. 8.

Amiudava as Communhoens, por conselho de seu Confessor, pessoa douta, e que conhecia o como devia conservarse a pureza de sua consciencia. Recolhida em si mesma, antes parece, que ignorava, que fugia os commercios da vida. Com o estilo desta chegou á idade de vinte e sete

ſete annos, em que entrou neſte Moſteiro, tomando o habito de Converſa, e avultando tanto na pontualidade das obrigaçoens delle, como promettia a ancia, com que buſcara o caminho de ſe adiantar mortificada. Era o ſeu preſtimo igual ao ſeu cuidado: via-ſe a Caſa bem ſervida, e edificada; aſſim era diligente, aſſim obſervante. Naõ tardaraõ os achaques, preciſos companheiros dos annos; mas nem o ſeu rigor a fez afrouxar no das Conſtituiçoens, menos nos que inventava, nunca ſatisfeita do que ſe perſeguia.

O ſeu comer era quaſi ſempre hervas; o mayor mimo dous ovos; pareceo-lhe regalo, e abſteveſe delles. Nem as occaſioens de feſtas, ou profiſſoens, em que ſe augmenta, e melhora o prato ás Religioſas, a obrigavaõ a diſpenſar neſta auſteridade. Deſpertava a Matinas, e ou antes, ou depois dellas, corria por ſua conta a vigia do Santiſſimo; favor, que procurado com inſtancia, alcançara da Prelada. Commungava duas vezes na ſemana, que ſempre a meditaçaõ, e penitencia a trazia diſpoſta. Com eſta frequencia ſe accendiaõ os deſejos em ſua alma, de chegar a lograr ſeu Eſpoſo na viſaõ eterna, e uniaõ mais intima, e ſegura.

Seguiaõ-ſe a eſtes deſejos deſprezos da vida, e a repetida confiſſaõ de que nada lhe agradava nella mais, que a eſperança de que chegaria a ſua ultima hora. Precederaõ a ella doenças rigoroſas; e contando já ſeſſenta annos a ultima, e taõ cruel, que as dores lhe tiravaõ o juizo, e ficava como frenetica. Paſſado o accidente, eraõ grandes as demonſtraçoens de ſua conformidade. Foy-a enfraquecendo o achaque, deraõlhe os Medicos a certeza de ſua morte, e eſcutou-a com tanto alvoroço, que voltando-ſe ás Religioſas, e levantando as mãos ao Ceo, dizia com o roſto banhado em lagrimas: *Que nunca tivera nova, que lhe déſſe tanta.* Recebeo os Sacramentos devota; e dizendo-lhe, que tinha o pulſo muito fraco, que já naõ poderia durar muito, reſpondeo com ſocego: *Pois iſſo aſſim he, ponhamonos a morrer.* Deſpedioſe das Religioſas com alegre ſemblante, e entre outras couſas, que diſſe, accreſcentou: *Que neſta miſeravel vida lhe tinha Deos feito muitas mercês*; e dandolhe graças por ellas, como por lhe apreſſar a hora, em que ſe via, taõ alegre para ella, acabou com o nome de Jeſus na boca, paſſando a contemplar nelle a verdadeira, e eterna alegria, em dia de noſſa Senhora da Appreſentaçaõ, 21 de Novembro de 1668.

CAPITULO XLI.

Da Madre Soror Magdalena das Chagas.

VEnturoſo nome, e appellido, que duas vezes ſe lê nas memorias deſta Caſa em duas filhas della, no nome parecidas, no ſangue parentas, nos Clauſtros reformadas, e ambas digno aſſumpto do noſſo trabalho, e grande credito deſte Moſteiro, renovando agora nelle a lembrança da Madre Soror Magdalena das Chagas, de que já eſcrevemos, viſavó deſta, de que eſcrevemos agora.

Cha-

Chamouse esta Madre no seculo (até nisso semelhança da parenta) Dona Magdalena de Vilhena. Entrou a ser Pupilla nesta Casa de oito para nove annos de idade, em que se faziaõ mayor lugar as prendas, que lhe deu a natureza, e já madrugavaõ, fazendo-a privilegio della. Com excellente voz acompanhava as Religiosas no Coro, admirava-as com repostas de vivo, e prompto entendimento, e edificava-as com a composiçaõ, e modestia de seu trato. Assim como se adiantava á idade, o fazia tambem á obrigaçaõ; porque ainda nas liberdades de Pupilla se viaõ nella as observancias de Noviça voluntaria; e gostava tanto o Ceo de a ver já a braços com o trabalho, que lho apressou em huma rigorosa doença, como apalavrando-a para os muitos, que a esperavaõ na vida.

Dilatouselhe o noviciado alguns annos, sacrificio, em que luzio mais o seu soffrimento; taõ vivas eraõ as ancias de se ver naquelle estado! Mas nem toda aquella sede embaraçada, a escutou queixosa, nem todos aquelles embaraços a acharaõ menos resoluta. Chegou finalmente o dia de tomar o véo de Noviça, que foy em huma quinta feira, oitavo dia da Ascensaõ, 17 de Mayo de 1657, e testemunhou a Madre Soror Filippa da Encarnaçaõ, (entaõ Prioreza, que fazia a funçaõ) que assim lhe vira transformado o semblante, e banhado, naõ só em huma desusada alegria, mas em huma luz taõ peregrina, e soberana, que entendendo-a mysteriosa, naõ acabava de entender como era. Testemunhou-o assim a mesma Prelada ao Vigario o Padre Mestre Fr. Antonio da Encarnaçaõ.

Já Noviça, edificava em tudo o que fazia humilde, obediente, prompta, e desvelada, mas ainda mais com sua modestia, e compostura; tanto, que chegou a affirmar huma Religiosa antiga, e de grande opiniaõ na Casa, que naõ punha nunca os olhos em Soror Magdalena, que os naõ voltasse a pôr em si, confundindo-se, como se se reprehendera; e rompendo em lagrimas de compungida. Mas que menos commoçaõ faria nos olhos pios o retrato da penitencia! Naõ trabalhou este só com com as cores do sangue (que corria copioso de largas, e rigorosas disciplinas) passou ao excesso de o querer ver em si mesma aberto de estampa. Alcançou com segredo, e industria hum ferro, e feito em braza, o poz sobre o peito esquerdo, abrindo nelle huma chaga, como se obedecera ao Esposo, que alli se desejava estampado, pedindo-lhe, que com hum sinete o imprimisse no braço, e no peito. Bem parece que o escutou, e lhe deferio Soror Magdalena; porque se o Esposo he fogo, foy sinete o ferro, e deste sinete em braza lhe ficou no peito essa estampa. Assim lhe deu a estampa o nome de esposa, que suspirava, e se lhe confirmou na chaga o sobrenome, que tinha. Mas porque se naõ gabassem o fogo, e o ferro, que só elles a assinalavaõ escrava de seu Esposo, com seu mesmo sangue fez huma firma, em que se segurava sua; de que ao diante daremos mais particular noticia.

Pone me ut signaculum super cor tuum. Cant. 3.

Era continua a sede de oraçaõ,

çaõ, para o que a adeſtraraõ muito os livros de exercicios eſpirituaes, formando (doutrinada delles) hum retiro em ſeu coraçaõ, onde ſe eſcondia; e abſtrahida de tudo do Mundo, ſó em Deos achava o ſeu centro; delicia, que primeiro comprara á cuſta de muitas affliçoens, mas ſeguioſe a ellas a paz de eſpirito, com que depois lograva a aſſiſtencia de ſeu Eſpoſo, em ſe recolhendo áquellle retiro. Deſcobrio-o aſſim a ſeu Confeſſor. Chegou-ſe o dia de ſua profiſſaõ. Moveraõ-ſe alguns embaraços ſobre ella, por peſſoa mayor, que eſtava no Locutorio com o Vigario, e Prelada; creſceo a diſputa, e veyo a porſe em pratica, que a Noviça largaria o habito, e o Moſteiro, e ao menos a certeza de que naõ ſeria a profiſſaõ naquelle dia. Laſtimavaõſe as Religioſas, que amavaõ, e veneravaõ muito a Noviça; e buſcando-a para animalla, lhe deraõ (achando-a em oraçaõ no Coro) a noticia, e o conſelho de naõ deſcorſoar com ella. Nada ſe ſobreſaltou Sor Magdalena, antes reſpondeo com ſocego, e ſegurança: *Madres, naõ ſe moleſtem Voſſas Reverencias; que eu heide profeſſar hoje.*

Eſtava aſſentado o contrario; pareceo a todas profecia do deſejo. Mandoulhe a Meſtra, que ſe recolheſſe para caſa de Noviças; e indo com ella ſua irmãa, a Madre Sor Joanna do Roſario, (que inteirada do embaraço, chorava ſem alivio) lhe pedio Sor Magdalena, que naõ ſe afflgiſſe; que eſtiveſſe certa, que ella havia de profeſſar aquelle dia. Naõ paſſaraõ muitas horas, que compondoſe impenſadamente a demanda, ſe diſpuzeraõ de ſorte as couſas, que naquella tarde profeſſou, taõ ſatisfeita agora, como até alli eſtivera ſegura; e as Religioſas taõ confuſas do que viaõ, como do que lhe naõ creraõ; entendendo, (e bem) que aquella ſegurança naõ podia ſer aconſelhada da terra.

Já nella naõ eſperava Soror Magdalena mayor dita; e como ſe até alli naõ fizera mais que ſuſpiralla, entendeo, que ainda devia merecella. Aſſim voava nos exercicios penitentes, alargando o coraçaõ, e a induſtria a mayores rigores, e muito mais quando ſe vio fóra de caſa de Noviças, onde naõ eraõ taõ immediatas as teſtemunhas. Accreſcentou jejuns, accreſcentou retiro, e ſilencio; mas tudo parecia pouco, porque hia muito diante ſeu deſejo, e naõ podia acompanhallo a debilidade do corpo, porém via, que já eſte, e ſeu eſpirito eſtavaõ conſagrados a ſeu Eſpoſo, e reſolveo, que naõ baſtavaõ para as obrigaçoens de profeſſa os deſempenhos de Noviça: viaſe em mais ſuperior eſtado, deſvelava-ſe por merecello. Entendia, que o deſpoſorio pedia igualdades; e as que naõ podia conſeguir por humana, intentava na ſua esféra por compaſſiva, naõ ſe contentando com a chaga, que ainda lhe durava no peito, ſendo cinco as de ſeu Eſpoſo.

Já tinha mais commodo para conduzir á cella os inſtrumentos do ſeu martyrio; tomou hum ferro em braza, e abrindo mais a chaga antiga, a acompanhou com outras quatro em pequeno circulo, onde ajudando-ſe humas ás outras as dores, paſſavaõ a in-

intoleraveis. Começaraõ a ſangrarſe, como o promettia a violencia, que as abrira; e começou a ameaçar corrupçaõ a viſinhança, que hia de huma a outra. Naõ ſe reſolvia Sor Magdalena a fiar o ſegredo, via-o arriſcado, porque já era preciſo recorrer a algum remedio; buſcou o da oraçaõ, ſempre bem ſuccedida com elle, e agora melhor: porque eſtancando ſe o o ſangue, ſem mais medicina, que alguns fios, que lhe applicava, pouco a pouco ſe lhe foraõ todas cerrando. Mas naõ permittio ſeu Eſpoſo, que ſepultaſſe o ſilencio extremo taõ heroico; e naõ fiou ſó do Confeſſor o teſtemunho delle, (que aſſim divulgou depois de ſua morte) mas com ſeus olhos vio os ſinaes das chagas Sor Anna Maria, Irmãa Converſa, na occaſiaõ de amortalhalla. Viaõ-ſe ſobre o peito eſquerdo, cercavaõ as quatro a mayor, tendo cada huma o tamanho, e circulo de hum toſtaõ.

Aſſim ſe ſinalou Sor Magdalena eſpoſa, ficando a meſma carne, (que nos eſpoſos he huma) tanto a meſma, que até o parecia no chagada; ou aſſim ficou verdadeiramente merecedora do ſeu nome, porque no peito lho eſcreveo o ſeu ſangue; imitaçaõ ſoberana de ſeu Eſpoſo, que chamandoſe JESUS, que val o meſmo que Salvador, ao meſmo tempo, que ſe lhe via correr o ſangue, ſe lhe eſcutava o nome. Grande argumento de que o merecia quem já o exercitava, como ponderou S. Bernardo: *Circumciditur Puer, & vocatur Jſus... Nec meus iſte Jeſus nomen vacuum, aut inane portat.* Naõ ſe me culpe a digreſſaõ, que eſtá convidando a muitas acçaõ taõ deſuſada, que prende a velocidade á penna, dando lugar ao preciſo reparo de ver eſta Madre fazendo numero com hum Francico penitente, hum Paulo transformado em Chriſto, e huma Catharina de Sena extatica, que ſendo todos vivas eſtampas de Chriſto chagado, parece que ainda ſe lhe adiantou Sor Magdalena, fiando ás reſoluçoens do ſeu meſmo braço as execuçoens daquelle martyrio.

Mas ſe Sor Magdalena era legitima eſpoſa nos ſinaes, naõ menos o começou a confirmar com as acçoens, naõ havendo nenhuma, em que naõ ſobreſahiſſe ſua rara humildade. Era Enfermeira com outra Religioſa; e lagandolhe tudo o que a occupaçaõ tinha de privilegio, e dominio, naõ lançava maõ, mais que ao que tocava ás irmãas Leigas em ſemelhantes officinas; querendo ſer a primeira ſó no diſvelo com as enfermas. Apreſſaraõ-na antes as penitencias, que os annos, a entrar no numero dellas, obrigando-a ſó a obediencia a admittir meſinhas, e reſpeitar moleſtias. Pozlhe a Prelada preceito, que naõ foſſe a Matinas; recolhiaſe na cella obediente, aonde em tocando a ellas, gaſtava orando, o que as Religioſas no Coro. Aſſim ſatisfazia ao preceito, e contentava o deſaſocego de ſeu eſpirito. Achava elle, que ainda era viver com liberdade o tella ſó na maõ da Prelada; quiz depoſitalla na do Confeſſor, e prometterlhe tambem obediencia. Eſcuſouſe elle repetidas vezes a eſta ſupplica, até que hum dia lhe diſſe Soror Magdalena: *Que*

ella

ella sabia, que aquella sogeiçaõ importava ao bem de sua alma; e consentindo o Padre, servio depois para muito; porque o seu preceito lhe tirou muitas vezes da maõ a disciplina, lhe fez aliviar o cilicio, e mais austeridades, com que de todo se hia attenuando.

Sobre esta rara obediencia crescia, e avultava cada vez mais o edificio da observancia, antecipando-se, ou sobrecrescendo nelle a da caridade. Esta a empregava toda no remedio das affligidas, supprindo as lagrimas onde naõ chegavaõ as diligencias. As doentes a achavaõ á sua cabeceira a toda a hora, que nem á do descanço preciso perdoava. A's decrepitas, e impossibilitadas, para se servirem das cellas para dentro, lhas varria, e aceava, obrigando-as com agrado, para que lhe permittissem repetir aquella diligencia. Achava a mais desvelada a necessidade de mayor importancia, como eraõ as da alma; as dos inimigos, e apostatas da Fé, por quem applicava exercicios penitentes. Por hum, de que teve particular noticia, andou muitos tempos afflicta, e penitenciada. Aqui carregava a maõ nas disciplinas, sempre taõ rigorosas, que lhe era necessaria toda sua industria, para que a naõ descobrisse o sangue, quando as tomava.

Com huma cadea de ferro cheia de bicos cingia o pescoço, e levada pelas costas, lhe descia a fazer o mesmo ao peito. Outro cilicio, e huma Cruz de ferro com grandes bicos se lhe acharaõ por sua morte. Mas nada bastava a satisfazer aquella ancia penitente; nem o que já fizera, nem o que agora fazia, lhe parecia satisfaçaõ, para huma peccadora, qual se imaginava. Resolveose a fazer huma petiçaõ a Deos, arrezoando que, já que ella naõ sabia doerse de suas culpas, lhe permittisse dores, e doenças, em que podesse purgalla. Ouvio o Senhor o seu requerimento: porque os achaques, que dalli em diante se lhe ajuntaraõ, e as dóres, e affliçoens, que a perseguiraõ, vinhaõ por taõ estranho caminho, e continuavaõ por tal modo, que se naõ duvidava da causa, que os dispunha; porque tendo Sor Magdalena muitas parentas na Casa, e sendo o mimo della, em todas as suas doenças se via hum certo desamparo, assim nas medicinas, como nas assistencias; que naõ deixando algumas Religiosas de fazer esse reparo, nem por isso se lhe poz remedio.

Ainda passou a mais aquella grande confusaõ, a que a reduziaõ suas culpas (por este estilo o segurava a seu Confessor, que conhecia a innocencia de sua alma) que reprehendendo-se a si do muito, que era ingrata a seu Esposo Divino, lhe disse: *Senhor, já que eu naõ faço penitencia, nem para apagar a minha culpa, nem para corresponder ao vosso amor, desde agora vos peço, que se eu merecer por vossa misericordia a ventura de escolhida, me dilateis o purgatorio, para me vingar de mim mesma.* Muitas vezes, e nunca sem lagrimas, repetio esta supplica.

Faleceo sua irmãa, a Madre Sor Joanna do Rosario, e tomando por pretexto este sentimento, fez hum total retiro de todo o commercio, que as Re-

ligiosas tem nas horas dispensadas para alivio. Tiradas as funçoens da Communidade, e assistencias do Coro, ninguem a via no Mosteiro. Era sua cella huma sepultura viva, porque era sua vida huma morte animada. Valia-lhe muito este recolhimento, para continuar o exercicio da oraçaõ; e porque ainda lhe parecia pouco o tempo, que tinha livre no dia, se valia do da noite, ou do da madrugada, advertindo a huma irmãa Conversa, de que se fiava, que a chamasse, porque (talvez de cançada) naõ adormecesse, sendo que rara vez acodio a Conversa a esta diligencia, que a naõ achasse, naõ só acordada, mas prostrada em venia aos pés da cama. Madrugava assim Sor Magdalena para buscar seu Esposo: proprios disvelos de Magdalena, buscallo de madrugada; e succederlhehia o mesmo venturoso encontro, que á primeira, porque naõ parecia inferior a sua ancia.

CAPITULO XLII.

Continua-se a vida da Madre Sor Magdalena; da-se noticia de sua morte.

MAis dilatados, e miudos apontamentos do procedimento desta Madre nos chegaraõ á maõ, mas naõ faltando ao essencial da noticia, dispensaremos com a miudeza, antes embaraço, e fastio, que clareza da historia. Levava docemente os cuidados a Sor Magdalena a Imagem do Menino, a que chamaõ na Casa *o Senhor Siganinho*, de que já atraz fica tocado. Em quanto lhe offerecia oraçoens, e lhe dizia jaculatorias, applicava as mãos a ornallo de galas, e enriquecello de insignias, deixando-lhe huma vez huma maõ prendada com hum anel, confirmaçaõ de esposa, e demonstraçaõ da ternura com que o buscara, tratando-o por hum nome taõ suave para ella, como facilmente se lhe percebia, quando o repetia, ou o escutava.

Meditava todas as semanas a Paixaõ do Senhor, desde a quinta feira até o Domingo; exercicio, que tambem tiveraõ suas irmãas Soror Joanna do Rosario, e Soror Marianna de S. Joseph, com igual lucro de sua alma ao de Soror Magdalena, que era tanto, que chegou a dizer muitas vezes a seu Confessor: *Padre, naõ sey explicar os favores, e mercês, que Deos me faz quando me chego a elle na oraçaõ; porque sempre me parece, que está benigno, e agradavel, e que assim me escuta, e alenta, por mais que o meu conhecimento me retira ao abysmo do nada; mas sou eu tal, que devendo tanto a este Senhor, e naõ havendo mayor delicia, que a que suspiro na sua assistencia, ainda assim o offendo a todas as horas.* Quiz dizer mais, mas emmudeceraõ-na os soluços, e as lagrimas.

O estilo, com que se entregava á contemplaçaõ, fica já apontado, onde dissemos, que fabricara em seu coraçaõ huma casinha, em que se recolhia, affastada de tudo da terra. Entrava nella com o pensamento, e antes de meditar o que convidava a sua devoçaõ naquelle dia, se prostrava aos pés de Christo, beijando lhe as chagas devota, e enternecida. O nome de Magda-

gdalena lhe ensinava o lugar dos osculos, e que alli deviaõ parar as ancias, e correr as lagrimas. Roubavaõ estas assim os olhos a seu Esposo Divino, que se lhe representava muitas vezes intellectualmente, que o mesmo Senhor, vendo-a cahida a seus pés, a levantava benigno, chegando-a estreitamente a seu Sacratissimo Lado. Entendia outras vezes, que a acompanhava, e lhe assistia huma pessoa, attendendo a todas as acçoens, que obrava. E perguntando-lhe o Confessor, se a via, respondeo: *Que naõ: mas que naõ duvidava de que fosse o mesmo Deos, ou Ministro seu; porque daquella companhia lhe resultava hum gozo interior, o mais excessivo, e huma lavareda de amor, que lhe naõ cabia no peito.* Isto explicava a seu Confessor com razoens taõ subidas, que bem mostravaõ, que naõ eraõ só suas. Em particulares semelhantes teve com elle muitas conferencias, que deixamos, como peregrinas ao nosso estilo de historiar ligeiro, e preciso.

Tinha esta Madre muito prestimo para o Coro, e Canto, que se usa na Casa. Continuamente era occupada nelle; mas nem o attender ás clausulas daquella devota harmonia, lhe embaraçava o applicarse á gostosa de seu espirito, que era a contemplaçaõ, de que se seguia o veremse nella ao mesmo tempo dous oppostos effeitos, a harmonia na boca, as lagrimas nos olhos. Pagavalhe o Senhor na doçura destas a suavidade daquella; e ella se pagava tanto de repetilla, que nem os achaques, nem as dores a tiravaõ de continualla; antes entendia, que era a sua musica medicina da sua molestia. Sem duvida he medicinal a musica, destruindo (ora com anthipatia, ora com industria) muitos contrarios da vida humana. Ve-se com experiencia nos mordidos das viboras, e das Tarantulas, como ensinou Theophraste; nos perseguidos de ciatica, e da gotta; como diz Aulo Gelio. E se havemos de crer o que syncera-mente nos deixou escrito a antiguidade, assim de dores, como de enfermidades curava Esmineas (destrissimo na frauta, e semelhantes instrumentos) sem mais industria que tocallos. Mas naõ se jacte destes prodigios a melodia humana, que melhor os sabe desempenhar a sagrada. Achava-se a Madre Soror Magdalena apertada de dores, entrada a Semana Santa; doeuse della seu Confessor, e pedindolhe, que se escusasse áquelle trabalho, que lhe seria nocivo, respondeo: *Padre Confessor, naõ se moleste; que eu vou cantar ao Coro, e hei de melhorar em cantando.* Foy, e succedeo como tinha dito.

Nesta, como em outras occasioens parece, que a illustrava superior conhecimento; e nem sempre era só em representaçoens, muitas vezes em sinaes sensiveis. Pedia em huma occasiaõ á Senhora do Rosario (de quem era devotissima) soccorro para pessoa, que estava em aperto; e ouvio huma voz, que claramente lhe advertia, que fizesse certa devoçaõ, e conseguiria o que desejava. Succedeo assim nas petiçoens, que fazia a Deos, quando estava em oraçaõ, conhecia pela suavidade, ou desasocego, com que a continuava,

va, o deſpacho da ſua ſupplica qual ſeria. Pedia huma vez a vida de ſua irmãa, Sor Joanna do Roſario, que eſtava enferma, e perigoſa; e por mais que começava a ſupplica, naõ a concluia. Daqui entendeo, (e foy aſſim) que acabaria a irmãa daquella doença. Apagouſelhe de improviſo huma alampada, que ardia no Dormitorio, huma noite, que ſe recolhia, levando os olhos nella. Aſſuſtouſe, entendendo logo, que ſua irmãa Sor Marianna de S. Joſeph duraria pouco; achavaſe eſta entaõ enferma, mas ſem riſco. Compadecida daquelle inexplicavel rigor, com que ſaõ atormentadas as Almas no Purgatorio, applicava por ellas muitos exercicios devotos, e penitentes. Rezava huma noite por defunta conhecida os Pſalmos Penitenciaes; era tarde, eſtava cançada, venceo-a o ſono ao principiar o *Miſerere*; mas acordou logo, porque ſentindo, que lhe pegavaõ em hum hombro, ouvio, que lhe diziaõ: *Miſerere*. Principiou-o outra vez, e deixandoſe adormecer, ſem o acabar, lhe ſuccedeo o meſmo, acordando, e ouvindo *Miſerere*. Entaõ ſe poz em pé, e acabou de rezar.

Outra noite, recolhendoſe da oraçaõ do Coro para a cella, ao abrir a porta, a vê trocada em huma accendida fornalha de implacaveis lavaredas, que rodeavaõ hum vulto de peſſoa, que conheceo logo, como couſa, que lhe tocava muito; e ſahindo de entre as lavaredas huma voz ſentida, e laſtimoſa, que lhe pedia ſoccorro diante de Deos com oraçoens, deſappareceo a viſaõ. Aſſim lhe dava a entender o Ceo, como eraõ valioſas, e bem ouvidas ſuas ſupplicas. Mas queria já o Senhor, que as repetiſſe fóra deſte valle de miſerias, e diſpoz, que padeceſſe a ultima em huma doença, que ella entendeo logo, que o era, contra os votos dos Medicos, que reſolvendo, que alli naõ havia riſco, fizeraõ com que a doente naõ foy ouvida, pedindo por vezes, que lhe chamaſſem o Confeſſor. Entendiaõ as Religioſas, que eraõ eſcrupulos de imaginaçaõ melancolizada; com lhe naõ deferirem, quizeraõ divertilla. Callava ella com paciencia; e hum dia, que ſe vio mais apertada, e que lhe naõ eſcutavaõ a meſma inſtancia, levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, diſſe: *Senhor, naõ permittais que morra eu ſem Sacramentos.*

Mas continuando o deſcuido, (antes o myſterioſo deſamparo) chegou a taõ grande aperto, que vendo-a nelle algumas Religioſas, correraõ apreſſadas a advertillo á Prelada, e veyo o Confeſſor, mas já achou ſem falla a enferma, e ſem movimento nas mãos, ſe quer para lhe apertar huma. Naõ he poſſivel paſſarmos daqui, ſem fazer huma breve reflexaõ, recorrendo ao que deſta Madre temos eſcrito, que em todas ſuas doenças ſe experimentou hum novo deſamparo, e ſó advertido já entre os deſenganos do remedio. Agora o veremos milagroſamente permittido por quem o permittio duvidoſo; que naõ he crivel outra couſa de ſe deſcuidarem do ultimo remedio da alma com hnma Religioſa, que inſtantemente o pedia, e em vinte e ſeis dias de doença. Mas aſſim ſe diviſava melhor a eſpecial permiſſaõ Divina,

vina, consentindo nas doenças, e molestias, que lhe pedira Sor Magdalena, e confirmou-se agora.

Posta neste aperto de muda, e paralytica, e desviadas algumas Religiosas com o Confessor na Casa do Capitulo, (conferindo esta pena) eis-que de repente se lhe restitue o movimento, e a falla. Confessa-se com vagar, e clareza; recebe o Viatico satisfeita, e devota; pede, e daõlhe a Unçaõ, a que attende com acordo, e quietaçaõ de espirito, entregando-o a seu Esposo taõ suavemente, como se póde inferir do que advertiraõ as Religiosas, assentando-se no voto de todas, que alguma visaõ Celeste recreara a moribunda; porque antes da ultima respiraçaõ lhe viraõ abrir os olhos com huma nova fermosura, e inexplicavel alegria, que a bom juizo, naõ podia ter outra causa. Faleceo de idade de trinta annos, e alguns mezes, em huma sesta feira, 9 de Novembro de 1668 ás trez horas da tarde; horas, e dia mysteriosos em sua morte; porque as horas foraõ as em que Christo deu por nós a vida; o dia, o em que esta sua esposa o meditava.

Mas porque naõ foy só este o mimo, com que o Senhor a chamou para contemplallo glorioso, como até alli chagado, tocaremos alguma noticia das que precederaõ á sua morte, como as que lhe mostravaõ o pouco, que lhe tardaria a eterna felicidade. Detinhase huma noite no antecoro rezando; (poucos dias antes da ultima doença) estava o lugar solitario, e algum tanto escuro, quando sentindo, que pegavaõ nella, vio diante de si huma caveira. Das mais circunstancias naõ estava lembrada a Religiosa, que apontou esta noticia, participada da mesma Madre Sor Magdalena. Servia esta Madre com caridade desvelada á irmãa Conversa Sor Domingas, (que havia tempo estava enferma) e assistindo hum dia com algumas Religiosas, que lhe rodeavaõ a cama, disse huma: *Que já a doente naõ podia ter muitos dias de vida.* Acodio Sor Magdalena, e repetio com segurança: *Primeiro hei de morrer eu, que Sor Domingas.* Naõ se alcançou o fundamento com que o dissera, mas faleceo primeiro que Soror Domingas; e o successo fez o dito mysterioso.

Dous dias antes que falecesse esta Madre, passava huma Religiosa pelo Dormitorio, e emparelhando com a sua cella, ouvio cantar com huma peregrina suavidade. Suspendeose, e firmandose em que era aquella a cella de Sor Magdalena, como no que ouvira, tornou a perceber a voz, mas naõ o conceito; e entendeo logo, que naõ tardaria muito sua morte, pois o Ceo a convidava com aquella delicia, que sem duvida a estava escutando a enferma. Ao testemunho desta Religiosa se seguio (quasi ao mesmo tempo) outro da irmãa Domingas, que como já dissemos, estava enferma, e em huma cella visinha á da Madre Sor Magdalena, que só hum tabique as dividia, quando ao voltarse para a parede, em que se encostava a cama da moribunda, sente huma taõ preciosa, e activa fragrancia, que como depois testemunhava, até a fez alhea das dores, e as mais agu-

agudas, que entaõ padecia. Segurou logo esta irmãa a huma Religiosa de sua confiança, que infallivelmente morria Sor Magdalena, porque naõ podia ser aquella fragrancia menos que do Ceo, que já lhe assistia na terra.

Mas restanos huma circumstancia, para que já convidámos o Leitor ao principio da vida desta Religiosa, quando abrindo em seu peito as cinco chagas para estampa, e copia de seu Esposo, firmou com o sangue dellas a segurança de esposa sua em hum papel, em que declarou esta venturosa entrega de si mesma. Servirá sua leitura de edificaçaõ, estimulo, e exemplo ás que com limpo coraçaõ se quizerem consagrar ao Esposo Divino, pois elle permittio para mais inteira noticia de sua serva, que escapasse o papel do fogo, a que a sua advertencia o deixara decretado, fiando de huma Religiosa, que falecida ella, o reduzisse a cinza. Era esta Religiosa pessoa de reputaçaõ, parenta, e de grande confiança da Madre Sor Magdalena; conhecia bem a limpeza de sua consciencia; entrou em discursos, que naõ esconderia o papel peccados, antes noticia de credito para a defunta, e consolaçaõ para quem a desconhecera, e a suspirava.

Levada deste pensamento, deu conta ao Vigario (era entaõ o Padre Mestre Fr. Valerio de S. Raymundo, que depois foy Bispo de Elvas, talento grande, e benemerito de que se espalhe repetidas vezes seu nome nestes escritos.) Conferio elle o ponto com outro Mestre em Theologia da Ordem, que acaso se achava em sua companhia, e resolveraõ ambos, que hum abrisse o papel, e que divisandose cousa digna de segredo, se entregasse ao fogo, quando naõ se puzesse na maõ da Prelada; e sendo para edificaçaõ, se participasse ás subditas. Abrio o Vigario, e achando nelle huma resignaçaõ, que de si fazia a Deos a Madre Sor Magdalena, escrita por sua maõ, e firmada duas vezes, huma com o seu sangue, se leu ás Religiosas, guardandose o original no deposito da Casa, donde se tirou esta copia:

J. H. S. MARIA.

Eu Sor Magdalena das Chagas, escrava que sou de Maria Santissima, hoje a nove de Julho, anno de 1658. *protesto de toda a minha vida, em quanto em mim for, negar para sempre minha propria vontade, offerecendome á Santissima Trindade por perpetua escrava, confiada no amor, que vós meu amantissimo Jesus Sacramentado a todas as horas me estais mostrando. Particularmente o conheci hoje na paz, e suavidade, que me déstes a sentir depois da Communhaõ. Fazendo eu esta entrega de mim toda*

dà em voſſas mãos, eſpero nas voſſas miſericordias, que me ajudareis, para que vos naõ uſurpe o que já huma vez vos hey dado. E para que eſta reſignaçaõ vos ſeja mais aceita, torno a renovar o voto de caſtidade, que já vos hey feito, tomando por teſtemunhas, de que iſto he aſſim, a Virgem Maria, minha Senhora, o meu Patriarca S. Joſeph, meu Padre S. Domingos, S. Joaõ Euangeliſta, Santa Catharina de Sena, a cuja imitaçaõ o hey feito. E a vós, meu caſtiſſimo Jeſus, offereço, e entrego meu coraçaõ, proteſtando daqui por diante, naõ conſentir, que couſa da terra me occupe, porque fóra de vós, nada me ſatisfaz; e por iſſo já toda ſou voſſa, e vós todo meu, e ſó o ſer voſſa me deleita. Tomara, meu Jeſus da minha alma, morrer mil mortes ao dia por voſſo amor: tomara nunca offendervos: tomara ſempre amarvos. Fazey vós, meu Senhor, que ſe atè agora fuy cova de baſiliſcos, agora ſeja Templo vivo, e Caſa de voſſo deſcanço. Guarday, meu amor, de todo eſta voſſa Caſa, que já he de todo voſſa. Deitaime prizoens de voſſo amor. Guarday todos meus ſentidos, para que com nenhum delles vos offenda. Sede vós todo meu; que eu já toda ſou voſſa. E para que me naõ eſqueça nunca eſta entrega, que de mim hey feito em voſſas Santiſſimas mãos; faço eſte firmado de minha maõ. Hoje 9 de Julho de 1658.

Sor Magdalena das Chagas, eſcrava.

Abaixo deſta firma ſe lê em hum papelinho, pegado no papel, outra, que eſcrita com ſangue, diz:

Voſſa eſcrava.

Sor Magdalena.

CAPITULO XLIII.

Da Madre Soror Paula do Espirito Santo.

QUe cousas mais repugnantes, que as soberanias, e as humildades? e sendo toda humildades a virtude, e a nobreza toda soberanias, parece notavel sympatia esta, que tem a nobreza com a virtude, como novidade o resultarem as harmonias das dissonancias. Mas sem recorrer a segredos da Providencia, no melhor voto da politica ninguem sabe ser mais humilde, que o que he legitimamente nobre; e na politica Christãa ninguem se póde chamar verdadeiramente nobre, sem pôr em pratica os dictames da virtude. Daqui nasce conduzirem muito os nascimentos para os progressos virtuosos, especialmente no nosso Portugal, onde parece que se herda a piedade com o sangue. Assim era illustre o da Madre Soror Paula, que começou a respirar com elle a vida de sua virtude, parecendo esta herança, que lhe competia de huns pays, que lhe naõ deraõ menos, que imitar em sua vida, do que que herdar em sua nobreza. Chamouse seu pay Joaõ de Brito Casaõ de Mendonça, do illustre sangue dos Condes de Villa Nova. Sua mãy Paula da Fonseca de Araujo, que ficando viuva, passou á Corte com toda sua familia, sendo Soror Paula entre seus irmãos de menor idade, mas de taõ venturosa indole, que ou parece, que a negava, ou a excedia. Com os annos cresceo a inclinaçaõ, dando o Ceo mayor luz a seu entendimento, para adiantalla em mais penitente exercicio.

Começou logo a despirse de tudo, o que aquelle sexo chama galantaria, á calidada decencia, sem que a calidade, ou o sexo, (valias com que a desinquietava sua familia) a fizessem alterar hum trage honesto, taõ fóra de artificios, e enfeites, que antes parecia habito, que vestido. Nos lances da pobreza hia já taõ adiantada, que ainda das licitas alfayas, que determinou para seu uso, nehuma tinha o nome de sua, excepto hum escritorio, de que trazia a chave comsigo. Naõ deixavaõ de reparar suas irmãas no grande resguardo: e logrando a occasiaõ de o acharem aberto, trocada em confusaõ a curiosidade, viraõ que as joyas, e brincos, que guardava, eraõ cilicios, e disciplinas, obrados aquelles, e estas com industria, e sem piedade; e indicios bastantes da pouca, com que se usava delles; e humas pevides amargosissimas, porque naõ ficasse a boca de melhor partido, que as mais partes do corpo. Atenuava-o com jejuns continuos, e apertados. Na semana trez dias, hum a paõ, e agua, que vinha a ser, (por todo o anno) o em que cahia a Exaltaçaõ da Cruz. Industriavase já para entrar na milicia Dominicana, que com aquelle sagrado Estendarte diante começa a penitente batalha de sua abstinencia.

Na Quaresma trez dias na semana a paõ, e agua. Pelo mesmo estilo celebrava as Vigilias dos Santos de sua devoçaõ, sendo no mais tempo taõ pobre o seu prato, que commummente

ſe naõ alargava a mais, que a huns legumes, por mais que na meſa eſtiveſſe encontrando acepipes. Levavaõlhe o mais do tempo ou a liçaõ dos livros de eſpirito, ou a oraçaõ; grande ſuavidade do ſeu! Era exceſſiva a que recebia com o verdadeiro Maná, e ſuſtento dos Anjos, deſejando a pureza delles, para chegar á ſua meſa. Aſſim ſe preparava para elle com rigoroſo exame, ſendo-o igualmente o golpe da diſciplina, mais a obſervancia do retiro, e do ſilencio. Nelle eſcondia as delicias, que alli goſtava, e merecia ſua alma, naõ ſe lhe percebendo mais, que no recolhimento, na ſuſpenſaõ, e violencia para tudo o que naõ era eſtar orando, ſem gaſtar em outra couſa todo aquelle dia, ſalvo a noite delle, mais a petiçoens de ſua mãy, que a deſejo de algum commercio humano.

Mas nem toda ſua cautela baſtou a eſconderlhe no coraçaõ aquella Divina braza; e rompendo talvez (como ſe paſſara a lavareda reprimida) ſe percebeo como em faiſcas, alguma luz, da com que ſe illuſtrava ſua alma naquella Divina meſa. Orava Sor Paula hum dia (que tinha chegado a ella) diante do meſmo Senhor, que alli recebera, e eſtava expoſto em certa Igreja, a que a levara a devoçaõ, quando ſe ſentio banhada em huma copioſa chuva de ſangue do meſmo Chriſto, enchendoſelhe delle a boca, com inexplicavel ſuavidade, e doçura, e parecendolhe, que com a meſma ſe lhe paſſava da boca ao depoſito do coraçaõ. Succedeolhe o meſmo na delicia, e ſuavidade, em outra occaſiaõ, que tendo commungado, e eſtando o meſmo Senhor expoſto, ſe affligia, porque o naõ via de mais perto, que lhe ficava em muita diſtancia o Throno. Orava com com eſte deſejo, quando lhe pareceo, que ſahindo a Hoſtia Sacroſanta da Cuſtodia, ſe lhe punha diante dos olhos em breve diſtancia.

Eſtes mimos, que a traziaõ alienada, e ſobiaõ a hum grao taõ intenſo de affecto com aquelle myſterio ſoberano, que até no nome quiz eſculpir os proteſtos de ſua veneraçaõ, e ennobrecer as ſogeiçoens de eſcrava, moſtrando de quem o era, com o nome de Soror Paula do Sacramento. (brazaõ, que eſcolhia para a vida religioſa, que eſperava) Aſſim o propoz ao ſeu Confeſſor, o Padre Manoel Dias, peſſoa de grande opiniaõ. Mas parece, que o diſpoz de outra ſorte o meſmo Senhor Sacramentado. Diante delle ſe ſuſpendia Sor Paula, em occaſiaõ, em que junto ao Altar ſe achava ſeu Confeſſor; levantouſe eſte, e chegandoſe a ella, lhe diſſe: *Que o Senhor Sacramentado lhe dera alli o nome, diſpondo, que em vez do Sacramento, ſe chamaſſe Paula do Eſpirito Santo.* He eſta Divina Peſſoa, Pomba immaculada; e parece que ordenava o meſmo Chriſto, que com as azas daquella Pomba ſe remontaſſe Paula a beber os ſegredos daquella meſa.

Aſſim começaraõ a ſer mais vigoroſos os voos de ſeu eſpirito, e animando-a a remontarſe ao mais elevado da perfeiçaõ, ſuſpirava a da vida religioſa, porque já morta para a terra, ſó lhe faltava huma ſepultura para a vida. Pedia com larga, e re-

e repetida oraçaõ á Mãy de misericordia, que a fizesse digna de huma illustraçaõ Celeste, para escolher a vida, que a seu bento Filho mais aggradasse, como o dispensara ao seu grande devoto o Thaumaturgo Dominicano S. Gonçalo; e assim como para o favor, o propunha para exemplo, assim seguia o seu nos jejuns, e penitencias, com que acompanhava a supplica. Naõ socegava nella, quando lhe escreveo seu Confessor, com quem a praticara, advertindo-lhe, que o Espirito Santo, que lhe permittira o sobrenome, a havia de illustrar com hum rayo seu naquella perplexidade.

Succedeo assim: porque dous annos antes de se recolher, orava em o seu Oratorio huma Vespera do Espirito Santo. Tinha esperado aquelle dia (devoçaõ de todos os annos) jejuando treze, e taõ apertadamente, que foraõ alguns a paõ, e agua. Com o espirito assim purificado suspirava as illustraçoens daquelle Divino Paracleto; eis-que ouve huma voz, que claramente lhe dizia (como em reposta do que entaõ perguntava) *Em o Sacramento.* Lançouse Sor Paula por terra, dando graças a Deos em sua alma, por aquelle mimo de sua Providencia; e repetindo-as ao Santo seu Advogado, a quem confessava dever aquelle conselho, pois acabava de o escutar na mesma noite, em que Maria Santissima lho dera a elle.

Naõ posso deixar de suspenderme a ponderar, que quiz o Ceo, que nesta venturosa Casa do Sacramento se reproduzissem as glorias dos primeiros seculos, que illustraraõ naõ só esta Provincia, mas toda a Religiaõ Dominicana; porque acabo de escrever de huma filha sua, e desta Casa, a Madre Sor Magdalena das Chagas, que abrindo-as em seu corpo (qual outra Catharina Senense) foy estampa do mesmo Christo; e agora passo a escrever de outra (a Madre Soror Paula do Espirito Santo) que, qual outro S. Gonçalo, mereceo o Celeste conselho para vestir este habito. Na verdade me parece, que escrevendo a Historia desta Casa, trabalho hum epitome da Religiaõ inteira.

O Espirito Divino, que deu o conselho, foy taõ suavemente descobrindo o caminho, que naõ tendo Sor Paula conhecimento particular neste Mosteiro, e estando com os olhos na Madre de Deos (assaz conhecido, e de que tantas vezes temos fallado) assim se dispoz a vontade da mãy com as noticias desta Casa, assim foraõ bem ouvidas de Sor Paula as de sua exacta observancia, que sem embaraço, antes com alvoroço, entraraõ ella, e huma sua irmãa, em que o espirito fez mayor parentesco, estas sagradas portas, vestindo logo o habito com taõ anciosa resoluçaõ de abraçarem as pensoens delle, que naõ houve alguma, que lhe naõ parecesse suave. Assim começou Sor Paula o anno de approvaçaõ, continuando-o, como se cada dia o começara, e acabando-o, como no dia em que o começou. Assim era professa, como fora Noviça; assim tinha sahido Noviça, como fora secular, porque as penitencias, a caridade, o recolhimento, a sogeiçaõ naõ podiaõ nella ter mais augmento, que passarem a ser voto.

Mas

Mas começaraõ os achaques a perſeguirlhe a conſtancia. Tivera eſta Madre em ſecular a perigoſa queixa de lançar ſangue pela boca; agora ſe aggravava, com o mayor fervor nos rigores daquella vida, tornando a huma continuaçaõ, que lha ameaçava. Mas naõ a atemorizou a noticia, porque aſſim veyo acompanhada com mimos do Ceo, que eſtando em oraçaõ huma noite (reſignandoſe no que Deos diſpuzeſſe) ouvio claramente, que lhe diziaõ: *Aqui hás de ſer Martyr.* Seguioſe infallivelmente o effeito; creſceo o achaque, com a novidade de huma implacavel febre. Recorreraõ aos remedios, que antes adiantavaõ a paciencia, que a cura; e entre elles a hum taõ activo, mas taõ mal applicado, que occupando lhe com dores a garganta, e com chagas a boca, lhe impedio o ſuſtento, achando até a bebida tanta reſiſtencia, que ſó miſturada com a das lagrimas, ſe lograva alguma. Continuou a rebeldia do achaque, e polla em eſtado de tiſica. Naõ havia naquelle atennado corpo, parte ſem martyrio; aceitou-a, como mimo do Ceo, entendendo, que aquelle era o mais deſtro buril, com que o Eſpoſo das almas ſe eſtampava nellas.

Aſſim o pregoaraõ ſeus favorecidos, em Paulo chagado ſe via Chriſto vivo. Aſſim o leu a Madre Sor Paula em huma carta, que neſta occaſiaõ lhe eſcreveo ſeu primeiro Meſtre de eſpirito, e ſeu Confeſſor, o Padre Manoel Dias, em que lhe dizia, confirmando-a no ſofrimento: *Que era vontade de Deos, unilla com a Paixaõ de ſeu Filho.* Confirmouſe com o novo accidente, em que rompeo o achaque, em ſeſta feira da Paixaõ, que ſe ſeguio. Naõ ſe entendeo o que era; precederaõ dores, e fechando-ſelhe a garganta, como ſe lha apertaraõ com violencia, ſe lhe punha o roſto de huma cor roxa, e com huns ſinaes taõ medonhos, que ſe affligiaõ as Religioſas, ſuppondo, que eſpirava ſem Sacramentos. Por eſte eſtilo lhe repetio cinco vezes, durandolhe algumas mais de cinco horas. Atribuladas as Religioſas, e deſenganadas de remedios humanos, correraõ ao Coro, e levandolhe huma Reliquia de noſſo Padre S. Domingos, lha applicaraõ á garganta, (foy couſa prodigioſa, e da confiſſaõ da meſma Madre Sor Paula) que no meſmo inſtante ſentio, que ſe lhe reſolvera hum tumor, que lha apertava; abrandaraõ-ſelhe as dores, reſtituio-ſelhe a voz, confeſſouſe logo ſem embaraço.

Mas continuavaõ os mais achaques, e pondo-a em tal aperto, que o ſuſtentar a vida, naõ parecia mais que hum vagar de perdella, naõ ſe ouvindo na boca de Sor Paula no meyo de tantas, e taõ deſuſadas agonias, mais que huns eccos da paciencia, pedindo ás Religioſas, que a ajudaſſem a dar graças a Deos por aquelles mimos, que naõ merecia, como a ventura de a trazer o Senhor a morrer naquella ſua Caſa. Dilatouſelhe o rigor deſte martyrio de dores, e aperto na garganta, deſde os treze de Abril, até cinco de Julho, ſendo a ultima vez, que ſe levantou a commungar na tribuna da Enfermaria, o ultimo de Mayo. Voltando para o leito, diſſe a ſua irmãa, que a tra-

zia pela maõ: *Já daqui me naõ levantarey outra vez; tomay este habito, e o mais que me ha de servir de mortalha, e ajuntayo na nossa cella.*

Sobreveyolhe huma cruel fezaõ, accendiaselhe a palidez do rosto, como se naquelles secos ossos se ateara hum incendio, que por horas lhe hia consumindo a vida. Pedio o Viatico, que recebeo com tanta suavidade de espirito, e exterior socego, como se entaõ se apagaraõ aquellas lavaredas, em que ardia, com as grossas lagrimas com que o recebera. Por vezes a tinhaõ ungido: assim começou a esperar o ultimo termo, sem mais desafogo nas agonias, em que se cobria de mortaes suores, que dizer com Job: *Sit nomen Domini benedictum.* Fez a protestaçaõ da Fé com o mesmo socego; suspendeo-a logo hum breve sono, de que acordou afflicta, e entre as piedosas vozes do Officio daquella hora, passou dos horrores della a melhor vida, reparandose, que a deixara o ultimo espirito della, como se lhe apertaraõ a garganta, circumstancia, que correspondeo ao que ouvira na vida, que seria martyr naquella Casa. Viose assim na crueldade com que os achaques foraõ os seus algozes. Ficou o cadaver taõ desasombrado das melancolias da morte, que podia enxugar as lagrimas nos olhos, que o viaõ, trocandolhe a magoa em huma santa enveja. Admiravaõ-no assim os Religiosos, que entraraõ ao enterro, e entre elles, o Padre Fr. Alvaro de S. Joseph; e baste o seu nome, para authenticar esta verdade.

Contavaõse 5 de Julho de 1669. quando faleceo a Madre Sor Paula, tendo trez annos, e cinco mezes de Freira. Nestes, como em todos os de sua vida, dera largo assumpto ao nosso exercicio, se os dos Servos de Deos naõ foraõ thesouro escondido, achado só das diligencias do Ceo, empenhado tanto em o augmentar precioso, como em o retirar aos olhos do Mundo. Nelle, e na Religiaõ viveo esta Madre com hum taõ raro exemplo de virtude, que lhe naõ guardou seu Esposo os premios só para o descanço da eternidade; nesta vida mortal lhe adiantou muitos, a que permittio se capacitasse seu espirito, despido já em vida das pensoens do corpo. Colhese assim das cartas, que o Padre Manoel Dias (pessoa de virtude qualificada, e que como Confessor seu tinha noticia da sua) escrevia a esta Madre no seculo, como depois de viver no Mosteiro, em que tocando no estilo, com que o Ceo a tivera, e tinha mimosa, falla humas vezes com enigmas, outras em merces, e illustraçoens, ainda que naõ individuadas. Lese o mesmo em outras cartas, que o mesmo Padre escreveo a sua irmãa a Madre Soror Catharina, (de que eu fuy ocular testemunha) a quem segurava, que da vida da Madre Sor Paula o menos era o que se sabia.

CA-

CAPITULO XLIV.

Das Madres Soror Margarida da Columna, Soror Brites de Deos, e Soror Margarida da Cruz, ambas irmãas; Soror Maria da Encarnaçaõ, Soror Maria da Visitaçaõ, Soror Joanna do Santissimo Sacramento.

Numeri. cap. 3. Levita quasi assumptus à Deo ad ministerium Tabernaculi. A Lapide hic.

VEnturosa a Casa de Vimioso, (huma das mais esclarecidas neste Reyno) como Seminario dos domesticos de Deos, que parece participou aquella bençaõ da Tribu de Levi, de donde se tiravaõ os que o haviaõ de servir em sua Casa. Isso quer dizer Levita, escolhido para o ministerio do Tabernaculo. Estava no terceiro Tabernaculo a Urna com o Maná, figura do Sacramento; e deputou aquella familia para o haver de servir naquelle Tabernaculo, como singular privilegio. Naõ para servir, e assistir ao Maná, que era figura; mas ao mesmo Sacramento, que he o figurado, parece, que escolheo, e privilegiou Deos a Casa de Vimioso, pois tantos foraõ os espiritos, que sahiraõ della na Casa, e no Tabernaculo do Sacramento. Geraçaõ dos bemaventurados, dizia David, que era a dos que buscavaõ a face de Deos: *Hæc est generatio quærentium eum. Quærentium faciem Dei Jacob*, que na intelligencia dos Expositores val o mesmo, que os que o buscaõ com especial culto no Sacramento. Naõ só no titulo, mas no singular culto, com que neste Mosteiro se serve, e venera este mysterio ineffavel do Santissimo Sacramento, he esta Casa singularmente o Tabernaculo, em que se guarda o Maná verdadeiro; e nesta Casa se vio tantas vezes buscado da esclarecida do Vimioso, que podemos dizer que he ella a dos domesticos de Deos, escolhidos para o servirem, e lhe assistirem no Tabernaculo deste Mosteiro na terra, destinado a lhe continuarem a assistencia no da Bemaventurança. Antes de acabarmos este livro, nos servirá de mayor prova mais individual noticia desta illustre Casa, e Familia; e desculpenos esta pequena digressaõ o repetido, e venturoso assumpto, que nos tem dado neste livro, e o muito, que lhe deve no material, como no espiritual, este Mosteiro.

Psalm. 23.

Populo Christiano maxime convenit post incarnationem Dei, & substantialem moram, præsentiamque incarnati Dei in Eucharistia. Lorinus hic.

Sor Margarida da Columna.

Nelle entrou, de pouca idade, a Madre Sor Margarida da Columna, filha de D. Nuno Alvares de Portugal, irmaõ do Conde de Vimioso, e do Mestre Fr Joaõ de Portugal, Bispo de Viseu, Fundador, e primeiro Vigario deste Mosteiro. Foy esta Madre mimosa da natureza por suas grandes prendas, e muito mais do Ceo, em saber empregallas. Abraçou a observancia com taõ grande espirito, que nem os achaques, de que se vio logo perseguida, a aconselharaõ que afrouxasse nella, antes inventava particulares, e devotos exercicios, estimulos, com que se adiantava no aspero caminho da vida, que escolhera. Teve nos seus escrupulos hum rigoroso purgatorio, de que muitos annos fez a Deos sacrificio. Naõ lhe serviraõ de menos desasocego hum ardente zelo da Religiaõ, e culto Divino. O amor de Deos, e do proximo a traziaõ como alienada; por contemplaçaõ o de Deos; por commi-

miseraçaõ o do proximo. Seguiose a esta vida huma morte, que bem pareceo grangeada com ella, em 10. de Fevereiro de 1676.

Sigaõ-se a esta Madre duas sobrinhas suas, filhas dos Condes de Vimioso D. Affonso de Portugal, e Dona Maria de Mendonça, muito mais aparentadas com ella por virtude, que por sangue, por habito, e observancia religiosa, que por nobreza. Foraõ ellas a Madre Soror Margarida da Cruz, filha mais velha dos Condes, e a Madre Sor Brites de Deos, sua irmãa. Confirmou Soror Brites bem no exercicio o que vinha a dizer o sobrenome; porque sem mais lembrança, que de Deos, assim se esqueceo dos mimos, e lisonjas, que deixara no Mundo, como se a recebera por escrava o Mosteiro. Todo o seu gosto era servir; e a occupaçaõ de mayor vileza, e trabalho, mayor gosto. Domava assim, e com rigorosas, e continuas disciplinas as rebeldias do seu natural, talvez aspero, e seco; e se via, que com elle tinha escandalizado, ainda que levemente, se lançava aos pés da que imaginava sentida (fosse servente, fosse Religiosa) com tanta humildade, e lagrimas, que compungia, e movia a ellas. Assim acabou, deixando esperanças de que passava a colher o fruto dos que semeaõ lagrimas, em 13 de Abril de 1679.

Sor Brites de Deos.

Naõ se viraõ menores demonstraçoens de humilde, e penitente na Madre Sor Margarida da Cruz; porque assim a convidou taõ bem o sobrenome a buscar a da observancia, que vendo lha naõ permittiriaõ os Condes seus pays, de quem era muy querida, dispoz entrar nessa Clausura, sem lhes dar noticia, executando-o hum dia, que com a Condessa sua mãy veyo visitar as parentas, que tinha nesta Casa. Recolhida nella com a industria das Religiosas (vencidas de suas continuas supplicas, e lagrimas) naõ valeraõ nem as de sua mãy, menos as de toda a familia, para que voltasse os olhos, já que naõ ás negaças da ventura, se quer aos conselhos da lastima. Assim vestio a mortalha Dominicana, taõ pouco assustada dos rigores da nova vida, que entendia que em abraçallos naõ merecia nada. Tanto lhe soube o gosto desfigurar a aspereza! Assim foy sua vida hum animado espelho da observancia. O zelo della a poz quatro vezes no lugar de Prioreza, em que lhe deveo a Casa (já que naõ a continuaçaõ da refórma, que nella parece natureza) o augmento do ornato, e decencia do culto Divino, em que gastou o muito, que do Conde seu irmaõ soube alcançar sua industria, e diligencia.

Sor Margarida da Cruz.

Cahio de doença arrebatada, que logo entendeo ser a ultima (nas cautelas, e aparelhos de sua consciencia se fez essa conjectura) e pozse nas mãos de Deos taõ resignada, que chegou a fazer escrupulo dos grandes desejos de ir lograllo, sendo as suas disposiçoens inescrutaveis ao humano conhecimento. Recebeo os Sacramentos com grandes demonstraçoens de contrita, entre outras de alvoroçada. Quando achou, que era tempo, chamou os Padres para o Officio da agonia; e acabando, entregou placidamente o espirito nas mãos de seu Esposo; felicida-

dade, que parece ſegurava o agradavel ſemblante, que lhe deixou a morte. Mayor aſſumpto nos podia alargar eſta memoria, ſe a cautela deſta ſanta Madre naõ ſoubera livrar o theſouro de ſua conſciencia do ſubtil roubo da vangloria. Foy ſua morte em 5 de Dezembro de 1689.

Sor Maria da Encarnaçaõ.

Naõ foy menos acautelada, nem teria menos de que o ſer em ſua penitente, e larga vida, a Madre Sor Maria da Encarnaçaõ, filha do Senhor de Pancas, que buſcando em ſeus primeiros annos a Deos em duas Caſas ſuas, (Moſteiros da Corte de Lisboa) veyo a parar neſta, como centro de ſeu eſpirito na refórma, e obſervancia, que experimentou nella. Aſſim o era tambem a oraçaõ, em que ſe lhe dobrava o alento, parecendolhe pouco todo o tempo para aquelle exercicio. Era igualmente continuo o rigoroſo de largas diſciplinas, que lhe naõ tiravaõ da maõ, nem os annos, nem os achaques. Ardia em incendios de amor de Deos, que deſejava atear nos coraçoens do proximo. Levava-a eſta ancia com ſingular doçura, a eſcrever ſaudaveis conſelhos, e piedoſos incentivos, para accender, e illuſtrar as almas no caminho da perfeiçaõ: valiaſe para eſte emprego de hum genio Poetico, com que o Ceo enriquecera ſeu entendimento. Aſſim eſcreveo hum livro de Sagradas Rimas, outro em proſa, expondo, e applicando lugares da Eſcritura com grande propriedade, e ſentido genuino, como ſe lhe encaminhara a penna mais ſoberana luz, que a que naturalmente podia caber naquelle ſexo, deſpido de doutrina, e eſtudo.

Creſceraõ os achaques com a idade, e prenderaõ-na em huma cama, theatro de ſua paciencia. Naõ lhe faltou a coroa; de que o ſuave da morte, e circumſtancia della pode ſer conjectura; porque no inſtante, que eſpirou, viraõ muitas Religioſas hum globo de fogo, que voando ſobre a ſua cella, accendeo o ar com huma claridade taõ viva, que naõ ſó foy viſta das ſerventes, e viſinhança do Moſteiro, mas do bairro da Pampulha. (que lhe fica mais alto em pouca diſtancia) Correraõ com o ſuſto, de que ſe abrazava em fogo. Aſſim ſobiria aquella alma nas azas daquella lavareda, imitando a Elias no tranſito, como o fizera no zelo. Foy ſua morte em 2 de Agoſto de 1692.

Melior eſt dies mortis, die nativitatis. Eccleſiaſtes 7. 2.

Grande valia deu o Eſpirito Santo ao dia da morte, antepondo-o ao do naſcimento; e ſendo maxima taõ certa, (como da meſma Sabedoria) parece, que a quiz moſtrar com experiencia, e ſingularmente nas filhas deſta Caſa; pódeſe ver em quaſi todas, e finalmente neſtas ultimas, em que á Madre Sor Maria da Encarnaçaõ, ſe ſegue a Madre Sor Maria da Viſitaçaõ com o meſmo argumento de morte prodigioſa. Naõ o foy menos ſua vida, já no ſeculo taõ reformada, que em ſua meſma Caſa (vivendo em huma Quinta na tutela de hum tio) paſſava como ſepultada em huma eſtreita cella. Alli a tinha preza huma continua contemplaçaõ do Ceo, com taõ grande fruto della, que exercitando-a huma noite, vio, (ſem haver luz alguma, nem na caſinha, nem na ſua viſinhança) que lha enchera huma claridade ſuperior á do dia. Nada ajuizou, pa-

Sor Maria da Viſitaçaõ.

parando na admiraçaõ do que estava vendo, porque ainda naõ alcançava sua humildade, ou sua singeleza, o que merecia ao Ceo com aquelle genero de vida.

Passava em outra occasiaõ da Quinta a Riba mar, (Casa de Religiosos Arrabidos, que huma legoa de Lisboa fica para a parte do mar na estrada, que corre de Belem a Cascaes) e suspendendose com a vista das aguas, que em largo espelho se vaõ estendendo dalli até a barra, entrada da contemplaçaõ da immensidade de Deos, ouvio huma voz, que no interior de sua alma lhe dizia: *Engolfate no mar profundo de Deos.* Naõ foy menos activa outra inspiraçaõ, com que o Ceo lhe aconselhou mais perfeita vida hum dia, que contemplando na fermosura de hum campo, se lhe representou a incomparavel de Deos, ouvindo, que interiormente se lhe dizia: *Deixa o tudo pelo tudo.* Estas as luzes, com que o Ceo a encaminhou ás portas desta Clausura, em que só o preceito, e obediencia accresceo ao reformado, e penitente de sua vida; mas ella nunca satisfeita, aspirou a parecer antes morta, que mortificada. Viaõ-na só no Coro, e actos de Communidade. Naõ se lhe ouvia palavra, que servisse a commercio humano. Fallavalhe em Deos quem queria examinar se fallava. Grande confusaõ para a liberdade das conversaçoens, a que o Mundo chama divertimento! Quando ha de chegar dia, em que até as palavras ligeiras haõ de vir a juizo, e se haõ de pezar para a conta, as que talvez se naõ pezaraõ para a pratica? Mas grande cautela da Madre Soror Maria, que naõ só naõ esperdiçava palavras, mas comprava o Ceo com ellas!

Omne verbum otiosum, quod locuti fuerint homines, redent rationem de eo in die Judicii. Matth.12. 76.

Entendeose, que se esquivava tanto ao commercio das creaturas, porque o continuava sempre com Deos; e houve casos, em que parece se viraõ os grandes interesses, que delle tirava, naõ só para si, mas para quem se valia della. Mas nós escrevemos, naõ canonizamos. O que podemos dizer, fallando por boca de seus Confessores, he, que era tal a pureza de sua consciencia, que dos pés delles passava á Mesa da Communhaõ, sem mais que licença para as continuar, por naõ acharem de que a absolver. Seguiose a esta vida huma morte ensayada nella. Commungou dia da Ascensaõ; e ameaçada de huma dor, se passou para a Enfermaria, aonde aggravando-se-lhe a queixa, pedio, e recebeo o Viatico, reparando as Religiosas, (que o testemunhaõ ainda hoje) que se lhe começou a ver huma rara fermosura no semblante, que como banhado de luz, attrahia a si igualmente o agrado, e o assombro. Cresceo este, quando viraõ, que despedindose de todas, disse com alvoroço: *A Deos, a Deos, que vou para o Ceo.* E apertando nos braços a Imagem de hum Menino Jesus, de que era devota, (já recebida a Unçaõ) com palavras cheias de suavidade testemunhava, a que sentia em sua alma. Assim passou a lograr a eterna, em 28. de Mayo de 1705.

Sor Joanna do SS. Sacramento.

Naõ foy menos observante nas palavras, e praticas, a Madre Soror Joanna do Santissimo Sacramento, porque naõ tinhaõ humas, e outras mais assumpto,

to, que as melhoras do eſpirito. Aſſim o trazia cultivado, e deſtro na contemplaçaõ da Paixaõ de Chriſto, que medidas as horas, dizia em as eſcutando: *A eſta hora padeceo o Senhor tal martyrio.* Naõ ſe havia de ouvir em ſua preſença palavra, que podeſſe moleſtar o proximo. Era tal a antipatia, que tinha com a mentira, que ainda dita por galantaria, ſe affligia com ella; e ouvindo-a a Religioſa de mais confiança, a reprehendia com aſpereza.

Muitos annos ſeguio, e exercitou a da vida, que ſe profeſſa neſta Caſa; mas os achaques lhe roubaraõ o goſto com que a ſeguia, e ficoulhe ſervindo de merecimento a violencia, com que afrouxou nella. Era continua na oraçaõ, que acompanhava com lagrimas. (ſuave fruto della, que colhia em todo o tempo, que eſtava no Coro.) Paſſava de ſetenta annos quando lhe amanheceo o Divino Sol, que as enxuga nos olhos dos Juſtos, com huma morte das com que coſtuma premiar a vida delles. Foy ella em 20 de Julho de 1705.

CAPITULO XLV.

Da Madre Sor Maria Magdalena do Horto, e outras Religioſas de nome; e da irmãa Converſa Sor Maria da Purificaçaõ. Apontaõ ſe os Vigarios, que teve a Caſa, da fundaçaõ até o preſente.

TEmos chegado ao venturoſo fim das memorias das filhas deſta Caſa, podendo antes fazer hum catalago de todas, que ſó lembrança de algumas. Aſſim he inviolavel em todo o Moſteiro a obſervancia, e aſſim a das ſuas leys (ainda particulares) eſtreita, que o meſmo ſeria dizer Religioſa deſta Caſa, que perfeita Religioſa. Mas tendo a Caſa em commum eſte credito, tenhaõ-no tambem na ſingularidade do nome as que o Ceo quiz que a tiveſſem na virtude. Foy huma deſtas a Madre Soror Maria Magdalena do Horto, em quem a virtude pareceo herança. (aſſim foy a de ſeus pays ſinalada) Com eſtes enſayos entrou neſta Caſa, taõ deſtra para o enſino, que nos primeiros paſſos o trocou em exemplo. Aſſim o era continuamente nos exercicios de contemplativa, e mortificada. Aſſiſtia a Matinas, e até Prima ficava orando no Coro, tendo tomado primeiro poucas horas de deſcanço em huma cama, em que o naõ podia achar, ou em fórma, em que o naõ podia ter; porque ou era de joelhos, ſervindolhe a cama de arrimo, ou com os braços em cruz, inclinada ſobre ella. Queria deſconhecer as horas, em que a natureza ſabe desfigurar ao Mundo o trabalho, como quem ajuizava que naõ devia haver deſcanço no Mundo.

Toda ſua ancia era encontrar occaſioens de merecer, fazendo hum continuo ſacrificio das repugnancias do genio. Vioſe bem em hum caſo. Paſſava pela Enfermaria, e vendo hum prato com a ſangria, (que ſe tinha feito a huma enferma) lhe meteo aſco. Parou applicando outra vez a viſta, que o recuſava; e condemnando-ſe a ſi meſma na repugnancia, lançando maõ da ſangria, a bebeo, triun-

ſando da natureza. Devotiſſima da Virgem Senhora, a ſervia em huma Imagem ſua com a aſſiſtencia, e a oração, com o ornato, e o aceyo. Entendeoſe, que della merecera favores ſingulares. Chamavaſe Sor Maria eſcrava ſua; huma cadea, que trazia no braço, o teſtemunhava. Entendeo-ſe, que ſeria data da Senhora, pelas grandes diligencias, que ſeu Confeſſor fez por ella. O ſentimento de ſua morte embaraçou a advertencia de lha tirarem do braço, e ficou a terra com eſſe theſouro.

Chegada ſua morte, diſpoſta por leve achaque, entenderaõ as Religioſas que ſe lhe anticipara a noticia della, tendolhe ouvido muito antes, que pouco lhe reſtava de vida, e vendo, que repetia as confiſſoens com mais frequencia. Ao fazer a ultima, para receber o Viatico, naõ lhe achou o Confeſſor materia para ella; aſſim aliviado das penſoens de humano, voou mais ligeiro ſeu eſpirito aos braços de ſeu Eſpoſo.

Naõ ſe deſvelaraõ menos por merecellos as Madres Soror Antonia de Jeſus, Soror Maria do Naſcimento, e Soror Maria de Santo Antonio, como verdadeiras profeſſoras de todo o rigor da obſervancia das Conſtituiçoens, e da Caſa. Neſtes exercicios conſumiraõ venturoſamente a vida, ſepultada em achaques ſofridos com paciencia, exercitada em virtudes heroicas, que lhe grangearaõ a coroa.

Mas ſeja a das memorias deſta Caſa huma irmãa Converſa, que viveo nella tantos annos, como lhe deu de exemplos. Foy ella Soror Maria da Purificaçaõ, a que chamavaõ Maria Pequena, nome, que lhe deu ſua meſma eſtatura. Foy natural da terra da Feira, de donde parece que a eſcolheo, e deſtinou o Ceo para filha deſta Caſa, guardando-a com ſingular providencia. Vioſe logo na primeira idade, porque enganado ſeu pay, e mal informado do puro, e limpo procedimento de ſua mãy, (innocencia, que depois ſe vio publica) querendo tirarlhe a vida com hum punhal, alcançou com elle (nas muitas feridas, que lhe deu) a pequena, e igualmente innocente filha, que naõ largava os braços da mãy, ainda ameaçada. Correraõ a curar a mãy, e querendo fazello á filha, que tinha paſſada huma eſpadoa, ella o naõ conſentio, dizendo, que ſó de MARIA Santiſſima (a que chamava Mãy) eſperava a cura. Continuavalhe eſta ſupplica diante de huma Imagem ſua aquella meſma noite, quando ouvio, que ſe lhe dizia interiormente: *Maria, eu te curarey.* Moſtrou a experiencia, que naõ fora illuſaõ a promeſſa, porque, ſem applicar remedio algum, ſe ſentio brevemente curada, ficandolhe para prova do prodigio o ſinal da ferida.

Com os annos creſceo em Sor Maria o conhecimento deſte beneficio, e como illuſtrada de ſuperior conſelho, ſe alentou a pedir outro, pondoſe nas mãos da meſma Senhora, como Mãy ſua, pedindolhe, exercitaſſe com ella eſte nome. E continuando eſta ſupplica a todo o inſtante, lhe pareceo, que ouvira lhe diziaõ clara, e diſtinctamente: *Obra como filha, que eu obrarey como Mãy.* Obedeceo a venturoſa

don-

donzella, e começou a querer disporse para o titulo, com a pureza de sua vida. Mas naõ tardou, que se naõ alterasse o socego della, com a tormenta de a obrigarem a tomar estado, naõ lhe valendo as repugnancias, e inteirezas, com que se escusava, e defendia; resoluçaõ, que sem duvida lhe favorecia sua soberana Protectora, dandolhe a conhecer, que para melhor Esposo a guardava.

Viose assim, livrando-a do ultimo combate, em que se chegou a fechar em huma casa trez dias, sem mais sustento, que hum pouco de paõ. Já desenganados os pertendentes, consentia o tio, que se recolhesse em hum Mosteiro, offerecendoselhe dous mais visinhos da Feira. Suspendeo Maria a escolha, porque já naõ tinha vontade propria, e recorreo á diligencia das suas supplicas, feitas á sua Valedora, e taõ bem escutadas della, que se lhe representou, como por sonhos, que apparecendolhe a mesma Senhora com o Menino nos braços, lhe dizia: *Maria, naõ te cances; que ainda has de correr mais terras.* Entendeo logo, que outro havia de ser o seu centro: e passando com seus parentes a Lisboa, se lhe meteo nas mãos a noticia desta Casa do Sacramento, convidandolhe a observancia della suavemente o genio. Naõ houve detença; só ao recebella na Clausura; acharaõ as Religiosas o embaraço de a verem taõ pequena, que naõ promettia satisfazer a occupaçaõ, para que se recebia; mas receberaõ-na as mesmas, que tinhaõ feito o reparo, talvez que advertidas do Ceo, de que das mais pequenas plantas da terra, costuma a Providencia crear os mais levantados Cedros do verdadeiro Libano; ou de que naõ desmereceo nos olhos de Christo a pequena estatura de Zacheo, porque com o mesmo Christo se chegou a pôr á mesa, servindo-o gostosamente em sua casa. Na Casa de Deos, e Casa, em que especialmente se venera a sua mesa, naõ foy menos aceita a pequena estatura de Maria, dandose o mesmo Senhor por bem servido della.

Era a officina, para que foy recebida, a da cosinha, e de mais trabalho na Casa; mas logo se desenganaraõ, de que se naõ medem pelo corpo as forças do gosto, e do espirito. Com estes dous alentos abraçou Sor Maria aquelle trabalho, que continuou toda sua vida, até idade, que já lho naõ permittiaõ suas forças; mas naõ se descuidava o Ceo de lhe dar companhia, que supprisse por ellas. Assim entrando pela manhãa na sua officina, achava já vencido, ou todo, ou o mayor trabalho, que podia haver nella, vindolhe a sobejar tempo, para se entregar aos exercicios da oraçaõ, e da penitencia, naõ havendo mortificaçaõ, que lhe cançasse a constancia.

Era taõ estreito o seu jejum, que quasi sempre lhe serviaõ de sustento os sobejos da mesa, ignorando assim todo o gosto della, que, para o naõ achar em nada, destemperava o prato com cinza, ou agua fria. Começaraõ a perseguilla os achaques, assim desconhecidos, ou desprezados de sua paciencia, que nunca afrouxou, nem na aspereza da vida, nem no serviço da Casa, em

em que se conjecturavaõ os soberanos mimos, com que o Ceo a premiava, e fortalecia. Muitos apontavaõ os Mestres de sua consciencia. (pessoas de espirito, e dignas de todo o credito) No meyo de suas mayores afflicçoens se lhe representou em huma occasiaõ (sem saber distinguir se dormia, se velava) huma cruz, seguindose huma voz, que lhe dizia: *Esta has de ter até á morte.* Fallou em varias occasioens, como illustrada, em successos futuros, e com muita segurança, que depois confirmou a experiencia. Mas a illustraçaõ mais notavel, de que ficou memoria (estabelecida no testemunho de seu Confessor) foy huma repetida representaçaõ, que teve no Coro nos ultimos annos de sua vida.

Costumava deterse orando algumas horas pela madrugada, antes de passar á sua officina. Continuava-o assim huma Vespera da Ascensaõ de Christo, quando vê que se lhe trocava o Coro em hum concertado jardim com quatro quadros, de que hum estava perfeito, e cultivado cheyo de fermosas, singulares, e odoriferas flores, de que os mais quadros se principiavaõ á ornar. Naõ entendeo agora a representaçaõ Sor Anna, agradeceo ao Senhor o mimo della; mas, passados sete mezes, representandoselhe a mesma visaõ, vî o segundo quadro do jardim acabado, e que por entre elles se encaminhava ao sitio, em que ella estava, hum mancebo de gentil, e magestosa presença, e lhe dizia, apontando para os quadros imperfeitos: *Maria, tudo isto te falta; trabalha.* Passado no, e meyo, e tendo a mesma representaçaõ, vio já o jardim perfeito, e acabado. Entaõ entendeo, que a piedade de seu Esposo lhe decifrava nas flores os trabalhos, e que os que eraõ trabalhos para a vida, eraõ flores para a coroa; noticia, que communicou a seu Confessor, começando com mais fervor a dispôrse para aquella hora, que sempre esperava.

Mas amiudavaõse os assaltos do inimigo commum, que a via, com inveja, coroar o curso de sua vida, triunfando de sua astucia; e dispoz o que se lhe permittio de vingança. Caminhava a boa velha para a cosinha, carregada de hum grande feixe de vides, e chegando a huma escada, que de bastante altura desce áquella officina, viraõ as Religiosas, que estavaõ nella, que medindo os degraos com violencia, lhes cahia aos pés, dando o rigoroso golpe, que promettia hum corpo velho, e pezado, despedido de toda aquella eminencia. Acodem, entendendo, que espirara, quando vem, que sem necessitar de arrimo, se levanta sãa, e desasombrada, segurando, que nada lhe doia, e dando a entender, que naõ desconhecia de donde o mal lhe viera. Seguioselhe o de huma hydropisia, que largo tempo abraçou com paciencia, acabando de colher do jardim, que se lhe representára, as flores, com que lhe teceo a coroa. Passou a lograr a da immortal Primavera, em 11. de Novembro de 1701.

Estas saõ as memorias da Casa do Sacramento, (authorizadas com o testemunho dos Confessores della) em que corremos com a penna mais ligeira do que pediaõ muitas, a estarem au-

authenticadas. Naõ foy só a omissaõ, a que perdeo o importante desta diligencia, mas a repugnancia na modestia das professoras da virtude, contentes só com o testemunho de quem lhe póde dar o premio. Assim merece esta Casa o nome de espelho da observancia, naõ só para toda a Provincia, (mas para todas as Casas de mayor reforma) conservada esta assim pelos grandes espiritos, que aqui a professaõ, e cultivaõ, como pelo zelo dos Prelados, que lhe assistem, naõ como Confessores, ou Vigarios ordinarios dos mais Mosteiros, mas como Commissarios do Reverendissimo, (a que o Mosteiro he immediatamente sogeito) a quem dá seus poderes para todo o governo, e disposiçaõ, como receber, e professar Religiosas, confirmar Preladas, prover os lugares de Confessores, Capellaens, e Procuradores. Assim foraõ sempre Vigarios desta Casa os Religiosos de mais reputaçaõ nesta Provincia, como se póde ver na serie, que para plena noticia deste Mosteiro fazemos delles.

Foy o primeiro o Mestre Fr. Joaõ de Portugal, herdeiro da Casa de Vimioso, a que antepoz a mortalha Dominicana. Governou o Mosteiro, até ir para a sua Mitra de Viseu. Seguiose o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, que governou, até ir para Lente de Prima da Universidade de Coimbra. Entrou o V. P. M. Fr. Joaõ de Vasconcellos, Prégador delRey, Reformador da Universidade de Coimbra, do Conselho Geral do Santo Officio, Provincial, que foy desta Provincia, e que recusou o Bispado de Miranda, e depois o Arcebispado de Braga. Governou até sua morte, espaço de vinte annos. Succedeolhe o M. Fr. Fernando da Encarnaçaõ, eleito Bispo do Algarve; governou pouco tempo, e pedio absolviçaõ do Officio. Seguiose o M. Fr. Antonio da Encarnaçaõ, que foy Provincial de Armenia, e Deputado do Santo Officio; governou cinco para seis annos, e pedio absolviçaõ. Succedeolhe o Padre Fr. Christovaõ de Aguiar, que governou até falecer. Seguiose o M. Fr. Valerio de S. Raymundo, Provincial, que foy desta Provincia, do Conselho Geral do Santo Officio; governou, até o elegerem Bispo de Elvas. Succedeolhe o M. Fr. Ignacio da Costa, Consultor do Santo Officio, e Commissario Geral, que foy desta Provincia; faleceo começando a visitalla. Seguiose o Mestre Fr. Vicente de Santo Thomaz, do Conselho Geral do Santo Officio; governou onze annos, até que faleceo. Seguiose o Mestre Fr Manoel Veloso, Deputado do Santo Officio, governou nove annos, e impedido de achaques, pedio absolviçaõ. Succedeolhe o M. Fr. Joaõ Bautista, Deputado do Santo Officio, Provincial, que foy desta Provincia, e he o que governa o Mosteiro (vay por seis annos) ao tempo, que isto escrevemos. Praticaõ a Prioreza, e Religiosas da Casa, que se lhe perpetuem os Vigarios, e Confessores della, como grande maxima para a conservaçaõ da observancia; porque sendo meditada a escolha dos Prelados, que as Religiosas propoem ao Geral, devem conservarse, como escolhidos, e naõ repetir escolhas, que

que naõ acharáõ as meſmas qualidades em todos.

CAPITULO XLVI.

Fabrica da Igreja nova do Sacramento, e algumas particularidades da meſma Caſa, dignas de noticia.

POr naõ interromper a ſerie, e ordem, que venturoſamente fomos ſeguindo nas vidas, e falecimentos das filhas deſta Caſa, guardamos para o complemento della a refórma, e augmento da ſua Igreja, que deſcreveremos com aquella ſingeleza, e brevidade, que pedem fabricas Sagradas, antes ſepulturas de eſpiritos amortalhados, que padroens levantados ao credito, e deſvanecimento humano. Já no primeiro Capitulo deſte livro fica raſcunhado o ſitio, e primeira fundaçaõ da primeira Igreja, que teve o Moſteiro, fabrica toſca, antes huma Caſa ſem fabrica. Agora nos dará aſſumpto a da Igreja nova.

Entrou pelos annos de 1635. a ſer Vigario da Caſa o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos; e pondo os olhos nella, vendo já as Religioſas bem accommodadas de vivenda, e que ſó a Igreja desdizia da mais obra, parece, que lhe occorreo a conſideraçaõ de David, quando fallando com o Profeta Nathan, lhe dizia: *Por ventura naõ reparas, que naõ he bem, que eſteja eu em hum Palacio, e a Arca de Deos ſem Templo?* Eſte penſamento o reſolveo a derribar a primeira Igreja, e começou logo a creſcer a nova, e a trabalharſe nella com tanto calor, que bem parecia que aſſiſtia o braço de Deos a mover a maõ de hum homem, que com mais deſejos, que cabedaes, emprendia obra, que ſó com muitos ſe deſempenhava. Aſſim ſahio acabada, e perfeita, com tanta ſingularidade na architectura, que pareceo ſoberanamente aconſelhada a idéa, como ao meſmo David dera Deos o raſcunho, para lhe lavrar o Templo. Ajudou eſta ſuperior idéa ao Veneravel Padre na noticia, que tinha da architectura, conſeguindoſe aſſim o logro da fabrica, que hoje vemos, e admiramos mais peregrina, que ſumptuoſa.

Levanta-ſe toda ella em quatro arcos largos, e alteroſos; nos que ficaõ aos dous lados, direito, e eſquerdo, a quem ſe poem na entrada, ſe fórma, e dilata o corpo da Igreja, ficando os outros dous dando lugar á Capella mayor, e ao Coro; eſte ao Naſcente, ao Poente aquella. Sobem de hum, e outro lado as paredes cubertas de almofadas de pedra fingida (valor, e galantaria, que enfeita toda a obra) até duas varandas, ou tribunas, que as deixaõ viſtoſas, e authorizadas. Aſſim o fica o mais vaõ das paredes com outras tribunas, que em correſpondencia deixaõ toda a Igreja ornada, e ayroſa. Corre ſobre os quatro arcos hum frizo, de que começa a creſcer hum fermoſo zimborio rematado em huma ayroſa claraboya, que com ſua luz dá alma a toda a Igreja. No arco, que fica ao Poente, ſe abre a Capella mór, capaciſſima, e deſembaraçada, com retabolo, que a occupa toda, ornado de fermoſas columnas, que ſuſtentaõ o frizo, em que no alto deſcan-

cança, e se abre hum espaçoso nicho, em que se vê huma Imagem da Senhora sentada, e com o Menino nos braços. Ao pé das columnas de huma, e outra parte, se vem quatro fermosas, e avultadas Imagens. Da parte esquerda se vê a de nosso Patriarcha S. Domingos, com suas insignias, a que dá a maõ direita o Anjo das Escolas Santo Thomaz, tendo nas mãos o Paõ dos Anjos. Assim ficaõ ambos, dando lugar mais authorizado da parte direita a nosso Padre S. Francisco, que tem á sua ilharga o insigne Portuguez Santo Antonio de Padua, que tem nas mãos o pasto Celestial, em lembrança da adoraçaõ, que lhe rendeo o bruto faminto. Abrese no meyo do retabolo huma nobre, e espaçosa tribuna, a que occupa o vaõ huma ayrosa charola, que crescendo sustentada em sete columnas, se coroa com hum gracioso remate. Tem a charola por coraçaõ hum globo dourado; (como o he toda a obra) sustenta-o nas mãos hum Anjo de estatura de homem, acompanhado de outros dous, que ajoelhados veneraõ ao Senhor Sacramentado, de que he deposito o globo, e de que saõ emblemas hum ramo de vide, que fecunda de cachos, o cerca, e hum molho de espigas, que graciosamente o coroa, naõ inculcando menos mysterio as sete columnas, em que se sustenta a charola, alludindo ás que cortou a Sabedoria, para ornato da Casa, em que se poz aquella graciosa mesa, que nesta se vê com o excesso de estar aqui o figurado, e naquella a figura.

De huma, e outra parte acompanhaõ o arco da Capella dous mais inferiores, dando lugar a dous Altares. A' maõ direita o da Senhora do Rosario, Imagem com igual fermosura, que magestade. Servelhe de espaldas hum fermoso resplandor, cercado de hum Rosario, de que saõ extremos grandes, e encarnadas rosas. Fica da parte esquerda outro Altar, em que se vê a Imagem de hum Senhor crucificado de estatura de hum homem, que causa juntamente devoçaõ, e temor, e he tradiçaõ, que fallara a huma Religiosa. Em correspondencia do Altar da Senhora, lhe serve de espaldas outro resplandor, a que cercaõ, e remataõ os rayos, em laços graciosos, humas pequenas laminas com as insignias da Paixaõ. No arco, que fica ao Nascente fronteiro á Capella mór, fica o Coro, e huma tribuna em proporcionada altura, dando lugar á porta unica da Igreja. O ornato, e aceyo della, antes parece occupaçaõ de espiritos Angelicos, que humanos. A fragrancia das flores, e dos perfumes, convidaõ, e arrebataõ com a suavidade os sentidos á contemplaçaõ daquelle soberano Templo, em que os Anjos, e os bemaventurados offerecem continuo sacrificio de aromas preciosos.

Ascendit fumus incensorum de manu Angeli. Apocal. 8. Habentes singuli phialas aureas plenas odoramentorum. Apocal. 5.

Esta he a fabrica, que serve de alma a todo o Mosteiro, trabalhada, e conseguida pelo Veneravel Padre com tanto dispendio, desvelo, e affecto taõ fino de ver a Deos venerado com perfeito culto, que o mesmo Senhor mostrou lhe servira, e fora de agrado, como o revelou a huma Religiosa da mesma Casa. Na vida do Padre fica já essa noticia. Esta he a Arca do Tes-

Teſtamento, pollida, e dourada, em que o povo de Deos venera recolhido o Maná verdadeiro. Eſte o viſtoſo, e engraçado circulo, e clauſura dos lirios, em que ſe guarda, e fecha aquelle ſoberano monte de trigo, que dá a eſta Caſa nome, e paſto; correndo a buſcar á ſombra deſte monte os venturoſos eſpiritos, que vivem das abundancias delle, como do Povo mimoſo, e em genuina accommodaçaõ das povoadoras deſte Moſteiro, dizia Oſeas: *Convertentur ſedentes in umbra ejus, & vivent tritico.* Dos que vivem na Caſa de Deos, e do Sacramento, o entende Hugo.

Sub protectione Dei vivent tritico, corpore, & ſanguine Chriſti.

Quanto ao interior do Moſteiro, fica já tocado na fundaçaõ delle, e principio deſte livro; mas para darmos noticia das Imagens, que nelle ſe guardaõ, e veneraõ como em Sacrario, apontaremos o que achamos mais digno de ſahir a publico, para cabal conhecimento do Moſteiro. He todo elle bem repartido em proporcionados Dormitorios, e officinas; excede a todas a caſa, a que chamaõ do Lavor; Clauſtro alegre, e deſabafado, por mais que cercado de varandas cubertas, que nem aſſim aſſombraõ hum baſtante taboleiro de Jardim, lavrado de copadas murtas, e animado com huma fonte de diverſos jaſpes. No Clauſtro, e varanda delle, ſe repartem oito Capellas, com retabolos, e Imagens de ſingular ornato, e aceyo, deſvelo das Religioſas, que os tem a ſeu cargo com particular voto. Saõ mais celebres as Imagens de S. Franciſco Xavier, de que rezaõ no ſeu dia por particular indulto, e a de S. Gonçalo, feita por voto em acçaõ de graças, pela ſaude do M. Fr. Joaõ de Portugal, primeiro Vigario da Caſa, em occaſiaõ de huma enfermidade, que o teve á morte. He reparo, e experiencia das Religioſas, que nas ſupplicas, que ſe fazem por enfermos, muda o Santo o ſemblante em alegre, ou triſte, confórme ſe ha de ſeguir o effeito no doente.

Em outra Capella do Clauſtro eſtá a Imagem de hum Chriſto crucificado, que tirando os braços da Cruz, fez aquelle eſtupendo favor á Madre Sor Filippa do Santiſſimo Sacramento, como em ſua vida fica referido. No Capitulo, que fica no andar do Clauſtro, e he enterro das Religioſas, eſtaõ em hum Altar as duas devotiſſimas Imagens do Senhor com o madeiro ás coſtas, e a Virgem Mãy traſpaſſada de agonia, como no encontro da rua da amargura; he o Senhor da eſtatura de hum homem, e ambas as Imagens, buſcadas da devoçaõ das Religioſas com frequencia, e com experiencias do medicinal azeite da ſua alampada.

No topo, e fim do principal Dormitorio, ſe levanta hum Altar com a Imagem da Senhora das Horas. Deu-a a Madre Sor Jeronyma de Jeſus. He tradiçaõ ſer milagroſa, de que naõ ficou mais particular noticia. Chamaſe das Horas, e he Altar achado em todas as Caſas Dominicanas, porque nelle ſe coſtuma rezar o Officio Menor da Senhora em Matinas. No toupo da Enfermaria, em outro Altar decente, ſe vê a Imagem da Senhora do Roſario, que eſteve na Igreja do primeiro Moſteiro. He

tra-

tradiçaõ, que esta Senhora acodia aos navegantes, como o testemunhavaõ os votos, que lhe cobriaõ as paredes.

Entrando no ante-Coro, em hum nicho fronteiro á porta delle, está huma Imagem da Senhora da Assumpçaõ, da fundaçaõ da Casa, e de singular devoçaõ, e veneraçaõ de toda ella. Sobre a porta, que entra para o Coro, da banda de dentro delle em hum nicho, se vê huma avultada Imagem do Divino Esposo, que lançando a suas esposas huma bençaõ, tem aos pés huma letra, que diz: *Sub umbra alarum tuarum protege nos*; como se lhe estiveraõ dizendo as esposas: *Esposo soberano, defendeinos debaixo de vossa protecçaõ.* Entrando no Coro, se offerece na frontaria em lugar alto a Imagem de Christo crucificado, de estatura avultada, que no peito, como lugar, donde sahio o verdadeiro Sacrario, guarda o Sacramento. No Calvario, que sustenta a Cruz, se vem em artificiosos repartimentos varias reliquias, entre as quaes se acha a mayor parte de huma cabeça das Onze mil Virgens.

Segue-se inferior ao Calvario, occupando o vaõ da parede, que ha por cima da grade, ou tribuna da Communidade, que cahe para a Igreja, e entre os dous Altares Collateraes a ella, hum Santuario de obra de talha dourada, em que se recolhem outras reliquias, e saõ principaes, entre ellas, hum espinho da Coroa do Senhor, reliquias das grandes Madres Santa Teresa, e Santa Catharina de Sena. Reliquia (e he singular neste Reyno) de Santa Rosa de Lima. Parte da capa de nosso Patriarcha, que já obrou conhecida maravilha em huma Noviça da Casa. Ha mais nella huma boa parte do Santo Lenho. Todas estas reliquias saõ authenticadas; muitas dellas trouxe de Roma, e deu a este Mosteiro o M. Fr. Manoel Pereira, Provincial que foy da Terra Santa, e desta Provincia, depois Bispo do Rio de Janeiro, de que já deixamos mayor noticia no primeiro livro.

Enchem a mesma frontaria do Coro, tomando as grades, e o Santuario no meyo, os dous Altares Collateraes, que dissemos, com seus retabolos dourados, graciosos, e bem lavrados nichos; no da maõ direita da frontaria se vê huma peregrina Imagem da Senhora do Rosario, que mandou fazer o V. P. Fr. Joaõ de Vasconcellos. No nicho do retabolo da maõ esquerda, se vê a Imagem de nosso Patriarca, e diante em o Altar a do Menino Jesus, a que as Religiosas chamaõ *O Senhor siganinho.* Emprego foy dos suspiros, e oraçaõ de Soror Cecilia, que lhe poz o nome. No aspecto parece que respira Divindade; e e he reparo commum, e antigo no Mosteiro, que se lhe percebem differenças no semblante, ou de severo, ou de benigno. Cobrem de huma, e outra parte as paredes do Coro, as cadeiras com espaldares dourados, em que se vê a Historia dos Cantares, entremetidos alguns Santos da Ordem. Correm por cima outros quadros, que deixaõ a Casa ornada, e vistosa.

Mas o que se faz mayor lugar, como prodigio moderno, e de que testemunhou a mayor parte do Mosteiro, he huma Ima-

gem, que ha nelle do Menino Jesus, a que chamaõ o Menino, que se fez. O successo explicará o titulo. Havia na Casa a Imagem de hum Menino Jesus dormindo, mas com taõ impropria semelhança da gentileza, que representava que a falta della o escusou, a voto das Religiosas, de estar á vista, retirando-o huma dellas a huma gaveta da Sacristia, aonde o descuido o teve alguns annos sepultado, até que ou abrindose em huma occasiaõ mais a gaveta, ou fazendose mais reparo nella, se passou ao rosto do Menino; suspendendose a Religiosa (que com elle deu a caso) naõ só de o ver taõ bello, mas estranhando, que estivesse escondido tal thesouro. Acodio a Communidade igualmente testemunhando o desagradavel parecer antigo, como admirandose, e confundindose com o novo; de que he boa testemunha quem o vê, porque na occasiaõ do Natal se poem no Altar da Igreja, no mais tempo se guarda no Mosteiro com aquella veneraçaõ, e decencia, que sempre se está devendo a quem parece a quiz comprar com o seu agrado. Está adormecido, e inclinado sobre a maõ direita; taõ vivo, que só parece, que o sono lhe suspende o movimento; no rosto mostra hum ar mais que humano, ou quer testemunhar nelle, que se fez a si mesmo, como segurar ás suas esposas, que se paga de que o conheçaõ pelo mais fermoso entre os filhos dos homens, porque sendo elle o mais perfeito, seja só o desejado nome, que já lhe deu a esposa, e nome, que elle se grangeou agora.

Speciosus forma præ filiis hominum. Psalm. Totus desiderabilis. Cant.

CAPITULO XLVII.

De algumas noticias pertencentes a esta Casa do Sacramento.

Concluidas as memorias desta Casa, seria culpavel a omissaõ de algumas, que de algum modo pertencem a ella, e sem duvida tem alguma justiça, para nos executarem por esta lembrança, havendo de ceder em credito da mesma Casa; razaõ, que nos obriga a fechar este livro, satisfazendo esta divida. Seja pois a primeira memoria de duas Veleiras deste Mosteiro, taõ dignas de coroarem as memorias delle, como o foraõ do santo commercio com as Religiosas, sendo-o ellas da Ordem Terceira, e gastando nesta Casa sua vida, como tendo nella sua sepultura. Foy a primeira Soror Anna da Esperança, a segunda Soror Isabel da Visitaçaõ; de ambas ficou grande nome, e opiniaõ de virtude, observancia inteira de sua Regra, e veneraçaõ commua de quem as conhecia. Mas de Sor Isabel, como mais moderna, podémos recolher mais miuda noticia.

Foy Soror Isabel natural do lugar de Bemfica, huma legoa da Cidade de Lisboa. Sua boa inclinaçaõ a levava continuamente a assistir na Igreja do Convento de S. Domingos, que tomou o nome do lugar, ficandolhe em alguma distancia, desconhecida esta do gosto de quem só o tinha naquella devota assistencia. Como começou esta de idade tenra, a continuava agora na mais crescida, frequentando os Sacramentos, fallando, e tratando nas cousas de Deos com

com grande elpirito, igual a innocencia, e ſingeleza de ſua alma, que conhecida por ſeus Confeſſores, que apadrinharaõ ſuas ſupplicas, e diligencias, lhe lançou o habito de Religioſa Terceira o Prelado daquella Caſa. He boa conjectura, que faria eſta funçaõ o P. M. Fr. Joaõ de Portugal, ſendo alli Prior, porque ſendo Vigario deſta Caſa do Sacramento, trouxe a Soror Iſabel para aſſiſtente da ſua Portaria, e Veleira della, como inteirado de ſua capacidade, e refórma de vida.

Aſſim a deſempenhou Soror Iſabel, ſervindo de edificaçaõ a quem a via, e tratava. Sua modeſtia, e compoſtura, eraõ indicios da candidez de ſua conſciencia. Obſervante do ſilencio, naõ ſe lhe ouvio mais que o que era preciſo. Ou occupada, ou rezando, era incançavel no que eſtava á ſua conta, ſem haver trabalho em que ſe lhe diviſaſſe a minima impaciencia. Com inſaciavel caridade repartia aos pobres o que vinha de dentro do Moſteiro, augmentando-o com a melhor parte da ſua reçaõ, e com as eſmolas, que grangeava a ſua induſtria, com a liberalidade das Senhoras, e peſſoas de reſpeito, que vinhaõ áquella Caſa. Reprehendiaõ-na as Religioſas, entendendo, que as malquiſtaria aquella impertinencia; mas Soror Iſabel, que via a boa vontade de quem lhe dava as eſmolas, (conhecido o bom emprego dellas) pondo ſó os olhos na ſanta grangearia de repartillas, aceitava as reprehençoens, com o goſto de ter mais que merecer naquelle exercicio. Neſte, e em outros devotos, e penitentes, ſem afrouxar nunca nelles, conſumio a vida, dandolhe Deos no cabo della o martyrio de perder a viſta, exame, que abraçou a ſua paciencia com a conformidade, de quem ſó pertendia a verdadeira dos olhos de ſua alma. Parece, que lha naõ dilatou o Senhor; paſſou deſta vida como quem hia a logralla. Deuſelhe ſepultura (era ainda na primeira Igreja) junto a Soror Anna da Eſperança; e ſuccedendo abrirſe depois de alguns annos, foy o meſmo começar a bolirſe na terra, que encherſe o ar de huma fina, e peregrina fragrancia, que naõ ſó os Religioſos, e ſeculares, que ſe achavaõ na Igreja, mas as Religioſas no Coro, e algumas na larga diſtancia do Dormitorio, ſe ſuſpenderaõ. Examinouſe o motivo, e naõ ſe achando mais, que terra ſolta, ſem outra miſtura mais, que os oſſos ſecos daquelles dous venturoſos corpos, ſe entendeo, que elles eraõ a porçaõ aromatica, de que ſe exhalava taõ exquiſita fragrancia.

Mas coroemos finalmente eſte livro com huma noticia, que ſendo de credito para eſta Caſa, parece agradecimento della ás illuſtriſſimas do Baſto, e Vimioſo, que naõ ſó a fundaraõ, mas a ennobreceraõ, fazendo a Palacio de ſua nobreza, recolhida nella a mayor parte de huma, e outra familia. E para que ſe conheça o como ambas foraõ mimoſas de Deos, e naõ menos agradecidas a elle, apontaremos, para melhor brazaõ de huma, e outra, as peſſoas, que dellas ſe recolheraõ, naõ ſó aos noſſos Dominicanos, mas a outros religioſos Clauſtros, ſendo exemplares de virtude em todos. E co-

começando pela Casa de Vimioso.

Teve D. Affonso de Portugal II. Conde de Vimioso de sua mulher Dona Luiza de Gusmaõ, cinco filhos, e oito filhas. Dom Joaõ de Portugal, que foy hum dos filhos, (e herdeiro da Casa, como mais velho) fugindo dos braços do Mundo, e voltando as costas ás meiguices da ventura, tomou o habito em S. Domingos de Evora, attrahido de huma santa sympatia, que o trouxe á Religiaõ Dominicana, segunda mãy, de cujos peitos se alimentou, e cresceo Varaõ illustre em virtude, e letras, coroadas humas, e outras com acclamaçoens, com cargos, com Mitras. Este foy o M. Fr. Joaõ de Portugal, de que já fica mais larga memoria entre os filhos de Evora.

Outro filho (que depois succedeo na Casa) foy D. Luiz de Portugal, que depois de acompanhar seu pay, e irmãos na infausta tragedia dos campos de Africa, em que foy cativo; resgatado, e restituido a este Reyno, já Conde de Vimioso, casou com Dona Joanna de Mendonça, filha de D. Fernando de Castro, Conde do Basto; e passados annos, resolvido entre os dous hum divorcio santo, fundando ambos este Mosteiro do Sacramento, tomou nelle o habito a Condessa, e o Conde o da mesma Ordem na Casa de Bemfica. Venturoso Condado do Vimioso, que perdeo herdeiros para grangear Santos! Mais venturoso, por duas vezes deixado, como herança de dous espiritos, que o souberaõ trocar pelos humildes capellos Dominicanos! O outro filho, que foy D. Nuno Alvares de Portugal (que faleceo sendo hum dos trez Governadores, que governaraõ este Reyno) recolheo nos mesmos Claustros Dominicanos, em o Convento de Bemfica, dous filhos; Fr. Luiz da Cruz, e Fr. Antonio de Portugal; aquelle por observante, e penitente; este chorada sua morte em pouca idade, e muitas esperanças de grandes progressos nas letras. Deu mais D. Nuno Alvares huma filha a esta Casa do Sacramento; Soror Margarida da Columna, que viveo, e morreo como verdadeira filha della.

Das oito filhas do Conde D. Affonso, faleceraõ quatro em tenra idade, querendo o Ceo entrar em partilhas na Casa, como taõ sua; ou levar as quatro em penhor das outras, que ficavaõ merecendo o mesmo. Destas foy huma Dona Joanna de Portugal, que tomou o habito no Mosteiro de Santa Catharina de Evora. Foraõ as outras Dona Brites, e Dona Thomazia; depois Sor Thomazia, e Sor Brites de Jesus no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa, em que ambas foraõ Abbadessas, e acabaraõ com reputaçaõ de grandes Religiosas. A quarta foy Dona Filippa de Portugal, segunda Prioreza deste Mosteiro do Sacramento, como já deixamos escrito.

D. Luiz de Portugal III. Conde de Vimioso, (Fundador desta Casa do Sacramento, e depois professo nos Claustros Dominicanos, onde se chamou Fr. Domingos do Rosario pela devoçaõ, que teve a elle, e ao Santo) entre muitos filhos teve duas filhas, Dona Filippa, e Dona Luiza. Foy esta Religiosa no Mos-

Mosteiro de Santa Catharina de Evora; em seu lugar escrevemos sua vida; Dona Filippa neste do Sacramento, donde passou ao de Santa Catharina, para o reduzir a refórma; nelle acabou a vida.

D. Affonso de Portugal IV. Conde de Vimioso, e depois Marquez de Aguiar, casou com Dona Maria de Mendonça, de quem teve trez filhas, Dona Margarida, Dona Brites, e Dona Luiza. As duas primeiras entraraõ nesta Casa; a terceira na de Santa Catharina de Evora. Nesta do Sacramento entrou sua mãy a Marqueza; já o deixamos escrito. Seguio sua familia o seu exemplo, recolhendose nos Claustros Sagrados, em differentes Mosteiros, cinco Ayas suas. Huma no Mosteiro de S. Bento das Bernardas de Evora, donde a obediencia a tirou para Fundadora das Bernardas Descalças em a Casa, que se levantou no Mocambo, bairro de Lisboa, visinho ao Sacramento. Naõ tinha entaõ mais que dous annos de Professa, mas taõ adiantada nos exercicios da mais reformada, (estylo de vida, que sempre observara em Casa da Marqueza) que na da nova Recoleta a elegeraõ Abbadessa perpetua. Tomou outra o habito em Santa Catharina de Evora, aonde foy exemplar sua vida. Eraõ as outras trez Ayas irmãas, gente nobre, e de muita estimaçaõ na Casa da Marqueza; com ella tomaraõ o habito nesta do Sacramento. Foraõ ellas Sor Francisca das Chagas, Sor Josefa de Jesus Maria, Sor Maria de Jesus, de taõ grande opiniaõ todas, que nos augmentaraõ o assumpto deste livro.

Seguio os mesmos passos, buscando o melhor Esposo, pelo caminho estreito da Clausura, Sor Barbara da Trindade, neta de D. Joaõ de Portugal, neto do primeiro Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal. Nesta Casa do Sacramento tomou o habito, como fica escrito. Sem noticia da Casa sabemos, que buscaraõ tambem a Clausura quatro filhas de D. Joaõ de Almeida, bisnetas do mesmo D. Joaõ de Portugal.

Da Casa do Basto fica dito que fundou, e se recolheo nesta do Sacramento a Condessa Dona Joanna: seguindo seu exemplo, buscaraõ a mesma Clausura quatro sobrinhas, suas irmãas inteiras, filhas do Conde D. Diogo de Castro, Governador primeiro, e depois Vice Rey deste Reyno. Foraõ ellas Dona Catharina, Dona Francisca, Dona Marianna, (destas démos já noticia) e Dona Filippa, ou a Madre Sor Filippa da Encarnaçaõ, que carregada de annos, vive ainda hoje, que isto escrevemos, para consolaçaõ das Religiosas, e lucro do Mosteiro. Seguiraõ tambem o exemplo da Condessa Dona Joanna, duas Ayas suas, que se recolheraõ em a de Santa Catharina de Evora.

Tal foy o exemplo, que deraõ ao Mundo, tal o fruto, que deraõ ao Ceo as duas Casas do Vimioso, e Basto, povoando-se os Claustros Dominicanos, primeiro com as mesmas pessoas, e herdeiros dellas, depois com as familias. E tal foy a destas duas mulheres fortes, a Condessa de Vimioso, e a Marqueza de Aguiar. Estas as que a seus filhos, e domesticos deraõ as tunicas de lãa, trabalhadas por sua in-

Quæsivit linum, & lanam: omnes domestici ejus vestiti sunt duplicibus. Dedit prædam, & cibariam ancillis suis. Panem otiosa non comedit. De fructu manuum suarum plantavit vineam. Proverb. cap. 31.

industria, misturando para si mesmas o ornato na purpura, e no panno grosseiro. Estas as que ás suas servas deraõ na Casa de Deos, (e especialmente na do Sacramento) aquelle soberano sustento, paõ quotidiano, de que tambem gostaraõ á custa do trabalho de seu espirito. Mas seja a mayor gloria da Fundadora desta Casa, que verdadeiramente foy a melhor Fenix; que reduzindo seus desejos ao fruto das obras, plantou esta soberana Vinha, cujo licor sagrado alimenta, e conserva tantos Coros de Virgens, que o buscaõ, e gostaõ na Casa, e na Mesa do Sacramento, nas vodas, e desposorios de seus venturosos espiritos.

Fim do terceiro livro.

QUAR-

QUARTA PARTE

DA HISTORIA DE S. DOMINGOS,

PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

LIVRO QUARTO.

Noticias do que pertence á India Oriental.

HE a Congregaçaõ da India Oriental, ou Conventos, e Vigairarias, que a Religiaõ de S. Domingos tem das bandas do Norte, e do Sul, huma Colonia desta Provincia, assim por serem filhos seus os Fundadores da sua Cabeça, (que he o Convento de Goa) como por ficarem todos debaixo da jurisdiçaõ do Prelado da dita Provincia, que he o que a provê de Vigario, para sua administraçaõ, e governo. Assim nos corre tambem a nós por obrigaçaõ, estender a penna ás noticias de partes taõ remotas, e progressos dos filhos dellas. Trabalho insuperavel o haver de ajuntar memorias em tanta distancia, quando saõ difficultosas nos pertos, ainda á mayor diligencia. Das fundaçoens dos Conventos, e Vigairarias, primeiros povoadores dellas, successos, e trabalhos na cultura Euangelica, (que he todo o empenho, e suor dos que dos nossos passaõ áquelle Clima) fica já escrito, ou fosse lavor, e trabalho da penna do Padre Fr. Luiz de Sousa, ou o tomasse por sua morte o Mestre Fr. Antonio da Encarnaçaõ, que sim podia com tantas noticias, como experiencia de hum Clima, em que muitos annos fez assistencia. Assim ficaõ narrados todos os successos, que pertencem á Congregaçaõ, até o anno de 1630. ou com o acerto do legitimo Chronista, ou com o estilo de quem só podia supprir sua falta.

Restanos o que até o presente anno de 1706. (em que isto vamos escrevendo) succedeo nas Ilhas de Solor, e Timor; o succedido nos Rios de Sena, e no Reyno Siaõ; como tambem a no-

noticia de alguns Religiosos de nome, que serviraõ, e augmentaraõ aquellas Christandades, cultivadas com o seu trabalho, suor, e fadiga, até que regadas com seu proprio sangue, lhe renderaõ o fruto da eterna felicidade. Mas havendo de fallar nestas Christandades, repetiremos dellas alguma noticia para mayor clareza; e com estilo taõ apanhado, e conciso, que aos que naõ tiverem noticia, lhes dê a que basta; e aos que já a tem, lhes sirva de memoria. Com esta mesma desculpa, a faremos do que a Congregaçaõ tem em todo o Oriente, recopilando o que na Terceira Parte se lê difuso, e por isso menos apprehendido. Daremos finalmente noticia dos Religiosos, que serviraõ mais finaladamente estas Christandades, conservandose ainda nelles aquelles grandes espiritos de seus antecessores, que resgatando da noite da cegueira aquelle berço do dia, lhe confirmaraõ o nome de Oriente, nascendo nelle o Sol da verdade Euangelica, entre tantos prodigios, e assombros, que suspenderaõ, arrebataraõ, e finalmente reduziraõ aquellas Regioens taõ vastas, como remotas, taõ barbaras, como desconhecidas.

CAPITULO I.

Noticia summaria, e breve, do presente estado da Congregaçaõ dos Prades Prégadores da India Oriental, sogeita á Provincia de Portugal.

Do que tem a Congregaçaõ na Ilha de Goa.

OFferece-se primeiro a distancia. Dista Goa da Provincia de Portugal, que a governa, cinco mil e tantas legoas de mar, navegadas em seis, sete, e oito mezes. Por terra he difficultoso, e arriscado o caminho em todo o encarecimento, causa, e razaõ unica, porque os Provinciaes, e Prelados seus, que assistem em Portugal, a naõ viraõ, nem visitaraõ nunca, tendo de antiguidade, e fundaçaõ cento e cincoenta e cinco annos. Assim a governaõ, e visitaõ por seus Vigarios, naõ só a ella, como Cabeça, mas aos seus vastos, e dilatados membros, que se estendem por trez mil legoas, pouco mais, ou menos, pela Costa de Sofala, Rios de Cuama, terras de Monopotapa, Costa de Africa Oriental, até á China, que he o ultimo termo de Asia: donde vem, que ficaõ humas partes della muy distantes das outras, e o governo de todas com muito trabalho, e talvez pouco effeito.

A Cabeça, e o Convento mayor, e principal desta Congregaçaõ, em que reside o Prelado mayor, e Vigario Geral della, he o Convento de S. Domingos, situado na Ilha de Goa, Convento magnifico, e sumptuoso, fundado no anno de 1548.

pe-

Convento de Goa.

pelo Padre Fr. Diogo Bermudes, primeiro Vigario Geral; e hoje de novo reformado, em nobre, e mais avultada fabrica, que o fazem hum dos mais grandiosos de toda a Provincia, e capaz de ser Cabeça da mais dilatada. Tem Casa de Noviços. Assim tem de ordinario nelle sessenta Frades. He a Igreja grande, e desafogada, no feitio de trez naves. No corpo se lhe abrem oito Capellas rasgadas, e alterosas em correspondencia a toda a fabrica. Ha nellas quatro Confrarias, mais celebre a do Rosario, administrada com devoçaõ, e grandeza; grande ornato; e muita prata; entre ella hum Andor de grande preço, em que entraõ iguaes a materia, e o feitio. Ha outra Confraria de Jesus; administraõ-na os Portuguezes; gente nobre, e escolhida. Ha nella grande fabrica, e ornato, riqueza, e acevo. Outra Confraria he de S. Pedro Martyr, que pertence aos Inquisidores, e Ministros do Santo Officio. Outra finalmente do Espirito Santo, que pertence aos Cortezaons, e Ministros da Republica. Ha tambem na Igreja outra Confraria de N. P. S. Domingos em Suriano, que celebra este dia com grande pompa, e culto.

Collegio de Santo Thomaz.

Tem tambem a Congregaçaõ na Ilha de Goa mais dous Conventos, hum de Santo Thomaz; capacissimo tanto, como sadio, e fresco, por lograr a visinhança do rio. He Universidade, e Casa de estudos, com huma de Noviços espaçosa. A Igreja he de huma nave, fermosa, e desafogada; dous Coros, e sete Capellas; nellas algumas Confrarias. Singular a da Senhora dos Remedios, buscada, e assistida da devoçaõ dos naturaes, pelo interesse de perennes milagres. Residem nesta Casa de ordinario cincoenta Religiosos.

Recoleta de Santa Barbara.

He o outro Convento a Recoleta de Santa Barbara, dista da Cidade huma legoa. Sustentava doze, e quinze Religiosos; depois até vinte e dous, por se fazer nelle Casa de Noviços, com Escola de Latim, assim para os que vaõ do Reyno, e lá tomaõ o habito, como para os da terra. Ha tambem Escola publica de ler, e escrever, e musica. He tambem Paroquia dos Indios, que para isso a fundaraõ os primeiros Padres. A Igreja pequena, mas com duas Confrarias de Jesus, e do Rosario, administradas com devoçaõ, despeza, e zelo.

Ha mais na mesma Ilha outras Igrejas Paroquiaes dos Indios, de que os Religiosos saõ Paroquos, e Vigarios, e fazem Christandade. Huma se chama de S. Miguel, outra de Santa Cruz, outra da Magdalena. Ha nellas Confrarias com grandes fabricas. Ha mais outra Paroquia, a que chamaõ nossa Senhora do Rosario de Curca.

Ha na mesma Ilha algumas Ermidas, e Casas de devoçaõ, que pertencem aos nossos Conventos, como saõ a Ermida de nossa Senhora de Nazareth, em que assiste hum Religioso. Nella se faz a segunda Oitava da Pascoa huma celebridade grande, e do mayor concurso das Aldeas, e Cidades. Está situada em hum penhasco fronteiro á Barra, e he tradiçaõ, que se fundou com materiaes, que foraõ do Reyno, pelos primeiros Portuguezes, que chegaraõ a Goa.

A grande devoçaõ com a Senhora, junta a esta antiguidade, fazem a Casa mais celebre. A Ermida de nossa Senhora de Valle das Marinhas. A Ermida de S. Joaõ Bautista do Arecal. Estas trez Ermidas com suas fazendas, pertencem ao Convento principal de Saõ Domingos de Goa. A Ermida de N. Senhora da Esperança, e a Ermida de N. Senhora da Paz, que com suas fazendas, pertencem ao Convento de Santo Thomaz. Em todas estas Ermidas, e em cada huma dellas, assiste hum Religioso, que administra suas fazendas, e trata de seu concerto, e fabricas. Todos estes Conventos, Paroquias, Casas, e Ermidas, se achaõ dentro da Ilha de Goa, que vem a ser trez Conventos, quatro Paroquias, cinco, ou seis Ermidas, que podiaõ fazer o corpo de huma Provincia.

Do que tem a Congregaçaõ pela Costa do Norte até Diu.

SAhindo de Goa para o Norte, em distancia de setenta legoas de mar, (navegadas de ordinario em sete, ou oito dias) se acha a Cidade de Chaul, aonde tem a Congregaçaõ hum sumptuoso Convento, com o titulo de nossa Senhora de Guadalupe; está bem situado, tem Casa de Noviços; a Igreja he de huma só nave, fermosa, e desabafada; tem sete Capellas, nellas algumas Confrarias, singular a do Rosario, que administraõ os Indios com grande despeza, e zelo. Agasalha esta Casa de ordinario trinta, e mais Religiosos. Fóra dos muros da Cidade, a pouca distancia, se vê huma Ermida de grande devoçaõ, e igual concurso em todo o anno. Tem o titulo de nossa Senhora das Mercês. Pertence ao mesmo Convento. Assiste nella hum Religioso.

Convento de Chaul.

Mais adiante, distancia de quatro, ou cinco legoas, em huma Ilha, e Povoaçaõ pequena, chamada Caranja, se acha outra Casa, e Vigairaria, pertencente ao mesmo Convento, com o titulo de nossa Senhora do Rosario, com sua Confraria, que administraõ os Indios naturaes, com grande despeza, e cuidado. Assiste aqui hum Religioso.

Em distancia de outras quatro, ou cinco legoas de mar, em outra povoaçaõ chamada Tanna (Ilha de Salsete) está outra Vigairaria com o mesmo titulo do Rosario, e huma Confraria delle, administrada pelos Indios, com grandes despezas, grande culto e festas. Assistiaõ nella dous Religiosos, cresceo depois, e augmentouse em hum Convento pequeno, que agasalhará até sete.

Convento em Tanna.

Adiante para o Norte, outras quatro, ou cinco legoas, está a Cidade de Baçaim. Nella tem a Congregaçaõ hum Convento sumptuoso, com o titulo de S. Gonçalo. Igreja correspondente á Casa, alegre, e fermosa, em que há cinco Capellas com suas Confrarias; singular a do Rosario, em que os Indios fazem festas com dispendio, e estrondo igual á sua devoçaõ, e zelo. O Convento tem tanta largueza, e capacidade (assim o Claustro) que podera alojar grande Communidade; mas a que se acha commummente he de doze Religiosos.

Convento em Baçaim.

Fó-

Vigairaria de Baçaim.

Fóra da Cidade, hum quarto de legoa, se vê a Casa de nossa Senhora dos Remedios, Imagem milagrosissima (buscada naõ só dos Christãos, mas de Mouros, e Gentios) em que obra mayores prodigios, e mais continuados; experiencia, que os traz de toda a India, com grandes offertas, festas, e romarias. He Casa da Ordem, e Vigairaria de per si. Residem nella cinco, ou seis Religiosos, sendo capaz de muitos. He tambem Paroquia dos Indios naturaes, tem Igreja de huma só nave, mas ayrosa, e aceada, com dous Altares Collateraes, que acompanhaõ a Capella mór, fermosa, e bem ornada. Nella se venera a Senhora em hum throno de prata de grande custo, obra, que inculca magestade, e respeito.

Adiante, quasi a mesma distancia de cinco legoas, se vê outra Vigairaria da Ordem, (na Povoaçaõ de Maim) com o titulo de Bom Jesus. Assistem nella o Vigario, e seu companheiro. Tem suas Confrarias, principal a do Rosario. Pertence tambem á Ordem huma Ermima, que com o titulo da Madre de Deos está na mesma Povoaçaõ.

Na de Trapor, que fica na mesma distancia, quatro, ou cinco legoas adiante, para o Norte, está outra Vigairaria, com o titulo do Espirito Santo, em que assistem quatro Religiosos. Tem a Casa boa Igreja, com algumas Confrarias, singular a do Rosario.

Convento em Damaõ.

Em distancia de sete, ou oito legoas, mais para o Norte, se acha a Cidade, e Fortaleza de Damaõ. Nella tem a Congregaçaõ o Convento de nossa Senhora da Victoria; sustenta até dez Religiosos com seu Prior. He Convento capaz, e bem acabado, tem Igreja grande, e perfeita, bom Claustro, e officinas iguaes a toda a Casa. Ha aqui algumas Confrarias, a do Rosario sobre todas. He Casa de grande devoçaõ, e concurso, pela Quaresma especialmente, frequentada de dia, e de noite.

Convento de Diu.

Defronte desta Cidade, atravessando o golfo de Cambaya, distancia de trinta legoas, pouco mais, ou menos, está a Cidade, e Fortaleza de Diu, taõ celebre no Mundo, por theatro do esforço Portuguez, e padraõ de suas heroicas, e memoraveis façanhas. Nella tem a Congregaçaõ o Convento da Madre de Deos, em que assistem doze Religiosos com o seu Prior. Tem Igreja fermosa, e bem ornada; algumas Confrarias, administradas pelos Indios da terra, singular a do Rosario, com grande devoçaõ, apparato, e dispendio. Tem a Casa bem lançados, e perfeitos Claustros, e Dormitorios da melhor obra, e architectura, que se acha por estas partes, por serem os officiaes desta os de mais fama, que conhece a India. Pouco affastado do Convento, fica o Hospital delRey; tem hum Religioso a administraçaõ delle.

Ha tambem aqui Religioso da Ordem, a que chamaõ *Pay de Christãos*, como em Chaul, Tanna, Baçaim, Trapor, Damaõ. He o officio, e occupaçaõ deste Padre, naõ só converter Infieis, (bautizando em todos os annos muitos) mas tambem ir ás naos de Meca (em todas as monçoens, que vem ás barras,

ras, e portos destas Cidades) a a tirar os Christãos Abexins, chamados do Preste Joaõ, que os Mouros com disfarce, e violencia trazem comsigo, obrigando-os á sua ley, e abominaveis ritos. Occupaçaõ he esta, assim como de grande serviço para Deos, de muita edificaçaõ para aquelles Povos. Fóra da Cidade hum quarto de legoa, se vê a Ermida de nossa Senhora de Penha de França, Casa de muita ta devoçaõ, e romagem; e dahi a duas legoas outra Ermida com o titulo de nossa Senhora da Saude, Imagem milagrosa, muy buscada, e assistida. Em cada huma destas Ermidas assiste hum Religioso da Congregaçaõ.

Do que tem, ou teve a Congregaçaõ no Sul até á China.

Convento de Cóchim.

SAhindo de Goa para o Sul cem legoas, está a Cidade de Cóchim, a mais nobre, e populosa, que ha na India, depois de Goa. Nella teve a Congregaçaõ Casa celebre, e sumptuosa, em que assistiaõ trinta, e quarenta Religiosos. Tinha a Igreja de trez naves, espaçosa, e bem acabada, com suas Confrarias, singular a do Rosario, e de Jesus. Era Casa muy frequentada, e nella o culto Divino com singular decencia. Celebre na Igreja a Capella de Saõ Domingos em Suriano, assim por ser a primeira, que se lhe lavrou na India, como por ser a Imagem muy milagrosa, e assim muy servida, e buscada. Havia neste Convento Casa de Noviços, edificio, que a orna, e authoriza. Fóra da Cidade, passado o rio, está huma Ilheta, chamada das Ostras, (por ter havido nella muitas) pertence ao Convento, como tambem huma Ermida de nossa Senhora das Boas Novas, de muita devoçaõ, e romagem. Assiste nella hum Religioso.

Pela parte do Sul, mais adiante noventa, ou cem legoas, está a famosa, e celebrada Ilha de Ceilaõ, taõ sinalada, e reconhecida em todo o Mundo, como thesouro da natureza, e pela fina canela, que em si tem. Nella está a Cidade de Columbo, em que a Congregaçaõ teve huma Casa, e Vigairaria de grande nome, com o da Senhora do Rosario, sustentava até quinze Religiosos. Havia nella varias Confrarias, singular a do Rosario, servida pelos Indios, com devoçaõ, e dispendio. Em pouca distancia da Cidade está huma Ermida de S. Sebastiaõ, de devoçaõ, e concurso. Assistia nella hum Religioso. Entrando pelo Çertaõ desta Ilha algumas legoas, se hiaõ contando doze Igrejas Paroquiaes, Christandade celebre, e nomeada de Ceilaõ, dos Religiosos de S. Domingos, que nella assistiaõ, doutrinando os novamente convertidos, e convertendo muitos com trabalho, desvelo, pouco commodo, e muito risco.

Convento de Columbo.

Dezoito legoas de Columbo está a Fortaleza de Galle, e nella havia huma Vigairaria com o titulo da Senhora do Rosario, em que a Congregaçaõ tinha hum Vigario, e seu companheiro. Trinta legoas de Columbo está a Fortaleza de Manar; (contigua á Ilha de Ceilaõ) nella tinha a Congregaçaõ outra Vigaira-

raria, e Casa com o mesmo titulo do Rosario, que como a outra, tinha tambem seu Vigario, e companheiro. Nesta Casa havia huma Imagem de S. Gonçalo de muitos milagres, e tantos, como espantosos, pelo que era buscada de muita devoçaõ, e romagem. Tinha mais a Congregaçaõ nesta Ilha a Igreja Paroquial de S. Joaõ, que administrava, e em que assistia hum Religioso.

De Manar doze legoas, na mesma Ilha de Ceilaõ, está o Reyno de Jafanapataõ; aqui tinha a Congregaçaõ Casa, e Vigairaria, com o titulo do Rosario, Igreja fermosa, e bem ornada, com Confraria da mesma Senhora, administrada pelos Indios, com devoçaõ, e despeza. Sustentava a Casa dous Religiosos, Vigario, e seu companheiro. Huma legoa fóra do povoado estava a Igreja Paroquial dos Paravelins, em que residia hum Religioso, convertendo, bautizando, e administrando os Sacramentos aos naturaes da terra.

Casa em Negapataõ.

De Jafanapataõ outras doze legoas, está o povo de Negapataõ, em que se via huma Casa, e Vigairaria, com o titulo do Rosario, boa Igreja, Coro, Claustro, e Dormitorios. Havia suas Confrarias, (administradas com grandes despezas) a do Rosario singular entre todas. Era a Casa capaz de ser Convento, porque sustentava doze Religiosos.

Adiante noventa legoas, pouco mais, ou menos, está a Cidade de Meliapor, em que prégou, e padeceo martyrio o Apostolo S. Thomé. Tinha aqui a Congregaçaõ Casa, e Vigairaria, titulo do Rosario, Igreja pequena, mas bem acabada. Entre outras a Confraria da Senhora, bem administrada, e servida pelos Indios da terra. Sustentava a Casa dous Religiosos, Vigario, e seu companheiro. De Goa para o Sul, seiscentas legoas, está a Cidade de Malaca, em que a Congregaçaõ teve Casa de nome, boa Igreja, nella a Imagem de huma Senhora milagrosa. Sustentava cinco Religiosos; perdeose na entrada dos Hollandezes, flagello, que o braço de Deos estendeo sobre aquellas terras, e de que esperamos por sua misericordia vêllas resgatadas.

Casa em Malaca.

De Malaca para o Sul trezentas legoas, estaõ as Ilhas de Solor, que saõ muitas, e dilatadas. Nellas se estendem as Christandades, que estaõ a cargo dos Religiosos da Congregaçaõ, sem haver em toda aquella vastidaõ de terras Sacerdote algum, que naõ seja Religioso Dominico. Na Ilha de Solor está a Povoaçaõ de Larantuca, em que ha a Casa, e Vigairaria de nossa Senhora da Piedade, que he Cabeça de todas as Christandades daquellas Ilhas. Tem Igreja espaçosa, e bem acabada; nella algumas Confrarias, singular a do Rosario. Sustenta a Casa quatro Religiosos com seu Vigario, que tem jurisdicçaõ sobre as Igrejas, que estaõ pela terra dentro, que seraõ dezoito; em cada huma assiste seu Religioso. He incançavel nesta Ilha o exercicio delles na conversaõ das almas, na destruiçaõ dos abusos, na administraçaõ dos Sacramentos, com tanto fervor, tanto zelo, e tanto valor Aposto-

Vigairaria de Larantuca, Cabeça de todas as Christandades daquellas Ilhas.

tolico, como mostrou em muitos o martyrio. Mais moderna se abrio, e começou a florecer a Christandade em Timor, Ilha dilatada, em que se contaõ trez Reynos; reduziraõ nella os Religiosos os Principes, e Cabeças; seguio-se grande fruto para Deos, grande augmento para a Fé, e grande reputaçaõ para os Cultores Euangelicos. Ha tambem Christandade no Reyno de Siaõ, trabalhaõ nella dous Religiosos. Outra em Japara, na Jaoa mayor, Reyno de Mataraõ, cultura, e trabalho de outros dous Religiosos.

Convento na Cidade da China.

De Malaca quinhentas legoas, está a Cidade da China, nella tem a Congregaçaõ Casa sumptuosa, perfeita, e acabada, o titulo da Senhora do Rosario; Igreja de trez naves, tecto, e columnas douradas; Claustros, e Dormitorios, grandes, e desafogados. Ha aqui algumas Confrarias, administradas com grande devoçaõ, e despezas. No serviço da Igreja muita prata, e entre boas pessas della a mais celebre huma alampada de singular feitio, e taõ estranha grandeza, que se naõ póde pôr, nem tirar da Capella, se naõ desmanchando-se em pessas miudas: sustenta esta Casa até vinte Religiosos.

Do que tem a Congregaçaõ para o Sul em a Costa de Africa.

Casa em Moçambique.

SAhindo da Costa da India, atravessando para a Costa de Africa, em distancia de novecentas legoas, navegadas em hum mez, está Moçambique em altura de cincoenta graos do Sul, terras de Cafraria, em que a Congregaçaõ tem huma Vigairaria, e Casa das principaes, chamada S. Domingos. Residem nella de ordinario quatro, cinco, seis Religiosos, e talvez mayor numero, por ser a porta por onde os Religiosos entraõ, e sahem para as Christandades dos rios de Sena, e Reynos de Monopotapa.

Casa em Sena.

Adiante sessenta legoas, viagem de oito, e dez dias, se entra nos rios. A' entrada delles tem a Congregaçaõ a Casa, e Vigairaria de Sena, com o titulo de S. Domingos; assistem nella trez, e quatro Religiosos, e talvez mayor numero; tem capacidade para ser Convento. Meya legoa distante desta Casa, se vê a Igreja Paroquial de nossa Senhora dos Remedios; assiste nella hum Religioso.

Pelos rios dentro está a Casa, e Vigairaria de Tete, com o titulo de Santiago, rica, e abundante entre todas as dos rios. Assistem nella dous Religiosos. Mais pelas terras dentro, no Reyno de Manica, tem a Congregaçaõ muitas Casas, e Paroquias, Chimpambura, Matuca, Vumba, Dambarare, Matafune, Chipriviri, Loanze, Maçapa, Quitambruize, Ongue, e outras muitas, e em cada huma seu Religioso cathequizando, ensinando, instruindo, e bautizando aquelles barbaros Cafres. Na Corte do mesmo Emperador, (chamada Zimbaoe) a que os Religiosos bautizaraõ, reduzido á luz da Fé, tem a Congregaçaõ Igreja, em que residem Religiosos, que o mesmo Emperador tem por Capellaens,

e Con-

e Confessores, pedidos com instancia, e tratados com estimaçaõ.

Na Corte delRey Quiteve se vê novamente fundada huma Freguesia com seu Religioso por Paroco, que promette naquellas Christandades grande fruto. Fundouse outra na Corte delRey Banoe, que se malogrou pela pertinacia do barbaro duro, e cego como Mouro. Pela mesma Costa, perto do Cabo das Correntes, está a Fortaleza de Sofala, em que a Congregaçaõ tem Casa com hum Religioso, que assiste, e se occupa em cathequizar, instruir, e bautizar. Abaixo de Moçambique ficaõ as Ilhas de Quirimba, e Amiza; aqui se vem duas Igrejas, a que assiste hum Religioso, e muitas vezes dous, com grande fruto, e espiritual interesse daquella Christandade.

Visto o que pertence á Congregaçaõ da India, bem se deixa ver, que em numero de Casas naõ he inferior á Provincia de Portugal, e muito digna de que os Reys, e Senhores nossos (que o governaõ) favoreçaõ, e fomentem o exercicio de suas missoens, naõ já para premio do que trabalharaõ, mas para incentivo do que continuaõ. Muitas Casas das que temos apontado, se suspenderaõ, e extinguiraõ com a entrada do Hollandez naquelles Estados, que inimigo mais pertinaz da Igreja, começou a perseguir os progressos, e augmentos della; mas naõ basta isto, para que os nossos Religiosos percaõ a gloria de ter reduzido ao seu gremio aquelles barbaros, nem a esperança de continuarem ainda a Deos, e ao Reyno os mesmos serviços. E fique advertido, que nas Christandades dos rios, se entraraõ Religiosos estranhos, foy urbanidade dos nossos; mas sem licença dos Prelados.

CAPITULO II.

Noticia das Ilhas de Solor, especial de Larantuca, Timor, e outras adjacentes.

Supposta a inteira noticia, que de toda a Congregaçaõ, e successos della, escreveo na terceira Parte da Chronica o Padre Fr. Luiz de Sousa, e especialmente das Ilhas de Solor, e primeira Christandade dellas, restaõ-nos os progressos das mesmas Christandades, por ser o digno de memoria, obrado naquellas partes estes annos ultimos pelos Religiosos de S. Domingos. Mas como os successos das Ilhas de Larantuca, e Timor nos haõ de dar materia, daremos dellas noticia; e de outras, alguma, que falta. Muitas saõ as Ilhas de Solor, que se comprehendem debaixo deste nome, porque correm desde o estreito de Bale até ás ultimas, que confinaõ com o mar, que vay dar na Ilha de S. Lourenço; por onde se vê, que saõ estas as ultimas do Mundo; porém naõ tocaremos aqui mais, que nas em que ha Christandade, ou commercio, ou esperança delle. A primeira, que he hoje Cabeça de toda a Christandade destas Ilhas, se chama Larantuca; está em sete graos da banda do Sul, lançada de Norte a Sul, por comprimento de sessenta legoas de ponta a ponta, tendo de largura dezasete, até vinte e duas, ou mais. Na ponta, que co-

Larantuca.

começa da banda do Norte, (que o fica tambem sendo do Macassá) he que ha Christandade, até o meyo da Ilha, por distancia de trinta legoas. Da outra banda confina com huma Ilha, chamada a Bima, em que naõ ha Christandade, por ser toda povoaçaõ de Mouros, ficandolhe no meyo hum Guno, que val o mesmo que *Monte alto*, a que chamaõ Gunuoapis, que está vertendo sempre grande copia de enxofre, e com mayor abundancia, e mistura de fogo, o exhala no cume.

He esta Ilha de Larantuca muy povoada, por limpeza, e pureza de ares, e fertilidade de terra. Nella fabricaõ as casas de palha. Começando pela parte do Macassá, em que está a Christandade até o meyo da Ilha, onde chamaõ o *Ende*, saõ Gentios, (excepto alguns Christãos, como em seu lugar diremos) porém do *Ende* por diante estaõ onze, ou doze Povoaçoens de arrenegados; a seu tempo diremos o motivo, que os reduzio a este estado. Acharsehaõ nestas Povoaçoens seis para sete mil almas, e entre todos dous mil para dous mil e quinhentos homens de guerra, grandes inimigos do nome de Christo, como por miseria sua o costumaõ os que primeiro o tiveraõ. Destas Povoaçoens, até o fim da Ilha, naõ se acha mais que Gentilidade pura, mas com grande commercio com os Christãos, e quasi nenhum com os Mouros, convidados de nossa fidelidade, como do conselho de hum Emperador seu, reduzido pelos nossos Religiosos á Fé, e Bautismo (em que tomou o nome de D. Constantino) em os primeiros annos, em que estava no berço esta Christandade, que elle admittio, e fomentou nas suas terras, obedecendo aos Religiosos em tudo tocante ao espirito, e talvez consultando-os para seu governo.

As cousas, que ha nesta Ilha por via de commercio, he muita canela, taõ fina, e taõ forte como a de Ceilaõ. Ha muitos escravos de varias sortes de cativeiros, e alguma cera, em que tudo ha ganho, levando-o fóra da Ilha, como fazem os Macassás, que saõ os de mais trato; e sem duvida, que fora grosso o da Ilha, a naõ ser a gente para pouco, frouxa, e perguiçosa.

He toda esta Gentilidade, pela mayor parte homens de guerra, particularmente para se defenderem, porque os mais estaõ providos de armas, como saõ azagayas, espadas curtas, rodelas, arcos, e flexas. Naõ conhecem, nem tem uso de espingardas, antes tem grande medo dellas. Naõ ha Rey algum nesta Ilha, a quem propriamente se dê obediencia; porque o Emperador, que dissemos, (e assim os mais) tem o nome, e respeito, naõ o dominio; mas ha em cada Povoaçaõ hum maioral, a que chamaõ Atacabel, ou Ataluque, a quem se sogeitaõ a governo, e castigo, e o seguem como a seu Capitaõ, se se poem em campo. Naõ tem, nem reconhecem Deos, a que dem culto, com que naõ tem Idolos, nem Pagodes; usaõ só de humas superstições Gentilicas, matando, e abrindo as cabras, e contemplandolhe as entranhas, estilo antigo dos Romanos, e de muitas naçoens barbaras.

Ha-

Haverá nesta Ilha de Larantuca (entre a Povoaçaõ principal, que tem este nome, e outra, que está pela Ilha adiante quinze legoas, a que chamaõ *Siqua*, outra, que se chama *Pagua*, e o *Ende*, que está outras quinze adiante, todas de Christãos) numero de mil espingardas, e melhoria dellas, fóra outros muitos Christãos, e Gentios amigos, com as suas armas, que acima dissémos. O mantimento mais ordinario desta Ilha, (e de que dá grande copia) he arroz. Pela terra dentro se compra mais barato. Dá tambem a Ilha muitos inhames, feijoens, e batatas, grande copia de canas de assucar, e assim assucar, milho, assim o miudo de Moçambique, como o que chamaõ Zaburro, tudo muito, e barato, com que fica sendo o commum sustento.

Ha muitas carnes; as do mato, porcos, veados, e bufaros, todos de grande corpulencia, e excellente gosto, e que se caçaõ com pouco trabalho. As carnes domesticas saõ gallinhas, em grande copia, cabras com a mesma, e porcos, de que ha muita criaçaõ. Nada disto se resgata com moeda de prata, ou ouro, mas com pedaços de ferro, e ainda cabeças de prégos, ou alguns pannos. De peixe naõ usaõ muito, mais que em algumas povoaçoens visinhas ás prayas; e ainda ahi pouco, por se naõ darem muito a pescas.

Ha nesta Ilha muita madeira, ainda que nenhuma de Tequa, nem Angelim, mas sufficiente para fabricarem suas embarcaçoens, que talvez saõ de muito porte. Ignoraõ o beneficio da serra; assim por grande, e grossa, que seja a taboa, naõ se servem della mais que fendida. Em lugar de prégos, usaõ de tornos de pao; para vélas, de esteiras de junco, da mesma Ilha, (como he commum em todo aquelle Sul) mas taõ bem tecidas, e taõ duraveis, que só se lhe aventajaõ as de lona, porque se conservaõ com a agua salgada. O que só falta nesta Ilha he trigo, e vinho de Portugal, sendo o que se faz na terra pelos Christãos, de Palmeiras barbaras o melhor, que ha por aquellas partes.

Cinco legoas desta Povoaçaõ, correndo pela Costa, está hum *Guno*, que val o mesmo, que monte, como dissémos já. Chamase este *Levotobe*, e assim elle, como outro, que dista vinte legoas (correndo pela mesma Costa) vertem, e lançaõ de si quantidade de enxofre, rompendo muitas vezes em lavaredas no cume. Ha nesta Ilha muita terra, de que se faz salitre, cozida, apurada, porque chea de ourina de Morcegos (tantos ha nella) lança de si este material dos melhores, que ha no Oriente. Assim tem em abundancia os materiaes da polvora, descubertos pelos nossos Religiosos, no meyo da falta, que naquellas partes se padecia della; e feita, sahio da mais fina.

Crama. Passando a Ilha de Crama, que está mais proxima á de Larantuca, distando della huma legoa de boqueiraõ de mar, ao mais largo, porque em outras partes he mais estreito, naõ tendo mais distancia, que hum tiro de espingarda; em comprimento, e largura he esta Ilha quasi o mesmo; e de dezoito até vinte legoas, com que fica em

fórma pouco mais que redonda. He toda de Gentilidade, e taõ habitada, que tem sete, ou oito Povoaçoens ao longo do mar (de huma banda, e outra) de arrenegados, que foraõ Christãos, e saõ hoje Mouros; saõ seus nomes proprios, *Solores*, *Terroens*, *Lamalas*, *Lameiloens*, e *Adonaras*; com estes todos temos guerra, e de ordinario lhe daõ soccorro os Gentios da terra, naõ todos; que alguns temos confederados. Chamaõse por aquellas Ilhas aos Gentios, que saõ pela parte dos Christãos, *Demonaras*, e os que pela dos Mouros, *Pagenaras*. Com esta Ilha temos commercio, em razaõ do mantimento, porque ha nella todos os generos, que dissemos de Larantuca, e em muito mayor copia, por ser a Ilha a mais fertil, e fresca, que ha por todo aquelle circuito.

A Ilha de Solor, aonde esteve a nossa Fortaleza, dista da de Larantuca duas legoas, ficandolhe no meyo a Ilha de Crama. Terá quatorze, ou quinze de circuito, porque he em figura redonda. Povoaõ-na toda Gentilidade, e Mouros, e alguma Christandade, adonde chamaõ *Pataõ*, *Pamancayo*, *Gravatos*, e outros Gentios adjacentes da nossa jurisdicçaõ. No meyo da Ilha está a Fortaleza, que o zelo do nosso Bispo de Cochim D. Fr. Miguel Rangel, indo por Commissario, e Visitador daquellas Christandades, em 1629. fez reformar com esmolas, que a sua diligencia, e industria ajuntou na China, na Cidade de Macao. Deu-lhe a artelharia o Governador Nuno Alvares Botelho; adquirio elle os mais aprestos, poz os dous Religiosos, alguns moços para o serviço, e alguns Christãos para a defensa; mas tornando para Goa, e naõ tendo com que acodir á Fortaleza, se passou a artelharia para Larantuca, desamparando a os que estavaõ nella, expostos á furia, e rapina do Hollandez, quando naõ ás invasoens dos Mouros *Lamanqueiras*, que vivendo na visinhança, a podiaõ achar com pouca resistencia.

Ilha de Solor.

He esta Ilha de *Solor*, (sendo a que dá o nome a todas) a mais mendiga dellas, por ser a mais esteril, e seca com a falta de agua; havendo esta nas outras em muitas ribeiras, que as regaõ, e as fazem frutiferas. Algum tempo foy habitada de Christãos, em quanto teve presidio a nossa Fortaleza, servindo de bom surgidouro ás embarcaçoens. Ainda depois a malquistou mais a vinda dos Mouros arrenegados, que passaraõ pela de Ternate, e Amboino, fazendo cruel guerra aos Christãos, que a deixaraõ logo. O que nesta Ilha ha só de proveito, he muita terra de salitre, de que se faz a polvora. Naõ falta tambem carne de mato, de porcos, e veados.

Ilha de Levoleba.

Distante de Solor legoa e meya, no mais estreito de boqueiraõ de mar, está a Ilha *Levoleba*; he grande, e pouco menos que Larantuca, e toda habitada de Gentios, chamados (como atraz dissémos) *Demonaras*, e *Paginaras*, tendo huma só Povoaçaõ de Mouros, mas populosa, chamada *Lavobala*. Tem commercio com nosco, e o principal, que se resgata desta Ilha, he quantidade de azeite de sisa, taõ barato, que por hum

hum machado de ferro, ou quatro prégos velhos, se dá huma jarra de dous, e trez almudes. He a causa, porque de ordinario se occupaõ os moradores da terra na pescaria de Baleatos com arpeos, sem repararem no ambar, que podem dar estas Baleas, de que saõ bem povoados aquelles mares; mas he gente buçal, e bruta, sem consideraçaõ, ou agencia. Tem tambem o mesmo, que as mais Ilhas, de cera, escravagem, e tartaruga, e todo o mantimento, grande copia de carnes do mato, tudo naõ só para fartura da terra, mas ainda para vender para fóra.

As Ilhas Levotolo, Queidaõ, e Galiao.

Adiante desta Ilha Levoleba, em pouca distancia, estaõ as trez Ilhas *Levotolo*, *Queidaõ*, e *Galiao*, contiguas humas com as outras com pequenos boqueirões, que as repartem. Saõ povoadas de Gentios, e Mouros, sem Christandade alguma, mas temos com elles commercio, indo, e vindo á nossa Povoaçaõ de Larantuca, com tartaruga, escravagem, e cera, muito enxofre, que alli tem (melhor, e mais barato) em razaõ de hum huno, a que chamaõ *Levotolo*, que dá grande copia delle, o mais puro, e mais amarello. Tem em si estas Ilhas bastante mantimento para os natures, de que ordinariamente vendem aos nossos Christãos de Larantuca o arroz, sustentandose elles só com o milho, feijoens, e outros legumes.

Ilha de Maluá.

Adiante destas trez Ilhas, distancia de quatro legoas, está a Ilha de *Maluá*, mayor, que a de *Larantuca*, de que se sabe pouco, por naõ termos muito commercio, sendo que algumas vezes vaõ os nossos de Larantuca ao resgate de escravos, tartaruga, e cera. He toda povoada de Gentios, e taõ tenazes, que de nenhum se sabe, que passasse á seita dos Mouros. He gente selvatica, e bruta, e pela terra dentro comem huns aos outros, e principalmente aos mais velhos. Tem medo á navegaçaõ, como de sahirem da propria terra, como se antes lhe fora prizaõ, que Patria. A esta Ilha se seguem outras, e vaõ correndo em huma grande corda, até quasi ás Malucas, com quem naõ temos commercio algum.

Ilha de Timor.

Adiante desta Ilha de Maluá, em distancia de sete legoas de mar, está a Ilha de *Timor*, a mayor de todas as que chamaõ de Solor, assim he a nobreza das mais, com grande navegaçaõ, e commercio, por respeito do excellente pao de sandola, que ella só tem. Fica em nove graos da banda do Sul, lançada de Norte a Sul, com cento e vinte legoas de comprimento, e trinta de largura. Foy sempre de Gentios; de alguns annos para cá lhe entraraõ Mouros, por via de Macassá, de que estaõ duas Povoaçoens em duas paragens, a que chamaõ *Manatuto*, e *Adê*, que saõ tambem portos de commercio com ella, ainda que de pouca importancia. Do pao de sandalo, que nella ha, se tiraráõ todos os annos, de mil quinhentos, para dous mil bartes; e ha muitos annos; e ainda se naõ sentio falta; cada bar tem, ou passa de quatro quintaes. He notavel segredo o da sementeira, e nascimento do sandalo. Comem os passaros nesta Ilha huma fruta, que ha nella pou-

Nascimẽto do sandalo.

pouco menos, que a baga do louro, e do meſmo feitio; tem eſta hum caroço dentro, que lançaõ os paſſaros por excremento, e ſem mais cultura, que cahir na terra, rebenta delle a arvore; e por mais que eſta ponha muito em naſcer, e em avultar, como he taõ continua a ſementeira, nunca ſe ſente falta.

He o ſandalo huma das melhores drogas daquelle Oriente, como fazenda ſem riſco de corrupçaõ, e até na agua ſalgada recebe melhoria. Aſſim he taõ eſtimado de toda a Gentilidade, que em todas ſuas precioſidades uſaõ delle. Para a China he taõ grande a ſaca, que ficando annos atraz a Cidade de Macao com a perda do commercio de Japaõ, e reduzida a grande neceſſidade por falta de prata, para reſgatar o mantimento, (que ſem ella o naõ dá a China) ainda aſſim foraõ a buſcar o ſandalo, feitas encarecidas ſupplicas ao Capitaõ General, e ao Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, Vigario mayor daquellas Chriſtandades, para conſeguirem dous navios com aquella carga, que foy o unico remedio do ſeu aperto.

Aſſim he eſte pao a droga mais requeſtada de todo o Oriente, e taõ ſuſpirada da ambiçaõ de Hollanda, que por muitas vezes importunou o Rey do Macaſſá, para que ſó com ella fizeſſe o contrato de todo o ſandalo, que vieſſe ao ſeu Reyno, excluindo os noſſos, que em naos de Inglaterra, e Dinamarca, buſcavaõ aquelle porto, para eſſa commerciaria. Com que fica a Ilha de Timor entre todas com a gloria de mais buſcada, como unico berço de material taõ precioſo. Mas deixando o muito, que ainda ſe podia dizer delle, vamos ſeguindo a brevidade. Tem eſta Ilha de Timor, depois de muita cera, e eſcravos, (deſcuberto ha poucos annos) grande quantidade de cobre; ſendo taõ copioſas as minas delle, que rebentaõ por cima da terra em grandes pedaços; e já taõ puro, que ſe entende, que tem alguma parte de ouro, o que tambem ſe vê em ſer mais pezado, que qualquer outro.

Ha tambem neſta Ilha ouro, achando-ſe muitas laſcas nas ribeiras, que vem deſcendo das ſerras; e taõ fino, e ſobido em quilates, como o da China. Naõ falta tambem neſta Ilha grande quantidade de terra, de que ſe faz ſalitre, e em mayor copia, que em nenhuma das outras; e juntamente o pao de que ſe faz o carvaõ para a polvora. Ha finalmente grande copia de carnes, aſſim de bufaros, como de carneiros, cabras, e porcos, todos corpulentos, gordos, e de excellente ſabor; ſó ſe naõ achaõ, nem daõ neſta Ilha veados, porque parece por experiencia, que o cheiro do ſandalo os mata. Uſa-ſe neſta Ilha de duas linguas diſtintas huma da outra. Chamaõ-ſe ellas *Vaiquenos*, e *Bellos*.

Ilha de Simao.

Diſtancia de Timor, hum tiro de bombarda para a parte do Norte, eſtá a Ilha de *Simao*, em hum boqueiraõ do mar. He em fórma redonda, com quinze até dezaſeis legoas de circuito. Naõ he habitada de gente propria, mas dos que vaõ cultivalla, fazendo ſuas hortas, e ſementeiras, como ſaõ os que ha-

habitaõ na Cabeça da Ilha de Timor, aonde chamaõ *Capaõ*, por ser terra muito pedragosa, e naõ se dar nenhum mantimento nella. Assim ficaõ nesta Ilha os Timores, e os Savos, e outros, em o tempo das sementeiras, em palhoças, e depois se vaõ para suas Ilhas, deixando alguns escravos para a cultura, e beneficio daquelles campos. Acha-se nesta Ilha muita cera, e alguma tartaruga.

Ilha do Savo.

Sete legoas de Timor, em huma travessa do mar, fica a Ilha do *Savo*, com mais de vinte legoas de comprimento, e doze, até quatorze de largo; he a de melhores ares, e mais sádia, que nenhuma das que ha naquelle Archipelago. Os naturaes saõ brancos, e melhor parecidos, que os das outras, em que a gente he preta, e de cabello crespo, e só os desta o tem solto. Todos saõ Gentios, com grande commercio com os Christãos de Larantuca. Já hoje tem tambem alguma Christandade. O que ha nella de commercio, e veniaga, he escravagem, muita tartaruga, e alguma cera. Tem muitos mantimentos, abundancia, que passa aos de fóra, sendo para os naturaes sobrada. Navegaõ em barcos pequenos, para Timor, e Larantuca.

Ilha do Savo grãde.

Distante desta Ilha do Savo vinte e cinco legoas, fica a Ilha do *Savo grande*, nome, que lhe naõ deu a grandeza, mas a distancia. He toda de Gentilidade, gente de todo buçal, e inculta, que nem tem commercio, porque a terra lhes dá tudo o que lhes he necessario. Saõ brancos, e mais que os da Ilha do Savo. Ha nella muita escravagem, e muita tartaruga. Trataõ-se os naturaes com grandeza, servindose com ouro, de sorte, que se acharáõ nos principais esteiras, e outras cousas domesticas, deste metal batido ao martelo; chapeos de sol do mesmo. Naõ o dá a terra, mas a de humas Ilhas pequenas, que naõ distaõ muito, chamadas das *Palmeiras*, habitadas de gente anan. A estas, era entre os naturaes do Savo grande antiga tradiçaõ, que indo alguns delles a commercear, trouxeraõ suas pequenas embarcaçoens carregadas de ouro, interesse de que se abstiveraõ, porque todos os que voltaraõ, vieraõ inchados, e disfórmes, achaque de que morreo a mayor parte delles; ameaço com que a natureza se quiz defender da cobiça humana. Mas grande confusaõ! que conhecendo-o os Gentios, e barbaros, o desconheçaõ tanto os Christãos, e politicos! Estas saõ as principais Ilhas de Solor, de que havia menos noticia, ou menos individuada, porque em commum a dá de todas o Padre Fr. Luiz de Sousa. Supposta esta clareza, e conhecimento destas Ilhas, passemos a continuar os successos das Christandades dellas.

CAPITULO III.

Primeira conversaõ na Ilha de Timor. Bautiza-se o Emperador da Ilha do Ende grande em Larantuca.

SUpposta a entrada dos Religiosos de S. Domingos nas Ilhas de Solor; os levantamentos dos Gentios, perseguiçoens, e martyrio dos Religiosos, que até

até o anno de 1630. escreveo o Padre Fr. Luiz de Sousa, devemos seguir o continuar a noticia da Ilha de Timor, assumpto, que de novo nos offerece a Congregaçaõ em grandes progressos na cultura Euangelica. Mas para mayor clareza tomaremos mais atraz a relaçaõ, por naõ faltarmos a alguma circumstancia, que já na Chronica fica tocada, mas naõ escrita.

Achava-se a India Oriental no mais calamitoso estado, que podiaõ ver, e chorar seus olhos. No temporal dominada da cobiça dos proprios, e dos estranhos; no espiritual emmudecidas as vozes da verdade, escondida a luz da Fé, por naõ ver triunfar as sombras da cegueira, rebelde, obstinada, e tyranna. As Christandades da Abbassia, e do Japaõ fechadas de todo para os Cultores do Euangelho. Ormuz occupado pelo Persa; Mascate com as mais Fortalezas da Costa da Arabia, debaixo do violento dominio do Arabio; as Igrejas do Canará, e do Cabo do Cumerim, embaraçadas, e inaccessiveis com a tomada de Cochim pelo Hollandez, que tambem occupou toda a Ilha de Ceilaõ e Manar, permittindo só, que alguns Religiosos de S. Francisco ficassem para beneficio dos Christãos da terra. Finalmente destruidas as Igrejas, e Christandades de Bengala, e Pegú pelo Mogor, e pelo Rey da Lua. Neste estado gemiaõ todas aquellas dilatadas Provincias, e gemem desde que a noite da heresia tyrannizou ao berço do Oriente a luz da verdade, ficando, e conservando-se a Euangelica nas Christandades dos rios de Sena, e de Solor, plantadas pelos Religiosos de S. Domingos, e regadas com o sangue de muitos, que fazendo crescer a sementeira de Christo, extinguio muitas vezes nella ateado o fogo do Inferno. Estes progressos seraõ o nosso assumpto.

Achava-se Vigario Geral da Congregaçaõ da India o Veneravel P. Fr. Miguel Rangel, que a ella tinha chegado pelos annos de 1614, e tomando conhecimento do miseravel estado, a que estavaõ reduzidas as Christandades de Solor, já pelas guerras, e levantamentos domesticos, já pela invasaõ dos Hollandezes, tyrannos, como cobiçosos, passou das lagrimas, com que chorou sua miseria, ao zelo, e desvelo infatigavel de remedialla. Corria o anno de 1629. quando achando-se este Prelado em Malaca, teve noticia, que haviaõ largado os Hollandezes a Fortaleza de Solor, (feita primeiro, e reformada depois pelos Religiosos de Saõ Domingos, para defensa, e amparo dos que de novo se hiaõ alistando na milicia de Christo) e pedindo ajuda a Nuno Alvares Botelho, Governador daquelle Oriente, a quem fizera companhia na campanha, e agora na grande vitoria, que alcançara do Rey Achem, se resolveo a ir reparar, e reformar as Christandades de Solor: o que poz logo em execuçaõ, levando comsigo alguns Religiosos, escolha de seu espirito, e experiencia. Eraõ elles o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, o Padre Fr. Luiz da Paixaõ, o Padre Fr. Christovaõ Rangel, Fr. Gaspar de Santa Maria, Fr. Estevaõ do Rosario, Fr. Chrysostomo de Santiago,

go, Fr. Luiz da Maya, Fr. Jacintho Ximenes, Fr. Francisco Donato, Fr. Roque Cardoso, Fr. Joaõ de Lisboa, e Fr. Bento Serraõ. Chegados áquellas Ilhas, se espalharaõ como aconselhava a necessidade. O Padre Fr. Antonio de S. Jacintho passou á Ilha de Cremá, Christandade, em que ainda que tinha trabalhado, e assistido por alguns annos o Padre Fr. Antonio do Loreto, a perseguiçaõ a tinha reduzido a tal extremo, que foy necessario cultivalla de novo. Os Padres Fr. Luiz da Paixaõ, e Fr. Estevaõ do Rosario, á Ilha do Savo, em que o Padre Fr. Joaõ da Annunciaçaõ assistira dez annos, abrindo, e creando aquella Christandade com taõ exemplar vida, que foy ella a mais efficaz, e poderosa voz, que chamou aquelle Povo ao rebanho de Christo.

Os Padres Fr. Chrysostomo de Santiago, e Fr. Agostinho do Rosario, para o Ende, em duas Igrejas, S. Domingos de Numba, e Santa Maria Magdalena dos Charaboios. O Padre Fr. Roque Cardoso para a Igreja de nossa Senhora da Saude, sita em huma paragem, chamada Baibalo, na Ilha de Larantuca. O P. Fr. Francisco Donato para a Igreja de Santa Luiza de Sica na mesma Ilha. O P. Fr. Luiz da Maya para a mesma Ilha de Larantuca, por Prelado mayor, e Vigario daquellas Christandades todas, na Igreja de nossa Senhora da Piedade. O Padre Fr. Gaspar de Santa Maria para a Igreja de nossa Senhora dos Remedios, com obrigaçaõ de ensinar aos meninos Solores a doutrina Christãa, e a ler, e escrever. O Padre Fr. Rafael da Veiga para a Igreja de Pataõ, e Pamancayo, sita na Ilha de Solor, duas Povoaçoens, a que podia acodir, por ficar no meyo de ambas. O Padre Fr. Christovaõ Rangel para assistir, e attender ao temporal com alguns Padres, que alli se ajuntaraõ, ficando outros com o Vigario mayor na Casa de Larantuca, para acodirem ao que se offerecesse, quando nas mais Ilhas daquelle Archipelago se abrisse nova Christandade. Assim começaraõ a crescer as destas Ilhas, com o zelo, e ancia dos novos Obreiros, que cada dia se estavaõ colhendo novos frutos de seus venturosos trabalhos. Vencendo muitas vezes o da falta de vestido, e sustento, que mereciaõ como bons Mercenarios, que apascentavaõ as tenras ovelhas do rebanho da Igreja, ou desvelados Obreiros, que madrugavaõ a cultivar a sua vinha, porque, perdida Malaca, lhe faltou a ordinaria, que lhe dava o Governador Nuno Alvares Botelho, ficando os miseraveis Religiosos obrigados naõ só a buscar esmolas para se sustentarem a si, mas aos pobres, que muitas vezes o ficavaõ por abraçarem a Fé.

Neste estado se achavaõ as Christandades destas Ilhas, quando advertindo o Padre Fr. Christovaõ Rangel, que em todas sobejavaõ Ministros, e que em Timor faltavaõ, sendo a mais populosa dellas; se resolveo a ir examinallo com seus olhos, e a ver se se lhe abria algum caminho, para pôr em execuçaõ antigos, e bons desejos. Embarcou, e aportou no Reyno de Silabaõ. Viose com o Rey, presentoulhe hum mimo, unica chave, que abre a primeira porta

aos que áquelles Principes pedem audiencia, e querem ſahir com bom deſpacho nella. Aſſim foy Fr. Chriſtovaõ bem aceito, e bem agaſalhado; e naõ perdendo tempo, ſoube logo induſtrioſo encaminhar a pratica a couſas da Religiaõ, que aſſim propoz com efficacia, e intimou com perſuaſiva, (naõ favorecido da Rhetorica humana, mas encaminhado daquella Sabedoria, que diſpoem com ſuavidade, e conſegue vigoroſamente) que veyo o Rey a darlhe palavra de receber a Fé com toda ſua Caſa, e os que de ſeu Reyno quizeſſem, fomentando, e favorecendo nelle os Miniſtros Euangelicos, que logo queria lhe foſſe negocear de Larantuca, e o mais que pertencia a levantar Igreja, e aſſentar entre elle, e os Portuguezes amizade perpetua. Aſſim ſabe levantar apreſſada lavareda aquella faiſca, em que o fogo do Ceo ſe introduz em huma alma!

Alvoroçouſe o Padre com a repoſta; muito mais o Rey, vendo que lhe dizia: *Que para ſeguro da ſua amizade, lhe apontaſſe lugar para a Igreja, porque elle tinha o preciſo para ella.* Naõ houve dilaçaõ; apontouſe o lugar, cortaraõ-ſe madeiras por Decreto do Rey, lavrou-ſe huma Cruz de ſandalo, por ordem de Fr. Chriſtovaõ; e em hum Domingo, (elevando-a entre ambos o Padre, e o Rey) acompanhados, e ſeguidos do melhor da Povoaçaõ, a collocaraõ em o lugar da Igreja, com grande celebridade, que o Rey augmentou, dando hum publico, e Real banquete. Em breves dias creſceo a fabrica da Igreja, (que naquellas partes naõ coſtumaõ ſer de muita) e paſſou o Padre Fr. Chriſtovaõ a Larantuca, alegrando aquella Chriſtandade com taõ grande noticia, e enchendo os Obreiros della de ſanta inveja, e piedoſas eſperanças de ſemelhante ventura.

Apreſtaraõ logo alguns Portuguezes huma embarcaçaõ carregada de ſuas veniagas. Proveoſe o Padre de tudo o preciſo para o Divino ſacrificio, e adminiſtraçaõ dos Sacramentos: e deſembarcando proſpera, e brevemente no Silabaõ, em que o Rey o eſperava, (mais obrigado agora de ſua pontualidade) ſe vio em breves dias ornada a Igreja, e levantado o Altar, em que o Padre diſſe a primeira Miſſa aos Chriſtãos, vendo-ſe adorado o Deos verdadeiro no meſmo throno, que o fora da idolatria. Cathequizado o Rey, e a mais Caſa Real, chegou o alegre dia do Bautiſmo, que os Chriſtãos, que ſe acharaõ, fizeraõ feſtivo, com a aſſiſtencia de ſuas peſſoas, e o melhor de ſuas galas. Poz o Padre por nome ao Rey D. Chriſtovaõ, querendo, que entre hum, e outro foſſe o meſmo nome ſinal de amizade, e da filiaçaõ eſpiritual, em que lho dava por herança. Bautizouſe a Caſa Real, e os melhores do Povo, a que convidava o exemplo do ſeu Soberano. Aſſim começaraõ a creſcer os frutos da doutrina do Padre Fr. Chriſtovaõ, regando cada hora com aquella ſalutifera agua as novas plantas, que hia diſpondo no jardim da Igreja; entrando no trabalho de lhe purificar as raizes de abuſos, e ſuperſtiçoens barbaras, e gentilicas; emprego, que ſem duvida provocou alguns Mouros,

Bautizou-ſe o Rey de Silabaõ.

ros, (que com a negaça do contrato, viviaõ na terra) e naõ querendo perdello, naõ a consentiaõ convertida. Ardiaõ em ira contra Fr. Christovaõ; resolvem a tirarlhe a vida. Em publico era difficultoso, porque o Padre com o Povo era bemquisto, com o Rey respeitado. Este desengano lhe aconselhou a industria; recorreraõ ás infames armas da India, e da fraqueza; deraõ-lhe peçonha. Conheceo-a o Padre, recorreo a contravenenos, que naquellas partes deu mais finos a providencia da natureza, em recompensa dos grandes inimigos, que nellas permittio contra a vida. Escapou o Padre Fr. Christovaõ com ella, mas inhabil para tudo; tornou para Larantuca, e depois com o Padre Fr. Gaspar de Santa Maria, tambem incuravel de doença grangeada no trabalho da cultura Euangelica, foy levado ao Convento de Goa, em que ambos acabaraõ a vida com sinaes do que souberaõ bem empregalla. Passou para Silabaõ, em lugar do P. Fr. Christovaõ, o Padre Fr Bento Serraõ, que lhe succedeo no lugar, como se se reproduzira o seu desvelo no mesmo exercicio.

Mas em quanto o Padre Fr. Christovaõ Rangel obrava o que temos visto no Silabaõ, naõ se contentavaõ os Padres, que residiaõ em Larantuca, com o ministerio commum da doutrina, administraçaõ de Sacramentos, e santa educaçaõ dos meninos, a que em hum Collegio assistiaõ com incançavel trabalho. Abrazados em santa inveja, se resolveraõ á mais ardua empreza.

Habita em humas serras visinhas a Larantuca hum Senhor grande, intitulado o *Payaõ*, a quem reconhecem por Soberano, e rendem vassallagem, e tributo todos os Regulos do Ende, como a Emperador de toda aquella grande Ilha. Resolveraõ-se os Padres a buscallo, por mais que os despersuadia a experiencia de sua dureza, e rebeldia; desengano, com que seus antecessores tinhaõ deixado a empreza. Mas como discipulos do verdadeiro Mestre, que ensinava aos seus, que tornassem a bater á porta do que se escusava (porque de importunado se levantaria) tornaraõ a provar resoluçaõ, e diligencia. Começaraõ de affeiçoallo com communicaçaõ, e visitas, valendo-se das praticas, para introduzir os conselhos, e as doutrinas, que encaminhadas pelo Ceo, vieraõ a ser a pedra sem força de mãos, que reduzio toda a dureza, e apparato daquella grande Estatua a huma pouca de terra, que posta aos pés dos Religiosos, pedia sequiosa a agua da eterna vida.

Et si ille perseveraverit pulsans... propter improbitatem tamen ejus surget. Lucæ 11.

Já as praticas o tinhaõ industriado; assentouse o dia do Bautismo. Era Vigario daquellas Christandades o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, filho do Reyno, e da Congregaçaõ pelo habito. Preparou a Igreja, chamou os Religiosos das Christandades visinhas; sahiraõ de gala os moradores da terra, com grandes colares de ouro a seu uso; celebrouse o acto com todo o apparato; fez a funçaõ o Padre Fr. Antonio, e poz por nome ao Emperador D. Constantino. Poucos dias depois se bautizou o *Lagadoni*, que he como Regedor, e logo todos os

Bautiza-se o Emperador do Ende.

Grandes, e toda a Casa do Emperador, a que seguio o exemplo innumeravel Povo. Com estas alegres novas passou o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho a Goa, aonde foy bem recebido, e se fizeraõ festas, e se renderaõ a Deos graças. Viveo depois D. Constantino com grande exemplo de Christaõ; muita familiaridade, acompanhada de grande respeito com os Religiosos, e igual fidelidade com a Coroa Portugueza. Faleceo pelos annos de 1661.

CAPITULO IV.

Vida, e morte do Padre Fr. Rafael da Veiga, prodigiosa huma, e outra.

Bautizaõ-se dous Reys na mesma Ilha.

SIga a estas conversoens dos Gentios huma igualmente maravilhosa, de hum Religioso, que de entre os descuidos do seu estado, passou á ultima perfeiçaõ delle. Foy este o Padre Fr. Rafael da Veiga, filho do Reyno, e do Convento de Azeitaõ, em que tomou o habito. Professo de novo, passou a viver no Convento de Bemfica, em que teve por Mestre de Noviços o Veneravel Padre Fr. Miguel Rangel; e ainda que a vida de Fr. Rafael era huma vida concertada, como aconselhada de bom genio, naõ era igual; humas vezes com descuidos, outras com excessos, em exercicios penitentes, e religiosos, mas suspirando sempre huma vida perfeita; desejos, que o levaraõ á Provincia de Hespanha, para passar á de Manilha (como á mayor refórma) em que residio algum tempo, mas taõ perseguido do clima, que para escapar com vida, se passou á China, e dalli embarcado para estas Ilhas de Solor, veyo a achar nellas por Prelado o Padre Fr. Miguel Rangel, seu Mestre antigo, que com huma, e outra obrigaçaõ, o admoestou (passados alguns dias) em que entendeo, que Fr. Rafael naõ correspondia ao espirito, que alli o trouxera.

Deixou-o a reprehensaõ confuso, e naõ tardou muito mais poderosa advertencia, que o acabou de deixar convencido; porque chegando dahi a poucos mezes noticia ao Padre Fr. Miguel Rangel, de que estava eleito Bispo de Cóchim, e despedindo-se dos Religiosos com mostras de verdadeiro Pay, o quiz parecer mais de Fr. Rafael, que já via com algum fruto da sua advertencia, e dandolhe os ultimos abraços lhe disse com entranhas piedosas, conhecidas em vivas lagrimas: *Lembre-se, meu filho, sempre de duas cousas: daquella criaçaõ, que lhe dey em Bemfica, e da admoestaçaõ, que me ouvio agora em Solor. Que se em ambas lhe mostrey, que era Religioso de S. Domingos, o conhecimento deste nome o executara ás obrigaçoens delle. Acabe huma vez de escutar as vozes do Ceo, que em tantas inspiraçoeus lhe tem fallado ao coraçaõ. Naõ desmereça tellas ouvido, com mostrar que já lhe esqueceo, que as ouvio. Se Deos o manda a Ninive, naõ se embarque para Tharsis: se Deos o manda por seu Prégador á India, naõ se deixe levar das aguas de huma vida frouxa, e descançada. Naõ espere pela tormen-*

menta da ultima hora, em que arrojado ao mar da morte, o trague a eterna ſepultura. Deos o naõ permitta! Naõ ſe moſtre eſquecido: e eu lhe pedirey ſempre, que o faça ſanto.

Ferem no coraçaõ, e penetraõ até a alma as palavras dos Varoens Apoſtolicos, como eſpada ſem reſiſtencia. Vio-ſe Fr. Rafael em hum inſtante cortado, e dividido dos embaraços da carne; vio-ſe em hum inſtante trocado em huma imagem da penitencia, e da virtude. O que tinha, poz logo nas mãos dos Prelados; eraõ ſuas alfayas duas tunicas. A ſua cama huma eſteira ſobre huma taboa; ſeu ſuſtento paõ, e agua, porque huma pouca de agua, e hum pouco de arroz cozido, era ſeu quotidiano ſuſtento. Oraçaõ continua; amiudadas, e rigoroſas diſciplinas; ſepultado aos pés do Prelado, humilde, e obediente. Mas ſobre tudo o que mais ſe lhe enxergava, era o ardente zelo da ſalvaçaõ das almas, ſuſpirada com vivas ancias. Finalmente aſſim vivia Fr. Rafael, como ſe já deſconheceſſe as penſoens da carne, e aſſim olhavaõ para elle, naõ ſó os Religioſos, mas o Povo, com veneraçaõ de ſanto; nem por outro nome era já conhecido.

Quiz o Vigario daquellas Chriſtandades, que via em Fr. Rafael aquella perſeverança, e conhecia o ſeu zelo, darlhe emprego, em que podeſſe exercitallo, e em que ſua vida ſerviſſe de exemplo, e mandou-o aſſiſtir na Ilha do Savo pequeno, reſidencia, a que fogiaõ com a cara ainda os mais experimentados Religioſos, pela ſenſualidade, e devacidaõ daquelles barbaros, e ainda dos que já tinhaõ o nome Chriſtaõ. Obedeceo Fr. Rafael, mas vendo depois de algum tempo, que nem toda a ſua diligencia baſtava a pôr freyo á devacidaõ, com que ſe vivia na terra, mas que antes, ſem lhe valer ſeu retiro, e modeſtia, lhe entravaõ as mulheres pelas portas a inquietar, ou a provar ſua conſtancia, determinou buſcar terra, em que a ſua doutrina foſſe de algum proveito, e o reſgataſſe daquelle riſco, que temia como verdadeiro humilde, naõ deſconhecendo as penſoens da fragilidade; e eſtando hum dia em oraçaõ, rompeo fallando com Deos em ſemelhantes palavras: *Meu Senhor, e amoroſo Jeſus, eu naõ fuja á obediencia, obedeço á voſſa doutrina. Os voſſos Santos, e noſſos Meſtres nos enſinaraõ, que neſtas batalhas, que me acovardaõ, ſó vence quem foge. Naõ deſamparo eu eſtas ovelhas ſilveſtres, porque me cance o trabalho, mas porque antes me ſerviraõ de riſco, que eu a ellas de lucro. Vós enſinaſtes aos voſſos Prégadores, que quando naõ foſſem ouvidos, deixaſſem as Cidades. Se eu aqui perco tempo, conſelho he voſſo, que buſque aonde faça fruto. Vós, que me conheceis o coraçaõ, me encaminhay os paſſos, que eu naõ tenho mais defenſa, nem mais guia, que a voſſa Providencia. Guiaime a parte em que a ſirva; e já que ſó vou a buſcalla, permitti, que vos naõ perca.*

Quicumque non receperit vos neque audierit... exeuntes foras de domo vel excutite civitate pulverem de pedibus veſtris. Matth. 10. 14.

Com eſte proteſto, e reveſtido de nova confiança, buſcou hum barquinho de dous remos, e metido nelle, com hum moço, que lhe ajudaſſe á Miſſa, e que levava o que pertencia a ella, com a matalotagem de hum pou-

pouco de arroz cozido, e agua, se entregou ao mar, sem saber mais caminho, nem seguir mais norte, que o que quizessem as ondas. Assim navegou até o dia seguinte, em que vendo terra, se chegaraõ, e saltaraõ nella. Era a Povoaçaõ de Batepute, no Reyno de Amavi, da Ilha de Timor. Entrou o Padre com huma Cruz na maõ; seguia-o o moço com o que pertencia ao ministerio santo. Foy espectaculo novo para aquella Gentilidade, verem hum homem em trage nunca visto, na maõ tal insignia, sahindo do mar em huma embarcaçaõ taõ pequena. Correraõ, chamados da novidade. Levaõ-no ao Rey, que primeiro com espanto, depois com alvoroço, lhe deu attençaõ, ouvindo, que lhe dizia quem era, e logo lhe pedia alviçaras de lhes trazer a casa a verdadeira luz de que necessitavaõ suas cegueiras. Continuou euangelizando-lhe a Christo crucificado; mostrando-lhe o Estendarte da Cruz, com que se devia pôr em campo contra o Inferno. E perguntando-lhe os que o cercavaõ, se vinha ao resgate do sandalo? Respondeo: *Que só o trazia o de suas almas, genero mais precioso, e que só se podia resgatar com o sangue do Filho de Deos.* E accrescentou: *Que se quizessem abrir as portas á sua fortuna, o escutassem, e lhe dessem lugar para fundar Igreja, e offerecer nella sacrificio a Deos verdadeiro, que era, e seria por todas as eternidades, unico Senhor de tudo.*

Naõ acabava o Rey de admirarse, inclinado já o coraçaõ (que o mesmo Deos costuma ter em suas mãos) ás propostas taõ importantes, taõ seguras, taõ efficazes, que lhe dizia o Padre. Mandou logo, que o agasalhassem, e se lhe désse tudo o que pedisse. Deuse ordem á Igreja. Visitava em tanto o Padre Fr. Rafael ElRey, misturavalhe na pratica as verdades da Fé; perguntavaõlhes, e ouviaõnas bem os senhores, e personagens do Reyno. Seguia-o o povo; soava já por todas as partes o nome de Jesu Christo. Quem naõ está lendo reproduzido aquelle seculo primeiro do Euangelho na Chronica de S. Lucas! Os cegos illustrados, e reduzidos; os Principes recebendo, e obedecendo aos Apostolos; os povos recebendo espontaneos o Euangelho, amotinados, festivos, e gostosos. Mas *isso* vem a ser estenderse agora a esta fortunada Ilha aquelle mesmo poderoso braço, que se fazia reconhecer em Galilea.

Magis autem augebatur credentium in Domino multitudo. Act. 5.14.

Lavrou-se a Igreja; bautizou o Padre Fr. Rafael ao Rey. Seguio-o toda sua Casa, e os Grandes da terra. Abrio Escola para doutrinar os meninos. Foy cathequizando, e bautizando muitos, assim destes, como adultos. Naõ necessitava de passar a outras povoaçoens, sahindo de sua Igreja; vinhaõ-no buscar a ella, chamados do nome de sua virtude, que já soava com assombro por toda aquella Gentilidade. Mas naõ lhe descançava o coraçaõ, sabendo, que nas terras visinhas havia potentados, que naõ deviaõ sahir dellas; e buscallos, como ás suas povoaçoens, era obrigaçaõ sua, supposta aquella Christandade já assentada; naõ lhe esquecendo, que dissera Christo: (de quem era discipulo, e Apostolo) *Amim importame euangelizar a outras Cidades*, que

Bautizase o Rey de Amavi.

Quia & aliis civitatibus oportet me euangelizare regnum Dei quia ideò missus sum. Lucæ 4. 43.

que para esse continuo emprego sou mandado. Passou com essa resoluçaõ ao Reyno de Amarrasse, em humas serras visinhas. Avistouse com o Rey, convenceo-o, cathequizou-o; e finalmente o bautizou com toda a sua Casa, e muito povo ao exemplo della; e affirmaraõ os Religiosos, residentes naquellas Ilhas, que naõ houve Christandade mais bem plantada, e instruida, que aquella.

Bautiza-se o Rey de Amarrasse.

Nestas, e em outras occupaçoens Apostolicas gastou o Padre Fr. Rafael seis annos naquellas Ilhas; e voltando para a de Batepute, morgada de sua doutrina, querendo o Senhor apressarlhe a coroa de seus trabalhos, lhe deu huma doença, que com a morte lhe trouxe o fim de todos. Já com poucos alentos se achava só, e desamparado em huma casa, sem mais leito, que huma esteira, que fora sempre a sua cama, abraçado com huma Cruz, que sempre fora sua companheira; postos no Ceo os olhos, e o coraçaõ; este abrazado em vivas ancias de ver a Deos, cheyos aquelles de saudosas lagrimas, pela companhia, que lhe faltava de seus irmãos Religiosos, que naquella hora lhe ministrassem o Santissimo Viatico, para entrar mais confortado em taõ difficil caminho. Assim estava posto nas mãos da Divina Providencia; mas quando faltou ella a quem soube porse em suas mãos? Vellohemos agora em caso todo seu.

Navegava a este tempo de Larantuca para o Savo grande o Padre Fr. Christovaõ de Santiago, e seu companheiro, quando repentinamente, cerrado o Ceo, até alli sereno, e embravecido o vento, até alli brando, se alterou o mar com taõ temerosa furia, que foy preciso, cedendo a ella, voltar ao vento a poupa, e navegar para onde o vento soprava. Eis-que a poucas horas avistaõ terra, chegaõ, e reconhecem o porto de Batepute. Sabiaõ, que o Padre Fr. Rafael assistia nelle; saltaõ em terra, e entraõ-lhe pela porta a tempo que fazia ao Ceo a supplica, de que lhe permittisse o que já via com seus olhos; levanta-os outra vez, e as mãos, entre lagrimas, e alvoroços. Confessou-se com vagar aquella tarde; e ouvindo Missa, e commungando, ao dia seguinte passou placidamente desta vida, a repetir ao Senhor as graças pelos favores daquella hora. Achou-se á sua morte o Rey da Ilha, e Senhores della; e vendo, que os Padres queriaõ dar ao corpo sepultura ordinaria, lho embaraçou, dizendo: *Que os Santos como fora, e era Fr. Rafael, mereciaõ mais veneraçaõ, que a commua; que naõ haviaõ de descançar seus ossos menos, que em sepultura Real.* Assim se lhe lavrou, penhorando-se em seu corpo o Rey, e a fé de toda a Ilha, por mais que os Padres o quizeraõ passar a Larantuca. Mandou logo a ella noticia do que passara o P. Fr. Christovaõ de Santiago; e assistindo naquella Christandade muitos annos, recebeo Embaixadores do Rey de Capam, (Reyno, que fica pelo Certaõ dentro) porque lhe pedia, que o quizesse ver, e instruir na Fé, porque desejava abraçalla, e seguilla. Examinou o Padre, que naõ havia cavilaçaõ na supplica; passou ao Certaõ,

taõ, e bautizou o Rey, e quarenta pessoas de sua Casa.

CAPITULO V.

Conversão geral, que houve na Ilha de Timor; prodigio grande, que a ella precedeo.

DEpois que os Religiosos de S. Domingos fundaraõ as Christandades de Solor, sempre conservaraõ vivos desejos, e firmes propositos de introduzilla em Timor, Ilha a mais fertil, a mais rica, e a de mais povo em todo aquelle grande Archipelago. Assim o desejavaõ os Religiosos, e assim lhes quiz mostrar o Ceo, que favorecia seus desejos com prodigios, e e fortunados annuncios. Diremos do mayor. Pelos annos de 1641. em huma noite, em Ceo claro, e sereno, appareceo, e se vio huma Cruz grande, e resplandecente, que tendo o pé sobre a Ilha de Timor, inclinava o mais corpo para o Norte. Viraõ-na claramente, assim os Christãos, que ahi assistiaõ por razaõ do contrato, como todos os Gentios da terra, com admiraçaõ commua. Seguiraõ-se os effeitos milagrosos, que promettia a causa; porque em breve tempo se viraõ alistados debaixo daquella Sagrada bandeira muitos Reys, e Potentados da mesma Ilha. Mas antes que passemos ás grandes conversões, que se obraraõ nella, daremos noticia da perseguiçaõ, que se levantou contra seus naturaes, em odio do nosso commercio, e dos que affeiçoados nos abriaõ a porta ao fruto do Euangelho.

Prodigiosa appariçaõ de huma Cruz.

Perdida Malaca em Janeiro de 1640, ficaraõ todos os Reys do Sul taõ destemidos, e affoutos contra o nome Portuguez, que naõ houve algum que deixasse de levantar a maõ, fazendo ostentaçaõ de a mostrar já solta, e a provar vingada. Foy o primeiro rebelde o Macassá, que nem os muitos annos de amigo lhe ensinaraõ a dissimular, que o era violento. Era neste tempo Rey de Toló hum tio do Sumbaco, Emperador do Macassá, já defunto; (mas hum dos que mais se esmeraraõ na fidelidade com o Estado) seu nome Carriliquio, de pensamentos altivos, soberbos, e ambiciosos, ingrato, desagradecido; e assim esquecido da fidelidade, como grande propagador da seita de Mafamede. Este vendo-se sem o freyo de Malaca, e enfraquecida a maõ Portugueza, ajuntou logo huma Armada de 150. Galés, em que elle mesmo se embarcou, com seis para sete mil homens, e no mesmo mez de Janeiro aportou em Larantuca. Assistia nella o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, como Vigario daquellas Christandades; mandou-o chamar, e ao Capitaõ mór da gente da terra, Francisco Fernandes, que chegassem á sua Galé, que lhe importava fallar a ambos. Escusaraõ-se os dous, mandando-lhe dizer: *Que lhe naõ reconheciaõ vassallagem, nem havia causa, para semelhante conferencia.*

Repetio o Rey recados; da terra as mesmas repostas; até que indignado, e resoluto, mandou: *Que saltando em terra a Soldadesca, puzesse tudo a ferro, e fogo.* Divulgada esta resoluçaõ, se foy a gente de Larantuca com suas armas para a serra: e des-

desembarcando o Exercito sem resistencia, foy entrada a Povoaçaõ, e posto fogo á Igreja da Misericordia, com exorbitancia, e desacato grande, feito ás Imagens, que se acharaõ nella. Via de longe a impiedade dos sacrilegos hum dos nossos Religiosos, que acompanhavaõ os retirados de Larantuca, por nome Fr. Manoel da Resurreiçaõ, natural de Lisboa, mas filho da Congregaçaõ. Era de espirito ardente, e igualmente zeloso da honra de Deos; naõ sofreo vêlla offendida; volta aos Chrisтãos, e incitando-os com o mesmo, que estavaõ vendo, lembrando-lhes a obrigaçaõ da vingança, lhes promettia o favor do Ceo para a vitoria. Naõ foy necessaria muita persuasiva. Lança-se ao inimigo (cego, e engolfado na preza, e na ira) o Capitaõ Francisco Fernandes (que sem o saberem o seu valor, o seu braço, e os seus brios, contava agora 130 annos) e animando os poucos Soldados, com que se achava, dá sobre os sacrilegos com tanta braveza, que os fez voltar costas correndo para as Galés sem concerto, e deixando o campo cuberto de armas, e de corpos, (sendo os mortos mais de trezentos) como a Armada de pavor, mostrado na apressada, e vergonhosa fugida, que fez da praya, passando a Timor, emprego principal de sua vingança, ou de sua cobiça.

Aportou em Timor, fez duas esquadras da Armada, e mandando huma por fóra, outra por dentro da Ilha, passou a ella, e foy mettendo tudo a saco, que foy o mais precioso, buscado, e escolhido em tempo de trez mezes, que alli fez assistencia, e continuou a rapina. Consentiaõ-na os miseraveis Timores, sem lhe fazer a menor resistencia; antes enganados os Reys, e Potentados de toda a Ilha com as embaixadas, que o tyranno lhes mandava, segurando-lhes, que naõ fugissem, que elle só vinha com aquella Armada a resgatallos da tyrannia Portugueza. Que naõ respeitassem a Larantuca, nem aos Padres, e Portuguezes della, que esses eraõ toda sua ruina. Mas como naõ era facil veremlhe a espada de libertador na maõ de pirata, e nenhum lhe differia, recolheo o ouro, prata, sandalo, e a mais fazenda, que achou na terra, e levando quatro mil pessoas em cativeiro, voltou para o Macassá triunfante, e ufano, como se deixara prostrada, e destruida alguma grande resistencia, e taõ satisfeito do que tinha obrado, que para ostentaçaõ vitoriosa, mandou fazer as vélas da Armada, das pessas de seda, que tinha roubado na Ilha, como se lhe podessem servir para estendartes do triunfo os mesmos testemunhos do roubo. Exaggerava a grande opulencia, e preciosidades de Timor, thesouro daquellas Ilhas, e dizia: *Que até alli vivera cego, pois a naõ tinha desfrutado.* Mas salteou-o a morte, como ao outro rico, a que apanhara fazendo perguntas, e dando parabens á sua cobiça; porque a oito dias de sua chegada, lhe tirou sua mesma mulher a vida com peçonha, receosa de se ter desmandado com hum criado seu em sua ausencia.

Stulte hac nocte animam tuam repetunt à te. Lucæ 12. 20.

Mas voltando aos vitoriosos de Larantuca, considerando o Pa-

Padre Fr. Antonio de S. Jacintho as hoſtilidades, que o Rey de Toló teria obrado em Timor, ſe reſolveo a ir conſolar, e acodir, confórme as ſuas poſſes, a ſeus naturaes; e negoceando huma embarcaçaõ capaz, em que com elle entraraõ dous Religioſos, muitos mantimentos, e ſetenta eſpingardeiros, (que agora ſerviaõ de guarda, e depois podiaõ ſer de ajuda) deſembarcou ſem encontro, ou perigo no Reyno de Mena, que achou deſtruido, e aſſolado. Naõ achou a Rainha, (viuva, e Governadora do Reyno, na tutoria de ſeu filho) porque ameaçada do inimigo, ſe tinha retirado pela terra dentro. Reſolveoſe a ir buſcalla com toda ſua companhia, dezaſete legoas pelo Certaõ, e a pé, como ſe o illuſtrara o Ceo, para o empenho daquella diligencia, que era tanto de importancia ſua. Achou finalmente a Rainha, que o recebeo com alvoroço de quem muitos annos o conhecera, e tratara, e agaſalhos, de quem ſe via buſcada, quando perſeguida. Era deſtro, e exercitado o Padre Fr. Antonio no emprego de ſaber lucrar almas; achou occaſiaõ de combater aquella de tanta importancia, e conſequencia; dilatouſe com ella na pratica, moſtroulhe: *Como os Mouros*, (cuja viſinhança a naõ conſentia reduzida) *eraõ ſó fabricadores da ſua conveniencia, ſem mais animo, que a politica de enfraquecer as forças dos Reys viſinhos, para os reduzir a ſeus tributarios. Que agora tinha entre mãos a experiencia, no inimigo, que a deixava roubada, e deſtruida com o mentiroſo pretexto de a querer conſervar no ſeu dominio. Que pelo contrario os Chriſtãos ſempre lhe tinhaõ aſſiſtido com trato fiel, amigo, e deſintereſſado. E que elle o era tanto, que ſem mais empenho, que o de ſaber o ſeu deſamparo, trazia aquelles Soldados a ſeu ſerviço; que aſſim podia diſpor daquella gente, e da ſua vontade.*

Achava-ſe a Rainha com mais de duas mil e quinhentas peſſoas, com ſeus filhos, e filhas, e os Grandes de ſeu Reyno. Eſtimou (com grandes demoſtraçoens, e agradecimentos de todos) a fineza, e offerta do Padre; e tomando o conſelho, que lhe dava, de que voltaſſe, e ſe recolheſſe ao ſeu Reyno, que elle com os que levava lhe faria companhia, ſahio do Certaõ com muita ſegurança nella, e recolhendo de caminho os vaſſallos, que andavaõ pelos matos fugitivos, e medroſos, entrou na ſua Corte, achando-ſe em breves dias aſſiſtida de toda ſua gente. O Padre Fr. Antonio, que naõ perdia inſtante, continuava com ella as praticas, propondo-lhe, e explicando-lhe as verdades Catholicas, que já eſcutava compungida, e edificada, ſendo aquella, que, ouvindo o meſmo Padre por mais de treze annos em ſeu Reyno, naõ conſentio nunca que fizeſſe nelle fruto ſua palavra. Mas já lhe feria nos olhos da alma aquella luz, que trocou as rebeldias de Saulo em ſogeiçoens de diſcipulo; porque chamando toda ſua Caſa, juntos todos os Senhores de ſeu Reyno, (depois de aſſentar com o Padre o dia de ſeu Bautiſmo) diſſe a todos com eſpirito, e fervor Apoſtolico ſemelhantes razoens:

Já que o Ceo por ſua clemencia,

tia , e misericordia corresponde á minha rebeldia com os premios da sua graça, porque agora, que eu mais lhe resistia, agora me chama. Agora, que eu mais lhe cerrava os ouvidos, me abre os olhos; agora, que eu fugia aos seus avisos, me mete de portas a dentro os seus Ministros Euangelicos; agora quizera, naõ só ser a primeira, que me inclinasse ao suave jugo de Christo, mas quizera pagar ao Ceo, rendendo-lhe em muitos o que tardey em me reduzir a mim só. Naõ quero já vassallos, que o naõ sejaõ tambem de Christo; naõ quero ser vossa Rainha, se ainda hey de entrar a partido com o demonio. Se até agora vos embaracey aquella unica ventura; agora, que a busco, he para repartir com vosco. Ajudaime a desaggravar o Ceo, e imitando-o a elle, naõ me desampareis, porque vos aggravey; antes me ajuday a conseguir o que vos impedi. Já que fuy má Rainha, sede vós bons vassallos. Christo Jesu he o verdadeiro Rey, elle nos resgatou com o seu sangue, naõ para ficarmos seus escravos, mas para sermos seus domesticos; naõ para nos tirar a liberdade, mas para nos dar hum Reyno. Elle he o verdadeiro Rey, porque naõ quer de nós tributo, que naõ seja nosso remedio. Este he o Rey, que vos dou; e em mim já naõ huma Rainha, mas huma irmãa, abraçando comvosco a mesma Ley. Acabemos já de abrir os olhos para ver nascer o dia nestas regioens da noite. Vinguemonos da natureza, que nos vestio de sombras; e se até agora as reconheciamos nos costumes, como nas carnes, já os Ministros do Ceo nos offerecem huma agua, em que banhado o espirito desdiga das escuridades do corpo. Chegay, chegay comigo a recebella, que só ella ha de extinguir o fogo do Inferno, de que até agora fomos secos carvoens. Chegay; que já abrazados naquelle fogo, que purifica, e naõ consome, serviremos no Altar do verdadeiro Deos de vivas brazas, ás victimas de nossos coraçoens. Naõ tendes que vos deter, nem que vos aconselhar; aqui estaõ os Padres, que naõ podeis desconhecer Ministros seus, pois nos entraõ pelas nossas terras a buscar as nossas almas, naõ as nossas minas, os nossos proveitos, naõ os nossos thesouros. Naõ póde deixar de ser Deos verdadeiro o que se serve com homens, que á custa do proprio trabalho vem buscar o lucro alheyo. Naõ tenho mais que dizervos. Se o que me ouvistes basta para vosso desengano, baste o que me vires fazer para vosso exemplo.

A's ultimas vozes da Rainha se seguiraõ as do Povo, que a escutava, gritando todos que só a Ley de Christo queriaõ abraçar. Igual á novidade, e ao successo foy nos Padres o alvoroço. Naõ houve dilaçaõ; começaraõ a cathequizar, e instruir, sem perdoar a diligencia, logrando-se a coroa della em dia de S. Joaõ Bautista (que foy por Junho de 1641.) em que solemnemente se celebrou o Bautismo da Rainha, e do Principe herdeiro do Reyno, a que o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho poz o nome de D. Joaõ, que lhe offereceo o dia, offerecendo elle ao Sagrado Precursor (como primeiro Ministro, que deu com aquelle acto o conhecimento de Christo) as venturosas primicias daquelle Reyno. Seguiraõ o exemplo da Rainha os mais sinalados nelle, seguindo-se a tudo grandes, e festivas demonstraçoens de contentamento.

Bautizase a Rainha de Mena, e o Principe herdeiro.

Mas naõ descançava o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, porque parece que o chamava o Ceo para os Reynos visinhos, a que tinha destinado a mesma ventura, que a este de Mena. Despediose da Rainha, Principe, e mais Senhores com lagrimas, e mostras de verdadeira, e fiel amizade; e embarcando-se com os Padres Fr. Chrysostomo de Santiago, e Fr. Pedro Manço, (que atè alli o tinhaõ acompanhado) navegaraõ para o Reyno de Lisao, o mais visinho a este de que sahiaõ. Desembarcados em seu porto, foraõ recebidos com estranho alvoroço, mais estranhas as vozes, que soavaõ entre elle, ouvindo-se por todas as partes repetir: *Padre, Padre, queremos ser Christãos.* Tinha soado por todos os Reynos da Ilha, (queixosos da tyrannia do Mouro Macassá) a demonstraçaõ amiga, e piedosa, que o Padre Fr. Antonio fizera com a Rainha de Mena; a ancia com que abraçara a Fé esta Rainha. Ou o mais certo, queria já Deos resgatar aquelles Povos de sua miseravel cegueira, e tinha guardado para o zelo do Padre Fr. Antonio aquella gloria, para que escolhera a Paulo, para que levasse seu nome á noticia dos Reys, e dos Principes, de quem o queria ver reconhecido, e venerado. Levantou o Padre os olhos cheyos de lagrimas ao Ceo, e estendeo os braços a tomar nelles a multidaõ do Povo, que vinha recebello. Vinha entre elles a Rainha, tambem viuva, com sua filhas, e hum filho de dezaseis annos, herdeiro do Reyno, que com o mesmo alvoroço, e mostras alegres receberaõ os Padres; e por ficar a Corte distante, e lhe pouparem o trabalho do caminho, lhe mandaraõ logo levantar humas casas de campo, em que os agasalharaõ com a mayor grandeza, que permittia o sitio, e a terra.

Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram Regibus, & Principibus. Act. 9.

Naõ se esqueciaõ os Padres da grande importancia, que tinhaõ entre mãos; começaraõ a cathequizar a Casa Real, e Povo por alguns dias, e em 1 de Julho do mesmo anno de 1641 se fez a funçaõ do Bautismo. Primeiro a Rainha. Seguiose o Principe herdeiro, a que o Padre Fr. Antonio poz por nome D. Pedro. Logo as filhas, depois os parentes da Casa Real, e mais Senhores; e finalmente muito Povo, dispondo o Padre Fr. Antonio que esperassem os que concorriaõ de todo o Reyno, para serem primeiro cathequizados, para o que brevemente lhe mandou Ministros. Mas coroe taõ grande dia hum successo, que se vio nelle, digno de memoria.

Bautizase a Rainha de Lisao, e o Principe herdeiro.

Governava este Reyno de Lisao, por menoridade do Principe herdeiro, hum tio seu de setenta annos, cego de nascimento, mas homem de grande prudencia, entendimento, destro, e maduro, partes, que lhe puzeraõ na maõ o governo; veyo este acompanhando a Rainha em hum andor, e chegou até á praya ao recebimento dos Padres; mas ouvindo, que a Rainha, e mais Casa Real pedia o Bautismo, disse ao Padre Fr. Antonio que bautizasse a todos, que elle era já velho, e cego, e lhe restava pouca vida, e era já nelle de pouca importancia aquella ceremonia. Dissimulou o Padre; e passados os primeiros agasalhos, e com-

e comprimentos, bufcou em fua mefma cafa ao velho Governador, e dizendo-lhe: *Que lhe hia dar a repofta do que lhe ouvira*, continuou com viva, e elegante perfuafiva, moftrando-lhe como a elle por cego, e velho, lhe importava mais, que aos outros, o Bautifmo, para que renafceffe fua alma, e fe deftruiffe fua cegueira. Efcutou o velho a propofta, mas diffe: *Que por entaõ naõ deferia a nada.* Chegado o dia do Bautifmo, e fendo convidado da Rainha para que honraffe a funçaõ com fua affiftencia, fe affentou em huma cadeira; e ouvindo que já toda a Cafa Real eftava bautizada, levantou a voz, pedindo com inftancia ao Padre, que logo o bautizaffe; e bautizado, foy tal feu contentamento, que affim velho, cego, e pezado, faltou de alegria, por aquelle eftylo com que os da terra coftumaõ moftrar a fua mais extremofa.

Puzeraõ os Padres os joelhos em terra, regando-a com lagrimas de alegria, e levantando as mãos em rendimento de graças, pelo grande dia, que quizera dar á fua Igreja, gloria ao feu nome, jubilos a toda a Chriftandade, honra aos filhos de S. Domingos, verdadeiros obfervantes de feu Inftituto, efpalhando a voz do Euangelho nos ultimos climas do Mundo. Augmentavaõ o gofto efpiritual dos Padres as demonftraçoens feftivas dos Timores. Tudo eraõ alegrias, teftemunho da nova luz, que amanhecera em fuas almas; mas como fe naõ veriaõ eftas demonftraçoens na terra, na converfaõ de tantas, fe na de huma fó fe vem no mefmo Ceo!

Gaudium erit coram Angelis Dei fuper uno peccatore pœnitentiam agente. Lucæ 15. 7.

Poucos dias depois, a tempo em que o Padre Fr. Antonio fe detinha com a Rainha bautizada em praticas do Ceo, chegaraõ ao mefmo Padre Embaixadores do Rey de Manubaõ, Reyno diftante defte de Lifao trinta e finco legoas pela terra dentro. Lá tinhaõ penetrado tambem os progreffos, que os Padres hiaõ obrando na propagaçaõ do Euangelho; noticia, que baftou a convidar efte Rey, mandando por hum tio feu authorizando a embaixada, de que fó era a fubftancia pedir ao Padre Fr. Antonio o Bautifmo para toda fua Cafa, e Reyno; nova de grande confequencia na eftimaçaõ do Padre, por fer aquelle hum dos Reys mais poderofos naquella Ilha, e feu Reyno o mais dilatado, e populofo. Mas como pedia ao Padre o favor de que chegaffe á fua Corte, em tempo em que lhe era precifo paffar a Larantuca, para mandar cultivadores para aquella Chriftandade nova, foy conveniente affentar com o tio do Rey amizade, e a Real palavra de fe fazer Chriftaõ, elle, e todo o feu Reyno, levantando nelle Igrejas, obrigando-fe o Padre a vir em peffoa, ou mandar Miniftros para ellas, affim para a funçaõ dos Bautifmos, como para ficarem entre elles adminiftrando-lhes os Sacramentos. Para tudo trazia poder o tio do Rey, a quem o Padre em final da fé, e do concerto ajuftado, entregou hum anel de diamantes, para que em feu nome o déffe ao Rey, e outro mimo para a Rainha, mandando com elle hum Soldado Portuguez, por nome Joaõ Sanches da Fonfeca, e quatro Chriftãos da terra, que todos

dos foraõ bem recebidos dos Reys, que logo confirmaraõ o que o Padre Fr. Antonio propunha; e assim lhe responderaõ, mandando-lhe em recompensa seu mimo, o Rey huma manilha de ouro, que tirou do braço, a Rainha hum panno com que se cobria, bordado de ouro.

Naõ tardou o Padre Fr. Antonio em passar a Larantuca, e de caminho visitando em Mena a Rainha viuva, lhe deixou a melhor parte dos mantimentos, que trazia, vendo que padecia essa falta; e despedido della, como da de Lifao, e daquellas Christandades, em que lhe ficava o coraçaõ, chegou a Larantuca, aonde foy recebido dos Padres, e do Povo, com as alegres demonstraçoens, que pedia o succedido, de que Deos quiz fosse elle instrumento: e como servo, que sempre se reputava inutil, passou a segundo trabalho, parecendo-lhe pouco o primeiro. Preparou duas embarcaçoens, em que recolheo todo o mantimento, que agenceou, e descobrio sua diligencia, (como soccorro precito para a Rainha de Mena, destruida, e attenuada) e cinco Religiosos, que se offereceraõ para aquella nova cultura, ordenando-lhes o que se havia de proseguir nella. Eraõ os Religiosos, e a ordem, que levavaõ, os Padres Fr. Pedro de S. Joseph, e Fr. Alvaro de Tavora para o Reyno de Lifao. Os Padres Fr. Bento Serraõ, e Fr. Manoel da Resurreiçaõ para o Reyno de Mena. O Padre Fr. Jacintho de S. Domingos para o Reyno de Manubaõ, com ordem para chamar o Padre Fr. Chrysostomo de Santiago, que andava por aquellas Ilhas cathequizando sem domicilio certo. Chegados os Religiosos, foraõ recebidos com alvoroço, assim em Mena, como em Lifao; levantaraõ-se logo Igrejas, e começaraõ a administrar os Sacramentos nellas. Neste exercicio, e no de cathequizar os deixou o Padre Fr. Jacintho de S. Domingos, e passou ao Reyno de Manubaõ, recebido, e agasalhado dos Reys com igual grandeza, que alegria, grande veneraçaõ, e respeito á sua pessoa. Instruio-os na Fé, e bautizou-os logo, naõ só ao Rey, Rainha, filhas, e toda a Casa Real, mas muito Povo, que seguio seu exemplo; foy o dia de mayor celebridade, que vio aquelle Reyno; conheciaõ já os seus naturaes a ventura, que conseguiaõ nella, até entaõ naõ só naõ conseguida, mas ainda ignorada. Assim foy crescendo, e se foy dilatando esta Christandade com a vastidaõ do Reyno: o que conhecido pelo Vigario Geral de todo o Oriente, que nestes annos era o Mestre Deputado Fr. Manoel da Cruz, mandou logo a ellas vinte Religiosos; porque sendo tanta a sementeira, naõ fossem poucos os Operarios. Espalharaõ-se por todos os Reynos da Ilha, cathequizando, e bautizando os Reys, e Povos della.

Bautizaõ-se o Rey, e Rainha de Manubaõ.

Agora diremos das Igrejas, que se levantaraõ, e dos Padres, que nellas assistiraõ. No Reyno de Mena se levantaraõ duas Igrejas, huma (distante da praya huma legoa) com o titulo de nossa Senhora do Desterro, outra na Corte, pela terra dentro oito legoas, com o titulo de S. Domingos. Nestas assistiraõ até sua

ſua morte os Padres Fr. Miguel do Eſpirito Santo, e Fr. Manoel da Reſurreiçaõ; deſte ficou a ſaudoſa, e envejada memoria de perfeito obſervante, e grande penitente. No Reyno de Liſao, que diſta ſeis legoas de Mena, ſe edificou outra Igreja com o titulo de Santa Cruz; aſſiſtio nella o Padre Fr. Pedro de S. Joſeph toda ſua vida, e bautizou quaſi todo aquelle Reyno. No de Cupaõ levantou Igreja o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho; alli chegou depois de eſtar o Rey bautizado, continuando o ſanto exercicio na mais gente do Reyno. No de Manubaõ ſe levantou tambem Igreja, continuando com a converſaõ o Padre Fr. Alvaro de Tavora, em quanto lhe durou a vida. Levantouſe outra em Batimiaõ; outra no Reyno de Luca, abrindo nelle Chriſtandade o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, bautizando a Rainha, e hum filho de menoridade, a principal gente do Reyno, e innumeravel Povo. Em o Reyno de Amafao levantou tambem Igreja o Padre Fr. Antonio de noſſa Senhora, correndo muitos annos com aquellas Chriſtandades.

Bautizou-ſe o Rey de Cupaõ.

Bautiza-ſe a Rainha de Luca.

Mas coroe eſta breve noticia a de hum Religioſo, que paſſando por obediencia ao Reyno de Cupaõ, a abrir Chriſtandades, e levantar Igreja, perdeo a vida ás mãos de inimigos da Fé, a quem hia levalla. Foy eſte o Padre Fr. Luiz da Paixaõ, natural do lugar de Carnide, huma legoa diſtante da Cidade de Lisboa, de donde paſſou á India por Soldado; e deſejando ſello de Jeſu Chriſto, tomou o habito, e profeſſou na Congregaçaõ; paſſou a Solor com o Veneravel Padre Fr. Miguel Rangel, e reſidindo alguns annos na Povoaçaõ de Gueguena, na Ilha do Ende, vendo os augmentos com que corria a ſeara eſpiritual de Timor, paſſou, diſpondo-o aſſim a obediencia, a eſta Ilha; deſembarcou no porto de Cupaõ, em que tudo era ainda Gentilidade; e entrando pela Povoaçaõ, vendo huma roda de Gentios, ſe introduzio com elles, encaminhando a pratica ao fim para que alli vinha. Sentioſe inflammado do caminho, e com taõ rigoroſa ſede, que pedio huma pouca de agua; dando-lha, e bebendo-a, perdeo o Padre o juizo no meſmo inſtante; aſſim rompendo em deſatinos, começou de correr a Povoaçaõ, feito ludibrio daquelles barbaros, que encaminhando-o para hum deſpenhadeiro, o precipitaraõ delle, lugar em que depois de hum anno foy achado ſeu corpo, e levado para Larantuca por hum Religioſo, que com alguma gente veyo a fazer eſſa diligencia. Depois de algum tempo, pedindo o meſmo Rey de Cupaõ Padres para o ſeu Reyno, o bautizou o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, como a mayor parte do Reyno o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho. Eſtes, e outros muitos effeitos (que ainda diremos) ſe ſeguiraõ na Ilha de Timor áquella reſplandecente Cruz, que ſe vio nella, e lhe deu o nome, que tem agora, chamando-ſe a *Ilha de Santa Cruz.*

Precipitaõ em odio da Fé ao P. Fr. Luiz da Paixaõ.

CA-

CAPITULO VI.

Turbaçaõ nas novas Christandades de Timor. Castigaõ se os perseguidores dellas, e ficaõ socegadas.

NArradas as converſoens de Timor, e os effeitos dellas por junto, por naõ cortarmos o fio, com que as foy levando o Padre Fr. Antonio de Saõ Jacintho, tornemos a buſcar a cauſa da ſua revolta, que já deixámos ordida. Já vimos como o Rey de Toló, ſacudido de Larantuca, veyo por Timor, promettendo que paſſava a reformarſe de forças para caſtigo dos que admittiſſem Chriſtandades no ſeu Reyno, ou ſe naõ reduziſſem com elle a abraçar a ſeita de Mafamede: mas naõ lhe tardou huma morte afrontoſa, em que cahiraõ todas eſtas machinas da ſua ſoberba, e da ſua ira, como já diſſémos: mas reſtanos a individuaçaõ do que negoceou naquella retirada, como cauſa das turbaçoens, com que agora vemos os Reys deſta Ilha. Foy o Rey de Toló (favorecido da ſua Armada, e das eſperanças de voltar com ella mais poderoſa) reduzindo á ſua devoçaõ os que pode, e entre elles ao Vajalle, a quem deu huma touca, penhor (entre aquella gente) de aceitar a ſua ſeita. He eſte Vajalle como Emperador, a quem todos os Reys da Ilha reconhecem com tributo como a ſeu Soberano. Agora fazia as partes delRey de Toló, convidando a huns, e ameaçando a outros, e tendo a todos ſuſpenſos, e amedrentados. Eraõ os principaes o Rey de Manubaõ, a Rainha de Mena, o Rey de Liſao, e o Rey de Serviaõ. Penetrou neſte mais o receyo, e tendo já dado ſua palavra ao Rey de Toló, começou a pôr em pratica com o Vajalle, que abraçaſſe o ſeu Reyno a ſeita de Mafamede.

Chegou eſta noticia a Larantuca, que temendo bem, que com eſte exemplo, e o receyo, que hia correndo por toda a Ilha, ſe arruinaſſe o obrado nella, livrou o total remedio na preſteza do ſoccorro. Commetteo-ſe a empreza a Ambroſio Dias, Capitaõ mór do mar, homem de valor, e eſpiritos. Deraõ-ſe-lhe cento e cincoenta Moſqueteiros, naturaes de Larantuca, por Capellaens os Padres Fr. Bento Serraõ, e Fr. Pedro de S. Joſeph. Partiraõ ſem dilaçaõ, tomaraõ terra no porto de Mena, acodindo-lhe com ſoccorro de gente, e baſtimentos a Rainha viuva, o Rey de Liſao, e de Manubaõ, de que reſultou Exercito capaz de facçaõ grande. Sobiraõ ás vaſtas terras do Rey de Serviaõ, que era o primeiro emprego do caſtigo, a tempo que o viraõ retirar para humas ſerras, naõ ſe fiando na muita gente, que o ſeguia, para a reſoluçaõ de eſperar a batalha. Aſſim entraraõ os noſſos aſſolando, e deſpojando ſem reſiſtencia; o que viſto, e chorado pelos naturaes, (que o propunhaõ ao Rey, como culpado em os reduzir áquella miſeria) conſiderando elle, que retirado áquella ſerrania, havia de render á falta do ſuſtento o que cuidara reſgatar das mãos do inimigo, mandou ſem detença praticar as pazes com o noſſo Capitaõ, offerecendo ſogeiçaõ, e ami-

e amizade, o que se lhe aceitou, sendo huma das condiçoens, que viesse pessoalmente entregar a touca, que já tinha aceito em penhor, e contrato de introduzir a seita de Mafamede em seu Reyno; o que se executou logo, ficando com tantas veras de amigo, e sogeiçaõ ao Estado, que depois naõ só recebeo o Bautismo, mas fomentou a Christandade em todo o seu Reyno. Concluida a paz, e feita esta promessa, voltou a nossa gente para Larantuca victoriosa.

Mas instava o Vajalle, ameaçando a Rainha de Mena, e o Rey de Manubaõ, por terem recebido o Bautismo; e o Rey de Damitiaõ, porque se naõ resolvesse a recebello; e disto, que obrava, e do que obrara o Rey de Serviaõ, mandou noticia ao Rey de Toló, instando, que se naõ detivesse com a Armada, dando tempo aos soccorros de Larantuca. Mas já a este tempo tinha succedido sua desestrada morte; nada teve effeito, ainda que o Vajalle, ignorante della, continuava na arrogancia de dominar a Ilha. Neste estado se achavaõ as cousas della, quando chegou a Larantuca o Visitador, e Commissario Geral destas Christandades, o Padre Fr. Lucas da Cruz, de quem daremos aqui huma breve noticia, de que foraõ grandes acrédores seus merecimentos.

Foy este Padre Portuguez, seu nome Lucas de Aguiar. Fora Soldado de reputaçaõ, e nome. Chamou-o o Ceo para mais importante milicia na conquista das almas. Instado deste desejo, tomou o habito de S. Domingos em Cochim, chamando-se Fr. Lucas da Cruz. Applicou-se aos estudos, e aproveitou assim nelles, que no trabalho das Cadeiras alcançou o premio do magisterio. Occupou os lugares de Prelado; passou (á obediencia do Veneravel Padre Fr. Miguel Rangel) por Visitador da Ilha de Ceilaõ, e Manar. Depois ás Ilhas de Solor, com Patente de Visitador, e Vigario Geral, que naõ exercitou, porque espirando o governo da Congregaçaõ, em que fora provido, veyo outro a exercitar o cargo. Voltando á India, e estando em Malaca, se achou no cerco dos Hollandezes, em que obrou como valeroso Soldado de Christo, defendendo o Baluarte de Saõ Domingos, e recebendo duas lançadas mortaes, que nem assim foraõ bastantes a enfraquecer os brados com que defendia, que se naõ entregasse a Praça. Entregue ella, se retirou a Meliapor, aonde tendo Patente de Visitador, e Commissario Geral das Ilhas de Solor, do Vigario Geral da Congregaçaõ, o Mestre Deputado Fr. Manoel da Cruz, passou ao Macassá, dalli a esta Ilha de Larantuca, aonde o vemos agora pelos annos de 1641.

Chegado a ella, proveo as suas Igrejas, unio, e pacificou os animos da gente da terra, que sendo todos Christãos, se tinhaõ dividido, assim no sitio, como no commercio. Restituhio ao antigo os dous Capitaes mores, o dos naturaes, e o Portuguez Francisco Carneiro de Siqueira. Resolvia-se em passar a Timor, quando lhe chegaraõ relaçoens da alteraçaõ, que se sentia na Ilha, com os ameaços do Vajalle; e havido conselho com o Capitaõ mór Francisco

Fernandes, e Religiosos das Christandades visinhas, se assentou, que com toda a pressa se acodisse aos ameaçados com maõ armada. Apprestaraõ-se quatro embarcaçons; duas, que armaraõ os Religiosos, huma o Capitaõ mór, outra o Povo; e repartindo-se por ellas noventa Mosqueteiros, e o Visitador com mais trez Religiosos, Fr. Antonio Cabral, Fr. Bento Serraõ, e Fr. Pedro Manso, exhortando o Visitador a todos, propondo-lhe a empreza, como toda do serviço de Deos, socego daquellas Christandades novas, e reputaçaõ das armas Portuguezas, deraõ á véla em 26 de Mayo do mesmo anno de 1641, e sahindo em terra no porto de Mena, foraõ recebidos, e hospedados do Rey, e Rainha mãy, com mostras de amizade, grandeza, e abundancia no que permittia a terra. Despacharaõ logo dous Religiosos, e alguma gente aos Reys de Batimiaõ, e Serviaõ, propondo-lhes a empreza, e convidando-os para a liga contra o Vajalle, que os ameaçava. Vieraõ os Reys em tudo o proposto, e passou a gente a Batimiaõ, aonde o Visitador bautizou logo o Rey, a que poz por nome D. Pedro, dous sobrinhos do Rey Amanence, cinco filhos da Rainha de Mena, e dos Grandes do Povo, ficou só por bautizar o Tumungaõ, que he Regedor. Depois o bautizou o Padre Fr. Pedro Manso; e no dia seguinte, em que celebra a Igreja a Festa de Santa Anna, se bautizou a Rainha com toda a gente de sua Casa, e já feita Christãa, se desposou na fórma da Igreja. Concorreo a pedir o Bautismo o mais Povo, e para instruillo, e cathequizallo, foy preciso aos Religiosos, dilatarem a execuçaõ até 20 de Agosto.

Bautiza-se o Rey de Batimiaõ e a Rainha.

Alegre, e festiva toda a esquadra dos nossos, (mais os Religiosos (do fortunado principio, com que o Ceo lhe abria a porta para a futura campanha, ordenou o Capitaõ sua gente, e a multidaõ dos naturaes (que concorreraõ, e se ajuntaraõ de Mena, Serviaõ, Amanence, e Batimiaõ) e em boa fórma foraõ marchando, ainda que com trabalho, por ser o caminho fragoso, e o calor excessivo. Chegados ás fronteiras do Vajalle, que esperava a batalha com mayor poder, confiado, e soberbo, deu o Capitaõ *Santiago*, e envestiraõ os nossos com tanta valentia, e ardimento, que cahindo muitos dos inimigos ao primeiro effeito da mosquetaria, voltou costas o Vajalle, e passando com muitos hum rio, se embrenhou no mato. Assim foraõ sem resistencia alguma, sentindo as hostilidades de ferro, e fogo as Povoaçoens, até a Corte, em que descançou o Exercito aquella noite, naõ lhe faltando abundancia para a mesa, com que cresceo a alegria da vitoria. Ao dia seguinte, tendo provado a temeridade de perseguir o inimigo no mato, voltaraõ com melhor conselho, e pondo fogo aos passos do Vajalle, chegaraõ a Batimiaõ, recebidos do Rey, e do de Amanence, com as demonstraçoens de alegria, que pedia a vitoria, e grandes consequencia della. Deixou o Visitador neste Reyno o Padre Fr. Pedro Manso, (que levantou logo Igreja, continuando com grande augmento de Christandade os exercicios della) e passando com

com a gente ao Reyno de Mena, fez hum solemne Bautismo em dia de S. Lourenço, em que bautizou dous netos da Rainha de Mena, pondo a hum por nome D. Theodosio, a outro D. Sebastiaõ. Eraõ filhos delRey de Monabaõ, criados em companhia da Rainha viuva. Bautizaraõ-se tambem trez filhos delRey Amabara, e mais Povo. Fez outro Bautismo, em que bautizou huma filha delRey de Acçaõ, a que poz por nome Dona Serafina; e ordenando algumas cousas convenientes áquella Christandade, voltou com toda a esquadra a Larantuca.

Espalhada, e sabida a destruiçaõ do Vajalle, temido o braço Christaõ por todos aquelles Reynos, naõ só lograraõ as Christandades de Timor hum grande socego, mas foy raro o Rey, que naõ pedisse o Bautismo. Adiantouse o Rey de Tiripirim, desejando-o para si, e para seu Reyno todo. Intentava o Visitador passar áquelle Reyno, quando chegou de Goa o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, com Patente de Commissario das mesmas Christandades de Timor, ficando o Mestre Fr. Lucas governando as de Larantuca, e do Ende, em que continuou muitos annos, até que em Mayo de 1664. lhe chegou a Patente de Vigario Geral da Congregaçaõ, sendo Provincial desta Provincia o Mestre Fr. Alvaro de Castro.

CAPITULO VII.

Noticias do succedido no Japara, e no Macassar. Passa o Padre Presentado Fr. Joaõ da Costa á Provincia de Bajú. Tiraõ-lhe a vida em odio daquella Christandade. Prodigios succedidos nella.

Antes que tornemos a Solor, será razaõ darmos noticia da Christandade de Japara, que com bom principio, e esperanças naõ quiz Deos, que se colhessem os frutos dellas; e passou assim. Navegavaõ de Goa para Solor os Padres Fr. Manoel de Santa Maria, e Fr. Pedro de S. Joseph; e perseguidos de hum temporal, entraraõ no porto de Japara. Lançou logo maõ delles, e dos mais da embarcaçaõ o Governador da terra, sabendo, que eraõ Christãos, e tendo-os prezos, mandou avisar do succedido ao Mataraõ, Senhor de toda a Jaoa, que entendendo, que se lhe abria no porto hum novo commercio, mandou ao Governador, que soltando a todos, lhes offerecesse sitio para fazerem Povoaçaõ, e os Padres levantarem Igrejas, com o seguro, que teriaõ sempre bom tratamento. Aceitaraõ os Portuguezes, e fazendo suas Capitulaçoens, ficou assentado, que os Christãos, que fugissem do cativeiro de Japara, fossem livres nas terras de Jaoa. Assim ficaraõ os Padres para administrarem os Sacramentos aos Christãos, lançando os olhos a alguma reducçaõ dos Mouros da terra; mas nem familiaridade, nem trato, nem diligencia, surtiraõ effeito; desengano, que fez reti-

rar ao Padre Fr. Pedro de Saõ Joseph para Solor, ficando o Padre Fr Manoel acompanhando os Christãos do commercio, que cessou com a perda de Malaca, naõ querendo o Mouro estar pelas condiçoens depois della: com que houve de retirar-se tambem para Solor o Padre Fr. Manoel de Santa Maria.

Neste tempo trabalhavaõ os Prelados da Congregaçaõ em acodir ás Christandades de Solor com repetidas missoens. Logo que tomou posse do cargo em Goa o Mestre Fr. Lucas, mandou cinco Religiosos, por Vigario o Padre Fr. Sebastiaõ de S. Joseph. Foy mandado logo por Visitador da Religiaõ, e Commissario do Santo Officio o Presentado Fr. Joaõ Rangel com dous companheiros. Depois, sendo Vigario Geral o Mestre, e Deputado Fr. Agostinho de Magalhaens, mandou por Visitador, e Vigario Geral daquellas Christandades o Presentado Fr. Joaõ da Costa, que voluntariamente se sacrificou áquelle trabalho, sendo actualmente Regente dos Estudos no Convento de Santo Thomaz; levou quatro companheiros, e o cargo de Commissario do Santo Officio.

Embarcado o Padre Fr. Joaõ da Costa com seus companheiros, chegou ao Macassar, em que achou nova Povoaçaõ dos Christãos expulsos de Malaca, com sua Igreja Matriz, e Cabido, que viera da mesma Cidade; e vendo, que os Padres Capuchos de Macao tinhaõ alli seu Hospicio, os Padres da Companhia sua Casa, e Igreja, e que aos Religiosos de S. Domingos lhe era mais precisa, pela continua passagem para Solor, alcançou licença, e sitio (para Casa, e Igreja) do Emperador do Macassar, e vencendo estorvos, e embaraços, dita nella a primeira Missa, e ficando por Vigario o Padre Fr. Antonio de Macedo, se embarcou com os mais Religiosos para Solor, em que aportou em dia de S. Thomé de 1651. Proveo logo as Christandades de Mestres, que doutrinassem os meninos, e mais Povo. Trabalhou, e conseguio, que se lavrasse na Povoaçaõ do Combas Igreja nova, sendo pouco decente a primeira. Poz nella por Vigario o Padre Fr. Manoel da Conceiçaõ; e finalmente reparou a Casa de Larantuca, ainda que, como desejava, naõ pode fazer o mesmo na Igreja.

Disposto o mais, que convinha áquellas Christandades, entrou o Padre Fr. Joaõ em pensamentos de abrir novamente alguma, porque esse fora o espirito, com que se embarcara em Goa. Foy logo com seus companheiros, discorrendo varias Povoaçoens da Ilha do Ende, e passou á Provincia de Bajú, contra-Costa de Larantuca, com incommodos, e trabalhos, tolerados com invencivel sofrimento, e espirito Apostolico. Nesta Provincia foy bem recebido, achando disposiçaõ na gente para dar ouvidos á verdade, e docilidade no genio, para se sogeitar ao jugo de Jesu Christo. Com estas esperanças começou a exercitar seu espirito, espalhando naquella terra inculta a semente do Evangelho, que fomentada do Ceo, assim foy crescendo em fecunda, e dilatada seara, que levantou logo Igreja,

ja, com o titulo de S. Domingos em Soriano. Celebraraõ nella Miſſa, com commum contentamento do Povo, e começou a concorrer innumeravel a pedir Bautiſmo. Mas naõ faltava entre eſta fermoſa, e creſcida ſeara o damno da cizania, favorecida do demonio em alguns principaes da terra, que viviaõ com eſcandalo, e perigo de ſervirem de exemplo. Buſcou-os o Padre; advertio-os que, já que por deſgraça ſua fogiaõ ás vozes da Igreja, que como Mãi os chamava, naõ foſſem, com publicos deſatinos, tropeços, para os que caminhavaõ para ella. Deſprezaraõ o aviſo, e naõ valendo, nem a ſupplica fallou-lhes, e reprehendeo-os o Padre com inteireza, e liberdade Apoſtolica.

Ficaraõ os Gentios corridos, e confuſos; queriaõ, que o tirar-lhe publicamente a vida, foſſe deſempenho da ſua afronta, mas temiaõ o caſtigo, que lhes podia vir de Larantuca, e o motim da terra, em que o Padre tinha muitas vontades promptas para a defenſa, como depois empenhadas para a vingança. Appellaraõ para as armas da infamia, e da covardia, dando-lhe peçonha; moſtraraõ-no aſſim os ſinaes da enfermidade, de que cahio repentino, e faleceo apreſſado, victima de Jeſu Chriſto, ferida em odio do Euangelho. O quanto o Senhor a eſtimou, moſtrou depois hum prodigio; porque paſſados dous annos, e querendo os Religioſos trasladar os oſſos para Larantuca, abriraõ a ſepultura, aſſiſtindo muitos Chriſtãos da terra, e acharaõ o corpo como na hora em que o tinhaõ ſepultado, ſem corrupçaõ, ou máo cheiro, e a meſma inteireza no habito. Eſte eſtranho ſucceſſo naõ ſó foi argumento do que mereceo o Padre naquelle genero de morte; mas de fomentar, e radicar muito aquella Chriſtandade. Naõ conſentiraõ os filhos della, que lhes roubaſſem aquelle theſouro; entre elles ſe venera ſepultado. Foy o Padre Fr. Joaõ da Coſta Portuguez, natural da Cidade da Guarda, irmaõ de Antonio Saraiva de Carvalho, Eſcrivaõ dos Aggravos, e Appellaçoens na Corte de Lisboa. Tomou o habito na Provincia de Caſtella, eſtudou no Convento de Valhadolid, em que leu Artes. Paſſou á Provincia de Portugal, della á India, em que leu Theologia, e tomou o grao de Preſentado; e ſendo Regente no Convento de Santo Thomaz em Goa, paſſou voluntariamente áquellas Ilhas, a que o chamava o Ceo para ſobir dellas a elle com a coroa daquella morte.

Morte do P. Preſentado Fr. Joaõ da Coſta.

Ficou depois della correndo com aquella Chriſtandade o Padre Fr. Manoel da Encarnaçaõ, hum dos companheiros, que trouxera de Goa, e de tal zelo, e eſpirito, que baſtou a temperar o ſentimento da ſua falta. Continuou eſte Padre os Bautiſmos, e o exercicio de cathequizar incançavelmente: e ſe eſte era o trabalho com os Gentios, naõ era menos o das advertencias com os Chriſtãos deſencaminhados. Davalhe cuidado hum que o andava com eſcandalo. Entrou a advertencia, continuou a reprehenſaõ; finalmente poz o ultimo esforço no ameaço, e ſortio tal effeito, que o culpado naõ ſó deſiſtio dos deſmanchos,

chos, mas quiz fazer huma confissaõ geral. Assentou com o Padre hora desoccupada, e posto huma tarde a seus pés na Igreja, vio o mesmo Padre, levantando os olhos á porta della, que parava hum Christaõ (que hia passando) sem tirar os seus do Confessionario. Passou outro, e succedeo-lhe o mesmo, e assim huns atraz dos outros se foraõ ajuntando muitos. Deu o Padre a absolviçaõ ao penitente, e chamado da novidade, chegou aos da porta, perguntando-lhes quem os detinha? Ao que responderaõ todos, que o que tinhaõ visto na Igreja os suspendera; e continuou hum delles: *Que em quanto o Padre confessara o penitente, viraõ hum rayo de luz claro, e resplandecente, que do tecto da Igreja descia sobre o Confessionario, cahindo entre o penitente, e o Confessor, e que, a absolviçaõ acabada, desapparecera.* Authenticou-se o caso, e foi melhor testemunha a grande volta, que o penitente deu no estylo de vida, taõ conhecida, e admirada na terra, como o successo com que principiara.

Mais estrondo foy outro, que se vio na mesma Igreja, em credito do mesmo Padre, e confirmaçaõ para a Christandade della. Celebrava o Padre Fr. Manoel o dia de S. Domingos com o aceyo, e ornato, que permittia a terra, e a Igreja. Chegaraõ á porta della alguns Gentios levados da curiosidade, e hum delles com confiança de principal entrou dentro a tempo, que o Padre se punha no Altar; e reparando nas ceremonias da Missa, vio que, ao consagrar o Padre, sahia de hum nicho, em que estava no mesmo Altar, a Imagem de huma Senhora do Rosario, e sobre elle prostrada, adorava a Hostia, e Caliz, e logo se recolhia no mesmo nicho. Ficou como transportado o Gentio em quanto se acabava a Missa, cahindo entaõ em terra, como se ficara sem vida. Naõ valeraõ remedios humanos; e depois de largo espaço, tornou em si a tempo, que o Vigario tinha chegado, e lhe perguntava o que tivera? Ao que respondeo, que o que o prostrara fora o penetrarse do passmo do que tinha visto; e continuou o que fora, accrescentando que estava certo, e seguro em sua alma, que a Ley dos Christãos era a verdadeira, e que só a ella queria abraçar, e acabar nella a vida. Cathequizou-o o Padre, e bautizou-o brevemente, sendo a sua conversaõ (como de pessoa principal) e o caso, que testemunhava, a que reduzio a muitos, e confirmou os reduzidos.

Naõ lhes servio de menos confirmaçaõ, como de igual gloria áquella Christandade, o que agora diremos para novo assombro, e coroa deste Capitulo. Juntos huma noite huns poucos de Gentios na diabolica occupaçaõ de fazerem feitiços, para se vingarem, e fazerem damno a alguns Christãos, lhes appareceo de improviso hum Frade, vestido no habito de S. Domingos, com hum bordaõ, e dando-lhes alguns golpes com elle, lhes dizia: *Quem vos obriga, desatinados, a occuparvos em serviço do demonio, fazendo feitiços nas minhas Christandades? Anday daqui, anday, e naõ vos succeda outra vez; que será o castigo*

go mais rigoroso. E dito isto, desappareceo. Levantaraõ se os Gentios igualmente, que afrontados, confusos, porque estavaõ fechados, e naõ viaõ por onde o Padre entrasse, ou sahisse. Mas duvidando se seria o Vigario, ainda que no rosto lho naõ parecera, se queixaraõ ao Senhor da terra, que buscando com elles o Padre Fr. Manoel, com seus mesmos testemunhos se desenganou, de que naõ fora aquelle o Padre. Divulgou-se o caso, e entendeo o Vigario, e mais Christãos da terra, que o Religioso do bordaõ naõ seria outro senaõ nosso Patriarca S. Domingos, que guardava aquella Christandade como vinha do Senhor, de que seus filhos eraõ venturosos Obreiros.

CAPITULO VIII.

Prodigio notavel, succedido em Timor. Trabalhos, que a elle se seguiraõ naquellas Christandades. Maravilhas com que o Ceo as defendeo.

ACHava-se nestes tempos assistindo por Vigario da Igreja de S. Domingos, no Reyno de Amanence, o Padre Fr. Jordaõ de S. Domingos, Religioso muy observante, e reformado; sua vida, hum incançavel desvelo na conversaõ das almas, occupando o tempo, que lhe restava deste exercicio, em consultar com Deos na oraçaõ, os caminhos de continuallo. Assim se detinha em huma occasiaõ diante da Senhora do Rosario, de que era extremoso devoto; e chegando a beijar-lhe os pés, reparou, que a Senhora tinha cuberto o rosto de alguma humidade; enxugou-a com hum sanguinho, mas vio, que nascia outra, que já se engrossava em suor, que limpo segunda vez, correo mais copioso. Convocou o Padre gente para testemunhar o milagre, e fazendo por cinco vezes a diligencia de applicar o sanguinho, o tirou na ultima com algumas nodoas de sangue fresco. Vi-o o Povo, e prostrando-se todos por terra, pediaõ com lagrimas, e clamores á Senhora, que a sua clemencia moderasse os effeitos, que costumaõ seguir-se a semelhantes sinaes. Naõ tardou em confirmallo a experiencia; e succedeo assim.

Resolveraõ-se os Hollandezes a arrazar a Fortaleza, que tinhaõ na Ilha de Solor, por inutil, e fundar na Ilha de Timor outra, em que fortificando-se, se fizessem poderosos para a sua empreza suspirada, de lançar fóra da Ilha os Christãos, que assistiaõ nella de Larantuca, e os Religiosos de S. Domingos, que fomentavaõ sua assistencia, porque para os naturaes bastava hum ameaço, ficando a sua cobiça com o commercio do sandalo. Com estas esperanças tomaraõ com violencia huma Fortaleza, que em Cupaõ estava principiada, e feita Praça de armas, romperaõ guerra com a gente de Larantuca, que residia na Ilha, convencidos, que teriaõ á sua devoçaõ todos os Mouros della. Tentaraõ logo alguns Reys Timores para a liga, em que só veyo D. Sebastiaõ Rey de Amauy, ou por faltar na terra o Vigario da Christandade, ou por lhe cegarem a razaõ as negaças do interesse, e prometteo, que entregaria as cabeças dos

dos nossos, que seriaõ cincoenta Mosqueteiros, e seu Capitaõ, que entaõ era Mathias Fernandes, natural de Larantuca. Para esta facçaõ ajuntou com presteza toda sua gente, e alguma estranha, de que formou hum Exercito de vinte mil homens, com que buscou, e lançou hum cordaõ aos cincoenta, que avisados do que se passava, se tinhaõ acastellado em huma eminencia, sitio defensavel; mas faltos de mantimentos, os reduzio brevemente a sede, e a fome, a tomar a desesperaçaõ por resgate, discorrendo, que ainda entregando-se, tinhaõ certa a morte; e sahindo em hum corpo, disparando os mosquetes, e logo com a espada no punho, romperaõ os inimigos, fazendo nelles hum instantaneo, e incrivel estrago, sem que de todos se predesse hum unico. Unio-se logo a multidaõ dos inimigos, e vieraõ, mas sem effeito, perseguindo os retirados, que recolhidos a Amanence, voltou o Rey de Amauy para suas terras, respondendo aos que o calumniavaõ, de que com tantos, nem envestisse, nem desbaratasse taõ poucos: *Que no cerco, e na retirada guardara, e defendera a estes hum Frade no habito de S. Domingos, que só levantando os olhos, ou dizendo huma palavra, os atemorizava, e suspendia.* Entenderaõ os nossos, que seria nosso Patriarca, que peleijava contra os inimigos das suas Christandades, como em vida o fizera contra os Albigenses.

Vendo-se o Hollandez taõ mal succedido naquelle seu confederado, instou com o Rey de Amanence, que lhe entregasse o Padre Fr. Jordaõ de S. Domingos, entendendo, que aquelle era o coraçaõ, que infundia alentos nos Soldados, para que os naõ atemorizasse o reparo de poucos. Era o Rey Christaõ, mas filho da cobiça; interesses, e esperanças o dobraraõ áquella infamia. Prometteo entregar o Padre, que avisado de hum Christaõ, se passou ao Reyno de Senovay, perseguido sem effeito dos que o seguiaõ por ordem do Rey, que chamando os Hollandezes (depois de roubar a Igreja) fez brindes á sua ira, offerecendo-lhe o estrago della, em que entraraõ igualmente o desacato, e o fogo.

Tendo logo noticia do successo o Padre Fr. Jordaõ, e mais Padres, e Christãos, que se acharaõ em Senovai, se ajuntaraõ os Soldados para dar sobre Amanence, mas naõ havendo Capitaõ, porque Mathias Fernandes se tinha retirado a Larantuca, houve sobre o lugar tal contenda, que vendo-se o preciso da occasiaõ, e naõ querendo nenhum dos que entendiaõ merecer o posto ceder do capricho, se resolveraõ todos, a que o Padre Fr. Jordaõ de S. Domingos fosse Capitaõ. O Padre, que criado no retiro da sua cella, ou no exercicio da sua Igreja, naõ sabia sustentar na maõ mais que o Breviario, ou a disciplina, começou a pedir com lagrimas aos amotinados, que vissem, que a causa era de Deos, por quem podiaõ sacrificar pondunores; que elle era hum pobre velho, que o mais a que se obrigava, era a morrer com elles no risco, mas que de governo de armas era taõ ignorante, como falto de forças para manealles.

Na-

Nada valeo para a escusa; aceitou o nome de Capitaõ, e passaraõ a Amanence. Tinha-se o Rey retirado a humas serras, de donde mandou ao Padre pedir perdaõ arrependido, restituindo as alfayas da Igreja, que guardara (assim o dizia) como leal filho della. Naõ se lhe deferio a nada.

Mas os nossos achando-se desasombrados, e Senhores da terra, assim se deixaraõ levar de hum tal descuido, que chegou o Hollandez sem ser sentido, e dando hum assalto, degollara a todos, a naõ ser o valor de Mattheus da Costa, (Capitaõ de huma estancia) natural de Larantuca, que achando-se com as armas nas mãos, envestio só, e destemido os inimigos, matando lhe o Capitaõ, e suspendendo o impeto dos mais, até que chegando os nossos, e dando sobre elles, naõ ficou hum com vida, cahindo todos no lugar, em que sacrilegos tinhaõ queimado a Igreja, para que se visse, que fora golpe da Divina vingança.

Conseguida a vitoria, e alcançada depois a noticia de que o Hollandez esperava de Batavia soccorro de importancia, apressaraõ--se os nossos em recorrer a Larantuca, que ameaçada da mesma guerra, lhe naõ mandou mais que o Capitaõ Balthasar Gonçalves, homem de valor, mas já taõ entrado em dias, que lhe deraõ por adjunto o Padre Fr. Francisco da Conceiçaõ, Religioso de grande zelo nas importancias da Christandade, de espirito ardente, activo, e resoluto para manear as armas contra os inimigos de Deos. Mas naõ bastou a falta do soccorro para quebrar os animos aos que se achavaõ na Ilha de Timor. Era a mayor defensa cem Mosqueteiros; com estes passaraõ a occupar o posto, em que o inimigo intentava fazer hum reducto no coraçaõ da Ilha, em que assistiraõ seis mezes, passando alguns incommodos, e fomes, depois que se acabaraõ os bastimentos, que recolheraõ de algumas entradas nos Reynos rebelados. Mas chegando noticia, que o Hollandez estava em Cupaõ com poderoso Exercito, e Capitaõ grande Soldado, celebre, e cheyo de glorias militares, custou muito ao P. Fr. Francisco suspender a resoluçaõ, que tomavaõ, (prudente, e desculpavel na grande desigualdade de poder) de desamparar a Ilha, e passarem todos a Larantuca. Finalmente deveo-se ao seu conselho, e ao seu trabalho, o naõ se largar o posto.

Tardava o inimigo, entraraõ os nossos em conselho; pareceo conveniente despedirem dous Capitaens, Mattheus da Costa, e Antonio Ornay, que com sessenta Mosqueteiros passassem a castigar hum Rey rebellado (embaraçando, que naõ engrossasse com suas gentes o Exercito inimigo) e recolhessem de suas terras algum mantimento. Mas em breves dias viraõ, que se lhe chegava o inimigo Hollandez com dezoito mil homens de varias naçoens, quando dos nossos se contavaõ quarenta Soldados de mosquete, e pouco mais de cem Timores, todos antes encorrallados, que guarnecidos no posto, que tinhaõ tomado. Pareceriaõ sem duvida fabulosas, e inventadas idéas, ou escrituras apocrifas, alheas, e va-

ſias de toda a verdade eſtas, de que vamos tecendo hiſtoria, a naõ ſerem os meſmos inimigos da Fé, e da verdade, os que contra ſi teſtimunharaõ a noſſa, enſinados á ſua cuſta, e convencidos da experiencia. Mas admirem-ſe embora os faltos de fé; que nós, que com o lume della vemos os poderes da Divina Providencia, naõ eſtranhamos, que quizeſſe eſcolher huma maõ taõ pequena, como a de taõ poucos Catholicos, para eſgrimir a ſua eſpada, levantada ſobre tantos ſacrilegos. Na deſigualdade do braço, e do golpe, ſe via quem movia aquelle para deſcarregar eſte.

Formado o inimigo na noſſa fronteira, ſe começou a travar a peleija, que durou trez horas, ſem damno noſſo, e muito conſideravel do inimigo. O que viſto pelo Capitaõ, reſolvia-ſe em pôr cerco á trincheira, envergonhado, naõ ſó de lhe fazermos reſiſtencia, mas ainda damno; mas os noſſos advertidos, e acautelados, ſe foraõ retirando a melhor poſto, e mais facil, para ſe encorporarem com elles os dous Capitaens, que já tinhaõ chegado. Poz-ſe em execuçaõ a melhora do ſitio, ſem que as diligencias do inimigo ſerviſſem de embaraço; e paſſada a noite com as armas na maõ, chegando de madrugada os Capitaens, ſem mais advertencia, que a de ſeu valor, acommetteraõ por huma parte o quartel dos inimigos, em quanto os outros por outra, com reſoluçaõ taõ prompta, taõ valente, e deſtemida, que atonito o inimigo, naõ ſe reſolvia a que parte fizeſſe frente, em quanto os noſſos intrepidos hiaõ deſcabeçando corpos, até que, morto o Capitaõ Hollandez, (que ſó, e deſtemido, ſuſtentou o impeto do aſſalto) ficou deſtruido o Exercito, eſcapando dos Hollandezes ſó cinco com vida, innumeraveis mortos no campo, em que tambem cahio o rebelde Rey de Amanence, retirando-ſe poucos dos ſeus, que levaraõ aos mais rebellados as novas do eſtrago, e depondo confórmes (o que tambem os cinco Hollandezes) que em quanto durou a batalha, viraõ, que hum Frade em habito de S. Domingos, com huma cana de bengala na maõ, os feria, e atemorizava, bradando-lhe, que fugiſſem, e ſe retiraſſem. Quem duvîda, que diſpunha a Providencia Soberana, que ſe viſſe na fundaçaõ, e conſervaçaõ das Chriſtandades da India, (como Colonia de Portugal) a que ſe admirara na fundaçaõ, e propagaçaõ deſte Reyno todo ſeu, ſuſtentando o braço de Deos o Eſtendarte Portuguez ſempre vitorioſo, entre a diſparidade de prevalecerem poucos contra muitos? Argumento com que Moyſés ſegurava aos Iſraelitas, que eraõ o Povo de Deos mais favorecido, e mais mimoſo. Mas grande gloria para os cultores daquellas Chriſtandades, vir noſſo Patriarca a ſuſtentallas, por moſtrar a Providencia, com que Deos ſe havia com ellas.

Deuteron. cap. 32. Quomodo perſequatur unus mille, & duo fugient decem millia?

CAPITULO IX.

Novos prodigios, com que o Ceo favorece os Christãos de Timor em nova, e mais poderosa invasaõ dos Hollandezes. Desenganados estes de Timor passaõ a Larantuca com Armada formidavel, que se retira sem operaçaõ alguma.

COnfusos, e corridos os Hollandezes de se verem destroçados de taõ pouca gente, (antes cegos, e obstinados, para naõ reconhecerem, que braço mais que humano nos defendia, e os castigava) lançaraõ fama, e com effeito trouxeraõ o mais consideravel poder de Batavia em huma Armada com mil e trezentos Hollandezes, e innumeravel Soldadesca de naçoens estranhas. Bem julgavaõ os nossos Religiosos de Timor que os casos precedentes eraõ milagres, e que nem sempre os deviaõ esperar, ainda que fizessem sempre pelos naõ desmerecer. Assim recorrendo primeiro ás armas de sua prossissaõ, em exercicios penitentes, devotos, e continuados, mandaraõ a Larantuca a pedir soccorro, dando noticia do que succedera, e do que se esperava. Era Vigario das Christandades o Padre Fr. Manoel da Conceiçaõ, (de que já fica noticia) e incançavel seu zelo na conservaçaõ dellas. Convenceo, e obrigou ao Capitaõ mór Francisco Carneiro, que se ajuntasse o que fosse possivel de soccorro; e embarcando-se com elle, e com o Padre Fr. Joaõ do Rosario, (tendo deixado em seu lugar o Padre Fr. Estevaõ do Rosario) aportaraõ em Timor com tanta felicidade na viagem, como alegria, e alvoroço no recebimento, que durou pouco, porque adoecendo o Vigario, passou brevemente desta vida, recebidos os Sacramentos, com mostras de contriçaõ verdadeira, e esperanças do immortal premio della.

Mas naõ cessou a prevençaõ contra o inimigo, e disposiçaõ para o que convinha ao conflicto esperado. Mandaraõ assistir ao Rey de Amarraste (D. Agostinho, reduzido, e bautizado pelo Padre Fr. Rafael da Veiga, e entre todos os Reys o mais leal, e fiel á ley, que professara) dezasete Mosqueteiros, por Cabo Joaõ Serraõ da Cunha. Foy esta prevençaõ a mais necessaria: porque movendose todo o poder Hollandez de Cupaõ, aonde em desembarcando, fizeraõ Praça de armas, governados por Thamen, o mais esforçado Hollandez, que tinhaõ em toda a India, encaminharaõ a marcha a castigar o Rey de Amarraste, pela constancia, com que sempre desprezara a pratica da liga. Mas succedeo-lhes mal; porque errando o caminho, (ainda que guiados pelos mais praticos nelle) tomaraõ o mais difficil, e fragoso, chegando a Amarraste cançados, e destruidos. Tinha já o Capitaõ Joaõ Serraõ escolhido posto com os doze Mosqueteiros, porque os outros tinhaõ chegado enfermos: assistia com elle o Rey com parte da sua gente; e vendo a do inimigo taõ numerosa, guerreira, e luzida, levantou ao Ceo os olhos, e pondo nelle o coraçaõ, e a confiança, se dispoz para a peleija. Por duas partes se

Rey de Amarraste bautizado pelo P.Fr. Rafael da Veiga.

se podia avançar o posto, que o nosso Cabo escolhera; e sem que a desigualdade, que no inimigo estava vendo, lhe quebrasse o animo, ou lhe esmorecesse o coraçaõ (todo Portuguez) no inevitavel do risco, a ambas as partes attendeo, e fortificou, pondo em huma cinco Mosqueteiros, e alguns Timores; na mais arriscada ficou elle, e o Rey com alguma gente sua. Parecia a disposiçaõ antes delirio, que defensa; antes parecia o posto altar de poucas victimas, offerecidas ao golpe, que fortificaçaõ para se defender a elle. Bramava o Capitaõ Hollandez de colera, corrido de ver os que lhe faziaõ cara: assim avançou, antes desprezando, que pertendendo a vitoria; mas foy taõ valorosamente rebatido, e taõ destramente varejado da pouca mosquetaria, que, durando a peleija do romper da manhãa até ás trez da tarde, se via já o campo inimigo semeado de corpos mortos, que embaraçavaõ, e atemorizavaõ os vivos, sem que dos nossos cahisse hum só.

Reparou-o o Capitaõ Hollandez; e vendo, que á profia continuava o damno, quiz, sem mostrar fraqueza, retirar a gente com que se achava, quando já a vio posta em descuberta fugida, e taõ atemorizada, que seguida dos nossos doze Mosqueteiros, e alguns Timores, se concluio hum tal estrago, que dos Hollandezes ficaraõ trezentos no campo, de outras nações naõ tinhaõ numero. Tomaraõ os nossos trez bandeiras, algumas caixas, muitas muniçoens, petrechos de guerra, e carregados de despojos, se retiraraõ ao posto, dando todos graças a Deos do manifesto prodigio. O Rey com as mãos levantadas ao Ceo, naõ acabava de agradecer, e admirar as misericordias do Senhor das batalhas. Mas eraõ muitos os prodigios, que tinhaõ experimentado nesta, e foraõ os seguintes.

Deu no mayor ardor da peleija huma bala de mosquete nos peitos ao nosso Capitaõ, de que cahio, ao parecer, sem vida. O Rey, que estava á sua ilharga, vendo o Capitaõ sem ella, e a si sem defensa, com os olhos cheyos de lagrimas levantou a voz ao Ceo, dizendo: *Já agora minha mulher, e filhos seraõ mortos, ou cativos; e eu, e o meu Reyno perdido: mas sejais muito louvado sempre meu Senhor.* Mal acabava de o pronunciar, quando o Capitaõ se levanta sem ferida, ou lesaõ alguma, continuando com o mesmo vigor a peleija. Seguio-se novo prodigio. Era insuperavel a multidaõ do inimigo; cahidos huns, appareciaõ outros peleijando colericos, em vingança dos destroçados, quando no mayor calor de hum assalto, reparou o Capitaõ que rebatiaõ com elle a furia dos inimigos mais cinco Mosqueteiros, que julgava serem os que no outro posto tinha deixado; e por mais que os via peleijar com grande effeito, os reprehendeo, sem que algum deixasse o sitio, ou voltasse o rosto. Suspendeo-se o Capitaõ, (vendo que soube logo, que os cinco, que deixara, continuavaõ no posto, em que os puzera) que o Ceo lhe assistia. Entendeo-o depois melhor, quando por confissaõ dos mesmos vencidos soube de outro prodigio succedido ao mesmo tempo; e foy

foy, que viaõ os Hollandezes que da parte dos noſſos ſe adiantava a todos hum Frade de S. Domingos, que fazendo tiros muy amiudados, com grande eſtrago nos mais avançados dos inimigos, tendo junto a ſi huma peſſoa, que elles naõ diviſavaõ bem, mas ſó a acçaõ de lhe ir carregando o moſquete. Os Hollandezes entendendo que ſeria algum dos Religioſos, que reſidiaõ em Timor, (de que alli naõ eſtava, nem chegou algum) vendo o eſtrago, que lhes fazia, ameaçando-o raivoſos, e encarniçados, lhes diziaõ: *Apontay bem, Padre; que, ſe me naõ acertares a mim, hey de derribar-vos a vós.* Mas naõ lhe durava ao ameaçador a vida mais, que em quanto tardava o tiro, que naõ era muito. Aſſim era depois pratica dos que eſcaparaõ: *Que naõ ſe podia ir peleijar a Timor, porque os Frades de S. Domingos daquella Ilha eraõ mais deſtros, que os meſmos Soldados.*

De grande conſequencia para as Chriſtandades (pela ſegurança dellas, e confuſaõ dos ſeus inimigos, e rebellados) foy a reputaçaõ, em que as armas dos Fieis ficaraõ com eſtes ſucceſſos mimoſas, e favorecidas do Ceo, e ſem duvida com aſſiſtencia do noſſo Patriarca, grande Soldado para provar a maõ contra a hereſia. Mas queria o Ceo trazer continuamente exercitada a Fé dos Padres, e dos Chriſtãos, pondo-os no ultimo deſamparo, e naõ lhe faltando depois com o ſoccorro. Agora experimentaraõ o primeiro, falecendo o Capitaõ mór Franciſco Carneiro de Siqueira, total eſperança de toda aquella Ilha. Paſſou logo della a Larantuca, naõ ſem grande riſco, o Padre Fr. Joaõ do Roſario; pedio Capitaõ, deu-ſe-lhe Simaõ Luiz, peſſoa de experiencia, e valor. Teve logo em que exercitallo: porque chegando com o Padre a Timor, acharaõ noticia que o Hollandez profiava em levantar Fortaleza no coraçaõ da Ilha; para o que, embarcando-ſe para Batavia os que eſcaparaõ de Amarraſte, tinhaõ deixado quarenta e quatro Hollandezes com muitos mil homens de varias naçoens, e alguma artilharia naquelle ſitio, que muitas vezes eſcolhera. Com eſta noticia ſe reſolveo o Capitaõ Simaõ Luiz, e o Padre Fr. Joaõ do Roſario, com alguma gente da terra, e os de Larantuca, que tinhaõ ficado do paſſado conflicto, e foy marchando a buſcar o Hollandez no ſeu alojamento. Mas elle quebrado, e medroſo com o golpe ainda freſco, naõ ſe dando alli por ſeguro, ſe retirou, ainda que com grande trabalho, a huma ſerra, (ſitio mais que defenſavel ao parecer inacceſſivel) e fortificando-ſe nelle com a ſua artilharia, e innumeravel Soldadeſca, zombava do aſſalto, quando ſe vio accommettido, e logo entrado de dous Capitaens noſſos, Antonio da Conceiçaõ, e Franciſco da Rocha, que ſobindo (antes trepando) com os ſeus Soldados por caminho, em que tanto como dos pés ſe valiaõ das mãos, depois de dada a primeira carga, foraõ levando tudo á eſpada, livrando-ſe ſó della os que nos deſpenhadeiros buſcavaõ morte mais rigoroſa. Ficaraõ prizioneiros os Hollandezes, porque poſtos á parte, e com bandeira branca, pediaõ quar-

quartel. Chegou o numero dos mortos a mil e oitocentos, e em sitio, em que para se defenderem, e offenderem, lhe bastavaõ sómente as pedras por armas. Perguntou-lhes o Padre Fr. Joaõ do Rosario: *Como se naõ tinhaõ defendido em tal posto tantos, e taõ bem armados, e contra taõ poucos?* Ao que responderaõ: *Que o mesmo fora vellos sobir á serra, que entrarem-se de huma tal covardia, que naõ só naõ podiaõ menear as armas, mas muitos nem lançar maõ dellas.* Digaõ os mais praticos nas Historias, quando viraõ o Ceo mais repetidas vezes empenhado em favorecer os Soldados de Christo? que neste dia foraõ taõ formidaveis para os Hollandezes, que suspenderaõ as armas, desenganados nas operaçoens de Timor: mas buscando teimosos outro caminho para emmudecer naquellas Ilhas a voz do Euangelho.

Voltaraõ pois á indignaçaõ as maquinas de suas esperanças, e o ultimo esforço de suas armas contra Larantuca; favoreceo-lhes a fortuna os intentos com o succedido no Macassá. Morto o Sumbaco seu Emperador, e succedendo-lhe outro de genio mais frouxo, e que se deixava dominar dos seus Cacizes (sendo hum instrumento do que lhe suggeria qualquer delles) foy a primeira resoluçaõ, que tomou, mandar derribar as Igrejas dos Religiosos, deixando só a Matriz, administrada por hum Ecclesiastico secular. Assim foraõ arrazadas, com magoa, e estranho sentimento do Povo, a de nossa Senhora do Rosario, as dos Padres da Companhia, e Capuchos, seguindo-se logo o Decreto de que todos os Religiosos despejassem o Reyno. Era neste Vigario o Padre Fr. Antonio de Macedo, Religioso de grande zelo, e espirito; e dando noticia a Goa do estado em que ficavaõ as cousas do Macassá, lhe mandou o Vigario Geral da Congregaçaõ, o Mestre Fr. Lucas (que o era entaõ da segunda vez) que se recolhesse a Larantuca, com Patente de Commissario das Christandades de Solor, e do Santo Officio, o que poz logo em execuçaõ, como o Vigario Geral o soccorrer aquellas Christandades de mantimentos, e Religiosos. Assim mandou quatro com os mantimentos, que pode ajuntar, em hum patacho, que navegava de Goa para a China. Mas cahindo logo nas mãos dos Hollandezes, que andavaõ senhores da Barra, foy metido a pique, salvando-se hum unico Religioso a nado, e ficando as Christandades de Solor sem aquelle soccorro.

Mas mayores hostilidades intentaraõ nellas os Hollandezes; que vendo que o Rey do Macassar expulsara os Religiosos, alentaraõ as esperanças a que fizesse o mesmo a todos os Portuguezes, ficando-lhe franco aquelle porto para o commercio do sandalo. Mas para apadrinharem a sua proposta, aprestaraõ huma Armada de vinte e seis vélas, para que passasse a destruir Larantuca, em que espiravaõ os soccorros de Timor, (primeira ancia de sua cobiça) e de caminho effeituasse com o Macassar a expulsaõ dos Portuguezes, antiga empreza de sua esperança. Com estas surgio a

Ar-

Armada defronte de Larantuca, por Junho de 1660. Atemorizados os moradores, começaraõ a recolher o mais precioso no retiro da serra; (couto, a que todas aquellas Ilhas recorrem no ultimo aperto) retirouse a mais gente, que antes, que de defensa, podia servir de embaraço. Mas o Vigario da Christandade, (que era o Padre Fr. Antonio de Macedo) e seu companheiro, trataraõ de prevençoens mais proveitosas; deraõ principio a huma Novena á Senhora da Piedade, Padroeira daquellas Ilhas, para que as amparasse, e defendesse como suas, tendo no fim da Novena o Senhor exposto, e adorado do Povo com supplicas, e lagrimas, taõ frutuosas, que de repente, sem se saber a causa, levou ferro o inimigo, e deixou desassombrado o porto.

Passou a Armada ao do Macassar, fazendo algumas hostilidades aos Mouros, que de atemorizados (com o seu Rey) vieraõ nas propostas, que lhe faziaõ de Batavia, sendo a primeira, que lançasse de seu Reyno os Portuguezes. Depois se dividio a Armada em duas Esquadras: e tratando da que nos toca, (pela relaçaõ de hum prodigio, que servio de novo credito a estas Christandades, e de ultimo ameaço aos Hollandezes) voltou outra vez com quatorze náos sobre Larantuca em tempo, em que nella naõ havia quatro homens de armas para a resistencia, por terem passado todos (com dous Religiosos, que tambem entendiaõ, que o Hollandez naõ voltava taõ de pressa) em soccorro dos Christãos do Ende pequeno, apertados pelos Mouros de Berray. Ponderou o aperto, e ultimo desamparo o Padre Fr. Antonio de Macedo; e dando tudo por perdido, naõ lhe deu a afficçaõ mais tempo, que para entrar na Igreja, tomar a Imagem de nossa Senhora em hum braço, e a de S. Domingos em outro; e sobindo ao alto de huma serra, collocadas as Imagens com os rostos voltados aos inimigos, propunha á Senhora (prostrado por terra, com os olhos cheyos de lagrimas, como o coraçaõ de Fé) semelhante supplica: *Alli estaõ, Senhora, os inimigos de vosso Filho; alli a casa, em que vos buscaõ, e vos adoraõ os vossos Fiéis Christãos; naõ consintais, que aquelles sacrilegos se atrevaõ ao vosso throno, nem que os Fiéis desconheçaõ o vosso patrocinio. Costumado está o vosso Rosario a dar victoria; nas mãos tendes as armas; naõ se podem atrever a ellas os membros do demonio, quando vos bastou huma planta para lhe quebrares a cabeça. Naõ permitta, Senhora, naõ permitta vossa clemencia, que triunfem aquelles barbaros destes poucos filhos, que aqui vos chamaõ Mãi de misericordia.*

Levantou nisto o Padre os olhos á Armada, (que se detinha em praticas com os Mouros alliados, que em suas embarcaçoens a rodeavaõ, dando aos Hollandezes a boa vinda, e convidando-os para que saltassem em terra) e vio que, passadas poucas horas, levando as ancoras, se foraõ retirando com pressa, e mostras de quem hia fogindo. Lançou-se o Padre por terra, sem lhe caber o coraçaõ no peito de alegria, dando graças á Senhora, e admirando a Providen-

dencia, com que segunda vez resgatara Larantuca; mas muito mais admirado, quando, restituidas as sagradas Imagens á Igreja, teve noticia da causa da retirada; e succedeo assim. Concorreraõ os Mouros aliados, e dando fundo a Armada, seguravaõ aos Hollandezes, que saltassem em terra, pois ao presente naõ achavaõ nella quem lhe fizesse a minima resistencia. Perguntavaõ-lhes os Hollandezes: *Se na terra havia Cavallaria*, e respondendo-lhes os Mouros: *Que só dous rocins se achariaõ em toda ella*, lhe tornaraõ: (tratando-os de falsos, e traidores) *Que já sabiaõ a cavilaçaõ, com que os queriaõ entregar; pois dizendo-lhes, que naõ havia nem Soldadesca, nem Cavallaria na terra, estavaõ elles vendo com seus olhos, que de huma cousa, e outra, estavaõ cubertas as prayas, desde Gueguem até Larantuca, em ordem, e disposiçaõ militar; e no meyo huma Mulher com o cabello solto, hum Menino nos braços, e que estava animando, e incitando a todos.* Pasmavaõ os Mouros, que naõ viaõ cousa alguma; e por mais que trabalhavaõ por justificar sua verdade, os Hollandezes, que viaõ o contrario, tratando-os asperamente com afrontas, e ameaços, levaraõ ferro, retirando-se ligeiros.

Sem duvida, que se naõ davaõ por seguros á vista daquella Soberana Mulher Forte, que para defender o seu Povo, he terrivel como Esquadraõ formado; e seria S. Miguel o que alli capitaneava a milicia Celeste, Esquadra dos Anjos, ensinada desde a primeira campanha a debellar os sequazes do Dragaõ, perseguidor da Igreja. Mas ainda se naõ desenganaraõ estes, entendendo, que achariaõ em Timor melhor fortuna, como o tinha disposto, e o esperava a sua diligencia. Estava assentado com o Rey de Lifao, e Amanabaõ, (escusando-se á pratica os mais da Ilha) que, destruida Larantuca, viriaõ a desembarcar nos seus portos, para que lhe entregassem os Padres, e Christãos, que se achassem em seus Reyno; para o que aportariaõ de noite, e passariaõ á Povoaçaõ, guiados de huns fachos accezos: mas o Ceo, que espalha sua Providencia por todos os caminhos, por mais que se juramentasse o segredo, dispoz que viesse á noticia do Capitaõ mór de Timor, Simaõ Luiz, que, mandando prender o Rey de Lifao, naõ pode alcançar o de Amanabaõ, posto em seguro pelo Certaõ dentro. Retirados agora os Hollandezes de Larantuca, e desembarcando de noite, pela banda de dentro da Ilha, depois de cançados, por caminho aspero, naõ divisando o final do fogo, tornaraõ com pressa a embarcarse, suspeitando traiçaõ, e desenganando-se da empreza, em que tinhaõ (por mais que o desconhecia a sua rebeldia) por inimigo o Ceo, e por conselheira a experiencia.

Terribilis ut castrorum acies ordinata. Cant. 6. 9.

Michael, & Angeli ejus præliabantur cum Dracone. Ap. 12.

CAPITULO X.

Vida do Veneravel Padre D. Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim.

PAra hum espirito, que foy restaurador das Christandades, de que acabamos de escrever,

ver, guardamos este Capitulo, como as noticias deste grande Religioso, para as que vamos continuando do Oriente, naõ negando ao Convento de Aveiro o ter tal filho, mas pezando mais para aquelle clima o merecer tal Prelado. Nelle exercitou cargos, assim Religioso, como Bispo. Nelle, e com elle foraõ todos os seus desvelos naquella grande seara de Solor, que cultivaraõ os nossos. Nelle ennobreceo a Ordem. Nelle deu mayores mostras de virtude. Nelle acabou a vida, e nelle tem sepultura; razoens convincentes, para lhe darmos o lugar donde lho deu o Ceo, mais publico, mais conhecido, e mais authorizado. Do muito, que haverá, que dizer delle, diremos o pouco a que perdoou o tempo, e o descuido. Antiga desgraça! Occuparemos sempre com a queixa o lugar, que deviamos com a noticia. Foy este Padre natural de Aveiro, nobre Villa de Portugal, filho do Convento, e Recoleta, que nella tem a Provincia. A' piedosa inclinaçaõ para a virtude, ajuntou nos primeiros annos singular genio para os estudos. Nelles aproveitou assim, que sahindo das Escolas, leu huma Cadeira de Escritura. Na virtude se adiantou de sorte, que o occuparaõ (lugar, que entaõ canonizava os sogeitos) no trabalho de Mestre de Noviços, assim na Recoleta de Bemfica, como na Universidade de S. Domingos de Lisboa. Naquella para povoar a Provincia de verdadeiros Religiosos, nesta para que naõ afrouxasse a refórma com a applicaçaõ dos estudos.

Deste exercicio, em que mostrou sua grande capacidade, foy tirado para Vigario Geral da Congregaçaõ do Oriente, desterrando-o o zelo de a ver reformada, do socego da sua cella. Tinha o Prelado, que entaõ governava esta Provincia de Portugal, admoestado os daquelle Oriente sobre algumas frouxidoens, que abriaõ caminho á relaxaçaõ do Convento de Goa, Cabeça, e Metropoli do que temos na India. Vinhaõ, e cresciaõ de lá as queixas, e informaçoens de algum mais zeloso; chegavaõ lá tarde as advertencias do Prelado resolviase este á jornada, por naõ achar de quem esperasse o fruto della, quando praticando a resoluçaõ com Fr. Miguel Rangel, achou nelle prompta a obediencia, e igual a capacidade para o que se esperava. Descançou o Provincial de todo o escrupulo, no seu zelo. Mandou-o por Vigario Geral, com huma boa missaõ de Religiosos, com que chegou a Goa pelos annos de 1614 no Vice-reynado de D. Jeronymo de Azevedo.

Aqui começaraõ a ver-se, como em lugar mais alto, sua grande capacidade, e espirito, depois com suavidade a refórma, que trouxera por empreza, com igual zelo, que industria; e entregando depois dos seus quatro annos o governo daquella Congregaçaõ ao Mestre Fr. Antonio de S. Domingos, (filho della, grande Religioso, celebre Letrado, e naquellas partes o Principe de seu tempo) voltou a Portugal, naõ a descançar nos braços da Patria, mas a dar calor ás missoens, entaõ mais precisas ás Christandades de Solor, que lamentava per-

perseguidas, e quasi desamparadas; empreza, em que trabalhou com animo, e zelo Apostolico. O mesmo o tornou a levar a Goa, com ancia da restauraçaõ das mesmas Christandades, de que foy nomeado Vigario, levando para Obreiros muitos Religiosos, pelos annos de 1625. governando segunda vez a India Dom Francisco da Gama, Conde da Vidigueira. Chegado a Goa, se fez hum taõ grande lugar no amor, e estimaçaõ dos Religiosos, que o puzeraõ no de Prior do Convento, por mais que, desconhecendo a ambiçaõ do dominio, naõ queria vender por elle o desasocego de ir lucrar almas para Christo. Accrescentou-selhe ao trabalho do governo o de ler na mesma Casa huma Cadeira de Theologia; tendo tambem a occupaçaõ de Deputado do Santo Officio; empregos, que se hiaõ atraz de sua capacidade, sempre esquiva ao que podia parecer honra.

Mas como tinha o coraçaõ nas Christandades de Solor, para donde se lhe embargava a jornada, em podendo fazella, largou tudo por buscar o centro. Partio para elle no anno de 1628. em companhia do Governador Nuno Alvares Botelho. Foy sua chegada nova vida daquellas Ilhas. Era o primeiro no exercicio de doutrinallas, e era sua vida melhor persuasiva para movellas. Viraõse casos grandes na conversaõ de antigos peccadores, pedras quebradas, e amolecidas com o successivo golpe de suas lagrimas; sete annos gastou nestá occupaçaõ, chegando-lhe no cabo delles a Mitra de Cochim, de que foy o setimo Prelado, deixando saudosas, e como orfans aquellas Christandades, por mais que podia descançar o seu cuidado no de seus Vigarios, em que deixava seu espirito.

Posto em Cochim, começou a experimentar o Povo que tinha em casa antes hum esmoler, que hum Bispo. Assim entendia este as obrigaçoens do seu cargo. Na limitaçaõ, e pobreza, antes que parcimonia, de sua casa, se via o cuidado, com que olhava para as de suas ovelhas. Nada se achava nella, que naõ fosse como em deposito para ellas. Ainda á Igreja mais rendosa podia empobrecer a sua caridade. Achava-se muitas vezes sem ter de que lançar maõ para a estender ao pobre. Naõ escapou de supprir esta falta, nem a sua mesma cama. Ficou-lhe servindo o chaõ de leito, em quanto pode occultar aos criados, que naõ tinha outro. Sentava-se em huma janella a esperar os pobres, e poupando-lhe a diligencia da supplica, hia lançando aos que chegavaõ a sua esmola. Eraõ poucas as posses, muita a pobreza, a maõ mais larga; achou-se sem dinheiro hum dia, estando na quotidiana occupaçaõ da janella. Mandou a hum criado, que lhe trouxesse o dinheiro, que houvesse em casa, (sempre ignorava o que havia nella) voltou o criado com o desengano de que o naõ havia. Affligio-se o bom Prelado, e disse-lhe com ancia: *Ide, ide, que alguma cousa heis de achar*; obedeceo o criado, e aberta huma gaveta, que naquelle instante tinha examinado vasia, achou nella o dinheiro, que bastou para a es-

a esmola daquelle dia, e para soccorro da casa. Parece, que quiz o Ceo, que nem na terra ficasse sem premio este exercicio, para veneraçaõ de quem o tinha continuado; porque depois da morte do caritativo Prelado, he tradiçaõ, que se viraõ algumas noites cahir da janella humas faiscas, com claridade, e resplandor de Estrellas. Naõ podiaõ ter menos substituiçaõ as esmolas, nem correr menos que por conta do Ceo a memoria dellas.

No cuidado da refórma de suas ovelhas, naõ perdoava a trabalho, indo em pessoa a fazer as visitas. Adiantava-se o exemplo da sua vida a ser reprehensaõ muda; providencia, com que soube poupar o Ceo á piedade do seu genio, o dissabor de se valer do castigo. Succedeo-lhe hum caso digno de reparo, andando visitando. Detinha-se em huma visita pela Costa de Tutucorim, adonde chamaõ a Costa da Pescaria, porque alli se fazia a preciosa dos aljofares; e reparando hum dia, que a cobiça dos Hollandezes infestava aquelles mares com os olhos no interesse delles, de que se seguia a oppressaõ das Christandades; accezo, e abrazado em zelo contra os inimigos de Christo, levantou o braço sobre aquelles mares, e os amaldiçoou, para que nunca mais déssem o tributo, por que eraõ appetecidos em detrimento das Christandades, perseguidas por elles. Assim amaldiçoara Christo aquella figueira, deixando-a infructuosa, por naõ saber dar fruto a quem devia. Foy cousa notavel! Que como se as aguas ouviraõ o ameaço, nunca mais se achou nellas aquelle thesouro.

Nũquam ex te fructus nascatur in sempiternum; & arefacta est ficulnea. Matth.12. 19.

Faleceo em Goa o Arcebispo D. Fr. Sebastiaõ de S. Pedro, e foy chamado o nosso Bispo para o governo daquella Igreja, occupaçaõ, em que ella experimentou o que grangearia nelle, a trocar-se a substituiçaõ em propriedade. Depois de dous annos de governo, restituido á sua Igreja, e continuando por alguns os exercicios santos, em que naõ perdia hora, cahio de huma doença, que logo teve por ultima, e em breves dias disse tambem qual seria o ultimo da sua, que foy em huma sesta feira, 14 de Setembro de 1646. com tanto socego, e paz de espirito, como quem naõ desconhecia o lugar, que o esperava por premio. Assim parece, que escolheo a morte, como o dia della, porque foy o da Exaltaçaõ da Cruz, de que era devoto. Em semelhante dia vestira o habito, fizera profissaõ, e era a Cruz, assim como hum dos seus appellidos, o titulo de sua Esposa, a Igreja de Cochim, a que chamaõ Santa Cruz. Agora se lamentava, como desamparada nas vozes dos pobres, seus filhos mimosos, como nas de todo o Povo, e Bispado, em que se sentia sua falta, bem conhecida no nome, que lhe dava o sentimento nas acclamaçoens de Santo.

Deraõ-lhe sepultura na Sé de Cochim, aonde depois de hum anno, foy achado seu corpo incorrupto: naõ assim depois de alguns, em que vindo a Cidade a poder de Hollandezes, foraõ trazidos seus ossos pelos Religiosos de S. Francisco, (que por permissaõ tinhaõ alli fica-

do) á Cidade de Goa, e depositados no Collegio de S. Boaventura, de donde, sendo Vigario Geral, segunda vez, o Mestre Fr. Thomé de Macedo, Inquisidor Apostolico, e filho da Congregaçaõ, os passou com veneraçaõ, e solemne pompa, para o Convento de S. Domingos de Goa, pelos annos de 1666. em hum dia festivo naquella Casa, por ser no Oitavario do Rosario, em que esteve o Senhor exposto, e houve Sermaõ da vida, e virtudes do Santo Prelado. Ficaraõ seus ossos em hum mausoléo de pedra bem lavrado, junto ao Altar mayor, da parte do Euangelho. Naõ nos consta da inscripçaõ, que lhe serve de epithafio; servirá a que lemos em huma véra effigies, e copia sua, que se mandou a esta Provincia, e está no Convento de S. Domingos de Lisboa, no Dormitorio das horas, em hum nicho, que no cabo delle corresponde ao Altar da Senhora, que fica no principio. Ve-se no quadro o santo Bispo, com sitial, e insignias de Barrete, Cruz, e Anel, mas em habito de S. Domingos, que naõ largou nunca, como gala digna de hum Principe da Igreja. Ao pé se lhe lê huma letra, em que se lhe applica, e accommoda o recopilado, e mayor Panegyrico, que a Igreja canta ao nosso grande Santo Antonino, Arcebispo de Florença, que diz:

Pater erat pauperum; oculus fuit cæco, & pes claudo.

Como se dissera: *Foy pay dos pobres, vista dos cegos, pés dos aleijados.* Sobre a cabeça lhe ficaõ as Armas da sua Igreja de Santa Cruz, e as da Ordem, a que serve de orla o seu nome. A huma ilharga se lê mayor escritura, em que se toca alguma noticia de sua vida, que aqui poupamos no que já escrevemos.

CAPITULO XI.

O que de novo obraraõ os Religiosos de S. Domingos nos Reynos de Siaõ, e Perú. Levantaõ novas Igrejas, exercitaõ-se na conversaõ das almas.

FOy a Christandade do Reyno de Siaõ fundada, e cultivada pelos filhos de S. Domingos, que sem temer perigos, ou pouparse a trabalhos, seguiraõ as armas Portuguezas quando floreciaõ no Sul, sendo sua assistencia, naõ só importante á propagaçaõ do Euangelho, ensinando aquelles barbaros, mas precisa para a administraçaõ dos Sacramentos aos Catholicos. Deixemos o que já se lê nas nossas Historias da fundaçaõ desta Christandade, confirmada com o sangue de alguns Martyres, que foraõ as primeiras victimas, com que neste Reyno occupou a Fé os Altares, que o braço Portuguez derribara á idolatria; e passemos a dar noticia do que nestes annos mais proximos continuaraõ os obreiros Evangelicos nas nossas missoens da India, restituidos áquella sua antiga seara.

Fr. Luiz de Sousa, 3. P. l. 5. c. 5.

Cor-

Corria o anno de 1639. achava-se o Reyno de Siaõ destituido, naõ só do commercio Portuguez, mas ainda dos Christãos da terra, que perseguidos pelos Hollandezes, tinhaõ sido huns expulsos, outros mortos pelos Reys naturaes, que lisongeando, ou temendo a potencia Hollandeza, intentaraõ extinguir o nome Christaõ; e quasi que o conseguiaõ, sendo poucos, e cheyos de abusos os que o conservaraõ. Neste estado se achavaõ as cousas de Siaõ, quando permittio a Providencia, que por hum desusado caminho o tornassem a seguir os progressos do Euangelho. Levantou-se com o Reyno hum homem de espiritos, tirando a vida ao Rey natural, e a muitos dos Grandes, que o seguiaõ: e trazendo á sua devoçaõ o Povo, com promessas, e industrias, começou a reynar com mais segurança, q a que lhe permittia a tyrannia. Chegou neste tempo a Siaõ hum Portuguez homem de capacidade, que examinada pelo Rey intruso, o mandou logo por Embaixador a Malaca, a tratar com os Portuguezes commercio, e amizades. Já a este tempo sitiavaõ aquella Cidade os Hollandezes, e desenganado o Embaixador, se retirou a Macao, dando conta ao Capitaõ General D. Sebastiaõ Lobo, da Embaixada, e offertas do novo Rey; a que o Capitaõ correspondeo logo, mandandolhe por Embaixador, de parte da Coroa Portugueza, a Francisco de Aguiar Euangelho, que concluio o negocio com felicidade, assentando-se o commercio, e dando o Rey licença, para que naquelle Reyno assistisse hum Religioso, continuando com a Christandade, que nelle havia ao presente, attenuada, e quasi extincta.

Correo a este emprego, sem desconhecer o trabalho, o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, que estava em Macao por Vigario; e levando por companheiro o Padre Fr. Jacintho Ximenes, entrou por aquella mata inculta, com mais escritos, que cabedaes, para levantar Igreja, e ainda soccorrer os antigos Christãos, que (reduzidos á ultima penuria) recorriaõ a ella. Antigo estylo dos nossos Missionarios, pedirem, e grangearem para os desvalidos, e desamparados, (talvez em castigo de escutarem o Euangelho) levantando juntamente a voz para o ensino, e estendendo a maõ para o sustento. Mas ainda foraõ mayores as difficuldades, que o Padre Fr. Antonio superou na louvavel competencia, com que algumas Religioens se queriaõ introduzir na seara alhea, e cultura Euangelica, aberta, e cultivada com o braço, com o suor, e com o sangue da nossa. Mas o Povo, em que ainda viviaõ algumas memorias della, e o mesmo Rey, a quem se naõ escondia essa noticia, cortaraõ as pertençoens dos emulos, recebendo o Padre Fr. Antonio com alvoroço, e applauso.

Achou o Padre os antigos Christãos, naõ só esquecidos das obrigaçoens daquelle nome, mas assim desvalidos, e desprezados (pela conservaçaõ delle) que se lhe tinha dado para vivenda huma paragem taõ indecente, que naõ era capaz para se levantar nella Igreja. Intentou

tou logo melhorallos de sitio; pedio ao Rey hum desasombrado, e estendido pedaço de campo, em que viviaõ huns Pegús. Parecia difficultosa empreza, mas o Rey naõ só lho mandou dar, mas replicando-lhe os seus Falopis, (chamaõ assim aos Sacerdotes dos seus Deoses) que no campo estava hum Pagode antigo, e venerado, ordenou, que o derribassem, e no mesmo lugar, por ser o melhor, se levantasse a Igreja; extremo por certo pouco esperado de Rey Gentio, mas muy proprio da maõ de Deos, que lhe podia voltar o coraçaõ. Assim se levantou a Igreja, ficaraõ os Christãos melhorados de vivenda, e de vida, assim pela doutrina, e ensino do Padre, como pelo zelo, e espirito (superior a suas posses) com que resgatou os mais delles, que gemiaõ escravos de alguns Grandes do Reyno, e do mesmo Rey, desde o tempo, que tyrannizara o Sceptro. Mas naõ parou aqui o coraçaõ do Padre Fr. Antonio, e de seu companheiro; começaraõ com santa industria a cathequizar aquelle Gentilismo, de que bautizaraõ muitos, por mais que o Barcalaõ (assim chamaõ ao Governador das naçoens Estrangeiras) o quiz suspender, e embaraçar, primeiro com os conselhos, depois com ameaços. Mas a causa era de Deos, aos seus Ministros, resolutos a dar por ella a vida, nada pareceo embaraço, foy a Christandade crescendo.

Mas novo emprego para o seu exercicio tiveraõ os Padres no que sucedeo agora. Amotinaraõ-se os poderosos daquelle Reyno contra o Rey intruso, e com taõ formidavel poder, que o obrigaraõ a sahir da Corte; mas como era igualmente Soldado, que ardiloso, deixou esfriar, e enfraquecer o motim com o tempo, e negoceando nelle alguma gente, melhorado de partido, se restituhio ao Throno. Descubertos os rebeldes, e amotinadores, lhes mandou tirar a vida com rigoroso, e vario genero de mortes. Os nossos Religiosos, sempre attentos a resgatar almas das garras do demonio, e restituillas a Deos, empenhados na occasiaõ, entraraõ pelos carceres, peitando as guardas delles, e aos mesmos algozes, e instruindo: e desenganando os miseraveis padecentes, ás portas da morte lhes abriaõ no Bautismo a da verdadeira vida, escapando, na condemnaçaõ temporal, do caminho, que os levava á eterna. Com estes, e semelhantes exercicios dos cultores do Euangelho, foy crescendo a Christandade de Siaõ até o anno de 1662. em que veyo a esta Provincia a ultima noticia, que nos tem dado materia.

As que podemos dar da Christandade do Reyno de Pegú, seraõ breves. Destruida a Fortaleza de Syriaõ pelo Rey de Ava, no anno de 1613. levou o mesmo Rey muitos Christãos cativos, e entre elles hum Religioso Dominico; seria o Padre Fr. Gonçalo, de que só nos aponta o nome o Padre Fr. Luiz de Sousa, na destruiçaõ desta Fortaleza. Foy este Padre o unico alivio, que tiveraõ os Christãos naquellas calamidades, e trabalhos, confortando-os, e ministrando-lhes os Sacramentos: mas falecendo, e pouco depois outro Religioso da

Fr. Luiz de Sousa 3. p. l. 5. c. 10.

da Companhia, que tinha o mesmo exercicio, passaraõ de Bengala a esta Christandade dous Sacerdotes seculares, que continuaraõ com ella, com grande zelo, e espirito, e venturoso fruto de hum, e outro. Estando neste estado as cousas de Pegú, mandou o Vigario Geral da Congregaçaõ, o Mestre Fr. Agostinho de Magalhaens, ao Padre Fr. Francisco Leitaõ, natural da India, por Visitador dos Religiosos de Siaõ: mas assim foraõ profiados os contratempos, com que correo a viagem, que veyo a aportar em Pegú, aonde recebido com alvoroço dos Christáos, e singularmente de hum Mercador (grande, e antigo devoto do habito, e da Senhora do Rosario) houve de ficar, levantando-se esta Igreja, que ornou, e enriqueceo com maõ larga. De tudo deu o Padre noticia, escrevendo a Goa, e pedindo aos Prelados Obreiros Euangelicos; a que respondeo com promptidaõ zelosa o Mestre Fr. Lucas da Cruz, (segunda vez Vigario Geral) mandando o Padre Fr. Pedro de S. Luiz, e depois o Padre Fr. Joaõ da Mota: e levantando cada hum sua Igreja serviraõ, e augmentaraõ muito a Christandade daquelle Reyno.

CAPITULO XII.

O que de novo obraraõ os Religiosos de S. Domingos, estendendo o Euangelho nos Rios de Sena, terras do Monomotapa. Bautiza o Padre Fr. Luiz do Espirito Santo a Mavura, tio do Emperador Capranzine; intenta este nas suas terras a destruiçaõ dos Portuguezes, que levantaõ por Emperador a Mavura, alcançada huma grande vitoria.

ANtiga ceara, e cultura antiga do trabalho, e applicaçaõ dos filhos de S. Domingos, saõ os Rios de Sena, em que á sombra das armas Portuguezas, entraraõ com o Governador Francisco Barreto, reduzindo com a doutrina, como elle com a espada; prologo, que já se lê na terceira Parte da Chronica, com a noticia das primeiras Igrejas, que levantamos naquellas vastissimas terras, e fruto grande na reducçaõ das almas. Achamos novamente continuando os Padres naquellas Christandades, levantada outra Igreja em Tete, com o titulo de S. Domingos em Soriano. Mas passemos ao obrado na Corte do Monomotapa, e Feiras da Mocaranga, de que tivemos, e daremos singular noticia.

Achavaõ-se neste grande Imperio os nossos Religiosos; de trez principaes sabemos os nomes, o Padre Presentado Fr. Luiz do Espirito Santo, e os Padres Fr. Manoel Sardinha, e Fr. Joaõ da Trindade. Occupavaõ-se no exercicio de cathequizar, e bautizar aquella gente barbara, e supersticiosa, quando se offereceraõ ao Padre Fr. Luiz

Luiz algumas praticas com hum Principe, tio do Emperador, por nome Mavura, homem de coraçaõ brando, e entendimento claro, circumstancias, que apressaraõ o effeito das batarias. Pedio o Bautismo, que lhe ministrou (depois de cathequizado pelo Padre Fr. Manoel Sardinha) o Padre Fr. Luiz, com grande alvoroço de espirito, e esperanças de grandes consequencias, e poz-lhe por nome D. Filippe. Estimulouse o Emperador Capranzine, (era este o nome do sobrinho, que de presente governava o Imperio) e buscava caminho para a vingança, a tempo, que chegava á sua Corte Jeronymo de Bairros por Embaixador do Governador de Moçambique, D. Nuno Alvares Pereira, que mandava o presente, a que chamaõ *Curva*, mimo, que os Capitaens daquella Fortaleza fazem todos os annos ao Emperador, em gratificaçaõ de terem suas terras francas para o commercio, e passagem para as Minas do ouro, correspondencia, que ficou assentada, (por Francisco Barreto, primeiro Capitaõ de Sofala) com o Quiteve, Rey das terras, que se estendem entre Sofala, e Manica.

Santos na Ethiopia Oriental l. 1. c. 17.

Recebido o presente, dispoz o Emperador (barbaridade impraticavel, ainda entre a mesma Cafraria) que com trayçaõ, e engano tirassem a vida ao Embaixador: e desaforado em seu rancor, e odio, mandou dar *Empata*, que he como pregaõ geral, para que todos os Portuguezes, que se achassem em suas terras, fossem mortos, e despojados de suas fazendas. Teve anticipado aviso de tudo, pela fidelidade grande dos seus Cafres, André Ferreira, Portuguez destemido, que era ao presente Capitaõ das Portas, que he huma Feira, ou como Feitoria, a que chamaõ *Macapa*. Detinha-se a este tempo na Corte, mas com o aviso se retirou á sua Feira, e fortificandose em hum *Chuambo*, que he o mesmo que reducto, ou tranqueira de paos muito fortes, mandou aviso ás mais Feiras das terras do Emperador, que eraõ *Luanzi*, *Dambarare*, e *Chipiriviri*, para que recolhidos a ellas os Portuguezes, e Christãos, se puzessem em defensa contra o grande poder, que os ameaçava.

Recolheraõ-se logo ás Feiras, que lhe pertenciaõ, os Religiosos de S. Domingos, que andavaõ espalhados por aquellas Christandades; e animando os Soldados contra o inimigo dellas, acompanhando suas armas com as que só podem debelar o demonio, (oraçoens, jejuns, e penitencias) se viraõ resistidos os assaltos, e desbaratados os cercos, com que o Emperador com formidavel Exercito cahio de improviso sobre os ameaçados, em que achou taõ valerosa resistencia, que o obrigou a retirarse com pouca reputaçaõ, e muita perda. Caso admiravel! Que em hum Imperio taõ dilatado, como o da Mocaranga, (nome commum das terras do Monomotapa) com taõ grosso poder, (assistido do mesmo Emperador) ficassem naõ só defendidos, mas vitoriosos huns poucos de Portuguezes, antes encorralados, que guarnecidos, em huma tranqueira de paos! Naõ se póde attribuir por certo só ao valor dos Soldados, nem

nem ás armas dos Religiosos, mas ao Ceo, que esgrimindo as, consegue semelhantes triunfos.

Chegou noticia do succedido aos Portuguezes de Tete, e Sena, e vendo o perigo, em que estavaõ os da Mocaranga, começaraõ a levantar muita gente de guerra nas nossas terras de Botonga, por mandado do Capitaõ, e Governador D. Nuno Alvares Pereira. Naõ descançavaõ os Religiosos; por conselho dos quaes junto hum bom pé de Exercito na Feira de Luanze, acclamaraõ os Christãos por Emperador o Mavura D. Filippe, e levando-o por Capitaõ do Exercito, de que era Alferes hum Religioso nosso, levando diante o Estendarte da Cruz arvorado, avistaraõ a Capranzine, soberbo, como poderoso, e dando-lhe batalha, o viraõ em poucas horas posto em vergonhosa fugida. Mas retirado ao mais interior da Mocaranga, em que o buscaraõ, e seguiraõ muitos, tornou a refazerse, e a buscar o campo Christaõ por duas vezes, sahindo de ambas taõ desbaratado, e enfraquecido, que poderaõ os Portuguezes seguramente trazer, e collocar a D. Filippe na Corte, e Throno do Monomotapa, fazendo-o reconhecer por Emperador dos Grandes, e Senhores daquelle Imperio; a que elle agradecido, jurou vassallagem a ElRey de Portugal, com o tributo de tantas pessas de ouro, fruto da doutrina, e instrucçaõ do Padre Fr. Manoel Sardinha, a que D. Filippe escutava, e tratava com veneraçaõ de filho. Assim chamou logo a si, (e nunca largou de sua companhia) os Religiosos de S. Domingos, a que reconhecia causa da fortuna de se ver Senhor do Imperio, sendo para elle ainda de mais preço (como de toda a importancia) o ver-se herdeiro do da gloria, que nunca acaba. Para ir negociando esta ás Christandades daquellas terras, estimaraõ os Religiosos o valimento, naõ para se introduzirem nos Palacios, ou terem voz nos governos; maxima sempre praticada nos filhos de S. Domingos.

CAPITULO XIII.

Continua-se a guerra com o Capranzine. Daõ a vida pela Fé os Padres Fr. Joaõ da Trindade, e Fr. Luiz do Espirito Santo. Dá huma vitoria ao Emperador D. Filippe hum mysterioso sinal, que se vio no Ceo. Levanta-se Igreja na Corte; noticia de outras na mesma Mocaranga, e no Reyno de Manica.

NAõ deixou o tyranno Capranzine descançar ao novo Emperador, que applicado a ideas de dilatar a Christandade no seu Imperio, naõ suppunha taõ promptas as forças do seu inimigo; mas elle campeava já com hum grosso Exercito nas mesmas terras do Imperio, que ameaçadas hiaõ reconhecendo o seu dominio. Sahio a encontrallo o Emperador com mais resoluçaõ, que ventura, deixando-lhe nas mãos huma importante vitoria. Ficaraõ cativos muitos Christãos, e entre elles dous Religiosos nossos, que lhes faziaõ companhia em toda a fortuna, sendo esta, em que agora se viaõ, a que o Ceo lhes

lhes dava pelo muito que trabalharaõ. Eraõ elles o Padre Presentado Fr. Luiz do Espirito Santo, e o Padre Fr. Joaõ da Trindade. Vinha este cheyo de feridas (gloriosos despojos, com que o enriquecera aquelle conflicto) mas naõ se contentando a crueldade dos barbaros de o ver naquelle estado, repetindo-lhe outras com odio carniceiro, o despenharaõ de hum alto rochedo, de donde chegou ao chaõ feito em miudos pedaços.

Gloriosa morte do P. Fr. Joaõ da Trindade.

Ao mesmo tempo levavaõ outros ao Padre Fr. Luiz á presença do Tyranno, que sequioso do sangue innocente, se queria fartar agora delle, em vingança do que sabia, que o Padre tinha obrado na reducçaõ do Emperador novo, e Christandades daquelle Imperio. Mandou-lhe logo que lhe fizesse a *Zumbaya.* (que he no estylo da Cafraria a mayor reverencia) Era o Padre Fr. Luiz natural de Moçambique, pratico nos estylos daquellas terras, e sabia bem que só se dava a Deos o que lhe pedia o Tyranno; respondeo-lhe intrepido: *Que elle era só hum Rey pequeno da terra, e que até esse apoucado Reyno tinha justamente perdido por tyranno; que ainda que em seu poder se via cativo, naõ reconhecia, nem podia reconhecer outro Rey na terra mais, que o de Portugal, como nem outro por Rey do Monomotapa, mais que a seu tio D. Filippe, já filho da Igreja; e que sobre todos, o unico, que reverenciava, e reconhecia, como Rey dos Reys, era Jesu Christo, Filho de Deos verdadeiro, Senhor do Ceo, e da terra, que resgatara o genero humano com o seu sangue, e sua morte; preço inextimavel, com que merecera, em quanto homem, todas as veneraçoens de homens, Anjos, e demonios, no Ceo, na terra, e nos Infernos. E como te atreves tu* (continuava o Padre com hum generoso, e inflexivel animo) *como te atreves, homem feito de pó, e que brevemente te has de reduzir a elle, a roubar a Deos verdadeiro a adoraçaõ, que se lhe deve, como Senhor de tudo? Ay de ti, que como outro Anjo rebelde, e soberbo, te atreves á Cadeira do Altissimo; mas cahirás no horrivel lago, bramindo por toda a eternidade, como miseravel carvaõ do inextinguivel lume! Torna, torna em ti, já que Deos te aconselha por minhas vozes, e dobra ao verdadeiro Senhor o joelho, antes que esperar de mim, que a ti to dobre, devendo-o a elle.*

Accendeose em ira o tyranno, impaciente com o que estava ouvindo, e mandou logo, que atado o Padre a hum tronco, fosse azagayado; martyrio em que acabou gloriosamente a vida, e passou a dar a Deos na gloria a adoraçaõ, que lhe defendera na terra.

Martyrio do P. Presentado Fr. Luiz do Espirito Santo.

Mortos os Religiosos no martyrio, e mortos muitos Portuguezes na batalha, entendia agora o Capranzine, que recuperava o Imperio sem resistencia. Assim mandou dizer ao tio, que lhe despejasse a Corte, e o reconhecesse por seu Rey, ou cahiria nas mãos de sua ira, ainda ensanguentada da passada campanha. Ao que respondeo D. Filippe, que viesse, que nella o esperava; e tratou logo de ajuntar gente: para o que o Padre Fr. Manoel Sardinha lhe agenciou muita roupa, (preço mais estimavel na Cafraria) que mandada á outra parte do Rio

Zam-

Zambeze, ſe ajuntaraõ vinte mil Cafres. Achava-ſe o Emperador com alguns Chriſtãos, e poucos Portuguezes; com eſta gente em boa ordem, ſe reſolveo a buſcar o inimigo, quando ao moverſe o Exercito, levanta os olhos ao Ceo, e vê nelle huma reſplandecente, e fermoſa Cruz, na fórma (ainda que ſem letras) em que já apparecera ao Emperador Conſtantino Magno. Proſtra-ſe por terra, beijando-a em veneraçaõ, e reverencia, a tempo que os Chriſtãos, que lhe faziaõ companhia, lhe davaõ preſſa, que naõ ſuſpendeſſe a marcha: a que elle reſpondeo (juntamente animoſo, e compungido) moſtrando-lhe a Cruz, e ao Padre Fr. Manoel, que mandou chamar logo, porque hia na outra parte do campo.

Sinal prodigioſo no Ceo.

Alvoroçou-ſe o bom Padre, e accendido em zelo da honra de Deos, vendo como encaminhava os ſeus Soldados com a meſma bandeira, com que no Mundo triunfara de ſeus inimigos, voltando-ſe ao Exercito, que admirava o prodigio, foy tal o eſpirito com que incitou a todos a ſeguir a myſterioſa bandeira, e dar a vida pelo Senhor, que lha moſtrava, ſegurando lhe a vitoria, que enveſtindo todos ao inimigo, que já tinhaõ diante com innumeraveis combatentes, os romperaõ com o primeiro impeto, e os puzeraõ em tal confuſaõ, que ſem baſtarem a defenderſe, ſe vio em breves horas o campo cuberto de trinta e cinco mil Cafres, e os mais poſtos em arrebatada fugida, acompanhando o Capranzine. Mas o Emperador Chriſtaõ, deſtro, e Soldado, foy ſeguindo a vitoria, e naõ largou as armas da maõ, ſem expulſar os inimigos de toda a Mocaranga.

Porém naõ tardou o Tyranno, (ajudado de hum ſeu Capitaõ mór, a que chamaõ *Macamoaxa*, e de alguns ſenhores, a que chamaõ *Encoſſes*, que com ſeus filhos, e mais gentes, que fizeraõ, o foraõ buſcar) em ſe tornar a pôr em campanha, entrando pela Mocaranga com hum Exercito do mayor poder, e nobreza della. Mas os Portuguezes das Feiras, e os de Tete, e Sena, que tiveraõ de tudo anticipada noticia, fazendo com brevidade levas da gente mais robuſta, ajuntaraõ quarenta mil homens, em que ſe contavaõ duzentas eſpingardas Portuguezas, muitos Chriſtãos daquellas terras, e ſeis mil Cafres, que das em que aſſiſtia, levava o Padre Fr. Damiaõ do Eſpirito Santo, Religioſo noſſo, juntos, e levantados por ſua induſtria, e zelo. Com eſte poder entraraõ os noſſos pela Mocaranga, e ſe ajuntaraõ a hum troço de gente, com que o Emperador os eſperava; e buſcando logo o inimigo, (que vinha taõ confiado, como ſe acabara de ſahir vitorioſo) chocaraõ com elle com tanta bravozidade, e valentia, que ſem lhe valer nenhuma reſiſtencia, o fizeraõ eſpalhar pela campanha, deixando nella dous mil Cafres moços, e robuſtos, filhos dos Grandes, que o Capranzine trazia, para occupar nos lugares mais nobres. Mas elle ſem aſſiſtir no campo, como enſinado dos varios ſucceſſos delle, ſe retirou com pouca companhia, e menos eſperança, com a noticia, e magoa da perda.

Vitorioſo agora, e deſcan-

çado o Emperador D. Filippe, quiz, reconhecido a Deos, que se levantasse Igreja na sua Corte. Assistio á expediçaõ dos materiaes o Padre Fr. Aleixo dos Martyres, Religioso Dominico, e abertos os alicesses, quiz o mesmo Emperador lançar a primeira pedra, o que fez em dia sinalado, levando-a sobre seus hombros, assistido de alguns Religiosos, e dos senhores, que se achavaõ na Corte, e muito povo, que fizeraõ o acto mais festivo. Grande dia, sem duvida, para os filhos de S. Domingos! Verem em terras taõ remotas, taõ estranhas, e taõ incultas, a hum Monarcha, e Senhor dellas, (que ainda que com as carnes pretas, poderoso Senhor, pela preciosidade, e vastidaõ de seu Imperio, e como tal respeitado) carregado de hum penedo, naõ para o lançar com a Gentilidade no monte de Mercurio, mas para avultar sobre elle o Templo de Deos verdadeiro! E soando naquella incognita lingua os seus louvores, como ecco das vozes Euangelicas, que os convidaraõ a elles! Grande gloria por certo, e singular premio, que quiz dar o Ceo á Familia Dominicana, como sempre lembrada do seu Instituto, sempre adiantada em exercitallo!

Com Igreja na Corte começaraõ com mais esperanças os Padres a cathequizar o Povo, de que bautizaraõ muito, e entre elle a hum filho do Emperador, que á petiçaõ sua instruio na Fé, e bons costumes o Padre Fr. Aleixo, pondo lhe este nome no Bautismo. Com a noticia do que se tinha obrado, e obrava na Mocaranga, ou terras do Monomotapa, vieraõ novos Obreiros Euangelicos de Goa. Espalharaõ-se logo por Vigarios naquellas Feiras. Na de Luanze já antiga, com huma fermosa Igreja. Outra na de Maçapa. Outra na de Chipiriviri, isto quanto ao Reyno da Mocaranga. No Reyno de Manica, aonde já era antiga a Christandade, se levantaraõ trez Igrejas, e Paroquias. Na Feira de *Umba*. Na Feira de *Chipangura*. Na Feira de *Matuca*, em que começaraõ a florecer as Christandades, de que foy grande cultivador o Padre Fr. Manoel da Cruz, por estes tempos Vigario Geral. Muito mais se poderaõ estender naquelles dilatados Reynos, mas saõ curtas as posses dos Religiosos, para a grandeza dos espiritos, com que se sacrificaõ ao rigor daquelles climas, pela mayor parte destemperados, e pouco sádios, sendo innumeraveis as vezes, que se tem visto reduzidos a extremas penurias, e ultimos apertos.

CAPITULO XIV.

Continuaõ-se as Christandades no Imperio do Monomotapa. Bautiza-se o Emperador, toda a Casa Real, e grande parte do Povo. Da-se noticia do ultimo progresso destas Christandades.

HE incançavel o trabalho, com que os nossos Cultores Euangelicos chegaõ a ver o fruto sazonado nesta grande seara da Mocaranga, ou terras do Monomotapa: porque ainda que os Cafres naõ tenhaõ repugnancia a crer o que se lhes ensina nas verdades da Fé, como

mo fuccede com os Mouros, (que criados, e abraçados com fua maldita feita, duvidaõ de que poffa haver ley mais fegura, efpecialmente, naõ achando nella freyo á fua fenfualidade, negaça com que feu maldito Profeta a fez bemquifta) com tudo tomaraõ os Cafres delles, como contagio da vifinhança, o que tambem os leva, e arraftra, que he a liberdade de terem muitas mulheres. E o que he mais para admirar, he que façaõ tanto cafo de ter muitas, naõ fazendo nenhuma eftimaçaõ dellas; e a prova diffo, como do pouco amor, que lhes tem, he, que naõ fó naõ fe alteraõ, ou fe provocaõ a vingança, vendo-as com outros, (contra a pratica commua da natureza em todas as naçoens) mas levando-as comfigo á campanha, as offerecem, e poem diante ao inimigo, para que quebrada a primeira furia nellas, com as fuas mortes fe cance, e fe embarace antes que peleije.

Nafce defta crueldade, ferem as Cafras menos difficultofas de reduzir, com a pia affeiçaõ, que tem a huma ley, em que fe manda, e obriga ao amor, e eftimaçaõ das mulheres proprias, e que na Cafa faõ fenhoras, como unicas. Menos difficuldade ha tambem nos Cafres pequenos, porque os pays (com a duvida de que o fejaõ) naõ eftimaõ os filhos, affim os deixaõ cathequizar dos Padres, de que o mayor cuidado he bufcallos nos primeiros annos. Mas pelos de 1652. fe vio naquellas Chriftandades, que já fe facilitavaõ os adultos, para premio, e ainda para efperança dos que trabalhavaõ zelofos naquella Sagrada cultura. Paffara o Sceptro do Monomotapa, por morte do Emperador D. Filippe, que annos atraz o governara com piedade Chriftãa, (como já contamos nos precedentes Capitulos) á maõ de Monarca Gentio, e naõ nos conftando o tempo, que efteve nella, o achamos agora fogeito á Igreja, por induftria, e defvelo Apoftolico do Padre Fr. Aleixo do Rofario.

Achava-fe efte Padre na Igreja, que eftá na Corte, ou nas vifinhanças della. Amiudadas as vifitas, e as praticas com o Emperador, difpoz o Ceo o effeito, a que fe encaminhavaõ; cathequizou ao Emperador, e logo toda a Cafa Real, que inftantemente pediaõ o Bautifmo; difpollo, e fello o Padre, com a mayor folemnidade, e faufto, que foy poffivel naquelle Imperio, em 4. de Agofto de 1652. Ao Emperador poz por nome D Domingos, (que no feu dia lho deu o noffo Patriarca) e á Emperatriz Dona Luiza. Bautizaraõ-fe tambem dous filhos. Ao Principe, e herdeiro da Coroa, deu o nome de D. Miguel. Seguiraõ-fe os Grandes, todo o Palacio, e a mayor parte do Povo. Foi dia plaufivel para aquelle Imperio. Paffou a noticia a toda a Chriftandade, feftejou-fe em Roma, como Cabeça della, e para immortalizar efta memoria, mandou o Meftre Geral da Ordem dos Prégadores, Fr. Joaõ Bautifta de Marines, gravar, e efculpir em huma lamina de bronze o Bautifmo com todas as circumftancias delle, acompanhadas de huma infcripçaõ narrativa, em que as explicava; e he a feguinte em idioma Latino:

An-

Anno 1652 in inferiori Æthiopiæ vastæ Monomotapæ Imperator à Fratribus Ordinis Prædicatorum Christiana Cathechesi imbutus, interque eorumdem manus salutifero baptismi lavacro, palam ab uno ipsorum tinctus; quod Sacra hæc functio in 4. Augusti diem incidisset, Dominici nomen sibi imponi voluit, spem exinde amplam & concipiens, & faciens, non solos modo Palatinos, ac Proceres ab iisdem Prædicatoribus jam penè edoctos; sed & universa Imperii sui Regna propediem Imperatoris sui, atque Imperatricis Luduvicæ exemplo Fidem amplexatura; nec quoad Optimates diù fuit expectationis eventus, sic librante Dei Providentia, ut quando sub Canchri Tropico passim turbata Fidei semina ferè exaruerunt, eadem uberius alibi sub Capricorni Tropico adolescant.

Naõ foy menor a demonstraçaõ, que fez a Provincia de Portugal, como aquella, a que de justiça lhe competia semelhante progresso, feito em huma colonia sua. No Convento de S. Domingos de Lisboa, como Cabeça da Provincia, se celebrou a noticia com a mayor demonstraçaõ Catholica, estando o Senhor exposto, com Missa solemne, a que assistio com toda a Corte ElRey D. Joaõ o IV. de feliz memoria, favorecendo naquelle dia aos Religiosos desta Casa com singulares demonstraçoens de sua magestade, e grandeza.

Bautizado o Emperador daquelle grande Imperio, naõ só conseguiraõ os nossos Religiosos ver estendida a Christandade por toda aquella Cafraria, á imitaçaõ do seu Monarca, mas pelo tempo adiante deraõ tambem á Ordem, e á Congregaçaõ hum filho, que a naõ desmereceo, nem pela pessoa, nem pela capacidade. Foy este o Principe D. Miguel, herdeiro da Coroa do Monomotapa, que criado com a doutrina dos Religiosos, e conhecendo o pouco, que saõ os Imperios do Mundo para quem pelo bautismo fica herdeiro de outro, que he eterno, entrou pelos Claustros Dominicanos a pedir, e vestir a sua mortalha, pedida com humildade, vestida com alvoroço. Estudou com singular applicaçaõ: e chegando, com naõ menos capacidade, a occupar as Cadeiras, passou á conversaõ das almas dos que o perderaõ Principe, para o lograrem Mestre; sendo o seu exemplo a mais eloquente persuasiva, que se escutou naquelle Imperio, com igual assombro, que fruto. O

Mes-

Meſtre Geral da Ordem, Fr. Thomaz de Rocaberti, lhe mandou Patente de Meſtre em Theologia, pelos annos de 1670. Acabou os ſeus em Goa, ſendo Vigario de Santa Barbara, de morte placida, como quem ſe tinha recolhido a enſayarſe para ella.

Mas ſerá razaõ, que demos noticia do ultimo progreſſo deſtas Chriſtandades dos Rios, neſtes annos proximos ao em que eſcrevemos. Começou a creſcer a zizania na ſeara de Chriſto, por algumas contendas, que o Adminiſtrador Eccleſiaſtico tinha com os Cultores della, intentando introduzir outras Religioens, ſem haver reſpeito a que era lavor, e trabalho da de S. Domingos, taõ proprio, como antigo, e frutuoſo. Com eſtes penſamentos paſſou o Adminiſtrador a Goa, aonde naõ ſurtio effeito a ſua diligencia; e voltando para os Rios, com tençaõ de as continuar, ſe pacificou tudo por induſtria do Preſentado Fr. Franciſco da Trindade, que embarcado com elle, vinha por Commiſſario, e Viſitador dos Rios, e Vigario de Tete, com mais cinco Religioſos para a adminiſtraçaõ das Igrejas. Chegou a Moſſe, aonde viſitou o Convento, e as Igrejas das Ilhas de *Quirimba*, e *Amiza*, e paſſando a Sena, (aonde fez hum Catheciſmo, e Confeſſionario na lingua dos naturaes, de que ſe tirou grande fruto) deſpedio os Religioſos, o Padre Fr. Joaõ de Santo Thomaz para a Igreja do Eſpirito Santo de Sofala; o Padre Fr. Damaſo de Santa Roſa para a Igreja do Zimbaoê, Capellania do Emperador do Monomotapa; o Padre Fr. Diogo de Santa Roſa para reedificar a Igreja em a *Macapa*; o Padre Fr. Jozé de Santo Thomaz para reedificar a Igreja do *Hongue*; o Padre Fr. Miguel dos Archanjos, para levantar novamente Igreja no Reyno de *Quiteve*. Outras Igrejas intentou o Commiſſario, que naõ tiveraõ effeito; mas continuou felizmente o da reducçaõ das almas neſtas novamente providas.

Deſpedidos os Religioſos, paſſou o Commiſſario a Tete, aonde compondo novo Catheciſmo na lingua da terra, fez fruto de innumeraveis almas, cathequizando, e bautizando aſſim meninos, como adultos. Foy hum deſtes o Principe do Monomotapa, filho do Emperador D. Pedro já defunto, e da Emperatriz Vondato; poz-lhe por nome D. Conſtantino: e voltando de Tete, o trouxe para a India, e no Convento de Goa, com o nome de Fr. Conſtantino do Roſario, tomou o habito de S. Domingos, em que depois o acompanhou outro Principe irmaõ ſeu, por nome Fr. Joaõ (de que ſe perdeo o cognome) que tinha bautizado o Padre Fr. Filippe da Aſſumpçaõ. Ao tempo que iſto eſcrevemos, aſſiſtem ambos no Convento de Santa Barbara em Goa.

Eſtes foraõ os ultimos progreſſos das Chriſtandades dos Rios de Sena, em que ſem duvida cultivou aquellas plantas novas de Tete o Preſentado Fr. Franciſco da Trindade, com tanta applicaçaõ, e deſvelo, que pelas ruas ſe entoavaõ as oraçoens, e ſe ouviaõ no trabalho; e ordenando o Padre, que nas ca-

casas da Povoaçaõ se entoassem de noite, e de manhãa, por haver nellas numerosas familias, (e assim se exercitasse juntamente a devoçaõ, e a memoria) succedeo hum caso, em que mostrou o Ceo o quanto lhe era aceito. Molestava-se com o estrondo, que lhe faziaõ os Cafres, hum homem dos poderosos da terra, e mandou em sua casa, que naõ rezassem de madrugada. Mas naõ tardou muito, que nella se ouvisse huma voz, que claramente chamava os escravos, que ajuntassem para a doutrina. Espertavaõ, e ajuntavaõ se, sem acabar de entender quem os chamava. A repetiçaõ fez mayor o reparo na casa; e fazendo o o Senhor della, veyo a entender, que naõ devia embaraçar occupaçaõ taõ santa; e advertido, e devoto, mandou continualla.

CAPITULO XV.

De alguns Religiosos, que deraõ gloriosamente a vida pela confissaõ da Fé, servindo ás Christandades, que a Religiaõ de S. Domingos tem no Oriente.

GRande ceara a das missoens do Oriente, mas poucos Obreiros para o animo dos filhos de S. Domingos, que quizeraõ reproduzir se, para que a Fé mais se dilatasse. Mas já dissémos, que a pobreza, e limitaçaõ dos Religiosos embaraçava esses progressos, que sem duvida se podiaõ adiantar com o zelo de bons Ministros (naquelle Clima) que advertissem aos nossos Monarcas o como deviaõ estender a maõ a sustentar aquellas bocas, de que se valia a Igreja para bradar aos desencaminhados na noite da Gentilidade. Assim o fazem muitos dos nossos (ainda sentenceando-se voluntariamente aos apertos da fome) pizando as pensoens da natureza, por naõ faltar ás obrigaçoens do Instituto, sendo só o Ceo o que muitas vezes coroa seu zelo com o premio do martyrio. Dos que tivemos noticia até este anno, em que vamos escrevendo, depois que suspendeo as suas na Chronica o Padre Fr. Luiz de Sousa, daremos agora alguma, (assim dos annos proximos, como dos antigos) conseguida pela nossa diligencia, e de que ainda naõ achámos particular memoria.

Seja a primeira do Veneravel Padre Mestre Fr. Jeronymo da Paixaõ, filho de Gonçalo Froes de Lemos, e Catharina Nobre, naturaes de Pernes. Nasceo este Padre na Cidade de Lisboa, donde tomou o habito de S. Domingos, e passou á Congregaçaõ da India. Alli se adiantou tanto nos estudos, que occupou as Cadeiras de Santo Thomaz de Goa, com grande reputaçaõ, sendo tal a que ganhou com sua virtude, e refórma, que o poz no lugar de primeiro Prior da Recoleta. Occupou depois os de Deputado do Santo Officio, Vigario Geral da Congregaçaõ duas vezes, e Governador do Arcebispado de Goa, empregos, em que se deraõ bem a conhecer seu espirito, e prudencia. Passou a visitar os Conventos do Norte, com poderes do Tribunal do Santo Officio, para extinguir abusos, emendar supersticiosos, castigar rebeldes, e derribar Pagodes.

Chegado a Baçaim, poz em execuçaõ as ordens, que levava, com inteireza, e resoluçaõ Apostolica. Cortou por suas mãos huma arvore, a que davaõ culto os Gentios, por ver nella ao mesmo tempo flores, e frutos. Passava a huma Aldea visinha a derribar hum Pagode de grande veneraçaõ naquella Gentilidade; entenderaõ-no assim os idolatras (já sentidos da destruiçaõ da arvore) sahiraõ-lhe ao caminho juntos, e amotinados.

Morte do V. P. Fr. Jeronymo da Paixaõ, e do P. Francisco Calassa da Ordem 3. de S. Domingos.

Acompanhava ao V. P. hum Sacerdote secular, por nome Francisco Calassa, que hia por seu Secretario; advertio-lhe, que se retirassem, salvando as vidas; ao que respondeo seguro, e desasombrado o Veneravel Padre: *Que já naõ era tempo, mais que de as sacrificar por Christo*; e pondo os joelhos em terra, e á sua imitaçaõ seu companheiro, offereceraõ os corpos com grande constancia áquella infernal canalha, que com insaciavel odio os trespassaraõ a lançadas, deixando-os por mortos. Foraõ trazidos pelos Christãos ao Convento de Baçaim, aonde o companheiro faleceo logo; o Veneravel Padre dahi a trez dias, em que se lhe prolongou o martyrio, mas com a suavidade de receber o Santissimo Viatico, passou á eterna felicidade, comprada com seu sangue. Acharaõ os Religiosos seu corpo cingido de huma grossa cadea de ferro, deraõ-lhe sepultura raza; mas crescendo as maravilhas, com que o Ceo quiz acreditallo naquelle Povo, á custa, e diligencia da Cidade, o passaraõ a sumptuoso sepulcro, levantado junto ao Altar da parte do Evangelho. Continuaõ ainda hoje as maravilhas na terra da primeira sepultura, que os naturaes buscaõ como universal mesinha. Foy sua morte em 10 de Fevereiro de 1636. como se acha no Agiologio Lusitano.

Se naõ com as mesmas circumstancias, com a mesma resoluçaõ perdeo a vida pelo augmento da Fé o Padre Fr. Joaõ de Santo Thomaz, de que (com ligeira informaçaõ) escreveo o Padre Fr. Luiz de Sousa, que despachado para a Ilha de Saõ Lourenço pelo Alferes mór D. Jorge de Menezes, em breve tempo acabara de doença, por inclemencia do Clima. Mas seguindo noticia mais segura, como de quem muitos annos assistio naquelles Rios, foy o succedido, que passando o Padre Fr. Joaõ á Ilha de S. Lourenço, se deixou ficar nella, obrigado dos Christãos, que alli havia, e para melhor, do zelo com que alli viera. Mas os Mouros assistentes na terra, sempre inimigos do augmento da Christandade, em que o Padre trabalhava incansavelmente, lhe deraõ veneno, temendo tirar-lhe a vida com publicidade, por naõ parecer, que violavaõ as pazes, confirmadas de novo com Mosse. Sentio o Padre o mortifero da peçonha em huma bebida; e offerecendo a Deos aquelle genero de morte, acabou com a magoa de deixar orfãa a sua Christandade.

Morte do Padre Fr. Joaõ de Santo Thomaz.

Com mais rigorosa morte foy victima da Fé o Padre Fr. Niculao do Rosario, filho do Pedrogaõ, Villa de Portugal, (e assim filho da Villa, como do Convento de S. Domingos, que ha nella) grande Prégador, e

de vida exemplar, calidades, que lhe deraõ grande lugar na Congregaçaõ; paſſou della voluntariamente aos Rios, para Obreiro daquellas Chriſtandades, em que ſe detinha frutuoſamente, quando acompanhando o Capitaõ de Tete, na guerra, que tinha com os Zimbas, (Cafres crueis, e devoradores de carne humana) ficou prizioneiro delles. Foy logo atado de pés, e mãos a hum tronco, e como outro S. Sebaſtiaõ, cuberto de ſettas, que lhe abriaõ mais bocas, para lhes prégar a verdade no tempo, que lhe durou a vida no martyrio. Deſpedaçado depois ſeu corpo, o repartiraõ, e comeraõ.

Morte do Padre Fr. Niculao do Roſario.

Com igual exemplo de vida, obſervancia religioſa, e opiniaõ de letras, viveo no Convento de Cochim (em que profeſſou) o Padre Fr. Joaõ da Cruz, filho de Macao; ſacrificou-ſe ao miniſterio das Chriſtandades, em que gaſtou muitos annos, coroando o Ceo ſeu zelo com a gloria do martyrio, que com os olhos, e as mãos levantadas a elle, recebeo alanceado pelos Mouros de Achem, no anno de 1617.

Morte do Padre Fr. Joaõ da Cruz.

Sacrificaraõ tambem a vida nos altares da Fé o Padre Preſentado Fr. Luiz do Eſpirito Santo, e o Padre Fr. Joaõ da Trindade, pela tyrannia do Capranzine, na Mocaranga, de que já demos mais larga noticia. Na Provincia de Bajú (Contracoſta de Larantuca) o Padre Preſentado Fr. Joaõ da Coſta, que tambem nos deu já aſſumpto neſta eſcritura.

Os Padres Fr. Luiz do Eſpirito Santo, Fr. Joaõ da Trindade, e Fr. Joaõ da Coſta.

Igualmente o deu ás glorias deſta Provincia de Portugal, de que foy filho, o Padre Preſentado Fr. Duarte Travaſſos. Foy eſte Padre igual talento para a Cadeira, e para o Pulpito. Lera muitos annos Theologia no Convento, e Univerſidade da Batalha. Entrado já em dias, deveo ao Ceo o conſelho de paſſar á Congregaçaõ da India, acompanhado de alguns Religioſos de grandes eſperanças, ſacrificadas todas ao lucro das almas naquelles Climas. Aſſim ſe offereceo, e aceitou a occupaçaõ de Miſſionario das Chriſtandades de Solor, Commiſſario do Santo Officio, e Governador do Biſpado de Malaca; e partindo por Prelado de cinco Religioſos, com que ſahio da barra de Lisboa, chegou ao Oriente, ſendo Vigario Geral o Meſtre Inquiſidor Fr. Thomé de Macedo, e governando aquelle Eſtado o Conde de S. Vicente, Joaõ Nunes da Cunha.

Paſſados quaſi dous annos, que o Padre Fr. Duarte reſidia em Liſao, aonde naõ deſcançava ſeu zelo no exercicio de reduzir, e bautizar, ſuccedeo que que, morrendo o Rey da terra D. Paulo, lhe quizeraõ fazer os vaſſallos Exequias com as ceremonias, e ſuperſtiçoens Gentilicas, para que ſempre inclinà aquelle Povo, por mais que reduzido, e doutrinado. Teve o Padre noticia deſte deſatino, e naõ o ſofrendo o ſeu zelo, acompanhado de alguns Chriſtãos da Povoaçaõ, ſe meteo pela terra dentro; e chegando ao lugar das Exequias, em que achou os Miniſtros ſuperſticioſos, os reprehendeo, e ameaçou da parte da Juſtiça Divina, depois da humana. Eraõ eſtes Chriſtãos ſó no nome, em tudo indignos delle, gente dia-

Morte do P. Presentado Fr. Duarte Travassos.

diabolica, impia, e ousada; lançaraõ-se ao Padre, e aos que lhe faziaõ companhia, e com hum chuveiro de Azagayas lhe tiraraõ a vida, e lançaraõ logo seu corpo em hum poço, perseguindo, e matando os poucos Christãos, que o tinhaõ acompanhado, de que o descuido perdeo os nomes, mas naõ suas venturosas almas as eternas coroas.

Correo logo a nova a Lifao, do martyrio do Padre Fr. Duarte, e seus companheiros, e lamentando-o todo o Povo como pay, appellou o sentimento para a vingança, que se começou logo a machinar, ajuntando o Capitaõ mór Fernaõ Martins de Pontes a mais gente, que pode, que naõ foy muita, e passaraõ a buscar os delinquentes com maõ armada. Tiveraõ elles aviso, e esperavaõ ao Capitaõ defendidos de esquadraõ numeroso; mas foy o mesmo avistarem-no, que voltarem costas, com tal confusaõ, que quasi todos perderaõ as vidas; confessando depois alguns, que ficaraõ prizioneiros, que o que os puzera em taõ desatinada fugida, (tantos, e taõ medrosos, de taõ poucos) fora o verem hum Frade de S. Domingos, que no meyo dos nossos Soldados dava coraçaõ a todos, e ameaçava com espantosa ira os inimigos. Entendeo-se, que seria nosso Patriarca, (por naõ haver em Lifao outro Religioso mais, que o que perdera a vida) que vinha a castigar a barbaridade, que lha tirara, e a conservar aquella Christandade, a que os mesmos delinquentes machinavaõ a ultima ruina, como se soube, e se descobrio agora. Foy a morte do Padre Fr. Duarte no anno de 1670.

Contavaõ-se os de 1675. quando, infestadas as Ilhas dos Rios de Sena do Arabio, invadio a da Amissa. Era alta noite, sahio ao rebate, de casa, para a Igreja, o Padre Fr. Leonardo de nossa Senhora, que era Vigario della; conheceraõ-no os inimigos pelo habito branco, e convidando-se huns aos outros, se arremeçaraõ a elle ás lançadas, com tal furia, e presteza, que lhe naõ deraõ mais lugar, que de voltar a hum moço, que servia na Igreja, e entaõ o acompanhava, e dizer-lhe: *Que estivesse sempre firme na Fé*; e cahio logo sem vida, ficando o barbaro, que lhe deu a lançada, com o braço no ar, sem mais o menear, nem se servir delle, como depois se soube de alguns Christãos, que o viraõ, e dos mesmos Arabios, que assim o contavaõ. Tambem cahio logo o moço com o mesmo genero de morte. Perdeo-se-lhe o nome, mas naõ o premio della.

Morte do P. Fr. Leonardo de N. S.

Correo tambem a merecello, por zelar a honra de Deos, e os seus preceitos, o Padre Fr. Gaspar Evangelista, filho da Congregaçaõ. Assistia este Padre na Igreja de Ade, na Ilha de Timor, em que o puzera a obediencia pelos annos de 1676. Era grande sua diligencia: achou, que hum Christaõ Macassá andava occasionado com huma mulher, tambem Christãa. Precederaõ as admoestaçoens, que continuadas sem fruto, antes ouvidas com desprezo, passou o Padre á mayor demonstraçaõ, mandando-o prender, e depois soltar, posta em promes-

ſas a emenda; mas foy eſta tanto ao contrario, que na noite ſeguinte, fazendo-ſe o delinquente *Amouco*, (tem eſte nome os que deliberados, e reſolutos, ſahem a tomar vingança, e tirar a vida a quem lhes faz reſiſtencia, até perderem a propria, porque deſtes nenhum eſcapa com ella) entrou em caſa do Padre, e buſcando-o em ſua meſma cama, donde o achou com deſcuido, e ſem reſiſtencia, lhe deu algumas crizadas, e depois o ferio com huma languinata, de que (recebidos os Sacramentos) acabou em breves horas a vida, offerecendo a Deos aquella morte com grande ſofrimento, e conformidade.

Morte do Padre Fr. Gaſpar Evangeliſta.

Aſſim offereceraõ, e ſacrificaraõ a Deos as vidas outros dous Vigarios, ambos de Quirimba, por inteiros na obrigaçaõ do ſeu officio, e zeladores da obſervancia da ley de Deos. Foraõ elles o Padre Fr. Nicolao do Roſario, e o Padre Fr. Gaſpar de S. Miguel, filho da Congregaçaõ. Chegou huma Quareſma, e negou o Padre Fr. Nicolau os Sacramentos ao ſenhor da Ilha filho da terra, mas de pay Portuguez; porque muitas vezes advertido, e admoeſtado continuava com eſcandalo publico (retirado de ſua mulher propria) a converſaçaõ de ſete irmãas Mouras. Poucos dias depois diſpoz o rebelde a vingança, chamando huma noite ao Padre, com hum recado falſo, para huma confiſſaõ: tanto que o teve na rua, elle (e alguns Cafres ſeus) lhe tiraraõ a vida ás eſtocadas, e depois lhe quiz tirar a honra, com hum teſtemunho, que o Ceo liquidou logo. Durou muitos annos o ſangue innocente no lugar do delicto, pedindo vingança contra o ſacrilego, que morreo depois miſeravelmente deſterrado, e perſeguido. Foy a morte deſte Padre no anno de 1637.

Morte do Padre Fr. Niculao do Roſario.

Naõ era menos exacto o Padre Fr. Gaſpar, como grande Religioſo, e bom Letrado. Fez-ſe na ſua Igreja hum grande deſacato ás ceremonias della em huma Quinta Feira Mayor; era o culpado ſuſpeito na Fé; diſpunha, e diligenciava o Padre, que naõ ficaſſe ſem caſtigo, quando por induſtria do ameaçado lhe deraõ veneno, que conhecido logo, ſe diſpoz com grande conſtancia a eſperar a ultima hora, que naõ tardou muito, que coroaſſe ſua alma no anno de 1663.

Morte do Padre Fr. Gaſpar de S. Miguel.

Corre tambem por obrigaçaõ noſſa a noticia do Padre Fr. Franciſco Donato, Miſſionario Apoſtolico; porque ainda que por Patria Romano, ſendo na profiſſaõ Dominico, (e ſervindo, e acabando nas Miſſoens, que eſta Provincia de Portugal tem no Oriente) aqui ſe lhe deve o lugar entre os que as illuſtraraõ com ſeu ſangue. Foy eſte Padre illuſtre por geraçaõ, mas mais conhecido por eſpirito, virtude, e letras, experiencia, com que a Sagrada Congregaçaõ de Propaganda o mandou por Miſſionario Apoſtolico a eſta grande ſeara. Cultivou-a nas duras ſerras do Malavar, nas Ilhas de Solor, Ceilaõ, Maſcate, Goa, e Moſſe, fazendo grande fruto naquella Gentilidade, como perîto nas linguas. Ultimamente embarcando-ſe de Dio para Maſcate, com intento de paſſar á Curia Romana, encontrando-ſe com quatorze

ga-

galeotas de Mouros Malavares, depois de profiada peleija foy entrado o navio, prezo o Padre, e levado ás embarcaçoens inimigas, aonde os Mouros executaraõ nelle o seu barbaro costume. Conseguida a vitoria, sacrificaõ hum dos prizioneiros á Lua, cortando-lhe a cabeça, e salpicando com o sangue ainda quente as vélas das embarcaçoens. Tentaraõ primeiro o Padre, se queria seguir sua seita; e vendo, que lhes desprezava offertas com constancia, lhe cortaraõ a cabeça, e offereceraõ seu sangue á Lua, salpicando com elle as vélas da Armada. Foy seu martyrio pelos annos de 1634.

Morte do Padre Fr. Francisco Donato.

Naõ deixaremos em silencio dous Religiosos, que honraraõ estas Missoens, se naõ com o seu martyrio, com o seu exemplo; se naõ regando-as com o seu sangue, fomentando-as com sua virtude. Foraõ elles o Padre Fr. Gaspar de Santo Thomaz, filho da Cidade de Cochim, e da Casa, que a Congregaçaõ tem nella; e o Padre Fr. Jozé Rebello, filho da Provincia de Portugal, de donde passou á India, já crescido. Viveo o Padre Fr. Gaspar em Macao vinte annos de vida taõ austera, e observadas as Constituiçoens á risca, oraçaõ, jejuns, e disciplinas, continuado tudo com tal rigor, que sem duvida lhe apressou a morte, que esperou com grande conformidade, e pareceo premio de sua virtude.

Do Padre Fr. Jozé Rebello, que nos annos proximos ao em que escrevêmos passou de Portugal á Congregaçaõ, temos a noticia de que, assistindo primeiro em Goa, depois em Macao, passou a servir as Christandades de Solor, e residio em *Sica*, terra de Larantuca, aonde se grangeou tal reputaçaõ com o reformado exemplar de sua vida, e tal affecto dos naturaes com seu genio, e brandura, que, succedendo-lhe passar a Larantuca, se despovoava Sica para lhe fazer companhia na jornada, seguindo-o todos, como filhos desconsolados, e pedindo-lhe com lagrimas: *Que lhes restituisse com pressa sua assistencia.* Assim servio ella de grandes augmentos áquella Christandade, que quizera mais larga sua vida; mas quiz o Ceó, que lhe apressasse a morte a coroa, que tinha ganhado nella. Acabou com grande opiniaõ, deixando a Christandade taõ augmentada, como sentida, e saudosa.

Estes saõ os empregos, com que os filhos de S. Domingos se espalharaõ, e estenderaõ (como ainda ao presente o continuaõ) por aquellas vastissimas terras, taõ incultas, como remotas, hoje já cultivadas; mas roubando-nos a distancia o mais do que se tem obrado nellas, especialmente nas Ilhas de Solor, e Rios de Sena, sem afrouxar (como se póde ver no que acabamos de escrever) aquelle espirito, com que nellas principiaraõ a seara do Evangelho, gloria sem controversia primeiro da Religiaõ Dominicana, e alguma (como a de Solor) unicamente sua. Mas como nem o Sol da verdade se livra dos vapores da duvida, antes inventada, que nascida, ou do artificio invejoso, com que os mal intencionados escrevem voluntariamente contra a evidencia, (para que favorecida dos annos a men-

a mentira vá depois tomando corpo de duvida entre os que tem noticia dos chimericos fundamentos della) ainda que até agora naõ houve inconsideraçaõ, que se resolvesse a querer tirar aos Religiosos de S. Domingos a primazia, na cultura espiritual, e Missaõ Evangelica da Ethiopia Oriental, naõ faltou com tudo, quem nestes tempos quizesse reduzir a controversia, se foraõ, ou naõ os nossos Religiosos, os primeiros, que levaraõ o Evangelho, e colheraõ delle o fruto nas terras da Ethiopia Occidental, resolvendo voluntariamente, que os Padres da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, foraõ os que se adiantaraõ a todos nesta empreza.

Queria fiar a apologia dos Authores, que com tanta clareza fallaõ della, por naõ estar costumada a Religiaõ de S. Domingos a pôr em disputas as suas glorias. Muito menos esta, de que naõ quiz mais premio, que servir á Igreja, e mostrarlhe, que os filhos de S. Domingos, como herdeiros dos Apostolos, naõ tinhaõ outro Instituto, e o bem, que sabiaõ desempenhallo. Mas alargarey mais a penna, e com mais modestia, que a com que este Author costuma estender a sua, só para lhe apontar os Authores, que mudamente o convencem. Assim a pertinacia tivesse ouvidos! E a cegueira olhos!

CAPITULO XVI.

Mostra se como os Religiosos de S. Domingos foraõ os primeiros, que levaraõ a Fé á Ethiopia Occidental, converteraõ, e reduziraõ almas naquellas incultas, e vastissimas terras.

CHamaraõ muitos ao escrever, ou provar glorias, e creditos proprios arriscado, e suspeitoso emprego; mas quando a verdade as publica, e as pregôa, naõ vem a ser o escrevellas, mais que lembrallas; cautela, com que devem armarse os Chronistas das Familias Sagradas, para que naõ triunfe o tempo do que houve nellas digno de memoria, naõ para ampliar panegyricos, mas para naõ sepultar exemplos. Este deve ser o intento dos que escrevem semelhante Historia, propor a verdade, que costuma affeiçoar a razaõ, e favorecida desta, tem energia para mover ás imitaçoens do que propoem com pureza. O segundo interesse de semelhante Historia, (supposta a noticia para erudiçaõ dos homens) he continuar o premio, ou o castigo do bem, ou mal obrado na reputaçaõ, que se perpetúa a hum, e outro. E quem leva os olhos nestes preciosos fins, naõ os diverte, nem os occupa com a jactancia de precedencias, e muito menos imaginadas. Assim deponho que, naõ por grangear á minha Religiaõ huma gloria já grangeada, já merecida, e já sua, tomo agora a penna; mas para resgatar a verdade das mãos de quem a sepulta, sendo o officio, e obrigaçaõ do Chronista desenter-

terralla. Porey os ſeus, e os meus fundamentos, como quem narra, e naõ como quem diſputa.

Eſcreve eſte Author, com a deſculpa de proceder com cegueira em cauſa propria, dando aos Padres da ſua Congregaçaõ a gloria (ſaõ palavras ſuas) de ſerem os primeiros, que converteraõ, e bautizaraõ almas nas Conquiſtas Portuguezas. Entendo, que ſeria erro da Impreſſaõ a palavra primeiros; porque naõ he crivel, que ignoraſſe eſte Padre, ſendo taõ noticioſo, que Conquiſta Portugueza foy a de Ceuta, tomada aos Mouros por ElRey D. Joaõ o I. e que nella ſe acharaõ com elle os Religioſos de S. Domingos, com Igreja, Moſteiro, e occupaçaõ de ſeu Inſtituto, que exercitado por largos annos, (que alli fizeraõ aſſento) naõ deixariaõ de exercitallo, naõ ſó em adminiſtrar Sacramentos, mas em reduzir Infieis, que alli ficaraõ cativos. De que bem ſe ſegue, que já os noſſos Religioſos ſe occupavaõ na reducçaõ das almas a Deos nas Conquiſtas Portuguezas pelos annos de 1415, e ainda em Portugal naõ exiſtia a Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, que muitos annos depois foy confirmada por Eugenio IV. Mas paſſemos a mais evidente argumento.

Deſta primeira entrada nas terras de Africa, pelos Religioſos de S. Domingos, lhes ficou como em herança o ſerem os primeiros, que nas Conquiſtas, que ſe foraõ ſeguindo nellas, ſe achaſſem ao lado dos Capitaens Portuguezes, para que igualmente no valor, e deſvelo de huns, e outros, foſſem vencendo a eſpada, e a doutrina. Foy aſſim na expediçaõ de Religioſos para as terras de Congo por ElRey D. Joaõ o II. a que os noſſos paſſaraõ no anno de 1486. Sem duvida naõ correſpondeo o fruto da ſementeira Evangelica á eſperança, com que os Religioſos foraõ principialla, ſendo o intento de ElRey de Beni, que os mandou pedir ao noſſo Monarca, antes politicas da terra, que intereſſes da alma; motivo, com que eſcreveo Maffêo, que os noſſos deixando a infructuoſa aſſiſtencia, voltaraõ para a Patria: *In Luſitaniam irriti redierunt.* Mas naõ he de admirar, que naõ procuraſſe, ou naõ tiveſſe eſte Author outra noticia dos noſſos, tendo-a do fim, que levaraõ, antes por accidente, que por ſubſtancia da Hiſtoria; porque a que ſeguia era a reducçaõ de Beni, que naõ teve effeito. O que naõ tira que o tiveſſe particularmente o emprego Apoſtolico dos noſſos nas meſmas terras, ou em outras viſinhas; progreſſos, de que o Padre Fr. Luiz de Souſa naõ teve noticia, por eſtarem eſtas antes nos Arquivos de toda a Religiaõ em Roma, que nos deſta Provincia. O que ſe póde ver no *Monumenta Dominicana* do Meſtre Fr. Vicente Maria Fontana (Author taõ digno de credito, que o naõ póde fazer ſuſpeito, nem o ſer noſſo) que fallando nos ſerviços, que a Religiaõ fez á Igreja no anno de 1486, e tocando a occaſiaõ de Congo, diz que os noſſos Religioſos reduziraõ, e bautizaraõ, ſe naõ a todo o Reyno, a muita nobreza, e a muitos do Po-

Joan. Pet. Maffæ. Hiſt. 50. dil. 1.

Fontana, Monumenta Dominicana an. 1486. P. 3. c. 10.

Povo: *Non solum multos ex populo, sed etiam ex nobilibus sacro regenerationis lavacro Christo, & Ecclesiæ adjunxerunt.* E continúa, que depois passaraõ alguns destes Religiosos ás terras do Preste Joaõ, aonde levantaraõ Igrejas, e propagaraõ a Fé, superando trabalhos, perseguiçoens, e difficuldades, em quanto lhes duraraõ as vidas, consumidas, e sepultadas naquelle emprego, e naquellas terras: *Aliqui ex ipsis* (continúa o Padre) *ad Abyssinorum Imperatorem pergentes, etiam ibidem & Cruces, & Ecclesias erexere tanto cum animarum fructu, ut nullus ex eisdem Prædicatoribus, ærumnis licet, ac laboribus fractus, assumptum Apostolicum ministerium deserere ausus sit. Sed omnes gloriose ibidem usque ad mortem insudaverint in Gentilium illorum conversione.* Assim escreve este Author, citando o Bispo de Monopoli, Chronista veridico.

Segunda jornada fizeraõ os Religiosos de S. Domingos ás terras de Guiné, depois de bautizado ElRey Bemoy, que o era da estendida Regiaõ de Jalofo, e recorrera a ElRey D. Joaõ o II. assim para recuperar o Reyno, que seu irmaõ lhe tinha tyrannizado, como para receber o Bautismo. Com elle mandou ElRey D. Joaõ ao Mestre Fr. Alvaro Correa, Frade nosso, e seu Confessor, homem de grande reputaçaõ em letras, e virtude, com outros Religiosos. Escreve-o assim Maffêo: *Evangelici quoque præcones impositi Alvaro Dominicano præfecto eximiæ virtutis, ac sapientiæ viro, quo Rex ipse ad sacras Confessiones uti consueverat.* O mesmo affirma Joaõ de Barros nestas palavras, tendo dito da Armada, que ElRey mandara: *E para a conversaõ dos barbaros, alguns Religiosos; o mayoral dos quaes era Mestre Alvaro, Frade da Ordem de S. Domingos, e seu Confessor, pessoa muy notavel em vida, e letras.*

Joaõ de Barros Decad. 1. l. 3. c. 8.

Assim escrevem estes Authores a segunda jornada dos Portuguezes ás terras de Guiné no anno de 1487. como tambem a escreveo Resende; sem que Author algum, ou Portuguez, ou estranho, faça lembrança de que nellas, assim nesta, como na primeira, se achassem Padres da Congregaçaõ de S. Joaõ Euangelista. E que os nossos Religiosos, ainda nesta segunda jornada, se empregassem na reducçaõ das almas, consta de algumas Memorias da Ordem: porque entrando alguns por aquellas vastas, e desconhecidas terras, renunciaraõ pelo seu Instituto da prégaçaõ á Patria, e tiveraõ nellas sepultura. Digo alguns, e naõ todos, porque achamos na terceira Missaõ, pelas Memorias de Fontana, ao Mestre Fr. Alvaro Correa, que sem duvida voltou a Portugal com o Capitaõ mór Pedro Vaz da Cunha; noticias de pouca importancia para os Authores seculares, que levaõ os olhos no assumpto da sua Historia, e naõ nas particularidades dos Religiosos, que quando foy preciso entraraõ nella. Mas a nós bastaõ-nos delles a geral noticia de que os Religiosos de S. Domingos foraõ os primeiros, que com a voz Evangelica saudaraõ as terras daquella Ethiopia; o que o Author (a quem respondemos) quer, a voto seu, deixar em duvida.

Mas

Mas passemos ao que sem nenhuma podia passar no livro deste Author, que he a terceira Missaõ dos nossos Religiosos, que elle quer para primeira dos seus Padres, vindo já taõ tarde, para as duas em que madrugamos tanto; e muito mais tarde, para negocear esta terceira por sua, sendo tanto nossa, como logo o dirá a evidencia. Foy esta funçaõ de Congo pelos annos de 1491, e dispozse assim. Bautizados o Embaixador, e negros, que ElRey de Congo mandara a ElRey D. Joaõ o II. se armou no porto de Lisboa huma Armada com tanto desvelo, como era o alvoroço, com que o nosso Monarca esperava todo aquelle Reyno reduzido. Nomeou por Capitaõ a Gonçalo de Sousa; compoz grandioso mimo para ElRey de Congo, e attendendo ao que mais lhe levava o cuidado, que eraõ os Mestres da Fé, pedidos por elle, os tirou dos Claustros Dominicanos, como de seminario, onde reconhecia os mais destros espiritos, para semelhantes jornadas, de que os Reys seus antecessores tiveraõ largas experiencias. Haviaõ de levantar Igreja, haviaõ de bautizar o Rey, haviaõ de estenderse por aquella terra desconhecida, espalhando a palavra Evangelica; haviaõ de reduzir barbaros, derribar Templos, queimar idolos, e finalmente porse em campo contra os mesmos demonios. E esse era, e he o Instituto Apostolico dos nossos Religiosos; essa a razaõ, com que para esta jornada foraõ escolhidos os filhos de S. Domingos.

Mostremos esta verdade, naõ confirmada com esta mesma escritura; naõ authorizada com a nossa mesma penna; naõ sendo nós o unico Author, que nos sirva de prova, como succede ao que confutamos, que unicamente se teve por patrono a si mesmo. Mas fallem já por nós os Authores, primeiro os nossos, depois os estranhos. Dizem as nossas Memorias, que os Religiosos, que neste anno de 1491 foraõ por ordem delRey Dom Joaõ o II. á reducçaõ de Congo foraõ dez. Quer Fontana, que entre estes, (que na sua opiniaõ naõ foraõ mais que seis) se conte tambem o Mestre Fr. Alvaro Correa; e escreve nesta fórma: *Mittuntur á Joanne II. Lusitaniæ Rege præter recensitos anno 1486. P. Alvarus eidem à Confessionibus, & quinque alii probatæ vitæ, & virtutis viri, de Provincia Portugalliæ, ad Regem Congi, qui Catholicam Fidem prædicantes, Reges Congi ad eandem mediis sacris ablutionibus amplexaudam. Cooperante Deo induxerunt, cum magna Procerum Regni multitudine, copiosissimaque populi frequentia; Regem quidem Joannem; Reginam verò Eleonoram, & primogenitum illorum Alfonsum, nuncupantes, in memoriam Regum Lusitaniæ, viventium. Innumera Idola igne consumpsere, atque Ecclesiam grandem sub invocatione S. Crucis ibidem 5. nonas Maii, jactis fundamentis, construxere. Quæ Episcopalis Sedes effecta est. Ibique nostri Prædicatores per annos quinquaginta consistentes, maximos Christi Ecclesiæ fructus dedere.*

Fontana, *Monumenta Dominicana.* P 3. c. 11. an. 1491.

Aponta o mesmo numero de Religiosos de S. Domingos, ainda que differe no Prelado delles Fr. Affonso Fernandes, assentando, (o que he mais commum)

Fr. Alonso Fernandes. Historia Ecclesiastica l. 2. c. 21.

mum) que o fora o Mestre Fr. Joaõ de Santa Maria; e escreve nesta fórma: *Despues el año de 1491. embió ElRey D. Joan una Armada de tres navios, embiando por General dellos a Gonsalo de Sousa, y en falta deste a su hermano Rodrigo de Sousa. En estos navios fueron por ordem de Su Magestad algunos Religiosos de S. Domingos, y por Superior uno llamado Fray Joan con otros cinco, para que predicassen el Santo Euangelio en el Reyno de Congo, y batizassen a los que convertiessen.*

Assim escreve este, e outros Authores nossos; mas se lhe naõ basta contra a impraticavel suspeita de proprios, o reconhecerem-se por fidedignos, passemos aos estranhos, e seja o primeiro o Padre Maffeo, que ainda que naõ traz o numero certo dos Religiosos (circumstancia assás ligeira para a substancia da Historia) affirma que estes Religiosos foraõ de S. Domingos nesta fórma: *Neque Neophiti modo, ad suos remissi, verum etiam, & Sanctissima Dominicana Familia tres viri probatæ virtutis, atque doctrinæ, delecti, quia apud eosdem Æthiopes, & docendi, & initiandi officio fungerentur.*

Maffe. l. 1. Historia India

Que fossem Religiosos de S. Domingos os que acompanharaõ nesta occasiaõ a Gonçalo de Sousa; que aportassem nas terras de Manisono, tio delRey de Congo; que á sua instancia lhe dessem os nossos Religiosos o Bautismo em dia de Pascoa 3. de Abril de 1491; que lhe puzessem por nome Manoel, e a seu filho menor Antonio; que passassem depois á Cidade de Ambasse, aonde os esperava o Rey, e lhe dessem hum rico presente, levantassem a Igreja de Santa Cruz, bautizassem ao Rey, e Rainha, com os nomes de D. Joaõ, e de Dona Leonor, tomados dos nossos Reys, e ao Principe com o nome de D. Affonso, tomado do nosso Principe, e as mais circumstancias, que com elegancia narrativa continúa o Padre Fr. Luiz de Sousa, tudo escreve, e narra o Bispo Barbuense, por este estylo: *Eodem tempore felicibus conatibus Joannis Regis Lusitaniæ, propagata est fides Christiana in Regno Congi, de quo cæptum est agi superioribus annis. Cum enim nobiles illi, quos diximus in Lusitaniam adductos, suscepto Baptismo, biennium summa cum diligentia, Christianis moribus, & institutis imbuti ad sua remissi fuissent; una cum nonnullis Patribus Dominicanis, tribus navibus armatis, sub ducatu Gonsalvi Sosæ (cui inter navigandum peste extincto, Rodericus fratris filius omnium consensu suffectus fuit) ubi primum ad litus Congi appulere, Regis patruus, qui Sono Maritimæ Congi plagæ, imperitabat, jam senex Baptismum cupidissimè suscepit, &c.*

Spondanus Armada Ecclesiastica anno 1491. N. 7.

O mesmo escreve Fr. Antonio de S. Romaõ, Monge Benedictino na sua Historia Geral da India, assentando, que os Religiosos, que entraraõ, e fizeraõ o primeiro Bautismo em Congo, acompanhando a Gonçalo de Sousa, e depois a seu irmaõ Rodrigo de Sousa, foraõ os Religiosos de S. Domingos, por estas palavras: *Ydpues, que pareciò estar sufficientemente instruidos en los mysterios de nuestra Santa Fé, mandò el Serenissimo Rey armar una flota, en que bolvies-*

S. Romaõ Historia da India l. 1. cap. 4.

viessen a su tierra las primicias de la Christiandad della, y Religiosos de Santo Domingo, para predicar, y baptizar con amplissima potestad de Su Santidad. Dioles un rico presente, y artifices, para que llevantassen Iglesias, con otras cosas, a que acudia su liberalidad generosamente, porque le era muy natural. Fué nombrado Embaxador, y Capitan General de la jornada Gonçalo de Sosa, &c.

Venha o mesmo testemunho de Authores seculares, e seja de hum Mestre delles, Joaõ de Barros, que com mais individuaçaõ, e particularidade conta a entrada, e reducçaõ de Congo pelos Portuguezes, neste anno de 1491. dizendo, que os Ministros della foraõ Religiosos de S. Domingos; e conforme a sua narraçaõ, o numero delles, que foraõ seis, de que era Prelado Fr. Joaõ, que nas nossas Memorias foy o Mestre Fr. Joaõ de Santa Maria, homem de grande, e igual nome em letras, e virtude. As palavras de Joaõ de Barros, depois de escrever, que estes Religiosos chegaraõ ás terras de Manisono; e lhe deraõ o Bautismo, passando depois á Corte delRey de Congo, saõ as seguintes: *Ruy de Sousa com os Sacerdotes, e Religiosos, de que o Mayoral delles era Fr. Joaõ, da Ordem de S. Domingos, (passados os primeiros dias de sua chegada) ordenaraõ, que se fizesse huma Igreja de pedra, e cal, segundo lhe por ElRey D. Joaõ era mandado, para a qual obra traziaõ seus officiaes.* E seguindo a mais narraçaõ dos Bautismos dos Reys; ao fallar na volta de Ruy de Sousa para Portugal, diz que deixara na Corte de Congo a Fr. Antonio da Piedade, que succedeo na occupaçaõ de Vigario, por morte de Fr. Joaõ de Santa Maria, (que tambem deixa apontada) e mais quatro Frades, que ficaraõ correndo com aquellas Christandades; dillo no modo seguinte: *E tornando á Cidade, expediose Ruy de Sousa para este Reyno, leixandolhe para a converçaõ dos Povos Fr. Antonio, que era a segunda pessoa, depois de Fr. Joaõ, e outros quatro Frades.*

Joaõ de Barros, Decada 1. l.3.c.9.

O que supposto, he apocrifo, e sem nenhum fundamento o que narra da sua Congregaçaõ o Author, que confutamos, attribuindolhe a primazia da conversaõ de Congo, e tresladando quasi hum Capitulo do nosso Chronista, o Padre Fr. Luiz de Sousa, accommodando o nome do Mestre Fr. Joaõ de Santa Maria, Vigario da nossa Missaõ, ao seu Padre Joaõ de Santa Maria, de que sómente, depois em tempo delRey D. Manoel, se acha memoria. Assim escreve este Author, sem mais authoridade, e testemunho, que o proprio, quando os Authores todos, que apontamos (e ainda o que nos naõ favorece) dizem o contrario. Assim se póde ver nelles, sem que em algum se ache memoria destes Padres em Missoens de Congo, senaõ no reynado delRey D. Manoel, tempo em que já aquelle Reyno estava reduzido; verdade, que o mesmo Author reconhece, trazendo-os só desse tempo; e se os teve antes, como os aponta só depois? Sendo toda a controversia na primazia, que escreve desauthorizada, e authorizando a Missaõ por ElRey D. Manoel, em que ninguem poem duvida.

Sem nenhuma se póde crer, que naõ achou o Author algum, (ainda desvalidos, e de menos nome) porque naõ fio da sua grande noticia, que se o houvesse, lhe escapasse, nem da memoria, nem da diligencia; assim foy escusada esta de querer coroar a sua Congregaçaõ com o trabalho alheyo, que eu fio, que ella se dá por satisfeita da gloria de entrar nas terras de Congo com grande interesse, e lucro das almas, muito depois dos filhos de S. Domingos, primeiros Mestres dellas. Assim o vem a dizer os Authores, que o Author cita no reynado delRey D. Manoel, tempo, em que os Padres *Ceruleos*, como diz Maffeo, ou os Padres *Azuis*, como diz o nosso Fernandes, passaraõ áquellas terras a edificar novo, mas naõ primeiro Templo, com grande, mas naõ primeiro fruto; o que naõ negamos, nem podemos negar, reconhecendo a authoridade dos Authores, que tanta verdade fallaraõ nesta Missaõ dos Padres da Congregaçaõ, que foy a sua primeira, como na nossa, e nas nossas, que foraõ primeiras que a sua.

Maffe. l. 4. Histor. da India, Fernandes l. 2. c. 21.

Nem se deve crer, que taõ grandes Authores, que por officio saõ indagadores das verdades, e linces dos tempos, houvessem de ignorar huma jornada de tanta consequencia, e tanto apparato, como foy a da primeira conversaõ de Congo, para dizer este Author, (apontando tantos em seu favor, e da Missaõ no reynado delRey D. Manoel) *Que estes escreveraõ só desta segunda, porque ignoraraõ a primeira.* O certo he, que todos fallaraõ na jornada, e os mais delles apontaraõ os nossos Religiosos nella; e os que o naõ fizeraõ, podiaõ ignorar essa circumstancia, mas nenhum o geral da noticia.

Supposta esta, escusada era a reflexaõ sobre os fundamentos do Author, que mal podem ter este nome, contra verdade taõ limpa, e desembaraçada; e entendia eu que, bem reparado o que temos dito, bastava o serem propostos, para ficarem respondidos; mas em veneraçaõ do Author, farey antes memoria, que disputa delles.

He o primeiro a contrariedade, que se acha entre os dous Escritores, Garcia de Resende, que favorece nesta primazia de Congo aos Padres Franciscanos, e Joaõ de Barros aos Dominicos. O que daqui se segue he, que perdendo-a huns, ficaraõ com ella os outros. Mas aos Padres da Congregaçaõ naõ sey, que lhes possa servir de consequencia a nossa controversia, porque sem patrono naõ podem entrar nesta, e sem os terem melhorados, naõ tem consequencia. Entre as duas Religioens podia haver litigio, porque ambas se fiariaõ com justiça nos patronos, que tinhaõ para ella; mas que tem os Padres da Congregaçaõ, (em que ninguem deu pennada) para virem levar a primazia, como por concerto da contenda?

A verdade está afiançada em mais; e póde neste ponto authorizalla mais Barros, que Resende, olhando para o emprego da narraçaõ de hum, e outro. Resende escrevia a vida de hum Rey; Barros a reducçaõ de hum Reyno por seu mandado; e o que para este era principal, viria

ria a ser para aquelle accessorio. Para a noticia do Rey era essencial saber-se, que mandara reduzir o Reyno; para a noticia do Reyno reduzido, era essencial saber-se dos Ministros da reducçaõ; e assim para Barros era ponto grave o apontar os Religiosos; para Resende de pouco momento serem estes, ou aquelles. Mas por hora naõ he a controversia com os Religiosos de S. Francisco.

Quanto ao que recorre o Author, fazendo força na queixa do Padre Fr. Luiz de Sousa contra os Authores seculares, he falso o ampliar a queixa, que o Padre dirigia a determinada materia, dizendo só, que naõ havia que attender a Authores seculares, porque nunca davaõ aos grandes Religiosos os premios, que se lhe deviaõ nos escritos; e o condemnallos nesta materia de curtos, e escassos, naõ era depollos da authoridade de verdadeiros, mas culparlhes a desattençaõ de diminutos. E isso estamos vendo no mesmo Author, de que nos temos valido, que naõ podendo deixar de apontar os nossos Religiosos, como parte essencial da reducçaõ de Congo, que escrevia, falla no Mestre Fr. Joaõ de Santa Maria, tocando-lhe só o nome, e naõ reparando no grande, que lhe davaõ suas letras, e virtude, quando Maffeo, Escritor Religioso, fallando em que foraõ trez os nossos Religiosos da Missaõ, os acompanha com a noticia de virtude, e sciencia conhecida, e examinada: *Viri tres probatæ virtutis, & doctrinæ.* Com que o Padre Fr. Luiz naõ desconheceo nos Authores seculares a verdade no preciso; culpou-lhes o attenderem pouco ás individuaçoens, que aos Religiosos podem servir de muito.

He o segundo fundamento do Author, o mandar ElRey, que os primeiros Ethiopes, que vieraõ de Congo a este Reyno, se recolhessem em Santo Eloy, para os industriarem, assim no idioma, como na doutrina. Assim o concedo, ainda que os Authores naõ façaõ disso caso, dizendo só, que ElRey os mandara entregar a pessoas Religiosas: de que se infere, que bem podiaõ naõ ser só estes Padres os Mestres, e se podiaõ tambem repartir por outras casas os hospedes. Mas naõ recorrendo a razaõ taõ achada, que tem a assistencia do Mosteiro, para adiantar os Padres na reducçaõ de Congo a outros, que lhe pertencia a prégaçaõ por Instituto? He o mesmo doutrinar huma familia, que reduzir hum Reyno? ElRey D. Joaõ, como quem tinha grande comprehençaõ do seu, achou em Santo Eloy melhor commodo para hospedar, e doutrinar os negros, que nos Claustros de S. Domingos; porque aquelles Padres, nas horas, que lhe ficassem livres da continuaçaõ do Coro, se podiaõ occupar no ensino; o que naõ era facil nos nossos, tendo-as taõ occupadas, e medidas, que do Coro passaõ á applicaçaõ do Pulpito, e das Aulas. E quando naõ houvera esta arrezoada congruencia, bem se vê, que naõ conclue o passar á primeira reducçaõ da Ethiopia, por doutrinar os primeiros negros, cousa, que indifferentemente podiaõ fazer quaesquer Religiosos; e muito menos, naõ

ten

tendo a Caſa de Santo Eloy, por ſer entaõ eſcolhida para Eſcola, o foro de Seminario dos Cathecumenos, e Hoſpicio de Miſſionarios; porque na vontade, e eſcolha delRey eſteve o buſcar eſtes Padres para aquella occupaçaõ, e o eſcolher os noſſos para aquelle emprego. E tendo nós da verdade deſte tantos Authores, e naõ tendo nenhum os Padres, bem ſe vê, que da aſſiſtencia dos negros ſe lhe naõ ſegue a conſequencia de Miſſionarios, e muito menos de primeiros.

He o terceiro fundamento do Author, que os Reys de Congo, apparecendo em publico, ſe veſtem de azul, em fórma de opa, como a que trazem os Padres. Bem ſe vê, que conſequencia ſe póde tirar deſtas premiſſas. Porque os Prégadores Evangelicos naõ paſſaraõ a Congo a levar moldes de veſtidos, a veſtir ſim áquelles barbaros, antes as almas, que os corpos. Nem dos novamente reduzidos á Igreja, pelo Bautiſmo, ſabemos mais, que o que ſe uſava na Primitiva, que era, como aponta Tertulliano, veſtirem-lhe huma tunica branca. Eu me convenço, que eſſe uſo nos Ethiopes de Congo, he inclinaçaõ á cor azul, como vemos em outros negros a grande, que tem ao encarnado. E quando queiraõ os Padres ter eſſa gloria, nem aſſim ſe infere a primazia, que muy bem podiaõ os Reys de Congo, (que ſe foraõ ſeguindo) uſar da opa, que imitaſſem dos Padres, que depois foraõ ao ſeu Reyno, como foraõ de facto em tempo delRey D. Manoel. E quando naõ queiraõ eſtar por eſta razaõ, ſerá preciſo authenticar, em como andou veſtido de azul o primeiro Rey de Congo, que recebeo o Bautiſmo. E ainda iſto ſuppoſto, podiamos reſponder, que o Bertangil ſeria a Purpura daquella Coroa.

Albis induitur veſtibus. Alcuinus annot. in lib. de Bapt.

Quanto ao que accreſcenta o Author das Armas do Principe de Congo D. Affonſo, Cruz branca em campo azul, cores, que tomou dos primeiros Padres, mais ponderoſa razaõ he, que com a Fé, e nome de Principe Portuguez, tomaria tambem eſcudo de algum modo accommodado ao de Portugal, que entaõ tinha reformado ElRey D. Joaõ o II. Conquiſtador de Congo, que era, como o vemos agora, em campo de prata cinco eſcudos azuis, poſtos em fórma de Cruz. Aſſim compoz aquelle Principe o ſeu eſcudo, mudando as cores do branco, e do azul na Cruz, e no campo; ou tambem ſeria a Cruz branca em campo azul, em memoria da que appareceo no Ceo clara, e luzida, dando-lhe victoria contra ſeu irmaõ, (como depuzeraõ os vencidos, e prizioneiros) já que havemos de continuar o paradoxo de ſer o Ceo azul, como ſe tivera cor o Ceo, naõ o dizendo S. Paulo, que, (entre os vivos) vio o terceiro. Mas ſe o azul do eſcudo faz argumento para os Padres, porque o naõ faria o branco para os noſſos; ſe litigaſſemos pela cor, ou a houveſſemos de dar aos noſſos fundamentos, que a naõ neceſſitaõ por ſolidos? Mas entremos a partido no eſcudo de Congo, lembrados de que a primeira Igreja, que alli levantámos, ſe chamou Santa Cruz, e que a do eſcudo nos pertence por branca.

Aſſim

Assim seja a Cruz nossa, que depois lhe deixamos o campo livre. O fundamento nos desculpa semelhante reposta.

A que damos ao quarto fundamento, deve ser taõ occulta, como elle o he para nós, estabelecido na verdade dos seus Cartorios, naõ havendo memoria nas quasi infinitas dos nossos, que naõ dê por cousa assentada, serem os nossos Religiosos os primeiros Missionarios de Congo. Quanto ás Provisoens del-Rey D. Joaõ, provaráõ a assistencia dos negros na Casa (de que deixamos a duvida, ou concedemos a certeza) ou faraõ fé de algum gasto, que se fizesse com os mesmos na jornada de 1491, ou com os Mestres, que antes da jornada os adestraraõ na doutrina. E se a tal Provisaõ existe, descuido foy do Author naõ lançalla para testemunha. E ainda lançada, correria com a suspeita, de que se lhe podia mudar huma clausula, sendo esta contra tantos Authores, como os que nos servem de prova. Se ainda nos replicarem, que esta he infima, responderemos, que nos mostrem por sua parte outra tanta.

A authoridade de Jorge Cardoso (emendando no terceiro Tomo, o que tinha errado no primeiro, por ver o Cartorio de Santo Eloy, ou de Xabregas) vendo os nossos, poderia tambem emendar no quarto, o que tinha dito no terceiro. Naõ fio eu menos dos nossos Cartorios, a quem o dos Padres naõ pode vencer, nem em papeis, nem em annos; naõ recorrendo ás Memorias de toda a Religiaõ, depositadas no Arquivo de Roma, especialmente ás das Conquistas Portuguezas, (pelos Missionarios, que tivemos nellas) que foraõ, e vaõ sempre remettidas das mesmas ás mãos dos nossos Geraes, que as poem no Tribunal de Propaganda, aonde a verdade se purifica.

Finalmente digo que escreveo bem Jorge Cardoso no primeiro Tomo, dizendo, que os Monges de S. Bernardo foraõ os primeiros, que foraõ a Congo; e naõ menos escreveo bem no terceiro Tomo, dizendo, que os Conegos de S Joaõ Evangelista foraõ os primeiros, que foraõ a Congo, que tudo foy certo, porque os Padres Bernardos seriaõ os primeiros dos Monges, e os Padres da Congregaçaõ os primeiros dos Conegos seculares; que de Missionarios, só os filhos de S. Domingos, que estimaõ a primazia, porque no seu Instituto seria descuido o naõ desempenhalla.

CAPITULO XVII.

Do que pertence aos Conventos dos Irlandezes, que a Religiaõ tem na Provincia de Portugal. Vem a este Reyno o Mestre Fr. Domingos do Rosario. Funda Hospicio, e depois Collegio, para os Missionarios de Irlanda, sua Patria; da-se noticia deste Padre.

NAõ tenha Portugal só a gloria de ser Seminario de Santos, como até agora temos mostrado nesta Provincia, e seus filhos, criados nos Claustros Dominicanos; mas possa tambem gloriarse de que até a hospedagem, que dá aos Estrangeiros, lhe

lhe serve de Escola para sahirem, ou se conservarem virtuosos. Desta verdade podem ser prova os Conventos, Mosteiros, Collegios, e Hospicios, que Italia, França, e Inglaterra tem neste Reyno, e nesta Corte, com muita edificaçaõ della, e delle. Bem parece Portugal Reyno de Deos, e ainda que o mais pequeno da Europa, mimoso assim da Divina Providencia, como se para si só tomara, e construira as palavras de Christo: *De que o pequeno rebanho teria a herença do seu Reyno.* Pequeno rebanho saõ os Portuguezes, menos em numero, que as outras naçoens, mas taõ favorecidos de Deos, que o Reyno, que lhes deu, foy o seu Reyno. Com este nome authorizou a Portugal o Rey dos Reys fallando desde o Throno da Cruz ao primeiro Monarca Portuguez no Campo de Ourique. Assim he seu este Imperio; assim deve ter nelle a virtude o seu Seminario Mas tenha agora esse nome pelos grandes hospedes, que vem a buscar nelle Sagrado, e domicilio. Hospedes grandes na virtude, e nas letras (duas columnas, em que se sustenta, e com que se authoriza a Igreja) os Religiosos Irlandezes da Ordem dos Prégadores. Destes, como assistentes nesta Provincia, ou da Casa, que tem nella, daremos, e devemos dar noticia, ainda que recopilada, como tambem das Religiosas Irlandezas, e da sua Casa, de que foy Fundador o Mestre Fr. Domingos do Rosario, da mesma naçaõ, Varaõ de espirito verdadeiramente Apostolico. Tudo saõ noticias, de que he acrédora esta Provincia, como ellas do lavor, e trabalho da nossa penna.

Nolite timere pusillus grex qui complacuit Patri vestro dare vobis regnum. Lucæ 12.

Volo in te, & semine tuo Imperium mihi stabilire.

Corria o anno de 1658. quando o Mestre Fr. Domingos do Rosario, (de que depois daremos mayor noticia) chegado a Portugal com dous companheiros, e bem recebido nesta Provincia, e hospedado em S. Domingos de Liboa, alcançou da Rainha Dona Luiza de Gusmaõ, que por morte de ElRey D. Joaõ o IV. governava este Reyno, licença, para levantar hum Collegio para os Religiosos de Irlanda. Propunha a esta Senhora: *Que o Reino de Irlanda estava destituido de Ministros Euangelicos, desde o tempo de Henrique VIII. de Inglaterra, e da Rainha Isabela sua filha, impios flagel'os dos Catholicos. Que alguns Religiosos Dominicos, destemidos ao ameaço do garrote, e do cutello, tinhaõ ficado escondidos, e disfarçados, para alimentar os filhos da Igreja, que a reconheciaõ Mãy, ainda perseguida. Que estes Padres com grande trabalho, e risco, industriavaõ na Fé, e depois lançavaõ o habito, e professavaõ a alguns moços nobres de melhor genio, e partes, e espalhando-os depois pelas Provincias de Italia, e França, em que se cultivassem nas letras, e regular observancia, os capacitavaõ, para voltarem Missionarios de sua Patria. Que este motivo o trazia a Portugal (como a centro da piedade, e da Religiaõ) para alcançar a licença de levantar hum Collegio, em que esses Religiosos Irlandezes achassem doutrina, e gasalhado. Que no tempo calamitoso de Castella naõ arribara a sua pertençaõ mais, que a conseguir hum Hospicio, em que havia trinta annos, que se padeciaõ descommodos*

na

na estreiteza das Casas, pouco retiradas do trafego do Povo para a continuaçaõ dos seus estudos, e exercicios religiosos. Razoens todas propostas, e ordenadas pelo Mestre Fr. Domingos, talento, que avultava muito, assim nas estimaçoens da Rainha, como de toda a nobreza, porque eraõ nelle iguaes a refórma, o juizo, as letras, e as noticias.

Mandou a Rainha passar a licença, para que se podesse fundar Collegio em qualquer sitio da Corte, que podesse ter até cincoenta Religiosos, e de renda até cinco mil cruzados; e como nesta Senhora eraõ nativos o zelo, e a grandeza, dotou logo de rendas perpetuas o Collegio, e offereceo o preço, porque se comprasse o sitio. Achou-se este em hum pedaço de campo livre, e direito, que corre entre o Remolares, e o Corpo Santo. Aqui se levantou o Collegio, com a frontaria, e porta da Igreja no terceiro da Corte Real. He a Casa na Architectura de pouca fabrica, antes de quem fundava Aula, que vivenda; ou antes de quem lavrava Armazem para prover os Soldados de Christo, que Palacio para os recolher com descanço, e regalo.

Achado o sitio, e comprado, naõ sem grandes difficuldades, que depois cresceraõ em embargos de partes interessadas nelle, mas desarmado tudo com suavidade da Provincia, que favorecia taõ santa obra, se decretou o dia para se lançar a primeira pedra (que foy em hum Domingo 4 de Mayo de 1659.) Liaõ-se nella gravadas estas letras:

A Sacra Real Magestade da Rainha de Portugal Dona Luiza de Gusmaõ, fundou este Mosteiro para os Religiosos Irlandezes de S. Domingos, dedicado a nossa Senhora do Rosario, e ao Patriarcha S. Domingos, em 4 de Mayo de 1659.

Fez a ceremonia o Bispo de Targa, e eleito de Lamego D. Francisco de Sottomayor; assistiraõ os Inquisidores, Ministros de Tribunaes, Prelados, e pessoas mais notaveis; a Communidade de S. Domingos de Lisboa, musica da Capella Real, Sermaõ do Mestre Fr. Fernandó Sueiro, Prégador delRey. Concorreo toda a nobreza da Corte, muito Povo, alvoroçados todos de verem melhorar de hospedagem os Religiosos; assim os tinha seu procedimento, seu prestimo, e suas letras, bemquistos. Vinhaõ já os Religiosos em fórma de Collegio. Continuaraõ-se com calor os estudos, e naõ menos, nas vagantes delles, os exercicios do Coro, e Confessionario. Assim se começaraõ a criar aquelles destemidos espiritos, destinados a ir arvorar os Estandartes da Fé nas Campanhas da heresia. Assim começou este Seminario de letras, e virtude a povoar o Reyno de Ir-

Irlanda de zelosos Missionarios, conhecendo-se grande fruto na seara Evangelica, regada com o sangue de muitos, de que daremos breve noticia, naõ reduzindo a numero os que consumiraõ a vida no exercicio Apostolico da doutrina, administraçaõ dos Sacramentos, e consolaçaõ de Catholicos affligidos, e desamparados.

Foraõ os Martyres, e os Mestres, que este Collegio tem dado ao Ceo, e a Irlanda, vinte e nove; de alguns se sabe alguma singularidade. Destes foy o primeiro o Padre Fr. Arturo Geochogan, que no anno de 1631 passando do Hospicio de Lisboa a Irlanda, foy prezo por hum testemunho, maquinado pelos hereges. Sentencearaõ no á morte de garrote, e meyo vivo lhe tiraraõ o coraçaõ, e entranhas, que lançadas no lume por hum blasfemo, lhe tremeo, e se lhe desconjuntou o braço, com que o tinha feito, e dando lhe huma cruel dor nas entranhas, perdeo a vida em poucas horas. Lançadas no fogo as entranhas, despediraõ de si taõ activa, e suave fragrancia, que admirados os mesmos hereges, foraõ as primeiras testemunhas della; prodigios, que obrigaraõ a ElRey Carlos I. (com quem testemunharaõ traydor ao Padre Arturo) a que de novo se examinasse o delicto, e achada sua innocencia, se puzessem editaes para publicalla. Confessaraõ-na tambem os Ministros, porque hum dos que lhe deraõ sentença, quebrou por modo extraordinario huma perna no mesmo dia.

O P. Fr. Arturo Geochogan Martyr.

Foy o segundo Martyr o Padre Fr. Giraldo Dillon, de illustre nascimento, e singulares prendas; vivera este Padre alguns annos no Collegio, sendo Vigario, e passando a Inglaterra, e achando-se em Londres, acompanhou a Carlos I. quando entrou a subjugar os hereges. Deu-lhes batalha junto á Cidade Eboracence, em que os Parlamentarios ficaraõ vitoriosos. Aqui foy prezo o Padre Fr. Giraldo, e conhecendo os inimigos da Fé, que era Religioso, o meteraõ em hum carcere escuro, aonde negando lhe todo o sustento, acabou a vida ás vagarosas, e tyrannas mãos da falta delle.

O P. Fr. Giraldo Dillon Martyr.

Com mais violento martyrio coroou a sua o Padre Presentado Fr. Lourenço Ofarail, de igual nobreza; fora Reytor do Collegio, de donde passou á sua Patria, Irlanda, e occupado pelo Nuncio Apostolico della, (Joaõ Bautista Renumecino, Arcebispo, e Principe de Fermo) deraõ com elle de improviso os hereges, e achandolhe algumas cartas, tocantes a importancias de Fé, foy sentenceado á morte, e cuberto primeiro de violentos golpes, de duros, e grossos bastoens, e quasi sem vida, atado a hum masto, o fizeraõ alvo de muita mosquetaria. E porque o Ceo lhe dilatava ainda a vida, para lhe accrescentar a coroa, o atravessaraõ com huma espada, e passou a recebella.

O P. Fr. Lourenço Ofarail Martyr.

Soube-a tambem merecer o Padre Mestre Fr. Thadeo, por geraçaõ illustre, mas ainda mais pela grande reputaçaõ em letras, e virtude. Este Padre, depois de viver alguns annos no Collegio, passou a Irlanda, em que foy Prior do Convento Tra-

O M. Fr. Thadeo, Martyr.

Tralïense, na Provincia de Momonia, em que se estendeo á fama de seu grande zelo em conservar, e augmentar a Fé. Convidou esta voz a diligencia, e odio dos hereges. Prenderaõ-no com industria, e chamado a Tribunal, e perguntado pelos Juizes, porque quebrara as ordens do Parlamento, que mandara sahir do Reyno a todos os Ecclesiasticos? Respondeo com liberdade, e inteireza Apostolica: *Porque tenho mais obrigaçaõ de obedecer a Deos, e a quem na terra tem as suas vezes, que me ordenou, que naõ desistisse do meu ministerio, que naõ a mandado de algum homem.* Com esta confissaõ o sentencearaõ á morte; nova, que elle ouvio com alvoroço, repartindo em alviçaras com quem lha deu, e com os algozes, o que lhe tinhaõ dado de esmola para suas necessidades. Foy condemnado a garrote, e suspendendo-se ao pé da forca com inflexivel animo, e coraçaõ, naõ só destemido, mas inflammado em superior fogo, fez hum largo Sermaõ em louvor da Religiaõ Catholica, porque dava a vida. Ponderou a brevidade della, propondo a formidavel incerteza da sua ultima hora, (e como outro André engrandecendo a Cruz, que foy seu patibulo) louvou, e engrandeceo o martyrio, e segurança do caminho, com que delle se passava ao immortal triunfo. Assim acabou constantemente a vida, deixando admirado o innumeravel Povo, que correo ao espectaculo, especialmente aos circumstantes, e algozes, vendo que se lhe trocava, e vestia o rosto (de seco, e macilento do rigor do carcere) em huma nova gentileza, que parecia mais que humana. Foy seu martyrio em Outubro de 1653.

Cum Ægeas Crucis extollentem mysteria.. diutius ferre non posset, in Crucem tolli, & Christi mortem imitari jussit. Ex festo S. Andre Ap.

Mas tenha esta Provincia a gloria de dar ás bandeiras de Christo naquelle Reyno hum Soldado, naõ só criado, mas filho della, porque o foy de habito do Convento de Bemfica. Foy este o Padre Fr. Mileno Matrah, que na profissaõ, e Provincia de Portugal se chamou Fr. Miguel do Rosario. Estudou em S. Domingos de Lisboa. Passou logo para o seu Collegio, e depois de alguns annos, para Irlanda, assim inflammado no zelo do exercicio Apostolico, que sabendo, que faltava Ministro delle na Cidade de Cluonmilia, dominada dos hereges, entrou nella desconhecido, consolando os Catholicos, e ministrando os Sacramentos, occupaçaõ, em que apanhado pelos inimigos da Fé, foy logo levado ao afrontoso patibulo da forca, e fazendo primeiro ao pé della huma pratica, (em que protestou, que o naõ trouxera áquella Cidade, mais que a obrigaçaõ de Missionario, sem entrar em importancias de governo) acabou a vida para merecer a eterna.

O P. Fr. Mileno Matrah Martyr.

Buscou-a pelo mesmo difficil caminho o Padre Fr. Ambrosio Ochail, que depois de gastar alguns annos no Collegio, se embarcou, e passou a Irlanda, em tempo, em que a guerra dos hereges contra os Catholicos andava mais acceza. Acompanhou o campo Catholico, ministrando os Sacramentos, e frequentando praticas aos Soldados: e sendo cativo em huma escaramuça, que houve junto á Cidade de Correagia, dando os hereges quartel aos mais prezos,

O P. Fr. Ambrosio Ochail Martyr.

zos, ſabendo, que elle era Religioſo, o fizeraõ logo em pedaços, que eſpalharaõ pelo campo, para ſuſtento dos corvos. Crueldade (de que pela boca de David ſe queixava a Igreja) uſada com ſeus benemeritos, e fideliſſimos filhos; e gloria grande deſte, que o mereceo ſer com ſemelhante morte.

A eſtes Martyres ás mãos da crueldade, podemos ajuntar dous, que o foraõ ás executivas da peſte, expondo-ſe aos ſeus golpes, por acodir, e remediar os Catholicos, que em Irlanda pereciaõ feridos della. Foraõ eſtes os Padres Fr. Miguel Claro, e Fr. Gerardo Bagote, ambos Collegiaes deſte Collegio. Mas coroemos as noticias delle com as de ſeu Fundador, o Meſtre Fr. Domingos do Roſario, benemerito deſta memoria, naõ ſó para credito deſta Caſa, mas porque o foy da Religiaõ com ſua vida.

Os Padres Fr Miguel Claro, e Fr. Gerardo Bagote.

Naſceo o Meſtre Fr. Domingos do Roſario na Provincia de Mamonia, em Irlanda, em hum lugar, chamado Quilſarcon, no Condado de Quieris. Foraõ ſeus pays illuſtres, tanto no ſangue, como na piedade, e pareceo o filho, aſſim como premio deſta, gloria daquelle. Criado na doutrina Chriſtãa, e moſtrando ſingular indole para os eſtudos, paſſou a Heſpanha, aonde conhecida ſua calidade, e talento, recebeo o habito de S. Domingos na Cidade de Lugo. Profeſſou; e ſervindo de edificaçaõ aos Religioſos, paſſou a eſtudar em S. Paulo de Burgos, ſahindo hum grande Theologo, e (continuando nos exercicios religioſos) hum exemplar do ſeu eſtado. Leo as Cadeiras de Filoſofia, e Theologia, e paſſando a Irlanda, foy mandado pelo Provincial daquella Provincia, por Lente do Collegio de Lovaina, aonde aſſiſtio alguns annos, até que o meſmo Provincial o mandou á Corte de Madrid com requerimento juſto, (como depois bem deſpachado) ſobre importancias daquelle Collegio.

Da Corte de Madrid paſſou a Portugal, á de Lisboa, a pertender a fundaçaõ de hum Collegio, que conſeguio, como já vimos, atropelando contrariedades, e alcançando licenças aſſim da Rainha Regente, como do Colleitor, e Arcebiſpo, a que todos era muy aceito. Fez aceitar o Collegio pela ordem no anno de 1644 no Capitulo celebrado em Roma, em que ſahio eleito em Meſtre Geral o Reverendiſſimo Fr. Thomaz Turco, e neſte Capitulo lhe deraõ a Patente de Meſtre em Theologia. De Lisboa voltou a Madrid, em pertençaõ da licença para a fundaçaõ do Moſteiro do Bom Succeſſo, como adiante veremos.

Eraõ iguaes nelle as letras, e a virtude, como a liberdade Apoſtolica, com que ſabia fallar as verdades aos Principes; qualidades, que o puzeraõ em grande reputaçaõ com os Monarcas Portuguezes. A Rainha Dona Luiza o fez ſeu Confeſſor; ElRey Dom Joaõ o IV. o mandou a França com duas enviaturas; concluio com felicidade a importancia dellas, ganhando com os Reys Chriſtianiſſimos agrado, eſtimaçaõ, e ſingulares honras. No meyo do commum applauſo, e deſtas demonſtraçoens, com que o authori-

rizava o Mundo, o achavaõ sepultado no centro da humildade. Escutava-se no singelo de sua pratica, via-se no trato de sua pessoa, porque em quasi todas suas peregrinaçoens, e jornadas, o viaõ caminhar a pé, valendo-se de hum bordaõ para o cançaço, e de pedir pelas portas para o sustento. Toda sua ancia era o augmento da Fé, e da veneraçaõ, e culto de Deos. Tinha singular modo para reduzir, e affeiçoar a ella; zelo, que o fez Consultor do Santo Officio, (occupaçaõ rara naquelle tempo) para que o chamou o Inquisidor Geral D. Antonio de Sottomayor.

Observante das Constituiçoens, nunca comeo carne, sempre vestio lãa. Frequentava a oraçaõ, continuava os jejuns, ajudados de rigorosa disciplina. Servia-lhe de cama o pavimento da Igreja, ou na cella o duro de alguma taboa. Escusouse com isençaõ Apostolica ao titulo de Bispo de Tangere, com assistencia, e rendas na Corte. Regeitou a Mitra de Primaz da India, que huma cousa, e outra lhe offerecia ElRey D. Joaõ o IV. até que falecido ElRey, houve de aceitar o Bispado de Coimbra, para acodir ás duas fundaçoens, de que tinha o governo, e necessitavaõ de soccorro, mais que para utilidade sua, porque se via reduzido a estado por annos, e doença, que sem duvida o aceitou, por se ver em vesperas de o deixar. Succedeo assim; porque só oito mezes contou mais de vida, antes de purgatorio, com rigoroso achaque, que lha tirou, mas taõ confórme com elle, que se conjecturou a melhor, que mereceo. Acabou em trinta de Junho de 1662, deixando a todos geralmente sentidos, aos seus desamparados, e saudosos. Seu corpo foy sepultado com pompa, e concurso popular, e demonstraçoens de veneraçaõ, merecida de sua vida, e exercicios della. Cobre-lhe em seu mesmo Collegio a sepultura huma grande pedra com estas letras:

Hic jacet Venerabilis Pater Magister Frater Dominicus de Rosario Hybernus, hujus, & Conventus Monialium Boni Successus Fundator. In variis Regum legationibus felix. Episcopus Conimbricensis electus, vir prudentia, literis, & Religione Conspicuus.

Obiit trigesimo Junii. Anno Domini 1662. ætatis suæ sexagesimo septimo.

Este foy o Mestre Fr. Domingos do Rosario, Varaõ desejado de muitos seculos, Irlandez por nascimento, e Patria, Portuguez por amor, e assistencia, a quem a Religiaõ dos Prégadores deveo a fundaçaõ fructuosa de duas Casas, Seminario de Martyres, e Virgens; ou Hospicios, em que os generosos espi-

pi-

piritos de huns, e outros naõ descançaraõ, mas se detiveraõ a merecer os eternos socegos da Patria, a que passaraõ pelo estreito caminho do martyrio, e da penitencia. Já vimos a fundaçaõ do Collegio de nossa Senhora do Rosario, vejamos agora a do Mosteiro de nossa Senhora do Bom Successo.

CAPITULO XVIII.

Fundaçaõ do Mosteiro do Bom Successo. Entra o Mestre Fr. Domingos em pensamentos da nova fundaçaõ. Abrese-lhe prodigiosamente caminho para ella. Sobrecrescem embaraços; mayor o da licença delRey. Vencem-se todos.

FEriaõ continuamente nos ouvidos do Mestre Fr. Domingos os brados (de que naõ estava longe sua compaixaõ) da Christandade de Irlanda, que gemia desamparada debaixo do flagello da heresia. Assim dominava, e affligia esta cinco diladas Provincias, que antigamente foraõ Reynos, em que florecia a Fé, que agora se via pizada dos apostatas sacrilegos, que lhe arrancavaõ tyrannamente dos peitos os miseraveis filhos. Já para os mais retiros, que escapavaõ da perseguiçaõ, lhe negoceara o Mestre Fr. Domingos hum Sagrado, fundando-lhes o Collegio. Restava lhe agora mayor cuidado no desamparo, e afflicçaõ das donzellas daquelle Reyno, (do mais escolhido da nobreza delle) cada dia orfãas, perdendo os pays, a que a astucia, e pravidade heretica, impondo falsamente o labeo de traydores, tiravaõ as vidas, saboreado o fim de extinguir a Fé, com o de lhes roubarem as fazendas; e passando muitas vezes, e vencendo a crueldade a ambiçaõ, naõ se fartando com fazendas, e vidas, exercitava nos corpos dos miseraveis as carniçarias do rancor, e do odio. A huns abriaõ, e arrancando-lhe as entranhas, lhe lançavaõ os palpitantes corações em ardentes fogueiras; outros deixavaõ pendurados em infames patibulos; outros faziaõ em quartos, repartindo-os pelos lugares publicos, para medonho aviso, e ameaço dos Catholicos. Estes eraõ os espectaculos, que continuamente se offereciaõ aos olhos das desamparadas filhas, bastantes a atemorizar mayores constancias, que as que promettiaõ sexo fragil, poucos annos, e esses mimosos, e delicados.

Neste perigo urgente de abraçarem a heresia, por fugir á perseguiçaõ, de terem difficultoso, e quasi impossivel recurso aos Ministros da Fé, em poder de parentes hereges, e com os fios da espada, posta a cada instante na garganta, considerava o bom Padre as donzellas illustres de sua Patria, e entrou comsigo em huma empreza, que entendeo lhe custaria menos, que esta agonia. Intentou lavrar huma Casa, que fosse Sagrado para aquellas perseguidas, sem mais conselho em taõ grande obra, que levantar os olhos á Divina Providencia. Assim encomendou o negocio a Deos; mas cresciaõ os embaraços, quanto mais se meditava a resoluçaõ. Era o primeiro as poucas, ou nenhumas posses, e a grandeza do que se emprendia. Naõ

se

ſe achar ſitio na Cidade, Caſa, ou Quinta nas viſinhanças della, de que podeſſe lançar maõ a diligencia. Mas o que ſuperava todas, era o conſeguir licença para a fundaçaõ nova, (e mais para Eſtrangeiros) em tempo, e em materia, em que os naturaes, e os mais poderoſos eſcutavaõ cada dia deſenganos. Mas o Ceo, que lhe aconſelhara a reſoluçaõ, lhe foy dando luz para entrar nella. Devia o Meſtre Fr. Domingos grandes demonſtraçoens de liberalidade caritativa a Dona Catharina Telles de Menezes, Senhora de Barbacena, (que já tinha deſempenhado ſua generoſidade piedoſa na fundaçaõ do Collegio) communicou-lhe agora os ſeus novos intentos, e a grande força dos ſeus motivos, que approvados de Dona Catharina, lhe prometteo quatro mil cruzados para a compra do ſitio do Moſteiro.

Com eſte primeiro arrimo começou o Padre a caminhar mais alentado nas ſuas eſperanças, logo mais favorecidas de Dona Marianna de Mello, (donzella illuſtre, diſcipula de ſeu eſpirito, e exemplo) filha mais velha de trez, que teve Ruy de Mello de Sampayo, Fidalgo bem conhecido por ſua nobreza, e peſſoa. Communicou o Padre a ſua empreza a Dona Marianna, que ouvindo-a com alvoroço, (por mais que o Padre queria meter tempo em meyo) lhe prometteo logo, que ſeria a primeira, que entraſſe na ſanta Clauſura, melhorando de eſpoſo, e fogindo ao que ſeu pay lhe propunha, porque naõ tendo filho, entrava em cuidados de fazer nella caſa. Com os meſmos intentos de ſe recolher a huma Recoleta Franciſcana, ſe achava ſua irmãa Dona Luiza de Mello, que convidada agora por ella, para a acompanhar na fundaçaõ nova, (pratica, que o Padre movera, preſentes ambas) ſe eſcuſou logo com a vida, que em ſeu penſamento eſcolhera. Acodio o Padre (como ſe fallara illuſtrado,) e diſſe-lhe: *Que o por-ſe nas mãos de Deos, era o mais ſeguro, porque ſó nelle ſe achavaõ verdadeira luz, e caminho.* Fello aſſim Dona Luiza, e eſtando huma noite em oraçaõ, (exercicio em que ſe criara) reparando em ſi meſma, ſe vio veſtida em hum habito Dominico. O parecer-lhe illuſaõ, lhe accreſcentou o reparo, e ſeguir-ſe a eſte o deſengano de que era aſſim o que eſtava vendo. Naõ ſe fiava ella de hum claro juizo, de que o Ceo a dotara, e propoz o caſo ao Meſtre Fr. Domingos, e a alguns Theologos Dominicos, e da Companhia, que reconhecendo a pureza de ſua vida, e exercicios della, aſſentaraõ, que reconheceſſe aquella repreſentaçaõ por conſelho, e aviſo do Ceo.

Achavaõ-ſe já neſte tempo eſtas duas irmãas (em companhia de outra) em Santos, nobre Moſteiro das Commendadeiras da Ordem de Santiago, no caminho de Xabregas, pouco diſtante de Lisboa, Caſa, a que ſe tinhaõ recolhido por morte de ſeu pay Ruy de Mello. Alli grangearaõ nova povoadora para a fundaçaõ futura, em que ambas tinhaõ feito voto de ſepultar a vida. Foy a nova convidada, Dona Magdalena da Sylva (filha de D. Manoel de Me-

Menezes, taõ illuſtre, como o diz o ſeu appellido) por mais que ao principio moſtrou alguma repugnancia; taõ myſterioſamente vencida, que tomando o Padre por director de ſua alma, foy a cooperadora de mais importancia, que teve eſta empreza. Aſſim ſe achava já o Padre com quatro Freiras em promeſſa, porque a terceira filha de Ruy de Mello (que eſtava com as irmãas na meſma Caſa de Santos, e ſe chamava Dona Angelica de Mello) abraçara a meſma reſoluçaõ, e com o meſmo goſto. Todas eraõ illuſtres por naſcimento, ſingulares por prendas da natureza, e com algum cabedal, o mayor de virtudes. Mas fazendo o Padre grandes diligencias em deſcobrir, e eleger ſitio taõ infrutuoſas, que de algum modo afrouxava a reſoluçaõ das que procuravaõ eſte genio de vida; cuidado, que trazia ao Padre taõ afflicto, como o que entendia o poder, que tinha o tempo para esfriar vontades, e enfraquecer reſoluçoens grandes, porque nas ſuſpençoens ſe lhe diviſavaõ melhor as difficuldades. Mas acodio-lhe o Ceo, facilitandolhe eſta: porque tendo Dona Magdalena noticia, muito acaſo, de que a Condeſſa da Atalaya tinha deſejo de conſagrar a Deos, para Caſa ſua, huma Quinta, e muita fazenda, de que era ſenhora, entrou em praticas com ella, tendo por medianeira a Condeſſa de Sabugal Dona Luiza Coutinho, mulher do Conde de Sabugal, D. Franciſco de Caſtello Branco, Meirinho mór; e ſendo o intento aſſaz difficultoſo por outras fundaçoens, em que a Condeſſa da Atalaya tinha entrado ſem effeito, ſe reduzio agora a elle com tanta felicidade, que em breves dias ſe viraõ facilitados embaraços, que o naõ promettiaõ em muitos annos, e o Meſtre Fr. Domingos de poſſe de hum tal ſitio, que antes, que achado, parecia eſcolhido.

Corria o anno de 1630, quando acompanhado do Preſentado Fr. Pedro Yannes (Religioſo da Ordem, de naçaõ Heſpanhol, e ao preſente Prelado do novo Collegio) partio deſta Corte de Lisboa para a de Madrid o Meſtre Fr. Domingos, fiado em algumas cartas de favor, e da grande entrada, que ſeu companheiro tinha com os Miniſtros de mayor ſuppoſiçaõ daquella Coroa, para que ſe facilitaſſe a licença da nova fundaçaõ; empreza, que ſó o Ceo podia aconſelhar á viſta das repulſas, com que ſemelhantes ſupplicas ſe viaõ ao preſente, ou entretidas com vagaroſas eſperanças, ou de todo deſenganadas. Mas o Meſtre Fr. Domingos, pratico nos caminhos de Deos, naõ ſuſpendia os paſſos por temer os abrolhos, entendendo, que a reſoluçaõ de os pizar, havia de merecer o valor para os vencer. Chegaraõ a Madrid, buſcaraõ os Miniſtros, propuzeraõ a ElRey Filippe IV. de Caſtella, e III em Portugal, a ſua pertençaõ, que eſcutando-a com bom ſemblante, a mandou pôr em Conſelho, que os favoreceo com o deſpacho de lhes naõ dilatar o deſengano. Naõ eſperou mais o Padre; entendeo, que o Ceo ſe naõ ſervia de ſeu zelo; a ſeu pouco eſpirito attribuia a infelicidade do ſucceſſo. Eſcreveo logo a Lisboa,

boa, dando noticia delle a Dona Magdalena, e desobrigando-a da sua palavra, como ás mais, que se tinhaõ obrigado por ella, pois Deos assim o dispunha; e que sem duvida as melhoraria a sua Providencia. Naõ se affligiraõ as boas Senhoras com a carta, antes responderaõ ao Padre, que nada innovariaõ até o naõ verem em Lisboa; mas que lhe pediaõ, que naõ levantasse maõ da diligencia, ainda supposta a repulsa. Naõ fundavaõ menos que no Ceo a sua esperança, porque parece, que elle mesmo lha dera. Foy o caso referido depois pelo Mestre Fr. Domingos, como o que tinha tanta noticia de suas consciencias.

Antes que o Padre partisse para Madrid, naõ faltaraõ pessoas, e de mayor supposiçaõ, que o despersuadiaõ da jornada, tendo-a por infrutifera. Mas sendo sempre de contrario parecer, as constantes discipulas lhe requeriaõ da parte de Deos, que fosse, porque a duas dellas (isto lhe communicavaõ, e naõ se soube nunca dos nomes) illustrara o Senhor, dando-lhe a entender: *Que teria effeito a nova fundaçaõ: que concorreriaõ a ella muitas Religiosas, mostrando-se-lhe gloriosas Capellas, com que a Rainha do Ceo, e seu bemdito Filho havia de premiar suas esposas: que o Mestre Fr. Domingos veria a Casa em sua perfeita religiaõ, e observancia; e que, falecidas primeiro nella cinco Religiosas, acabaria a vida.* O que tudo se vio com experiencia. Mas voltando a Madrid com a reposta, e constancia das boas filhas, tornou o Padre a resuscitar a sua pertençaõ com desagrado dos Ministros, dos quaes aconselhado Fr. Pedro Yannes, (a que o Padre Mestre obedecia, como a Prelado da sua consciencia) lhe mandou, que logo desistisse da empreza, e passasse a Portugal para o lugar de Vigario do seu Collegio, que tanto necessitaria de tal Prelado. Naõ houve replica, dispunha-se a jornada, quando na vespera della entrou na Igreja do Collegio de Santo Thomaz de Madrid (em que o Padre se detinha orando) huma mulher de aspecto veneravel, e trage honesto, e chegando-se a elle, lhe perguntou se assistia alli hum Religioso Irlandez, por nome Fr. Domingos do Rosario. Ao que dando-se a conhecer o Padre, e inquirindo a causa da pergunta, disse a mulher: *Padre adverti, (já que o sabeis) que a obediencia aos pays espirituaes naõ se deve observar com detrimento do bem commum, e causa geral. Tratay do negocio, que tendes entre mãos, que he muito do serviço de Deos.* E dito isto, voltou sem dar mais reposta ao para que lhe perguntara quem era.

Assim ficou entre alvoroçado, e suspenso; porque ainda que naõ ignorava que o conselho naõ era humano, via por outra parte que se lhe cerravaõ os caminhos de obedecello. Recorreo á oraçaõ, e differio com dissimulaçaõ a jornada por alguns dias. Praticava-se a este tempo nos conselhos daquella Coroa com grande calor o intento delRey, que era levantar Terços, e escolher Cabos no Reyno de Irlanda, para subsidios da guera, que ao presente trazia com os rebeldes de Hollanda. Naõ se escondia a El-

Rey a total noticia do Meſtre Fr. Domingos, ſeu eſpirito, ſua capacidade, ſua qualidade (grandes huma, e outra) ſua Patria, e o reſpeito, que conciliaria nella. Poz logo nelle os olhos, e chamando-o a particulares conferencias, acabou de ajuizar, que para o que intentava, naõ ſe deſcobriria peſſoa de mais importancia. Eraõ de muita as promeſſas, com que ElRey o convidava: mas o bom Padre, que naõ aſpirava a outra mais, que á que alli o detinha, propoz a ſua antiga ſupplica da licença: a que ElRey deferio logo; e interpondo ſua Real palavra, deſpachou o Padre para Irlanda.

CAPITULO XIX.

Volta o Meſtre Fr. Domingos de Irlanda; alcança todas as licenças para a nova fundaçaõ. Da-ſe noticia da revelaçaõ, que ſobre ella teve huma Religioſa de virtude.

DE Madrid partio o Meſtre Fr. Domingos para Biſcaya, donde ſe embarcou, e paſſou a Irlanda, e em poucos dias á Cidade de Lembrie, Provincia de Momonia: e como levava muito papel aſſinado por ElRey, que fiava da ſua capacidade a eſcolha dos ſogeitos, e elle tinha noticia dos que poderiaõ deſempenhar a ſua eſcolha, em poucos mezes ſatisfez a commiſſaõ com tanta fortuna, como depois ſe conheceo por experiencia; e praticando com as Senhoras daquelle Reyno (as mais, parentas ſuas) ſobre o intereſſe das perſeguidas, na fundaçaõ nova, lhes facilitou o caminho para que, havendo occaſiaõ, ſe retiraſſem a ella. Paſſou logo a Madrid, merecendo a graça delRey, que ſe deu por bem ſervido, (inteirados já os Miniſtros do que o Meſtre Fr. Domingos tinha obrado) mas entrando elle no requerimento da licença, aſſim diſputaraõ elles ſobre ella, que, ainda mediando a palavra Real, durou a duvida; e querendo ſatisfazer ao Padre, lhe offereceraõ huma Mitra, e os dotes para quatro ſobrinhas ſuas entrarem em Religiaõ; offertas, que elle teve em menos, porque o naõ traziaõ empenhado intereſſes proprios. Aſſim foy ſeu animo milagre naquella Corte, deſpido de cobiça, e reveſtido de conſtancia. Nada negocearaõ com elle promeſſas; mandou-lhe ElRey paſſar a licença. He a ſeguinte no noſſo idioma, lançada aqui como ſe lê no original, e como devem fazer os Chroniſtas, para authorizarem ſeus eſcritos, valendo menos a cenſura com que nos ſeus quiz certo Author condemnar ao Padre Fr. Luiz de Souſa, (com quem devia trocar em veneraçaõ a competencia) que occupava as paginas dos livros com as Proviſoens, e Alvarás, nas fundaçoens dos Conventos; ſem advertir eſte Author, que naõ era penuria de aſſumptos, nem induſtria de alargar a letra para avultar tomos, mas conhecimento de que as Proviſoens ſaõ para ſemelhantes edificios as primeiras, e para a verdade, e credito delles, as mais preciſas teſtemunhas. Diz o Alvará:

Eu ElRey faço ſaber aos que eſte Alvará virem, que, por quanto Fr. Domingos do Roſario, da Ordem de S. Domingos, Qualificador do Santo Officio da Inquiſiçaõ, Comiſſario Geral da Miſſaõ de Irlanda, me repreſentou, que he tanta a perſeguiçaõ, que padece o dito Reyno, de muitos annos a eſta parte, por razaõ de noſſa Santa Fé Catholica, ſem por iſſo haver afrouxado hum ponto nella, que em nome do dito Reyno recorria a mim Protector della, para que foſſe ſervido de aſſentar, e favorecer os Catholicos daquelle Reyno, no que houver lugar, pedindo-me que, por quanto naõ ſe lhe permitte que nelle haja Convento algum, por cuja cauſa padecem muita neceſſidade, e deſcommodidade as peſſoas nobres, que naõ tem dote, nem poſſibilidade para caſar ſuas filhas, com que ficaõ toda a vida ſem eſtado, lhe faça merce dar licença, para que na Cidade de Lisboa, ou ſeu termo, poſſa fundar hum Moſteiro de Freiras da meſmo Ordem de S. Domingos, pois he taõ grande ſerviço de Deos, e conſolaçaõ daquella Chriſtandade, concedendo-lhe que poſſaõ aceitar quaeſquer doaçoens, e eſmolas, que ſe lhe derem para a dita fundaçaõ. E tendo eu conſideraçaõ ao fim referido, e por outros juſtos reſpeitos, hey por bem, e me praz, conceder licença ao dito Fr. Domingos do Roſario, para fundar hum Convento de Irlandezes na Cidade de Lisboa, ou ſeu termo, no qual poderá haver numero de cincoenta Religioſas, e ter de renda até cinco mil cruzados, em juros, ou pelo menos, ametade, e o mais em bens de raiz. E da permiſſaõ deſta fundaçaõ ſe pagou de mea Annata ſeis ducados, e pelo que mais tocar á mea Annata, da renda, e calidade della, ſe deu fiança de pagar o que ſe dever. Pelo que mando a todos, e a quaeſquer Miniſtros, Officiaes, e peſſoas de qualquer calidade, eſtado, ou condiçaõ, que ſejaõ, a que o conhecimento deſta pertencer, que a cumpraõ, e guardem, e façaõ cumprir, e guardar, como nella ſe contém, ſem embargo de quaeſquer leys, que em contrario haja, que todas por eſta vez hey por expreſſas, e derogadas, ainda que ſejaõ da calidade, que dellas ſe deva fazer expreſſa mençaõ; e valerá, poſto que ſeu effeito haja

de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenaçaõ do livro segundo, titulo 40. Martim de Figueiredo Sarmento a fez em Madrid, aos 21 dias do mez de Março de 1639 annos. Diogo Soares a fez escrever.

REY.

Aqui começaraõ a trocar-se as esperanças do Mestre Fr. Domingos em alvoroços, em que repetia ao Senhor muitas graças, de lhe acabar de desembaraçar aquella venturosa estrada, porque queria conduzir suas esposas ao thalamo da eterna felicidade. Tambem o foy para elle o achar a este tempo na Corte de Madrid ao Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, Provincial entaõ da Provincia de Portugal, que, como muito familiar do Mestre Fr. Domingos, festejou a licença conseguida, e deu a sua, para haver a nova fundaçaõ na Provincia. E porque nesta licença se exprime a estreiteza, e regular observancia, com que se fundou esta Recoleta, a lançamos aqui para mayor clareza da Historia. Diz assim a licença:

Nós o Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, Prégador de Sua Magestade, do seu Conselho, e do Geral da Inquisiçaõ, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores, nos Reynos de Portugal, por quanto o Padre Fr. Domingos do Rosario, Irlandez de naçaõ, e Religioso da dita nossa Ordem, nos representou os grandes trabalhos, que de annos a esta parte padece o Reyno de Irlanda, com continuas perseguiçoens dos hereges, sem poder fundar Casa alguma, ou Mosteiro, aonde em Communidade possaõ viver as pessoas devotas, que se querem dedicar, e consagrar ao serviço de Deos nosso Senhor; no que passaõ grandes incommodidades, particularmente as Senhoras, e mulheres nobres, que ou por inspiraçaõ de Deos, ou por naõ poderem casar conforme sua calidade, ficaõ toda a vida sem estado nenhum, naõ sem perigo da offensa de Deos; e do credito de sua nobreza. E por quanto outro si, o dito Padre Fr. Domingos do Rosario tem achado pessoas nobres, e pias de nossos Reynos, que com liberalidade, e caridade Christãa, offerecem, e daõ suas fazendas para se fazer hum Mosteiro de Freiras recoletas, e muy observantes, para recolhimento das mulheres illustres da dita naçaõ Irlandeza; desejosos nós de favorecer

taõ

taõ pios intentos, dando todo o favor, que nesta parte podemos, pela presente: Damos licença ao dito Padre Presentado Fr. Domingos do Rosario, para fundar hum Mosteiro de nossa Sagrada Religiaõ na Cidade de Lisboa, ou seu termo, e destricto; aonde achar sitio accommodado para a dita fundaçaõ, com as condiçoens seguintes. Primeiramente, que o dito Mosteiro seja sempre recoleto, e muito pontual na observancia de nossas leys, e Sagradas Constituiçoens; que nenhuma Religiosa de qualquer calidade, que seja, possa ter algum tempo deposito, nem fazenda alguma, mais do que lhe der a Communidade, e que muito menos possa ter rendas, nem cousa annual. Segunda, que nunca poderáõ comer carne, nem trazer pano de linho, senaõ em enfermidades graves. Que tenhaõ sempre Coro, donde em Communidade se diraõ todas as Horas do Officio Divino, e o Rosario da Virgem. Que naõ possaõ ter locutorios, nem grades abertas para fallar a pessoa alguma, salvo a parentes muito chegados, dentro no terceiro grao, ou alguma vez, ou por algum fim de grande importancia, de caridade, ou de serviço de Deos, e com expressa licença dos Prelados, e da Prioreza, para as quaes cousas acima referidas, e juntamente, para de novo estabelecer quaesquer Estatutos, e Leys conducentes á dita observancia regular, damos, e concedemos ao dito Padre Presentado Fr. Domingos do Rosario toda nossa authoridade, e plenaria faculdade; e outro si lhe damos poder para obrigar as Religiosas, que no dito Mosteiro sub qualquer protesto viverem, com preceitos, e censuras, a guardar tudo acima referido. E para alcançar quaesquer doaçoens, ou esmolas de bens moveis, ou de raiz, e para fazer obras, e comprar sitio, e casas para a tal fundaçaõ, e em geral para celebrar quaesquer escrituras, contratos, e concertos pertencentes de qualquer maneira ao dito Mosteiro, com todas as mais faculdades no espiritual, e temporal, que para seu bom governo forem necessarias. Dada em Madrid, a 15 de Junho de 1639.

Fr. Joaõ de Vasconcellos,
Prior Provincial.

Com

Com estes despachos voltou o Mestre Fr. Domingos para Portugal, favorecido em tudo do Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, como se vê no copioso da licença, que lhe passava como Commissario, que era com todas as vezes do Reverendissimo, (e constituido por elle) do Collegio, e Mosteiro futuro de Religiosas, e Religiosos Irlandezes. Foy o Mestre Fr. Domingos bem recebido da Condessa da Atalaya, e das Religiosas em promessa, as trez filhas de Ruy de Mello, e Dona Magdalena da Sylva, que havia seis annos, que sustentavaõ os santos propositos na esperança já venturosa com a visinhança da coroa. Era pelos annos de 1639 quando entrou o Padre em pensamentos, e diligencias de Religiosas Fundadoras. Desejava, que viessem do Mosteiro do Sacramento, Oraculo da virtude, e observancia, como de outros Mosteiros, escolha de seu espirito, e experiencia; mas escusando-se estas com encolhimento religioso, houve de accommodar se com duas de outra Casa, ainda que com a mesma sufficiencia. Vieraõ de S. Joaõ de Setuval, por ordem do Provincial, o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, a Madre Sor Anna da Conceiçaõ, e a Madre Sor Antonia Theresa de Jesus. As mais esperavaõ o dia da entrada, e determinava o Mestre Fr. Domingos, que as acompanhasse nella huma irmãa do Marquez de Montalvaõ, chamada Sor Francisca da Cruz, Religiosa no Mosteiro da Annunciada de Lisboa, pessoa de grande opiniaõ, com quem o Padre tinha assentado a entrada; e alcançada a licença para a mudança, lhe fazia agora aviso do dia. Mas oppozse a Prelada, e o Confessor da Casa; (que sabiaõ avaliar o thesouro, que esta guardava em Sor Francisca) desengano, e embaraço, que ella sentio, e com que respondeo ao Mestre Fr. Domingos, dando-lhe noticia de huma visaõ, que tivera, (sobre o Orago da Casa, e nome, que se acabava de pôr á fundaçaõ nova) de que o mesmo Padre, como director de sua consciencia, tivera já noticia; mas pedia-lha agora, e de sua mesma letra, para mostrar a razaõ de se resolver no titulo da Casa, para ficar no Cartorio della, aonde hoje se lê, e diz o seguinte:

Por obedecer a Vossa Paternidade faço este apontamento; que os trabalhos, em que Deos me tem posto, saõ taõ grandes por meus peccados, que naõ atino a nada, e isto fora melhor praticado, que apontado. Estando huma noite no Coro, vi na Igreja duas pessoas irem da grade do Coro debaixo, passeando até á Capella mór, e de lá tornaraõ para a mesma grade; ambas estas pessoas hiaõ com o mesmo trage, e toucado, com huns Sceptros de prata, muitos fermosos, nas mãos, que eu cuidava, que eraõ espadas, porque tinhaõ muito fermosos cabos; e a huma des-

destas pessoas naõ pude ver o rosto, á outra enxerguey todas as feiçoens, e estava toucada com huma toalha branca desaffastada do rosto, e a coroa emcima da cabeça; e como naõ era destas coroas costumadas, cuidava eu, que era toucado; isto era de noite, e a Igreja estava taõ clara, como se fora de dia; pareceme ser isto sonho, porque eu estava afastada da grade, e via o que hia na Igreja, muy clara, e distinctamente, como se estivera acordada, ficoume isto taõ impresso na imaginaçaõ, que me deu muito em que cuidar. Isto foy quando prenderaõ o Colleitor; pareceme a mim, que significava isto fortaleza na Igreja de Deos. Dahi a poucos dias me veyo V. P. dizer se queria ir para esse Mosteiro, que dentro em trez dias fosse; tomey eu entaõ isto, que vi por esta ida, porque me lembrou, que quando se fundou o Mosteiro do Sacramento, me escreveo o P. Fr. Joaõ de Portugal, que lhe havia de dar hum sim, e que ainda que depois chovessem espadas nuas sobre mim, naõ havia de desistir; eu como cuidava, que estes Sceptros eraõ espadas, pareceme, que me declarava nosso Senhor a firmeza, que eu havia de ter em ir; dey logo conta disto aos parentes, com grande determinaçaõ de naõ desistir disto, foy tanta a desconsolaçaõ de meus parentes, que mo estrovavaõ por todas as vias, que poderaõ, e a Prelada, e o Confessor todos se pozeraõ da parte dos parentes; andava eu com isto muy desconsolada, e afflicta, e sabia huma Freira, que eu andava assim, foy-se hum dia, estando eu no Coro com bem de lagrimas, e levoume hum registo, e disse: Naõ se desconsole, que aqui lhe trago N. Senhora do Bom Successo; encommendese muito a ella; eu em lhe pondo os olhos, vi que era aquella pessoa, que eu tinha visto na Igreja. Fiquey toda traspassada, e como embaraçada, e muito confiada em esta Senhora me levar para esse Mosteiro, e ainda hoje naõ perco as esperanças de me fazer esta mercê, porque estou com muita fé nesta Senhora. Este retabolo dey a meu irmaõ, para levar comsigo ao Brasil, pela grande fé, que tenho nesta Senhora; dahi a muitos dias soube que esse Mosteiro se chamava de N. Senhora do Bom Successo, com que fiquey ainda com mayores desejos de a ir servir nessa santa Casa.
Naõ diz mais o papel.

Che-

Chegou este ás mãos do Mestre Fr. Domingos, depois da entrada das Religiosas, e elle o pedio para mostrar a todas o como aquella Senhora buscava povoadoras para a sua Casa, e como o titulo do Bom Successo, que tinhaõ nella, parecia mais que escolha humana. Naõ se deve dar credito ligeiramente a revelaçoens, menos os homens doutos, e timoratos; mas tambem naõ devem estes desconhecer, que póde Deos escolher as consciencias puras para interpretes da sua vontade: e como declarar Orago a huma Casa, he devoçaõ, e escolha pia, quiz o Mestre Fr. Domingos, que esta Casa tivesse o titulo do Bom Successo, attendendo ao que a Sor Francisca tinha ouvido.

Tambem ao ser a Casa Dominica (cousa bem remota das tençoens da Fundadora) precedeo huma piedosa circumstancia, que aqui apontamos pelo testemunho della, naõ lhe concedendo mais reparo, que o que se deve a hum sonho, succedido em tempo, e tendo depois effeito, que o fez parecer mysterioso. Foy o caso, que embargando-se á Condessa da Atalaya a casa de Enfermaria, que na sua Quinta tinha fundado aos Padres Arrabidos, sonhou huma noite, que via entrar na Ermida cinco mulheres vestidas de branco, e que concertando o Altar della, lhe accendiaõ as vélas, e desappareciaõ, deixando-as accezas. Acordou com a apprehensaõ do risco, que podia ter o lume, sem quem o apagasse; mas vendo, que era sonho, o deixou esquecido, vindo depois de muitos tempos a fazer nelle reparo, vendo a Casa Dominica; o que menos imaginara. Catholicas experiencias temos das muitas vezes, que escolhe o Ceo os sonhos, ou para importantes avisos, ou para venturosos annuncios. De casa temos exemplo no que sonhou Honorio III. que nosso Patriarca sustentava em seus hombros a Igreja. Levantouse a de Santa Maria Mayor em Roma, sendo hum sonho, o que lhe deu o nome, e lhe demarcou o sitio. Com esta razaõ naõ quizemos deixar sem reparo, o que precedeo á fundaçaõ do Bom Successo.

In festo B. Mariæ ad Nives die V. Aug.

CAPITULO XX.

Entraõ as Religiosas em Clausura, da-se conta da observancia, que se começou a guardar nella. Lança-se a primeira pedra na Igreja nova.

Determinou-se a entrada em 12 de Novembro do mesmo anno de 1639. Estava a Quinta, em que havia de principiar a Clausura, reduzida pela Condessa a hum Recolhimento com sua Ermida, e mais commodos, ainda que estreitos, e acanhados, como destinados a Communidade pequena. Tinha ficado naquella fórma por algumas fundaçoens, que intentara a Condessa. Fora a primeira, hum Convento de Santa Paula, para que conduzio de Madrid algumas pessoas de grande calidade, com dispendio grande, tudo diligencia baldada, porque a fundaçaõ naõ teve effeito por falta de licença. Succedeo o mesmo a varias Religioens, que pertendiaõ a Condessa Bemfeitora, ou Padroeira em suas Casas,

ſas , ou em fundaçoens novas, como foraõ os Padres Jeronymos, os Trinos, os Gracianos, e os Terceiros, a que ſeguiaõ as Religioſas de Santa Monica, do Calvario, e de Santa Anna, a que naõ deferio a Condeſſa, reſolvendo-ſe a fazer huma Enfermaria para os Padres Arrabidos; e eſtando já tudo com a ultima maõ, foy embargado por ordem de D. Antonio de Ataide, Conde de Caſtro de Ayro, entaõ hum dos Governadores deſte Reyno.

Neſte tempo, precedendo aquella repreſentaçaõ, que teve a meſma Condeſſa na Ermida da meſma Quinta, ſe encontrou com Dona Magdalena da Sylva, praticou com o Meſtre Fr. Domingos, e trataraõ a fundaçaõ, e o mais que fica relatado, naõ carecendo de myſterio, que tiveſſem tantas fundaçoens embaraços, para cederem, e ſe coroarem todos, vindo a prevalecer eſta da Ordem de S Domingos; demonſtraçaõ da ſingular Providencia, com que naõ ſó o Ceo eſcolhia eſta Caſa para Palacio da ſua Rainha, mas o meſmo Chriſto, para hoſpedagem das Peregrinas, que com a candida gala Dominica vinhaõ celebrar com elle venturoſas vodas.

Chegou finalmente o dia da entrada, e recolhidas na Clauſura as duas Fundadoras, a Madre Sor Anna da Conceiçaõ, e a Madre Sor Antonia Thereſa de Jeſus, a que acompanhou (entrando com ellas, e ſeguida de algumas Senhoras) a Duqueza de Mantua, que governava eſta Coroa por Caſtella, ſe celebrou na Ermida com toda a ſolemnidade, e pompa, a Miſſa com a muſica da Capella, e Sermaõ de hum dos dous Oraculos, que mereceo aquelle ſeculo, o Meſtre Fr. Domingos de Santo Thomaz, Prégador del-Rey, Religioſo Dominico, que já no primeiro livro nos ſervio de mais largo aſſumpto. Aſſiſtiraõ a Communidade de S. Domingos, nobreza da Corte, e Povo innumeravel. Lançou logo o Veneravel Padre Meſtre Fr. Joaõ de Vaſconcellos o habito a cinco Noviças. Foraõ ellas, Dona Magdalena da Sylva, filha de D. Manoel de Menezes, que ſe chamou Sor Magdalena de Chriſto; Dona Luiza de Mello, filha de Ruy de Mello de Sampayo, que ſe chamou Sor Luiza Maria do Sacramento; Dona Leonor Ilavanor, Irlandeza, (filha do Senhor de Polmonte, e Boreſe, Caſa illuſtriſſima da Provincia de Lagenia) que ſe chamou Sor Leonor de Santa Margarida. Foraõ as outras duas, Sor Leonor do Calvario, e Sor Jacintha de Jeſus Maria, peſſoas nobres, e de boas partes, ambas Portuguezas. Naõ entraraõ mais neſte dia, mas dahi a poucos mezes o fizeraõ as outras duas filhas de Ruy de Mello, Dona Marianna, e Dona Angelica, que ſe chamaraõ Sor Marianna de Jeſus, e Sor Angelica Maria das Chagas, a que acompanharaõ duas Irlandezas illuſtres, de grande virtude, e partes Sor Cecilia do Roſario, e Sor Joanna da Trindade.

Trouxeraõ todas eſtas Noviças peſſas de valor, e eſtima, para ornato, e ſerviço da Igreja; entre ellas huma formoſa Cuſtodia, e Cofre rico, que hoje eſtá no Sacrario, joyas, ſedas,

das, e alcatifas, pondo aos pés de seu Esposo o que tinhaõ, e o que eraõ, tudo pouco para o que vinhaõ a ser, e o que haviaõ de possuir, esposas de Christo, e herdeiras do seu Reyno. Começou logo a Casa a correr na observancia, como se de muitos annos se exercitara; mas achavaõ as leys os desejos por sugeiçoens, e as obediencias com o mesmo vigor de escolhas. Pela sua fez o Mestre Fr. Domingos Prelada da Casa, com o nome de Vigaria in capite, a Madre Sor Anna da Conceiçaõ, e Mestra de Noviças a Madre Sor Antonia Theresa, a quem deu novo Estatuto para se ensinar, e observar no Mosteiro, que em sustancia he o seguinte.

Supposta a observancia da Regra, e Constituiçoens á risca, e sem dispensaçaõ alguma; que as Religiosas teriaõ trez horas de oraçaõ, repartidas em Matinas, Prima, e Completas; depois de Prima, a córos o Terço, e Ladainha de Nossa Senhora; que commungariaõ duas vezes na semana; que em Advento, e Quaresma, teriaõ duas disciplinas cada hum dia. Huma por todo o tempo de Santa Cruz de Setembro, até o dia do Rosario, exercicios dispensados só em dia Santo; que em toda a Quaresma se observaria silencio, sem mais licença, que a assistencia, e visita de doentes, dispondo-o a Prelada; que todas serviriaõ ás semanas na cosinha; que dadas graças, depois de jantar, viria a Communidade ao serviço della, rezando Psalmos a córos o tempo, que durasse; que nas cellas naõ teriaõ mais, que huma barra de pinho, nella hum enxergaõ, duas mantas, e cobertor grosseiro, huma Cruz, e huma caldeirinha de agua benta; que as Religiosas naõ pediriaõ a seus pays, ou parentes cousa de minima valia; e mandando-se-lhe, se entregaria á Prelada para o applicar ao commum.

Estes, e outros Estatutos, que já ficaõ apontados na licença, que para a fundaçaõ deu o Veneravel Padre Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, foraõ os com que começou a observancia desta Casa, e se observaõ até agora com o mesmo rigor, e inteireza.

Professas as primeiras Noviças em Novembro de 1640, entraraõ no mesmo dia duas Irlandezas, pessoas de grande calidade, Dona Leonor de Burgo, que se chamou Sor Catharina do Rosario, e Dona Ursula Bautista. Estes foraõ os primeiros espiritos, com que começou a respirar o corpo desta Recoleta; mas como o sitio ficava

cava taõ desviado da Cidade, e taõ visinho á barra, entraraõ as Religiosas em receyos de que lhe podia ser nociva a visinhança das embarcaçoens dos hereges, (que entraõ continuamente no porto, por razaõ do contrato) e que com duas paredes ficava o Sacrario mal defendido; ajuntavaõ-se as razoens de lhe ser mais custoso o provimento na distancia do povoado: e começou o Prelado a querer melhorallas de sitio; mas com duas advertencias, com que parece as aconselhou o Ceo, se suspendeo a diligencia. Foy huma, que estando certa Religiosa no Coro em oraçaõ, pedindo a Deos o acerto da mudança, ouvio huma voz, que clara, e distinctamente disse: *Aqui ha de ser.* Naõ se soube, que Religiosa fosse, mas propollo assim o Prelado á Communidade. Foy a outra, que huma pessoa de grande opiniaõ, escrevendo á Prelada, lhe protestou: *Que naõ largassem o sitio, porque perigava a nova fundaçaõ em qualquer outro.* Assim vieraõ a ficar neste da Quinta da Condessa, e se deu logo ordem a principiar os muros da Clausura.

Sahindo do lugar de Belem, (nome, que deu ao sitio o do Real Mosteiro de Religiosos Jeronymos, que huma legoa de Lisboa fundou ElRey D. Manoel, com igual arquitectura, que grandeza; (estampas huma, e outra de sua magnificencia) entrando na estrada, que corre direita até Passo de Arcos, se descobre hum pedaço de terra livre, direito, e desabafado, a que da parte direita fica o caminho, e a praya da esquerda; alegre com a vista, que se estende até se perder na barra, e delicioso, pelo espaçoso espelho das aguas, que alli brandas, e cristalinas, se quebraõ com saudoso golpe nas areas. Faz mais vistoso o sitio a continuaçaõ, com que as embarcaçoens estaõ sahindo, e entrando no porto, e a frontaria das pequenas serras, que da outra banda se levantaõ da praya, ou como verde guarniçaõ, que sobresahe nas areas, ou como varias molduras, que vaõ cingindo o espelho das aguas. Neste sitio se estendia a Quinta, que a Condessa da Atalaya fez Mosteiro, e agora se começava a melhorar de edificio; pediaõ-o assim o numero de Religiosas, que crescia, e naõ lhe faltava largueza para augmentar a Casa.

Entrado o anno de 1645. determinado o dia, e sendo a Madre Sor Maria Magdalena de Christo, Vigaria in capite da Casa, se lançou a primeira pedra para a Igreja nova. Fez a ceremonia o Mestre Fr. Domingos do Rosario, porque impedido o Bispo de Targa, que estava convidado, lhe mandou os seus poderes. Prégou o Mestre Fr. Fernando Sueiro: e passando os Religiosos em Procissaõ ao sitio, com a Senhora do Bom Successo debaixo de Pallio, foy lançada a pedra, em que hia esculpida huma Estrella sobre as ondas, e estas letras: *S. M. M. S. P. N.* que vem a dizer: *Stella, Maria, Maris, Succurre, Piissima, Nobis.* Assim se deu principio áquella Sagrada fabrica, correndo os cabedaes por conta da Divina Providencia. Assistia o Mestre Fr. Domingos ao edificio de pedra, e cal, com o seu cuidado; e ao

e ao que mais crescia, (que era o espiritual) com o seu exemplo. Mas entraraõ os annos, e os achaques a embaraçar-lhe aquella gostosa assistencia; logo a morte a tirar-lhe a vida, perpetua saudade desta Casa.

Naõ foy menos merecida a que deixou nella a Condessa da Atalaya, sua illustre Fundadora, e acrédora mais justificada, da principal memoria, que nesta fundaçaõ nos occupou a penna. Naõ faltemos a ella. Foy esta Senhora filha de Joaõ de Brito, e D. Antonia de Ataide; seu nome Dona Eria de Brito. Criou-se na protecçaõ de Dona Filippa de Ataide, (tia de sua mãy, e Camereira mór da Rainha Dona Catharina, avó de ElRey D. Sebastiaõ) porque seus pays de feitiços, que lhe deraõ, ficaraõ incapazes de administrar Casa, e doutrinar familia. Assim passou Dona Eria os primeiros annos em o Mosteiro de Santa Clara com huma parenta, de donde passou para o de Santos das Commendadeiras, para o cuidado, e ensino de Dona Grimaneza de Brito, tia sua.

Contava quatorze annos, quando se vio herdeira de sua Casa, porque dous irmãos, que tinha, hum, que era Christovaõ de Brito, acompanhando a ElRey D. Sebastiaõ, perdeo a vida na Campanha de Africa, e Lopo de Brito (que era o outro) na Batalha, em que foy destruido o Principe D. Antonio no lugar de Alcantara, junto a Lisboa. Herdada a Casa, casou Dona Eria com D. Diogo Forjaz Pereira, Conde da Feira, e em breve tempo viuva, celebrou segundas vodas com D. Francisco Manoel, primeiro Conde da Atalaya; de ambos os matrimonios teve filhos, e destes a magoa de os perder em poucos annos; golpes, que assim lhe chegaraõ á alma, que parece lhe offenderaõ o juizo. Mas illustrou-lho o Ceo, para que melhorando de herdeiros, se resolvesse a dar sua fazenda, e Quinta ás filhas de S. Domingos, que a respeitavaõ mãy, mas brevemente a choraraõ sem vida, (querendo Deos naõ lhe dilatar a paga) porque fundando-se a Casa em 12 de Novembro de 1639, passou ella a lograr o premio do que tinha obrado, em 26 de Janeiro de 1640, naõ deixando tambem de o ser o dar-lhe o Senhor vida até o tempo de lhe fazer aquella offerta, e negocear-se taõ ditosa sepultura.

CAPITULO XXI.

De algumas particularidades da Imagem da Senhora do Bom Successo, Orago da Casa; e das primeiras Religiosas, que faleceraõ nella, Sor Antonia Theresa de Jesus, huma das Fundadoras, e Sor Catharina do Rosario.

PRincipiada já a Igreja nova, (de que a seu tempo daremos noticia) naõ seguindo agora mais, que as que nos vaõ offerecendo os annos, he tempo de naõ faltarmos a huma, em que se contém, e se divisaõ as mayores glorias desta Casa, como cifradas na Imagem da Senhora do Bom Successo, Orago, e toda a veneraçaõ della, data da Condessa da Atalaya, (que hoje se vê na Capella mór) e a conseguio ella como prenda

da do Ceo, bem reparada a circunstancia com que lhe veyo a casa. Caso he muy parecido ao de algumas Imagens milagrosas da Senhora; (como o foy o da Senhora do Repouso, do Mosteiro da Annunciada, e o da Senhora Madre de Deos na Casa deste nome) e foy o seguinte.

Occupava-se a Condessa com os cuidados, e diligencias da sua fundaçaõ, quando hum dia lhe trouxeraõ a Imagem de huma Senhora, dizendo, que alli chegava hum peregrino com ella, e a vendia. Alvoroçou-se a Condessa, e levada da grande devoçaõ, que tinha com a Senhora, (e a muita com que esta a representava) mandou, que lhe trouxessem o peregrino, para ajustar o preço. Porém naõ só se naõ achou na sala, em que o tinhaõ deixado, mas nem a gente da Casa, que estava no patio, soube dar razaõ se tinha sahido. Cresceo a devoçaõ com este reparo, e depois se lhe poz a invocaçaõ da Senhora do Bom Successo, (já apontámos o motivo) e querendo a Madre Sor Marianna de Jesus, que por aquelle molde se lavrasse outra, para se collocar com o mesmo titulo na Capella Collateral da parte do Evangelho (que escolhia para jazigo de seu pay) por duas vezes se cançou de balde a Escultura, até que mudando a Religiosa a tençaõ, e resolvendo-se, que fosse a Imagem da Senhora do Rosario, sahio logo perfeita, mas naõ parecida. Assim se collocou a Imagem peregrina na Capella mór, como Orago da Casa.

Grandes saõ os favores, que esta experimenta na sua protecçaõ; grande a devoçaõ, e fé com que as Religiosas recorrem a ella, convidadas da experiencia, em que cada dia conhecem, que as escuta como Máy, e as remedea como Senhora. Por trez vezes, recorrendo a ella, lhe cresceo o azeite nas talhas de todo vasias; prodigio, de que todas foraõ testemunhas. Por repetidas vezes lhe livrou no celleiro os legumes, e o trigo do gorgulho; para o que usavaõ de huma piedosa industria; em se vendo perseguidas daquella praga, (que era huma total perda) offereciaõ o trigo á Senhora, e em sua veneraçaõ amassavaõ hum alqueire para os pobres; e vindo depois ao celleiro, achavaõ montes de gorgulho morto.

Guardava em huma occasiaõ o celleiro unicos seis alqueires de trigo, naõ sendo possivel por entaõ o provimento. Deu a Celleireira parte á Prelada, (naõ ficou em memoria quem era) que vendo-se naquelle aperto, recorreo ao remedio costumado. Mandou, que se amassasse hum alqueire para os pobres, (destra na retribuiçaõ de Deos de cento por hum) naõ estava taõ prompta a fé da Celleireira; reprehendeo-a a Prelada, e mandou-lhe que obedecesse sem replica, accrescentando: *Que aquella esmola era em nome da Senhora, e que ella se naõ esqueceria de sua familia.* Hia a obedecer a subdita, quando chamando-se na Roda, acha hum recado, em que avisavaõ a Prelada, que mandasse logo despachar huma caravella, que alli tinha dado fundo, e trazia dez moyos de trigo para o Mosteiro. Todo elle testemunhou o succedido.

Mas

Mas naõ foraõ só as Religiosas as que o fizeraõ a semelhantes maravilhas; tambem os seculares deraõ fé em parte dellas. Agora o veremos. Era em Vespera do Rosario no anno de 1662. Achava-se a Prelada sem dinheiro, a Casa sem o provimento quotidiano, o dia, que esperavaõ festivo; recorreo afflicta á Senhora, e disse-lhe: *Senhora, vós nesta Casa sois a Prioreza, e eu a Procuradora. A' manhãa he o vosso dia. E se em semelhante naõ falta huma Rainha com a mesa ás suas Damas, naõ haveis vós de faltar com o sustento ás vossas escravas.* Naõ se passou tempo, quando chamando á Roda, entregaraõ huma esmola para a Senhora; trazia-a o Piloto de huma embarcaçaõ, que acabava de dar fundo defronte do Mosteiro. E sem que se lhe fizesse pergunta, disse: *Que aquella esmola tirara elle na sua embarcaçaõ: porque, vendo-se no mar largo, sem poder avistar a barra, e quasi em calmaria, acossado do Gallego,* (que entaõ perseguia, e infestava a Costa) *e chegando a extremo de lhe naõ escapar, chamaraõ pela Senhora do Bom Successo, e viraõ de improviso que, ajuntando-se-lhe huma náo possante, se poz em fugida o inimigo, e a náo em seguimento delle, sem que os da embarcaçaõ perseguida podessem (estando em taõ pouca distancia) conhecer que náo os defendia* Mas entendeo logo a sua devoçaõ, que seria aquella Senhora, que foy a Náo Soberana, em que o Ceo se commerciou com a terra: *Entendendo-o assim* (continuava o Piloto) *tirey entre os da embarcaçaõ esta esmola, e experimentamos todos nova mercê; porque temendo semelhante encontro, lançámos sortes; pondo Norte, e Sul com os titulos da Senhora da Ajuda, e do Bom Successo; e sahindo a do Bom Successo, a seguimos com breve, e prospera viagem, e viemos lançar ferro á vista desta sua Casa.*

Facta es quasi Navis institoris, de longe portans panem suum. Prov. 31. 14.

Em outro aperto, sem recurso de humano soccorro, se vio em outra occasiaõ a Prelada; e chegando-lhe (como o entendeo) por favor da Senhora huma esmola (que estando muitas Religiosas enfermas, naõ vinha a ser de substancia) se poz diante da Senhora, e lhe disse: *Vós bem vedes, Senhora, que este soccorro he escaço para o nosso aperto. Naõ heis de permittir que as vossas servas pereçaõ desamparadas.* Chamaraõ no mesmo tempo á Roda a procurar a Prelada, com a paga de hum juro, que naõ estava vencido, e se costumava arrecadar com trabalho. Deste, e semelhantes casos testemunharaõ as Religiosas; e donde se conhece a sua observancia, basta o testemunho das mesmas. Mas naõ falte tambem o nosso na vida de algumas, que acreditaraõ singularmente esta Casa, e o faraõ tambem a esta escritura; e seguiremos nella a ordem com que faleceraõ. Seja a primeira a Madre Sor Antonia Theresa de Jesus, huma das Fundadoras.

A Madre Sor Antonia Theresa de Jesus.

Foy esta Madre de naçaõ Portugueza, de nascimento nobre; veyo para Fundadora desta Casa da de S. Joaõ de Setuval, de idade de trinta e quatro annos, mas taõ adiantados em virtude, e prudencia, que encheo o lugar de Mestra primeira, e regra viva da observancia. Foy nella singular exemplar de penitencia. Naõ se satisfazia seu es-

eſpirito com os rigores do Eſtatuto do Moſteiro; acabada a diſciplina com toda a Communidade, ſe retirava a continuar a ſua, e com tanta crueldade, como depois (por mais que diſſimulado) moſtrava o ſangue. Acompanhavaõ as diſciplinas os cilicios, naõ menos rigoroſos, que continuados. Era rara a eſtreiteza do ſeu jejum, (accreſcentando muitos aos da Conſtituiçaõ) e igualmente eſtreito, que diſſimulado. Muito tempo naõ teve mais cama, que huma taboa, e huma manta. Hum habito taõ ſaſſado, e roto, que lhe naõ podia ſervir de abrigo. Obrigou-a a Prelada a aceitar duas mantas, e hum enxergaõ por cama, e hum habito, ſe menos remendado, mais groſſeiro. Aceitou em huma, e outra couſa a melhora, ganhando obediente o que perdia mortificada. Todo o tempo para ella era de oraçaõ; aſſim lhe levava eſte emprego quaſi todo, o que lhe reſtava da occupaçaõ do Coro.

Na de Prioreza)peregrina a ſua humildade, e ſogeiçaõ) eſtimava ſó o creſcer-lhe a obrigaçaõ de caritativa com as ſubditas, para que ſó olhava como filhas. Pagava-ſe Deos daquelle genio piedoſo, e parece que lho deu a entender; aſſim chegaraõ quatro donzellas de Irlanda, com Patentes do Provincial daquella Provincia, para tomarem o habito neſta Caſa. A ordem naõ tinha vigor, por ſer ella immediata ao Geral. Para o meſmo havia neſte Reyno muitas pertendentes; no Moſteiro poucas poſſes; retardavaõ-lhe as Religioſas a entrada, (que ſe lhe hia pondo duvidoſa) quando hum dia eſtando a Madre Sor Antonia em oraçaõ no Coro (depois de ter commungado) vio que nelle eſtavaõ nas Cadeiras das Noviças as quatro Irlandezas com ſeus habitos de Religioſas. Aſſim entendeo a vontade de Deos, e communicando-o com a Madre Sor Maria Magdalena, e eſtendendo-ſe a toda a Caſa, lançou logo o habito a huma, que foy a Madre Sor Ignez do Roſario, naõ continuando com as outras, porque lho atalhou a morte, de que parece lhe anticipou o Ceo a noticia.

Partia o Meſtre Fr. Domingos do Roſario com Enviatura a França, por mandado delRey D. Joaõ o IV. e pedia-lhe a Madre Sor Antonia, que a deixaſſe aliviada do trabalho de Prioreza. Entreteve-a o Padre até que ſe auſentou, deixando-a nelle. Sentio-o ella, e diſſe ás Religioſas: *Hora já que naõ quiz abſolverme o Padre Vigario, Deos me abſolverá de outro modo.* Entendeo-ſe a ſegurança, com que o diſſe, quando a poucos dias a viraõ ás portas da morte de hum accidente. Paſſada a força delle, lhe perguntou Sor Maria Magdalena, ſe queria reconciliar-ſe; (tinha commungado o dia de antes) reſpondeo, que pela miſericordia de Deos naõ tinha de que, e ſó eſperava a ultima hora, que era toda a ſua importancia. Moſtrava-o aſſim o alvoroço, que ſe lhe percebia nas palavras, e no ſemblante, ſem que o mal, que eſtava padecendo, lho diminuiſſe. Com eſte ſocego a alcançou a morte em 13 de Outubro de 1649. Deraõ-lhe entaõ ſepultura no Coro, depois no Capitulo, com a conſolaçaõ de ſe entender e por

huma

huma pessoa de virtude) que já Sor Antonia lograva o premio da sua.

A Madre Sor Catharina do Rosario.

Naõ soube merecello menos a Madre Sor Catharina do Rosario, Irlandeza, em que a virtude pareceo herança, como filha de D. Joaõ de Burgo, Senhor do Castello, e Casa de Britos, e de Dona Gracia Torronton, filha de D. Jorze Torronton, Marichal de Momonia, Casas huma, e outra illustrissimas em Irlanda. Ficara Dona Gracia pejada, quando tiraraõ a vida a seu marido D. Joaõ, (em odio da Fé, e por mandado da Rainha Isabela de Inglaterra) achando-se, que dispuzera em seu testamento, que ou filho, ou filha, que Deos lhe désse, vestisse o habito de S. Domingos; sahio daquelle parto á luz Sor Catharina, criou-se como herdeira da Casa, (por morte de hum irmaõ, que seu pay mandara criar a Castella) e chegando á idade de lhe poder dar successaõ, entraraõ a máy, e parentes com as instancias de que escolhesse esposo da melhor nobreza do Reyno, de que se via naõ só buscada, mas perseguida. Mas ella sem esquecer o conselho de hum tal pay, tinha assentado em seu coraçaõ, que as vodas haviaõ de ser com Jesu Christo, e a mortalha Dominica a gala do desposorio.

Este foy o desengano, que deu naõ só a sua máy, parentes, e pessoas de grande respeito, mas ao Bispo de Lemerique, Cidade em que vivia, que a obrigava com os olhos na perda, e desconsolaçaõ de sua Casa. Começou logo Sor Catharina a experimentar nella perseguiçoens, e desprezos, tratada de toda a familia, como a mais infima escrava della; golpes, que rebatia com grande paciencia, recorrendo á oraçaõ, e ás lagrimas, em que gastava a noite inteira, retirada em huma casa, em que a deixavaõ sem luz, nem cama. Por este tempo se achava o Mestre Fr. Domingos do Rosario na mesma Cidade de Lemerique, com importancias de Castella. Praticou (foy industria do Ceo) com Sor Catharina, approvou seu santo proposito, como outro semelhante, de huma prima sua Dona Ursula de Burgo, e assentou com ambas a entrada no Mosteiro, que fundava em Portugal. Accendeo novamente seus espiritos em ancias de buscar o centro delles, e fiando toda a boa direcçaõ de Fr. Diogo de Orliens, Provincial de S. Domingos da Provincia de Irlanda, como parente das duas discipulas, que deixava, passou a Castella.

Mas as duas donzellas, que aborrecendo o fausto, e pompa do Mundo, queriaõ industriarse na Regra Dominicana, deixaraõ suas Casas, e recolheraõse em a de huma Terceira da Ordem, cousa permittida a mulheres da primeira calidade, que querem com mais disfarce, e menos testemunhas, frequentar os exercicios, e occupaçoens Catholicas. Aqui estiveraõ dous annos de vida penitente, e com tanto interesse de suas almas, que o inimigo dellas, apparecendo hum dia impaciente a Sor Catharina, lhe disse: *Que se naõ mortificasse, porque lhe naõ havia de valer para se salvar.*

Mas o Ceo, que já se obrigava de sua constancia, dispoz fe-

felizmente a occasiaõ de passarem a este Reyno, ella, e sua prima; chegaraõ a elle pelos annos de 1640, e tomaraõ logo o habito neste Mosteiro do Bom Successo, em que Sor Catharina começou a respirar, como em centro de seu espirito. Sempre parece, que o trazia na presença de Deos, porque continuamente a viaõ de joelhos, ainda nas officinas, e no emprego dos seus officios. Inventava rigorosas disciplinas, com que se feria sem piedade. Duas taboas eraõ a sua cama, tendo a de hum enxergáõ por muito mimosa. O seu mais custoso trabalho era esconder estes, e semelhantes rigores da Mestra, que lhos naõ permittia.

Teve dom de lagrimas, que na oraçaõ lhe cahiaõ copiosas, como se se lhe distillara o coraçaõ naquelle fervoroso incendio, que lhe arrebatava o espirito: movidas do que viaõ nella, lhe perguntaraõ algumas Religiosas: *Que estylo era o seu na oraçaõ*; a que respondeo: *Que de oraçaõ naõ entendia nada; que o que fazia, era rezar o seu Rosario; e que para huma vida muy larga, bastava hum só mysterio.* Assim sabia ser profunda sua contemplaçaõ! Cahio enferma de mal rigoroso, e arrebatado. Lastimavaõ-se as Religiosas, que lho viaõ padecer; e dizendo-lhe huma, que se encomendasse á Senhora da Encarnaçaõ, (de que era devota, e dahi a trez dias se celebrava) para que lhe aliviasse a molestia, para a servir no seu dia; respondeo: *Grande mal será o meu, se em dia da Encarnaçaõ naõ estiver eu com meu Senhor!*

Pedio, e recebeo os Sacramentos com suavidade de espirito; e poucas horas antes da ultima (que foy ao terceiro dia da doença) pedio, que lhe molhassem hum lenço em agua cheirosa. Lavou as mãos, e o rosto; e dizendo lhe a Prelada por galantaria: *Boa Religiosa do Bom Successo! Com hum lenço de agua de cheiro?* respondeo com a mesma graça: *Pois, Madre, se as do Mundo usaõ de aguas de cheiro para o Mundo, que mal faço eu de querer ir muy cheirosa a meu Esposo!* Assim ficou hum pouco suspensa: e ouvindo em voz clara, que de huma parte do leito, que estava desoccupada, se lhe dizia: *E quem te disse a ti, que havia eternidade? Naõ creias nisso*: disse, voltando o rosto, como quem conhecia o author do conselho, e desprezava hum, e outro: *Bem conheço a você. Va-se embora; que muito bem sabe, que ha Ceo, e Inferno.* E continuando soliloquios com seu Esposo Christo, e a Senhora do Rosario, lhe ouviraõ dizer muitas vezes, como se respondera: *A mim! Senhora, a mim! Que sou huma nescia!*

Já lhe cançava a voz; despedio-se das Religiosas com tanta alegria, e alvoroço, como quem estava de caminho para o Paraiso. Assim passou (piedosa conjectura das assistentes) ao das eternas felicidades, em dia de nossa Senhora da Encarnaçaõ, 25 de Março de 1651, como parece vaticinara, quando cahio enferma. Ficou com semblante alegre, e corpo flexivel. Deraõ-lhe sepultura no Coro; e passados seis mezes, a passaraõ para o Capitulo. Estava o caixaõ por huma parte aberto; e testemunharaõ as Religiosas, que ex-

halava fragrancia de flores. Houve huma, que (para testemunhar o que suppunha) examinou com as mãos a inteireza do corpo, e assim o achou taõ flexivel, como se estivera vivo.

CAPITULO XXII.

Das Madres Sor Luiza Maria do Sacramento, Sor Cecilia do Rosario, Sor Isabel da Paixaõ.

VEnturosa alternativa, a com que o Ceo hia escolhendo as Religiosas desta Casa, para os Córos da Bemaventurança! Huma Portugueza, Irlandeza outra, para testemunhar a conformidade, com que viviaõ todas, desconhecendo a caridade a diversidade das Patrias, como aquella que era caminho para huma, aonde haviaõ de viver juntas. Assim se seguio á Madre Sor Antonia Portugueza, huma Irlandeza, que foy a Madre Sor Catharina; e a esta se segue outra Portugueza, que he a Madre Sor Luiza Maria do Sacramento. Foy esta Madre filha de Ruy de Mello de Sampayo, da Casa de Villaflor, e de Dona Maria de Azevedo, igual em nobreza. Foy notavel o parto, de que esta Senhora teve a Sor Luiza: porque precedendo dous de filho, e filha, (taõ rigorosos, que esteve ás portas da morte em ambos) o de Sor Luiza foy taõ suave, que, visitando huma amiga, ao assentar-se em huma cadeira, a lançou com huma dor taõ leve, que a attribuío a milagre.

A Madre Sor Luiza Maria do Sacramento.

A tal nascimento se seguio igual vida, ainda em idade, em que obra sem conselho a natureza. Bastava dizerem-lhe, que huma cousa era peccado, para se desviar della, como se o conhecera. Nos exercicios da virtude achava já huma harmonia, que a arrebatava; toda sua occupaçaõ era rezar; e para tudo, o que naõ era Deos, a levavaõ com violencia. Venciaõ-na talvez as irmãas, (para os divertimentos daquelles primeiros annos) e estando huma occasiaõ com Dona Marianna de Mello, que era huma dellas, em huma sala, deixando-a esta só por pouco espaço, quando voltou, a achou suspensa com os olhos em huma parede, e cheyos de grossas lagrimas. Perguntou-lhe Dona Marianna a causa; a que respondeo: *Que áquelle instante se lhe abrira aquella parede, e vira muitos Anjos, e entre elles dous irmãos seus, (falecidos de tenra idade) convidando-a para sua companhia, e se lhe cerrara a parede, sem ella poder dizer nada.* Outros casos lhe succederaõ nestes annos, de que naõ ficou mais que a memoria de succedidos.

Já sem mãy, e com duas irmãas, em companhia de huma tia, no Mosteiro de Santos, vivia como na mais apertada recoleta. Continuava os exercicios penitentes, e devotos, frequentava os Sacramentos, mas suspirando sempre viver sem liberdade, sepultada em huma clausura. Naõ se deitava em cama. Muitas noites passava de joelhos. Vencida do sono, encostava por poucas horas a cabeça no leito. Das trez até ás seis da madrugada gastava orando. Trez vezes na semana tomava disciplina de ferro, e por espaço de meya hora; os mesmos trez dias se cingia, e apertava com cilicios; martyrio, que conti-

tinuava toda a Quaresma. A este estylo de vida ajuntou o de Religiosa, tomando o habito nesta Casa; e sobre o rigor das Constituiçoens, e Regra, assim cresciaõ cada dia os exercicios da penitencia, que foy necessario entrar o preceito do Prelado a resgatar-lhe a vida das mãos de sua severidade. No Coro a naõ viaõ nunca sentada mais, que na ceremonia do Officio Divino. Em pé, ou de joelhos, reconhecia a presença do Santissimo. Taõ bem occupado tinha alli seu pensamento!

Nas officinas de mais trabalho era a primeira. O seu desvelo, lançar maõ da occupaçaõ mais infima. No trato de sua pessoa, e cella, se via como se despira do Mundo, cerceando ainda muito da pobreza grande do Mosteiro. No Refeitorio destemperava com agua o prato, em que achava gosto, e comia cousas amargosas, com a desculpa de lhe chamar mesinha. Chorava amargamente, dizendo: *Que envejava ás mais o saberem ouvir a voz de Christo, para se conformarem nos trabalhos : e que só ella como mayor peccadora se via rebelde em todos*; sendo tal seu sofrimento, constancia, e inteireza, que naõ houve adversidade, que a achasse assustada, menos affliçaõ, que a deixasse queixosa. O que a desvelava, era o augmento da Casa na observancia. Entendia da sua santa, e primeira Prelada, a Madre Sor Antonia Theresa, que gozava a vista de Deos; e estando huma noite no Coro de joelhos ao pé da sua sepultura, acabada sua oraçaõ, e dizendo-lhe: *Madre, pois estais diante de Deos, pedi-lhe por este vosso Mosteiro*, levantando os olhos á Capella da Senhora do Bom Successo, vio claramente a santa Prelada orando.

De semelhantes casos de representaçoens, com que o Ceo premiava sua fé, se conjecturou muito, mas naõ houve importunaçaõ, que as podesse desenterrar do seu silencio. Em Vespera da Encarnaçaõ, por Março de 1651. sahio de Matinas, ameaçada de huma febre mortal; mas estava a Madre Sor Catharina do Rosario em passamento, naõ quiz recolher-se, foy assistir-lhe, deixando-se vencer o mal da força da caridade. Repararaõ os Religiosos, (que tinhaõ entrado ao officio da agonia) que ella estava com molestia; e mandando-a o Prelado recolher, acodio a moribunda, como se despertara de hum lethargo, dizendo: *Deixay Padre, deixay estar a Santa; que ella nas Vesperas da Senhora naõ se deita.* Já vimos no Capitulo passado quem era a Madre Sor Catharina; e agora a hora, em que estava, e as circumstancias com que o dissera. Grande testemunho para a Madre Sor Luiza!

No dia da Encarnaçaõ commungou, gastando (como sempre fazia) todo o dia no Coro, donde a recolheraõ desacordada. Tinha entrado no Mosteiro, assistindo á morte da Madre Sor Catharina, o Mestre Fr. Diogo Arturo, que entaõ era Vigario; e vendo a Madre Sor Luiza vestida no seu burel, sobre duas taboas, que eraõ a sua cama, cuberta com huma manta grosseira, voltando para sua irmãa a Madre Sor Marianna, disse com os olhos cheyos de lagrimas: *E que conta darey eu a Deos*,

que me corre a mesma obrigaçaõ, que a esta sua serva! E sahindo da cella com a Prioreza, rompeo nestas palavras, filhas de seu espirito: *Ah Madres! E quanto temo, que no dia do Juizo sejais vós outras nossos verdugos!* Como se dissera com S. Gregorio Magno: *Que he o que podemos dizer nós os homens robustos por natureza, vendo o debil, e fraco das donzellas, pondo na conquista do Ceo o peito ás lanças! Grande confusaõ para nós! Estas batalhando com os martyrios, e nós sem buscar a Deos, se quer entre socegos! Quid inter hæc, nos barbati, & debiles dicimus, qui ire ad regna Cælestia, puellas per ferrum videmus... Hoc ipsum nobis turpe sit, quod Deum nolumus saltem per pacem sequi.*

Greg. Pap. Homilia 12. in Euangelia.

Durou o mal trez dias, e no fim delles, já desamparando-a o alento, recebeo Sor Luiza os Sacramentos com grande espirito; e voltando-se á Prioreza, e mais Religiosas, lhes pedio perdaõ, e se despedio dellas, respondendo a huma (que lhe fazia essa pergunta) *Que já de nada tinha escrupulo; perseguindo-a em toda sua vida esse martyrio.* Pedio logo, que lhe dissessem algumas oraçoens devotas, e daquella hora, que repetia com grande devoçaõ, e advertencia; e já sem alento, abraçando-se com hum Christo crucificado, lhe entregou o espirito, cerrando os olhos como em suave sono. Chegado Setembro deste mesmo anno, e havendo-se de mudar o Coro, sentia a Prioreza, que as Religiosas falecidas, e especialmente a Madre Sor Luiza, (que taõ magoada, e saudosa deixara toda aquella Casa) houvessem de ficar fóra da Clausura, porque o Coro antigo passava a ser Casa da Portaria, e as ultimas Religiosas, (como sepultadas de fresco) tinhaõ sua difficuldade, para serem passadas para o commum jazigo.

Escreveo sobre este ponto ao Prelado; e antes de ter a resoluçaõ delle, sonhou a Madre Sor Marianna de Jesus, que sua irmãa Sor Luiza se lhe mostrava vestida em huma roupa muy alva, e com semblante alegre lhe dizia: *Dizey á Prioreza, que mude os nossos corpos na fórma, que diz o nosso Padre Vigario.* Pela manhãa ao abrir da Roda, se achou a reposta do Prelado, que mandava, que se fizesse a mudança, e Religiosos para assistir a ella. Testemunharaõ os que assistiraõ mais visinhos ao caixaõ da Madre Sor Luiza, que perceberaõ hum suave cheiro em o abalando. Outra circumstancia se seguio á morte desta Madre, digna do nosso reparo, e foy, que huma Freira das Commendadeiras de Santos, pessoa de vida reformada, e que tivera grande familiaridade com a Madre Sor Luiza (estando naquella Casa) poucos dias depois de sua morte sonhou que a via cercada de huma grande luz, com preciosa gala, e rosto banhado em alegria, e que a chamava, para que a acompanhasse nella. Acordou entre gostosa, e assustada, contando a todas o sonho; e dahi a dous dias lhe deu mais credito, (com grande gosto de seu espirito e porque adoecendo, e recebidos os Sacramentos, faleceo logo. Chamavase D. Brites Soares, filha de Amador Gomes Raposo, Chanceller mór da India, e estava com outras irmãas nesta Casa.

Mas

Mas sigaõ-se nesta do Bom Successo á Madre Sor Luiza, duas Religiosas Irlandezas, continuando a venturosa alternativa das primicias, que a sua Clausura deu ao Ceo. Foraõ ellas a Madre Sor Cecilia do Rosario, e Sor Isabel da Paixaõ, Religiosas de estreita observancia, muita penitencia, trabalho continuo, e vida inculpavel, como testemunhou o Mestre Fr. Domingos do Rosario, que confessando a Madre Sor Cecilia gravemente enferma, se admirava naõ só da pureza de sua alma, mas do acerto com que dispuzera sua consciencia, praticando no que tocava a ella, como se fora illustrada, e como o mayor Theologo o fizera. E accrescentava o Padre: *Que ella infallivelmente falecia; porque aquillo naõ podia ser menos, que reflexos do lume da gloria.* Favoreceo mais este pensamento o ser Sor Cecilia em suas praticas muy acanhada, e singela; e finalmente confirmaraõ no algumas circumstancias, que se viraõ em sua morte (dignas de advertencia, como de santa enveja). Foy ella em Julho de 1652.

A Madre Sor Cecilia do Rosario.

Seguio os mesmos passos a Madre Sor Isabel da Paixaõ, com o excesso de sua grande constancia em buscar a prizaõ da Clausura, e o martyrio da observancia; porque esta Madre foy huma das quatro irmãas Irlandezas (de que já démos noticia) a que se difficultou a entrada, tomando ella, e mais duas o habito de Terceiras, e vivendo com hum taõ singular exemplo na visinhança do Mosteiro, que foy o que lhe franqueou a todas as portas delle. Entrou por ellas Sor Isabel, naõ accrescentando ao reformado de sua vida mais, que a Clausura; mas o que nella avultava mais, era o zelo da Religiaõ, e caridade com as Religiosas. Estando moribunda, pedio que lhe lançassem agua benta, dizendo á Prioreza, que ao ouvido lhe estavaõ perguntando onde iria? e assim queria, que lhe lessem logo a protestaçaõ da Fé, que acompanhou, e repetio em juizo perfeito, espirando logo com grande socego de espirito. Foy sua morte em dia dos Innocentes de 1659.

A Madre Sor Isabel da Paixaõ.

Mas naõ esqueçamos huma reflexaõ, que agora nos advertio a morte da Madre Sor Isabel, (e a podiamos fazer em as das mais Religiosas Irlandezas) por ser materia de que ha experiencia; e vem a ser que, mostrando o Ceo a virtude, em que mais se esmeraõ, que he a constancia da Fé, e sustentada desde o berço, de que começaõ a despedaçar as serpentes das astucias, e cavillaçoens dos hereges, a vencer os trabalhos da perseguiçaõ de suas impiedades e sempre no ultimo alento da vida as combate o inimigo commum, como Capitaõ dos rebeldes, e destro em semelhantes rebates. Mas sempre e para confusaõ sua e sahe a fraqueza, e debilidade feminina com a vitoria, quebrando-lhe a cabeça.

CAPITULO XXIII.

Das Madres Sor Marianna de Jesus, Sor Leonor de Santa Margarida, Sor Maria Magdalena de Christo, Sor Leonor do Calvario, Sor Jacintha de Jesus Maria, da mesma Casa do Bom Successo.

CОntinuamos ainda com a mesma alternativa de Portuguezas, e Irlandezas, chamando o Ceo ora humas, ora outras ao thalamo das felicidades eternas: assim se segue agora a estas duas Irlandezas do Capitulo passado, huma Portugueza. Foy ella a Madre Sor Marianna de Jesus, filha mais velha de Ruy de Mello de Sampayo, e das primeiras povoadoras desta Casa do Bom Successo, para onde veyo triunfando de muitos embaraços, (lisonjas aos olhos do Mundo, nos laços do matrimonio) em que seu pay lhe queria roubar a liberdade, offerecida já a melhor Esposo, que a tinha escolhido. Criara-se esta Madre em hum Mosteiro de Religiosas Franciscanas, com huma tia, a que desejava acompanhar no habito, por ser já neste tempo sua vida de huma reformada Religiosa.

A Madre Sor Marianna de Jesus.

Assim adiantada nos exercicios da mais perfeita, entrou nesta Casa; abraçando todas as asperezas da observancia, mas logo os achaques lhe foraõ á maõ nos seus rigores. Entregouse á oraçaõ, e era sua vida, passando-a inculpavel, e empregando-a no culto do Santissimo, a que deu huma fermosa Custodia, e algumas pessas de valor para lhe armarem o Altar, offerecendo, para mayor decencia sua, o mais precioso, que trouxera de sua Casa, parecendo-lhe sempre dote escaço, como quem entendia o que grangeara na maõ de seu Esposo. Cresciaõ os achaques (e já em annos muy crescidos) assim traziaõ a Sor Marianna muito acautelada. Sahindo do Confessionario hum dia, lhe deu hum accidente, e entrando a vêlla a Prelada, e dizendo-lhe, que o Medico lhe mandava dar o Viatico, levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, disse com semblante alegre: *Muitas graças sejaõ dadas a Deos!* e recebendo-o com suavidade de espirito, passou desta vida, e seria a repetir-lhas na eterna, em 4 de Mayo de *1668.*

Siga-se a esta Portugueza, huma Religiosa Irlandeza, que foy a Madre Sor Leonor de Santa Margarida. Tomou o habito no dia da primeira entrada, que se fez nesta Casa, e o sóbrenome, por vontade da Duqueza de Mantua Margarida, que entaõ governava esta Coroa por Castella, e assistio a esta funçaõ, pedindo ao Mestre Fr. Joaõ de Vasconcellos, que lançava o habito ás Noviças, os cabellos desta, naõ por serem (como eraõ) largos, e formosos, mas pela grande opiniaõ, que tinha de Sor Leonor; assim levou a prenda com estimaçoens de reliquia. Foy esta Madre do principal sangue de Irlanda, donde fogindo aos ameaços da heresia, se retirou a Castella depois de viuva; e achando-a o Mestre Fr. Domingos do Rosario em hum Recolhimento naquella Corte, a trouxe para a nova fun-

A Madre Sor Leonor de Santa Margarida.

fundaçaõ, como o que tinha tanto conhecimento de ſua qualidade, como experiencias de ſua virtude.

Deſempenhou Sor Leonor o conceito, que ſe tinha della, na nova refórma de ſua vida, dando-lhe o Ceo forças (porque já a perſeguiaõ doenças) para continualla, e com tanta edificaçaõ das Religioſas, que occupou os lugares de Meſtra de Noviças, e de Prioreza, pelo voto de todas. Apanhou-a a morte em ſanta velhice, e pareceo premio no que teve de ſuave, em 21 de Março de 1669.

Grande Portugueza continuou a alternativa, pois foy a que ſe ſeguio a Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto, a quem tanto deve eſta Caſa, ſendo eſta Madre a que com varonil conſtancia venceo embaraços, e pizou deſenganos, applicando todas ſuas forças para ſe conſeguir a fundaçaõ della, como a que lhe deu entaõ o principio, depois a perfeiçaõ; pois como já vimos, foy a Madre Sor Maria a que alcançou a reſoluçaõ da Condeſſa, para a fundaçaõ do Moſteiro; e depois da morte della, a que, como veremos, o melhorou de edificio. Baſtava eſta noticia para ennobrecer ſua memoria; mas vamos ás que ainda colhemos de ſua vida, ou ás que puderaõ eſcapar á vigilancia de ſua modeſtia.

A Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto.

Foy a Madre Sor Maria Magdalena filha de D. Manoel de Menezes, da Caſa dos Marquezes de Marialva, e de Dona Luiza de Moura, por morte da qual ſe criou com huma tia no Moſteiro das Commendadeiras de Santos, e taõ lembrada já deſde os primeiros annos das importancias de ſua alma, que nada lhe levava os olhos, como a vida de huma Clauſura, e mais, quando mais eſtreita. Teve conhecimento do Meſtre Fr. Domingos do Roſario, Fundador deſte Moſteiro, e diſcipula de ſeu eſpirito: foy huma das que acompanharaõ as Fundadoras da Caſa, e hum dos primeiros alentos com que começou a reſpirar aquella obſervancia. Foy ſua primeira vocaçaõ o Inſtituto de Santa Thereſa das Carmelitas Deſcalças; mas ouvindo praticar o Meſtre Fr. Domingos na Recoleta, que inſtituia para as Irlandezas, vacilando no primeiro propoſito, entrou em penſamentos de acompanhallas; aſſim pedia a Deos, que a illuſtraſſe para o acerto com ſupplicas, com inſtancias, com lagrimas, quando detendo-ſe huma noite nellas, ſe lhe repreſentou a Senhora do Roſario, aſſiſtida, e venerada do Meſtre Fr. Domingos, e muitas Religioſas Dominicas, que diante tinhaõ dous açafates de freſcas, e ſingulares capellas de flores. Entendeo logo, que a Senhora a convidava para o numero daquella ditoſa familia: e vencidas as difficuldades, que houve para a fundaçaõ nova, entrou nella, abraçando a mortalha Dominicana.

Acabou o Noviciado, como ſe entrara em outro novo; tal ſua ſogeiçaõ, e tal ſeu recolhimento! Aſpera nas penitencias, ſe cingia de cilicios, e inventando novas mortificaçoens, começou a abrir a porta aos achaques, que foraõ ſua continua penitencia. O zelo, e amor da obſervancia, a puzeraõ no lugar

gar de Prelada, que occupou vinte annos, avaliados por poucos das subditas, que atrahia com sua brandura, e emendava com sua vida. Era zelosa, sem passar ao extremo de severa, affavel sem esquecer a inteireza de Prelada; e costumava dizer com hum claro entendimento (de que a dotou o Ceo) *Que nos que governavaõ Familias Sagradas, o mais seguro emprego era a caridade, porque o zelo sempre era necessario muy joeirado.* Grande documento para os que costumaõ lançar a capa do zelo sobre os hombros dos respeitos particulares!

Por morte de seu irmaõ D. Joaõ de Menezes, ficou herdeira de hum bom morgado, com que se animou a emprender a obra grande da Igreja, que hoje se vê, e a de reedificar o Mosteiro em mayor fabrica, e melhor fórma, com que he hoje hum dos mais regulares, e perfeitos, que se achaõ na Corte, e visinhanças della. Daremos depois neste particular mais larga noticia. Foy rara sua humildade: nem os privilegios de Prelada a isentaraõ das occupaçoens de abatimento, lançando maõ dellas, com a desculpa de que as exercitava para ensino. Assim era sua vida huma regra muda, mas taõ grande brado para a sua reputaçaõ, que naõ cabendo na Clausura, se estendia aos ouvidos da Corte, occupando as attençoens da Rainha Dona Luiza, que com singular agrado a communicava. Apressaraõ-lhe os achaques a morte a huma vida, que sempre parecia breve de bem empregada, tendo de idade setenta annos, que souberaõ merecer hum fim socegado, e indicio de conseguir sem fim o melhor premio. Tem sepultura no Coro debaixo; lem-se estas letras na pedra, que a cobre.

Sepultura da Madre Sor Maria Magdalena de Christo, que foy huma das primeiras, que tomaraõ o habito neste Convento, e nelle viveo trinta e dous annos, e foy Prelada vinte; deu a traça da Igreja, e a edificou toda do rendimento de hum morgado, que herdou; e para ella se trasladou com solemnissima pompa o Santissimo Sacramento em 20 *de Julho de* 1670.

Já disse a vida o mais que calou o epitafio.

A Madre Sor Leonor do Calvario.

Siga á Madre Sor Maria outra Religiosa da mesma antiguidade, que tomou o habito com ella. Foy esta a Madre Sor Leonor do Calvario, nobre por nascimento. Criou-se (ficando orfãa) em Casa da Condessa Fundadora com grande estimaçaõ, que foy crescendo com as experiencias da virtude, que nella se augmentava com a idade. Era já muy entrada nella, quando veyo para a Clausura desta Casa, mas nada a despersuadio de abra-

abraçar os rigores da obſervancia, querendo ſeguilla com as obrigaçoens de Freira Converſa, aonde a convidava o intereſſe de mais abatida; moſtrou bem, que ſó eſſe a deſvelava, quando, querendo-a eleger Prelada, (profeſſara com empenho de todo o Moſteiro, por Freira do Coro) foy pelas cellas das Religioſas, lançando-ſe-lhes aos pés, e pedindo, que a naõ mortificaſſem em hum lugar, que nem poderia deſempenhar, nem podia merecer; e foy tal ſua efficacia, que as Religioſas mudaraõ de parecer, e votaraõ em outra.

Por mais que era vigilante ſua cautela, ſe alcançava muito de ſua penitencia: mas a obediencia foy a que mais luzio nella, e quiz moſtrar o Ceo, como lhe agradava com eſta virtude, dando a conhecer, que a exercitava com ſingularidade. Teve muita o caſo, que ſervio de teſtemunho, e foy o ſeguinte. Coſtumava a Madre Sor Antonia de Santa Thereſa Fundadora, (de que já deixamos noticia) retirarſe algumas tardes ao cabo da Cerca, para mais ſocegado exercicio de meditaçaõ, ou de reza; fello hum dia com tanta doçura de eſpirito, que entrou a noite ſem que ella o advertiſſe: tornando em ſi, teve pavor de ſe ver ſó naquelle lugar, e preza para a reſoluçaõ de ſahir delle, diſſe em ſeu coraçaõ: *Quem me ha de acompanhar? Eu mando vir aqui a Religioſa mais obediente, que ha nas ſubditas deſta Caſa!* Suſpendeo-ſe hum pouco, e levantando os olhos, achou junto a ſi a Madre Sor Leonor, que (reſpondendo-lhe á admiraçaõ com que lhe perguntava, quem alli a trouxera) lhe diſſe: *Que eſtando occupada em ſerviço da Communidade, lhe advertira o coraçaõ, que a Prelada eſtava na Cerca, e que para ſe recolher eſperava companhia. E que logo viera.* Carregada de annos, cahio entrevada; que lhe quiz o Ceo dar mais a coroa da tolerancia. Paſſou a recebella em dia de Santa Barbara (de que era devota) favor, que pedio a Deos toda ſua vida.

A Madre Sor Jacintha de Jeſus.

Tem aqui ſeu lugar a da Madre Sor Jacintha de Jeſus Maria, por ſer a ultima das cinco, que tomaraõ o habito no dia em que ſe fez a entrada no Moſteiro. Veyo eſta Madre para elle já muy creſcida, prendendolhe a aſſiſtencia de ſua mãy, ſó, e viuva, os paſſos com que deſde o uſo de razaõ quizera caminhar a buſcar a Clauſura; agora vingava os vagares com que viera, adiantando-ſe em huma vida, que ſervia de edificaçaõ a toda a Caſa. Avultava mais nella a caridade, que lhe poz nas mãos o officio de Enfermeira; que ainda ſem obrigaçaõ exercitara com deſvelo, como ſe naõ viera a buſcar aquella vida para outro, ſendo taõ prompta em todos os da obſervancia, que em cada hum ſe achava toda.

Teve a meſma repugnancia, que a Madre Sor Leonor, para o lugar de Prelada, de que a eſcuſaraõ as Religioſas, porque a todas affirmava, que eſſe pezar lhe tiraria a vida. Queria tella mais retirada, para os penitentes exercicios de rigoroſas diſciplinas, e cilicios continuados. Já muy entrada em annos, pedia a Deos, que lhe naõ déſſe morte, que ſerviſſe ao Moſteiro de trabalho. Conſeguio-o aſſim;

porque, dando-lhe hum accidente, estando ouvindo Missa, a trouxeraõ para a Enfermaria, e no meyo da Confissaõ se lhe tirou a falla. Havia pouco, que tinha commungado: assim passou desta vida (como pedira ao Ceo) sem dar detrimento. Depois de falecida, se descobriraõ mayores indicios da pureza de sua alma.

CAPITULO XXIV.

Das Madres Sor Maria da Encarnaçaõ, Sor Ursula Bautista, Sor Joanna da Trindade, Sor Angelica Maria das Chagas, Sor Iria de Santo Antonio, Sor Marianna da Trindade; e das Religiosas Conversas, Sor Brizida de S. Patricio, e Sor Felicia da Madre de Deos, do mesmo Mosteiro do Bom Successo.

SE houveramos de alargar a penna em vidas, quanto ao voto humano justificadas, qual seria a filha desta Casa, que nos naõ servisse de materia? Mas como a fazemos do mais notavel, só apontamos algumas, que se sinalaraõ mais entre as outras. Foy huma dellas a Madre Sor Maria da Encarnaçaõ, que entrando Pupila nesta Casa, (em que tinha sua tia a Madre Sor Cecilia, de que já fallámos) assim desconheceo a idade, que só parece vivia para a virtude. Na da tolerancia parecia milagre: porque reprehendida muitas vezes das Preladas, ou das mais Religiosas, (e sabendo-se talvez que estava sem culpa) ao aconselharem-lhe, que se defendesse, respondia: *Porque? Naõ he melhor sofrer pelo amor de Deos?*

A Madre Sor Maria da Encarnaçaõ.

Já Religiosa, foy inculpavel sua vida. Venerava, e chamava com cordeal affecto a Maria Senhora nossa, sua Mãy; e Pay ao Santo Patriarca Jozé. Toda sua ancia era merecer-lhe o nome de filha. Conjecturou-se, que de algum modo o merecera; porque abrindo-se sua sepultura, quarenta annos depois de sua morte, sentiraõ as Religiosas hum cheiro suavissimo, de que deraõ todas testemunho, e o de sua vida o deixou justificado.

Seguio os mesmos passos a Madre Sor Ursula Bautista, dando tambem os primeiros de sua vida, para buscar seu Esposo, como encaminhada da soberana Estrella, a Virgem Maria: porque orando diante de huma Imagem sua, ouvio, que a aconselhava: *Que abraçasse o Instituto de S. Domingos, Prégador do seu Rosario.* Mereceo Sor Ursula este favor, vivendo ainda em Irlanda, (sua Patria) e soube agradecello com hum taõ reformado estylo de vida, como se já se vira na mais estreita observancia. Continuou-a com tanto rigor nesta Casa, que foy necessario mediar a obediencia a suspender os excessos della. Serviaõ-lhe de cama duas taboas em cruz, em que acommodava o corpo de sorte, que lhe ficava crucificado em trez cilicios de ferro, que pregara industriosa nas taboas, e dissimulava com huma manta, como os com que continuamente se cingia.

A Madre Sor Ursula Bautista.

Elegeraõ-na Prioreza: e como tirada do centro do seu retiro, e continua contemplaçaõ, cahio aos nove mezes de huma doença mortal. Assistiaõ-lhe, e rodeavaõ-na as Religiosas, que lhe desejavaõ a vida; e lhe falla-

lavaõ na esperança della; a que respondia: *Que naõ gastassem com ella cuidado, e assistencia: que a deixassem como huma pouca de terra; e que fossem para o Coro dar louvores a Deos, que só era o que nunca acabava.* Recebeo os Sacramentos com grande alvoroço; e pedindo a todas, que por seu respeito naõ faltassem a acto algum de Communidade, ficou com ella huma unica Religiosa, que vendo-a proxima ao ultimo parocismo, levantou a voz para chamar as Religiosas, (estavaõ no Refeitorio áquella hora) mas naõ o consentio a moribunda, e disse com socego, e advertencia: *Para que? Naõ chameis ninguem. Dai-me aquella véla, que he sinal de Christãa, e dizei-me o Credo.* E repetindo-o com a Religiosa, passou desta vida, ficando com hum semblante taõ socegado, como se ainda vivera nella, e taõ bem assombrado, como se segurara a melhor em que já vivia.

A Madre Sor Joanna da Trindade.

Soube-a buscar a Madre Sor Joanna da Trindade, pizando o mesmo caminho das mortificaçoens, cobrindo-se de cilicios, e ferindo-se com rigorosas disciplinas. Foy esta Madre Irlandeza, e de gentil parecer; mas sem attender mais que ás perfeiçoens da alma, castigava em si as prendas da natureza. Reparavaõ lhe nas mãos, por bem feitas, claras, e mimosas, e ella metia-as em cal viva, para desfigurallas, por lhe naõ ser sempre possivel escondellas. Depois de morta, se lhe admiraraõ taõ perfeitas, como se em toda a vida antes as pullira, que as martyrizara. Enfermou, e juntamente com ella a Madre Sor Angelica, (de que logo diremos) e a poucos dias de doença, disse com muita segurança: *Que era chegada sua morte, porque ella vira aquella noite passar por junto á sua cama a Madre Sor Angelica; e que voltando-se para ella, lhe dizia: Venha Sor Joanna, que já he tempo.* E accrescentava: *Que ainda que Sor Angelica estava com ella enferma, e mais perigosa, naõ iria primeiro.* E succedeo assim, porque em breves dias acabou a vida com admiraveis mostras de alegria, e dahi a dous mezes faleceo a Madre Sor Angelica. Era a Madre Sor Joanna muy recatada; assim sepultou comsigo mayores empregos de sua vida. Só dizia, que recebera nella singulares mercês da Senhora do Presepio, de que era devota. Está esta Imagem na Capella das Horas: he de grande veneraçaõ na Casa.

A Madre Sor Angelica Maria das Chagas.

Seguio á Madre Sor Joanna a Madre Sor Angelica Maria das Chagas, meya irmãa das Madres Sor Maria de Jesus, e Sor Luiza Maria, de que já fica noticia nas primeiras desta Casa. Cahio-lhe a esta Madre o nome de Angelica por sorte, porque tirando-as suas irmãas, quando houve de bautizar-se, lhe sahio este. Desempenhou-o ella na candidez de sua alma, testemunhando seu Confessor, que nem hum leve pensamento lhe macu-lara a pureza, naõ porque o fugira, mas porque totalmente o ignorara. Trez vezes a poz no lugar de Prelada o zelo, o desvelo, o amor da observancia. Foy placida sua morte, como fora pura sua vida. Desta Madre, e de suas duas irmãas testemunhou hum Religioso de grande opiniaõ, que sabia a quem (estando em oraçaõ) se re-

repreſentaraõ vivamente em as fórmas de trez eſpiritos Angelicos. Aſſim paſſariaõ deſta vida, a accreſcentallos no numero, e a acompanhallos no ſeu exercicio.

A Madre Sor Iria de Santo Antonio.

Continuou-o na terra a Madre Sor Iria de Santo Antonio, Irlandeza de naçaõ, e da Caſa dos Condes de Berry, e Muſcry, porque deſde menina ſe lhe naõ ouvio na boca mais que Deos. Depois de Religioſa, nada mais lhe levou o cuidado. Inventou hum tal exercicio de oraçaõ vocal, e mental, que podeſſe continuallos a todo o tempo, ainda quando o tiveſſe mais occupado. Trabalhavaõ as mãos, em quanto ſobiaõ ao Ceo os deſejos; e naõ eraõ aquellas menos operoſas, por andarem eſtes mais ſuſpendidos. Couſa, que admirava a quem tinha mais noticia de ſua conſciencia. Obediente executava ſem repugnancia o que talvez parecia fazella a razaõ, ſem olhar mais, que para a unica de ſer mandada. Caritativa, eſpecialmente com as enfermas, ſentia naõ achar ſempre em que ſervillas. Tendo noticia de que falecera peſſoa, a que a ſua pobreza deixaria ſem ſuffragios, os tomava por ſua conta, rezando-lhe o Pſalterio, e outras devoçoens, que lhe aconſelhava a commiſeraçaõ de ſeu eſpirito.

Eſtes, e ſemelhantes exercicios, e a eſtreita obſervancia, que profeſſara, e em que naõ afrouxara nunca, lhe continuaraõ huma vida ſem culpa mortal. Teſtemunharaõ-no aſſim ſeus Confeſſores. Faleceo com eſpirito inteiro, e ſocegado, como quem conhecia a morte antes por tranſito, que por termo.

A Madre Sor Marianna da Trindade.

Poz eſte ao grande martyrio de ſeus achaques, a da Madre Sor Marianna da Trindade, de naçaõ Irlandeza, companheira, e conſanguinea da Madre Sor Iſabel da Paixaõ, de que já fica memoria. Avultou mais neſta Madre, entre huma eſtreita obſervancia, huma invencivel paciencia, com que deſafiava os deſcommodos da vida, para a trazer ſempre exercitada. Sobreveyo-lhe o achaque de hum cancro, que occultou muitos annos, ſem que a mais leve queixa ſerviſſe de indicio, recatando todos com o receyo de que a privaria a obediencia da continuaçaõ das Communidades, e Matinas á mea noite, a que ſe ſeguia o deſvelo de ficar orando até á madrugada, e as mais vezes de joelhos no retiro da cella.

Alcançou em fim a Enfermeira o mal, que a conſumia; ſentio-o ella com lagrimas, vendoſe já obrigada a afrouxar nos rigores da obſervancia. Continuava os que ſe lhe permittiaõ, quando a impedio de todo huma doença, em que, levando-a da cella para a Enfermaria, diſſe com admiravel ſegurança: *Que já naõ tornaria a ella.* Foy aſſim; porque ſe lhe apreſſou a morte, e taõ placida, que pareceo premio de ſua paciencia. Era eſta Religioſa muy devota do Santo Bautiſta. Guardava a agua, que ſerenava na ſua noite, para todo o anno; e affirmaraõ as Religioſas, que a applicava, e ſervia de remedio a muitas queixas.

Sor Brizida de S. Patricio.

Fechemos eſte Capitulo com a noticia de duas Religioſas Converſas, Portugueza huma, outra Irlandeza. Foy eſta a irmãa Sor Brizida de S. Patricio, a quem

a quem o Santo parece que participou muito de seu espirito na graça de operaçoens fóra da esféra humana. Escrevemos o que nos testemunharaõ Religiosas de grande opiniaõ, que hoje vivem, e viveraõ com Sor Brizida, e fallaraõ, naõ de tradiçaõ, mas de experiencia, e pelo que ouviraõ aos Confessores da Casa. Foy Sor Brizida dotada de huma maravilhosa sinceridade, e singeleza. Era sua vida huma oraçaõ continuada, em se desembaraçando das obrigaçoens a que acodia. Costumava dizer: *Que para aquelle exercicio naõ havia de haver relogio, se naõ estar sempre com Deos; e o preciso á vida humana, satisfazerse de pressa.* Assim o executava no que lhe pertencia, para ficar livre, e acompanhar as Religiosas nas Matinas, sendo mayor martyrio para ella o naõ lho permittir o preceito da Prelada.

Levava-a hum singular affecto a abraçar as acçoens da nossa Santa Rosa de Lima, especialmente da sua penitencia; assim cingio a cabeça com hum cilicio de agudos bicos de ferro, que dissimulava com a toalha; outros lhe rodeavaõ o corpo, fazendo-os mais asperos a continua applicaçaõ ao serviço. Era austero o seu jejum. Muitos de paõ, e agua. Abstinha-se de a beber, consumindo-se em rigorosa sede, mas temperava-se esta com a inundaçaõ de favores Celestes. Assistia na cosinha: e faltando-lhe muitas vezes o provimento necessario para chegar a toda a Communidade, lhe lançava huma bençaõ em nome de S. Patricio, e sobejava tudo. Estando occupada em servir o Mosteiro, ou na cella, ou em parte mais desviada, ouvia Missa, e adorava o Santissimo, como se estivera á grade do Coro. Fallava em cousas futuras, que depois se viaõ com o successo, que ella apontava; e perguntandolhe: *Quem lhe dera a certeza*, respondia singelamente: *Que fora cousa que sonhara.*

Ateouse por hum descuido o fogo no Claustro, e ameaçava todo o Mosteiro. Instava Sor Brizida na oraçaõ, a que recorreo logo; quando vio que, entrando huma grande, e desconhecida ave branca de pennas, no meyo das lavaredas bateo as azas, e apagando o incendio, desappareceo entre o fumo. Achava-se gravemente enferma, e era mortal o fastio. Disse a huma companheira sua que entendia que só hum bocado de perdiz lhe abriria a vontade. E dizendo-lhe a companheira: *Que, se se achasse, logo se compraria*, o naõ consentio ella, dizendo: *Que Deos a daria, se quizesse que assim melhorasse.* Cousa foy maravilhosa, (e que ainda hoje o testemunha a companheira a quem succedeo) que sahindo logo esta a hum quintal do Mosteiro, lhe cahio aos pés huma perdiz, cousa, que em todo elle se naõ achava. Assim a trouxe guizada: e contou o successo á enferma, que, dando graças a Deos, começou a convalecer daquella hora. Contava setenta annos de idade, quando chegou a ultima de sua vida em hum accidente. Recebeo a absolviçaõ, que só a isso lhe deu lugar, e passou (como piamente se conjecturou de sua vida) aos da felicidade eterna, em 27 de Agosto de 1689.

Sor Felicia da Madre de Deos.

Foy a outra irmãa Conversa, Sor Felicia da Madre de Deos; e as-

e assim toda de Deos em sua vida, que, estando ainda no berço, disse a seus pays hum Religioso Dominico, de grande espirito, que a criassem com cuidado, porque seria Freira Dominica, e grande Religiosa. Viose huma cousa, e outra, porque entrando nesta Casa, viveo com grande edificaçaõ de toda ella, e faleceo tendo vaticinado as circumstancias de sua morte. Na hora della se entendeo, que lhe assistira Santa Maria Magdalena, (Protectora da Ordem) de quem era muy devota; e acabou como quem merecia tal visita. Vio-se com effeito o que vaticinara. Porque lhe deu o Viatico o Mestre Fr. Manoel Leitaõ, neste tempo Visitador do Mosteiro, com Patente do Mestre Geral, e entraraõ com ella a dar-lhe sepultura alguns Religiosos desta Provincia; que era o que tinha dito havia muitos tempos, que os Padres della teriaõ muito trabalho com sua morte, e sepultura. Naõ podendo entender-se assim, porque o Mosteiro está isento da jurisdicçaõ da Provincia de Portugal, e immediato ao Geral; tem Vigario Irlandez, que he o Reytor do Collegio dos Hibernios, e em semelhantes funçoens só se achavaõ os taes Religiosos. Faleceo Sor Felicia em 15 de Dezembro de 1697. e foy das ultimas Religiosas, que nesta Casa deixaraõ singular memoria de sua vida, deixando muitas, que passando-a (como he vulgar no Mosteiro) em estreita observancia, nos naõ alargaõ esta escritura, em que só o mais raro nos tem servido de assumpto.

CAPITULO XXV.

Descreve-se a Igreja nova, e o augmento, que teve toda a Casa.

COmo a fabrica da Igreja, que hoje se vê, foy empreza da Madre Sor Maria Magdalena de Christo, e primeiro, que se aperfeiçoasse a obra, faleceraõ muitas Religiosas na Casa, nos foy preciso, por naõ interromper a serie das filhas della, guardar para este ultimo Capitulo o rascunho da Igreja, e mais essencial de toda a Casa. Era grande a estreiteza della; augmentavaõ-se as Religiosas, houve de tomar mais campo o interior do Mosteiro; (já fica apontado o sitio) começaraõ a crescer as paredes em quatro lanços, espaçosos Dormitorios, artificiosas, e alegres escadas, e proporcionadas officinas. He singular a do Refeitorio, com setenta palmos de comprido, quarenta de largo, casa alegre, e bem acabada, meyas paredes de azulejo, que a deixaõ mais vistosa. Claustro grande, ayroso, e desassombrado, com hum jardim de muitas flores, animadas de huma fermosa fonte, (que no meyo se levanta) de lavrados, e pulidos jaspes brancos, pretos, e encarnados, dispostos com todo o primor da arte, naõ sendo menos o com que se vem desatar copiosas aguas por muitos, e varios esguichos. Foy tudo idéa da Madre Sor Maria. Assim fica sendo o interior do Mosteiro a mais perfeita Casa de Clausura, que hoje sabemos das muitas, que ha na Corte, de que algumas a excedem na grandeza, mas naõ na regularidade.

Mas

Mas passando á fabrica da Igreja, a que devemos mais individual noticia, como Casa, em que as familias religiosas se esmeraõ mais, assim na arquitectura, como no ornato, e no aceyo; tornaremos a repetir o que já tocámos para mais clareza. Falecida a Condessa Fundadora, e ficando a Casa, naõ Mosteiro, mas hum Recolhimento acanhado, com huma pequena Ermida, antes que Igreja, suspiravaõ as Religiosas por consagrar a Deos mais grandiosa, e decente Casa. Dispollo o Ceo: porque falecendo D. Joaõ de Menezes, irmaõ da Madre Sor Maria Magdalena, sem herdeiro, lhe veyo a ella o morgado, com rendimento de quatro mil cruzados. Todos applicou especialmente á fabrica da Igreja, e depois ao principal de toda a obra da Casa, que foy o que acabou em sua vida. Ella deu aos officiaes a idéa da Igreja, que hoje se vê nesta fórma.

Crescem as paredes com ella oitavada até o frizo, em que descança huma abobada continuada até fechar no centro della com humas fachas de pedra. Desta saõ tambem todas as paredes, repartindo-se, e continuando-se em bem lavrados pilares, que acompanhaõ seis arcos das Capellas, que em circuito formaõ o corpo da Igreja. Fica a porta della em o arco do meyo da parte da Epistola, e vem a ser cinco as Capellas, por se occupar este arco com a porta. Em os dous, que ficaõ a Nascente, e Poente, se vem a este a Capella mór; naquelle duas grades de dous Coros, que lhe ficaõ fronteiros. Correm por cima das Capellas, e arcos, seis janellas, dando a pedraria entre ellas lugar a seis quadros de Santos da Ordem; assim fica todo o corpo da Igreja alegre, ornado, e vistoso.

Abre-se entre os outros o arco da Capella mór mais largo, e alteroso. He toda a Capella de pedraria varia; occupa o retabolo todo o vaõ della, e cresce em oito columnas de jaspe matizado, sustentando hum arco da mesma materia, que com bastante vaõ de huma abobeda de graciosa pedraria, fica com o tecto servindo de docel ao Sacrario. He este todo de prata, de altura de trez covados, mais de cinco no circuito da baze. Sóbe em fórma oitavada, e pyramidal, com suas quartellas da mesma materia, lavradas de relevo, e vay-se formando nas faces em graciosas molduras, que acompanhaõ finas laminas, em que se lê a Historia dos Cantares. Remata em cima com huma Cruz bem lavrada da mesma materia, que deixa toda a obra ayrosa sobre rica.

Na face do retabolo (que cresce sobre o arco, que cobre o Sacrario, e remata no alto da Capella, sobindo desde as oito columnas, athlantes de toda a obra) se abrem quatro nichos dos mesmos jaspes, em que se vem as Imagens de nossos gloriosos Patriarcas. A de S. Domingos da parte da Epistola, dando a do Evangelho a S. Francisco. Sobre os arcos destes dous primeiros descançaõ outros dous nichos, com a mesma correspondencia; vem-se nelles a Imagem de S. Thomaz da parte esquerda, a de Santo Antonio na direita. Acompanhaõ estes dous nichos o arco de huma fermosa tribuna, ayrosa, e desafogada, em

que

que se remata, e fecha todo o retabolo. Occupa o vaõ della hum throno magestoso, em que descança a Imagem da Senhora do Bom Successo, Orago da Casa, e de muitos milagres (como já deixamos noticia). Acompanhaõ o throno dous Anjos, que, como se os sustentara o voo, estendendo as azas, recolhem as cortinas, com que se cobre, ou se manifesta a Imagem. Ao pé della se vem as do Arcanjo S. Miguel, e Anjo Custodio do Reyno.

Cresce toda esta maquina á face da Capella sobre o Altar, a que acompanha huma banqueta de jaspe preto, com embutidos de finissima pedra branca, outra vermelha, preciosa, e resplandecente como rubim. Sobre esta banqueta, em lugar mais sobido, como servindo de peanha ao Sacrario, se vê outra de talha bem lavrada, e dourada, em que se recolhem varias Reliquias, a principal, que occupa o meyo, a cabeça de S. Sotero Papa, e Martyr. Mostraõ se nas paredes da mesma Capella mór, lavradas á face della, duas sepulturas, de huma, e outra parte, em que se abrem dous arcos de jaspe preto, cobrindo a mais obra, que he de varios, e bem lavrados jaspes; na da parte do Euangelho se lê este epitafio:

Aqui descançaõ os ossos de Dona Iria de Brito, Condessa que foy da Feira, e viuva segunda vez do primeiro Conde de Atalaya D. Francisco Manoel; de cada Conde destes lhe levou Deos hum filho, e em seu lugar lhe deu toda a nobreza do Reyno de Irlanda por filhas; para ellas fundou este Convento, e deu a sua fazenda com larga maõ. Nomeou nossa Senhora do Bom Successo por Padroeira, em 13 de Novembro de 1639 se disse a primeira Missa, e em 26 de Janeiro do anno de 1640 a levou Deos com todos os Sacramentos a gozar os premios da sua devoçaõ.

Pater noster.

Corresponde da parte da Epistola outro nicho, e em outra semelhante sepultura se lê este epitafio:

Aqui nesta dura pedra descançaõ os ossos de D. Nuno Manoel, de treze annos, unico filho dos primeiros Condes de Atalaya D. Francisco Manoel, e Dona Iria de Brito, sua esperança da posteridade, e mais amado por suas partes,

que

que pela ſucceſſaõ, que delle eſperavaõ; de que a morte os deſenganou no anno de 1659.

Pater noſter.

Occupaõ, e continuaõ o circuito da Igreja cinco Capellas. Da parte do Euangelho he a primeira da Senhora do Roſario, Imagem fermoſa, que mandou fazer a Madre Sor Maria Magdalena de Chriſto. Segue-ſe a do Apoſtolo de Hibernia S. Patricio, logo a de S. Gonçalo. Da parte da Epiſtola he a primeira do Santo Chriſto, he toda ao moderno de boa talha, devida ao cuidado, e diſpendio da Madre Sor Maria de Jeſus, que he Prioreza ao tempo, que iſto eſcrevemos, e com grande zelo do culto Divino, intenta continuar as mais Capellas na meſma fórma. Segue-ſe logo o arco, em que fica a porta da Igreja, e a ella a Capella de Santa Brigida, entre a qual, e a de S. Gonçalo fica o arco, em que ſe abrem as duas grades de dous Coros, capazes, e proporcionados a toda a obra, ornados decentemente com a de cadeiras, e pinturas.

Fim do quarto livro.

APPENDIX
A ESTA
QUARTA PARTE.

Noticia breve em commum dos Escritores da Ordem de S. Domingos nesta Provincia de Portugal.

NAM nos occupará a penna nesse conciso Catalogo, menos que Author, q̃ com a sua se fez digno de enchello. Digo o que com ella alargou a sua escritura a emprego executivo de huma estimavel memoria. Porque naõ obstante ser hum discurso predicativo (se he cabalmente desempenhado) demonstraçaõ de, hum igual talento, sem duvida faz pouco vulto, assim para encher os numeros de hum Catalogo, como para singularizar hum engenho, em que aquelle exercicio he Instituto. Assim naõ seguiremos a vulgaridade dos que, para multiplicar Escritores, barateaõ este nome; e naõ daremos favor ao escrupulo dos que quizerem ter este nosso emprego por menos justificado. Os eruditos, e curiosos, que nesta materia desejarem mais individuaçaõ, e allegaçoens, (que authorizaõ verdades, e comprovaõ a existencia, e operaçoens dos Authores) pódem ver o *Theatro Literario*, que escreveo o M. Fr. Pedro Monteiro no seu *Claustro Dominicano*.

Em todos os seculos, desde a sua instituiçaõ, foy a Religiaõ Dominicana officina de Mestres, Escritores, e Observantes (como Palestra de letras, e virtudes) de que ás Universidades encheo as Cadeiras de Mestres; á Igreja os Altares de Santos; e a todo o Mundo, (nos destrictos da Fé) de Obreiros Evangelicos.

Nesta quarta Parte o acabamos de comprovar com os illustres filhos desta Provincia, (todos grandes, muitos Veneraveis) que continuaraõ este secu-

lo proximè passado, os exercicios de seu sagrado Instituto; e parece razaõ, que a demos de terceira Classe de sogeitos religiosamente heroicos, que com a laboriosa applicaçaõ de suas remontadas pennas, se souberaõ negocear segundas vidas; porque nem a morte (que sabe triunfar nas de todos) deixará de lhas reconhecer nos seus escritos. Será a noticia generica, porque naõ pareça, que queremos senhorear a alhea, ou ambiçaõ de alargar escritura.

O primeiro Religioso, que achamos lembrado com este emprego nesta Provincia, he Fr. Affonso Bom Homem, que em letras, e virtude confirmou o cognome. Foy singularmente versado nas linguas Latina, Grega, Hebraica, e Arabica. Verteo desta em Latim o *Tratado de Rabbi Samuel.* Argumento do verdadeiro Messias.

Fr. Ayres Correa escreveo sobre os *Dezasete Capitulos do primeiro livro dos Reys.* E sobre o *Profeta Egeas.*

Fr. Alvaro da Torre, Mestre em Theologia, e Prégador del-Rey D. Joaõ o II. escreveo hum grande *Tratado da Creaçaõ do Mundo.*

O Mestre Fr. Alvaro Leitaõ, Prégador delRey D. Affonso VI. e D. Pedro II. escreveo, e imprimio hum Tomo de *Sermoens Quadragesimaes*; e mais sete avulsos, tambem impressos, e prégados em dias, e funçoens notaveis.

O Mestre Fr. André de Resende (milagre dos Escritores do seu tempo, e dignissimo de se reconhecer em todo) estimado dos Reys, e Principes destes Reynos, como de muitos dos estranhos; assumpto de singulares elogios, nas pennas dos doutos, assim por suas Prosas, como por suas Poesias; compoz hum grande volume, em que ajuntou quatro livros de *Antiquitatibus*, e algumas traducçoens do Latim, em que era peritissimo. Escreveo huns *Commentarios de verborum conjunctione.* Escreveo dous livros de *Aquæductibus* por ordem delRey. Outro de *Aquæductu Eborensi.* Escreveo hum Tratado, que intitulou *Genethliacum Principis Lusitaniæ.* Compoz em Latim com singular estylo, e acerto as vidas de muitos Santos, especialmente as de S. Vicente Martyr, Padroeiro de Lisboa, e de S. Fr. Gil, da Ordem dos Prégadores, S. Gonçalo de Amarante, da mesma Ordem, e da Rainha Santa Isabel. Escreveo varias cartas no mesmo idioma Latino a varios homens eruditos do seu tempo. Hum livro de *Arquitectura.* Huma *Apologia*, impugnando certo Prelado. Hum *Poema*, que intitulou *Adversus Stolidos, politioris Literaturæ obtrectatores*, com a singular elegancia de que era dotado na Poesia. Varias *Oraçoens* no mesmo idioma Latino, que escrevia com pericia, e representava com viveza. Outro Poema de *Bracharæ urbis conditione.* Compoz huma *Chronica* delRey D. Affonso Henriques. Escreveo o *Martyrologio Portuguez* em idioma Latino. Reformou o *Breviario Eborense*, por ordem do Cardeal Infante D. Henrique. Compoz huma obra, que intitulou *De Coloniarum, & Mancipiorum jure commentarium.* Quasi tudo vio em sua vida com o premio da estampa, concorrendo os eruditos para lhe perpetuarem os elogios,

gios, e para lhe naõ perderem os documentos. Ditoso seculo!

Fr. André Dias, Bispo de Megara, escreveo algumas obras para o bom governo das consciencias, de que se acha alguma nos manuscritos do V. M. Fr. Luiz de Granada. E huma *Collecçaõ* de prodigios do Senhor Jesus, que se venera na Igreja de S. Domingos de Lisboa; e ainda que naõ achamos mais testemunhos da sua penna, naõ he aqui ociosa esta memoria, por ser de hum Prelado, que recomendou a sua, assim na vida, como na morte, sendo ambas testemunhas de sua santidade.

O Mestre Fr. André de Santo Thomaz, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, insigne Theologo, escreveo doutissimos *Commentarios* sobre a *Summa de Santo Thomaz.*

O Mestre Fr. Antonio de Affonseca, Lente de Escritura na Universidade de Coimbra, e Prégador delRey D. Joaõ o III. escreveo *Commentarios* sobre o *Pentatheuco*, exposto pelo Cardeal Caetano, de que tambem escreveo a vida. Compoz tambem sobre *Josué*, livros dos *Reys*, e *Paralipomenon.*

O Mestre Fr. Antonio de Almeida escreveo dous tomos de *Sermoens de Mysterios*, e *de Santos.*

O Mestre Fr. Antonio de S. Domingos leo a Cadeira de Theologia na Universidade de Coimbra, em que foy Deputado da Inquisiçaõ, naõ só foy hum dos celeberrimos Theologos no seu seculo, mas hum grande Escritor; escreveo com profundidade sobre toda a *Summa de Santo Thomaz.* Escreveo huma *Chronica dos Santos da Ordem*, e hum tomo sobre os *Novissimos do Homem.*

O Mestre Fr. Antonio Coutinho escreveo, e imprimio varios *Sermoens.*

O Mestre Fr. Antonio da Encarnaçaõ (que foy Provincial em Armenia, e destro naquella lingua) escreveo varios *Documentos* para o governo dos seus subditos, a que purificou de alguns erros. Escreveo tambem varias *Relaçoens das Christandades de Solor*, em que se achou, e deu a noticia do que os filhos de S. Domingos obraraõ nellas. Deu tambem á estampa a terceira Parte da Historia desta Provincia, escrita pelo grande Chronista Fr. Luiz de Sousa, em que escreveo algumas addiçoens, imitando o seu estylo com singular elegancia Historica.

Fr. Antonio de França escreveo a *Vida da Princeza Santa Joanna.* Hum livro da *Instituiçaõ da Casa de Jesu de Aveiro.* Huns fragmentos da *Historia de Hespanha.* Huma *Relaçaõ dos Reys sepultados em Alcobaça*, escrita por ordem delRey D. Sebastiaõ.

Fr. Antonio Feyo, insigne Prégador, escreveo hum tomo de *Sermoens Quadragesimaes.* Mais dous tomos de *Sermoens de Santos.* Hum tomo de *Festas de nossa Senhora*, e mais alguns *Sermoens* avulsos; tudo deu ao Prélo.

O Mestre Fr. Antonio Ferreira, Confessor delRey Dom Joaõ o III., e do Principe D. Joaõ seu filho, escreveo dous tomos sobre particulares *Assumptos dos Santos Padres*, e dos *Euangelhos de todo o anno.*

Fr. Antonio de Madureira, insigne Genealogico (e nesta materia

teria o mais perito de seu tempo) escreveo muitos livros de *Familias deste Reyno*, de que hoje se valem os que melhor escrevem, e estimaõ os que melhor o entendem.

Fr. Antonio dos Prazeres escreveo huma *Historia dos Estados da India*, e estando para a authorizar o Prélo, se sepultou nas mãos de certo personagem, que a alcançou com artificio, e a negou com indecóro.

O Mestre Fr. Antonio Pereira, Deputado do Santo Officio na India, e neste Reyno, escreveo, e imprimio varios *Sermoens*.

O Mestre Fr. Antonio da Resurreiçaõ, naõ só grande Theologo, mas o mayor do seu seculo, (e em tempo em que se reconheciaõ muitos, naõ só na Provincia, mas em todo o Reyno) Lente de Prima na Universidade de Coimbra, em que tambem foy Deputado do Santo Officio. Deixou doutissimos manuscritos sobre a *Summa de Santo Thomaz*, a que a penuria da Provincia deixou sem o merecido premio do Prélo, que se occupou com alguns Sermoens seus, com que a estimaçaõ dos que o conheceraõ, quiz contentar a memoria dos que o suspiraraõ.

O Mestre Fr. Antonio Ribeiro escreveo, e imprimio alguns *Sermoens*.

O Mestre Fr. Antonio Rosado escreveo, e imprimio trez volumes. Hum sobre a *Destruiçaõ de Jerusalem*. Outro sobre os quatro *Novissimos*. Outro de *Sermoens*, *e milagres do Rosario*. Deixou muitos *Sermoens* avulsos, dignos da estampa, como tambem hum volume de *Vidas de Santos*.

O Mestre Fr. Antonio de Senna, illustre, e incançavel Escritor, (de huma cousa, e outra deu testemunho sua penna) escreveo dous tomos de *Questoens Theologicas*. Outros dous; hum de *Comparatione virtutum*. Outro de *Quinque statibus hominis*. Escreveo hum volume do que pertence á absoluta fórma da Religiaõ; illustrou a *Summa de Santo Thomaz*, pondo-lhe á margem citaçoens dos Padres, e Authores Gentilicos. O mesmo fez nas *Questoens disputadas do mesmo Santo*, emprego de incomparavel estudo, concluído em trez annos e meyo. Escreveo huma *Chronica recopilada de toda a Ordem*. Outra, ainda que já adiantada, naõ concluida. Hum tomo, que intitulou *Bibliotheca Fratrum Prædicatorum*. Varias *Vidas de Santos*, *de Beatos*, *e Veneraveis da Ordem*. Para glorioso interesse dos eruditos, deu á estampa o *Commento de Santo Thomaz* sobre o *Genesis*. Intentou o mesmo nos *Commentarios do mesmo Santo* sobre os *Machabeos*, mas naõ se igualaraõ as posses com o zelo, contentando-se com a gloria de ter descuberto os *Commentarios*, com diligencia taõ laboriosa, como bem afortunada; servindo a sua penna, naõ só de facilitarnos o credito dos seus Escritores, mas os a que faltava a noticia de nossos. Fez dar á estampa humas *Homilias do Cardeal Infante Dom Henrique*; a que accrescentou alguns *Discursos* seus predicativos.

O Mestre Fr. Antonio de Sousa, Provincial que foy desta Provincia, e depois Vigario Generalissimo de toda a Ordem, por Clemente VIII., e ultimamen-

mente Bispo de Viseo. Escreveo huma *Chronica* desta Provincia.

O Mestre Fr. Antonio de Sousa, segundo do nome, consumado Theologo, e insigne Canonista, Deputado do Conselho Geral da Inquisiçaõ, escreveo trez volumes. O primeiro intitulado *Aforismos dos Inquisidores.* O segundo sobre a *Bulla da Cea.* O terceiro de *Solicitantibus*, todos em idioma Latino, em que era singularmente versado. Naõ o era menos no Pulpito, estudo de que tambem enriqueceo o Prélo.

Sor Antonia de S. Domingos, Religiosa na Casa de Jesus de Aveiro, dotada de singular engenho, escreveo com admiravel estilo a *Vida da V. M. Luiza do Rosario do mesmo Mosteiro.*

O Veneravel Padre Fr. Bartholomeu dos Martyres, Primaz das Hespanhas, Regra de Religiosos, exemplar de Prelados, e admiraçaõ de todos, que com o nome de Arcebispo Santo se encontra a cada passo nos Escritores do seu, e nosso tempo, como Oraculo Catholico, escreveo hum volume intitulado *Compendium Spiritualis Doctrinæ ex variis SS. Patrum sententiis collectum.* Outro, que intitulou *Stimulus Pastorum*, que S. Carlos Borromeo fez imprimir na Curia Romana. Escreveo hum tomo *In Psalmos, & Cantica Feriarum.* Outro: *Annotationes in Jeremiam, & alios Prophetas.* Hum tomo, que intitulou *Puncta tangentia jura, & casus conscientiæ*: Outro *De variis studiis ad Sacram Scripturam pertinentibus.* Escreveo hum tomo, que intitulou *Epitome Chronicorum Mundi.* Outro: *Compendium Historiarum Ecclesiasticarum.* Outro: *Narrationes gestorum in Concilio Tridentino.* Outro: *Regulæ mensæ Religiosæ.* No nosso idioma escreveo hum *Tratado de Praticas devotas* para os Prelados, que daõ Ordens. Outro: *Praticas Espirituaes* sobre os Evangelhos das Festas de todo o anno. Hum *Summario da Doutrina Christãa*, copioso de documentos exemplares, para educaçaõ dos moços do seu Arcebispado O *Cathecismo da Doutrina Christãa*, que ElRey Dom Sebastiaõ mandou imprimir. Todas estas obras, que podiaõ ser pedras preciosas naquella grande Mitra, foraõ especioso assumpto da fecundissima, e doutrinal penna do grande Fr. Luiz de Granada, que incomparavel em todos os empregos della, chegou com os elogios, aonde o Arcebispo com os progressos.

O Mestre Fr. Bento de Santo Thomaz, Theologo celebre, e Prégador insigne, escreveo hum tomo contra a *Perfidia Judaica*, que tendo approvaçaõ commua, perdeo com sua morte a vida da estampa, em que alguns *Sermoens* seus foraõ testemunho do muito que se perdeo no que se naõ imprimio.

Fr. Bartholomeu Ferreira escreveo, e imprimio hum grande tomo, que intitulou: *De is, qui de Fide Catholica male sentientes aliquid scripserunt, vel inter Catholicos tractatus alquid de suo interposuere*; obra de grande estudo, e igual proveito.

O Mestre Fr. Bartholomeu Ferreira, Deputado do Santo Officio; escreveo, e deu á luz a *Vida do Veneravel Padre Mestre Fr. Antonio Freire*, Confessor delRey D. Joaõ o III. e de seu filho o Principe D. Joaõ.

Fr. Bartholomeu da Veiga escre-

creveo hum tomo de especial estudo, com o titulo de *Computo Ecclesiastico.*

Fr. Bartholomeu Nobre escreveo dous tomos. Hum sobre o *Genesis.* Outro sobre *S. Mattheus.*

Fr. Braz de Resende, de raro, e memoravel engenho, estimaçaõ dos Principes do seu seculo, escreveo em verso o *Pranto da Magdalena*, e de *S. Pedro.*

O Mestre Fr. Christovaõ Carvaõ, Prégador celebre, escreveo, e imprimio hum tomo de varios *Sermoens.*

O Mestre Fr. Christovaõ do Rosario, Prégador, e Confessor da Rainha da Graõ Bretanha, escreveo dous grandes volumes de *Prédica*, estimaveis no voto dos erudítos; mas os achaques, e morte do Author, lhe embaraçaraõ a gloria da estampa.

Sor Catharina Pinheira, filha do Convento de Jesus de Aveiro, de singular refórma, e engenho, escreveo a *Vida da Princeza Santa Joanna*, como testemunha de vista.

Fr. Damiaõ da Fonseca, grande Theologo, que o foy (passando a Roma) do Cardeal Baldino, e companheiro do Mestre do Sacro Palacio; escreveo huma obra singular (de que naõ ficou outra noticia) no idioma Italiano, em que era versadissimo, que imprimio vertida em Hespanhol, a diligencia, e com applauso da Curia.

Fr. Diogo Alvares escreveo dous tomos sobre *Isaias*, que imprimio em Roma.

O Mestre Fr. Diogo Artur, Lente de Prima na Cadeira, que a Religiaõ tem de propriedade na Universidade de Coimbra, o mais celebre, e reconhecido Theologo, que tiveraõ as Academias de toda Hespanha no seculo passado, (nesta Provincia perfilhado, ainda que de naçaõ Hibernio) escreveo com incomparavel profundidade, e methodo sobre a *Summa de Santo Thomaz*, que principiando-se a imprimir na Impressaõ Craesbekiana, morrendo o Impressor, e o Mestre, correraõ os originaes a mesma fortuna (naõ sem culpavel omissaõ desta Provincia) ficando a obra só nesta parte imperfeita, e sepultada no Collegio dos nossos Hibernios, que residem nesta Corte.

Fr. Diogo Callado foy perito nas linguas Latina, Japonia, e Chinense. Escreveo huma *Arte de Grammatica Japonense.* Hum *Diccionario*, e *Thesouro da mesma lingua.* Outro da *Chinense*, de grande utilidade para a propagaçaõ Evangelica, e commercio naquellas Regioens.

Fr. Diogo de Castilho escreveo varias obras de erudiçaõ, e noticias, que se conservaõ em Roma na Bibliotheca; a mais conhecida se vê com o titulo de *Origem dos Turcos, e seus Emperadores*, de que se valeo bem o vasto, e erudíto Escritor da *Republica Gentilica.* Algum Author nos quer tirar do *Catalogo Dominicano* este Escritor, mas com taõ leve fundamento, que o naõ podemos desconhecer nosso.

Fr. Diogo de Lemos, igualmente douto, que reformado, escreveo a *Vida de nosso Padre S. Domingos*, illustrando-a com conceitos, e erudiçaõ, obra estimavel; especialmente para a Rainha Dona Leonor, terceira mulher

lher delRey D. Manoel, que a mandou imprimir.

O Mestre Fr. Diogo de Moraes, Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, insigne Expositor de muitos livros da Sagrada Escritura, (como se póde ver na Chronica de Fr. Antonio de Senna) foy elegante, e de feliz memoria, naõ menos venerado pela refórma de sua vida.

Fr. Diogo do Rosario, Varaõ de grande nome, assim em erudiçaõ, como em virtude; escreveo hum grande tomo de *Vidas de Santos*; e foy o primeiro *Flos Sanctorum*, que deu a luz a Emprensa de Hespanha. Outro de *Sermoens*, que tambem se divulgou por ella. Huma breve *Chronica da Ordem*, e huma *Summa de casos de consciencia.* Outra obra lhe attribue certo Author, digna da sua grande capacidade, e da nossa memoria, a ser mais commua a noticia.

Fr. Domingos Caveira de S. Payo escreveo hum tomo de *Santos deste Reyno*; outro dos *Varoens illustres da Ordem.* Ambos imprimio em França, em que á sua capacidade fez grande lugar ao seu nome.

O M. Fr. Domingos Freire, hum dos mayores Theologos, que admirou a Universidade de Coimbra neste seculo passado, escreveo por ordem do Santo Officio (de que era Deputado naquella Cidade) contra varios erros offensivos á Fé, descubertos, e confutados com a rara argucia do seu grande talento, e estudos. Escreveo a *Vida de Santa Rosa* em idioma Latino, em que era eruditamente versado. Escreveo varias *Rezas de Santos da Ordem*, admirando-se nos seus Hymnos a elegancia, e doçura Poetica, que o poz no Catalogo desta soberana Arte, em que tambem foy Mestre.

Fr. Domingos Snets, Germano de naçaõ, conhecido, e venerado pelas grandes reducçoens dos hereges celebres, que concluìo em sua Patria, e nesta Corte; escreveo no seu idioma hum grande tomo de *Sermoens*, e *Praticas*, para todas as Domingas do anno.

Fr. Domingos da Paz, celebre Prégador Apostolico, escreveo na lingua Latina dous tomos de *Sermoens*, que em Veneza se deraõ á estampa.

O Mestre Fr. Domingos Daly, ou do Rosario, Irlandez de naçaõ, conhecido por Fundador dos Hibernios Dominicanos neste Reyno, (que já nesta quarta Parte nos deu assumpto) do Conselho privado da Rainha Dona Luiza (na menoridade de seu filho Dom Affonso VI.) seu Confessor, e primeiro Ministro do seu Despacho. Recusada a Cadeira de Prima (que a Religiaõ tem na Universidade de Coimbra), e varias Dignidades Episcopaes, foy Embaixador a Inglaterra, a França, a Roma duas vezes (por Filippe III. governando estes Reynos, por D. Joaõ o IV. e a Rainha Dona Luiza), em que mostrou huma capacidade rara, concluindo grandes importancias, com interesse, e reputaçaõ desta Coroa, em que veyo a aceitar o Bispado de Coimbra, por adiantar a fundaçaõ, que emprendera. Escreveo na lingua Latina, em que era versadissimo, huma *Chronica dos Reys de Hibernia*, e *Familia Geraldina.* Escreveo hum singular *Poema* em verso

so heroico, em que incluio todas as censuras, que se achaõ no Direito Canonico, em beneficio de Confessores, e Moralistas.

O Mestre Fr. Domingos de Santo Thomaz, plausivel, e venerado talento nesta Provincia, e no passado seculo, (que nesta quarta Parte nos deu materia para estimavel escritura) Oraculo na Cadeira, como no Pulpito, singular Canonista, como insigne Poeta, escreveo toda a *Theologia*, especulativa, como moral, em seis grandes tomos, com o titulo de *Manuale Thomisticum.* Recopilou, e imprimio toda a *Theologia* em trez tomos, a que chamou *Tirocinios.* Escreveo, e imprimio hum tomo *Predicativo Panegyrico*, sobre a Sequencia do Sacramento, que compoz Santo Thomaz. Escreveo varios *Sermoens*, que perpetuou o Prélo, ainda que inferiores a seu grande nome.

O Mestre Fr. Estevaõ Leitaõ escreveo dous volumes, hum de *Laudibus Montis Calvarii*, outro a *Concordia de Jansenio*, Bispo Gandegavense.

O Mestre Fr. Estevaõ de S. Payo escreveo trez volumes, o primeiro com o titulo: *Thesaurus arcanus Lusitanis gemmis refulgens.* Aos outros dous deu o titulo de *Stemma selectissimum*, *&c.*

Fr. Filippe das Chagas escreveo hum volume, com o titulo de *Arte Poetica*, *Pintura*, *Symmetria*, *e Perspectiva*, e outro, que intitulou *Rosario da Senhora.*

Fr. Fernando de Almeida escreveo hum *Tratado* dos erros, que contém as Glossas dos Sagrados Canones, obra de importancia, e erudiçaõ.

O Presentado Fr. Fernando de Castro, neto do grande Vice-Rey D. Joaõ de Castro, escreveo o *Sitio da Cidade de Goa.* Escreveo a *Vida*, *e martyrio do Padre Mestre Fr. Jeronymo da Cruz*, que morreo pela Fé no Reyno de Siaõ.

Fr. Fernando da Encarnaçaõ, Bispo de Cochim, e depois do Algarve, escreveo hum volume de *Theologia* em vulgar.

O Mestre Fr. Fernando de Eleno escreveo hum tomo em idioma Italiano, que intitulou: *Historia de la desunione del Regno de Portugelo de la Corona de Castiglia.* Outra memoria diz, que sendo outro o Author, elle o augmentou, e illustrou com singulares *Additamentos* de cousas notaveis.

O Mestre Fr. Fernando Soeiro, grande Theologo, (e hum dos mais celebres do seu tempo) foy Prégador dos Serenissimos Reys D. Joaõ o IV., D. Affonso VI., e D. Pedro II. Escreveo, e imprimio alguns *Sermoens* de relevantes assumptos, com erudiçaõ, e elegancia predicativa.

Fr. Fernando de Tavora, nomeado Bispo do Funchal, a que naõ podemos faltar com a breve reflexaõ (que nos pede sua refórma, erudiçaõ, e nobreza) de lhe assistir á profissaõ no Convento de Bemfica, o Cardeal Infante, que governou esta Coroa, e de ter por Mestre na Universidade (que a Religiaõ tem na Batalha) o Veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres. Commentou o *Evangelho de S. Joaõ*, com o titulo: *Joannis Evangelium posterius scriptum.* Foy este Padre insigne na arte da Pintura.

O Mes-

O Mestre Fr. Fernando de Avreu, Consultor do Santo Officio, Desembargador da Relaçaõ Ecclesiastica Patriarchal, Deputado da Junta das Missoens, Academico do numero da Academia Real, escrevia nella as *Memorias do Bispado de Miranda*, em que já tinha occupado o Prélo com o *Catalogo dos Prelados daquella Igreja*, quando a morte lhe embargou os progressos della.

Fr. Francisco dos Anjos escreveo a *Vida da Veneravel Madre Jeronyma de Carvalho* da Terceira Ordem de S. Domingos.

O Mestre Fr. Francisco de Bobadilha, filho dos Marquezes de Punhaõ, (Hespanhol, mas perfilhado nesta Provincia) escreveo sobre o livro da *Sabedoria*. Commentou copiosamente o livro do *Ecclesiastico*, e todas as *Epistolas de S. Paulo*. Fez humas breves *Annotaçoens* aos *Proverbios de Salomaõ*. Compoz mais alguns *Tratados*, tocantes á materia da Religiaõ, e fóra della.

Fr. Fernando Soeiro, celebre Theologo, como o reconheceo (escutando-o) o Concilio Tridentino. Foy Prégador delRey D. Joaõ o III., Confessor delRey D. Sebastiaõ, e da Infante Dona Maria, filha delRey D. Manoel, e da Rainha Dona Leonor. Escreveo com admiravel acerto, e estylo sobre *Isaias*, *Job*, *Psalmos*, livros de *Salomaõ*, sobre os *Profetas*, assim *Mayores*, como *Menores*.

Fr. Francisco de Jesus escreveo hum tomo em oitavas Rimas de *Malaca Conquistada*.

O Mestre Fr. Francisco de Orta deixou escritos doutissimos, e copiosos *Commentarios* sobre toda a *Summa de Santo Thomaz*.

O Padre Fr. Francisco da Piedade escreveo huma obra grande, com o titulo de *Expositiones selectæ Sanctorum PP. Doctorumque clarissimorum, in totum Historiale utriusque paginæ textum*, de que se deu ao Prélo o primeiro tomo.

Fr. Francisco Mexia compoz, e imprimio hum tomo, que intitulou: *Ordo, & Methodus Partium S. Thomæ; & omnium partium resolutio*; obra importante a voto dos Theologos.

Sor Francisca Josefa de Nazareth, do Mosteiro da Rosa, traduzio do Italiano em Portuguez o tomo intitulado: *Finezas de Jesus Sacramentado*, que seu irmaõ Fr. Jozé de Santa Theresa, Carmelita Descalço, tinha composto em Italia.

Fr. Gaspar de Barros, grande Antiquario, e insigne Geografo, compoz, e deu á luz hum grande *Itinerario*, em que descreveo todos os lugares, nomes, e origens dos Reynos de Hespanha.

Fr. Gaspar da Cruz, o primeiro Missionario, que entrou no Imperio da China, nomeado Bispo de Malaca, e que acabou no seu exercicio com opiniaõ de Santo, escreveo hum *Tratado* taõ individual, como extenso, das cousas da China.

O Mestre Fr. Gaspar de Mello (que substituio a Cadeira de Prima, que a Religiaõ tem na Universidade de Coimbra, e passou por Inquisidor ao Estado da India) escreveo eruditas, e varias obras, de que ficou esta noticia confusa, e a de que a morte do Author lhe suspendeo a estampa.

Fr. Gaspar do Salvador, filho da India, compoz huma *Chronica* dos Religiosos daquella Congregaçaõ, que faleceraõ nella com nome de letras, e virtude.

Fr. Gastaõ, (de que se ignora o sobrenome) escreveo as guerras entre os Reys de Cochim, e Calecut, livro estimavel pela verdade experimental, com que seu Author tratou a materia, em que envolveo com a mesma as façanhas do grande Duarte Pacheco, em beneficio dos que escreveraõ deste Heroe.

O Mestre Fr. Gaspar Pinheiro, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, imprimio alguns *Sermoes*, prégados em festividades dignas de tanto Orador.

Fr. Jorze de Santiago, Varaõ doutissimo, Bispo de Angra, (que por mandado delRey D. Joaõ o III. foy por Theologo ao Concilio Tridentino) escreveo, e imprimio por aceitaçaõ commua, a grande *Oraçaõ*, que fez no mesmo Concilio, e hum tomo de varias *Direcçoens*, e *Dictames* para o governo do seu Bispado, como para qualquer governo Ecclesiastico.

O Mestre Fr. Jorze Vogado, que foy Provincial desta Provincia, escreveo varios *Tratados* de memorias pertencentes a ella.

O Santo Fr. Gil, Doutor pela Universidade de Pariz, e o primeiro, que lêo Theologia Escolastica nesta Provincia, escreveo huma *Chronica* de varios, e insignes Mestres, que floreceraõ nella.

Fr. Henrique de...... Religioso douto, e reformado, (da estimaçaõ da Rainha Dona Catharina, mulher delRey D. Joaõ o III.) escreveo, e imprimio hum tomo de *Sermoens* dos mais principaes mysterios da Igreja; e a gosto, e obsequio da mesma Rainha, verteo da Latina na lingua Castelhana o *Compendio da Doutrina Christãa* do Mestre Fr. Luiz de Granada.

O Mestre Fr. Jeronymo da Azambuja, Escritor celebre com o cognome de Oleastro, peritissimo nas linguas Grega, e Hebraica, com o nome de Theologo delRey D. Joaõ o III. assistio no Concilio Tridentino, onde se escutou como Oraculo. Foy Deputado do Santo Officio em Evora, e Lisboa, e do Conselho delRey D. Henrique. Recusou o Bispado de S. Thomé, em tempo em que ainda a pouca experiencia o naõ tinha malquisto. Foy Provincial desta Provincia. Escreveo sobre todo o *Penthateuco*, sobre *Isaias*, e *Jeremias*, e todos os *Profetas Menores*, sobre os quatro livros dos *Reys*, sobre os *Psalmos*. Escreveo mais outros *Commentarios* sobre varios livros da *Escritura*; e hum tomo sobre as *Heresias* do seu tempo; e sendo sem controversia hum dos primeiros, e mais genuinos Expositores, (de quem os que se lhe seguiraõ, em muita parte se valeraõ) em huma cousa foy inimitavel, que foy nas suas *Reflexoens ad mores*, por profundas, e breves.

Fr. Jeronymo Correa escreveo hum tomo de *Concordia scientiarum*. Outro, em que compilou todos os privilegios da Ordem dos Prégadores.

Fr. Jeronymo Pereira, Varaõ doutissimo, e Prégador celebre, Bispo Titular de Salé,

que

que assistio ao Cardeal Infante D. Henrique, escreveo hum tomo de *Resurrectione Christi Domini*; outro de *Sacramentis Ecclesiæ*, e varios *Sermoens* do tempo, e de *Santos*. De mais obras ficou só a noticia em commum sem titulo, ou numero.

Fr. Jeronymo Ramos escreveo exactamente a *Vida do Infante Santo D. Fernando*.

O Mestre Fr. Ignacio Coutinho compoz dous tomos com o titulo de *Promptuario Espiritual*, sobre os *Evangelhos* das festas dos Santos, que celebra a Igreja, pelo discurso do anno. Escreveo hum *Marial de Panegyricos*, para todas as Festas da Senhora. Escreveo mais varios *Sermoens* avulsos; tudo com tanta erudiçaõ sagrada, e elegancia predicativa, (em tempo em que huma, e outra cousa era rara) que naõ só o perpetuou a estampa neste Reyno, e no nosso idioma, mas passou a estranhos, em que logrou o mesmo beneficio na traducçaõ Latina, por hum Religioso da Ordem.

O Mestre Fr. Ignacio Galvaõ escreveo com singular erudiçaõ, e estylo, em idioma Latino dous grandes tomos de *Elogios* sobre a *Doutrina do Doutor Angelico Santo Thomaz*. Imprimiraõ-se, e alguns *Sermoens* avulsos.

O Mestre Fr. Joaõ Aranha, Lente de Prima de Escritura na Universidade de Coimbra, escreveo, e prégou com estimaçaõ publica as *Exequias delRey Filippe o Primeiro*, que governou estes Reynos. De mais *Sermoens* o faz Author alguma memoria, que naõ passou de commua.

Fr. Joaõ da Cruz, Religioso erudito, compoz huma *Chronica* da Ordem em dous tomos. Escreveo hum *Dialogo* sobre a importancia da *Oraçaõ*, e *Obras virtuosas*; hum *Discurso* sobre o *Psalmo* 41. Verteo em Latim a *Historia Ecclesiastica*, que se intitula: *Bipartida*. Imprimio-se roubando o nome, e gloria a este Author. Escreveo, e deu á estampa trinta e seis *Sermoens*, sobre as mais importantes materias ao Christianismo.

Fr. Joaõ Lopes escreveo a *Vida de S. Vicente Ferreira*.

Fr. Joaõ Madeira, versadissimo na Historia, escreveo as *Vidas dos Reys de Portugal*, manuscrito, de que se aproveitaraõ grandes Authores.

Fr. Joaõ Pedraça, Castelhano de naçaõ, (perfilhado nesta Provincia) da illustrissima Casa dos Duques do Infantado, Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, Bispo das Canarias, escreveo huma copiosa *Summa de casos de consciencia*, recebida (primeira, e segunda vez) pela estampa dos melhores votos na materia, com credito do Author, e interesse dos estudiosos.

Fr. Joaõ Pinheiro, que de Doutor na Universidade de Pariz, veyo lêr a Cadeira de Vespera em Coimbra, e passou ao Concilio Tridentino por Theologo delRey D. Sebastiaõ, atalhando a morte os grandes progressos de seus estudos, que trinta e nove annos tinha desempenhado hum Oraculo de Theologia, e Escritura Sagrada, sobre que escreveo varios livros, de que (faltando elle) se aproveitaraõ muitos, roubando ao Author o premio do Prélo; ao Prélo hum particular assumpto, em muitos que podiaõ authorizar este Catalogo.

Fr. Joaõ

Fr. Joaõ de Portalegre escreveo a *Vida de S. Fr. Gil*, estendendo a todos seus milagres a escritura, como testemunha de vista.

Fr. Joaõ de Portugal, filho dos Condes de Vimioso, Prégador delRey, e Bispo de Viseu, Religioso de eximia literatura, e singular observancia; já nesta Chronica nos authorizou a escritura; escreveo quatro tomos de *Theologia*, sobre as materias de *Gratia*, *creata*, *& increata.* Escreveo no nosso idioma hum tomo, a que intitulou *Casamento Christaõ.* Outro de *Louvores de nossa Senhora.*

Fr. Joaõ dos Santos, grande Missionario do Oriente, escreveo hum livro com o titulo de *Ethiopia Oriental*, impresso, e buscado, como o mais veridico nas noticias daquelle Emporio.

O Mestre Fr. Joaõ de Santo Thomaz, Inquisidor no Tribunal de Madrid, Confessor de Filippe IV. lêo em Alcalá as Cadeiras de Prima, e Vespera. Escreveo hum *Curso Theologico* em trez tomos. Mais quatro tomos sobre as *Questoens de Santo Thomaz.* Trez tomos de *Filosofias* no idioma Hespanhol, hum livro com o titulo *Explicacion de la Doctrina Christiana.* Falleceo com opiniaõ de Santo.

O Veneravel M. Fr Joaõ de Vasconcellos, (que nos enriqueceo esta escritura, com mais especiosa materia) escreveo varios tomos de *Theologia Escolastica.*

D. Fr. Jozé de Jesu Maria, Bispo Titular de Patara, escreveo em idioma Latino hum tomo com o titulo de *Manuale Qualificatorum.* Hum *Sermaõ nas Exequias de Clemente XI.* Imprimiosse.

O M. Fr. Jozé de Santa Maria escreveo dous grandes tomos de *Libero arbitrio.* Imprimio-se o primeiro.

O M. Fr. Jozé da Purificaçaõ, singular Latino, e celebre Poeta no mesmo idioma, Academico do numero da Academia Real, escreveo, e recitou a *Oraçaõ Gratulatoria na exaltaçaõ ao Solio Pontificio do nosso Pontifice Benedicto XIII.* Na sua morte a *Oraçaõ Funebre.* Escreveo, e imprimio alguns *Sermoens.*

Fr. Jozé Teixeira, Prégador do Cardeal Rey D. Henrique, escreveo a *Genealogia de Henrique IV.* que se imprimio. E hum *Tratado Apologetico*, em obsequio do Principe de Condé. Mal informado Manoel de Faria, faz a este Religioso Trinitario.

Fr. Jordaõ, (a que os successos de sua vida, e morte suppriraõ o sobrenome, porque morrendo no Oriente pela Fé, se seguiraõ tantos prodigios á sua morte, que os mesmos Gentios lhe levantaraõ imagens em seus Pagodes) escreveo hum volume do martyrio de quatro Religiosos Menores, que intitulou *Certamen gloriosum in Oriente.*

Fr. Lopo Soares escreveo sete tomos, a que a sua morte privou da vida da estampa. De dous ficou á memoria das materias, hum: *Discursos Predicativos* sobre as *Domingas da Quaresma*, outro em idioma Latino, contra o procedimento dos *Christãos novos.*

O Veneravel Servo de Deos, e santo Varaõ Fr. Lourenço Mendes, que floreceo em virtudes,

des, e milagres, e no exercicio de Prégador Apostolico, escreveo sobre varias materias, como testemunhaõ as *Memorias da Ordem*; perderaõ-se os seus escritos, (como tem succedido a muitos, que a podiaõ authorizar) na demoliçaõ do primeiro Convento de Guimaraens.

Fr. Lucas de Santa Catharina, Chronista mór desta Provincia, e Reynos de Portugal, Academico do numero da Academia Real. Escreveo esta *Quarta Parte das Chronicas da Ordem.* O *Panegyrico Hystorico da Princeza Santa Joanna*, em methodo predicativo em dous tomos. O *Thaumaturgo do Rosario*, *Vida de Saõ Domingos*, com reflexoens, em hum tomo. O *Pantheon Evangelico*, com cincoenta *Panegyricos*, em hum tomo. Hum tomo com o titulo de *Discursos Asceticos.* Hum tomo com o titulo de *Tribunal da consciencia.* Hum tomo com o titulo de *Panegyricos Sacros. Sermoens* avulsos, numerosos, que por varias mãos andaõ adulterados. Varias obras em verso; sagradas muitas, de que se imprimiraõ algumas. Quando isto escrevemos, continúa o seu emprego Academico nas *Memorias de Malta*, em que tem escrito dous livros, e escreveo a mayor parte da *Historia dos Templarios*; em hum, e outro assumpto se imprimiraõ *Catalogos.*

Fr. Luiz Cacegas, primeiro Chronista de que ha memoria nesta Provincia de Portugal, da Ordem dos Prégadores, escreveo a *Historia* della, que ficou infórme.

Fr. Luiz de Sousa, Chronista mór (e grande Chronista) da Ordem dos Prégadores, nesta Provincia, e Reyno de Portugal, escreveo a *Chronica* della em trez tomos. Escreveo a *Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres.* Escreveo varias *Genealogias de Portugal.* Algumas obras em verso Latino, arte, e idioma em que era elegantemente versado. Escreveo a *Vida delRey Dom Joaõ o III.* a que o roubo, ou industrioso, ou violento, tirou o premio do Prélo.

Fr. Luiz de Faria escreveo varios *Tratados Asceticos*, bem avaliados dos doutos do seu seculo.

Fr. Luiz Gracez escreveo as *Vidas das Madres Sor Isabel dos Anjos*, e *Sor Juliana de Jesus*, Religiosas de grande opiniaõ no Mosteiro de Chellas, em tempo em que professava o Instituto Dominicano.

O Veneravel Mestre Fr. Luiz de Granada, perfilhado nesta Provincia, e Convento de Evora, Atleta da Religiaõ, e Doutrina Christãa, escreveo incançavel com sciencia, espirito, e zelo, doutrinando o Mundo Catholico; reconhecido assim pelos Pontifices, Principes Ecclesiasticos, e Seculares, e Ministros da Igreja, como soccorro, e ornamento della. Escreveo este grande Mestre tanto, que mal se póde reduzir a numero; diremos com brevidade do mais vulgar, e o primeiro o seu admiravel volume sobre a *Oraçaõ.* O inimitavel do *Symbolo da Fé*, outro tomo da *Oraçaõ*, e *Contemplaçaõ*, com admiravel methodo directivo. Seis tomos de *Sermoens*, dous de *Santos*, quatro

Dou-

Doutrinaes. Hum tomo com o titulo de *Sylva de varios lugares*, em utilidade dos Cultores Evangelicos. Hum grande volume, repartido em seis livros, com o titulo de *Rhetorica Eucharistica.* Huma obra em seu proprio idioma, repartida em dous livros, com o titulo de *Guia de peccadores*, outra repartida em sete *Tratados*, com o titulo de *Memorial da Doutrina Christãa*, outra de *Addiçoens* a este *Memorial*, repartida em dous *Tratados*, outra obra, que intitulou: *Introducçaõ ao Symbolo da Fé*, repartida em cinco partes. A esta accrescentou hum *Tratado* sobre o modo com que se ha de propor, e introduzir a Fé, cathequizando os Infieis.

No idioma Hespanhol escreveo huma obra com o titulo de *Instituiciones, y Regla de bien vivir.* Na lingua Portugueza, por ordem da Rainha Dona Catharina, de quem era Confessor, escreveo hum *Compendio de Doutrina Christãa.* Escreveo trez livros sobre a *Sagrada Eucharistia.* Escreveo outra obra, que intitulou: *Parabolas Evangelicas*; outra em Latim, intitulada: *Exhortationes ad pœnitentiam.* Hum livro sobre a *Frequencia da Communhaõ.* Hum livro de *Officio Parochi.* Hum *Tratado* de *Peregrinationibus*: huma copiosa *Homilia* de *Sacerdotis Dignitate*, & *Officio.* Hum tomo sobre o *Rosario da Senhora.* Verteo de Latim em Hespanhol, (á instancia de varios personagens) a *Historia Ecclesiastica.* Traduzio os quatro livros de *Contemptu Mundi.* Traduzio huma singular obra de *S. Joaõ Climaco.* Escreveo varias vidas de pessoas de opiniaõ.

Todos estes escritos (e outros, de que ficou só a noticia de que os houve) se imprimiraõ, ou com advertencia, ou em obsequio das Tiaras da Igreja, que alcançou em sua vida. Muitos se lhe usurparaõ, e imprimiraõ com diverso nome. O seu foy applaudido, e elogiado pelas mais doutas pennas, que entaõ reconhecia o Mundo Catholico. Quem desejar mais individuaes noticias deste laborioso operario da Christandade, lêa o terceiro lanço do *Claustro Dominicano*, que escreveo o Mestre Fr. Pedro Monteiro.

Fr. Luiz Lamberto, Prégador celebre, escreveo muitos *Sermoens*; dous se imprimiraõ.

O Mestre Fr. Luiz de Sotto-mayor, Oraculo dos Theologos do seu tempo, foy versado nas linguas Grega, e Hebraica, celebre na Latina. Lêo Theolohia na Universidade de Lovaina; teve Cadeira de Latim em Londres, por mandado delRey Filippe de Castella. Passou ao Concilio de Trento por Theologo delRey Dom Sebastiaõ. Leo a Cadeira de Prima de Escritura na Universidade de Coimbra. Compoz sobre os *Cantares* dous tomos copiosissimos, e de toda a eruDiçaõ; outro grande tomo sobre duas *Epistolas de Saõ Paulo*, tudo em commum beneficio dos Cultivadores do Evangelho, e tudo impresso. Hum copioso *Commento* sobre o *Evangelho de Saõ Joaõ*, que ficou imperfeito entre muitos manuscritos

tos de tanta estimaçaõ, como tudo o que escreveo, merecendo-a no voto de Clemente VIII. como de todo o Mundo estudioso.

Sor Luiza de Deos, filha dos Condes de Vimioso, Marquezes de Aguiar, do Convento de Santa Catharina de Senna de Evora; escreveo por preceito de seu Confessor, o Mestre Fr. Fernando Soeiro, sua mesma *Vida*, em que tocou varias applicaçoens da Escritura, com admiravel intelligencia; para que seria illustrada, como se infere de sua estreita observancia.

O Mestre Fr. Manoel Coelho, Vigario Geral da Congregaçaõ da India, Deputado do Santo Officio em Goa, escreveo hum tomo sobre as *Christandades do Oriente*, e huma elegante *Oraçaõ*, que recitou em huma funçaõ Regia daquelles Estados. Imprimio-se.

O Mestre Fr. Manoel da Encarnaçaõ, conhecido pelo cognome de Pontevel, Provincial, que foy desta Provincia. Commentou o *Evangelho de Saõ Mattheus* em quatro grandes tomos, que se achaõ impressos.

Fr. Manoel Homem escreveo hum tomo, que intitulou: *Memoria da disposiçaõ das Armas Castelhanas.* Escreveo hum grande tomo sobre a *Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV.* Escreveo, e imprimio duas *Relaçoens das duas Embaixadas do Marquez de Cascaes a França.*

Fr. Manoel da Sylva, Presentado, compoz huma *Summa* sobre a *Bulla da Cruzada*, com a distinçaõ entre Portugal, e Castella, e foy a primeira, que por este estylo se escreveo, e imprimio.

O Mestre Fr. Manoel Veloso compoz huma *Summa*, em que recopilou algumas materias das *Partes de Santo Thomaz*, para facilitar o estudo aos examinandos na Theologia.

O Mestre Fr. Martinho de Ledesma, insigne talento, Theologo celeberrimo, Hespanhol por nascimento, e nesta Provincia perfilhado, e primeiro Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, (depois o foy de Prima) escreveo dous grandes volumes de *Theologia* sobre o *Mestre das Sentenças*; imprimiraõ-se. Escreveo copiosos *Commentarios*.

Fr. Manoel Guilherme escreveo, e compilou os *Agiologios Dominicanos*, com a assistencia, e applicaçaõ de Fr. Manoel de Lima, Religioso da mesma Ordem; escreveo mais alguns *Opusculos*. Tudo corre impresso, e alguns *Sermoens*.

Deve-se a este Padre o grande complemento da Bibliotheca de Saõ Domingos de Lisboa, a que dotou, e enriqueceo com hum juro de trezentos e cincoenta mil reis.

O Veneravel Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim, que nesta quarta Parte no livro quarto nos deu hum glorioso assumpto, como ás Christandades do Oriente hum exemplar Prelado, escreveo huma copiosa *Relaçaõ* das importancias dellas, e daquelle Estado.

A Madre Soror Margarida Pinheira, Religiosa do Mosteiro de Jesus de Aveiro, escreveo com individuaçaõ, como testemunha de vista, a *Vida da Beata Joanna, Princeza de Portugal*, filha da mesma Casa.

A Madre Soror Maria Bautista, Religiosa no Mosteiro do Salvador de Lisboa, escreveo a *Historia* do mesmo Mosteiro.

A Madre Soror Maria de Noronha, Religiosa da Annunciada, filha do Conde de Linhares, destra na Latinidade, e arte da Pintura, escreveo com espirito, e acerto varias materias de Doutrina, e edificaçaõ.

Fr. Nicoláo Dias, douto, e reformado, Prégador insigne, e Missionario do Rosario, que espalhou com grande fruto, primeiro correndo as terras da Palestina, depois na Curia Romana, em que foy aceito ao Santo Pontifice Pio V. escreveo hum tomo do *Rosario.* Hum *Tratado* do *Juizo universal*; outro *Tratado* da *Paixaõ de Christo*; e algumas *Rezas*, assim do Rosario, como de alguns Santos, que celebra a Igreja; entende-se, que por ordem do Pontifice. Tudo se imprimio. Hum *Tratado* das *Excellencias do Bautista*; a *Vida da Princeza Santa Joanna*, Religiosa da Terceira Ordem de Saõ Domingos. Imprimio-se. Outra obra com o titulo de *Jornada da Terra Santa.*

O Mestre Fr. Pedro Calvo, hum dos mais celebres Prégadores do seu tempo, e elle o foy dos Filippes II., e III. governando este Reyno. Escreveo no idioma Latino dous grandes tomos de *Homilias*, sobre os *Evangelhos* de todo o anno. Outro tomo com o titulo das *Lagrimas dos Justos.* Mais dous *Sermoens*; tudo se imprimio em benefi cio dos Cultores do Evangelho.

Fr. Pedro Fernandes Gallego escreveo a *Vida do nosso Patriarca Saõ Domingos* em Latim, e a *Historia da Ordem* no mesmo idioma, até o tempo do Mestre Geral Humberto. Faleceo com grande nome de virtude.

Fr. Pedro Juliaõ, por outro nome Pedro Hispano, Summo Pontifice, com o nome de Joaõ XXI. escreveo as *Summulas*, que por muitos annos se leraõ nas Universidades de Hespanha. Huns *Problemas Filosoficos*, e hum volume, que intitulou *Thesouro de pobres.*

O Mestre Fr. Pedro de Magalhaens, de grande nome em letras, e virtude. Foy do Conselho Geral do Santo Officio, e nelle Presidente. Compoz hum *Tratado de scientia Dei*, outro de *Prædestinationis executione*; outro com o titulo de *Tractatus Theologici*, *ad primam Partem Divi Thomæ.* Imprimiraõ-se. Por sua morte se embaraçou a estampa a varias materias Theologicas, como a outras de Filosofia. Faleceo com grande opiniaõ de virtude.

O Mestre Fr. Pedro Martyr, Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, escreveo sobre a *Primeira Parte de Santo Thomaz.* Escreveo hum tomo de *Auxiliis.* Escreveo hum volume, que intitulou: *Diario Virginal.*

Fr. Pedro de Santa Maria escreveo, e imprimio hum tomo com o titulo de *Boa criaçaõ*, e *Politica Christãa.*

O Mestre Fr Pedro Monteiro, Academico do numero da Academia Real, escreveo hum

hum grande volume dos *Varoens illustres da Religiaõ*, em letras, virtudes, e lugares, repartido em quatro Classes, de que já huma conseguio a estampa. Tambem a mereceraõ varios *Sermoens*, que prégou em funçoens celebres nesta Corte. Tem escrito no seu emprego Academico tudo o que toca ao Santo Tribunal da Inquisiçaõ, e muitos *Sermoens*, que espera o Prélo.

Fr. Pedro Pacheco, Bispo de Cochim, que governou o Arcebispado de Goa, escreveo hum tomo de *Politica*. Imprimio-se. Escreveo quatro Sermoens, prégados nas quatro partes do Mundo, em que esteve. Imprimiraõ-se.

Fr. Pedro Paes escreveo em idioma Latino a *Prodigiosa vida do Santo Fr. Gil.*

Fr. Silvestre de Azevedo escreveo sobre hum dos *Mysterios de nossa Santa Fé*, assistindo no Reyno de Cambaya (onde foy o primeiro Missionario) por mandado do mesmo Rey da terra, e no idioma della, em que era versado.

O Mestre Fr. Simaõ da Luz, celeberrimo Prégador do seu tempo, compoz hum tomo de *Auxiliis*. Prégou (e imprimio) varios *Sermoens*, nas mayores funçoens, que houve nesta Cidade.

Fr. Soeiro Gomes, companheiro de nosso Santo Patriarcha, Fundador, e primeiro Provincial desta Provincia, escreveo, e compoz por ordem delRey Dom Affonso o II. as primeiras *Leys Geraes*, porque se governou este Reyno.

O Mestre Fr. Thomaz Aranha, que substituîo na Universidade de Coimbra, por ordem Regia, as Cadeiras de Durando, e de Escritura, de Prima, e Vespera, escreveo hum livro, que intitulou: *Triunfo da Fé.* Dous tomos de *Sermoens Quadragesimaes*, e de *Santos*. Imprimio varios *Sermoens* avulsos. Escreveo varias *Poesias*, (em que tinha conhecimento, e destreza) especialmente na feliz Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o IV., que se imprimiraõ com nome alheyo.

Fr. Thomaz Barreto imprimio alguns *Sermoens*.

Fr. Thomaz de Chaves compoz huma *Summa* sobre os *Sacramentos da Igreja.* Escreveo humas *Questoens Theologicas*, sobre os *Decretos dos Concilios*, em especial do Tridentino.

Fr. Thomaz da Costa, no seu tempo esplendor da Cadeira, e do Pulpito. Foy Prégador delRey Dom Joaõ o III. Confessor da Rainha Dona Catharina, virtuoso, e reformado; assim recusou, sendo doutissimo, o Magisterio. Escreveo hum grande volume em idioma Latino, que intitulou: *Tropi insignes veteris, ac novi Testamenti, ejusdemque Phrases.* Hum tomo de varios lugares da Escritura *ad mores.*

Fr. Thomaz Duraõ compoz hum livro intitulado *Manipulus Curatorum.* Foy este Padre Prégador de ElRey Dom Joaõ o III., e Mestre do Cardeal Infante Dom Henrique.

Fr. Thomaz, Mestre, e celeberrimo Theologo Hespanhol, perfilhado nesta Provincia, Mestre do Sacro Palacio por Pio IV. Purificou todas as *Obras de Santo Thomaz*, reduzindo-as a

a dezalete tomos. Sobre as mesmas *Obras* compoz doutissimos *Commentarios*. Expurgou as *Obras de Alexandre Tartagino*. Polio o *Cathecismo* com Fr. Eustachio Lucatello, Procurador Geral da Ordem.

Fr. Thomaz da Penha, celebre em letras, virtude, e elegancia predicativa. Compoz hum tomo de *Conceitos* sobre os *Evangelhos* de todo o anno. Compoz o *Officio*, e *Reza* do Doutor Angelico Santo Thomaz, de que usa a Igreja: destro na Latinidade, e na Poesia.

O Mestre Fr. Thomaz de Sousa, Prégador delRey Dom Sebastiaõ, escreveo doutissimos *Commentarios* sobre *Oseas*, e *Joel*; e he tradiçaõ, que tambem escreveo sobre *Josué*.

Fr. Vasco de Lucena escreveo em idioma Latino hum grande volume da *Vida de Saõ Fr. Gil*.

O Mestre Fr. Vicente Gomes escreveo a *Vida do Veneravel Padre Fr. Domingos Anadou*, Religioso da Ordem. Hum *Certame Poetico* (como destro na arte da Poesia) sobre a mesma vida. Escreveo as *Festas na Canonizaçaõ de Saõ Raymundo*. Escreveo alguns *Sermoens* na *Beatificaçaõ de Saõ Luiz Beltraõ*. Escreveo os *Milagres dos Santos da Ordem*, Santo Ambrosio de Senna, e Saõ Jacobo Salomonio; os *Milagres da Imagem do nosso Padre em Soriano*. Huma *Chronologia das Santas da Ordem*. A *Descripçaõ da Cidade Santa*, no tempo em que Christo Senhor nosso padeceo nella.

O Mestre Fr. Vicente de Lisboa, Provincial das Hespanhas, e nellas Inquisidor Geral, Prégador, e Confessor delRey Dom Joaõ o I. Escreveo muitos livros, com que convenceo, e destruio as heresias nestes Reynos, e de Castella, como consta do Epitafio da sua sepultura.

O Mestre Fr. Vicente da Ponte escreveo hum tomo de *Questoens Theologicas*. Escreveo em idioma Francez, sobre o *Artigo da Fé: Credo unam Sanctam Catholicam, & Apostolicam Ecclesiam Romanam*. Escreveo outro tomo de *Materias Theologicas*.

O Mestre Fr. Umberto Cordeiro escreveo hum tomo com o titulo de *Amor de Deos, e do proximo*.

Sor Violante do Ceo, Religiosa no Mosteiro de nossa Senhora do Rosario, por outro nome da Rosa, desta Corte de Lisboa, versada singularmente na arte da Poesia, escreveo hum tomo de bons *Versos*, que logo se imprimio. De mais dous tomos houve noticia, e que estavaõ para se dar á estampa. Por varias vezes a tem occupado os seus celebres *Soliloquios ao Sacramento*, e a *Christo crucificado*. Huns em idioma Portuguez, outro no Hespanhol, todos pios, e elegantes.

Grande numero de Religiosos, notaveis por letras, virtudes, e lugares (que vaõ distribuidos pelos seus, naõ só nesta quarta Parte, mas nas outras trez) nos podiaõ occupar, e ennobrecer a penna nesta materia, se quizessemos fazella de hum só Sermaõ, ou papel de menos vulto, que Historia; (como vemos

mos praticado em Escritores, que nos podiaõ servir de exemplo, e desculpa) mas naõ mendigando esse soccorro, e escusando de disputas este Catalogo, antes o quizemos justificado, que extenso.

CA-

CATALOGO

DOS ARCEBISPOS, E BISPOS,

que neſtes Reynos de Portugal, e ſuas Conquiſtas, teve a Sagrada Ordem dos Prégadores, aſſim nacionaes, como eſtranhos. Entraõ tambem os que, ſendo nacionaes, tiveraõ eſtas Dignidades em outros Reynos.

ENTROU em Portugal a Religiaõ de S. Domingos, occupando as attençoens da eſtimaçaõ, e do reſpeito, que ſeus filhos ſouberaõ grangear, com aquelles dous empregos, que ſó dignamente as ſabem merecer, como ſaõ, virtude, e letras, herança glorioſa de ſeu grande Patriarcha. Naõ ſe difficultaraõ eſtas noticias aos ouvidos, e reparos dos noſſos Monarchas, a que ſempre os merecimentos acharaõ as mãos abertas, como as Familias ſagradas as portas de ſeus Reynos, deſejoſos de ter aos ſeus Povos bem doutrinados, e o culto Divino com augmentos. Com maximas taõ Catholicas começaraõ igualmente a dilatar os ſeus dominios, e a entregar grande parte delles nas mãos dos Religioſos, em que naõ ſó tinha para negocear com Deos bons Mercieiros, mas em que achava Prelados, a que entregar ſuas Igrejas, conhecendo, (como lhe hiaõ moſtrando as experiencias) que eraõ os mais proprios eſmoleres, coſtumados a viver como pobres, e ſingulares Meſtres para o exemplo, e para o enſino, como continuos Cultivadores de ſciencias, e virtudes.

Era (como ſempre foy) a Religiaõ Dominicana, reconhecida officina de ſogeitos abalizados naquelles dous empregos; começaraõ os Reys a tirallos dos Clauſtros, com a certeza de que aproveitavaõ os poſtos. Nem o ſerem eſtes elevados, lhe valeo, para que os naõ dominaſſe a tyrannia dos tempos, ſepultando muitos dos grandes eſpiritos, que os adminiſtraraõ com mais acerto, que ventura, faltando-lhe a de ſe lhe perpetuar a memoria. Diremos dos que a conſeguiraõ, naõ mais merecida, mas mais privilegiada.

Foy o primeiro D. Fr. Soeiro Viegas, ſegundo do nome, e quinto Biſpo de Lisboa, depois de livre da tyrannia dos

Mouros. Valeo muito com El-Rey D. Affonso II. passando a Roma sobre o litigio do mesmo Rey, com suas irmãas as Infantas (hoje Beatificadas) Dona Sancha, e Dona Theresa. Segunda vez passou D. Soeiro á Curia, aonde renunciando o Bispado nas mãos de Gregorio IX. chamado dos prodigios, com que nosso Patriarcha assombrava o Mundo, voltando a Portugal, vestio o habito de S. Domingos das mãos do primeiro Provincial, que teve esta Provincia, o santo Varaõ D. Fr. Soeiro Gomes, de que vestindo tambem o espirito, continuou em huma taõ rigorosa observancia a vida, que a acabou com demonstraçoens de que passava á eterna, no anno de 1232.

Fr. Roberto Portuguez, Bispo de Sylves no Algarve, reynando Affonso III. pelos annos de 1254. Aceitou o Bispado com licença do dito Rey, porque a nomeaçaõ nelle foy por ElRey de Castella Affonso X., naõ pertencendo ainda o Algarve a esta Coroa.

D. Fr. Bartholomeu Portuguez, teve por Clemente IV. o mesmo Bispado pelos annos de 1268.

D. Fr. Pedro Juliaõ, chamado nas Historias Pedro Hispano, filho de Lisboa, de geraçaõ illustre, Filosofo insigne, e o primeiro, que em Hespanha compoz na sua faculdade; na de Medicina foy excellente, em que tambem compoz progressos, que deveo ás Aulas de Pariz. Occupou rendosos, e authorizados lugares no Ecclesiastico; o Priorado de Mafra na Dioceſi de Lisboa, em que foy Deaõ no anno de 1264. Na do Porto, Thesoureiro mór. Na de Braga, Arcediago de Vermoim. E na Collegiada de Guimaraens; o seu grande Priorado pelos annos de 1268. Nesta grandeza Ecclesiastica se achava, quando tomou o habito de S. Domingos, vendo-se no muito, que deixou, o espirito com que o vestio. No anno de 1270 professou, buscando-o logo Braga para a Primazia da sua Cadeira, no segundo anno, que contava de Clausura, em que esperava a confirmaçaõ, quando ElRey D. Affonso III. o mandou ao Concilio, que se celebrava em Leaõ de França.

Aqui lhe deu o Capello de Cardeal Gregorio X. com o Bispado Tusculano. Vagando depois, por morte de Adriano V. a Cadeira Pontificia, foy promovido a ella, enchendo-a com sua grande capacidade, como desempenhando-a com acertos, que se esperavaõ della; lavrava em Viterbo hum Palacio para os Pontifices, quando nelle foy opprimido em huma ruina, de que com admiraçaõ de todos o tiraraõ vivo, só para receber os Sacramentos, circunstancia, que fez parecer aquella desgraça especial disposiçaõ da Providencia Divina. Faleceo no anno de 1277 ao oitavo mez do seu Pontificado.

D. Fr. Domingos Soares, de naçaõ Portuguez, que passou a Castella, em que foy Bispo de Avila. Foy pessoa de muita conta, o que confirmou a muita que fez delle ElRey D. Affonso o Sabio, escolhendo-o para seu Embaixador ao Pontifice Alexandre IV. sobre o direito, que tinha ao Imperio. No anno de 1267 veyo a este Reyno a concor-

cordar a contenda, que havia entre o dito Rey, e ElRey D. Affonso III sobre o Reyno do Algarve, que restituido ao nosso Rey D. Affonso, fez delle Bispo ao mesmo Fr. Domingos, a que foy preciso repetir as Mitras, para corresponder ás suas muitas virtudes, e grandes letras.

D. Fr. Paschasio de Betancor, Portuguez de naçaõ, Bispo de Lamego por Innocencio VI. no anno de 1365, reynando ElRey D. Pedro I. Entre as virtudes, e singular exemplo com que apacentou as suas ovelhas, o ornaraõ a literatura, e a clemencia. Passou a Italia, (ignora-se o motivo) e faleceo em Campania no anno de 1368. Este Prelado restituiraõ á Religiaõ Escritores estranhos, ignorado culpavelmente dos naturaes, e domesticos.

Como a Ilha de Ceilaõ pertenceo á Coroa de Portugal, podemos apontar em Columbo, Cidade desta Ilha, hum Bispo Dominicano, que foy D. Fr. Jordaõ, natural de........que resplandeceo em virtudes, sendo Apostolo da mesma Ilha, em que entrou (reynando ElRey D. Affonso IV.) mandado pelo Pontifice Joaõ XXII. com huma numerosa missaõ de Obreiros Evangelicos, assim nossos, como Franciscanos, com que fez grande fruto naquellas terras, que no anno de 1330 lhe pagaraõ a doutrina com a sepultura.

D. Fr. Bartholomeu, de naçaõ Portuguez, Bispo da Guarda, pelo Pontifice Innocencio VI., reynando em Portugal D. Affonso IV. Foy exemplarissimo, reduzindo aos Conegos da sua Igreja, com seu efficaz exemplo, a mayor perfeiçaõ do culto Divino, que com suas rendas deixou augmentado. Mas nem o grande brado, que com suas virtudes deu neste governo, chegou aos ouvidos dos nossos Escritores, que com o seu descuido (a naõ ser a advertencia alhea) nos deixavaõ esta gloria, ou roubada, ou desconhecida.

D. Fr. Gualter, Bispo de Tangere, Cidade em Africa (que a Coroa Portugueza deveo ao invicto braço delRey D. Affonso V., que nella se grangeou a gloriosa antonomasia de Africano.) Deixou este Prelado esta sua Igreja, (ignora-se a causa,) e passou a Bolonha sua Patria, em que pelos annos de 1345 acabou a vida.

D. Fr. André Dias, Portuguez, e filho de Lisboa, Bispo de Megara, (Cidade da Grecia) em que residio alguns annos. Voltando a esta Corte pelos de 1432 se recolheo no Convento de S. Domingos de Lisboa, onde pela adherencia de sua grande capacidade, o buscou o grande Rey D. Joaõ I. para Commendatario do Mosteiro de Saõ Joaõ da Alpendrada. Da caridade protentosa deste Prelado, e dos prodigios, que obrou com ella, se acha nos nossos Escritores larga Historia.

D. Fr. Joaõ (ignora-se o sobrenome) Bispo de Tangere, por Nicolao V. anno de 1451.

D. Fr. Estevaõ, Portuguez, de que naõ ficou mais que este nome, Bispo Titular Flrolianense, *in partibus Infidelium*, por Calixto III anno de 1457.

D. Fr. Gil, Portuguez, Bispo Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebispo de Braga D. Fr. Luiz Pi-

Pires, nos reynados delRey D. Affonſo V., e D. Joaõ o II. pelos annos de 1470. Eſta noticia devemos a huma penna Seraſica, ſervindo ás noſſas de confuſaõ, o que lhe podia ſervir de gloria.

D. Fr. Juſto Baldino, Biſpo de Ceuta, e Tangere, Primaz de Africa, celebre por ſua erudiçaõ, e virtude, que até na morte deveo ſingular eſtimaçaõ aos Monarchas deſta Coroa, permittindo-lhe ſepultura no Real Convento da Batalha; privilegio grande, e mayor o deixar abrir nella o ſeu nome, á entrada do Capitulo deſta Caſa, em que os Reaes Mauſoleos honraõ ſua memoria.

D. Fr. Duarte Nunes, Portuguez, Biſpo Titular de Laodicea, pelo Pontifice Alexandre VI. á inſtancia delRey D. Manoel. Foy eſte Prelado o anteſignano dos que paſſaraõ á India com eſta Dignidade, a exercer funçoens Pontificaes. Teſtemunhou aquelle Oriente os ſeus merecimentos, ouvindo-o eſpalhar o Evangelho, e vendo-lhe correſponder copioſo fruto. Voltando ao Reyno, ſe recolheo ao Convento reformado de Aveiro, onde continuou huma exemplar vida, e onde pelos annos de 1528. teve ſepultura.

D. Fr. Gonçalo de Amorim, Portuguez, Biſpo Titular de Hierapoli, Cidade da Aſia, na Arabia, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebiſpo de Braga D. Diogo de Souſa. Elegeo-o Leaõ X. no reynado delRey Dom Manoel, naõ logrando a Dignidade mais que hum anno.

Outro Biſpo teve eſta meſma Cidade, de que ſe ignora o nome (ſem mais que o de Dominicano) com a ſingularidade de Coadjutor do meſmo Arcebiſpo, eleito pelo meſmo Pontifice, por morte de D. Fr. Gonçalo. De nenhum dos dous ha memoria nas noſſas Hiſtorias, a que as eſtranhas caſtigaõ o deſcuido, eſtimando o delicto de lhe deixarmos eſſe aſſumpto.

D. Fr. Ambroſio, Varaõ ſanto, Apoſtolico, e Miſſionario das terras em que prégou S. Thomé, e de que o ſeu zelo, e incançavel exercicio Evangelico o fizeraõ Arcebiſpo, Dignidade, que teve por muitos annos, conſumindo, e acabando a vida na cultura daquellas Chriſtandades, em que ganhou para Deos infinitas almas, e para ſuas virtudes eternas coroas.

D. Fr. Joaõ de Riperia, Francez de naçaõ, Biſpo de Calecut, celebre Emporio da India Oriental, em que gaſtou a vida, com continuado, e copioſo intereſſe daquella Chriſtandade.

D. Fr. Bernardo da Cruz, Portuguez, filho do Convento de S. Domingos de Lisboa, Biſpo de S. Thomé, por Paulo III. á inſtancia delRey D. Joaõ o III. Dignidade, que renunciou; ſeria diſpoſiçaõ do meſmo Monarca, que o eſcolheo para ſeu Eſmoler mór, fazendo-o juntamente Reytor da Univerſidade de Coimbra, Cidade em que depois fundou o Tribunal do Santo Officio, por commiſſaõ do Cardeal Henrique, quando governava eſta Coroa. Finalmente deixadas occupaçoens taõ decoroſas, ſe retirou a humas Abbadias, em que no anno de 1550.

aca-

acabou a vida, tendo alli por alguns annos sustentado a dos pobres, e passando a arrecadar na gloria o deposito, que em suas mãos tinha feito.

D. Fr. Joaõ Bautista, Portuguez, Bispo de S. Thomé, nomeado por ElRey D. Joaõ III. que o tinha mandado a Roma sobre importancias desta Coroa. Sagrado naquella Curia, voltou a este Reyno, e pedindo aos Prelados desta Provincia doze Religiosos, passou á sua Diocesi, desprezando os perigos daquelle clima, em beneficio da Cultura Evangelica, em que se empregou incançavel, acabando naõ tanto ás inclemencias da Zona torrida, como á obstinaçaõ dos coraçoens enregelados dos poderosos, que desprezavaõ os conselhos Evangelicos; sendo tal a magoa de ver naufragar aquellas miseraveis almas desconhecendo o porto, que lhes offerecia o Ceo, que sem outra doença, passou a receber delle a coroa no anno de 1354.

D. Fr. Jorze de Santiago, Bispo de Angra, Varaõ igualmente douto, que austero, como vio, e admirou o sagrado Congresso do Concilio Tridentino, a que o mandou por seu Theologo ElRey D. Joaõ o III., e em que fez huma erudita Oraçaõ, que se acha nos Actos do mesmo Concilio. Foy Deputado da Mesa grande da Inquisiçaõ de Lisboa, lugar, que alli tem a Ordem, e de que sahio para o Bispado, á instancia do mesmo Rey.

D. Fr. Ambrosio de Rontecali, por outro nome Botigella, Maltez de naçaõ, foy Bispo Titular de Aurense (Peninsula na India Oriental) por Paulo IV. que a ella o mandou por Missionario, com poderes de Legado á Latere. Viveo em Goa, em que se occupou em applicaçoens literarias, e conversoens Catholicas, servindo a Deos naquellas Conquistas, naõ só como zeloso Prelado, e consummado Theologo, mas como grande Mathematico, e insigne Geografo, e singularmente versado nas linguas Chaldea, e Arabiga. Voltava para este Reyno por Cochim, onde o encontrou a morte, e lhe deu sepultura o Convento, que a Ordem tem naquella Cidade, no anno de 1560.

D. Fr. Gaspar dos Reys, Portuguez, Bispo Titular de Tripoli, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebispo de Evora o Infante Cardeal Henrique. Foy hum daquelles grandes Theologos, e Varoens insignes, que da Religiaõ Dominicana passaraõ ao Concilio Tridentino, por mandado delRey D. Joaõ o III. Voltando ao Reyno, foy o primeiro Censor, e Revedor de livros, que teve o Tribunal da Inquisiçaõ. Logo Inquisidor em Evora, depois do Conselho Geral em Lisboa, e finalmente Bispo, funçoens, que desempenhou, e lugares, que encheo com tanta exacçaõ, e inteireza, que antes pareceo, que lhos restituiaõ, do que lhos davaõ. Faleceo no anno de 1577.

D. Fr. Jorze de Lémos, Portuguez, filho do Convento de Lisboa, Bispo do Funchal, por Paulo IV. á instancia delRey D. Joaõ o III. Voltando da sua Diocesi a este Reyno, já carregado de annos, largou o Bispado, aceitando o ser Esmoler mór del-

delRey D. Sebaſtiaõ. Faleceo, e tem ſepultura no Convento de que era filho, pelos annos de 1568.

Fr. Jorze Themudo, Portuguez, Oraculo dos Theologos do ſeu tempo, primeiro Biſpo de Cochim, nomeado pela Rainha Dona Catharina, por menoridade delRey D. Sebaſtiaõ, Regente deſta Coroa. Fello Paulo IV. dando áquella Cidade a honra de Epiſcopal, de que D. Fr. Jorze paſſou á Cadeira Primaz de Goa, com a gloria de o pôr nella a Santidade de Pio V. Foy incançavel Miſſionario, grangeando áquella Chriſtandade com a ſua refórma, e exemplo hum copioſiſſimo fruto, e celebrando o primeiro Concilio, que vio aquelle Eſtado, em que fez ajuſtadas, e proveitoſas Conſtituiçoens para o ſeu governo. Eſtes exercicios, zelo, e inteireza na Prelaſia, lhe conciliaraõ hum ſingular reſpeito, e acclamaçoens de Santo, com que faleceo nos annos de 1572.

D. Fr. Jorze de Santa Luzia, Portuguez, primeiro Biſpo de Malaca, pelo Pontifice Paulo IV. nomeado por ElRey D. Joaõ o III. Varaõ Santo, inſigne Theologo, zeloſo Miſſionario, e celebre Oraculo daquelle Emporio, que arrebatou com caſos maravilhoſos, e reſgatou da horrivel perſeguiçaõ de crueis, e carniceiras féras, que excommungou, e extinguio. Renunciado (depois de dous annos de exercicio, e grande lucro daquella Dioceſi) o Biſpado, (entre os clamores do commum ſentimento) nas mãos do Pontifice Gregorio XIII. ſe recolheo ao Convento de Goa, reſtituindo-ſe ao centro do ſeu eſpirito, e ſervindo aos mais reformados de exemplo na pobreza da ſua cella, deſprezo de ſua peſſoa, exercicios mais abatidos da Caſa, empregos, em que o naõ aſſuſtou a morte, paſſando-o delles para a eterna felicidade.

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, celebre com o titulo antonomaſtico de Arcebiſpo Santo. Foy hum dos mayores Theologos, e hum dos mayores Prelados, que no ſeu ſeculo reconheceraõ as Cadeiras, e confeſſaraõ as Mitras. Nomeou-o para o Arcebiſpado a Rainha Dona Catharina, mulher delRey D. Joaõ o III. Regente deſta Coroa na menoridade delRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto. Confirmou-o Paulo IV., e admirou aquella idade (ainda fecunda de Heroes) hum eſpirito taõ deſpido do que mais preza o Mundo, que ſó o poder executivo da obediencia o fez entrar no cargo, pondo-o a pena de ſe ver nelle, ás portas da morte. Ditoſo ſeculo o em que ſe elegiaõ taes Prelados! Grandes Prelados, que aſſim ſobiaõ aos lugares para que eraõ eleitos!

Com elle entraraõ naquella grande Igreja a refórma nos coſtumes, o remedio dos pobres, o caſtigo dos delinquentes, a ſogeiçaõ nos rebeldes, a ley nos Eccleſiaſticos, e a juſtiça para todos. Foy mandado ao Concilio Tridentino, onde aquelle ſabio, e veneravel Congreſſo o eſcutou como Oraculo. Naõ lhe deſconheceraõ o titulo, aſſim os Pontifices, como os Cardeaes de ſeu tempo. Até o preſente ſoaõ os brados de

ſua

sua virtude; e na Curia Romana os grandes motivos de beatificalla.

Alguns annos antes de sua morte, renunciado o Arcebispado, se recolheo ao Convento, que a Ordem tem em Vianna, ensayando-se naquella sepultura recoleta, para a que brevemente esperava, como se ainda se naõ fiara de ter sido ensayo toda sua vida. Poz termo a ella pelos annos de 1590, deixando aos Religiosos documentos para saber morrer, como aos Prelados para saber acertar. Melhor se póde ver na sua vida, a que destinou o Ceo por Chronista a nosso antecessor o Padre Fr. Luiz de Sousa, como se se desobrigara na sua penna (nunca melhor aparada) do grande assumpto, que naquella vida tinha dado á escritura.

D. Fr. Fernando de Tavora, Portuguez, Bispo do Funchal por ElRey Dom Sebastiaõ (de que foy Esmoler) confirmado pelo Santo Pontifice Pio V. A sua exacta observancia o poz no lugar de Prior na Casa de Bemfica, onde ella estava mais vigorosa. As suas letras, e erudiçaõ testemunharaõ os doutos Commentarios sobre o Evangelho de Saõ Joaõ. Naõ chegaraõ ao Prélo, e perdeo-os o descuido. Renunciado o Bispado, se recolheo á Recoleta de Azeitaõ, onde faleceo com grande socego de espirito, e edificaçaõ do Convento, anno de 1577.

D. Fr. Antonio Bernardes, Portuguez, Bispo Titular de Martyria, Coadjutor, e Suffraganeo do Bispo de Coimbra. Foy nomeado por ElRey Dom Sebastiaõ, confirmado por Gregorio XIII., e taõ exacto, e exemplar no estado de Prelado, que nem nelle desconheceo as sogeiçoens de Religioso.

D. Fr. Gaspar da Cruz, Portuguez, natural de Setuval, Bispo de Malaca, nomeado por ElRey Dom Sebastiaõ. Foy este Padre hum dos primeiros doze Missionarios Dominicanos, que passaraõ á India em fórma de Communidade a fundar Convento; e lhe podemos chamar (depois do grande discipulo de Christo Saõ Thomé) o Apostolo da China; porque naquelle vasto Imperio entrou primeiro, que os veneraveis Padres da Companhia Rogerio, e Ricio. Deste Prelado foy aquelle primeiro brado Evangelico, que soou nos obstinados ouvidos daquelle Gentilismo. Seu foy aquelle zelo fervoroso, e intrepido, que entrou por aquelles sacrilegos Templos, derribando idolos, e assombrando poderosos, que sem se atreverem a tirar-lhe a vida, (que elle offerecia ao martyrio) se satisfizeraõ com o exterminarem daquelle Imperio.

Passou a Ormuz, Reyno em que colheo copiosos frutos de sua Cultura Evangelica; e voltando a este Reyno no anno de 1569, em que o contagio da peste tinha reduzido a Corte de Lisboa a theatro da miseria, naõ bastando todo o seu horror a enfraquecer aquellas chammas de caridade, que agora o desvelavaõ na assistencia dos enfermos, deu bem a conhecer as que o levaraõ á reducçaõ dos Gentios. Tirou-lhe o mesmo mal a vida, porque quiz mos-

trar o Ceo, que viera a acabar de lavrar a coroa da eterna, achando-o este ultimo, e horroroso golpe com tanto focego, como foy a segurança com que o tinha profetizado no anno de 1580.

D. Fr. Henrique de S. Jeronymo, ou de Tavora, Bispo de Cochim, nomeado por El-Rey Dom Sebastiaõ, e confirmado por S. Pio V., e depois promovido a Arcebispo de Goa, pelo mesmo Rey, e confirmado por Gregorio XIII. Foy dos grandes Theologos do seu tempo, experiencia, que o fez companheiro do grande Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, ao Concilio Tridentino, onde de todo aquelle veneravel, e sapientissimo Congresso foy escutado na primeira Dominga da Quaresma, como Oraculo do Pulpito. No seu Arcebispado desterrou abusos, castigou vicios, e resistio a poderosos, reprehendendo no Pulpito com liberdade Apostolica, e em particular com severidade prelaticia; mas escutadas sempre as reprehensoens, como injuria nas isençoens da nobreza, lhe negocearaõ a morte, que bebeo disfarçada em veneno, acabando victima do Instituto Apostolico no anno de 1582.

D. Fr. Jorze de Padilha, Portuguez, filho do Convento de Saõ Domingos de Lisboa, pessoa de grandes letras, e erudiçaõ; passando a Italia, foy eleito Bispo de Civita Ducale, no Estado de Parma, por Clemente VIII. Ignora-se o anno em que faleceo.

D. Fr. Antonio de S. Domingos, Portuguez, Bispo Titular. Titulo em que os Escritores daquelle tempo lhe recopilaraõ a noticia, que sem duvida mereceria ser mais extença, naõ costumando sobir a humildade religiosa áquelles lugares, sem que lhe dem a maõ, ou letras, ou virtudes. Mas contente-se o seu nome com a gloria da Dignidade, que naõ deixa de ser expressiva de mayor talento em seculo, em que ellas naõ costumavaõ ser titulo, sem serem premio.

Com este mesmo achamos a D. Fr. Joaõ de Cintra, filho do Convento de Saõ Domingos de Lisboa, com quem os nossos Escritores andaraõ taõ escassos, que se contentáraõ com a generalidade, de que ficasse conhecido por Bispo do Oriente.

D. Fr. Jeronymo Pereira, Portuguez, hum dos mais applaudidos Oraculos do seu seculo na Cadeira, e no Pulpito, Bispo Titular de Salé, Coadjutor Suffraganeo do Arcebispo de Evora, o Infante Cardeal Henrique, á instancia deste Principe, e delRey Dom Sebastiaõ. De sua grande erudiçaõ, e capacidade literaria, testemunhou muitas vezes a Imprensa.

D. Fr. Antonio de Sousa, Portuguez, da Casa dos Condes da Castanheira, venerado, e reconhecido por Religioso reformado, e insigne Theologo. Foy Bispo de Viseu, depois de governar esta Provincia, como Provincial, e como Vigario Geral de toda a Ordem, por Clemente VIII. Faleceo em tempo delRey Dom Sebastiaõ, de que foy Prégador.

D.

D. Fr. Antonio Valente, filho de Lisboa, Biſpo de Saõ Thomé á inſtancia de Filippe II. por Clemente VIII. Entre varios lugares, que lhe deu a occupaçaõ literaria, ſe fez o de inſigne, e celebre Moraliſta.

D. Fr. Antonio de Santo Eſtevaõ, Portuguez, natural de Lisboa, Biſpo de Angola á inſtancia de Filippe II por Clemente VIII. reſulta do ſingular nome de incançavel caritativo, que ſe grangeou no tempo da peſte, como de outro ainda mayor, que como Obreiro Evangelico, lhe tinha neſte Reyno dado o Pulpito. Paſſando á ſua Dioceſi, baſtou o exemplo de ſua inculpavel vida, para commover os meſmos Gentios, acabando o zelo de ſua prégaçaõ, que muitos deixaſſem os idolos, e que os Catholicos mais eſquecidos choraſſem ſeus peccados. Entre eſtes exercicios o chamou o Ceo para a retribuiçaõ eterna (deixando a Fé neſte Reyno, em grande parte propagada) pelos annos de 1609.

D. Fr. Joaõ da Piedade, Biſpo de Macao, por Clemente VIII. á inſtancia de Filippe II. Eſcutou-o a mayor parte do Imperio da China, incançavel pregoeiro da palavra Evangelica, correſpondendo copioſo fruto aos ſuores de ſeu continuo exercicio, em que deſempenhando as obrigaçoens de fiel Obreiro, voltou a eſte Reyno a eſperar a paga no canto de huma cella, no Convento de Abrantes, em que teve ſepultura pelos annos de 1628.

D. Fr. Sebaſtiaõ da Aſcenſaõ, Biſpo de Cabo Verde, á inſtancia de Filippe II. por Paulo V. Varaõ verdadeiramente Apoſtolico, inſigne em virtudes, celebre em letras. Acabou pelos annos de 1614, ſacrificando a vida ao Inſtituto Evangelico, com que querendo deſterrar abuſos, e caſtigar erros, concitou contra ſi a obſtinaçaõ dos comprehendidos, que diſſimulando a vingança em hum veneno, lavraraõ a coroa a ſeu zelo Apoſtolico.

D. Fr. Joaõ de Portugal, filho legitimo dos primeiros Condes de Vimioſo Dom Affonſo de Portugal, e Dona Luiza de Guſmaõ, irmaõ de Dom Luiz de Portugal, IV. Conde de Vimioſo. (que morrendo para o Mundo, abraçou o Inſtituto Dominicano, buſcando no ſeu habito a mortalha, nos ſeus Clauſtros a ſepultura) Nas memorias da Provincia nos deveo mais larga eſcritura. Chegou Dom Fr. Joaõ á Cadeira Epiſcopal de Viſeu, depois de ter occupado os lugares de Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, e de Prégador de Filippe III., a cuja inſtancia foy confirmado por Urbano VIII., ſobejando-lhe os degraos da natureza para ſobir á Mitra, na exacta obſervancia de Religioſo reformado, e na commua experiencia de profundo Theologo, laborioſo exercicio, com que deu ao Prélo quatro tomos, irrefragaveis teſtemunhas de ſeus grandes eſpiritos. Faleceo (tendo dado principio ao Moſteiro do Sacramento, ditoſo ſepulchro da melhor nobreza deſte Reyno) ſuſpirado de ſuas ovelhas, acclamado ſanto por ſuas obras, confirmando-as a fragrancia de ſeu corpo, quando levado á urna do ſepulchro,

em que ſe entendeo Feniz de melhor vida ſeu eſpirito pelos annos de 1628.

D. Fr. Domingos da Aſſumpçaõ, Portuguez, Biſpo de Angola por Urbano VIII. á inſtancia de Filippe III. pelos annos de 1627.

D. Fr. Agoſtinho das Chagas, Portuguez. Foy eleito por Urbano VIII. Arcebiſpo de Naviſan na Armenia, em que reſplandeceo ſua grande capacidade, prudencia, e zelo, falecendo com opiniaõ de irreprehenſivel Prelados pelos annos de 1653.

D. Fr. Miguel Rangel, Portuguez, Arcebiſpo de Cochim por Urbano VIII. á inſtancia de Filippe III. Foy Varaõ claro em letras, ſuas virtudes ſe authorizaraõ com publicos milagres; ſeu eſpirito Apoſtolico ſe vio na copioſa reducçaõ dos Gentios; ſeu zelo, e valor prelaticio, em arruinar Templos, e deſpedaçar idolos; ſua obſervancia religioſa no reformado Convento de Santa Barbara, que fundou á Ordem em Goa, cujo Arcebiſpado governou por dous annos. Faleceo no de 1644, com tanta magoa da ſua Igreja, como teſtemunhos de paſſar á Triunfante, o que confirmou depois de hum anno a incorrupçaõ com que foy achado ſeu corpo Com mais individuaçaõ o deixámos aqui eſcrito no livro quarto.

D. Fr. Manoel Telles, Portuguez, inſigne Theologo, que da Cadeira do Magiſterio, e da de Provincial deſta Provincia, paſſou a occupar a Primaz de Goa por Urbano VIII. á inſtancia de Filippe III. Dioceſi, em que ſe admirou ſeu zelo Apoſtolico, e incançavel exercicio, na reducçaõ ao Bautiſmo, em que contou numeroſa Gentilidade; glorioſo trabalho, em que lhe eſtabeleceo a morte a opiniaõ de ſanto no anno de 1640.

D. Fr. Antonio da Reſurreiçaõ, Portuguez, Biſpo de Angra por Urbano VIII. á inſtancia de Filippe III. Foy Oraculo da Theologia no ſeu tempo, como teſtemunhou a Cadeira de Prima da Univerſidade de Coimbra, que occupou, e ennobreceo, paſſando della á ſua Dioceſi, que o admirou, e reconheceo pay de pobres, e exemplar de Prelados, como ſe vio em todas as acçoens de ſua vida, e ſe eſcutou nos lamentos, que acompanharaõ ſua morte, grangeando-lhe huma, e outra acclamaçoens de ſantidade; entre ellas paſſou deſta vida pelos annos de 1637.

D. Fr. Antonio do Roſario, Biſpo de Malaca, a que o deſcuido da Religiaõ pagou com o deixar deſconhecido naquella honra, a que elle lhe grangeou com a Mitra, e lhe podera augmentar, ſabendo-ſe o exercicio della.

D. Fr. Fernando de Oliove, Flamengo de naçaõ, foy Biſpo do Funchal, nomeado por ElRey Dom Joaõ o IV., que premiando-lhe o zelo com que intentou, e diſpoz a liberdade do Infante Dom Duarte ſeu irmaõ, (que no Caſtello de Milaõ faleceo a tempo, que eſtava facilitado taõ grande negocio) o deſtinou para aquella Mitra, a que naõ paſſou com o meſmo ſucceſſo, que tinha

nha precedido a lograllà, que a merecella. Faleceo em ....

D. Fr. Domingos do Rosario, Irlandez de naçaõ, filho da Provincia de Castella pelo habito, e desta de Portugal pela filiaçaõ. Filippe III. o mandou por seu Embaixador a Inglaterra a Carlos I., e a Roma ao Pontifice Innocencio X. ElRey Dom Joaõ o IV. o mandou por seu Embaixador a França a Luiz XIV. A Rainha Dona Luiza ao mesmo Reyno, com o mesmo caracter, e a Roma a Alexandre VII. Foy Confessor da mesma Rainha, e do seu Conselho; e (falecido ElRey) com continua assistencia no seu governo. Em taõ grandes, e repetidas occupaçoens andou sempre o seu desinteresse ao passo da sua capacidade; recusou o Arcebispado de Goa, e alguns Bispados, que queriaõ ou satisfazer, ou exercitar seus merecimentos, vindo a aceitar o de Coimbra, obrigado do Collegio dos seus Religiosos, que necessitava de soccorro, mas foy já a tempo em que os achaques, e os annos lhe embaraçaraõ esses propositos, perdendo o Collegio aquelle arrimo, e aquella Diocesi hum grande Prelado, de que já deixamos mayor noticia no quarto livro.

D. Fr. Fernando da Encarnaçaõ, illustre por nascimento, letras, e virtude, que lhe grangearaõ a Mitra de Cochim; logo do Algarve por ElRey Dom Joaõ o IV. Faleceo em Bemfica, com a grande opiniaõ, que mereceo a sua observancia. Nestas memorias tem mais larga noticia.

D. Fr. Lourenço de Castro, illustre por nascimento, singular por observancia, letras, e Pulpito, Confessor delRey D. Affonso VI. Primeiro exercitou a Mitra de Angra, depois a de Miranda, em que faleceo. Já sua vida nos deu mais larga escritura.

D. Fr. Gregorio Lopes, natural da China, filho no habito das Filippinas, Bispo Titular Basilicano por Clemente X. Foy este o primeiro Bispo, o primeiro Religioso, o primeiro Sacerdote, e o primeiro Missionario, que ao grande Imperio da China deu a Igreja Romana. No anno de 1666. escutaraõ sua voz Evangelica naquellas vastissimas terras nove Provincias, em que bautizou duas mil almas. Na Provincia de Totien, (em que já havia alguma Christandade) reduzio cem, bautizou quinhentas e cincoenta e seis, e confirmou os antigos Catholicos, reformando-os dos erros, que desde o tempo de S. Thomé introduzio a diuturnidade.

O Pontifice Clemente X. o constituìo Vigario Apostolico de Nankim, Administrador das Provincias de Pekim, Xanti, Xantung, Honan, Xarti, e da Provincia da Corea, com amplissimos poderes. Florecia pelos annos de 1677. Toca a estas memorias, e a este Reyno, por serem as Igrejas da China do Padroado Real.

D. Fr. Manoel Pereira, Bispo do Rio de Janeiro, grande Theologo, e Prégador insigne. Na Curia Romana, (em que se pezou sua grande capacidade) se fez hum lugar igual a ella, sendo companheiro do Mestre Geral Rocaberti, Pro-

vincial da Terra Santa, Vigario Geral de toda a Religiaõ. Neste Reyno foy do Conselho Geral do Santo Officio, Secretario de Estado delRey Dom Pedro II. Já nestes papeis deixamos delle mais individual noticia.

D. Fr. Domingos de Gusmaõ, filho do Duque de Medina Sidonia, sobrinho da Rainha Dona Luiza, e primo delRey Dom Pedro II. dos grandes Theologos do seu tempo. Vindo a este Reyno, o nomeou ElRey primeiro Bispo de Leiria, confirmado por Innocencio XI. Promovido depois ao Arcebispado de Evora, o governou com singular prudencia, e prevalecendo á sua grandeza a moderaçaõ religiosa, antes que Prelado, pareceo esmoler da sua Igreja, em que faleceo no anno de 1689, e em que tem sepultura.

D. Fr. Valerio de Saõ Raymundo, Portuguez, hum dos mayores Theologos, que veneraraõ os Mestres do seu seculo. Foy Provincial desta Provincia, Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, e Bispo de Elvas, a que passou taõ pobre como vivia na Religiaõ, sendo nella hum exemplar de Religiosos, como na sua Diocesi o foy de Prelados. Delle deixamos mayor noticia no primeiro livro.

D. Fr. Jacintho de Saldanha, Portuguez, nobre de geraçaõ, Bispo Titular, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebispo de Goa Dom Fr. Antonio Brandaõ, Religioso de Cister. Foy nomeado por ElRey Dom Pedro II. confirmado por Innocencio XI. Na Religiaõ foy reformado, na Prelatura laborioso. Faleceo no anno de 1677.

D. Fr. Pedro Pacheco, (glorioso descendente daquelle rayo Lusitano, que fulminado no Oriente, assombrou todo o Mundo; o grande Duarte Pacheco, espelho de Heroes abalizados, como de merecimentos queixosos) foy Vigario Geral da Congregaçaõ da India, a que naõ chegou; e arribando a este porto de Lisboa, o nomeou ElRey Dom Pedro o II. Bispo de Cochim, confirmado por Innocencio...... Passou á India, onde desempenhou a expectaçaõ, que se tinha de seu grande zelo, e pastoral vigilancia, sendo hum dos Prelados, que naquellas Christandades deviaõ ser eternos. Faleceo com edificaçaõ, e magoa dos Religiosos, e povo de Goa, onde residia pelos annos de 1713. Já nestas memorias nos deveo mayor noticia.

D. Fr. Joseph de Jesus Maria, Portuguez, Bispo Titular de Patara, nomeado pelo Augusto Rey, e Senhor nosso D. Joaõ o V. o Magnifico, e confirmado por Clemente XI. Já delle deixamos noticia.

D. Fr. Manoel de Santo Antonio, Portuguez, natural de Goa, filho da Congregaçaõ da India, Bispo de Malaca, insigne Theologo, Religioso reformado, Prelado zeloso, incançavel Missionario. Mais larga noticia tem no quarto livro.

Este Catalogo de insignes Prelados, e gloriosos filhos da Religiaõ Dominica, quizemos encostar a estas memorias della, para satisfazer aos Cultivadores da Historia, condemnando a culpavel omissaõ dos Escritores Portuguezes, a cujas pennas pare-

pareceraõ sempre superfluas, ou pouco importantes as glorias dos Regulares, sem advertirem que, pertencendo ellas á decencia da Igreja, devem, e saõ as primeiras a executar a sua escritura. Naõ he menos reprehensivel nos domesticos o descuido, com que deixaraõ nas mãos do tempo os mais dos progressos de seus Irmãos, insignes Religiosos, em que nos roubaraõ assumptos á penna, creditos á Provincia, e exemplos á piedade Catholica.

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTE'M nos quatro livros desta quarta Parte da Historia de S. Domingos, especial deste Reyno, e Conquistas de Portugal.

PRIMEIRO LIVRO.

SEGUNDO LIVRO.

TERCEIRO LIVRO.

QUARTO LIVRO.